# PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

BOX DIGITAL

intrinseca

» » » »

# Sumário

Capa
Mídias sociais

O ladrão de raios
- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória
- UM
- DOIS
- TRÊS
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE
- TREZE
- CATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- DEZENOVE
- VINTE
- VINTE E UM
- VINTE E DOIS
- Agradecimentos

O mar de monstros
- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
Agradecimentos

A maldição do titã
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE

QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE

A batalha do labirinto
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE

O último olimpiano
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
UM
DOIS

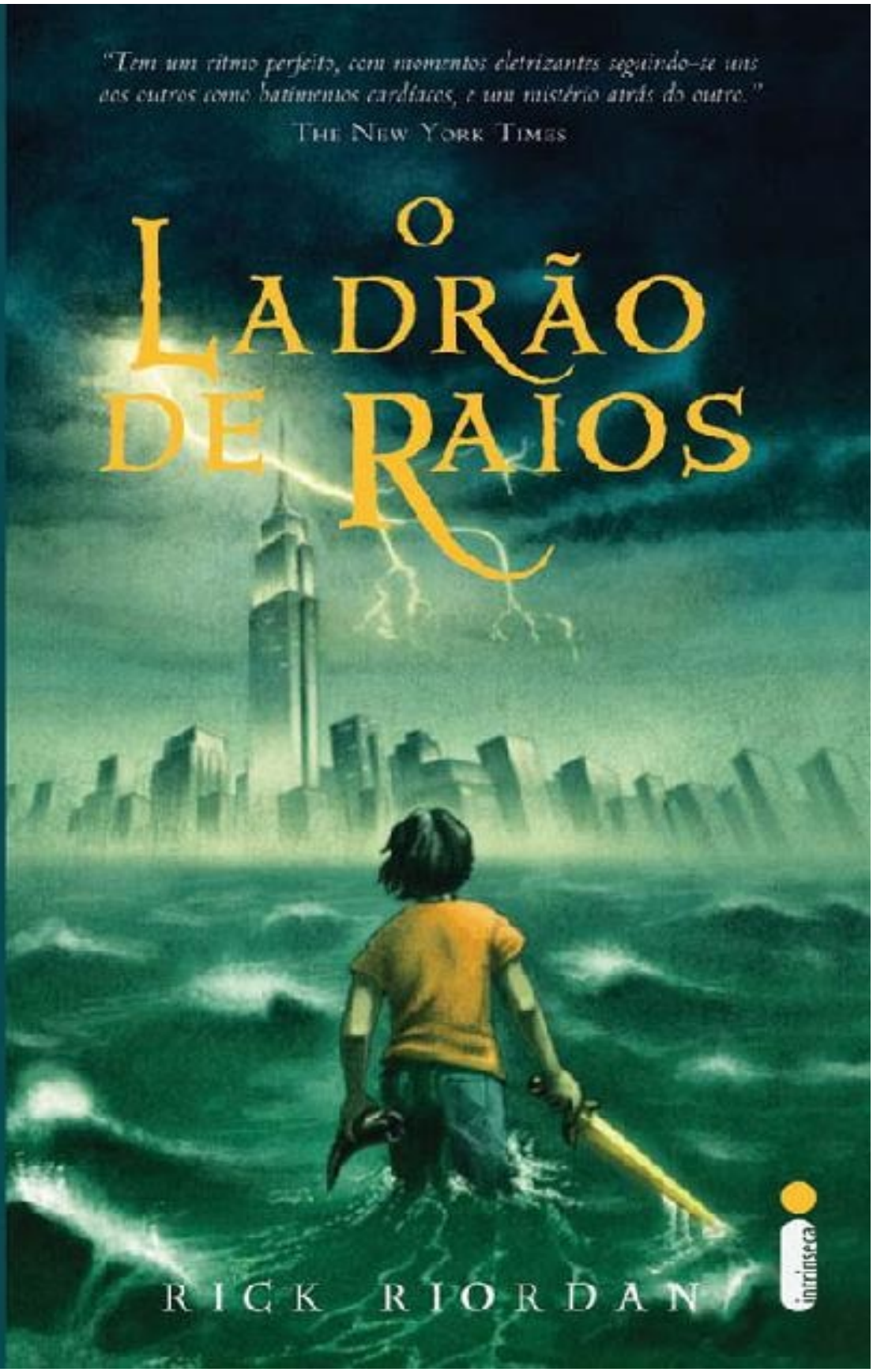
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS

Conheça os livros da série
Sobre o autor

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS ✍ LIVRO UM

"Tem um ritmo perfeito, com momentos eletrizantes seguindo-se uns aos outros como batimentos cardíacos, e um mistério atrás do outro."
THE NEW YORK TIMES

# O LADRÃO DE RAIOS



RICK RIORDAN

intrínseca

Copyright © 2005 Rick Riordan Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Lightning Thief

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Maria da Glória Carvalho
Maria José de Sant'Anna
Fátima Amendoeira Maciel

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

# E-ISBN

978-85-8057-291-9

Edição digital: 2011

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 – Gávea Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Haley,*
*que ouviu a história primeiro*

# UM

Sem querer, transformo em pó minha professora de iniciação à álgebra Olhe, eu não queria ser um meio-sangue.

Se você está lendo isto porque acha que pode ser um, meu conselho é o seguinte: feche este livro agora mesmo. Acredite em qualquer mentira que sua mãe ou seu pai lhe contou sobre seu nascimento, e tente levar uma vida normal.

Ser um meio-sangue é perigoso. É assustador. Na maioria das vezes, acaba com a gente de um jeito penoso e detestável.

Se você é uma criança normal, que está lendo isto porque acha que é ficção, ótimo. Continue lendo. Eu o invejo por ser capaz de acreditar que nada disso aconteceu.

Mas, se você se reconhecer nestas páginas — se sentir alguma coisa emocionante lá dentro —, pare de ler imediatamente. Você pode ser um de nós. E, uma vez que fica sabendo disso, é apenas uma questão de tempo antes que *eles* também sintam isso, e venham atrás de você.

Não diga que eu não avisei.

Meu nome é Percy Jackson.

Tenho doze anos de idade. Até alguns meses atrás, era aluno de um internato, na Academia Yancy, uma escola particular para crianças problemáticas no norte do estado de Nova York.

Se eu sou uma criança problemática?

Sim. Pode-se dizer isso.

Eu poderia partir de qualquer ponto da minha vida curta e infeliz para prová-lo, mas as coisas começaram a ir realmente mal no último mês de maio, quando nossa turma do sexto ano fez uma excursão a Manhattan — vinte e oito crianças alucinadas e dois professores em um ônibus escolar amarelo indo para o Metropolitan Museum of Art, a fim de observar velharias gregas e romanas.

Eu sei, parece tortura. A maior parte das excursões da Yancy era mesmo.

Mas o sr. Brunner, nosso professor de latim, estava guiando essa excursão, assim eu tinha esperanças.

O sr. Brunner era um sujeito de meia-idade em uma cadeira de rodas motorizada. Tinha o cabelo ralo, uma barba desalinhada e usava um casaco surrado de *tweed* que sempre cheirava a café. Talvez você não o achasse legal,

mas ele contava histórias e piadas e nos deixava fazer brincadeiras em sala. Também tinha uma impressionante coleção de armaduras e armas romanas, portanto era o único professor cuja aula não me fazia dormir.

Eu esperava que desse tudo certo na excursão. Pelo menos tinha esperança de não me meter em encrenca dessa vez.

Cara, como eu estava errado.

Entenda: coisas ruins me acontecem em excursões escolares. Como na minha escola da quinta série, quando fomos para o campo da batalha de Saratoga, e eu tive aquele acidente com um canhão da Revolução Americana. Eu não estava apontando para o ônibus da escola, mas é claro que fui expulso do mesmo jeito.

E antes disso, na escola da quarta série, quando fizemos um passeio pelos bastidores do tanque dos tubarões do Mundo Marinho, e eu, de alguma forma, acionei a alavanca errada no passadiço e nossa turma tomou um banho inesperado. E antes disso... Bem, já dá para você ter uma ideia.

Nessa viagem, eu estava determinado a ser bonzinho.

Ao longo de todo o caminho para a cidade aguentei Nancy Bobofit, aquela cleptomaníaca ruiva e sardenta, acertando a nuca do meu melhor amigo, Grover, com pedaços de sanduíche de manteiga de amendoim com ketchup.

Grover era um alvo fácil. Ele era magrelo. Chorava quando ficava frustrado. Devia ter repetido o ano muitas vezes, porque era o único no sétimo ano que tinha espinhas e uma barba rala começando a nascer no queixo. E, ainda por cima, era aleijado. Tinha um atestado que o dispensava da Educação Física pelo resto da vida, porque tinha algum tipo de doença muscular nas pernas. Andava de um jeito engraçado, como se cada passo doesse, mas não se deixe enganar por isso. Você precisava vê-lo correr quando era dia de *enchilada* na cantina.

De qualquer modo, Nancy Bobofit estava jogando bolinhas de sanduíche que grudavam no cabelo castanho cacheado dele, e ela sabia que eu não podia revidar, porque já estava sendo observado, sob o risco de ser expulso. O diretor me ameaçara de morte com uma suspensão “na escola” (ou seja, sem poder assistir às aulas, mas tendo de comparecer à escola e ficar trancado numa sala fazendo tarefas de casa) caso alguma coisa ruim, embaraçosa ou até moderadamente divertida acontecesse durante a excursão.

— Eu vou matá-la — murmurei.

Grover tentou me acalmar.

— Está tudo bem. Gosto de manteiga de amendoim.

Ele se esquivou de outro pedaço do lanche de Nancy.

— Agora chega. — Comecei a levantar, mas Grover me puxou de volta para o assento.

— Você já está sendo observado — ele me lembrou. — Sabe que será culpado

se acontecer alguma coisa.

Quando me lembro daquilo, preferiria ter acertado Nancy Bobofit no ato. A suspensão na escola não teria sido nada em comparação com a encrenca em que eu estava prestes a me meter.

O sr. Brunner guiou o passeio pelo museu.

Ele foi na frente em sua cadeira de rodas, conduzindo-nos pelas grandes galerias cheias de ecos, passando por estátuas de mármore e caixas de vidro repletas de cerâmica muito velha preta e laranja.

Eu ficava alucinado só de pensar que aquelas coisas tinham sobrevivido por dois mil, três mil anos.

Ele nos reuniu em volta de uma coluna de pedra com quatro metros de altura e uma grande esfinge no topo, e começou a explicar que aquilo era um marco tumular, uma *estela*, feita para uma menina mais ou menos da nossa idade. Contou-nos sobre as inscrições laterais. Estava tentando ouvir o que ele tinha a dizer, porque era um pouco interessante, mas todos ao meu redor estavam falando, e cada vez que eu dizia para calarem a boca, a outra professora que nos acompanhava, a sra. Dodds, me olhava de cara feia.

A sra. Dodds era aquela professorinha de matemática da Geórgia que sempre usava um casaco de couro preto, apesar de ter cinquenta anos de idade. Parecia má o bastante para entrar com uma moto Harley bem dentro do seu armário. Tinha chegado em Yancy no meio do ano, quando nossa última professora de matemática teve um colapso nervoso.

Desde o primeiro dia, a sra. Dodds adorou Nancy Bobofit e concluiu que eu tinha sido gerado pelo diabo. Ela me apontava o dedo torto e dizia: “Agora, meu bem”, com a maior doçura, e eu sabia que ia ficar detido depois da aula por um mês.

Certa vez, depois que ela me fez apagar as respostas em antigos livros de exercícios de matemática até meia-noite, disse a Grover que achava que a sra. Dodds não era gente. Ele olhou para mim, muito sério, e disse: — Você está certíssimo.

O sr. Brunner continuou falando sobre arte funerária grega.

Finalmente, Nancy Bobofit, abafando o riso, falou algo sobre o sujeito pelado na estela, e eu me virei e disse: — Quer *calar a boca*?

Saiu mais alto do que eu pretendia.

O grupo inteiro deu risada. O sr. Brunner interrompeu sua história.

— Sr. Jackson — disse ele —, fez algum comentário?

Meu rosto estava completamente vermelho. Eu disse:

— Não, senhor.

O sr. Brunner apontou para uma das figuras na estela.

— Talvez possa nos dizer o que esta figura representa.

Olhei para a imagem entalhada e senti uma onda de alívio, porque de fato a reconhecera.

— É Cronos comendo os filhos, certo?

— Sim — disse o sr. Brunner, e obviamente não estava satisfeito. — E ele fez isso porque...

— Bem... — eu quebrei a cabeça para me lembrar. — Cronos era o deus-rei e...

— Rei? — perguntou o sr. Brunner.

— Titã — eu me corrigi. — E... ele não confiava nos filhos, que eram os deuses. Então, hum, Cronos os comeu, certo? Mas sua esposa escondeu o bebê Zeus e deu a Cronos uma pedra para comer no lugar dele. E depois, quando Zeus cresceu, ele enganou o pai, Cronos, e o fez vomitar seus irmãos e irmãs...

— Eca! — disse uma das meninas atrás de mim.

— ...e então houve aquela grande briga entre os deuses e os titãs — continuei —, e os deuses venceram.

Algumas risadinhas do grupo.

Atrás de mim, Nancy Bobofit murmurou para uma amiga:

— Como se fôssemos usar isso na vida real. Como se fossem falar nas nossas entrevistas de emprego: “Por favor explique por que Cronos comeu seus filhos.”

— E por que, sr. Jackson — disse sr. Brunner —, parafraseando a excelente pergunta da srta. Bobofit, isso importa na vida real?

— Se ferrou — murmurou Grover.

— Cale a boca — chiou Nancy, a cara ainda mais vermelha que seu cabelo.

Pelo menos Nancy também foi enquadrada. O sr. Brunner era o único que a pegava dizendo algo de errado. Tinha ouvidos de radar.

Pensei na pergunta dele, e encolhi os ombros.

— Não sei, senhor.

— Entendo. — O sr. Brunner pareceu desapontado. — Bem, meio ponto, sr. Jackson. Zeus, na verdade, deu a Cronos uma mistura de mostarda e vinho, o que o fez vomitar as outras cinco crianças, que, é claro, sendo deuses imortais, estavam vivendo e crescendo sem serem digeridas no estômago do titã. Os deuses derrotaram o pai deles, cortaram-no em pedaços com sua própria foice e espalharam os restos no Tártaro, a parte mais escura do Mundo Inferior. E com esse alegre comentário, é hora do almoço. Sra. Dodds, quer nos levar de volta para fora?

A turma foi retirada, as meninas segurando a barriga, os garotos empurrando uns aos outros e agindo como bobões.

Grover e eu estávamos prestes a segui-los quando o sr. Brunner disse: — Sr. Jackson.

Eu sabia o que vinha a seguir.

Disse a Grover para ir andando. Então me voltei para o professor.

— Senhor?

O sr. Brunner tinha aquele olhar que não deixa a gente ir embora — olhos castanhos intensos que poderiam ter mil anos de idade e já ter visto de tudo.

— Você precisa aprender a responder à minha pergunta — disse ele.

— Sobre os titãs?

— Sobre a vida real. E como seus estudos se aplicam a ela.

— Ah.

— O que você aprende comigo — disse ele — é de uma importância vital. Espero que trate o assunto como tal. De você, aceitarei apenas o melhor, Percy Jackson.

Eu queria ficar zangado, aquele sujeito me pressionava demais.

Quer dizer, claro, era legal em dias de torneio, quando ele vestia uma armadura romana, bradava “Olé!” e nos desafiava, ponta de espada contra giz, a correr para o quadro-negro e citar pelo nome cada pessoa grega ou romana que já viveu, o nome de sua mãe e que deuses cultuavam. Mas o sr. Brunner esperava que eu fosse tão bom quanto todos os outros a despeito do fato de que tenho dislexia e transtorno do déficit de atenção, e de que nunca na vida tirei uma nota acima de C-. Não — ele não esperava que eu fosse *tão bom quanto*; ele esperava que eu fosse *melhor*. E eu simplesmente não podia aprender todos aqueles nomes e fatos, e muito menos escrevê-los direito.

Murmurei alguma coisa sobre me esforçar mais, enquanto o sr. Brunner lançava um olhar longo e triste para a estela, como se tivesse estado no funeral daquela menina.

Ele me disse para sair e comer meu lanche.

A turma se reuniu nos degraus da frente do museu, de onde podíamos assistir ao trânsito de pedestres pela Quinta Avenida.

Acima de nós, uma imensa tempestade estava se formando, com as nuvens mais escuras que eu já tinha visto sobre a cidade. Imaginei que talvez fosse o aquecimento global ou qualquer coisa assim, porque o tempo em todo o estado de Nova York estava esquisito desde o Natal. Tivemos nevascas pesadas, inundações, incêndios nas florestas causados por raios. Eu não teria ficado surpreso se fosse um furacão chegando.

Ninguém mais pareceu notar. Alguns dos garotos estavam jogando biscoitos para os pombos. Nancy Bobofit tentava afanar alguma coisa da bolsa de uma

senhora e, é claro, a sra. Dodds não via nada.

Grover e eu nos sentamos na beirada do chafariz, longe dos outros. Pensamos que, se fizéssemos isso, talvez ninguém descobrisse que éramos *daquela* escola — a escola para esquisitões lesados que não davam certo em nenhum outro lugar.

— Detenção? — perguntou Grover.

— Não — disse eu. — Não do Brunner. Eu só gostaria que ele às vezes me desse um tempo. Quer dizer, não sou um gênio.

Grover não disse nada por algum tempo. Então, quando achei que ele ia me brindar com algum comentário filosófico profundo para me fazer sentir melhor, ele disse: — Posso comer sua maçã?

Eu não estava com muito apetite, então a entreguei a ele.

Observei os táxis que passavam descendo a Quinta Avenida e pensei no apartamento de minha mãe, na área residencial próxima ao lugar onde estávamos sentados. Eu não a via desde o Natal. Tive muita vontade de pular em um táxi e ir para casa. Ela me abraçaria e ficaria contente de me ver, mas também ficaria desapontada. Imediatamente me mandaria de volta para Yancy e me lembraria de que preciso me esforçar mais, ainda que aquela fosse minha sexta escola em seis anos e que, provavelmente, eu seria chutado para fora de novo. Não conseguiria suportar o olhar triste que ela me lançaria.

O sr. Brunner estacionou a cadeira de rodas na base da rampa para deficientes. Comia aipo enquanto lia um romance. Um guarda-chuva vermelho estava enfiado nas costas da cadeira, fazendo-a parecer uma mesa de café motorizada.

Eu estava prestes a desembrulhar meu sanduíche quando Nancy Bobofit apareceu diante de mim com as amigas feiosas — imagino que tivesse se cansado de roubar aos turistas — e deixou seu lanche, já comido pela metade, cair no colo de Grover.

— Oops. — Ela arreganhou um sorriso para mim, com os dentes tortos. As sardas eram alaranjadas, como se alguém tivesse pintado o rosto dela com um spray de Cheetos líquido.

Tentei ficar calmo. O orientador da escola me dissera um milhão de vezes: “Conte até dez, controle seu gênio.” Mas estava tão furioso que me deu um branco. Uma onda rugia nos meus ouvidos.

Não me lembro de ter tocado nela, mas quando dei por mim Nancy estava sentada com o traseiro no chafariz, berrando: — Percy me empurrou!

A sra. Dodds se materializou ao nosso lado.

Algumas das crianças estavam sussurrando:

— Você viu...

— ...a água...

— ...parece que a agarrou...

Eu não sabia do que elas estavam falando. Tudo o que sabia era que estava encrencado outra vez.

Assim que se certificou de que a pobre Nancy estava bem, prometendo dar-lhe uma blusa nova na loja de presentes do museu *etc.* e tal, a sra. Dodds se voltou para mim. Havia um fogo triunfante em seus olhos, como se eu tivesse feito algo pelo qual ela esperara o semestre inteiro: — Agora, meu bem...

— Eu sei — resmunguei. — Um mês apagando livros de exercícios.

Não foi a coisa certa para dizer.

— Venha comigo — disse a sra. Dodds.

— Espere! — guinchou Grover. — Fui eu. *Eu* a empurrei.

Olhei para ele perplexo. Não podia acreditar que estivesse tentando me proteger. Ele morria de medo da sra. Dodds.

Ela lançou um olhar tão furioso que fez o queixo penugento dele tremer.

— Acho que não, sr. Underwood — disse ela.

— Mas...

— Você... *vai*... ficar... aqui.

Grover me olhou desesperadamente.

— Tudo bem, cara — disse a ele. — Obrigado por tentar.

— Meu bem — latiu a sra. Dodds para mim. — *Agora*.

Nancy Bobofit deu um sorriso falso.

Lancei-lhe meu melhor olhar de “vou acabar com a sua raça”. Então me virei para enfrentar a sra. Dodds, mas ela não estava lá. Estava postada à entrada do museu, lá no alto dos degraus, gesticulando impaciente para mim.

Como ela chegou lá tão depressa?

Tenho milhares de momentos desse tipo — meu cérebro adormece ou algo assim e, quando me dou conta, vejo que perdi alguma coisa, como se uma peça do quebra-cabeça desaparecesse e me deixasse olhando para o espaço vazio atrás dela. O orientador da escola me disse que isso era parte do transtorno do déficit de atenção, era meu cérebro que interpretava tudo errado.

Eu não tinha tanta certeza.

Fui atrás da sra. Dodds.

No meio da escadaria, olhei para Grover lá atrás. Ele parecia pálido, movendo os olhos entre mim e o sr. Brunner, como se quisesse que o sr. Brunner reparasse no que estava acontecendo, mas o professor estava absorto em seu romance.

Voltei a olhar para cima. A sra. Dodds desaparecera de novo. Estava agora dentro do edifício, no fim do hall de entrada.

Certo, pensei. Ela vai me fazer comprar uma blusa nova para Nancy na loja de presentes.

Mas aparentemente não era esse o plano.

Eu a segui museu adentro. Quando finalmente a alcancei, estávamos de volta à seção greco-romana.

A não ser por nós, a galeria estava vazia.

A sra. Dodds estava postada de braços cruzados na frente de um grande friso de mármore com os deuses gregos. Ela fazia um ruído estranho com a garganta, como um rosnado.

Mesmo sem o ruído, eu teria ficado nervoso. É esquisito estar sozinho com uma professora, especialmente a sra. Dodds. Algo no modo como ela olhava para o friso, como se quisesse pulverizá-lo...

— Você está nos criando problemas, meu bem — disse ela.

Fiz o que era seguro. Disse:

— Sim, senhora.

Ela ajeitou os punhos de seu casaco de couro.

— Você achou mesmo que ia se safar desta?

A expressão em seus olhos era mais que furiosa. Era perversa.

Ela é uma professora, pensei, nervoso. Não é provável que vá me machucar.

Eu disse:

— Eu... eu vou me esforçar mais, senhora.

Um trovão sacudiu o edifício.

— Nós não somos bobos, Percy Jackson — disse a sra. Dodds. — Seria apenas uma questão de tempo até que o descobríssemos. Confesse, e você sentirá menos dor.

Eu não sabia do que ela estava falando.

Tudo o que pude pensar foi que os professores haviam descoberto o estoque ilegal de doces que eu estava vendendo no meu dormitório. Ou talvez tivessem descoberto que eu pegara meu trabalho sobre *Tom Sawyer* na Internet sem ter nem lido o livro, e agora iam retirar minha nota. Ou pior, iam me obrigar a ler o livro.

— E então? — exigiu.

— Senhora, eu não...

— O seu tempo se esgotou — sibilou ela.

Então algo muito estranho aconteceu. Os olhos dela começaram a brilhar como carvão de churrasco. Os dedos se esticaram, transformando-se em garras. O casaco se fundiu em grandes asas de couro. Ela não era humana. Era uma bruxa má e enrugada, com asas e garras de morcego e com uma boca repleta de presas amareladas — e estava prestes a me fazer em pedaços.

Então as coisas ficaram ainda mais esquisitas.

O sr. Brunner, que estava na frente do museu um minuto antes, foi com a

cadeira de rodas até o vão da porta da galeria, segurando uma caneta.

— Olá, Percy! — gritou ele, e lançou a caneta pelo ar.

A sra. Dodds deu um bote para cima de mim.

Com um gemido agudo, eu me esquivei e senti as garras cortando o ar ao lado do meu ouvido. Agarrei a caneta esferográfica no alto, mas quando ela atingiu minha mão já não era mais uma caneta. Era uma espada — a espada de bronze do sr. Brunner, que ele sempre usava em dias de torneio.

A sra. Dodds virou-se na minha direção com uma expressão assassina nos olhos.

Meus joelhos ficaram bambos. As mãos tremiam tanto que quase deixei a espada cair.

Ela rosnou:

— Morra, meu bem!

E voou para cima de mim.

Um terror absoluto percorreu meu corpo. Fiz a única coisa que me ocorreu naturalmente: desferi um golpe com a espada.

A lâmina de metal atingiu o ombro dela e passou direto por seu corpo, como se ela fosse feita de água: *Zaz!*

A sra. Dodds era um castelo de areia debaixo de um ventilador. Ela explodiu em areia amarela, reduziu-se a pó, sem deixar nada além do cheiro de enxofre, um grito estridente que foi sumindo e um calafrio de maldade no ar, como se aqueles olhos vermelhos incandescentes ainda estivessem me olhando.

Eu estava sozinho.

Havia uma caneta esferográfica na minha mão.

O sr. Brunner não estava lá. Não havia ninguém lá além de mim.

Minhas mãos ainda estavam tremendo. Meu lanche devia estar contaminado com cogumelos mágicos ou coisa assim.

Será que eu havia imaginado tudo aquilo?

Voltei para o lado de fora.

Tinha começado a chover.

Grover estava sentado junto ao chafariz com um mapa do museu formando uma tenda em cima de sua cabeça. Nancy Bobofit ainda estava lá, encharcada do banho no chafariz, resmungando para as amigas feiosas. Quando me viu, disse: — Espero que a sra. Kerr tenha chicoteado seu traseiro.

— Quem? — respondi.

— Nossa *professora*. *Dãã!*

Eu pisquei. Não tínhamos nenhuma professora chamada sra. Kerr. Perguntei a Nancy de quem ela estava falando.

Ela simplesmente revirou os olhos e me deu as costas.

Perguntei a Grover onde estava a sra. Dodds.

— Quem? — respondeu ele.

Mas Grover primeiro fez uma pausa, e não olhou para mim, portanto, pensei que estivesse me gozando.

— Não tem graça, cara — disse a ele. — Isso é sério.

Um trovão estourou no alto.

Vi o sr. Brunner sentado embaixo do guarda-chuva vermelho, lendo seu livro, como se nunca tivesse se mexido.

Fui até ele.

Ele ergueu os olhos, um pouco distraído.

— Ah, é a minha caneta. Por favor, traga seu próprio instrumento de escrita no futuro, sr. Jackson.

Entreguei a caneta ao sr. Brunner. Não tinha notado que ainda a estava segurando.

— Senhor — disse eu —, onde está a sra. Dodds?

Ele olhou para mim com a expressão vazia.

— Quem?

— A outra professora que nos acompanhava. A sra. Dodds. Professora de iniciação à álgebra.

Ele franziu a testa e se inclinou para a frente, parecendo ligeiramente preocupado.

— Percy, não há nenhuma sra. Dodds nesta excursão. Até onde sei, nunca houve uma sra. Dodds na Academia Yancy. Está se sentindo bem?

# DOIS

Três velhas senhoras tricotam as meias da morte

Eu estava acostumado a uma ou outra experiência esquisita, mas normalmente elas passavam depressa. Aquela alucinação vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana era mais do que eu podia encarar. Durante o resto do ano escolar o campus inteiro parecia estar me pregando algum tipo de peça. Os alunos agiam como se estivessem completa e totalmente convencidos de que a sra. Kerr — uma loira alegre que eu nunca tinha visto na vida até o momento em que ela entrou no nosso ônibus no fim da excursão — era nossa professora de iniciação à álgebra desde o Natal.

De vez em quando eu soltava uma referência à sra. Dodds para cima de alguém, só para ver se conseguia fazê-los titubear, mas eles me olhavam como se eu fosse louco.

Acabei quase acreditando neles: a sra. Dodds nunca tinha existido.

Quase.

Mas Grover não conseguiu me enganar. Quando eu mencionava o nome Dodds ele hesitava, depois alegava que ela não existia. Mas eu sabia que ele estava mentindo.

Alguma coisa estava acontecendo. Alguma coisa *havia* acontecido no museu.

Eu não tinha muito tempo para pensar no assunto durante o dia, mas, à noite, visões da sra. Dodds com garras e asas de couro me faziam acordar suando frio.

O tempo maluco continuou, o que não ajudava meu humor. Certa noite, uma tempestade de raios arrebentou a janela do meu dormitório. Alguns dias depois, o maior tornado jamais visto no vale do Hudson tocou o chão a apenas trinta quilômetros da Academia Yancy. Um dos eventos correntes que aprendemos na aula de estudos sociais era o número inusitado de pequenos aviões que caíram em súbitos vendavais no Atlântico naquele ano.

Comecei a me sentir mal-humorado e irritado a maior parte do tempo. Minhas notas caíram de D para F. Entrei em mais atritos com Nancy Bobofit e suas amigas. Era posto para fora da sala e tinha de ficar no corredor em quase todas

as aulas.

Finalmente, quando nosso professor de inglês, o sr. Nicoll, me perguntou pela milionésima vez por que eu tinha tanta preguiça de estudar para as provas de ortografia, eu explodi. Chamei-o de velho dipsomaníaco. Não sabia direito o que aquilo queria dizer, mas soou bem.

O diretor mandou uma carta para a minha mãe na semana seguinte, tornando oficial: eu não seria convidado a voltar para a Academia Yancy no ano seguinte.

Ótimo, disse a mim mesmo. Simplesmente ótimo.

Eu estava com saudades de casa.

Queria ficar com minha mãe no nosso pequeno apartamento no Upper East Side, mesmo que tivesse de frequentar uma escola pública e aturar meu padrasto detestável e seus jogos de pôquer estúpidos.

E no entanto... havia coisas em Yancy de que eu sentiria falta. A vista da minha janela para os bosques, o rio Hudson a distância, o cheiro dos pinheiros. Sentiria falta de Grover, que tinha sido um bom amigo, mesmo com seu jeito meio estranho. Fiquei pensando como ele iria sobreviver ao próximo ano sem mim.

Também sentiria falta da aula de latim — os dias malucos de torneio do sr. Brunner e sua confiança em que eu poderia me sair bem.

Quando a semana de exames foi se aproximando, latim era a única prova para a qual eu estudava. Não tinha me esquecido do que o sr. Brunner falara, sobre essa matéria ser questão de vida ou morte para mim. Não sabia muito bem por quê, mas começara a acreditar nele.

Na noite anterior ao meu exame final, fiquei tão frustrado que joguei o *Guia Cambridge de mitologia grega* do outro lado do dormitório. As palavras tinham começado a flutuar para fora da página, dando voltas na minha cabeça, as letras fazendo manobras radicais como se estivessem andando de skate. Não havia jeito de eu me lembrar da diferença entre Quíron e Caronte, ou Polidectes e Polideuces. E conjugar aqueles verbos latinos? Nem pensar.

Fiquei indo de um lado para outro no quarto, com a sensação de que havia formigas andando por dentro da minha camisa.

Lembrei a expressão séria do sr. Brunner, de seus olhos de mil anos. *De você, aceitarei apenas o melhor, Percy Jackson*.

Respirei fundo. Peguei o livro de mitologia.

Eu nunca havia pedido ajuda a um professor antes. Se falasse com o sr. Brunner, quem sabe ele me daria algumas dicas. Poderia, pelo menos, pedir desculpas pelo grande F que ia tirar na prova. Não queria sair da Academia Yancy deixando-o pensar que eu não tinha me esforçado.

Desci a escada para os gabinetes dos professores. A maioria estava vazia e escura, mas a porta do sr. Brunner estava entreaberta e a luz que vinha da sua janela se estendia ao longo do piso do corredor.

Eu estava a três passos da maçaneta da porta quando ouvi vozes dentro da sala. O sr. Brunner tinha feito uma pergunta. Uma voz que, sem sombra de dúvida, era a de Grover disse: “...preocupado com Percy, senhor.”

Eu gelei.

Normalmente não sou bisbilhoteiro, mas desafio alguém a não tentar ouvir quando seu melhor amigo está falando sobre você com um adulto.

Cheguei um pouquinho mais perto.

— ...sozinho nesse verão — Grover estava dizendo. — Quer dizer, uma Benevolente na *escola*! Agora que sabemos com certeza, e *eles* também sabem...

— Só vamos piorar as coisas se o apressarmos — disse o sr. Brunner. — Precisamos que o menino amadureça mais.

— Mas ele pode não ter tempo. O prazo final do solstício de verão...

— Terá de ser resolvido sem ele, Grover. Deixe-o desfrutar sua ignorância enquanto ainda pode.

— Senhor, ele a *viu*...

— Imaginação dele — insistiu o sr. Brunner. — A Névoa sobre os alunos e a equipe será suficiente para convencê-lo disso.

— Senhor, eu... eu não posso fracassar nas minhas tarefas de novo. — A voz de Grover estava embargada de emoção. — Sabe o que isso significaria.

— Você não fracassou, Grover — disse o sr. Brunner gentilmente. — Eu deveria tê-la visto como ela era. Agora vamos apenas nos preocupar em manter Percy vivo até o próximo outono...

O livro de mitologia caiu da minha mão e bateu no chão com um ruído surdo.

O sr. Brunner silenciou.

Com o coração disparado, peguei o livro e voltei pelo corredor.

Uma sombra deslizou pelo vidro iluminado da porta da sala de Brunner, a sombra de algo muito mais alto do que meu professor de cadeira de rodas, segurando alguma coisa suspeitamente parecida com o arco de um arqueiro.

Abri a porta mais próxima e me esgueirei para dentro.

Alguns segundos depois ouvi um lento *clop-clop-clop*, como blocos de madeira abafados, depois um som como o de um animal farejando bem na frente da minha porta. Um grande vulto escuro parou diante do vidro e depois seguiu adiante.

Uma gota de suor escorreu por meu pescoço.

Em algum lugar no corredor, o sr. Brunner falou.

— Nada — murmurou ele. — Meus nervos não andam muito bons desde o

solstício de inverno.

— Nem os meus — disse Grover. — Mas eu podia ter jurado...

— Volte para o dormitório — disselhe o sr. Brunner. — Você tem um longo dia de provas amanhã.

— Nem me lembre.

As luzes se apagaram na sala do sr. Brunner.

Aguardei no escuro pelo que pareceu uma eternidade.

Por fim, me esgueirei para o corredor e subi de volta para o dormitório.

Grover estava deitado na cama, estudando as anotações para a prova de latim como se tivesse estado lá a noite inteira.

— Ei! — disse ele, com olhar de sono. — Vai estar preparado para a prova?

Não respondi.

— Está com uma cara horrível. — Ele franziu a testa. — Tudo bem?

— Só estou cansado.

Virei-me para que ele não pudesse perceber minha expressão e comecei a me preparar para dormir.

Não entendi o que tinha ouvido lá embaixo. Queria acreditar que havia imaginado aquilo tudo.

Mas uma coisa estava clara: Grover e o sr. Brunner estavam falando de mim pelas costas. Achavam que eu corria algum tipo de perigo.

Na tarde seguinte, quando estava saindo da prova de latim de três horas, atordoado com todos os nomes gregos e romanos que tinha escrito errado, o sr. Brunner me chamou de volta.

Por um momento, fiquei preocupado achando que ele descobrira minha bisbilhotice na noite anterior, mas não parecia ser esse o problema.

— Percy — disse ele. — Não fique desanimado por deixar Yancy. É... é para o seu bem.

Seu tom era gentil, mas ainda assim as palavras me deixaram sem graça. Embora ele estivesse falando baixo, os que terminavam a prova podiam ouvir. Nancy Bobofit me lançou um sorriso falso e, sarcasticamente, fez pequenos movimentos de beijo com os lábios.

Eu murmurei:

— Está bem, senhor.

— Quer dizer... — O sr. Brunner andou com a cadeira para trás e para a frente, como se não tivesse certeza do que falar. — Este não é o lugar certo para você. Era apenas uma questão de tempo.

Meus olhos ardiam.

Ali estava meu professor favorito, na frente da classe, me dizendo que eu não

era capaz. Depois de falar o ano todo que acreditava em mim, agora me dizia que eu estava destinado a ser expulso.

— Certo — disse eu, tremendo.

— Não, não — disse o sr. Brunner. — Ah, que droga. O que eu estava tentando dizer... é que você não é normal, Percy. Não é nada ser...

— Obrigado — soltei. — Muito obrigado, senhor, por me lembrar.

— Percy...

Mas eu já tinha ido.

No último dia de aulas, enfiei minhas roupas na mala.

Os outros garotos estavam fazendo piadas, falando sobre os planos para as férias. Um deles ia fazer trilha na Suíça. Outro faria um cruzeiro de um mês pelo Caribe. Eram delinquentes juvenis como eu, mas delinquentes juvenis *ricos*. Os papais eram executivos, embaixadores ou celebridades. Eu era um joão-ninguém, de uma família de joões-ninguém.

Eles me perguntaram o que ia fazer no verão, e eu disse que voltaria para a cidade.

O que não lhes contei foi que ia arranjar um trabalho de verão passeando com cachorros ou vendendo assinaturas de revistas, e passar o tempo livre pensando em onde iria estudar no outono.

— Ah — disse um dos garotos. — Legal.

Eles voltaram à conversa como se eu não existisse.

A única pessoa de quem tinha medo de me despedir era Grover, mas do jeito como as coisas aconteceram, eu nem precisei. Ele havia comprado uma passagem para Manhattan no mesmo ônibus Greyhound que eu, então lá estávamos nós, juntos outra vez, indo para a cidade.

Durante toda a viagem de ônibus, Grover olhava nervoso para o corredor, observando os outros passageiros. Ocorreu-me que ele sempre agia de modo nervoso e inquieto quando saíamos de Yancy, como se esperasse que algo ruim fosse acontecer. Antes, eu achava que ele tinha medo de que o provocassem. Mas não havia ninguém para fazer isso no Greyhound.

Finalmente, não pude mais aguentar.

— Procurando Benevolentes?

Grover quase pulou do assento.

— O que... o que você quer dizer?

Confessei ter ouvido a conversa dele com o sr. Brunner na noite anterior ao dia da prova.

O olho de Grover estremeceu.

— Quanto você ouviu?

— Ah... não muito. O que é o prazo final do solstício de verão?

Ele se esquivou.

— Olhe, Percy... Eu só estava preocupado com você, entende? Quer dizer, tendo alucinações com professoras de matemática demoníacas...

— Grover...

— E eu estava dizendo ao sr. Brunner que talvez você estivesse muito estressado, ou coisa assim, porque não havia uma pessoa chamada sra. Dodds e...

— Grover, você mente muito mal mesmo.

As orelhas dele ficaram cor-de-rosa.

Do bolso da camisa, ele pescou um cartão de visitas encardido.

— Pegue isto, certo? Para o caso de você precisar de mim neste verão.

O cartão tinha uma escrita floreada, que era um terror para os meus olhos disléxicos, mas por fim consegui identificar alguma coisa como: Grover Underwood

*Guardião*
*Colina Meio-Sangue*
*Long Island, Nova York*
*(800) 009-0009*

— O que é Colina Meio...

— Não fale alto! — ganiu. — É meu, ah... endereço de verão.

Meu coração desabou. Grover tinha uma casa de veraneio. Eu nunca imaginara que a família dele poderia ser tão rica quanto as dos outros em Yancy.

— Certo — falei, mal-humorado. — Tá, se eu quiser fazer uma visita à sua mansão.

Ele assentiu.

— Ou... ou se você precisar de mim.

— Por que iria precisar de você?

Saiu mais rude do que eu pretendia.

Grover ficou com a cara toda vermelha.

— Olhe, Percy, a verdade é que eu... eu tenho, de certo modo, que proteger você.

Olhei fixamente para ele.

Durante o ano inteiro me meti em brigas para manter os valentões longe dele. Perdi o sono temendo que, sem mim, ele fosse apanhar no ano que vem. E ali estava Grover agindo como se fosse ele a *me* defender.

— Grover — disse eu —, do que exatamente você está me protegendo?

Houve um tremendo barulho de algo sendo triturado embaixo dos nossos pés.

Uma fumaça preta saiu do painel e o ônibus inteiro foi tomado por um cheiro de ovo podre. O motorista praguejou e levou o Greyhound com dificuldade até o acostamento.

Depois de alguns minutos fazendo alguns sons metálicos no compartimento do motor, o motorista anunciou que teríamos de descer. Grover e eu saímos em fila com todos os outros.

Estávamos em um trecho de estrada rural — um lugar que a gente nem notaria se não tivesse enguiçado lá. Do nosso lado da estrada não havia nada além de bordos e lixo jogado pelos carros que passavam. Do outro lado, depois de atravessar quatro pistas de asfalto que refletiam uma claridade trêmula com o calor da tarde, havia uma banca de frutas como as de antigamente.

As coisas à venda pareciam realmente boas: caixas transbordando de cerejas e maçãs vermelhas como sangue, nozes e damascos, jarros de sidra dentro de uma tina com pés em forma de patas, cheia de gelo. Não havia fregueses, só três velhas senhoras sentadas em cadeiras de balanço à sombra de um bordo, tricotando o maior par de meias que eu já tinha visto.

Quer dizer, aquelas meias eram do tamanho de suéteres, mas, obviamente, eram meias. A senhora da direita tricotava uma delas. A da esquerda tricotava a outra. A do meio segurava uma enorme cesta de lã azul brilhante.

As três mulheres pareciam muito velhas, com o rosto pálido e enrugado como fruta seca, cabelo prateado preso atrás com lenço branco, braços ossudos espetados para fora de vestidos de algodão pálido.

A coisa mais esquisita era que elas pareciam olhar diretamente para mim.

Encarei Grover para comentar isso e vi que seu rosto tinha ficado branco. O nariz tremia.

— Grover? — disse eu. — Ei, cara...

— Diga que elas não estão olhando para você. Estão, não é?

— Estão. Esquisito, não? Você acha que aquelas meias serviriam em mim?

— Não tem graça, Percy. Não tem graça nenhuma.

A velha do meio pegou uma tesoura imensa — dourada e prateada, de lâminas longas, como uma tosquiadeira. Ouvi Grover tomar fôlego.

— Vamos entrar no ônibus — ele me disse. — Venha.

— O quê? — disse eu. — Lá dentro está fazendo quinhentos graus.

— Venha! — Ele forçou a porta e subiu, mas eu fiquei embaixo.

Do outro lado da estrada, as velhas ainda olhavam para mim. A do meio cortou o fio de lã, e posso jurar que ouvi aquele ruído cruzar as quatro pistas de trânsito. As duas amigas dela enrolaram as meias azuis e me fizeram imaginar para quem seria aquilo — o Pé Grande ou o Godzilla.

Na traseira do ônibus, o motorista arrancou um grande pedaço de metal

fumegante do compartimento do motor. O ônibus estremeceu e o motor voltou à vida, roncando.

Os passageiros aplaudiram.

— Tudo em ordem! — gritou o motorista. Ele bateu no ônibus com o chapéu. — Todo o mundo para dentro!

Quando já estávamos a caminho, comecei a me sentir febril, como se tivesse pego uma gripe.

Grover não parecia muito melhor. Estava tremendo e batendo os dentes.

— Grover?

— Sim?

— O que me diz?

Ele enxugou a testa com a manga da camisa.

— Percy, o que você viu lá atrás, na banca de frutas?

— Você quer dizer, aquelas velhas? O que há com elas, cara? Elas não são como... a sra. Dodds, são?

A expressão dele era difícil interpretar, mas tive a sensação de que as velhas da banca de frutas eram algo muito, muito pior do que a sra. Dodds. Grover disse: — Só me diga o que você viu.

— A do meio pegou a tesoura e cortou o fio.

Ele fechou os olhos e fez um gesto com os dedos parecido com o sinal da cruz, mas não era isso. Era outra coisa, algo um tanto... mais antigo.

Ele disse:

— Você a viu cortar o fio.

— Sim. E daí? — Mas mesmo enquanto dizia isso, já sabia que era algo importante.

— Isso não está acontecendo — murmurou Grover. Ele começou a morder o dedão. — Não quero que seja como na última vez.

— Que última vez?

— Sempre o sétimo ano. Eles nunca passam do sétimo.

— Grover — disse eu, porque ele estava realmente começando a me assustar —, do que você está falando?

— Deixe que eu vá com você da estação do ônibus até sua casa. Prometa.

Aquele me pareceu um pedido estranho, mas prometi.

— É uma superstição ou coisa assim? — perguntei.

Nenhuma resposta.

— Grover... aquele corte no fio. Significa que alguém vai morrer?

Ele olhou para mim com tristeza, como se já estivesse escolhendo o tipo de flores que eu gostaria mais de ter em meu caixão.

TRÊS

## Grover de repente perde as calças

Hora da confissão: descartei Grover assim que chegamos ao terminal rodoviário.

Eu sei, eu sei. Foi rude. Mas Grover estava me deixando fora de mim, me olhando como se eu fosse um homem morto, murmurando: “Por que sempre tem de ser no sétimo ano?”

Sempre que Grover ficava nervoso, sua bexiga entrava em ação, portanto não fiquei surpreso quando, assim que descemos do ônibus, ele me fez prometer que o esperaria e foi direto para o banheiro. Em vez de esperar, peguei minha mala, saí discretamente e tomei o primeiro táxi saindo do Centro.

— Cento e quatro Leste com Primeira Avenida — disse ao motorista.

Uma palavra sobre a minha mãe, antes que você a conheça.

Seu nome é Sally Jackson e ela é a melhor pessoa do mundo, o que apenas prova minha teoria de que as melhores pessoas são as mais azaradas. Os pais morreram em um desastre de avião quando ela estava com cinco anos, e então foi criada por um tio que não lhe dava muita bola. Queria ser escritora, assim passou o curso de ensino médio trabalhando e economizando dinheiro para pagar uma faculdade com um bom programa de oficinas literárias. Então o tio teve câncer e ela precisou abandonar a escola no último ano para cuidar dele. Depois que ele morreu, ela ficou sem dinheiro nenhum, sem família e sem diploma.

A única coisa boa que lhe aconteceu foi conhecer meu pai.

Não tenho nenhuma lembrança dele, apenas essa espécie de sensação calorosa, talvez o mais leve resquício de seu sorriso. Minha mãe não gosta de falar sobre ele porque isso a deixa triste. Ela não tem fotografias.

Veja bem, eles não eram casados. Ela me contou que ele era rico e influente, e o relacionamento deles era um segredo. Então um dia ele zarpou pelo Atlântico em alguma jornada importante, e nunca mais voltou.

Perdido no mar, minha mãe me contou. Não morto. Perdido no mar.

Ela vivia de trabalhos esporádicos, estudava à noite para tirar o diploma de ensino médio e me criou sozinha. Nunca se queixava ou ficava zangada. Nem uma só vez. Mas eu sabia que não era uma criança fácil.

Acabou se casando com Gabe Ugliano, que foi simpático nos primeiros trinta segundos em que o conhecemos e depois mostrou quem realmente era, um imbecil de marca maior. Quando eu era pequeno apelidei-o de Gabe Cheiroso. Sinto muito, mas é a verdade. O cara fedia a pizza de alho embolorada enrolada num calção de ginástica.

Em nosso fogo cruzado, tornávamos a vida da minha mãe bem difícil. O modo como Gabe Cheiroso a tratava, o jeito como ele e eu nos relacionávamos... bem, um bom exemplo é minha chegada em casa.

Entrei em nosso pequeno apartamento, esperando que minha mãe já tivesse voltado do trabalho. Em vez disso, Gabe Cheiroso estava na sala de estar, jogando pôquer com seus cupinchas. Na televisão, o canal de esportes estava no volume máximo. Havia batatinhas e latas de cerveja espalhadas pelo tapete.

Mal erguendo os olhos, ele disse com o cigarro na boca:

— Então você está em casa.

— Onde está a minha mãe?

— Trabalhando — disse ele. — Você tem alguma grana?

E foi isso. Nada de *Bem-vindo ao lar. Bom ver você. O que fez nos últimos seis meses?*

Gabe tinha engordado. Parecia uma morsa sem tromba com roupas de brechó. Tinha uns três fios de cabelo na cabeça, todos penteados por cima da careca, como se isso o deixasse bonito ou coisa assim.

Era gerente do Hipermercado de Eletrônica, no Queens, mas passava a maior parte do tempo em casa. Não sei por que ainda não tinha sido demitido. Ele só fica recebendo o pagamento, gastando o dinheiro em charutos que me dão náuseas e em cerveja, é claro. Sempre cerveja. Toda vez que eu estava em casa ele esperava que eu lhe fornecesse fundos para jogar. Chamava isso de nosso “segredo de homem”. Isto é, se eu contasse para a minha mãe, ele me quebrava a cara.

— Não tenho grana nenhuma — falei.

Ele ergueu uma sobrancelha oleosa.

Gabe era capaz de farejar dinheiro como um cão de caça, o que era surpreendente, já que seu próprio cheiro deveria encobrir qualquer outro.

— Você pegou um táxi no terminal de ônibus — disse ele. — Provavelmente pagou com uma nota de vinte. Recebeu seis ou sete dólares de troco. Alguém que espera viver embaixo deste teto devia ser capaz de se sustentar. Estou certo, Eddie?

Eddie, o síndico do prédio, olhou para mim com uma pontinha de solidariedade.

— Vamos, Gabe — disse ele. — O garoto acabou de chegar.

— Estou *certo*? — repetiu Gabe.

Eddie fez uma careta para sua tigela de pretzels. Os outros dois caras soltaram juntos seus gases.

— Tudo bem — disse eu. Tirei um maço de dólares do bolso e joguei o dinheiro em cima da mesa. — Tomara que você perca.

— Seu boletim chegou, geninho! — gritou ele às minhas costas. — Eu não ficaria tão metido!

Bati a porta do meu quarto, que na verdade não era meu. Durante os meses de aulas era a "sala de estudos" de Gabe. Ele não "estudava" coisa nenhuma lá, exceto revistas de automóveis, mas adorava socar as minhas coisas no armário, largar as botas enlameadas no peitoril da janela e fazer o possível para deixar o lugar com o cheiro de sua colônia detestável, charutos e cerveja choca.

Larguei a mala em cima da cama. Lar doce lar.

O cheiro de Gabe era quase pior que os pesadelos com a sra. Dodds ou o som da tesoura daquela velha enrugada cortando o fio de lã.

Mas assim que pensei naquilo minhas pernas bambearam. Lembrei-me da expressão de pânico de Grover — de como ele me fizera prometer que não iria para casa sem ele. Um calafrio repentino me percorreu. Era como se alguém — alguma coisa — estivesse procurando por mim naquele momento, talvez subindo pesadamente a escada, com garras compridas e horrendas crescendo.

Então ouvi a voz da minha mãe.

— Percy?

Ela abriu a porta do quarto, e meus medos se foram.

A simples entrada de minha mãe no quarto já consegue me fazer sentir bem. Seus olhos brilham e mudam de cor com a luz. O sorriso é quente como uma manta. Ela tem alguns poucos fios grisalhos misturados com os longos cabelos castanhos, mas nunca penso nela como uma pessoa velha. Quando me olha, é como se estivesse vendo todas as coisas boas em mim, nenhuma das ruins. Nunca a ouvi levantar a voz ou dizer uma palavra indelicada para ninguém, nem mesmo para mim ou Gabe.

— Ah, Percy. — Ela me abraçou apertado. — Eu não acredito. Você cresceu desde o Natal!

O uniforme vermelho, branco e azul, da Doce América, tinha o cheiro das melhores coisas do mundo: chocolate, alcaçuz e tudo o mais que ela vendia na doceria da Grande Estação Central. Tinha levado para mim um belo saco de "amostras grátis", como sempre fazia quando eu ia para casa.

Sentamos juntos na beirada da cama. Enquanto eu atacava os doces de mirtilo, ela passava a mão no meu cabelo e queria saber tudo o que eu não havia escrito

nas cartas. Nada mencionou sobre o fato de eu ter sido expulso. Não parecia se importar com isso. Mas eu estava o.k.? Seu menininho estava bem?

Eu disse a ela que estava me sufocando, pedi que desse um tempo e tal, mas, secretamente, estava feliz demais em vê-la.

Do outro cômodo, Gabe berrou:

— Ei, Sally! Que tal um pouco de pasta de feijão, hein?

Eu rangi os dentes.

Minha mãe é a mulher mais gentil do mundo. Devia ter se casado com um milionário, não com um imbecil como Gabe.

Por ela, tentei parecer otimista em relação aos meus últimos dias na Academia Yancy. Disselhe que não estava muito chateado com a expulsão. Dessa vez, conseguira durar quase o ano inteiro. Eu havia feito novos amigos. Tinha me saído muito bem em latim. E, honestamente, as brigas não tinham sido tão ruins como dissera o diretor. Eu tinha gostado da Academia Yancy. De verdade. Enfeitei tanto os acontecimentos do ano que quase convenci a mim mesmo. Comecei a ficar com a voz embargada só de pensar em Grover e no sr. Brunner. Até Nancy Bobofit de repente não pareceu assim tão má.

Até aquela excursão ao museu...

— O quê? — perguntou minha mãe. Seus olhos puxaram pela minha consciência, tentando arrancar os segredos. — Alguma coisa assustou você?

— Não, mamãe.

Eu me senti mal por mentir, queria contar a ela sobre a sra. Dodds e as três velhas com o fio de lã, mas achei que aquilo pareceria bobagem.

Ela apertou os lábios. Sabia que eu estava escondendo alguma coisa, mas não quis me pressionar.

— Tenho uma surpresa para você — disse ela. — Nós vamos à praia.

Meus olhos se arregalaram.

— Montauk?

— Três noites... no mesmo chalé.

— Quando?

Ela sorriu.

— Assim que eu me trocar.

Mal pude acreditar. Minha mãe e eu não tínhamos ido a Montauk nos últimos dois verões porque Gabe dissera que não havia dinheiro suficiente.

Gabe apareceu no vão da porta e rosnou.

— Pasta de feijão, Sally. Você não ouviu?

Tive vontade de dar-lhe um soco, mas meus olhos encontraram os da minha mãe e entendi que ela estava me oferecendo um acordo: ser gentil com Gabe só um pouquinho. Só até ela estar pronta para ir para Montauk. Então sairíamos

dali.

— Eu já estava a caminho, meu bem — disse ela a Gabe. — Estávamos só conversando sobre a viagem.

Os olhos de Gabe se apertaram.

— A viagem? Você quer dizer que estava falando disso a sério?

— Eu sabia — murmurei. — Ele não vai nos deixar ir.

— É claro que vai — disse minha mãe calmamente. — Seu padrasto só está preocupado com o dinheiro. É tudo. Além disso — acrescentou —, Gabriel não terá de se contentar com pasta de feijão. Vou fazer para ele uma pasta de sete camadas suficiente para todo o fim de semana. *Guacamole*. Creme azedo. Serviço completo.

Gabe amaciou um pouco.

— Então esse dinheiro para a viagem... vai sair do seu orçamento para roupas, certo?

— Sim, meu bem — disse minha mãe.

— E você não vai com meu carro para lugar nenhum, só vai usar na ida e na volta.

— Seremos muito cuidadosos.

Gabe coçou seu queixo duplo.

— Talvez se você andar logo com essa pasta de sete camadas... E talvez se o garoto pedir desculpas por interromper meu jogo de pôquer...

Talvez se eu chutar você no seu ponto sensível, pensei. E fizer você cantar com voz de soprano por uma semana.

Mas os olhos da minha mãe me advertiram para não deixá-lo zangado.

Por que ela aturava aquele cara? Eu quis gritar. Por que ela se importava com o que ele pensava?

— Desculpe — murmurei. — Sinto muito ter interrompido seu importantíssimo jogo de pôquer. Por favor, volte a ele agora mesmo.

Os olhos de Gabe se estreitaram. O cérebro minúsculo provavelmente estava tentando detectar o sarcasmo na minha frase.

— Está bem, seja lá o que for — convenceu-se.

E voltou para o jogo.

— Obrigada, Percy — disse minha mãe. — Depois que chegarmos a Montauk, vamos conversar mais sobre... o que quer que você tenha se esquecido de me contar, certo?

Por um momento, pensei ter visto ansiedade nos olhos dela — o mesmo medo que vira em Grover na viagem de ônibus —, como se minha mãe também estivesse sentindo um estranho calafrio no ar.

Mas então o sorriso dela voltou e concluí que devia estar enganado. Ela

despenteou meu cabelo e foi fazer a pasta de sete camadas para Gabe.

Uma hora depois estávamos prontos para partir.

Gabe interrompeu o jogo de pôquer por tempo suficiente para me observar arrastando as malas da minha mãe para o carro. Ficou se queixando e se lamentando por ficar sem a comida dela — e mais importante, sem seu Camaro 78 — durante todo o fim de semana.

— Nem um arranhão nesse carro, geninho — advertiu-me quando eu estava carregando a última mala. — Nem um arranhãozinho.

Como se eu fosse dirigir aos doze anos. Mas isso não importava para Gabe. Se alguma gaivota fizesse cocô na pintura, ele arranjaria um jeito de me culpar.

Observando-o voltar em seu passo desajeitado para o prédio, fiquei tão zangado que fiz uma coisa que não consigo explicar. Quando Gabe chegou à porta de entrada, fiz um gesto com a mão que tinha visto Grover fazer no ônibus, uma espécie de gesto para afastar o mal, a mão em garra sobre o coração e depois um movimento de empurrar na direção de Gabe. A porta de tela bateu tão forte que o acertou no traseiro e o mandou voando até a escada, como se tivesse sido disparado por um canhão. Talvez tenha sido apenas o vento, ou algum acidente maluco com as dobradiças, mas não fiquei lá tempo suficiente para descobrir.

Entrei no Camaro e disse para a minha mãe pisar fundo.

Nosso chalé alugado ficava na margem sul, lá na ponta de Long Island. Era uma pequena cabana de cor clara com cortinas desbotadas, quase enterrada nas dunas. Havia sempre areia nos lençóis e aranhas nos armários, e na maior parte do tempo o mar estava gelado demais para nadar.

Eu adorava o lugar.

Íamos para lá desde que eu era bebê. Minha mãe ia ainda havia mais tempo. Ela nunca disse exatamente, mas eu sabia por que a praia era especial. Era o lugar onde conhecera meu pai.

À medida que nos aproximávamos de Montauk, ela parecia ir ficando mais jovem, os anos de preocupação e trabalho desaparecendo do rosto. Os olhos ficavam da cor do mar.

Chegamos lá ao pôr do sol, abrimos todas as janelas do chalé e passamos por nossa rotina de limpeza. Caminhamos pela praia, demos salgadinhos de milho às gaivotas e mascamos jujubas azuis, caramelos azuis e todas as outras amostras grátis que minha mãe levara do trabalho.

Acho que eu devia explicar a comida azul.

Veja bem, Gabe uma vez disse à minha mãe que isso não existia. Eles tiveram

uma discussão, que pareceu uma coisinha de nada na época. Mas, desde então, minha mãe fez tudo o que era possível comer em azul. Ela assava bolos de aniversário azuis. Batia vitaminas com mirtilos azuis. Comprava tortilhas de milho azul e levava para casa balas azuis da loja. Isso — junto com o fato de conservar o nome de solteira, Jackson, em vez de se chamar sra. Ugliano — era prova de que ela não tinha sido totalmente domada por Gabe. Tinha uma inclinação para a rebeldia, como eu.

Quando escureceu, acendemos uma fogueira. Assamos cachorro-quente e *marshmallows*. Minha mãe contou histórias sobre quando ela era criança, antes de os pais morrerem no acidente de avião. Contou-me sobre os livros que queria escrever um dia, quando tivesse dinheiro suficiente para largar a doceria.

Finalmente, reuni coragem para perguntar sobre o que sempre me vinha à cabeça quando íamos para Montauk — meu pai. Os olhos dela ficaram cheios d'água. Imaginei que iria me contar as mesmas coisas de sempre, mas nunca me cansava de ouvi-las.

— Ele era gentil, Percy — disse ela. — Alto, bonito e forte. Mas gentil também. Você tem o cabelo preto dele, você sabe, e os olhos verdes.

Mamãe pescou uma jujuba azul do saco de doces.

— Gostaria que ele pudesse vê-lo, Percy. Ficaria muito orgulhoso.

Eu me perguntei como ela podia dizer aquilo. O que havia de tão bom a meu respeito? Um menino disléxico, hiperativo, com um boletim D+, expulso da escola pela sexta vez em seis anos.

— Que idade eu tinha? — perguntei. — Quer dizer... quando ele se foi?

Ela olhou para as chamas.

— Ele só ficou comigo por um verão, Percy. Bem aqui nesta praia. Neste chalé.

— Mas... ele me conheceu quando eu era bebê.

— Não, meu bem. Ele sabia que eu estava esperando um bebê, mas nunca o viu. Teve de partir antes de você nascer.

Tentei conciliar isso com o fato de que eu parecia me lembrar de... alguma coisa sobre o meu pai. Uma sensação calorosa. Um sorriso.

Sempre presumira que ele havia me visto quando bebê. Minha mãe nunca dissera exatamente isso, mas ainda assim eu achava que tinha acontecido. Saber agora que ele nunca me viu...

Fiquei com raiva de meu pai. Talvez fosse uma bobagem, mas eu me ressenti por ele ter partido naquela viagem oceânica, por não ter tido coragem para se casar com minha mãe. Ele nos deixara e agora estávamos presos ao Gabe Cheiroso.

— Você vai me mandar embora de novo? — perguntei a ela. — Para outro

internato?

Ela puxou um *marshmallow* do fogo.

— Eu não sei, meu bem. — Sua voz soou muito séria. — Acho... acho que teremos de fazer alguma coisa.

— Por que você não quer me ver por perto? — Eu me arrependi das palavras assim que elas saíram.

Os olhos da minha mãe ficaram marejados. Ela pegou minha mão e apertou com força.

— Ah, Percy, não. Eu... eu *preciso*, meu bem. Para seu próprio bem. Eu tenho de mandar você para longe.

Suas palavras me lembraram o que o sr. Brunner tinha dito — que era melhor para mim deixar Yancy.

— Porque eu não sou normal? — disse eu.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim, Percy. Mas não se dá conta do quanto você é importante. Pensei que Yancy seria bastante longe. Pensei que você finalmente estaria em segurança.

— Em segurança por quê?

Os olhos dela encontraram os meus, e me veio uma enxurrada de lembranças — todas as coisas esquisitas, assustadoras que sempre me aconteciam, algumas que eu tentara esquecer.

No quarto ano, um homem de capa de chuva preta me seguiu no recreio. Quando os professores ameaçaram chamar a polícia, ele foi embora resmungando, mas ninguém acreditou em mim quando contei que, embaixo do chapéu de aba larga, o homem tinha um olho só, bem no meio da cabeça.

Antes disso — uma lembrança realmente antiga. Eu estava na pré-escola, e uma professora acidentalmente me pôs para dormir em um berço para dentro do qual uma cobra se arrastara. Minha mãe gritou quando foi me buscar e me encontrou brincando com uma cobra flácida cheia de escamas, que eu de algum modo conseguira estrangular até a morte com as minhas mãos gorduchas de bebê.

Em cada uma das escolas, algo de horripilante acontecera, algo perigoso, e fui forçado a sair.

Eu sabia que devia contar à minha mãe sobre as velhas na banca de frutas e a sra. Dodds no museu de arte, sobre a estranha alucinação em que eu havia transformado a professora de matemática em pó com uma espada. Mas não consegui me forçar a contar. Tinha a sensação esquisita de que a notícia iria acabar com nossa viagem a Montauk, e isso eu não queria.

— Tentei manter você tão perto de mim quanto pude — falou minha mãe. — Eles me disseram que isso era um erro. Mas só havia uma outra opção, Percy... o

lugar para onde seu pai queria mandá-lo. E eu simplesmente... simplesmente não poderia aguentar ter de fazer isso.

— Meu pai queria que eu fosse para uma escola especial?

— Não uma escola — disse ela suavemente. — Um acampamento de verão.

Minha cabeça estava girando. Por que meu pai — que nem sequer ficara por perto tempo suficiente para me ver nascer — teria falado com minha mãe sobre um acampamento de verão? E, se isso era tão importante, por que ela nunca mencionara antes?

— Desculpe, Percy — continuou ela ao ver a expressão em meus olhos. — Mas não posso falar sobre isso. Eu... eu não podia mandar você para aquele lugar. Significaria dizer adeus a você para sempre.

— Para sempre? Mas se é apenas um acampamento de verão...

Ela se voltou para o fogo, e eu percebi pela sua expressão que, se fizesse mais perguntas, ela começaria a chorar.

Naquela noite eu tive um sonho muito real.

Havia uma tempestade na praia, e dois belos animais, um cavalo branco e uma águia dourada, estavam tentando matar um ao outro à beiramar. A águia mergulhou e fez um talho no focinho do cavalo com suas garras enormes. O cavalo empinou e escoiceou as asas da águia. Enquanto eles lutavam, o chão retumbou e uma voz monstruosa riu em algum lugar embaixo da terra, incitando os animais a lutarem mais arduamente.

Corri até eles, sabendo que tinha de impedir que se matassem, mas eu corria em câmera lenta. Sabia que iria chegar tarde demais. Vi a águia mergulhar, o bico apontado para os grandes olhos do cavalo, e gritei: *Não!*

Acordei assustado.

Do lado de fora, havia realmente uma tempestade, o tipo de tempestade que racha árvores e derruba casas. Não havia nenhum cavalo nem águia na praia, somente relâmpagos que criavam uma falsa luz do dia e ondas de seis metros golpeando as dunas como artilharia.

Com o trovão seguinte, minha mãe acordou. Ela sentou na cama, os olhos arregalados, e disse:

— Furacão.

Eu sabia que aquilo era loucura. Nunca houve furacões em Long Island tão cedo no verão. Mas o oceano parecia ter esquecido isso. Por cima dos rugidos do vento, ouvi um bramido distante, um som furioso, torturado, que fez meus cabelos se arrepiarem.

Depois um ruído muito mais próximo, como de malhos na areia. Uma voz desesperada — alguém gritando, esmurrando a porta do nosso chalé.

Minha mãe pulou da cama de camisola e abriu a porta de um safanão.

Grover estava lá, emoldurado no vão da porta contra um fundo de chuva torrencial. Mas ele não era... ele não era exatamente o Grover.

— Procurei a noite toda — arquejou ele. — O que você estava pensando?

Minha mãe olhou para mim aterrorizada — não com medo de Grover, mas da razão de sua chegada.

— Percy — disse ela, gritando para se fazer ouvir mais alto que a chuva. — O que aconteceu na escola? O que você não me contou?

Fiquei paralisado olhando para Grover. Não conseguia entender o que estava vendo.

— *O Zeu kai alloi theoi!* — gritou ele. — Está bem atrás de mim! Você não *contou* a ela?

Eu estava chocado demais para registrar que ele acabara de praguejar em grego antigo, e eu tinha entendido perfeitamente. Estava chocado demais para me perguntar como Grover chegara ali sozinho no meio da noite. Porque Grover não estava usando calças — e onde deveriam estar as pernas dele... Onde deveriam estar as pernas dele...

Minha mãe olhou para mim com expressão severa e falou em um tom que jamais usara antes:

— *Percy*. Conte-me *agora*!

Eu gaguejei algo sobre velhas senhoras na banca de frutas e a sra. Dodds, e minha mãe ficou olhando para mim, o rosto mortalmente pálido aos clarões dos relâmpagos.

Ela agarrou sua bolsa, jogou para mim a minha capa de chuva e disse:

— Vão para o carro. Vocês dois. *Vão*!

Grover correu para o Camaro — mas ele não estava exatamente correndo. Estava trotando, sacudindo seu traseiro peludo, e de repente sua história sobre um distúrbio muscular nas pernas fez sentido para mim. Entendi como ele podia correr tão depressa e ainda assim mancar quando andava.

Porque onde deveriam estar seus pés não havia pés. Havia cascos fendidos.

# QUATRO

Minha mãe me ensina a tourear

Arrancamos noite adentro por estradas rurais escuras. O vento golpeava o Camaro. A chuva açoitava o para-brisa. Eu não sabia como minha mãe conseguia ver alguma coisa, mas ela mantinha o pé no acelerador.

Toda vez que um relâmpago produzia um clarão, eu olhava para Grover sentado ao meu lado no banco de trás e me perguntava se tinha ficado louco ou se ele estava usando algum tipo de calça felpuda. Mas não, o cheiro era o mesmo que eu lembrava das excursões do jardim de infância para o zoológico infantil — lanolina, como o de lã. O cheiro de um animal molhado de estábulo.

Tudo o que pude dizer foi:

— Então, você e minha mãe... se conhecem?

Os olhos de Grover moveram-se rapidamente para o espelho retrovisor, embora não houvesse carro nenhum atrás de nós.

— Não exatamente — disse ele. — Quer dizer, nunca nos encontramos pessoalmente. Mas ela sabia que eu estava observando você.

— Observando a mim?

— Estava de olho em você. Cuidando que estivesse bem. Mas eu não estava fingindo ser seu amigo — acrescentou apressadamente. — Eu *sou* seu amigo.

— Ahn... o que *é* você, exatamente?

— Isso não importa neste momento.

— Não importa? Da cintura para baixo, o meu melhor amigo é um burro...

Grover soltou um agudo e gutural:

— *Bééééé!*

Eu já o tinha ouvido fazer aquele som antes, mas sempre achei que era um riso nervoso. Agora me dava conta de que era mais um berro irritado.

— Bode! — exclamou.

— O quê?

— Eu sou um *bode* da cintura para baixo.

— Você acaba de dizer que isso não importa.

— *Bééééé!* Alguns sátiros poderiam pisoteá-lo por causa de tamanho insulto!

— Opa. Espere. Sátiros. Você quer dizer como... os mitos do sr. Brunner?

— Aquelas velhas na banca de frutas eram um *mito*, Percy? A sra. Dodds era um mito?

— Então você *admite* que havia uma sra. Dodds!

— É claro.

— Então por que...

— Quanto menos você soubesse, menos monstros atrairia — disse Grover, como se aquilo fosse perfeitamente óbvio. — Nós pusemos a Névoa diante dos olhos humanos. Tínhamos esperança de que você achasse que a Benevolente era uma alucinação. Mas não adiantou. Você começou a perceber quem você é.

— Quem eu... espere um minuto, o que você quer dizer?

O estranho rugido ergueu-se novamente em algum lugar atrás de nós, mais perto do que antes. O que quer que estivesse nos perseguindo ainda estava na nossa cola.

— Percy — disse minha mãe —, há muito a explicar e não temos tempo suficiente. Precisamos pôr você em segurança.

— Em segurança como? Quem está atrás de mim?

— Ah, nada demais — disse Grover, obviamente ainda ofendido com o comentário sobre o burro. — Apenas o Senhor dos Mortos e alguns dos seus asseclas mais sedentos de sangue.

— Grover!

— Desculpe, sra. Jackson. Poderia dirigir mais depressa, por favor?

Tentei envolver minha mente no que estava acontecendo, mas não consegui. Sabia que aquilo não era um sonho. Eu não tinha imaginação. Jamais poderia sonhar algo tão estranho.

Minha mãe fez uma curva fechada para a esquerda. Desviamos para uma estrada mais estreita, passando com velocidade por casas de fazenda às escuras, colinas cobertas de árvores e placas que diziam “COLHA SEUS PRÓPRIOS MORANGOS” sobre cercas brancas.

— Aonde estamos indo? — perguntei.

— Para o acampamento de verão de que falei. — A voz de minha mãe estava tensa; por mim, ela estava tentando não parecer assustada. — O lugar para onde seu pai queria mandá-lo.

— O lugar para onde você não queria que eu fosse.

— Por favor, querido — implorou ela. — Isso já é bem difícil. Tente entender. Você está em perigo.

— Porque umas velhas senhoras cortaram um fio de lã.

— Aquilo não eram velhas senhoras — disse Grover. — Eram as Parcas. Você

sabe o que isso significa... o fato de elas aparecerem na sua frente? Elas só fazem isso quando você está prestes a... quando alguém está prestes a morrer.

— Epa! Você disse “você”.

— Não, eu não disse. Eu disse “alguém”.

— Você quis dizer “você”. Ou seja, *eu*.

— Eu quis dizer *você* como quem diz “alguém”. Não você, Percy, mas *você*, qualquer um.

— Meninos! — disse minha mãe.

Ela puxou o volante com força para a direita e eu tive um vislumbre de um vulto do qual ela se desviara — uma forma escura e ondulada, agora perdida na tempestade atrás de nós.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— Estamos quase lá — disse minha mãe ignorando a pergunta. — Mais um quilômetro e meio. Por favor. Por favor. Por favor.

Eu não sabia onde era *lá*, porém me vi inclinando-me para a frente na expectativa, querendo que chegássemos logo.

Do lado de fora, nada além de chuva e escuridão — o tipo de campos vazios que a gente vê quando vai para o extremo de Long Island. Pensei na sra. Dodds e no momento em que ela se transformou naquela coisa com dentes pontiagudos e asas de couro. Meus membros ficaram amortecidos de choque retardado. Ela realmente *não era* humana. E pretendia me matar.

Então pensei no sr. Brunner... e na espada que ele jogara para mim. Antes que eu pudesse perguntar a Grover sobre aquilo, os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Houve um clarão ofuscante, um *Bum!* de fazer bater o queixo, e o carro explodiu.

Lembro-me de ter me sentido sem peso, como se estivesse sendo esmagado, frito e lavado com uma mangueira, tudo ao mesmo tempo.

Descolei minha testa do encosto do assento do motorista e disse:

— Ai.

— Percy! — gritou minha mãe.

— Estou bem...

Tentei sair do estupor. Eu não estava morto. O carro não explodira de verdade. Tínhamos caído em uma vala. As portas do lado do motorista estavam enfiadas na lama. O teto se abrira como uma casca de ovo e a chuva se derramava para dentro.

Relâmpago. Era a única explicação. Tínhamos voado pelos ares, para fora da estrada. Ao meu lado no assento traseiro havia uma grande massa informe e imóvel.

— Grover!

Ele estava caído de lado, com sangue escorrendo do canto da boca. Sacudi seu quadril peludo, pensando: Não! Mesmo que você seja metade animal de quintal, ainda é meu melhor amigo, e não quero que morra!

Então ele gemeu:

— Comida — e eu soube que havia esperança.

— Percy — disse minha mãe —, temos de... — Ela titubeou.

Olhei para trás. Num clarão de relâmpago, através do para-brisa traseiro salpicado de lama, vi um vulto andando pesadamente na nossa direção no acostamento da estrada. Aquela visão fez minha pele formigar. Era a silhueta escura de um sujeito enorme, como um jogador de futebol americano. Parecia estar segurando uma manta por cima da cabeça. A metade superior dele era volumosa e indistinta. As mãos erguidas davam a impressão de que ele tinha chifres.

Engoli em seco.

— Quem é...

— Percy — disse minha mãe, extremamente séria. — Saia do carro.

Ela se jogou contra a porta do lado do motorista. Estava emperrada na lama. Tentei a minha. Emperrada também. Desesperado, ergui os olhos para o buraco no teto. Poderia ser uma saída, mas as bordas estavam chiando e fumegando.

— Saia pelo lado do passageiro! — disse minha mãe. — Percy, você tem de correr. Está vendo aquela árvore grande?

— *O quê?*

Outro clarão de relâmpago e pelo buraco fumegante no teto eu vi a árvore a que ela se referia: um enorme pinheiro, do tamanho de uma árvore de Natal da Casa Branca, no topo da colina mais próxima.

— Aquele é o limite da propriedade — disse minha mãe. — Passe daquela colina e verá uma grande casa de fazenda no fundo do vale. Corra e não olhe para trás. Grite por ajuda. Não pare enquanto não chegar à porta.

— Mamãe, você também vem.

O rosto dela estava pálido, os olhos tristes como quando ela olhava para o oceano.

— Não! — gritei. — Você *vem* comigo. Ajude-me a carregar o Grover.

— Comida! — gemeu Grover, um pouco mais alto.

O homem com a manta na cabeça continuou indo em nossa direção, grunhindo e bufando. Quando ele chegou mais perto, percebi que *não podia* estar segurando uma manta acima da cabeça porque as mãos — enormes e carnudas — balançavam ao seu lado. Não havia manta nenhuma. O que queria dizer que a massa volumosa e indistinta que era grande demais para ser sua cabeça... era sua cabeça. E as pontas que pareciam chifres...

— Ele não *nos* quer — disse minha mãe. — Ele quer você. Além disso, não posso ultrapassar o limite da propriedade.

— Mas...

— Não temos tempo, Percy. Vá. Por favor.

Então fiquei zangado — zangado com a minha mãe, com Grover, o bode, com a coisa chifruda que se movia pesadamente em nossa direção, de modo lento e calculado como... como um touro.

Passei por cima de Grover e empurrei a porta, que se abriu para a chuva.

— Nós vamos juntos. Venha, mãe.

— Eu já disse que...

— Mamãe! Eu não vou abandonar você. Ajude aqui com Grover.

Não esperei pela resposta dela. Eu me arrastei para fora do carro, puxando Grover comigo. Ele era surpreendentemente leve, mas eu não poderia tê-lo carregado para muito longe se minha mãe não tivesse ido me ajudar.

Juntos, pusemos os braços de Grover em nossos ombros e começamos a subir a colina aos tropeções, com o capim molhado na altura da cintura.

Ao olhar de relance para trás, tive minha primeira visão clara do monstro. Tinha, fácil, mais de dois metros, e os braços e pernas pareciam algo saído da capa da revista *Músculos* — bíceps e tríceps saltados e mais um monte de outros *ceps*, todos estufados como bolas de beisebol embaixo de uma pele cheia de veias. Ele não usava roupas, a não ser cuecas — branquíssimas, da marca Fruit of the Loom —, o que teria sido engraçado não fosse o fato de a parte superior de seu corpo ser tão assustadora. Pelos marrons e grossos começavam na altura do umbigo e iam ficando mais espessos à medida que chegavam aos ombros.

Seu pescoço era uma massa de músculos e pelos que levavam à enorme cabeça, que tinha um focinho tão comprido quanto meu braço, narinas ranhentas com um reluzente anel de bronze, olhos pretos cruéis e chifres — enormes chifres preto e branco com pontas que você não conseguiria fazer nem num apontador elétrico.

Reconheci o monstro muito bem. Tinha sido uma das primeiras histórias que o sr. Brunner nos contara. Mas ele não podia ser real.

Pisquei os olhos para desviar a chuva.

— Aquele é...

— O filho de Pasífae — disse minha mãe. — Gostaria de ter sabido antes o quanto desejam matar você.

— Mas ele é o Min...

— Não pronuncie o nome — advertiu ela. — Os nomes têm poder.

O pinheiro ainda estava longe demais — pelo menos cem metros colina acima.

Dei outra olhada para trás.

O homem-touro se curvou por cima do nosso carro, olhando pelas janelas — ou não exatamente olhando. Era mais como farejar, fuçar. Eu não sabia muito bem por que ele se dava a esse trabalho, já que estávamos a apenas quinze metros de distância.

— Comida? — gemeu Grover.

— Shhh — fiz eu. — Mamãe, o que ele está fazendo? Não está nos vendo?

— Sua visão e sua audição são péssimas — disse ela. — Ele se orienta pelo cheiro. Mas vai perceber onde estamos logo, logo.

Como que na deixa, o homem-touro bramiu de raiva. Ele agarrou o Camaro de Gabe pela capota rasgada, o chassis rangia e gemia. Ergueu o carro acima da cabeça e atirou-o na estrada. Aquilo se chocou contra o asfalto molhado e deslizou em meio a um chuveiro de fagulhas por cerca de quinhentos metros antes de parar. O tanque de gasolina explodiu.

*Nem um arranhão*, lembrei-me de Gabe dizendo.

Oops.

— Percy — disse minha mãe. — Quando ele nos vir, vai atacar. Espere até o último segundo, depois saia do caminho. Ele não consegue mudar de direção muito bem quando já está atacando. Você entendeu?

— Como você sabe tudo isso?

— Estou preocupada com um ataque há muito tempo. Devia ter esperado por isso. Fui egoísta, mantendo você perto de mim.

— Mantendo-me perto de você? Mas...

Outro bramido de raiva e o homem-touro começou a subir pesadamente a colina.

Tinha nos farejado.

O pinheiro estava a apenas mais alguns metros, mas a colina era cada vez mais íngreme e escorregadia, e Grover ficava mais pesado.

O homem-touro se aproximava. Mais alguns segundos e estaria em cima de nós.

Minha mãe devia estar exausta, mas carregou Grover.

— Vá, Percy! Vá sozinho! Lembre-se do que eu disse.

Eu não queria me separar, mas tive a sensação de que ela estava certa — era nossa única chance. Pulei para a esquerda, virei-me e vi a criatura avançando em minha direção. Os olhos pretos brilhavam de ódio. Fedia a carne podre.

Ele inclinou a cabeça e atacou, aqueles chifres afiados como navalhas apontados diretamente para o meu peito.

O medo no meu estômago me deu vontade de disparar, mas isso não daria certo. Eu jamais poderia correr mais que aquela coisa. Então fiquei parado e, no

último momento, saltei para o lado.

O homem-touro passou por mim a toda como um trem de carga, depois bramiu de frustração e se virou, mas dessa vez não contra mim, mas contra minha mãe, que estava acomodando Grover sobre a grama.

Tínhamos chegado ao topo da colina. Embaixo, do outro lado, pude ver um vale, bem como minha mãe dissera, e as luzes de uma casa de fazenda tremeluzindo amarelas através da chuva. Mas estava a oitocentos metros de distância. Nunca conseguiríamos chegar lá.

O homem-touro roncou, escarvando o chão. Ficou olhando para minha mãe, que recuava lentamente colina abaixo, de volta para a estrada, tentando afastar o monstro de Grover.

— Corra, Percy! — disse ela. — Não posso passar daqui. Corra!

Mas fiquei lá parado, paralisado de medo, enquanto o monstro a atacava. Ela tentou sair de lado, como me dissera para fazer, mas o monstro tinha aprendido a lição. Jogou a mão para a frente e agarrou-lhe o pescoço quando ela tentou escapar. Ele a ergueu enquanto ela lutava, chutando e dando murros no ar.

— Mamãe!

Então, com um rugido furioso, o monstro fechou os punhos em volta do pescoço da minha mãe e ela se dissolveu diante dos meus olhos, fundindo-se em luz, uma forma dourada tremeluzente, como uma projeção holográfica. Um clarão ofuscante, e ela simplesmente... se foi.

— Não!

A raiva substituiu o medo. Uma nova força ardeu em meus membros — a mesma onda de energia que me veio quando a sra. Dodds mostrou as garras.

O homem-touro foi na direção de Grover, que estava deitado na grama, indefeso. O monstro se curvou, fungando meu melhor amigo como se estivesse prestes a erguê-lo dali e fazê-lo se dissolver também.

Eu não podia permitir aquilo.

Tirei minha capa de chuva vermelha.

— Ei! — gritei, agitando a capa e correndo para um lado do monstro. — Ei, estúpido! Monte de carne moída!

— Raaaarrrrr! — O monstro virou-se para mim sacudindo seus punhos carnudos.

Eu tive uma ideia — uma ideia boba, porém melhor do que não pensar em nada. Encostei as costas no grande pinheiro e agitei a capa vermelha na frente do homem-touro, pensando em pular fora do caminho no último momento.

Mas não foi assim que aconteceu.

O homem-touro atacou depressa demais, os braços estendidos para me agarrar qualquer que fosse o lado para onde eu tentasse me esquivar.

O tempo começou a passar mais devagar.

Minhas pernas travaram. Eu não podia pular para o lado, assim saltei direto para cima, usando a cabeça da criatura como trampolim, girei o corpo no ar e caí sobre seu pescoço.

Como eu fiz aquilo? Não tive tempo para descobrir. Um milissegundo depois a cabeça do monstro chocou-se contra a árvore e o impacto quase fez meus dentes saltarem da boca.

O homem-touro cambaleou de um lado para outro tentando se livrar de mim. Segurei com força em seus chifres para não ser arremessado. Os trovões e os relâmpagos ficavam mais fortes. A chuva caía em meus olhos. O cheiro de carne podre queimava minhas narinas.

O monstro se sacudia e corcoveava como um touro de rodeio. Poderia simplesmente ter chegado para trás e me esmagado completamente na árvore, mas eu começava a perceber que aquela coisa só tinha uma direção: para a frente.

Enquanto isso, Grover começou a gemer na grama. Quis gritar para ele ficar calado, mas do jeito que estava sendo jogado de um lado para o outro, se abrisse a boca deceparia minha própria língua com uma mordida.

— Comida! — gemeu Grover.

O homem-touro virou-se para ele, escarvou o chão novamente e se preparou para atacar. Pensei em como ele havia espremido a vida para fora de minha mãe, como a fizera desaparecer num clarão de luz, e a raiva me abasteceu como um combustível de alta potência. Agarrei um dos chifres com ambas as mãos e puxei para trás com toda a minha força. O monstro se retesou, soltou um grunhido de surpresa, e então... *pléc!*

O homem-touro berrou e me atirou pelos ares. Aterrissei de costas na grama. Minha cabeça bateu contra uma pedra. Quando me sentei, minha visão estava embaçada, mas eu tinha um chifre nas mãos, um osso partido do tamanho de uma faca.

O monstro atacou.

Sem pensar, rolei para o lado e me levantei de joelhos. Quando ele passou a toda a velocidade, enterrei o chifre quebrado bem na lateral de seu corpo, logo abaixo da caixa torácica peluda.

O homem-touro urrou em agonia. Debateu-se, rasgando o peito com suas garras, e depois começou e se desintegrar — não como minha mãe, em um clarão dourado, mas como areia se esfarelando, carregada pelo vento aos pedaços para longe, do mesmo modo como a sra. Dodds se desintegrara.

O monstro se fora.

A chuva tinha parado. A tempestade ainda rugia, mas somente a distância. Eu

cheirava a gado e meus joelhos tremiam. Minha cabeça parecia que ia se partir ao meio. Estava fraco, assustado e tremia de tristeza. Acabara de ver minha mãe se desvanecer. Queria me deitar e chorar, mas havia Grover, precisando de minha ajuda, portanto consegui erguê-lo e descer cambaleando para o vale em direção às luzes da casa. Eu estava chorando, chamando minha mãe, mas me agarrei a Grover — eu não ia deixá-lo partir.

Minha última lembrança é ter desmaiado numa varanda de madeira, olhando para um ventilador de teto que girava acima de mim, mariposas voando em volta de uma luz amarela, e as expressões austeras e familiares de um homem barbudo e uma menina bonita, com cabelos loiros encaracolados como os de uma princesa. Os dois olharam para mim e a menina disse: — É ele. Tem de ser.

— Silêncio, Annabeth — disse o homem. — Ele ainda está consciente. Traga-o para dentro.

# CINCO

Eu jogo pinochle com um cavalo

Tive sonhos estranhos, cheios de animais de estábulo. A maioria queria me matar. O restante queria comida.

Devo ter acordado várias vezes, mas o que ouvi e vi não fazia sentido, então adormecia de novo. Lembro-me de estar deitado em uma cama macia, sendo alimentado com colheradas de alguma coisa que tinha gosto de pipoca com manteiga, só que era pudim. A menina com o cabelo loiro encaracolado pairava acima de mim com um sorriso afetado enquanto limpava as gotas de meu queixo com a colher.

Quando ela viu meus olhos abertos, perguntou:

— O que vai acontecer no solstício de verão?

Eu consegui resmungar:

— O quê?

Ela olhou em volta, como se estivesse com medo de que alguém ouvisse.

— O que está acontecendo? O que foi roubado? Nós só temos algumas semanas!

— Desculpe — murmurei. — Eu não...

Alguém bateu à porta, e a menina rapidamente encheu minha boca de pudim.

Quando acordei novamente, a menina tinha ido embora.

Um sujeito loiro e forte, como um surfista, estava no canto do quarto me vigiando. Tinha olhos azuis — pelo menos uma dúzia deles — nas bochechas, na testa, nas costas das mãos.

Quando finalmente voltei a mim de vez, não havia nada de estranho com o lugar ao meu redor, a não ser que era mais agradável do que eu estava acostumado. Estava sentado numa espreguiçadeira em uma enorme varanda, olhando ao longo de uma campina para colinas verdejantes a distância. A brisa tinha cheiro de morangos. Havia uma manta sobre as minhas pernas, um travesseiro atrás do pescoço. Tudo isso era ótimo, mas minha boca me dava a sensação de ter sido

usada como ninho por um escorpião. A língua estava seca e pegajosa, e todos os dentes doíam. Sobre a mesa ao lado havia bebida num copo alto. Parecia suco de maçã gelado, com um canudinho verde e um guarda-chuva de papel enfiado em uma cereja.

Minha mão estava tão fraca que quase derrubei o copo quando passei os dedos em volta dele.

— Cuidado — disse uma voz familiar.

Grover estava apoiado no gradil da varanda, e parecia não dormir havia uma semana. Embaixo de um braço, segurava uma caixa de sapatos. Estava usando jeans, tênis Converse de cano alto e uma camiseta laranja-claro com os dizeres ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE. Apenas o velho Grover. Não o menino-bode.

Quem sabe não tive um pesadelo? Talvez minha mãe estivesse bem. Ainda estávamos de férias e tínhamos parado ali naquela grande casa por alguma razão. E...

— Você salvou minha vida — disse Grover. — Eu... bem, o mínimo que eu podia fazer... voltei na colina. Achei que você poderia querer isto.

Reverentemente, ele colocou a caixa de sapatos em meu colo.

Dentro havia um chifre de touro branco e preto, a base irregular por ter sido quebrada, a ponta salpicada de sangue seco. Não tinha sido um pesadelo.

— O Minotauro — disse eu.

— Ahn, Percy, não é uma boa ideia...

— É assim que o chamam nos mitos gregos, não é? — perguntei. — O Minotauro. Meio homem, meio touro.

Grover mudou de posição, pouco à vontade.

— Você ficou desacordado por dois dias. Do que se lembra?

— Minha mãe. Ela está mesmo...

Ele abaixou os olhos.

Olhei ao longo da campina. Havia pequenos bosques, um riacho sinuoso, campos de morangos espalhados embaixo do céu azul. O vale era cercado por colinas ondulantes, e a mais alta, bem na nossa frente, era a que tinha o grande pinheiro no topo. Mesmo isso parecia bonito à luz do sol.

Minha mãe se fora. O mundo inteiro deveria estar escuro e frio. Nada devia parecer bonito.

— Desculpe — fungou Grover. — Eu sou um fracasso. Eu... eu sou o pior sátiro do mundo.

Ele gemeu, batendo o pé com tanta força que ele saiu, quer dizer, o tênis Converse saiu. Dentro, estava recheado de isopor, a não ser por um buraco em forma de casco.

— Oh, Estige! — murmurou ele.

Um trovão ecoou no céu claro.

Enquanto ele lutava para pôr o casco de volta no falso pé, pensei: Bem, isso resolve as coisas.

Grover era um sátiro. Podia apostar que, se raspasse o cabelo castanho cacheado, encontraria pequenos chifres em sua cabeça. Mas eu me sentia infeliz demais para me importar com a existência de sátiros ou mesmo minotauros. O importante era que minha mãe realmente tinha sido espremida para o nada, dissolvida em luz amarela.

Eu estava sozinho. Um órfão. E teria de viver com... Gabe Cheiroso? Não. Isso jamais iria acontecer. Preferia viver nas ruas. Fingiria ter dezessete anos e me alistaria no exército. Faria alguma coisa.

Grover ainda estava fungando. O pobre garoto — pobre bode, ou sátiro, ou o que for — parecia estar esperando levar um murro.

— Não foi sua culpa — disse eu.

— Foi, sim. Eu devia *protegê-lo*.

— Minha mãe pediu para você me proteger?

— Não. Mas é isso que faço. Sou um guardião. Pelo menos... eu era.

— Mas por que...

De repente senti uma vertigem, minha visão rodando.

— Não se esforce demais — disse Grover. — Aqui.

Ele me ajudou a segurar o copo e eu levei o canudinho aos lábios.

Recuei com o gosto, porque estava esperando suco de maçã. Não tinha nada a ver com isso. Era gosto de biscoito com pedacinhos de chocolate. Biscoito líquido. E não qualquer biscoito — os biscoitos azuis da minha mãe com pedacinhos de chocolate, amanteigados e quentes, o chocolate ainda derretendo. Ao beber aquilo, meu corpo inteiro se sentiu bem, aquecido e cheio de energia. Minha tristeza não foi embora, mas era como se minha mãe tivesse acabado de acariciar minha bochecha e me dar um biscoito, como costumava fazer quando eu era pequeno, e tivesse dito que tudo ia ficar bem.

Antes de me dar conta, já tinha esvaziado o copo inteiro. Olhei para dentro dele e, com certeza, não era uma bebida quente, pois os cubos de gelo não tinham nem derretido.

— Estava bom? — perguntou Grover.

Fiz que sim com a cabeça.

— Que gosto tinha?

Ele pareceu tão suplicante que me senti culpado.

— Desculpe. Devia ter deixado você provar.

Os olhos dele se arregalaram.

— Não! Não foi isso que eu quis dizer. Eu só... fiquei curioso.

— Biscoitos com pedacinhos de chocolate — disse eu. — Os da minha mãe. Feitos em casa.

Ele suspirou.

— E como se sente?

— Como se fosse capaz de jogar Nancy Bobofit a cem metros de distância.

— Isso é bom — disse ele. — Isso é bom. Não acho que você deva se arriscar a tomar mais disso aí.

— O que quer dizer?

Ele pegou meu copo com cautela, como se fosse dinamite, e o colocou de volta na mesa.

— Vamos. Quíron e o sr. D estão esperando.

A varanda circundava toda a casa da fazenda.

Senti as pernas trêmulas tentando andar toda aquela distância. Grover se ofereceu para carregar o chifre do Minotauro, mas eu me agarrei a ele. Tinha pago um preço alto por aquele suvenir. Não iria largá-lo.

Quando demos a volta até o lado oposto da casa, parei para recuperar o fôlego.

Devíamos estar na costa norte de Long Island, porque daquele lado da casa o vale seguia até a água, que cintilava a cerca de um quilômetro de distância. Da casa até lá, eu simplesmente não consegui processar tudo o que estava vendo. A paisagem era pontilhada de construções que lembravam a arquitetura grega antiga — um pavilhão a céu aberto, um anfiteatro, uma arena circular —, só que pareciam novos em folha, as colunas de mármore branco reluzindo ao sol. Em uma quadra de areia próxima, uma dúzia de crianças e sátiros em idade escolar jogavam voleibol. Canoas deslizavam por um pequeno lago. Crianças de camiseta laranja-claro como a de Grover corriam umas atrás das outras em volta de um agrupamento de chalés no meio do bosque. Algumas praticavam arco e flecha em alvos. Outras montavam cavalos em uma trilha arborizada e, a não ser que eu estivesse tendo alucinações, alguns cavalos tinham asas.

Na extremidade da varanda, dois homens estavam sentados frente a frente em uma mesa de carteado. A menina de cabelos loiros que me alimentara com colheradas de pudim com sabor de pipoca estava apoiada no gradil da varanda, ao lado deles.

O homem de frente para mim era pequeno, mas gorducho. Tinha nariz vermelho, grandes olhos chorosos e cabelo cacheado tão preto que era quase roxo. Parecia uma daquelas pinturas de anjos-bebês, como se chamam mesmo... surubins? Não, querubins. É isso. Ele parecia um querubim que chegou à meia-idade em um acampamento de trailers. Usava uma camisa havaiana com estampa

de tigre, e teria se encaixado perfeitamente em uma das rodas de pôquer de Gabe, só que eu tive a sensação de que esse cara poderia ter ganhado até do meu padrasto.

— Aquele é o sr. D — murmurou Grover para mim. — Ele é o diretor do acampamento. Seja educado. A menina é Annabeth Chase. Ela é só uma campista, mas está aqui há mais tempo que quase todo mundo. E você já conhece Quíron...

Ele apontou para o cara que estava de costas para mim.

Primeiro, percebi que ele estava sentado em uma cadeira de rodas. Depois reconheci o casaco de *tweed*, o cabelo castanho ralo, a barba desalinhada.

— Sr. Brunner! — exclamei.

O professor de latim voltou-se e sorriu para mim. Os olhos estavam com aquele brilho travesso de quando ele fazia uma prova-surpresa e todas as respostas da múltipla escolha eram *B*.

— Ah, bom, Percy — disse ele. — Agora já temos quatro para o *pinochle*.

Ele me ofereceu uma cadeira à direita do sr. D, que olhou para mim com olhos injetados e soltou um grande suspiro.

— Ah, suponho que devo dizer isto. Bem-vindo ao Acampamento Meio-Sangue. Pronto. Agora, não espere que eu esteja contente em vê-lo.

— Ahn, obrigado. — Logo me afastei um pouco dele, porque, se havia uma coisa que eu tinha aprendido convivendo com Gabe, era reconhecer quando um adulto andou tomando umas e outras. Se o sr. D era um abstêmio, eu era um sátiro.

— Annabeth? — o sr. Brunner chamou a menina loira.

Ela avançou e o sr. Brunner nos apresentou.

— Esta mocinha cuidou de você até que ficasse bom, Percy. Annabeth, minha querida, por que não vai verificar o beliche de Percy? Vamos instalá-lo no chalé 11 por enquanto.

Annabeth disse:

— Claro, Quíron.

Ela provavelmente tinha a minha idade, talvez fosse uns cinco centímetros mais alta, e tinha a aparência muitíssimo mais atlética. Com seu bronzeado intenso e o cabelo loiro cacheado, era quase exatamente como eu imaginava uma típica menina da Califórnia, a não ser pelos olhos, que arruinavam essa imagem. Eram surpreendentemente cinzentos, como nuvens de tempestade; bonitos, mas também intimidadores, como se ela estivesse analisando o melhor modo de me derrubar em uma luta.

Ela deu uma olhada para o chifre de minotauro em minhas mãos, então de novo para mim. Imaginei que fosse dizer: *Você matou um minotauro!* ou *Uau*,

*você é tão assustador!* ou algo do tipo. Em vez disso, ela disse: — Você baba quando está dormindo.

Depois saiu correndo pelo gramado, os cabelos loiros esvoaçando atrás dela.

— Então — disse, ansioso por mudar de assunto —, o senhor, ahn, trabalha aqui, sr. Brunner?

— Sr. Brunner não — disse o ex-sr. Brunner. — Lamento, era um pseudônimo. Você pode me chamar de Quíron.

— Combinado. — Totalmente confuso, olhei para o diretor. — E sr. D... significa alguma coisa?

O sr. D parou de embaralhar as cartas. Olhou para mim como se eu tivesse acabado de arrotar alto.

— Rapazinho, os nomes são coisas poderosas. Você simplesmente não sai por aí os usando sem motivo.

— Ah. Certo. Desculpe.

— Devo dizer, Percy — interrompeu Quíron-Brunner —, que estou contente em vê-lo com vida. Já faz um bom tempo desde que fiz um atendimento domiciliar a um campista em potencial. Detestaria pensar que tinha perdido meu tempo.

— Atendimento domiciliar?

— O ano que passei na Academia Yancy para instruí-lo. Temos sátiros de prontidão na maioria das escolas, é claro. Mas Grover me alertou assim que o conheceu. Ele sentiu que você era especial, então decidi ir lá. Convenci o outro professor de latim a... ahn, tirar uma licença.

Tentei me lembrar do começo do ano escolar. Parecia tanto tempo atrás, mas eu tinha uma vaga lembrança de outro professor de latim na minha primeira semana em Yancy. Então, sem explicação, ele desapareceu e o sr. Brunner assumiu a turma.

— Você foi a Yancy só para me ensinar? — perguntei.

Quíron assentiu.

— Honestamente, de início eu não tinha muita certeza a seu respeito. Contatamos sua mãe, informamos que estávamos de olho em você, para o caso de estar pronto para o Acampamento Meio-Sangue. Mas você ainda tinha muito a aprender. Não obstante, chegou aqui vivo, e esse é sempre o primeiro teste.

— Grover — disse o sr. D com impaciência —, vai jogar ou não?

— Sim, senhor! — Grover tremeu quando se sentou na quarta cadeira, embora eu não soubesse por que ele deveria ter tanto medo de um homenzinho gorducho de camisa havaiana com estampa de tigre.

— Você *sabe* jogar *pinochle*? — indagou o sr. D olhando para mim com desconfiança.

— Infelizmente não — disse eu.

— Infelizmente não, *senhor.* — disse ele.

— Senhor — repeti. Estava gostando cada vez menos do diretor do acampamento.

— Bem — ele me disse —, este é, juntamente com as lutas de gladiadores e o Pac-Man, um dos melhores jogos já inventados pelos seres humanos. Imaginava que todos os jovens *civilizados* conhecessem as regras.

— Estou certo de que o menino pode aprender — disse Quíron.

— Por favor — disse eu —, o que é este lugar? O que estou fazendo aqui? Sr. Brun... Quíron, por que iria à Academia Yancy só para me ensinar?

O sr. D bufou.

— Fiz a mesma pergunta.

O diretor do acampamento deu as cartas. Grover se encolhia a cada vez que uma caía na sua pilha.

Quíron sorriu para mim de um modo compreensivo, como costumava fazer na aula de latim, como para me dizer que qualquer que fosse minha nota, *eu* era seu aluno mais importante. Ele esperava que *eu* tivesse a resposta certa.

— Percy — disse ele —, sua mãe não lhe contou nada?

— Ela disse... — Lembrei-me dos seus olhos tristes, olhando para o mar. — Ela me contou que tinha medo de me mandar para cá, embora meu pai quisesse que ela fizesse isso. Disse que, uma vez aqui, provavelmente não poderia sair. Queria me manter perto dela.

— Típico — disse o sr. D. — É assim que eles normalmente são mortos. Rapazinho, você vai fazer um lance ou não vai?

— O quê? — perguntei.

Ele explicou, impacientemente, como se faz um lance em *pinochle*, e eu fiz.

— Lamento, mas há coisas demais a contar — disse Quíron. — Receio que nosso filme de orientação não seja suficiente.

— Filme de orientação? — perguntei.

— Não — concluiu Quíron. — Bem, Percy. Você sabe que seu amigo Grover é um sátiro. Você sabe — ele apontou para o chifre na caixa de sapatos — que você matou o Minotauro. E não é um pequeno feito, rapaz. O que você pode não saber é que grandes forças estão em ação na sua vida. Os deuses, as forças que você chama de deuses gregos, estão muito vivos.

Olhei para os outros em volta da mesa.

Aguardei que alguém gritasse, *Não!* Mas tudo o que ouvi foi o sr. D gritando: — Oh, um casamento real. Truco! Truco! — Ele gargalhou enquanto contava os pontos.

— Sr. D — perguntou Grover timidamente —, se não for comê-la, posso ficar

com sua lata de Diet Coke?

— Hein? Ah, está bem.

Grover mordeu um grande pedaço da lata de alumínio vazia e mastigou tristemente.

— Espere — eu disse a Quíron —, está me dizendo que existe algo como Deus.

— Bem, vamos lá — disse Quíron. — Deus, com *D* maiúsculo: Deus. Isso é outro assunto. Não vamos lidar com o metafísico.

— Metafísico? Mas você estava falando sobre...

— Ah, deuses, no plural, grandes seres que controlam as forças da natureza e os empreendimentos humanos: os deuses imortais do Olimpo. Essa é uma questão menor.

— Menor?

— Sim, muito. Os deuses que discutimos na aula de latim.

— Zeus — disse eu. — Hera. Apolo. Você quer dizer, esses.

E, de novo, uma trovoada distante em um dia sem nuvens.

— Rapazinho — disse o sr. D —, se eu fosse você, seria menos negligente quanto a ficar soltando esses nomes por aí.

— Mas são histórias — disse eu. — São... mitos, para explicar os relâmpagos, as estações e tudo o mais. Era nisso que as pessoas acreditavam antes de surgir a ciência.

— Ciência! — zombou o sr. D. — E diga-me, Perseu Jackson — eu me encolhi quando ele disse meu nome verdadeiro, que nunca contara a ninguém —, o que as pessoas pensarão da sua "ciência" daqui a milhares de anos? Humm? Irão chamá-la de baboseiras primitivas. É isso o que irão pensar. Ah, eu adoro os mortais... eles não têm a menor noção de perspectiva. Acham que já chegaram *tããão* longe. E chegaram, Quíron? Olhe para esse menino e diga-me.

Eu não estava gostando muito do sr. D, mas havia algo no modo como ele me chamou de mortal, como se... se ele não fosse. Foi o bastante para me dar um nó na garganta, para sugerir por que Grover estava zelosamente atento às suas cartas, mascando sua lata de refrigerante e mantendo a boca fechada.

— Percy — disse Quíron —, você pode escolher entre acreditar ou não, mas o fato é que *imortal* significa imortal. Pode imaginar isso por um momento, não morrer nunca? Existir, assim como você é, para toda a eternidade?

Eu estava prestes a responder, assim sem pensar, que parecia um negócio muito bom, mas o tom de voz de Quíron me fez hesitar.

— Você quer dizer, quer as pessoas acreditem em você ou não — disse eu.

— Exatamente — concordou Quíron. — Se você fosse um deus, gostaria de ser chamado de mito, de uma velha história para explicar os relâmpagos? E se eu

contasse a você, Perseu Jackson, que um dia as pessoas vão chamar *você* de mito, criado apenas para explicar como menininhos podem sobreviver à perda de suas mães?

Meu coração disparou. Ele estava tentando me deixar zangado por alguma razão, mas eu não ia permitir que o fizesse. Eu disse: — Eu não gostaria disso. Mas não acredito em deuses.

— Oh, é melhor mesmo — murmurou o sr. D. — Antes que um deles o incinere.

Grover disse:

— P-por favor, senhor. Ele acaba de perder a mãe. Está em estado de choque.

— Uma sorte, também — resmungou o sr. D, jogando uma carta. — Ruim mesmo é estar confinado a esse trabalho deprimente, com meninos que nem mesmo têm fé!

Ele acenou e uma taça apareceu sobre a mesa, como se a luz do sol tivesse momentaneamente se encurvado e transformado o ar em vidro. A taça se encheu de vinho tinto.

Meu queixo caiu, mas Quíron mal ergueu os olhos.

— *Senhor* D — advertiu —, as suas restrições.

O sr. D olhou para o vinho e fingiu surpresa.

— Ora vejam. — Ele olhou para o céu e gritou: — Velhos hábitos! Desculpe!

Mais trovões.

O sr. D acenou outra vez e a taça de vinho se transformou em uma nova lata de Diet Coke. Ele suspirou, infeliz, abriu a lata e voltou ao seu jogo de cartas.

Quíron piscou para mim.

— O sr. D irritou o pai dele tempos atrás, sentiu-se atraído por uma ninfa dos bosques que tinha sido declarada inacessível.

— Uma ninfa dos bosques — repeti, ainda olhando para a Diet Coke como se tivesse vindo do cosmos.

— Sim — confessou o sr. D. — O pai adora me castigar. Na primeira vez, Proibição. Horrível! Dez anos absolutamente terríveis! Na segunda vez... bem, ela era mesmo linda, não consegui ficar longe... na segunda vez, ele me mandou para cá. Colina Meio-Sangue. Acampamento de verão para moleques como você. “Seja uma influência melhor”, ele me disse. “Trabalhe com os jovens em vez de arrasar com eles.” Ah! Que injustiça.

O sr. D parecia ter seis anos de idade, como uma criancinha fazendo pirraça.

— E... — gaguejei — o seu pai é...

— *Di immortales*, Quíron — disse o sr. D. — Pensei que você tinha ensinado o básico a este menino. Meu pai é Zeus, é claro.

Repassei os nomes começados em D da mitologia grega. Vinho. A pele de um

tigre. Os sátiros que pareciam estar todos trabalhando aqui. O modo como Grover se encolhia de medo, como se o sr. D fosse seu senhor.

— Você é Dioniso — disse eu. — O deus do vinho.

O sr. D revirou os olhos.

— Como eles dizem hoje em dia, Grover? As crianças dizem, “fala sério”?

— S-sim, sr. D.

— Então, fala sério, Percy Jackson. Achou o quê; que eu fosse Afrodite?

— Você é um deus.

— Sim, criança.

— Um deus. Você.

Ele se virou para olhar diretamente para mim, e vi uma espécie de fogo arroxeado nos seus olhos, um indício de que aquele homenzinho reclamão e gorducho só estava me mostrando uma minúscula parte da sua verdadeira natureza. Tive visões de vinhas estrangulando descrentes até a morte, guerreiros bêbados insanos com o entusiasmo da batalha, marinheiros gritando enquanto suas mãos se transformavam em nadadeiras, os rostos se alongando em focinhos de golfinho. Eu sabia que, se o pressionasse, o sr. D iria me mostrar coisas piores. Iria plantar uma doença no meu cérebro que me levaria a usar camisa de força pelo resto da vida.

— Gostaria de me testar, criança? — disse em voz baixa.

— Não. Não, senhor.

O fogo diminuiu um pouco. Ele voltou ao jogo de cartas.

— Acho que ganhei.

— Não exatamente, sr. D — disse Quíron. Ele baixou uma sequência, contou os pontos e disse: — O jogo é meu.

Achei que o sr. D fosse transformar Quíron em pó em sua cadeira de rodas, mas ele apenas suspirou pelo nariz, como se estivesse acostumado a ser batido pelo professor de latim. Pôs-se de pé, e Grover levantou-se também.

— Estou cansado — disse o sr. D. — Acho que vou tirar uma soneca antes da cantoria desta noite. Mas primeiro, Grover, precisamos conversar *de novo* sobre seu desempenho para lá de imperfeito nessa missão.

O rosto de Grover cobriu-se de gotículas de suor.

— S-sim, senhor.

O sr. D voltou-se para mim.

— Chalé 11, Percy Jackson. E cuidado com seus modos.

Ele se afastou para dentro da casa, com Grover o seguindo arrasado.

— Grover vai ficar bem? — perguntei a Quíron.

Quíron assentiu, embora parecesse um pouco perturbado.

— O velho Dioniso não está realmente zangado. Ele apenas detesta seu

trabalho. Ele foi... ahn, confinado à Terra, pode-se dizer, e não pode aguentar ter de esperar mais um século antes de ser autorizado a voltar ao Olimpo.

— O Monte Olimpo — disse eu. — Você está me dizendo que realmente existe um palácio ali?

— Bem, agora há o Monte Olimpo na Grécia. E há o lar dos deuses, o ponto de convergência dos seus poderes, que de fato costumava ser no Monte Olimpo. Ainda é chamado de Monte Olimpo, por respeito às tradições, mas o palácio muda de lugar, Percy, assim como os deuses.

— Você quer dizer que os deuses gregos estão aqui? Tipo... nos *Estados Unidos*?

— Bem, certamente. Os deuses mudam com o coração do Ocidente.

— O quê?

— Vamos, Percy. O que vocês chamam de "civilização ocidental". Você acha que é apenas um conceito abstrato? Não, é uma força viva. Uma consciência coletiva que ardeu brilhantemente por milhares de anos. Os deuses são parte dela. Você pode até dizer que eles são sua fonte ou, pelo menos, que estão ligados tão intimamente a ela que possivelmente não vão deixar de existir, a não ser que toda a civilização ocidental seja destruída. A chama começou na Grécia. Então, como você bem sabe... ou espero que saiba, já que foi aprovado no meu curso... o coração da chama se mudou para Roma, e assim fizeram os deuses. Ah, com nomes diferentes, talvez: Júpiter em vez de Zeus, Vênus em vez de Afrodite, e assim por diante; mas as mesmas forças, os mesmos deuses.

— E então eles morreram.

— Morreram? Não. O Ocidente morreu? Os deuses simplesmente se mudaram, para a Alemanha, para a França, para a Espanha, por algum tempo. Aonde quer que a chama brilhasse mais, lá estavam os deuses. Eles passaram vários séculos na Inglaterra. Tudo o que você precisa é olhar para a arquitetura. As pessoas não esquecem os deuses. Em todos os lugares onde reinaram, nos últimos três mil anos, você pode vê-los em pinturas, em estátuas, nos prédios mais importantes. E sim, Percy, é claro que agora eles estão nos seus Estados Unidos. Olhe para o símbolo do país, a águia de Zeus. Olhe para a estátua de Prometeu no Rockefeller Center, para as fachadas dos edifícios governamentais em Washington. Eu o desafio a encontrar qualquer cidade americana onde os olimpianos não estejam proeminentemente expostos em vários locais. Goste ou não — e acredite, uma porção de gente não gostava muito de Roma também —, os Estados Unidos são agora o coração da chama. São a grande potência do Ocidente. E, portanto, o Olimpo é aqui. E nós estamos aqui.

Aquilo tudo foi demais para mim, especialmente o fato de que *eu* parecia estar incluído no *nós* de Quíron, como se fizesse parte do mesmo clube.

— Quem é você, Quíron? Quem... quem sou eu?

Quíron sorriu. Ele mudou de posição, como se fosse levantar da cadeira de rodas, mas eu sabia que era impossível. Era paralítico da cintura para baixo.

— Quem é você? — ele ficou pensativo. — Bem, essa é a pergunta que todos queremos ver respondida, não é? Mas, por enquanto, temos de lhe arranjar um beliche no chalé 11. Ali haverá novos amigos para conhecer. E tempo à vontade para as aulas amanhã. Além disso, haverá guloseimas em volta da fogueira esta noite, e eu simplesmente adoro chocolate.

E então ele se levantou da cadeira de rodas. Mas havia algo de estranho no modo como fez isso. A manta caiu de cima das pernas, mas elas não se moveram. A cintura foi ficando mais longa, erguendo-se acima do cinto. De início, pensei que estivesse usando roupas de baixo muito compridas de veludo branco, mas à medida que ele foi se erguendo da cadeira, mais alto que qualquer homem, percebi que a roupa de baixo de veludo não era roupa de baixo; era a parte da frente de um animal, músculos e tendões sob um pelo branco e áspero. E a cadeira de rodas não era uma cadeira. Era algum tipo de recipiente, uma enorme caixa sobre rodas, e devia ser mágica, porque não havia como ela contê-lo inteiro. Uma perna saiu, comprida e com joelho saliente, com um grande casco polido. Depois outra perna dianteira, depois a parte traseira, e depois a caixa ficou vazia, nada além de uma casca de metal com um par de pernas humanas acoplado.

Olhei para o cavalo que acabara de pular da cadeira de rodas: um enorme corcel branco. Mas, onde devia estar seu pescoço, estava a parte de cima do corpo do meu professor de latim, suavemente enxertada no tronco do cavalo.

— Que alívio — disse o centauro. — Fiquei tanto tempo confinado lá dentro que minhas juntas adormeceram. Agora venha, Percy Jackson. Vamos conhecer os outros campistas.

# SEIS

Minha transformação em Senhor Supremo do Banheiro Depois que assimilei o fato de meu professor de latim ser um cavalo, fizemos um passeio agradável, embora tivesse tido o cuidado de não andar atrás dele. Havia participado algumas vezes das rondas com pazinhas para recolher cocô de cachorro na Parada do Dia de Ação de Graças da loja Macy's e, lamento dizer, não confiava na parte de trás de Quíron tanto quanto confiava na da frente.

Passamos pela quadra de vôlei. Diversos campistas se cutucaram. Um deles apontou para o chifre de minotauro que eu carregava. Um outro disse: — É *ele*.

A maioria dos campistas era mais velha que eu. Seus amigos sátiros eram maiores que Grover, todos trotando de um lado para outro de camisetas cor de laranja do ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE, sem nada para cobrir os traseiros peludos à mostra. Eu normalmente não era tímido, mas o modo como olhavam para mim me deixou pouco à vontade. Era como se esperassem que eu desse um salto mortal ou coisa assim.

Olhei para a casa da fazenda atrás de mim. Era muito maior do que eu pensara — quatro andares, azul-céu com acabamento em branco, como um hotel de veraneio de primeira classe à beiramar. Eu estava conferindo o cata-vento de latão em forma de águia no topo quando algo me chamou a atenção, uma sombra na janela mais alta do sótão. Alguma coisa havia mexido na cortina, só por um segundo, e tive a nítida impressão de que estava sendo observado.

— O que há lá em cima? — perguntei a Quíron.

Ele olhou para onde eu estava apontando e seu sorriso desapareceu: — Apenas o sótão.

— Mora alguém lá?

— Não — disse em tom definitivo. — Nem uma única coisa viva.

Tive a sensação de que ele falava a verdade. Mas também tinha certeza de que algo havia mexido naquela cortina.

— Venha, Percy — disse Quíron, o tom despreocupado agora um pouco forçado. — Há muito para ver.

Caminhamos pelos campos de morangos, onde campistas colhiam alqueires de morangos enquanto um sátiro tocava uma melodia numa flauta de bambu.

Quíron me contou que o acampamento cultivava uma bela safra para exportar

para os restaurantes de Nova York e para o Monte Olimpo.

— Paga as nossas despesas — explicou. — E os morangos não exigem esforço quase nenhum.

Ele disse que o sr. D produzia esse efeito sobre plantas frutíferas: elas simplesmente enlouqueciam quando ele estava por perto. Funcionava melhor com as vinhas, mas o sr. D estava proibido de cultivá-las, portanto, em vez delas eles plantavam morangos.

Observei o sátiro tocando a flauta. A música fazia com que filas de insetos saíssem dos canteiros de morangos em todas as direções, como se fugissem de um incêndio. Imaginei se Grover podia fazer esse tipo de mágica com música. Imaginei se ainda estava dentro da casa, levando broncas do sr. D.

— Grover não vai ter muitos problemas, vai? — perguntei a Quíron. — Quer dizer... ele foi um bom protetor. Sem dúvida.

Quíron suspirou. Tirou o casaco de *tweed* e jogou-o por cima de seu lombo de cavalo, como uma sela.

— Grover sonha alto, Percy. Talvez mais alto do que seria razoável. Para atingir seu objetivo, ele precisa primeiro demonstrar uma grande coragem tendo sucesso como guardião, encontrando um novo campista e trazendo-o em segurança à Colina Meio-Sangue.

— Mas ele fez isso!

— Eu poderia concordar com você — disse Quíron. — Mas não cabe a mim julgar. Dioniso e o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido devem decidir. Receio que possam não ver essa missão como um sucesso. Afinal, Grover perdeu você em Nova York. Depois, há o desventurado... ahn... destino da sua mãe. E o fato de que Grover estava inconsciente quando você o arrastou até os limites da propriedade. O conselho pode questionar se isso demonstra alguma coragem da parte de Grover.

Eu quis protestar. Nada do que acontecera havia sido por culpa de Grover. Também me sentia muito, muito culpado. Se não tivesse escapado de Grover na estação de ônibus, ele poderia não ter se envolvido em encrenca.

— Ele vai ter uma segunda chance, não vai?

Quíron retraiu-se.

— Infelizmente aquela *era* a segunda chance de Grover, Percy. Além disso, o conselho não estava muito ansioso em lhe dar outra oportunidade depois do que aconteceu na primeira vez, cinco anos atrás. O Olimpo sabe, eu o aconselhei a esperar mais tempo antes de tentar de novo. Ele ainda é muito pequeno para a sua idade...

— Que idade ele tem?

— Ah, vinte e oito.

— O quê! E ainda está no sétimo ano?

— Os sátiros amadurecem no dobro do tempo dos seres humanos, Percy. Grover teve idade equivalente à de um aluno de escola secundária nos últimos seis anos.

— Que coisa horrível.

— De fato — concordou Quíron. — De qualquer modo, Grover está atrasado, mesmo pelos padrões de sátiro, e ainda não avançou muito em magia dos bosques. O pobre estava ansioso por perseguir o seu sonho. Talvez agora encontre alguma outra carreira...

— Isso não é justo! — disse eu. — O que aconteceu na primeira vez? Foi mesmo assim tão ruim?

Quíron desviou os olhos depressa.

— Vamos andando?

Mas eu ainda não estava pronto para mudar de assunto. Uma coisa me ocorrera quando Quíron falou sobre o destino de minha mãe, como se estivesse intencionalmente evitando a palavra *morte*. O princípio de uma ideia — uma pequenina e esperançosa chama — começou a se formar em minha cabeça.

— Quíron — disse eu. — Se os deuses, o Olimpo e tudo isso são reais...

— Sim, criança?

— Isso significa que o Mundo Inferior também é real?

A expressão de Quíron se fechou.

— Sim, criança. — Ele fez uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras cuidadosamente. — Há um lugar para onde vão os espíritos após a morte. Mas por ora... até que saibamos mais... eu recomendaria que tirasse isso de sua cabeça.

— O que quer dizer com “até que saibamos mais”?

— Venha, Percy. Vamos ver os bosques.

Quando nos aproximamos, me dei conta de como a floresta era enorme. Tomava pelo menos um quarto do vale, com árvores tão altas e largas que a impressão era de que ninguém entrara lá desde os nativos americanos.

Quíron disse:

— Os bosques têm provisões, se você quiser tentar a sorte, mas vá armado.

— Provisões de quê? — perguntei. — Armado com o quê?

— Você verá. O jogo Capture a Bandeira é na sexta-feira à noite. Você tem a sua própria espada e escudo?

— Minha própria...?

— Não — disse Quíron. — Não creio que tenha. Acho que o tamanho cinco vai servir. Mais tarde vou visitar o arsenal.

Quis perguntar que tipo de acampamento de verão tem um arsenal, mas havia muito mais a pensar, portanto o passeio continuou. Vimos a linha de tiro com arco e flecha, o lago de canoagem, os estábulos (dos quais Quíron parecia não gostar muito), a linha de lançamento de dardo, o anfiteatro para cantoria e a arena onde Quíron disse que eles realizavam lutas de espadas e lanças.

— Lutas de espadas e lanças? — perguntei.

— Desafios entre chalés e coisas assim — explicou ele. — Não são letais. Normalmente. Ah, sim, e há também o refeitório.

Quíron apontou para um pavilhão ao ar livre emoldurado por colunas gregas brancas sobre uma colina que dava para o mar. Havia uma dúzia de mesas de piquenique de pedra. Sem telhado. Sem paredes.

— O que vocês fazem quando chove? — perguntei.

Quíron me olhou como se eu tivesse ficado meio maluco:

— Ainda assim temos de comer, não temos?

Resolvi deixar para lá.

Finalmente, ele me mostrou os chalés. Havia doze deles aninhados no bosque junto ao lago. Estavam dispostos em U, dois na frente e cinco enfileirados de cada lado. E eram, sem dúvida, o mais estranho conjunto de construções que já vi.

A não ser pelo fato de cada um ter um grande número de latão acima da porta (ímpares do lado esquerdo, pares do direito), eram totalmente diferentes um do outro. O número 9 tinha chaminés, como uma minúscula fábrica. O número 4 tinha tomateiros nas paredes e uma cobertura feita de grama de verdade. O 7 parecia feito de um ouro sólido que reluzia tanto à luz do sol que era quase impossível de se olhar. Todos davam para uma área comum mais ou menos do tamanho de um campo de futebol, pontilhada de estátuas gregas, fontes, canteiros de flores e um par de cestos de basquete (o que era mais a minha praia).

No centro do campo havia uma enorme área de pedras com uma fogueira. Muito embora fosse uma tarde quente, o fogo ardia de modo lento. Uma menina com cerca de nove anos estava cuidando das chamas, cutucando os carvões com uma vara.

O par de chalés à cabeceira do campo, números 1 e 2, pareciam mausoléus casadinhos, grandes caixas de mármore branco com colunas pesadas na frente. O chalé 1 era o maior e mais magnífico dos doze. As portas de bronze polido cintilavam como um holograma, de tal modo que, vistas de ângulos diferentes, raios pareciam atravessá-las. O chalé 2 era de certo modo mais gracioso, com colunas mais finas encimadas com romãs e flores. As paredes eram entalhadas com imagens de pavões.

— Zeus e Hera? — adivinhei.

— Correto — disse Quíron.

— Os chalés parecem vazios.

— Diversos chalés estão vazios. É verdade. Ninguém jamais fica no 1 ou no 2.

Certo. Então cada chalé tinha um deus diferente como mascote. Doze chalés para os doze olimpianos. Mas por que alguns estariam vazios?

Parei na frente do primeiro chalé da esquerda, o número 3.

Não era alto e imponente como o chalé 1, mas comprido, baixo e sólido. As paredes externas eram de pedras cinzentas rústicas salpicadas de pedaços de conchas e coral, como se as pedras tivessem sido cortadas diretamente do fundo do oceano. Espiei para dentro da porta aberta e Quíron disse: — Ih, eu não faria isso!

Antes que ele pudesse me puxar de volta, senti o odor salgado do interior, como o vento na praia de Montauk. As paredes internas brilhavam como madrepérola. Havia seis beliches vazios com lençóis de seda virados para baixo. Mas não havia indício de que alguém já tivesse dormido lá. O lugar parecia tão triste e solitário que fiquei contente quando Quíron pôs a mão no meu ombro e disse: — Vamos, Percy.

A maioria dos outros chalés estava abarrotada de campistas.

O número 5 era vermelho vivo — uma pintura muito malfeita, como se a cor tivesse sido jogada a esmo com baldes e mãos. O telhado era forrado de arame farpado. Uma cabeça de javali empalhada estava pendurada acima da porta e seus olhos pareciam me seguir. Dentro pude ver um bando de meninos e meninas mal-encarados, disputando queda de braço e discutindo enquanto o rock tocava às alturas. A mais barulhenta era uma menina de talvez treze ou catorze anos. Usava uma camiseta do ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE tamanho GGG embaixo de um casaco camuflado. Ela mirou em mim e lançou um maldoso olhar de desprezo. Fez lembrar Nancy Bobofit, só que a menina do acampamento era muito maior e de aparência mais cruel, seu cabelo era comprido, esticado e castanho, em vez de vermelho.

Continuei andando, tentando ficar longe dos cascos de Quíron.

— Ainda não vimos outros centauros — observei.

— Não — disse Quíron chateado. — Infelizmente, meus parentes são uma gente selvagem e bárbara. Você pode encontrá-los no mato ou em eventos desportivos importantes. Mas não verá nenhum aqui.

— Você disse que seu nome é Quíron. Você é mesmo...

Ele sorriu para mim.

— *O* Quíron das histórias? Instrutor de Hércules e tudo aquilo? Sim, Percy, eu

sou.

— Mas você não devia estar morto?

Quíron fez uma pausa, como se a pergunta o intrigasse.

— Honestamente, não sei nada sobre o *devia*. A verdade é que eu *não posso* estar morto. Entenda, há muitas eras os deuses concederam meu desejo. Pude continuar o trabalho que adorava. Pude ser um mestre de heróis enquanto a humanidade precisasse de mim. Ganhei muito com aquele desejo... e renunciei a muito. Mas ainda estou aqui, portanto só posso presumir que ainda sou necessário.

Pensei sobre ser um professor por três mil anos. Isso não estaria na minha lista das Dez Coisas Mais Desejadas.

— Isso nunca fica chato?

— Não, não — disse ele. — Horrivelmente deprimente às vezes, mas nunca chato.

— Por que deprimente?

Quíron pareceu ficar com alguma deficiência auditiva de novo.

— Ah, olhe — disse ele. — Annabeth está esperando por nós.

A menina loira que eu conhecera na Casa Grande estava lendo um livro na frente do último chalé da esquerda, o número 11.

Quando nos aproximamos, ela olhou para mim com um ar crítico, como se ainda estivesse pensando em como eu babava.

Tentei ver o que ela estava lendo, mas não consegui distinguir o título. Achei que fosse minha dislexia em ação. Então me dei conta de que o título não era sequer em inglês. As letras pareciam grego para mim. Quer dizer, literalmente grego. Havia figuras de templos e estátuas e diferentes tipos de colunas, como em um livro de arquitetura.

— Annabeth — disse Quíron — eu tenho aula de arco e flecha para mestres ao meio-dia. Você cuidaria de Percy a partir daqui?

— Sim, senhor.

— Chalé 11 — disse Quíron para mim, fazendo um gesto em direção à porta. — Sinta-se em casa.

Entre todos os chalés, o 11 era o que mais parecia um velho chalé comum de acampamento de verão, com ênfase no *velho*. A soleira estava desgastada, a pintura marrom, descascando. Acima do vão da porta havia um daqueles símbolos de médico, um bastão alado com duas serpentes enroscadas nele. Como é mesmo que chamavam aquilo...? Um caduceu.

Dentro, estava abarrotado de gente, meninos e meninas, em muito maior número que os beliches. Sacos de dormir estavam espalhados por todo o piso.

Parecia um ginásio onde a Cruz Vermelha estabelecera um centro de refugiados.

Quíron não entrou. A porta era muito baixa para ele. Mas quando os campistas o viram, todos se puseram em pé e fizeram uma reverência respeitosa.

— Então tudo bem — disse Quíron. — Boa sorte, Percy. Vejo você no jantar.

Ele partiu a galope rumo à linha de arco e flecha.

Fiquei em pé no vão da porta, olhando para a garotada. Não estavam mais se curvando. Olhavam para mim, medindo-me com os olhos. Conheço essa rotina. Havia passado por ela em muitas escolas.

— Tudo bem? — instigou Annabeth. — Vá em frente.

Então, naturalmente, tropecei ao passar pela porta e fiz um completo papel de bobo. Houve algumas risadinhas dos campistas, mas nenhum deles disse nada.

Annabeth anunciou:

— Percy Jackson, apresento-lhe o chalé 11.

— Normal ou indeterminado? — perguntou alguém.

Eu não sabia o que dizer, mas Annabeth disse:

— Indeterminado.

Todos gemeram.

Um cara que era um pouco mais velho que o restante chegou para a frente.

— Vamos, vamos, campistas. É para isso que estamos aqui. Bem-vindo, Percy. Você pode ficar com aquele ponto no chão, logo ali.

O cara tinha cerca de dezenove anos e parecia muito legal. Era alto e musculoso, com cabelo com cor de areia aparado curto e um sorriso amigável. Usava uma camiseta regata laranja, calças cortadas, sandálias e um colar de couro com cinco contas de argila em cores diferentes. A única coisa perturbadora na sua aparência era uma grossa cicatriz branca que corria desde logo abaixo do olho direito até o queixo, como um antigo corte de faca.

— Este é Luke — disse Annabeth, e sua voz pareceu mudar um pouco. Dei uma olhada nela e poderia ter jurado que estava ficando vermelha. Ela me viu olhando e sua expressão endureceu de novo. — Ele é seu conselheiro por enquanto.

— Por enquanto? — perguntei.

— Você é indeterminado — explicou Luke pacientemente. — Eles não sabem em que chalé acomodá-lo, então você está aqui. O chalé 11 recebe todos os recém-chegados, todos os visitantes. Naturalmente. Hermes, o nosso patrono, é o deus dos viajantes.

Olhei para o minúsculo espaço de chão que eles me deram. Eu não tinha nada para pôr ali e marcá-lo como meu, nenhuma bagagem, nenhuma roupa, nenhum saco de dormir. Apenas o chifre do Minotauro. Pensei em colocá-lo ali, mas então lembrei que Hermes era também o deus dos ladrões.

Corri os olhos pelos rostos dos campistas, alguns mal-humorados e desconfiados, outros com um sorriso idiota, alguns me olhando como se esperassem uma oportunidade de limpar os meus bolsos.

— Quanto tempo vou ficar aqui? — perguntei.

— Boa pergunta — disse Luke. — Até você ser determinado.

— Quanto tempo isso vai levar?

Todos os campistas riram.

— Venha — disse Annabeth. — Vou lhe mostrar o pátio de vôlei.

— Eu já vi.

— Venha.

Ela agarrou meu pulso e me arrastou para fora. Pude ouvir o pessoal do chalé dando risadas atrás de mim.

Quando estávamos a poucos metros de distância, Annabeth disse: — Jackson, você precisa fazer melhor do que isso.

— O quê?

Ela revirou os olhos e murmurou baixinho:

— Não posso acreditar que achei que você fosse o cara.

— Qual é o seu problema? — Eu agora estava ficando zangado. — Tudo o que sei é que matei um sujeito-touro...

— Não fale assim! — disse Annabeth. — Você sabe quantos neste acampamento gostariam de ter tido a sua chance?

— De ser mortos?

— De enfrentar o Minotauro! Para que você acha que nós treinamos?

Eu sacudi a cabeça.

— Olhe, se a coisa contra a qual eu lutei era realmente *o* Minotauro, o mesmo das histórias...

— Sim.

— Então só existe um.

— Sim.

— E ele morreu, tipo um zilhão de anos atrás, certo? Teseu o matou no labirinto. Portanto...

— Monstros não morrem, Percy. Eles podem ser mortos. Mas eles não morrem.

— Ah, obrigado. Agora entendi tudo.

— Eles não têm alma, como você e eu. Você pode bani-los por algum tempo, talvez até por toda uma vida, se tiver sorte. Mas eles são forças primitivas. Quíron os chama de arquétipos. No fim, eles se reconstituem.

Pensei na sra. Dodds.

— Você quer dizer que se eu matei um, acidentalmente, com uma espada...

— A Fúr... Quer dizer, a sua professora de matemática. Está certo. Ela ainda está lá fora. Você apenas a deixou muito, muito zangada.

— Como você sabe da sra. Dodds?

— Você fala dormindo.

— Você quase a chamou de alguma coisa. Uma Fúria? Elas são torturadoras do Hades, certo?

Annabeth olhou nervosamente para o chão, como se esperasse que ele se abrisse e a engolisse.

— Você não deve chamá-las pelo nome, mesmo aqui. Se acabamos tendo de falar nelas, nós as chamamos de as Benevolentes.

— Puxa, existe alguma coisa que se *possa* dizer sem que haja trovões? — Eu soei reclamão, até para mim mesmo, mas naquele momento não me importei. — Por que tenho de ficar no chalé 11, afinal? Por que fica todo mundo tão amontoado? Há uma porção de beliches vazios logo ali.

Apontei para os primeiros chalés e Annabeth empalideceu.

— A gente não escolhe simplesmente um chalé, Percy. Depende de quem são seus progenitores. Ou... o seu progenitor.

Ela olhou fixamente para mim, esperando que eu entendesse.

— Minha mãe é Sally Jackson — disse eu. — Trabalha na doceria da Grande Estação Central. Pelo menos trabalhava.

— Sinto muito por sua mãe, Percy. Mas não é isso que eu quis dizer. Estou falando sobre seu outro progenitor. Seu pai.

— Ele está morto. Não cheguei a conhecê-lo.

Annabeth suspirou. Era claro que já tivera aquela conversa com outras crianças: — Seu pai não está morto, Percy.

— Como pode dizer isso? Você o conhece?

— Não, é claro que não.

— Então como você pode dizer...

— Porque eu conheço *você*. Você não estaria aqui se não fosse um de nós.

— Você não sabe nada a meu respeito.

— Não? — Ela ergueu uma sobrancelha. — Aposto que você ficou passando de escola em escola. Aposto que foi expulso de uma porção delas.

— Como...

— Teve diagnóstico de dislexia. Provavelmente transtorno do déficit de atenção também.

Tentei engolir meu constrangimento.

— O que isso tem a ver?

— Tudo junto, é quase um sinal certo. As letras flutuam para fora da página

quando você lê, certo? Isso é porque a sua mente está fisicamente programada para o grego antigo. E o transtorno do déficit de atenção... você é impulsivo, não consegue ficar quieto na classe. Isso são os seus reflexos de campo de batalha. Numa luta real, eles o manterão vivo. Quanto aos problemas de atenção, isso é porque enxerga demais, Percy, e não de menos. Seus sentidos são mais aprimorados que os de um mortal comum. É claro que os professores querem que você seja medicado. Eles são em maioria monstros. Não querem que você os veja como são.

— Você parece... você passou pelas mesmas coisas?

— A maioria das crianças daqui passou. Se você não fosse um de nós, não poderia ter sobrevivido ao Minotauro, e muito menos à ambrosia e ao néctar.

— Ambrosia e néctar.

— A comida e a bebida que estávamos dando a você para curá-lo. Aquilo teria matado um garoto normal. Teria transformado seu sangue em fogo e seus ossos em areia e você estaria morto. Encare os fatos. Você é um meio-sangue.

Um meio-sangue.

Minha cabeça estava girando com tantas perguntas que eu não sabia por onde começar.

Então uma voz rouca gritou:

— Ora, ora! Um novato!

Eu dei uma olhada. A menina grandalhona do chalé feio e vermelho vinha andando lentamente em nossa direção. Havia três outras meninas atrás dela, todas grandes, feias e de aparência malvada como ela, todas usando casacos camuflados.

— Clarisse — suspirou Annabeth —, por que você não vai polir sua lança ou coisa assim?

— Claro, srta. Princesa — disse a grandalhona. — Para poder atravessar você com ela na sexta-feira à noite.

— *Erre es korakas!* — disse Annabeth, o que eu de algum modo entendi que era “Vá para os corvos!” em grego, embora tivesse a sensação de que devia ser uma praga pior do que parecia. — Você não tem chance.

— Vamos transformá-la em pó — disse Clarisse, mas seu olho se crispou. Talvez ela não tivesse certeza de poder cumprir a ameaça. Voltou-se para mim. — Quem é esse nanico?

— Percy Jackson — disse Annabeth —, esta é Clarisse, filha de Ares.

Eu pisquei.

— Tipo... o deus da guerra?

Clarisse sorriu desdenhosa.

— Você tem algum problema com isso?

— Não — disse eu, recobrando minha presença de espírito. — Isso explica o mau cheiro.

Clarisse rosnou.

— Nós temos uma cerimônia de iniciação para novatos, Persiana.

— Percy.

— Seja o que for. Venha, vou lhe mostrar.

— Clarisse... — Annabeth tentou dizer.

— Fique fora disso, espertinha.

Annabeth pareceu ofendida, mas ficou de fora, e eu realmente não queria a ajuda dela. Eu era o novato. Tinha de construir minha própria reputação.

Entreguei a Annabeth meu chifre de minotauro e me preparei para a luta, mas antes que eu percebesse Clarisse tinha me segurado pelo pescoço e me arrastava na direção de um edifício de blocos de concreto que percebi imediatamente que era o banheiro.

Eu chutava e dava murros no ar. Já tinha estado em muitas brigas antes, mas aquela Clarisse grandalhona tinha mãos de ferro. Arrastou-me para dentro do banheiro das meninas. Havia uma fileira de vasos sanitários de um lado e uma fileira de chuveiros do outro. Cheirava como qualquer banheiro público, e eu estava pensando — tanto quanto *podia* pensar com Clarisse me arrancando os cabelos — que se aquele lugar pertencia aos deuses, eles deviam poder comprar privadas melhores.

As amigas de Clarisse estavam todas rindo, e eu tentava encontrar a força que usara para enfrentar o Minotauro, mas ela simplesmente não estava lá.

— Como se ele fosse dos “Três Grandes” — disse Clarisse, me empurrando em direção a um dos vasos. — Certo. O Minotauro provavelmente caiu na risada, de tão bobo que ele parecia.

As amigas abafaram o riso.

Annabeth ficou no canto, com as mãos na frente do rosto, observando através dos dedos.

Clarisse me forçou sobre os joelhos e começou a empurrar minha cabeça para dentro do vaso sanitário, que fedia a canos enferrujados e, bem, ao que vai para dentro de vasos sanitários. Fiz esforço para manter a cabeça erguida. Estava olhando para a água imunda e pensando: eu não vou enfiar a cabeça naquilo. Não vou.

Então algo aconteceu. Senti uma pressão violenta na boca do estômago. Ouvi os encanamentos roncando, os canos estremeceram. A mão de Clarisse no meu cabelo afrouxou. A água pulou para fora do vaso, formando um arco por cima da minha cabeça, e em seguida me vi estatelado sobre os ladrilhos do piso do banheiro com Clarisse berrando atrás de mim.

Eu me virei bem no momento em que a água explodiu para fora do vaso outra vez, atingindo Clarisse bem no rosto com tanta força que a fez cair de traseiro no chão. A água continuou jorrando em cima dela como o jato de uma mangueira de incêndio, empurrando-a para trás, para dentro de um boxe de chuveiro.

Ela se debateu, esbaforida, e as amigas começaram a ir em sua direção. Mas então os outros vasos também explodiram, e mais seis jorros de água de privada as empurraram de volta. Os chuveiros também entraram em ação e, em conjunto, todos os dispositivos lançaram as meninas camufladas para fora do banheiro, fazendo-as rodopiar como pedaços de lixo sendo removidos com jatos d'água.

Assim que elas foram postas porta afora, senti a pressão nas minhas entranhas se aliviar, e a água parou de jorrar tão depressa quanto começara.

O banheiro inteiro estava inundado. Annabeth não tinha sido poupada. Estava toda molhada e pingando, mas não fora empurrada para fora. Estava em pé exatamente no mesmo lugar me olhando em estado de choque.

Olhei para baixo e me dei conta de que estava sentado no único ponto seco em todo o recinto. Havia um círculo de piso seco em volta de mim. Não havia nem uma gota d'água nas minhas roupas. Nada.

Levantei com as pernas trêmulas.

Annabeth disse:

— Como você...

— Eu não sei.

Caminhamos até a porta. Do lado de fora, Clarisse e as amigas estavam prostradas na lama e um bando de outros campistas se reunira em volta para olhar, perplexos. O cabelo de Clarisse estava colado no rosto. O casaco camuflado estava encharcado e ela cheirava a esgoto. Ela me lançou um olhar de ódio absoluto.

— Você está morto, novato. Está totalmente morto.

Talvez eu devesse ter deixado pra lá, mas disse:

— Quer gargarejar com água de privada de novo, Clarisse? Cale essa boca.

As amigas tiveram de segurá-la. Arrastaram-na para o chalé 5, enquanto os outros campistas abriam caminho para evitar seus braços e pernas que esperneavam.

Annabeth olhou para mim. Eu não sabia dizer se ela estava apenas enojada ou zangada comigo por encharcá-la.

— O que foi? — perguntei. — O que está pensando?

— Estou pensando — disse ela — que quero você no meu time para capturar a bandeira.

# SETE

Meu jantar se esvai em fumaça

A notícia do incidente no banheiro se espalhou na mesma hora. Aonde quer que eu fosse, os campistas apontavam para mim e murmuravam algo sobre água de vaso sanitário. Ou talvez apenas olhassem para Annabeth, que ainda estava bastante encharcada.

Ela me mostrou mais alguns lugares: a oficina de metais (onde as crianças forjavam as próprias espadas), a sala de artes e ofícios (onde sátiros jateavam com areia uma estátua gigante de um homem-bode) e a parede para escalada, que na verdade consistia em duas paredes que se sacudiam violentamente, deixavam cair rochas, espalhavam lava e colidiam uma com a outra se a gente não chegasse ao topo bem depressa.

Finalmente retornamos ao lago de canoagem, de onde a trilha levava de volta aos chalés.

— Tenho treinamento — disse Annabeth secamente. — O jantar é às sete e meia. Você só tem de seguir o pessoal do chalé até o refeitório.

— Annabeth, desculpe pelos sanitários.

— Não importa.

— Não foi minha culpa.

Ela me olhou com ar cético e me dei conta de que *tinha* sido minha culpa. Eu havia feito a água jorrar no banheiro. Não entendia como. Mas os vasos tinham respondido a mim. Era como se eu fosse um dos canos.

— Você precisa falar com o Oráculo — disse Annabeth.

— Quem?

— Não quem. O quê. O Oráculo. Vou pedir a Quíron.

Olhei para o lago, desejando que alguém me desse uma resposta direta pelo menos uma vez.

Eu não esperava que alguém estivesse olhando de volta para mim do fundo, portanto meu coração deu um pulo quando notei duas meninas adolescentes sentadas de pernas cruzadas na base do píer, cerca de seis metros abaixo.

Vestiam jeans e camisetas verdes cintilantes, e os cabelos castanhos flutuavam soltos em volta dos ombros enquanto peixinhos passavam por entre eles. Elas sorriram e acenaram como se eu fosse um amigo há muito perdido.

Eu não sabia que outra coisa fazer. Acenei de volta.

— Não as encoraje — advertiu Annabeth. — As náiades são flertadoras incontroláveis.

— Náiades — repeti, sentindo-me completamente estupefato. — Já chega. Quero ir para casa agora.

Annabeth franziu as sobrancelhas.

— Você não percebe, Percy? Você *está* em casa. Este é o único lugar na terra seguro para crianças como nós.

— Você quer dizer crianças mentalmente perturbadas?

— Eu quero dizer *não humanas*. Não totalmente humanas, de qualquer modo. Meio humanas.

— Meio humanas e meio o quê?

— Acho que você sabe.

Eu não queria admitir, mas sabia, sim. Senti um formigamento nos membros, uma sensação que às vezes me tomava quando minha mãe falava sobre meu pai.

— Deusas — disse eu. — Meio deusas.

Annabeth assentiu.

— Seu pai não está morto, Percy. Ele é um dos olimpianos.

— Isso é... loucura.

— Será? Qual é a coisa mais comum que os deuses faziam nas velhas histórias? Eles andavam por aí se apaixonando por seres humanos e tendo filhos com eles. Você pensa que eles mudaram os hábitos nos últimos poucos milênios?

— Mas isso são apenas... — Eu quase disse *mitos* de novo. Então me lembrei do aviso de Quíron de que daqui a dois mil anos *eu* poderia ser considerado um mito. — Mas se todos aqui são meio deuses...

— Semideuses — disse Annabeth. — Esse é o termo oficial. Ou meio-sangues.

— Então quem é seu pai?

As mãos dela se apertaram em volta da balaustrada do píer. Tive a sensação de que acabara de tocar em um assunto delicado.

— Meu pai é um professor em West Point — disse ela. — Não o vejo desde que era muito pequena. Ele ensina história americana.

— Ele é humano.

— O quê? Está pensando que tem de ser um deus homem encontrando uma mulher humana atraente, e não o contrário? Sabe que isso é machismo?

— Então quem é sua mãe?

— Chalé 6.
— O que significa?
Annabeth endireitou o corpo.
— Atena. Deusa da sabedoria e da guerra.
Certo, pensei. Por que não?
— E meu pai?
— Indeterminado — disse Annabeth —, como eu lhe contei antes. Ninguém sabe.
— A não ser minha mãe. Ela sabia.
— Talvez não, Percy. Os deuses nem sempre revelam sua identidade.
— Meu pai teria revelado. Ele a amava.
Annabeth me deu uma olhada cautelosa. Ela não queria acabar com as minhas ilusões.
—Talvez você esteja certo. Talvez ele vá enviar um sinal. Esse é o único modo de saber com certeza: seu pai tem de mandar a você um sinal reclamando você como filho. Às vezes isso acontece.
— Quer dizer que às vezes não acontece?
Annabeth correu a palma da mão pela balaustrada.
— Os deuses são atarefados. Eles têm uma porção de filhos, e nem sempre... Bem, às vezes eles não se importam conosco, Percy. Eles nos ignoram.
Pensei em algumas das crianças que tinha visto no chalé de Hermes, adolescentes que pareciam mal-humorados e deprimidos, como se estivessem esperando por um chamado que nunca viria. Conhecera crianças assim na Academia Yancy, descartadas para internatos por pais ricos que não tinham tempo para lidar com elas. Mas os deuses deviam se comportar melhor.
— Então eu estou encalhado aqui — disse eu. — É isso? Pelo resto da minha vida?
— Depende — disse Annabeth. — Alguns campistas só ficam no verão. Se você é filho de Afrodite ou Deméter, provavelmente não é uma força realmente poderosa. Os monstros podem ignorá-lo, e então você pode se arranjar com alguns meses de treinamento de verão e viver no mundo mortal pelo resto do ano. Mas, para alguns de nós, sair é perigoso demais. Temos de ficar o ano inteiro. No mundo mortal, atraímos monstros. Eles percebem nossa presença. Vêm nos desafiar. Na maioria das vezes eles nos ignoram até termos idade suficiente para causar problemas, cerca de dez ou onze anos, mas depois disso muitos dos semideuses vêm para cá ou são mortos. Alguns conseguem sobreviver no mundo exterior e se tornam famosos. Acredite, se eu lhe contasse os nomes você os conheceria. Alguns nem sequer se dão conta de que são semideuses. Mas poucos, muito poucos são assim.

— Então os monstros não podem entrar aqui?

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Não, a não ser que sejam intencionalmente mantidos nos bosques ou convocados por alguém de dentro.

— Por que alguém ia querer convocar um monstro?

— Para a prática de lutas. Para pregar peças.

— Pregar peças?

— A questão é que as fronteiras são fechadas para manter os mortais e os monstros de fora. Do lado de fora, os mortais olham para o vale e não veem nada de inusitado, apenas plantações de morangos.

— Então... você é uma campista de ano inteiro?

Annabeth assentiu. De dentro da gola da camiseta ela puxou um colar de couro com cinco contas de argila de cores diferentes. Era exatamente como o de Luke, só que o de Annabeth também tinha um grande anel de ouro enfiado, como um anel de faculdade.

— Estou aqui desde que tinha sete anos — disse ela. — Todo mês de agosto, no último dia da sessão de verão, a gente ganha uma conta por sobreviver mais um ano. Estou aqui há mais tempo que a maioria dos conselheiros, e eles estão todos na faculdade.

— Por que veio tão jovem?

Ela girou o anel no colar.

— Não é da sua conta.

— Ah. — Fiquei ali por um minuto em um silêncio constrangedor. — Então... Eu poderia simplesmente sair andando daqui agora mesmo, se quisesse?

— Seria suicídio, mas você poderia, com a permissão do sr. D ou de Quíron. Mas eles não dariam permissão até o final da sessão de verão, a não ser...

— A não ser?

— Que lhe seja concedida uma missão. Mas isso dificilmente acontece. Na última vez...

A voz dela foi sumindo. Pude perceber pelo seu tom de voz que a última vez não tinha ido muito bem.

— Antes, quando estava doente no quarto — disse eu —, quando você me dava de comer aquela coisa...

— Ambrosia.

— É. Você me perguntou algo sobre o solstício de verão.

Os ombros de Annabeth se contraíram.

— Então você *sabe* alguma coisa?

— Bem... não. Na minha antiga escola, ouvi por acaso Grover e Quíron conversando sobre isso. Grover mencionou o solstício de verão. Ele disse algo

como não termos muito tempo, por causa do prazo final. O que isso queria dizer?

Ela apertou os punhos.

— Eu gostaria de saber. Quíron e os sátiros, eles sabem, mas não contam para mim. Algo está errado no Olimpo, algo muito importante. Na última vez em que estive lá, parecia tudo tão *normal*.

— Você esteve no Olimpo?

— Alguns de nós, campistas de ano inteiro... Luke, Clarisse, eu e poucos outros... fizemos uma excursão durante o solstício de inverno. É quando os deuses fazem sua grande assembleia anual.

— Mas... como chegou lá?

— Pela Ferrovia de Long Island, é claro. Você desce na Estação Penn. Empire State, seiscentésimo andar. — Ela me olhou como quem tinha certeza de que eu já sabia disso. — Você *é* nova-iorquino, certo?

— Ah, com certeza. — Até onde eu sabia, havia apenas cento e dois andares no Empire State, mas decidi não comentar isso.

— Logo depois da visita — continuou Annabeth —, o tempo ficou esquisito, como se os deuses tivessem começado a brigar. Uma ou duas vezes desde então, ouvi sátiros conversando. O máximo que posso deduzir é que algo importante foi roubado. E, se não for devolvido até o solstício de verão, vai haver problemas. Quando você veio, eu estava esperando... quer dizer... Atena pode se entender com quase qualquer um, a não ser Ares. E, é claro, ela tem uma rivalidade com Poseidon. Mas, quer dizer, fora isso, pensei que poderíamos trabalhar juntos. Pensei que você pudesse saber alguma coisa.

Sacudi a cabeça. Gostaria de poder ajudá-la, mas estava com fome, cansado e mentalmente sobrecarregado demais para fazer mais perguntas.

— Preciso conseguir uma missão — murmurou Annabeth consigo mesma. — Eu *não* sou jovem demais. Se eles ao menos me contassem qual é o problema...

Senti cheiro de churrasco vindo de algum lugar por perto. Annabeth deve ter ouvido meu estômago roncar. Disseme para ir em frente, que me alcançaria depois. Eu a deixei no píer, correndo o dedo pela balaustrada como se estivesse desenhando um plano de batalha.

De volta ao chalé 11, todo mundo estava falando e se divertindo, esperando o jantar. Pela primeira vez, notei que muitos campistas tinham feições parecidas: narizes pontudos, sobrancelhas arqueadas, sorrisos maliciosos. Eram o tipo de criança que os professores classificariam como encrenqueiros. Felizmente, ninguém prestou muita atenção em mim quando fui até meu lugar no chão e me deixei cair com o chifre de minotauro.

O conselheiro, Luke, se aproximou. Ele também tinha a aparência familiar de

Hermes. Estava desfigurada pela cicatriz na face direita, mas o sorriso estava intacto.

— Arranjei um saco de dormir para você — disse ele. — E, aqui, furtei para você alguns artigos de toalete da loja do acampamento.

Não deu para saber se ele estava brincando quanto àquela parte de furtar.

Eu disse:

— Obrigado.

— Sem problemas. — Luke sentou-se ao meu lado, descansando as costas contra a parede. — Primeiro dia difícil?

— Meu lugar não é aqui — disse eu. — Nem mesmo acredito em deuses.

— É — disse ele. — Foi assim que todos nós começamos. E depois que você começa a acreditar neles? Não fica nem um pouco mais fácil.

A amargura em sua voz me surpreendeu, porque Luke parecia ser o tipo de cara despreocupado. Parecia capaz de lidar com qualquer coisa.

— Então seu pai é Hermes? — perguntei.

Ele puxou um canivete de mola do bolso de trás e, por um segundo, pensei que fosse me destripar, mas ele apenas raspou o barro da sola da sandália.

— É, Hermes.

— O mensageiro com asas nos pés.

— É ele. Mensageiros. Medicina. Viajantes, mercadores, ladrões. Qualquer um que use as estradas. É por isso que você está aqui, desfrutando a hospitalidade do chalé 11. Hermes não é exigente com relação a quem apadrinha.

Entendi que Luke não queria me chamar de joão-ninguém. Apenas tinha muita coisa na cabeça.

— Você já encontrou seu pai? — perguntei.

— Uma vez.

Esperei, pensando que, se ele quisesse me contar, contaria. Aparentemente não. Imaginei se a história tinha alguma coisa a ver com como ele conseguira aquela cicatriz.

Luke ergueu os olhos e conseguiu sorrir.

— Não se preocupe com isso, Percy. A maioria dos campistas aqui é boa gente. Afinal, somos uma grande família, certo? Cuidamos uns dos outros.

Ele parecia entender o quanto me sentia perdido e eu estava grato por isso, porque um cara mais velho como ele — mesmo sendo um conselheiro — devia estar evitando um secundarista chato como eu. Mas Luke me dera as boas-vindas ao chalé. Até mesmo furtara alguns artigos de toalete, o que era a coisa mais simpática que alguém fizera por mim o dia inteiro.

Decidi fazer a minha última grande pergunta, aquela que vinha me incomodando a tarde toda.

— Clarisse, de Ares, debochou sobre eu ser um dos “Três Grandes”. Depois, Annabeth... ela falou duas vezes que eu poderia ser “o cara”. Disse que devo falar com o Oráculo. O que quer dizer tudo isso?

Luke fechou o canivete.

— Odeio profecias.

— O que quer dizer?

Seu rosto deu uma estremecida em volta da cicatriz.

— Digamos apenas que eu compliquei as coisas para todos os outros. Nos últimos dois anos, desde quando me dei mal em minha viagem ao Jardim das Hespérides, Quíron não autorizou mais nenhuma missão. Annabeth está morrendo de vontade de sair para o mundo. Ela importunou tanto Quíron que ele finalmente disse que já conhecia seu destino. Recebera uma profecia do Oráculo. Não quis contar tudo a ela, mas disse que Annabeth ainda não estava destinada a sair numa missão. Tinha de esperar até... alguém especial vir para o acampamento.

— Alguém especial?

— Não se preocupe com isso, garoto — disse Luke. — Annabeth quer pensar que todo campista novo que chega aqui é o presságio que ela está esperando. Agora vamos, é hora do jantar.

No momento em que ele disse isso, uma trombeta soou a distância. De algum modo eu sabia que era feita com uma concha de caramujo, apesar de nunca ter ouvido uma antes.

Luke gritou:

— Onze, reunir!

O chalé inteiro, cerca de vinte de nós, formou fila no pátio. Enfileiramo-nos por ordem de antiguidade, portanto é claro que eu era o último. Vieram campistas também dos outros chalés, com exceção dos três vazios no fim e do chalé 8, que parecia normal durante o dia mas agora começava a ter um brilho prateado à medida que o sol se punha.

Marchamos colina acima até o pavilhão do refeitório. Sátiros vieram da campina e juntaram-se a nós. Náiades emergiram do lago de canoagem. Algumas outras meninas brotaram dos bosques — e quando digo brotar, quero dizer brotar *mesmo*. Vi uma menina de nove ou dez anos formar-se a partir da lateral de um bordo e vir saltitando colina acima.

Ao todo, havia talvez uma centena de campistas, algumas dúzias de sátiros e uma dúzia de ninfas e náiades variadas.

No pavilhão, tochas ardiam em volta das colunas de mármore. Um fogo central queimava em um braseiro de bronze do tamanho de uma banheira. Cada chalé tinha sua própria mesa, coberta com uma toalha branca com detalhes em

roxo. Quatro mesas estavam vazias, mas a do chalé 11 era superlotada. Tive de me espremer na ponta de um banco, com metade do traseiro para fora.

Vi Grover sentado à mesa 12, e um par de meninos loiros gorduchos bem parecidos com o sr. D. Quíron ficou em pé ao lado, pois a mesa de piquenique era muito pequena para um centauro.

Annabeth sentou-se à mesa 6 com um bando de crianças atléticas de aparência séria, todas com olhos cinzentos e cabelo loiro da cor do mel.

Clarisse sentou-se atrás de mim à mesa de Ares. Parecia recuperada do banho, pois estava rindo e arrotando ao lado das amigas.

Finalmente, Quíron bateu o casco contra o piso de mármore do pavilhão e todos se calaram. Ele ergueu um copo.

— Aos deuses!

Todos ergueram os copos.

— Aos deuses!

Ninfas do bosque avançaram com bandejas de comida: uvas, maçãs, morangos, queijo, pão fresco e, sim, churrasco! Meu copo estava vazio, mas Luke disse: — Fale com ele. Qualquer coisa que queira. Não alcoólica, é claro.

— Cherry Coke — falei.

O copo se encheu de líquido espumante cor de caramelo.

Então tive uma ideia.

— Cherry Coke *azul*.

O refrigerante assumiu um tom berrante de cobalto.

Tomei um gole cauteloso. Perfeito.

Fiz um brinde à minha mãe.

Ela não se foi, disse a mim mesmo. De qualquer modo, não para sempre. Ela está no Mundo Inferior. E, se ele é um lugar real, então algum dia...

— Vai, Percy — disse Luke, me passando uma travessa de peito defumado.

Enchi meu prato e estava prestes a dar uma grande garfada quando notei que todos se levantavam, levando os pratos para o fogo no centro do pavilhão. Imaginei se estavam indo buscar a sobremesa ou coisa assim.

— Venha — disseme Luke.

Quando cheguei mais perto, vi que todos estavam pegando algo do prato e jogando no fogo, o morango mais maduro, a fatia mais suculenta de carne, o pão mais quente e mais amanteigado.

Luke murmurou ao meu ouvido:

— Oferendas queimadas para os deuses. Eles gostam do cheiro.

— Fala sério!

O olhar dele me advertiu a não debochar daquilo, mas não pude deixar de me perguntar por que um ser imortal, todo-poderoso, gostaria do cheiro de comida

queimada.

Luke aproximou-se do fogo, inclinou a cabeça e atirou um cacho de uvas gordas e vermelhas.

— Hermes.

Eu era o próximo.

Eu gostaria de saber o nome de qual deus devia dizer.

Acabei fazendo um pedido silencioso. *Quem quer que seja, conte-me. Por favor*.

Empurrei uma grande fatia de peito para as chamas.

Quando inalei um pouco da fumaça, não engasguei.

Não parecia nem um pouco cheiro de comida queimada. Cheirava a chocolate quente e *brownies* recém-assados, hambúrgueres grelhados e flores silvestres, e uma centena de outras coisas boas que não deviam combinar, mas combinavam. Dava até para acreditar que os deuses podiam viver daquela fumaça.

Depois que todos voltaram aos lugares e terminaram de comer, Quíron bateu novamente o casco para chamar nossa atenção.

O sr. D levantou-se com um enorme suspiro.

— Sim, suponho que deva dizer olá a todos vocês, moleques. Bem, olá. Nosso diretor de atividades, Quíron, diz que a próxima captura da bandeira será na sexta-feira. Atualmente, o chalé 5 detém os lauréis.

Um monte de aplausos disformes se ergueu da mesa de Ares.

— Pessoalmente — continuou o sr. D —, não me importo nem um pouco, mas congratulações. Também devo lhes dizer que temos um novo campista hoje. Peter Johnson.

Quíron murmurou alguma coisa.

— Ahn, Percy Jackson — corrigiu o sr. D. — Está certo. Viva, e tudo o mais. Agora vão correndo para a sua fogueira boba. Andem.

Todos aplaudiram. Dirigimo-nos para o anfiteatro, onde o chalé de Apolo liderou a cantoria. Cantamos canções de acampamento sobre os deuses, comemos besteiras e nos divertimos, e o engraçado foi que não senti ninguém mais olhando para mim. Era como estar em casa.

Mais à noite, quando as fagulhas da fogueira se enroscavam em um céu estrelado, a trombeta de caramujo soou de novo, e todos nós formamos filas para voltar aos nossos chalés. Não me dei conta de como estava exausto até desmoronar em meu saco de dormir emprestado.

Meus dedos se fecharam em volta do chifre do Minotauro. Pensei em minha mãe, mas tive bons pensamentos: o sorriso dela, as histórias que lia para mim antes de dormir quando eu era pequeno, o jeito como me dizia para não deixar os percevejos me morderem.

Quando fechei os olhos, adormeci instantaneamente.

Assim foi meu primeiro dia no Acampamento Meio-Sangue.

Queria de ter sabido antes que em tão pouco tempo passaria a gostar de meu novo lar.

# OITO

Nós capturamos uma bandeira

Em poucos dias me acomodei em uma rotina que parecia quase normal, se descontarmos o fato de que eu tinha aulas com sátiros, ninfas e um centauro.

Todas as manhãs estudava grego antigo com Annabeth e conversávamos sobre deuses e deusas no presente, o que era um pouco estranho. Descobri que Annabeth estava certa a respeito da minha dislexia: o grego antigo não era tão difícil de ler. Pelo menos, não mais difícil que inglês. Depois de algumas manhãs eu já conseguia ler sem muita dor de cabeça algumas linhas de Homero, tropeçando aqui e ali.

No resto do dia eu alternava atividades ao ar livre, procurando alguma coisa em que fosse bom. Quíron tentou me ensinar arco e flecha, mas descobrimos bem depressa que eu não dava para aquilo. Ele não reclamou nem mesmo quando teve de arrancar de suas ancas uma flecha perdida.

Corrida? Eu também não era bom. As instrutoras, as ninfas do bosque, me faziam comer poeira. Disseram-me para não me preocupar com isso. Tiveram séculos de prática fugindo de deuses apaixonados. Mas ainda assim era meio humilhante ser mais lento que uma árvore.

E as lutas? Esqueça. Toda vez que ia para a esteira, Clarisse acabava comigo.

“E vem mais por aí, seu mané”, murmurava ao meu ouvido.

A única coisa em que eu era mesmo excelente era canoagem, e esse não era o tipo de habilidade de herói que as pessoas esperavam do cara que venceu o Minotauro.

Sabia que os campistas mais velhos e os conselheiros me observavam, tentando concluir quem era meu pai, mas não estava sendo fácil para eles. Eu não era tão forte quanto os garotos de Ares, nem tão bom em arco e flecha quanto os garotos de Apolo. Não tinha a perícia de Hefesto com metais ou — os deuses me livrem — o jeito de Dioniso com as vinhas. Luke me disse que eu podia ser filho de Hermes, uma espécie de pau para toda obra, mestre nada. Mas eu tinha a sensação de que ele só estava tentando me fazer sentir melhor. Na

verdade, também não sabia o que fazer comigo.

A despeito disso tudo, eu gostava do acampamento. Eu me acostumei com a neblina matinal sobre a praia, com o cheiro dos campos de morangos à tarde e até com os ruídos esquisitos dos monstros nos bosques à noite. Eu jantava com o chalé 11, empurrava parte da minha refeição para o fogo e tentava sentir alguma conexão com meu verdadeiro pai. Não vinha nada. Apenas aquela sensação morna que eu sempre tive, a lembrança do seu sorriso. Tentei não pensar demais na minha mãe, mas ficava matutando: se deuses e monstros eram reais, se todas aquelas coisas mágicas eram possíveis, certamente haveria algum jeito de salvá-la, de trazê-la de volta...

Comecei a entender o ressentimento de Luke e como ele parecia magoado com o pai, Hermes. Certo, talvez os deuses tivessem tarefas importantes a fazer. Mas não poderiam fazer uma visita de vez em quando, trovejar ou alguma coisa? Dioniso podia fazer Diet Coke aparecer do nada. Por que meu pai, quem quer que fosse, não podia fazer aparecer um telefone?

Quinta-feira à tarde, três dias depois de chegar ao Acampamento Meio-Sangue, tive minha primeira aula de esgrima. Todos do chalé 11 se reuniram na grande arena circular, onde Luke seria nosso instrutor.

Começamos com estocadas e cutiladas básicas, usando bonecos recheados de palha com armaduras gregas. Acho que fui bem. Pelo menos entendi o que devia fazer e meus reflexos foram bons.

O problema era que eu não conseguia encontrar uma lâmina que se adaptasse às minhas mãos. Eram pesadas demais, leves demais ou compridas demais. Luke fez o melhor que pôde para me ajudar, mas concordou que nenhuma das lâminas de prática parecia funcionar para mim.

Passamos adiante, para duelo em duplas. Luke anunciou que seria meu parceiro, já que era a minha primeira vez.

— Boa sorte — disse um dos campistas. — Luke é o melhor espadachim dos últimos trezentos anos.

— Talvez ele pegue leve comigo — comentei.

O campista riu, desdenhoso.

Luke me mostrou as estocadas, paradas e defesas com escudo do jeito difícil. A cada golpe eu estava um pouco mais surrado e contundido.

— Mantenha a guarda alta, Percy — dizia ele, e então me atingia com força nas costelas usando a parte chata da lâmina. — Não, não tanto assim! — *Plaft!* — Ataque! — *Plaft!* — Agora, recue! — *Plaft!*

Quando ele pediu um tempo, eu estava empapado de suor. Todos correram para o isopor de bebidas. Luke despejou água gelada em cima da própria cabeça,

o que me pareceu uma ótima ideia. Fiz a mesma coisa.

Na mesma hora me senti melhor. A força percorreu novamente os meus braços. A espada não parecia mais tão difícil de manejar.

— O.k., todo mundo em círculo! — ordenou Luke. — Se Percy não se importar, vou fazer uma pequena demonstração.

Incrível, pensei. Vamos todos assistir enquanto Percy é triturado.

Os garotos de Hermes se reuniram em volta. Estavam todos contendo o riso. Imaginei que já tinham passado por aquilo e mal podiam esperar para ver Luke me usar como saco de pancadas. Ele disse a todos que ia mostrar uma técnica para desarmar o oponente: como girar a lâmina do inimigo com a parte chata da própria espada para que ele não tenha alternativa a não ser deixar a arma cair.

— Isso é difícil — enfatizou. — Já usaram contra mim. Não riam de Percy agora. A maioria dos espadachins precisa trabalhar anos para dominar essa técnica.

Ele demonstrou o movimento para mim em câmara lenta. Como previsto, a espada pulou da minha mão.

— Agora, em tempo real — disse ele depois que recuperei minha arma. — Vamos fazer o movimento até que um de nós tenha sucesso. Pronto, Percy?

Eu assenti, e Luke veio para cima de mim. De algum modo, eu o impedi de golpear o cabo da minha espada. Meus sentidos se aguçaram. Vi seus ataques chegando. Eu rebati. Dei um passo à frente e tentei minha própria estocada. Luke a desviou facilmente, mas notei uma mudança em seu rosto. Seus olhos se estreitaram, e ele começou a me pressionar com mais força.

A espada estava pesando em minha mão. Mal equilibrada. Eu sabia que era apenas uma questão de segundos antes que Luke me derrubasse, então decidi: Que se dane!

Tentei a manobra para desarmar.

Minha lâmina atingiu a base da de Luke e eu a girei, pondo todo o meu peso em um golpe para baixo.

*Plem!*

A espada de Luke retiniu contra as pedras. A ponta da minha lâmina estava a dois centímetros do seu peito desprotegido.

Os outros campistas ficaram em silêncio.

Baixei minha espada.

— Ahn, sinto muito.

Por um momento, Luke ficou perplexo demais para falar.

— Sinto muito? — Seu rosto marcado abriu-se num sorriso. — Pelos deuses, Percy, você sente muito? Mostre-me aquilo de novo!

Eu não queria. A rápida explosão de energia maníaca me abandonara

completamente. Mas Luke insistiu.

Dessa vez, não houve disputa. No momento em que nossas espadas entraram em contato, Luke atingiu o cabo da minha, que saiu deslizando pelo chão.

Depois de uma longa pausa, alguém do público disse:

— Sorte de principiante?

Luke enxugou o suor da testa. Ele me avaliou com um interesse totalmente novo.

— Talvez — disse. — Mas fico pensando o que Percy poderia fazer com uma espada equilibrada...

Sexta-feira à tarde. Eu estava sentado com Grover perto do lago, descansando de uma experiência quase fatal no muro de escalada. Grover subira até o topo como um bode montanhês, mas a lava por pouco não me atingiu. Minha camisa ficou com buracos fumegantes. Os pelos dos meus antebraços ficaram chamuscados.

Sentamos no píer, olhando as náiades que teciam cestos embaixo d'água, até que reuni coragem para perguntar a Grover como tinha sido a conversa com o sr. D.

Seu rosto assumiu um tom doentio de amarelo.

— Ótima — disse. — Legal mesmo.

— Então sua carreira ainda está nos trilhos?

Ele me lançou um olhar nervoso.

— Quíron c-contou a você que eu quero uma licença de buscador?

— Bem... não. — Eu não tinha ideia do que era uma licença de buscador, mas aquele não parecia o momento certo para perguntar. — Ele só disse que você tinha grandes planos, sabe... e que precisava de reconhecimento por completar uma tarefa. Então você conseguiu?

Grover baixou os olhos para as náiades.

— O sr. D suspendeu o julgamento. Disse que ainda não fracassei nem tive sucesso com você, portanto nossos destinos ainda estão ligados. Se você ganhar uma missão, eu for junto para protegê-lo e nós dois voltarmos vivos, então talvez ele considere a tarefa concluída.

Meu ânimo melhorou.

— Bem, isso não é mau, certo?

— *Bééé-é-é!* Ele poderia igualmente ter me transferido para o serviço de limpeza de estábulos. As chances de você ganhar uma missão... e mesmo se ganhasse, por que haveria de querer que eu fosse junto?

— É claro que eu ia querer você junto!

Grover continuou olhando melancolicamente para a água.

— Tecer cestas... Deve ser bom ter uma habilidade útil.

Tentei convencê-lo de que ele tinha uma porção de talentos, mas isso só o fez parecer ainda mais infeliz. Conversamos sobre canoagem e esgrima por algum tempo, e então debatemos os prós e os contras dos diferentes deuses. Por fim, perguntei-lhe sobre os quatro chalés vazios.

— O número 8, o prateado, pertence a Ártemis — disse ele. — Ela jurou ser virgem para sempre. Portanto, é claro, sem filhos. O chalé é honorário, entende? Se ela não tivesse um, ficaria zangada.

— Sim, certo. Mas os outros três, os que ficam no fim. São os Três Grandes?

Grover ficou tenso. Estávamos chegando perto de um assunto delicado.

— Não. Um deles, o de número 2, é de Hera — disse ele. — É outra coisa honorária. Ela é a deusa do casamento, portanto é claro que não iria sair por aí tendo casos com mortais. Isso é serviço do marido dela. Quando falamos dos Três Grandes, queremos dizer os três irmãos poderosos, os filhos de Cronos.

— Zeus, Poseidon, Hades.

— Certo. Você sabe. Depois da grande batalha com os Titãs, eles tomaram o mundo do pai e tiraram a sorte para decidir quem ficava com o quê.

— Zeus ficou com o céu — lembrei. — Poseidon, com o mar, Hades, com o Mundo Inferior.

— A-hã.

— Mas Hades não tem um chalé aqui.

— Não. Também não tem um trono no Olimpo. Ele, bem, fica na dele lá embaixo no Mundo Inferior. Se tivesse um chalé aqui... — Grover estremeceu. — Bem, isso não seria agradável. Vamos deixar assim.

— Mas Zeus e Poseidon... os dois tinham zilhões de filhos nos mitos. Por que os chalés deles estão vazios?

Grover se balançou de um casco para outro, pouco à vontade.

— Há cerca de sessenta anos, depois da Segunda Guerra Mundial, os Três Grandes combinaram que não iriam procriar mais nenhum herói. Os filhos deles eram poderosos demais. Estavam interferindo muito no curso dos eventos humanos, causando muitas carnificinas. A Segunda Guerra Mundial, sabe, foi basicamente uma luta entre os filhos de Zeus e Poseidon, de um lado, e os filhos de Hades do outro. O lado vencedor, Zeus e Poseidon, obrigou Hades a fazer um juramento junto com eles: nada de casos com mulheres mortais. Todos juraram sobre o rio Estige.

Um trovão.

— Esse é o juramento mais sério que se pode fazer — disse eu.

Grover assentiu.

— E os irmãos mantiveram a palavra, sem filhos?

O rosto de Grover se anuviou.

— Há dezessete anos, Zeus retornou aos maus hábitos. Havia uma estrela da tevê com um penteado alto e armado, estilo anos 80... Ele simplesmente não conseguiu evitar. Quando o bebê nasceu, uma menininha chamada Thalia... Bem, o rio Estige é sério no que diz respeito a promessas. Zeus se safou com facilidade porque é imortal, mas causou um destino terrível para sua filha.

— Mas isso não é justo! Não foi culpa da menininha.

Grover hesitou.

— Percy, os filhos dos Três Grandes são mais poderosos que os outros meios-sangues. Eles têm uma aura forte, um odor que atrai monstros. Quando Hades descobriu a respeito da criança, não ficou muito feliz com o fato de Zeus ter quebrado o juramento. Hades libertou os piores monstros do Tártaro para atormentar Thalia. Um sátiro foi designado para ser guardião dela quando completou doze anos, mas não havia nada que pudesse fazer. Ele tentou escoltá-la para cá com outros meios-sangues com quem ela fizera amizade. Eles quase conseguiram. Chegaram até o topo da colina.

Ele apontou para o outro lado do vale, para o pinheiro onde eu enfrentara o Minotauro.

— As três Benevolentes estavam atrás deles com um bando de cães infernais. Estavam quase sendo alcançados quando Thalia disse a seu sátiro que levasse os outros dois meios-sangues para um lugar seguro enquanto ela tentava conter os monstros. Estava ferida e cansada, e não desejava viver como um animal caçado. O sátiro não queria deixá-la, mas não conseguiu fazê-la mudar de ideia e tinha de proteger os outros. Assim, Thalia defendeu-se no final sozinha, no topo daquela colina. Quando ela morreu, Zeus se apiedou dela. Transformou-a naquele pinheiro. Seu espírito ainda ajuda a proteger as fronteiras do vale. É por isso que a colina é chamada Colina Meio-Sangue.

Olhei para o pinheiro distante.

A história me fez sentir oco, e também culpado. Uma menina da minha idade se sacrificara para salvar os amigos. Enfrentara todo um exército de monstros. Perto disso, minha vitória sobre o Minotauro não parecia grande coisa. Perguntei a mim mesmo se agindo diferente poderia ter salvado minha mãe.

— Grover, os heróis realmente partiram em missões para o Mundo Inferior?

— Algumas vezes — disse ele. — Orfeu. Hércules. Houdini.

— E chegaram a trazer alguém de volta da morte?

— Não. Nunca. Orfeu chegou perto... Percy, você não está pensando mesmo em...

— Não — menti. — Estava só imaginando. Então... um sátiro é sempre designado para guardar um semideus?

Grover me estudou cauteloso. Eu não o tinha convencido de que desistira da

ideia do Mundo Inferior.

— Nem sempre. Vamos disfarçados para uma porção de escolas. Tentamos farejar os meios-sangues que tenham atributos de grandes heróis. Se encontramos um com uma aura muito forte, como uma criança dos Três Grandes, alertamos Quíron. Ele tenta ficar de olho neles, já que podem causar problemas realmente enormes.

— E você me encontrou. Quíron disse que você achava que eu poderia ser algo especial.

Grover soou como se eu acabasse de atraí-lo para uma armadilha.

— Eu não... Ora, escute, não pense assim. Se você *fosse*... você sabe... *jamais* lhe permitiriam uma missão, e eu jamais teria a minha licença. Você provavelmente é filho de Hermes. Ou talvez até de um dos deuses menores, como Nêmesis, a deusa da vingança. Não se preocupe, tá?

Percebi que ele estava tentando tranquilizar mais a si mesmo que a mim.

Naquela noite após o jantar havia muito mais agitação que de costume.

Finalmente, era hora da captura da bandeira.

Quando os pratos foram levados embora, a trombeta de caramujo soou e todos nos postamos junto às nossas mesas.

Os campistas gritaram e aplaudiram quando Annabeth e dois de seus irmãos entraram correndo no pavilhão, carregando um estandarte de seda. Tinha cerca de três metros de comprimento, reluzindo em cinza, com a pintura de uma coruja em cima de uma oliveira. Do lado oposto do pavilhão, Clarisse e as amigas entraram correndo com outro estandarte, de tamanho idêntico, mas vermelho-berrante, com a pintura de uma lança sanguinolenta e uma cabeça de javali.

Virei-me para Luke e gritei por cima do barulho:

— Aquelas são as bandeiras?

— Sim.

— Ares e Atena sempre lideram as equipes?

— Nem sempre — disse ele. — Mas frequentemente.

— Então, se um outro chalé capturar uma delas, o que vocês fazem, pintam de novo a bandeira?

Ele sorriu ironicamente.

— Você vai ver. Primeiro temos de conseguir uma.

— De que lado nós estamos?

Ele me deu uma olhada astuta, como se soubesse algo que eu não sabia. A cicatriz em seu rosto o fazia parecer quase mau à luz das tochas.

— Fizemos uma aliança temporária com Atena. Esta noite, tiraremos a bandeira de Ares. E *você* vai ajudar.

As equipes foram anunciadas. Atena tinha feito uma aliança com Apolo e Hermes, os dois chalés maiores. Aparentemente, haviam sido trocados privilégios — horários de chuveiro, escala de deveres, as melhores posições nas atividades — a fim de ganhar apoio.

Ares tinha se aliado a todos os outros: Dioniso, Deméter, Afrodite e Hefesto. Pelo que eu tinha visto, os campistas de Dioniso eram na verdade bons atletas, mas havia apenas dois deles. Os de Deméter tinham ligeira vantagem em habilidades na natureza e atividades ao ar livre, mas não eram muito agressivos. Com os filhos e filhas de Afrodite eu não estava muito preocupado. Eles, na maioria das vezes, esperavam sentados todas as atividades acabarem e iam conferir seus reflexos no lago, penteavam os cabelos e fofocavam. Os de Hefesto não eram bonitos, e havia apenas quatro deles, mas eram grandes e corpulentos de tanto trabalhar na oficina de metais o dia inteiro. Poderiam ser um problema. Com isso, é claro, restava o chalé de Ares: uma dúzia dos maiores, mais feios e mais perversos garotos e garotas de Long Island, ou de qualquer outro lugar no planeta.

Quíron bateu o casco no mármore.

— Heróis! — anunciou. — Vocês conhecem as regras. O riacho é o limite. A floresta inteira está valendo. Todos os itens mágicos são permitidos. A bandeira deve ser ostentada de modo destacado e não deve ter mais de dois guardas. Os prisioneiros podem ser desarmados, mas não podem ser amarrados ou amordaçados. Não é permitido matar nem aleijar. Servirei como juiz e médico do campo de batalha. Armem-se!

Ele estendeu as mãos e as mesas subitamente se cobriram de equipamentos: capacetes, espadas de bronze, lanças, escudos de couro de boi recobertos de metal.

— Uau! — falei. — Temos mesmo que usar isso?

Luke olhou para mim como se eu estivesse louco.

— A não ser que você queira ser espetado pelos seus amigos do chalé 5. Aqui... Quíron achou que estes devem lhe servir. Você ficará na patrulha da fronteira.

Meu escudo era do tamanho de uma tabela de basquete da NBA, com um grande caduceu no meio. Pesava cerca de um milhão de quilos. Eu poderia muito bem usá-lo como prancha de *snowboard*, mas tinha esperanças de que ninguém tivesse expectativas reais de que eu corresse com aquilo. Meu capacete, como todos os capacetes do lado de Atena, tinha um penacho de crina azul no topo. Ares e seus aliados tinham penachos vermelhos.

Annabeth gritou:

— Equipe azul, para a frente!

Aplaudimos e agitamos nossas espadas, e a seguimos para baixo pelo caminho para os bosques do sul. A equipe vermelha gritou nos provocando enquanto seguia em direção ao norte.

Consegui alcançar Annabeth sem tropeçar em meu próprio equipamento.

— Ei!

Ela continuou marchando.

— Então, qual é o plano? — perguntei. — Tem alguns itens mágicos para me emprestar?

A mão dela se desviou para o bolso, como se estivesse com medo de que eu roubasse alguma coisa.

— Só digo para ter cuidado com a lança de Clarisse. Você não vai querer que aquela coisa toque em você. Fora isso, não se preocupe. Vamos tomar a bandeira de Ares. Luke determinou sua tarefa?

— Patrulha de fronteira, seja lá o que isso for.

— É fácil. Fique junto ao riacho, mantenha os vermelhos longe. Deixe o resto comigo. Atena sempre tem um plano.

Ela seguiu adiante, me deixando na poeira.

— Certo — murmurei. — Fico contente por me querer na sua equipe.

Era uma noite quente e úmida, grudenta. Os bosques estavam escuros, com vaga-lumes aparecendo e sumindo. Annabeth me designou para um pequeno regato que rumorejava por cima de algumas pedras, depois ela e o restante da equipe se espalharam entre as árvores.

Ali sozinho, com meu grande capacete de penacho azul e meu enorme escudo, me senti um idiota. A espada de bronze, como todas as espadas que eu experimentara até então, parecia mal equilibrada. O cabo de couro pesava em minha mão como uma bola de boliche.

Não havia como alguém me atacar de verdade, não é? Quer dizer, o Olimpo tinha de ter responsabilidade, certo?

Longe, a trombeta de caramujo soou. Ouvi brados e gritos nos bosques, metais chocando-se, gente lutando. Um aliado de Apolo de penacho azul passou por mim correndo como um cervo, pulou o regato e desapareceu em território inimigo.

Essa é boa, pensei. Vou ficar de fora da diversão, como sempre.

Então ouvi um som que me deu um calafrio na espinha, um rosnado canino grave em algum lugar por perto.

Ergui o escudo instintivamente; tinha a sensação de que alguma coisa estava me espreitando.

Então o rosnado parou. Senti a presença recuando.

Do outro lado do regato, a vegetação rasteira explodiu. Cinco guerreiros de

Ares saíram gritando e berrando da escuridão.

— Acabem com o mané! — berrou Clarisse.

Seus olhos feios de porco faiscaram nas fendas do capacete. Ela brandiu uma lança de um metro e meio de comprimento, a ponta de metal farpado lançando chispas de luz vermelha. Seus irmãos só tinham espadas de bronze comuns — não que isso me fizesse sentir melhor.

Eles atacaram cruzando o regato. Não havia ajuda à vista. Eu podia correr. Ou podia me defender contra metade do chalé de Ares.

Consegui me esquivar do golpe do primeiro garoto, mas aqueles caras não eram estúpidos como o Minotauro. Eles me cercaram, e Clarisse investiu contra mim com sua lança. Meu escudo desviou a ponta, mas senti um formigamento doloroso em todo o corpo. Meus cabelos se eriçaram. O braço que segurava o escudo ficou dormente e o ar queimou.

Eletricidade. Aquela lança estúpida era elétrica. Eu recuei.

Outro cara de Ares me golpeou no peito com a parte mais grossa da espada e eu caí.

Eles podiam ter me chutado até eu virar geleia, mas estavam muito ocupados rindo.

— Façam um corte no cabelo dele — disse Clarisse. — Agarrem o cabelo dele.

Consegui me pôr de pé. Ergui a espada, mas Clarisse a jogou violentamente para o lado com sua lança, e fagulhas voaram. Agora meus braços estavam dormentes.

— Ah, uau! — disse Clarisse. — Estou com medo desse cara. Realmente apavorada.

— A bandeira está para lá — disse a ela. Queria parecer zangado, mas acho que não consegui.

— É — disse um dos irmãos dela. — Mas, veja bem, nós não nos importamos com a bandeira. A gente se importa com um cara que fez o pessoal do nosso chalé de idiota.

— Vocês não precisam de mim para isso. — Provavelmente não foi a coisa mais esperta a dizer.

Dois deles vieram para cima de mim. Recuei em direção ao regato, tentei erguer meu escudo, mas Clarisse era muito rápida. Sua lança me pegou bem nas costelas. Se eu não estivesse usando uma armadura blindada, teria virado churrasco no espeto. Do jeito que foi, a ponta elétrica quase fez meus dentes saltarem da boca com o choque. Um de seus colegas de chalé desferiu a espada contra o meu braço, fazendo um bom talho.

Ver meu próprio sangue me deixou zonzo — quente e frio ao mesmo tempo.

— Sem aleijar — consegui dizer.

— Oops — disse o cara. — Acho que perdi meu direito à sobremesa.

Ele me empurrou para o regato e eu caí espalhando água. Todos riram. Calculei que assim que acabassem de se divertir eu iria morrer. Mas então algo aconteceu. A água pareceu despertar meus sentidos, como se eu tivesse acabado de comer um saco duplo das jujubas da minha mãe.

Clarisse e seus companheiros de chalé entraram no regato para me pegar, mas eu me pus em pé para recebê-los. Sabia o que fazer. Desferi a parte chata da minha espada contra a cabeça do primeiro cara e arranquei seu capacete. Atingi-o com tanta força que pude ver seus olhos tremendo enquanto ele desmoronava na água.

O Feio Número 2 e o Feio Número 3 vieram para cima de mim. Golpeei um no rosto com o escudo e usei a espada para decepar o penacho da crina do outro. Os dois recuaram depressa. O Feio Número 4 não pareceu muito ansioso por atacar, mas Clarisse continuava vindo, a ponta da lança crepitando de eletricidade. Assim que ela investiu, peguei a vara da lança entre a borda do meu escudo e a minha espada, e a parti como se fosse um graveto.

— Ah! — berrou ela. — Seu idiota! Seu verme com bafo de cadáver!

Ela provavelmente ainda teria dito coisas piores, mas eu a golpeei entre os olhos com a base da espada e a joguei cambaleando de costas para fora do regato.

Então ouvi gritos exultantes, e vi Luke correndo em direção à linha limite com o estandarte da equipe vermelha erguido alto. Vinha flanqueado por alguns garotos de Hermes, cobrindo sua retirada, e alguns Apolos atrás deles, combatendo os garotos de Hefesto. O pessoal de Ares se levantou e Clarisse resmungou uma praga estupefata.

— Uma armadilha! — berrou. — Foi uma armadilha.

Eles saíram cambaleando atrás de Luke, mas era tarde demais. Todo mundo convergiu para o regato enquanto Luke atravessava para território amigo. Nosso lado explodiu em vivas. O estandarte vermelho tremulou e ficou prateado. O javali e a lança foram substituídos por um enorme caduceu, o símbolo do chalé 11. Todos da equipe azul ergueram Luke nos ombros e começaram a carregá-lo. Quíron saiu a meio galope do bosque e soprou a trombeta de caramujo.

O jogo terminara. Tínhamos vencido.

Eu estava prestes a me juntar à comemoração quando a voz de Annabeth, bem a meu lado no regato, disse: — Nada mau, herói.

Eu olhei, mas ela não estava lá.

— Onde diabo aprendeu a lutar assim? — perguntou ela. O ar tremulou e Annabeth se materializou, segurando um boné de beisebol dos Yankees como se

tivesse acabado de tirá-lo da cabeça.

Senti que estava ficando zangado. Não fiquei nem mesmo perturbado com o fato de ela estar invisível um segundo antes.

— Você armou isso para mim — disse eu. — Você me pôs aqui porque sabia que Clarisse viria atrás de mim, enquanto você mandava Luke dar a volta pelos flancos. Já tinha tudo preparado.

Annabeth encolheu os ombros.

— Eu disse para você. Atena sempre, sempre tem um plano.

— Um plano para que eu fosse reduzido a pó.

— Eu vim o mais rápido que pude. Estava pronta para entrar na briga, mas... — Ela encolheu os ombros. — Você não precisava de ajuda.

Então ela reparou no meu braço ferido:

— Como arranjou isso?

— Corte de espada — disse eu. — O que você acha?

— Não. *Era* um corte de espada. Olhe só.

O sangue se fora. No lugar do rasgo enorme havia uma longa cicatriz branca, e mesmo esta estava desaparecendo. Enquanto eu olhava, ela se transformou em uma cicatriz pequena e sumiu.

— Eu... eu não entendo — disse.

Annabeth raciocinava com empenho. Eu quase podia ver as engrenagens girando. Ela baixou os olhos para os meus pés, depois para a lança quebrada de Clarisse e disse: — Saia da água, Percy.

— O que...

— Apenas saia.

Saí do regato e logo me senti extremamente cansado. Meus braços começaram a ficar dormentes de novo. Minha descarga de adrenalina me abandonou. Quase caí, mas Annabeth me segurou.

— Oh, Estige — praguejou ela. — Isso *não* é bom. Eu não queria... Eu pensei que podia ser Zeus...

Antes que eu pudesse perguntar o que ela queria dizer, ouvi o rosnado canino de novo, porém muito mais perto. Um uivo cortou a floresta.

A comemoração dos campistas cessou imediatamente. Quíron bradou alguma coisa em grego antigo que eu, só mais tarde me daria conta, tinha entendido perfeitamente: — *Preparem-se! Meu arco!*

Annabeth sacou a espada.

Sobre as pedras, logo acima de nós, havia um cão preto do tamanho de um rinoceronte, com olhos vermelhos como lava e presas que pareciam punhais.

Estava olhando diretamente para mim.

Ninguém se moveu exceto Annabeth, que gritou:

— Percy, corra!

Ela tentou se interpor entre mim e o cão, mas o bicho foi rápido demais. Pulou por cima dela — uma enorme sombra com dentes — e, assim que me atingiu, quando cambaleei para trás e senti as garras afiadas como navalhas rasgando minha armadura, houve uma cascata de sons de pancadas, como quarenta pedaços de papel sendo rasgados um após o outro. Um amontoado de flechas brotou no pescoço do cão. O monstro caiu morto aos meus pés.

Por algum milagre eu ainda estava vivo. Não quis olhar embaixo das ruínas da minha armadura esfrangalhada. Meu peito parecia morno e molhado, e eu sabia que estava gravemente ferido. Mais um segundo e o monstro teria me transformado em quarenta e cinco quilos de carne fatiada.

Quíron trotou para perto de nós com um arco na mão, a expressão soturna.

— *Di immortales!* — disse Annabeth. — Aquilo é um cão infernal dos Campos de Punição. Eles não... eles não deveriam...

— Alguém o convocou — disse Quíron. — Alguém de dentro do acampamento.

Luke se aproximou, o estandarte esquecido em sua mão, o momento de glória acabado.

Clarisse berrou:

— É tudo culpa do Percy! Percy o convocou!

— Fique quieta, criança — ordenou-lhe Quíron.

Nós assistimos enquanto o cão infernal se dissolvia em sombra e era absorvido pela terra até desaparecer.

— Você está ferido — disseme Annabeth. — Rápido, Percy, entre na água.

— Eu estou bem.

— Não, você não está — disse ela. — Quíron, veja isto.

Eu estava cansado demais para discutir. Voltei para dentro do regato, o acampamento inteiro reunido à minha volta.

No mesmo instante me senti melhor. Pude perceber os cortes em meu peito se fechando. Alguns dos campistas sufocaram um grito.

— Olhem, eu... eu não sei por quê — falei, tentando me desculpar. — Sinto muito...

Mas eles não estavam olhando minhas feridas cicatrizarem. Olhavam para algo acima da minha cabeça.

— Percy — disse Annabeth apontando. — Ahn...

Quando olhei para cima, o sinal já estava desaparecendo, mas ainda pude distinguir o holograma de luz verde, girando e cintilando. Uma lança de três pontas: um tridente.

— Seu pai — murmurou Annabeth. — Isso *realmente* não é bom.

— Está determinado — anunciou Quíron.

Por toda a minha volta, os campistas começaram a se ajoelhar, até mesmo o chalé de Ares, embora não parecessem muito felizes com isso.

— Meu pai? — perguntei, completamente perplexo.

— Poseidon — disse Quíron. — Senhor dos Terremotos. Portador das Tempestades. Pai dos Cavalos. Salve, Perseu Jackson, Filho do Deus do Mar.

# NOVE

Oferecem-me uma missão

Na manhã seguinte, Quíron me mudou para o chalé 3.

Não tive de compartilhá-lo com ninguém. Tinha espaço à vontade para todas as minhas coisas: o chifre do Minotauro, um conjunto de roupas de reserva e uma sacola de artigos de toalete. Ia me sentar à minha própria mesa de jantar, escolhia todas as minhas atividades, determinava o “apagar das luzes” sempre que tinha vontade e não ouvia a mais ninguém.

E me sentia totalmente infeliz.

Bem quando começava a me sentir aceito, a sentir que tinha um lar no chalé 11 e poderia ser um garoto normal — ou tão normal quanto é possível quando se é um meio-sangue —, fui separado como se tivesse alguma doença rara.

Ninguém mencionou o cão infernal, mas tive a sensação de que estavam todos falando sobre isso pelas minhas costas. O ataque assustara todo mundo. Ele mandou duas mensagens: a primeira, que eu era filho do deus do mar; a segunda, que os monstros não mediriam esforços para me matar. Podiam até invadir um acampamento que sempre foi considerado seguro.

Os outros campistas mantinham distância de mim na medida do possível. O chalé 11 estava agitado demais para receber aula de esgrima junto comigo depois do que eu fizera com o pessoal de Ares no bosque, e assim minhas aulas com Luke passaram a ser particulares. Ele me exigia mais do que nunca, e não tinha medo de me machucar.

— Você vai precisar de todo o treinamento que puder obter — prometeu, enquanto trabalhávamos com tochas flamejantes e espadas. — Agora vamos tentar de novo aquele golpe de decapitar víboras. Mais cinquenta repetições.

Annabeth ainda me ensinava grego pela manhã, mas parecia distraída. A cada vez que eu dizia alguma coisa, ela fechava a cara, como se eu tivesse acabado de lhe dar um soco.

Depois das aulas, ela ia embora resmungando consigo mesma:

— Missão... Poseidon?... Grande porcaria... Preciso de um plano...

Até Clarisse mantinha distância, embora os olhares venenosos deixassem claro que queria me matar por ter quebrado sua lança mágica. Queria que ela simplesmente gritasse, me desse um soco ou coisa assim. Era melhor me meter em brigas todos os dias a ser ignorado.

Soube que alguém no acampamento andava ressentido comigo, porque uma noite entrei no meu chalé e achei um jornal horrível jogado porta adentro, um exemplar do *New York Daily News*, aberto na página Metrópole. Levei quase uma hora para ler a matéria, porque quanto mais ficava zangado mais as palavras pareciam flutuar na página.

**MENINO E SUA MÃE AINDA DESAPARECIDOS**
**DEPOIS DE ESTRANHO ACIDENTE DE CARRO**

# POR EILEEN SMYTHE

Sally Jackson e seu filho Percy ainda não foram encontrados uma semana depois de seu misterioso desaparecimento. O carro da família, um Camaro 1978, totalmente queimado, foi descoberto no último sábado em uma estrada ao norte de Long Island com o teto arrancado e o eixo dianteiro quebrado. O carro havia capotado e derrapado por várias centenas de metros antes de explodir.

Mãe e filho tinham ido passar um fim de semana em Montauk, mas saíram às pressas, sob circunstâncias misteriosas. Pequenos sinais de sangue foram encontrados no carro e perto da cena do desastre, mas não havia outros indícios dos Jackson desaparecidos. Residentes da área rural declararam não ter visto nada de inusitado por volta da hora do acidente.

O marido da sra. Jackson, Gabe Ugliano, alega que o enteado, Percy Jackson, é uma criança problemática que foi expulsa de inúmeros internatos e demonstrou tendências violentas no passado.

A polícia não diz se o filho Percy é suspeito do desaparecimento da mãe, porém não descarta a hipótese de crime. Abaixo estão fotografias recentes de Sally Jackson e Percy. A polícia solicita a qualquer pessoa que tenha alguma informação que ligue gratuitamente para o disque-denúncia de crimes, a seguir.

O número do telefone estava circulado com marcador preto.

Amarrotei o jornal e joguei fora, depois me joguei em meu beliche no meio do chalé vazio.

“Apagar das luzes”, disse para mim mesmo, arrasado.

Naquela noite, tive meu pior pesadelo até então.

Eu corria pela praia no meio de uma tempestade. Dessa vez, havia uma cidade atrás de mim. Não Nova York. O panorama era diferente: os edifícios eram mais afastados uns dos outros, havia palmeiras e colinas baixas a distância.

Cem metros adiante, na arrebentação, dois homens estavam brigando. Pareciam lutadores da tevê, musculosos, com barbas e cabelos compridos. Ambos usavam túnicas gregas esvoaçantes, uma guarnecida de azul, a outra, de verde. Atracavam-se, lutavam, chutavam e davam cabeçadas — e, a cada vez que se tocavam, caíam raios, o céu escurecia e ventos sopravam.

Eu precisava detê-los. Não sabia por quê. Mas, quanto mais eu corria, mais o vento me empurrava de volta, até eu correr sem sair do lugar, os calcanhares se enterrando inutilmente na areia.

Por cima do rugido da tempestade, pude ouvir o de túnica azul gritando para o de túnica verde: *Devolva! Devolva!* Era como se uma criança de jardim de infância estivesse brigando por causa de um brinquedo.

As ondas ficaram maiores, arrebentando na praia e me borrifando com sal.

Eu gritei: *Parem com isso! Parem de brigar!*

O chão estremeceu. Risadas vieram de algum lugar embaixo da terra, e uma voz profunda e maligna me gelou o sangue.

*Venha para baixo, pequeno herói*, a voz sussurrou. *Venha para baixo!*

A areia se abriu embaixo de mim numa fenda que ia direto ao centro da Terra. Meus pés escorregaram e as trevas me engoliram.

Acordei, certo de que estava caindo.

Ainda estava na cama, no chalé 3. Meu corpo me dizia que já era manhã, mas estava escuro lá fora e o trovão ribombava pelas colinas. Uma tempestade estava se formando. Isso eu não havia sonhado.

Ouvi um som oco à porta, o som de um casco batendo na soleira.

— Entre.

Grover trotou para dentro, parecendo preocupado.

— O sr. D quer vê-lo.

— Por quê?

— Ele quer matar... quer dizer, é melhor deixar que ele conte.

Eu me vesti, agitado, e fui, certo de que estava em uma grande encrenca.

Havia dias eu estava esperando uma convocação para a Casa Grande. Agora que tinha sido declarado filho de Poseidon, um dos Três Grandes deuses que não deveriam ter filhos, imaginei que o simples fato de estar vivo já fosse um crime. Os outros deuses provavelmente haviam debatido sobre o melhor jeito de me punir por existir, e agora o sr. D estava pronto para dar seu veredicto.

Acima do estreito de Long Island, o céu parecia uma sopa de tinta em ponto de fervura. Uma cortina brumosa de chuva vinha em nossa direção. Perguntei a Grover se precisávamos de um guarda-chuva.

— Não — disse ele. — Aqui nunca chove, a não ser que queiramos.

Apontei para a tempestade.

— Então que diabo é aquilo?

Ele olhou, preocupado, para o céu.

— Vai passar em volta de nós. O mau tempo sempre faz isso.

Percebi que ele estava certo. Fazia uma semana que estava ali e nunca vira o tempo fechado. As poucas nuvens de chuva que tinha notado contornaram os limites do vale.

Mas aquela tempestade... aquela era imensa.

Na arena de vôlei as crianças do chalé de Apolo jogavam uma partida matinal contra os sátiros. Os gêmeos de Dioniso caminhavam em volta dos campos de morangos fazendo as plantas crescerem. Todos estavam cuidando de suas tarefas normais, mas pareciam tensos. Estavam de olho na tempestade.

Grover e eu caminhamos até a varanda da frente da Casa Grande. Dioniso estava sentado à mesa de *pinochle* com sua Diet Coke, usando a camisa havaiana com listras de tigre, exatamente como no meu primeiro dia. Quíron estava do outro lado da mesa em sua falsa cadeira de rodas. Jogavam contra oponentes

invisíveis — duas mãos de cartas flutuavam no ar.

— Bem, bem — disse o sr. D sem erguer os olhos. — Nossa pequena celebridade.

Eu aguardei.

— Chegue mais perto — disse o sr. D. — E não espere que eu me prostre diante de você, mortal, só porque o velho Barbas de Craca é seu pai.

Uma rede de raios brilhou através das nuvens. Um trovão fez tremerem as janelas da casa.

— Bla-bla-blá — disse Dioniso.

Quíron fingiu interesse em suas cartas de *pinochle*. Grover se encolheu junto ao gradil, os cascos batendo para a frente e para trás.

— Se as coisas fossem do meu jeito — disse Dioniso —, eu faria suas moléculas irromperem em chamas. Nós varreríamos as cinzas e estaríamos livres de um monte de problemas. Mas Quíron parece achar que isso seria contra a minha missão neste acampamento maldito: manter vocês, moleques, a salvo do mal.

— Combustão espontânea *é* uma forma de mal, sr. D — interveio Quíron.

— Bobagem — disse Dioniso. — O menino não sentiria nada. No entanto, eu concordei em me conter. Estou pensando em transformar você em um golfinho em vez disso, e mandá-lo de volta para seu pai.

— Sr. D... — advertiu Quíron.

— Ora, está bem — cedeu Dioniso. — Há mais uma opção. Mas é uma insensatez descomunal. — Dioniso levantou-se, e as cartas dos jogadores invisíveis caíram sobre a mesa. — Estou indo ao Olimpo para uma reunião de emergência. Se o menino ainda estiver aqui quando eu voltar, vou transformá-lo em um nariz de garrafa do Atlântico. Entendeu? E Perseu Jackson, se você for mesmo esperto, verá que se trata de uma escolha muito mais sensata do que aquela que Quíron imagina.

Dioniso pegou uma carta, torceu-a e ela se transformou em um retângulo de plástico. Cartão de crédito? Não. Um passe de segurança.

Ele estalou os dedos.

O ar pareceu se dobrar e se curvar em volta dele. Ele transformou-se em um holograma, depois em um vento e depois desapareceu, deixando para trás apenas o cheiro de uvas recém-prensadas.

Quíron sorriu para mim, mas parecia cansado e tenso.

— Sente-se, Percy, por favor. Grover também.

Nós obedecemos.

Quíron pôs suas cartas na mesa. A mão vencedora que ele não chegara a usar.

— Diga-me, Percy — disse ele. — O que você fez com o cão infernal?

Só de ouvir o nome, eu estremeci.

Quíron provavelmente queria que eu dissesse: *Ora, aquilo não foi nada. Costumo comer cães infernais no café da manhã*. Mas eu não estava com vontade de mentir.

— Ele me apavorou — falei. — Se vocês não o tivessem acertado, eu estaria morto.

— Você vai enfrentar coisas piores, Percy. Muito piores, antes de terminar.

— Terminar... o quê?

— Sua missão, é claro. Você vai aceitá-la?

Dei uma olhada para Grover, que estava cruzando os dedos.

— Ahn, senhor, ainda não me contou qual será.

Quíron fez uma careta.

— Bem, essa é a parte difícil, os detalhes.

Um trovão irrompeu pelo vale. As nuvens de tempestade haviam agora chegado ao limite da praia. Até onde eu podia ver, o céu e o mar estavam fervendo juntos.

— Poseidon e Zeus — disse eu. — Eles estão lutando por algo valioso... algo que foi roubado, não estão?

Quíron e Grover trocaram olhares.

Quíron inclinou-se para a frente em sua cadeira de rodas.

— Como você sabe disso?

Senti o rosto quente. Desejei não ter aberto meu bocão.

— Desde o Natal o tempo está esquisito, como se o mar e o céu estivessem brigando. Então falei com Annabeth, e ela tinha ouvido alguma coisa sobre um roubo. E... também andei sonhando umas coisas.

— Eu sabia — disse Grover.

— Quieto, sátiro — ordenou Quíron.

— Mas essa é a missão dele! — Os olhos de Grover estavam brilhantes de excitação. — Tem de ser!

— Só o Oráculo pode determinar. — Quíron alisou a barba eriçada. — No entanto, Percy, você está correto. Seu pai e Zeus estão tendo sua pior disputa em séculos. Estão lutando por uma coisa valiosa que foi roubada. Para ser preciso: um relâmpago.

Eu ri de nervoso.

— Um *o quê?*

— Não brinque com isso — advertiu Quíron. — Não estou falando de um ziguezague recoberto de papel-alumínio como você vê em peças da escola. Estou falando de um cilindro de bronze celestial de alto grau, com sessenta centímetros de comprimento, arrematado em ambos os lados com explosivos de nível

deífico.

— Ah.

— O raio-mestre de Zeus — disse Quíron, agora ficando emocionado. — O símbolo de seu poder, conforme o qual todos os outros raios são moldados. A primeira arma feita pelos Ciclopes para a guerra contra os Titãs, que decepou o cume do Monte Etna e arremessou Cronos para fora do seu trono; o raio-mestre, que acumula potência suficiente para fazer as bombas de hidrogênio dos mortais parecerem fogos de artifício.

— E ele desapareceu?

— Roubaram — disse Quíron.

— Quem roubaram?

— Quem *roubou* — corrigiu Quíron. Uma vez professor, sempre professor. — *Você*.

Meu queixo caiu.

— Pelo menos — Quíron ergueu uma das mãos —, é isso que Zeus pensa. Durante o solstício de inverno, na última assembleia dos deuses, Zeus e Poseidon tiveram uma discussão. As tolices de sempre: "A Mãe Reia sempre gostou mais de você", "Os desastres aéreos são mais espetaculares que os desastres marítimos" *etc.* Mais tarde, Zeus se deu conta de que o seu raio-mestre havia desaparecido, levado da sala do trono bem debaixo do seu nariz. No mesmo instante culpou Poseidon. Agora, um deus não pode usurpar diretamente o símbolo de poder de outro deus — isso é proibido pela mais antiga das leis divinas. Mas Zeus acredita que seu pai convenceu um herói humano a pegá-lo.

— Mas eu não...

— Paciência, e escute, criança — disse Quíron. — Zeus tem boas razões para suspeitar. As forjas dos Ciclopes ficam embaixo do oceano, o que dá a Poseidon alguma influência sobre os fabricantes dos raios do seu irmão. Zeus acredita que Poseidon pegou o raio-mestre e está agora mandando os Ciclopes construírem secretamente um arsenal de cópias ilegais, que poderiam ser usadas para derrubar Zeus do seu trono. A única coisa de que Zeus não tinha certeza era qual herói Poseidon usara para roubar o raio. Agora Poseidon declarou abertamente que você é filho dele. Você estava em Nova York nas férias de inverno. Poderia facilmente ter se infiltrado no Olimpo. Zeus acredita que encontrou o seu ladrão.

— Mas eu nunca estive no Olimpo! Zeus está maluco!

Quíron e Grover olharam nervosamente para o céu. As nuvens não pareciam estar se separando à nossa volta, como Grover prometera. Estavam vindo para cima do nosso vale, fechando-nos dentro dele como uma tampa de caixão.

— Ahn, Percy...? — disse Grover. — Nós não usamos essa palavra que começa com *m* para descrever o Senhor do Céu.

— *Paranoico*, quem sabe — sugeriu Quíron. — Mas, por outro lado, Poseidon já tentou derrubar Zeus antes. Acredito que essa foi a pergunta 38 da sua prova final... — Ele olhou para mim como quem realmente esperava que eu me lembrasse da pergunta 38.

Como podia alguém me acusar de roubar a arma de um deus? Eu não conseguia nem furtar um pedaço de pizza da mesa de pôquer de Gabe sem ser pego. Quíron estava esperando por uma resposta.

— Alguma coisa a ver com uma rede de ouro? — adivinhei. — Poseidon, e Hera, e alguns outros deuses... eles, tipo, prenderam Zeus numa armadilha e não o deixaram sair até ele prometer ser um soberano melhor, certo?

— Correto — disse Quíron. — E Zeus nunca mais confiou em Poseidon desde então. Poseidon, é claro, nega ter roubado o raio-mestre. Ele se ofendeu com a acusação. Os dois vêm discutindo o tempo todo há meses, com ameaças de guerra. E agora você apareceu — a famosa gota d'água.

— Mas eu sou apenas uma criança!

— Percy — interveio Grover —, se você fosse Zeus, e já achasse que o seu irmão estava planejando derrubá-lo, e então o seu irmão subitamente admitisse que havia quebrado o juramento sagrado que fizera depois da Segunda Guerra Mundial e que era pai de um novo herói mortal que poderia ser usado como uma arma contra você... Isso não o deixaria com a pulga atrás da orelha?

— Mas eu não fiz nada. Poseidon, meu pai, realmente não mandou roubar esse raio-mestre, mandou?

Quíron suspirou.

— A maioria dos observadores inteligentes concordaria que o roubo não faz o estilo de Poseidon. Mas o deus do mar é orgulhoso demais para tentar convencer Zeus disso. Zeus exigiu que Poseidon devolva o raio até o solstício de verão. Isso será em 21 de junho, dez dias a contar de agora. Poseidon quer um pedido de desculpas por ser chamado de ladrão até essa mesma data. Eu tinha esperanças de que a diplomacia prevalecesse, que Hera ou Deméter ou Héstia fariam os dois irmãos verem a razão. Mas a sua chegada inflamou o gênio de Zeus. Agora nenhum dos dois deuses quer recuar. A não ser que alguém intervenha, a não ser que o raio-mestre seja encontrado e devolvido a Zeus antes do solstício, haverá guerra. E você sabe como poderia ser uma guerra total, Percy?

— Ruim? — adivinhei.

— Imagine o mundo em caos. A natureza em guerra consigo mesma. Os olimpianos forçados a escolher lados entre Zeus e Poseidon. Destruição. Carnificina. Milhões de mortos. A civilização ocidental transformada em um campo de batalha tão grande que fará a Guerra de Troia parecer uma luta de

balões d’água.

— Ruim — repeti.

— E você, Percy Jackson, será o primeiro a sentir a ira de Zeus.

Começou a chover. Os jogadores de vôlei interromperam o jogo e olhavam em silêncio perplexo para o céu.

*Eu* havia trazido a tempestade para a Colina Meio-Sangue. Zeus estava punindo o acampamento inteiro por minha causa. Eu estava furioso.

— Então eu tenho de encontrar aquele raio estúpido — disse. — E devolvê-lo a Zeus.

— Que melhor oferenda de paz — disse Quíron —, do que fazer o filho de Poseidon devolver o que é de Zeus?

— Se não está com Poseidon, onde está essa coisa?

— Eu creio que sei. — A expressão de Quíron era soturna. — Parte da profecia que recebi anos atrás... bem, algumas frases fazem sentido para mim, agora. Mas, antes que eu possa dizer mais, você precisa aceitar oficialmente a missão. Você precisa procurar o conselho do Oráculo.

— Por que você não pode dizer de antemão onde está o raio?

— Porque, se eu fizer isso, você ficará assustado demais para aceitar o desafio.

Eu engoli em seco.

— Boa razão.

— Então você concorda?

Olhei para Grover, que assentiu encorajadoramente.

Fácil para ele. Era a mim que Zeus queria matar.

— Está bem — disse eu. — É melhor do que ser transformado em um golfinho.

— Então é hora de você consultar o Oráculo — disse Quíron. — Vá para cima, Percy Jackson, para o sótão. Quando descer de novo, presumindo que ainda esteja lúcido, conversaremos mais.

Quatro lances acima, a escada terminava embaixo de um alçapão verde.

Puxei o cordão. A porta se abriu e uma escada de madeira caiu ruidosamente no lugar.

O ar morno que vinha de cima cheirava a mofo, madeira podre e mais alguma coisa... um cheiro que me lembrou a aula de biologia. Répteis. O cheiro de serpentes.

Prendi a respiração e subi.

O sótão estava atulhado de sucata de heróis gregos: suportes de armaduras cobertos de teias de aranha; escudos outrora brilhantes cheios de adesivos

dizendo ÍTACA, ILHA DE CIRCE e TERRA DAS AMAZONAS. Sobre uma mesa comprida estavam amontoados potes de vidro cheios de *coisas* em conserva — garras peludas decepadas, enormes olhos amarelos e diversas outras partes de monstros. Um troféu empoeirado na parede parecia ser uma cabeça de serpente gigante, mas com chifres e uma arcada completa de dentes de tubarão. Uma placa dizia: CABEÇA N. 1 DA HIDRA, WOODSTOCK, N.Y., 1969.

Junto à janela, sentado em uma banqueta de madeira com três pernas, estava o suvenir mais pavoroso de todos: uma múmia. Não do tipo enfaixada em panos, mas um corpo humano feminino, ressecado até ficar só a casca. Usava um vestido de verão estampado em batique, com uma porção de colares de contas e uma bandana por cima de longos cabelos pretos. A pele do rosto era fina e parecia couro por cima do crânio, e os olhos eram fendas brancas vítreas, como se os olhos de verdade tivessem sido substituídos por bolas de gude; devia estar morta fazia muito, muito tempo.

Olhar para ela me deu arrepios nas costas. E isso foi antes de ela se endireitar na banqueta e abrir a boca. Uma névoa verde jorrou da garganta da múmia, serpenteando pelo chão em anéis grossos, sibilando como vinte mil cobras. Tropecei em mim mesmo tentando chegar até o alçapão, mas ele se fechou com uma batida. Dentro da minha cabeça, ouvi uma voz, deslizando por um ouvido e se enroscando por meu cérebro: *Eu sou o espírito de Delfos, porta-voz das profecias de Febo Apolo, assassino da poderosa Píton. Aproxime-se, você que busca, e pergunte*.

Eu quis dizer: *Não, obrigado, porta errada, só estava procurando o banheiro*. Mas me forcei a respirar fundo.

A múmia não estava viva. Era algum tipo de receptáculo horripilante para uma outra coisa, o poder que girava em espiral à minha volta na névoa verde. Mas sua presença não parecia maligna, como a da professora demoníaca de matemática, a sra. Dodds ou a do Minotauro. Era mais como as Três Parcas que eu tinha visto tricotando o fio de lã ao lado da banca de frutas da rodovia: antiga, poderosa e, sem dúvida, não humana. E também não parecia especialmente interessada em me matar.

Reuni coragem para perguntar:

— Qual é o meu destino?

A névoa rodopiou, mais densa, juntando-se bem na minha frente e em volta da mesa com os potes que continham partes de monstros em conserva. De repente, havia quatro homens sentados à volta da mesa, jogando cartas. Os rostos ficaram mais nítidos. Era Gabe Cheiroso e seus cupinchas.

Meus punhos se contraíram, embora eu soubesse que aquele jogo de pôquer não podia ser real. Era uma ilusão, feita de névoa.

Gabe voltou-se para mim e falou na voz rouca do Oráculo: *Você irá para o oeste, e irá enfrentar o deus que se tornou desleal*.

O cupincha da direita ergueu os olhos e disse com a mesma voz: *Você irá encontrar o que foi roubado, e o verá devolvido em segurança.*

O da esquerda colocou três fichas na mesa, depois disse: *Você será traído por aquele que o chama de amigo*.

Por fim Eddie, o zelador do nosso edifício, proferiu a pior sentença de todas: *E, no fim, irá fracassar em salvar aquilo que mais importa*.

As figuras começaram a se dissolver. De início fiquei atordoado demais para dizer alguma coisa, mas quando a névoa recuou, enrolando-se como uma enorme serpente verde e deslizando de volta para dentro da boca da múmia, eu gritei: — Espere! O que quer dizer? Que amigo? O que não vou conseguir salvar?

A cauda da serpente de névoa desapareceu na boca da múmia. Ela se reclinou de volta contra a parede. A boca fechou-se bem apertada, como se não tivesse sido aberta em cem anos. O sótão ficou silencioso de novo, abandonado, nada além de uma sala cheia de suvenires.

Tive a sensação de que poderia ficar lá parado até juntar teias de aranha também, e não ficaria sabendo mais nada.

Minha audiência com o Oráculo estava encerrada.

— E então? — Quíron me perguntou.

Desabei em uma cadeira à mesa de *pinochle*.

— Ela disse que eu devia recuperar o que foi roubado.

Grover se inclinou para a frente, mascando animado os restos de uma lata de Diet Coke.

— Isso é ótimo!

— O que foi que o Oráculo disse *exatamente*? — pressionou Quíron. — Isso é importante.

Meus ouvidos ainda estavam tinindo com a voz reptiliana.

— Ela... ela disse que eu iria para o oeste e enfrentaria um deus que se tornou desleal. Recuperaria o que foi roubado e devolveria em segurança.

— Eu sabia — disse Grover.

Quíron não pareceu satisfeito.

— Mais alguma coisa?

Eu não queria contar a ele.

Que amigo iria me trair? Eu não tinha tantos assim.

E a última sentença — eu fracassaria em salvar o que mais importa. Que tipo de Oráculo me mandaria em uma missão e me diria, *Ah, a propósito, você vai se dar mal.*

Como eu poderia confessar aquilo?

— Não — falei. — Isso é tudo.

Ele estudou meu rosto.

— Muito bem, Percy. Mas saiba disto: as palavras do Oráculo frequentemente têm duplo sentido. Não se fie demais nelas. A verdade nem sempre fica clara até que os eventos aconteçam.

Tive a sensação de que ele sabia que eu estava escondendo algo ruim, e tentava fazer com que eu me sentisse melhor.

— Certo — falei, ansioso por mudar de assunto. — Então, aonde vou? Quem é esse deus no oeste?

— Ah, pense, Percy — disse Quíron. — Se Zeus e Poseidon enfraquecem um ao outro numa guerra, quem tem a ganhar com isso?

— Algum outro que queira tomar o poder? — adivinhei.

— Sim, exatamente. Alguém que guarda um ressentimento, alguém que está infeliz com a parte que lhe coube desde que o mundo foi dividido eras atrás, cujo reinado se tornará poderoso com a morte de milhões. Alguém que odeia os irmãos por forçá-lo a um juramento de não ter mais filhos, um juramento que ambos agora quebraram.

Pensei nos meus sonhos, na voz maligna que falara do fundo da terra.

— Hades.

Quíron assentiu.

— O Senhor dos Mortos é a única possibilidade.

Grover babou um pedaço de alumínio pelo canto da boca.

— Opa, espere aí. O-o quê?

— Uma das Fúrias veio atrás de Percy — lembrou Quíron. — Ela observou o rapaz até ter certeza da sua identidade, e então tentou matá-lo. As Fúrias obedecem a um só senhor: Hades.

— Sim, mas... mas Hades odeia *todos* os heróis — protestou Grover. — Especialmente se tiver descoberto que Percy é filho de Poseidon...

— Um cão infernal conseguiu entrar na floresta — continuou Quíron. — Eles só podem ser convocados dos Campos da Punição, e ele tinha de ser convocado por alguém de dentro do acampamento. Hades deve ter um espião aqui. Ele deve suspeitar que Poseidon tentará usar Percy para limpar seu nome. Hades gostaria muito de matar esse jovem meio-sangue antes que ele possa assumir a missão.

— Boa — murmurei. — São dois dos deuses mais importantes querendo me matar.

— Mas uma missão para... — Grover engoliu em seco. — Quer dizer, o raio-mestre não poderia estar em algum lugar como o Maine? O Maine é muito agradável nesta época do ano.

— Hades enviou um protegido para roubar o raio-mestre — insistiu Quíron. — Ele o escondeu no Mundo Inferior, sabendo muito bem que Zeus culparia Poseidon. Não pretendo entender perfeitamente os motivos do Senhor dos Mortos ou por que ele escolheu esta época para começar uma guerra, mas uma coisa é certa: Percy precisa ir ao Mundo Inferior, encontrar o raio-mestre e revelar a verdade.

Um fogo estranho queimou em meu estômago. O mais esquisito era que não se tratava de medo. Era expectativa. O desejo de vingança. Hades tentara me matar três vezes até agora, com a Fúria, o Minotauro e o cão infernal. Por sua culpa minha mãe desaparecera em um clarão. Agora ele tentava enquadrar eu e meu pai por um roubo que não tínhamos cometido.

Eu estava pronto para enfrentá-lo.

Além disso, se minha mãe estava no Mundo Inferior...

Epa, rapaz!, disse a pequena parte do meu cérebro que ainda estava lúcida. Você é um garoto. Hades é um deus.

Grover estava tremendo. Tinha começado a comer cartas de *pinochle* como se fossem batatinhas fritas.

O pobre sujeito precisava completar uma missão comigo para obter sua licença de buscador, o que quer que fosse isso, mas como poderia lhe pedir que participasse daquilo, principalmente sabendo que o Oráculo dissera que eu ia fracassar? Era suicídio.

— Olhe, se nós sabemos que é Hades — disse a Quíron —, por que não podemos simplesmente contar aos outros deuses? Zeus ou Poseidon poderiam descer ao Mundo Inferior e fazer rolar algumas cabeças.

— Suspeitar e saber não são o mesmo — disse Quíron. — Além disso, mesmo que suspeitem de Hades... imagino que Poseidon suspeite... os outros deuses não poderiam recuperar o raio por si mesmos. Deuses não podem entrar nos territórios um do outro a não ser que sejam convidados. Essa é outra regra muito antiga. Heróis, por outro lado, têm certos privilégios. Podem ir a qualquer lugar, desafiar qualquer um, desde que sejam corajosos e fortes o bastante para fazê-lo. Nenhum deus pode ser responsabilizado pelos atos de um herói. Por que acha que os deuses sempre agem por intermédio de seres humanos?

— Você está dizendo que estou sendo usado.

— Estou dizendo que não é por acaso que Poseidon o assumiu agora. É uma jogada muito arriscada, mas ele está em uma situação desesperadora. Precisa de você.

Meu pai precisa de mim.

As emoções giraram dentro de mim como pedaços de vidro em um caleidoscópio. Eu não sabia se sentia ressentimento, gratidão, alegria ou raiva.

Poseidon me ignorara por doze anos. Agora, de repente, precisava de mim.

Olhei para Quíron.

— Você sabia o tempo todo que eu era filho de Poseidon, não é?

— Tinha minhas suspeitas. Como eu disse... também falei com o Oráculo.

Tive a sensação de que havia muita coisa que ele não estava me contando sobre sua profecia, mas percebi que não poderia me preocupar com aquilo naquela hora. Afinal, eu também estava sonegando informações.

— Então, deixe-me entender direito — falei. — Preciso ir para o Mundo Inferior e confrontar o Senhor dos Mortos.

— Confere — disse Quíron.

— Para encontrar a arma mais poderosa do universo.

— Confere.

— E levá-la de volta ao Olimpo antes do solstício de verão, daqui a dez dias.

— Isso mesmo.

Olhei para Grover, que engoliu o ás de copas.

— Cheguei a mencionar que o Maine é muito agradável nesta época do ano? — perguntou ele de um jeito cansado.

— Você não precisa ir — disse a ele. — Não posso lhe exigir isso.

— Ah... — Ele se balançou de um casco para outro. — Não... é só que os sátiros, e os lugares embaixo da terra... bem...

Ele respirou fundo, depois se pôs de pé, sacudindo os pedaços de cartas e alumínio da camiseta.

— Você salvou a minha vida, Percy. Se... se está falando sério em querer que eu vá junto, não vou deixá-lo na mão.

Fiquei tão aliviado que tive vontade de chorar, embora não achasse isso muito heroico. Grover era o único amigo que já tivera por mais que alguns meses. Não sabia muito bem o que um sátiro poderia fazer contra as forças dos mortos, mas me senti melhor sabendo que ele estaria comigo.

— Juntos até o fim, homem-bode. — Eu me virei para Quíron. — Então, para onde vamos? O Oráculo só disse para ir para oeste.

— A entrada para o Mundo Inferior fica sempre no oeste. Muda de lugar de era em era, como o Olimpo. Atualmente, é claro, fica nos Estados Unidos.

— Onde?

Quíron pareceu surpreso.

— Pensei que fosse óbvio. A entrada para o Mundo Inferior fica em Los Angeles.

— Ah — falei. — Claro. Então é só pegar um avião...

— Não! — gritou Grover. — Percy, o que está pensando? Alguma vez na vida já esteve em um avião?

Sacudi a cabeça, sem graça. Minha mãe nunca me levara para lugar algum de avião. Ela sempre dizia que não tínhamos dinheiro para isso. Além disso, os pais dela tinham morrido em um desastre de avião.

— Percy, pense — disse Quíron. — Você é filho do deus do mar. O rival mais rancoroso do seu pai é Zeus, Senhor do Céu. Sua mãe sabia muito bem que não podia confiar você a um avião. Você estaria nos domínios de Zeus. Jamais desceria com vida.

Acima de nós, relâmpagos estalaram. O trovão ribombou.

— Certo — disse eu, determinado a não olhar para a tempestade. — Então, viajarei por terra.

— Certo — disse Quíron. — Dois parceiros poderão acompanhá-lo. Grover é um. O outro já se apresentou como voluntário, se você aceitar a ajuda dela.

— Puxa — falei, fingindo surpresa. — Quem mais seria bastante estúpido para se apresentar para uma missão como essa?

O ar tremulou atrás de Quíron.

Annabeth se tornou visível, enfiando o boné dos Yankees no bolso de trás.

— Eu estava esperando há muito tempo por uma missão, cabeça de alga — disse ela. — Atena não é fã de Poseidon, mas se você vai salvar o mundo, sou a melhor pessoa para impedir que estrague tudo.

— Se é você quem diz. Tem algum plano, sabidinha?

As bochechas dela coraram.

— Você quer minha ajuda ou não?

A verdade é que eu queria. Precisava de toda a ajuda que pudesse encontrar.

— Um trio — disse eu. — Isso vai dar certo.

— Excelente — disse Quíron. — Esta tarde podemos levar vocês no máximo até o terminal de ônibus em Manhattan. Depois disso, estarão por conta própria.

Um relâmpago. A chuva desabou sobre as campinas que jamais deveriam ver um temporal violento.

— Não há tempo a perder — disse Quíron. — Acho que todos vocês devem fazer as malas.

# DEZ

Eu destruo um ônibus

Não precisei de muito tempo para fazer as malas. Decidi deixar o chifre do Minotauro no meu chalé, então só restaram uma muda extra de roupas e uma escova de dentes para enfiar numa mochila que Grover encontrara para mim.

A loja do acampamento me emprestou cem dólares em dinheiro mortal e vinte dracmas de ouro. Essas moedas eram grandes como um biscoito gigante, tinham imagens de diversos deuses gregos estampadas de um lado e o Edifício Empire State do outro. Os dracmas dos mortais antigos eram de prata, Quíron nos contou, mas os olimpianos nunca usavam nada menos que ouro puro. Quíron disse que as moedas poderiam vir a calhar para transações não mortais — o que quer que isso significasse. Ele deu a Annabeth e a mim um cantil de néctar e um saco hermético cheio de quadradinhos de ambrosia, para usar somente em emergências, se fôssemos gravemente feridos. Aquilo era o alimento dos deuses, Quíron lembrou. Iria nos curar de qualquer ferimento, mas era letal para mortais. Em excesso, poderia deixar um meio-sangue com muita, muita febre. Uma overdose nos faria pegar fogo, literalmente.

Annabeth carregava seu boné mágico dos Yankees, que era, ela me contou, um presente da mãe pelo seu décimo segundo aniversário. Ela levou um livro sobre a famosa arquitetura clássica, escrito em grego antigo, para ler quando estivesse entediada, e carregava uma comprida faca de bronze escondida na manga da camisa. Eu tinha certeza de que a faca ia nos causar problemas na primeira vez em que passássemos por um detector de metais.

Grover estava com seus pés falsos e calças para passar por humano. Usava uma touca verde estilo rastafári, porque, quando chovia, seu cabelo encaracolado se achatava, deixando aparecer a ponta dos chifres. Sua mochila berrante, alaranjada, estava cheia de sucata de metal e maçãs para o lanche. Em seu bolso havia um conjunto de flautas de bambu que o papai-bode esculpira para ele, muito embora ele só conhecesse duas músicas: o Concerto para Piano n. 12, de Mozart, e *So Yesterday*, de Hilary Duff, e ambas soassem muito mal em flautas

de bambu.

Acenamos em despedida para os outros campistas, demos uma última olhada para os campos de morangos, o oceano e a Casa Grande, depois subimos a Colina Meio-Sangue até o alto pinheiro que outrora fora Thalia, filha de Zeus.

Quíron nos esperava em sua cadeira de rodas. Ao lado dele estava o surfista que eu tinha visto quando me recuperava no quarto de doente. De acordo com Grover, o cara era chefe de segurança do acampamento. Supostamente, tinha olhos espalhados pelo corpo inteiro para jamais ser pego de surpresa. Naquele dia, no entanto, usava uniforme de chofer, então só pude ver os olhos extras das mãos, do rosto e do pescoço.

— Este é Argos — disse Quíron. — Vai levar vocês de carro até a cidade e, ahn, bem, ficar de olho em tudo.

Ouvi passos atrás de nós.

Luke veio correndo colina acima, carregando um par de tênis de basquete.

— Ei! — ofegou ele. — Ainda bem que alcancei vocês.

Annabeth corou, como sempre acontecia quando Luke estava por perto.

— Só queria desejar boa sorte — disse ele para mim. — E pensei... ahn, quem sabe você poderia usar isso.

Ele me entregou os tênis, que pareciam bastante normais. Tinham até cheiro de normais.

Luke disse:

— *Maia!*

Asas brancas de ave brotaram dos calcanhares, deixando-me tão surpreso que os deixei cair. Os tênis bateram as asas no chão até que estas se dobraram e desapareceram.

— Impressionante! — disse Grover.

Luke sorriu.

— Ajudaram muito quando eu estava na minha missão. Presente do papai. É claro, eu não os uso muito hoje em dia... — Sua expressão tornou-se triste.

Eu não sabia o que dizer. Já era bem legal o fato de Luke ter ido se despedir. Tinha receio de que ele estivesse magoado comigo por ter ganho tanta atenção nos últimos dias. Mas ali estava ele, com um presente mágico... Aquilo me fez corar quase tanto quanto Annabeth.

— Ei, cara, obrigado.

— Escute, Percy... — Luke pareceu sem graça. — Todos esperam muito de você. Então, apenas... mate alguns monstros por mim, o.k.?

Trocamos um aperto de mãos. Luke afagou a cabeça de Grover entre os chifres e depois deu um grande abraço em Annabeth, que pareceu que ia desmaiar.

Depois que Luke se foi, eu disse a ela:

— Você está com a respiração acelerada.

— Não estou, não.

— Você o deixou capturar a bandeira em seu lugar, não foi?

— Ai... por que mesmo eu quero ir a algum lugar com você, Percy?

Ela desceu batendo os pés para outro lado da colina, onde um utilitário esportivo branco esperava no acostamento da estrada. Argos a seguiu, balançando as chaves do carro.

Peguei os tênis voadores e tive uma súbita sensação ruim. Olhei para Quíron.

— Eu não vou poder usar isso, não é?

Ele sacudiu a cabeça.

— A intenção de Luke foi boa, Percy. Mas subir para o ar... não seria muito inteligente de sua parte.

Eu assenti, desapontado, mas então tive uma ideia.

— Ei, Grover. Você quer um apetrecho mágico?

Seus olhos se iluminaram.

— Eu?

Rapidamente, amarramos os tênis por cima dos seus falsos pés, e o primeiro menino-bode voador do mundo estava pronto para o lançamento.

— *Maia!* — bradou.

Ele se ergueu do chão muito bem, mas então tombou de lado e sua mochila arrastou-se pela grama. Os tênis alados ficaram corcoveando para o alto e para baixo como minúsculos cavalos selvagens.

— Prática — gritou Quíron para ele. — Você só precisa de prática!

— Aaaaaa! — Grover saiu voando de lado colina abaixo, como um cortador de grama ensandecido, em direção à van.

Antes que eu pudesse segui-lo, Quíron segurou meu braço.

— Eu devia tê-lo treinado melhor, Percy — disse ele. — Se ao menos tivesse tido mais tempo. Hércules, Jasão... todos receberam mais treinamento.

— Tudo bem. Só queria...

Eu me interrompi pois estava prestes a soar como uma criança mimada. Queria que meu pai tivesse me dado uma coisa mágica legal para ajudar na missão, algo tão bom quanto os tênis voadores de Luke ou o boné invisível de Annabeth.

— Onde estou com a cabeça? — exclamou Quíron. — Não posso deixar você ir embora sem isto.

Ele puxou uma caneta do bolso do casaco e me entregou. Era uma esferográfica descartável comum, tinta preta, tampa removível. Custava provavelmente trinta centavos.

— Puxa — disse eu. — Obrigado.

— Percy, isto foi um presente de seu pai. Guardei durante anos, sem saber que era você que eu estava esperando. Mas a profecia agora está clara para mim. Você é o escolhido.

Lembrei-me da excursão ao Metropolitan Museum of Art, quando reduzi a pó a sra. Dodds. Quíron me jogara uma caneta que se transformou em espada. Será que aquilo era...?

Tirei a tampa, e a caneta ficou mais comprida e pesada em minha mão. Em meio segundo eu estava segurando uma reluzente espada de bronze com lâmina de fio duplo, cabo envolvido em couro e uma guarda chata rebitada com pinos de ouro. Era a primeira arma que realmente parecia equilibrada em minha mão.

— A espada tem uma história longa e trágica, sobre a qual não precisamos falar — contou-me Quíron. — Seu nome é Anaklusmos.

— Contracorrente — traduzi, surpreso que o grego antigo me tenha vindo tão fácil.

— Só a use para emergências — disse Quíron, e apenas contra monstros. Nenhum herói deve ferir mortais, só se for absolutamente necessário, é claro, mas esta espada não os feriria em nenhum caso.

Olhei para a lâmina cruelmente afiada.

— Como assim, não feriria mortais? Como ela pode não ferir?

— A espada é de bronze celestial. Forjada pelos Ciclopes, temperada no coração do monte Etna, resfriada no rio Lete. É mortífera para monstros, para qualquer criatura do Mundo Inferior, desde que não matem você primeiro. Mas a lâmina passará através de mortais como uma ilusão. Eles não são bastante importantes para serem mortos pela lâmina. E devo avisá-lo: como um semideus, você pode ser morto tanto por armas celestiais quanto por armas normais. Você é duas vezes mais vulnerável.

— Bom saber.

— Agora recoloque a tampa na caneta.

Encostei a tampa da caneta na ponta da espada e instantaneamente Contracorrente encolheu e se transformou de novo em uma esferográfica. Enfiei-a no bolso um pouco nervoso, porque na escola tinha a fama de perder canetas.

— Não há risco — disse Quíron.

— De quê?

— De perder a caneta — disse ele. — É encantada. Sempre vai reaparecer no seu bolso. Experimente.

Eu estava desconfiado, mas atirei a caneta o mais longe que pude colina abaixo e a vi desaparecer na grama.

— Pode levar alguns instantes — disse Quíron. — Agora verifique o bolso.

Sem dúvida, a caneta estava lá.

— Certo, isso é *muito* legal — admiti. — Mas e se um mortal me vir puxando uma espada?

Quíron sorriu.

— A Névoa é algo poderoso, Percy.

— A Névoa?

— Sim. Leia a *Ilíada*. Está cheia de referências a isso. Sempre que elementos divinos ou monstruosos se misturam com o mundo mortal, eles geram a Névoa, que tolda a visão dos seres humanos. Você verá as coisas exatamente como são, sendo um meio-sangue, mas os seres humanos interpretarão tudo de modo muito diferente. É realmente incrível até que ponto os seres humanos podem ir para adaptar as situações à sua concepção de realidade.

Pus Contracorrente de volta no bolso.

Pela primeira vez, senti a missão como algo real. Eu estava de fato deixando a Colina Meio-Sangue. Estava indo para oeste sem nenhuma supervisão de adulto, sem um plano B, nem mesmo um telefone celular. (Quíron disse que os telefones podiam ser rastreados por monstros; se usasse um, seria pior do que lançar um foguete de sinalização.) Eu não tinha nenhuma arma mais poderosa do que uma espada para combater monstros e chegar à Terra dos Mortos.

— Quíron... — falei. — Quando você diz que os deuses são imortais... quer dizer, havia um tempo *antes* deles, certo?

— Quatro eras antes deles, na verdade. O Tempo dos Titãs foi a Quarta Era, às vezes chamada de Era de Ouro, o que sem dúvida é um nome impróprio. Esta época, a época da civilização ocidental e reinado de Zeus, é a Quinta Era.

— Então como era... antes dos deuses?

Quíron contraiu os lábios.

— Nem mesmo eu sou bastante velho para me lembrar disso, criança, mas sei que era um tempo de trevas e selvageria para os mortais. Cronos, o Senhor dos Titãs, chamou seu reinado de Era de Ouro porque os homens viviam em inocência e livres de todo o conhecimento. Mas isso era mera propaganda. O rei Titã não se importava nada com sua espécie a não ser para servir de aperitivo, ou como fonte de entretenimento. Foi só no início do reinado do Senhor Zeus, quando Prometeu, o bom Titã, trouxe o fogo para a humanidade, que sua espécie começou a evoluir, e mesmo então Prometeu foi estigmatizado como pensador radical. Zeus o castigou severamente, como você deve lembrar. É claro, por fim os deuses se interessaram pelos seres humanos, e nasceu a civilização ocidental.

— Mas agora os deuses não podem morrer, certo? Quero dizer, enquanto a civilização ocidental estiver viva, eles estarão vivos. Assim... mesmo se eu fracassar, nada pode acontecer de tão ruim a ponto de estragar *tudo*, certo?

Quíron me deu um sorriso melancólico.

— Ninguém sabe quanto tempo a Era do Ocidente irá durar, Percy. Os deuses são imortais, sim. Mas os Titãs também eram imortais. *Eles* ainda existem, trancados em suas várias prisões, forçados a suportar dores e castigos infinitos, com o poder reduzido, mas ainda muito vivos. Que as Parcas não permitam que os deuses sofram tal maldição, ou que retornemos às trevas e ao caos do passado. Tudo o que podemos fazer, criança, é seguir nosso destino.

— Nosso destino... presumindo que saibamos qual é.

— Relaxe — disseme Quíron. — Mantenha as ideias no lugar. E lembre-se, você pode estar a ponto de evitar a maior guerra da história humana.

— Relaxe — disse eu. — Estou muito relaxado.

Quando cheguei ao pé da colina, olhei para trás. Sob o pinheiro que outrora era Thalia, filha de Zeus, Quíron estava em plena forma de homem-cavalo, segurando no alto seu arco em saudação. Uma típica despedida do acampamento de verão pelo seu típico centauro.

Argos nos levou para fora da zona rural em direção ao oeste de Long Island. Era esquisito estar novamente em uma autoestrada, com Annabeth e Grover sentados ao meu lado como se fôssemos caronas normais. Depois de duas semanas na Colina Meio-Sangue, o mundo real parecia uma fantasia. Surpreendi-me olhando para cada McDonald's, cada criança no banco traseiro do carro dos pais, cada cartaz e cada shopping center.

— Até agora, tudo bem — disse a Annabeth. — Quinze quilômetros e nem um único monstro.

Ela me lançou um olhar irritado.

— Falar desse jeito traz má sorte, cabeça de alga.

— Ajude-me a lembrar: por que você me odeia tanto?

— Eu não odeio você.

— Posso estar enganado.

Ela dobrou o boné de invisibilidade.

— Olhe... é só que não deveríamos nos dar bem, o.k.? Nossos pais são rivais.

— Por quê?

Ela suspirou.

— Quantas razões você quer? Uma vez minha mãe pegou Poseidon com a namorada dele no templo de Atena, o que é *superdesrespeitoso*. Outra vez, Atena e Poseidon competiram para ser o deus patrono da cidade de Atenas. Seu pai criou uma estúpida fonte de água salgada como presente. Minha mãe criou a oliveira. As pessoas viram que o presente dela era melhor, portanto deram à cidade o nome dela.

— Elas realmente devem gostar de azeitonas.

— Ah, deixa pra lá.

— Agora, se ela tivesse inventado a pizza... *isso* eu poderia entender.

— Eu disse: deixa pra lá.

No assento dianteiro, Argos sorriu. Ele não disse nada, mas um olho azul na sua nuca piscou para mim.

O trânsito ficou lento no Queens. Quando nós chegamos a Manhattan já era pôr do sol e começava a chover.

Argos nos largou na Estação Greyhound no Upper East Side, não longe do apartamento de minha mãe e Gabe. Em uma caixa de correio, preso com fita adesiva, havia um folheto encharcado com meu retrato: VOCÊ VIU ESTE MENINO?

Eu o arranquei antes que Annabeth e Grover pudessem vê-lo.

Argos descarregou nossas malas, certificou-se de que havíamos conseguido as passagens de ônibus e então foi embora, o olho nas costas de sua mão se abrindo para nos observar enquanto tirava o carro do estacionamento.

Pensei em como estava perto do meu velho apartamento. Em um dia normal, minha mãe estaria chegando em casa da doceria mais ou menos naquela hora. Gabe Cheiroso provavelmente estava lá, jogando pôquer, sem nem sentir a falta dela.

Grover pôs sua mochila nos ombros. Olhou rua abaixo, na direção em que eu estava olhando.

— Quer saber por que ela se casou com ele, Percy?

Olhei para ele.

— Você está lendo a minha mente ou coisa assim?

— Só as suas emoções. — Ele encolheu os ombros. — Acho que me esqueci de contar que os sátiros podem fazer isso. Você estava pensando na sua mãe e no seu padrasto, certo?

Eu assenti, me perguntando o que mais Grover teria esquecido de contar.

— Sua mãe se casou com Gabe por *você* — Grover me contou. — Você o chama de “Cheiroso”, mas não tem ideia. O cara tem essa aura... Eca, eu posso sentir o cheiro dele daqui. Posso sentir vestígios do cheiro dele em você, e já faz uma semana que você esteve perto dele.

— Obrigado — falei. — Onde fica o chuveiro mais próximo?

— Você devia ser grato, Percy. Seu padrasto tem um cheiro tão repulsivamente humano que pode mascarar a presença de qualquer semideus. Assim que inalei o ar dentro do seu Camaro, eu soube: Gabe esteve encobrindo seu cheiro por anos. Se você não tivesse morado com ele durante todos os verões, provavelmente teria sido encontrado por monstros muito tempo atrás.

Sua mãe ficou com ele para proteger você. Era uma senhora esperta. Devia amar muito você para aturar aquele cara... se é que isso o faz se sentir melhor.

Não fazia, mas me forcei para não demonstrar. Eu a verei de novo, pensei. Ela não se foi.

Fiquei imaginando se Grover ainda podia ler as minhas emoções, confusas como estavam. Estava grato por ele e Annabeth estarem comigo, mas me sentia culpado porque não fora sincero com eles. Não lhes contara a verdadeira razão de ter dito sim para aquela missão maluca.

A verdade era que eu não me importava em recuperar o relâmpago de Zeus, em salvar o mundo ou mesmo em ajudar meu pai a sair da encrenca. Quanto mais pensava nisso, mais me ressentia de Poseidon por nunca ter me visitado, nunca ter ajudado minha mãe, nunca ter sequer mandado uma droga de cheque de pensão alimentícia. Ele só me reconhecera porque tinha um serviço a ser feito.

Eu só me preocupava com minha mãe. Hades a levara injustamente, e Hades iria devolvê-la.

*Você será traído por aquele que o chama de amigo*, sussurrou o Oráculo em minha mente. *E, no fim, irá fracassar em salvar aquilo que mais importa*.

*Cale a boca*, respondi.

A chuva continuava caindo.

Ficamos impacientes esperando o ônibus e decidimos brincar de *footbag* com uma das maçãs de Grover. Annabeth foi incrível. Ela era capaz de arremeter a maçã com o joelho, com o cotovelo, com o ombro, ou o que fosse. Eu mesmo não era de todo ruim.

O jogo terminou quando arremessei a maçã para Grover e ela chegou perto demais da sua boca. Em uma megamordida de bode, nossa *footbag* desapareceu — miolo, pedúnculo e tudo.

Grover enrubesceu. Ele tentou se desculpar, mas Annabeth e eu estávamos muito ocupados dando risada.

Finalmente o ônibus chegou. Enquanto estávamos na fila para embarcar, Grover começou a olhar em volta, farejando o ar do jeito como farejava seu lanche favorito na cantina da escola — *enchiladas*.

— O que foi? — perguntei.

— Não sei — disse ele, tenso. — Talvez não seja nada.

Mas eu podia perceber que era alguma coisa. Também comecei a olhar para trás por cima do ombro.

Fiquei aliviado quando afinal embarcamos e encontramos lugar juntos na parte de trás do ônibus. Guardamos nossas mochilas. Annabeth batia

nervosamente seu boné dos Yankees na coxa.

Quando os últimos passageiros subiram, Annabeth apertou com força o meu joelho. “Percy.”

Uma senhora acabava de embarcar no ônibus. Usava vestido de veludo amarrotado, luvas de renda e chapéu laranja, tricotado e disforme, que encobria seu rosto, e carregava uma grande bolsa de lã estampada. Quando ergueu a cabeça seus olhos pretos faiscaram, e meu coração deu um pulo.

Era a sra. Dodds. Mais velha, mais enrugada, mas sem dúvida a mesma cara maligna.

Eu me encolhi no assento.

Atrás dela subiram mais duas senhoras: uma de chapéu verde, outra de chapéu roxo. A não ser por isso, eram parecidíssimas com a sra. Dodds — as mesmas mãos encarquilhadas, as mesmas bolsas de lã, os mesmos vestidos de veludo enrugados. Um trio de avós demoníacas.

Elas se sentaram na fileira da frente, logo atrás do motorista. As duas no corredor cruzaram as pernas bem na passagem, formando um X. Aquilo era bastante normal, mas enviava uma mensagem clara: ninguém sai.

O ônibus partiu da estação e seguimos pelas ruas escorregadias de Manhattan.

— Ela não ficou morta muito tempo — disse eu, tentando impedir minha voz de tremer. — Achei que você tivesse dito que eles podem ser afastados por toda uma vida.

— Eu disse, se você *tiver sorte* — disse Annabeth. — Você obviamente não tem.

— Todas as três — choramingou Grover. — *Di immortales!*

— Está tudo bem — disse Annabeth, obviamente se empenhando em pensar. — As Fúrias. Os três piores monstros do Mundo Inferior. Sem problemas. Sem problemas. Vamos simplesmente saltar pelas janelas.

— Não abrem — gemeu Grover.

— Uma saída nos fundos? — sugeriu ela.

Não havia nenhuma. E, mesmo que houvesse, não teria ajudado. Àquela altura, estávamos na Nona Avenida, em direção ao Túnel Lincoln.

— Elas não vão nos atacar com testemunhas em volta — disse eu. — Ou vão?

— Os mortais não têm bons olhos — lembrou-me Annabeth. — Seus cérebros só podem processar o que eles veem através da Névoa.

— Eles vão ver três velhas nos matando, não vão?

Ela pensou a respeito.

— Difícil dizer. Mas não podemos contar com a ajuda de mortais. Talvez uma saída de emergência no teto...?

Chegamos ao Túnel Lincoln, e o ônibus ficou às escuras a não ser pelas luzes

do corredor. Estava assustadoramente silencioso sem o ruído da chuva.

A sra. Dodds se levantou. Com uma voz inexpressiva, como se tivesse ensaiado aquilo, ela anunciou para o ônibus inteiro:

— Preciso usar o toalete.

— Eu também — disse a segunda irmã.

— Eu também — disse a terceira irmã.

Todas elas começaram a se aproximar pelo corredor.

— Já sei — disse Annabeth. — Percy, pegue meu chapéu.

— O quê?

— É você que elas querem. Fique invisível e siga pelo corredor. Deixe que elas passem por você. Talvez você possa chegar até a frente e escapar.

— Mas vocês...

— Há uma pequena possibilidade de que elas não reparem em nós — disse Annabeth. — Você é filho de um dos Três Grandes. Seu cheiro deve encobrir o nosso.

— Não posso abandonar vocês.

— Não se preocupe conosco — disse Grover. — Vá!

Minhas mãos tremiam. Eu me senti um covarde, mas peguei o boné dos Yankees e pus na cabeça.

Quando olhei para baixo, meu corpo não estava mais ali.

Comecei a me esgueirar pelo corredor. Consegui passar dez fileiras, depois me esquivei para um assento vazio bem quando as Fúrias passaram.

A sra. Dodds parou, farejando, e olhou diretamente para mim. Meu coração estava disparado.

Parecia não ter visto nada. Ela e as irmãs continuaram andando.

Eu estava livre. Cheguei até a frente do ônibus. Já estávamos quase saindo do Túnel Lincoln. Estava a ponto de apertar o botão de parada de emergência quando ouvi lamentos abomináveis vindos da fileira do fundo.

As velhas não eram mais velhas. Os rostos ainda eram os mesmos — acho que seria impossível ficarem mais feios —, mas os corpos haviam murchado e tinham o aspecto de um couro marrom sobre formas de bruxas, com asas de morcego e mãos e pés como garras de gárgula. As bolsas viraram chicotes chamejantes.

As Fúrias cercaram Grover e Annabeth estalando os chicotes e sibilando:

— Onde está? Onde?

As outras pessoas no ônibus estavam gritando, escondendo-se em seus bancos. Certo, elas viram *alguma coisa*.

— Ele não está aqui! — gritou Annabeth. — Saiu!

As Fúrias ergueram os chicotes.

Annabeth sacou a faca de bronze. Grover agarrou uma lata da sua sacola de lanches e se preparou para jogá-la.

O que eu fiz a seguir foi tão impulsivo e perigoso que eu merecia ser o rei do transtorno do déficit de atenção do ano.

O motorista do ônibus estava distraído, tentando enxergar o que estava acontecendo pelo espelho retrovisor.

Ainda invisível, agarrei o volante e dei um tranco para a esquerda. Todos gritaram ao serem jogados para a direita, e ouvi o que esperava ser o som das três Fúrias esmagadas contra as janelas.

— Ei! — gritou o motorista. — Ei! Oaaa!

Ele lutou para segurar o volante. O ônibus chocou-se com a lateral do túnel, o metal arrastado pela parede lançando fagulhas um quilômetro atrás de nós.

Saímos de lado do túnel, de volta à tempestade, com pessoas e monstros arremessados de um canto a outro do ônibus e carros jogados de lado como se fossem pinos de boliche.

De algum modo o motorista achou uma saída. Arremessamo-nos para fora da autoestrada, passamos meia dúzia de semáforos e acabamos disparando por uma daquelas estradas rurais de New Jersey, nas quais não dá para acreditar que exista tanto nada do outro lado do rio quando se deixa Nova York. Havia bosques à nossa esquerda e o rio Hudson à direita, e o motorista parecia se desviar na direção do rio.

Outra grande ideia: aperto o freio de emergência.

O ônibus gemeu, traçou um círculo completo sobre o asfalto molhado e se chocou contra as árvores. As luzes de emergência se acenderam. A porta se abriu. O motorista foi o primeiro a sair, com os passageiros gritando enquanto fugiam em pânico atrás dele. Subi no assento do motorista e deixei-os passar.

As Fúrias retomaram o equilíbrio. Estalaram os chicotes para Annabeth enquanto ela brandia a faca e gritava em grego antigo que recuassem. Grover atirava latas.

Olhei para a porta aberta. Eu estava livre para partir, mas não podia abandonar meus amigos. Tirei o boné invisível.

— Ei!

As Fúrias se viraram, mostrando as presas amareladas para mim, e a saída de repente me pareceu uma excelente ideia. A sra. Dodds avançou de modo arrogante pelo corredor, como costumava fazer em classe, pronta para entregar meu F na prova de matemática. Cada vez que ela estalava o chicote, chamas vermelhas dançavam pelo couro farpado.

Suas duas irmãs horrorosas pularam para cima dos assentos de ambos os lados e se arrastaram na minha direção como dois lagartos enormes e asquerosos.

— Perseu Jackson — disse a sra. Dodds com um sotaque que vinha de algum lugar mais distante do que o sul da Geórgia. — Você ofendeu os deuses. Você deve morrer.

— Eu gostava mais de você como professora de matemática — falei.

Ela rosnou.

Annabeth e Grover se aproximavam com cautela por trás das Fúrias, procurando uma passagem.

Tirei a esferográfica do bolso e a destampei. Contracorrente se alongou e virou uma reluzente espada de fio duplo.

As Fúrias hesitaram.

A sra. Dodds já havia sentido a lâmina de Contracorrente antes. Obviamente não gostou de vê-la de novo.

— Renda-se agora — sibilou. — E não sofrerá o tormento eterno.

— Boa tentativa — disse a ela.

— Percy, cuidado! — gritou Annabeth.

A sra. Dodds lançou seu chicote em volta da mão com a qual eu segurava a espada, enquanto as Fúrias em cada lado pularam em cima de mim.

Era como se minha mão estivesse envolta em chumbo derretido, mas consegui não soltar Contracorrente. Atingi a Fúria da esquerda com o cabo e a mandei cambaleando de costas para a poltrona. Virei e fiz um corte na Fúria da direita. Assim que a lâmina entrou em contato com o pescoço dela, ela gritou e explodiu em pó. Annabeth agarrou a sra. Dodds em um golpe de luta e a atirou para trás, enquanto Grover arrancava o chicote de suas mãos.

— Ai! — gritou ele. — Ai! Quente! Quente!

A Fúria que eu havia atingido com o cabo da espada veio de novo para cima de mim, garras à mostra, mas desferi um golpe com Contracorrente e ela estourou como um saco cheio de bolinhas de isopor.

A sra. Dodds estava tentando tirar Annabeth das costas. Ela esperneou, arranhou, sibilou e mordeu, mas Annabeth se agarrou firme enquanto Grover amarrava suas pernas com seu próprio chicote. Depois os dois a empurraram de costas para o corredor. A sra. Dodds tentou se erguer, mas não havia espaço para ela bater as asas de morcego, portanto continuou caindo.

— Zeus o destruirá! — prometeu ela. — Hades terá a sua alma!

— *Braccas meas vescimini!* — gritei.

Eu não sabia muito bem de onde viera o latim. Acho que queria dizer: “Coma as minhas calças!”

Um trovão sacudiu o ônibus. Os cabelos se eriçaram na minha nuca.

— Fora! — gritou Annabeth para mim. — Agora!

Não era necessário.

Corremos para fora e encontramos os outros passageiros andando de um lado para o outro, atordoados, discutindo com o motorista ou correndo em círculos e gritando: “Nós vamos morrer!” Um turista de camisa com estampa havaiana e uma câmera bateu uma foto minha antes que eu pudesse pôr a tampa na minha espada.

— Nossas malas! — Grover se deu conta. — Nós deixamos nossas...

*BUUUUUUUM!*

As janelas do ônibus explodiram enquanto os passageiros corriam para se abrigar. Um relâmpago rasgara uma enorme cratera no teto, mas um lamento furioso lá dentro me disse que a sra. Dodds ainda não estava morta.

— Corram! — disse Annabeth. — Ela está chamando reforços! Temos de sair daqui!

Mergulhamos para dentro dos bosques enquanto a chuva despencava torrencialmente, com o ônibus em chamas atrás de nós e nada à frente a não ser trevas.

# ONZE

Nossa visita ao Empório de Anões de Jardim

De certo modo, é bom saber que há deuses gregos lá fora, porque aí temos alguém para culpar quando as coisas dão errado. Por exemplo, quando você está se afastando a pé de um ônibus que acaba de ser atacado por bruxas monstruosas e explodido por um relâmpago, e ainda por cima está chovendo, a maioria das pessoas acha que na verdade isso é apenas muita falta de sorte — quando se é um meio-sangue, a gente sabe que alguma força divina está tentando estragar o nosso dia.

Então lá estávamos nós, Annabeth, Grover e eu, andando pelos bosques ao longo da margem do rio, em New Jersey, as luzes de Nova York tornando o céu amarelo atrás de nós e o fedor do rio Hudson entrando por nosso nariz.

Grover estava tremendo e balindo, e seus grandes olhos de bode, cujas pupilas haviam se transformado em fendas, estavam cheios de terror.

— Três Benevolentes. As três de uma vez.

Eu mesmo estava em estado de choque. A explosão das janelas do ônibus ainda ecoava em meus ouvidos. Mas Annabeth nos fazia seguir, dizendo: — Vamos! Quanto mais longe chegarmos, melhor.

— Todo o nosso dinheiro ficou lá atrás — lembrei. — Nossa comida e nossas roupas. Tudo.

— Bem, quem sabe se você não tivesse decidido entrar na briga...

— O que queria que eu fizesse? Deixasse vocês serem mortos?

— Você não precisava me proteger, Percy. Eu ia ficar bem.

— Fatiada como pão de forma — interveio Grover —, mas bem.

— Cale a boca, garoto-bode — disse Annabeth.

Grover baliu, triste.

— As latas... Uma sacola de latas perfeitamente boa.

Nós chapinhamos pelas terras lamacentas, por entre horríveis árvores retorcidas que tinham um cheiro azedo de roupa suja.

Depois de alguns minutos, Annabeth veio para o meu lado.

— Olhe, eu... — sua voz vacilou. — Eu gostei de você ter voltado para nos defender, o.k.? Aquilo foi realmente corajoso.

— Somos uma equipe, certo?

Ela ficou em silêncio por mais alguns passos.

— É só que, se você morresse... além do fato de que seria realmente uma droga para você, isso significaria o fim da missão. Esta pode ser minha única chance de ver o mundo real.

A tempestade havia finalmente acalmado. As luzes da cidade diminuíram atrás de nós, deixando-nos em uma escuridão quase total. Não conseguia ver nada de Annabeth a não ser um reflexo de seu cabelo loiro.

— Você não sai do Acampamento Meio-Sangue desde que tinha sete anos? — perguntei-lhe.

— Não... apenas excursões rápidas. Meu pai...

— O professor de história.

— É. Não deu certo morar em casa. Quer dizer, o Acampamento Meio-Sangue *é* a minha casa. — Ela agora estava despejando as palavras como se tivesse medo de que alguém a interrompesse. — No acampamento a gente treina, treina. E é legal e tudo mais, mas o mundo real é onde os monstros estão. É onde a gente descobre se serve para alguma coisa ou não.

Se não a conhecesse bem, poderia ter jurado que ouvi dúvida em sua voz.

— Você é muito boa com aquela faca — falei.

— Você acha?

— Qualquer um que seja capaz de montar nas costas de uma Fúria, para mim, é muito bom.

Não pude ver direito, mas acho que ela deu um sorrisinho.

— Sabe — disse ela —, talvez eu deva lhe contar... Uma coisa engraçada lá no ônibus...

O que quer que ela quisesse dizer foi interrompido por um piado estridente, como o som de uma coruja sendo torturada.

— Ei, as minhas flautas de bambu ainda funcionam! — exclamou Grover. — Se ao menos eu pudesse me lembrar de uma melodia de “achar caminho”, poderíamos sair desses bosques!

Ele soprou algumas notas, mas a semelhança da melodia com a de Hilary Duff ainda era questionável.

Em vez de achar um caminho, imediatamente colidi com uma árvore e arranjei um galo de bom tamanho na cabeça.

Adicionar à lista de superpoderes que eu *não* tenho: visão infravermelha.

Depois de tropeçar, praguejar e, de modo geral, me sentir infeliz por mais um quilômetro ou algo assim, comecei a ver luzes à frente: as cores de um letreiro

de neon. Senti cheiro de comida. Comida frita, gordurosa, excelente. Percebi que não havia comido nada que não fosse saudável desde que chegara à Colina Meio-Sangue, onde vivíamos de uvas, pão, queijo e churrasco light preparado por ninfas. O garoto aqui precisava de um cheeseburger duplo.

Continuamos andando até que vi por entre as árvores uma estrada deserta de duas pistas. Do outro lado havia um posto de gasolina fechado, um cartaz de um filme dos anos 90 e uma loja aberta, que era a fonte da luz de neon e do cheiro gostoso.

Não era um restaurante de fast-food como eu esperava. Era uma dessas estranhas lojas de curiosidades de beira de estrada, que vendem flamingos de jardim, índios de madeira, ursos-pardos de cimento e coisas do gênero. A construção principal era um armazém comprido e baixo, cercado por quilômetros de estátuas. O letreiro de neon acima do portão era para mim impossível de ler, pois, se existe coisa pior para a minha dislexia do que inglês normal, é inglês em letras cursivas, vermelhas, em neon.

Para mim, parecia MEOPRÓI ED NESÕA ED JIDARN AD IAT MEE.

— Que diabo quer dizer aquilo? — perguntei.

— Não sei — disse Annabeth.

Ela gostava tanto de ler que eu esquecera que ela também era disléxica.

Grover traduziu:

— Empório de Anões de Jardim da Tia Eme.

Nas laterais da entrada, conforme anunciado, havia dois anões de jardim de cimento, uns nanicos feios e barbados, sorrindo e acenando como se estivessem posando para uma fotografia.

Atravessei a rua, seguindo o cheiro dos hambúrgueres.

— Ei... — avisou Grover.

— As luzes estão acesas lá dentro — disse Annabeth. — Talvez esteja aberto.

— Lanchonete — falei, ansioso.

— Lanchonete — concordou ela.

— Vocês dois estão loucos? — disse Grover. — Este lugar é esquisito.

Nós o ignoramos.

O terreno da frente era uma floresta de estátuas: animais de cimento, crianças de cimento, até um sátiro de cimento tocando as flautas, o que deixou Grover arrepiado.

— *Bééé!* — baliu. — Parece meu tio Ferdinando!

Paramos diante da porta do armazém.

— Não bata — implorou Grover. — Sinto cheiro de monstros.

— Seu nariz está congestionado com as Fúrias — disselhe Annabeth. — O único cheiro que estou sentindo é de hambúrgueres. Você não está com fome?

— Carne! — disse ele, desdenhoso. — Sou vegetariano.

— Você come *enchiladas* de queijo e latas de alumínio — lembrei-o.

— São vegetais. Venham, vamos embora. Essas estátuas estão... olhando para mim.

Então a porta se abriu rangendo, e diante de nós estava uma mulher alta, do Oriente Médio — eu pelo menos presumi que fosse de lá, porque usava um longo vestido preto que escondia tudo menos as mãos, e sua cabeça estava totalmente coberta por um véu. Seus olhos brilhavam embaixo de uma cortina de gaze preta, mas isso foi tudo o que pude distinguir. As mãos cor de café pareciam velhas, mas bem cuidadas e elegantes, portanto imaginei que se tratasse de uma avó que fora outrora uma bonita dama.

O sotaque dela também tinha um quê do Oriente Médio. Ela disse:

— Crianças, já é muito tarde para estarem sozinhas na rua. Onde estão seus pais?

— Eles estão... ahn... — Annabeth começou a dizer.

— Nós somos órfãos — falei.

— Órfãos? — disse a mulher. A palavra soou estranha em sua boca. — Mas meus queridos! Certamente não!

— Nós nos perdemos da caravana — disse eu. — A caravana do nosso circo. O mestre de cerimônias nos disse para encontrá-lo no posto de gasolina se nos perdêssemos, mas ele pode ter esquecido, ou talvez se referisse a outro posto de gasolina. De qualquer modo, estamos perdidos. Esse cheiro é de comida?

— Ah, meus queridos — disse a mulher. — Vocês precisam entrar, pobres crianças. Eu sou a tia Eme. Vão direto para os fundos do armazém, por favor. Ali há um lugar para refeições.

Agradecemos e entramos.

Annabeth murmurou para mim:

— Caravana do circo?

— Sempre há uma estratégia, certo?

— Sua cabeça está cheia de algas.

O armazém era abarrotado de mais estátuas — pessoas, todas em poses diferentes, usando roupas diferentes e com expressões diferentes no rosto. Fiquei imaginando que era preciso ter um jardim bem grande para alojar ainda que uma única estátua daquelas, porque eram todas em tamanho natural. Mas eu estava mesmo era pensando em comida.

Vá em frente, pode me chamar de idiota por ir entrando na loja de uma senhora estranha como aquela só porque estava com fome, mas às vezes faço as coisas por impulso. Além disso, você nunca sentiu o cheiro dos hambúrgueres da tia Eme. O aroma era como gás hilariante na cadeira do dentista — fazia sumir

todo o resto. Mal reparei nos soluços nervosos de Grover, nem no modo como os olhos das estátuas pareciam me seguir ou no fato de que a tia Eme trancara a porta atrás de nós.

Tudo o que me preocupava era achar o lugar das refeições. E, sem dúvida, lá estava, no fundo do armazém, um balcão de sanduíches com uma grelha, uma máquina de refrigerantes, uma estufa de pretzels e uma máquina de queijo nacho. Tudo o que poderíamos querer, mais algumas mesas de piquenique de aço na frente.

— Por favor, sentem-se — disse a tia Eme.

— Fantástico — comentei.

— Hum — disse Grover com relutância —, não temos nenhum dinheiro, senhora.

Antes que eu pudesse dar uma cotovelada nas costelas dele, a tia Eme disse: — Não, não, crianças. Nada de dinheiro. Esse é um caso especial, certo? Para órfãos tão simpáticos, é por minha conta.

— Obrigada, senhora — disse Annabeth.

Tia Eme enrijeceu-se, como se Annabeth tivesse dito algo de errado, mas depois, com a mesma rapidez, relaxou. Portanto achei que estivesse imaginando coisas.

— Não tem de quê, Annabeth. Você tem uns olhos cinzentos tão bonitos, criança. — Só depois me perguntei como ela sabia o nome de Annabeth, já que não tínhamos nos apresentado.

Nossa anfitriã desapareceu atrás do balcão e começou a cozinhar. Antes que eu me desse conta, ela nos tinha trazido bandejas de plástico com cheeseburgers duplos, milk-shakes de baunilha e porções gigantes de batatas fritas.

Eu já tinha comido metade do meu sanduíche quando me lembrei de respirar.

Annabeth sorveu ruidosamente seu milk-shake.

Grover beliscou as batatas fritas e olhou para o papel-toalha da bandeja como quem poderia experimentar aquilo, mas ainda parecia nervoso demais para comer.

— O que é esse chiado? — perguntou ele.

Prestei atenção, mas não ouvi nada. Annabeth sacudiu a cabeça.

— Chiado? — perguntou tia Eme. — Talvez você esteja ouvindo o óleo de fritura. Você tem bons ouvidos, Grover.

— Eu tomo vitaminas. Para os ouvidos.

— Admirável — disse ela. — Mas, por favor, relaxe.

Tia Eme não comeu nada. Ela não descobrira a cabeça nem para cozinhar, e agora estava sentada com os dedos entrelaçados, observando enquanto comíamos. Era um pouco incômodo ser observado por alguém cujo rosto eu não

conseguia ver, mas me sentia satisfeito depois do sanduíche, e um pouco sonolento, e imaginei que o mínimo que podia fazer era puxar um pouco de conversa com nossa anfitriã.

— Então, você vende anões — falei, tentando parecer interessado.

— Ah, sim — disse tia Eme. — E animais. E pessoas. Tudo para o jardim. Sob encomenda. As estátuas são muito populares, sabe.

— Muito movimento nesta estrada?

— Não, nem tanto. Desde que a autoestrada foi construída... a maioria dos carros já não passa por este caminho. Preciso cuidar bem de cada cliente que recebo.

Senti um formigamento na nuca, como se alguém estivesse me observando. Virei-me, mas era apenas a estátua de uma garotinha segurando uma cesta de Páscoa. Os detalhes eram incríveis, muito melhores que os vistos na maioria das estátuas de jardim. Mas havia algo de errado com seu rosto. Ela parecia assustada, até apavorada.

— Ah! — disse tia Eme com tristeza. — Você pode notar que algumas das minhas criações não dão muito certo. Elas são defeituosas. Não vendem. O rosto é a parte mais difícil de sair perfeito. Sempre o rosto.

— Você mesma faz estas estátuas? — perguntei.

— Ah, sim. Já tive duas irmãs para me ajudar no negócio, mas elas faleceram, e a tia Eme ficou sozinha. Só tenho as minhas estátuas. É por isso que as faço, sabe? São minha companhia. — A tristeza na voz dela parecia tão profunda e tão real que não pude deixar de sentir pena.

Annabeth tinha parado de comer. Ela se inclinou e disse:

— Duas irmãs?

— É uma história terrível — disse Tia Eme. — Não é para crianças, na verdade. Veja, Annabeth, uma mulher má estava com inveja de mim, muito tempo atrás, quando eu era jovem. Eu tinha um... um namorado, sabe, e essa mulher má estava determinada a nos separar. Ela provocou um acidente terrível. Minhas irmãs ficaram do meu lado. Compartilharam a minha má sorte enquanto foi possível, mas por fim morreram. Elas se esvaíram. Só eu sobrevivi, mas a um preço. Que preço.

Não entendi muito bem o que ela queria dizer, mas senti pena. Minhas pálpebras estavam cada vez mais pesadas, o estômago cheio me deixara sonolento. Coitada da velha senhora. Quem ia querer fazer mal a alguém tão gentil?

— Percy? — Annabeth me sacudia para chamar minha atenção. — Acho que devemos ir. Quer dizer, o mestre de cerimônias do circo deve estar esperando.

A voz dela pareceu tensa. Eu não sabia muito bem por quê. Grover estava

comendo o papel encerado da bandeja, mas se tia Eme estranhou aquilo, não disse nada.

— Que olhos cinzentos bonitos — disse ela, outra vez, para Annabeth. — Ah, mas faz muito tempo que não vejo olhos cinzentos como esses.

Ela estendeu o braço como se fosse acariciar o rosto de Annabeth, mas Annabeth se levantou abruptamente.

— Precisamos mesmo ir.

— Sim! — Grover engoliu o papel encerado e pôs-se de pé. — O mestre de cerimônias está esperando! Isso!

Eu não queria ir. Estava satisfeito e contente. Tia Eme era muito gentil. Queria ficar um pouco com ela.

— Por favor, queridos — implorou a tia Eme. — É tão raro eu estar com crianças... Antes de ir, não gostariam pelo menos de posar para uma foto?

— Uma foto? — perguntou Annabeth com cautela.

— Sim, uma fotografia. Vou usá-la como modelo para um novo conjunto de estátuas. Crianças são muito populares, sabem? Todo o mundo ama crianças.

Annabeth se balançou de um pé para o outro.

— Acho que não podemos, senhora. Vamos, Percy...

— Claro que podemos — disse eu. Estava irritado com Annabeth por ser tão mandona, tão mal-educada com uma velha senhora que acabara de nos dar comida de graça. — É só uma foto, Annabeth. Qual é o problema?

— Sim, Annabeth — a mulher murmurou. — Não há mal nenhum.

Percebi que Annabeth não tinha gostado, mas deixou que tia Eme nos levasse para fora pela porta da frente, para o jardim de estátuas.

Tia Eme nos conduziu até um banco de jardim perto do sátiro de pedra.

— Agora — disse ela — vou posicionar vocês corretamente. A mocinha no meio, acho, e os dois jovens cavalheiros em cada lado.

— Não há muita luz para uma foto — observei.

— Ah, é o suficiente — disse tia Eme. — Suficiente para enxergarmos um ao outro, não é?

— Onde está sua câmera? — perguntou Grover.

Tia Eme deu um passo atrás, como que para admirar a foto.

— Agora, o rosto é o mais difícil. Vocês podem sorrir para mim, por favor, todo mundo? Um grande sorriso?

Grover deu uma olhada para o sátiro de cimento a seu lado e murmurou: — Parece mesmo com o tio Ferdinando.

— Grover! — ralhou tia Eme. — Olhe para este lado, querido.

Ela ainda não tinha nenhuma câmera nas mãos.

— Percy... — disse Annabeth.

Algum instinto me advertiu a dar ouvidos a Annabeth, mas eu estava lutando contra a sensação de sono, a agradável moleza induzida pela comida e pela voz da velha senhora.

— Não vai demorar nem um segundo — disse tia Eme. — Sabe, não consigo vê-los muito bem por causa deste maldito véu...

— Percy, alguma coisa está errada — insistiu Annabeth.

— Errada? — disse tia Eme, erguendo as mãos para remover o véu em volta da cabeça. — De modo algum, querida. Estou em tão nobre companhia esta noite. O que poderia estar errado?

— Aquele *é* o tio Ferdinando! — disse Grover, arfando.

— Não olhem para ela! — gritou Annabeth. Num piscar de olhos, ela enfiou o boné dos Yankees na cabeça e desapareceu. Suas mãos invisíveis empurraram Grover e eu para fora do banco.

Eu me vi caído no chão, olhando para as sandálias nos pés de tia Eme.

Pude ouvir Grover correndo para um lado e Annabeth para outro. Mas eu estava aturdido demais para me mexer.

Então ouvi um som estranho, um chiado, acima de mim. Meus olhos se ergueram para as mãos de tia Eme, que se tornaram enrugadas e cheias de verrugas, com afiadas garras de bronze no lugar das unhas.

Quase olhei mais para o alto, mas em algum lugar à minha esquerda Annabeth gritou: — Não! Não olhe!

Mais chiados — o som de pequenas serpentes, logo acima de mim, que vinham de... de onde deveria estar a cabeça da tia Eme.

— Corra! — baliu Grover.

Ouvi-o correndo pelos pedregulhos, gritando "*Maia!* " para dar partida em seus tênis voadores. Eu não conseguia me mexer. Fiquei olhando fixamente para as garras encarquilhadas de tia Eme, e tentei lutar contra o transe entorpecedor em que a velha me pusera.

— Que pena ter de destruir um jovem rosto tão bonito — disseme em tom confortador. — Fique comigo, Percy. Tudo o que tem a fazer é olhar para cima.

Combati o ímpeto de obedecer. Em vez disso, olhei para o lado e vi uma daquelas bolas de vidro que as pessoas põem nos jardins — uma esfera espelhada. Pude ver o reflexo escuro de tia Eme no vidro alaranjado; seu véu se fora, revelando o rosto como um círculo pálido tremeluzente. Os cabelos se mexiam, se contorcendo como serpentes.

Tia Eme.

Tia "M".

Como pude ser tão estúpido?

Pense, disse a mim mesmo. Como foi que a Medusa morreu no mito?

Mas eu não conseguia pensar. Algo me dizia que a Medusa do mito estava dormindo quando foi atacada por meu xará, Perseu. Agora, não estava nem um pouco sonolenta. Se quisesse, poderia usar aquelas garras ali mesmo e rasgar meu rosto.

— A dos Olhos Cinzentos fez isso comigo, Percy — disse a Medusa, ela não soava como um monstro. Sua voz me convidava a olhar para cima, a simpatizar com a pobre vovó velhinha. — A mãe de Annabeth, a maldita Atena, transformou a bela mulher que eu era nisto aqui.

— Não dê ouvidos a ela! — gritou a voz de Annabeth, de algum lugar entre as estátuas. — Corra, Percy!

— Silêncio! — rosnou a Medusa. Depois sua voz voltou a ser um murmurar tranquilizante. — Você está vendo por que preciso destruir a menina, Percy. Ela é filha de minha inimiga. Vou esmagar sua estátua até virar pó. Mas você, querido, você não precisa sofrer.

— Não — murmurei. Tentei fazer minhas pernas se mexerem.

— Você quer mesmo ajudar os deuses? — perguntou a Medusa. — Entende o que o espera nessa missão boba, Percy? O que acontecerá se chegar ao Mundo Inferior? Não seja um peão dos olimpianos, meu querido. Você estará melhor como estátua. Menos dor. Menos dor.

— Percy!

Atrás de mim, ouvi um zumbido, como o de um beija-flor de cem quilos dando um mergulho. Grover gritou: — Abaixe-se!

Eu me virei, e lá estava ele, Grover, no céu noturno, vindo bem na minha frente, com os tênis voadores batendo as asas, segurando um galho de árvore do tamanho de um bastão de beisebol. Seus olhos estavam fechados com força, a cabeça se agitando de um lado para outro. Guiava-se só com os ouvidos e o nariz.

— Abaixe-se! — gritou ele de novo. — Vou pegá-la!

Aquilo por fim me acordou para a ação. Conhecendo Grover, tinha certeza de que ele ia errar a Medusa e me acertar. Mergulhei para um lado.

*Plaft!*

De início pensei que fosse o som de Grover atingindo uma árvore. Então a Medusa rugiu de raiva.

— Seu sátiro miserável — rosnou. — Vou acrescentá-lo à minha coleção!

— Essa foi pelo tio Ferdinando! — gritou Grover de volta.

Saí correndo aos tropeções e me escondi entre as estátuas enquanto Grover mergulhava para mais um ataque.

*Pimba!*

— Aaargh! — berrou a Medusa, as serpentes do cabelo sibilando e cuspindo.

Bem ao meu lado, a voz de Annabeth disse:

— Percy!

Pulei tão alto que meus pés quase derrubaram um anão de jardim.

— Ai! Não faça isso!

Annabeth tirou o boné dos Yankees e se tornou visível.

— Você tem de cortar a cabeça dela.

— O quê? Está louca? Vamos dar o fora daqui.

— A Medusa é uma ameaça. Ela é má. Eu mesma a mataria, mas... — Annabeth engoliu em seco, como se estivesse prestes a admitir algo difícil. — Mas você tem a melhor arma. Além disso, nunca vou conseguir chegar perto dela. Ela me faria em pedacinhos por causa de minha mãe. Você... você tem uma chance.

— O quê? Eu não posso...

— Olhe, você quer que ela transforme mais gente inocente em estátua?

Ela apontou para as estátuas de um casal apaixonado, um homem e uma mulher abraçados, transformados em pedra pelo monstro.

Annabeth agarrou uma esfera espelhada verde de um pedestal próximo.

— Um escudo espelhado seria melhor. — Ela estudou a esfera com um ar crítico. — A convexidade causará uma certa distorção. O tamanho do reflexo estará distorcido por um fator de...

— Quer falar numa língua que eu entenda?

— *Estou* falando! — Ela me jogou a bola de vidro. — Só olhe para a Medusa pelo espelho. *Nunca* olhe diretamente para ela.

— Ei, gente! — gritou Grover em algum lugar acima de nós. — Acho que ela está inconsciente!

— *Grrraaaurrr!*

— Talvez não — corrigiu ele. E mergulhou para mais um ataque.

— Depressa — disse Annabeth para mim. — Grover tem um excelente nariz, mas vai acabar caindo.

Peguei minha caneta e tirei a tampa. A lâmina de bronze de Contracorrente se alongou em minha mão.

Segui os sons de silvos e cuspidas do cabelo da Medusa.

Mantive os olhos cravados na esfera espelhada para ver somente o reflexo do monstro, e não a coisa real. Então, no vidro tingido de verde, eu a enxerguei.

Grover vinha descendo para mais um assalto com o bastão, mas dessa vez voou um pouco baixo demais. A Medusa agarrou o bastão e o desviou do curso. Ele deu uma cambalhota no ar e tombou nos braços de um urso-pardo de pedra com um dolorido "*Uummmpff!*".

A Medusa estava a ponto de pular em cima dele quando eu gritei:

— Ei!

Avancei na direção dela, o que não foi fácil, segurando uma espada e uma bola de vidro. Se a Medusa atacasse, seria difícil me defender.

Mas ela deixou que eu me aproximasse — seis metros, três metros.

Agora era possível ver o reflexo de seu rosto. Certamente não era assim *tão* feio. As curvas verdes da bola espelhada deviam estar distorcendo a imagem, tornando-a ainda pior.

— Você não machucaria uma velhinha, Percy — sussurrou ela. — Sei que não faria isso.

Hesitei, fascinado pelo rosto que vi refletido no vidro — os olhos que pareciam arder refletidos no tom esverdeado, fazendo meus braços fraquejarem.

De cima do urso-pardo de cimento, Grover gemeu:

— Percy, não lhe dê ouvidos!

A Medusa gargalhou.

— Tarde demais.

Ela se lançou até mim com suas garras.

Dei um golpe com a espada, ouvi um *plof!* nauseante, e então um chiado como o de vento escapando de uma caverna — o som de um monstro se desintegrando.

Algo caiu no chão ao lado do meu pé. Precisei reunir toda a minha força de vontade para não olhar. Pude sentir uma secreção morna empapando minha meia e pequenas serpentes agonizantes puxando os cadarços dos meus sapatos.

— Ah, eca! — disse Grover. Seus olhos ainda estavam bem fechados, mas imagino que conseguisse ouvir aquilo gorgolejando e fumegando. — Megaeca.

Annabeth se aproximou de mim, os olhos fixos no céu. Estava segurando o véu preto da Medusa.

— Não se mova — disse ela.

Com muito, muito cuidado, sem olhar para baixo, ajoelhou-se e embrulhou a cabeça do monstro no pano preto, depois a ergueu. Ainda estava pingando um suco verde.

— Tudo bem com você? — perguntou-me com a voz trêmula.

— Sim — concluí, embora sentisse vontade de vomitar meu cheeseburger duplo. — Por que... por que a cabeça não evaporou?

— Depois que você a decepa, ela se torna um troféu de guerra — disse ela. — Como o chifre do Minotauro. Mas não a desembrulhe. Ainda pode petrificá-lo.

Grover gemeu enquanto descia da estátua do urso-pardo. Estava com um grande vergão na testa. O boné rastafári verde estava pendurado em um dos pequenos chifres de bode e os pés falsos haviam sido arrancados dos cascos. Os tênis mágicos voavam sem rumo em volta de sua cabeça.

— Nosso grande aviador — disse eu. — Bom trabalho, cara.

Ele conseguiu dar um sorriso envergonhado.

— Se bem que, na verdade, não foi *nada* divertido. Bem, a parte de acertá-la com o pau, isso foi bom. Mas me arrebentar contra um urso de concreto? *Nada* divertido.

Ele agarrou os tênis no ar. Eu pus a tampa em minha espada. Juntos, nós três voltamos cambaleando para o armazém.

Encontramos alguns sacos plásticos velhos atrás do balcão de lanches e embrulhamos duas vezes a cabeça da Medusa. Com um *plop*, largamos a coisa em cima da mesa onde havíamos jantado e nos sentamos em volta, exaustos demais para falar.

Por fim eu disse:

— Então temos de agradecer a Atena por esse monstro?

Annabeth me lançou um olhar irritado.

— A seu pai, na verdade. Medusa era namorada de Poseidon. Eles combinaram um encontro no templo de minha mãe. Foi por isso que Atena a transformou em um monstro. A Medusa e suas duas irmãs, que a ajudaram a entrar no templo, se transformaram nas três Górgonas. É por isso que ela queria me picar em pedacinhos, mas ia conservar você como uma bela estátua. Ainda gosta de seu pai. Você deve tê-la feito se lembrar dele.

Meu rosto estava ardendo.

— Ah, então a culpa de termos encontrado a Medusa é *minha*?

Annabeth endireitou o corpo. Em uma péssima imitação de minha voz, disse: — "É só uma foto, Annabeth. Qual é o problema?"

— Deixa para lá — falei. — Você é impossível.

— Você é insuportável.

— Você é...

— Ei! — Interrompeu Grover. — Vocês dois estão me dando enxaqueca. E sátiros nem *têm* enxaqueca. O que vamos fazer com a cabeça?

Eu olhei para aquilo. Uma pequena serpente estava pendurada para fora de um buraco no plástico. As palavras impressas no saco diziam: AGRADECEMOS SUA VISITA!

Eu estava zangado, não só com Annabeth ou a mãe dela, mas com todos os deuses por causa daquela missão, por nos terem tirado da estrada e pelas duas grandes batalhas logo no primeiro dia fora do acampamento. Nesse ritmo, jamais chegaríamos vivos a Los Angeles, muito menos antes do solstício de verão.

O que a Medusa tinha dito? *Não seja um peão dos olimpianos, meu querido. Você estará melhor como estátua.*

Eu me levantei.

— Volto já.

— Percy — chamou Annabeth. — O que você...

Vasculhei os fundos do armazém até encontrar o escritório da Medusa. Seu livro-caixa mostrava as seis vendas mais recentes, todas remessas para o Mundo Inferior para decorar o jardim de Hades e Perséfone. De acordo com uma nota de embarque, o endereço de cobrança do Mundo Inferior era Estúdios de Gravação M.A.C. — Morto ao Chegar —, West Hollywood, Califórnia. Dobrei a nota e a enfiei no bolso.

Na caixa registradora encontrei vinte dólares, uns dracmas de ouro e algumas guias de remessa do Expresso Noturno de Hermes, cada qual com uma pequena bolsa de couro anexa, para moedas. Vasculhei o restante do escritório até encontrar uma caixa do tamanho certo.

Voltei para a mesa de piquenique, encaixotei a cabeça da Medusa e preenchi uma guia de remessa:

Aos Deuses
Monte Olimpo,
600° andar,
Edifício Empire State
Nova York, NY

Com os melhores votos,
PERCY JACKSON

— Eles não vão gostar disso — advertiu Grover. — Vão achá-lo impertinente.

Coloquei alguns dracmas de ouro na bolsa anexa. Assim que a fechei, veio um som como o de uma caixa registradora. O pacote flutuou para fora da mesa e desapareceu com um *pop*!

— Eu *sou* impertinente — disse.

Olhei para Annabeth, desafiando-a a me criticar.

Ela não criticou. Parecia resignada com o fato de eu ter um talento especial para chatear os deuses.

— Vamos — murmurou ela. — Precisamos de um novo plano.

# DOZE

Um poodle é o nosso conselheiro

Estávamos nos sentindo superinfelizes naquela noite.

Acampamos no bosque, a cem metros da estrada principal, em uma clareira pantanosa que as crianças do lugar obviamente vinham usando para festas. O chão estava repleto de latas de refrigerante amassadas e embalagens de fast-food.

Tínhamos pego um pouco de comida e cobertores da tia Eme, mas não ousamos acender uma fogueira para secar nossas roupas molhadas. As Fúrias e a Medusa já haviam proporcionado animação suficiente para um dia. Não queríamos atrair mais nada.

Decidimos dormir em turnos. Prontifiquei-me a ser o primeiro a ficar de guarda.

Annabeth enroscou-se sobre os cobertores e já estava roncando quando sua cabeça tocou o chão. Grover subiu com seus tênis voadores para o galho mais baixo de uma árvore, encostou-se no tronco e ficou olhando para o céu da noite.

— Vá em frente e durma — disse a ele. — Acordo você se houver problemas.

Ele assentiu, mas ainda assim não fechou os olhos.

— Isso me deixa triste, Percy.

— O quê? Ter se juntado a essa missão estúpida?

— Não. *Isso* me deixa triste. — Ele apontou para todo aquele lixo no chão. — E o céu. Não dá nem para ver as estrelas. Eles poluíram o céu. Esta é uma época terrível para ser um sátiro.

— Ah, sim. Acho que você seria um ambientalista.

Ele me lançou um olhar penetrante.

— Só um ser humano não seria. Sua espécie está entulhando o mundo tão depressa que... Ora, não importa. É inútil fazer sermões para um ser humano. Do jeito que as coisas vão, nunca encontrarei Pã.

— Que Pã?

— Pã! — bradou, indignado. — P-Ã. O grande deus Pã! Acha que eu quero uma licença de buscador para quê?

Uma brisa estranha fez farfalhar a clareira, encobrindo por um momento o fedor de lixo e putrefação. Trazia o cheiro de frutas e flores selvagens, e de água limpa de chuva, coisas que devem ter existido algum dia naqueles bosques. De repente, senti saudades de algo que jamais conhecera.

— Fale-me sobre a busca — disse eu.

Grover olhou para mim com receio, como se temesse que eu estivesse apenas me divertindo à custa dele.

— O deus dos lugares selvagens desapareceu há dois mil anos — contou. — Um marinheiro vindo da costa de Éfeso ouviu uma voz misteriosa gritando na praia: “Conte a eles que o grande deus Pã morreu!” Quando os seres humanos ouviram a notícia, acreditaram. Estão pilhando o reino de Pã desde então. Mas, para os sátiros, Pã era o nosso senhor e mestre. Era nosso protetor, e também dos lugares selvagens da Terra. Não acreditamos que tenha morrido. A cada geração, os sátiros mais valentes empenham a vida para encontrar Pã. Eles esquadrinham o planeta, explorando todos os locais mais selvagens à espera de encontrar o lugar onde ele se esconde e despertá-lo de seu sono.

— E você quer ser um buscador.

— É o sonho da minha vida — disse ele. — Meu pai era um buscador. E meu tio Ferdinando... a estátua que você viu lá...

— Ah, certo, desculpe.

Grover sacudiu a cabeça.

— Tio Ferdinando sabia dos riscos. Meu pai também. Mas eu terei sucesso. Serei o primeiro buscador a retornar com vida.

— Espere... *o primeiro*?

Grover tirou suas flautas de bambu do bolso.

— Nenhum buscador jamais voltou. Depois que partem, eles desaparecem. Nunca mais são vistos vivos de novo.

— Nem uma vez em dois mil anos?

— Não.

— E seu pai? Você não tem ideia do que aconteceu com ele?

— Nenhuma.

— Mas ainda assim quer ir — falei, admirado. — Quer dizer, você realmente acha que será você quem vai encontrar Pã?

— Preciso acreditar nisso, Percy. Todo buscador acredita. É a única coisa que nos impede de ficar desesperados quando olhamos para o que os seres humanos fizeram com o mundo. Tenho de acreditar que Pã ainda pode ser despertado.

Olhei para o nevoeiro alaranjado do céu e tentei entender como Grover podia perseguir um sonho que parecia tão impossível. Mas, por outro lado, será que eu era melhor?

— Como vamos entrar no Mundo Inferior? — perguntei. — Quer dizer, que chances temos contra um deus?

— Eu não sei — admitiu ele. — Mas antes, na casa da Medusa, quando você estava vasculhando o escritório dela, Annabeth me disse...

— Ah, esqueci. Annabeth sempre tem um plano todo esquematizado.

— Não seja tão duro com ela, Percy. Annabeth teve uma vida difícil, mas é boa pessoa. Afinal, ela me perdoou... — ele se interrompeu.

— O que quer dizer? — perguntei. — Perdoou o quê?

De repente, Grover pareceu muito interessado em tirar notas das suas flautas.

— Espere um minuto — disse eu. — Seu primeiro trabalho de guardião foi cinco anos atrás. Annabeth está no acampamento há cinco anos. Ela não era... quer dizer, a sua primeira tarefa que deu errado...

— Não posso falar sobre isso — disse Grover, e o tremor em seu lábio inferior me sugeriu que ele começaria a chorar se eu o pressionasse. — Mas como eu estava dizendo, lá na casa da Medusa Annabeth e eu achamos que há algo de estranho com esta missão. Algo que não é o que parece.

— Ah, novidade. Estou sendo acusado de roubar um relâmpago que foi Hades quem pegou.

— Não me refiro a isso. As Fú... as Benevolentes pareciam estar se segurando. Como a sra. Dodds na Academia Yancy... por que ela esperou tanto tempo para tentar matá-lo? Depois, no ônibus, elas não foram tão agressivas quanto poderiam.

— Elas me pareceram bastante agressivas.

Grover sacudiu a cabeça.

— Estavam guinchando para nós: “Onde está? Onde?”

— Perguntavam sobre mim — falei.

— Talvez... mas tanto eu como Annabeth tivemos a sensação de que não estavam perguntando sobre uma pessoa. Elas perguntaram apenas “Onde está?”, e não onde *ele* ou *ela* está. Pareciam falar de um objeto.

— Isso não faz sentido.

— Eu sei. Mas, se tivermos entendido mal alguma coisa a respeito desta missão, e só temos nove dias para encontrar o raio-mestre... — Ele olhou para mim como se estivesse esperando por respostas, mas eu não tinha nenhuma.

Pensei no que a Medusa dissera: eu estava sendo usado pelos deuses. O que me aguardava era pior que a petrificação.

— Não fui sincero com você — contei a Grover. — Eu não me importo com o raio-mestre. Concordei em ir para o Mundo Inferior para poder trazer de volta a minha mãe.

Grover soprou uma nota suave nas suas flautas.

— Eu sei, Percy. Mas você tem certeza de que esse é o único motivo?

— Não estou fazendo isso para ajudar meu pai. Ele não se importa comigo. Eu não me importo com ele.

Do seu galho, Grover olhou atentamente para baixo.

— Olhe, Percy. Não sou tão esperto quanto Annabeth. Não sou tão valente quanto você. Mas sou muito bom em ler emoções. Você está contente porque seu pai está vivo. Sente-se bem pelo fato de ele o ter assumido como filho, e parte de você quer que ele fique orgulhoso. Foi por isso que você despachou a cabeça da Medusa para o Olimpo. Você queria que ele visse o que você fez.

— É mesmo? Bem, talvez as emoções dos sátiros funcionem de um jeito diferente das emoções humanas. Porque você está errado. Não me importo com o que ele pensa.

Grover puxou os pés para cima do galho.

— Certo, Percy. Tanto faz.

— Além disso, não fiz nada demais para me vangloriar. Mal saímos de Nova York e já estamos aqui encalhados sem dinheiro e sem ter como ir para o oeste.

Grover olhou para o céu noturno, como se estivesse pensando no problema.

— Que tal *eu* ficar com o primeiro turno, heim? Vá dormir um pouco.

Eu quis protestar, mas ele começou a tocar Mozart, suave e doce, e eu me virei para o outro lado, os olhos ardendo. Depois de alguns compassos do Concerto para Piano n. 12 eu estava dormindo.

Em meus sonhos, eu estava em uma caverna escura à beira de um enorme abismo. Criaturas cinzentas de névoa se revolviam à minha volta, sussurrando tiras de fumaça que eu, de algum modo, sabia que eram os espíritos dos mortos.

Eles puxavam as minhas roupas, tentando me empurrar de volta, mas eu me sentia compelido a andar para a frente, para a beira.

Olhar para baixo me dava vertigens.

O abismo se abria tão voraz e tão largo, e era tão completamente negro, que eu sabia que não devia ter fundo. Contudo tinha a sensação de que algo tentava emergir dali, algo enorme e maligno.

*O pequeno herói*, ressoou uma voz em deleite, vinda lá de baixo, das trevas. *Fraco demais, jovem demais, mas talvez você sirva*.

A voz parecia ancestral — fria e pesada. Envolveu-me como lençóis de chumbo.

*Eles o enganaram, menino*, disse ela. *Faça comigo uma troca. Eu lhe darei o que quer.*

Uma imagem tremeluzente pairou acima do vazio: minha mãe, congelada no momento em que se dissolveu em uma chuva de ouro. Seu rosto estava

distorcido de dor, como se o Minotauro ainda apertasse seu pescoço. Os olhos me encaravam, implorando: *Vá!*

Tentei gritar, mas minha voz não saiu.

De dentro do abismo, um riso frio ecoou.

Uma força invisível me puxou para a frente. Ia me arrastar para o precipício se eu não aguentasse firme.

*Ajude-me a subir, menino*. A voz ficou mais ávida. *Traga-me o raio. Desfira um golpe contra os deuses traiçoeiros!*

Os espíritos dos mortos sussurravam à minha volta: *Não! Acorde!*

A imagem da minha mãe começou a sumir. A coisa no abismo apertou sua garra invisível em volta de mim.

Percebi que ela não queria me puxar para dentro. Estava me usando para erguer-se *para fora*.

*Bom*, a coisa murmurou. *Bom*.

*Acorde!*, sussurraram os mortos. *Acorde!*

Alguém estava me sacudindo.

Meus olhos se abriram, e era dia.

— Ah! — disse Annabeth. — O zumbi volta à vida.

Eu tremia por causa do sonho. Ainda podia sentir o aperto do monstro do abismo em volta do meu peito.

— Quanto tempo estive dormindo?

— O suficiente para eu preparar o café da manhã — Annabeth me jogou um saco de flocos de milho sabor *nacho*, da lanchonete da tia Eme. — E para Grover sair e explorar. Olhe, ele encontrou um amigo.

Tive dificuldade em focalizar o olhar.

Grover estava sentado de pernas cruzadas em um cobertor com alguma coisa felpuda no colo, um bicho de pelúcia sujo e de um cor-de-rosa artificial.

Não. Aquilo não era um animal de pelúcia. Era um poodle cor-de-rosa.

O poodle latiu para mim, desconfiado. Grover disse:

— Não, ele não é.

Eu pisquei.

— Você está... falando com essa coisa?

O poodle rosnou.

— Esta *coisa* — avisou Grover — é nossa passagem para o oeste. Seja simpático com ele.

— Você pode falar com animais?

Grover ignorou a pergunta.

— Percy, apresento-lhe Gladiola. Gladiola, Percy.

Olhei para Annabeth, calculando que ela fosse rir da peça que eles estavam me pregando, mas ela pareceu extremamente séria.

— Não vou dizer olá para um poodle cor-de-rosa — falei. — Esqueça.

— Percy — disse Annabeth —, eu disse olá para o poodle. Diga olá para o poodle.

O poodle rosnou.

Eu disse olá para o poodle.

Grover explicou que havia encontrado Gladiola no bosque e que começaram a conversar. O poodle tinha fugido de uma família endinheirada do lugar, que oferecera duzentos dólares de recompensa para quem o devolvesse. Gladiola na verdade não queria voltar para a família, mas estava disposto a fazê-lo, se isso fosse ajudar Grover.

— Como Gladiola sabe da recompensa? — perguntei.

— Ele leu os avisos — disse Grover. — Óbvio...

— É claro — retruquei. — Que bobagem a minha.

— Então nós entregamos Gladiola — explicou Annabeth, em seu melhor tom de estrategista —, recebemos o dinheiro e compramos passagens para Los Angeles. Simples.

Pensei no sonho — as vozes sussurrantes dos mortos, a coisa no abismo e o rosto de minha mãe, tremeluzindo enquanto se dissolvia em dourado. Tudo aquilo podia estar esperando por mim no oeste.

— Não em outro ônibus — disse, cauteloso.

— Não — concordou Annabeth.

Ela apontou colina abaixo, para os trilhos de trem que eu não conseguira ver na noite anterior, no escuro.

— Há uma estação da Amtrack a um quilômetro naquela direção. De acordo com Gladiola, o trem para o oeste parte ao meio-dia.

# TREZE

Meu mergulho para a morte

Passamos dois dias no trem, rumo a oeste pelas colinas, por cima de rios, atravessando ondas de trigo cor de âmbar.

Não fomos atacados nem uma vez, mas não relaxei. Sentia que estávamos viajando em uma vitrine, sendo observados de cima e, talvez de baixo, que alguma coisa estava aguardando o momento certo.

Tentei ser discreto, pois meu nome e fotografia estavam estampados nas primeiras páginas de vários jornais da Costa Leste. O *Trenton Register-News* publicou uma foto tirada por um turista quando desci do ônibus da Greyhound. Estava com uma expressão ensandecida nos olhos. Minha espada era um borrão metálico em minhas mãos. Poderia ser um taco de beisebol ou de lacrosse.

A legenda da foto dizia:

*Percy Jackson, 12 anos, procurado para interrogatório sobre o desaparecimento em Long Island de sua mãe há duas semanas, aparece aqui fugindo do ônibus onde abordou diversas passageiras idosas. O ônibus explodiu no acostamento de uma rodovia a leste de New Jersey logo depois que Jackson fugiu da cena do crime. Com base em relatos de testemunhas, a polícia acredita que o menino possa estar viajando com dois cúmplices adolescentes. O padrasto, Gabe Ugliano, ofereceu uma recompensa em dinheiro para qualquer informação que leve à sua captura.*

— Não se preocupe — disseme Annabeth. — A polícia dos mortais nunca nos encontraria.

Mas não pareceu muito segura.

Passei o resto do dia alternando entre andar de uma ponta a outra do trem (pois para mim era difícil ficar sentado) e olhar pelas janelas.

Numa oportunidade avistei uma família de centauros galopando por um campo de trigo, arcos de prontidão, como se estivessem caçando o almoço. O menininho centauro, que era do tamanho de uma criança do terceiro ano

montada em um pônei, percebeu que eu estava olhando e acenou. Olhei em volta no vagão de passageiros, porém mais ninguém reparou. Os passageiros adultos estavam todos com a cara enterrada em laptops ou revistas.

Em outra, mais ao anoitecer, vi algo muito grande se movendo pelo bosque. Poderia jurar que era um leão, só que não há leões vivendo soltos nos Estados Unidos, e aquilo era do tamanho de um tanque de guerra. O pelo tinha reflexos dourados à luz do entardecer. Ele então saltou por entre as árvores e desapareceu.

O dinheiro da recompensa por devolver o poodle Gladiola só foi bastante para comprar passagens até Denver. Não pudemos comprar leitos no vagão-dormitório, então cochilamos nos assentos. Meu pescoço ficou duro. Tentei não babar enquanto dormia, já que Annabeth estava sentada bem a meu lado.

Grover ficou roncando e balindo, e me acordava. Num momento ele se agitou demais e um de seus pés falsos caiu. Annabeth e eu tivemos de enfiá-lo de volta antes que algum dos outros passageiros notasse.

— E então — Annabeth me perguntou depois que recolocamos o tênis de Grover —, quem quer a sua ajuda?

— O que quer dizer?

— Quando estava dormindo agora mesmo, você murmurou “Não quero ajudar você”. Com quem estava sonhando?

Estava em dúvida sobre dizer alguma coisa. Era a segunda vez que sonhava com a voz maligna do abismo. Aquilo me incomodava tanto que, por fim, contei a ela.

Annabeth ficou em silêncio por um bom tempo.

— Não parece ser Hades. Ele sempre aparece sentado em um trono negro, e nunca ri.

— Ele ofereceu minha mãe em troca. Quem mais poderia fazer isso?

— Eu acho... se ele queria dizer “Ajude-me a subir do Mundo Inferior”... Se ele quer guerra com os olimpianos... Mas por que pedir a você o raio-mestre, se ele já o tem?

Sacudi a cabeça, desejando saber a resposta. Pensei no que Grover havia contado, que as Fúrias no ônibus pareciam estar procurando alguma coisa.

*Onde está? Onde?*

Talvez Grover tivesse sentido as minhas emoções. Ele bufou dormindo, resmungou algo sobre vegetais, e virou a cabeça.

Annabeth ajeitou o boné dele para cobrir os chifres.

— Percy, você não pode negociar com Hades. Sabe disso, certo? Ele é enganador, cruel e ganancioso. Não me importo se suas Benevolentes não foram

tão agressivas dessa vez...

— Dessa vez? — perguntei. — Você quer dizer que já cruzou com elas antes?

A mão dela deslizou até o colar. Ela manuseou uma conta branca vitrificada, na qual estava pintada a imagem de um pinheiro, um dos seus marcos de fim de verão, em argila.

— Digamos apenas que não morro de amores pelo Senhor dos Mortos. Você não pode ficar tentado a negociar sua mãe.

— O que faria se fosse seu pai?

— Essa é fácil — disse ela. — Eu o deixaria apodrecer.

— Sério?

Os olhos cinzentos de Annabeth se fixaram em mim. Estavam com a mesma expressão que vi no bosque, no acampamento, no momento em que ela puxou a espada contra o cão infernal.

— Meu pai me detestou desde o dia em que nasci, Percy — disse ela. — Ele nunca quis um bebê. Quando me ganhou, pediu a Atena que me levasse de volta e me criasse no Olimpo, porque estava muito ocupado com seu trabalho. Ela não ficou contente com isso. Disse a ele que os heróis têm de ser criados por seu parente mortal.

— Mas como... quer dizer, você não nasceu em um hospital...

— Apareci na porta do meu pai, em um berço de ouro, trazido do Olimpo por Zéfiro, o Vento Ocidental. Daí você imaginaria que meu pai se lembrasse disso como um milagre, não é? Como se, quem sabe, tivesse feito algumas fotos digitais ou algo do tipo. Mas ele sempre falou sobre minha chegada como se fosse a coisa mais inconveniente que já lhe acontecera. Quando eu tinha cinco anos, ele se casou e esqueceu totalmente Atena. Arranjou uma esposa mortal “normal” e teve dois filhos mortais “normais”, e tentou fazer de conta que eu não existia.

Olhei pela janela do trem. As luzes de uma cidade adormecida estavam passando. Quis fazer Annabeth se sentir melhor, mas não sabia como.

— Minha mãe se casou com um cara horroroso demais — contei a ela. — Grover disse que ela fez isso para me proteger, para me esconder no cheiro de uma família humana. Quem sabe seu pai não estava pensando nisso?

Annabeth continuou focada em seu colar. Apertava o anel de formatura de ouro que estava pendurado entre as contas. Ocorreu-me que o anel devia ser do pai dela. Fiquei imaginando por que ela o usava se o odiava tanto.

— Ele não liga para mim — disse ela. — A mulher dele... minha madrasta... me tratava como uma aberração. Ela ia me deixar brincar com os filhos dela. Meu pai concordava. Sempre que acontecia alguma coisa perigosa... sabe, algo a ver com monstros... os dois me olhavam com raiva, do tipo “Como você ousa

pôr nossa família em perigo”. No fim, entendi a indireta. Eu não era querida. Eu fugi.

— Que idade você tinha?

— A mesma idade com que comecei no acampamento. Sete.

— Mas... você não ia conseguir chegar até a Colina Meio-Sangue sozinha.

— Não, sozinha não. Atena me protegeu, me guiou em direção à ajuda. Fiz amigos inesperados que cuidaram de mim, bem, por pouco tempo.

Quis perguntar o que havia acontecido, mas Annabeth parecia perdida em lembranças tristes. Então ouvi o som dos roncos de Grover e fiquei olhando para fora, pelas janelas do trem, enquanto os campos escuros de Ohio iam passando.

Perto do fim do nosso segundo dia no trem, em 13 de junho, oito dias antes do solstício de verão, passamos por algumas colinas douradas e sobre o rio Mississippi, e entramos em St. Louis.

Annabeth esticou o pescoço para ver o Portal em Arco, que me pareceu uma enorme alça de sacola de compras fincada na cidade.

— Eu quero fazer aquilo — suspirou ela.

— O quê? — perguntei.

— Construir algo como aquilo. Você já viu o Partenon, Percy?

— Só em fotos.

— Algum dia eu vou vê-lo em pessoa. Vou construir o maior monumento aos deuses que já foi feito. Algo que vai durar mil anos.

Eu ri.

— Você? Uma arquiteta?

Não sei por quê, mas achei aquilo engraçado: a ideia de Annabeth tentando ficar sentada em silêncio desenhando o dia inteiro.

As bochechas dela coraram.

— Sim, uma arquiteta. Atena espera que seus filhos criem coisas, não apenas as derrubem, como um certo deus dos terremotos.

Observei as águas marrons e turbulentas do Mississippi embaixo.

— Desculpe — disse Annabeth. — Isso foi maldoso.

— Não dá para trabalharmos juntos? — implorei. — Quer dizer, Atena e Poseidon não poderiam colaborar um com o outro?

Annabeth teve de pensar a respeito.

— Eu acho... a carruagem — disse ela, hesitante. — Minha mãe a inventou, mas Poseidon criou os cavalos saídos das cristas das ondas. Então eles tiveram de trabalhar juntos para torná-la completa.

— Então nós também podemos colaborar um com o outro. Certo?

Entramos na cidade. Annabeth olhava enquanto o Arco desaparecia atrás de

um hotel.

— Acho que sim — disse, afinal.

Entramos na estação da rede ferroviária no centro da cidade. O alto-falante nos avisou que teríamos uma parada de três horas antes de partir para Denver.

Grover se espreguiçou. Ainda despertando, disse:

— Comida.

— Vamos, menino-bode — disse Annabeth. — Vamos dar um passeio.

— Passeio?

— Até o Portal em Arco — disse ela. — Pode ser a minha única oportunidade de subir até o topo. Você vem ou não?

Grover e eu nos entreolhamos.

Eu queria dizer não, mas concluí que, se Annabeth ia, não poderíamos deixá-la sozinha.

Grover encolheu os ombros.

— Desde que haja uma lanchonete sem monstros.

O Arco ficava a cerca de um quilômetro e meio da estação. No fim do dia, as filas para entrar não eram tão longas. Seguimos cautelosamente pelo museu subterrâneo, olhando para vagões cobertos e outras sucatas do século XIX. Não era assim tão empolgante, mas Annabeth ia contando fatos interessantes sobre como o Arco fora construído e Grover me passava jujubas, portanto, para mim estava bom.

Mas fiquei olhando em volta, para as outras pessoas na fila.

— Está sentindo algum cheiro? — murmurei para Grover.

Ele tirou o nariz do saco de jujubas por tempo suficiente para farejar.

— Subterrâneo — disse ele enojado. — O ar embaixo da terra sempre tem cheiro de monstros. Provavelmente não quer dizer nada.

Mas eu tinha a sensação de que algo estava errado. Tinha a sensação de que não devíamos estar ali.

— Gente — disse eu —, vocês conhecem os símbolos de poder dos deuses?

Annabeth estava no meio da leitura sobre o equipamento de construção usado para erigir o Arco, mas deu uma olhada.

— Sim?

— Bem, Hades...

Grover pigarreou.

— Estamos em local público... Você quer dizer, o nosso amigo do andar de baixo?

— Ahn, certo — falei. — Nosso amigo do andar *muito* de baixo. Ele não tem um chapéu como o de Annabeth?

— Você quer dizer o Elmo das Trevas — disse Annabeth. — Sim, é seu símbolo de poder. Eu o vi junto ao assento dele durante a assembleia do solstício de inverno.

— Ele estava lá? — perguntei.

Ela assentiu.

— É a única ocasião em que ele tem permissão de visitar o Olimpo — o dia mais escuro do ano. Mas, se o que ouvi é verdade, o elmo é muito mais poderoso que meu boné da invisibilidade...

— Permite que ele se transforme em trevas — confirmou Grover. — Ele pode se fundir com as sombras ou passar através de paredes. Não pode ser tocado nem visto nem ouvido. E pode irradiar um medo tão intenso que é capaz de enlouquecer você, ou fazer seu coração parar de bater. Por que acha que todas as criaturas racionais têm medo de escuro?

— Mas então... como sabemos se ele não está aqui agora mesmo, nos observando? — perguntei.

Annabeth e Grover se entreolharam.

— Nós não sabemos — disse Grover.

— Obrigado, agora me sinto muito melhor — falei. — Ainda sobrou alguma jujuba azul?

Tinha quase controlado meu desespero quando vi o minúsculo elevador no qual iríamos subir até o topo do Arco, e percebi que estava encrencado. Odeio espaços confinados. Eles me deixam doido.

Fomos espremidos dentro do elevador junto com uma senhora grande e gorda e seu cão, um chihuahua com uma coleira de falsos brilhantes. Calculei que talvez chihuahua fosse um cão-guia, porque nenhum dos guardas disse uma palavra a respeito.

Começamos a subir dentro do Arco. Eu nunca havia estado em um elevador que subia em curva, e meu estômago não gostou muito.

— Sem os pais? — perguntou-nos a senhora gorda.

Tinha olhos pequenos, redondos e brilhantes; dentes pontudos e manchados de café; um chapéu mole de jeans e um vestido de jeans armado demais. Parecia um dirigível jeans.

— Eles estão lá embaixo — disse Annabeth. — Têm medo de altura.

— Ah, pobrezinhos.

O chihuahua rosnou. A mulher disse:

— Vamos, vamos, filhinho. Comporte-se. — O cão tinha olhos pequenos, redondos e brilhantes como os da dona, inteligentes e malvados.

Eu disse:

— Filhinho. É o nome dele?

— Não.

Ela falou e sorriu, como se aquilo esclarecesse tudo.

No topo do Arco, a plataforma de observação me lembrou uma lata acarpetada. Fileiras de janelinhas davam para a cidade, de um lado, e para o rio, do outro. A vista era legal, mas se existe uma coisa de que gosto ainda menos que lugar fechado, é um lugar fechado a duzentos metros de altura.

Annabeth seguiu falando sobre suportes estruturais e sobre como teria feito as janelas maiores e projetado um piso transparente. Ela poderia ter ficado lá em cima horas a fio, mas, para minha sorte, o guarda anunciou que a plataforma de observação seria fechada em poucos minutos.

Guiei Grover e Annabeth em direção à saída, enfiei-os no elevador e estava quase entrando quando me dei conta de que já havia outros dois turistas lá dentro. Não tinha espaço para mim.

O guarda disse:

— Próximo carro, senhor.

— Vamos sair — disse Annabeth. — Vamos esperar com você.

Mas aquilo ia atrapalhar todo mundo e levar ainda mais tempo, então eu disse:

— Não, tudo bem. Vejo vocês lá embaixo.

Grover e Annabeth pareceram nervosos, mas deixaram a porta do elevador se fechar. O carro desapareceu rampa abaixo.

Agora as únicas pessoas que restavam na plataforma de observação éramos eu, um garotinho com os pais, o guarda e a senhora gorda com o chihuahua.

Sorri pouco à vontade para a senhora gorda. Ela sorriu de volta, a língua bifurcada tremulando entre os dentes.

Espere um minuto.

Língua bifurcada?

Antes que eu pudesse concluir se tinha realmente visto aquilo, o chihuahua pulou no chão e começou a latir para mim.

— Vamos, vamos, filhinho — disse a senhora. — Não está divertido? Temos todas essas pessoas simpáticas aqui.

— Cachorrinho! — disse o menino. — Olhe, um cachorrinho!

Os pais o puxaram de volta.

O chihuahua arreganhou os dentes para mim, a espuma pingando dos lábios negros.

— Bem, meu filho — suspirou a senhora gorda. — Se você insiste.

Meu estômago começou a gelar.

— Ahn, você chamou esse chihuahua de filho?

— *Quimera*, querido — corrigiu a senhora gorda. — Não é um chihuahua. É um engano muito comum.

Ela arregaçou as mangas de jeans, mostrando que a pele de seus braços era escamosa e verde. Quando sorriu, vi que seus dentes eram presas. As pupilas dos olhos eram fendas verticais, como as dos répteis.

O chihuahua latiu mais alto, e a cada latido ele crescia. Primeiro ficou do tamanho de um doberman, depois de um leão. O latido se transformou em rugido.

O menininho gritou. Os pais o puxaram para a saída, bem na direção do guarda, que estava paralisado, de olhos arregalados para o monstro.

A Quimera estava tão alta que suas costas tocavam o teto. Tinha cabeça de leão, com a juba untada de sangue, o corpo e os cascos de um bode gigante e uma serpente no lugar da cauda, losangos de três metros de comprimento brotavam do traseiro peludo. Ainda tinha no pescoço a coleira de falsos brilhantes e a placa, do tamanho de um prato, era agora fácil de ler: QUIMERA — RAIVOSA, HÁLITO DE FOGO, VENENOSA — SE ENCONTRADA, FAVOR LIGAR PARA O TÁRTARO — RAMAL 954.

Percebi que não havia sequer tirado a tampa da minha espada. Minhas mãos estavam amortecidas. Eu estava a três metros da bocarra sangrenta da Quimera, e sabia que assim que me mexesse a criatura iria investir.

A mulher-cobra fez um som sibilante que poderia ter sido uma risada.

— Sinta-se honrado, Percy Jackson. O Senhor Zeus raramente me permite pôr um herói à prova com um de minha prole. Pois eu sou a Mãe de Monstros, a terrível Equidna!

Olhei para ela. Tudo o que pude pensar em dizer foi:

— Isso não é o nome de bicho que come formigas?

Ela uivou, a cara de réptil ficou marrom e verde de raiva.

— Detesto quando as pessoas dizem isso! Detesto a Austrália! Dar meu nome àquele animal ridículo. Por causa disso, Percy Jackson, meu filho o destruirá!

A Quimera avançou, os dentes de leão rangendo. Consegui pular para o lado e me esquivar da mordida.

Fui parar junto da família e do guarda, que agora estavam todos gritando, tentando abrir à força as portas da saída de emergência.

Não podia deixar que eles fossem feridos. Tirei a tampa da espada, corri para o outro lado da plataforma e gritei:

— Ei, chihuahua!

A Quimera se virou mais depressa do que eu achava possível.

Antes que eu pudesse erguer a espada, ela abriu a boca, soltando um mau cheiro como o da maior churrasqueira do mundo, e lançou uma coluna de chamas bem em cima de mim.

Mergulhei através da explosão. O carpete explodiu em chamas; o calor foi tão

intenso que quase queimou minhas sobrancelhas.

O lugar onde eu estava um momento antes se tornara um buraco esfarrapado na lateral do Arco, com metal derretido fumegando nas bordas.

Essa é boa, pensei. Acabamos de soldar um monumento nacional.

Contracorrente era agora uma lâmina de bronze reluzente em minhas mãos, e quando a Quimera se virou, eu a golpeei com violência no pescoço.

Foi um erro fatal. A lâmina faiscou sem efeito contra a coleira de cachorro. Tentei recuperar o equilíbrio, mas estava tão preocupado em me defender da boca chamejante de leão que me esqueci completamente da cauda de serpente, até que ela fez uma volta e cravou as presas na minha panturrilha.

Minha perna inteira ardeu em fogo. Tentei enfiar Contracorrente na boca da Quimera, mas a cauda de serpente enrolou-se nos meus tornozelos e me desequilibrou, e a espada voou de minha mão, saiu rodopiando pelo buraco no Arco e caiu no rio Mississippi.

Consegui ficar em pé, mas sabia que tinha perdido. Estava desarmado. Podia sentir o veneno letal subindo por meu peito. Lembrei-me de Quíron dizendo que Anaklusmos sempre voltaria para mim, mas não havia nenhuma caneta em meu bolso. Talvez tivesse caído longe demais. Ou só voltasse quando estava em forma de caneta. Eu não sabia, e não ia viver o bastante para descobrir.

Recuei para o buraco na parede. A Quimera avançou, rosnando e soltando espirais de fumaça pelos lábios. A mulher-serpente, Equidna, gargalhou.

— Já não se fazem mais heróis como antigamente, heim, filho?

O monstro rosnou. Parecia não estar com pressa de acabar comigo, agora que eu estava derrotado.

Dei uma olhada para o guarda e a família. O menininho se escondia atrás das pernas do pai. Eu tinha de proteger aquelas pessoas. Não podia simplesmente... morrer. Tentei pensar, mas meu corpo inteiro estava em fogo. Minha cabeça girava. Eu não tinha espada. Estava enfrentando um monstro imenso, que cuspia fogo, e sua mãe. E estava apavorado.

Não havia outro lugar para ir, portanto subi na beira do buraco. Muito, muito embaixo, o rio brilhava.

Será que se eu morresse os monstros iriam embora? Deixariam os humanos em paz?

— Se você é o filho de Poseidon — sibilou Equidna —, então não tem medo da água. Pule, Percy Jackson. Mostre-me que a água não lhe fará mal. Pule e recupere a espada. Prove a sua linhagem.

Sim, certo, pensei. Eu tinha lido em algum lugar que pular na água da altura de alguns andares era como se atirar em asfalto. Dali, eu ia me desfazer em pedaços com o impacto.

A boca da Quimera estava vermelha, incandescente, preparando uma nova rajada de fogo.

— Você não tem fé — disse a Quimera. — Não confia nos deuses. Não posso culpá-lo, pequeno covarde. Melhor que morra agora. Os deuses são infiéis. O veneno está no seu coração.

Ela estava certa: eu estava morrendo. Podia sentir a respiração falhando. Ninguém poderia me salvar, nem mesmo os deuses.

Recuei e olhei para a água lá embaixo. Lembrei-me do calor do sorriso de meu pai quando eu era um bebê. Ele deve ter me visto. Deve ter me visitado quando eu estava no berço.

Lembrei-me do tridente verde que aparecera girando acima da minha cabeça na noite da captura da bandeira, quando Poseidon me reconheceu como seu filho.

Mas aquilo não era o mar. Aquilo era o Mississippi, bem no meio dos Estados Unidos. Ali não havia nenhum deus do mar.

— Morra, infiel — disse a voz rouca de Equidna, e a Quimera mandou uma coluna de fogo na direção de meu rosto.

— Pai, me ajude — implorei.

Virei-me e pulei. Minhas roupas em chamas, o veneno correndo por minhas veias, mergulhei no rio.

# CATORZE

Eu me torno um fugitivo conhecido

Eu adoraria contar que tive alguma revelação profunda enquanto caía, que aprendi a aceitar minha própria mortalidade, que ri em face da morte *etc.*

A verdade? Meu único pensamento foi: Aaaaarggghhhhh!

O rio vinha em minha direção na velocidade de um caminhão. O vento arrancou o fôlego dos meus pulmões. Torres, arranha-céus e pontes giravam entrando e saindo do meu campo de visão.

E então...

*Cata-puuuum!*

Um turbilhão de bolhas. Afundei nas trevas, certo de que acabaria engolido por trinta metros de lama e perdido para sempre.

Mas meu impacto com a água não doeu. Eu estava agora descendo lentamente, com bolhas passando por entre meus dedos. Fui parar no fundo do rio, em silêncio. Um peixe-gato do tamanho do meu padrasto se afastou com uma guinada para a escuridão. Nuvens de lodo e lixo nojento — garrafas de cerveja, sapatos velhos, sacos plásticos — giravam ao meu redor.

Àquela altura me dei conta de algumas coisas. Primeiro: eu não tinha sido achatado como uma panqueca. Não havia sido assado como churrasco. Não sentia nem mesmo o veneno da Quimera fervendo em minhas veias. Eu estava vivo, o que era bom.

Segundo: eu não estava molhado. Quer dizer, conseguia sentir a friagem da água. Podia ver onde o fogo em minhas roupas tinha sido apagado. Mas, quando toquei minha camisa, parecia perfeitamente seca.

Olhei para o lixo que passava flutuando e agarrei um velho isqueiro.

Sem chance, pensei.

Risquei o isqueiro. Uma faísca saltou. Uma chama pequenina apareceu, bem ali, no fundo do Mississippi.

Agarrei uma embalagem ensopada de hambúrguer na corrente e o papel secou imediatamente. Queimei-o sem problemas. Assim que o soltei, as chamas

bruxulearam e se apagaram. A embalagem voltou a se transformar em um trapo viscoso. Esquisito.

Mas a ideia mais estranha me ocorreu por último: eu estava respirando. Estava embaixo d'água e respirava normalmente.

Fiquei de pé, afundado até as coxas na lama. Sentia as pernas trêmulas. As mãos tremiam. Eu devia estar morto. O fato de não estar parecia... bem, um milagre. Imaginei uma voz de mulher, uma voz que parecia um pouco com a da minha mãe: *Percy, como é que se diz?*

— Ahn... muito obrigado. — Embaixo d'água, minha voz soava como em gravações, idêntica à de um garoto muito mais velho. — Muito obrigado... pai.

Nenhuma resposta. Apenas o fluir escuro do lixo rio abaixo, o enorme peixe-gato que passava deslizando, o brilho do sol poente na superfície da água muito acima, deixando tudo da cor de doce de leite.

Por que Poseidon me salvara? Quanto mais eu pensava nisso, mais envergonhado me sentia. Então, eu tivera sorte algumas vezes. Contra algo como a Quimera, eu não tinha a menor chance. Aquela pobre gente no Arco provavelmente virara torrada. Não consegui protegê-los. Não era nenhum herói. Talvez devesse simplesmente ficar ali embaixo com o peixe-gato, juntar-me aos comensais do fundo do rio.

*Plof-plof-plof*. As pás da hélice de um barco agitaram a água sobre mim, revirando o lodo ao redor.

Ali, não mais de cinco metros à frente, estava minha espada, a guarda de bronze brilhando, espetada na lama.

Ouvi aquela voz de mulher outra vez: *Percy, pegue a espada. Seu pai acredita em você*. Dessa vez percebi que a voz não estava em minha cabeça. Eu não a estava imaginando. As palavras pareciam vir de toda parte, ondulando pela água como o sonar de um golfinho.

— Onde está você? — perguntei em voz alta.

Então, nas sombras, eu a vi — uma mulher da cor da água, um fantasma na corrente, flutuando logo acima da espada. Tinha longos cabelos ondulantes, e os olhos, pouco visíveis, eram verdes como os meus.

Um nó se formou em minha garganta.

— Mamãe?

*Não, criança, apenas uma mensageira, embora o destino de sua mãe não seja tão inevitável como você acredita. Vá para a praia em Santa Monica*.

— O quê?

*É a vontade de seu pai. Antes de descer para o Mundo Inferior, deve ir a Santa Monica. Por favor, Percy, não posso ficar muito tempo aqui. O rio é sujo demais para a minha presença*.

— Mas... — Eu não sabia muito bem se a mulher era a minha mãe ou, bem, uma visão dela. — Quem... como você...

Havia muita coisa que eu queria perguntar, as palavras se amontoavam em minha garganta.

*Não posso ficar, meu valente*, disse a mulher. Ela estendeu a mão, e senti a corrente roçar meu rosto como uma carícia. *Você precisa ir a Santa Monica! E, Percy, cuidado com os presentes...*

A voz dela sumiu.

— Presentes? — perguntei. — Que presentes? Espere!

Ela tentou falar novamente, mas o som se fora. Sua imagem se desfez. Se era a minha mãe, eu a tinha perdido de novo.

Senti vontade de me afogar. O único problema: eu era imune a isso.

*Seu pai acredita em você*, ela dissera.

Ela também me chamara de valente... a não ser que estivesse falando com o peixe-gato.

Fui me arrastando até Contracorrente e a agarrei pela guarda. A Quimera ainda podia estar lá em cima com sua mãe gorda e peçonhenta, esperando para acabar comigo. Na melhor das hipóteses, a polícia mortal estaria chegando, tentando descobrir quem havia aberto um buraco no Arco. Se me achassem, teriam algumas perguntas a fazer.

Pus a tampa na espada e enfiei a esferográfica no bolso.

— Muito obrigado, pai — disse de novo para a água escura. Então dei um impulso para cima, através da sujeira, e nadei até a superfície.

Emergi ao lado de um McDonald’s flutuante.

A um quarteirão de distância, todos os veículos de emergência de St. Louis cercavam o Arco. Helicópteros da polícia circulavam no alto. A multidão de curiosos me lembrou Times Square no dia de ano-novo.

Uma menininha disse:

— Mamãe! Aquele menino saiu andando do rio.

— Que bom, querida — disse a mãe, esticando o pescoço para ver as ambulâncias.

— Mas ele está seco!

— Que bom, querida.

Uma repórter estava falando para a câmera:

“Tudo leva a crer, pelo que soubemos, que não se trata de um ataque terrorista, mas as investigações ainda estão muito no começo. Os danos, como podem ver, são muito sérios. Estamos tentando obter acesso a alguns sobreviventes para questioná-los a respeito de testemunhos de que alguém teria caído de cima do

Arco.”

*Sobreviventes*. Senti uma onda de alívio. O guarda e a família tinham escapado ilesos. Eu esperava que Annabeth e Grover estivessem bem.

Tentei abrir caminho na multidão para ver o que estava acontecendo depois da barreira policial.

“...um adolescente”, outro repórter estava dizendo. “O Canal 5 soube que as câmeras de vigilância mostram um adolescente enlouquecido na plataforma de observação, detonando de algum modo aquela estranha explosão. É difícil acreditar, John, mas é isso que estamos ouvindo dizer. Mais uma vez, não há nenhuma fatalidade confirmada...”

Recuei, tentando manter a cabeça baixa. Tinha de dar uma volta enorme para contornar o perímetro policial. Havia policiais e repórteres por toda parte.

Estava quase perdendo a esperança de encontrar Annabeth e Grover quando uma voz familiar baliu:

— Perrrcy!

Virei-me e dei com o abraço de urso de Grover — ou abraço de bode. Ele disse:

— Pensamos que tivesse ido para o Hades pelo pior caminho!

Annabeth estava atrás dele, tentando fazer cara de zangada, mas até ela parecia aliviada por me ver.

— Não podemos deixar você cinco minutos sozinho! O que aconteceu?

— Foi como um tombo.

— Percy! Cento e noventa e dois metros?

Atrás de nós, um policial gritou:

— Abram passagem! — A multidão se dividiu e uma dupla de paramédicos avançou empurrando uma mulher numa maca. Eu a reconheci imediatamente como a mãe do menininho que estava na plataforma. Ela dizia:

— E então aquele cachorro enorme, aquele chihuahua enorme cuspindo fogo...

— Certo, minha senhora — disse o paramédico. — Acalme-se por favor. Sua família está bem. O medicamento está começando a fazer efeito.

— Eu não estou louca! Aquele menino pulou pelo buraco e o monstro desapareceu. — Então ela me viu. — Lá está ele! É aquele menino!

Virei rapidamente e puxei Annabeth e Grover atrás de mim. Desaparecemos na multidão.

— O que está acontecendo? — perguntou Annabeth. — Ela estava falando do chihuahua do elevador?

Contei a eles a história inteira da Quimera, Equidna, meu show de mergulho e a mensagem da moça embaixo d’água.

— Uau — disse Grover. — Temos de levá-lo a Santa Monica! Não pode ignorar uma ordem de seu pai.

Antes que Annabeth pudesse responder, passamos por outro repórter que gravava um boletim informativo, e quase fiquei paralisado quando ele disse:

— Percy Jackson. É isso mesmo, Dan. O Canal 12 soube que o menino que pode ter causado essa explosão se encaixa na descrição de um rapazinho procurado pelas autoridades por um sério acidente com um ônibus em New Jersey três dias atrás. *E* acredita-se que o menino esteja viajando para oeste. Para os nossos espectadores de casa, esta é a foto de Percy Jackson.

Nós nos abaixamos atrás do carro de reportagem e nos esgueiramos para um beco.

— Primeiro o mais importante — disse a Grover. — Temos de sair da cidade!

De algum modo conseguimos voltar à estação ferroviária sem sermos vistos. Embarcamos no trem bem no momento em que estava saindo para Denver. O trem seguiu para oeste enquanto a noite caía, com as luzes da polícia ainda piscando contra a silhueta de St. Louis atrás de nós.

# QUINZE

Um deus compra cheeseburgers para nós

Na tarde seguinte, 14 de junho, sete dias antes do solstício, nosso trem entrou em Denver. Não comíamos nada desde a noite anterior no vagão-restaurante, em algum lugar de Kansas. Não tomávamos banho desde que saímos da Colina Meio-Sangue, e eu tinha certeza de que isso era óbvio.

— Vamos tentar entrar em contato com Quíron — disse Annabeth. — Quero contar a ele sobre sua conversa com o espírito do rio.

— Não podemos usar telefones, certo?

— Não estou falando de telefones.

Perambulamos pelo centro da cidade por cerca de meia hora, embora eu não soubesse muito bem o que Annabeth estava procurando. O ar estava seco e quente, o que era estranho depois da umidade de St. Louis. Aonde quer que fôssemos, as Montanhas Rochosas pareciam me olhar, como um tsunami prestes a quebrar sobre a cidade.

Finalmente encontramos um lava-jato vazio. Fomos para o boxe mais afastado da rua, atentos a carros de polícia. Éramos três adolescentes sem automóvel em um lava-jato; qualquer policial que se prezasse deduziria que não estávamos tramando nada de bom.

— O que exatamente estamos fazendo? — perguntei quando Grover pegou a mangueira de um compressor.

— São setenta e cinco centavos — resmungou. — Só me restaram duas moedas de vinte e cinco. Annabeth?

— Não olhe para mim — disse ela. — O vagão-restaurante me deixou lisa.

Pesquei o meu último restinho de trocados e passei uma moeda de vinte e cinco centavos para Grover, o que me deixou com duas de cinco e um dracma da Medusa.

— Excelente — disse Grover. — Poderíamos fazer isso com qualquer spray, é claro, mas a conexão não fica boa, e meus braços cansam de tanto bombear.

— Do que está falando?

Ele depositou as moedas e ajustou o botão para ESGUICHO FINO.

— M.I.

— Mensagem instantânea?

— Mensagem de *Íris* — corrigiu Annabeth. — A deusa do arco-íris transmite mensagens aos deuses. Se a gente souber como pedir, e ela não estiver atarefada demais, fará o mesmo para meios-sangues.

— Você convoca a deusa com um compressor?

Grover apontou o bico da mangueira para o ar e a água saiu chiando em uma espessa névoa branca.

— A não ser que conheça um meio mais fácil de fazer um arco-íris.

De fato, a luminosidade do fim de tarde se filtrou através da névoa e se decompôs em cores.

Annabeth estendeu a palma da mão para mim.

— Dracma, por favor.

Eu o entreguei.

Ela ergueu a moeda acima da cabeça.

— Ó deusa, aceite nossa oferenda.

Jogou o dracma no arco-íris. Ele desapareceu em um tremeluzir dourado.

— Colina Meio-Sangue — solicitou Annabeth.

Por um momento, nada aconteceu.

E então eu estava olhando através da névoa para campos de morangos e o Estreito de Long Island a distância. Era como se estivéssemos na varanda da Casa Grande. Em pé, de costas para nós junto à cerca, estava um cara de cabelos da cor da areia, de short e camiseta regata laranja. Segurava uma espada de bronze e parecia olhar atentamente para algo na campina.

— Luke! — chamei.

Ele se virou, os olhos arregalados. Poderia jurar que ele estava na minha frente, a um metro de distância, atrás de uma cortina de névoa, só que eu via apenas a parte dele que aparecia no arco-íris.

— Percy! — O seu rosto marcado pela cicatriz se abriu em um sorriso. — E Annabeth também? Graças aos deuses! Vocês estão bem?

— Estamos... ahn... ótimos — gaguejou Annabeth. Ela tentava desesperadamente alisar a camiseta suja e tirar os cabelos soltos da frente do rosto. — Nós pensamos... Quíron... quer dizer...

— Ele está lá embaixo nos chalés. — O sorriso de Luke se apagou. — Estamos tendo alguns problemas com os campistas. Escute, está tudo legal com vocês? Grover está bem?

— Estou bem aqui — gritou Grover. Ele virou o esguicho para um lado e entrou no campo de visão de Luke. — Que tipo de problemas?

Bem naquele momento um grande Lincoln Continental entrou no lava-jato com o rádio tocando hip-hop no último volume. Quando o carro entrou no boxe ao lado, os alto-falantes vibraram tanto que sacudiram o calçamento.

— Quíron teve de... que barulho é esse? — gritou Luke.

— Deixe que eu cuido disso! — gritou Annabeth de volta, parecendo muito aliviada por ter uma desculpa para sair de vista. — Grover, venha!

— O quê? — disse Grover. — Mas...

— Dê a mangueira a Percy e venha! — ordenou ela.

Grover resmungou qualquer coisa sobre as meninas serem mais difíceis de entender do que o Oráculo de Delfos, depois me entregou a mangueira e seguiu Annabeth.

Eu reajustei o esguicho para manter o arco-íris e ainda ver Luke.

— Quíron teve de separar uma briga — gritou Luke, mais alto que a música. — A situação anda um bocado tensa por aqui, Percy. A questão-impasse entre Zeus e Poseidon vazou. Ainda não sabemos direito como... provavelmente, foi o mesmo sujeito nojento que convocou o cão infernal. Agora os campistas estão começando a tomar partido. As coisas estão ficando como na Guerra de Troia, tudo de novo. Afrodite, Ares e Apolo estão de certo modo apoiando Poseidon. Atena está apoiando Zeus.

Estremeci só de pensar que o chalé de Clarisse pudesse estar do lado de meu pai para alguma coisa. No boxe ao lado, ouvi Annabeth e algum cara discutindo, e então o volume da música abaixou drasticamente.

— Então, qual é a sua situação? — perguntou Luke para mim. — Quíron vai lamentar muito não ter podido falar com você.

Contei-lhe praticamente tudo, inclusive meus sonhos. Era tão boa a sensação de vê-lo, de sentir que eu estava de volta ao acampamento, mesmo que fosse por alguns minutos, que não percebi por quanto tempo havia falado até que o alarme do compressor disparou. Percebi que só tinha mais um minuto antes que a água desligasse.

— Queria poder estar aí — disse Luke. — Não podemos ajudar muito daqui, infelizmente, mas escute... com certeza foi Hades quem pegou o raio-mestre. Ele estava lá no Olimpo no solstício de inverno. Eu estava supervisionando uma excursão e nós o vimos.

— Mas Quíron falou que os deuses não podem tomar diretamente os itens mágicos um do outro.

— É verdade — disse Luke, parecendo perturbado. — Ainda assim... Hades tem o elmo das trevas. Como alguém mais poderia se esgueirar para dentro da sala do trono e roubar o raio-mestre? É preciso estar invisível.

Ficamos os dois em silêncio até que Luke pareceu se dar conta do que dissera.

— Ei — protestou ele. — Não quis dizer Annabeth. Ela e eu nos conhecemos há uma eternidade. Ela jamais iria... quer dizer, ela é como uma irmã para mim.

Pensei comigo mesmo se Annabeth iria gostar daquela descrição. No boxe ao lado, a música parou. Um homem gritou aterrorizado, portas de carro bateram e o Lincoln saiu a toda do lava-jato.

— É melhor você ir ver o que foi aquilo — disse Luke. — Escute, está usando os tênis voadores? Eu me sentiria melhor se soubesse que lhe serviram de alguma coisa.

— Ah... ahn, sim! — Tentei não soar como parecer um mentiroso culpado. — Sim, foram úteis.

— É mesmo? — sorriu. — Serviram e tudo o mais?

A água cessou. A névoa começou a dispersar.

— Bem, cuide-se lá em Denver — gritou Luke, a voz ficando mais baixa. — E diga a Grover que dessa vez será melhor! Ninguém será transformado em pinheiro se ele apenas...

Mas a névoa se foi, e a imagem de Luke desapareceu. Eu estava sozinho em um boxe molhado e vazio de lava-jato.

Annabeth e Grover apareceram no canto, rindo, mas pararam quando viram minha cara. O sorriso de Annabeth sumiu.

— O que aconteceu, Percy? O que Luke disse?

— Quase nada — menti, sentindo o estômago tão vazio quanto um chalé dos Três Grandes. — Venham, vamos procurar alguma coisa para jantar.

Poucos minutos depois, estávamos sentados num reservado de um pequeno e reluzente restaurante todo cromado. À nossa volta, famílias comiam hambúrgueres e bebiam cerveja e refrigerantes.

Finalmente, a garçonete veio. Ela ergueu uma sobrancelha com um ar cético.

— Então?

Eu disse:

— Nós, ahn, queremos pedir o jantar.

— Têm dinheiro para pagar, crianças?

O lábio inferior de Grover tremeu. Tive medo de que ele começasse a balir, ou, pior, começasse a comer o linóleo. Annabeth parecia prestes a desmaiar de fome.

Eu estava tentando pensar em uma história comovente para a garçonete quando um forte ronco sacudiu o edifício inteiro; uma motocicleta do tamanho de um filhote de elefante havia encostado no meio-fio.

Todas as conversas cessaram. O farol da motocicleta brilhava em vermelho. Tinha labaredas pintadas sobre o tanque de gasolina e um coldre de cada lado,

com espingardas de caça. O assento era de couro — mas um couro que parecia... bem, pele, humana, caucasiana.

O cara da moto podia fazer lutadores profissionais saírem correndo chamando a mamãe. Vestia uma camiseta justa vermelha, que ressaltava os músculos, jeans pretos e um casaco comprido de couro preto, com um facão de caça preso à coxa. Usava óculos escuros vermelhos, presos na nuca, e tinha a cara mais cruel, mais brutal que eu já tinha visto — boa-pinta, eu acho, porém mau —, com cabelo negro como petróleo aparado à máquina, o rosto marcado por cicatrizes de muitas, muitas brigas. O estranho era que parecia que eu já tinha visto aquele homem em algum lugar.

Quando ele entrou no restaurante, um vento quente e seco soprou no ambiente. Todos se levantaram, como se estivessem hipnotizados, mas o motociclista acenou a mão com desdém e eles sentaram de novo. Todos voltaram às suas conversas. A garçonete piscou, como se alguém tivesse apertado o botão de retroceder em seu cérebro. Ela perguntou novamente: — Têm dinheiro para pagar, crianças?

O cara da moto disse:

— É por minha conta. — Escorregou para dentro do nosso reservado, pequeno demais para ele, e espremeu Annabeth contra a janela.

Encarou a garçonete, que olhava para ele de olhos arregalados, e disse:

— Ainda está aí?

Ele apontou para ela, e ela ficou rígida. Virou-se como se alguém a tivesse girado e marchou de volta para a cozinha.

O homem da moto me olhou. Não pude ver seus olhos atrás dos óculos vermelhos, mas sentimentos ruins começaram a fervilhar no meu estômago. Raiva, ressentimento, amargor. Tive vontade de bater na parede. Tive vontade de comprar briga com alguém. Quem aquele cara pensava que era?

Ele me deu um sorriso maldoso.

— Então você é o garoto do Velho das Algas, ahn?

Eu devia ter ficado surpreso, ou assustado, mas em vez disso era como se estivesse olhando para o meu padrasto, Gabe. Quis arrancar a cabeça do cara: — O que você tem com isso?

Os olhos de Annabeth me lançaram um alerta.

— Percy, este é...

— Tudo bem — disse ele. — Não me incomodo com um pouco de petulância. Desde que você lembre quem manda. Sabe quem eu sou, priminho?

Então me veio à cabeça por que o cara me parecia familiar. Ele tinha o mesmo olhar cruel de algumas crianças do Acampamento Meio-Sangue, os do chalé 5.

— Você é o pai de Clarisse — disse eu. — Ares, deus da guerra.

Ares arreganhou um sorriso e tirou os óculos. Onde deveriam estar os olhos havia apenas fogo, órbitas vazias brilhando com miniexplosões nucleares.

— Certo, mané. Ouvi que quebrou a lança de Clarisse.

— Ela estava pedindo isso.

— Provavelmente. Tranquilo. Não me meto nas brigas dos meus filhos, sabia? Estou aqui porque ouvi dizer que estava na cidade. Tenho uma pequena proposta para você.

A garçonete voltou trazendo bandejas com montes de comida — cheeseburgers, batatas fritas, anéis de cebola empanados e milk-shakes de chocolate.

Ares entregou-lhe alguns dracmas de ouro.

Ela olhou nervosa para as moedas.

— Mas estas não são...

Ares puxou seu enorme facão e começou a limpar as unhas.

— Algum problema, benzinho?

A garçonete engoliu em seco e se afastou com o ouro.

— Não pode fazer isso — disse a Ares. — Não pode ameaçar as pessoas com uma faca.

Ares riu.

— Está brincando? Eu adoro este país. Melhor lugar, depois de Esparta. Você não anda armado, otário? Pois devia. O mundo lá fora é perigoso. O que me traz de volta à minha proposta. Preciso que me faça um favor.

— Que favor eu poderia fazer para um deus?

— Algo que um deus não tem tempo de fazer ele mesmo. Nada demais. Larguei meu escudo em um parque aquático abandonado aqui na cidade. Estava no meio de um... encontro com minha namorada. Fomos interrompidos. Deixei o escudo para trás. Quero que vá buscá-lo para mim.

— Por que não volta lá e pega você mesmo?

O fogo nas órbitas dele ficou um pouco mais incandescente.

— Por que não transformo você em uma marmota e o atropelo com minha Harley? Porque não estou com vontade. Um deus está dando a você a oportunidade de se pôr à prova, Percy Jackson. Você vai mostrar que é um covarde? — Ele se inclinou para a frente. — Ou, quem sabe, você só luta quando há um rio para mergulhar dentro, para que seu papai possa protegê-lo?

Queria dar um murro naquele cara, mas, de algum modo, sabia que ele esperava por isso. O poder de Ares estava causando a minha raiva. Ele adoraria se eu o atacasse. Eu não queria lhe dar esse gostinho.

— Não estamos interessados — falei. — Já temos uma missão.

Os olhos ardentes de Ares me fizeram ver coisas que eu não queria — sangue,

fumaça e corpos no campo de batalha.

— Eu sei de tudo sobre sua missão, seu imprestável. Quando aquele *item* foi roubado, Zeus enviou seus melhores para procurá-lo: Apolo, Atena, Ártemis e, naturalmente, eu. Se eu não consegui farejar uma arma tão poderosa... — Ele lambeu o beiço, como se a própria ideia do raio-mestre o tivesse deixado com fome. — Bem... se eu não consegui encontrá-lo, você não tem nenhuma chance. Entretanto, estou tentando lhe dar o benefício da dúvida. Seu pai e eu nos conhecemos há muito tempo. Afinal, fui eu quem lhe contou minhas suspeitas sobre o velho Bafo de Cadáver.

— Você disse a ele que Hades roubou o raio?

— Claro. Acirrar os ânimos para uma guerra. O truque mais antigo de todos. Eu o reconheci imediatamente. De certo modo, você tem de agradecer a mim por sua missãozinha.

— Obrigado — resmunguei.

— Ei, sou um cara generoso. Faça meu servicinho e eu o ajudarei em sua viagem. Vou arranjar uma carona para oeste para você e seus amigos.

— Estamos indo muito bem sozinhos.

— Sim, certo. Sem dinheiro. Sem rodas. Sem nenhuma pista do que vão enfrentar. Ajude-me, e talvez eu lhe conte algo que precisa saber. Algo sobre sua mãe.

— Minha mãe?

Ele sorriu.

— Isso despertou sua atenção. O parque aquático fica um quilômetro e meio a oeste, na Delancy. Não há como errar. Procurem o Túnel do Amor.

— O que interrompeu seu namoro? — perguntei. — Alguma coisa o assustou?

Ares arreganhou os dentes, mas eu já tinha visto aquela cara ameaçadora antes, em Clarisse. Havia nela algo de incerto, quase um nervosismo.

— Você tem sorte de ter me encontrado, imprestável, e não um dos outros olimpianos. Eles não são tão indulgentes com a grosseria quanto eu. Encontrarei você aqui novamente quando tiver terminado. Não me desaponte.

Depois disso eu devo ter desmaiado, ou entrado em um transe, pois quando voltei a abrir os olhos Ares havia desaparecido. Podia ter pensado que toda a conversa fora um sonho, mas a expressão de Annabeth e Grover me dizia outra coisa.

— Nada bom — disse Grover. — Ares o procurou, Percy. Isso não é nada bom.

Olhei pela janela. A motocicleta havia desaparecido.

Será que Ares realmente sabia algo sobre minha mãe, ou estava apenas jogando comigo? Agora que ele se fora, toda a minha raiva passara. Percebi que

Ares devia adorar bagunçar as emoções das pessoas. Era esse o seu poder — exacerbar tanto as paixões que elas atrapalhavam nossa capacidade de pensar.

— Deve ser algum tipo de truque — falei. — Esqueçam Ares. Vamos embora e pronto.

— Não podemos — disse Annabeth. — Olhe, detesto Ares tanto quanto qualquer um, mas não é possível ignorar os deuses a não ser que se deseje um azar tremendo. Ele não estava brincando sobre transformar você em um roedor.

Baixei os olhos para o meu cheeseburger, que de repente não parecia mais tão apetitoso.

— Por que ele precisa de nós?

— Talvez seja um problema que requeira inteligência — disse Annabeth. — Ares tem força. É tudo o que tem. Mesmo a força às vezes tem de se curvar à sabedoria.

— Mas esse parque aquático... ele agiu quase como se estivesse apavorado. O que faria um deus da guerra fugir desse jeito?

Annabeth e Grover se entreolharam nervosamente.

Annabeth disse:

— Acho que teremos de descobrir.

Quando encontramos o parque aquático, o sol estava se pondo atrás das montanhas. A julgar pela placa, ele outrora se chamava *A Q U A L Â N D I A*, mas agora algumas letras haviam sido arrancadas, então ela dizia *AQU L D A*.

O portão principal estava fechado com cadeado e tinha no alto arame farpado. Dentro, enormes escorregadores, tubos e canos se retorciam por toda parte, secos, desembocando em piscinas vazias. Velhos ingressos e folhetos subiam do asfalto com o vento. Com a noite chegando, o lugar parecia triste e arrepiante.

— Se Ares traz a namorada aqui para um encontro — falei, olhando para o arame farpado —, não ia gostar de ver como é a aparência dela.

— Percy — advertiu Annabeth —, tenha mais respeito.

— Por quê? Pensei que você detestasse Ares.

— Ainda assim, ele é um deus. E a namorada dele é muito temperamental.

— Não queremos ofendê-la — acrescentou Grover.

— Quem é? Equidna?

— Não, Afrodite — disse Grover, um pouco sonhador. — A deusa do amor.

— Pensei que ela fosse casada com alguém — disse eu. — Hefesto.

— E daí? — perguntou ele.

— Ah. — De repente, senti que era preciso mudar de assunto. — Então, como fazemos para entrar?

— *Maia!* — Os tênis de Grover criaram asas.

Ele voou por cima da cerca, deu um mortal involuntário no ar, depois pousou cambaleando no lado oposto. Sacudiu o pó dos seus jeans, como se tivesse planejado tudo aquilo.

— Vocês vêm?

Annabeth e eu tivemos de escalar à moda antiga, empurrando o arame farpado um para o outro enquanto nos arrastávamos por cima do topo.

As sombras se alongaram enquanto caminhávamos pelo parque, conferindo as atrações. Havia a Ilha dos Pequeninos, o Por Cima da Cabeça e o Cara, Cadê o Meu Calção?

Nenhum monstro chegou para nos pegar. Nada fazia o menor barulho.

Encontramos uma loja de lembrancinhas que fora deixada aberta. Ainda havia mercadorias enfileiradas nas prateleiras: globos de neve, lápis, cartões-postais, e prateleiras de...

— Roupas — disse Annabeth. — Roupas limpas.

— É — completei. — Mas você não pode simplesmente...

— Observe.

Ela agarrou uma fileira inteira de artigos das prateleiras e desapareceu dentro do provador. Poucos minutos depois saiu vestindo short estampado de flores da Aqualândia, uma grande camiseta vermelha da Aqualândia e sapatilhas de surfe temáticas da Aqualândia. Pendurada no ombro, uma mochila da Aqualândia, obviamente recheada de outras coisinhas.

— Ora, que se dane. — Grover encolheu os ombros.

Logo nós três parecíamos anúncios ambulantes do parque temático fantasma.

Continuamos procurando pelo Túnel do Amor. Eu tinha a sensação de que o parque inteiro estava prendendo a respiração.

— Então Ares e Afrodite — falei, só para afastar os pensamentos da escuridão que aumentava — estão tendo um caso?

— É uma fofoca velha, Percy — disse Annabeth. — Uma fofoca de três mil anos.

— E o marido de Afrodite?

— Bem, você sabe — disse ela. — Hefesto. O ferreiro. Ele ficou aleijado quando bebê, atirado de cima do Monte Olimpo por Zeus. Então não é exatamente lindo. Habilidoso com as mãos e tudo, mas Afrodite não curte inteligência e talento, entende?

— Ela gosta de motoqueiros.

— Ou isso.

— Hefesto sabe?

— Ah, com certeza — disse Annabeth. — Uma vez ele os pegou juntos. Quer dizer, pegou mesmo, em uma rede de ouro, e chamou todos os deuses para ver e

rir da cara deles. Hefesto está sempre tentando constrangê-los. É por isso que eles se encontram em lugares escondidos, como...

Ela se interrompeu, olhando em frente.

— Como aquilo.

Diante de nós havia uma piscina vazia que teria sido sensacional para andar de skate. Tinha pelo menos cinquenta metros de largura e forma de bacia.

Em volta da beira, uma dúzia de estátuas de Cupido montavam guarda de asas abertas e arcos prontos para disparar. Do outro lado abria-se um túnel, provavelmente para onde a água escoava quando a piscina estava cheia. A placa acima dele dizia: EMOCIONANTE PASSEIO DE AMOR: ESTE NÃO É O TÚNEL DO AMOR DOS SEUS PAIS!

Grover se arrastou até a borda.

— Gente, olhe.

Abandonado no fundo da piscina havia um barco de dois lugares rosa e branco, com coraçõezinhos pintados por toda parte. No assento da esquerda, brilhando na luz pálida, estava o escudo de Ares, um círculo polido de bronze.

— Fácil demais — disse eu. — Então é só descer até lá e pegá-lo?

Annabeth correu os dedos pela base da estátua de Cupido mais próxima.

— Há uma letra grega entalhada aqui — disse ela. — Eta. Imagino...

— Grover — falei —, sente cheiro de algum monstro?

Ele farejou o vento.

— Nada.

— Nada do tipo no-Arco-você-não-sentiu-o-cheiro-de-Equidna ou realmente nada?

Grover pareceu ofendido.

— Disse a você, aquilo foi num subterrâneo.

— Certo, desculpe. — Eu respirei fundo. — Vou descer até lá.

— Vou com você. — Grover não pareceu muito entusiasmado, mas tive a impressão de que ele estava tentando compensar pelo que acontecera em St. Louis.

— Não — disse a ele. — Quero que fique no alto com os tênis voadores. Você é nosso ás da aviação, está lembrado? Vou contar com você para dar apoio, caso alguma coisa dê errado.

Grover estufou um pouco o peito.

— Claro. Mas o que poderia dar errado?

— Não sei. Só uma sensação. Annabeth, venha comigo...

— Está brincando? — Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de cair da Lua. Suas bochechas estavam num tom vermelho vivo.

— Qual o problema agora? — perguntei.

— Eu... ir com você para um... um “Emocionante Passeio de Amor”? Que coisa mais embaraçosa! E se alguém me vir?

— Quem é que vai ver? — Mas agora a minha cara também estava queimando. Só mesmo uma menina para complicar as coisas. — Ótimo — disse a ela. — Vou fazer isso sozinho. — Mas quando comecei a descer pela lateral da piscina, ela me seguiu, resmungando sobre como os meninos sempre complicam as coisas.

Chegamos ao barco. O escudo estava apoiado em um banco, e ao lado havia um lenço feminino de seda. Tentei imaginar Ares e Afrodite ali, um casal de deuses se encontrando em um brinquedo de parque de diversões sucateado. Por quê? Então notei algo que não tinha visto de cima: espelhos por toda a volta da borda da piscina, voltados para aquele ponto. Podíamos nos ver, não importa em que direção olhássemos. Tinha de ser isso. Enquanto Ares e Afrodite estavam se agarrando, podiam ver suas pessoas favoritas: eles mesmos.

Peguei o lenço. Tinha um brilho rosado, e o perfume era indescritível — rosas, ou louro. Alguma coisa boa. Sorri, um pouco sonhador, e estava quase passando o lenço no rosto quando Annabeth o arrancou da minha mão e enfiou em seu bolso.

— Ah, não, não faça isso. Fique longe dessa magia de amor.

— O quê?

— Apenas pegue o escudo, Cabeça de Alga, e vamos dar o fora daqui.

No momento em que toquei o escudo, vi que estávamos encrencados. Minha mão arrebentou algo que o conectava ao para-brisa. Uma teia de aranha, pensei, mas então olhei para um fio na minha palma e vi que era algum tipo de filamento metálico, tão fino que era quase invisível. Uma armadilha.

— Espere — disse Annabeth.

— Tarde demais.

— Há uma outra letra grega na lateral do barco, um outro eta. Trata-se de uma armadilha.

Um ruído irrompeu a nossa volta, um milhão de engrenagens rangendo, como se a piscina inteira estivesse se transformando em uma máquina gigante.

Grover gritou:

— Gente!

Lá em cima na borda, as estátuas de Cupido armavam os arcos. Antes que eu pudesse sugerir que nos abaixássemos, elas dispararam, mas não contra nós. Dispararam uma contra a outra, atravessando a piscina. Cabos de seda foram levados pelas flechas, fazendo um arco por cima da piscina e fincando-se no chão para formar um imenso asterisco dourado. Então fios metálicos menores começaram a se tecer magicamente por entre os principais, formando uma rede.

— Temos de dar o fora — disse eu.

— Ah, é mesmo? — disse Annabeth.

Agarrei o escudo e corremos, mas subir pela inclinação da piscina não era tão fácil quanto descer.

— Venham! — gritou Grover.

Ele estava tentando manter uma seção da rede aberta para nós, mas onde quer que a tocasse, os fios dourados começavam a envolver suas mãos.

A cabeça dos Cupidos se abriu de repente. De lá, saíram câmeras de vídeo. Luzes se ergueram por toda a volta da piscina, cegando-nos com a claridade, e um alto-falante soou: — Ao vivo para o Olimpo em um minuto... Cinquenta e nove segundos, cinquenta e oito...

— Hefesto! — gritou Annabeth. — Como eu sou estúpida! Eta é “H”. Ele fez essa armadilha para pegar a mulher dele com Ares. Agora vamos ser transmitidos ao vivo para o Olimpo e parecer completos idiotas!

Estávamos quase conseguindo chegar à borda quando a fileira de espelhos se abriu como escotilhas e milhares de... coisinhas metálicas jorraram para fora.

Annabeth gritou.

Era um exército de bichos rastejantes de corda: corpo de engrenagens de bronze, pernas compridas e finas, bocas em pequenas pinças, todos correndo em nossa direção em uma onda de metal estalando e zumbindo.

— Aranhas! — disse Annabeth. — Ar... ar... aaaaaaaah!

Eu nunca a tinha visto daquele jeito. Ela caiu para trás aterrorizada e quase se rendeu às aranhas-robôs antes que eu a puxasse para cima e a arrastasse de volta em direção ao barco.

Aquelas coisas vinham de todos os lados, milhões delas, inundando o centro da piscina, cercando-nos completamente. Disse a mim mesmo que não estavam programadas para matar, apenas para nos encurralar, nos morder e nos fazer parecer idiotas. Mas, por outro lado, era uma armadilha para deuses. E não éramos deuses.

Annabeth e eu subimos para o barco. Comecei a chutar as aranhas para longe quando se acumulavam a bordo. Gritei para Annabeth me ajudar, mas ela estava paralisada demais para fazer qualquer coisa além de gritar.

— Trinta, vinte e nove — anunciou o alto-falante.

As aranhas começaram a cuspir fios de metal, tentando nos amarrar. De início os fios eram fáceis de romper, mas havia muitos deles, e as aranhas simplesmente continuavam a chegar. Tirei uma da perna de Annabeth com um chute, e suas pinças arrancaram um pedaço da minha nova sapatilha de surfista.

Grover pairava acima da piscina com seus tênis voadores, tentando soltar a rede, mas ela não cedia.

Pense, disse a mim mesmo, pense.

A entrada para o Túnel do Amor ficava embaixo da rede. Podíamos usá-la como saída, mas estava bloqueada por um milhão de aranhas-robôs.

— Quinze, catorze — anunciou o alto-falante.

Água, pensei. De onde vem a água para o passeio?

Então vi: enormes canos atrás dos espelhos, de onde tinham vindo as aranhas. E acima da rede, perto de um dos Cupidos, uma cabine com janelas de vidro que devia ser a estação de controle.

— Grover! — gritei. — Entre naquela cabine! Encontre o botão de ligar!

— Mas...

— Faça isso! — Era uma esperança louca, mas era a nossa única chance. As aranhas já estavam por toda a proa do barco. Annabeth gritava sem parar. Eu tinha de nos tirar dali.

Grover estava agora na cabine de controle, malhando os botões.

— Cinco, quatro...

Ele olhou para mim desamparado, erguendo as mãos. Estava sinalizando que já tinha apertado todos os botões, mas nada acontecia.

Fechei os olhos e pensei em ondas, água correndo, o rio Mississippi. Senti um aperto familiar na garganta. Tentei imaginar que estava arrastando o oceano até Denver.

— Dois, um, *zero*!

A água explodiu para fora dos canos. Entrou rugindo na piscina, varrendo as aranhas para longe. Puxei Annabeth para o banco ao lado do meu e prendi seu cinto de segurança bem quando a onda gigante atingiu o barco, de cima, expulsando as aranhas e nos encharcando completamente, mas sem virar o barco. Ele girou, erguido pela inundação, e circulou no redemoinho.

A água estava cheia de aranhas em curtocircuito, algumas colidindo contra a parede de concreto da piscina com tamanha força que explodiam.

As luzes brilharam sobre nós. As câmeras dos Cupidos estavam transmitindo ao vivo para o Olimpo.

Mas eu só podia me concentrar em controlar o barco. Desejei que ele seguisse a corrente, que ficasse afastado da parede. Talvez fosse minha imaginação, mas o barco pareceu reagir. Pelo menos não se quebrou em um milhão de pedaços. Circulamos uma última vez, e o nível da água já era quase suficiente para nos retalhar contra a rede de metal. Então o nariz do barco se virou para o túnel e disparamos como um foguete para dentro das trevas.

Annabeth e eu nos seguramos com força, os dois gritando enquanto o barco se atirava em curvas e rodeava cantos e dava mergulhos de quarenta e cinco graus, passando por figuras de Romeu e Julieta e montes de outras bugigangas de Dia

dos Namorados.

Então estávamos fora do túnel, o ar da noite assobiando em nossos cabelos enquanto o barco seguia em alta velocidade para a saída.

Se o brinquedo estivesse em perfeito funcionamento, teríamos navegado por uma rampa entre os Portões Dourados do Amor e caído em segurança na piscina de saída. Mas havia um problema. Os Portões do Amor estavam fechados com correntes. Dois barcos que haviam sido arrastados para fora do túnel antes de nós estavam empilhados contra a barricada — um submerso e o outro partido ao meio.

— Solte seu cinto de segurança — gritei para Annabeth.

— Está maluco?

— A não ser que queira morrer esmagada. — Prendi o escudo de Ares no braço. — Vamos ter de pular. — Minha ideia era simples e insana. Quando o barco colidisse, íamos usar a força do impacto como um trampolim para pular por cima do portão. Ouvi falar de pessoas que sobreviveram a desastres de automóvel desse jeito, lançadas a dez ou vinte metros de distância do acidente. Com sorte, cairíamos na piscina.

Annabeth pareceu entender. Ela apertou minha mão quando os portões se aproximaram.

— Quando eu der o sinal — falei.

— Não! Quando *eu* der o sinal — corrigiu ela.

— O quê?

— Física básica! — gritou ela. — A força multiplicada pelo ângulo da trajetória...

— Está bem! — gritei. — Quando *você* der o sinal!

Ela hesitou... hesitou... e então gritou:

— Agora!

*Crack!*

Annabeth estava certa. Se tivéssemos pulado quando eu achava que devíamos, teríamos nos arrebentado contra os portões. Ela conseguiu o máximo de impulso.

Por azar, foi um pouco maior do que precisávamos. Nosso barco foi atirado na pilha e fomos lançados para o ar, por cima do portão, por cima da piscina, e na direção do asfalto duro.

Alguma coisa me segurou por trás.

Annabeth gritou:

— Aaai!

Grover!

Em pleno ar, ele tinha me agarrado pela camisa, e agarrado Annabeth pelo braço, e tentava impedir que nos arrebentássemos no chão, mas Annabeth e eu

ainda estávamos com toda a energia do impulso.

— Vocês são pesados demais! — disse Grover. — Estamos caindo!

Descemos em espiral, com Grover fazendo o que podia para reduzir a velocidade da queda.

Batemos contra um painel de fotografia. A cabeça de Grover entrou bem no buraco onde os turistas enfiavam a cara, fingindo ser Nu-Nu, a Baleia Camarada. Annabeth e eu desmoronamos no chão, machucados, porém vivos. O escudo de Ares ainda estava preso ao meu braço.

Depois que recuperamos o fôlego, Annabeth e eu tiramos Grover do painel e agradecemos a ele por salvar nossa vida. Olhei para o Emocionante Passeio de Amor atrás de nós. A água estava baixando. Nosso barco em pedaços, esmagado contra os portões.

A cem metros, na piscina de entrada do túnel, os Cupidos ainda filmavam. As estátuas tinham se virado de modo que as câmeras estavam apontadas para nós, os holofotes em nossos rostos.

— Acabou o show! — gritei. — Obrigado! Boa noite!

Os Cupidos voltaram às posições originais. As luzes se apagaram. O parque ficou novamente em silêncio e no escuro, a não ser pelo brilho fraco da água na piscina da saída do Emocionante Passeio de Amor. Imaginei se o Olimpo estaria em um intervalo comercial, e se nossos índices de audiência haviam sido bons.

Eu detestava ser provocado. Detestava ser enganado. E tinha vasta experiência de lidar com valentões que gostavam de fazer isso comigo. Levantei o escudo em meu braço e me virei para os meus amigos.

— Precisamos ter uma conversinha com Ares.

# DEZESSEIS

A ida de uma zebra para Las Vegas

O deus da guerra nos esperava no estacionamento do restaurante.

— Bem, bem — disse ele. — Você conseguiu não ser morto.

— Você sabia que era uma armadilha — retruquei.

Ares me deu um sorriso malvado.

— Aposto que aquele ferreiro aleijado ficou surpreso quando pegou na rede um par de crianças estúpidas. Você ficou bem na tevê.

Empurrei o escudo para ele.

— Você é um imbecil.

Annabeth e Grover pararam de respirar.

Ares agarrou o escudo e o girou no ar como massa de pizza. O escudo mudou de forma, transformando-se em um colete à prova de balas. Ele o pendurou nas costas.

— Estão vendo aquele caminhão logo ali? — Apontou para um caminhão de dezoito rodas estacionado do outro lado da rua. — É a carona de vocês. Vai levá-los direto a Los Angeles, com uma parada em Vegas.

O caminhão tinha uma placa na parte de trás, que eu só pude ler porque estava pintada ao contrário, em branco sobre preto, uma boa combinação para a dislexia: CARIDADE INTERNACIONAL: TRANSPORTE HUMANITÁRIO DE ZOOLÓGICO. CUIDADO: ANIMAIS SELVAGENS VIVOS.

Eu disse:

— Fala sério!

Ares estalou os dedos. A porta traseira do caminhão se destrancou.

— Carona grátis para oeste, imprestável. Pare de reclamar. E aqui está uma coisinha por ter feito o serviço.

Ele suspendeu uma mochila de náilon azul do seu guidom e a jogou para mim.

Dentro havia roupas limpas para todos nós, vinte dólares em dinheiro, uma bolsa cheia de dracmas de ouro e uma embalagem de biscoito Oreo recheado.

Eu disse:

— Não quero a porcaria do seu...

— Obrigado, Senhor Ares — interrompeu Grover, me fuzilando com seu melhor olhar de alerta vermelho. — Muito obrigado.

Rangi os dentes. Devia ser um insulto mortal recusar algo de um deus, mas eu não queria nada que Ares tivesse tocado. Pendurei a mochila no ombro relutando. Sabia que minha raiva era causada pela presença do deus da guerra, mas ainda sentia uma vontadezinha de lhe dar um murro no nariz. Ele me lembrou de todos os valentões que já havia enfrentado: Nancy Bobofit, Clarisse, Gabe Cheiroso, professores debochados — todos os imbecis que me chamaram de estúpido na escola ou riram de mim quando fui expulso.

Olhei para o restaurante atrás de mim, que tinha agora apenas um ou dois clientes. A garçonete que nos servira o jantar olhava, nervosa, pela janela, como se tivesse medo de que Ares nos machucasse. Ela arrastou o cozinheiro de dentro da cozinha para ver. Disse algo a ele. Ele assentiu, ergueu uma pequena câmera descartável e tirou uma foto de nós.

Boa, pensei. Amanhã vamos estar de novo nos jornais.

Imaginei a manchete: CRIMINOSO DE DOZE ANOS ESPANCA MOTOCICLISTA INDEFESO.

— Você me deve mais uma coisa — disse a Ares, tentando manter o volume de minha voz. — Você me prometeu informações sobre minha mãe.

— Tem certeza de que é capaz de suportar a notícia? — Ele deu a partida no pedal da moto. — Ela não está morta.

O chão pareceu girar embaixo de mim.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que ela foi levada pelo Minotauro antes de morrer. Foi transformada em uma chuva de ouro, certo? Isso é metamorfose. Não morte. Ela está sendo mantida presa.

— Presa. Por quê?

— Você precisa estudar guerra, coisinha imprestável. Reféns. Você prende alguém para controlar outro alguém.

— Ninguém está me controlando.

Ele riu.

— Ah, não? A gente se vê por aí, garoto.

Cerrei os punhos.

— Você é bem convencido, Senhor Ares, para um cara que foge de estátuas de Cupido.

Atrás dos óculos escuros, o fogo brilhou. Senti um vento quente nos cabelos.

— Nós nos encontraremos novamente, Percy Jackson. Na próxima vez em que estiver numa briga, cuide de sua retaguarda.

Ele pôs a Harley em movimento e saiu roncando pela rua Delancy.

Annabeth disse:

— Isso não foi muito inteligente, Percy.

— Não estou nem aí.

— Você não quer um deus como inimigo. Especialmente esse deus.

— Ei, gente — disse Grover. — Detesto interromper, mas...

Ele apontou na direção do restaurante. No caixa, os dois últimos clientes estavam pagando suas contas, dois homens de macacões pretos idênticos, com uma logomarca branca nas costas que combinava com a do caminhão da CARIDADE INTERNACIONAL.

— Se vamos pegar o expresso do zoológico — disse Grover —, precisamos nos apressar.

Eu não tinha gostado daquilo, mas não havia opção melhor. Além disso, já tinha visto o suficiente de Denver.

Atravessamos a rua correndo e subimos na traseira do veículo enorme, fechando as portas atrás de nós.

A primeira coisa que percebi foi o cheiro. Era como a maior caixa de areia para cocô de gato do mundo.

O interior da carreta estava escuro até eu tirar a tampa de Anaklusmos. A lâmina lançou uma leve luz de bronze sobre uma cena muito triste. Em uma fileira de jaulas metálicas imundas havia três dos mais patéticos animais de zoológico que eu já vira: uma zebra, um leão albino e um tipo estranho de antílope, cujo nome eu não sabia.

Alguém jogara para o leão um saco de nabos que ele obviamente não queria comer. A zebra e o antílope tinham ganhado uma bandeja de isopor de carne de hambúrguer cada um. A crina da zebra estava toda emaranhada em goma de mascar, como se alguém ficasse cuspindo nela nas horas vagas. O antílope tinha um estúpido balão de aniversário amarrado em um dos seus chifres que dizia PASSEI DA IDADE!

Tudo indicava que ninguém quisera chegar perto o bastante do leão para mexer com ele, mas o pobre andava de um lado para outro em cima de cobertores sujos, em um espaço que era mais do que muito pequeno para ele, arfando com o ar abafado da carreta. Moscas zumbiam em volta de seus olhos cor-de-rosa, e as costelas apareciam no pelo branco.

— Isso é caridade? — gritou Grover. — Transporte humanitário de zoológico?

Ele provavelmente teria saído de volta para bater nos caminhoneiros com suas flautas de bambu, e eu o teria ajudado, mas bem naquele momento o motor

roncou, a carreta começou a chacoalhar e fomos forçados a nos sentar ou cair.

Nós nos amontoamos no canto em cima de alguns sacos de ração embolorados, tentando ignorar o cheiro, o calor e as moscas. Grover falou com os animais em uma série de balidos de bode, mas eles apenas olharam tristemente para ele. Annabeth era a favor de arrombar as jaulas e soltá-los ali mesmo, mas argumentei que isso não ia adiantar muito até o caminhão parar de se mover. Além disso, tinha a sensação de que, para o leão, poderíamos parecer bem mais apetitosos do que aqueles nabos.

Achei um jarro de água e reabasteci as tigelas deles, depois usei Anaklusmos para puxar os alimentos trocados para fora das jaulas. Dei a carne ao leão e os nabos para a zebra e o antílope.

Grover acalmou o antílope enquanto Annabeth usava sua faca para tirar o balão preso ao chifre. Pensou também em cortar a goma de mascar da crina da zebra, mas concluímos que seria muito arriscado com o caminhão aos solavancos. Pedimos a Grover para prometer aos animais que os ajudaríamos mais pela manhã, e então nos acomodamos para a noite.

Grover se enrodilhou sobre um saco de nabos; Annabeth abriu nosso pacote de Oreos e mordiscou um deles sem muito entusiasmo; tentei ficar animado com a ideia de que estávamos a meio caminho de Los Angeles. Próximo de nosso destino. Ainda era 14 de junho. O solstício só aconteceria no dia 21. Tínhamos tempo de sobra.

Por outro lado, não tinha ideia do que nos esperava. Os deuses estavam brincando comigo. Pelo menos Hefesto teve a decência de ser honesto quanto a isso — instalou câmeras e me anunciou como entretenimento. Mas até quando não havia câmeras filmando eu tinha a sensação de que a minha missão estava sendo observada. Eu era uma fonte de diversão para os deuses.

— Ei — disse Annabeth. — Sinto muito por ter me apavorado lá no parque aquático, Percy.

— Tudo bem.

— É só que... — Ela estremeceu. — Aranhas.

— Por causa da história de Aracne — adivinhei. — Ela foi transformada em aranha por desafiar sua mãe para uma competição de tecelagem, certo?

Annabeth assentiu.

— Os filhos de Aracne têm se vingado nos filhos de Atena desde então. Se houver uma aranha a um quilômetro de distância de mim, ela me encontrará. Eu odeio aquelas coisinhas rastejantes. De qualquer jeito, lhe devo uma.

— Somos uma equipe, está lembrada? Além disso, Grover fez aquele voo fantástico.

Pensei que estivesse dormindo, mas ele murmurou do seu canto:

— Fui o máximo, não fui?

Annabeth e eu demos risada.

Ela separou as duas partes do biscoito recheado e me deu uma.

— Na mensagem de Íris... Luke realmente não disse nada?

Mastiguei meu biscoito e pensei em como responder. A conversa via arco-íris me incomodara a noite toda.

— Luke disse que você e ele se conhecem há muito tempo. Também disse que Grover não iria fracassar dessa vez. Ninguém seria transformado em pinheiro.

Na pálida luz de bronze da lâmina da espada, era difícil ler a expressão deles.

Grover soltou um balido lamentoso.

— Eu devia ter contado a verdade a você desde o começo. — Sua voz tremia. — Pensei que, se soubesse o fracasso que eu era, não iria querer que eu viesse junto.

— Você era o sátiro que tentou salvar Thalia, a filha de Zeus.

Ele assentiu, com tristeza.

— E os outros dois meios-sangues que Thalia protegeu, os que chegaram ao acampamento em segurança... — Olhei para Annabeth. — Eram você e Luke, não é?

Ela pôs seu biscoito de lado, intocado.

— Como você disse, Percy, uma meio-sangue de sete anos de idade não teria chegado muito longe sozinha. Atena me guiou até a ajuda. Thalia tinha doze anos. Luke, catorze. Os dois haviam fugido de casa, como eu. Ficaram contentes em me levar com eles. Eram... fantásticos combatentes de monstros, mesmo sem treino. Viajamos da Virgínia para o norte sem nenhum plano de verdade, nos defendemos dos monstros por cerca de duas semanas antes de Grover nos encontrar.

— Eu devia escoltar Thalia até o acampamento — disse ele, fungando. — Somente Thalia. Tinha ordens estritas de Quíron: não faça nada que atrase o resgate. Sabíamos que Hades estava atrás dela, entende, mas eu não podia simplesmente abandonar Luke e Annabeth. Achei... achei que conseguiria levar todos os três até um lugar seguro. Foi minha culpa as Benevolentes nos alcançarem. Eu fiquei paralisado. Fiquei apavorado no caminho de volta ao acampamento e peguei alguns desvios errados. Se tivesse sido um pouco mais rápido...

— Pare com isso — disse Annabeth. — Ninguém culpa você. Thalia também não o culpou.

— Ela se sacrificou para nos salvar — disse ele, desconsolado. — Sou culpado pela morte dela. O Conselho dos Anciãos de Casco Fendido disse isso.

— Porque você não deixou outros dois meios-sangues para trás? — disse eu.

— Isso não é justo.

— Percy tem razão — disse Annabeth. — Eu não estaria aqui hoje se não fosse por você, Grover. Nem Luke. Não estamos nem aí para o que diz o conselho.

Grover continuou fungando no escuro.

— É a minha sina. Sou o mais fraco dos sátiros, e encontro os dois meios-sangues mais poderosos do século, Thalia e Percy.

— Você não é fraco — insistiu Annabeth. — Tem mais coragem do que qualquer sátiro que já conheci. Cite outro que se atreveria a ir para o Mundo Inferior. Aposto que Percy está muito contente por você estar aqui agora.

Ela me chutou na canela.

— Sim — falei, o que teria feito mesmo sem o chute. — Não foi por sina que você encontrou Thalia e eu, Grover. Você tem o maior coração entre todos os sátiros. Você é um buscador natural. É por isso que é você quem vai achar Pã.

Ouvi um suspiro profundo e satisfeito. Esperei que Grover dissesse algo, mas sua respiração só ficou mais pesada. Quando o som se transformou em ronco, percebi que ele tinha caído no sono.

— Como ele faz isso? — maravilhei-me.

— Não sei — disse Annabeth. — Mas foi realmente legal o que você disse a ele.

— Eu fui sincero.

Viajamos em silêncio por alguns quilômetros, sacudindo em cima dos sacos de ração. A zebra mascou um nabo. O leão lambeu o que restara da carne de hambúrguer dos lábios e olhou para mim esperançoso.

Annabeth esfregou seu colar como se estivesse bolando grandes estratégias.

— Essa conta do pinheiro — disse eu. — É do seu primeiro ano?

Ela olhou. Não havia percebido o que estava fazendo.

— É — falou. — Todo mês de agosto os conselheiros escolhem o evento mais importante do verão, e o pintam nas contas daquele ano. Eu fiquei com o pinheiro de Thalia, uma trirreme grega em chamas, um centauro vestido para um baile... bem, *aquele* foi um verão estranho...

— E o anel de formatura é do seu pai?

— Isso não é da sua... — Ela se interrompeu. — Sim. Sim, é.

— Você não precisa me contar.

— Não... tudo bem. — Ela respirou fundo, vacilante. — Meu pai o mandou para mim dentro de uma carta, há dois verões. O anel era, bem, sua maior recordação de Atena. Ele não teria conseguido terminar o doutorado em Harvard sem ela... É uma longa história. De qualquer modo, ele disse que queria que eu ficasse com o anel. Desculpou-se por ser um idiota, disse que me amava e sentia

saudades de mim. Queria que eu fosse para casa e vivesse com ele.

— Isso não parece tão ruim assim.

— É, mas... o problema é que eu acreditei nele. Tentei ir para casa naquele ano escolar, mas minha madrasta era a mesma de sempre. Não queria ver seus filhos em perigo por viver com uma aberração. Monstros atacavam. A gente brigava. Monstros atacavam. A gente brigava. Não aguentei nem mesmo até as férias de inverno. Chamei Quíron e voltei direto para o Acampamento Meio-Sangue.

— Você acha que vai tentar viver com seu pai de novo?

Ela não me olhou nos olhos.

— Por favor. Não estou a fim de me autoflagelar.

— Você não devia desistir — falei. — Devia lhe escrever uma carta, ou coisa assim.

— Obrigada pelo conselho — disse ela, friamente —, mas meu pai escolheu com quem quer viver.

Passamos mais alguns quilômetros em silêncio.

— Então, se os deuses brigarem — falei —, as coisas vão ficar como na Guerra de Troia? Será Atena contra Poseidon?

Ela encostou a cabeça na mochila que Ares nos dera e fechou os olhos.

— Não sei o que a minha mãe vai fazer. Só sei que vou lutar junto com você.

— Por quê?

— Porque você é meu amigo, cabeça de alga. Mais alguma pergunta boba?

Não consegui pensar em uma resposta para aquilo. Felizmente, não precisei. Annabeth estava dormindo.

Tive dificuldade em seguir o exemplo dela, com Grover roncando e um leão albino me olhando com ar esfomeado, mas por fim fechei os olhos.

Meu pesadelo começou como um milhão de vezes antes: eu sendo forçado a fazer um teste usando uma camisa de força. Todas as outras crianças estavam saindo para o recreio, e o professor ficava dizendo: *Vamos, Percy. Você não é burro, não é? Pegue seu lápis*.

Então o sonho tomou um rumo diferente.

Olhei para a carteira ao lado e vi uma menina sentada, que também usava uma camisa de força. Tinha a minha idade, com um cabelo preto rebelde, estilo punk, delineador escuro em volta dos olhos verdes tempestuosos, e sardas no nariz. De algum modo, eu sabia quem era. Thalia, filha de Zeus.

Ela se debateu na camisa-de-força, olhou para mim com raiva e frustração, e disparou: *E então, cabeça de alga? Um de nós precisa sair daqui*.

Ela tem razão. Vou voltar para aquela caverna. Vou dizer o que penso na cara

de Hades, pensei no sonho.

A camisa de força se dissolveu e fiquei livre. Caí através do piso da sala de aula. A voz do professor mudou até ficar fria e maligna, ecoando das profundezas de um grande abismo.

*Percy Jackson*, disse. *Sim, a troca foi bem, estou vendo*.

Eu estava novamente na caverna escura, com os espíritos dos mortos flutuando à minha volta. De dentro do poço, sem ser vista, a coisa monstruosa falava, mas não se dirigia a mim. O poder entorpecedor de sua voz parecia dirigir-se a outro lugar.

*E ele não suspeita de nada?*, perguntou.

Outra voz, uma que quase reconheci, respondeu junto ao meu ombro: *Nada, meu senhor. Ele é tão ignorante quanto o resto*.

Olhei, mas não havia ninguém lá. Quem falara estava invisível.

*Mentira em cima de mentira*, refletiu em voz alta a coisa no poço. *Excelente*.

*Na verdade, meu senhor*, disse a voz ao meu lado, *o nome O Trapaceiro lhe foi muito bem aplicado, mas aquilo foi de fato necessário? Eu poderia ter trazido o que roubei diretamente para o senhor...*

*Você?*, escarneceu o monstro. *Você já mostrou seus limites. Teria falhado completamente sem minha intervenção.*

*Mas, meu senhor...*

*Por favor, pequeno servo. Nossos seis meses nos renderam muito. A ira de Zeus cresceu. Poseidon jogou sua cartada mais desesperada. Agora devemos usá-la contra ele. Logo você terá a recompensa que deseja, e sua vingança. E assim que ambos os itens forem entregues em minhas mãos... mas espere. Ele está aqui.*

*O quê?*

O servo invisível de repente pareceu tenso.

*Acaso o convocou, meu senhor?*

*Não*.

Toda a força da atenção do monstro agora se despejava sobre mim, paralisando-me.

*Maldito seja o sangue de seu pai — ele é inconstante demais, imprevisível demais. O menino trouxe a si mesmo para cá.*

*Impossível!*, exclamou o servo.

*Para alguém fraco como você, talvez*, rosnou a voz. Depois sua força gélida se voltou de novo para mim. *Então... você quer sonhar com sua missão, meio-sangue? Pois vou atendê-lo*.

O cenário mudou.

Eu estava numa vasta sala com um trono, com paredes de mármore negro e

piso de bronze. O horripilante trono vazio era feito de ossos humanos fundidos. Postada ao pé do degrau estava minha mãe, uma estátua de luz dourada tremeluzente, os braços estendidos.

Tentei avançar em sua direção, mas minhas pernas não se moviam. Estendi a mão para ela, apenas para perceber que minhas mãos haviam murchado até os ossos. Esqueletos sorridentes de armadura grega se juntavam ao meu redor, vestindo-me com mantos de seda, coroando-me com louros que fumegavam com veneno da Quimera, queimando-me o couro cabeludo.

A voz maligna começou a rir. *Vivas ao herói conquistador!*

Acordei assustado.

Grover sacudia meu ombro.

— O caminhão parou — disse ele. — Achamos que eles vêm checar os animais.

— Escondam-se! — Annabeth falou baixinho.

Para ela foi fácil. Pôs na cabeça seu boné mágico e desapareceu. Grover e eu tivemos de mergulhar atrás dos sacos de ração e torcer para parecermos dois nabos.

As portas da carreta se abriram com um rangido. A luz e o calor do sol entraram.

— Cara! — disse um dos caminhoneiros, abanando a mão na frente do nariz feio. — Queria estar transportando eletrodomésticos. — Ele trepou para dentro e despejou um pouco d'água nas vasilhas dos animais.

— Com calor, garotão? — perguntou ao leão, e então esvaziou o resto do balde direto na cara do animal.

O leão rugiu de indignação.

— Certo, certo, certo — disse o homem.

Ao meu lado, embaixo dos sacos de nabos, Grover se retesou. Para um herbívoro amante da paz, ele parecia absolutamente sanguinário.

O caminhoneiro jogou um saco meio esmagado de McLanche Feliz para o antílope. E arreganhou um sorriso para a zebra: — Tudo em cima, Listradona? Ao menos nos livraremos de *você* nesta parada. Gosta de shows de mágica? Vai adorar este. Vão serrar você no meio!

A zebra, com os olhos arregalados de medo, olhou diretamente para mim.

Não houve som nenhum, mas claro como o dia, eu a ouvi dizer: *Liberte-me, senhor. Por favor*.

Fiquei perplexo demais para reagir.

Houve um forte *toque-toque-toque* na lateral da carreta.

O caminhoneiro que estava dentro, conosco, gritou:

— O que você quer, Eddie?

Uma voz do lado de fora — deve ter sido a de Eddie — gritou de volta:

— Maurice? O que você disse?

— Por que está batendo?

*Toque-toque-toque*.

De fora, Eddie gritou:

— Quem está batendo?

O nosso cara, Maurice, revirou os olhos e voltou para fora, xingando Eddie por ser tão idiota.

Um segundo depois, Annabeth apareceu ao meu lado. Devia ser ela quem fez as batidas, para tirar Maurice da carreta. Ela disse: — Esse negócio de transporte não deve ser legal.

— Mentira?! — disse Grover. Ela fez uma pausa, como se estivesse escutando. — O leão diz que esses caras são contrabandistas de animais!

*É verdade*, disse a voz da zebra dentro da minha cabeça.

— Temos de libertá-los! — disse Grover. Ele e Annabeth olharam para mim, esperando meu comando.

Eu tinha ouvido a zebra falar, mas não o leão. Por quê? Talvez fosse mais uma deficiência de aprendizado... Será que eu só podia entender zebras? Então pensei: cavalos. O que Annabeth dissera sobre Poseidon criar cavalos? Uma zebra seria próxima o bastante de um cavalo? Será que era por isso que eu podia entendê-la?

A zebra disse: *Abra minha jaula, senhor. Por favor. Ficarei bem, depois disso*.

Do lado de fora, Eddie e Maurice ainda estavam gritando um com o outro, mas eu sabia que eles entrariam a qualquer minuto para atormentar os animais. Agarrei Contracorrente e cortei com um golpe a tranca da gaiola da zebra.

A zebra disparou para fora. Virou-se para mim e inclinou a cabeça. *Obrigada, senhor.*

Grover ergueu as mãos e disse algo a ela em sua fala de bode, como uma bênção.

No momento em que Maurice enfiava a cabeça para verificar que barulho era aquele lá dentro, a zebra saltou por cima dele para a rua. Houve berros, gritos e carros buzinando. Corremos para as portas da carreta a tempo de ver a zebra galopando por uma larga avenida ladeada por hotéis, cassinos e letreiros de neon. Tínhamos acabado de soltar uma zebra em Las Vegas.

Maurice e Eddie correram atrás dela, com alguns policiais correndo atrás deles e gritando: — Ei! Vocês precisam de permissão para isso!

— Agora seria um bom momento para dar o fora — disse Annabeth.

— Primeiro os outros animais — disse Grover.

Cortei as trancas com minha espada. Grover ergueu as mãos e falou a mesma bênção de bode que usara para a zebra.

— Boa sorte — disse aos animais. O antílope e o leão dispararam para fora das jaulas e foram juntos para as ruas.

Alguns turistas gritaram. A maioria recuou e tirou fotos, provavelmente pensando que se tratasse de algum tipo de show de um dos cassinos.

— Os animais vão ficar bem? — perguntei a Grover. — Quer dizer, o deserto e tudo...

— Não se preocupe — disse ele. — Eu lhes dei uma bênção de sátiro.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que chegarão à floresta em segurança — disse ele. — Encontrarão água, comida, sombra, e o que mais precisarem até acharem um lugar seguro para viver.

— Por que você não pode fazer uma oração dessas para nós? — perguntei.

— Só funciona com animais.

— Então só iria afetar Percy — ponderou Annabeth.

— Ei! — protestei.

— Brincadeirinha — disse ela. — Venha. Vamos sair desse caminhão imundo.

Cambaleamos para fora, para a tarde do deserto. Fazia quarenta e três graus, fácil, e devíamos estar parecendo vagabundos fritos, mas todos estavam interessados demais nos animais selvagens para prestar muita atenção em nós.

Passamos pelo Monte Carlo e pela MGM. Passamos por pirâmides, por um navio pirata e pela Estátua da Liberdade, que era uma réplica bem pequena, mas ainda assim me deixou com saudades de casa.

Não sabia muito bem o que estávamos procurando. Talvez apenas um lugar para fugir do calor por alguns minutos, achar um sanduíche e um copo de limonada, bolar um novo plano para chegar ao oeste.

Provavelmente, entramos numa rua errada, pois chegamos em um beco sem saída, em frente ao Hotel e Cassino Lótus. A entrada era uma enorme flor de neon, as pétalas acendendo e piscando. Ninguém entrava nem saía, mas as reluzentes portas cromadas estavam abertas, espalhando ar condicionado com cheiro de flores — flor-de-lótus, quem sabe. Eu nunca cheirara uma, por isso não tinha certeza.

O porteiro sorriu para nós.

— Ei, crianças. Vocês parecem cansados. Querem entrar e sentar?

Tinha aprendido a ser desconfiado, mais ou menos na última semana. Imaginava que qualquer um poderia ser um monstro ou um deus. Não dava para saber. Mas aquele cara era normal. Era só olhar. Além disso, fiquei tão aliviado de ouvir alguém que parecia simpático que assenti e disse que adoraríamos

entrar. Dentro, demos uma olhada em volta e Grover disse: — Uau.

O saguão inteiro era uma sala de jogos gigante. E não estou falando de joguinhos vagabundos como o velho Pac-Man ou os caça-níqueis. Havia um toboágua serpenteando em volta do elevador de vidro, que subia pelo menos quarenta andares. Havia uma parede de escalada ao lado de um edifício, e uma ponte interna para *bungee-jumping*. Trajes de realidade virtual com pistolas laser que funcionavam. E centenas de videogames, cada qual do tamanho de uma tevê *widescreen*. Basicamente, o que você disser, o lugar tinha. Havia algumas outras crianças jogando, mas não muitas. Não havia espera para nenhum dos jogos. Garçonetes e lanchonetes estavam por toda parte, servindo todo tipo de comida que se possa imaginar.

— Ei! — disse um mensageiro. Pelos menos achei que fosse um mensageiro. Usava uma camisa havaiana branca e amarela com desenhos de lótus, short e sandálias de dedo. — Bem-vindos ao Cassino Lótus. Aqui está a chave do seu quarto.

Eu gaguejei:

— Ahn, mas...

— Não, não — disse ele, rindo. — A conta já foi paga. Sem taxas extras, sem gorjetas. Vocês só precisam subir para o último andar, quarto 4001. Se precisarem alguma coisa, como mais espuma para a banheira quente ou alvos para tiro ao prato, ou o que for, é só ligar para a recepção. Aqui estão os seus cartões GranaLótus. Eles funcionam nos restaurantes e em todos os jogos e brinquedos.

Ele entregou a cada um de nós um cartão de crédito de plástico verde.

Eu sabia que devia haver algum engano. Obviamente ele pensava que éramos crianças milionárias. Mas peguei o cartão e disse: — Quanto tem aqui?

Ele juntou as sobrancelhas.

— O que quer dizer?

— Quero dizer quanto temos de crédito?

Ele riu.

— Ah, é uma piada. Ei, legal. Aproveitem sua estada.

Subimos de elevador e conferimos nosso quarto. Era uma suíte com três dormitórios separados e um bar cheio de doces, refrigerantes e salgadinhos. Uma linha direta para o serviço de quarto. Toalhas fofas e camas-d’água com travesseiros de penas. Uma televisão enorme com satélite e Internet banda larga. A varanda tinha sua própria banheira quente e, de fato, uma máquina de lançar pratos e uma espingarda — dava para lançar pombos de louça sobre a paisagem de Las Vegas e acertá-los com a espingarda. Não entendi como aquilo podia ser permitido, mas achei muito legal. A vista para a Vegas Boulevard e o deserto era

maravilhosa, muito embora eu duvidasse que teríamos tempo para admirar a paisagem com um quarto como aquele.

— Ah, deuses — disse Annabeth. — Este lugar é...

— Maravilhoso — disse Grover. — Supermaravilhoso.

Havia roupas no armário, e cabiam em mim. Franzi a testa, achando um pouco estranho.

Joguei a mochila de Ares na lata de lixo. Não precisaria mais daquilo. Quando fôssemos embora, poderia comprar uma nova na loja do hotel.

Tomei um banho, o que foi uma sensação ótima depois de uma semana de viagem suja. Troquei de roupa, comi um saco de salgadinhos, bebi três Cocas e não me sentia tão bem havia muito tempo. Bem no fundo da cabeça, um probleminha me incomodava. Eu tivera um sonho, ou coisa assim... Precisava falar com meus amigos. Mas certamente aquilo podia esperar.

Saí do quarto e vi que Annabeth e Grover também tinham tomado banho e trocado de roupa. Grover estava comendo batatinhas até se fartar, enquanto Annabeth sintonizava o National Geographic Channel.

— Todos esses canais — disse a ela —, e você liga no National Geographic. Está maluca?

— É interessante.

— Eu me sinto bem — disse Grover. — Adoro este lugar.

Sem que ele se desse conta, as asas apareceram nos seus tênis e o suspenderam a trinta centímetros do chão, depois o desceram de novo.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou Annabeth. — Dormimos?

Grover e eu nos entreolhamos e sorrimos. Ambos erguemos os nossos cartões GranaLótus de plástico verde.

— Hora do recreio — falei.

Não conseguia me lembrar da última vez em que me divertira tanto. Eu vinha de uma família relativamente pobre. Para nós esbanjar era comer fora no Burger King e alugar um vídeo. Um hotel cinco estrelas em Vegas? Nem pensar.

Pulei de *bungee-jump* no saguão cinco ou seis vezes, andei no toboágua, fiz *snowboard* na rampa de neve artificial, joguei *lasertag* e atirador de elite do FBI em realidade virtual. Vi Grover algumas vezes, indo de jogo em jogo. Ele tinha gostado mesmo daquela coisa do caçador às avessas — em que os cervos saem e atiram contra os caipiras. Vi Annabeth jogando trívia e outros jogos de cabeçudos. Havia um Sim enorme em 3D, no qual você podia construir sua própria cidade e realmente ver os edifícios holográficos subirem no tabuleiro. Não dei muita importância para esse, mas Annabeth adorou.

Não sei muito bem quando percebi que algo estava errado.

Provavelmente, foi quando reparei no cara que estava em pé ao meu lado no

jogo dos atiradores de elite virtuais. Tinha cerca de treze anos, eu acho, mas suas roupas eram esquisitas. Achei que fosse filho de algum dublê do Elvis Presley. Usava jeans boca de sino e uma camiseta vermelha com enfeites pretos, e o cabelo era cacheado e cheio de gel, como o de uma garota de New Jersey em noite de reunião de ex-alunos.

Brincamos juntos no jogo de atiradores, e ele disse:

— Joinha, bicho. Estou aqui há duas semanas e os jogos estão cada vez melhores.

*Joinha, bicho?*

Mais tarde, enquanto conversávamos, eu disse que alguma coisa era “irada” e ele me olhou meio surpreso, como se nunca tivesse ouvido a palavra ser usada daquele jeito antes.

Disse que seu nome era Darrin, mas assim que comecei a fazer perguntas ele se aborreceu e fez menção de voltar para a tela do computador.

Eu disse:

— Ei, Darrin?

— O quê?

— Em que ano estamos?

Ele franziu a testa para mim.

— No jogo?

— Não. Na vida real.

Ele precisou pensar.

— Mil novecentos e setenta e sete.

— Não — falei, começando a ficar um pouco assustado. — De verdade.

— Ei, bicho. Vibrações ruins. Estou no meio de um jogo.

Depois disso ele me ignorou totalmente.

Comecei a falar com as pessoas e descobri que não era fácil. Elas estavam grudadas na tela da tevê ou no videogame ou na comida ou no que fosse. Achei um cara que me disse que era 1985. Outro cara me disse que era 1993. Todos alegavam não estar ali há muito tempo, alguns dias, algumas semanas no máximo. Realmente não sabiam, nem se importavam com isso.

Então me ocorreu: havia quanto tempo eu estava ali? Pareciam apenas algumas horas, mas seriam mesmo?

Tentei lembrar por que estávamos ali. Íamos para Los Angeles. Deveríamos encontrar a entrada para o Mundo Inferior. Minha mãe... por um momento apavorante, tive dificuldade de lembrar o nome dela. Sally. Sally Jackson. Eu tinha de encontrá-la. Precisava impedir Hades de desencadear a Terceira Guerra Mundial.

Achei Annabeth ainda construindo sua cidade.

— Vamos — disse a ela. — Precisamos sair daqui.

Nenhuma resposta.

Eu a sacudi.

— Annabeth?

Ela ergueu os olhos, aborrecida.

— O quê?

— Escute. O Mundo Inferior. A nossa missão!

— Ora, vamos, Percy. Só mais alguns minutos.

— Annabeth, há gente aqui desde 1977. Crianças que nunca cresceram. Quando você entra, fica para sempre.

— E daí? — perguntou ela. — Você pode imaginar lugar melhor?

Agarrei o pulso dela e a arranquei do jogo.

— Ei! — ela gritou e me bateu, mas ninguém sequer se incomodou em olhar. Estavam ocupados demais.

Eu a fiz olhar em meus olhos. Falei:

— Aranhas. Grandes aranhas peludas.

Aquilo mexeu com ela. Sua visão clareou.

— Ah, meus deuses — falou. — Há quanto tempo nós...

— Não sei, mas temos de encontrar Grover.

Saímos à procura dele, e o encontramos ainda jogando Caçador de Cervos Virtual.

— Grover! — gritamos juntos.

Ele disse:

— Morra, ser humano! Morra, pessoa tola e poluente!

— Grover!

Ele apontou a arma de plástico para mim e começou a clicar, como se eu fosse apenas mais uma imagem na tela.

Olhei para Annabeth e juntos pegamos Grover pelos braços e o arrastamos para longe. Os tênis voadores despertaram e começaram a puxar as pernas dele na direção oposta, enquanto ele gritava: — Não! Acabei de passar de nível! Não!

O mensageiro do Lótus correu até nós.

— E então, estão prontos para os seus cartões platinum?

— Estamos indo embora — disse a ele.

— Que pena — disse ele, e tive a sensação de que ele estava sendo sincero, de que íamos despedaçar seu coração partindo. — Acabamos de anexar um novo andar cheio de jogos para portadores de cartões platinum.

Ele mostrou os cartões, e eu queria um. Sabia que, se pegasse, jamais iria embora. Ficaria ali, feliz para sempre, jogando para sempre, e logo esqueceria minha mãe, e minha missão, e talvez até meu próprio nome. Ficaria jogando

Atirador Virtual com o bicho joinha Darrin Discoteca para sempre.

Grover estendeu a mão para o cartão, mas Annabeth puxou o braço dele e disse: — Não, obrigada.

Fomos andando em direção à porta, e quando fizemos isso, o cheiro de comida e os sons dos jogos pareceram ficar mais e mais convidativos. Pensei em nosso quarto lá em cima. Podíamos só passar a noite, dormir em uma cama de verdade para variar...

Então disparamos pelas portas do Cassino Lótus e saímos correndo pela calçada. A sensação era de meio de tarde, mais ou menos a mesma hora que havíamos entrado no cassino, mas algo estava errado. O tempo mudara completamente. Estava tempestuoso, com raios de calor relampejando no deserto.

A mochila de Ares estava pendurada em meu ombro, o que era estranho, pois eu tinha certeza de que a jogara na lata de lixo do quarto 4001. Mas naquele momento eu tinha outros problemas com que me preocupar.

Corri para o jornal mais próximo e li o ano primeiro. Graças aos deuses, era o mesmo ano de quando entramos. Então reparei na data: 20 de junho.

Tínhamos ficado no Cassino Lótus por cinco dias.

Restava-nos só um dia até o solstício de verão. Um dia para completar nossa missão.

# DEZESSETE

Vamos comprar camas-d'água

A ideia foi de Annabeth.

Ela nos meteu no banco de trás de um táxi de Las Vegas como se realmente tivéssemos dinheiro, e disse ao motorista: — Los Angeles, por favor.

O taxista mascou seu charuto e nos mediu com os olhos.

— São quatrocentos e oitenta e dois quilômetros. Para isso, vocês têm de pagar adiantado.

— Aceita cartão de débito de cassinos? — perguntou Annabeth.

Ele deu de ombros.

— Alguns. Funcionam como os cartões de crédito. Preciso passar o cartão primeiro.

Annabeth estendeu o cartão GranaLótus verde para ele.

O motorista olhou com ar desconfiado.

— Passe o cartão — convidou Annabeth.

Ele fez isso.

O taxímetro começou a crepitar. Luzes se acenderam. Por fim, um símbolo do infinito apareceu ao lado do cifrão.

O charuto caiu da boca do motorista. Ele olhou para nós de olhos arregalados.

— Em que lugar de Los Angeles... ahn... Sua Alteza?

— O píer Santa Monica. — Annabeth endireitou um pouco o corpo. Dava para perceber que ela gostara daquilo de “Sua Alteza”. — Leve-nos depressa, e pode ficar com o troco.

Talvez ela não devesse ter dito aquilo.

O velocímetro do táxi não caiu nem por um instante abaixo de cento e sessenta ao longo de todo o percurso pelo deserto de Mojave.

Na estrada, tivemos tempo à vontade para conversar. Contei a Annabeth e Grover sobre meu último sonho, mas, quanto mais tentava me lembrar, mais imprecisos foram ficando os detalhes. O Cassino Lótus parecia ter causado um

curtocircuito na minha memória. Eu não conseguia me lembrar de como era o som da voz do servo, embora tivesse certeza de que era de alguém que eu conhecia. O servo chamara o monstro no abismo de algum outro nome além de “meu senhor”... Algum nome ou título especial...

— O Silencioso? — sugeriu Annabeth. — O Rico? Ambos são apelidos de Hades.

— Talvez... — falei —, embora nenhum dos dois parecesse muito certo.

— A sala do trono parece ser a de Hades — disse Grover. — É assim que costumam descrevê-la.

Eu sacudi a cabeça.

— Alguma coisa está errada. A sala do trono não era a parte principal do meu sonho. E aquela voz no abismo... Eu não sei. Simplesmente não parecia a voz de um deus.

Os olhos de Annabeth se arregalaram.

— O que foi? — perguntei.

— Ah... nada. Eu estava só... Não, *tem* de ser Hades. Talvez ele tenha mandado esse ladrão, essa pessoa invisível, para pegar o raio-mestre, e algo tenha dado errado...

— Tipo o quê?

— Eu... eu não sei — disse ela. — Mas se ele roubou o símbolo do poder de Zeus do Olimpo, e os deuses o estavam caçando, quer dizer, uma porção de coisas poderia dar errado. Então esse ladrão teve de esconder o raio, ou ele o perdeu de algum modo. De qualquer jeito, não conseguiu levá-lo até Hades. Foi isso o que a voz disse no seu sonho, certo? O cara fracassou. Isso explicaria o que as Fúrias estavam procurando quando vieram atrás de nós no ônibus. Talvez achem que recuperamos o raio.

Não sabia muito bem o que estava errado com ela. Parecia pálida.

— Mas se eu já tivesse recuperado o raio — falei —, por que estaria viajando para o Mundo Inferior?

— Para ameaçar Hades — sugeriu Grover. — Para suborná-lo ou chantageá-lo para devolver sua mãe.

Eu assobiei.

— Você tem pensamentos perversos para um bode.

— Ora, obrigado.

— Mas a coisa no abismo disse que estava esperando *dois* itens — falei. — Se o raio-mestre é um, qual é o outro?

Grover sacudiu a cabeça, claramente perplexo.

Annabeth olhava para mim como se soubesse qual seria a minha próxima pergunta e estivesse desejando silenciosamente que eu não a fizesse.

— Você tem ideia do que poderia estar naquele abismo, não tem? — perguntei a ela. — Quer dizer, se não for Hades.

— Percy... não vamos falar sobre isso. Porque se não for Hades... Não. Tem de ser Hades.

A desolação passava por nós. Passamos por uma placa que dizia DIVISA DO ESTADO DA CALIFÓRNIA, VINTE QUILÔMETROS.

Tive a sensação de que estava deixando de notar alguma informação simples e crucial. Era como quando eu olhava para uma palavra que deveria conhecer, mas ela não fazia sentido porque uma ou duas letras estavam flutuando fora do lugar. Quanto mais eu pensava sobre minha missão, mais certeza tinha de que confrontar Hades não era a verdadeira resposta. Havia algo mais acontecendo, algo ainda mais perigoso.

O problema era: estávamos disparados na direção do Mundo Inferior a cento e sessenta quilômetros por hora, apostando que Hades tinha o raio-mestre. Se chegássemos lá e descobríssemos que estávamos errados, não teríamos tempo para corrigir o erro. O prazo do solstício passaria e a guerra começaria.

— A resposta está no Mundo Inferior — assegurou Annabeth. — Você viu os espíritos dos mortos, Percy. Só há um lugar onde isso é possível. Estamos fazendo a coisa certa.

Ela tentou levantar o nosso moral sugerindo estratégias engenhosas para entrar na Terra dos Mortos, mas meu coração não estava naquilo. O fato é que havia muitos fatores desconhecidos. Era como estudar loucamente para uma prova sem saber qual é o assunto. E, acredite em mim, *isso* eu já fizera muitas vezes.

O táxi ia a toda para oeste. Cada rajada de vento no Vale da Morte parecia um espírito dos mortos. Cada vez que os freios chiavam atrás de um caminhão de dezoito rodas, aquilo me lembrava da voz reptiliana de Equidna.

Ao pôr do sol, o táxi nos deixou na praia de Santa Monica. Era exatamente como as praias de Los Angeles que se veem nos filmes, só que o cheiro era pior. Havia carrosséis de parque de diversão ao longo do píer, palmeiras nas calçadas, sem-teto dormindo nas dunas e surfistas esperando a onda perfeita.

Grover, Annabeth e eu caminhamos até a beiramar.

— E agora? — perguntou Annabeth.

O Pacífico estava ficando dourado ao sol poente. Pensei em quanto tempo se passara desde que estivera na praia de Montauk, do outro lado do país, olhando para um mar diferente.

Como podia haver um deus capaz de controlar aquilo tudo? O que meu professor de ciências dizia — dois terços da superfície da Terra são cobertos de água? Como eu podia ser filho de alguém tão poderoso?

Entrei na arrebentação.

— Percy? — disse Annabeth. — O que está fazendo?

Continuei andando, até a água chegar à minha cintura, depois ao peito.

Ela gritou para mim:

— Tem ideia de quanto essa água está poluída? Há todos os tipos de coisas tóxicas...

Foi quando minha cabeça submergiu.

De início, prendi a respiração. É difícil inalar água de propósito. Por fim não pude mais aguentar. Inspirei. De fato, eu conseguia respirar normalmente.

Desci andando até os bancos de areia. Não deveria conseguir enxergar naquelas águas escuras, mas de algum modo podia dizer onde tudo estava. Conseguia sentir a textura ondulada do fundo. Podia distinguir colônias de estrelas-do-mar pontilhando os bancos de areia. Podia até ver as correntes, quentes e frias, rodopiando juntas.

Senti algo roçando a minha perna. Olhei para baixo e quase pulei para fora da água como um míssil. Deslizando ao meu lado, havia um tubarão-sombreiro de um metro e meio de comprimento.

Mas ele não estava atacando, apenas esfregava o nariz em mim. Estava nos meus calcanhares como um cachorro. Vacilante, toquei sua barbatana dorsal. Ele resistiu um pouco, como se estivesse me convidando a segurar mais forte. Agarrei a barbatana com as duas mãos. Ele partiu, me puxando. O tubarão me arrastou para o fundo, para a escuridão, e me largou à beira do oceano propriamente dito, onde o banco de areia despencava em um imenso abismo. Era como estar na beira do Grand Canyon à meia-noite, sem conseguir ver muita coisa mas sabendo que o vazio estava bem ali.

A superfície tremeluzia a uns cinquenta metros. Eu sabia que devia ter sido esmagado pela pressão. Mas, por outro lado, o natural era que também não respirasse. Fiquei imaginando se haveria um limite até o qual eu poderia avançar, e se era possível descer direto até o fundo do Pacífico.

Então vi algo reluzindo na escuridão abaixo, ficando maior e mais brilhante à medida que subia na minha direção. Uma voz de mulher, como a da minha mãe, chamou: — Percy Jackson.

Quando ela chegou mais perto, sua forma ficou mais clara. Tinha cabelos pretos soltos e usava um vestido de seda verde. A luz tremeluzia a seu redor, e os olhos eram tão perturbadoramente bonitos que mal notei o cavalo-marinho do tamanho de um corcel que ela estava montando.

Ela desmontou. O cavalo-marinho e o tubarão-sombreiro se afastaram rapidamente e começaram uma brincadeira que parecia esconde-esconde. A dama submarina sorriu para mim.

— Você chegou longe, Percy Jackson. Muito bem!

Eu não sabia muito bem o que fazer, então me curvei.

— Você é a mulher que falou comigo no rio Mississippi.

— Sim, criança. Eu sou uma nereida, um espírito do mar. Não foi fácil aparecer tão longe, rio acima, mas as náiades, minhas primas da água doce, ajudaram a sustentar minha força vital. Elas honram o Senhor Poseidon, embora não sirvam em sua corte.

— E... você serve na corte de Poseidon?

Ela assentiu.

— Muitos anos se passaram desde que nasceu uma criança do deus do mar. Nós o observamos com grande interesse.

De repente me lembrei dos rostos nas ondas perto da praia de Montauk quando eu era pequeno, reflexos de mulheres sorridentes. Como aconteceu com tantas coisas estranhas em minha vida, nunca havia pensado muito naquilo.

— Se meu pai se interessa tanto por mim — falei —, por que não está aqui? Por que não fala comigo?

Uma corrente fria subiu das profundezas.

— Não julgue o Senhor do Mar tão duramente — disseme a nereida. — Ele está prestes a lutar em uma guerra indesejada. Tem muito com que ocupar seu tempo. Além disso, está proibido de ajudá-lo diretamente. Os deuses não podem demonstrar tal favoritismo.

— Mesmo com seus próprios filhos?

— Especialmente com estes. Os deuses só podem agir por influência indireta. É por isso que lhe dou um aviso, e um presente.

Ela estendeu a mão aberta e três pérolas brancas brilharam.

— Sei de sua jornada aos domínios de Hades — disse. — Poucos mortais já fizeram isso e sobreviveram: Orfeu, que possuía grande talento musical; Hércules, que tinha grande força; Houdini, que podia escapar até mesmo das profundezas do Tártaro. Você tem esses talentos?

— Ahn... não, senhora.

— Ah, mas você tem algo mais, Percy. Possui dons que está apenas começando a descobrir. Os oráculos vaticinaram um grande e extraordinário futuro para você, desde que sobreviva até a idade adulta. Poseidon não aceitará que morra antes do tempo. Portanto pegue estas pérolas, e quando estiver em apuro, esmague uma delas a seus pés.

— O que vai acontecer?

— Depende do apuro. Mas lembre-se: o que pertence ao mar sempre retornará ao mar.

— E o aviso?

Os olhos dela brilharam com uma luz verde.

— Faça o que seu coração manda, ou perderá tudo. Hades se alimenta de dúvidas e desesperança. Ele o enganará se puder, o fará desconfiar de seu próprio julgamento. Depois que estiver nos domínios dele, Hades jamais permitirá voluntariamente que você parta. Mantenha a fé. Boa sorte, Percy Jackson.

Ela chamou seu cavalo-marinho e partiu para o vazio.

— Espere! — gritei. — No rio, você disse para não confiar em presentes. Que presentes?

— Adeus, jovem herói — gritou ela de volta, a voz desaparecendo nas profundezas. — Você deve ouvir seu coração. — Ela se transformou em um ponto verde luminoso e depois desapareceu.

Eu quis segui-la para as profundezas escuras. Quis ver a corte de Poseidon. Mas ergui os olhos para o crepúsculo que se transformava em noite na superfície. Meus amigos estavam esperando. Tínhamos tão pouco tempo...

Tomei impulso para cima em direção à arrebentação.

Quando cheguei à praia, minhas roupas secaram instantaneamente. Contei a Grover e a Annabeth o que acontecera, e mostrei as pérolas a eles.

Annabeth fez uma careta.

— Nenhum presente vem sem um preço.

— Elas foram de graça.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça. — “Não existe almoço grátis.” É um antigo ditado grego que se aplica perfeitamente hoje em dia. Haverá um preço. Aguarde.

Com esse pensamento feliz, demos as costas para o mar.

Tomamos o ônibus para West Hollywood com um pouco dos trocados que sobraram na mochila de Ares. Mostrei ao motorista o recibo com o endereço do Mundo Inferior que eu pegara no Empório de Anões de Jardim da Tia Eme, mas ele nunca ouvira falar nos Estúdios de Gravação M.A.C. — Morto ao Chegar.

— Você me lembra alguém que vi na tevê — falou. — É um ator infantil, ou coisa assim?

— Ahn... eu sou dublê... de uma porção de atores infantis.

— Ah! Está explicado.

Agradeci e desci rapidamente na parada seguinte.

Perambulamos por quilômetros à procura do M.A.C. Ninguém parecia saber onde era. Não constava da lista telefônica.

Duas vezes nos esquivamos para becos, para evitar viaturas de polícia.

Fiquei paralisado na frente da vitrine de uma loja de eletrodomésticos porque

uma televisão mostrava uma entrevista com alguém que pareceu muito familiar — meu padrasto, Gabe Cheiroso. Ele estava falando com Barbara Walters — parecendo uma grande celebridade. Ela o entrevistava em nosso apartamento, no meio de um jogo de pôquer, e havia uma jovem loira sentada ao lado dele, afagando-lhe a mão.

Uma lágrima falsa brilhou na bochecha dele enquanto dizia:

— Honestamente, sra. Walters, se não fosse aqui pela Fofinha, minha conselheira nas horas tristes, eu estaria um caco. Meu enteado levou tudo o que me era caro... Minha esposa... meu Camaro... Eu... me desculpe. Sinto dificuldade em falar sobre isso.

— Aí está, América. — Barbara Walters voltou-se para a câmera. — Um homem destroçado. Um menino adolescente com sérios problemas. Deixem-me mostrar agora a última foto desse problemático jovem fugitivo, tirada há uma semana em Denver.

A tela cortou para uma foto granulada em que eu, Annabeth e Grover do lado de fora do restaurante Colorado estávamos falando com Ares.

— Quem são as outras crianças nesta foto? — perguntou Barbara Walters com dramaticidade. — Quem é o homem que está com elas? Percy Jackson é um delinquente, um terrorista ou uma vítima da lavagem cerebral de uma nova e assustadora seita? Quando voltarmos, vamos conversar com uma renomada psicóloga infantil. Fique conosco, América.

— Vamos — disseme Grover. Ele me arrastou para longe antes que eu abrisse um buraco na vitrine da loja de eletrodomésticos com um murro.

Anoiteceu, e personagens de aparência esfomeada começaram a sair para as ruas para representar seus papéis. Não me entendam mal. Sou nova-iorquino. Não me assusto facilmente. Mas estar em Los Angeles era bem diferente de estar em Nova York. Onde eu morava tudo parecia perto. Embora fosse uma grande cidade, era possível se chegar a qualquer lugar sem se perder. O padrão das ruas e o metrô faziam sentido. Havia um critério de funcionamento das coisas. Desde que não fosse bobo, um garoto podia se sentir seguro lá.

Los Angeles não era assim. Era espalhada, caótica, ficava difícil se locomover. Fazia lembrar Ares. Para Los Angeles, não bastava ser grande; era preciso também provar-se grande sendo barulhenta, estranha e difícil de navegar. Eu não sabia como iríamos encontrar a entrada para o Mundo Inferior até o dia seguinte, o solstício de verão.

Passamos por gangues, vagabundos e camelôs, que nos olhavam como se tentassem avaliar se nos atacar seria um bom negócio.

Quando passamos apressados pela entrada de um beco, uma voz disse no escuro: — Ei, você.

Como um idiota, parei.

Antes que nos déssemos conta, estávamos cercados. Uma gangue de garotos estava ao nosso redor. Seis ao todo — garotos brancos com roupas caras e expressão perversa. Como os garotos da Academia Yancy; moleques ricos brincando de ser malvados.

Por instinto, destampei Contracorrente.

Quando a espada apareceu do nada, eles recuaram, mas seu líder ou era muito estúpido ou muito valente, porque continuou avançando em minha direção com um canivete de mola.

Cometi o erro de desferir um golpe.

O garoto deu um grito agudo. Mas ele devia ser cem por cento mortal, porque a lâmina passou inofensiva por seu peito. Ele olhou para baixo.

— Mas que...

Calculei que teria mais ou menos três segundos antes que o choque dele se transformasse em raiva.

— Corram! — gritei para Annabeth e Grover.

Empurramos dois deles para fora do caminho e disparamos pela rua, sem saber aonde estávamos indo. Dobramos uma esquina numa curva bem fechada.

— Ali! — gritou Annabeth.

Somente uma loja do quarteirão parecia aberta, as vitrines brilhando em neon. O letreiro acima da porta dizia algo como LACIÁPO ADS MASCA Á'GDUS OS SCRATO.

— Palácio das Camas-d'Água do Crosta? — traduziu Grover.

Não parecia o tipo de lugar onde eu entraria a não ser em uma emergência, mas sem dúvida era essa a situação.

Irrompemos pelas portas, corremos para trás de uma cama-d'água e nos abaixamos. Uma fração de segundo depois, a gangue de garotos passou correndo do lado de fora.

— Acho que os despistamos — ofegou Grover.

Uma voz atrás de nós retumbou:

— Despistaram quem?

Nós três pulamos.

Logo atrás, em pé, estava um cara que parecia um tiranossauro em trajes de passeio. Tinha pelo menos dois metros e tanto de altura, completamente careca. A pele era cinzenta e curtida como couro, olhos de pálpebras grossas e sorriso frio, reptiliano. Aproximava-se lentamente, mas tive a sensação de que poderia se mover depressa se precisasse.

Seu traje parecia saído do Cassino Lótus. Era dos gloriosos anos 70. A camisa era de seda estampada, desabotoada até a metade do peito sem pelos. As lapelas

do casaco de veludo eram largas como pistas de pouso. Eram tantas correntes de prata no pescoço que nem consegui contar.

— Eu sou o Crosta — disse com um sorriso amarelo de tanto tártaro.

Resisti ao impulso de dizer, *Sim, está na cara*.

— Desculpe a invasão — falei. — Estamos só, ahn, dando uma olhada.

— Você quer dizer, se escondendo daqueles garotos mal-encarados — resmungou ele. — Eles ficam vadiando por aqui todas as noites. Entra uma porção de gente na loja, graças a eles. Digam, querem ver uma cama-d'água?

Eu já ia dizer *Não, obrigado* quando ele pôs uma pata enorme em meu ombro e me empurrou mais para dentro do salão da loja.

Havia todos os tipos de camas-d'água que você possa imaginar: diferentes tipos de madeira, lençóis de padronagens variadas; queen-size, king-size, gigantescas.

— Este é meu modelo de maior sucesso. — Crosta passou as mãos orgulhosamente sobre uma cama coberta com lençóis de cetim preto, com lâmpadas de lava embutidas na cabeceira. O colchão vibrava, e a coisa ficava parecendo gelatina de petróleo.

— Massagem de um milhão mãos — disse Crosta. — Vão em frente, experimentem. Tirem uma soneca, mandem ver. Eu não me importo. Tem pouco movimento hoje.

— Ahn — falei. — Não acho que...

— Massagem de um milhão de mãos! — exclamou Grover, e mergulhou na cama. — Ah, gente! Isso é legal.

— Hummm — disse Crosta, coçando o seu queixo de couro. — Quase, quase.

— Quase o quê? — perguntei.

Ele olhou para Annabeth.

— Faça-me um favor e experimente aquela lá, meu bem. Pode servir.

Annabeth disse:

— Mas o que...

Ele lhe deu algumas palmadinhas tranquilizadoras no ombro e a levou para o modelo Safári Deluxe, com leões de teca entalhados na armação e um acolchoado de leopardo. Como Annabeth não quis deitar, Crosta a empurrou.

— Ei! — protestou ela.

Crosta estalou os dedos.

— *Ergo!*

Cordas pularam das laterais da cama e envolveram Annabeth como chicotes, prendendo-a ao colchão.

Grover tentou se levantar, mas cordas pularam também de sua cama de cetim preto, e o prenderam.

— N-não é l-l-legal! — gritou ele, a voz vibrando com a massagem de um milhão de mãos. — N-n-nada l-l-legal!

O gigante olhou para Annabeth, voltou-se para mim e arreganhou um sorriso.

— Quase. Droga.

Tentei me afastar, mas a mão dele se arremessou e me agarrou pela nuca.

— Opa, garoto. Não se preocupe. Vamos achar uma para você em um segundo.

— Solte meus amigos.

— Ah, certamente, eu vou. Mas vou ter de ajustá-los primeiro.

— O que quer dizer?

— Todas as camas têm exatamente um metro e oitenta, sabia? Seus amigos são baixinhos demais. Tenho de ajustá-los para servir nas camas.

Annabeth e Grover continuaram se debatendo.

— Não tolero medidas imperfeitas — resmungou Crosta. — *Ergo!*

Um novo conjunto de cordas pulou dos pés e da cabeceira da cama, enrolando-se nos tornozelos e axilas de Grover e Annabeth. As cordas começaram a se esticar, puxando meus amigos pelas duas extremidades.

— Não se preocupe — disse Crosta para mim. — É um serviço de estiramento. Talvez uns oito centímetros a mais nas colunas deles. Podem até sobreviver. Agora, por que não achamos uma cama de que você goste, heim?

— Percy! — gritou Grover.

Minha cabeça estava a mil. Sabia que não conseguiria dominar sozinho aquele gigante vendedor de camas-d'água. Ele quebraria meu pescoço antes mesmo que eu pegasse a espada.

— Seu nome de verdade não é Crosta, é? — perguntei.

— Na certidão é Procrusto — admitiu ele.

— O Esticador.

Lembrei-me da história: o gigante que tentara matar Teseu com excesso de hospitalidade a caminho de Atenas.

— Sim — disse o vendedor. — Mas quem é capaz de pronunciar *Procrusto*? É ruim para os negócios. Agora, "Crosta" qualquer um pode dizer.

— Tem razão. Soa muito bem.

Os olhos dele se iluminaram.

— Acha mesmo?

— Ah, sem dúvida — disse eu. — E o acabamento dessas camas? Fabuloso!

Ele abriu um enorme sorriso, mas os dedos não afrouxaram em meu pescoço.

— Digo isso aos meus fregueses. Sempre. Ninguém se preocupa em examinar o acabamento. Quantas lâmpadas de lava embutidas você já viu?

— Não muitas.

— Claro!
— Percy! — gritou Annabeth. — O que está fazendo?
— Não ligue para ela — disse eu a Procrusto. — Ela é impossível.
O gigante riu.
— Todos os meus fregueses são. Nunca têm um metro e oitenta exato. Muito desatencioso. E depois se queixam do ajuste.
— O que você faz quando eles têm mais de um metro e oitenta?
— Ora, isso acontece sempre. É um ajuste simples.
Ele soltou meu pescoço, mas antes que eu pudesse reagir esticou o braço para trás de um balcão próximo e de lá tirou um enorme machado de bronze com lâmina dupla. Ele disse: — É só centralizar o freguês o melhor possível e aparar o que estiver sobrando nas duas extremidades.
— Ah — falei, engolindo em seco. — Sensato.
— Estou tão satisfeito em cruzar com um freguês inteligente!
Agora as cordas estavam realmente esticando meus amigos. Annabeth estava ficando pálida. Grover fazia sons gorgolejantes, como um ganso estrangulado.
— Então, Crosta... — falei, tentando manter a voz despreocupada. Olhei de relance para a cama Lua de Mel Especial, em forma de coração. — Esta aqui tem mesmo estabilizadores dinâmicos para compensar o movimento ondulatório?
— É claro. Experimente.
— Sim, talvez eu experimente. Mas funcionaria também para um cara grande como você? Sem nenhuma ondulação?
— Garantido.
— Não acredito.
— Pode acreditar.
— Mostre.
Ele sentou com vontade na cama e deu uma palmadinha no colchão.
— Nenhuma ondulação. Viu?
Estalei os dedos.
— *Ergo*.
As cordas saltaram em volta de Crosta e o achataram contra o colchão.
— Ei! — gritou ele.
— Centralizar bem — falei.
As cordas se reajustaram ao meu comando. A cabeça inteira de Crosta ficou para fora da cabeceira. Os pés ficaram para fora na outra ponta.
— Não! — disse ele. — Espere! É só uma demonstração.
Destampei Contracorrente.
— Alguns ajustezinhos...
Não tive nenhum escrúpulo quanto ao que estava prestes a fazer. Se Crosta

não fosse humano, eu, de qualquer jeito, não poderia feri-lo. Se fosse um monstro, merecia ser transformado em pó por algum tempo.

— Você negocia duro — disseme ele. — Dou-lhe trinta por cento de desconto nos modelos em exposição!

— Acho que vou começar com a parte de cima. — Ergui a espada.

— Sem entrada! Financiamento em seis meses sem juros!

Desci a espada. Crosta parou de fazer ofertas.

Cortei as cordas nas outras camas. Annabeth e Grover puseram-se em pé, gemendo e se encolhendo e me xingando muito.

— Vocês parecem mais altos — falei.

— Muito engraçado — disse Annabeth. — Da próxima vez seja mais rápido.

Olhei para o quadro de avisos atrás do balcão de Crosta. Havia uma propaganda do Serviço de Entregas Hermes e outra do Guia Completo dos Monstros na Área de Los Angeles — “As únicas Páginas Amarelas Monstruosas de que você vai precisar!”. Embaixo daquilo, um panfleto em laranja vivo dos Estúdios de Gravação M.A.C. oferecendo comissões por almas de heróis. “Estamos sempre à procura de novos talentos!” O endereço estava logo abaixo, com um mapa.

— Vamos — disse a meus amigos.

— Espere só um minuto — queixou-se Grover. — Fomos praticamente esticados até a morte!

— Então estão preparados para o Mundo Inferior — falei. — Fica a apenas uma quadra daqui.

# DEZOITO

Annabeth usa a aula de adestramento

Estávamos nas sombras da Valencia Boulevard, olhando para as letras douradas gravadas no mármore negro: ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO M.A.C.

Embaixo, impresso nas portas de vidro, PROIBIDA A ENTRADA DE ADVOGADOS, VAGABUNDOS E VIVENTES.

Já era quase meia-noite, mas o saguão estava iluminado e cheio de gente. Atrás do balcão da segurança estava sentado um guarda de aparência agressiva, com óculos escuros e um fone de ouvido.

Virei-me para meus amigos.

— Certo. Vocês se lembram do plano.

— O plano — Grover engoliu seco. — Isso. Adoro o plano.

Annabeth disse:

— O que vai acontecer se o plano não funcionar?

— Sem pensamentos negativos.

— Certo — disse ela. — Estamos entrando na Terra dos Mortos e eu não devo ter pensamentos negativos.

Tirei as pérolas do bolso, as três esferas cor de leite que a nereida me dera em Santa Monica. Elas não pareciam um grande recurso para o caso de algo dar errado.

Annabeth pôs a mão em meu ombro.

— Desculpe, Percy. Você tem razão, vamos conseguir. Vai dar tudo certo.

Ela deu uma cutucada em Grover.

— Ah, está certo! — concordou ele. — Chegamos até aqui. Vamos encontrar o raio-mestre e salvar sua mãe. Sem problemas.

Olhei para os dois e me senti realmente grato. Alguns minutos antes, eu quase os tinha feito ser esticados até a morte em camas-d’água de luxo, e agora eles tentavam bancar os corajosos por minha causa, tentavam fazer com que me sentisse melhor.

Enfiei as pérolas de volta no bolso.

— Vamos chutar alguns traseiros no Mundo Inferior.

Entramos no saguão do M.A.C.

Alto-falantes embutidos tocavam uma música ambiente suave. O carpete e as paredes eram cinza-chumbo. Cactos cresciam nos cantos como mãos de esqueletos. Os móveis eram de couro preto, e todos os assentos estavam ocupados. Havia gente sentada em sofás, gente em pé, gente olhando pela janela ou aguardando o elevador. Ninguém se mexia, nem falava, não faziam nada. Com o canto do olho, eu podia vê-los muito bem, mas, se me concentrasse em qualquer um em particular, eles começavam a parecer... transparentes. Dava para ver através dos seus corpos.

O balcão da segurança ficava em cima de um degrau, portanto tínhamos de olhar para o alto para falar com o guarda.

Ele era alto e elegante, com pele na cor de chocolate e cabelo tingido de loiro, cortado em estilo militar. Usava óculos com armação de casco de tartaruga e um terno de seda italiano que combinava com o cabelo. Uma rosa negra estava presa à lapela, embaixo de um crachá de prata.

Li o nome no crachá e olhei para ele perplexo.

— Seu nome é Quíron?

Ele se inclinou por cima da mesa. Não consegui ver nada em seus óculos exceto meu próprio reflexo, mas seu sorriso era doce e frio, como o de uma jiboia exatamente antes de devorar você.

— Que rapaz mais engraçadinho. — Ele tinha um sotaque estranho... inglês, talvez, mas como se tivesse aprendido inglês como segunda língua. — Diga-me, parceiro, eu pareço um centauro?

— N-não.

— Senhor — acrescentou ele suavemente.

— Senhor — falei.

Ele segurou o crachá e correu o dedo embaixo das letras.

— Consegue ler isto, parceiro? Aqui diz C-A-R-O-N-T-E. Diga comigo: CA-RON-TE.

— Caronte.

— Fantástico! Agora: *senhor* Caronte.

— *Senhor* Caronte — disse eu.

— Muito bem. — Ele se recostou. — *Detesto* ser confundido com aquele homem-cavalo. E agora, como posso ajudá-los, pequenos defuntos?

A pergunta dele me acertou o estômago como uma bola de beisebol. Olhei para Annabeth em busca de ajuda.

— Queremos ir para o Mundo Inferior — disse ela.

A boca de Caronte repuxou-se.

— Bem, isso é revigorante.

— É mesmo? — perguntou ela.

— Direto e honesto. Sem gritos. Sem “Deve haver algum engano, sr. Caronte”. — Ele nos olhou de cima a baixo. — Então, como vocês morreram?

Cutuquei Grover.

— Ah — disse ele. — Ahn... afogados... na banheira.

— Os três? — perguntou Caronte.

Nós assentimos.

— Que banheira grande. — Caronte pareceu levemente impressionado. — Suponho que vocês não têm moedas para a passagem. Com adultos, vocês sabem, eu poderia debitar no cartão de crédito, ou acrescentar o preço da travessia na sua última conta de telefone. Mas com crianças... infelizmente, vocês nunca morrem preparadas. Acho que terão de ficar sentados por alguns séculos.

— Ah, mas nós temos moedas. — Pus três dracmas de ouro sobre o balcão, parte da provisão que eu encontrara na mesa do escritório de Crosta.

— Ora vejam... — Caronte umedeceu os lábios. — Dracmas de verdade. Não vejo uma dessas faz...

Seus dedos pairaram avidamente sobre as moedas.

Estávamos muito perto.

Então Caronte me olhou. O olhar frio atrás dos óculos pareceu abrir um buraco em meu peito.

— Mas você não conseguiu ler meu nome direito. Você é disléxico, rapaz?

— Não. Sou um morto.

Caronte inclinou-se para a frente e deu uma cheirada.

— Você não está morto. Eu devia saber. É um filhote de deus.

— Temos de chegar ao Mundo Inferior — insisti.

Caronte rosnou no fundo da garganta.

No mesmo instante, todas as pessoas na sala de espera se levantaram e começaram a andar de um lado para outro, agitadas, acendendo cigarros, passando as mãos pelos cabelos ou olhando para os relógios de pulso.

— Vão embora enquanto podem — disse-nos Caronte. — Vou ficar com estas moedas e esquecer que os vi.

Ele começou a esticar a mão para as moedas, mas eu as puxei de volta.

— Sem serviço, sem gorjeta. — Tentei parecer mais valente do que me sentia.

Caronte rosnou de novo — um som profundo, de gelar o sangue. Os espíritos dos mortos começaram a bater nas portas do elevador.

— É uma pena — suspirei. — Tínhamos mais para oferecer.

Ergui a sacola inteira com o tesouro de Crosta. Tirei um punhado de dracmas

e deixei as moedas escorregarem entre os dedos.

O rosnado de Caronte se transformou em algo mais parecido com um ronronar de leão.

— Acha que pode me comprar, filhote de deus? Ahn... só por curiosidade, quanto você tem aí?

— Muito — falei. — Aposto que Hades não lhe paga o bastante por um trabalho tão duro.

— Ah, você não sabe nem da metade. Iria gostar de ser babá desses espíritos o dia inteiro? Sempre com “Por favor, não me deixe ficar morto” ou “Por favor, deixe-me atravessar de graça”. Não tenho um aumento há três mil anos. Acha que ternos como este custam barato?

— Você merece coisa melhor — concordei. — Algum reconhecimento. Respeito. Bom salário.

A cada palavra, eu empilhava outra moeda de ouro no balcão.

Caronte baixou os olhos para o paletó de seda italiana, como se estivesse se imaginando com algo ainda melhor.

— Devo dizer, rapaz, que a gente está começando a falar a mesma língua. Um pouco.

Empilhei mais algumas moedas.

— Eu poderia mencionar um aumento de salário quando estiver falando com Hades.

Ele suspirou.

— Bem, o barco já está quase cheio. Poderia muito bem encaixar vocês três e zarpar.

Ele se pôs de pé, pegou nosso dinheiro e disse:

— Venham comigo.

Abrimos caminho entre a multidão de espíritos que aguardavam, os quais começaram a puxar nossas roupas como o vento, as vozes sussurrando coisas que eu não podia distinguir. Caronte empurrou-os do caminho, resmungando: — Parasitas.

Ele nos escoltou até o elevador, que já estava apinhado de almas dos mortos, todos segurando um cartão de embarque verde. Caronte agarrou dois espíritos que tentavam entrar conosco e os empurrou de volta para o saguão.

— Muito bem. Agora, ninguém comece a ter ideias enquanto eu estiver fora — anunciou ele para a sala de espera. — E se alguém tirar minha estação de música de sintonia novamente, farei vocês ficarem aqui por outro milênio. Entendido?

Ele fechou as portas. Enfiou um cartão-chave em uma fenda no painel do elevador e começamos a descer.

— O que acontece com os espíritos que ficam esperando no saguão? — perguntou Annabeth.

— Nada — disse Caronte.

— Por quanto tempo?

— Para sempre, ou até eu me sentir generoso.

— Ah — disse ela. — Isso é... justo.

Caronte ergueu uma sobrancelha.

— Quem disse que a morte era justa, mocinha? Espere até chegar a sua vez. Você vai morrer em pouco tempo, no lugar aonde está indo.

— Vamos sair vivos — falei.

— Ah.

Tive de repente uma sensação de vertigem. Não estávamos mais indo para baixo, mas para a frente. O ar ficou enevoado. Os espíritos à minha volta começaram a mudar de forma. Suas roupas modernas tremiam e se transformavam em mantos cinzentos com capuz. O piso do elevador começou a oscilar.

Pisquei com força. Quando abri os olhos, o terno creme italiano de Caronte fora substituído por um longo manto negro. Seus óculos de tartaruga haviam desaparecido. Onde deviam estar os olhos havia órbitas vazias — como os olhos de Ares, só que os de Caronte eram totalmente escuros, repletos de noite, trevas e desespero.

Ele me viu olhando e disse:

— O quê?

— Nada — consegui dizer.

Achei que ele estivesse sorrindo, mas não era isso. A pele de seu rosto estava ficando transparente, deixando que eu visse até o crânio.

O chão continuou oscilando.

Grover disse:

— Acho que estou ficando enjoado.

Quando pisquei de novo, o elevador não era mais um elevador. Estávamos dentro de uma barcaça de madeira. Caronte usava uma vara para nos mover ao longo de um rio escuro, cheio de óleo, com ossos, peixes mortos e outras coisas estranhas girando na superfície... bonecas de plástico, cravos esmagados, diplomas encharcados com bordas douradas.

— O rio Estige — murmurou Annabeth. — É tão...

— Poluído — disse Caronte. — Há milhares de anos vocês, seres humanos, quando o atravessam, jogam tudo nele... esperanças, sonhos, desejos que jamais se tornaram realidade. Um modo irresponsável de tratar seu lixo, se querem saber.

A névoa subia em espirais da água imunda. Acima de nós, quase perdido nas sombras, havia um teto de estalactites. À frente, a costa distante brilhava com uma luz esverdeada, a cor do veneno.

O pânico obstruiu minha garganta. O que eu estava fazendo ali? Aquelas pessoas ao meu redor... estavam mortas.

Annabeth agarrou minha mão. Em circunstâncias normais, isso teria me embaraçado, mas entendi como ela se sentia. Queria se assegurar de que mais alguém estava vivo naquele barco.

Percebi que eu murmurava uma oração, embora não soubesse bem para quem estava rezando. Ali embaixo só um deus importava, e era ele que eu fora confrontar.

A praia do Mundo Inferior surgiu à vista. Rochas escarpadas e areia vulcânica negra se estendiam terra adentro por cerca de cem metros até um muro alto de pedra, que se prolongava para os lados até onde a vista podia alcançar. De algum lugar por perto nas sombras verdes, veio um som, reverberando nas pedras — o uivo de um grande animal.

— O velho Três-Caras está com fome — disse Caronte. Seu sorriso se tornou esquelético à luz esverdeada. — Má sorte para vocês, filhotes de deuses.

O fundo do nosso barco deslizou sobre a areia preta. Os mortos começaram a desembarcar. Uma mulher segurando a mão de uma menininha. Um casal de idosos capengando lentamente, de braços dados. Um menino em seu manto cinzento, aparentando não ser mais velho que eu, arrastava os pés em silêncio.

Caronte disse:

— Eu lhe desejaria sorte, parceiro, mas isso não existe por aqui. Lembre-se, não deixe de mencionar meu aumento de salário.

Ele contou nossas moedas de ouro em sua bolsa, depois pegou a vara. Gorjeou algo que parecia uma canção de Barry Manilow enquanto empurrava a barcaça de volta através do rio.

Seguimos os espíritos por um caminho já muito percorrido.

Não sei muito bem o que estava esperando — os Portões do Céu, uma ponte levadiça grande e escura ou coisa assim. Mas a entrada para o Mundo Inferior parecia uma mistura de segurança de aeroporto com a autoestrada de New Jersey.

Havia três entradas separadas embaixo de um enorme arco negro que dizia VOCÊ ESTÁ ENTRANDO EM ÉREBO. Em cada entrada havia um detector de metais com câmeras de segurança instaladas no alto. Depois disso, havia cabines de pedágio operadas por *ghouls* como Caronte.

Os uivos de animal faminto eram agora muito altos, mas eu não conseguia ver

de onde vinham. O cão de três cabeças, Cérbero, que deveria guardar a porta do Hades, não estava em lugar nenhum.

Os mortos formaram três filas, duas identificadas como ATENDENTE DE SERVIÇO e uma como MORTE EXPRESSA. A fila MORTE EXPRESSA estava avançando sem parar. As outras duas se arrastavam.

— O que você imagina? — perguntei a Annabeth.

— A fila rápida deve ir diretamente para os Campos de Asfódelos — disse ela. — Sem contestação. Eles não querem se arriscar ao julgamento do tribunal, porque pode ir contra eles.

— Existe um tribunal para gente morta?

— Sim. Três juízes. Eles se revezam na magistratura. O rei Minos, Thomas Jefferson, Shakespeare... pessoas assim. Às vezes olham para uma vida e concluem que aquela pessoa precisa de uma recompensa especial: os Campos Elísios. Às vezes decidem por um castigo. Mas a maioria das pessoas, bem, elas apenas viveram. Nada de especial, nem bom nem mau. Então vão para os Campos de Asfódelos.

— E fazem o quê?

Grover disse:

— Imagine-se em um campo de trigo no Kansas. Para sempre.

— Dureza — disse eu.

— Não tanto quanto aquilo — murmurou Grover. — Olhe.

Uma dupla de *ghouls* de mantos negros havia puxado um espírito para o lado e o estava revistando junto à mesa da segurança. O rosto do morto parecia vagamente familiar.

— Ele é o pregador que saiu no noticiário, está lembrado? — perguntou Grover.

— Ah, sim — eu lembrava. Nós o tínhamos visto na tevê uma ou duas vezes no dormitório da Academia Yancy. Era um tele-evangelista chato do norte do estado de Nova York que arrecadara milhões de dólares para orfanatos e depois foi pego gastando o dinheiro em artigos para a sua mansão, como assentos de privada folheados a ouro e um campo de minigolfe. Morrera numa perseguição da polícia quando seu “Lamborghini abençoado” despencou de um penhasco.

— O que estão fazendo com ele? — perguntei.

— Castigo especial de Hades — adivinhou Grover. — As pessoas realmente más recebem atenção particular dele quando chegam. As Fúr... as Benevolentes vão preparar uma tortura eterna para ele.

Pensar nas Fúrias me fez estremecer. Percebi que naquele momento estava no território delas. A velha sra. Dodds devia estar lambendo os beiços de expectativa.

— Mas se ele é um pregador — falei —, e acredita em um inferno diferente...

Grover encolheu os ombros.

— Quem disse que ele está vendo este lugar do mesmo modo que nós? Os seres humanos veem o que querem ver. Vocês são muito teimosos... ahn, persistentes, nisso.

Chegamos mais perto dos portões. Os uivos ali eram tão altos que sacudiam o chão embaixo de meus pés, mas ainda assim eu não conseguia perceber de onde vinham.

Então, cerca de quinze metros à nossa frente, a névoa verde tremulou. Exatamente no lugar onde o caminho se dividia em três estava um monstro enorme e indistinto.

Eu não o tinha visto antes porque ele era meio transparente, como os mortos. Até se mexer, sua imagem se fundia com o que quer que estivesse atrás dele. Somente os olhos e os dentes pareciam sólidos. Ele estava me encarando.

Meu queixo caiu. Tudo o que pude pensar em dizer foi:

— É um rottweiler.

Sempre imaginara Cérbero como um grande mastim preto. Mas ele era obviamente um rottweiler de raça pura, a não ser, é claro, por ter duas vezes o tamanho de um mamute, ser quase invisível e ter três cabeças.

Os mortos andavam na direção dele — sem nenhum medo. As filas das placas ATENDENTE EM SERVIÇO se separavam, cada uma para um lado do monstro. Os espíritos de MORTE EXPRESSA caminhavam direto por entre as patas da frente e por baixo da barriga, o que podiam fazer sem sequer se abaixar.

— Estou começando a vê-lo melhor — murmurei. — Por que será?

— Acho... — Annabeth umedeceu os lábios. — Sinto muito, mas acho que é porque estamos mais perto de ser pessoas mortas.

A cabeça do meio do cão se esticou em nossa direção. Ele farejou o ar e rosnou.

— Ele consegue farejar os vivos — falei.

— Mas está tudo bem — disse Grover, trêmulo ao meu lado. — Porque temos um plano.

— Certo — disse Annabeth. Nunca tinha ouvido a voz dela soar tão baixa. — Um plano.

Avançamos na direção do monstro.

A cabeça do meio rosnou para nós, depois latiu tão alto que minhas pupilas chacoalharam.

— Você consegue entender? — perguntei a Grover.

— Ah, sim — disse ele. — Eu consigo entender.

— O que ele está dizendo?

— Não acredito que os seres humanos possuam um palavrão tão grande assim.

Peguei um pedaço de madeira que tinha na mochila — um pé de cama que eu tinha arrancado de um modelo em exposição de Crosta, a Safári Deluxe. Segurei-o no alto e tentei canalizar pensamentos caninos felizes para o Cérbero — comerciais de ração, cães engraçadinhos, postes. Tentei sorrir, como se não estivesse prestes a morrer.

— Ei, garotão — gritei. — Aposto que eles não brincam muito com você aqui.

"*GRRRRRRRRRAU*!"

— Bom menino — falei, fraquejando.

Acenei o bastão. A cabeça do meio do cão acompanhou o movimento. As outras duas fixaram os olhos em mim, ignorando completamente os espíritos. Eu tinha toda a atenção de Cérbero. Não sabia muito bem se isso era bom.

— Vá buscar! — atirei o bastão para as sombras, um lançamento perfeito. Ouvi o *tibum!* no rio Estige.

Cérbero me olhou, feroz, nada impressionado. Os olhos eram cheios de ódio e frios.

Fim do plano.

O monstro agora produzia um novo tipo de rosnado, mais profundo nas suas três gargantas.

— Ahn — disse Grover. — Percy?

— Sim?

— Apenas achei que você gostaria de saber.

— Sim?

— Cérbero... Ele está dizendo que temos dez segundos para rezar para o deus que escolhermos. Depois disso... bem... ele está com fome.

— Espere! — disse Annabeth. Ela começou a revirar sua mochila.

Epa, pensei.

— Cinco segundos — disse Grover. — Corremos agora?

Annabeth surgiu com uma bola de borracha vermelha do tamanho de uma grapefruit. A etiqueta dizia PARQUE AQUÁTICO AQUALÂNDIA — DENVER, COLORADO. Antes que eu pudesse impedi-la, ergueu a bola e marchou na direção de Cérbero.

Ela gritou:

— Está vendo a bola? Quer a bola, Cérbero? Senta!

Cérbero parecia tão perplexo quanto nós.

As três cabeças se inclinaram de lado. Seis narinas se dilataram.

— Senta! — gritou Annabeth outra vez.

Eu tinha certeza de que a qualquer momento ela se transformaria no maior biscoito para cachorro do mundo.

Em vez disso, porém, Cérbero lambeu seus três pares de lábios, sacudiu o traseiro e sentou, esmagando imediatamente uma dúzia de espíritos que passavam por baixo dele na fila MORTE EXPRESSA. Os espíritos produziram um chiado abafado ao se dissipar, como ar escapando de pneus.

— Bom menino! — disse Annabeth.

E atirou a bola para Cérbero.

Ele a agarrou com a boca do meio. A bola mal tinha tamanho suficiente para ele morder, e as outras cabeças começaram a avançar na do meio, tentando pegar o novo brinquedo.

— Solta! — ordenou Annabeth.

As cabeças de Cérbero pararam de brigar e olharam para ela. A bola estava presa entre dois dos seus dentes como um pedacinho de chiclete. Ele soltou um lamento alto e assustador, depois largou a bola, gosmenta e quase rasgada no meio, aos pés de Annabeth.

— Bom menino. — Annabeth pegou a bola, ignorando a baba de monstro.

Ela se virou para nós.

— Vão, agora. Fila da MORTE EXPRESSA... essa anda mais rápido.

— Mas... — argumentei.

— Agora! — ordenou ela, no mesmo tom que estava usando com o cão.

Grover e eu avançamos devagarzinho, cautelosos.

Cérbero começou a rosnar.

— Fica! — ordenou Annabeth ao monstro. — Se quer a bola, fica!

Cérbero ganiu, mas ficou onde estava.

— E você? — perguntei a Annabeth quando passamos por ela.

— Sei o que estou fazendo, Percy — murmurou ela. — Pelo menos, tenho quase certeza...

Grover e eu seguimos por entre as pernas do monstro.

Por favor, Annabeth, eu rezei. Não o mande sentar de novo.

Conseguimos passar. Cérbero não era menos assustador visto de trás.

— Bom cachorro! — disse Annabeth.

Ela ergueu a bola vermelha esfrangalhada e, provavelmente, chegou à mesma conclusão que eu — se recompensasse Cérbero, não restaria nada para mais um truque.

Assim mesmo, ela jogou a bola. A boca esquerda do monstro a agarrou imediatamente, só para ser atacada pela cabeça do meio enquanto a cabeça da direita gemia em protesto.

Enquanto o monstro estava distraído, Annabeth marchou energicamente por

baixo da barriga dele e juntou-se a nós perto do detector de metais.

— Como fez aquilo? — perguntei, admirado.

— Aula de adestramento — disse ela sem fôlego, e fiquei surpreso ao ver que havia lágrimas em seus olhos. — Quando eu era pequena, na casa do meu pai, nós tínhamos um dobermann...

— Não tem importância — disse Grover puxando minha camisa. — Vamos!

Estávamos a ponto de disparar pela fila de MORTE EXPRESSA quando Cérbero gemeu de dar dó, com todas as três bocas. Annabeth parou.

Cérbero arfava ansioso, a pequenina bola vermelha despedaçada em uma lagoa de baba a seus pés.

— Bom menino — disse Annabeth, mas sua voz pareceu melancólica e insegura.

As cabeças do monstro se inclinaram, como se ele estivesse preocupado com ela.

— Logo vou trazer uma bola nova para você — prometeu Annabeth, insegura. — Você quer?

O monstro choramingou. Eu não precisava falar língua de cachorro para saber que Cérbero ainda estava esperando a bola.

— Bom cachorro. Venho logo visitar você. Eu... eu prometo. — Annabeth virou-se para nós. — Vamos.

Grover e eu passamos pelo detector de metais, que imediatamente soou e disparou a piscar luzes vermelhas.

“Pertences não autorizados! Mágica detectada!”

Cérbero começou a latir.

Nós nos lançamos pelo portão MORTE EXPRESSA, o que disparou ainda mais alarmes, e corremos para dentro do Mundo Inferior.

Alguns minutos depois, estávamos nos escondendo, sem fôlego, no tronco apodrecido de uma imensa árvore negra, enquanto os espíritos da segurança passavam correndo, berrando pela ajuda das Fúrias.

Grover murmurou:

— Bem, Percy, o que aprendemos hoje?

— Que cães de três cabeças preferem bolas de borracha a pedaços de pau?

— Não — disse Grover. — Aprendemos que seus planos são muito, muito ruins!

Eu não tinha essa certeza. Talvez fosse o caso de eu e Annabeth termos tido a ideia certa. Mesmo ali, no Mundo Inferior, todo mundo — até mesmo os monstros — precisa de um pouco de atenção de vez em quando.

Pensei nisso enquanto esperávamos que os *ghouls* passassem. Fingi que não vi Annabeth enxugar uma lágrima ao ouvir o lamento triste de Cérbero a distância,

sentindo falta da nova amiga.

# DEZENOVE

De certa forma, descobrimos a verdade

Imagine a maior aglomeração de gente que você já viu em um show, um campo de futebol lotado com um milhão de fãs.

Agora imagine um campo um milhão de vezes maior do que esse, lotado, e imagine que a energia elétrica falhou e não há barulho, não há luz, nem aquelas bolas gigantes quicando por cima da multidão. Algo de trágico aconteceu nos bastidores. Uma massa sussurrante de gente fica simplesmente vagueando nas sombras sem direção, esperando um show que nunca vai começar.

Se é capaz de imaginar isso, tem uma boa ideia de como são os Campos de Asfódelos. A grama preta tinha sido pisoteada por eras de pés mortos. Um vento morno e úmido soprava como o hálito de um pântano. Árvores negras — Grover me disse que eram choupos — cresciam em grupos aqui e ali.

O teto da caverna era tão alto acima de nós que poderia passar por uma massa de nuvens de tempestade, a não ser pelas estalactites, que brilhavam em um cinza pálido e pareciam malvadamente pontudas. Tentei não imaginar que poderiam cair sobre nós a qualquer momento, mas havia várias delas salpicadas ao redor, que caíram e empalaram a si mesmas na grama preta. Acho que os mortos não precisavam se preocupar com pequenos riscos como ser espetados por estalactites do tamanho de foguetes.

Annabeth, Grover e eu tentamos nos misturar com a multidão, permanecendo de olho nos *ghouls* da segurança. Não pude deixar de procurar rostos familiares entre os espíritos de Asfódelos, mas é difícil olhar para os mortos. Seus rostos tremulam. Todos parecem ligeiramente zangados ou confusos. Eles até nos veem e falam, mas a voz soa como trepidações, como o chiado de morcegos. Depois que eles percebem que você não consegue entendê-los, fecham a cara e se afastam.

Os mortos não são assustadores. São apenas tristes.

Arrastamo-nos, seguindo a fila de recém-chegados que serpenteava desde os portões principais em direção a uma grande tenda negra com uma faixa que

dizia:

JULGAMENTOS PARA O ELÍSIO E PARA A DANAÇÃO ETERNA
Bem-vindos, Recém-Falecidos!

Do fundo da tenda saíam duas filas muito menores.

À esquerda, espíritos flanqueados por espíritos malignos de segurança marchavam por um caminho pedregoso rumo aos Campos de Punição, que incandesciam e fumegavam a distância, uma vastidão desértica e rachada com rios de lava e campos minados, e quilômetros de arame farpado separando as diferentes áreas de tortura. Mesmo de longe, pude ver pessoas sendo perseguidas por cães infernais, queimadas na fogueira, forçadas a correr nuas por plantações de cactos ou ouvir música de ópera. Pude apenas distinguir uma colina minúscula com o vulto do tamanho de uma formiga de Sísifo lutando para empurrar sua pedra até o topo. E vi também torturas piores — coisas que nem quero descrever.

A fila que vinha do lado direito do pavilhão dos julgamentos era muito melhor. Dava num pequeno vale cercado de muros — uma comunidade com portões, que parecia ser a única parte feliz do Mundo Inferior. Além do portão de segurança havia belas casas de todos os períodos da história, vilas romanas, castelos medievais e mansões vitorianas. Flores de prata e ouro floresciam nos campos. A grama ondulava nas cores do arco-íris. Dava para ouvir os risos e sentir o cheiro de churrasco.

Elísio.

No meio daquele vale havia um brilhante lago azul, com três pequenas ilhas como um hotel de lazer nas Bahamas. As Ilhas dos Abençoados, para pessoas que escolheram renascer três vezes, e três vezes conquistaram o Elísio. No mesmo instante eu soube que era para lá que queria ir quando morresse.

— É isso mesmo — disse Annabeth como se estivesse lendo meus pensamentos. — Este é o lugar para os heróis.

Mas percebi como havia poucas pessoas no Elísio, como era minúsculo em comparação com os Campos de Asfódelos ou até os Campos da Punição. Portanto, poucas pessoas se davam bem em suas vidas. Era deprimente.

Deixamos o pavilhão dos julgamentos e nos aprofundamos mais nos Campos de Asfódelos. Ficou mais escuro. As cores se esvaíram das nossas roupas. As multidões de espíritos tagarelas começaram a rarear.

Depois de alguns quilômetros de caminhada, passamos a ouvir guinchos familiares a distância. Agigantando-se longe estava um palácio de obsidiana negra, brilhante. Acima dos baluartes rodopiavam três criaturas escuras

semelhantes a morcegos: as Fúrias. Tive a sensação de que nos aguardavam.

— Talvez seja tarde demais para voltar atrás — disse Grover com tristeza.

— Vai dar tudo certo. — Tentei parecer confiante.

— Talvez devêssemos procurar em alguns dos outros lugares primeiro — sugeriu Grover. — Como o Elísio, por exemplo...

— Venha, menino-bode. — Annabeth agarrou-lhe o braço.

Grover ganiu. Seus tênis criaram asas e as pernas saltaram para a frente, puxando-o para longe de Annabeth. Ele aterrissou de costas na grama.

— Grover — ralhou Annabeth. — Pare de embromar.

— Mas eu não...

Ele ganiu de novo. Os tênis estavam agora batendo as asas como loucos. Levitaram do chão e começaram a arrastá-lo para longe de nós.

— *Maia!* — gritou ele, mas a palavra mágica parecia não fazer mais efeito. — *Maia*, agora mesmo! Um-nove-zero! Socorro!

Eu me refiz da perplexidade e tentei agarrar a mão de Grover, mas era tarde demais. Ele estava ganhando velocidade, escorregando colina abaixo como um trenó.

Corremos atrás dele.

Annabeth gritou:

— Desamarre os tênis!

Foi uma ideia esperta, mas acho que isso não é tão fácil quando os seus sapatos o estão arrastando para a frente a toda a velocidade. Grover tentou sentar, mas não conseguiu alcançar os cadarços.

Continuamos correndo atrás dele, tentando mantê-lo à vista enquanto disparava por entre as pernas dos espíritos que matraqueavam para ele, aborrecidos.

Eu tinha certeza de que Grover iria passar direto dos portões do palácio de Hades, mas de repente os tênis desviaram para a direita e o arrastaram na direção oposta.

A ladeira ficou mais íngreme. Grover ganhou velocidade. Annabeth e eu tivemos de correr a toda para acompanhá-lo. As paredes da caverna se estreitaram dos dois lados, e me dei conta de que estávamos entrando em algum tipo de túnel lateral. Não havia mais grama preta nem árvores, apenas pedras sob os pés, e a luz pálida das estalactites acima.

— Grover! — gritei, minha voz reverberando. — Segure em alguma coisa!

— O quê? — gritou ele de volta.

Estava agarrando os pedregulhos, mas não havia nada grande o bastante para reduzir sua velocidade.

O túnel ficou mais escuro e frio. Os pelos dos meus braços se arrepiaram. O

cheiro ali embaixo era nauseabundo. Me fez pensar em coisas que eu nem devia saber — sangue derramado sobre um antigo altar de pedra, o hálito fétido de um assassino.

Então vi o que estava à nossa frente e, de repente, estanquei.

O túnel se alargava para uma enorme caverna escura, e no meio havia um abismo do tamanho de um quarteirão da cidade.

Grover estava escorregando direto para a borda.

— Venha, Percy! — gritou Annabeth, puxando-me pelo pulso.

— Mas aquilo...

— Eu sei! — gritou ela. — O lugar que você descreveu, de seu sonho! Mas Grover vai cair se não o pegarmos. — Ela estava certa, é claro. O apuro de Grover fez com que me mexesse de novo.

Ele estava gritando, arranhando o chão, mas os tênis alados continuavam a arrastá-lo em direção ao poço, e não parecia possível chegar até ele a tempo.

O que o salvou foram seus cascos.

Os tênis voadores sempre ficaram folgados nele, e quando Grover chocou-se com uma grande pedra, seu tênis esquerdo saiu voando e disparou para as trevas, abismo abaixo. O tênis direito continuou a puxá-lo, mas não tão depressa. Grover conseguiu reduzir a velocidade agarrando-se à grande pedra e usando-a como âncora.

Estava a três metros da borda do abismo quando nós o pegamos e o puxamos de volta ladeira acima. O outro tênis alado se desprendeu, circulou em volta de nós furiosamente e chutou nossas cabeças em protesto antes de voar para dentro do abismo a fim de juntar-se a seu par.

Todos desabamos exaustos sobre os pedregulhos de obsidiana. Meus membros pareciam feitos de chumbo. Até minha mochila parecia mais pesada, como se alguém a tivesse enchido de pedras.

Grover estava muito arranhado. Suas mãos sangravam. As pupilas dos olhos se transformaram em fendas, no estilo dos bodes, como sempre acontecia quando ele estava aterrorizado.

— Eu não sei como... — arquejou ele. — Eu não...

— Espere — falei. — Escute.

Eu tinha ouvido algo. Um sussurro profundo na escuridão.

Mais alguns segundos, e Annabeth disse:

— Percy, este lugar...

— Psiu. — Fiquei em pé.

O som estava ficando mais alto, uma voz murmurante, malévola, vinda de longe, muito longe abaixo de nós. Vinda do abismo.

Grover sentou-se.

— O... o que é esse ruído?

Agora Annabeth também ouvira. Pude ver em seus olhos.

— Tártaro. A entrada para o Tártaro.

Destampei Anaklusmos.

A espada de bronze se expandiu, brilhando no escuro, e a voz maligna pareceu vacilar, só por um momento, antes de retomar seu canto.

Eu agora quase conseguia distinguir palavras, palavras muito, muito antigas, ainda mais antigas que o grego. Como se...

— Mágica — falei.

— Temos de dar o fora daqui — disse Annabeth.

Juntos, arrastamos Grover pelos cascos e começamos a voltar pelo túnel. Minhas pernas não se moviam depressa o bastante. Minha mochila pesava. A voz ficou mais alta e irada atrás de nós, e desandamos a correr.

Bem na hora.

Uma rajada fria de vento nos aspirou pelas costas, como se o abismo inteiro estivesse inalando. Por um momento aterrorizante eu perdi o controle, e meus pés começaram a escorregar nos pedregulhos. Se estivéssemos mais perto da borda, teríamos sido sugados para dentro.

Continuamos fazendo força para a frente e finalmente chegamos ao topo do túnel, onde a caverna se abria para os Campos de Asfódelos. O vento parou. Um lamento de indignação ecoou no fundo. Alguma coisa não estava feliz por termos escapado.

— O que *era* aquilo? — ofegou Grover quando desabamos na relativa segurança de um bosque de choupos negros. — Um dos bichinhos de estimação de Hades?

Annabeth e eu nos entreolhamos. Eu podia ver que ela acalentava uma ideia, provavelmente a mesma que tivera durante a viagem de táxi a Los Angeles, mas estava apavorada demais para dividi-la comigo. Isso já era o bastante para me aterrorizar.

Pus a tampa na minha espada, pus a caneta de volta no bolso.

— Vamos andando. — Olhei para Grover. — Consegue andar?

Ele engoliu em seco.

— Sim, com certeza. Nunca gostei muito daqueles tênis mesmo.

Ele tentou parecer valente, mas estava tremendo tanto quanto Annabeth e eu. O que quer que estivesse naquele abismo, não era bichinho de estimação de ninguém. Era indizivelmente velho e poderoso. Nem mesmo Equidna me dera aquela sensação. Fiquei quase aliviado de dar as costas para aquele túnel e me dirigir para o palácio de Hades.

Quase.

As Fúrias rodeavam os baluartes, lá no alto, nas trevas. As muralhas externas da fortaleza brilhavam em negro e os portões de bronze com dois andares de altura estavam escancarados.

De perto, vi que as gravações nos portões eram cenas de morte. Algumas de tempos modernos — uma bomba atômica explodindo sobre uma cidade, uma trincheira cheia de soldados usando máscaras de gás, uma fila de africanos vítimas da fome aguardando com tigelas vazias —, mas todas pareciam ter sido gravadas no bronze havia milhares de anos. Fiquei pensando se estava olhando para profecias que se tornaram realidade.

Dentro do pátio havia o jardim mais estranho que já vi. Cogumelos multicoloridos, arbustos venenosos e plantas luminosas fantasmagóricas cresciam sem a luz do sol. Gemas preciosas supriam a falta de flores, pilhas de rubis grandes como meu punho, aglomerados de diamantes brutos. Aqui e ali, como convidados de uma festa que foram congelados, havia estátuas de jardim da Medusa — crianças, sátiros e centauros petrificados —, todos sorrindo grotescamente.

No centro do jardim havia um pomar de romãzeiras, suas flores alaranjadas brilhando como neon no escuro.

— O jardim de Perséfone — disse Annabeth. — Continue andando.

Entendi por que ela quis seguir andando. O cheiro ácido daquelas romãs era quase irresistível. Tive um súbito desejo de comê-las, mas então me lembrei da história de Perséfone. Uma mordida de um alimento do Mundo Inferior e nunca mais poderíamos sair. Puxei Grover para longe, para impedi-lo de colher uma delas, grande e suculenta.

Subimos os degraus do palácio, entre colunas negras, passando por um pórtico de mármore negro, para dentro da casa de Hades. O vestíbulo tinha um piso de bronze polido que parecia ferver à luz refletida das tochas. Não havia teto, apenas o teto da caverna muito acima. Acho que eles nunca precisaram se preocupar com chuva aqui embaixo.

Todas as portas laterais eram guardadas por um esqueleto com trajes militares. Alguns usavam armaduras gregas, outros, uniformes ingleses de casacas vermelhas, e havia ainda os que vestiam roupas camufladas com bandeiras americanas esfarrapadas nos ombros. Carregavam lanças, mosquetes ou fuzis. Nenhum deles nos incomodou, mas suas órbitas ocas nos seguiram enquanto andávamos pelo vestíbulo em direção ao grande conjunto de portas no extremo oposto.

Dois esqueletos de fuzileiros navais americanos guardavam as portas. Eles sorriram para nós, com lançadores de granadas atravessados no peito.

— Sabem de uma coisa — murmurou Grover —, aposto que Hades não tem

problemas com vendedores de porta em porta.

Minha mochila agora pesava uma tonelada. Eu não conseguia imaginar por quê. Quis abri-la, verificar se por acaso havia recolhido alguma bola de boliche perdida, mas aquele não era o momento.

— Bem, gente — disse. — Acho que devemos... bater?

Um vento quente soprou pelo corredor e as portas se abriram. Os guardas deram um passo para o lado.

— Acho que isso significa *entrez-vous* — disse Annabeth.

Lá dentro a sala era exatamente como em meu sonho, só que dessa vez o trono de Hades estava ocupado.

Era o terceiro deus que eu conhecia, mas o primeiro que realmente me impressionava como deus.

Para início de conversa, ele tinha pelo menos três metros de altura, e usava mantos de seda preta e uma coroa de ouro trançado. Sua pele era branca como a de um albino, o cabelo comprido até os ombros era preto-azeviche. Não era corpulento como Ares, mas irradiava força. Reclinava-se em seu trono de ossos humanos fundidos parecendo flexível, elegante e perigoso como uma pantera.

No mesmo instante tive a sensação de que ele deveria dar as ordens. Sabia mais do que eu. Devia ser meu mestre. Então disse a mim mesmo para dar o fora.

A aura de Hades estava me afetando, assim como acontecera com a de Ares. O Senhor dos Mortos lembrava retratos que eu tinha visto de Adolf Hitler, ou Napoleão, ou dos líderes terroristas que controlam os homens-bomba. Hades tinha o mesmo olhar intenso, o mesmo tipo de carisma hipnotizador e maligno.

— Você é corajoso de vir até aqui, Filho de Poseidon — disse ele com uma voz untuosa. — Depois do que me fez, você é muito valente, sem dúvida. Ou talvez seja simplesmente muito tolo.

Um entorpecimento se insinuou nas minhas juntas, tentando-me a deitar e tirar uma pequena soneca aos pés de Hades. Queria me enroscar ali e dormir para sempre.

Lutei contra a sensação e dei um passo à frente. Sabia o que tinha de dizer.

— Senhor e tio, trago dois pedidos.

Hades ergueu uma sobrancelha. Quando ele chegou mais para a frente em seu trono, rostos sombrios apareceram nas dobras de suas vestes negras, rostos atormentados, como se o traje fosse feito de almas dos Campos da Punição pegas ao tentarem escapar, costuradas umas às outras. Minha porção “transtorno do déficit de atenção” se perguntou se o resto das roupas dele era feito do mesmo modo. Que coisas horríveis alguém teria de fazer em vida para merecer ser parte da roupa de baixo de Hades?

— Só dois pedidos? — disse Hades. — Criança arrogante. Como se você já não tivesse recebido o bastante. Fale, então. Acho divertido esperar um pouco para fulminar você.

Engoli em seco. Aquilo estava indo mais ou menos tão bem quanto eu temia.

Relanceei para o trono menor, vazio, ao lado do de Hades. Tinha a forma de uma flor negra, decorada em ouro. Desejei que a rainha Perséfone estivesse ali. Lembrei-me de algo nos mitos sobre como ela podia acalmar os humores do marido. Mas era verão. É claro que Perséfone estaria acima no mundo de luz com sua mãe, a deusa da agricultura, Deméter. Suas visitas, e não a inclinação do planeta, criavam as estações.

Annabeth pigarreou. Seu dedo me cutucou nas costas.

— Senhor Hades — disse eu. — Olhe, senhor, não pode haver uma guerra entre os deuses. Isso seria... ruim.

— Realmente ruim — acrescentou Grover, querendo ajudar.

— Devolva o raio-mestre de Zeus para mim — disse eu. — Por favor, senhor, deixe-me levá-lo para o Olimpo.

Os olhos de Hades brilharam perigosamente.

— Você se atreve a continuar com essa farsa, depois de tudo o que fez?

Dei uma olhada para os meus amigos atrás de mim. Pareciam tão confusos quanto eu.

— Ahn... tio — falei. — Você fica dizendo “depois de tudo o que você fez”. O que foi, exatamente, que eu fiz?

A sala do trono tremeu com tanta força que, provavelmente, o impacto foi sentido lá em cima, em Los Angeles. Fragmentos de rocha caíram do teto da caverna. Portas se abriram violentamente em todas as paredes, e guerreiros esqueléticos marcharam para dentro, centenas deles, de todas as épocas e nações da civilização ocidental. Enfileiraram-se nos quatro cantos da sala, bloqueando as saídas.

Hades urrou:

— Você acha que eu *quero* a guerra, filhote de deus?

Tive vontade de dizer, *Bem, esses caras não se parecem muito com ativistas pela paz*. Mas achei que poderia ser uma resposta perigosa.

— Você é o Senhor dos Mortos — falei com cautela. — Uma guerra iria expandir seu reino, certo?

— É bem característico dos meus irmãos dizerem uma coisa dessas! Acha que preciso de mais súditos? Não está vendo a grandeza dos Campos de Asfódelos?

— Bem...

— Você tem ideia de quanto meu reino inchou só neste último século, quantas subdivisões tive de criar? — Abri a boca para responder, mas Hades agora estava

embalado.

— Mais espíritos de segurança — queixou-se. — Problemas de trânsito no pavilhão de julgamentos. Horas extras em dobro para o pessoal. Eu era um deus rico, Percy Jackson. Controlo todos os metais preciosos embaixo da terra. Mas as minhas despesas!

— Caronte quer um aumento de salário — despejei, acabando de me lembrar do fato. Assim que falei, pensei que perdera uma ótima chance de ficar calado.

— Não me fale de Caronte! — gritou Hades. — Ele está impossível desde que descobriu os ternos italianos! Problemas em toda parte, e eu tenho de lidar com todos eles pessoalmente. O tempo de viagem entre o palácio e os portões já é suficiente para me deixar insano! E os mortos continuam chegando. *Não*, filhote de deus, eu não preciso de ajuda para arranjar súditos! Não pedi essa guerra.

— Mas você pegou o raio-mestre de Zeus.

— Mentiras! — Mais estrondos. Hades ergueu-se do trono, ficando da altura de uma trave de futebol. — Seu pai pode enganar Zeus, menino, mas eu não sou tão estúpido. Enxergo o plano dele.

— O plano dele?

— *Você* foi o ladrão no solstício de inverno — disse ele. — Seu pai pensou em mantê-lo como seu pequeno segredo. Ele o mandou para a sala do trono no Olimpo. Você pegou o raio-mestre *e* meu elmo. Se eu não tivesse enviado minha Fúria para descobri-lo na Academia Yancy, Poseidon talvez tivesse conseguido esconder o plano para desencadear uma guerra. Mas agora você foi forçado a aparecer. Será exposto como o ladrão de Poseidon, e eu terei meu elmo de volta!

— Mas... — falou Annabeth. Pude perceber que a cabeça dela estava a um milhão de quilômetros por hora. — Senhor Hades, seu elmo das trevas também desapareceu?

— Não banque a inocente comigo, menina. Você e o sátiro estiveram ajudando este herói, que veio aqui me ameaçar sem dúvida em nome de Poseidon, a me trazer um ultimato. Poseidon acha que posso ser chantageado para apoiá-lo?

— Não! — falei. — Poseidon não... eu não...

— Não falei nada do desaparecimento do elmo — rosnou Hades — porque não tenho ilusões de que alguém no Olimpo me faça justiça, que me dê alguma ajuda. Não posso permitir que vaze a notícia de que minha arma mais poderosa está desaparecida. Portanto procurei por você eu mesmo, e quando ficou claro que você vinha a mim para fazer sua ameaça, não tentei detê-lo.

— Você não tentou nos deter? Mas...

— Devolva meu elmo agora, ou vou interromper a morte — ameaçou Hades. — Esta é a minha contraproposta. Abrirei a terra e mandarei os mortos se

despejarem de volta em seu mundo. Transformarei suas terras em um pesadelo. E você, Percy Jackson... o *seu* esqueleto liderará o meu exército para fora do Hades.

Todos os soldados esqueléticos deram um passo à frente, com as armas de prontidão.

A essa altura, eu deveria ter ficado aterrorizado. O estranho foi que eu me senti ofendido. Nada me deixa mais zangado do que ser acusado de algo que não fiz. Já tivera uma porção de experiências com isso.

— Você é tão mau quanto Zeus — disse eu. — Acha que roubei você? É por isso que mandou as Fúrias atrás de mim?

— É claro — disse Hades.

— E os outros monstros?

Hades franziu o lábio.

— Não tive nada a ver com eles. Eu não queria uma morte rápida para você; queria você diante de mim, vivo, para enfrentar todas as torturas dos Campos da Punição. Por que acha que o deixei entrar no meu reino tão facilmente?

— *Facilmente?*

— Devolva o que me pertence!

— Mas eu não tenho o seu elmo. Vim buscar o raio-mestre.

— Que você já possui! — bradou Hades. — Você veio aqui com ele, pequeno idiota, achando que poderia me ameaçar!

— Não é verdade!

— Então abra a sua mochila.

Um pensamento horrível me assaltou. O peso da minha mochila, como uma bola de boliche... Não podia ser...

Tirei a mochila dos ombros e abri o zíper. Dentro havia um cilindro de metal de sessenta centímetros de comprimento, com uma ponta de cada lado, zumbindo de energia.

— Percy — disse Annabeth. — Como...

— Eu... eu não sei. Não entendo.

— Vocês, heróis, são sempre iguais — disse Hades. — Seu orgulho os torna tolos, achando que podem trazer uma arma assim diante de mim. Eu não pedi o raio de Zeus, mas já que ele está aqui, você o entregará a mim. Tenho certeza de que será um excelente instrumento de barganha. E agora... o meu elmo. Onde está?

Eu estava sem fala. Não tinha elmo nenhum. Não tinha ideia de como o raio-mestre fora parar na minha mochila. Quis pensar que Hades estava armando algum tipo de truque. Hades era o vilão. Mas de repente o mundo virara de lado. Percebi que havia sido usado. Alguém fizera Zeus, Poseidon e Hades quererem a

caveira um do outro. O raio-mestre estava na minha mochila, e eu recebera a mochila de...

— Senhor Hades, espere — disse eu. — Isso tudo é um engano.

— Um engano? — rugiu Hades.

Os esqueletos apontaram as armas. Lá no alto houve um bater de asas coriáceas, e as três Fúrias voaram para baixo para empoleirar-se nas costas do trono do seu senhor. A que tinha as feições da sra. Dodds arreganhou um sorriso ávido para mim e estalou o seu chicote.

— Não há engano nenhum — disse Hades. — Sei por que você veio, e sei a razão *real* por que trouxe o raio. Você veio negociar por *ela*.

Hades soltou uma bola de fogo dourado da palma de sua mão. Ela explodiu nos degraus diante de mim, e lá estava a minha mãe, congelada em uma chuva de ouro, exatamente como no momento em que o Minotauro começou a apertá-la até a morte.

Não pude falar. Estendi a mão para tocá-la, mas a luz era quente como uma fogueira.

— Sim — disse Hades com satisfação. — Eu a tomei. Eu sabia, Percy Jackson, que você por fim viria barganhar comigo. Devolva o meu elmo, e talvez eu a deixe ir. Ela não está morta, você sabe. Ainda não. Mas, se você me desagradar, isso irá mudar.

Pensei nas pérolas no meu bolso. Talvez elas pudessem me safar daquilo. Se ao menos eu conseguisse libertar a minha mãe...

— Ah, as pérolas — disse Hades, e meu sangue gelou. — Sim, meu irmão e os seus truquezinhos. Apresente-as, Percy Jackson.

Minha mão se moveu contra a vontade e eu apresentei as pérolas.

— Apenas três — disse Hades. — Que pena. Você sabe que cada qual protege uma só pessoa. Tente levar a sua mãe, então, filhotinho de deus. E qual dos seus amigos você deixará para trás, para passar a eternidade comigo? Vá em frente. Escolha. Ou me dê a mochila e aceite as minhas condições.

Olhei para Annabeth e Grover. Suas expressões eram soturnas.

— Fomos enganados — disselhes. — Pegos numa armadilha.

— Sim, mas por quê? — perguntou Annabeth. — E a voz no abismo...

— Ainda não sei — disse eu. — Mas pretendo perguntar.

— Decida, menino! — gritou Hades.

— Percy. — Grover pôs a mão no meu ombro. — Você não pode lhe entregar o raio.

— Eu sei disso.

— Deixe-me aqui — disse ele. — Use a terceira pérola para a sua mãe.

— Não!

— Eu sou um sátiro — disse Grover. — Nós não temos almas como os seres humanos. Ele pode me torturar até a morte, mas não ficará comigo para sempre. Eu reencarnarei em uma flor, ou alguma outra coisa. É o melhor jeito.

— Não. — Annabeth sacou a sua faca de bronze. — Vocês dois continuam. Grover, você tem de proteger Percy. Você tem de conseguir a sua licença de buscador e começar a sua missão por Pã. Tire a mãe dele daqui. Eu darei cobertura a vocês. Planejo cair lutando.

— Nem pensar — disse Grover. — Eu vou ficar para trás.

— Pense de novo, menino-bode — disse Annabeth.

— Parem, vocês dois! — Era como se o meu coração estivesse sendo rasgado ao meio. Ambos passaram por tanta coisa comigo. Lembrei-me de Grover bombardeando a medusa no jardim de estátuas, e de Annabeth nos salvando de Cérbero; nós sobrevivemos ao Parque Aquático de Hefesto, ao Arco de St. Louis, ao Cassino Lótus. Passei milhares de quilômetros preocupado porque seria traído por um amigo, mas aqueles amigos jamais fariam isso. Eles não fizeram nada a não ser me salvar, vezes e vezes seguidas, e agora queriam sacrificar suas vidas pela minha mãe.

— Eu sei o que fazer — disse eu. — Segurem isto.

Entreguei uma pérola a cada um deles.

Annabeth disse:

— Mas, Percy...

Virei-me e encarei minha mãe. Queria desesperadamente me sacrificar e usar a última pérola para ela, mas sabia o que ela iria dizer. Ela jamais permitiria isso. Eu tinha de levar o raio de volta para o Olimpo e contar a verdade a Zeus. Tinha de impedir a guerra. Ela jamais me perdoaria se eu a salvasse em vez disso. Pensei na profecia feita na Colina Meio-Sangue, que parecia ter sido um milhão de anos atrás. *No fim você não conseguirá salvar aquilo que mais importa*.

— Desculpe — disse a ela. — Eu voltarei. Vou encontrar um jeito.

A expressão presunçosa na cara de Hades se apagou. Ele disse:

— Filhote de deus...?

— Vou encontrar o seu elmo, tio — disse a ele. — Vou devolvê-lo. Lembre-se do aumento de salário de Caronte.

— Não me desafie...

— E não faria mal brincar com Cérbero de vez em quando. Ele gosta de bolas de borracha vermelhas.

— Percy Jackson, você não vai...

Eu gritei:

— Agora!

Esmagamos as pérolas aos nossos pés. Por um momento apavorante, nada

aconteceu.

Hades gritou:

— Destruam-nos!

O exército de esqueletos avançou, espadas desembainhadas, fuzis engatilhados no modo totalmente automático. As Fúrias mergulharam, os chicotes explodindo em chamas.

Exatamente quando os esqueletos abriram fogo, os fragmentos de pérola aos meus pés explodiram em luz verde e em uma rajada de ar fresco do mar. Eu fui encapsulado em uma esfera branca leitosa, que começava a flutuar para fora do chão.

Annabeth e Grover estavam bem atrás de mim. Lanças e balas centelharam inofensivamente nas bolhas de pérola enquanto flutuávamos para cima. Hades gritou com tamanha raiva que a fortaleza inteira se sacudiu e eu soube que aquela não seria uma noite tranquila em Los Angeles.

— Olhem para cima! — gritou Grover. — Vamos bater!

Sem dúvida, estávamos indo direto para as estalactites, as quais imaginei que iriam estourar as nossas bolhas e nos espetar.

— Como se controla essa coisa? — gritou Annabeth.

— Acho que não se controla! — gritei de volta.

Gritamos quando as bolhas colidiram com o teto e... Escuridão.

Será que estávamos mortos?

Não, eu ainda tinha a sensação de velocidade. Estávamos indo para cima, através da rocha sólida, tão facilmente quanto uma bolha de ar na água. Aquele era o poder das pérolas, eu me dei conta — *o que pertence ao mar sempre retornará ao mar*.

Por alguns momentos, não vi nada além das paredes macias da minha esfera, então minha pérola irrompeu no fundo do oceano. As outras duas esferas leitosas, Annabeth e Grover, me acompanharam enquanto disparávamos para cima através da água. E... *pimba!*

Explodimos na superfície, no meio da baía de Santa Monica, jogando um surfista para fora da sua prancha com um indignado “Ei, cara!”.

Agarrei Grover e o arrastei até uma boia salva-vidas. Peguei Annabeth e a arrastei também. Um tubarão curioso dava voltas em torno de nós, um grande tubarão branco com cerca de três metros e meio de comprimento.

Eu disse:

— Cai fora!

O tubarão se virou e fugiu apressado.

O surfista gritou alguma coisa sobre cogumelos estragados e se afastou de nós patinhando o mais rápido que podia.

De algum modo, eu sabia que horas eram: início da manhã, 21 de junho, o dia do solstício de verão.

A distância, Los Angeles estava em chamas, nuvens de fumaça subindo de bairros por toda a cidade. Tinha havido um terremoto, sem dúvida, e a culpa era de Hades. Provavelmente estava mandando um exército de mortos atrás de mim naquele instante.

Mas, naquele momento, o Mundo Inferior não era o meu maior problema.

Eu tinha de chegar até a praia. Tinha de levar o raio de Zeus de volta para o Olimpo. Mais que tudo, eu precisava ter uma conversa séria com o deus que me enganara.

# VINTE

A luta contra o meu parente imbecil

Um barco da Guarda Costeira nos recolheu, mas eles estavam ocupados demais para ficar conosco por muito tempo, ou para querer saber por que três crianças com roupas casuais foram parar no meio da baía. Havia um desastre para cuidar. Seus rádios estavam entupidos de chamados de emergência.

Eles nos largaram no píer Santa Monica com toalhas em volta dos ombros e garrafas d'água que diziam EU SOU UM GUARDA-COSTEIRO MIRIM! e saíram às pressas para salvar mais gente.

Nossas roupas estavam encharcadas, inclusive as minhas. Quando o barco da Guarda Costeira apareceu, eu implorei baixinho que eles não me tirassem da água e me achassem perfeitamente seco, o que teria feito algumas sobrancelhas se erguerem. Então desejei ficar encharcado. Sem dúvida, minha mágica à prova d'água me abandonara. Eu também estava descalço, porque entregara meus sapatos a Grover. Era melhor a Guarda Costeira se perguntar por que um de nós estava descalço do que se perguntar por que um de nós tinha cascos.

Depois de chegar a terra firme, saímos cambaleando pela praia, vendo a cidade queimar contra um lindo pôr do sol. Era como se tivesse acabado de retornar do mundo dos mortos — o que era verdade. Minha mochila estava pesada, com o raio-mestre de Zeus. Meu coração estava ainda mais pesado por ter visto minha mãe.

— Eu não acredito — disse Annabeth. — A gente passou por tudo aquilo e...

— Foi um truque — disse eu. — Uma estratégia digna de Atena.

— Ei — avisou.

— Você entendeu, não é?

Ela baixou os olhos, a raiva murchou.

— Sim. Entendi.

— Bem, eu não entendi! — reclamou Grover. — Será que alguém poderia...

— Percy... — disse Annabeth. — Eu sinto muito pela sua mãe. Sinto tanto...

Fiz que não estava ouvindo. Se eu falasse sobre a minha mãe, ia começar a

chorar como uma criancinha.

— A profecia estava certa — disse eu. — “*Você deve ir para o oeste, e enfrentar o deus que se tornou desleal*.” Mas não era Hades. Hades não queria guerra entre os Três Grandes. Algum outro executou o roubo. Alguém roubou o raio-mestre de Zeus, e o elmo de Hades, e tramou contra mim porque sou filho de Poseidon. Poseidon será culpado por ambos os lados. Ao pôr do sol de hoje, haverá uma guerra tríplice. E eu a terei causado.

Grover sacudiu a cabeça, desconcertado.

— Mas quem seria tão fingido? Quem iria querer uma guerra tão ruim?

Parei bruscamente, olhando para a praia.

— Puxa, deixem-me pensar.

Ali estava ele, aguardando por nós, em seu casaco preto de couro, e óculos escuros, um bastão de beisebol de alumínio ao ombro. A motocicleta roncava ao seu lado, o farol deixando a areia vermelha.

— Ei, garoto — disse Ares, parecendo genuinamente contente em me ver. — Você devia estar morto.

— Você me enganou — disse eu. — *Você* roubou o elmo e o raio-mestre.

Ares arreganhou um sorriso.

— Bem, mas eu não os roubei pessoalmente. Deuses tirando símbolos de poder uns dos outros, nã-nã-nã, isso é inaceitável. Mas você não é o único herói do mundo que pode dar recados.

— Quem você usou? Clarisse? Ela estava lá no solstício de inverno.

A ideia pareceu diverti-lo.

— Não importa. A questão, garoto, é que você está impedindo o esforço de guerra. Entenda, você precisa morrer no Mundo Inferior. Então o Velho Alga do Mar vai ficar furioso com Hades por matá-lo. O Hálito de Cadáver ficará com o raio-mestre de Zeus, e assim Zeus ficará furioso com *ele*. E Hades ainda está procurando por isto...

Ele tirou do bolso um capuz de esqui — do tipo que os ladrões de banco usam — e o colocou no meio do guidão da sua moto. Imediatamente, o capuz se transformou em um elaborado capacete de guerra em bronze.

— O elmo das trevas — arfou Grover.

— Exatamente — disse Ares. — Mas onde é mesmo que eu estava? Ah, sim, Hades ficará furioso com ambos, Zeus e Poseidon, porque ele não sabe quem pegou isto. Logo logo teremos uma bela pancadariazinha tríplice em andamento.

— Mas eles são a sua família! — protestou Annabeth.

Ares encolheu os ombros.

— O melhor tipo de guerra. Sempre a mais sangrenta. Nada como ficar olhando seus parentes lutarem, eu sempre digo.

— Você me deu a mochila em Denver — disse eu. — O raio-mestre estava lá o tempo todo.

— Sim e não — disse Ares. — Provavelmente é complicado demais para o seu pequeno cérebro mortal acompanhar, mas a mochila é a bainha do raio-mestre, apenas um pouco adaptada. O raio está conectado a ela, tipo aquela sua espada, garoto. Ela sempre volta para o seu bolso, certo?

Não estava bem certo de como Ares sabia disso, mas acho que um deus da guerra precisa tratar de conhecer tudo sobre armas.

— De qualquer modo — continuou Ares —, eu modifiquei a mágica um pouquinho, para que o raio só retornasse à bainha depois de você chegar ao Mundo Inferior. Chegou perto de Hades... Bingo! Você recebeu um e-mail. Se você morresse no caminho, não haveria perda. Eu ainda teria a arma.

— Mas por que você simplesmente não ficou com o raio para você? — disse eu. — Por que mandá-lo para Hades?

O queixo de Ares crispou-se. Por um momento, foi quase como se ele estivesse ouvindo uma outra voz, bem no fundo da cabeça.

— Por que eu não... sim... com esse tipo de poder de fogo...

Ele manteve o transe por um segundo... dois segundos...

Troquei olhares nervosos com Annabeth.

A cara de Ares clareou.

— Porque eu não queria ter problemas. Melhor você ser pego em flagrante, segurando a coisa.

— Você está mentindo — disse eu. — Mandar o raio para o Mundo Inferior não foi ideia sua, foi?

— É claro que foi! — Fumaça escapou por baixo dos seus óculos escuros, como se eles estivessem a ponto de pegar fogo.

— Você não ordenou o roubo — adivinhei. — Alguém mais enviou um herói para roubar os dois itens. Então, quando Zeus mandou você caçá-lo, você pegou o ladrão. Mas você não o entregou a Zeus. Alguma coisa o convenceu a deixá-lo ir. Você guardou os itens até que outro herói pudesse vir e completar a entrega. Aquela coisa no abismo está dando ordens a você.

— Eu sou o deus da guerra! Não aceito ordens de ninguém! Eu não tenho sonhos!

Eu hesitei.

— Quem foi que disse alguma coisa sobre sonhos?

Ares pareceu agitado, mas tentou encobrir isso com um sorriso forçado.

— Vamos voltar ao problema em pauta, garoto. Você está vivo. Eu não posso deixar que leve aquele raio para o Olimpo. Pode ser que consiga convencer aqueles idiotas cabeças-duras a ouvi-lo. Portanto preciso matá-lo. Não é nada

pessoal.

Ele estalou os dedos. A areia explodiu aos seus pés e surgiu um javali feroz investindo, ainda maior e mais feio que aquele cuja cabeça estava pendurada acima da porta do chalé 7 do Acampamento Meio-Sangue. A besta escarvou a areia, olhando furiosamente para mim com olhos pequenos e brilhantes enquanto abaixava as presas afiadas como navalhas e aguardava a ordem para matar.

Eu entrei na arrebentação.

— Enfrente-me você mesmo, Ares.

Ele riu, mas ouvi um pouco de tensão na sua risada... um certo constrangimento.

— Você só tem um talento, garoto, que é fugir. Você fugiu da Quimera. Você fugiu do Mundo Inferior. Não tem coragem para me enfrentar.

— Com medo?

— Só nos seus sonhos de adolescente. — Mas seus óculos escuros estavam começando a derreter com o calor dos olhos. — Nada de envolvimento direto. Sinto muito, garoto. Você não está no meu nível.

Annabeth disse:

— Percy, corra!

O javali gigante atacou.

Mas eu já estava cansado de correr de monstros. Ou de Hades, ou de Ares, ou de qualquer um.

Quando o javali investiu contra mim, eu destampei minha caneta e dei um passo para o lado. Contracorrente apareceu nas minhas mãos. Dei um golpe para cima. A presa direita decepada do javali caiu aos meus pés, enquanto o animal desorientado investia contra o mar.

Eu gritei:

— Onda!

Imediatamente uma onda surgiu do nada e engolfou o javali, enrolando-se nele como um cobertor. A besta guinchou uma vez, aterrorizada. E então se foi, engolida pelo mar.

Voltei-me novamente para Ares.

— Você vai lutar comigo agora? — perguntei. — Ou vai se esconder de novo atrás de um porquinho de estimação?

A cara de Ares estava roxa de raiva.

— Tome cuidado, garoto. Eu poderia transformá-lo em...

— Uma barata — disse eu. — Ou uma lombriga. Sim, eu tenho certeza. Isso o salvaria de ter o seu divino couro chicoteado, não é mesmo?

Chamas dançaram por cima dos seus óculos.

— Ah, você realmente está pedindo para ser esmagado até virar uma poça de

gordura.

— Se eu perder, me transforme no que quiser. Fique com o raio. Se eu vencer, o elmo e o raio são meus, e *você* tem de ir embora.

Ares me olhou com uma expressão de escárnio.

Ele brandiu o bastão de beisebol que trazia ao ombro.

— Como gostaria de ser esmagado: modo clássico ou moderno?

Eu lhe mostrei a minha espada.

— Legal, menino morto — disse ele. — Modo clássico então. — O bastão de beisebol transformou-se em uma enorme espada de duas mãos. A guarda era uma grande caveira de prata com um rubi na boca.

— Percy — disse Annabeth. — Não faça isso. Ele é um deus.

— Ele é um covarde — disse eu para ela.

Ela engoliu em seco.

— Use isto pelo menos. Para dar sorte.

Ela tirou o seu colar, com cinco anos de contas do acampamento e o anel do pai dela, e colocou em volta do meu pescoço.

— Reconciliação — disse ela. — Atena e Poseidon juntos.

Meu rosto ficou um pouco quente, mas consegui sorrir.

— Obrigado.

— E pegue isto — disse Grover. Ele me entregou uma lata achatada que parecia estar no seu bolso há mil quilômetros. — Os sátiros lhe dão respaldo.

— Grover... eu não sei o que dizer.

Ele me deu uma palmadinha no ombro. Enfiei a lata no meu bolso de trás.

— Vocês já se despediram? — Ares veio em minha direção, o comprido casaco de couro preto se arrastando atrás dele, a espada faiscando como fogo ao nascer do sol. — Eu venho lutando há uma eternidade, garoto. Minha força é ilimitada e eu não posso morrer. O que você tem?

Um ego menor, pensei, mas não disse nada. Mantive os pés na arrebentação, recuando na água até os tornozelos. Pensei no que Annabeth havia dito no restaurante de Denver, tanto tempo atrás: *Ares tem força. É tudo o que ele tem. Mesmo a força às vezes tem de se curvar à sabedoria*.

Ele desceu a espada, tentando rachar ao meio a minha cabeça, mas eu não estava lá.

Meu corpo pensava por mim. A água pareceu me empurrar para o ar e eu me lancei para cima dele, golpeando para o lado com a espada ao descer. Mas Ares foi igualmente rápido. Torceu o corpo e o golpe que deveria tê-lo pego diretamente na espinha foi desviado para fora pela guarda da sua espada.

Ele sorriu.

— Nada mau, nada mau.

Ele atacou de novo e fui forçado a pular para a terra seca. Tentei sair de lado, para voltar à água, mas Ares parecia saber o que eu queria. Ele foi mais habilidoso, me pressionando tanto que tive de me concentrar totalmente em não ser cortado em pedaços. Continuei recuando para longe da arrebentação. Não conseguia achar nenhuma abertura para atacar. O alcance da espada dele era bem maior que o de Anaklusmos.

*Chegue perto*, Luke me dissera uma vez, em nossa aula de esgrima. *Quando a sua lâmina é a mais curta, chegue perto*.

Avancei com uma estocada, mas Ares estava esperando por isso. Ele arrancou a espada das minhas mãos e me chutou no peito. Eu saí voando — cinco, talvez dez metros. Teria quebrado as costas se não tivesse desabado sobre a areia fofa de uma duna.

— Percy! — gritou Annabeth. — Polícia!

Estava vendo tudo dobrado. Parecia que o meu peito tinha sido atingido por um aríete, mas consegui me pôr em pé.

Eu não podia desviar os olhos de Ares por medo de que ele me cortasse ao meio, mas com o canto do olho vi as luzes vermelhas piscando na avenida beiramar. Portas de carros batiam.

— Ali, guarda! — gritou alguém. — Está vendo?

Uma voz brusca de policial:

— Parece aquele garoto da tevê... que diabo...

— Aquele cara está armado — disse outro policial. — Peça reforços.

Rolei para o lado e a lâmina de Ares cortou a areia.

Corri para a minha espada, peguei-a e desferi um golpe contra o rosto de Ares, apenas para ver a minha lâmina desviada de novo.

Ares parecia saber exatamente o que eu ia fazer um momento antes.

Recuei para a arrebentação, forçando-o a me seguir.

— Admita, garoto — disse Ares. — Você está perdido. Estou só brincando com você.

Meus sentidos estavam fazendo hora extra. Agora eu entendia o que Annabeth dissera sobre como o transtorno do déficit de atenção pode manter você vivo na batalha. Eu estava totalmente desperto, notando cada pequeno detalhe.

Eu podia ver onde Ares estava se retesando. Podia dizer de que lado ele ia atacar. Ao mesmo tempo, tinha consciência de Annabeth e Grover, dez metros à minha esquerda. Vi uma segunda viatura parando, a sirene uivando. Espectadores, pessoas que perambulavam pelas ruas por causa do terremoto, começavam a se juntar. No meio da multidão, pensei ver alguns andando com aquele estranho passo de trote de sátiros disfarçados. Havia também vultos rebrilhantes de espíritos, como se os mortos tivessem se erguido do Hades para

assistir à batalha. Ouvi o bater de asas coriáceas circulando em algum lugar acima.

Mais sirenes.

Avancei mais para dentro da água, mas Ares foi rápido. A ponta da sua espada rasgou a manga da minha roupa e roçou o meu antebraço.

A voz de um policial no megafone disse:

— Larguem as espingardas! Coloquem na areia. Agora!

Espingardas?

Olhei para a arma de Ares, e ela parecia estar tremeluzindo; às vezes parecia uma espingarda, às vezes uma espada de duas mãos. Eu não sabia o que os seres humanos estavam vendo nas minhas mãos, mas tinha certeza de que não os faria gostar de mim.

Ares virou-se para olhar ferozmente para os nossos espectadores, o que me deu um momento para respirar. Havia cinco viaturas de polícia agora, e uma fileira de policiais abaixados atrás delas, com pistolas apontadas para nós.

— Este é um assunto particular! — berrou Ares. — Vão embora!

Ele fez um movimento circular com a mão, e uma parede de chamas vermelhas passou através das viaturas. Os policiais mal tiveram tempo de mergulhar para se proteger antes de os carros explodirem. A multidão se dispersou aos gritos.

Ares soltou uma gargalhada retumbante.

— Agora, heroizinho. Vamos acrescentar você ao churrasco.

Ele golpeou. Eu desviei da lâmina. Cheguei perto o bastante para atacar, tentei enganá-lo com uma ginga, mas o meu golpe foi rechaçado. As ondas agora estavam me atingindo nas costas. Ares estava mergulhado até as coxas, avançando atrás de mim.

Senti o ritmo do mar, as ondas ficando maiores enquanto a maré avançava, e de repente tive uma ideia. *Ondas pequenas*, pensei. E a água atrás de mim pareceu recuar. Eu estava segurando a maré com a força da minha vontade, mas a tensão se acumulava, como gás carbônico atrás de uma rolha.

Ares avançou, sorrindo confiante. Eu abaixei a minha lâmina, como se estivesse exausto demais para prosseguir. *Aguarde*, eu disse para o mar. A pressão agora estava quase me levantando acima dos pés. Ares ergueu a espada. Eu liberei a maré e pulei, subindo como um rojão em uma onda, passando diretamente por cima de Ares. Uma parede de dois metros de água o atingiu em cheio no rosto, e ele ficou praguejando e cuspindo com a boca cheia de algas. Caí em pé atrás dele, espirrando água, e simulei um ataque em direção à cabeça dele, como já havia feito. Ele se virou a tempo de erguer a espada, mas dessa vez estava desorientado e não previu o truque. Mudei de direção, investi para o lado

e mandei Contracorrente diretamente para baixo na água, enfiando a ponta no calcanhar do deus.

O rugido que se seguiu fez o terremoto do Hades parecer um evento menor. O próprio mar explodiu para longe de Ares, deixando um círculo de areia molhada com quinze metros de diâmetro.

Icor, o sangue dourado dos deuses, jorrou de um talho profundo na bota do deus. A expressão no seu rosto ia além do ódio. Era dor, choque, incredulidade total por ter sido ferido.

Ele veio mancando na minha direção, resmungando antigas pragas gregas.

Alguma coisa o deteve.

Era como se uma nuvem tivesse encoberto o sol, mas pior. A luz foi sumindo. Sons e cores se extinguiram. Uma presença fria e pesada passou sobre a praia, retardando o tempo, diminuindo a temperatura até o congelamento, e fazendo-me sentir que a vida não valia a pena, que lutar era inútil.

As trevas se dissiparam.

Ares parecia aturdido.

As viaturas da polícia ardiam atrás de nós. A multidão de espectadores fugira. Annabeth e Grover estavam plantados na praia, em choque, observando a água se derramar de volta em torno dos pés de Ares, e o seu luminescente icor dourado se diluindo na maré.

Ares abaixou a espada.

— Você fez um inimigo, filhote de deus — disseme ele. — Você selou o seu destino. A cada vez que erguer a sua lâmina em batalha, a cada vez que você esperar sucesso, sentirá a minha maldição. Cuidado, Perseu Jackson. Cuidado.

Seu corpo começou a brilhar.

— Percy! — gritou Annabeth. — Não olhe!

Virei-me enquanto o deus Ares revelava sua verdadeira forma imortal. De algum modo eu sabia que, se olhasse, iria me desintegrar em cinzas.

A luz se extinguiu.

Olhei para trás. Ares se fora. A maré recuou para revelar o elmo de bronze das trevas de Hades. Eu o recolhi e fui andando na direção dos meus amigos.

Mas, antes de chegar lá, ouvi o bater de asas de couro. Três vovós de aparência maligna com chapéus de renda e chicotes flamejantes desceram do céu e pousaram diante de mim.

A Fúria do meio, a que tinha sido a sra. Dodds, deu um passo à frente. Seus caninos estavam expostos, mas pela primeira vez não tinha um aspecto ameaçador. Parecia mais desapontada, como se tivesse planejado me comer na ceia, mas percebera que eu poderia lhe dar indigestão.

— Nós vimos tudo — sibilou ela. — Então... realmente não foi você?

Joguei o capacete para ela, e ela o agarrou, surpresa.

— Devolva isto ao Senhor Hades — disse eu. — Conte-lhe a verdade. Diga-lhe para cancelar a guerra.

Ela hesitou, depois passou uma língua bifurcada pelos lábios coriáceos verdes.

— Viva bem, Percy Jackson. Torne-se um verdadeiro herói. Porque, se você não o fizer, se algum dia cair nas minhas garras de novo...

Ela cacarejou, saboreando a ideia. Então ela e as irmãs levantaram voo em suas asas de morcego, pairaram no céu cheio de fumaça e desapareceram.

Juntei-me a Grover e Annabeth, que olhavam para mim assombrados.

— Percy... — disse Grover. — Aquilo foi tão... incrivelmente...

— Aterrorizante — disse Annabeth.

— Legal! — corrigiu Grover.

Eu não me sentia aterrorizado. Certamente não me sentia legal. Estava cansado, doído e sem nenhuma energia.

— Vocês sentiram aquele... o que era aquilo? — perguntei.

Os dois assentiram, constrangidos.

— Devem ser as Fúrias lá no alto — disse Grover.

Mas eu não tinha tanta certeza. Alguma coisa impedira Ares de me matar, e o que quer que pudesse fazer isso era muito mais forte do que as Fúrias.

Olhei para Annabeth, e tivemos a mesma sacação. Agora eu sabia o que estava naquele abismo, o que havia falado da entrada do Tártaro.

Resgatei a minha mochila com Grover e olhei dentro dela. O raio-mestre ainda estava lá. Uma coisa tão pequena quase causara a Terceira Guerra Mundial.

— Temos de voltar a Nova York — disse eu. — Esta noite.

— É impossível — disse Annabeth —, a não ser que nós...

— Fôssemos voando — completei.

Ela arregalou os olhos para mim.

— Voando, tipo num avião, coisa que avisaram você para nunca fazer, para que Zeus não o fulmine para fora do céu, *e ainda por cima* carregando uma arma que tem mais poder destrutivo do que uma bomba nuclear?

— É — disse eu. — Mais ou menos isso. Vamos.

# VINTE E UM

Meu acerto de contas

É gozado como os seres humanos são capazes de enrolar a sua mente em volta das coisas e encaixá-las na sua versão de realidade. Quíron me contara isso muito tempo atrás. Como de costume, eu só dei bola para sua sabedoria muito tempo depois.

De acordo com as notícias de Los Angeles, a explosão na praia de Santa Monica tinha sido causada quando um sequestrador enlouquecido disparou uma espingarda contra uma viatura da polícia. Ele acidentalmente atingiu um tubo principal de gás que se rompera durante o terremoto.

Esse sequestrador enlouquecido (também conhecido como Ares) era o mesmo homem que me abduzira com dois outros adolescentes em Nova York e nos trouxera até o outro lado do país em uma odisseia de terror que durara dez dias.

O pobrezinho do Percy Jackson, afinal, não era um criminoso internacional. Ele causara uma comoção naquele ônibus da Greyhound em New Jersey tentando escapar do seu sequestrador (e depois, testemunhas chegaram a jurar que tinham visto o homem de roupa de couro no ônibus — “Por que não me lembrei dele antes?”). O homem enlouquecido causara a explosão no Arco de St. Louis. Afinal, nenhum garotinho poderia ter feito aquilo. Uma garçonete preocupada de Denver vira o homem ameaçar seus sequestrados do lado de fora do seu restaurante, chamara um amigo para tirar uma foto, e notificara a polícia. Finalmente, o bravo Percy Jackson (eu estava começando a gostar desse menino) subtraíra uma espingarda do seu sequestrador em Los Angeles e lutara contra ele, espingarda contra rifle, na praia. A polícia chegara bem a tempo. Mas, na espetacular explosão, cinco viaturas da polícia foram destruídas e o sequestrador fugira. Não houve mortes. Percy Jackson e seus dois amigos estavam em segurança, sob custódia da polícia.

Os repórteres nos forneceram essa história inteira. Nós apenas assentimos e nos fizemos de chorosos e exaustos (o que não foi difícil), e representamos o papel de crianças vitimizadas para as câmeras.

— Tudo o que eu quero — disse eu, contendo as lágrimas —, é ver o meu adorado padrasto de novo. Toda vez que o via na tevê me chamando de punk delinquente, eu sabia... de algum modo... que tudo ia dar certo. E eu sei que ele vai querer recompensar uma por uma todas as pessoas desta linda cidade de Los Angeles com um eletrodoméstico grátis, dos grandes, da sua loja. Aqui está o número do telefone. — A polícia e os repórteres ficaram tão comovidos que passaram o chapéu e levantaram dinheiro para três passagens no próximo avião para Nova York.

Eu sabia que não havia escolha senão voar. Esperava que Zeus me desse algum tempo de lambuja, consideradas as circunstâncias. Mas ainda assim foi difícil me forçar a embarcar no voo.

A decolagem foi um pesadelo. Cada momento de turbulência era mais assustador que um monstro grego. Eu não larguei dos braços da poltrona até pousarmos em segurança no aeroporto de La Guardia. A imprensa local aguardava por nós do lado de fora da segurança, mas conseguimos escapar graças a Annabeth, que os atraiu para longe com o seu boné dos Yankees invisível, gritando: — Eles estão lá, perto da sorveteria! Venham! — e depois se juntou a nós na área de retirada de bagagem.

Separamo-nos no ponto de táxi. Eu disse a Annabeth e Grover para voltar à Colina Meio-Sangue e contar a Quíron o que acontecera. Eles protestaram, e era difícil deixá-los partir depois de tudo o que passamos juntos, mas eu sabia que tinha de cumprir essa última parte da minha missão sozinho. Se as coisas dessem errado, se os deuses não acreditassem em mim... eu queria que Annabeth e Grover sobrevivessem para contar a verdade a Quíron.

Embarquei em um táxi e segui para Manhattan.

Trinta minutos depois, entrei no saguão do Edifício Empire State.

Devo ter parecido uma criança abandonada, com minhas roupas esfarrapadas e minha cara toda arranhada. Eu não dormia havia pelo menos vinte e quatro horas.

Fui até o guarda na mesa da recepção e disse:

— Seiscentésimo andar.

Ele estava lendo um livro enorme com a figura de um feiticeiro na capa. Eu não curto muito fantasia, mas acho que o livro era bom, porque o guarda levou algum tempo para erguer os olhos.

— Esse andar não existe, garoto.

— Eu preciso de uma audiência com Zeus.

Ele me deu um sorriso vago.

— O quê?

— Você me ouviu.

Eu já estava quase concluindo que aquele cara era apenas um mortal comum, e era melhor eu correr antes que ele chamasse a patrulha da camisa de força, quando ele disse: — Sem hora marcada, nada de audiência, garoto. O Senhor Zeus não atende ninguém sem aviso prévio.

— Ah, eu acho que ele vai abrir uma exceção. — Tirei a mochila das costas e abri o zíper.

O guarda olhou para o cilindro metálico lá dentro sem entender o que era por alguns segundos. Então seu rosto empalideceu.

— Isto não é...

— Sim, é — garanti. — Você quer que eu o tire e...

— Não! Não! — Ele se ergueu atabalhoadamente da sua cadeira, tateou em volta da mesa procurando um cartão-chave, e o entregou para mim. — Insira na fenda de segurança. Certifique-se de que ninguém mais esteja no elevador com você.

Fiz o que ele me disse. Assim que as portas do elevador se fecharam, enfiei o cartão na fenda. O cartão desapareceu e um novo botão apareceu no quadro, um botão vermelho que dizia 600.

Apertei e esperei, e esperei.

Havia música tocando. "*Raindrops keep falling on my head...*"

Finalmente, *plim*. As portas se abriram. Saí e quase tive um ataque do coração.

Eu estava em um estreito caminho de pedra no meio do céu. Abaixo de mim se encontrava Manhattan, como se a visse de um avião. Diante de mim, degraus de mármore branco subiam em espiral pelo meio de uma nuvem até o céu. Meus olhos seguiram a escada até o fim, e então meu cérebro simplesmente não pôde aceitar o que vi.

Olhem outra vez, disse meu cérebro.

Estamos olhando, meus olhos insistiram. Está realmente lá.

Do topo das nuvens se erguia o pico decapitado de uma montanha, o cume coberto de neve. Na encosta da montanha havia dúzias de palácios com vários níveis — uma cidade de mansões —, todos com pórticos de colunas brancas, terraços dourados e braseiros de bronze brilhando com mil fogos. Estradas se enroscavam de um jeito maluco até o pico, onde o maior dos palácios resplandecia contra a neve. Jardins precariamente encarapitados floresciam com oliveiras e roseiras. Pude distinguir um mercado a céu aberto cheio de tendas coloridas, um anfiteatro de pedra construído em um lado da montanha, um hipódromo e um coliseu do outro. Era uma cidade grega antiga, só que não estava em ruínas. Era nova, limpa e colorida, como Atenas deve ter sido há dois

mil e quinhentos anos.

Este palácio não pode estar aqui, disse para mim mesmo. A ponta de uma montanha pendurada em cima da cidade de Nova York como um asteroide de um bilhão de toneladas? Como podia uma coisa assim estar ancorada acima do Edifício Empire State, a plena vista de milhões de pessoas, e não ser notada?

Mas aqui estava. E aqui estava eu.

Minha viagem pelo Olimpo foi deslumbrante. Passei por algumas ninfas das florestas que deram risadinhas e me atiraram azeitonas do seu pomar. No mercado, mascates se ofereceram para vender ambrosia no palito, um escudo novo e uma réplica genuína do Velocino de Ouro em tecido cintilante, conforme anunciado na tevê Hefesto. As nove musas afinavam seus instrumentos para um concerto no parque enquanto uma pequena multidão se reunia — sátiros, náiades e um bando de adolescentes de boa aparência que talvez fossem deuses e deusas menores. Ninguém parecia preocupado com uma guerra civil iminente. De fato, todo mundo parecia estar num estado de ânimo festivo. Vários se voltaram para me ver passar e cochicharam entre si.

Subi pela estrada principal rumo ao grande palácio no pico. Era uma cópia invertida do palácio no Mundo Inferior. Lá, tudo era preto e bronze. Aqui, tudo rebrilhava em branco e prata.

Percebi que Hades deve ter construído o seu palácio para se parecer com este. Ele não era bem-vindo no Olimpo, exceto no solstício de inverno, então construiu seu próprio Olimpo embaixo da terra. A despeito da minha má experiência com ele, senti pena do cara. Ser banido deste palácio parecia realmente injusto. Era de deixar qualquer um amargo.

Degraus levavam a um pátio central. Além dele, a sala do trono.

*Sala* não é exatamente a palavra certa. O lugar fazia a Grande Estação Central parecer um armário de vassouras. Colunas maciças se erguiam até um teto abobadado, que era decorado com constelações que se moviam.

Doze tronos, construídos para seres do tamanho de Hades, estavam arrumados em um U invertido, exatamente como os chalés do Acampamento Meio-Sangue. Uma enorme fogueira crepitava no braseiro central. Os tronos estavam vazios com exceção de dois no fim: o trono principal à direita e um imediatamente à sua esquerda. Ninguém precisou me dizer quem eram os dois deuses que estavam sentados lá, esperando que eu me aproximasse. Cheguei à frente deles com as pernas tremendo.

Os deuses estavam em forma humana gigante, como Hades estivera, mas eu mal podia olhar para eles sem sentir um formigamento, como se o meu corpo estivesse começando a queimar. Zeus, o Senhor dos Deuses, usava um terno risca de giz azul-escuro. Estava sentado em um trono simples de platina maciça.

Tinha uma barba bem-aparada, cinza-mármore e preta, como uma nuvem de tempestade. Seu rosto era orgulhoso, belo e severo, os olhos tinham o tom cinzento da chuva.

Quando me aproximei dele, o ar estralejou e senti cheiro de ozônio.

O deus sentado ao lado dele era seu irmão, sem dúvida, mas estava vestido de modo muito diferente. Lembrou-me um catador de praia de Key West. Usava sandálias de couro, bermudas cáqui e uma camisa marca Tommy Bahama toda estampada de coqueiros e papagaios. Sua pele tinha um bronzeado escuro e as mãos eram marcadas de cicatrizes como as de um velho pescador. O cabelo era preto, como o meu. Seu rosto tinha o mesmo ar taciturno que sempre me fez ser rotulado de rebelde. Mas os olhos, verde-mar como os meus, eram rodeados de rugas que me diziam que ele também sorria muito.

Os deuses não estavam se movendo nem falando, mas havia tensão no ar, como se tivessem acabado de discutir.

Aproximei-me do trono do pescador e me ajoelhei aos seus pés.

— Pai. — Não ousei olhar para cima. Meu coração estava disparado, eu podia sentir a energia que emanava dos dois deuses. Se eu dissesse a coisa errada, não havia dúvida de que eles poderiam me reduzir a pó.

À minha esquerda, Zeus falou:

— Você não deveria se dirigir primeiro ao senhor desta casa, menino?

Mantive a cabeça baixa e esperei.

— Paz, irmão — disse por fim Poseidon. Sua voz mexeu com as minhas lembranças mais antigas: aquela sensação morna de que me lembrava, de quando eu era bebê, a sensação da sua mão de deus sobre a minha testa. — O menino submete-se ao seu pai. Está certo.

— Então você ainda o reclama como seu? — perguntou Zeus, ameaçadoramente. — Você reclama esta criança que procriou contrariando o nosso sagrado juramento?

— Eu admiti a minha transgressão — disse Poseidon. — E agora vou ouvi-lo falar.

Transgressão.

Senti um nó na garganta. Era isso tudo o que eu era? Uma transgressão? O resultado do erro de um deus?

— Eu já o poupei uma vez — resmungou Zeus. — Ousando voar através dos meus domínios... bah! Eu devia tê-lo mandado pelos ares, para fora do céu pelo seu atrevimento.

— E correr o risco de destruir seu próprio raio-mestre? — perguntou Poseidon calmamente. — Vamos ouvi-lo, irmão.

Zeus resmungou mais um pouco.

— Ouvirei — resolveu. — E então decidirei se atirarei ou não este menino para fora do Olimpo.

— Perseu — disse Poseidon. — Olhe para mim.

Fiz isso, e não sei ao certo o que vi no seu rosto. Não havia sinal claro de amor ou aprovação. Nada para me encorajar. Era como olhar para o oceano: em alguns dias, era possível dizer como estava o seu humor. Na maioria dos dias, no entanto, era impossível de ler, misterioso.

Tive a sensação de que Poseidon na verdade não sabia o que pensar de mim. Não sabia se estava feliz por ter-me como filho ou não. De um modo estranho, eu estava contente por Poseidon estar tão distante. Se ele tivesse tentado se desculpar, ou dito que me amava, ou mesmo sorrido, teria parecido falso. Como um pai humano, dando alguma desculpa pouco convincente por não estar presente. Eu poderia viver com isso. Afinal, eu mesmo também não estava muito seguro a respeito dele.

— Dirija-se ao Senhor Zeus, menino — disseme Poseidon. — Conte a ele a sua história.

Então contei tudo a Zeus, exatamente como havia acontecido. Tirei da mochila o cilindro de metal, que começou a fagulhar na presença do deus do céu, e o pus aos seus pés.

Houve um longo silêncio, quebrado apenas pelo crepitar do fogo no braseiro.

Zeus abriu a palma da sua mão. O raio voou para dentro dela. Quando ele fechou o punho, os pontos metálicos fulguraram com eletricidade, até ele ficar segurando o que parecia mais um relâmpago clássico, um dardo de seis metros feito de energia com centelhas chiantes que fez os meus cabelos se eriçarem.

— Sinto que o menino diz a verdade — murmurou Zeus. — Mas não é nada típico de Ares fazer uma coisa assim.

— Ele é orgulhoso e impulsivo — disse Poseidon. — É coisa de família.

— Senhor? — chamei.

Ambos disseram:

— Sim?

— Ares não agiu sozinho. Outra pessoa, ou outra coisa, teve a ideia.

Descrevi os meus sonhos e a sensação que tive na praia, o momentâneo hálito do mal que parecera parar o mundo e fizera Ares desistir de me matar.

— Nos meus sonhos — disse eu —, a voz me disse para levar o raio ao Mundo Inferior. Ares insinuou que também estava tendo sonhos. Acho que ele estava sendo usado, assim como eu, para começar uma guerra.

— Você está acusando Hades, afinal? — perguntou Zeus.

— Não — disse eu. — Quer dizer, Senhor Zeus, eu estive na presença de Hades. A sensação na praia foi diferente. Era a mesma coisa que senti quando

cheguei perto daquele abismo. Aquela era a entrada para o Tártaro, não era? Alguma coisa poderosa e maligna está se agitando lá embaixo... alguma coisa ainda mais antiga que os deuses.

Poseidon e Zeus se entreolharam. Eles tiveram uma rápida e intensa discussão em grego antigo. Só peguei uma palavra. *Pai*.

Poseidon fez algum tipo de sugestão, mas Zeus o cortou. Poseidon tentou discutir. Zeus ergueu a mão, zangado.

— Não vamos mais falar disso — disse Zeus. — Preciso ir pessoalmente purificar este raio nas águas de Lemnos, para remover a mácula humana do seu metal. — Ele se levantou e olhou para mim. Sua expressão se suavizou ligeiramente.

— Você me prestou um serviço, menino. Poucos heróis poderiam ter conseguido tanto.

— Eu tive ajuda, senhor — disse eu. — Grover Underwood e Annabeth Chase...

— Para demonstrar minha gratidão, pouparei sua vida. Não confio em você, Perseu Jackson. Não gosto do que a sua chegada significa para o futuro do Olimpo. Mas, em nome da paz na família, eu o deixarei viver.

— Ahn... obrigado, senhor.

— Não ouse voar de novo. Não me deixe encontrá-lo aqui quando eu voltar. Ou irá provar este raio. E será a sua última sensação.

Um trovão sacudiu o palácio. Com um clarão ofuscante, Zeus se foi.

Eu estava sozinho na sala do trono com meu pai.

— O seu tio — suspirou Poseidon —, sempre teve um talento especial para saídas teatrais. Acho que ele teria se saído bem como o deus do teatro.

Um silêncio constrangedor.

— Senhor — disse eu —, o que havia naquele abismo?

Poseidon olhou atentamente para mim.

— Você não adivinhou?

— Cronos — disse eu. — O rei dos Titãs.

Mesmo na sala do trono do Olimpo, longe do Tártaro, o nome *Cronos* escureceu o ambiente, e fez o fogo no braseiro não parecer mais tão quente nas minhas costas.

Poseidon segurou o seu tridente.

— Na Primeira Guerra Mundial, Percy, Zeus cortou o nosso pai Cronos em mil pedaços, exatamente como Cronos fizera com seu próprio pai, Uranos. Zeus lançou os restos de Cronos no mais escuro abismo do Tártaro. O exército dos Titãs foi dispersado, sua fortaleza na montanha sobre o Etna, destruída, seus monstruosos aliados foram expulsos para os cantos mais distantes da Terra. E,

contudo, Titãs não podem morrer, não mais que nós, deuses. O que resta de Cronos ainda vive de algum modo hediondo, ainda consciente em seu sofrimento eterno, ainda com fome de poder.

— Ele está se curando — disse eu. — Ele vai voltar.

Poseidon sacudiu a cabeça.

— De tempos em tempos, no decorrer das eras, Cronos se agita. Ele entra nos pesadelos dos homens e exala pensamentos malignos. Desperta monstros inquietos das profundezas. Mas sugerir que ele pode erguer-se do abismo é outra coisa.

— É o que ele pretende, pai. É o que ele disse.

Poseidon ficou em silêncio por um bom tempo.

— O Senhor Zeus encerrou a discussão sobre o assunto. Ele não permitirá que se fale de Cronos. Você completou a sua missão, criança. É tudo o que precisa fazer.

— Mas... — eu me interrompi. Discutir não iria adiantar nada. Muito possivelmente, irritaria o único deus que eu tinha do meu lado. — Como... como queira, pai.

Um leve sorriso brincou nos lábios dele.

— A obediência não lhe vem naturalmente, não é?

— Não... senhor.

— Devo ter alguma culpa por isso, imagino. O mar não gosta de ser contido. — Ele se ergueu em toda a sua altura e pegou seu tridente. Então tremeluziu e ficou do tamanho de um homem normal, em pé diante de mim. — Você precisa ir, criança. Mas primeiro saiba que sua mãe retornou.

Olhei para ele, completamente perplexo.

— Minha mãe?

— Você a encontrará em casa. Hades a enviou quando recuperou seu elmo. Até mesmo o Senhor da Morte paga as suas dívidas.

Meu coração disparou. Eu mal podia acreditar.

— Você... você vai...

Eu queria perguntar se Poseidon viria comigo para vê-la, mas então percebi que isso era ridículo. Imaginei-me embarcando com o deus do mar em um táxi e levando-o para o Upper East Side. Se durante todos aqueles anos ele tivesse desejado ver minha mãe, teria visto. E também era preciso pensar que Gabe Cheiroso estava lá.

Os olhos de Poseidon ficaram um pouco tristes.

— Quando você voltar para casa, Percy, precisará fazer uma escolha importante. Irá encontrar um pacote esperando por você no seu quarto.

— Um pacote?

— Você entenderá quando o vir. Ninguém pode escolher o seu caminho, Percy. Você terá de decidir.

Assenti, embora sem saber o que ele queria dizer.

— Sua mãe é uma rainha entre as mulheres — disse Poseidon saudosamente. — Não conheci nenhuma mulher mortal igual a ela em mil anos. Ainda assim... sinto muito por você ter nascido, criança. Eu trouxe para você um destino de herói, e um destino de herói nunca é feliz. Não passa de um destino trágico.

Tentei não me sentir magoado. Ali estava o meu próprio pai, dizendo que sentia muito por eu ter nascido.

— Eu não me importo, pai.

— Ainda não, talvez — disse ele. — Ainda não. Mas foi um erro imperdoável da minha parte.

— Vou deixá-lo, então. — Eu me inclinei, desajeitado. — Não... não vou incomodá-lo de novo.

Eu estava a cinco passos de distância quando ele chamou:

— Perseu.

Eu me virei.

Havia uma luz diferente em seus olhos, um tipo flamejante de orgulho.

— Você se saiu bem, Perseu. Não me entenda mal. O que quer que ainda faça, saiba que você é meu. Você é um verdadeiro filho do deus do mar.

Enquanto eu caminhava de volta pela cidade dos deuses, as conversas se interromperam. As musas pararam seu concerto. Pessoas, sátiros e náiades, todos se voltavam para mim, os rostos plenos de respeito e gratidão, e quando eu passava eles se ajoelhavam, como se eu fosse algum tipo de herói.

Quinze minutos depois, ainda em transe, eu estava de volta às ruas de Manhattan.

Peguei um táxi para o apartamento da minha mãe, toquei a campainha, e lá estava ela — minha linda mãe, cheirando a hortelã e alcaçuz, e o cansaço e a preocupação se evaporaram do seu rosto assim que ela me viu.

— Percy! Oh, graças a Deus! Oh, meu querido.

Ela me apertou até não poder mais. Ficamos no vestíbulo enquanto ela chorava e passava as mãos pelos meus cabelos.

Eu admito — meus olhos também ficaram um pouco nublados. Eu tremia, de tão aliviado que estava por vê-la.

Ela me contou que simplesmente aparecera no apartamento naquela manhã, deixando Gabe meio fora de si de tão apavorado. Não se lembrava de nada desde o Minotauro, e não pôde acreditar quando Gabe lhe disse que eu era um criminoso procurado, viajando pelo país e explodindo monumentos nacionais.

Ficara louca de preocupação o dia inteiro porque não ouvira as notícias. Gabe a forçara a ir trabalhar, dizendo que ela precisava compensar um mês de salário, e era melhor começar.

Engoli a raiva e contei-lhe minha própria história. Tentei fazer que parecesse menos apavorante do que fora, mas não era fácil. Estava justamente chegando à luta com Ares quando a voz de Gabe irrompeu da sala de estar.

— Ei, Sally! Aquele bolo de carne já está pronto ou não?

Ela fechou os olhos.

— Ele não vai ficar muito feliz em vê-lo, Percy. A loja recebeu um milhão de telefonemas de Los Angeles hoje... alguma coisa sobre eletrodomésticos grátis.

— Ah, sim. Quanto a isso...

Ela conseguiu sorrir fracamente.

— Só não o deixe ainda mais zangado, certo? Venha.

No mês em que estive fora, o apartamento se transformara em Gabelândia. Havia lixo no tapete até a altura dos tornozelos. O sofá tinha sido reestofado com latas de cerveja. Meias e roupas de baixo sujas estavam penduradas nos abajures.

Gabe e três dos seus amigos cretinos estavam sentados à mesa jogando pôquer.

Quando Gabe me viu, o charuto caiu da boca. A cara dele ficou mais vermelha que lava.

— Você é muito descarado de vir aqui, seu delinquentezinho. Eu pensei que a polícia...

— Ele não é um fugitivo, afinal — interrompeu minha mãe. — Não é maravilhoso, Gabe?

Gabe olhou alternadamente para nós. Não parecia achar que a minha volta para casa fosse assim tão maravilhosa.

— Já não basta ter de devolver o dinheiro do seu seguro de vida, Sally — rosnou ele. — Me dê o telefone. Vou chamar a polícia.

— Gabe, não!

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você disse *não*? Acha que eu vou ter de aguentar esse delinquente de novo? Ainda posso registrar queixa contra ele por destruir o meu Camaro.

— Mas... — Ele levantou a mão e minha mãe se encolheu.

Pela primeira vez me dei conta de uma coisa. Gabe já tinha batido na minha mãe. Não sei quando, nem quanto. Talvez estivesse acontecendo há anos, quando eu não estava por perto.

Um balão de raiva começou a se expandir no meu peito. Avancei para Gabe, instintivamente tirando minha caneta do bolso.

Ele apenas riu.

— O que foi, bandidinho? Vai escrever em mim? Encoste em mim, e irá para a cadeia para sempre, entendeu?

— Ei, Gabe — seu amigo Eddie interrompeu. — Ele é só uma criança.

Gabe olhou para ele irritado e macaqueou em voz de falsete:

— *Ele é só uma criança!*

Seus outros amigos riram como idiotas.

— Eu vou ser bonzinho com você, delinquente. — Gabe mostrou os dentes manchados de tabaco. — Vou lhe dar cinco minutos para pegar suas coisas e dar o fora. Depois disso, chamo a polícia.

— Gabe! — implorou minha mãe.

— Ele fugiu — disse Gabe a ela. — Que continue foragido.

Eu estava sentindo uma comichão para destampar Contracorrente, mas mesmo que fizesse isso, a lâmina não podia ferir seres humanos. E Gabe, segundo a mais vaga das definições, era um ser humano.

Minha mãe segurou meu braço.

— Por favor, Percy. Venha. Vamos para o seu quarto.

Deixei que ela me puxasse, as mãos ainda tremendo de raiva.

Meu quarto tinha sido completamente abarrotado com o lixo de Gabe. Havia pilhas de baterias velhas de carro, um buquê apodrecido de flores de solidariedade com um cartão de alguém que assistira à sua entrevista com Barbara Walters.

— Gabe está apenas chateado, querido — disse minha mãe. — Vou falar com ele mais tarde. Tenho certeza de que vai dar certo.

— Mamãe, nunca vai dar certo. Não enquanto Gabe estiver aqui.

Ela torceu as mãos nervosamente.

— Eu posso... vou levar você comigo para o trabalho durante o resto do verão. No outono talvez haja algum outro internato...

— Mamãe.

Ela baixou os olhos.

— Estou tentando, Percy. Eu só... só preciso de algum tempo.

Um pacote apareceu em cima da minha cama. Pelo menos, eu poderia jurar que não estava lá um momento antes.

Era uma caixa de papelão surrada mais ou menos do tamanho certo para conter uma bola de basquete. O endereço na etiqueta estava na minha própria

Aos Deuses
Monte Olimpo,
600° andar,
Edifício Empire State
Nova York, NY

Com os melhores votos,
caligrafia: PERCY JACKSON

No topo da caixa, em marcador preto, na caligrafia clara e forte de homem, estava o endereço do nosso apartamento, e as palavras: RETORNAR AO REMETENTE.

De repente entendi o que Poseidon me dissera no Olimpo.

Um pacote. Uma decisão.

*O que quer que ainda faça, saiba que você é meu. Você é um verdadeiro filho do deus do mar*.

Olhei para a minha mãe.

— Mãe, você quer se livrar do Gabe?

— Percy, não é tão simples. Eu...

— Mãe, apenas me diga. Aquele cretino está batendo em você. Você quer que ele se vá ou não?

Ela hesitou, depois assentiu quase imperceptivelmente.

— Sim, Percy. Eu quero. E estou tentando reunir coragem para dizer a ele. Mas você não pode fazer isso por mim. Você não pode resolver os meus problemas.

Eu olhei para a caixa.

Eu *podia* resolver o problema dela. Queria abrir aquele pacote, botá-lo sobre a mesa de pôquer e tirar o que havia dentro. Podia começar o meu próprio jardim de estátuas bem ali na sala de estar.

É o que um herói grego faria nas histórias, pensei. É o que Gabe merece.

Mas a história de um herói sempre termina em tragédia. Poseidon me dissera isso.

Lembrei-me do Mundo Inferior. Pensei no espírito de Gabe à deriva nos Campos de Asfódelos, ou condenado a alguma tortura horrível atrás do arame farpado dos Campos da Punição — sentado em um eterno jogo de pôquer, mergulhado até a cintura em óleo fervente ou ouvindo música de ópera. Será que eu tinha o direito de mandar alguém para lá? Mesmo Gabe?

Um mês atrás, eu não teria hesitado. Agora...

— Eu posso fazer isso — disse à minha mãe. — Uma espiada para o que há dentro desta caixa, e ele nunca mais a incomodará de novo.

Ela deu uma olhada para o pacote e pareceu entender imediatamente.

— Não, Percy — disse ela afastando-se. — Você não pode.

— Poseidon chamou você de rainha — contei-lhe. — Ele disse que não conheceu nenhuma mulher como você em mil anos.

Suas faces coraram.

— Percy...

— Você merece coisa melhor do que isso, mãe. Você devia ir para a faculdade, tirar o seu diploma. Podia escrever o seu romance, conhecer um cara legal, quem sabe, e viver numa bela casa. Você não precisa mais me proteger ficando com Gabe. Deixe que eu me livre dele.

Ela enxugou uma lágrima do rosto.

— Você se parece tanto com o seu pai — disse ela. — Uma vez ele propôs parar a maré por mim. Propôs também construir um palácio no fundo do mar para mim. Achava que podia resolver todos os meus problemas com um aceno de mão.

— O que há de errado nisso?

Seus olhos multicoloridos pareceram investigar dentro de mim.

— Eu acho que você sabe, Percy. Eu acho que você é parecido o bastante comigo para entender. Se é para a minha vida ter algum significado, tenho de vivê-la eu mesma. Não posso deixar que um deus cuide de mim... ou meu filho. Eu preciso... encontrar a coragem sozinha. A sua missão me fez lembrar disso.

Ouvimos o som das fichas de pôquer e pragas, e a ESPN na televisão da sala de estar.

— Vou deixar a caixa — disse eu. — Se ele a ameaçar...

Ela empalideceu, mas assentiu.

— Aonde você vai, Percy?

— Colina Meio-Sangue.

— Passar o verão... ou para sempre?

— Ainda não sei.

Nossos olhos se encontraram, e eu senti que tínhamos um acordo. Veríamos como estariam as coisas no fim do verão.

Ela beijou a minha testa.

— Você será um herói, Percy. O maior de todos.

Passei os olhos pelo quarto pela última vez. Tinha a sensação de que nunca mais o veria de novo. Então fui com minha mãe até a porta da frente.

— Indo embora tão cedo, delinquente? — gritou Gabe atrás de mim. — Já vai tarde!

Senti uma última ponta de dúvida. Como eu podia rejeitar a oportunidade perfeita para me vingar dele? Eu estava indo embora daqui sem salvar a minha mãe.

— Ei, Sally! — berrou ele. — E aquele bolo de carne, heim?

Uma expressão de raiva, dura como aço, brilhou nos olhos da minha mãe, e eu pensei, quem sabe, talvez eu a estivesse deixando em boas mãos afinal. As dela mesma.

— O bolo de carne já está saindo, meu bem — disse ela a Gabe. — Um bolo de carne surpresa.

Olhou para mim e piscou.

A última coisa que vi quando a porta se fechou foi minha mãe olhando para Gabe com jeito de quem imagina que ele daria uma ótima estátua de jardim.

# VINTE E DOIS

A profecia se cumpre

Fomos os primeiros heróis a retornar vivos à Colina Meio-Sangue desde Luke, portanto é claro que todos nos trataram como se tivéssemos ganho algum prêmio de *reality show* na tevê. De acordo com a tradição do acampamento, usamos coroas de louros em um grande banquete preparado em nossa honra, depois lideramos um cortejo até a fogueira, onde queimamos as mortalhas que tinham sido feitas para nós na nossa ausência.

A mortalha de Annabeth era lindíssima — seda cinzenta com corujas bordadas —, e eu disse que era uma pena não poder enterrá-la com ela. Ela me deu um soco e me mandou calar a boca.

Por ser filho de Poseidon, eu não tinha nenhum companheiro de chalé, e assim o chalé de Ares se ofereceu para fazer a minha mortalha. Eles pegaram um lençol velho e pintaram carinhas sorridentes nas bordas, com XX no lugar dos olhos, e a palavra PERDEDOR no meio, em tamanho realmente grande.

Foi divertido queimá-la.

Enquanto o chalé de Apolo liderava a cantoria e passava as guloseimas, fui rodeado pelos meus companheiros do chalé de Hermes, pelos amigos de Annabeth de Atena e pelos colegas sátiros de Grover, que estavam admirando a licença de buscador nova em folha que ele recebera do Conselho dos Anciãos de Casco Fendido. O conselho chamara o desempenho de Grover na missão de "Bravo a ponto de dar indigestão. Chifres e barba acima de tudo o que já vimos no passado."

Os únicos que não estavam com um espírito festivo eram Clarisse e seus companheiros de chalé, cujos olhares venenosos me diziam que jamais me perdoariam por envergonhar o pai deles.

Por mim, tudo bem.

Até mesmo o discurso de boas-vindas de Dioniso foi insuficiente para abafar o meu bom humor.

— Sim, sim, o molequinho não se deixou matar e agora vai ficar ainda mais

presunçoso. Bem, um viva para isso. Entre outros comunicados, *não* haverá corridas de canoas neste sábado...

Mudei-me de volta para o chalé 3, mas ele não parecia mais tão solitário. Tinha os meus amigos para treinar durante o dia. À noite, ficava acordado e ouvia o mar, sabendo que meu pai estava lá fora. Talvez ele ainda não se sentisse muito seguro a meu respeito, talvez ainda não quisesse que eu tivesse nascido, mas estava observando. E, até agora, estava orgulhoso do que eu havia feito.

Quanto à minha mãe, ela teve chance de uma vida nova. A carta dela chegou uma semana depois que voltei ao acampamento. Ela me contou que Gabe partira misteriosamente — desaparecera da face do planeta, de fato. Ela deu queixa do desaparecimento dele à polícia, mas tinha uma sensação engraçada de que jamais o encontrariam.

Mudando completamente de assunto, ela tinha vendido a sua primeira escultura de concreto em tamanho natural, intitulada *O jogador de pôquer*, para um colecionador, através de uma galeria de arte do Soho. Recebera tanto dinheiro pela peça que dera entrada em um novo apartamento e fizera o pagamento do primeiro semestre do seu curso na Universidade de Nova York. A galeria do Soho estava clamando por mais trabalhos dela, que eles chamaram de "um grande passo do neorrealismo do superfeio".

*Mas não se preocupe*, escreveu a minha mãe. *Para mim, chega de escultura. Livrei-me daquela caixa de ferramentas que você deixou para mim. Já é hora de eu voltar a escrever*.

No fim, ela escreveu um P.S.: *Percy, encontrei uma boa escola particular aqui na cidade. Fiz um depósito para reservar um lugar para você, caso queira se matricular no oitavo ano. Você poderá morar em casa. Mas, se quiser ficar o ano inteiro na Colina Meio-Sangue, vou entender.*

Dobrei a carta cuidadosamente e a pus na minha mesa de cabeceira. Todas as noites antes de dormir eu a leio de novo, e tento decidir como responder a ela.

No Quatro de Julho, o acampamento inteiro se reuniu na praia para um espetáculo pirotécnico por conta do chalé 9. Como filhos de Hefesto, não iriam se contentar com explosões comuns em vermelho, branco e azul. Eles ancoraram uma barcaça longe da costa e a carregaram com foguetes do tamanho de mísseis Patriot. De acordo com Annabeth, que já tinha visto o espetáculo antes, as explosões seriam tão bem sequenciadas que pareceriam quadros de animação no céu. O final deveria ser um par de guerreiros espartanos de trinta metros de altura que iriam crepitar para a vida acima do oceano, travar uma batalha e então explodir em um milhão de cores.

Enquanto Annabeth e eu estendíamos toalhas de piquenique, Grover apareceu

para se despedir de nós. Usava os jeans, a camiseta e os tênis de sempre, mas nas últimas semanas começara a parecer mais velho, quase com idade de secundarista. Seu cavanhaque ficara mais espesso. Ganhara peso. Seus chifres haviam crescido pelo menos três centímetros, de modo que agora tinha de usar o seu boné rastafári o tempo todo para passar por ser humano.

— Estou de partida — disse ele. — Vim só dizer... bem, vocês sabem.

Tentei me sentir feliz por ele. Afinal, não era todo dia que um sátiro conseguia permissão para procurar o grande deus Pã. Mas era difícil dizer adeus. Eu só conhecia Grover fazia um ano, e no entanto ele era o meu amigo mais antigo.

Annabeth deu-lhe um abraço. Ela lhe disse para usar sempre os seus pés falsos.

Perguntei-lhe onde iria procurar primeiro.

— Tipo segredo — disse ele, parecendo embaraçado. — Gostaria que vocês pudessem vir comigo, mas seres humanos e Pã...

— A gente entende — disse Annabeth. — Você tem latas suficientes para a viagem?

— Sim.

— E se lembrou das suas flautas de bambu?

— Puxa, Annabeth — resmungou ele. —Você parece uma velha mamãe-cabra.

Mas ele não pareceu aborrecido de verdade.

Ele agarrou sua bengala e jogou uma mochila por cima dos ombros. Parecia um caroneiro desses que se veem nas estradas — nada parecido com o menino baixinho que eu costumava defender dos valentões na Academia Yancy.

— Bem — disse ele —, desejem-me boa sorte.

Ele deu outro abraço em Annabeth. Bateu no meu ombro, e então retornou através das dunas.

Fogos de artifício explodiram acima de nós: Hércules matando o leão da Nemeia, Ártemis perseguindo o javali, George Washington (que, aliás, era um filho de Atena) cruzando o rio Delaware.

— Ei, Grover — chamei.

Ele se voltou à margem do bosque.

— Aonde quer que esteja indo, espero que façam boas *enchiladas*.

Grover sorriu, e se foi; as árvores se fechando em volta dele.

— Nós o veremos de novo — disse Annabeth.

Tentei acreditar nisso. O fato de que nenhum buscador jamais voltara em dois mil anos... bem, decidi não pensar nisso. Grover ia ser o primeiro. Tinha de ser.

Julho se foi.

Eu passava os meus dias bolando novas estratégias para a captura da bandeira e fazendo alianças com os outros chalés para manter o estandarte fora das mãos de Ares. Cheguei até o topo da parede de escalada pela primeira vez sem ser tostado pela lava.

De tempos em tempos, eu passava pela Casa Grande, dava uma olhada nas janelas do sótão e pensava no Oráculo. Tentei convencer a mim mesmo que a sua profecia se completara.

*Você deve ir para o oeste, e enfrentar o deus que se tornou desleal*.

Estive lá, fiz isso — mesmo que no fim o deus traidor fosse Ares, e não Hades.

*Você deve encontrar o que foi roubado e devolver em segurança.*

Confere. Um raio-mestre entregue. Um elmo das trevas de volta na cabeça untuosa de Hades.

*Você será traído por aquele que o chama de amigo*.

Essa linha ainda me incomodava. Ares fingira ser meu amigo e depois me traíra. Devia ser isso que o Oráculo queria dizer...

*E no fim não conseguirá salvar aquilo que mais importa*.

Eu *não* conseguira salvar minha mãe, mas só porque eu a deixara se salvar sozinha, e sabia que era a coisa certa a fazer.

Então por que ainda estava incomodado?

A última noite da sessão de verão chegou depressa demais.

Os campistas fizeram uma última refeição juntos. Queimamos parte do nosso jantar para os deuses. Junto à fogueira, os conselheiros mais velhos entregaram as contas de fim de verão.

Ganhei o meu próprio colar de couro, e quando vi a conta pelo meu primeiro verão, fiquei contente porque a luz da fogueira encobriu o vermelho na minha cara. O desenho era preto como piche, com um tridente verde-mar cintilando no centro.

— A escolha foi unânime — anunciou Luke. — Esta conta comemora o primeiro filho do deus do mar neste acampamento, e a missão que ele assumiu em direção à parte mais escura do Mundo Inferior para impedir uma guerra!

O acampamento inteiro se pôs de pé e aplaudiu. Mesmo o chalé de Ares se sentiu na obrigação de levantar. O chalé de Atenas empurrou Annabeth para a frente para que ela pudesse compartilhar os aplausos.

Acho que nunca na vida me senti ao mesmo tempo tão feliz e tão triste como naquele momento. Finalmente encontrara uma família, gente que se preocupava comigo e achava que eu tinha feito alguma coisa de modo certo. E, pela manhã, a maior parte deles ficaria fora o resto do ano.

Na manhã seguinte encontrei uma carta padronizada na minha mesa de cabeceira.

Soube que devia ter sido preenchida por Dioniso, pois ele insistia teimosamente em errar o meu nome: Caro Peter Johnson ,

> Se você pretende permanecer no Acampamento Meio-Sangue o ano inteiro, precisa informar a Casa Grande até o meio-dia de hoje. Caso não anuncie suas intenções, presumiremos que você vagou o seu chalé ou morreu de uma morte horrível. Harpias da limpeza começarão seu trabalho ao pôr do sol. Elas estarão autorizadas a comer qualquer campista não registrado. Todos os artigos pessoais deixados para trás serão incinerados no poço de lava.
>
> Tenha um bom dia!
>
> Sr. D (Dioniso)
>
> Diretor do Acampamento, Conselho Olimpiano nº 12

Essa é mais uma questão do transtorno do déficit de atenção. Os prazos simplesmente não existem para mim até que não tenha mais jeito. O verão acabara, e eu ainda não havia respondido para a minha mãe, nem para o acampamento, se iria ficar. Agora tinha apenas algumas horas para decidir.

A decisão tinha tudo para ser fácil. Quer dizer, nove meses treinando para herói, ou nove meses sentado numa sala de aula — fala sério!

Mas havia a minha mãe para considerar. Pela primeira vez eu tinha oportunidade de morar com ela por um ano inteiro, sem Gabe. Tinha chance de estar em casa e perambular pela cidade nas horas livres. Lembrei-me do que Annabeth dissera tanto tempo atrás sobre a nossa missão: *O mundo real é onde os monstros estão. É onde a gente aprende se serve para alguma coisa ou não*.

Pensei no destino de Thalia, filha de Zeus. Fiquei pensando quantos monstros me atacariam se eu deixasse a Colina Meio-Sangue. Se eu ficasse em um só lugar durante todo um ano escolar, sem Quíron e meus amigos em volta para me ajudar, será que minha mãe e eu sobreviveríamos até o próximo verão? E isso presumindo que os testes de ortografia e os ensaios de cinco parágrafos não me matassem. Decidi ir até a arena e praticar um pouco de esgrima. Talvez isso me clareasse a cabeça.

A área do acampamento estava deserta na maior parte, tremeluzindo no calor de agosto. Todos os campistas estavam nos seus chalés fazendo as malas, ou correndo de um lado para outro com vassouras e esfregões, preparando-se para a inspeção final. Argos estava ajudando algumas filhas de Afrodite a carregar suas malas e estojos de maquiagem Gucci para o outro lado da colina, onde o ônibus do acampamento estaria esperando para levá-las ao aeroporto.

Não pense em partir ainda, disse para mim mesmo. Apenas treine.

Cheguei à arena dos espadachins e descobri que Luke tivera a mesma ideia. Sua sacola estava jogada na beirada da arena. Ele estava treinando sozinho,

investindo violentamente contra bonecos com uma espada que eu nunca tinha visto antes. Devia ser uma espada toda de aço, pois decepava de um golpe as cabeças dos bonecos e atravessava com estocadas as suas tripas recheadas de palha. Sua camisa laranja de conselheiro pingava de suor. A expressão dele era tão intensa que dava para pensar que sua vida estava realmente em perigo. Eu assisti, fascinado, enquanto ele destripava toda a fileira de bonecos, cortando fora os membros e basicamente os reduzindo a uma pilha de palha e armaduras.

Eram apenas bonecos, mas ainda assim eu não podia deixar de ficar assombrado com a habilidade de Luke. O cara era um guerreiro incrível. Aquilo me fez pensar, novamente, como ele podia ter falhado em sua missão.

Por fim ele me viu e interrompeu-se no meio de um golpe.

— Percy.

— Ahn, desculpe — disse eu, embaraçado. — Eu só...

— Tudo bem — disse ele, abaixando a espada. — Estava só dando uma treinada de último minuto.

— Aqueles bonecos nunca mais vão incomodar ninguém.

Luke encolheu os ombros.

— Nós fazemos novos todo verão.

Agora que a espada não estava mais rodopiando de um lado para outro, pude ver algo de estranho nela. A lâmina era feita com dois tipos de metal diferentes — um fio de bronze, o outro de aço.

Luke reparou que eu estava olhando.

— Ah, isso? Brinquedo novo. Esta é a Mordecostas.

— Mordecostas?

Luke virou a lâmina na luz, e a fez brilhar de um jeito maligno.

— Um lado é de bronze celestial. O outro é de aço temperado. Funciona tanto em mortais como em imortais.

Pensei no que Quíron tinha me dito quando eu comecei a minha missão — que um herói jamais deve ferir mortais a não ser que seja absolutamente necessário.

— Eu não sabia que eles podiam fazer armas como esta.

— *Eles* provavelmente não — concordou Luke. — Esta aqui é única.

Ele me deu um sorrisinho mínimo e então enfiou a espada na bainha.

— Escute. Eu estava indo procurar por você. O que me diz de irmos até a floresta uma última vez, para procurar algo para enfrentar?

Não sei por que hesitei. Devia ter me sentido aliviado por Luke estar sendo tão amigável. Desde que eu voltara da missão ele vinha agindo de modo um pouco distante. Estava com medo de que ele estivesse ressentido com toda a atenção que eu recebera.

— Você acha que é uma boa ideia? — perguntei. — Quero dizer...

— Ora, vamos. — Ele remexeu na sua sacola e tirou de lá uma embalagem de seis Cocas. — Bebidas por minha conta.

Olhei para as Cocas, me perguntando onde diabo as teria conseguido. Não havia refrigerantes mortais comuns na loja do acampamento. Não havia como consegui-los a não ser que a gente falasse com um sátiro, talvez.

Naturalmente, as taças mágicas do jantar se encheriam com qualquer coisa que a gente quisesse, mas não tinham exatamente o mesmo gosto de uma Coca de verdade, saída da lata.

Açúcar e cafeína. Minha força de vontade desmoronou.

— Claro — decidi. — Por que não?

Fomos andando até a floresta e perambulamos sem rumo à procura de algum tipo de monstro para enfrentar, mas estava quente demais. Todos os monstros com um mínimo de bom senso deviam estar fazendo a sesta nas suas cavernas agradáveis e frescas.

Encontramos um lugar à sombra junto ao regato onde eu quebrara a lança de Clarisse durante meu primeiro jogo de captura da bandeira. Sentamo-nos em uma grande pedra, bebemos as nossas Cocas e ficamos olhando para a luz do sol na floresta.

Depois de algum tempo, Luke disse:

— Sente falta de estar em uma missão?

— Com monstros me atacando a cada passo? Fala sério!

Luke ergueu uma sobrancelha.

— Sim, eu sinto falta — admiti. — E você?

Uma sombra passou pelo seu rosto.

Eu estava acostumado a ouvir as meninas dizerem como Luke era bonito, mas naquele momento ele pareceu cansado, zangado e nem um pouco bonito. Seu cabelo loiro estava cinzento à luz do sol. A cicatriz no rosto parecia mais funda que de costume. Parecia estar vendo um velho.

— Vivo na Colina Meio-Sangue o ano inteiro desde que tinha catorze anos — contou-me. — Desde que Thalia... bem, você sabe. Treinei, treinei e treinei. Nunca cheguei a ser um adolescente normal, lá fora no mundo real. Então eles me jogaram numa missão, e quando voltei, foi tipo, “Certo, o passeio acabou. Passe bem”.

Ele amarrotou a sua Coca e a atirou no regato, o que realmente me chocou. Uma das primeiras coisas que a gente aprende no Acampamento Meio-Sangue é: não jogue lixo no chão. Você será repreendido pelas ninfas e náiades. Elas ajustarão as contas. Você cai na cama uma noite e encontra os lençóis cheios de centopeias e lama.

— Para o diabo com as coroas de louros — disse Luke. — Não vou terminar como aqueles troféus empoeirados no sótão da Casa Grande.

— Você está parecendo alguém que vai embora.

Luke me deu um sorriso torto.

— Oh, eu estou indo embora, sem dúvida, Percy. Trouxe você aqui para dizer adeus.

Ele estalou os dedos. Um pequeno fogo queimou um buraco no chão aos meus pés. De lá, saiu se arrastando alguma coisa preta e brilhante, mais ou menos do tamanho da minha mão. Um escorpião.

Comecei a procurar a minha caneta.

— Eu não faria isso — advertiu Luke. Escorpiões das profundezas podem pular até cinco metros. Seu ferrão pode perfurar as suas roupas. Você estaria morto em sessenta segundos.

— Luke, o que...

Então caiu a ficha.

*Você será traído por aquele que o chama de amigo*.

— Você — disse eu.

Ele se levantou calmamente e sacudiu o pó dos seus jeans.

O escorpião não lhe deu atenção. Seus olhos pequenos e brilhantes continuavam fixos em mim, apertando as pinças enquanto se arrastava para cima do meu sapato.

— Eu vi muita coisa lá fora no mundo, Percy — disse Luke. — Você não sentiu... a escuridão se acumulando, os monstros ficando mais fortes? Não percebeu como tudo é inútil? Todos os feitos heroicos... Nós não passamos de peões dos deuses. Eles já deviam ter sido derrubados há milhares de anos, mas persistem, graças a nós, meios-sangues.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo.

— Luke... você está falando dos nossos pais — disse eu.

Ele riu.

— E por isso eu preciso amá-los? A sua preciosa “civilização ocidental” é uma doença, Percy. Ela está matando o mundo. O único meio de detê-la é queimá-la completamente e começar tudo de novo com algo mais honesto.

— Você é tão louco quanto Ares.

Seus olhos flamejaram.

— Ares é um tolo. Ele nunca percebeu quem é o verdadeiro mestre a quem está servindo. Se eu tivesse tempo, Percy, poderia explicar. Mas infelizmente você não vai viver tanto.

O escorpião se arrastou para cima da perna das minhas calças.

Tinha de haver um meio de sair dessa. Eu precisava de tempo para pensar.

— Cronos — disse eu. — É a ele que você serve.

O ar ficou mais frio.

— Você devia ter cuidado com nomes — avisou Luke.

— Cronos fez você roubar o raio-mestre e o elmo. Ele falou com você nos seus sonhos.

O olho de Luke se contraiu.

— Ele falou com você também, Percy. Devia ter ouvido.

— Ele está fazendo uma lavagem cerebral em você, Luke.

— Você está errado. Ele me mostrou que os meus talentos estão sendo desperdiçados. Você sabe qual foi a minha missão dois anos atrás, Percy? Meu pai, Hermes, queria que eu roubasse um pomo de ouro do jardim das Hespérides e o levasse ao Olimpo. Depois de todo o treinamento que fiz, *aquilo* foi o melhor em que ele pôde pensar.

— Essa não é uma missão fácil — disse eu. — Hércules fez isso.

— Exatamente — disse Luke. — Onde está a glória em repetir o que outros já fizeram? Tudo o que os deuses sabem fazer é repetir o passado. Meu coração não estava naquilo. O dragão do jardim me deu isto — ele apontou para a cicatriz —, e quando voltei, tudo o que ganhei foi piedade. Eu queria destruir o Olimpo pedra por pedra naquele momento, mas esperei pelo momento certo. Comecei a sonhar com Cronos. Ele me convenceu a roubar alguma coisa que valesse a pena, algo que nenhum herói jamais tivera a coragem de pegar. Quando fomos naquela excursão do solstício de inverno, enquanto os outros campistas dormiam, entrei furtivamente na sala do trono e peguei o raio-mestre de Zeus bem em cima da cadeira dele. O elmo das trevas de Hades também. Você não tem ideia de como foi fácil. Os olimpianos são tão arrogantes; eles nunca nem sonharam que alguém se atrevesse a roubá-los. A segurança deles é horrível. Eu já estava a meio caminho através de New Jersey antes de ouvir as tempestades troando, e soube que eles tinham descoberto o meu roubo.

O escorpião agora estava parado no meu joelho, me olhando com seus olhos brilhantes. Tentei manter a voz no mesmo nível.

— Então por que não levou os objetos para Cronos?

O sorriso de Luke vacilou.

— Eu... eu fiquei confiante demais. Zeus mandou seus filhos e filhas para encontrar o raio roubado: Ártemis, Apolo, meu pai, Hermes. Mas foi Ares quem me pegou. Eu podia tê-lo vencido, mas não fui bastante cuidadoso. Ele me desarmou, tomou de mim os objetos de poder, ameaçou devolvê-los ao Olimpo e me queimar vivo. Então a voz de Cronos veio a mim e me falou o que dizer. Pus na cabeça de Ares a ideia de uma grande guerra entre os deuses. Disse que tudo o que ele teria de fazer seria esconder os objetos por algum tempo e ficar

assistindo enquanto os outros lutavam. Um brilho perverso surgiu nos olhos de Ares. Eu sabia que ele estava fisgado. Ele me deixou ir, e eu voltei ao Olimpo antes que alguém notasse a minha ausência. — Luke sacou a sua nova espada. Ele correu o polegar pela parte achatada da lâmina, como se estivesse hipnotizado por sua beleza. — Depois, o Senhor dos Titãs... e-ele me castigou com pesadelos. Eu jurei não falhar outra vez. De volta ao Acampamento Meio-Sangue, em meus sonhos, me foi dito que um segundo herói chegaria, um que poderia ser enganado para levar o raio e o elmo o resto do caminho, de Ares até o Tártaro.

— *Você* convocou o cão infernal aquela noite na floresta.

— Tínhamos de fazer Quíron pensar que o acampamento não era seguro para você, e assim ele iria dar início à sua missão. Tínhamos de confirmar seus temores de que Hades estava atrás de você. E funcionou.

— Os tênis voadores estavam amaldiçoados — disse eu. — Eles deveriam me arrastar com a mochila para dentro do Tártaro.

— E teriam, se você os estivesse usando. Mas você os deu ao sátiro, o que não era parte do plano. Grover bagunça tudo o que ele toca. Confundiu até a maldição.

Luke baixou os olhos para o escorpião, que estava agora parado na minha coxa.

— Você devia ter morrido no Tártaro, Percy. Mas não se preocupe. Vou deixá-lo com o meu pequeno amigo para corrigir as coisas.

— Thalia deu a vida dela para salvá-lo — disse eu rangendo os dentes. — E é assim que você retribui?

— Não fale de Thalia! — berrou ele. — Os deuses a *deixaram* morrer! Essa é uma das muitas coisas pelas quais eles pagarão.

— Você está sendo usado, Luke. Você e Ares, os dois. Não dê ouvidos a Cronos.

— *Eu* estou sendo usado? — A voz de Luke ficou estridente. — Olhe para você mesmo. O que o seu pai já fez por você? Cronos se erguerá. Você apenas retardou os seus planos. Ele irá lançar os olimpianos no Tártaro e mandará a humanidade de volta para as cavernas. Todos menos os mais fortes; aqueles que o servem.

— Chame de volta o seu bicho rastejante — disse eu. — Se você é tão forte, lute comigo você mesmo.

Luke sorriu.

— Boa tentativa, Percy. Mas eu não sou Ares. Você não pode me engabelar. Meu senhor está esperando, e ele tem muitas missões para mim.

— Luke...

— Adeus, Percy. Uma nova Idade do Ouro está chegando. Você não será parte dela.

Ele traçou um arco com a espada e desapareceu numa onda de escuridão.

O escorpião deu o bote.

Eu o joguei de lado com a mão e destampei a espada. A coisa pulou em cima de mim e eu a cortei ao meio no ar.

Estava a ponto de me congratular quando olhei para a minha mão. Na palma havia um enorme vergão vermelho, que destilava uma secreção amarela e fumegante. A coisa me pegara, afinal.

Meus ouvidos latejavam. Minha visão ficou embaçada. A água, pensei. Ela já me curara antes.

Cambaleei até o regato e mergulhei a mão, mas nada pareceu acontecer. O veneno era forte demais. Minha visão estava escurecendo. Eu mal conseguia ficar em pé.

*Sessenta segundos*, Luke me dissera.

Eu tinha de voltar ao acampamento. Se desmaiasse aqui, meu corpo seria o jantar de algum monstro. Ninguém jamais saberia o que aconteceu.

Minhas pernas pareciam feitas de chumbo. Minha testa queimava. Fui cambaleando até o acampamento, e as ninfas despertaram de suas árvores.

— Socorro — grasnei. — Por favor...

Duas delas seguraram os meus braços e me puxaram para frente. Lembro-me de chegar até a clareira, de um conselheiro gritando por ajuda, de um centauro tocando uma trombeta de concha.

Então tudo escureceu.

Acordei com um canudinho na boca. Estava bebendo alguma coisa que tinha gosto de biscoitos de flocos de chocolate líquidos. Néctar.

Abri os olhos.

Estava reclinado na cama no quarto de doentes da Casa Grande, a mão direita enfaixada como um pedaço de pau. Argos montava guarda no canto. Annabeth estava sentada ao meu lado, segurando o copo de néctar e enxugando a minha testa com uma toalha.

— Aqui estamos nós outra vez — disse eu.

— Seu idiota — disse Annabeth, e foi como eu percebi que ela estava radiante por me ver consciente. — Você estava verde e ficando cinzento quando o encontramos. Se não fosse o tratamento de Quíron...

— Vamos, vamos — disse a voz de Quíron. — A constituição de Percy merece parte do crédito.

Ele estava sentado perto do pé da minha cama em forma humana, e foi por

isso que eu não o notara antes. Sua parte inferior estava magicamente compactada na cadeira de rodas, e a parte superior usava casaco e gravata. Ele sorriu, mas seu rosto parecia cansado e pálido, como quando passava a noite em claro corrigindo provas de latim.

— Como está se sentindo? — perguntou.

— Como se as minhas entranhas tivessem sido congeladas e depois assadas no micro-ondas.

— Apropriado, considerando que foi veneno de escorpião das profundezas. Agora você tem de me contar, se puder, exatamente o que aconteceu.

Entre goles de néctar, contei-lhes a história.

O quarto ficou em silêncio por um longo tempo.

— Eu não posso acreditar que Luke... — A voz de Annabeth vacilou. Sua expressão ficou zangada e triste. — Sim. Sim, eu *posso* acreditar. Que os deuses o amaldiçoem... Ele nunca mais foi o mesmo depois da sua missão.

— Isso deve ser relatado ao Olimpo — murmurou Quíron. — Irei imediatamente.

— Luke está lá fora agora — disse eu. — Preciso ir atrás dele.

Quíron sacudiu a cabeça.

— Não, Percy. Os deuses...

— Nem mesmo *falam* sobre Cronos — disparei. — Zeus declarou o assunto encerrado!

— Percy, eu sei que é difícil. Mas você não deve correr atrás de vingança. Você não está preparado.

Eu não gostei, mas parte de mim suspeitava que Quíron estava certo. Bastava uma olhada para a minha mão e dava para ver que não haveria lutas de espada tão cedo.

— Quíron... a sua profecia do Oráculo... era sobre Cronos, não era? Eu estava nela? E Annabeth?

Quíron olhou nervosamente para o teto.

— Percy, não cabe a mim...

— Você recebeu ordens de não falar comigo sobre isso, não foi?

Seus olhos eram solidários, mas tristes.

— Você será um grande herói, criança. Darei o melhor de mim para prepará-lo. Mas se estou certo quanto ao caminho à sua frente... — O trovão ribombou acima, chacoalhando as janelas. — Está certo! — gritou Quíron. — Perfeito! — Ele suspirou com frustração. — Os deuses têm suas razões, Percy. Saber demais sobre o próprio futuro nunca é uma boa coisa.

— Não podemos simplesmente ficar sentados sem fazer nada — disse eu.

— Nós não vamos ficar sentados — prometeu Quíron. — Mas *você* precisa ter

cuidado. Cronos quer que você seja destruído. Ele quer a sua vida interrompida, os seus pensamentos obscurecidos por medo e raiva. Não dê a ele o que ele quer. Treine pacientemente. O seu momento chegará.

— Presumindo que eu esteja vivo até lá.

Quíron pousou a mão no meu tornozelo.

— Você terá de confiar em mim, Percy. Você viverá. Mas primeiro precisa decidir seu caminho para o próximo ano. Não posso dizer a você qual é a escolha certa... — Tive a impressão de que ele tinha uma opinião muito bem definida, e estava usando toda a sua força de vontade para não me aconselhar. — Mas você precisa decidir se vai ficar no Acampamento Meio-Sangue o ano inteiro, ou se vai voltar ao mundo mortal para o oitavo ano e ser um campista de verão. Pense nisso. Quando eu voltar do Olimpo, você terá de me contar a sua decisão.

Eu quis protestar. Quis lhe fazer mais perguntas. Mas sua expressão me disse que não haveria mais discussão; ele já dissera tudo o que podia.

— Estarei de volta assim que puder — prometeu Quíron. — Argos o protegerá.

Ele lançou um olhar para Annabeth.

— Ah, e minha querida... quando estiver pronta, eles estão aqui.

— Quem está aqui? — perguntei.

Ninguém respondeu.

Quíron rodou para fora do quarto. Ouvi o som metálico abafado das rodas da sua cadeira descendo cautelosamente os degraus da frente, dois de cada vez.

Annabeth estudou o gelo na minha bebida.

— O que está errado? — perguntei a ela.

— Nada. — Ela pôs o copo sobre a mesa. — Eu... apenas aceitei o seu conselho sobre algo. Você... ahn... precisa de alguma coisa?

— Sim. Ajude-me a levantar. Quero ir para fora.

— Percy, não é uma boa ideia.

Arrastei as pernas para fora da cama. Annabeth me agarrou antes que eu desabasse no chão. Uma onda de náusea me acometeu.

Annabeth disse:

— Eu falei...

— Estou ótimo — insisti. Eu não queria ficar deitado na cama como um inválido enquanto Luke estava lá fora planejando destruir o mundo ocidental.

Consegui dar um passo para a frente. Depois outro, ainda me apoiando pesadamente em Annabeth. Argos nos seguiu para fora, mas manteve distância.

Quando chegamos à varanda, meu rosto estava molhado de suor. Meu estômago se contorcia em nós. Mas eu conseguira ir até a cerca.

Estava anoitecendo. O acampamento parecia completamente deserto. Os

chalés estavam escuros e a quadra de vôlei, silenciosa. Nenhuma canoa cortava a superfície do lago. Além dos bosques e dos campos de morangos, o estreito de Long Island brilhava com os últimos raios do sol.

— O que você vai fazer? — perguntou-me Annabeth.

— Eu não sei.

Disse a ela que tinha a sensação de que Quíron queria que eu ficasse o ano inteiro, para ter mais tempo de treinamento individual, mas eu não tinha certeza de que era isso o que queria. Porém admiti que me sentia mal por deixá-la sozinha, com Clarisse por companhia...

Annabeth apertou os lábios e então disse baixinho:

— Eu vou passar o ano em casa, Percy.

Eu olhei para ela.

— Você quer dizer, com o seu pai?

Ela apontou para o cume da Colina Meio-Sangue. Junto ao pinheiro de Thalia, bem no limite das fronteiras mágicas do acampamento, havia uma família em silhueta — duas crianças pequenas, uma mulher e um homem alto de cabelos loiros. Pareciam estar aguardando. O homem segurava uma mochila parecida com a que Annabeth pegara no Parque Aquático em Denver.

— Eu escrevi uma carta para ele quando voltamos — disse Annabeth. — Como você sugeriu. Eu disse a ele... que sentia muito. Que iria para casa passar o ano escolar se ele ainda me quisesse. Ele respondeu na mesma hora. Nós decidimos... que íamos tentar de novo.

— Foi preciso coragem para isso.

Ela apertou os lábios.

— Você não vai tentar nada de estúpido durante o ano escolar, vai? Pelo menos... não sem me mandar uma mensagem de Íris?

Consegui sorrir.

— Não vou procurar encrenca. Normalmente eu não preciso.

— Quando eu voltar no próximo verão — disse ela —, vamos caçar Luke. Vou pedir uma missão, mas se não tivermos aprovação, vamos sair escondidos e fazer isso do mesmo jeito. De acordo?

— Parece um plano digno de Atena.

Ela estendeu a mão. Eu a apertei.

— Cuide-se, Cabeça de Alga — disse Annabeth. — Mantenha os olhos abertos.

— Você também, Sabidinha.

Fiquei olhando enquanto ela subia a colina para se juntar à família. Ela deu um abraço meio sem jeito no pai e olhou para o vale atrás dela uma última vez. Tocou o pinheiro de Thalia e então se deixou levar por cima do cume e para

dentro do mundo mortal.

Pela primeira vez no acampamento, me senti verdadeiramente só. Olhei para o estreito de Long Island e me lembrei do meu pai dizendo: *O mar não gosta de ser contido*.

Tomei minha decisão.

Fiquei pensando: se Poseidon estivesse vendo, ele aprovaria a minha escolha?

— Estarei de volta no próximo verão — prometi a ele. — Sobreviverei até lá. Afinal, eu sou seu filho. — Pedi a Argos para me levar até o chalé 3, para eu arrumar as minhas coisas antes de ir para casa.

# Agradecimentos

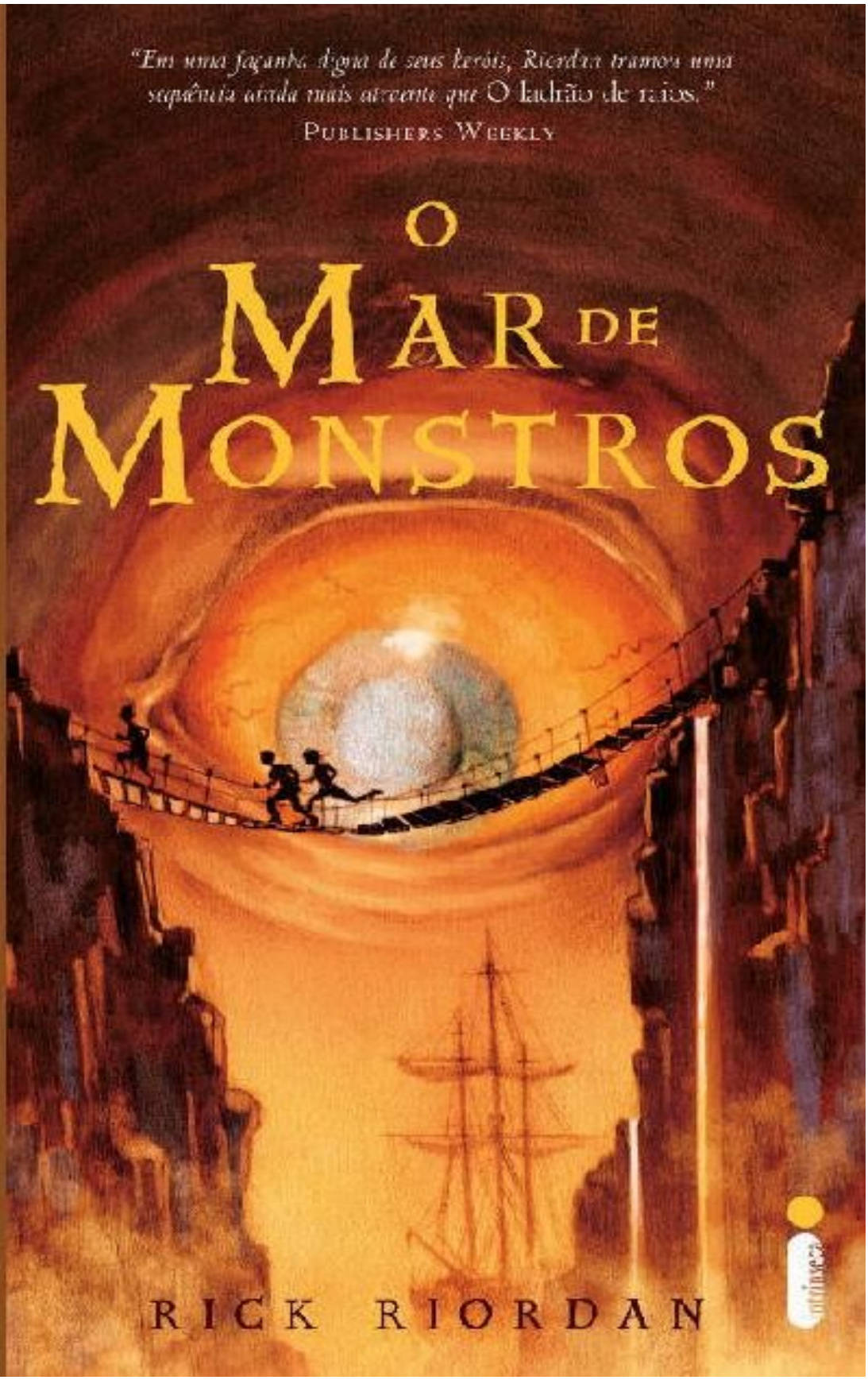
Sem a assistência de muitos ajudantes valorosos, eu teria sido morto por monstros muitas vezes seguidas na luta para publicar esta história. Obrigado ao meu filho mais velho, Haley Michael, que ouviu a história primeiro; meu filho mais novo, Patrick John, que com seis anos de idade é o sensato da família; e minha mulher, Becky, que aguenta as minhas muitas e longas horas no Acampamento Meio-Sangue. Obrigado também ao meu núcleo de testadores beta do curso secundário: Travis Stoll, esperto e rápido como Hermes; C.C. Kellog, amado como Atena; Allison Bauer, clarividente como Ártemis, a Caçadora; e à sra. Margaret Floyd, a sábia e gentil vidente da escola secundária de inglês. Meu reconhecimento também ao professor Egbert J. Bakker, extraordinário classicista; Nancy Gallt, agente summa cum laude; Jonathan Burnham, Jennifer Besser e Sarah Hughes, por acreditar em Percy.

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS LIVRO DOIS

"Em uma façanha digna de seus heróis, Riordan tramou uma sequência ainda mais ousada que O ladrão de raios."
PUBLISHERS WEEKLY

# O MAR DE MONSTROS

RICK RIORDAN



intrínseca

# O Mar de Monstros

*Para Patrick John Riordan,*
*o melhor contador de histórias da família*

Copyright © 2006 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Sea of Monsters

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Maria José de Sant'Anna
Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO DE EPUB
Cristiane Pacanowski

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-291-9

Edição digital: 2011

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel. / Fax.: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

# UM

Meu melhor amigo vai comprar um vestido de noiva

Meu pesadelo começou assim.

Eu estava numa rua deserta em alguma cidadezinha à beiramar, no meio da noite. Havia uma tempestade. O vento e a chuva açoitavam as palmeiras ao longo da calçada. Edifícios de estuque cor-de-rosa e amarelo se enfileiravam na rua, as janelas fechadas com tábuas. A um quarteirão dali, depois de uma carreira de hibiscos, o mar estava revolto.

*Flórida*, pensei. Embora não tivesse certeza de como sabia isso. Eu nunca estivera na Flórida.

Então ouvi cascos chapinhando no calçamento. Virei e vi meu amigo Grover correndo para salvar sua vida.

Sim, eu disse *cascos*.

Grover é um sátiro. Da cintura para cima, parece um adolescente comum e desengonçado, com uma barbicha igual a penugem de pêssego e um problema sério de acne. Ele caminha mancando de um jeito estranho, mas, a não ser que você por acaso o pegue sem calça (coisa que não recomendo), jamais saberá que existe algo de não humano nele. Jeans folgados e pés falsos disfarçam o fato de que ele tem cascos e um traseiro peludo.

Grover foi meu melhor amigo na sexta série. Junto com uma menina chamada Annabeth, tinha me acompanhado naquela aventura para salvar o mundo, mas eu não o via desde o último mês de julho, quando ele partira sozinho em uma perigosa missão — uma missão da qual nenhum sátiro jamais voltara.

De qualquer modo, em meu sonho, Grover corria, segurando seus sapatos humanos nas mãos como costuma fazer quando precisa se mover depressa. Passou batendo os cascos pelas pequenas lojas de suvenir e de aluguel de pranchas de surfe. O vento dobrava as palmeiras quase até o chão.

Grover estava aterrorizado com algo que vinha atrás dele. Devia ter acabado de vir da praia. A areia molhada se prendia em torrões ao seu pelo. Tinha escapado de algum lugar. Estava tentando fugir de… alguma coisa.

Um rugido de fazer os ossos tremerem atravessou a tempestade. Atrás de

Grover, do outro lado do quarteirão, surgiu uma figura sombria. Ela derrubou um poste de iluminação com um golpe violento. A lâmpada explodiu em um milhão de fagulhas.

Grover cambaleou, choramingando de medo. Murmurou para si mesmo: “Preciso escapar. Preciso avisá-los!”

Não pude ver o que o perseguia, mas ouvi a coisa resmungando e praguejando. O chão estremeceu quando ela se aproximou. Grover se lançou em uma esquina e vacilou. Tinha entrado em um pátio sem saída cheio de lojas. Não havia tempo para voltar. A porta mais próxima fora arrombada pela tempestade. A placa acima da vitrine escura dizia: BUTIQUE NUPCIAL DE STO. AGOSTINHO.

Grover disparou para dentro. Mergulhou atrás de uma arara cheia de vestidos de noiva.

A sombra do monstro passou na frente da loja. Pude sentir o cheiro da coisa — uma combinação nauseante de lã de carneiro molhada, carne podre e aquele esquisitíssimo odor corporal azedo que só os monstros têm, como o de um gambá que comesse apenas comida mexicana.

Grover tremia atrás dos vestidos de noiva. A sombra do monstro seguiu em frente.

Silêncio, a não ser pela chuva. Grover respirou fundo. Talvez a coisa tivesse ido embora.

Então houve um clarão de relâmpago. Toda a fachada da loja explodiu, e uma voz monstruosa berrou: “MEEEEEEU!”

Sentei-me na cama, ereto e tremendo.

Não havia tempestade. Não havia monstro.

O sol da manhã atravessava a janela do meu quarto.

Pensei ter visto uma sombra se movendo rapidamente pelo vidro — uma forma humana. Mas então ouvi uma batida na porta do quarto — minha mãe chamou:

— Percy, você vai se atrasar.

E a sombra na janela desapareceu.

Talvez tivesse sido minha imaginação. Uma janela no quinto andar, com uma escada de incêndio velha e instável do lado de fora… Não poderia haver ninguém lá.

— Venha, querido — minha mãe chamou de novo. — É o último dia de aula. Você deve estar empolgado! Está quase no fim!

— Estou indo — consegui dizer.

Apalpei embaixo do travesseiro. Meus dedos se fecharam de modo tranquilizador em volta da caneta esferográfica com a qual sempre dormia. Tirei-a de lá e estudei o que estava gravado na lateral, em grego antigo: *Anaklusmos*. Contracorrente.

Pensei em destampá-la, mas algo me conteve. Eu não usava Contracorrente havia tanto tempo…

Além disso, minha mãe me fizera prometer que não usaria armas letais no apartamento depois que eu lançara um dardo de mau jeito e atingira seu armário de porcelanas. Pus Anaklusmos sobre a mesa de cabeceira e me arrastei para fora da cama.

Eu me vesti o mais depressa que pude. Tentei não pensar no pesadelo, nem em monstros, nem na sombra à minha janela.

*Preciso escapar. Preciso avisá-los!*

O que Grover queria dizer?

Fiz uma garra de três dedos por cima do meu coração e puxei para fora — um antigo gesto que Grover me ensinara certa vez, para expulsar o mal.

O sonho não podia ter sido real.

Último dia de aula. Minha mãe estava certa, eu devia estar empolgado. Pela primeira vez na minha vida eu praticamente terminara um ano sem ser expulso. Nenhum acidente esquisito. Nenhuma briga em sala de aula. Nenhum professor se transformando em monstro e tentando me matar com comida de cantina envenenada ou dever de casa que explodia. No dia seguinte eu estaria a caminho do meu lugar favorito em todo o mundo — o Acampamento Meio-Sangue.

Só faltava um dia. Certamente, nem eu conseguiria estragar tudo.

Como de costume, eu não tinha ideia de como estava errado.

Minha mãe fez waffles azuis com ovos azuis para o café da manhã. Isso faz dela uma pessoa engraçada, comemorar ocasiões especiais com comida azul. Acho que é o jeito dela de dizer que tudo é possível. Percy pode terminar a sétima série. Waffles podem ser azuis. Pequenos milagres assim.

Comi à mesa da cozinha enquanto minha mãe lavava a louça. Ela estava usando seu uniforme de trabalho — saia azul estrelada e blusa listrada de vermelho e branco, que vestia para vender doces na confeitaria Doce América. Seus cabelos castanhos e compridos estavam presos em um rabo de cavalo.

Os waffles estavam uma delícia, mas acho que eu não os devorava como de costume. Minha mãe deu uma olhada e franziu a testa.

— Percy, você está bem?

— Sim… estou ótimo.

Mas ela sempre percebia quando algo me incomodava. Enxugou as mãos e sentou-se na minha frente.

— Escola ou…

Não precisava completar. Eu sabia o que ela estava perguntando.

— Acho que Grover está com problemas — falei, e contei a ela o sonho.

Ela contraiu os lábios. Não falamos muito sobre a *outra* parte da minha vida. Tentamos viver do modo mais normal possível, mas minha mãe sabia tudo sobre Grover.

— Eu não me preocuparia tanto, querido — disse ela. — Grover já é um sátiro crescido. Se houvesse um problema, estou certa de que teríamos notícias do… do acampamento… — Os ombros dela ficaram tensos quando ela falou a palavra *acampamento*.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — disse ela. — Quer saber? Esta tarde vamos comemorar o fim das aulas. Vou levar você e Tyson para o Rockefeller Center… para aquela loja de skates de que você gosta.

Cara, aquilo era tentador. Estamos sempre batalhando por dinheiro. Entre as aulas da minha mãe à noite e a mensalidade da minha escola particular, nunca podíamos nos permitir coisas especiais, como comprar um skate. Mas algo na voz dela me incomodou.

— Espere aí — falei. — Pensei que hoje à noite fôssemos arrumar minhas coisas para o acampamento.

Ela torceu o pano de prato.

— Ah! querido, quanto a isso… Recebi uma mensagem de Quíron na noite passada.

Meu coração ficou apertado. Quíron era o diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue. Ele não faria contato a não ser que algo sério estivesse acontecendo.

— O que ele disse?

— Ele acha… que poderia não ser seguro você ir para o campo agora. Talvez tenhamos de adiar.

— *Adiar?* Mamãe, como poderia não ser *seguro*? Eu sou um meio-sangue! É, tipo, o único lugar seguro para mim neste mundo!

— Costuma ser, querido. Mas com os problemas que eles estão enfrentando…

— *Que* problemas?

— Percy… Sinto muito, muito mesmo. Esperava falar com você sobre isso esta tarde. Não posso explicar tudo agora. Não sei nem se Quíron pode explicar.

Tudo aconteceu muito de repente.

Minha cabeça estava girando. Como eu poderia *não* ir para o acampamento? Queria fazer um milhão de perguntas, mas justamente nesse momento o relógio da cozinha bateu meia hora.

Minha mãe pareceu quase aliviada.

— Sete e meia, querido. Você precisa ir. Tyson estará esperando.

— Mas…

— Percy, vamos conversar hoje à tarde. Vá para a escola.

Aquilo era a última coisa que eu queria fazer, mas minha mãe estava com aquela expressão frágil nos olhos — uma espécie de aviso, como se ela fosse chorar se eu a pressionasse demais. Além disso, ela estava certa quanto ao meu amigo Tyson. Precisava encontrá-lo na estação do metrô a tempo, ou ele ficaria zangado. Ele tinha medo de viajar embaixo da terra sozinho.

Juntei minhas coisas, mas parei na porta.

— Mamãe, esse problema no acampamento. Tem… poderia ter alguma coisa a ver com meu sonho com Grover?

Ela não me olhou nos olhos.

— Vamos conversar hoje à tarde, querido. Eu vou explicar… o que puder.

Eu me despedi dela, relutante. Corri escada abaixo para pegar o trem Número 2.

Eu não sabia então, mas minha mãe e eu nunca teríamos nossa conversa à tarde.

Na verdade, eu não voltaria a ver nossa casa por um longo, longo tempo.

Quando saí, dei uma olhada para o edifício marrom do outro lado da rua. Só por um segundo vi uma forma escura à luz da manhã — uma silhueta humana contra a parede de tijolos, uma sombra que não pertencia a ninguém.

Então ela tremulou e desapareceu.

# DOIS

Meu jogo de queimado com canibais

Meu dia começou normal. Ou tão normal quanto pode ser no colégio Meriwether.

Veja bem, é um colégio “experimental”, no centro de Manhattan, o que significa que nos sentamos em pufes, em vez de carteiras, e não recebemos notas, e os professores usam jeans e camisetas de shows de rock no trabalho.

Por mim, tudo bem. Tenho transtorno do déficit de atenção e sou disléxico, como a maioria dos meios-sangues, portanto nunca fui lá muito bem nas escolas comuns, mesmo antes de eles me expulsarem. A única coisa ruim em relação ao Meriwether era que os professores sempre viam as coisas pelo lado mais promissor, e a garotada nem sempre era… bem, promissora.

Por exemplo, minha primeira aula daquele dia: inglês. Todos os alunos do secundário leram aquele livro chamado *O senhor das moscas*, em que um monte de garotos é abandonado em uma ilha e fica pirado. Então, no exame final, nossos professores nos mandaram passar uma hora sem supervisão de adultos, no pátio, para verem o que aconteceria. O que se deu foi uma guerra generalizada de “cuecão” entre os alunos da sétima e oitava séries, duas guerras de cascalhos e uma partida de basquete sem marcação de faltas. O valentão da escola, Matt Sloan, liderou a maior parte dessas atividades.

Sloan não era grande nem forte, mas agia como se fosse. Tinha olhos de pit bull e um cabelo preto desgrenhado, e sempre vestia roupas caras, mas amarfanhadas, como se quisesse que todo o mundo visse como ele se lixava para o dinheiro da família. Tinha um dente da frente lascado, de uma vez em que pegara o Porsche do pai para dar umas voltas e batera numa placa de DEVAGAR – CRIANÇAS BRINCANDO.

De qualquer jeito, Sloan estava dando “cuecão” em todo o mundo, até que cometeu o erro de tentar puxar a cueca do meu amigo Tyson.

Tyson era o único garoto sem-teto no colégio Meriwether. Até onde minha mãe e eu conseguimos descobrir, ele havia sido abandonado pelos pais quando era muito pequeno, provavelmente por ser tão… diferente. Tinha um metro e

noventa de altura e o físico do Abominável Homem das Neves, mas chorava muito e tinha medo de praticamente tudo, inclusive do próprio reflexo. Seu rosto era meio disforme e abrutalhado. Não sei dizer de que cor eram seus olhos porque nunca consegui ver além de seus dentes tortos. Sua voz era profunda, mas ele falava de um jeito engraçado, como um menino muito mais jovem — acho que por nunca ter ido a uma escola antes de Meriwether. Usava jeans esfarrapados, tênis imundos tamanho cinquenta e dois e uma camisa de flanela xadrez esburacada. Tinha o cheiro dos becos de Nova York, porque era lá que vivia, em uma caixa de geladeira de papelão, perto da rua 72.

O colégio Meriwether o adotara em virtude de um projeto de serviço comunitário, para que todos os alunos pudessem se sentir bem consigo mesmos. Infelizmente, a maioria deles não suportava Tyson. Depois de descobrirem que apesar de sua incrível força e da aparência assustadora ele era grande e bobo, sentiam prazer em atormentá-lo. Eu era praticamente seu único amigo, o que significava que ele era o *meu* único amigo.

Minha mãe já reclamara na escola um milhão de vezes, porque eles não estavam fazendo o bastante para ajudá-lo. Ligou para o serviço social, mas aparentemente nada aconteceu. Os assistentes sociais alegaram que Tyson não existia. Juraram de pés juntos que tinham visitado o beco que nós descrevemos e não conseguiram encontrá-lo, muito embora eu não entenda como é possível não ver um garoto gigante que mora numa caixa de geladeira.

De qualquer modo, Matt Sloan enfiou-se por trás dele e tentou lhe dar um “cuecão”, e Tyson entrou em pânico. Afastou Sloan com um tapa um pouco forte demais. Sloan saiu voando por cinco metros e ficou enroscado no balanço de pneu das crianças pequenas.

— Seu monstrengo! — berrou Sloan. — Por que não volta para sua caixa de papelão?

Tyson começou a soluçar. Sentou-se no trepa-trepa com tanta força que entortou a barra, e enterrou a cabeça nas mãos.

— Retire o que disse, Sloan! — gritei.

Sloan só me lançou uma careta de deboche.

— O que você tem com isso, Jackson? Você poderia ter *amigos* se não estivesse sempre tomando as dores daquele monstrengo.

Fechei os punhos. Esperava que minha cara não estivesse tão vermelha como me parecia.

— Ele *não é* um monstrengo. É só…

Tentei pensar na coisa certa a dizer, mas Sloan não ouvia. Ele e seus amigos feios e grandalhões estavam muito ocupados rindo. Eu me perguntei se era

minha imaginação ou se Sloan tinha mais brutamontes em volta dele que de costume. Estava acostumado a vê-lo com dois ou três, mas naquele dia ele tinha, tipo, mais uma dúzia, e eu tinha certeza absoluta de que nunca os vira antes.

— Espere só até a aula de educação física, Jackson — gritou Sloan. — Você já está *muito* morto.

Quando terminou o primeiro tempo, nosso professor de inglês, o sr. De Milo, saiu para avaliar a carnificina. Ele declarou que tínhamos entendido *O senhor das moscas* perfeitamente. Todos passamos na matéria dele, e jamais íamos nos tornar pessoas violentas. Matt Sloan assentiu, sério, e depois me lançou um sorriso de dente lascado.

Tive de prometer que compraria um sanduíche extra de manteiga de amendoim para Tyson no almoço, para ele parar de soluçar.

— Eu… eu sou um monstrengo? — ele me perguntou.

— Não — assegurei, rilhando os dentes. — Matt Sloan é que é um monstrengo.

Tyson fungou.

— Você é um bom amigo. Vou sentir saudades de você no ano que vem se… se eu não puder…

A voz dele tremeu. Percebi que ele não sabia se no ano seguinte seria novamente convidado para o projeto comunitário. Imaginei se o diretor ao menos teria se dado ao trabalho de conversar com ele sobre isso.

— Não se preocupe, grandão — consegui dizer. — Vai dar tudo certo.

Tyson me lançou um olhar tão agradecido que me senti um grande mentiroso. Como podia prometer a um garoto como ele que *alguma coisa* daria certo?

Nossa próxima prova era de ciências. A sra. Tesla nos disse que teríamos de misturar substâncias químicas até conseguir fazer alguma coisa explodir. Tyson era meu parceiro de laboratório. As mãos dele eram grandes demais para os pequeninos frascos que devíamos usar. Ele derrubou sem querer uma bandeja de substâncias do balcão e criou um cogumelo de fumaça alaranjada na lata de lixo.

Depois que a sra. Tesla evacuou o laboratório e convocou o esquadrão de remoção de resíduos perigosos, elogiou Tyson e eu por sermos químicos natos. Tínhamos sido os primeiros da história a gabaritar sua prova em menos de trinta segundos.

Fiquei contente de a manhã ter passado depressa, pois isso me impediu de pensar demais nos meus problemas. Eu não suportava a ideia de que algo pudesse estar errado no acampamento. Pior ainda: não conseguia afastar a

lembrança do pesadelo. Tinha a terrível sensação de que Grover estava em perigo.

Em estudos sociais, quando estávamos desenhando mapas de latitude e longitude, abri meu caderno e olhei para a foto lá dentro — minha amiga Annabeth de férias em Washington. Ela de jeans e uma jaqueta índigo por cima da camiseta cor de laranja do Acampamento Meio-Sangue. O cabelo loiro estava preso para trás, com uma bandana. Estava em pé na frente do Memorial de Lincoln, com os braços cruzados, parecendo satisfeitíssima consigo mesma, como se ela própria tivesse projetado o lugar. Veja bem, Annabeth quer ser arquiteta quando crescer, por isso está sempre visitando monumentos famosos e coisas do tipo. Ela é esquisita assim mesmo. Tinha me mandado a foto por e-mail nas férias da primavera, e de vez em quando eu olhava só para me lembrar de que ela era real e de que o Acampamento Meio-Sangue não tinha sido coisa da minha imaginação.

Quis que Annabeth estivesse ali. Ela saberia interpretar meu sonho. Nunca admiti isso para ela, mas era mais esperta do que eu, mesmo que às vezes fosse meio irritante.

Eu já ia fechar meu caderno quando Matt Sloan esticou a mão e arrancou a foto da espiral.

— Ei! — protestei.

Sloan conferiu a foto, e seus olhos se arregalaram.

— Ah! não, Jackson. Quem é essa? Ela *não é* a sua…

— Devolva! — Senti as orelhas ficando quentes.

Sloan passou a foto para seus colegas feiosos, que deram risadinhas e começaram a rasgá-la para fazer bolinhas de cuspe. Eram alunos novos que deviam estar de visita, porque todos usavam aquelas etiquetas idiotas de "OI! MEU NOME é:" entregues na recepção. Também deviam ter um senso de humor meio esquisito, porque todas elas estavam preenchidas com nomes estranhos, como CHUPA-TUTANO, COME-CRÂNIOS e ZÉ-MANÉ. Não existem seres humanos com nomes assim.

— Esses caras vão se mudar para cá no ano que vem — alardeou Sloan, como se aquilo devesse me assustar. — Aposto que eles podem *pagar* a escola, ao contrário do seu amigo retardado.

— Ele *não é* retardado. — Tive de me conter muito, muito mesmo, para não dar um murro na cara de Sloan.

— Você é um perdedor, Jackson. Ainda bem que eu vou livrar você do seu sofrimento no próximo período.

Os grandalhões cupinchas dele mascaram minha foto. Queria transformá-los

em pó, mas estava sob ordens estritas de Quíron de nunca descontar minha raiva em mortais comuns, não importava quanto eles fossem detestáveis. Tinha de deixar para brigar com os monstros.

Ainda assim, parte de mim pensou que se Sloan ao menos soubesse quem eu era realmente…

A campainha tocou.

Quando Tyson e eu estávamos saindo da classe, uma voz de menina sussurrou:

— Percy!

Corri os olhos pela área dos vestiários, mas ninguém estava prestando nenhuma atenção a mim. Como se alguma menina em Meriwether fosse um dia chamar meu nome.

Antes que eu tivesse tempo de avaliar se estava ou não imaginando coisas, uma multidão de garotos disparou para o ginásio, arrastando-me com ela. Era hora da educação física. O treinador nos prometera um jogo de queimado vale-tudo, e Matt Sloan prometera me matar.

O uniforme de ginástica de Meriwether é short azul-celeste e camiseta desbotada. Felizmente a maior parte das nossas atividades atléticas era interna, assim não tínhamos de correr pelo bairro de Tribeca parecendo um bando de crianças hippies em treinamento.

Troquei de roupa o mais depressa que pude no vestiário, pois não queria ter de lidar com Sloan. Estava quase saindo quando Tyson chamou:

— Percy?

Ele ainda não tinha se trocado. Estava postado junto à porta da sala de musculação, segurando as roupas de ginástica.

— Será que você… ahn…

— Ah! sim. — Tentei não parecer aborrecido com aquilo. — Sim, claro, cara.

Tyson esquivou-se para dentro da sala. Fiquei de guarda do lado de fora da porta enquanto ele se trocava. Eu me sentia meio constrangido fazendo aquilo, mas ele me pedia quase todos os dias. Acho que é porque ele é todo peludo e tem umas cicatrizes esquisitas nas costas, sobre as quais eu nunca tive coragem de perguntar.

De qualquer modo, aprendi pelo método mais difícil que se as pessoas mexessem com Tyson enquanto estivesse se vestindo, ele ficava perturbado e começava a arrancar as portas dos armários.

Quando entramos no ginásio, o treinador Nunley estava sentado à sua mesinha lendo a *Sports Illustrated*. Nunley tinha cerca de um milhão de anos de idade,

usava óculos bifocais e não tinha dentes, e tinha um topete grisalho ensebado. Lembrava o Oráculo do Acampamento Meio-Sangue — que era uma múmia encarquilhada —, só que o treinador Nunley se movia muito menos e nunca soltava nuvens de fumaça verde. Bem, ao menos não que eu tivesse observado.

Matt Sloan disse:

— Treinador, posso ser o capitão?

— Hã? — o treinador Nunley ergueu os olhos de sua revista. — Sim — murmurou. — Hmm-mmm.

Sloan sorriu e se encarregou da escalação. Ele me nomeou capitão do outro time, mas pouco importava quem eu escolhesse, pois todos os atletas e os garotos mais populares passavam para o lado de Sloan. E também o grupo grande de visitantes.

Do meu lado, eu tinha Tyson; Corey Bailer, o nerd de computadores; Raj Mandali, o fenômeno dos cálculos, e meia dúzia de outros que eram sempre atormentados por Sloan e sua gangue. Normalmente, eu me daria bem só com Tyson — ele, sozinho, valia por meio time —, mas os visitantes do lado de Sloan eram quase tão altos e fortes quanto Tyson, e havia seis deles.

Matt Sloan espalhou um engradado de bolas no meio do ginásio.

— Com medo — murmurou Tyson. — Cheiro gozado.

Olhei para ele.

— O que tem cheiro gozado? — Não achei que ele estivesse falando de si mesmo.

— Eles. — Tyson apontou para os novos amigos de Sloan. — Eles têm um cheiro gozado.

Os visitantes estavam estalando os dedos e olhando para nós como se fosse a hora do massacre. Não pude deixar de me perguntar de onde eles vinham. De algum lugar onde alimentavam as crianças com carne crua e batiam nelas com paus.

Sloan soprou o apito do treinador e o jogo começou. O time de Sloan correu para a linha de centro. Do meu lado, Raj Mandali gritou alguma coisa em urdu, provavelmente: “Preciso de um penico!”, e correu para a saída. Corey Bailer tentou engatinhar para trás da forração da parede e se esconder. O restante do time fez o melhor que pôde para se encolher de medo e não ficar parecendo alvo.

— Tyson — disse eu. — Vamos…

Uma bola me atingiu violentamente na barriga. Caí sentado no meio do piso do ginásio. O outro time explodiu em gargalhadas.

Minha visão ficou turva. Era como se tivesse acabado de receber uma manobra de Heimlich de um gorila. Não pude acreditar que alguém fosse capaz

de lançar uma bola com aquela força.

Tyson gritou:

— Percy, abaixe-se!

Rolei enquanto outra bola passava zunindo por meu ouvido, na velocidade do som.

*Vuuuuum!*

Ela atingiu a forração da parede, e Corey Bailer ganiu.

— Ei! — gritei para o time de Sloan. — Assim vocês podem matar alguém!

O visitante chamado Zé-Mané sorriu para mim de um jeito perverso. De algum modo, ele parecia muito maior agora… ainda mais alto que Tyson. Seus bíceps se destacavam embaixo da camiseta.

— Assim espero, Perseu Jackson! Assim espero!

O modo como ele disse meu nome me deu um frio na espinha. Ninguém me chamava de Perseu, a não ser aqueles que conheciam minha verdadeira identidade. Amigos… e inimigos.

O que Tyson tinha dito? *Eles têm um cheiro gozado*.

Monstros.

Em volta de Matt Sloan, os visitantes estavam ficando maiores. Não eram mais garotos. Eram gigantes de dois metros e meio de altura, com olhos selvagens, dentes pontudos e braços peludos tatuados com cobras, dançarinas havaianas e corações.

Matt Sloan deixou cair a bola.

— Epa! Vocês não são de Detroit. Quem…

Os outros garotos do time começaram a gritar e a recuar para a saída, mas o gigante chamado Chupa-Tutano lançou uma bola com pontaria certeira. Ela passou como um raio por Raj Mandali quando ele estava quase saindo e atingiu a porta, fechando-a como num passe de mágica. Raj e alguns dos outros garotos a esmurraram, desesperados, mas ela não cedeu.

— Deixe-os ir! — gritei para os gigantes.

O que se chamava Zé-Mané rosnou para mim. Tinha uma tatuagem no bíceps que dizia: *ZM ama Fofinha*.

— E perder os nossos petiscos? Não, Filho do Deus do Mar. Nós, lestrigões, não estamos jogando só para matá-lo. Queremos almoçar!

Ele acenou e um novo lote de bolas de queimado apareceu na linha de centro — mas aquelas não eram feitas de borracha vermelha. Eram de bronze, do tamanho de balas de canhão, perfuradas, com fogo saindo dos buracos. Deviam ser muito quentes, mas os gigantes as pegavam com as mãos nuas.

— Treinador! — gritei.

Nunley ergueu os olhos, sonolento, mas, se viu algo de anormal no jogo de queimado, não demonstrou. Esse é o problema com os mortais. Uma força mágica chamada A Névoa disfarça a seus olhos a verdadeira aparência dos monstros e dos deuses, e assim eles tendem a ver apenas o que conseguem compreender. Talvez o treinador tivesse visto alguns garotos da oitava série batendo nas crianças menores, como de costume. Talvez os outros garotos vissem os brutamontes de Matt Sloan prestes a lançar por aí coquetéis Molotov. (Não teria sido a primeira vez.) De qualquer modo, eu tinha certeza de que ninguém mais se dava conta de que estávamos lidando com genuínos monstros comedores de gente e sedentos de sangue.

— Sim. Hmm-mmm — resmungou o treinador. — Joguem direito.

E voltou à sua revista.

O gigante chamado Come-Crânios lançou a bola. Mergulhei de lado enquanto o cometa de bronze chamejante passava junto ao meu ombro.

— Corey! — gritei.

Tyson o puxou de trás da forração da parede bem no momento em que a bola explodiu contra ela, transformando o acolchoado em farrapos fumegantes.

— Corram! — gritei para os meus companheiros de time. — A outra saída!

Eles correram para o vestiário, mas outro aceno da mão de Zé-Mané fez bater aquela porta também.

— Ninguém sai enquanto você não estiver fora! — rugiu Zé-Mané. — E você não vai estar fora enquanto não o comermos!

Ele lançou sua bola de fogo. Meus companheiros de time se espalharam enquanto ela abria uma cratera no piso do ginásio.

Procurei a Contracorrente, que carregava sempre no bolso, mas então me dei conta de que estava usando meu short de ginástica. Eu *não tinha* bolsos. Contracorrente estava enfiada no bolso da calça jeans, dentro do armário no vestiário. E a porta do vestiário estava trancada. Eu estava completamente indefeso.

Outra bola de fogo veio como um raio em minha direção. Tyson me empurrou para fora do caminho, mas a explosão ainda me atirou longe. Fiquei esparramado no chão do ginásio, com a vista embaçada pela fumaça, a camiseta desbotada salpicada de buracos chamuscados. Logo depois da linha de centro, dois gigantes famintos me olhavam de cima.

— Carne! — urraram. — Carne de herói para o almoço! — Os dois fizeram pontaria.

— Percy precisa de ajuda! — gritou Tyson, e pulou na minha frente bem no

momento em que eles lançaram suas bolas.

— Tyson! — gritei, mas era tarde demais.

As duas bolas o atingiram… mas, não… ele as agarrou. De algum modo Tyson, que era tão desajeitado que estava sempre derrubando equipamentos do laboratório e quebrando estruturas do playground, tinha agarrado as duas bolas chamejantes de metal que vinham em sua direção a um zilhão de quilômetros por hora. Ele as atirou de volta para seus donos surpresos, que gritaram "RUIIIIM!" quando as esferas de bronze explodiram contra seus peitos.

Os gigantes se desintegraram em colunas gêmeas de chamas — um sinal seguro de que eram monstros, certo. Monstros não morrem. Simplesmente se dissipam em fumaça e pó, o que poupa aos heróis um bocado de trabalho de limpeza depois de uma luta.

— Meus irmãos! — gemeu Zé-Mané, o Canibal. Ele contraiu os músculos, e sua tatuagem da *Fofinha* ondulou. — Você vai pagar por tê-los destruído!

— Tyson! — disse eu. — Cuidado!

Outro cometa disparou em nossa direção. Tyson só teve tempo de desviá-lo com um tapa. Passou voando por cima da cabeça do treinador Nunley e aterrissou na arquibancada com um imenso CA-BUUUUM!

Crianças corriam de um lado para o outro gritando, tentando evitar as crateras fumegantes no piso. Outras esmurravam a porta, gritando por socorro. O próprio Sloan estava petrificado no meio da quadra, assistindo incrédulo às bolas da morte que voavam em volta dele.

O treinador Nunley ainda não via nada. Deu uma batidinha em seu aparelho de surdez, como se as explosões estivessem causando interferência, mas não desviou os olhos da revista.

Certamente a escola inteira podia ouvir o barulho. O diretor, a polícia, alguém iria nos ajudar.

— A vitória será nossa! — rugiu Zé-Mané, o Canibal. — Vamos nos banquetear com seus ossos!

Quis dizer-lhe que ele estava levando o jogo de queimado muito a sério, mas antes que pudesse fazer isso ele lançou mais uma bola. Os outros três gigantes fizeram o mesmo.

Sabia que estávamos mortos. Tyson não poderia desviar todas aquelas bolas ao mesmo tempo. Suas mãos *deviam* estar com queimaduras sérias por ter bloqueado a primeira saraivada. Sem a minha espada…

Tive uma ideia maluca.

Corri em direção ao vestiário.

— Saiam da frente! — disse a meu time. — Saiam da porta.

Explosões atrás de mim. Tyson rebatera duas das bolas a seus donos e os fizera explodir em cinzas.

Restavam dois gigantes em pé.

Uma terceira bola veio voando diretamente para mim. Eu me forcei a esperar — um, dois, três — e então me atirei para o lado, enquanto a esfera chamejante demolia a porta do vestiário.

Calculei que o gás acumulado na maioria dos armários dos meninos seria suficiente para causar uma explosão, portanto não me surpreendi quando a bola chamejante de queimado provocou um enorme *BUUUUUUM!*

A parede explodiu. Portas de armários, meias, suportes atléticos e vários outros apetrechos pessoais fedorentos choveram por todo o ginásio.

Virei-me bem a tempo de ver Tyson dar um soco na cara do Come-Crânios. O gigante desmoronou. Mas o último gigante, Zé-Mané, esperto, continuava segurando sua bola, esperando uma oportunidade. Ele a lançou justamente quando Tyson se virava para ele.

— Não! — gritei.

A bola atingiu Tyson bem no peito. Ele deslizou por toda a extensão da quadra e bateu na parede do fundo, que rachou. Parte desmoronou em cima dele, abrindo um buraco que dava direto para a rua Church. Não entendia como Tyson ainda podia estar vivo, mas ele parecia apenas atordoado. A bola de bronze fumegava a seus pés. Tyson tentou pegá-la, mas caiu para trás, aturdido, em uma pilha de blocos de concreto.

— Bem! — tripudiou Zé-Mané. — Sou o último de pé! Vou ter carne suficiente para levar uma quentinha para Fofinha!

Ele pegou outra bola e mirou Tyson.

— Pare! — gritei. — É a mim que você quer!

O gigante arreganhou um sorriso.

— Quer morrer primeiro, heroizinho?

Eu precisava fazer alguma coisa. Contracorrente devia estar por ali, em algum lugar.

Então avistei meus jeans em uma pilha fumegante de roupas bem aos pés do gigante. Se eu ao menos conseguisse chegar lá… Sabia que era inútil, mas investi.

O gigante riu.

— Meu almoço se aproxima.

Ele ergueu o braço para lançar. Eu me preparei para morrer.

De repente o corpo do gigante enrijeceu-se. Sua expressão mudou de triunfante para surpresa. Bem no lugar onde deveria estar seu umbigo, a camiseta

se rasgou e surgiu ali algo como um chifre — não, um chifre não: a ponta brilhante de uma lâmina.

— Ui — murmurou ele, e explodiu numa nuvem de chamas verdes, o que, imaginei, iria deixar Fofinha muito aborrecida.

Em pé no meio da fumaça estava minha amiga Annabeth. Seu rosto estava sujo e arranhado. Carregava uma mochila esfarrapada pendurada no ombro, o boné de beisebol enfiado no bolso, uma faca de bronze na mão e um olhar selvagem nos olhos cinza-tempestade, como se fantasmas a tivessem perseguido por mil quilômetros.

Matt Sloan, que estivera ali em pé, abobalhado, o tempo todo, afinal caiu na real. Piscou para Annabeth como se a reconhecesse vagamente da foto no meu caderno.

— É a garota… É a garota…

Annabeth deu-lhe um soco no nariz, derrubando-o no chão.

— E *você* — disse ela —, deixe meu amigo em paz.

O ginásio estava em chamas. Crianças ainda corriam de um lado para o outro, gritando. Ouvi sirenes que uivavam e uma voz distorcida no alto-falante. Através das janelas de vidro nas portas de saída pude ver o diretor, sr. Bonsai, brigando com a fechadura, e uma multidão de professores amontoada atrás dele.

— Annabeth… — gaguejei. — Como você… há quanto tempo você…

— Quase a manhã toda. — Ela embainhou a faca de bronze. — Estava tentando encontrar um bom momento para falar com você, mas você nunca estava sozinho.

— A sombra que eu vi esta manhã… aquilo era… — Meu rosto ficou quente. — Ah!, meus deuses, você estava olhando pela janela do meu quarto?

— Não dá tempo de explicar! — disparou com rispidez, embora ela mesma parecesse estar com o rosto um pouco quente. — Mas eu não queria…

— Ali! — berrou uma mulher.

As portas se abriram de repente e os adultos se precipitaram para dentro.

— Encontre-me lá fora — disse Annabeth. — E ele. — Apontou para Tyson, que ainda estava sentado encostado na parede, atordoado. Annabeth lançou-lhe um olhar de aversão que não entendi muito bem. — É melhor trazê-lo.

— *O quê?*

— Não dá tempo! — disse ela. — Depressa!

Ela colocou o boné de beisebol dos Yankees, que era um presente mágico de sua mãe, e desapareceu na mesma hora.

Com isso, fiquei sozinho no meio do ginásio em chamas, quando o diretor investiu para dentro com metade do corpo docente e um ou dois policiais.

— Percy Jackson? — disse o sr. Bonsai. — O que… como… Junto à parede destruída, Tyson gemeu e levantou-se da pilha de blocos de concreto.

— A cabeça dói.

Matt Sloan também se aproximava. Olhou para mim com expressão de terror.

— Foi Percy quem fez isso, sr. Bonsai. Ele tocou fogo no prédio inteiro. O treinador Nunley vai lhe contar, ele viu tudo! O treinador Nunley estivera lendo com dedicação sua revista, mas, para meu azar, escolheu aquele momento para erguer os olhos, ao ouvir Sloan pronunciar seu nome.

— Hã? Sim. Hmm-mmm.

Os outros adultos viraram na minha direção. Eu sabia que jamais acreditariam em mim, mesmo que eu pudesse contar-lhes a verdade.

Arranquei Contracorrente dos meus jeans destruídos, disse a Tyson “Vamos!” e pulei pelo buraco escancarado na lateral do edifício.

TRÊS

# Nós chamamos o táxi da tormenta eterna

Annabeth estava à nossa espera em um beco mais adiante na rua Church. Puxou Tyson e eu da calçada bem no momento em que um carro de bombeiros passou gritando seu gemido em direção a Meriwether.

— Onde você o encontrou? — perguntou ela, apontando para Tyson.

Ali, sob circunstâncias diferentes, eu teria ficado realmente feliz em vê-la. Tínhamos feito as pazes no último verão, a despeito de a mãe dela ser Atena e não se dar muito bem com meu pai. Tinha sentido mais saudades de Annabeth do que gostaria de admitir.

Mas acabara de ser atacado por canibais gigantes, Tyson salvara minha vida três ou quatro vezes e tudo o que Annabeth pôde fazer foi olhá-lo com raiva, como se *ele* fosse o problema.

— Ele é meu amigo — falei.

— Ele é um sem-teto?

— Que importância tem isso? Ele consegue ouvir, sabe? Por que não pergunta a ele?

Ela pareceu surpresa.

— Ele sabe falar?

— Eu falo — admitiu Tyson. — Você é bonita.

— Ah! Grosso! — Annabeth recuou um passo, afastando-se dele.

Não podia acreditar que ela estivesse sendo tão mal-educada. Examinei as mãos de Tyson, que, eu tinha certeza, deviam estar muito machucadas por causa das bolas de fogo, mas pareciam ótimas — imundas e marcadas por cicatrizes sujas do tamanho de batatinhas chips —, mas elas sempre foram assim.

— Tyson — falei, incrédulo. — Suas mãos não estão queimadas.

— É claro que não — resmungou Annabeth. — Estou surpresa com a coragem dos lestrigões, atacando-o com ele por perto.

Tyson parecia fascinado com o cabelo loiro de Annabeth. Tentou tocá-lo, mas ela afastou sua mão com um tapa.

— Annabeth — disse eu —, do que você está falando? Les-o quê?

— Lestrigões. Os monstros no ginásio. São uma raça de gigantes canibais que vivem no extremo norte. Ulisses topou com eles uma vez, mas eu nunca os vira

tão ao sul, como em Nova York.

— Les… não consigo nem pronunciar isso. Como você os chamaria em inglês?

Ela pensou por um momento.

— Canadenses — concluiu. — Agora venha, temos de sair daqui.

— A polícia virá atrás de mim.

— Esse é o menor dos problemas — disse ela. — Você andou tendo os sonhos?

— Os sonhos… com Grover?

O rosto dela empalideceu.

— Grover? Não, o que há com Grover?

Contei-lhe o sonho.

— Por quê? O que *você* andou sonhando?

Os olhos dela pareciam tempestuosos, como se a mente estivesse correndo a um milhão de quilômetros por hora.

— O acampamento — disse ela afinal. — Um problemão no acampamento.

— Minha mãe disse a mesma coisa! Mas que *tipo* de problema?

— Não sei exatamente. Há algo errado. Temos de ir para lá agora mesmo. Monstros me perseguiram pelo caminho todo desde a Virgínia, tentando me deter. Você também sofreu uma porção de ataques?

Sacudi a cabeça.

— Nenhum, o ano todo… até hoje.

— Nenhum? Mas como… — Os olhos dela recaíram sobre Tyson. — Ah!

— O que quer dizer “Ah!”?

Tyson ergueu a mão como se ainda estivesse na sala de aula.

— Os canadenses no ginásio chamaram Percy de alguma coisa… Filho do Deus do Mar?

Annabeth e eu trocamos olhares.

Não sabia como poderia explicar, mas imaginei que Tyson merecesse a verdade, depois de quase ter sido morto.

— Grandão — falei —, já ouviu aquelas velhas histórias sobre os deuses gregos? Como Zeus, Poseidon, Atena…

— Sim — disse Tyson.

— Bem… aqueles deuses ainda vivem. Tipo, vão seguindo a civilização ocidental de um lado para o outro e vivendo nos países mais poderosos; portanto, estão agora nos Estados Unidos. E às vezes têm filhos com mortais. Filhos que são chamados de meios-sangues.

— Sim — disse Tyson, como se ainda esperasse que eu chegasse ao ponto principal.

— Ahn, bem, Annabeth e eu somos meios-sangues — disse eu. — Somos como… heróis em treinamento. E sempre que os monstros sentem nosso cheiro, eles nos atacam. É o que eram aqueles gigantes no ginásio. Monstros.

— Sim.

Olhei para ele. Ele não parecia surpreso nem confuso com o que eu contava, o que me deixava surpreso e confuso.

— Então… você acredita em mim?

Tyson assentiu.

— Mas você é… Filho do Deus do Mar?

— Sim — admiti. — Meu pai é Poseidon.

Tyson franziu a cara. *Agora* ele parecia confuso.

— Mas então…

Uma sirene uivou. Um carro de polícia passou rapidamente pelo beco.

— Não temos tempo para isso — disse Annabeth. — Vamos conversar no táxi.

— Um táxi até o acampamento? — disse eu. — Você sabe quanto dinheiro…

— Deixe comigo.

Eu hesitei.

— E Tyson?

Imaginei-me escoltando meu amigo gigante até o Acampamento Meio-Sangue. Se ele ficava fora de si em um playground comum com valentões comuns, como agiria em um campo de treinamento para semideuses? Por outro lado, os policiais estariam procurando por nós.

— Não podemos simplesmente deixá-lo aqui — concluí. — Ele também vai estar encrencado.

— Sim. — Annabeth pareceu contrariada. — Sem dúvida, precisamos levá-lo. Agora venha.

Não gostei do modo como ela disse aquilo, como se Tyson fosse uma grande doença que precisávamos levar ao hospital, mas a segui pelo beco. Juntos, nós três nos esgueiramos pelas ruelas do centro, enquanto uma enorme coluna de fumaça se erguia do ginásio da escola, atrás de nós.

— Aqui. — Annabeth nos deteve na esquina da Thomas com a Trimble. Vasculhou a mochila. — Espero que ainda tenha sobrado uma.

Ela parecia ainda pior do que eu percebera de início. Tinha um corte no

queixo. Havia gravetos e grama embaraçados em seu rabo de cavalo, como se tivesse dormido várias noites ao relento. Os rasgos nas barras da calça jeans pareciam ter sido feitos por garras.

— O que está procurando? — perguntei.

As sirenes urravam à nossa volta. Calculei que não levaria muito tempo até que passassem mais policiais, procurando delinquentes juvenis bombardeadores de ginásios. Sem dúvida, àquela altura Matt Sloan já teria dado um depoimento. Ele provavelmente deturpara a história para que Tyson e eu fôssemos os canibais sedentos de sangue.

— Encontrei uma. Graças aos deuses. — Annabeth tirou da mochila uma moeda de ouro que reconheci como um dracma, a moeda corrente do Monte Olimpo. Tinha a efígie de Zeus gravada de um lado e o edifício Empire State do outro.

— Annabeth — falei. — Os taxistas de Nova York não vão aceitar isso.

— *Stêthi* — gritou ela em grego antigo. — Ô *hárma diabolês!* Como de costume, no momento em que ela falou na língua do Olimpo eu, de algum modo, entendi. Ela disse: *Pare, Carruagem da Danação!*

Aquilo não me deixou lá muito empolgado com seu plano, fosse qual fosse.

Ela atirou a moeda na rua, mas em vez de cair ruidosamente no asfalto o dracma afundou e desapareceu.

Por um momento, nada aconteceu.

Então, bem no lugar onde a moeda tinha caído, o asfalto escureceu. Fundiu-se em uma poça retangular mais ou menos do tamanho de uma vaga de estacionamento — borbulhando um líquido vermelho como sangue. Então um carro irrompeu daquele lodo.

Era um táxi, sem dúvida, porém, diferentemente de qualquer outro táxi de Nova York, não era amarelo. Era cinza-escuro. Quer dizer, parecia *feito* de fumaça, como se fosse possível atravessá-lo andando. Havia palavras impressas na porta — algo como MÃSIR ZENTSITNA —, mas a dislexia tornou difícil para mim decifrar o que estava escrito.

A janela do passageiro desceu, e uma velha pôs a cabeça para fora. Tinha um tufo de cabelos grisalhos cobrindo os olhos, e falou de um jeito estranho e murmurante, como se tivesse acabado de tomar uma injeção de anestésico.

— Passagem? Passagem?

— Três para o Acampamento Meio-Sangue — disse Annabeth. Ela abriu a porta traseira do táxi e acenou para que eu entrasse, como se aquilo tudo fosse a coisa mais normal do mundo.

— Cruzes! — guinchou a velha. — Não levamos a espécie *dele*! Ela apontou

um dedo ossudo para Tyson.

O que era aquilo? Dia da Perseguição aos Garotos Grandes e Feios?

— Eu pago a mais — prometeu Annabeth. — Mais três dracmas quando chegarmos.

— Feito! — berrou a mulher.

Entrei no táxi com relutância. Tyson se espremeu no meio. Annabeth se arrastou para dentro por último.

O interior também era cinza-escuro, mas parecia bastante sólido. O assento era rachado e irregular — não muito diferente dos da maioria dos táxis. Não havia divisória nos separando da velha ao volante… Espere um minuto. Não havia apenas uma velha. Havia três, todas amontoadas no assento dianteiro, cada qual com cabelos pegajosos cobrindo os olhos, mãos ossudas e um vestido de tecido grosso cor de carvão.

A que estava na direção disse:

— Long Island! Bandeira dois! Ha!

Ela pisou fundo o acelerador, e minha cabeça foi de encontro ao encosto. Uma voz gravada veio do alto-falante: *Olá, aqui é Ganimedes*, sommelier *de Zeus, e quando saio para comprar vinho para o Senhor dos Céus sempre ponho o cinto de segurança!*

Olhei para baixo e encontrei uma corrente grande e preta no lugar do cinto. Concluí que não estava assim tão desesperado… ainda.

O táxi disparou e virou na esquina da West Broadway, e a velha cinzenta sentada no meio guinchou: — Cuidado! Vá para a esquerda!

— Bem, se você tivesse me dado o olho, Tempestade, eu poderia *ver* isso! — queixou-se a motorista.

Espere um minuto. *Dar a ela o olho?*

Não tive tempo de fazer perguntas, porque a motorista guinou para desviar-se de um caminhão de entregas, passou por cima do meio-fio com um tranco de fazer bater os dentes e entrou voando no quarteirão seguinte.

— Vespa! — disse a terceira mulher à motorista. — Passe para mim a moeda da menina! Quero mordê-la.

— Você mordeu da última vez, Ira! — disse a motorista, cujo nome devia ser Vespa. — É a minha vez!

— Não é! — gritou a que se chamava Ira.

A do meio, Tempestade, berrou:

— Sinal vermelho!

— Freie! — berrou Ira.

Em vez disso, Vespa pisou fundo e subiu no meio-fio, cantando os pneus em outra esquina e derrubando uma máquina de vender jornais. Ela deixou meu estômago para trás em algum lugar da rua Broome.

— Desculpe-me — falei —, mas… você enxerga?

— Não! — gritou Vespa, de trás do volante.

— Não! — gritou Tempestade, do meio.

— É claro! — gritou Ira, da janela do passageiro. Olhei para Annabeth.

— Elas são cegas?

— Não totalmente — disse Annabeth. — Têm um olho.

— Um olho?

— Sim.

— Cada uma?

— Não. Um olho ao todo.

Ao meu lado, Tyson gemeu e se agarrou ao assento.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Ah, céus! — disse eu, pois já tinha visto Tyson ficar enjoado no carro em excursões da escola, e aquilo *não era* algo que a gente quisesse ver a menos de quinze metros de distância. — Aguente firme, grandão. Alguém tem um saco de lixo ou coisa assim?

As três senhoras cinzentas estavam muito ocupadas discutindo para prestar atenção em mim. Virei-me para Annabeth, que continuava concentrada como quem corre risco de vida, e dei-lhe uma olhada do tipo “Por que você fez isso comigo?”.

— Ei — disse ela —, o Táxi das Irmãs Cinzentas é o meio mais rápido de chegar ao acampamento.

— Então, por que você não veio nele da Virgínia?

— Fica fora da área de prestação de serviços delas — disse ela, como se aquilo fosse óbvio. — Elas só trabalham na Grande Nova York e na vizinhança.

— Já tivemos gente famosa neste táxi! — exclamou Ira. — Jasão! Lembram-se dele?

— Não quero nem lembrar! — lamuriou-se Vespa. — E nós não tínhamos um táxi naquele tempo, sua morcega velha. Aquilo foi há três mil anos!

— Me dê o dente! — Ira tentou agarrá-lo na boca de Vespa, mas Vespa afastou a mão dela com um tapa.

— Só se Tempestade me der o olho!

— Não! — guinchou Tempestade. — Você o usou ontem!

— Mas estou dirigindo, sua bruxa velha!

— Desculpas! Vire! Era a sua entrada!

Vespa entrou com violência na rua Delancey, espremendo-me entre Tyson e a porta. Pisou o acelerador, e disparamos pela ponte Williamsburg a oitenta quilômetros por hora.

As três irmãs estavam agora brigando mesmo, estapeando-se, enquanto Ira tentava agarrar a cara de Vespa e Vespa tentava agarrar a de Tempestade. Com os cabelos esvoaçando e a boca aberta, berrando uma com a outra, percebi que nenhuma das irmãs tinha dentes, com exceção de Vespa, que tinha um incisivo amarelo embolorado. Em vez de olhos, elas tinham apenas pálpebras fechadas e afundadas, com exceção de Ira, que tinha um olho verde injetado que olhava para tudo avidamente, como se nada que visse fosse o bastante.

Por fim, Ira, que tinha a vantagem da visão, conseguiu arrancar o dente da boca da irmã Vespa. Isso a deixou tão furiosa que ela deu uma guinada para a beirada da ponte Williamsburg, gritando: — Devolva! Devolva!

Tyson gemeu e segurou o estômago.

— Ah! a quem interessar possa — falei —, nós vamos morrer!

— Não se preocupe — disse Annabeth, parecendo muito preocupada. — As Irmãs Cinzentas sabem o que estão fazendo. Elas são muito sábias mesmo.

Aquilo veio da filha de Atena, mas não me senti exatamente reconfortado. Estávamos derrapando ao longo da beira de uma ponte, quarenta metros acima do Rio East.

— Sim, sábias! — Ira arreganhou um sorriso ao retrovisor, mostrando o dente recém-adquirido. — A gente sabe das coisas!

— Todas as ruas de Manhattan! — vangloriou-se Vespa, ainda batendo na irmã. — A capital do Nepal!

— O lugar que você procura! — acrescentou Tempestade. Imediatamente, as irmãs a socaram, uma de cada lado, gritando: — Quieta! Quieta! Ele ainda nem perguntou!

— O quê? — disse eu. — Que lugar? Eu não estou procurando nenhum…

— Nada! — disse Tempestade. — Você está certo, menino. Não é nada!

— Fale.

— Não! — todas elas gritaram.

— Na última vez que contamos, foi horrível! — disse Tempestade.

— O olho foi parar num lago! — concordou Ira.

— Anos para encontrá-lo de novo! — queixou-se Vespa. — E por falar nisso… Devolva!

— Não! — berrou Ira.

— O olho! — berrou Vespa. — Dê para mim!

Ela bateu com força nas costas da irmã Ira. Ouviu-se um *pop* nauseante e algo saiu voando da cara de Ira. Ela começou a apalpar procurando, tentando agarrá-lo, mas só conseguiu rebatê-lo com as costas da mão. O globo verde e viscoso passou voando por cima de seu ombro e veio parar bem no meu colo.

Dei um pulo tão alto que minha cabeça atingiu o teto e o globo ocular saiu rolando.

— Não consigo enxergar! — berraram as três irmãs.

— Dê o olho para mim! — gemeu Vespa.

— Dê o olho para ela! — gritou Annabeth.

— Não está comigo! — falei.

— Ali, perto do seu pé — disse Annabeth. — Não pise! Pegue!

— Não vou pegar aquilo!

O táxi colidiu com a grade de segurança e arrastou-se por ela com um ruído horrível. O carro inteiro estremeceu, soltando fumaça cinzenta como se fosse se dissolver com o esforço.

— Vou vomitar! — avisou Tyson.

— Annabeth — berrei —, deixe Tyson usar sua mochila!

— Está louco? Pegue o olho!

Vespa deu uma puxada violenta no volante e o táxi se afastou da grade. Disparamos pela ponte em direção ao Brooklyn, mais rápido que qualquer táxi humano. As Irmãs Cinzentas guinchavam, e se esmurravam, e clamavam pelo olho.

Por fim, tomei coragem. Arranquei um pedaço da minha camiseta desbotada, que já estava se desfazendo por causa de todos os buracos de queimadura, e usei-o para pegar o olho no chão.

— Bom menino! — gritou Ira, como se, de algum modo, soubesse que eu estava com seu olho perdido. — Devolva!

— Não, enquanto não explicarem — falei. — O que vocês estavam falando, o lugar que eu procuro?

— Não dá tempo! — gritou Tempestade. — Acelerando! Olhei pela janela. Com certeza, árvores, carros e bairros inteiros passavam ventando, em um borrão cinzento. Já tínhamos saído do Brooklyn e atravessávamos Long Island.

— Percy — advertiu Annabeth —, elas não podem encontrar nosso destino sem o olho. Vamos continuar acelerando até arrebentar em um milhão de pedaços.

— Primeiro elas têm de me dizer. Ou então vou abrir a janela e jogar o olho no meio do trânsito.

— Não! — gemeram as Irmãs Cinzentas. — É perigoso demais!

— Estou abaixando a janela.

— Espere! — berraram as Irmãs Cinzentas. — Trinta, 31, 75, 12!

Elas bradaram como um zagueiro de futebol americano cantando a jogada.

— O que querem dizer? Isso não faz sentido!

— Trinta, 31, 75, 12! — gemeu Ira. — É tudo o que podemos falar. Agora, devolva-nos o olho! Estamos quase no acampamento!

Estávamos agora fora da estrada, disparando pelos campos no norte de Long Island. Pude ver a Colina Meio-Sangue à nossa frente, com seu pinheiro gigante no topo — a árvore de Thalia, que continha a força vital de uma heroína derrotada.

— Percy! — disse Annabeth em um tom mais urgente. — Dê o olho a elas *agora*!

Decidi não discutir. Joguei o olho no colo de Vespa.

A velha o agarrou, empurrou-o para dentro da órbita como alguém que coloca uma lente de contato, e piscou.

— Eia!

Ela pisou o freio. O táxi rodopiou quatro ou cinco vezes em uma nuvem de fumaça e guinchou até parar no meio da estrada vicinal na base da Colina Meio-Sangue.

Tyson soltou um enorme arroto.

— Melhor agora.

— Tudo bem — disse eu às Irmãs Cinzentas. — Agora me digam o que querem dizer aqueles números.

— Não dá tempo! — Annabeth abriu a porta. — Temos de sair *agora*.

Eu ia perguntar por quê, quando ergui os olhos para a Colina Meio-Sangue e entendi.

No topo da colina havia um grupo de campistas. E eles estavam sob ataque.

# QUATRO

Tyson brinca com fogo

Mitologicamente falando, se existe uma coisa que eu odeio mais do que trios de velhas são touros. No último verão, lutei com o Minotauro no topo da Colina Meio-Sangue. Dessa vez, o que vi lá em cima era ainda pior: dois touros. E não touros comuns, apenas, mas touros de bronze, do tamanho de elefantes. E mesmo *aquilo* não era ruim o bastante. É claro que eles também tinham de soltar fogo.

Assim que saímos do táxi, as Irmãs Cinzentas se safaram a toda rumo a Nova York, onde a vida era mais segura. Nem sequer esperaram pelo pagamento extra de três dracmas. Simplesmente nos largaram à beira da estrada, Annabeth com nada além de sua mochila e a faca, Tyson e eu ainda com as roupas desbotadas de ginástica.

— Ah, céus! — disse Annabeth, olhando para a batalha violenta na colina.

O que mais me preocupou não foram os touros em si. Ou os dez heróis de armadura de batalha completa, cujos traseiros de bronze estavam levando uma surra. O que me preocupava era que os touros estavam se movimentando por toda a colina, inclusive atrás do pinheiro. Aquilo não deveria ser possível. As fronteiras mágicas do acampamento não permitiam que monstros passassem além da árvore de Thalia. Mesmo assim os touros de metal estavam fazendo isso.

Um dos heróis gritou:

— Patrulha de fronteira! Aqui! — Uma voz de menina… rouca e familiar.

Patrulha de fronteira?, pensei. O acampamento *não tinha* patrulha de fronteira.

— É Clarisse — disse Annabeth. — Venha, temos de ajudá-la.

Normalmente, correr para ajudar Clarisse não estaria no topo da minha lista de “coisas a fazer”. Ela era uma das maiores encrenqueiras do acampamento. Na primeira vez que nos vimos ela tentou apresentar minha cabeça a uma privada. Também era filha de Ares, e eu havia tido um desentendimento muito sério com o pai dela no último verão; portanto, agora o deus da guerra e todos os seus filhos basicamente não iam com a minha cara.

Ainda assim ela estava em dificuldades. Seus combatentes estavam se dispersando, correndo em pânico diante do ataque dos touros. A grama estava em chamas em grandes faixas em volta do pinheiro. Um herói gritava e agitava os braços enquanto corria em círculos, o enfeite de crina de cavalo em seu capacete ardendo como um cocar flamejante. A armadura da própria Clarisse estava chamuscada. Ela lutava com um cabo de lança quebrada, a outra extremidade estava cravada inutilmente na junta metálica do ombro de um dos touros.

Tirei a tampa da minha caneta esferográfica. Ela cintilou e foi se tornando cada vez mais comprida e pesada até eu me ver segurando nas mãos a espada de bronze Anaklusmos.

— Tyson, fique aqui. Não quero que se arrisque mais.

— Não! — disse Annabeth. — Precisamos dele.

Olhei para ela.

— Ele é mortal. Teve sorte com as bolas de queimado, mas ele não pode…

— Percy, você sabe o que é aquilo lá em cima? Os touros de Colchis, feitos pelo próprio Hefesto. Não podemos combatê-los sem o Filtro Solar de Medeia, com fator de proteção 50 mil. Vamos ser queimados até virar torresmo.

— *O quê* de Medeia?

Annabeth revirou a mochila e praguejou.

— Eu tinha um pote de essência de coco tropical na minha cabeceira, em casa. Por que não trouxe comigo?

Tinha aprendido muito tempo atrás a não fazer muitas perguntas a Annabeth. Só me deixaria ainda mais confuso.

— Olhe, eu não sei do que você está falando, mas não vou permitir que Tyson seja frito.

— Percy…

— Tyson, fique aqui. — Ergui minha espada. — Vou entrar.

Tyson tentou protestar, mas eu já estava correndo colina acima na direção de Clarisse, que gritava com sua patrulha, tentando organizá-la em formação de falange. Era uma boa ideia. Os poucos que a ouviram formaram uma fileira ombro a ombro, encaixando seus escudos para forjar uma parede de couro e bronze, as lanças surgindo acima como cerdas de porco-espinho.

Infelizmente, Clarisse só conseguiu reunir seis campistas. Os outros quatro ainda corriam em círculos com o capacete em chamas. Annabeth correu até eles, tentando ajudar. Provocou um dos touros para que a perseguisse e depois ficou invisível, confundindo o monstro completamente. O outro touro investiu contra a linha de Clarisse.

Eu estava a meio caminho colina acima — não era perto o bastante para ajudar. Clarisse ainda nem me vira.

O touro se movimentava depressa demais para uma coisa tão grande. A carcaça metálica brilhava ao sol. Tinha rubis do tamanho de punhos no lugar dos olhos e chifres de prata polida. Quando abria a boca articulada, uma coluna de chamas incandescentes era expelida.

— Mantenham a linha! — ordenou Clarisse a seus guerreiros.

Você podia falar qualquer coisa sobre Clarisse, mas ela era corajosa. Era uma menina grande com olhos cruéis como os do pai. Parecia ter nascido para usar uma armadura de batalha grega, mas até mesmo ela não me parecia capaz de resistir à investida daquele touro.

Por azar, naquele momento, o outro touro perdeu o interesse em encontrar Annabeth. Virou-se e foi atrás de Clarisse, do seu lado desprotegido.

— Atrás de você! — gritei. — Cuidado!

Eu não devia ter dito nada, porque tudo o que consegui foi assustá-la. O Touro Número 1 colidiu contra o escudo dela e a falange se rompeu. Clarisse voou para trás e aterrissou em um pedaço de gramado em chamas. O touro passou direto por ela, mas não sem antes atingir os outros heróis com seu hálito de fogo. Os escudos derreteram instantaneamente em seus braços. Eles deixaram cair as armas e correram enquanto o Touro Número 2 se aproximava de Clarisse para o golpe final.

Eu me adiantei e agarrei Clarisse pelos cordões da armadura. Arrastei-a para fora do caminho bem no momento em que o Touro Número 2 passava como um trem de carga. Dei-lhe um bom golpe com Contracorrente e abri um imenso talho numa de suas laterais, mas o monstro apenas rachou e soltou um mugido, e continuou avançando.

A fera não me tocou, mas pude sentir o calor da sua pele de metal. A temperatura de seu corpo poderia ter cozido um *burrito* congelado.

— Me solte! — Clarisse deu uma pancada na minha mão. — Percy, maldito!

Deixei-a cair como um saco junto ao pinheiro e me virei para enfrentar os touros. Estávamos agora do outro lado da colina, com o vale do Acampamento Meio-Sangue logo abaixo. Os chalés, as áreas de treinamento, a Casa Grande — todos em perigo caso os touros passassem por nós.

Annabeth bradou ordens para os outros heróis, dizendo-lhes que se espalhassem e mantivessem os touros distraídos.

O Touro Número 1 fez uma curva bem aberta e começou a voltar na minha direção. Ao passar pelo meio da colina, onde a linha invisível da fronteira deveria tê-lo detido, ele reduziu um pouco a velocidade, como se lutasse contra

um vento forte; mas então rompeu a barreira e continuou avançando. O Touro Número 2 se virou para me enfrentar, com fogo crepitando no corte fundo que eu fizera em seu flanco. Não sei dizer se sentiu alguma dor, mas seus olhos de rubi pareciam fixos em mim como se eu tivesse acabado de levar as coisas para o lado pessoal.

Eu não podia lutar contra os dois touros ao mesmo tempo. Teria de derrubar o Touro Número 2 primeiro e cortar sua cabeça antes que o Touro Número 1 investisse de novo, até ficar ao meu alcance. Eu já sentia os braços cansados. Percebi quanto tempo passara desde a última vez que treinara com Contracorrente, e como perdera a prática.

Ataquei, mas o Touro Número 2 lançou chamas contra mim. Rolei para o lado enquanto o ar se transformava em puro calor. Todo o oxigênio foi sugado de meus pulmões. Meu pé se prendeu em alguma coisa — uma raiz de árvore, talvez — e a dor subiu por meu tornozelo. Ainda assim, consegui desferir um golpe com a espada e decepei um pedaço do focinho do monstro. Ele se afastou galopando, fora de controle e desorientado. Mas, antes que eu pudesse me sentir muito satisfeito com aquilo, tentei ficar de pé e minha perna esquerda fraquejou. O tornozelo estava torcido, talvez quebrado.

O Touro Número 1 investiu na minha direção. Não havia como me arrastar para fora do seu caminho.

Annabeth gritou:

— Tyson, ajude-o!

Em algum lugar por perto, na direção do topo da colina, Tyson lamentou-se:

— Não… posso… atravessar!

— Eu, Annabeth Chase, lhe dou permissão para entrar no acampamento!

Uma trovoada sacudiu a encosta. De repente, Tyson estava lá, disparando em minha direção e gritando:

— Percy precisa de ajuda!

Antes que eu pudesse dizer que não, Tyson se jogou entre mim e o touro bem quando ele soltou uma erupção de fogo nuclear.

— Tyson! — gritei.

A explosão rodopiou em volta dele como um tornado vermelho. Só consegui ver a silhueta negra de seu corpo. Soube com uma terrível certeza que meu amigo acabara de se transformar em uma coluna de cinzas.

Mas, quando o fogo diminuiu, Tyson ainda estava lá, de pé, completamente ileso. Nem mesmo suas roupas surradas foram chamuscadas. O touro deve ter ficado tão surpreso quanto eu, porque antes que pudesse exalar uma segunda erupção Tyson cerrou os punhos e golpeou a cara dele.

— VACA MALVADA!

Seus punhos abriram uma cratera no lugar onde estaria o focinho do touro. Duas pequenas colunas de fogo irromperam dos ouvidos. Tyson acertou-o de novo e amassou o bronze sob suas mãos como papel-alumínio. A cabeça do touro agora parecia um boneco de meia virado do avesso.

— No chão! — berrou Tyson.

O touro cambaleou e caiu de costas. As pernas balançaram debilmente no ar, o vapor escapando pela cabeça e outros lugares esquisitos.

Annabeth correu para ver como eu estava.

Meu tornozelo parecia estar cheio de ácido, mas ela me deu um pouco do néctar do Olimpo em seu cantil e imediatamente comecei a me sentir melhor. Havia um cheiro de queimado que depois percebi que vinha de mim. Os pelos em meus braços tinham ficado completamente chamuscados.

— E o outro touro? — perguntei.

Annabeth apontou colina abaixo. Clarisse tinha cuidado da Vaca Malvada Número 2. Ela a empalara pela pata traseira com uma lança de bronze celestial. Com o focinho semidestruído e um enorme talho no flanco, o bicho tentava correr em câmara lenta, andando em círculos como algum tipo de animal de carrossel.

Clarisse tirou o capacete e marchou em nossa direção. Uma mecha do seu cabelo castanho fibroso estava fumegando, mas ela parecia nem notar.

— Você estragou tudo! — berrou ela para mim. — Eu tinha tudo sob controle!

Eu estava atordoado demais para responder. Annabeth resmungou:

— Bom ver você também, Clarisse.

— Argh! — gritou Clarisse. — Nunca, NUNCA tente me salvar de novo!

— Clarisse — disse Annabeth —, você tem alguns campistas feridos.

Aquilo a fez cair em si. Até mesmo Clarisse se preocupava com os soldados sob seu comando.

— Eu vou voltar — rosnou ela, e depois se afastou pesadamente para avaliar os danos.

Olhei para Tyson.

— Você não morreu.

Tyson baixou os olhos como se estivesse com vergonha.

— Desculpe-me. Vim ajudar. Desobedeci a você.

— Culpa minha — disse Annabeth. — Não tive escolha. Eu tinha de deixar Tyson cruzar a fronteira para salvá-lo. Caso contrário, você teria morrido.

— *Deixá-lo* cruzar a fronteira? — perguntei. — Mas…

— Percy — disse ela —, você já olhou para Tyson com atenção? Quer dizer… para seu rosto. Ignorar a Névoa e *realmente* olhar para ele.

A Névoa faz os seres humanos verem apenas o que seu cérebro pode processar… Eu sabia que ela podia enganar semideuses também, mas…

Olhei para o rosto de Tyson. Não foi fácil. Sempre tive dificuldade de olhar diretamente para ele, embora nunca tivesse entendido muito bem por quê. Achava que era só porque sempre havia manteiga de amendoim nos seus dentes tortos. Forcei-me a focalizar seu nariz grande e sem jeito, depois, um pouco mais acima, seus olhos.

Não, não *olhos*.

*Um* olho. Um grande olho, castanho-bezerro, bem no meio da testa, com cílios grossos e grandes lágrimas escorrendo pelas bochechas dos dois lados.

— Tyson — gaguejei. — Você é um…

— Ciclope — sugeriu Annabeth. — Um bebê, a julgar pela aparência. Provavelmente foi por isso que ele não conseguiu atravessar a fronteira como os touros. Tyson é um dos órfãos sem-teto.

— Um dos quê?

— Eles estão em quase todas as grandes cidades — disse Annabeth, de um jeito desagradável. — São… *erros*, Percy. Filhos de espíritos da natureza e deuses… Bem, normalmente, um deus em particular… e nem sempre são perfeitos. Ninguém os quer. Eles são jogados de lado. Crescem nas ruas, sozinhos. Não sei como esse o encontrou, mas ele obviamente gosta de você. Devemos levá-lo a Quíron e deixar que ele decida o que fazer.

— Mas o fogo. Como…

— Ele é um ciclope. — Annabeth fez uma pausa, como se estivesse se lembrando de algo desagradável. — Eles operam as forjas dos deuses. *Precisam* ser imunes ao fogo. É o que eu vinha tentando lhe dizer.

Eu estava completamente chocado. Como nunca percebera o que Tyson era?

Mas eu não tinha muito tempo para pensar nisso naquele momento. Toda a encosta da colina estava em chamas. Heróis feridos precisavam de atenção. E ainda havia dois touros derrubados para descartar, e eu não fazia ideia de como eles iriam caber nas nossas caçambas normais de lixo reciclável.

Clarisse voltou e limpou a fuligem da testa.

— Jackson, se você puder aguentar, levante-se. Precisamos carregar os feridos de volta para a Casa Grande e informar a Tântalo o que aconteceu.

— Tântalo? — perguntei.

— O diretor de atividades — disse Clarisse, impaciente.

— O diretor de atividades é Quíron. E onde está Argos? Ele é o encarregado

da segurança. Devia estar aqui.

Clarisse fez uma cara amarga.

— Argos foi despedido. Vocês dois estiveram afastados por muito tempo. As coisas estão mudando.

— Mas, Quíron… Ele treina garotos para combater monstros há mais de três mil anos. Não pode ter simplesmente *ido embora*. O que aconteceu?

— *Aquilo* aconteceu — disparou Clarisse.

Ela apontou para a árvore de Thalia.

Todos os campistas conheciam a história da árvore. Seis anos antes, Grover, Annabeth e dois outros semideuses chamados Thalia e Luke chegaram ao Acampamento Meio-Sangue perseguidos por um exército de monstros. Quando se viram acuados no topo da colina, Thalia, filha de Zeus, montou resistência ali, para dar tempo aos amigos de alcançar a segurança. Quando ela estava morrendo, Zeus se apiedou e a transformou em um pinheiro. Seu espírito reforçou as fronteiras mágicas do acampamento, protegendo-o de monstros. O pinheiro estava lá desde então, forte e saudável.

Mas agora suas folhas estavam amarelas. Uma enorme pilha de folhas mortas se acumulava na base da árvore. No centro do tronco, a um metro do chão, havia uma perfuração do tamanho de um buraco de bala, gotejando seiva verde.

O gelo cortou meu peito. Agora eu entendia por que o acampamento estava em perigo. As fronteiras mágicas estavam falhando porque a árvore de Thalia estava morrendo.

Alguém a envenenara.

# CINCO

Meu novo companheiro de chalé

Alguma vez você já chegou em casa e encontrou seu quarto todo bagunçado? Como se alguma pessoa prestimosa (oi, mamãe!) tivesse tentado “arrumá-lo” e, de repente, você não conseguisse encontrar mais nada? E, mesmo que nada esteja faltando, tem aquela sensação arrepiante de que alguém andou olhando suas coisas e limpando tudo com lustra-móveis que cheira a limão?

Foi esse tipo de coisa que senti ao ver o Acampamento Meio-Sangue de novo.

Na superfície, nada parecia assim tão diferente. A Casa Grande ainda estava lá com seu telhado azul e sua varanda em toda a volta. Os campos de morangos ainda se aqueciam ao Sol. Os mesmos prédios com colunas gregas brancas se espalhavam pelo vale — o anfiteatro, a arena de combates, o pavilhão-refeitório que dá para o estreito de Long Island. E, aninhados entre os bosques e o riacho, os mesmos chalés — um sortimento maluco de doze prédios, cada qual representando um deus olimpiano diferente.

Mas agora havia uma atmosfera de perigo.

Dava para perceber que alguma coisa estava errada. Em vez de jogar vôlei na quadra de areia, conselheiros e sátiros armazenavam armas no galpão de ferramentas. Dríades armadas de arcos e flechas conversavam, nervosas, no limite dos bosques. A floresta parecia doente; a grama na campina tinha um tom pálido de amarelo, e as marcas do fogo na Colina Meio-Sangue se destacavam como feias cicatrizes.

Alguém tinha bagunçado meu lugar favorito em todo o mundo, e eu não era… bem, um campista feliz.

Enquanto caminhávamos para a Casa Grande, reconheci uma porção de campistas do último verão. Ninguém parou para conversar. Ninguém disse: “Sejam bem-vindos de volta.” Alguns olharam duas vezes quando viram Tyson, mas a maior parte simplesmente passou de cara fechada e seguiu em frente, cumprindo seus deveres — levando mensagens, carregando espadas para afiar nas pedras de amolar. O acampamento parecia uma escola militar. E, acredite, eu as conheço. Fui expulso de algumas.

Nada disso importava para Tyson. Ele estava absolutamente fascinado com tudo o que via.

— O que é aquilo? — ele se espantava.

— Estábulos para pégasos — disse eu. — Os cavalos alados.

— O que é aquilo?

— Hum… aquilo são os banheiros.

— O que é aquilo?

— Os chalés dos campistas. Se não sabem quem é seu pai olimpiano, você é deixado no chalé de Hermes… aquele marrom logo ali… até que se descubra. Então, quando já sabem, juntam-no ao grupo de seu pai, ou de sua mãe.

Ele olhou para mim abismado.

— Você… tem um *chalé*?

— O número 3. — Apontei para uma construção cinzenta e baixa feita de pedras do mar.

— Você mora com amigos no chalé?

— Não. Não, fico sozinho. — Não estava com vontade de explicar. A verdade embaraçosa: eu era o único naquele chalé porque supostamente não deveria estar vivo. Os "Três Grandes" deuses — Zeus, Poseidon e Hades — tinham feito um pacto depois da Segunda Guerra Mundial para não ter mais filhos com mortais. Nós éramos mais poderosos que os meios-sangues normais. E imprevisíveis demais. Quando ficávamos zangados, tendíamos a causar problemas… como a Segunda Guerra Mundial, por exemplo. O pacto dos "Três Grandes" só tinha sido quebrado duas vezes — quando Zeus gerou Thalia e quando Poseidon me gerou. Nenhum de nós devia ter nascido.

Thalia acabou transformada em um pinheiro quando tinha doze anos. Eu… bem, eu estava fazendo o melhor possível para não seguir o exemplo dela. Tinha pesadelos só de pensar no que Poseidon poderia me transformar se algum dia eu estivesse à beira da morte — plâncton, quem sabe. Ou um agrupamento flutuante de algas marinhas.

Quando chegamos à Casa Grande, encontramos Quíron em seu alojamento, ouvindo suas músicas favoritas da década de 1960 enquanto arrumava seus alforjes. Acho que devo mencionar — Quíron é um centauro. Da cintura para cima parece um sujeito comum, de meia-idade, com cabelo castanho encaracolado e barba desarrumada. Da cintura para baixo, é um corcel branco. Consegue passar por ser humano apertando sua metade inferior em uma cadeira de rodas mágica. De fato, ele se passou por meu professor de latim na sexta série. Mas na maior parte do tempo, se os tetos forem bastante altos, ele prefere circular em sua forma plena de centauro.

Assim que o vimos, Tyson ficou paralisado.

— Pônei! — exclamou, totalmente extasiado.

Quíron se voltou, parecendo ofendido.

— Como disse?

Annabeth e eu subimos correndo e o abraçamos.

— Quíron, o que está acontecendo? Não está… indo embora? — A voz dela estava trêmula. Quíron era como seu segundo pai.

Quíron despenteou o cabelo de Annabeth e lhe deu um sorriso bondoso.

— Olá, criança. E Percy, ora vejam! Você cresceu esse ano!

Engoli em seco.

— Clarisse disse que você foi… foi…

— Despedido. — Os olhos de Quíron brilharam com um humor soturno. — Ah, bem, alguém tinha de levar a culpa. O Senhor Zeus ficou muito aborrecido. A árvore que ele criou do espírito de sua filha foi envenenada! O sr. D precisava punir alguém.

— Quer dizer: se não fosse ele — resmunguei. Só de pensar no diretor do acampamento, sr. D, eu fiquei irritado.

— Mas isso é loucura! — exclamou Annabeth. — Quíron, você não poderia ter nada a ver com o envenenamento da árvore de Thalia!

— Apesar disso — suspirou Quíron —, alguns no Olimpo não confiam em mim agora, dadas as circunstâncias.

— Que circunstâncias? — perguntei.

O rosto de Quíron se anuviou. Ele enfiou um dicionário latiminglês no alforje enquanto a música de Frank Sinatra soava no micro system.

Tyson ainda olhava para Quíron, encantado. Choramingou como se quisesse acariciar Quíron, mas tivesse medo de chegar mais perto.

— Pônei?

Quíron respirou fundo.

— Meu caro jovem ciclope! Eu sou um *centauro*.

— Quíron — falei. — E a árvore? O que aconteceu?

Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

— O veneno usado no pinheiro de Thalia é algo do Mundo Inferior, Percy. Alguma peçonha que eu nunca tinha visto. Deve ter vindo de um monstro da profundeza dos abismos de Tártaro.

— Então sabemos quem é o responsável. Cro…

— Não invoque o nome do titã, Percy. Especialmente, não aqui, e não agora.

— Mas no último verão ele tentou causar uma guerra civil no Olimpo! Isso

*tem* de ser ideia dele. Ele convenceu Luke a fazer aquilo, aquele traidor.

— Talvez — disse Quíron. — Mas infelizmente estou sendo responsabilizado porque não evitei que acontecesse e não consigo curá-la. A árvore tem apenas algumas semanas de vida, a não ser…

— A não ser o quê? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Quíron. — Um pensamento tolo. O vale inteiro está sentindo o choque do veneno. As fronteiras mágicas estão se deteriorando. O próprio acampamento está morrendo. Só uma fonte de mágica seria forte o bastante para anular o veneno, e ela foi perdida séculos atrás.

— O que é? — perguntei. — Nós vamos encontrá-la!

Quíron fechou seu alforje. Apertou o botão *stop* do seu som. Então se virou e pousou a mão em meu ombro, olhando-me bem nos olhos.

— Percy, você tem de me prometer que não vai agir precipitadamente. Disse à sua mãe que não queria que você viesse para cá neste verão. É perigoso demais. Mas agora que está aqui, *fique* aqui. Treine muito. Aprenda a lutar. Mas não vá embora.

— Por quê? — perguntei. — Quero fazer alguma coisa! Não posso simplesmente deixar todas as fronteiras caírem por terra. O acampamento inteiro será…

— Invadido por monstros — disse Quíron. — Sim, é o que temo. Mas você não deve se deixar tentar por alguma ação impensada! Isso pode ser uma armadilha do senhor dos titãs. Lembre-se do último verão! Ele quase tirou sua vida.

Era verdade, mas ainda assim eu queria muito ajudar. Também queria fazer Cronos pagar. Quer dizer, era de esperar que o senhor dos titãs tivesse aprendido suas lições eras atrás, quando foi derrubado pelos deuses. Era de esperar que ser picado em um milhão de pedacinhos e jogado na parte mais escura do Mundo Inferior lhe desse uma dica sutil de que ninguém o queria por perto. Mas não. Como ele era imortal, ainda estava vivo lá embaixo no Tártaro — sofrendo a dor eterna, faminto por retornar e se vingar do Olimpo. Não podia agir sozinho, mas era muito bom em distorcer a mente de mortais, e até de deuses, para que fizessem seu trabalho sujo.

O envenenamento *tinha* de ser coisa dele. Quem mais seria tão baixo a ponto de atacar a árvore de Thalia, a única coisa que restara de uma heroína que dera a vida para salvar seus amigos?

Annabeth estava se esforçando muito para não chorar. Quíron enxugou uma lágrima da bochecha dela.

— Fique com Percy, criança — disse ele. — Cuide para que ele fique seguro.

A profecia… lembre-se dela!

— Eu… eu vou fazer isso.

— Hum… — falei. — A profecia que tem relação comigo, mas que os deuses os proibiram de me contar?

Ninguém respondeu.

— Certo — resmunguei. — Só confirmando.

— Quíron… — disse Annabeth. — Você me contou que os deuses o fizeram imortal somente enquanto você fosse necessário para treinar heróis. Se eles o demitem do acampamento…

— Jure que fará o melhor que puder para manter Percy afastado do perigo — insistiu ele. — Jure pelo rio Estige.

— Juro… juro pelo rio Estige — disse Annabeth.

Trovejou do lado de fora.

— Muito bem — disse Quíron. Ele pareceu um pouquinho mais relaxado. — Talvez meu nome seja limpo, e eu retorne. Até lá, vou visitar meus parentes selvagens, em Everglades. É possível que eles saibam de algum tratamento que eu tenha esquecido para a árvore envenenada. De qualquer modo, ficarei no exílio até que esse assunto seja resolvido… de um jeito ou de outro.

Annabeth sufocou um soluço. Quíron lhe deu umas palmadinhas desajeitadas no ombro.

— Vamos, vamos, criança. Preciso confiar sua segurança ao sr. D e ao novo diretor de atividades. Precisamos ter esperanças… bem, talvez eles não destruam o acampamento tão depressa quanto temo.

— Afinal, quem é esse tal de Tântalo? — perguntei. — O que ele quer tomando seu emprego?

Uma trombeta de concha soou pelo vale. Eu não tinha percebido como era tarde. Era hora de os campistas se reunirem para o jantar.

— Vão — disse Quíron. — Vocês o encontrarão no pavilhão. Vou entrar em contato com sua mãe, Percy, e avisá-la de que você está em segurança. Sem dúvida, ela deve estar preocupada a essa altura. Só não se esqueça do meu aviso! Você corre grave perigo. Não pense nem por um momento que o senhor dos titãs o esqueceu!

Com isso, ele saiu do apartamento batendo os cascos e desceu para o vestíbulo, enquanto Tyson gritava atrás dele:

— Pônei! Não vá!

Percebi que tinha esquecido de contar a Quíron sobre meu sonho com Grover. Era tarde demais. O melhor professor que já tivera se fora, talvez para sempre.

Tyson começou a chorar alto, quase tanto quanto Annabeth.

Tentei lhe dizer que ia dar tudo certo, mas eu não acreditava nisso.

O Sol estava se pondo atrás do pavilhão de refeições quando os campistas vieram de seus chalés. Ficamos na sombra de uma coluna de mármore e observamos enquanto eles entravam em fila. Annabeth ainda estava bastante abalada, mas prometeu que conversaria conosco mais tarde. Foi então se juntar a seus irmãos do chalé de Atena — uma dúzia de meninos e meninas de cabelos loiros e olhos cinzentos como os dela. Annabeth não era a mais velha, mas passara ali mais verões do que quase todos os outros. Era possível perceber isso só de olhar para o seu colar do acampamento — uma conta para cada verão, e Annabeth tinha seis. Ninguém questionava seu direito de liderar a fila.

A seguir veio Clarisse, liderando o chalé de Ares. Estava com um braço na tipoia e um corte feio na bochecha, mas, a não ser por isso, o encontro com os touros de bronze não parecia tê-la intimidado. Alguém prendera com fita adesiva um pedaço de papel nas costas dela, que dizia: VOCÊ MUGE, MENINA! Mas ninguém de seu chalé se deu o trabalho de avisá-la.

Depois das crianças de Ares veio o chalé de Hefesto — seis caras liderados por Charles Beckendorf, um garoto grande de quinze anos, afro-americano. Tinha mãos do tamanho de luvas de beisebol e um rosto duro e estrábico de tanto olhar para dentro de uma forja de ferreiro o dia inteiro. Ele era bem simpático depois que você o conhecia, mas ninguém jamais o chamava de Charlie, Chuck ou Charles. A maioria só o chamava de Beckendorf. Dizia-se que ele era capaz de fazer qualquer coisa. Era só lhe dar um pedaço de metal e ele poderia criar uma espada afiada como navalha, um guerreiro robótico ou uma banheira de passarinho musical para o jardim da sua avó. O que a gente quisesse.

Os outros chalés foram entrando em fila: Deméter, Apolo, Afrodite, Dioniso. As náiades emergiram do lago de canoagem. As dríades surgiram das árvores. Da campina veio uma dúzia de sátiros, que me fizeram lembrar de Grover com aflição.

Sempre tive um fraco pelos sátiros. Quando estavam no acampamento, serviam como os quebra-galhos do sr. D, o diretor, mas seu trabalho mais importante era lá fora, no mundo real. Eles eram os olheiros do acampamento. Entravam disfarçados em escolas do mundo inteiro, procurando possíveis meios-sangues, e os escoltavam para o acampamento. Foi como conheci Grover. Ele foi o primeiro a reconhecer que eu era um semideus.

Depois que os sátiros entraram para jantar, o pessoal do chalé de Hermes veio por último. Era sempre o maior chalé. No último verão, foi liderado por Luke, o cara que tinha lutado com Thalia e Annabeth no topo da Colina Meio-Sangue.

Por algum tempo, antes de Poseidon me reclamar, eu me alojei no chalé de Hermes. Luke se tornou meu amigo… e depois tentou me matar.

Agora o chalé de Hermes era liderado por Travis e Connor Stoll. Eles não eram gêmeos, mas eram tão parecidos que isso não importava. Nunca conseguia lembrar qual era o mais velho. Ambos eram altos e magros, com os cabelos castanhos caindo nos olhos. Usavam camisetas laranja do ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE por cima de shorts folgados, e tinham aquelas feições de elfo de todos os meninos de Hermes: sobrancelhas arqueadas, sorriso sarcástico e um brilho nos olhos sempre que fitavam você — como se estivessem prestes a jogar uma bombinha dentro de sua camisa. Sempre achei engraçado que o deus dos ladrões tivesse filhos com o sobrenome "Stoll", que lembra a palavra "roubou" em inglês, mas na única vez que mencionei isso a Travis e Connor eles me olharam com cara de paisagem, como se não tivessem entendido a piada.

Assim que os últimos campistas entraram, levei Tyson até o meio do pavilhão. As conversas se interromperam. Cabeças se viraram.

— Quem convidou *aquilo*? — murmurou alguém na mesa de Apolo.

Olhei furiosamente na direção deles, mas não consegui discernir quem havia falado.

Da mesa principal, veio uma voz arrastada, familiar.

— Ora, ora, ora, se não é Peter Jackson! O meu milênio está completo.

Trinquei os dentes.

— *Percy Jackson*… senhor.

O sr. D tomou um gole da sua Diet Coke.

— Sim. Bem, como vocês jovens hoje em dia, *tanto faz*.

Ele usava a camisa de sempre, havaiana com estampa de leopardo, bermuda e tênis com meias pretas. A barriga protuberante e a cara vermelha e manchada o faziam parecer um turista de Las Vegas que ficara acordado até tarde nos cassinos. Atrás dele, um sátiro que parecia nervoso tirava as cascas das uvas e as entregava ao sr. D, uma de cada vez.

O verdadeiro nome do sr. D é Dioniso. O deus do vinho. Zeus o nomeou diretor do Acampamento Meio-Sangue para ficar abstêmio por cem anos — um castigo por paquerar uma ninfa proibida dos bosques.

Ao lado dele, onde normalmente se sentava Quíron (ou ficava em pé, na forma de centauro), havia alguém que eu nunca vira — um homem pálido e terrivelmente magro usando um macacão laranja de prisioneiro. O número acima do bolso era 0001. Ele tinha sombras azuis debaixo dos olhos, unhas sujas e cabelo grisalho malcortado, como se seu último corte de cabelo tivesse sido feito com um cortador de grama. Ele olhou para mim; seus olhos me deixaram

nervoso. Ele parecia… em frangalhos. Zangado, frustrado e esfomeado, tudo ao mesmo tempo.

— Esse menino — disselhe Dioniso —, precisa ficar de olho nele. Filho de Poseidon, você sabe.

— Ah! — disse o prisioneiro. — Aquele.

Seu tom deixou óbvio que ele e Dioniso já haviam conversado extensamente sobre mim.

— Eu sou Tântalo — disse o prisioneiro, sorrindo friamente. — Em missão especial aqui, bem, até que o meu senhor Dioniso decida outra coisa. Quanto a você, Perseu Jackson, *realmente* espero que evite causar mais problemas.

— Problemas? — perguntei.

Dioniso estalou os dedos. Um jornal apareceu sobre a mesa — a primeira página do *New York Post* daquele dia. Trazia minha fotografia do anuário do colégio Meriwether. Era difícil para mim distinguir a manchete, mas eu tinha um bom palpite do que dizia. Algo como: *Maluco de Treze Anos Toca Fogo em Ginásio*.

— Sim, problemas — disse Tântalo com satisfação. — Você causou um bocado deles no último verão, pelo que sei.

Fiquei zangado demais para falar. Como se fosse culpa *minha* que os deuses quase tivessem entrado numa guerra civil.

Um sátiro avançou, tenso, e pôs um prato de churrasco na frente de Tântalo. O novo diretor de atividades lambeu os beiços. Olhou para sua taça vazia e disse:

— Cerveja preta. Reserva especial da Barq’s, 1967.

O copo se encheu sozinho de um líquido espumante. Tântalo esticou a mão em dúvida, como se tivesse medo de que a taça estivesse quente.

— Vá em frente, meu velho — disse Dioniso, com um brilho estranho nos olhos. — Talvez agora funcione.

Tântalo tentou agarrar o copo, mas ele escapuliu rapidamente antes que pudesse tocá-lo. Algumas gotas de cerveja preta transbordaram, e Tântalo tentou recolhê-las com os dedos, mas as gotas deslizaram para longe, como se fossem de mercúrio, antes que as alcançasse. Ele gemeu e se virou para o prato de churrasco. Pegou um garfo e tentou espetar um pedaço de peito, mas o prato deslizou até a extremidade da mesa e saiu voando direto para os carvões do braseiro.

— Droga! — resmungou Tântalo.

— Ah! que pena… — disse Dioniso com a voz que transbordava falsa solidariedade. — Talvez daqui a alguns dias. Acrediteme, meu velho, trabalhar neste acampamento já vai ser tortura suficiente. Tenho certeza de que sua velha

maldição, mais dia, menos dia, vai acabar.

— Mais dia, menos dia — murmurou Tântalo, olhando para a Diet Coke de Dioniso. — Você tem ideia de como a garganta de uma pessoa fica seca depois de mil anos?

— Você é aquele espírito dos Campos de Punição — disse eu. — Aquele que fica em pé na lagoa, com a árvore frutífera logo acima, mas não pode comer nem beber.

Tântalo arreganhou um sorriso sarcástico para mim.

— Você é um verdadeiro erudito, não é, menino?

— Deve ter feito alguma coisa realmente horrível quando estava vivo — falei, um pouco impressionado. — O que foi?

Os olhos de Tântalo se estreitaram. Atrás dele, os sátiros sacudiam a cabeça vigorosamente, tentando me alertar.

— Vou ficar de olho em você, Percy Jackson — disse Tântalo. — Não quero problemas no meu acampamento.

— *Seu* acampamento já tem problemas… senhor.

— Ah! vá se sentar, Johnson — suspirou Dioniso. — Acho que aquela mesa ali é a sua… aquela em que ninguém mais quer se sentar.

Meu rosto estava queimando, mas eu sabia que era melhor não reagir. Dioniso era uma criança grande, mas uma criança grande imortal e superpoderosa. Eu disse:

— Vamos, Tyson.

— Ah! não — disse Tântalo. — O monstro fica aqui. Vamos decidir o que fazer com isso.

— Com *ele* — disparei. — Seu nome é Tyson.

O novo diretor de atividades ergueu uma sobrancelha.

— Tyson salvou o acampamento — insisti. — Ele esmagou aqueles touros de bronze. Se não fosse isso, eles teriam queimado este lugar inteiro.

— Sim — suspirou Tântalo —, e que *lamentável* teria sido. Dioniso deu uma risadinha.

— Deixe-nos — ordenou Tântalo — enquanto decidimos o destino da criatura.

Tyson olhou para mim com medo em seu único e grande olho, mas eu sabia que não poderia desobedecer a uma ordem direta dos diretores do acampamento. Pelo menos, não abertamente.

— Vou estar logo ali, grandão — prometi. — Não se preocupe. Vamos achar um lugar legal para você dormir esta noite.

Tyson assentiu.

— Acredito em você. Você é meu amigo.

Eu me senti ainda mais culpado.

Arrastei-me até a mesa de Poseidon e despenquei no banco. Uma ninfa dos bosques me levou um prato de pizza olimpiana de azeitonas e *pepperoni*, mas eu não estava com fome. Quase fui morto duas vezes naquele dia. Tinha conseguido terminar o ano letivo com um desastre completo. O Acampamento Meio-Sangue estava em sérias dificuldades e Quíron me dissera para não fazer nada a esse respeito.

Eu não me sentia muito agradecido, mas levei meu jantar até o braseiro de bronze, como era costume, e joguei parte dele nas chamas.

— Poseidon — murmurei —, aceite minha oferenda.

*E me mande alguma ajuda enquanto isso*, rezei em silêncio. *Por favor*.

A fumaça da pizza queimada se transformou em algo fragrante — o cheiro de uma leve brisa marítima misturado com perfume de flores —, mas eu não sabia muito bem se aquilo significava que meu pai realmente ouvia.

Voltei para meu lugar. Não achava que a situação pudesse piorar muito. Mas então Tântalo mandou um dos sátiros tocar a trombeta de concha para chamar nossa atenção para os avisos.

— Sim, muito bem — disse Tântalo depois que as conversas silenciaram. — Mais uma bela refeição! Ou, ao menos, é o que me disseram. — Enquanto falava, aproximava a mão do prato de jantar reabastecido, como se, quem sabe, a comida não fosse notar o que ele estava fazendo. Mas notou. O prato disparou pela mesa assim que a mão dele chegou a uma distância de quinze centímetros.

— E aqui, no primeiro dia do meu mandato — continuou —, gostaria de dizer que agradável forma de punição é estar aqui. Ao longo do verão, eu espero torturar, digo, interagir com cada um de vocês, crianças. Todos parecem prontos para comer.

Dioniso bateu palmas educadamente, puxando alguns aplausos desanimados dos sátiros. Tyson ainda estava plantado junto à mesa principal, aparentemente desconfortável, mas toda vez que tentava escapar do centro das atenções Tântalo o puxava de volta.

— E agora, algumas mudanças! — Tântalo deu um sorriso torto para os campistas. — Estamos reinstituindo as corridas de bigas!

Murmúrios irromperam em todas as mesas — agitação, medo, incredulidade.

— Agora eu sei — continuou Tântalo, levantando a voz — que essas corridas

foram suspensas há alguns anos devido a, ahn… problemas técnicos.

— Três mortes e vinte e seis mutilações — gritou alguém da mesa de Apolo.

— Sim, sim! — disse Tântalo. — Mas sei que todos vocês vão se juntar a mim para dar as boas-vindas ao retorno dessa tradição do acampamento. Louros de ouro serão entregues aos vencedores todos os meses. As equipes podem se registrar pela manhã! A primeira corrida acontecerá dentro de três dias. Vamos liberá-los da maior parte de suas atividades costumeiras para que preparem as bigas e escolham seus cavalos. Ah! e cheguei a mencionar que a equipe do chalé vitorioso será dispensada das obrigações diárias no mês em que vencer?

Uma explosão de conversas animadas — sem trabalho na cozinha um mês inteiro? Sem limpeza de estábulos? Ele estava falando sério?

Então a última pessoa de quem eu esperava uma objeção fez isso.

— Mas, senhor! — disse Clarisse. Ela parecia nervosa, mas ficou em pé para falar da mesa de Ares. Alguns dos campistas riram ao verem o cartaz "VOCÊ MUGE, MENINA!" nas costas dela. — E o serviço de patrulha? Quer dizer, se abandonarmos tudo para preparar nossas bigas…

— Ah! a heroína do dia — exclamou Tântalo. — A corajosa Clarisse, que sozinha derrotou os touros de bronze!

Clarisse piscou, depois corou.

— Ahn, eu não…

— E modesta também — sorriu Tântalo. — Não se preocupe, querida! Isto é um acampamento de verão. Estamos aqui para nos divertir, certo?

— Mas a árvore…

— E agora — disse Tântalo enquanto diversos companheiros de chalé de Clarisse a puxavam de volta para o banco —, antes que passemos à fogueira e à cantoria, uma pequena questão doméstica: Percy Jackson e Annabeth Chase julgaram apropriado, por alguma razão, trazer aqui *isto*. — Tântalo acenou a mão para Tyson.

Um murmúrio desconfortável se espalhou entre os campistas. Várias pessoas me olharam de lado. Tive vontade de matar Tântalo.

— Agora, é claro — disse ele —, os ciclopes têm reputação de ser monstros sanguinários com uma capacidade cerebral muito pequena. Em circunstâncias normais, eu soltaria essa besta-fera nos bosques e mandaria vocês em seu encalço com tochas e pedaços de pau. Mas, quem sabe? Talvez este ciclope não seja tão horrível quanto seus irmãos. Até que ele prove ser digno de destruição, precisamos de um lugar para mantê-lo! Pensei nos estábulos, mas isso deixaria os cavalos nervosos. Quem sabe o chalé de Hermes?

Silêncio na mesa de Hermes. Travis e Connor Stoll de repente ficaram muito

interessados na toalha de mesa. Eu não poderia culpá-los. O chalé de Hermes estava sempre cheio a ponto de arrebentar. Não havia como abrigar um ciclope de um metro e noventa.

— Vamos, vamos — caçoou Tântalo. — O monstro pode realizar algumas tarefas domésticas. Alguma sugestão sobre onde esta besta-fera deve ser recolhida?

De repente todos ficaram boquiabertos.

Tântalo afastou-se bruscamente de Tyson, surpreso. Tudo o que pude fazer foi olhar incrédulo para a luz verde brilhante que estava prestes a mudar minha vida — uma impressionante imagem holográfica que apareceu acima da cabeça de Tyson.

Com um nó de enjoo no estômago, lembrei-me do que Annabeth dissera sobre os ciclopes: *Eles são filhos de espíritos da natureza e deuses… Bem, normalmente, um deus em particular…*

Rodopiando acima de Tyson havia um reluzente tridente verde — o mesmo símbolo que aparecera sobre mim no dia em que Poseidon me reclamou como seu filho.

Houve um momento de silêncio reverente.

Ser reclamado era um evento raro. Alguns campistas aguardavam a vida inteira em vão. Quando fui reclamado por Poseidon no último verão, todos se ajoelharam respeitosamente. Mas ali eles seguiram o exemplo de Tântalo: e Tântalo caiu na gargalhada.

— Bem! Acho que agora sabemos onde pôr a besta-fera. Pelos deuses, posso ver a familiar semelhança!

Todos riram, exceto Annabeth e alguns dos meus outros amigos.

Tyson pareceu nem notar. Estava perplexo demais, tentando espantar o tridente reluzente que agora desaparecia pouco a pouco. Ele era muito inocente para entender quanto estavam rindo à custa dele, e como as pessoas eram cruéis.

Mas eu entendi.

Eu tinha um novo companheiro de chalé. E tinha um monstro como meio-irmão.

# SEIS

O ataque dos pombos demoníacos

Os dias que se seguiram foram uma tortura, bem como Tântalo queria.

Primeiro, havia Tyson se mudando para o chalé de Poseidon, dando risadinhas consigo mesmo a cada quinze segundos e dizendo: — Percy é meu irmão? — Como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

— Ei, Tyson — dizia eu. — Não é assim tão simples.

Mas não havia como explicar a ele. Ele estava nas nuvens. E eu… por mais que gostasse do grandão, não podia deixar de me sentir sem graça. Envergonhado. Pronto, falei.

Meu pai, o todo-poderoso Poseidon, ficara enrabichado por algum espírito da natureza, e Tyson era o resultado. Quer dizer, eu tinha lido os mitos sobre os ciclopes. Até lembrava que eles eram, frequentemente, filhos de Poseidon. Mas nunca tinha me dado conta de que isso fazia deles… minha família. Até ter Tyson morando comigo, no beliche ao lado.

Depois, havia os comentários dos outros campistas. De repente, eu não era Percy Jackson, o cara legal que recuperara o relâmpago de Zeus no último verão. Agora eu era Percy Jackson, o pobre idiota que tinha um monstro feioso como irmão.

— Ele não é meu irmão *de verdade*! — eu protestava sempre que Tyson não estava por perto. — Ele é mais como um meio-irmão do lado monstruoso da família. Tipo… um meio-irmão de segundo grau ou coisa assim.

Ninguém caiu nessa.

Eu admito — estava zangado com meu pai. Sentia que ser seu filho passara a ser uma piada.

Annabeth tentou fazer com que eu me sentisse melhor. Sugeriu que formássemos uma equipe para a corrida de bigas, para desviar a cabeça dos problemas. Não me entenda mal — nós dois odiávamos Tântalo e estávamos preocupadíssimos com o acampamento —, mas não sabíamos o que fazer. Até que nos ocorresse algum plano brilhante para salvar a árvore de Thalia, calculamos que poderíamos muito bem participar das corridas. Afinal, a mãe de

Annabeth, Atena, inventara a carruagem, e meu pai criara os cavalos. Juntos, aquela pista *ia ser nossa*.

Uma bela manhã Annabeth e eu estávamos sentados junto ao lago de canoagem rabiscando esboços de bigas quando alguns engraçadinhos do chalé de Afrodite passaram por lá e me perguntaram se eu precisava de um delineador para o olho…

— Ah! desculpe, *olhos*.

Enquanto eles se afastavam dando risada, Annabeth resmungou:

— O que você precisa fazer, Percy, é ignorá-los. Você não tem culpa de ter um monstro como irmão.

— Ele *não* é meu irmão! — disparei. — E ele também não é um monstro!

Annabeth ergueu as sobrancelhas.

— Ei, não se zangue comigo! E, tecnicamente, ele é, sim, um monstro.

— Bem, *você* lhe deu permissão para entrar no acampamento.

— Porque era o único jeito de salvar sua vida! Quer dizer, sinto muito, Percy, eu não esperava que Poseidon o *reclamasse*. Os ciclopes são as criaturas mais enganadoras, traiçoeiras…

— Ele não é! O que você tem contra os ciclopes, afinal?

As orelhas de Annabeth ficaram rosadas. Tive a sensação de que havia algo que ela não estava me contando — algo ruim.

— Esqueça — disse ela. — Agora, o eixo para essa biga…

— Você o trata como se ele fosse uma coisa horrível — falei. — Ele salvou minha vida.

Annabeth jogou o lápis no chão e se levantou.

— Então talvez você deva projetar uma carruagem com *ele*.

— Talvez eu deva.

— Ótimo!

— Ótimo!

Ela foi embora tempestuosamente e eu me senti ainda pior do que antes.

Nos dias seguintes, tentei manter a cabeça longe dos problemas.

Silena Beauregard, uma das meninas mais agradáveis do chalé de Afrodite, me deu minha primeira aula de equitação em um pégaso. Explicou que havia apenas um cavalo alado imortal chamado Pégaso, que ainda vagava livre em algum lugar nos céus, mas com o passar das eras ele havia gerado uma porção de

filhos, nenhum de fato tão veloz ou heroico, mas todos com o mesmo nome do primeiro e maior.

Sendo filho do deus do mar, jamais gostei de andar pelo céu. Meu pai tinha uma rivalidade com Zeus, portanto eu tentava permanecer fora dos domínios do senhor dos ares tanto quanto possível. Mas a sensação de cavalgar um cavalo alado foi diferente. Aquilo não me deixou nem perto do nervosismo de estar em um avião. Talvez fosse porque meu pai criara cavalos da espuma do mar e, assim, os pégasos eram uma espécie de… território neutro. Eu conseguia entender seus pensamentos. Não ficava surpreso quando meu pégaso saía galopando pelas copas das árvores ou perseguia um bando de gaivotas para dentro de uma nuvem.

O problema era que Tyson também queria montar nos “pôneis-galinhas”, mas os pégasos ficavam ariscos sempre que ele se aproximava. Disse a eles por telepatia que Tyson não iria machucálos, mas eles pareciam não acreditar. Isso fazia Tyson chorar.

A única pessoa no acampamento que não tinha o menor problema com Tyson era Beckendorf, do chalé de Hefesto. O deus ferreiro sempre trabalhara com ciclopes nas suas forjas, assim Beckendorf levou Tyson para o arsenal para ensiná-lo a trabalhar com metais. Disse que faria Tyson fabricar itens mágicos como um mestre num piscar de olhos.

Depois do almoço, eu treinava na arena com o chalé de Apolo. A esgrima sempre fora meu ponto forte. As pessoas diziam que eu era melhor nisso do que qualquer campista nos últimos cem anos, com exceção, talvez, de Luke. Eu era sempre comparado com Luke.

Eu derrotava os caras de Apolo com facilidade. Devia praticar contra os chalés de Ares e Atena, já que eles tinham os melhores espadachins, mas não me dava bem com Clarisse e seus irmãos, e depois da discussão com Annabeth simplesmente não queria vê-la.

Eu ia às aulas de arco e flecha, muito embora fosse péssimo nisso, e não era a mesma coisa sem Quíron ensinando. Nas artes e nos trabalhos manuais, comecei a esculpir um busto de Poseidon, mas estava ficando tão parecido com Sylvester Stallone que o descartei. Escalava a parede de treinamento em nível de dificuldade máximo, com lava e terremoto. E à noite fazia a patrulha de fronteira. Muito embora Tântalo tivesse insistido em que esquecêssemos de tentar proteger o acampamento, alguns dos campistas mantiveram discretamente a vigia, montando uma escala em nossas horas vagas.

Eu me sentava no topo da Colina Meio-Sangue e observava as dríades indo e vindo, cantando para o pinheiro moribundo. Sátiros levavam suas flautas de

junco e tocavam melodias mágicas da natureza, e por algum tempo as agulhas do pinheiro pareciam ficar mais encorpadas. O aroma das flores da colina ficava um pouco mais doce e a grama parecia mais verde. Mas, assim que a música parava, a doença tomava de novo o ar. A colina inteira parecia estar infectada, morrendo do veneno que se infiltrara nas raízes da árvore. Quanto mais eu ficava lá sentado, mais me enfurecia.

Luke tinha feito aquilo. Eu me lembrei de seu sorriso dissimulado, da cicatriz de garra de dragão que atravessava seu rosto. Ele fingira ser meu amigo e todo o tempo fora o servo número 1 de Cronos.

Abri a palma da mão. A cicatriz que Luke me fizera no último verão estava desaparecendo, mas eu ainda podia vê-la — uma ferida branca em forma de asterisco onde seu escorpião das profundezas me dera uma ferroada.

Pensei no que Luke dissera na noite antes de tentar me matar: *Adeus, Percy. Uma nova Idade do Ouro está chegando. Você não será parte dela.*

À noite, eu tinha mais sonhos com Grover. Às vezes ouvia apenas fragmentos da voz dele. Certa vez o ouvi dizer: É *aqui*. Em outra: *Ele gosta de carneiros*.

Pensei em contar a Annabeth meus sonhos, mas eu me sentiria um bobo. Isto é: *Ele gosta de carneiros?* Ela teria achado que eu estava maluco.

Na noite anterior à corrida, Tyson e eu terminamos nossa biga. Ficou legal. Tyson tinha feito as partes metálicas nas forjas do arsenal. Eu havia lixado a madeira e montado a carruagem. Era azul e branca, com desenhos de ondas nas laterais e um tridente pintado na frente. Depois daquele trabalhão, era mais do que justo que Tyson fosse meu copiloto, embora eu soubesse que os cavalos não iriam gostar disso e que o peso extra de Tyson nos atrasaria.

Quando estávamos indo para a cama, Tyson disse:

— Você está zangado?

Percebi que estava de cara feia.

— Não. Não estou zangado.

Ele se deitou em seu beliche e ficou em silêncio no escuro. Seu corpo era grande demais para a cama. Quando puxava as cobertas, os pés ficavam de fora.

— Eu sou um monstro.

— Não diga isso.

— Tudo bem. Eu vou ser um *bom* monstro. Assim você não vai precisar ficar zangado.

Eu não sabia o que dizer. Olhei para o teto e me senti como se estivesse morrendo devagar, junto com a árvore de Thalia.

— É só que… eu nunca tive um meio-irmão antes. — Tentei impedir que minha voz falhasse. — É mesmo diferente para mim. E estou preocupado com o acampamento. E um outro amigo meu, Grover… ele pode estar com problemas. Fico me sentindo como se devesse fazer alguma coisa para ajudar, mas não sei o quê.

Tyson não disse nada.

— Desculpe-me — falei. — Não é sua culpa. Estou zangado com Poseidon. Sinto que ele está tentando me atrapalhar, tipo, está tentando nos confrontar ou coisa assim, e eu não entendo por quê.

Ouvi um som surdo e profundo. Tyson estava roncando.

Eu suspirei.

— Boa noite, grandão.

E também fechei os olhos.

No meu sonho, Grover estava usando um vestido de noiva.

Não lhe caía muito bem. O vestido era comprido demais e a barra estava encrostada de lama seca. O decote ficava escorregando dos ombros. Um véu esfarrapado cobria seu rosto.

Ele estava em uma caverna úmida, iluminada somente por tochas. Havia um catre num canto e um tear antiquado em outro, com um pedaço de pano branco tecido na armação. E Grover olhava diretamente para mim, como se eu fosse um programa de tevê que ele aguardava.

— Graças aos deuses! — gemeu ele. — Você pode me ouvir?

Meu eu do sonho demorou a responder. Ainda estava olhando em volta, tentando entender o teto de estalactites, o mau cheiro de carneiros e bodes, os sons de rosnados, resmungos e balidos que pareciam vir de trás de uma rocha do tamanho de uma geladeira, que bloqueava a única saída do recinto como se houvesse uma caverna muito maior atrás dela.

— Percy? — disse Grover. — Por favor, não tenho forças para me projetar melhor. Você *precisa* me ouvir!

— Estou ouvindo — falei. — Grover, o que está acontecendo?

De trás da rocha, uma voz monstruosa gritou:

— Docinho! Você já está pronta?

Grover se encolheu. Ele gritou em falsete:

— Ainda não, meu amor! Mais alguns dias!

— Ah! Já não se passaram duas semanas?

— N-não, meu amor. Só cinco dias. Ainda faltam mais doze.

O monstro ficou em silêncio, talvez tentando fazer a conta. Ele devia ser pior do que eu em aritmética, porque disse: — Está bem, mas ande logo! Eu quero VEEEEER embaixo desse véu, he-he-he.

Grover virou-se novamente para mim.

— Você precisa me ajudar! Não há mais tempo! Estou preso nesta caverna. Em uma ilha, no mar.

— *Onde?*

— Não sei exatamente! Fui para a Flórida e entrei à esquerda.

— O quê? Como você…

— É uma armadilha! — disse Grover. — Por isso nenhum sátiro jamais retornou de sua missão. Ele é um pastor, Percy! E ele *está* com aquilo. Sua natureza mágica é *tão* poderosa que cheira exatamente como o grande deus Pan! Os sátiros vêm aqui pensando que encontraram Pã e são apanhados e comidos por Polifemo!

— Poli-quem?

— O ciclope! — disse Grover, exasperado. — Quase escapei. Fui até Santo Agostinho.

— Mas ele o seguiu — falei, lembrando meu primeiro sonho.— E o encurralou numa loja de noivas.

— É isso — disse Grover. — Minha primeira conexão empática deve ter funcionado, então. Olhe, este vestido de noiva é a única coisa que me mantém vivo. Ele gostou do meu cheiro, mas eu lhe disse que era apenas um perfume com aroma de bode. Por sorte ele não enxerga muito bem. O olho ainda está meio cego, da última vez em que alguém o golpeou. Mas logo vai perceber quem eu sou. Está só me dando duas semanas para terminar a cauda do vestido, e está ficando impaciente!

— Espere um minuto. O ciclope pensa que você é…

— Sim! — resmungou Grover. — Ele pensa que sou uma dama ciclope, e quer se casar comigo!

Em circunstâncias diferentes, eu teria explodido numa gargalhada, mas a voz de Grover era muito séria. Ele estava tremendo de medo.

— Eu vou salvá-lo — prometi. — Onde você está?

— No Mar de Monstros, é claro!

— Mar de *quê?*

— Já disse! Não sei exatamente onde fica! E, olhe, Percy… Ahn, eu sinto muito por isso, mas essa conexão empática… bem, eu não tive escolha. Nossas emoções estão ligadas agora. Se eu morrer…

— Nem me diga. Eu morro também.

— Ah, bem, talvez não! Você pode viver por anos em estado vegetativo. Mas, ahn, seria muito melhor se você me tirasse daqui.

— Docinho! — berrou o monstro. — É hora do jantar! Ai, que delícia, carne de carneiro!

Grover choramingou.

— Preciso ir. Venha depressa!

— Espere! Você disse que “aquilo” estava aí. Aquilo o quê?

Mas a voz de Grover já ficava mais fraca.

— Bons sonhos. Não me deixe morrer!

O sonho se apagou, e acordei assustado. Era o começo da manhã. Tyson estava me olhando, seu único olho castanho cheio de preocupação.

— Você está bem? — perguntou.

A voz me deu um calafrio na espinha, pois era exatamente como a do monstro que eu ouvira em meu sonho.

A manhã da corrida estava quente e úmida. A névoa estava baixa sobre a terra, como vapor de sauna. Milhões de pássaros se empoleiravam nas árvores — gordos pombos cinza e brancos, só que eles não arrulhavam como pombos comuns. Soltavam aqueles desagradáveis guinchos metálicos que me lembravam radar de submarino.

A pista da corrida fora construída em um campo gramado entre a linha de arco e flecha e os bosques. O chalé de Hefesto usou os touros de bronze, completamente domesticados depois que as cabeças foram esmagadas, para preparar uma pista oval em questão de minutos.

Havia fileiras de degraus de pedra para os espectadores — Tântalo, os sátiros, algumas dríades e todos os campistas que não estavam participando. O sr. D não apareceu. Ele nunca acordava antes das dez horas.

— Certo! — anunciou Tântalo quando as equipes começaram a se reunir. Uma náiade levara para ele um grande prato de doces, e enquanto Tântalo falava, sua mão direita perseguia uma bomba de chocolate pela mesa do juiz. — Vocês todos conhecem as regras. Uma pista de quatrocentos metros. Duas voltas para vencer. Dois cavalos por biga. Cada equipe será composta de um auriga e um lutador. São permitidas armas. Esperem por truques sujos. Mas tentem não matar ninguém! — Tântalo sorriu para nós como se todos fôssemos crianças travessas. — Qualquer morte resultará em punição severa. Sem guloseimas junto à fogueira por uma semana! Agora, preparem suas carruagens!

Beckendorf liderou a equipe de Hefesto até a pista. Eles tinham uma biga toda

de bronze e ferro — inclusive os cavalos, que eram autômatos mágicos, como os touros da Cólquida da história dos argonautas. Não tinha dúvidas de que a carruagem deles tinha todos os tipos de armadilhas mecânicas, e itens mais sofisticados que os de uma super Maserati.

A biga de Ares era vermelho-sangue, puxada por dois medonhos esqueletos de cavalo. Clarisse embarcou com um feixe de lanças, clavas, bolas de pregos e outros brinquedos detestáveis.

A de Apolo era elegante e graciosa, inteiramente dourada, puxada por dois belos cavalos baios. Seu lutador estava armado com um arco, embora tivesse prometido não disparar flechas comuns, com ponta, contra os aurigas oponentes.

A de Hermes era verde e tinha aparência de um pouco velha, como se não saísse da garagem havia anos. Não parecia nada especial, mas era conduzida pelos irmãos Stoll, e estremeci só de pensar nos truques sujos que eles haviam armado.

Restavam duas carruagens: uma, conduzida por Annabeth, e outra, por mim.

Antes do começo da corrida, tentei me aproximar de Annabeth e lhe contar meu sonho.

Ela se animou quando mencionei Grover, mas quando mencionei o que ele dissera, ela ficou distante outra vez, desconfiada.

— Você está tentando me distrair — concluiu.

— O quê? Não, não estou!

— Ora! Como se Grover, por mero acaso, tivesse tropeçado na ú*nica* coisa que poderia salvar o acampamento.

— O que você quer dizer?

Ela revirou os olhos.

— Volte para sua biga, Percy.

— Eu não estou inventando isso. Ele está em perigo, Annabeth.

Ela hesitou. Pude perceber que tentava decidir se devia ou não confiar em mim. A despeito das brigas ocasionais, passamos por muita coisa juntos, e eu sabia que ela jamais desejaria que algo de ruim acontecesse a Grover.

— Percy, uma conexão empática é muito difícil de ser feita. Quer dizer, é mais provável que você estivesse mesmo sonhando.

— O Oráculo — disse eu. — Podíamos consultar o Oráculo.

Annabeth franziu a testa.

No último verão, antes de minha missão, eu visitara o estranho espírito que morava no sótão da Casa Grande, e ele me fizera uma profecia que se realizara de um modo que eu jamais imaginaria. A experiência tinha me aterrorizado por meses. Annabeth sabia que eu nunca sugeriria voltar lá se não estivesse falando

realmente a sério.

Antes que ela pudesse responder, a trombeta de concha soou.

— Aurigas! — bradou Tântalo. — Aos seus lugares!

— Conversamos mais tarde — disse Annabeth. — *Depois* que eu vencer.

Enquanto eu caminhava de volta para a biga, notei que havia mais pombos nas árvores — guinchando como loucos, fazendo a floresta inteira farfalhar. Ninguém mais parecia estar prestando muita atenção, mas eles me deixavam nervoso. Os bicos cintilavam de modo estranho. Os olhos pareciam mais brilhantes que os de pássaros comuns.

Tyson estava tendo problemas em controlar nossos cavalos. Precisei conversar com eles por um bom tempo até se acalmarem.

*Ele é um monstro, senhor!*, eles se queixaram para mim.

*Ele é um filho de Poseidon*, disse a eles. *Assim como… bem, assim como eu.*

*Não!*, eles insistiram. *Monstro! Comedor de cavalos! Não confiamos!*

*Eu lhes darei torrões de açúcar no final da corrida*, falei.

*Torrões de açúcar?*

*Torrões de açúcar muito grandes. E maçãs. Eu tinha falado das maçãs?*

Por fim, concordaram em deixar que eu os atrelasse.

Agora, se você nunca viu uma biga grega, ela é construída para ser veloz, não para conforto e segurança. É basicamente um cesto de madeira, aberto atrás, montado sobre um eixo entre duas rodas. Quem conduz fica em pé o tempo todo, e a gente sente cada solavanco da estrada. É feita com uma madeira tão leve que se você perder o controle nas curvas fechadas em uma extremidade ou outra da pista provavelmente vai capotar, esmigalhando tanto a carruagem como a si mesmo. Tem mais adrenalina que andar de skate.

Segurei as rédeas e manobrei para a linha de partida. Entreguei a Tyson uma vara de três metros e disse a ele que sua função seria empurrar para longe as outras bigas se elas chegassem perto demais, e desviar qualquer coisa que tentassem atirar em nós.

— Sem bater nos pôneis com o pau — insistiu ele.

— Certo — concordei. — Nem nas pessoas, se você puder evitar. Vamos jogar limpo. Apenas afaste as distrações e deixe que eu me concentre em conduzir.

— Vamos vencer! — ele alardeou.

A gente ia perder *feio*, pensei comigo mesmo, mas eu *tinha* de tentar. Queria mostrar aos outros… bem, não sabia o quê, exatamente. Que Tyson não era um cara assim tão mau? Que eu não estava envergonhado de ser visto com ele em público? Que eles não tinham me ofendido com todas as suas piadas e provocações?

Quando as carruagens se alinharam, mais pombos de olhos brilhantes se juntaram nos bosques. Guinchavam tão alto que os campistas na arquibancada estavam começando a reparar, olhando nervosos para as árvores, que tremiam sob o peso dos pássaros. Tântalo não parecia preocupado, mas teve de falar mais alto para ser ouvido.

— Aurigas! — bradou ele. — Tomem suas posições!

Ele ergueu a mão e o sinal de partida desceu. As carruagens dispararam, fazendo barulho. Cascos ressoaram contra o pó. A multidão vibrou.

Quase imediatamente se ouviu um alto e desagradável *crac!* Olhei para trás a tempo de ver a biga de Apolo virar de repente. Hermes colidira com ela — talvez por engano, talvez não. A equipe de Hermes — Travis e Connor — riu da boa sorte, mas não por muito tempo. Os cavalos de Apolo chocaram-se contra os dela, e a biga de Hermes também virou, deixando uma pilha de madeira quebrada e quatro cavalos empinando na poeira.

Duas carruagens eliminadas nos primeiros seis metros. Adorei o esporte.

Voltei a prestar atenção à minha frente. Nosso tempo era bom, estávamos na frente de Ares, mas a vantagem da biga de Annabeth era muito grande. Ela já estava contornando a primeira coluna, seu lanceiro com um sorriso arreganhado, acenando para nós e gritando: — Até mais!

A carruagem de Hefesto também começava a nos alcançar.

Beckendorf apertou um botão e um painel se abriu na lateral da sua carruagem.

— Desculpe-me, Percy! — gritou ele. Três conjuntos de bolas e correntes foram atirados diretamente para nossas rodas. Teriam nos destroçado por completo se Tyson não as tivesse desviado para o lado com um movimento rápido de sua vara. Ele deu um bom empurrão na biga de Hefesto, que saiu deslizando de lado enquanto seguíamos em frente.

— Bom trabalho, Tyson! — gritei.

— Passarinhos! — gritou.

— O quê?

Estávamos em tal disparada que era difícil ouvir ou ver alguma coisa, mas Tyson apontou para os bosques, e vi o que o preocupava. Os pombos tinham saído das árvores. Estavam voando em espiral como um enorme tornado, em direção à pista.

*E daí*, disse para mim mesmo. *São apenas pombos*.

Tentei me concentrar na corrida.

Completamos nossa primeira volta, as rodas rangendo embaixo de nós, a biga ameaçando tombar, mas agora estávamos a apenas três metros de Annabeth. Se

ao menos pudesse chegar um pouco mais perto, Tyson poderia usar sua vara…

O guerreiro de Annabeth não estava mais sorrindo. Puxou um dardo de sua coleção e mirou em mim. Estava prestes a lançá-lo quando ouvimos os gritos.

Os pombos estavam se aglomerando — milhares deles mergulhando sobre os espectadores na arquibancada, atacando as outras bigas. Beckendorf estava cercado. Seu guerreiro tentou espantar os pássaros a pauladas, mas não conseguia enxergar nada. A biga deu uma guinada e saiu rasgando um caminho no meio dos campos de morangos, os cavalos mecânicos soltando vapor.

Na carruagem de Ares, Clarisse gritou uma ordem para seu guerreiro, que rapidamente jogou uma tela de camuflagem por cima de seu cesto. Os pássaros enxamearam em volta dela, bicando e arranhando as mãos do guerreiro enquanto ele tentava segurar a rede no alto, mas Clarisse apenas trincou os dentes e continuou guiando. Seus cavalos esqueléticos pareciam imunes à distração. Os pombos bicavam inutilmente as órbitas vazias e voavam por entre suas costelas, mas os corcéis continuavam correndo.

Os espectadores não tiveram tanta sorte. Os pássaros atacavam qualquer pedaço de carne exposta, levando todos ao pânico. Agora que os pássaros estavam mais perto, ficou claro que não eram pombos normais. Seus olhos eram pequenos, brilhantes e perversos. Os bicos eram de bronze e, a julgar pelos gritos dos campistas, deviam ser afiados como navalhas.

— Pássaros de Estinfália! — gritou Annabeth. Ela reduziu a velocidade e emparelhou sua biga com a minha. — Vão descarnar todo o mundo até os ossos se não os espantarmos!

— Tyson — disse eu —, meia-volta!

— Pegamos o caminho errado? — perguntou ele.

— Sempre — resmunguei, mas manobrei a biga na direção da arquibancada.

Annabeth seguia bem ao meu lado. Ela gritou:

— Heróis, às armas!

Mas eu não tinha certeza se alguém poderia ouvi-la, com os guinchos dos pássaros e todo aquele caos.

Segurei as rédeas com uma das mãos e consegui empunhar Contracorrente, enquanto uma onda de pássaros mergulhava sobre meu rosto, os bicos metálicos batendo. Golpeei-os no ar, e eles explodiram em pó e penas, mas ainda restavam milhões deles. Um me pegou no traseiro, e quase pulei para fora da biga.

Annabeth não estava com muito mais sorte. Quanto mais perto chegávamos da arquibancada, mais compacta ficava a nuvem de pássaros.

Alguns dos espectadores tentavam se defender. Os campistas de Atena gritavam por escudos. Os arqueiros do chalé de Apolo carregaram seus arcos e

flechas, prontos para exterminar a ameaça, mas com tantos campistas misturados com os pássaros não era seguro disparar.

— São pássaros demais! — gritei para Annabeth. — Como a gente se livra deles?

Ela golpeou um pombo com a faca.

— Hércules usou barulho! Címbalos de bronze! Ele os espantou com o som mais horrível que conseguiu…

Os olhos dela se arregalaram.

— Percy… A coleção de Quíron!

Entendi imediatamente.

— Acha que vai funcionar?

Ela entregou as rédeas ao guerreiro e pulou de sua biga para a minha como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Para a Casa Grande! É nossa única chance!

Clarisse acabara de cruzar a linha de chegada, sem adversários, e parecia só então ter notado como era sério o problema dos pássaros.

Quando viu que nos afastávamos, gritou:

— Vocês estão *fugindo*? A luta é aqui, seus covardes!

Ela puxou a espada e investiu para a arquibancada.

Fiz os cavalos galoparem. A biga passou com barulho pelos campos de morangos, atravessou a quadra de vôlei e parou bruscamente na frente da Casa Grande. Annabeth e eu corremos para dentro, disparando pelo corredor até o alojamento de Quíron.

O aparelho de som ainda estava na mesa-de-cabeceira, e também seus CDs favoritos. Agarrei o mais repulsivo que pude encontrar, Annabeth agarrou o aparelho e corremos juntos de volta para fora.

Na pista, as carruagens estavam em chamas. Campistas feridos corriam em todas as direções, com pássaros dilacerando-lhes as roupas e arrancando-lhes os cabelos, enquanto Tântalo perseguia doces do café-da-manhã em volta da arquibancada, gritando de vez em quando: — Está tudo sob controle! Não se preocupem!

Paramos a carruagem na linha de chegada. Annabeth preparou o som. Rezei para as pilhas não estarem fracas.

Apertei o PLAY, e o favorito de Quíron começou a tocar — *Os maiores sucessos de Dean Martin*. De repente o ar se encheu com o som de violinos e de um bando de caras resmungando em italiano.

Os pombos demoníacos enlouqueceram. Começaram a voar em círculos, colidindo uns com os outros como se quisessem explodir seus miolos. Depois,

abandonaram de vez a pista e voaram para o céu em uma enorme onda escura.

— Agora! — bradou Annabeth. — Arqueiros!

Sem obstrução, a mira dos arqueiros de Apolo era infalível. A maioria conseguia disparar cinco ou seis flechas de uma vez. Em minutos, o chão estava coalhado de pombos de bico de bronze mortos, e os sobreviventes eram um distante rasto de fumaça no horizonte.

O acampamento estava a salvo, mas a devastação não era bonita de ver. A maioria das bigas tinha sido completamente destruída. Quase todos estavam feridos, sangrando com bicadas múltiplas dos pássaros. As meninas do chalé de Afrodite gritavam porque seus penteados tinham sido arruinados e suas roupas estavam sujas de cocô de pombo.

— Bravo! — disse Tântalo, mas não estava olhando para mim ou Annabeth. — Temos nossa primeira vencedora! — Ele foi até a linha de chegada e premiou com os louros dourados uma Clarisse perplexa.

Ele então se virou e sorriu para mim.

— E, agora, a punição para os desordeiros que tumultuaram a corrida.

# SETE

Eu aceito presentes de um estranho

Na visão de Tântalo, os pássaros de Estinfália estavam simplesmente na deles, nos bosques, e não teriam atacado se Annabeth, Tyson e eu não os tivéssemos perturbado ao conduzirmos mal nossas bigas.

Aquilo foi tão completamente injusto que mandei Tântalo ir perseguir um *donut*, o que não contribuiu para melhorar seu estado de espírito. Ele nos condenou a prestar serviço na cozinha — lavar panelas e pratos a tarde inteira na cozinha subterrânea com as harpias da limpeza. As harpias lavavam com lava, em vez de água, para obter aquele brilho extralimpo e matar noventa e nove vírgula nove por cento de todos os germes; portanto, Annabeth e eu tivemos de usar luvas e aventais de asbesto.

Tyson não se importou. Mergulhou as mãos sem proteção e começou a esfregar, mas Annabeth e eu tivemos de sofrer durante horas de trabalho quente e perigoso, especialmente porque havia toneladas de pratos extras. Tântalo ordenara um banquete especial para celebrar a vitória da carruagem de Clarisse — uma refeição completa, incluindo pássaros-da-morte de Estinfália fritos à moda caipira.

A única coisa boa no nosso castigo foi ter proporcionado a Annabeth e a mim um inimigo comum e muito tempo para conversar. Depois de ouvir novamente meu sonho com Grover, ela pareceu começar a acreditar.

— Se ele encontrou mesmo aquilo — murmurou ela —, e se nós pudermos resgatar…

— Espere aí — disse eu. — Você age como se *aquilo*… o que quer que Grover tenha encontrado, fosse a única coisa do mundo capaz de salvar o acampamento. O que é *aquilo*?

— Vou lhe dar uma dica. O que você consegue quando arranca a pele de um carneiro?

— Ficar todo sujo?

Ela suspirou.

— Um *velocino*. A pele do carneiro se chama velocino. E se por acaso o

carneiro tem lã de ouro…

— O Velocino de Ouro. Você está falando sério?

Annabeth jogou um prato cheio de ossos de pássaro-da-morte na lava.

— Percy, está lembrado das Irmãs Cinzentas? Elas disseram que sabiam onde estava aquilo que você procura. E mencionaram Jasão. Três mil anos atrás, elas disseram *a ele* como encontrar o Velocino de Ouro. Conhece a história de Jasão e dos argonautas?

— Sim — falei. — Aquele filme antigo com os esqueletos de barro.

Annabeth revirou os olhos.

— Ah, meus deuses, Percy! Você não tem jeito mesmo.

— *O quê?* — perguntei.

— Apenas ouça. A verdadeira história do Velocino: havia aqueles dois filhos de Zeus, Cadmo e Europa, certo? Eles estavam para ser oferecidos como sacrifício humano quando imploraram a Zeus que os salvasse. Então Zeus enviou aquele carneiro voador mágico com sua lã de ouro, que os recolheu na Grécia e os transportou até Cólquida, na Ásia Menor. Bem, na verdade ele transportou Cadmo. Europa caiu e morreu no caminho, mas isso não é importante.

— Provavelmente foi importante para ela.

— A *questão* é que, quando Cadmo chegou a Cólquida, sacrificou o carneiro de ouro aos deuses e pendurou o Velocino em uma árvore no meio do reino. O Velocino levou prosperidade à terra. Os animais pararam de adoecer. As plantas cresceram melhor. Os lavradores tiveram colheitas fartas. Nunca havia o castigo das pragas. É por isso que Jasão queria o Velocino. Ele é capaz de revitalizar qualquer terra onde for colocado. Cura doenças, fortalece a natureza, limpa a poluição…

— Poderia curar a árvore de Thalia.

Annabeth assentiu.

— E deixar as fronteiras do Acampamento Meio-Sangue muito mais fortes. Mas, Percy, o Velocino está desaparecido há séculos. Toneladas de heróis já buscaram por ele e não tiveram sorte.

— Mas Grover o encontrou — falei. — Ele saiu à procura de Pã e encontrou o Velocino em vez disso, porque ambos irradiam uma natureza mágica. Faz sentido, Annabeth. Podemos salvá-lo e salvar o acampamento ao mesmo tempo. É perfeito!

Annabeth hesitou.

— Um pouco perfeito *demais*, não acha? E se for uma armadilha?

Lembrei-me do último verão, quando Cronos manobrou nossa missão. Ele

quase nos enrolou, e íamos ajudá-lo a começar uma guerra que teria destruído a civilização ocidental.

— Que escolha temos? — perguntei. — Você vai me ajudar a salvar Grover ou não?

Ela deu uma olhada para Tyson, que perdera o interesse na conversa e estava alegremente fazendo barcos de brinquedo com copos e colheres na lava.

— Percy — disse ela em voz baixa —, vamos ter de lutar contra um ciclope. Polifemo, o *pior* deles. E só existe um lugar onde pode estar a ilha dele. O Mar de Monstros.

— Onde fica isso?

Ela me olhou como se pensasse que eu estava me fazendo de bobo.

— O Mar de Monstros. O mesmo mar onde Ulisses navegou, e também Jasão, Eneias e todos os outros.

— Você quer dizer o Mediterrâneo?

— Não. Bem, sim… mas não.

— Mais uma resposta direta. Obrigado.

— Veja, Percy, o Mar de Monstros é o mar que todos os heróis atravessam em suas aventuras. Costumava ficar no Mediterrâneo, sim. Mas, como tudo mais, muda de lugar quando muda o centro de poder do Ocidente.

— Como o Monte Olimpo no alto do edifício Empire State — disse eu. — E o Hades embaixo de Los Angeles.

— Certo.

— Mas um mar inteiro de monstros… como você poderia esconder algo assim? Os mortais não teriam notado coisas estranhas acontecendo… tipo, navios sendo devorados e coisas do gênero?

— É claro que eles notam. Não entendem, mas sabem que algo é estranho naquela parte do oceano. O Mar de Monstros agora fica na Costa Leste dos Estados Unidos, logo a noroeste da Flórida. Os mortais até têm um nome para ele.

— O Triângulo das Bermudas?

— Exatamente.

Deixei aquilo amadurecer na minha cabeça. Acho que não era mais estranho do que as outras coisas que tinha aprendido desde que fora para o Acampamento Meio-Sangue.

— Certo… então pelo menos sabemos onde procurar.

— Ainda assim, é uma área enorme, Percy. Procurar uma ilha minúscula em águas infestadas por monstros…

— Ei, sou filho do deus do mar. É o meu território. Não pode ser tão difícil.

Annabeth juntou as sobrancelhas.

— Vamos precisar falar com Tântalo, conseguir aprovação para uma missão. Ele vai dizer não.

— Não se contarmos hoje à noite junto à fogueira, na frente de todo mundo. O acampamento inteiro irá ouvir. Vão pressioná-lo. Ele não vai poder recusar.

— Talvez. — Um pouquinho de esperança surgiu na voz de Annabeth. — É melhor terminarmos com esses pratos. Passe o pulverizador de lava, por favor.

Naquela noite, junto à fogueira, o chalé de Apolo liderou a cantoria. Eles tentaram melhorar o humor de todos, mas não foi fácil depois do ataque dos pássaros naquela tarde. Sentamo-nos em um semicírculo de degraus de pedra, cantando sem entusiasmo e observando a fogueira arder, enquanto os caras de Apolo tocavam seus violões e tangiam suas liras.

Cantamos todas as canções tradicionais do acampamento: *Às margens do Egeu*, *Eu sou meu próprio ta-ta-ta-ta-taravô*, *Esta terra é a terra de Minos*. A fogueira era encantada — assim, quanto mais alto se cantava, mais alto ela queimava, a cor e o calor variando de acordo com o humor do pessoal. Num dia bom, eu a vira subir a seis metros, tão quente que todos os *marshmallows* que estavam mais perto explodiram em chamas. Naquela noite, o fogo chegou a apenas um metro e meio de altura, quase morno, e as chamas tinham a cor de uma compressa de algodão.

Dioniso foi embora cedo. Depois de aguentar algumas canções, resmungou que até mesmo jogar *pinochle* com Quíron era mais empolgante que aquilo. Então deu uma olhada desagradável para Tântalo e dirigiu-se de volta à Casa Grande.

Quando a última canção acabou, Tântalo disse:

— Bem, isso foi adorável!

Ele avançou com um *marshmallow* assado na ponta de um galho fino e tentou arrancá-lo, com muita naturalidade. Mas, antes que pudesse tocá-lo, o *marshmallow* saiu voando do galho. Tântalo tentou apanhá-lo no ar, mas o *marshmallow* cometeu suicídio, mergulhando nas chamas.

Tântalo voltou-se para nós sorrindo friamente.

— Agora, então, alguns avisos sobre a programação de amanhã.

— Senhor — disse eu.

O olho de Tântalo contraiu-se num espasmo.

— Nosso menino da cozinha tem algo a dizer?

Alguns dos campistas de Ares soltaram risadinhas, mas eu não pretendia deixar que ninguém me deixasse sem graça a ponto de me calar. Fiquei de pé e olhei para Annabeth. Graças aos deuses, ela se levantou comigo.

Eu disse:

— Temos uma ideia para salvar o acampamento.

Silêncio mortal. Mas pude perceber que ganhara a atenção de todos, porque a fogueira chamejou em amarelo vivo.

— É mesmo? — disse Tântalo, agradavelmente. — Bem, se tiver algo a ver com bigas…

— O Velocino de Ouro — disse eu. — Sabemos onde ele está.

As chamas arderam em cor laranja. Antes que Tântalo pudesse me impedir, despejei meu sonho com Grover e a ilha de Polifemo. Annabeth interveio e lembrou a todos o que o Velocino poderia fazer. Pareceu mais convincente vindo dela.

— O Velocino pode salvar o acampamento — concluiu. — Tenho certeza disso.

— Bobagem, bobagem — disse Tântalo. — Não precisamos ser salvos.

Todos o olharam fixamente, até que ele começou a parecer constrangido.

— Além disso — acrescentou depressa —, e o Mar de Monstros? Dificilmente se poderia dizer que esse é um local exato. Vocês não saberiam nem onde procurar.

— Sim, eu saberia — falei.

Annabeth se inclinou para mim e sussurrou:

— Jura?

Assenti, porque Annabeth refrescara algo na minha memória quando me lembrou da viagem de táxi com as Irmãs Cinzentas. Naquela ocasião, a informação que elas me deram não fez sentido. Mas agora…

— Trinta, 31, 75, 12 — disse eu.

— Ah, legal! — disse Tântalo. — Obrigado por compartilhar esses números sem sentido.

— São coordenadas de navegação. Latitude e longitude. Eu, ahn, aprendi isso em estudos sociais.

Até Annabeth pareceu impressionada.

— Trinta graus, 31 minutos Norte, 75 graus, 12 minutos Oeste. Ele está certo! As Irmãs Cinzentas nos deram essas coordenadas. Deve ser algum lugar do Atlântico, além da costa da Flórida. O Mar de Monstros. Precisamos de uma missão!

— Esperem só um minuto — disse Tântalo.

Mas os campistas embarcaram no coro.

— Precisamos de uma missão! Precisamos de uma missão!

As chamas se ergueram mais alto.

— Isso não é necessário! — insistiu Tântalo.

— PRECISAMOS DE UMA MISSÃO! PRECISAMOS DE UMA MISSÃO!

— Ótimo! — gritou Tântalo, os olhos inflamados de raiva. — Vocês, moleques, querem que eu lhes atribua uma missão?

— SIM!

— Muito bem — concordou. — Vou autorizar um campeão a empreender essa perigosa jornada, resgatar o Velocino de Ouro e trazê-lo para o acampamento. Ou morrer tentando.

Meu coração se encheu de empolgação. Eu não ia deixar que Tântalo me assustasse. Aquilo era o que eu precisava fazer. Iria salvar Grover e o acampamento. Nada iria me deter.

— Vou permitir que nosso campeão consulte o Oráculo! — anunciou Tântalo. — E escolha dois companheiros para a jornada. E acho que a escolha do campeão é óbvia.

Tântalo olhou para mim e Annabeth como se quisesse nos esfolar vivos.

— O campeão deverá ser alguém que conquistou o respeito do acampamento, alguém que provou ser capaz nas corridas de bigas, e corajoso na defesa do acampamento. *Você* deverá liderar a missão… Clarisse!

O fogo tremeluziu em mil cores diferentes. O chalé de Ares começou a bater os pés e a aplaudir: — CLARISSE! CLARISSE!

Clarisse levantou-se, parecendo atordoada. Então engoliu em seco, e seu peito se inflou de orgulho.

— Eu aceito a missão!

— Espere! — gritei. — Grover é meu amigo. O sonho veio para *mim*!

— Sente-se! — gritou um dos campistas de Ares. — Você teve sua chance no último verão!

— Sim, ele só quer ser o centro das atenções outra vez! — disse outro.

Clarisse olhou furiosamente para mim.

— Aceito a missão! — repetiu ela. — Eu, Clarisse, filha de Ares, vou salvar o acampamento!

Os campistas de Ares aplaudiram ainda mais. Annabeth protestou, e os outros campistas de Atenas se juntaram a ela. Todos começaram a tomar partido — gritando e discutindo, e atirando *marshmallows*. Pensei que aquilo fosse se

transformar em uma completa guerra de guloseimas, até que Tântalo gritou: — Silêncio, moleques!

Seu tom impressionou até a mim.

— Sentem-se! — ordenou. — E vou lhes contar uma história de fantasma.

Eu não sabia o que ele estava pretendendo, mas todos voltamos, indecisos, aos nossos lugares. A aura malévola que se irradiava de Tântalo era tão forte quanto a de qualquer monstro que eu já enfrentara.

— Era uma vez um rei mortal amado pelos deuses! — Tântalo pôs a mão no peito, e eu tive a sensação de que falava de si mesmo.

— Esse rei — disse — tinha permissão até para se banquetear no Monte Olimpo. Mas, quando tentou levar um pouco de néctar e ambrosia para a Terra, para descobrir a receita… apenas uma pequena quentinha, vejam só… os deuses o puniram. Eles o baniram de seus salões para sempre! Sua própria gente zombou dele! Seus filhos o repreenderam! E, ah!, sim, campistas, ele tinha filhos horríveis. Filhos… iguaizinhos… a vocês!

Ele apontou um dedo torto para diversas pessoas da plateia, inclusive eu.

— Sabem o que ele fez com os filhos ingratos? — perguntou Tântalo suavemente. — Sabem como ele retribuiu aos deuses sua punição cruel? Convidou os olimpianos para um banquete em seu palácio, só para mostrar que não havia rancor. Ninguém reparou que seus filhos não estavam presentes. E quando ele serviu o jantar aos deuses, meus caros campistas, vocês podem adivinhar o que havia no cozido?

Ninguém ousou responder. A luz do fogo brilhou em azul profundo, refletindo-se de modo maligno no rosto deformado de Tântalo.

— Ah! os deuses o castigaram na vida após a morte — coaxou Tântalo. — Eles fizeram isso, ah!, se fizeram. Mas ele teve seu momento de satisfação, não teve? Os filhos nunca mais lhe responderam nem questionaram sua autoridade. E vocês sabem o que mais? Diz-se que o espírito do rei agora reside exatamente neste acampamento, aguardando uma oportunidade de se vingar das crianças ingratas e rebeldes. E agora… mais alguma reclamação antes que mandemos Clarisse em sua missão?

Silêncio.

Tântalo acenou com a cabeça para Clarisse.

— O Oráculo, querida. Vá em frente.

Ela mudou de posição, constrangida, como se mesmo *ela* não quisesse a glória ao preço de ser a queridinha de Tântalo.

— Senhor…

— Vá! — rosnou ele.

Ela fez um reverência desajeitada e correu para a Casa Grande.

— E quanto a você, Percy Jackson? — perguntou Tântalo. — Mais algum comentário do nosso lavador de pratos?

Não falei nada. Não ia lhe dar o prazer de me castigar de novo.

— Bom — disse Tântalo. — E deixem-me lembrar a todos: ninguém parte deste acampamento sem minha permissão. Qualquer um que tentar… bem, se sobreviver à tentativa, será expulso para sempre. Mas as coisas não chegarão a esse ponto. As harpias irão reforçar o toque de recolher de agora em diante, e elas estão sempre com fome! Boa noite, queridos campistas. Durmam bem.

Com um aceno de Tântalo, o fogo se extinguiu, e os campistas seguiram devagar para seus chalés, no escuro.

Eu não conseguia explicar a situação a Tyson. Ele sabia que eu estava triste. Sabia que eu queria sair numa viagem e que Tântalo não me deixava.

— Você vai de qualquer jeito? — perguntou ele.

— Não sei — admiti. — Seria difícil. Muito difícil.

— Eu vou ajudar.

— Não. Eu… ahn, não poderia lhe pedir isso, grandão. É perigoso demais.

Tyson baixou o olhar para os pedaços de metal que estava montando no colo — molas e engrenagens, e pequenos arames. Beckendorf lhe dera algumas ferramentas e peças sobressalentes, e agora Tyson passava todas as noites trabalhando, embora eu não soubesse muito bem como suas mãos enormes conseguiam manejar pecinhas tão delicadas.

— O que está construindo? — perguntei.

Tyson não respondeu. Em vez disso, fez um som lamuriento no fundo da garganta.

— Annabeth não gosta dos ciclopes. Você… você não me quer por perto?

— Ah! não é isso — falei sem muito entusiasmo. — Annabeth gosta de você. De verdade.

Ele tinha lágrimas no canto do olho.

Lembrei que Grover, como todos os sátiros, podia ler as emoções humanas. Fiquei pensando se os ciclopes não teriam o mesmo dom.

Tyson enrolou seu projeto em um oleado. Deitou-se na cama e abraçou sua trouxa como se fosse um ursinho de pelúcia. Quando se virou para a parede, pude ver as estranhas cicatrizes em suas costas, como se alguém tivesse passado um arado por cima dele, com um trator. Me perguntei pela milionésima vez como teria se machucado.

— Papai sempre se preocupou comigo — fungou ele. — Agora… acho que ele foi malvado em ter um menino-ciclope. Eu não devia ter nascido.

— Não fale assim! Poseidon o reclamou, não foi? Então… ele deve se preocupar com você… muito…

Minha voz sumiu quando pensei em todos aqueles anos em que Tyson vivera nas ruas de Nova York, em uma caixa de geladeira de papelão. Como Tyson podia pensar que Poseidon se preocupava com ele? Que tipo de pai é esse que deixa aquilo acontecer com o filho, mesmo que ele seja um monstro?

— Tyson… o acampamento será um bom lar para você. Os outros vão se acostumar com você. Eu prometo.

Tyson suspirou. Esperei que dissesse alguma coisa. Então me dei conta de que ele já estava dormindo.

Deitei-me em minha cama e tentei fechar os olhos, mas não consegui. Estava com medo de ter outro sonho com Grover. Se a conexão empática fosse real… se algo acontecesse com Grover… será que eu ia acordar?

A lua cheia brilhava pela janela. O som das ondas rugia na distância. Eu podia sentir o cheiro morno dos campos de morangos, e ouvir os risos das dríades perseguindo corujas pela floresta. Mas algo parecia errado naquela noite — a doença da árvore de Thalia, se espalhando pelo vale.

Será que Clarisse poderia salvar a Colina Meio-Sangue? Pensei que seria mais fácil eu ganhar de Tântalo um prêmio de “Melhor Campista”.

Levantei-me e me vesti. Peguei uma toalha de praia e uma embalagem de seis Coca-Colas embaixo da cama. As Cocas eram contra as regras. Não eram permitidos lanches ou bebidas de fora do acampamento, mas se a gente falasse com o cara certo no chalé de Hermes e lhe pagasse alguns dracmas de ouro, ele podia contrabandear quase tudo da loja de conveniência mais próxima.

Dar uma fugida depois do toque de recolher também era contra as regras. Se fosse pego, estaria numa encrenca enorme, ou seria comido pelas harpias. Mas eu queria ver o oceano. Sempre me sentia melhor ali. Meus pensamentos ficavam mais claros. Saí do chalé e fui em direção à praia.

Estendi a toalha perto do mar e abri uma Coca. Por alguma razão, o açúcar e a cafeína sempre acalmavam meu cérebro hiperativo. Tentei decidir o que fazer para salvar o acampamento, mas não me ocorreu nada. Desejei que Poseidon falasse comigo, que me desse um conselho ou o que fosse.

O céu estava claro e estrelado. Eu estava conferindo as constelações que Annabeth me ensinara — Sagitário, Hércules, Coroa Boreal — quando alguém

disse: — Lindas, não são?

Quase cuspi o refrigerante.

Em pé, bem ao meu lado, havia um cara de short de corrida de náilon e camiseta da Maratona de Nova York. Era magro, estava em boa forma, com cabelo grisalho e um sorriso zombeteiro. Parecia meio familiar, mas não consegui imaginar por quê.

Meu primeiro pensamento foi que ele devia estar dando sua corrida da meia-noite na praia e fora parar dentro dos limites do acampamento. Isso não era para acontecer. Mortais comuns não podiam entrar no vale. Mas, talvez, com o enfraquecimento da magia da árvore, ele tivesse conseguido se infiltrar. Mas no meio da noite? E ali não havia nada a não ser terras de fazendas e reservas estaduais. De onde aquele cara poderia ter saído?

— Posso acompanhá-lo? — perguntou ele. — Há eras que eu não me sento.

Bem, eu sei — um cara estranho no meio da noite. Pelo bom senso, eu deveria ter saído correndo e gritando por socorro *etc.* Mas o cara agiu de modo tão calmo em relação a tudo que achei difícil ficar com medo.

Eu disse:

— Ahn, claro.

Ele sorriu.

— Sua hospitalidade é louvável. Ah, e Coca-Cola! Posso?

Ele se sentou na outra ponta da toalha, abriu um refrigerante e deu um gole.

— Ah!… é exatamente o de que eu precisava. Paz e sossego em…

Um telefone celular tocou no bolso dele.

O corredor suspirou. Puxou o telefone e meus olhos se arrega laram, porque aquilo brilhava com uma luz azulada. Quando ele puxou a antena, duas criaturas começaram a se contorcer em volta dela — cobras verdes, não maiores do que minhocas.

O corredor pareceu nem notar. Conferiu o visor e praguejou.

— Vou ter de atender. Só um segundo…

E, então, ao telefone: “Alô?”

Ele escutou. As minicobras se contorciam para cima e para baixo na antena bem ao lado do ouvido dele.

“Sim”, disse o corredor. “Escute… eu sei, mas… Não me importa se ele *está* acorrentado a uma rocha com abutres bicando seu fígado, se ele não tem um número de protocolo, não podemos localizar seu pacote… Um presente para a humanidade, grande… Tem ideia de quantos desses nós entregamos… Ah, deixe para lá! Escute, mande-o falar com Éris, no atendimento ao cliente. Preciso desligar.”

Ele desligou.

— Desculpe-me. O negócio de expresso noturno está em alta. Mas como eu ia dizendo…

— Você tem cobras no seu telefone.

— O quê? Ah! elas não mordem. Digam olá, George e Martha.

*Olá, George e Martha*, disse uma voz masculina estridente dentro da minha cabeça.

*Não seja sarcástico*, disse uma voz feminina.

*Por que não?*, perguntou George. *Sou eu que faço todo o trabalho* de verdade.

— Ora, não vamos começar com isso outra vez! — O corredor enfiou o telefone de volta no bolso. — Agora, onde estávamos… Ah, sim! Paz e sossego.

Ele cruzou os pés e olhou para as estrelas.

— Faz tanto tempo desde que consegui relaxar pela última vez! Desde o telégrafo é só… correr, correr, correr. Você tem uma constelação favorita, Percy?

Eu ainda estava meio intrigado com as cobrinhas verdes que ele enfiara no bolso do short, mas disse: — Ahn, eu gosto de Hércules.

— Por quê?

— Bem… porque ele tinha um azar desgraçado. Pior ainda que o meu. Faz eu me sentir melhor.

O corredor riu.

— Não é porque ele era forte, famoso e tudo isso?

— Não.

— Você é um jovem interessante. Então, e agora?

Entendi imediatamente o que ele estava perguntando. O que eu pretendia fazer a respeito do Velocino?

Antes que pudesse responder, a voz abafada de Martha, a cobra, veio do bolso dele: *Estou com Deméter na linha dois*.

— Agora não — disse o corredor. — Diga a ela para deixar uma mensagem.

*Ela não vai gostar disso. Na última vez em que você a dispensou, todas as flores da divisão de entregas florais murcharam*.

— Diga-lhe apenas que estou em uma reunião! — O corredor revirou os olhos. — Desculpe de novo, Percy. Você estava dizendo…

— Ahn… quem é você, exatamente?

— Ainda não adivinhou, um menino esperto como você?

*Mostre a ele!*, implorou Martha. *Não fico do tamanho normal há meses Não dê ouvidos a ela!*, disse George. *Ela só quer se mostrar!*

O homem pegou o telefone de novo.

— Forma original, por favor.

O telefone luziu em azul brilhante. Alongou-se até virar um bastão com um metro de comprimento e asas de pombos brotando no topo. George e Martha, agora cobras verdes de tamanho real, estavam enrolados no meio. Era um caduceu, o símbolo do Chalé 11.

Senti um aperto na garganta. Percebi quem o corredor me lembrava, com suas feições de elfo, o brilho travesso nos olhos…

— Você é o pai de Luke — falei. — Hermes.

O deus fez um muxoxo. Fincou o caduceu na areia como se fosse um cabo de guarda-sol.

— "Pai de Luke." Normalmente não é esse o modo como as pessoas costumam me apresentar. Deus dos ladrões, sim. Deus dos mensageiros e dos viajantes, se quiserem ser gentis.

*Deus dos ladrões funciona*, disse George.

*Ah! não ligue para George*. Martha vibrou a língua para mim. *Ele só está azedo porque Hermes gosta mais de mim*.

*Não gosta!*

*Gosta sim!*

— Comportem-se, vocês dois — advertiu Hermes —, ou vou transformá-los de novo em um telefone e pôr no vibra-call! Agora, Percy, você ainda não respondeu à minha pergunta. O que pretende fazer com respeito à missão?

— Eu… eu não tenho permissão para ir.

— Não, de fato não. Isso vai detê-lo?

— Eu quero ir. Preciso salvar Grover.

Hermes sorriu.

— Certa vez conheci um menino… Ah, de longe mais jovem que você! Apenas um bebê, na verdade.

*Lá vamos nós de novo*, disse George. *Sempre falando de si mesmo*.

*Quieto!*, disparou Martha. *Quer ser posto no vibra-call?*

Hermes os ignorou.

— Uma noite, quando a mãe do menino não estava olhando, ele se esgueirou para fora da caverna e roubou algumas cabeças de gado que pertenciam a Apolo.

— Ele foi explodido em pedacinhos? — perguntei.

— Humm… não. Na verdade, tudo acabou muito bem. Para compensar o roubo, o menino deu a Apolo um instrumento que inventara… uma lira. Apolo ficou tão encantado com a música que se esqueceu da raiva.

— Então, qual é a moral?

— A moral? — perguntou Hermes. — Céus, você age como se fosse uma fábula. É uma história verdadeira. A verdade tem moral?

— Ahn…

— Que tal: “Roubar nem sempre é ruim?”

— Não acho que minha mãe fosse gostar disso.

*Ratos são deliciosos*, comentou George.

*O que isso tem a ver com a história?*, perguntou Martha.

*Nada*, disse George. *Mas eu estou com fome*.

— Já sei — disse Hermes. — Os jovens nem sempre fazem o que lhes mandam, mas se conseguem se dar bem e fazer algo maravilhoso, às vezes escapam do castigo. Que tal?

— Você está dizendo que eu deveria ir de qualquer jeito — falei —, mesmo sem permissão.

Os olhos de Hermes brilharam.

— Martha, quer me passar o primeiro pacote, por favor?

Martha abriu a boca… e continuou a abri-la até o vão ficar do tamanho do meu braço. Expeliu um recipiente de inox — uma garrafa térmica de lancheira à moda antiga, com tampa de plástico preto. Era decorada com cenas da Grécia Antiga em vermelho e amarelo — um herói matando um leão; um herói levantando Cérbero, o cão de três cabeças.

— É Hércules — disse eu. — Mas como…

— Nunca questione um presente — repreendeu Hermes. — Isto é um item de colecionador de *Hércules arrebenta cabeças*. Primeira temporada.

— *Hércules arrebenta cabeças?*

— Uma grande série — suspirou Hermes. — Da época em que a tevê Hefesto não era só *reality shows*. É claro que valeria muito mais se eu tivesse a lancheira completa…

*Ou se ela não tivesse estado na boca de Martha*, acrescentou George.

*Vou pegá-lo por isso*. Martha começou a persegui-lo em volta do caduceu.

— Espere um minuto — falei. — Isso é um presente?

— O primeiro de dois presentes — disse Hermes. — Vá em frente, pegue.

Quase deixei a garrafa cair, porque estava fria de congelar de um lado e queimando de tão quente do outro. O mais esquisito era que, quando eu virava a garrafa, o lado que ficava de frente para o oceano — o norte — era sempre o lado frio…

— É uma bússola! — falei.

Hermes pareceu surpreso.

— Muito engenhoso. Eu nunca tinha pensado nisso. Mas sua utilidade é muito mais radical. Destampe-a e vai libertar os ventos dos quatro cantos da Terra para despachá-lo mais depressa em seu caminho. Agora não! E, por favor, quando chegar o momento, desenrosque a tampa só um pouquinho. Os ventos são um pouco como eu — sempre inquietos. Se todos os quatro escaparem de uma vez… ah! mas tenho certeza de que você vai tomar cuidado. E agora, meu segundo presente. George?

*Ela está encostando em mim*, reclamou George enquanto ele e Martha deslizavam em volta do bastão.

— Ela está *sempre* encostando em você — disse Hermes. — Vocês estão entrelaçados. E se não pararem com isso vão acabar se dando um nó outra vez!

As cobras pararam de brigar.

George desconjuntou a mandíbula e tossiu um pequeno frasco de plástico cheio de pastilhas de vitaminas.

— Você está brincando — disse eu. — Têm formato de Minotauro?

Hermes pegou o frasco e o chacoalhou.

— As de limão, sim. As de uva são Fúrias, eu acho, Ou seriam hidras? De um jeito ou de outro, essas são poderosas. Não tome uma delas a não ser que precise muito, muito mesmo.

— Como vou saber se preciso muito, muito mesmo?

— Você saberá, acredite. Nove vitaminas essenciais, minerais, aminoácidos… ah! tudo o de que você precisa para se sentir você mesmo outra vez.

Ele me jogou o frasco.

— Ahn, obrigado — disse eu. — Mas Senhor Hermes, por que está me ajudando?

Ele me deu um sorriso melancólico.

— Talvez porque eu espere que você possa salvar muitas pessoas nessa missão, Percy. Não apenas seu amigo Grover.

Olhei para ele.

— Você não quer dizer… *Luke?*

Hermes não respondeu.

— Olhe — falei. — Senhor Hermes, quer dizer, obrigado e tudo mais, mas você pode pegar de volta seus presentes. Luke não pode ser salvo. Mesmo que eu conseguisse encontrá-lo… Ele me disse que queria destruir o Olimpo pedra por pedra. Traiu todos os que conhecia. Ele… ele odeia você, especialmente.

Hermes olhou de modo contemplativo para as estrelas.

— Meu caro jovem primo, se há algo que aprendi ao longo das eras, é que você *não pode* desistir da sua família, não importa quanto se sinta tentado a isso.

Não importa que eles o odeiem, o envergonhem ou simplesmente não apreciem seu gênio por ter inventado a Internet…

— Você inventou a Internet?

*Foi ideia minha*, disse Martha.

*Ratos são deliciosos*, disse George.

— Foi *minha* ideia! — falou Hermes. — Quer dizer, a Internet, não os ratos. Mas isso não vem ao caso. Percy, você entende o que estou dizendo sobre a família?

— Eu… eu não tenho certeza.

— Um dia entenderá. — Hermes levantou-se e sacudiu a areia das pernas. — Enquanto isso, preciso ir andando.

*Você tem sessenta chamadas para retornar*, disse Martha.

*E mil e trinta e oito e-mails*, acrescentou George. *Sem contar as ofertas para comprar ambrosia on-line com desconto*.

— E você, Percy — disse Hermes —, tem um prazo mais curto do que imagina para completar sua missão. Seus amigos devem estar chegando mais ou menos… agora.

Ouvi a voz de Annabeth chamando meu nome das dunas. Tyson, também, estava gritando um pouco mais longe.

— Espero ter feito as malas para vocês direito — disse Hermes. — Tenho certa experiência com viagens.

Ele estalou os dedos e três sacos de viagem amarelos apareceram aos meus pés.

— À prova d’água, é claro. Se você pedir educadamente, seu pai é capaz de ajudá-los a chegar até o navio.

— Navio?

Hermes apontou. É claro: um grande navio de cruzeiro estava atravessando o estreito de Long Island, as luzes brancas e douradas brilhando na água escura.

— Espere — disse eu. — Não estou entendendo nada disso. Eu nem mesmo concordei em ir!

— Eu me decidiria nos próximos cinco minutos, se fosse você — aconselhou Hermes. — É quando as harpias chegarão para comê-lo. Agora, boa noite, primo, e… será que ouso dizer? Que os deuses o acompanhem.

Ele abriu a mão e o caduceu voou para ela.

*Boa sorte*, disse Martha.

*Traga para mim um rato*, disse George.

O caduceu se transformou no telefone celular e Hermes o enfiou no bolso.

Ele saiu correndo pela praia. Vinte passos depois, tremeluziu e desapareceu, deixando-me sozinho com uma garrafa térmica, um frasco de vitaminas e cinco minutos para tomar uma decisão muito difícil.

# OITO

Nós embarcamos no Princesa Andrômeda

Eu estava olhando para as ondas quando Annabeth e Tyson me acharam.

— O que está acontecendo? — perguntou ela. — Ouvi você gritando por socorro!

— Eu também! — disse Tyson. — Ouvi você gritar: “Coisas ruins estão atacando!”

— Eu não chamei vocês — falei. — Estou bem.

— Mas então quem… — Annabeth notou os três sacos de viagem amarelos, depois a garrafa térmica e o frasco de vitaminas que eu estava segurando. — Que…

— Ouçam bem. Não temos muito tempo.

Contei-lhes minha conversa com Hermes. Quando terminei, pude ouvir guinchos a distância — a patrulha de harpias identificando nosso cheiro.

— Percy — disse Annabeth. — Temos de partir na missão.

— Vamos ser expulsos, você sabe. Confie em mim, sou especialista em ser expulso.

— E daí? Se fracassarmos, não haverá nenhum acampamento para voltar.

— Sim, mas você prometeu a Quíron…

— Prometi que ia manter você afastado do perigo. Só posso fazer isso indo com você! Tyson pode ficar e contar a eles…

— Eu quero ir — disse Tyson.

— Não! — A voz de Annabeth soou quase em pânico. — Quer dizer… Vamos lá, Percy. Você sabe que é impossível.

Outra vez me perguntei o porquê da antipatia dela pelos ciclopes. Havia alguma coisa que Annabeth não estava me contando.

Ela e Tyson me olharam, esperando uma resposta. Enquanto isso, o navio de cruzeiro se afastava cada vez mais.

A questão era que parte de mim não queria a companhia de Tyson. Eu passara os últimos três dias muito perto do cara, sendo ridicularizado pelos outros campistas e envergonhado um milhão de vezes por dia, constantemente

lembrado de que éramos parentes. Precisava de um pouco de espaço.

Além disso, não sabia quanta ajuda ele poderia oferecer, ou como eu faria para mantê-lo em segurança. Sem dúvida, ele era forte, mas era uma criancinha em termos de ciclopes, talvez sete ou oito anos de idade mental. Eu podia imaginá-lo perdendo o controle e começando a chorar enquanto tentávamos passar por algum monstro ou coisa assim. Íamos ser mortos por causa dele.

Por outro lado, o som das harpias estava chegando mais perto…

— Não podemos deixá-lo — decidi. — Tântalo vai castigá-lo por termos partido.

— Percy — disse Annabeth, tentando manter a calma —, estamos indo para a ilha de Polifemo! Polifemo é um c-i-c… um c-i-c… — Ela bateu os pés de frustração. Por mais esperta que fosse, Annabeth também era disléxica. Poderíamos ficar lá a noite inteira enquanto ela tentava soletrar ciclope. — Você sabe o que eu quero dizer!

— Tyson pode vir — insisti —, se ele quiser.

Tyson bateu palmas.

— Eu quero!

Annabeth me fuzilou com o olhar, mas acho que ela percebeu que eu não ia mudar de ideia. Ou talvez simplesmente soubesse que não tínhamos tempo para discutir.

— Tudo bem — disse ela. — Como chegamos até aquele navio?

— Hermes disse que meu pai ajudaria.

— E então, Cabeça de Alga? Está esperando o quê?

Eu sempre achei difícil chamar meu pai, ou rezar, ou o que seja, mas avancei para as ondas.

— Ahn, pai? — chamei. — Como vão as coisas?

— Percy! — sussurrou Annabeth. — Estamos com pressa!

— Precisamos da sua ajuda — falei um pouco mais alto. — Precisamos chegar até aquele navio, tipo antes que sejamos comidos ou coisa parecida, então…

De início, nada aconteceu. As ondas quebravam na praia, como sempre. As harpias pareciam estar logo atrás das dunas. Então, cerca de cem metros mar adentro, três linhas brancas apareceram na superfície. Moveram-se com velocidade em direção à praia, como garras rasgando o oceano.

Quando se aproximaram, as águas se abriram e as cabeças de três corcéis brancos se ergueram das ondas.

Tyson prendeu a respiração.

— Peixes-pôneis!

Ele estava certo. Quando as criaturas se arrastaram para a areia, vi que eram cavalos apenas na frente; a metade traseira era de corpos prateados de peixe, com escamas reluzentes e nadadeiras de arco-íris na cauda.

— Cavalos-marinhos! — disse Annabeth. — São lindos.

O mais próximo relinchou, agradecendo, e esfregou o focinho em Annabeth.

— Vamos admirá-los depois — falei. — Vamos!

— Ali! — guinchou uma voz atrás de nós. — Crianças más fora dos chalés! Hora do lanche para harpias sortudas!

Cinco delas estavam pairando acima das dunas — pequenas bruxas gorduchas, com a cara chupada, garras e asas de penas, pequenas demais para o corpo. Elas me lembravam um cruzamento de atendente de lanchonete com passarinho. Não eram muito rápidas, graças aos deuses, mas eram ferozes quando pegavam alguém.

— Tyson! — disse eu. — Agarre um saco de viagem!

Ele ainda estava olhando boquiaberto para os cavalos-marinhos.

— Tyson!

— Ahn?

— Venha!

Com a ajuda de Annabeth, consegui fazê-lo se mexer. Recolhemos os sacos e montamos nossos corcéis. Poseidon devia saber que Tyson era um dos passageiros, pois um dos cavalos-marinhos era muito maior que os outros dois — do tamanho certo para transportar um ciclope.

— Eah! — disse eu.

Meu cavalo-marinho se virou e mergulhou nas ondas. Annabeth e Tyson seguiram logo atrás.

As harpias nos amaldiçoaram, implorando a seus lanches que voltassem, mas os cavalos-marinhos dispararam sobre a água na velocidade de jet skis. As harpias ficaram para trás, e logo a praia do Acampamento Meio-Sangue nada mais era senão uma mancha escura. Será que eu voltaria a ver aquele lugar? Naquele momento, porém, eu tinha outros problemas.

O navio de cruzeiro agora crescia diante de nós — nossa carona para a Flórida e o Mar de Monstros.

Montar o cavalo-marinho era ainda mais fácil do que montar um pégaso. Nos deslocamos depressa, com o vento no rosto, disparando nas ondas de modo tão suave e firme que mal precisei me segurar.

Quando nos aproximamos do navio, percebi quanto era enorme. Era como

olhar para um edifício em Manhattan. O casco branco tinha pelo menos dez andares, e acima dele havia mais uma dúzia de conveses com balcões e vigias iluminados. O nome do navio estava pintado logo acima da linha de proa, em letras pretas, iluminadas por um refletor. Levei alguns segundos para decifrá-lo: PRINCESA ANDRÔMEDA

Presa à proa havia uma enorme figura — uma mulher com três andares de altura vestindo uma túnica grega branca, esculpida para parecer que estava acorrentada à frente do navio. Ela era jovem e linda, com cabelos pretos flutuantes, mas sua expressão era de terror absoluto. Por que alguém iria querer uma princesa aos gritos na frente do navio de suas férias, eu não tinha ideia.

Lembrei-me do mito de Andrômeda e de como ela fora acorrentada a uma rocha pelos próprios pais, como sacrifício a um monstro marinho. Talvez seu boletim fosse horrível ou coisa assim. De qualquer modo, meu xará Perseu a salvara no último minuto e transformara o monstro marinho em pedra usando a cabeça da Medusa.

*Aquele* Perseu sempre vencia. É por isso que minha mãe me deu seu nome, muito embora ele fosse um filho de Zeus, e eu, de Poseidon. O Perseu original foi um dos únicos heróis dos mitos gregos que teve final feliz. Os outros morreram — traídos, espancados, mutilados, envenenados ou amaldiçoados pelos deuses. Minha mãe esperava que eu herdasse a sorte dele. Do jeito como minha vida ia até ali, eu não estava lá muito otimista.

— Como vamos embarcar? — gritou Annabeth, mais alto que o barulho da ondas.

Mas os cavalos-marinhos pareciam saber o que era preciso. Deslizaram ao longo do estibordo do navio, passando facilmente através da enorme esteira, e encostaram-se junto a uma escada de serviço rebitada ao casco.

— Você primeiro — disse a Annabeth.

Ela jogou o saco de viagem no ombro e agarrou o primeiro degrau. Depois que ela se içou para a escada, seu cavalo-marinho relinchou uma despedida e mergulhou na água. Annabeth começou a escalar. Deixei-a subir alguns degraus, e então a segui.

Por fim restara somente Tyson na água. Seu cavalo-marinho o estava divertindo com aéreos de trezentos e sessenta graus e saltos para trás, e Tyson ria histericamente, o som reverberando no casco do navio.

— Tyson, shhh! Venha, grandão!

— Não podemos levar Arco-Íris? — perguntou, o sorriso sumindo.

Olhei para ele.

— *Arco-Íris?*

O cavalo-marinho relinchou, como se tivesse gostado de seu novo nome.

— Ahn, nós temos de ir — disse eu. — Arco-Íris… bem, ele não pode subir escadas.

Tyson fungou. Ele enterrou a cara na crina do hipocampo.

— Vou sentir saudade, Arco-Íris!

O cavalo-marinho emitiu um som de relincho que eu podia jurar que era choro.

— Quem sabe a gente encontra com ele de novo — sugeri.

— Ah, por favor! — disse Tyson, animando-se imediatamente. — Amanhã!

Não fiz nenhuma promessa, mas consegui convencer Tyson a dizer adeus e a se agarrar à escada. Com um último relincho triste, Arco-Íris, o hipocampo, deu um salto-mortal para trás e mergulhou no mar.

A escada levava a um convés de manutenção cheio de botes salva-vidas amarelos. Havia uma porta dupla trancada, que Annabeth conseguiu arrombar com sua faca e uma boa dose de pragas em grego antigo.

Imaginei que teríamos de nos esgueirar por ali, já que éramos clandestinos e tudo mais, mas depois de examinar alguns corredores e espiar, por cima de um balcão, um enorme corredor central ladeado por lojas fechadas, comecei a me dar conta de que não havia ninguém de quem nos esconder. Quer dizer, é claro que estávamos no meio da noite, mas andamos metade da extensão do navio e não encontramos ninguém. Passamos por quarenta ou cinquenta portas de cabines e não ouvimos ruído algum atrás delas.

— É um navio-fantasma — murmurei.

— Não — disse Tyson, manuseando a alça do seu saco de viagem. — Cheiro ruim.

Annabeth franziu o cenho.

— Não sinto cheiro de nada.

— Os ciclopes são como os sátiros — disse eu. — Eles podem farejar monstros. Não é verdade, Tyson?

Ele fez que sim, nervoso. Agora que estávamos longe do Acampamento Meio-Sangue, a Névoa distorcia seu rosto de novo. A não ser que eu me concentrasse muito, parecia que ele tinha dois olhos, não um.

— Certo — disse Annabeth. — Então está sentindo cheiro de quê, exatamente?

— Coisa ruim — respondeu Tyson.

— Beleza — resmungou ela. — Isso esclarece tudo.

Fomos para fora, no deque da piscina. Havia fileiras de espreguiçadeiras vazias e um bar fechado com uma cortina de correntes. A água da piscina brilhava de modo fantasmagórico, ondulando de um lado para o outro com os movimentos do navio.

Acima de nós, à frente e atrás, havia mais deques — uma parede de escalada, uma pista de minigolfe, um restaurante giratório, mas nenhum sinal de vida.

E no entanto… Eu senti algo familiar. Algo perigoso. Tinha a impressão de que, se não estivesse tão cansado e exausto de tanta adrenalina por causa de nossa longa noite, talvez conseguisse dar um nome ao que estava errado.

— Precisamos de um esconderijo — disse eu. — Algum lugar seguro para dormir.

— Dormir — concordou Annabeth, cansada.

Exploramos mais alguns corredores até chegarmos a uma suíte vazia no nono deque. A porta estava aberta, o que me pareceu estranho. Havia uma cesta de chocolates sobre a mesa, uma garrafa gelada de cidra espumante sobre a mesa-de-cabeceira e uma pastilha de hortelã em cima do travesseiro com um bilhete manuscrito que dizia: *Aproveite seu cruzeiro!*

Abrimos nossos sacos de viagem e descobrimos que Hermes realmente pensara em tudo — roupas, artigos de toalete, rações de acampamento, um saco ziploc cheio de dinheiro, uma bolsa de couro cheia de dracmas de ouro. Conseguira até mesmo incluir o oleado de Tyson com suas ferramentas e pedaços de metal, e o boné de invisibilidade de Annabeth, o que fez os dois se sentirem um pouco melhor.

— Vou estar na porta ao lado — disse Annabeth. — Vocês, garotos, *não* bebam nem comam nada.

— Acha que este lugar é encantado?

Ela franziu a testa.

— Não sei. Alguma coisa não está certa. De qualquer jeito… tenham cuidado.

Trancamos nossas portas.

Tyson desabou na cama. Ele mexeu por alguns minutos em seu projeto de trabalho em metal — que ainda não me mostrara —, mas logo começou a bocejar. Enrolou seu oleado e adormeceu.

Fiquei deitado na cama, olhando pela vigia. Pensei ter ouvido vozes no corredor, como sussurros. Sabia que não era possível. Andamos pelo navio inteiro e não vimos ninguém. Mas as vozes me mantiveram acordado. Elas me lembraram a viagem ao Mundo Inferior — os ruídos que os espíritos dos mortos faziam ao passarem.

Por fim meu cansaço levou a melhor. Caí no sono… e tive meu pior pesadelo

até então.

Eu estava em uma caverna, à beira de um poço enorme. Conhecia muito bem o lugar. A entrada para o Tártaro. E reconheci a risada fria que ecoava da escuridão abaixo.

*Ora, ora, o jovem herói*. A voz era como a lâmina de uma faca raspando pedra. *A caminho de outra grande vitória*.

Eu quis gritar para que Cronos me deixasse em paz. Quis sacar Contracorrente e derrubá-lo com um golpe. Mas não conseguia me mover. E, mesmo que conseguisse, como iria matar alguém que já tinha sido destruído — picado em pedacinhos e lançado nas trevas eternas?

*Não permita que eu o detenha*, disse o titã. *Talvez dessa vez, quando fracassar, vá perguntar a si mesmo se vale a pena ser escravo dos deuses. Como foi mesmo que seu pai demonstrou agradecimento nos últimos tempos?*

Sua gargalhada encheu a caverna, e subitamente a cena mudou.

Era uma caverna diferente — o quarto-prisão de Grover no covil do ciclope.

Grover estava sentado junto ao tear usando seu vestido de noiva encardido, desfazendo em desespero os fios da cauda inacabada do vestido.

— Docinho! — gritou o monstro de trás da rocha.

Grover ganiu e começou a tecer os fios de volta.

O quarto estremeceu quando a rocha foi empurrada para o lado. Assomando à porta estava um ciclope tão enorme que fazia Tyson parecer verticalmente desafiado. Tinha dentes amarelos e tortos e mãos ásperas quase do meu tamanho. Usava uma camiseta roxa desbotada que dizia EXPO MUNDIAL DE CARNEIROS 2001. Devia medir pelo menos cinco metros, porém o mais assustador era seu enorme olho leitoso, marcado e recoberto por uma teia de cataratas. Se não era completamente cego, estava muito perto disso.

— O que está fazendo? — perguntou o monstro.

— Nada! — disse Grover em sua voz de falsete. — Só tecendo a cauda do meu vestido de noiva, como pode ver.

O ciclope estendeu uma das mãos para dentro do quarto e tateou até encontrar o tear. Apalpou o tecido.

— Não ficou nem um pouco maior!

— Ah! ahn, sim, ficou, querido. Está vendo? Acrescentei pelo menos três centímetros.

— Está demorando demais! — urrou o monstro. Então ele farejou o ar. — Você tem um cheiro bom! Como os bodes!

— Ah! — Grover forçou uma fraca risadinha. — Você gosta? É *Eau de Chévre*. Eu uso só para você.

— Mmmm! — O ciclope mostrou os dentes pontudos. — Bom de comer!

— Ah, você é tão galanteador!

— Chega de atrasos!

— Mas, querido, eu não estou pronta!

— Amanhã!

— Não, não. Mais dez dias.

— Cinco!

— Ah! bem, então sete. Se você insiste.

— Sete! Isso é menos que cinco, certo?

— Certamente. Ah, sim!

O monstro resmungou, não muito satisfeito com sua negociação, mas deixou Grover continuar tecendo e rolou a rocha de volta a seu lugar.

Grover fechou os olhos e respirou fundo, trêmulo, tentando acalmar os nervos.

— Depressa, Percy — murmurou ele. — Por favor, por favor, por favor!

Acordei com um apito do navio e uma voz no alto-falante — alguém com um sotaque australiano que parecia alegre demais.

— Bom dia, passageiros! Hoje estaremos no mar o dia inteiro. Tempo excelente para a festa de mambo à beira da piscina! Não esqueçam o bingo de um milhão de dólares no Salão do Kraken à uma hora, e para os nossos *hóspedes especiais*, exercícios de estripação no convés principal!

Sentei-me na cama.

— O que ele disse?

Tyson gemeu, ainda meio dormindo. Estava deitado na cama de barriga para baixo, os pés tão além da beirada que foram parar no banheiro.

— O homem alegre disse… exercício com equipamentos? Esperava que ele estivesse certo, mas então ouvi uma batida insistente na porta interna da suíte. Annabeth enfiou a cabeça para dentro — os cabelos loiros pareciam um ninho de rato.

— Exercício de *estripação*?

Depois de vestidos nos aventuramos a caminhar pelo navio. Ficamos surpresos ao vermos outras pessoas. Uma dúzia de idosos indo tomar o café-da-manhã. Um pai levando os filhos para um mergulho matinal na piscina. Tripulantes em impecáveis uniformes brancos tocando os chapéus em saudação para os passageiros.

Ninguém perguntou quem éramos. Ninguém prestou muita atenção em nós. Mas havia algo errado.

Quando a família de nadadores passou por nós, o pai disse aos filhos: — Estamos num cruzeiro. Estamos nos divertindo.

— Sim — disseram as três crianças em uníssono, a expressão vazia. — Estamos nos divertindo à beça. Vamos mergulhar na piscina.

Afastaram-se.

— Bom-dia! — disse-nos um tripulante, os olhos vidrados. — Estamos nos divertindo a bordo do *Princesa Andrômeda*. Tenham um bom dia. — Ele se afastou.

— Percy, isso é muito estranho — sussurrou Annabeth. — Estão todos em uma espécie de transe.

Depois passamos por uma lanchonete e vimos nosso primeiro monstro. Era um cão do inferno — um mastim preto, na fila do bufê, apoiado nas patas traseiras e com o focinho enfiado nos ovos mexidos. Devia ser jovem, pois era pequeno em comparação com a maioria — não maior que um urso-escuro. Ainda assim, meu sangue gelou. Eu quase tinha sido morto por um daqueles antes. O que era mais estranho: um casal de meia-idade estava na fila do bufê logo atrás do cão-demônio, esperando pacientemente sua vez de se servir dos ovos. Pareciam não estar notando nada de extraordinário.

— Perdi a fome — murmurou Tyson.

Antes que Annabeth ou eu pudéssemos responder, uma voz reptiliana veio do corredor: — Maisss ssseisss chegaram ontem.

Annabeth fez gestos frenéticos em direção ao esconderijo mais próximo — o banheiro feminino —, e nós três entramos depressa. Eu estava tão apavorado que nem me ocorreu ficar com vergonha.

Alguma coisa, ou melhor, *duas* coisas passaram deslizando pela porta do banheiro, fazendo um barulho como o de uma lixa esfregada contra o carpete.

— Ssssim — disse uma segunda voz reptiliana. — Ele osss atrai. Logo essssstaremossss fortessss.

As coisas deslizaram para dentro da lanchonete com um silvo frio que poderia bem ser risada de cobra.

Annabeth olhou para mim.

— Temos de dar o fora daqui.

— Acha que eu *quero* ficar no banheiro das meninas?

— Do navio, Percy! Temos de dar o fora do navio.

— Cheira mal — concordou Tyson. — E os cachorros comem todos os ovos. Annabeth tem razão. Precisamos dar o fora do banheiro e do navio.

Eu estremeci. Se Annabeth e Tyson estavam *concordando* em alguma coisa, calculei que seria melhor escutá-los.

Então ouvi outra voz do lado de fora — uma voz que me deixou mais gelado que a de qualquer monstro.

— … só uma questão de tempo. Não me pressione, Agrio!

Era Luke, sem dúvida alguma. Jamais esqueceria a voz dele.

— Não estou pressionando! — resmungou um outro cara. Sua voz era mais profunda e ainda mais zangada que a de Luke. — Só estou dizendo que se esse jogo não compensar…

— Vai compensar — disparou Luke. — Eles vão morder a isca. Agora venha, temos de ir até a suíte do almirantado e verificar o caixão.

As vozes se afastaram pelo corredor.

Tyson choramingou.

— Saímos agora?

Annabeth e eu trocamos olhares e entramos num acordo silencioso.

— Não podemos — disse a Tyson.

— Temos de descobrir o que Luke está aprontando — concordou Annabeth. — E, se possível, vamos lhe dar uma surra, acorrentá-lo e arrastá-lo para o Monte Olimpo.

# NOVE

Minha pior reunião de família de todos os tempos

Annabeth se ofereceu para ir sozinha, já que tinha o boné de invisibilidade, mas eu a convenci de que era perigoso demais. Ou íamos todos juntos, ou não ia ninguém.

— Ninguém! — votou Tyson. — Por favor.

Mas no fim ele foi junto, roendo nervosamente suas unhas enormes. Paramos na cabine só pelo tempo de juntar nossas coisas. Sabíamos que, independentemente do que acontecesse, *não* passaríamos outra noite a bordo do navio de zumbis, mesmo que eles tivessem um bingo de um milhão de dólares. Conferi se Contracorrente estava no meu bolso, e se as vitaminas e a garrafa térmica de Hermes estavam logo na boca do saco de viagem. Não queria que Tyson carregasse tudo, mas ele insistiu, e Annabeth disse que eu não me preocupasse com isso. Tyson era capaz de carregar no ombro três sacos de viagem cheios com a mesma facilidade com que eu carregava uma mochila.

Nós nos esgueiramos pelos corredores, seguindo as placas de VOCÊ ESTÁ AQUI em direção à suíte do almirantado. Annabeth foi na frente, invisível. Toda vez que passava alguém a gente se escondia, mas a maioria das pessoas que víamos era apenas passageiroszumbis de olhos vidrados.

Quando subimos as escadas para o convés 13, onde deveria estar a suíte do almirantado, Annabeth sussurrou: — Escondam-se! — e nos empurrou para dentro de um pequeno almoxarifado.

Ouvi dois caras descendo o corredor.

— Você viu aquele dragão etíope no porão de carga? — disse um deles.

O outro riu.

— Sim, é impressionante.

Annabeth ainda estava invisível, mas apertou meu braço com força. Tive a impressão de que conhecia a voz do segundo cara.

— Ouvi dizer que vêm vindo mais dois — disse a voz familiar. — Se continuarem chegando nesse ritmo, rapaz! Não haverá concurso!

As vozes foram sumindo no corredor.

— Aquele era Chris Rodrigues! — Annabeth tirou o boné e ficou visível. — Você lembra… do Chalé 11.

Eu me lembrava vagamente de Chris, do verão anterior. Era um dos campistas indeterminados que ficaram empacados no chalé de Hermes porque seu pai olimpiano, ou sua mãe, nunca o reclamaram. Ali, pensando nisso, percebi que não tinha visto Chris no acampamento.

— O que um outro meio-sangue está fazendo aqui?

Annabeth sacudiu a cabeça, claramente perturbada.

Continuamos seguindo pelo corredor. Eu não precisava mais de mapas para saber que estava chegando perto de Luke. Sentia algo frio e desagradável — a presença do mal.

— Percy. — Annabeth parou de repente. — Olhe.

Ela estava diante de uma parede de vidro que dava para um cânion de vários andares, que atravessava o meio do navio. No fundo estava o convés principal — um centro comercial cheio de lojas —, mas não foi isso que chamou a atenção de Annabeth.

Um grupo de monstros estava reunido na frente da doceria: uma dúzia de gigantes lestrigões, como os que me atacaram com bolas de queimado, dois cães monstruosos com três cabeças e cauda de dragão e algumas criaturas ainda mais estranhas — fêmeas humanoides com caudas duplas de serpente, em vez de pernas.

— *Dracaenae* da Cítia — sussurrou Annabeth. — Mulheresdragão.

Os monstros estavam em um semicírculo em volta de um jovem de armadura grega que despedaçava um boneco de palha. Fiquei com um nó na garganta quando percebi que o boneco usava uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue. Enquanto olhávamos, o cara de armadura deu uma estocada na barriga do boneco e rasgou-o de baixo para cima. Voou palha para todos os lados. Os monstros aplaudiram e gritaram.

Annabeth se afastou da janela. Seu rosto estava cinzento.

— Vamos — disselhe, tentando parecer mais valente do que me sentia. — Quanto antes acharmos Luke, melhor.

No fim do corredor havia uma porta dupla de carvalho que parecia levar a algum lugar importante. Quando estávamos a dez metros, Tyson parou.

— Vozes lá dentro.

— Você pode ouvir de tão longe? — perguntei.

Tyson fechou os olhos como se estivesse se concentrando ao máximo. Então sua voz mudou, transformando-se numa imitação rouca da voz de Luke.

— … a profecia nós mesmos. Os idiotas não vão saber para que lado virar.

Antes que eu pudesse reagir, a voz de Tyson mudou de novo, agora mais profunda e ríspida, como a do outro cara que ouvimos falando com Luke do lado de fora da lanchonete.

— Acha mesmo que o velho homem-cavalo se foi para sempre? Tyson riu a risada de Luke.

— Não podem confiar nele. Não com aqueles esqueletos no armário *dele*. O envenenamento da árvore foi a última gota.

Annabeth estremeceu.

— Pare com isso, Tyson! Como você faz isso? É sinistro!

Tyson abriu o olho e pareceu confuso.

— Estava só ouvindo.

— Continue — disse eu. — O que mais eles estão dizendo? Tyson fechou o olho de novo.

Ele sussurrou na voz do homem zangado:

— Silêncio!

E, então, na voz de Luke, cochichando:

— Você tem certeza?

— Sim — disse Tyson na voz rouca. — Bem aí fora.

Era tarde demais quando percebi o que estava acontecendo.

— Corram!

Foi só o que tive tempo de dizer, quando as portas do camarote se abriram violentamente e lá estava Luke, ladeado por dois gigantes peludos armados com dardos, as pontas de bronze apontadas diretamente para os nossos peitos.

— Bem — disse Luke, com um sorriso torto. — Ora, ora, são os meus dois primos favoritos. Vão entrando.

O camarote era lindo, e era horrível.

A parte linda: enormes janelas curvas ao longo da parede dos fundos, dando para a popa do navio. Mar verde e céu azul se estendiam até o horizonte. Um tapete persa cobria o chão. Dois sofás de pelúcia ocupavam o meio da sala, uma cama com dossel em um canto e uma mesa de jantar de mogno no outro. A mesa estava lotada de comida — caixas de pizza, garrafas de refrigerante e uma pilha de sanduíches de rosbife em cima de uma bandeja de prata.

A parte horrível: sobre uma plataforma de veludo no fundo da sala havia um caixão dourado de três metros. Um sarcófago, decorado com cenas de cidades da Grécia Antiga em chamas e heróis morrendo de modo pavoroso. Apesar da luz do sol que se filtrava pelas janelas, o caixão fazia a sala inteira parecer fria.

— Bem — disse Luke, abrindo os braços com orgulho. — Um pouco mais agradável do que o Chalé 11, hein?

Ele mudara desde o último verão. Em vez de bermudas e camiseta, usava uma camisa toda abotoada, calça cáqui e mocassins de couro. Seu cabelo cor de areia, que era tão rebelde, agora estava aparado curto. Parecia um modelo do mal, mostrando o que os vilões fashion de idade universitária usavam em Harvard naquele verão.

Ainda tinha a cicatriz embaixo do olho — uma linha branca irregular, de sua batalha com um dragão. E encostada no sofá estava sua espada mágica, Mordecostas, brilhando estranhamente com sua lâmina meio-aço, meio-bronze celestial, que podia matar tanto mortais como monstros.

— Sentem-se — disse-nos. Acenou com a mão, e três cadeiras de jantar deslizaram sozinhas para o centro da sala.

Nenhum de nós se sentou.

Os amigos enormes de Luke ainda apontavam seus dardos para nós. Pareciam gêmeos, mas não eram humanos. Mediam cerca de dois metros e meio, para começar, e usavam apenas jeans, provavelmente porque os peitos enormes já eram recobertos por grossas felpas marrons. Tinham garras no lugar de unhas e os pés eram como patas. Os narizes eram focinhos animalescos e os dentes eram todos caninos pontudos.

— Que falta de cortesia a minha — disse Luke, suavemente.

— Estes são meus assistentes, Agrios e Oreios. Talvez vocês já tenham ouvido falar deles.

Eu não disse nada. Apesar dos dardos apontados para mim, não eram os gêmeos ursos que me assustavam.

Tinha imaginado meu reencontro com Luke muitas vezes desde que ele tentara me matar no último verão. Eu me via corajosamente de pé diante dele, desafiando-o para um duelo. Mas, agora que estávamos cara a cara, eu mal conseguia impedir que minhas mãos tremessem.

— Vocês não conhecem a história de Agrios e Oreios? — perguntou Luke. — A mãe deles… bem, é triste, de verdade. Afrodite ordenou à jovem mulher que se apaixonasse. Ela se recusou e correu para Ártemis pedindo ajuda. Ártemis deixou que ela se tornasse uma das suas caçadoras virgens, mas Afrodite teve sua vingança. Enfeitiçou a jovem para que se apaixonasse por um urso. Quando Ártemis descobriu, ela abandonou a moça, enojada. Típico dos deuses, não acha? Eles brigam entre si e os pobres humanos são apanhados no meio. Os filhos gêmeos da moça, aqui, Agrios e Oreios, não morrem de amores pelo Olimpo. Mas gostam bastante de meios-sangues, contudo…

— Para o almoço — rosnou Agrios. Sua voz rouca era a que eu tinha ouvido falando com Luke.

— Hehe! Hehe! — riu seu irmão, Oreios, lambendo os beiços peludos. Ele continuou rindo como se estivesse tendo uma crise de asma até que Luke e Agrios o olharam.

— Cale a boca, seu idiota! — rosnou Agrios. — Vá se castigar!

Oreios choramingou. Arrastou-se até o canto da sala, deixouse cair em uma banqueta e bateu a testa contra a mesa de jantar, fazendo tilintar os pratos de prata.

Luke agiu como se aquele fosse um comportamento perfeitamente normal. Acomodou-se no sofá e pôs os pés em cima da mesa de café.

— Bem, Percy, deixamos você sobreviver mais um ano. Espero que tenha gostado. Como vai sua mãe? Como vai a escola?

— Você envenenou a árvore de Thalia.

Luke suspirou.

— Direto ao ponto, não é? O.k., envenenei mesmo a árvore. E daí?

— Como pôde fazer isso? — Annabeth parecia tão zangada que pensei que ela fosse explodir. — Thalia salvou sua vida! *Nossas* vidas! Como pôde desonrá-la…

— Eu não a desonrei! — disparou Luke. — Os deuses a desonraram, Annabeth! Se Thalia estivesse viva, estaria do meu lado.

— Mentiroso!

— Se você soubesse o que ia acontecer, entenderia…

— Eu entendo que você quer destruir o acampamento! — gritou ela. — Você é um monstro!

Luke sacudiu a cabeça.

— Os deuses a cegaram. Você não consegue imaginar um mundo sem eles, Annabeth? De que adianta a história antiga que você estuda? Três mil anos de bagagem! O Ocidente está podre até a alma. Precisa ser destruído. Junte-se a mim! Podemos refazer o mundo do zero. Podemos usar sua inteligência, Annabeth.

— Porque você não tem inteligência nenhuma!

Os olhos dele se estreitaram.

— Conheço você, Annabeth. Você merece coisa melhor do que ir atrás de uma missão sem chances para salvar o acampamento. A Colina Meio-Sangue será invadida por monstros em menos de um mês. Os heróis que sobreviverem não terão escolha senão juntar-se a nós ou ser caçados até a extinção. Você realmente quer estar em um time perdedor… com uma companhia dessa? — Luke apontou

para Tyson.

— Ei! — disse eu.

— Viajando com um ciclope — caçoou Luke. — E falando sobre desonrar a memória de Thalia! Estou surpreso com você, Annabeth. Você, de todas as pessoas…

— Pare com isso! — gritou ela.

Não sabia do que Luke estava falando, mas Annabeth enterrou a cabeça nas mãos como se estivesse a ponto de chorar.

— Deixe-a em paz — disse eu. — E deixe Tyson fora disso.

Luke riu.

— Ah! sim, ouvi dizer. Seu pai o reclamou.

Devo ter parecido surpreso, pois Luke sorriu.

— Sim, Percy, eu sei tudo sobre isso. E sobre seu plano de encontrar o Velocino. Quais eram mesmo aquelas coordenadas… 30, 31, 75, 12? Como vê, ainda tenho amigos no acampamento que me mantêm informado.

— Espiões, você quer dizer.

Ele deu de ombros.

— Quantos insultos de seu pai você pode aguentar, Percy? Acha que ele é grato a você? Acha que Poseidon se importa com você mais do que se importa com esse monstro?

Tyson cerrou os punhos e fez um ruído surdo na garganta.

Luke apenas deu uma risadinha.

— Os deuses estão *usando* você Percy. Tem ideia do que está reservado para você se chegar ao décimo sexto aniversário? Quíron já lhe contou a profecia?

Tive vontade de falar umas verdades na cara de Luke, mas, como é de praxe, ele conhecia a maneira de me deixar desconcertado.

*Décimo sexto aniversário?*

Quer dizer, eu sabia que Quíron tinha recebido uma profecia do Oráculo muitos anos atrás. Sabia que, parte, era sobre mim. Mas *se* eu chegar ao décimo sexto aniversário? Não gostei muito de ouvir aquilo.

— Eu sei o que preciso saber — consegui dizer. — Por exemplo, quem são os meus inimigos.

— Então você é um bobo.

Tyson reduziu a cadeira mais próxima a estilhaços.

— Percy não é um bobo!

Antes que eu pudesse detê-lo, ele avançou para Luke. Seus punhos desceram na direção da cabeça de Luke — uma pancada dupla que teria aberto um buraco

em titânio, mas os gêmeos ursos a interceptaram. Cada um segurou um dos braços de Tyson e eles o detiveram na hora. Empurraram-no para trás, e Tyson cambaleou. Caiu no tapete com tanta força que o convés balançou.

— Que pena, ciclope — disse Luke. — Parece que os meus amigos pardos juntos são mais do que páreo para a sua força. Talvez eu devesse deixá-los…

— Luke — interrompi. — Escute. Seu pai nos mandou.

O rosto dele ficou da cor de *pepperoni*.

— Não se *atreva* a mencionar o nome dele.

— Ele nos disse para pegar este navio. Achei que fosse só uma carona, mas ele nos mandou aqui para encontrá-lo. Disse que não vai desistir de você, não importa quanto você esteja zangado.

— *Zangado?* — rugiu Luke. — *Desistir de mim?* Ele me abandonou, Percy! Quero o Olimpo destruído! Cada trono esmagado até virar entulho! E você diga a Hermes que isso vai acontecer. A cada vez que um meio-sangue se junta a nós, os olimpianos ficam mais fracos e nós ficamos mais fortes. *Ele* fica mais forte. — Luke apontou para o sarcófago de ouro.

O caixão me apavorava, mas eu estava determinado a não demonstrar.

— E daí? — perguntei. — O que há de tão especial…

E então caiu a ficha do que poderia estar dentro do sarcófago. A temperatura na sala pareceu baixar vinte graus.

— Epa, você não quer dizer…

— Ele está se reconstituindo — disse Luke. — Pouco a pouco estamos resgatando sua força vital para fora do poço. A cada recruta que se junta à nossa causa mais um pedacinho aparece…

— Isso é nojento! — disse Annabeth.

Luke a olhou com desprezo.

— Sua mãe nasceu do crânio partido de Zeus, Annabeth. Eu não falaria nada. Logo haverá o bastante do senhor titã para torná-lo inteiro de novo. Vamos montar um corpo novo para ele, um trabalho digno das forjas de Hefesto.

— Você é louco — disse Annabeth.

— Junte-se a nós e será recompensada. Temos amigos poderosos, patrocinadores bastante ricos para comprar este navio de cruzeiro e muito mais. Percy, sua mãe nunca mais precisará trabalhar. Você poderá comprar uma mansão para ela. Você poderá ter poder, fama — tudo o que quiser. Annabeth, você poderá realizar seu sonho de ser arquiteta. Poderá construir um monumento para durar mil anos. Um templo para os senhores da nova era!

— Vá para o Tártaro — disse ela.

Luke suspirou.

— Uma pena.

Ele pegou algo que parecia um controle remoto de tevê e apertou um botão vermelho. Em segundos a porta do camarote se abriu e dois tripulantes uniformizados entraram, armados com cassetetes. O olhar vidrado era o mesmo dos outros mortais que eu tinha visto, mas tive a impressão de que isso não os tornaria menos perigosos numa luta.

— Ah! bom, seguranças! — disse Luke. — Infelizmente temos aqui alguns clandestinos.

— Sim, senhor — disseram eles, com ar sonhador. Luke se virou para Oreios.

— Já é hora de alimentar o dragão etíope. Leve esses tolos para baixo e mostre-lhes como fazemos.

Oreios sorriu de modo estúpido.

— Hehe! Hehe!

— Deixe-me ir também — resmungou Agrios. — Meu irmão é um inútil. Aquele ciclope…

— Ele não é uma ameaça — disse Luke. Deu uma olhadela para o caixão dourado, como se alguma coisa o incomodasse. — Agrios, fique aqui. Temos assuntos importantes a discutir.

— Mas…

— Oreios, não me desaponte. Fique no porão e certifique-se de que o dragão seja alimentado como deve.

Oreios nos cutucou com seu dardo e nos tocou para fora do camarote, seguido pelos dois seguranças humanos.

Enquanto andava pelo corredor com o dardo de Oreios me cutucando nas costas, pensei no que Luke dissera — que os gêmeos ursos *juntos* eram páreo para a força de Tyson. Mas quem sabe separados…

Saímos do corredor no meio do navio e caminhamos por um deque aberto ladeado por botes salva-vidas. Eu conhecia bem o navio para perceber que aquela seria nossa última visão da luz do sol. Uma vez do outro lado, tomaríamos o elevador para descer ao porão, e seria o fim.

Olhei para Tyson e disse:

— Agora.

Graças aos deuses, ele entendeu. Virou-se e lançou Oreios dez metros para trás, dentro da piscina, bem no meio da família de turistas-zumbis.

— Ah! — gritaram as crianças em uníssono. — Nós *não* estamos nos divertindo à beça na piscina!

Um dos seguranças sacou o cassetete, mas Annabeth o deixou sem fôlego com um pontapé bem dado. O outro segurança correu para o alarme mais próximo.

— Pegue-o! — gritou Annabeth, mas foi tarde demais.

Um instante antes que eu o atingisse na cabeça com uma cadeira ele tocou o alarme.

Luzes vermelhas piscaram. Sirenes uivaram.

— Bote salva-vidas! — gritei.

Corremos para o mais próximo.

Quando conseguimos descobri-lo, monstros e mais seguranças invadiram o convés, empurrando turistas e garçons com bandejas de drinques tropicais. Um cara de armadura grega sacou a espada e investiu, mas escorregou em uma poça de *piña colada*. Arqueiros lestrigões se reuniram no convés acima de nós, alinhando flechas em seus arcos enormes.

— Como se lança esta coisa? — gritou Annabeth.

Um daqueles cães monstruosos pulou para cima de mim, mas Tyson o atirou para o lado com um extintor de incêndio.

— Entrem! — gritei. Tirei a tampa de Contracorrente e com um golpe desviei uma saraivada de flechas no ar. A qualquer segundo seríamos vencidos.

O bote salva-vidas estava pendurado na lateral do navio, muito acima da água. Annabeth e Tyson não conseguiam manejar a polia de lançamento.

Pulei para dentro ao lado deles.

— Segurem-se! — gritei, e cortei as cordas.

Uma chuva de flechas assobiou por cima de nossas cabeças enquanto íamos em queda livre na direção do oceano.

# DEZ

Pegamos uma carona com confederados mortos

— A garrafa térmica! — gritei enquanto despencávamos para a água.

— *O quê?* — Annabeth deve ter pensado que eu tinha perdido a cabeça. Estava agarrada às alças do bote como se sua vida dependesse disso, os cabelos voando para o alto, como uma tocha.

Mas Tyson entendeu. Conseguiu abrir meu saco de viagem e tirar de lá a garrafa mágica sem largar o saco nem o bote.

Flechas e dardos passaram por nós assobiando.

Agarrei a garrafa térmica e torci para estar fazendo a coisa certa.

— Segurem firme!

— Eu *estou* segurando firme! — gritou Annabeth.

— Mais firme!

Enganchei o pé embaixo do banco inflável do bote, e enquanto Tyson nos segurava pelas costas das camisas dei um quarto de volta na tampa da garrafa.

No mesmo instante, uma lufada branca de vento escapou e nos arremessou para o lado, transformando o mergulho vertical em uma aterrissagem de emergência a quarenta e cinco graus.

O vento pareceu dar risadas quando escapou da garrafa térmica, como se estivesse contente por se ver livre. Quando atingimos o oceano, batemos uma, duas vezes, quicando como uma pedra, e então disparamos como uma lancha, com água salgada borrifando o rosto e nada além de mar à nossa frente.

Ouvi um grito de indignação vindo do navio atrás de nós, mas já estávamos fora do alcance das armas. O *Princesa Andrômeda* foi ficando menor a distância, até parecer um barquinho branco de brinquedo, e depois desapareceu.

Enquanto disparávamos pelo mar, Annabeth e eu tentamos enviar uma mensagem de Íris para Quíron. Pensamos que seria importante contar a alguém o que Luke estava fazendo, e não sabíamos em quem mais confiar.

O vento da garrafa agitou um ótimo borrifo de mar que formou um arco-íris à

luz do sol — perfeito para uma mensagem de Íris —, mas nossa conexão ainda era fraca. Quando Annabeth atirou um dracma de ouro na névoa e rezou à deusa do arco-íris para nos mostrar Quíron, o rosto dele apareceu, mas havia algum tipo estranho de luz estroboscópica ao fundo e rock em volume alto, como se ele estivesse em alguma casa noturna.

Contamos a ele sobre a fuga do acampamento e sobre Luke, o *Princesa Andrômeda* e o caixão dourado para os restos de Cronos, mas com o barulho do lado dele e o ruído do vento e da água do nosso lado, não sabia o que ele tinha ouvido.

— Percy — gritou Quíron —, você precisa tomar cuidado com…

Sua voz foi abafada por uma gritaria alta atrás dele — uma porção de vozes aos berros, como guerreiros comanches.

— O quê? — gritei.

— Malditos parentes! — Quíron desviou-se quando um prato passou voando por cima da sua cabeça e se estilhaçou em algum lugar fora de vista. — Annabeth, você não devia ter deixado Percy sair do acampamento! Mas se vocês *de fato* conseguirem pegar o Velocino…

— *Yeah, baby!* — berrou alguém atrás de Quíron. — *Iuhuuuuuuu!*

O volume da música aumentou, os *subwoofers* ficaram tão altos que fizeram o bote vibrar.

— … Miami — gritava Quíron. — Vou tentar ficar atento…

Nossa tela de névoa se despedaçou como se alguém do outro lado tivesse atirado uma garrafa contra ela, e Quíron se foi.

Uma hora depois, avistamos terra — uma longa extensão de praia com edifícios altos de hotéis. A água se tornou abarrotada de barcos de pesca e petroleiros. Uma lancha da guarda costeira passou a estibordo, depois virou como se quisesse dar uma segunda olhada. Acho que não é todos os dias que eles veem um bote salva-vidas amarelo sem motor navegando a cem nós por hora, tripulado por três crianças.

— Aquela é Virginia Beach! — disse Annabeth quando nos aproximamos do litoral. — Ah! meus deuses, como o *Princesa Andrômeda* chegou tão longe em uma noite? São cerca de…

— Quinhentas e trinta milhas náuticas — disse eu.

Ela olhou para mim.

— Como você sabe?

— Eu… eu não tenho certeza.

Annabeth pensou um momento.

— Percy, qual é a nossa posição?

— Trinta e seis graus e 44 minutos Norte, 76 graus e 2 minutos Oeste — falei, imediatamente. Então sacudi a cabeça. — Epa! Como é que eu soube isso?

— Por causa de seu pai — supôs Annabeth. — Quando você está no mar, tem um senso de orientação perfeito. Isso é *muito* legal.

Eu não estava tão certo daquilo. Não queria ser um GPS humano. Mas, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Tyson bateu em meu ombro.

— Um outro barco vem vindo.

Olhei para trás. O barco da guarda costeira sem dúvida estava agora atrás de nós. As luzes piscavam e ele ganhava velocidade.

— Não podemos deixar que nos peguem — falei. — Vão fazer perguntas demais.

— Continue na direção da baía de Chesapeake — disse Annabeth. — Sei de um lugar onde podemos nos esconder.

Não perguntei o que ela queria dizer, ou como conhecia tão bem a área. Arrisquei afrouxar a tampa da garrafa térmica mais um pouco, e uma nova lufada de vento nos arremessou como um foguete, contornamos a extremidade norte de Virginia Beach e entramos na baía de Chesapeake. O barco da guarda costeira ficava cada vez mais para trás. Não reduzimos a velocidade até as margens da baía se estreitarem dos dois lados, e percebi que estávamos adentrando o estuário de um rio.

Pude sentir a passagem da água salgada para a água doce. De repente me senti exausto e irritado, como se tivesse acabado de sair de uma overdose de açúcar. Não sabia mais onde estava nem para que direção guiar o barco. Felizmente, Annabeth estava me orientando.

— Ali — disse ela. — Depois daquele banco de areia.

Desviamos para uma área pantanosa coberta de capim-d’água. Atraquei o barco ao pé de um cipreste gigante.

Árvores cobertas de trepadeiras cresciam acima de nós. Insetos faziam ruídos no mato. O ar estava quente e úmido, e o vapor subia do rio. Em essência, aquilo não era Manhattan, e eu não gostei.

— Vamos — disse Annabeth —, é só seguirmos a margem.

— O quê?

— Siga-me apenas. — Ela agarrou um saco de viagem. — E é melhor cobrirmos o bote. Não queremos chamar atenção.

Depois de esconder o bote salva-vidas com galhos, Tyson e eu seguimos Annabeth ao longo da margem, os pés afundando na lama vermelha. Uma cobra

deslizou perto do meu sapato e desapareceu no meio do capim.

— Não é um bom lugar — disse Tyson. Ele matava os mosquitos que estavam formando uma fila para jantar no seu braço.

Depois de mais alguns minutos, Annabeth disse:

— Aqui.

Tudo o que vi foi uma moita espinhenta. Então Annabeth empurrou para o lado um círculo de ramos entrelaçados, como uma porta, e percebi que estava olhando para um abrigo camuflado.

O lado de dentro era grande o suficiente para três, mesmo com o terceiro sendo Tyson. As paredes eram feitas com partes de plantas, como uma cabana de nativos, mas pareciam ser bem à prova d'água. Empilhadas em um canto havia todas as coisas que a gente poderia querer em um acampamento — sacos de dormir, cobertores, uma geladeira portátil e um lampião a querosene. Havia também provisões para semideuses — ponteiras de bronze para dardos, uma aljava cheia de flechas, uma espada sobressalente e uma caixa de ambrosia. O lugar tinha cheiro de mofo, como se estivesse vazio havia muito tempo.

— Um esconderijo de meio-sangue. — Olhei para Annabeth, pasmado. — Você *fez* este lugar?

— Thalia e eu — disse ela, baixinho. — E Luke.

Aquilo não deveria me incomodar. Quer dizer, eu sabia que Thalia e Luke tinham cuidado de Annabeth quando ela era pequena. Sabia que os três, juntos, eram fugitivos se escondendo de monstros, sobrevivendo sozinhos antes que Grover os encontrasse e tentasse levá-los para a Colina Meio-Sangue. Mas, sempre que Annabeth falava do tempo que passara com eles, eu me sentia… não sei. Desconfortável?

Não. Não é esta a palavra.

A palavra era *enciumado*.

— Então… — falei. — Não acha que Luke vai nos procurar aqui?

Ela sacudiu a cabeça.

— Fizemos uma dúzia de abrigos como este. Duvido que Luke sequer se lembre de onde ficam. Ou que se importe.

Ela se jogou em cima dos cobertores e começou a revirar o saco de viagem. Sua linguagem corporal deixava muito claro que ela não queria conversar.

— Hum, Tyson? — falei. — Você se incomodaria em dar uma volta de reconhecimento lá fora? Tipo procurar uma loja de conveniência silvestre ou coisa assim?

— Loja de conveniência?

— Sim, para comprar lanches. *Donuts* polvilhados com açúcar ou sei lá. Só

não vá muito longe.

— *Donuts* com açúcar — disse Tyson muito sério. — Vou procurar *donuts* polvilhados com açúcar no mato. — Ele foi saindo e começou a chamar: — *Donuts!* Aqui!

Depois que ele se foi, sentei-me em frente a Annabeth.

— Ei, sinto muito, sabe, por você ter visto Luke.

— A culpa não é sua. — Ela desembainhou sua faca e começou a limpá-la com um trapo.

— Ele nos deixou partir com muita facilidade — falei.

Eu torcia para estar imaginando aquilo, mas Annabeth assentiu.

— Estava pensando a mesma coisa. Aquilo que o ouvimos falar, sobre um jogo e que "eles vão morder a isca"… Acho que estava falando de nós.

— O Velocino é a isca? Ou Grover?

Ela estudou o fio da faca.

— Não sei, Percy. Talvez ele queira o Velocino. Talvez espere que façamos o trabalho para depois roubá-lo de nós. Não consigo acreditar que ele fosse capaz de envenenar a árvore.

— O que ele quis dizer — perguntei — quando falou que Thalia teria ficado do lado dele?

— Ele está errado.

— Você não parece segura.

Annabeth me olhou com raiva, e comecei a desejar que não tivesse falado aquilo enquanto ela segurava uma faca.

— Percy, você sabe quem você me lembra muito? *Thalia*. Vocês são tão parecidos que chega a assustar. Quer dizer, ou vocês seriam melhores amigos ou teriam se estrangulado.

— Vamos ficar com "melhores amigos".

— Thalia, às vezes, ficava zangada com o pai dela. Como você. *Você* se voltaria contra o Olimpo por causa disso?

Olhei para a aljava cheia de flechas no canto.

— Não.

— Certo. Ela também não. Luke está errado.

Annabeth fincou a lâmina da faca na terra.

Quis perguntar sobre a profecia que Luke mencionara, e o que aquilo tinha a ver com meu décimo sexto aniversário. Mas imaginei que ela não fosse me contar. Quíron deixara claro que eu não tinha permissão para ouvi-la até que os deuses decidissem o contrário.

— Então, o que Luke quis dizer a respeito de ciclopes? — perguntei. — Ele disse que você, entre todas as pessoas…

— Eu sei o que ele disse. Ele… ele estava falando sobre a *verdadeira* razão de Thalia ter morrido.

Esperei, sem saber muito bem o que dizer.

Annabeth respirou fundo, indecisa.

— A gente nunca pode confiar em ciclopes, Percy. Há seis anos, na noite em que Grover estava nos levando para a Colina Meio-Sangue…

Ela foi interrompida quando a porta da cabana se abriu com um rangido. Tyson se arrastou para dentro.

— *Donuts* com açúcar! — disse, orgulhoso, mostrando uma caixa de doces.

Annabeth olhou para ele espantada.

— Onde conseguiu isso? Estamos no meio do mato. Não há nada num raio de…

— Quinze metros — disse Tyson. — Uma loja Donuts Monstro, logo depois da colina.

— Isso é mau — murmurou Annabeth.

Estávamos agachados atrás de uma árvore, olhando para a loja de *donuts* no meio do mato. Parecia nova em folha, com janelas iluminadas, uma área de estacionamento e uma estradinha conduzindo para dentro da floresta, mas não havia mais nada em volta, e nenhum carro estacionado. Conseguimos ver um empregado que lia uma revista atrás da caixa registradora. E era tudo. Sobre a marquise da loja, em enormes letras pretas que até eu consegui ler, estava escrito:

# DONUTS MONSTRO

Um ogro de desenho animado estava dando uma mordida no *O* de MONSTRO. O lugar cheirava bem, como *donuts* de chocolate fresquinhos.

— Isso não deveria estar aqui — sussurrou Annabeth. — Está errado.

— O que está errado? — perguntei. — É uma loja de *donuts*.

— Psiu!

— Por que estamos sussurrando? Tyson entrou e comprou uma dúzia. Não aconteceu nada com ele.

— *Ele* é um monstro.

— Ora, vamos, Annabeth. Donuts Monstro não quer dizer monstros! É uma rede. Nós temos em Nova York.

— Uma rede — concordou. — E não acha estranho que uma loja dessas tenha aparecido imediatamente depois de você mandar Tyson comprar *donuts*? Bem aqui, no meio do mato?

Pensei naquilo. De fato parecia meio estranho, mas, quer dizer, lojas de *donuts* realmente não estavam no topo da minha lista de forças sinistras.

— Pode ser um ninho — explicou Annabeth.

Tyson choramingou. Duvido que ele tenha entendido o que Annabeth estava dizendo muito melhor do que eu, mas o tom dela o deixava nervoso. Ele havia avançado em meia dúzia de *donuts* da caixa e estava com açúcar polvilhado na cara inteira.

— Um ninho do quê? — perguntei.

— Você já se perguntou como essas lojas de franquia surgem tão depressa? — perguntou ela. — Um dia não existe nada, e então, no dia seguinte… *bum*, surge uma nova casa de hambúrgueres ou uma cafeteria, ou o que for. Primeiro uma única loja, depois duas, depois quatro… réplicas exatas se espalhando por todo o país.

— Ahn, não. Nunca pensei nisso.

— Percy, algumas redes se multiplicam tão depressa porque todos os seus pontos estão magicamente ligados à força vital de um monstro. Algumas crianças de Hermes descobriram como fazer isso já nos anos 1950. Elas procriam…

Ela ficou paralisada.

— O quê? — perguntei. — Elas criam o quê?

— Não… se… mexa — disse Annabeth, como se a vida dela dependesse

disso. — Muito devagar, dê meia-volta.

Então eu ouvi: o barulho de algo raspando, como se algo grande se arrastasse de barriga pelas folhas.

Virei-me e vi uma *coisa* do tamanho de um rinoceronte se movendo pelas sombras das árvores. Estava sibilando, a metade da frente se retorcendo em todas as direções. De início não consegui entender o que era. Então percebi que a coisa tinha múltiplos pescoços — pelo menos sete, cada um com uma cabeça de réptil, sibilando. A pele era coriácea, e os pescoços usavam babadores nos quais estava escrito: EU SOU UMA CRIANÇA MONSTER DONUT!

Tirei do bolso minha caneta esferográfica, mas Annabeth fixou os olhos nos meus — um aviso silencioso. *Ainda não*.

Eu entendi. Muitos monstros têm péssima visão. Era possível que a Hidra passasse por nós sem nos notar. Mas, se eu destampasse minha espada, o brilho do bronze certamente chamaria sua atenção.

Nós esperamos.

A Hidra estava a apenas alguns metros. Parecia farejar a terra e as árvores como se estivesse caçando alguma coisa. Então notei que duas das cabeças estavam dilacerando um pedaço de lona amarela — um dos nossos sacos de viagem. A coisa já estivera em nosso acampamento. Estava seguindo nosso cheiro.

Meu coração bateu forte. Eu já tinha visto uma cabeça de Hidra empalhada como troféu no acampamento, mas aquilo não me preparara para a coisa real. Cada cabeça tinha forma de losango, como a de uma cascavel, mas nas bocas havia fileiras irregulares de dentes de tubarão.

Tyson estava tremendo. Ele recuou um passo e sem querer quebrou um graveto. Imediatamente, as sete cabeças se viraram para nós e sibilaram.

— Espalhem-se! — gritou Annabeth.

Ela mergulhou para a direita.

Eu rolei para a esquerda. Uma das cabeças da Hidra cuspiu um arco de líquido verde que passou rente ao meu ombro e atingiu o tronco de um olmo. O tronco fumegou e começou a se desintegrar. A árvore inteira tombou na direção de Tyson, que ainda não tinha se movido, petrificado pelo monstro que agora estava bem na frente dele.

— Tyson! — Eu o empurrei com toda a minha força, derrubando-o de lado bem no momento em que a Hidra investia e a árvore desmoronava em cima de duas de suas cabeças.

A Hidra cambaleou para trás, puxando violentamente as duas cabeças e soltando-as, e depois urrando indignada para a árvore caída. Todas as sete

cabeças lançaram ácido, e o olmo se derreteu em uma poça fumegante de imundície.

— Mexa-se! — disse a Tyson.

Corri para um lado e destampei Contracorrente, esperando chamar a atenção do monstro.

Funcionou.

A visão do bronze celestial é odiosa para a maioria dos monstros. Assim que minha lâmina reluzente apareceu, a Hidra moveu todas as cabeças como chicotes na direção dela, sibilando e mostrando os dentes.

A boa notícia: Tyson por enquanto estava fora de perigo. A má notícia: eu estava prestes a ser derretido em uma poça de líquido pegajoso.

Uma das cabeças tentou me abocanhar. Sem pensar, ergui a espada.

— Não! — gritou Annabeth.

Tarde demais. Cortei a cabeça da Hidra. Aquilo rolou para longe, no meio do capim, deixando um coto descontrolado se agitando no ar, o qual logo parou de sangrar e começou a inflar como um balão.

Em questão de segundos o pescoço ferido se dividiu em dois, e em cada um brotou uma cabeça completa. Agora eu estava olhando para uma Hidra de oito cabeças.

— Percy! — repreendeu Annabeth. — Você acaba de abrir mais uma loja Donuts Monstro em algum lugar!

Desviei-me de um jato de ácido.

— Estou prestes a morrer, e você está preocupada com *isso*? Como a matamos?

— Fogo! — disse Annabeth. — Precisamos de fogo!

Assim que ela disse isso lembrei a história. As cabeças da Hidra só parariam de se multiplicar se queimássemos os cotos antes que crescessem de novo. Bem, foi o que Heracles fez. Mas não tínhamos fogo.

Recuei em direção ao rio. A Hidra me seguiu.

Annabeth ficou à minha esquerda e tentou distrair uma das cabeças, duelando com seus dentes com a faca, mas outra cabeça se moveu para um lado e, como um porrete, derrubou-a na gosma.

— Não pode bater nos meus amigos! — Tyson investiu, interpondo-se entre a Hidra e Annabeth. Quando Annabeth se pôs de pé, Tyson começou a socar as cabeças do monstro tão depressa que me lembrou um jogo de fliperama. Mas nem mesmo Tyson poderia combater a Hidra para sempre.

Continuamos recuando centímetro a centímetro, desviando-nos dos jatos de ácido e nos esquivando das cabeças que tentavam nos morder sem decepá-las,

mas eu sabia que estávamos apenas adiando nossa morte. No final, acabaríamos cometendo um erro, e a coisa nos mataria.

Então ouvi um som estranho — um *chug-chug-chug* que de início achei que fosse meu coração. Era tão potente que sacudiu a margem do rio.

— Que barulho é esse? — gritou Annabeth, sem tirar os olhos da Hidra.

— Máquina a vapor — disse Tyson.

— *O quê?* — Eu me esquivei enquanto a Hidra cuspia ácido por cima da minha cabeça.

Então, do rio atrás de nós, uma voz feminina familiar gritou:

— Ali! Preparem o canhão de dez quilos!

Não ousei desviar os olhos da Hidra, mas se quem estava atrás de nós era quem eu pensava, calculei que agora tínhamos inimigos em duas frentes.

Uma voz masculina áspera disse:

— Eles estão muito perto, *milady*!

— Danem-se os heróis! — disse a garota. — Em frente a todo o vapor!

— Sim, *milady*.

— Dispare à vontade, capitão!

Annabeth entendeu o que estava acontecendo uma fração de segundo antes de mim. Ela gritou:

— Para o chão!

E nós mergulhamos quando um *BUUUM* ensurdecedor ecoou, vindo do rio. Houve um clarão, uma coluna de fumaça, e a Hidra explodiu bem na nossa frente, fazendo chover um muco verde repugnante que se vaporizou assim que nos atingiu, como costuma acontecer com as tripas dos monstros.

— Que nojo! — gritou Annabeth.

— Navio a vapor! — berrou Tyson.

Levantei, tossindo por causa da nuvem de fumaça de pólvora que rolava das margens do rio.

Avançando ruidosamente pelo rio em nossa direção estava o navio mais estranho que já vira. Navegava baixo como um submarino, o convés revestido de ferro. No meio havia uma casamata na forma de trapézio, com aberturas laterais para canhões. Uma bandeira oscilava no topo — um javali selvagem e uma lança em um campo vermelho-sangue. Enfileirados no convés havia zumbis de uniformes cinzentos — soldados mortos com feições tremeluzentes que escondiam o crânio apenas em parte, como os *ghouls* que eu tinha visto no Mundo Inferior, guardando o palácio de Hades.

O navio era um encouraçado. Um cruzador da Guerra Civil. Mal pude

distinguir o nome na proa em letras cobertas de musgo: Navio Confederado *Birmingham*.

E plantada junto ao canhão fumegante que quase nos matara, usando uma armadura de batalha grega completa, estava Clarisse.

— Perdedores — zombou ela. — Mas acho que preciso salvá-los. Subam a bordo.

# ONZE

Clarisse detona tudo

— Vocês estão *muito* encrencados — disse Clarisse.

Tínhamos acabado de fazer uma excursão que não queríamos pelo navio, por acomodações escuras lotadas de marinheiros mortos. Vimos o depósito de carvão, as caldeiras e o motor, que bufava e gemia como se fosse explodir a qualquer minuto. Vimos a casa do leme, o paiol de pólvora e o convés de artilharia (o favorito de Clarisse), com dois canhões Dahlgren de cano liso a bombordo e a estibordo e um canhão Brooke estriado de nove polegadas na proa e na popa — todos especialmente adaptados para disparar balas de bronze celestial.

Em todos os lugares aonde íamos, marinheiros confederados mortos nos olhavam fixamente, as caras barbadas fantasmagóricas tremeluzindo nos crânios. Eles aprovaram Annabeth, porque ela lhes disse que era da Virgínia. Também estavam interessados em mim, porque meu nome era Jackson — como o do general sulista —, mas então estraguei tudo dizendo que era de Nova York. Todos vaiaram e resmungaram pragas contra os ianques.

Tyson ficou aterrorizado com eles. Durante toda a excursão insistiu para que Annabeth segurasse sua mão, o que não a deixou muito feliz.

Finalmente, fomos escoltados para o jantar. O alojamento do capitão do *Birmingham* era mais ou menos do tamanho de um closet, mas ainda assim muito maior do que qualquer outro recinto a bordo. A mesa estava posta com linho branco e porcelana. Manteiga de amendoim, sanduíches de geleia, batatas fritas e refrigerantes foram servidos por tripulantes esqueléticos. Eu não queria comer nada que fosse servido por fantasmas, mas minha fome foi maior que o medo.

— Tântalo expulsou vocês por toda a eternidade — disse Clarisse, com ar de superioridade. — O senhor D disse que se mostrarem a cara de novo no acampamento vai transformá-los em esquilos e passar por cima com sua caminhonete.

— Foram *eles* que deram este navio a você? — perguntei.

— Claro que não. Foi meu pai.

— *Ares?*

Clarisse sorriu, sarcástica.

— Acha que seu pai é o único que tem poderes no mar? Os espíritos do lado perdedor em todas as guerras devem tributo a Ares. É sua maldição por terem sido derrotados. Pedi a meu pai um transporte naval, e aqui está ele. Esses caras vão fazer tudo o que eu mandar. Não é, capitão?

O capitão estava em pé atrás dela, rígido e zangado. Seus olhos verdes e brilhantes me fixaram com um olhar faminto.

— Se isso significa dar fim a essa guerra infernal, madame, finalmente a paz, vamos fazer qualquer coisa. Destruir qualquer um.

Clarisse sorriu.

— Destruir qualquer um. Eu gosto disso.

Tyson engoliu em seco.

— Clarisse — disse Annabeth. — Luke também pode estar atrás do Velocino. Nós o vimos. Ele tem as coordenadas e está indo em direção ao sul. Tem um navio de cruzeiro cheio de monstros…

— Bom! Vou explodi-lo para fora da água.

— Você não está entendendo — disse Annabeth. — Precisamos unir nossas forças. Deixe-nos ajudá-la…

— Não! — Clarisse deu um murro na mesa. — Esta é a *minha* missão, garota esperta! Finalmente chegou *minha* vez de ser a heroína, e vocês dois *não* vão roubar minha chance.

— Onde estão seus colegas de chalé? — perguntei. — Você teve permissão de trazer dois amigos, não teve?

— Eles não… Eu os deixei para trás. Para proteger o acampamento.

— Você quer dizer que nem mesmo as pessoas do seu próprio chalé quiseram ajudá-la?

— Cale a boca, Percy! Eu não preciso deles! Nem de você!

— Clarisse — falei. — Tântalo está usando você. Ele não se importa com o acampamento. Adoraria vê-lo destruído. Está armando para você fracassar.

— Não! Não me importa o que o Oráculo… — ela se interrompeu.

— O quê? — disse eu. — O que o Oráculo lhe contou?

— Nada. — As orelhas de Clarisse ficaram rosadas. — Tudo o que vocês precisam saber é que vou terminar essa missão e vocês *não* vão ajudar. Por outro lado, não posso deixá-los ir…

— Então somos prisioneiros? — perguntou Annabeth.

— Hóspedes. Por enquanto. — Clarisse apoiou os pés na toalha branca de linho e abriu outro refrigerante. — Capitão, leve-os para baixo. Ceda redes para eles no convés-dormitório. Se eles não se comportarem bem, mostre-lhes como lidamos com espiões inimigos.

O sonho veio assim que adormeci.

Grover estava sentado ao tear, desmanchando desesperadamente a cauda de seu vestido, quando a porta de rocha rolou para o lado e o ciclope berrou: — Aha!

Grover ganiu.

— Querido! Eu não… você entrou tão quieto!

— Desmanchando! — rugiu Polifemo. — Então é esse o problema!

— Ah, não! Eu… eu não estava…

— Venha! — Polifemo agarrou Grover pela cintura e carregou, em parte arrastou o sátiro pelos túneis da caverna. Grover lutou para manter os sapatos de salto alto nos cascos. Seu véu balançando na cabeça, ameaçando cair.

O ciclope o puxou para dentro de uma caverna do tamanho de um armazém decorada com bugigangas de carneiros. Havia uma cadeira reclinável e um televisor cobertos de lã, toscas estantes de livros cheias de objetos colecionáveis sobre carneiros — canecas de café com o formato de cabeça de carneiro, estatuetas de gesso de carneiros, jogos de tabuleiro de carneiros, livros ilustrados e bonecos. O chão estava atulhado de pilhas de ossos de carneiro e outros não muito parecidos com os de carneiros — ossos de sátiros que tinham ido à ilha à procura de Pan.

Polifemo pôs Grover no chão apenas por tempo suficiente para mover outra rocha enorme. A luz do dia se infiltrou na caverna e Grover choramingou, saudoso. Ar fresco!

O ciclope o arrastou para fora até o topo de uma colina de onde se avistava a ilha mais bonita que eu já vira.

Tinha a forma de uma sela partida ao meio por um machado. Havia colinas verdes luxuriantes dos dois lados e um largo vale entre elas, cortado por uma ravina atravessada por uma ponte de corda. Lindos riachos corriam até a beira do cânion e caíam em cascatas nas cores do arco-íris. Papagaios voavam entre as árvores. Flores cor-de-rosa e roxas floresciam nos arbustos. Centenas de carneiros pastavam nas campinas, a lã brilhando de modo estranho, como moedas de cobre e prata.

E no centro da ilha, bem ao lado da ponte de corda, havia um carvalho enorme

e retorcido, com alguma coisa reluzindo em seu galho mais baixo.

O Velocino de Ouro.

Mesmo em sonho, pude sentir seu poder se irradiando pela ilha, tornando a grama mais verde, as flores mais bonitas. Era quase possível sentir o cheiro da magia da natureza fazendo seu trabalho. Fiquei imaginando como aquele perfume seria poderoso para um sátiro.

Grover choramingou.

— Sim — disse Polifemo com orgulho. — Está vendo ali adiante? O Velocino é o troféu mais valioso da minha coleção! Roubei-o dos heróis muito tempo atrás, e desde então… comida de graça! Chegam aqui sátiros do mundo inteiro, como traças atraídas pelas chamas. Sátiros são boa comida! E agora…

Polifemo pegou uma tosquiadeira de bronze de aparência ameaçadora.

Grover gemeu, mas Polifemo agarrou o carneiro mais próximo como se fosse um animal empalhado e cortou rente sua lã. Ele entregou a massa fofa para Grover.

— Ponha isso na roca! — disse ele, arrogante. — É mágica. Não pode ser desfeita.

— Ah!… bem…

— Pobre docinho! — sorriu Polifemo. — Tecedeira ruim. Ha-ha! Não se preocupe. Esse fio resolverá o problema. Acabe a cauda do vestido até amanhã!

— Muito… atencioso da sua parte!

— Hehe.

— Mas… mas, querido — Grover engoliu em seco. — E se alguém quisesse salvar… digo, atacar esta ilha? — Grover olhou diretamente para mim, e eu sabia que estava querendo minha ajuda. — O que os impediria de marchar direto para cá, para a sua caverna?

— Esposinha assustada! Que gracinha! Não se preocupe. Polifemo tem um sistema de segurança de última geração. Eles terão de passar pelos meus bichinhos de estimação.

— Bichinhos de estimação?

Grover correu os olhos pela ilha, mas não havia nada para ver, exceto carneiros pastando em paz nas campinas.

— E depois — rosnou Polifemo —, terão de passar por mim!

Deu um murro na rocha mais próxima, que rachou e se partiu ao meio.

— Agora venha! — bradou ele. —De volta à caverna.

Grover pareceu a ponto de chorar — tão perto da liberdade, mas tão irremediavelmente longe. Lágrimas brotaram de seus olhos enquanto a porta de rocha se fechava rolando, aprisionando-o de novo na fedorenta caverna

iluminada por tochas do ciclope.

Acordei com sirenes soando pelo navio.

A voz áspera do capitão:

— Todos para o convés superior! Encontrem *lady* Clarisse! Onde está aquela garota?

Então sua cara fantasmagórica apareceu acima de mim.

— Levante-se, ianque. Seus amigos já estão lá em cima. Estamos nos aproximando da entrada.

— A entrada do quê?

Ele me deu um sorriso esquelético.

— Do Mar de Monstros, é claro.

Enfiei meus poucos pertences que haviam sobrevivido à Hidra em um saco de marinheiro de lona e o pendurei no ombro. Tinha a leve suspeita de que, de um jeito ou de outro, não passaria outra noite a bordo do *Birmingham*.

Eu estava subindo quando alguma coisa me fez congelar. Uma presença próxima — algo familiar e desagradável. Sem nenhuma razão especial, tive vontade de arrumar uma briga. Queria esmurrar um confederado morto. A última vez que tinha sentido esse tipo de raiva…

Em vez de subir, eu me arrastei até a beira da grade de ventilação e espiei lá embaixo, no convés das caldeiras.

Clarisse estava logo abaixo de mim, falando com uma imagem que tremeluzia no vapor das caldeiras — um homem musculoso, com roupas de motociclista de couro preto, corte de cabelo militar, óculos escuros de lentes vermelhas e uma faca presa do lado por uma correia.

Meus punhos se fecharam. Era meu olimpiano menos favorito: Ares, o deus da guerra.

— Não quero saber de desculpas, garotinha! — rosnou ele.

— S… sim, pai — murmurou Clarisse.

— Você não quer me ver zangado, quer?

— Não, pai.

— *Não, pai* — Ares imitou-a. — Você é patética. Eu devia ter deixado um dos meus *filhos* assumir essa missão.

— Eu vou conseguir! — prometeu Clarisse, com a voz trêmula. — Vou deixá-lo orgulhoso.

— É melhor mesmo — advertiu ele. — Você me pediu essa missão, garota. Se deixar aquele desprezível do Jackson roubá-la de você…

— Mas o Oráculo disse…

— NÃO ME IMPORTA O QUE O ORÁCULO DISSE! — urrou Ares, com tamanha força que sua imagem tremeu. — Você *vai* conseguir. Se não…

Ele ergueu o punho. Muito embora fosse apenas uma figura no vapor, Clarisse se encolheu.

— Estamos entendidos? — rosnou Ares.

As sirenes tocaram de novo. Ouvi vozes vindo em minha direção, oficiais gritando ordens para preparar os canhões.

Eu me afastei da grade de ventilação engatinhando e fui encontrar Annabeth e Tyson no convés superior.

— Qual é o problema? — perguntou-me Annabeth. — Outro sonho?

Fiz que sim, mas não falei nada. Não sabia o que pensar a respeito do que vira lá embaixo. Aquilo me incomodara quase tanto quanto o sonho com Grover.

Clarisse subiu as escadas logo atrás de mim. Tentei não olhar para ela.

Ela agarrou o par de binóculos de um oficial zumbi e olhou na direção do horizonte.

— Até que enfim. Capitão, adiante, a todo o vapor!

Olhei na mesma direção que ela, mas não consegui ver muita coisa. O céu estava encoberto. O ar era nevoento e úmido, como o vapor de um ferro de passar. Se eu apertasse os olhos com muita força, podia apenas distinguir um par de manchas escuras indistintas a distância.

Meu senso de orientação náutico dizia que estávamos em algum lugar na costa norte da Flórida; portanto, tínhamos avançado uma longa distância durante a noite, mais longe do que qualquer navio mortal seria capaz de navegar.

O motor gemeu quando aumentamos a velocidade.

Tyson murmurou, nervoso:

— Pressão demais nos pistões. O motor não foi feito para águas profundas.

Não tinha a menor ideia de como ele sabia disso, mas aquilo me deixou nervoso.

Depois de mais alguns minutos, as manchas escuras à nossa frente entraram em foco. Ao norte, uma enorme massa de rocha se erguia do mar — uma ilha com falésias de pelo menos trinta metros de altura. Cerca de um quilômetro ao sul, a outra mancha de escuridão era uma tempestade que se formava. O céu e o mar ferviam juntos em uma massa trovejante.

— Furacão? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Clarisse. — Caríbdis.

Annabeth empalideceu.

— Você está louca?

— É a única entrada para o Mar de Monstros. Bem entre Caríbdis e sua irmã Squila.

Clarisse apontou para o topo das falésias e minha impressão foi a de que lá em cima vivia algo que eu não tinha vontade de conhecer.

— O que você quer dizer com única entrada? — perguntei. — O mar é tão largo! É só contorná-las.

Clarisse revirou os olhos.

— Você não sabe nada? Se eu tentar contornar elas vão simplesmente aparecer no meu caminho de novo. Se quer entrar no Mar de Monstros *precisa* navegar por entre as duas.

— E as Simplégadas, as Rochas Colidentes? — disse Annabeth. — São outro portal. Jasão o usou.

— Eu não consigo explodir rochas com os meus canhões — disse Clarisse. — Mas monstros, por outro lado…

— Você é louca — concluiu Annabeth.

— Observe e aprenda, Garota Esperta. — Clarisse voltou-se para o capitão. — Em curso para Caríbdis!

— Sim, *milady*.

O motor gemeu, as chapas de ferro chacoalharam e o navio começou a ganhar velocidade.

— Clarisse — falei —, Caríbdis suga o mar. Não é essa a história?

— E o cospe de volta depois, sim.

— E Squila?

— Ela vive em uma caverna, no alto daquelas falésias. Se chegarmos perto demais, suas cabeças de serpente vão descer e começar a arrancar marinheiros do navio.

— Então escolha Squila — disse. — Todo mundo vai para o convés de baixo e passamos direto.

— Não! — insistiu Clarisse. — Se Squila não conseguir sua comida facilmente, poderá pegar o navio inteiro. Além disso, fica muito no alto para conseguirmos uma boa mira. Meus canhões não conseguem atirar para cima. Caríbdis fica sentada lá, no centro do seu redemoinho. Vamos avançar diretamente para ela, mirar nossos canhões e mandá-la para o Tártaro!

Ela disse isso com tanto gosto que quase tive vontade de acreditar.

O motor zumbia. As caldeiras estavam esquentando tanto que eu podia sentir o convés se aquecendo embaixo de meus pés. As chaminés vomitavam rolos de fumaça. A bandeira vermelha de Ares tremulava ao vento.

À medida que nos aproximávamos dos monstros, o som de Caríbdis era cada vez mais alto — um horrível rugido molhado, como a descarga do maior vaso sanitário da galáxia. A cada vez que Caríbdis inspirava, o navio estremecia e era arremessado para a frente. A cada vez que ela expirava, subíamos na água e éramos castigados por ondas de três metros.

Tentei cronometrar o redemoinho. Até onde pude perceber, Caríbdis levava cerca de três minutos para sugar e destruir tudo num raio de um quilômetro. Para evitá-la, teríamos de passar bem perto das falésias de Squila. E, por pior que Squila pudesse ser, aquelas falésias não estavam me parecendo nada boas.

Os marinheiros mortos vivos realizavam com calma suas tarefas no convés superior. Imagino que já tivessem lutado por uma causa perdida antes, portanto aquilo não os incomodava. Ou talvez não se preocupassem com a possibilidade de ser destruídos, porque já eram defuntos. Nenhum dos dois pensamentos fez com que me sentisse melhor.

Annabeth estava ao meu lado, agarrando-se à amurada.

— Você ainda tem sua garrafa térmica cheia de vento? Fiz que sim.

— Mas é perigoso demais usá-la no meio de um redemoinho como aquele. Liberar mais vento só vai tornar as coisas ainda piores.

— E que tal controlar a água? — perguntou ela. — Você é filho de Poseidon. Já fez isso antes.

Annabeth estava certa. Fechei os olhos e tentei acalmar o oceano, mas não conseguia me concentrar. O ruído de Caríbdis era alto e forte demais. As ondas não me respondiam.

— Eu… eu não consigo — falei com tristeza.

— Precisamos de um plano B — disse Annabeth. — Isso não vai dar certo.

— Annabeth está certa — disse Tyson. — O motor não está bom.

— O que você quer dizer? — perguntou ela.

— Pressão. Os pistões precisam de conserto.

Antes que ele pudesse explicar, o vaso sanitário cósmico deu descarga com um possante *chuáááá!* O navio se lançou para a frente e eu fui arremessado no convés. Estávamos no redemoinho.

— Retaguarda total! — gritou Clarisse mais alto que o barulho.

O mar se agitava à nossa volta, as ondas arrebentavam no convés. As chapas de ferro agora estavam tão quentes que fumegavam.

— Levem-nos à linha de tiro! Preparem os canhões de estibordo!

Os confederados mortos corriam de um lado para o outro. O motor entrou em reverso ruidosamente, tentando reduzir a marcha do navio, mas continuamos a deslizar em direção ao centro do vórtice.

Um marinheiro-zumbi de repente saiu do porão e correu até Clarisse. Seu uniforme cinzento fumegava. A barba estava em chamas.

— A sala da caldeira está superaquecendo, madame! Vai explodir!

— Bem, desça até lá e conserte!

— Impossível! — gritou o marinheiro. — Estamos nos vaporizando com o calor.

Clarisse deu um murro na lateral da casamata.

— Só preciso de mais alguns minutos! Só o bastante para chegar à linha de tiro!

— Estamos indo depressa demais — disse o capitão em tom sinistro. — Preparem-se para morrer.

— Não! — Tyson urrou. — Eu posso consertar.

Clarisse olhou para ele, incrédula.

— Você?

— Ele é um ciclope — disse Annabeth. — É imune ao fogo. E entende de mecânica.

— Vá! — berrou Clarisse.

— Tyson, não! — agarrei o braço dele. — É perigoso demais! Ele deu uma palmadinha na minha mão.

— É o único jeito, irmão. — Sua expressão era determinada… confiante, até. Eu nunca o vira daquele jeito. — Vou consertar. Volto já.

Enquanto o olhava seguindo o marinheiro incandescente pela escotilha, tive uma sensação terrível. Quis correr atrás dele, mas o navio de novo foi lançado para a frente — e, então, vi Caríbdis.

Ela surgiu algumas centenas de metros adiante, em meio a um turbilhão de névoa, fumaça e água. A primeira coisa que notei foi o recife — um rochedo negro de coral com uma figueira agarrada ao topo, algo estranhamente tranquilo no meio da confusão. Por toda a volta, a água girava como num funil, como luz ao redor de um buraco negro. Então vi a coisa horrível ancorada no recife logo abaixo do nível da água — uma enorme boca com lábios viscosos e dentes cobertos de musgo do tamanho de botes a remo. E, pior, os dentes tinham um aparelho, tiras de metal corroído e infecto com pedaços de peixes, madeira podre e lixo flutuante presos entre eles.

Caríbdis era o pesadelo de um ortodontista. Nada mais que uma enorme boca

negra, com dentes estragados e mal alinhados, os caninos e os incisivos exageradamente projetados sobre os dentes de baixo, e que havia séculos não fazia nada a não ser comer sem escovar os dentes depois das refeições. Enquanto eu olhava, todo o mar à sua volta foi sugado para o vazio — tubarões, cardumes de peixes, uma lula gigante. E percebi que em poucos segundos o *Birmingham* seria o próximo.

— *Lady* Clarisse! — bradou o capitão. — Canhões de estibordo e de proa ao alcance!

— Fogo! — ordenou Clarisse.

Três projéteis foram disparados para dentro da boca do monstro. Um arrancou um pedaço de um incisivo. Outro desapareceu em sua garganta. O terceiro atingiu o metal do aparelho e ricocheteou de volta, arrancando do mastro a bandeira de Ares.

— De novo! — ordenou ela.

Os artilheiros recarregaram os canhões, mas eu sabia que seria inútil. Teríamos de golpear o monstro cem vezes mais para causar algum dano real, e não tínhamos todo esse tempo. Estávamos sendo sugados depressa demais.

Então as vibrações no convés mudaram. O zumbido do motor ficou mais forte e mais firme. O navio estremeceu e começamos a nos afastar da boca.

— Tyson conseguiu! — disse Annabeth.

— Espere! — disse Clarisse. — Precisamos ficar perto!

— Vamos morrer! — falei. — *Temos* de nos afastar.

Agarrei-me à amurada enquanto o navio lutava para não ser sugado. A bandeira arrancada de Ares passou voando por nós e se alojou no aparelho de Caríbdis. Não estávamos fazendo muito progresso, mas ao menos mantínhamos a posição. De algum modo, Tyson nos dera força suficiente apenas para impedir que o navio fosse tragado.

De repente, a boca se fechou. O mar ficou absolutamente calmo. A água encobriu Caríbdis.

Então, com a mesma rapidez com que se fechara, a boca se abriu numa explosão, cuspindo uma muralha de água, ejetando tudo o que não era comestível, inclusive nossas balas de canhão, uma das quais atingiu o costado do *Birmingham* com um *plim!*, como o da sineta de um brinquedo de parque de diversões.

Fomos lançados para trás em uma onda que devia medir uns doze metros. Usei todo o meu poder para impedir que o navio emborcasse, mas ainda estávamos rodopiando fora de controle, movendo-nos a toda na direção das falésias no lado oposto do estreito.

Outro marinheiro incandescente saiu de repente do porão e foi de encontro a Clarisse, quase lançando ambos ao mar.

— O motor está a ponto de explodir!

— Onde está Tyson? — perguntei.

— Ainda lá embaixo — disse o marinheiro. — Segurando as pontas, não sei como, mas acho que não por muito mais tempo.

O capitão disse:

— Temos de abandonar o navio.

— Não! — berrou Clarisse.

— Não temos escolha, *milady*. O casco já está rachando. Ela não pode…

Não chegou a terminar a frase. Rápida como um raio, alguma coisa marrom e verde desceu do céu, agarrou o capitão e o levou embora. Tudo o que restou foram suas botas de couro.

— Squila! — gritou um marinheiro, enquanto outra coluna de carne reptiliana se lançava da falésia e o arrastava para cima. Aconteceu tão depressa que era como ver um raio laser, e não um monstro. Não pude nem distinguir a cara da coisa, só um relance de dentes e escamas.

Destampei Contracorrente e tentei golpear o monstro quando ele levou mais um tripulante, mas fui lento demais.

— Todo o mundo para baixo! — berrei.

— Não podemos! — Clarisse sacou sua espada. — O convés inferior está em chamas.

— Botes salva-vidas! — disse Annabeth. — Depressa!

— Eles nunca passarão pelas falésias — disse Clarisse. — Vamos ser todos comidos.

— Temos de tentar. Percy, a garrafa térmica.

— Não posso abandonar Tyson!

— Temos de preparar os botes!

Clarisse aceitou a ordem de Annabeth. Ela e alguns dos seus marinheiros mortos vivos removeram a cobertura de um dos dois botes de emergência enquanto as cabeças de Squila despencavam do céu como uma chuva de meteoros com dentes, catando um marinheiro confederado após outro.

— Pegue o outro barco. — Joguei a garrafa para Annabeth. — Vou buscar Tyson.

— Você não pode! — disse ela. — O calor vai matá-lo!

Não dei ouvidos. Corri para a escotilha da sala das caldeiras, mas de repente meus pés não estavam mais tocando o convés. Eu estava voando para cima, o

vento assobiando em meus ouvidos, a parede da falésia a apenas alguns centímetros do rosto.

De algum modo Squila me pegara pelo saco de viagem, e me içava para sua cova. Sem pensar, dei um golpe para trás com a espada e consegui acertar a coisa em seu olho amarelo e redondo. Ela grunhiu e me soltou.

A queda já teria sido bastante ruim, considerando que eu estava a trinta metros de altura, mas, enquanto eu caía, o *Birmingham* explodiu lá embaixo.

*CA-BUUUUUM!*

A casa de máquinas foi pelos ares, lançando pedaços de couraça de ferro em todas as direções, como asas flamejantes.

— Tyson! — gritei.

Os botes tinham conseguido escapar do navio, mas não para muito longe. Choviam destroços em chamas. Clarisse e Annabeth seriam esmagadas, queimadas ou arrastadas para o fundo pelo movimento do casco que afundava, e isso sendo otimista — presumindo que escapassem de Squila.

Então ouvi um tipo diferente de explosão — o som da garrafa mágica de Hermes sendo aberta um pouco demais. Um vendaval branco soprou em todas as direções, espalhando os botes, erguendo-me da queda livre e me atirando pelo oceano.

Não consegui ver mais nada. Girei no ar, fui atingido na cabeça por alguma coisa dura e caí na água com um impacto que teria quebrado todos os ossos do meu corpo se eu não fosse filho do deus do mar.

A última coisa de que me lembro foi ter afundado em um mar em chamas, sabendo que Tyson se fora para sempre e desejando ser capaz de me afogar.

# DOZE

Nossa estada no spa & resort de C. C..

Acordei em um bote a remo com uma vela improvisada, costurada com tecido de uniformes cinzentos. Annabeth estava sentada ao meu lado, ajustando a posição da vela ao vento.

Tentei me sentar e imediatamente senti tontura.

— Descanse — disse ela. — Você vai precisar.

— Tyson…?

Ela sacudiu a cabeça.

— Percy, sinto muito, mesmo.

Ficamos em silêncio enquanto as ondas nos jogavam para cima e para baixo.

— Ele pode ter sobrevivido — disse ela, num tom desanimado. — Quer dizer, o fogo não pode matá-lo.

Assenti, mas não havia motivo para ter esperanças. Tinha visto aquela explosão rasgar o ferro sólido. Se Tyson estava embaixo, na casa de máquinas, não era possível que tivesse escapado vivo.

Ele dera a vida por nós, e tudo em que eu conseguia pensar era nas vezes em que me senti envergonhado por causa dele, em que tinha negado que éramos irmãos.

As ondas batiam suavemente no barco. Annabeth me mostrou algumas coisas que salvara dos destroços — a garrafa de Hermes (então vazia), um saquinho com zíper cheio de ambrosia, duas camisas de marinheiro e uma garrafa de refrigerante. Ela me tirara da água e achara meu saco de viagem, mordido no meio pelos dentes de Squila. A maior parte das minhas coisas havia sido levada pela água, mas eu ainda tinha o frasco de multivitaminas de Hermes e, é claro, tinha Contracorrente. A caneta esferográfica sempre aparecia de volta em meu bolso, não importava onde eu a perdesse.

Navegamos por horas. Agora que estávamos no Mar de Monstros, a água reluzia em um verde mais brilhante, como o ácido da Hidra. O vento tinha um cheiro fresco e salgado, mas trazia também um odor metálico — como se uma tempestade se aproximasse. Ou algo ainda mais perigoso. Eu sabia em que

direção devíamos seguir. Sabia que estávamos a exatamente cento e trinta milhas náuticas a oés-noroeste do nosso destino. Mas isso não fazia com que me sentisse menos perdido.

Não importava para que lado nos virássemos, o sol parecia incidir bem nos meus olhos. Nós nos revezamos dando goles no refrigerante, tentando, do jeito que dava, ficar à sombra da vela. E conversamos sobre meu último sonho com Grover.

Pela estimativa de Annabeth, tínhamos menos de vinte e quatro horas para encontrar Grover, supondo que meu sonho estivesse correto, e supondo também que o ciclope Polifemo não tivesse mudado de ideia e tentado se casar com Grover mais cedo.

— É — disse com amargura. — Não se pode confiar em um ciclope.

Annabeth olhou fixamente para a água.

— Desculpe-me, Percy. Eu estava errada sobre Tyson, o.k.? Queria poder dizer isso a ele.

Tentei continuar zangado com ela, mas não era fácil. Passamos por muita coisa juntos. Ela salvara minha vida uma porção de vezes. Era tolice da minha parte ficar ressentido com ela.

Baixei os olhos para os nossos magros pertences — a garrafa de vento vazia, o frasco de multivitaminas. Pensei na cara de raiva de Luke quando tentei falar com ele sobre seu pai.

— Annabeth, qual é a profecia de Quíron?

Ela apertou os lábios.

— Percy, eu não devia…

— Sei que Quíron prometeu aos deuses que não iria me contar. Mas *você* não prometeu, não é?

— Saber de uma coisa nem sempre é bom para a gente.

— Sua mãe é a deusa da sabedoria!

— Eu sei! Mas cada vez que os heróis ficam sabendo o futuro tentam mudá-lo, e isso nunca dá certo.

— Os deuses estão preocupados com alguma coisa que vou fazer quando ficar mais velho — sugeri. — Algo quando eu fizer dezesseis anos.

Annabeth torceu seu boné dos Yankees nas mãos.

— Percy, eu não sei da profecia completa, mas ela avisa sobre um filho meio-sangue dos Três Grandes… o próximo a viver até os dezesseis anos. É a verdadeira razão de Zeus, Poseidon e Hades terem feito o juramento, depois da Segunda Guerra Mundial, de não ter mais filhos. O próximo filho dos Três Grandes que chegar aos dezesseis anos será uma arma perigosa.

— Por quê?

— Porque esse herói irá decidir o destino do Olimpo. Ele, ou ela, vai tomar uma decisão que poderá salvar a Era dos Deuses, ou destruí-la.

Deixei aquilo amadurecer na minha cabeça. Não costumo ficar mareado, mas de repente senti enjoo.

— Foi por isso que Cronos não me matou no último verão. Ela fez que sim.

— Você poderia ser muito útil para ele. Se conseguir você como aliado, os deuses terão sérios problemas.

— Mas se sou *eu* na profecia…

— Só vamos saber se você sobreviver mais três anos. O que pode ser bastante tempo para um meio-sangue. Quando Quíron soube de Thalia, imaginou que a profecia se referisse a *ela*. É por isso que estava tão desesperado para levá-la ao acampamento em segurança. Então ela morreu lutando e foi transformada em pinheiro, e nenhum de nós sabia o que pensar. Até você aparecer.

A bombordo do nosso barco uma nadadeira dorsal pontiaguda com cerca de cinco metros de comprimento surgiu na água e desapareceu.

— Essa criança na profecia… ele, ou ela, não poderia ser, tipo, um ciclope? — perguntei. — Os Três Grandes têm uma porção de filhos monstros.

Annabeth sacudiu a cabeça.

— O Oráculo disse “meio-sangue”. Isso sempre significa meio-humano, meio-deus. Na verdade não existe ninguém vivo que se encaixe na definição a não ser você.

— Então, por que os deuses me deixam viver? Seria mais seguro que me matassem.

— Você tem razão.

— Muito obrigado.

— Percy, eu não sei. Acho que alguns dos deuses *gostariam* de matá-lo, mas eles provavelmente têm medo de ofender Poseidon. Outros deuses… talvez o estejam observando, tentando perceber que tipo de herói você vai ser. Você poderia ser uma arma para a sobrevivência deles, afinal. A verdadeira questão é… o que você vai fazer em três anos? Que decisão vai tomar?

— A profecia deu alguma dica?

Annabeth hesitou.

Talvez ela fosse me contar mais, mas bem nesse momento uma gaivota mergulhou saindo do nada e pousou no nosso mastro improvisado. Annabeth pareceu perplexa quando a ave deixou cair uma pequena porção de folhas no colo dela.

— Terra — disse ela. — Há terra por perto!

Sentei. E havia mesmo uma linha azul e marrom a distância. Mais um minuto e pude distinguir uma ilha com uma pequena montanha no centro, um ajuntamento de prédios de um branco deslumbrante, uma praia pontilhada de palmeiras e um porto cheio de um estranho agrupamento de barcos.

A corrente estava puxando nosso bote na direção daquilo que parecia ser um paraíso tropical.

— Bem-vindos! — disse a moça com a prancheta.

Ela parecia uma comissária de bordo — *tailleur* azul, maquiagem perfeita, cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo. Apertou nossas mãos quando desembarcamos no cais. Pelo sorriso deslumbrante que ela nos deu, dava para pensar que acabávamos de descer do *Princesa Andrômeda*, e não de um bote a remo desconjuntado.

Mas, por outro lado, nosso bote não era a embarcação mais esquisita no porto. Juntamente com um grupo de agradáveis iates, havia um submarino da Marinha dos Estados Unidos, diversas canoas escavadas em troncos e um antiquado veleiro de três mastros. Havia um heliporto com um helicóptero da base aérea de Fort Lauderdale pousado e uma curta pista de pouso e decolagem com um Learjet e um avião a hélice que parecia um caça da Segunda Guerra Mundial. Talvez fossem réplicas para os turistas verem, ou coisa assim.

— Primeira vez conosco? — perguntou a moça da prancheta. Annabeth e eu trocamos olhares. Annabeth disse: — Ahn…

— Primeira vez no spa — disse a moça, escrevendo na sua prancheta. — Vejamos…

Ela nos olhou criteriosamente de cima a baixo.

— Humm. Para começar, um emplastro de ervas para a mocinha. E, é claro, uma transformação completa para o jovem cavalheiro.

— O quê? — perguntei.

Ela estava atarefada demais tomando notas para responder.

— Certo! — disse ela com um sorriso jovial. — Bem, estou certa de que C. C. vai querer falar com vocês pessoalmente antes do luau. Venham, por favor.

O negócio era o seguinte: Annabeth e eu estávamos acostumados com armadilhas, e usualmente aquelas armadilhas pareciam coisas boas no começo. Portanto, esperava que a qualquer minuto a prancheta da moça se transformasse em uma serpente, um demônio ou coisa assim. Mas, por outro lado, tínhamos passado a maior parte do dia flutuando em um bote a remo. Eu estava encalorado, cansado e faminto, e quando a moça mencionou um luau, meu

estômago sentou nas patas traseiras e implorou como um cachorrinho.

— Acho que mal não pode fazer — murmurou Annabeth.

É claro que podia, mas nós seguimos a moça assim mesmo. Mantive as mãos nos bolsos onde eu guardava minhas únicas defesas mágicas — as multivitaminas de Hermes e Contracorrente —, mas quanto mais adentrávamos o balneário mais eu me esquecia delas.

O lugar era surpreendente. Havia mármore branco e água azul para onde quer que eu olhasse. Havia terraços na encosta da montanha, com piscinas em todos os níveis, conectadas por tobogãs de água, e cascatas, e tubos pelos quais dava para nadar. Fontes aspergiam água no ar, tomando formas impossíveis, como águias voando e cavalos galopando.

Tyson adorava cavalos, e eu sabia que ele iria adorar aquelas fontes. Quase me virei para ver a expressão em seu rosto antes de lembrar que Tyson se fora.

— Você está bem? — perguntou Annabeth. — Parece pálido.

— Estou bem — menti. — É só… Vamos seguir andando.

Passamos por todo tipo de animal domesticado. Uma tartaruga marinha cochilava em uma pilha de toalhas de praia. Um leopardo dormia esticado no trampolim. Os hóspedes do *resort* — só mulheres jovens, até onde eu podia ver — descansavam em espreguiçadeiras, bebendo coquetéis de frutas ou lendo revistas enquanto substâncias pegajosas de ervas secavam em seus rostos e manicures de uniforme branco faziam suas unhas.

Quando subimos uma escadaria em direção ao que parecia ser o edifício principal, ouvi uma mulher cantando. Sua voz pairava no ar como uma canção de ninar. A letra era em alguma língua que não o grego antigo, mas igualmente velha — minoico, talvez, ou algo assim. Eu conseguia entender sobre o que era — luar em olivais, as cores da aurora. E mágica. Algo sobre mágica. A voz parecia me erguer dos degraus e me transportar em sua direção.

Entramos em um grande salão cuja parede da frente era toda de janelas. A parede de trás estava coberta de espelhos, assim o salão parecia não acabar nunca. Havia um conjunto de móveis brancos aparentemente caros, e sobre uma mesa em um canto havia uma grande gaiola de arame. A gaiola parecia deslocada, mas não pensei muito nisso, porque justamente nesse instante vi a moça que estava cantando… e, uau!

Estava sentada em frente a um tear do tamanho de uma tevê de tela grande, as mãos tecendo fios coloridos para cima e para baixo com espantosa habilidade. A tapeçaria cintilava como se fosse tridimensional — o cenário de uma cascata tão real que eu podia ver a água se movendo e as nuvens pairando em um céu de tecido.

Annabeth tomou fôlego.

— É lindo.

A mulher se virou. Era ainda mais bonita que seu tecido. Os longos cabelos escuros estavam trançados com fios de ouro. Tinha olhos verdes penetrantes e usava um vestido preto sedoso com formas que pareciam mover-se no tecido: sombras de animais, preto sobre preto, como cervos correndo por uma floresta à noite.

— Você gosta de tecelagem, minha querida? — perguntou a mulher.

— Ah, sim, senhora! — disse Annabeth. — Minha mãe é…

Ela se interrompeu. Você não pode simplesmente sair por aí anunciando que sua mãe é Atena, a deusa que inventou o tear. A maioria das pessoas iria trancá-lo em um quarto de hospício.

Nossa anfitriã apenas sorriu.

— Tem bom gosto, minha querida. Estou tão contente por você ter vindo. Meu nome é C. C.

Os animais na gaiola do canto começaram a guinchar. Pelo som, deviam ser porquinhos-da-índia.

Nós nos apresentamos a C. C. Ela me examinou com um quê de desaprovação, como se eu não tivesse passado em algum tipo de teste. Eu imediatamente me senti mal. Por alguma razão, queria muito agradar aquela moça.

— Ah! céus — suspirou ela. — Você *realmente* precisa da minha ajuda.

— Senhora? — perguntei.

C. C. chamou a moça de *tailleur*.

— Hylla, quer levar Annabeth para dar uma volta? Mostre a ela o que temos disponível. As roupas precisarão ser trocadas. E o cabelo, céus! Faremos uma consultoria de imagem completa depois que eu falar com este jovem cavalheiro.

— Mas… — O tom de Annabeth pareceu magoado. — O que há de errado com meu cabelo?

C. C. deu um sorriso bondoso.

— Minha querida, você é adorável. Sem dúvida! Mas não está mostrando a si mesma ou seus talentos nem um pouco. É muito potencial desperdiçado!

— Desperdiçado?

— Bem, você certamente não está feliz do jeito que é! Céus, não existe uma única pessoa que esteja. Mas não se preocupe. Podemos melhorar qualquer um aqui no spa. Hylla vai lhe mostrar o que quero dizer. Você, minha querida, precisa revelar seu verdadeiro eu!

Os olhos de Annabeth brilharam de ansiedade. Eu nunca a tinha visto tão sem

palavras.

— Mas… e Percy?

— Ah! sem a menor dúvida — disse C. C., lançando-me um olhar triste. — Percy requer minha atenção pessoal. Ele vai dar *muito* mais trabalho que você.

Normalmente, se alguém me dissesse aquilo eu ficaria zangado, mas quando C. C. falou eu senti tristeza. Eu a desapontara. Tinha de descobrir como me sair melhor.

Os porquinhos-da-índia guincharam como se estivessem com fome.

— Bem… — disse Annabeth. — Acho que…

— Por aqui, querida — disse Hylla.

E Annabeth permitiu que a levassem embora para o jardim com cascatas do spa.

C. C. pegou meu braço e me guiou em direção à parede de espelhos.

— Como vê, Percy… para liberar seu potencial você vai precisar de uma grande ajuda. O primeiro passo é admitir que você não é feliz do jeito que é.

Fiquei inquieto na frente do espelho. Odiava pensar na minha aparência — como a primeira espinha que surgira no meu nariz no começo do ano letivo, ou o fato de que meus dois dentes da frente não eram perfeitamente iguais, ou que meu cabelo nunca assentava direito.

A voz de C. C. me trouxe à lembrança todas essas coisas, como se ela estivesse me observando por um microscópio. E minhas roupas não eram legais, eu sabia disso.

Quem se importa? Pensou uma parte de mim. Mas, de pé diante do espelho de C. C., era difícil ver algo de bom em mim mesmo.

— Vamos, vamos… — consolou-me C. C. — Que tal se tentarmos… isso.

Ela estalou os dedos e uma cortina azul-céu desceu diante do espelho. Ela cintilava como o tecido em seu tear.

— O que você vê? — perguntou C. C.

Olhei para o pano azul, sem saber muito bem o que ela queria dizer.

— Eu não…

Então ele mudou de cor. Eu vi a mim mesmo — um reflexo, mas não um reflexo. Ali cintilando no pano estava uma versão melhorada de Percy Jackson — com as roupas certas, um sorriso confiante no rosto. Meus dentes estavam alinhados. Nenhuma espinha. Um bronzeado perfeito. Mais atlético. Talvez alguns centímetros mais alto. Era eu, sem os defeitos.

— Uau — consegui dizer.

— Você quer assim? — perguntou C. C. — Ou devo tentar um diferente…

— Não — falei. — Isso é… isso é incrível. Você pode realmente…

— Posso lhe proporcionar uma transformação completa — prometeu C. C.

— Qual é o truque? Eu preciso, tipo… entrar numa dieta especial?

— Ah! é muito fácil — disse C. C. — Muitas frutas frescas, um leve programa de exercícios e é claro… isso.

Ela foi até seu bar e encheu um copo com água. Depois rasgou um envelope de mistura para refresco e despejou um pouco de pó vermelho. A mistura começou a brilhar. Depois que o brilho se extinguiu, a bebida parecia exatamente um milk-shake de morango.

— Um desses no lugar de uma refeição normal — disse C. C. — Garanto que vai ver os efeitos imediatamente.

— Como é possível?

Ela riu.

— Por que questionar? Quer dizer, você não quer o seu eu perfeito agora mesmo?

Alguma coisa lá no fundo me incomodava.

— Por que não há nenhum homem neste spa?

— Ah! mas há, sim — assegurou-me C. C. — Logo você os encontrará. Apenas experimente a mistura. Você vai ver.

Olhei para a tapeçaria azul, para o reflexo que era eu mas não era eu.

— Agora, Percy — repreendeu C. C. — A parte mais difícil do processo de transformação é abrir mão do controle. Você tem de decidir: quer confiar no *seu* julgamento sobre o que você deve ser ou no *meu* julgamento?

Senti a garganta seca. Eu me ouvi dizendo:

— No seu julgamento.

C. C. sorriu e me entregou o copo. Levei-o aos lábios.

Tinha o sabor que aparentava — milk-shake de morango. Quase imediatamente uma sensação calorosa se espalhou pelas minhas entranhas: agradável de início, depois dolorosamente quente, escaldante, como se a mistura estivesse fervendo dentro de mim.

Eu me curvei e deixei o copo cair.

— O que você… o que está acontecendo?

— Não se preocupe, Percy — disse C. C. — A dor vai passar. Olhe! Como eu prometi. Resultados imediatos.

Alguma coisa estava terrivelmente errada.

A cortina caiu, e no espelho eu vi minhas mãos murchando, se encurvando, enquanto cresciam garras compridas e delicadas. Pelos brotaram em meu rosto,

embaixo da camisa, em todos os lugares mais constrangedores que você possa imaginar. Os dentes pareciam muito pesados na minha boca. Minhas roupas estavam ficando grandes demais, ou C. C. estava ficando alta demais — não, eu estava encolhendo.

Num flash medonho, afundei em uma caverna escura de pano. Estava enterrado em minha própria camisa. Tentei correr, mas mãos me agarraram — mãos do meu tamanho. Tentei gritar por socorro, mas tudo o que saiu da minha boca foi: — *Iiik, iiik, iiik!*

As mãos gigantes me espremeram pelo tronco, me erguendo no ar. Eu me debati e esperneei com pernas e braços que pareciam muito curtos e grossos, e então eu estava olhando, aterrorizado, para a enorme cara de C. C.

— Perfeito! — retumbou a voz dela.

Eu me contorci, alarmado, mas ela apenas me apertou mais em volta da barriga peluda.

— Está vendo, Percy? Você revelou seu verdadeiro eu!

Ela me segurou diante do espelho, e o que vi me fez gritar de terror.

— *Iiik, iiik, iiik!*

Ali estava C. C., linda e sorrindo, segurando uma criatura fofa, dentuça, de garras pequeninas e pelagem branca e laranja. Quando me torci, a criatura peluda no espelho fez o mesmo. Eu era… eu era…

— Um porquinho-da-índia — disse C. C. — Adorável, não é? Os homens são porcos, Percy Jackson. Eu costumava transformá-los em porcos *de verdade*, mas eles eram tão fedidos e grandes, e difíceis de manter… Porquinhos-da-índia são muito mais convenientes! Agora venha, e conheça os outros homens.

— *Iiik!* — protestei, tentando arranhá-la, mas C. C. me apertou com tanta força que eu quase desmaiei.

— Nada disso, pequenino — repreendeu ela —, senão vou oferecê-lo às corujas. Entre na gaiola como um bom animalzinho. Amanhã, se você se comportar, poderá ir embora. Há sempre uma sala de aula precisando de um novo porquinho-da-índia.

Minha cabeça estava tão disparada quanto meu coraçãozinho. Precisava voltar até as minhas roupas, que estavam amontoadas no chão. Se conseguisse fazer isso, poderia tirar Contracorrente do bolso e… e o quê? Eu não conseguiria destampar a caneta. E, mesmo que conseguisse, não poderia segurar a espada.

Eu me contorci, indefeso, enquanto C. C. me levava para a gaiola de porquinhos-da-índia e abria a porta de arame.

— Conheça os meus problemas de disciplina, Percy — advertiu ela. — Eles nunca serão bons animaizinhos de sala de aula, mas podem lhe ensinar algo

sobre boas maneiras. A maioria já está nessa gaiola há trezentos anos. Se não quiser ficar com eles para sempre, sugiro que você…

A voz de Annabeth chamou:

— Senhorita C. C.?

C. C. praguejou em grego antigo. Ela me jogou dentro da gaiola e fechou a porta. Guinchei e arranhei as barras, mas não adiantava nada. Fiquei olhando enquanto C. C. chutava depressa minhas roupas para baixo do tear bem no momento em que Annabeth entrou.

Eu quase não a reconheci. Estava usando um vestido de seda sem mangas como o de C. C., só que branco. O cabelo loiro estava recém-lavado e trançado com ouro. E o pior de tudo era que ela estava maquiada, coisa que eu pensava que Annabeth nunca seria pega usando. Quer dizer, ela estava bonita. Bonita à beça. Talvez eu ficasse sem fala se fosse capaz de dizer qualquer coisa além de *iiik, iiik, iiik*. Mas havia algo de totalmente errado naquilo. Aquilo não era Annabeth.

Ela olhou em volta e franziu a testa.

— Onde está Percy?

Eu guinchei uma tempestade, mas ela pareceu não me ouvir.

C. C. sorriu.

— Ele está passando por um dos nossos tratamentos, minha querida. Não se preocupe. Você está maravilhosa! O que achou da sua excursão?

Os olhos de Annabeth brilharam.

— Sua biblioteca é impressionante!

— Sim, de fato — disse C. C. — O melhor da sabedoria dos três últimos milênios. Qualquer coisa que você queira estudar, qualquer coisa que queira *ser*, minha querida.

— Quero ser arquiteta.

— Bah! — disse C. C. — Você, minha querida, tem tudo o que é preciso para ser uma feiticeira. Como eu.

Annabeth deu um passo atrás.

— Uma feiticeira?

— Sim, minha querida. — C. C. ergueu a mão. Uma chama apareceu na palma e dançou entre as pontas dos seus dedos. — Minha mãe é Hécate, a deusa da mágica. Conheço uma filha de Atena quando a vejo. Não somos tão diferentes, você e eu. Ambas buscamos o conhecimento. Ambas admiramos a grandeza. Nenhuma de nós precisa ficar à sombra de homens.

— Eu… eu não entendo.

Outra vez, guinchei o melhor que podia, tentando chamar a atenção de

Annabeth, mas ou ela não podia me ouvir ou não achava que os ruídos fossem importantes. Nesse meio-tempo, os outros porquinhos-da-índia estavam saindo de sua casinha para me examinar. Não imaginava que porquinhos-da-índia pudessem parecer maus, mas aqueles pareciam. Havia meia dúzia, com o pelo sujo, dentes rachados e olhos redondos e vermelhos. Estavam cobertos de serragem e o cheiro era de quem realmente estava ali havia trezentos anos, sem que ninguém limpasse a gaiola.

— Fique comigo — C. C. estava dizendo a Annabeth. — Estude comigo. Você pode se juntar à nossa equipe, tornar-se uma feiticeira, aprender a dobrar os outros à sua vontade. Você se tornará imortal!

— Mas…

— Você é inteligente demais, minha querida — disse C. C. — Pode fazer mais do que apostar naquele acampamento bobo de heróis. Quantas grandes mulheres heroínas meio-sangue você pode citar?

— Ahn, Atalanta, Amelia Earhart…

— Bah! Os homens ficam com toda a glória. — C. C. fechou o punho e extinguiu a chama mágica. — O único caminho das mulheres para o poder é a feitiçaria. Medeia, Calipso, essas eram mulheres poderosas! E eu, é claro. A maior de todas.

— Você… C. C…. Circe!

— Sim, minha querida.

Annabeth recuou, e Circe riu.

— Não precisa se preocupar. Não lhe farei mal.

— O que fez com Percy?

— Só o ajudei a concretizar sua verdadeira forma.

Annabeth esquadrinhou a sala. Finalmente, viu a gaiola, e me viu arranhando as barras, com todos os outros porquinhos-da-índia à minha volta. Seus olhos se arregalaram.

— Esqueça-o — disse Circe. — Junte-se a mim e aprenda os caminhos da feitiçaria.

— Mas…

— Seu amigo será bem cuidado. Ele será despachado para um maravilhoso novo lar no continente. As crianças do jardim-deinfância vão adorá-lo. Enquanto isso, você será sábia e poderosa. Terá tudo o que sempre quis.

Annabeth ainda olhava fixamente para mim, mas estava com uma expressão sonhadora no rosto. Estava do mesmo jeito que eu quando Circe me enfeitiçou para beber o milk-shake de porquinho-da-índia. Eu guinchei e arranhei, tentando alertá-la para despertar, mas estava absolutamente impotente.

— Deixe-me pensar a respeito — murmurou Annabeth. — Só… preciso de um minuto sozinha. Para dizer adeus.

— É claro, minha querida — arrulhou Circe. — Um minuto. Ah!… e para que você tenha privacidade absoluta…

Ela acenou a mão e barras de ferro desceram nas janelas. Saiu da sala e ouvi as trancas da porta se fecharem atrás dela.

O ar sonhador derreteu-se do rosto de Annabeth.

Ela correu até minha gaiola.

— Muito bem, qual é você?

Eu guinchei, mas todos os outros porquinhos-da-índia também guincharam. Annabeth parecia desesperada. Esquadrinhou a sala e avistou a barra dos meus jeans aparecendo embaixo do tear.

— Sim!

Correu para lá e vasculhou os bolsos.

Mas, em vez de puxar Contracorrente, encontrou o frasco de multivitaminas de Hermes e começou a lutar com a tampa.

Tive vontade de gritar para ela que aquele não era o momento para tomar suplementos! Ela tinha de sacar a espada!

Ela jogou uma pastilha de limão na boca no momento em que a porta se abriu e Circe voltou, a seu lado duas das assistentes de *tailleur*.

— Bem — suspirou Circe —, como um minuto passa depressa! Qual é sua resposta, minha querida?

— Esta — disse Annabeth, e sacou sua faca de bronze.

A feiticeira deu um passo atrás, mas sua surpresa logo passou. Olhou-a com desprezo.

— Realmente, menininha, uma faca contra a *minha* mágica? Será que isso é sensato?

Circe olhou para as assistentes atrás dela, que sorriram. Elas ergueram as mãos como se estivessem se preparando para lançar um feitiço.

*Corra!*, eu quis dizer a Annabeth, mas tudo o que consegui fazer foram ruídos de roedor. Os outros porquinhos-da-índia guincharam aterrorizados e correram pela gaiola. Meu impulso foi entrar em pânico e me esconder também, mas tinha de pensar em alguma coisa! Não ia suportar perder Annabeth como perdera Tyson.

— Como será a transformação de Annabeth? — refletiu Circe. — Algo pequeno e mal-humorado. Já sei… um musaranho!

Chamas azuis se contorceram saindo de seus dedos e se enroscaram como serpentes em Annabeth.

Eu fiquei olhando, horrorizado, mas nada aconteceu. Annabeth continuou sendo Annabeth, só que mais zangada. Ela saltou para a frente e colocou a ponta da faca no pescoço de Circe.

— Que tal me transformar em uma pantera, em vez disso? Uma pantera que está com as garras na sua garganta!

— Como? — gemeu Circe.

Annabeth ergueu meu frasco de vitaminas para a feiticeira ver.

Circe uivou de frustração.

— Maldito seja Hermes, com suas multivitaminas! Elas não passam de uma moda passageira! Não podem fazer *nada* por você.

— Faça Percy voltar a ser humano, senão… — disse Annabeth.

— Eu não posso!

— Então você vai ter o que pediu.

As assistentes de Circe avançaram um passo, mas sua senhora disse:

— Recuem! Ela é imune à mágica até que passe o efeito daquela maldita vitamina.

Annabeth arrastou Circe até a gaiola dos porquinhos-da-índia, derrubou a parte de cima e despejou o restante das pastilhas lá dentro.

— Não! — gritou Circe.

Eu fui o primeiro a conseguir uma vitamina, mas todos os outros porquinhos-da-índia também correram para experimentar o novo alimento.

À primeira mordida, eu me senti pegando fogo por dentro. Roí a vitamina até que ela não parecesse mais tão enorme. E a gaiola ficou menor. E então, de repente, *bum!*, a gaiola explodiu. Eu estava sentado no chão, humano de novo — de algum modo, de volta a minhas roupas normais, graças aos deuses —, com seis outros caras que pareciam todos desorientados, piscando e sacudindo a serragem dos cabelos.

— Não! — gritou Circe. — Você não entende! Aqueles são os piores!

Um dos homens se pôs em pé — um cara enorme, com uma barba comprida e emaranhada, preta como piche, e dentes da mesma cor. Usava roupas que não combinavam, de lã e couro, botas até os joelhos e um chapéu de feltro mole. Os outros homens estavam vestidos de maneira mais simples — calções amarrados abaixo do joelho e camisas brancas manchadas. Todos estavam descalços.

— Argggh! — urrou o homenzarrão. — O que a bruxa fez comigo!

— Não! — gemeu Circe.

Annabeth respirou fundo.

— Eu conheço você! Edward Teach, filho de Ares?

— Sim, garota — rosnou o homenzarrão. — Mas a maioria me chama de Barba-Negra! E aquela é a feiticeira que nos capturou, rapazes. Acabem com ela, e depois quero arranjar uma grande tigela de aipo para mim. Argggh!

Circe gritou. Ela e suas assistentes saíram correndo da sala, perseguidas pelos piratas.

Annabeth embainhou sua faca e olhou para mim.

— Obrigado… — balbuciei. — Realmente, sinto muito…

Antes que eu pudesse pensar em um jeito de me desculpar por ter sido tão idiota, ela me pegou em um abraço, depois se afastou com igual velocidade.

— Estou feliz por você não ser um porquinho-da-índia.

— Eu também. — Esperei que meu rosto não estivesse tão vermelho quanto me parecia.

Ela desfez as tranças de ouro em seu cabelo.

— Venha, Cabeça de Alga. Precisamos dar o fora enquanto Circe está ocupada.

Corremos colina abaixo pelos terraços, passando por funcionárias do spa aos berros e piratas saqueando o *resort*. Os homens do Barba-Negra quebraram as tochas polinésias do luau, jogaram emplastros de ervas na piscina e chutaram mesas com toalhas de sauna.

Eu quase me senti mal por deixar os piratas rebeldes escapar, mas achei que eles mereciam algum divertimento melhor do que a roda de exercícios dos porquinhos-da-índia depois de ficarem presos em uma gaiola por três séculos.

— Qual navio? — disse Annabeth quando chegamos ao cais. Olhei em volta atordoado. Não podíamos pegar nosso velho bote a remo. Tínhamos de escapar da ilha depressa, mas o que mais poderíamos usar? Um submarino? Um caça a jato? Eu não sabia pilotar nenhuma daquelas coisas. E então eu vi.

— Ali — falei.

Annabeth piscou.

— Mas…

— Posso fazê-lo funcionar.

— Como?

Não consegui explicar. De algum modo eu sabia que uma velha embarcação a vela seria a melhor aposta. Agarrei a mão de Annabeth e a puxei para o navio de três mastros. Pintado na proa estava o nome que eu só iria decifrar mais tarde: *Vingança da Rainha Ana*.

— Argggh! — berrou Barba-Negra em algum lugar atrás de nós. — Aqueles patifes estão tomando meu navio! Peguem-nos, rapazes!

— Nunca vamos conseguir zarpar a tempo! — gritou Annabeth enquanto

embarcávamos.

Olhei em volta para o impossível emaranhado de velas e cordas. O navio estava em ótimas condições para seus trezentos anos, mas mesmo uma tripulação de cinquenta homens levaria várias horas para colocá-lo em movimento. Não tínhamos várias horas. Eu podia ver os piratas correndo escadas abaixo, agitando tochas e talos de aipo.

Fechei os olhos e me concentrei nas ondas que batiam no casco, nas correntes oceânicas, nos ventos que me cercavam. De repente, a palavra certa apareceu em minha cabeça.

— Mastrodamezena! — gritei.

Annabeth me olhou como se eu fosse maluco, mas no segundo seguinte o ar se encheu com o assobio das cordas sendo bruscamente esticadas, o barulho de lonas se desfraldando e polias de madeira rangendo.

Annabeth se esquivou quando um cabo voou por cima da sua cabeça e se enroscou nos gurupés.

— Percy, como…

Eu não tinha uma resposta, mas podia sentir o navio reagindo como se fosse parte do meu corpo. Fiz com que as velas se içassem tão facilmente como se estivesse movendo um braço. E fiz o leme virar.

O *Vingança da Rainha Ana* afastou-se do cais numa guinada, e quando os piratas chegaram perto da água já estávamos a caminho, navegando o Mar de Monstros.

# TREZE

Annabeth tenta ir nadando para casa

Por fim eu encontrara alguma coisa em que era realmente bom.

O *Vingança da Rainha Ana* respondia ao meu comando. Eu sabia que cordas içar, que velas levantar, em que direção pilotar. Avançamos nas ondas a uma velocidade que estimei em cerca de dez nós. Eu até entendia perfeitamente como aquilo era rápido. Para um navio à vela, extremamente veloz.

Tudo parecia perfeito — o vento no rosto, as ondas quebrando na proa.

Mas, agora que estávamos fora de perigo, eu só pensava na falta que Tyson me fazia, e em como estava preocupado com Grover.

Não conseguia me recuperar da tremenda trapalhada que tinha feito na ilha de Circe. Se não fosse por Annabeth, ainda seria um roedor, escondido em uma casinha com um bando de piratas fofinhos e peludos. Ficava pensando no que Circe dissera: *Está vendo, Percy? Você revelou seu verdadeiro eu!*

Eu ainda me sentia transformado. Não só porque de repente tinha vontade de comer alface. Estava inquieto, como se o instinto de ser um animalzinho assustado fosse agora parte de mim. Ou talvez sempre tivesse estado ali. É o que de fato me preocupava.

Navegamos noite adentro.

Annabeth tentou me ajudar a manter a vigilância, mas navegar não era para ela. Depois de algumas horas balançando de um lado para outro, seu rosto estava da cor de *guacamole* e ela foi para baixo, deitar numa rede.

Eu observava o horizonte. Avistei monstros mais de uma vez. Um jorro de água alto como um arranha-céu foi cuspido à luz da lua. Uma fileira de saliências verdes e pontudas serpenteou nas ondas — algo com talvez trinta metros de comprimento, reptiliano. Eu não queria saber.

Uma vez vi nereidas, os espíritos femininos luminescentes do mar. Tentei acenar, mas elas desapareceram nas profundezas e fiquei sem saber se tinham ou não me visto.

Pouco depois da meia-noite Annabeth subiu para o convés. Estávamos passando por uma ilha vulcânica fumegante. Na costa, o mar borbulhava e o

vapor subia.

— Uma das forjas de Hefesto — disse Annabeth. — Onde ele faz seus monstros de metal.

— Como os touros de bronze?

Ela fez que sim.

— Dê a volta. Passe bem longe.

Ela não precisou dizer duas vezes. Navegamos afastados da ilha, que logo era apenas uma mancha vermelha de neblina atrás de nós.

Olhei para Annabeth.

— A razão da raiva que tem dos ciclopes… a história sobre como Thalia realmente morreu. O que aconteceu?

Era difícil ver sua expressão no escuro.

— Acho que você merece saber — disse ela afinal. — Na noite em que Grover estava nos escoltando para o acampamento, ele ficou confuso, errou o caminho algumas vezes. Lembra que ele lhe contou isso?

Eu concordei.

— Bem, o pior erro levou à cova de um ciclope no Brooklyn.

— Eles têm ciclopes no Brooklyn? — perguntei.

— Você não acreditaria quantos, mas não se trata disso. Esse ciclope, ele nos enganou. Conseguiu nos separar dentro de um labirinto de corredores em uma casa velha em Flatbush. E conseguia falar com a voz de qualquer um, Percy. Exatamente como Tyson fez a bordo do *Princesa Andrômeda*. Ele nos atraiu, um de cada vez. Thalia pensou que estava correndo para salvar Luke. Luke pensou ter me ouvido gritar por socorro. E eu… eu fiquei sozinha no escuro. Tinha sete anos. Não conseguia nem achar a saída.

Ela afastou o cabelo do rosto.

— Lembro que encontrei a sala principal. Havia ossos espalhados por todo o piso. E lá estavam Thalia, Luke e Grover, com as mãos amarradas e amordaçados, pendurados no teto como presunto defumado. O ciclope estava acendendo um fogo bem ali no piso. Puxei minha faca, mas ele me ouviu. Virou-se e sorriu. Ele falou e, de algum modo, conhecia a voz do meu pai. Acho que simplesmente a extraiu da minha cabeça. Ele disse: “Agora, Annabeth, não se preocupe. Eu amo você. Você pode ficar aqui comigo. Você pode ficar para sempre.”

Eu estremeci. O modo como ela contou aquilo — mesmo ali, seis anos depois — me apavorou mais que qualquer história de fantasma que já ouvira.

— O que você fez?

— Eu o esfaqueei no pé.

Olhei para ela.

— Você está brincando? Tinha sete anos e esfaqueou um ciclope adulto no pé?

— Ah! ele teria me matado. Mas eu o surpreendi. Isso só me deu tempo de correr até Thalia e cortar as cordas das mãos dela. Daí em diante, ela assumiu.

— Sim, mas ainda assim… foi muita coragem, Annabeth. Ela sacudiu a cabeça.

— Foi por pouco que escapamos. Ainda tenho pesadelos, Percy. O modo como o ciclope falou com a voz do meu pai. Foi por causa dele que demoramos tanto para chegar ao acampamento. Todos os monstros que estavam nos perseguindo tiveram tempo de nos alcançar. Na verdade, foi por isso que Thalia morreu. Se não fosse aquele ciclope, ela ainda estaria viva.

Nós nos sentamos no convés, observando a constelação de Hércules erguer-se no céu.

— Vá para baixo — disse Annabeth por fim. — Você precisa descansar um pouco.

Eu assenti. Meus olhos estavam pesados. Mas quando cheguei embaixo e encontrei uma rede levei muito tempo para adormecer. Fiquei pensando na história de Annabeth. Se eu fosse ela, pensei, será que teria coragem para partir naquela missão, de navegar para a cova de outro ciclope?

Eu não sonhei com Grover.

Em vez disso, estava de volta ao camarote de Luke a bordo do *Princesa Andrômeda*. As cortinas estavam abertas. Do lado de fora era noite. Sombras giravam no ar. Vozes sussurravam à minha volta — espíritos dos mortos.

*Cuidado*, elas sussurravam. *Armadilhas. Ardis*.

O sarcófago de ouro de Cronos brilhava discretamente — a única fonte de luz no recinto.

Um riso frio me assustou. Parecia vir de quilômetros abaixo do navio. *Você não tem coragem, jovenzinho. Não pode me deter*.

Eu sabia o que tinha de fazer. Precisava abrir aquele caixão.

Destampei Contracorrente. Fantasmas esvoaçavam à minha volta como um tornado. *Cuidado!*

Meu coração batia forte. Eu não conseguia obrigar meus pés a se mexer, mas tinha de deter Cronos. Precisava destruir o que quer que estivesse naquela caixa.

Então uma menina falou bem ao meu lado:

— E então, Cabeça de Alga?

Olhei, esperando ver Annabeth, mas a menina não era ela. Usava roupas estilo

punk com correntes de prata nos pulsos. Tinha cabelo preto espetado, delineador escuro em volta dos olhos azuis tempestuosos e sardas espalhadas no nariz. Parecia conhecida, mas eu não sabia muito bem por quê.

— E então? — perguntou. — Você vai detê-lo ou não?

Eu não conseguia responder. Não conseguia me mexer.

A menina revirou os olhos.

— Ótimo. Deixe comigo e Aegis.

Ela tocou seu pulso e as correntes de prata se transformaram — achatando-se e se expandindo em um enorme escudo. Era de prata e bronze, com a cara monstruosa da Medusa se projetando do centro. Parecia uma máscara mortuária, como se a verdadeira cabeça da górgona tivesse sido prensada no metal. Eu não sabia se aquilo era de verdade ou se o escudo podia de fato me transformar em pedra, mas desviei o olhar. Só o fato de estar perto daquilo me deixava gelado de medo. Tive a sensação de que, numa luta de verdade, derrotar o portador daquele escudo seria quase impossível. Qualquer inimigo daria meia-volta e sairia correndo.

A menina puxou sua espada e avançou para o sarcófago. Os fantasmas escuros se separaram para deixá-la passar, espalhando-se frente à terrível aura de seu escudo.

— Não — tentei adverti-la.

Mas ela não me deu ouvidos. Marchou direto para o sarcófago e empurrou a tampa dourada para o lado.

Por um momento ficou ali parada, olhando fixamente para o que havia dentro da caixa.

O caixão começou a brilhar.

— Não. — A voz da menina tremia. — Não pode ser.

Das profundezas do oceano, Cronos riu tão alto que fez tremer o navio inteiro.

— Não! — A menina gritou, e o sarcófago a engoliu em uma explosão de luz dourada.

— Ah! — Sentei na rede em um salto.

Annabeth me sacudia.

— Percy, você estava tendo um pesadelo. — Precisa levantar.

— O que… o que foi? — esfreguei os olhos. — O que está errado?

— Terra — disse ela num tom soturno. — Estamos nos aproximando da ilha das sereias.

Mal pude distinguir a ilha à nossa frente — apenas um ponto escuro na névoa.

— Quero que me faça um favor — disse Annabeth. — As sereias… estaremos ao alcance do canto delas em breve.

Lembrei-me das histórias sobre as sereias. Elas cantavam de modo tão encantador que sua voz enfeitiçava os marinheiros e os seduzia para a morte.

— Sem problemas — assegurei-lhe. — Podemos simplesmente tapar os ouvidos. Há um grande barril de cera de vela no convés de baixo…

— Eu quero ouvi-las.

Eu pisquei.

— Por quê?

— Dizem que as sereias cantam a verdade sobre o que a gente deseja. Contam coisas a seu respeito que nem você mesmo percebe. É isso que é tão encantador. Se você sobrevive… se torna mais sábio. Eu quero ouvi-las. Quantas vezes terei uma oportunidade dessas?

Vindo da maioria das pessoas, aquilo não teria feito sentido. Mas sendo Annabeth quem era — bem, ela se empenhava em livros de arquitetura grega antiga e gostava de documentários do History Channel, acho que as sereias também podiam interessar.

Ela me contou seu plano. Com relutância, ajudei-a a se preparar.

Assim que avistamos a costa rochosa da ilha, ordenei a uma das cordas que se enrolasse na cintura de Annabeth, amarrando-a ao mastro principal.

— Não me desamarre — disse ela —, não importa o que aconteça nem quanto eu implore. Minha vontade vai ser correr para a amurada e me jogar.

— Você está querendo me tentar?

— Ha-ha.

Prometi que a manteria segura. Então peguei duas grandes bolas de cera de vela e amassei até que tivessem o formato de tampões, que enfiei nos ouvidos.

Annabeth assentiu com sarcasmo, dando a entender que os tampões de ouvido eram a última moda. Fiz uma careta para ela e fui para o timão.

O silêncio era assustador. Eu não conseguia ouvir nada a não ser o sangue correndo na minha cabeça. Quando nos aproximamos da ilha, rochas pontiagudas assomaram no nevoeiro. Ordenei ao *Vingança da Rainha Ana* que as contornasse. Se chegássemos mais perto, aquelas rochas iriam retalhar o casco como lâminas de liquidificador.

Dei uma olhada para trás. De início, Annabeth pareceu totalmente normal. Depois ficou com uma expressão intrigada. Seus olhos se arregalaram.

Ela forçou as cordas. Chamou meu nome — eu sabia só de ler seus lábios. Sua expressão era clara: precisava se soltar. Era questão de vida ou morte. Eu tinha de soltá-la das cordas *imediatamente*.

Parecia tão infeliz que foi difícil não libertá-la.

Forcei-me a desviar os olhos. Encorajei o *Vingança da Rainha Ana* a ir mais depressa.

Eu ainda não conseguia ver a ilha muito bem — apenas nevoeiro e rochas —, mas flutuando na água havia pedaços de madeira e fibra de vidro, destroços de velhos navios, e até alguns assentos flutuantes de aviões.

Como a música podia desviar tantas vidas de seu curso? Quer dizer, com certeza havia algumas canções entre as mais tocadas que me faziam querer mergulhar nas chamas em queda livre, mas ainda assim… Sobre o que as sereias deviam cantar?

Por um momento perigoso entendi a curiosidade de Annabeth. Fiquei tentado a tirar os tampões de ouvido, só para ter ideia da canção. Podia sentir as vozes das sereias vibrando no madeirame do navio, pulsando em meus ouvidos junto com o ruído do sangue.

Annabeth implorava. Lágrimas escorriam em seu rosto. Lutava com as cordas como se a estivessem impedindo de alcançar tudo o que mais importava para ela.

*Como pode ser tão cruel?*, parecia me perguntar. *Pensei que fosse meu amigo.*

Olhei fixamente para a ilha enevoada. Tive vontade de destampar minha espada, mas não havia nada contra o que lutar. Como se luta contra uma canção?

Tentei muito não olhar para Annabeth. Consegui fazer isso por cerca de cinco minutos.

Foi meu grande erro.

Quando não pude aguentar mais, olhei para trás e encontrei… uma pilha de cordas cortadas. Um mastro vazio. A faca de bronze de Annabeth estava caída no convés. De algum modo, ela conseguira se contorcer até pegá-la. Tinha me esquecido completamente de desarmá-la.

Corri para a amurada do barco e a vi dando braçadas desesperadas em direção à ilha, as ondas a arrastando direto para as rochas pontiagudas.

Gritei seu nome, mas, se ela me ouviu, de nada adiantou. Estava hipnotizada, nadando rumo à morte.

Olhei para o timão atrás de mim e gritei:

— Pare!

E então pulei da amurada.

Caí na água e ordenei que a correnteza contornasse meu corpo, num fluxo que me atirou para a frente.

Cheguei à superfície e avistei Annabeth, mas uma onda a pegou, arrastando-a por entre duas presas de pedra afiadas como navalhas.

Não tive escolha. Lancei-me atrás dela.

Mergulhei por baixo do casco destroçado de um iate, trancei por entre uma coleção de bolas flutuantes de metal presas a correntes que, depois, percebi que eram minas. Tive de usar todo o meu poder sobre as águas para evitar que fosse esmagado contra as rochas ou preso nas redes de arame farpado esticadas logo abaixo da superfície.

Atirei-me entre as duas presas de pedra e me vi em uma baía em forma de meia-lua. A água estava atulhada de mais rochas, destroços de navios e minas flutuantes. A praia era de areia negra vulcânica.

Olhei em volta desesperado, à procura de Annabeth.

Ali estava ela.

Por sorte ou por azar, era boa nadadora. Conseguira passar pelas minas e pelas rochas. Estava quase na praia negra.

Então o nevoeiro se espalhou e eu as vi — as sereias.

Imagine um bando de abutres do tamanho de pessoas — com plumagem preta enlameada, garras cinzentas e pescoço rosado e enrugado. Agora imagine cabeças humanas em cima desses pescoços, mas as cabeças humanas ficavam mudando.

Eu não conseguia ouvi-las, mas podia ver que estavam cantando. Enquanto as bocas se moviam, os rostos se transformavam nos de pessoas que eu conhecia — minha mãe, Poseidon, Grover, Tyson, Quíron. Todas as pessoas que eu mais queria ver. Elas sorriam de modo tranquilizador, convidando-me a prosseguir. Mas, não importava que forma tomassem, as bocas eram gordurosas e recobertas de restos de antigas refeições. Como abutres, enfiavam a cara na comida, e tudo levava a crer que não tinham se banqueteado na Donuts Monstro.

Annabeth nadava na direção delas.

Eu sabia que não podia deixá-la sair da água. O mar era minha única vantagem. Sempre me protegera, de um jeito ou de outro. Impeli o corpo para a frente e agarrei o tornozelo dela.

No momento em que a toquei, um choque atravessou meu corpo, e vi as sereias do modo como Annabeth devia estar vendo.

Três pessoas sentadas sobre uma toalha de piquenique no Central Park. Havia um banquete espalhado na frente delas. Reconheci o pai de Annabeth pelas fotos que ela me mostrara — um cara de aparência atlética, cabelos cor de areia, com seus quarenta anos. Estava de mãos dadas com uma linda mulher muito parecida com Annabeth. Ela estava vestida de modo informal — calça jeans, blusa de algodão e botas de caminhada —, mas algo na mulher irradiava poder. Sabia que estava olhando para a deusa Atena. Ao lado dela sentava-se um rapaz… Luke.

Toda a cena estava iluminada por uma luz cálida, amanteigada. Os três

conversavam e riam, e quando viram Annabeth seus rostos se iluminaram de satisfação. A mãe e o pai estenderam as mãos de modo convidativo. Luke sorriu e fez um gesto para que Annabeth sentasse a seu lado — como se ele nunca a tivesse traído, como se ainda fosse seu amigo.

Atrás das árvores do Central Park erguia-se a silhueta de uma cidade. Perdi o fôlego, porque era Manhattan, mas *não* era Manhattan. Estava totalmente reconstruída em mármore branco, deslumbrante, maior e mais grandiosa que nunca — com janelas douradas e jardins suspensos. Era melhor que Nova York. Melhor que o Monte Olimpo.

Soube imediatamente que Annabeth a projetara inteira. Ela era a arquiteta de todo um novo mundo. Ela reunira os pais. Salvara Luke. Tinha feito tudo o que sempre quis.

Pisquei com força. Quando abri os olhos, tudo o que vi ali foram as sereias — abutres horrendos com feições humanas, prontos para devorar mais uma vítima.

Puxei Annabeth de volta para as ondas. Não pude ouvi-la, mas percebi que estava gritando. Ela me chutou no rosto, mas continuei segurando.

Ordenei às correntes que nos arrastassem para dentro da baía. Annabeth me esmurrava e me chutava, dificultando minha concentração. Ela se debateu tanto que quase colidimos com uma mina flutuante. Eu não sabia o que fazer. Jamais chegaria ao navio, vivo, se ela continuasse lutando.

Afundamos, e Annabeth parou de se debater. Sua expressão ficou confusa. Então nossas cabeças afloraram e ela começou a lutar de novo.

A água! O som não se propagava bem embaixo d’água. Se eu conseguisse submergi-la por tempo suficiente, poderia quebrar o encantamento da música. É claro, Annabeth não ia conseguir respirar, mas naquele momento isso parecia ser um problema menor.

Agarrei-a pela cintura e ordenei às ondas que nos empurrassem para baixo.

Mergulhamos nas profundezas — três metros, seis metros. Eu sabia que teria de tomar cuidado, porque era capaz de suportar muito mais pressão do que Annabeth. Ela lutou e se debateu para respirar enquanto bolhas subiam à nossa volta.

*Bolhas.*

Eu estava desesperado. Tinha de manter Annabeth viva. Imaginei todas as bolhas do mar — sempre se agitando, subindo. Imaginei-as se juntando, sendo empurradas até mim.

O mar obedeceu. Houve um turbilhão de branco, uma sensação de cócegas, e quando minha visão clareou Annabeth e eu tínhamos uma enorme bolha de ar ao nosso redor. Apenas as pernas continuavam mergulhadas em água.

Ela engasgou e tossiu. Seu corpo todo estremeceu, mas quando ela me olhou soube que o encantamento tinha sido quebrado.

Annabeth começou a soluçar — quer dizer, soluços horríveis, de partir o coração. Encostou a cabeça em meu ombro e eu a abracei.

Os peixes se juntaram para nos olhar — um cardume de barracudas, alguns espadartes curiosos.

*Fora!*, disse a eles.

Eles se afastaram, mas pude perceber que saíram relutantes. Juro que entendi as intenções deles. Estavam prestes a espalhar boatos pelo mar sobre o filho de Poseidon e uma garota no fundo da baía das sereias.

— Vamos voltar ao navio. Está tudo bem. Apenas aguente firme.

Annabeth balançou a cabeça para me dizer que estava melhor, depois murmurou algo que não pude ouvir por causa da cera nos ouvidos.

Fiz a corrente manobrar nosso pequeno e estranho submarino de ar por entre as rochas e o arame farpado, e de volta para o casco do *Vingança da Rainha Ana*, que mantinha o curso lento e estável, fugindo do alcance da voz das sereias. Então subi para a superfície e nossa bolha de ar se desfez.

Ordenei que uma escada de corda descesse por cima do costado do navio, e subimos a bordo.

Mantive meus tampões de ouvido, só por garantia. Navegamos até a ilha ficar completamente fora de vista. Annabeth ficou sentada, aconchegando-se em um cobertor no convés dianteiro. Por fim ela ergueu os olhos, confusa e triste, e murmurou, *salvos*.

Removi os tampões. Nenhuma cantoria. A tarde estava silenciosa, a não ser pelo som das ondas batendo no casco. O nevoeiro se desfizera e o céu estava azul, como se a ilha das sereias nunca tivesse existido.

— Você está bem? — perguntei. No momento em que disse isso, percebi a besteira que tinha falado. É claro que ela não estava bem.

— Eu não sabia — murmurou ela.

— O quê?

Seus olhos estavam da mesma cor que a névoa sobre a ilha das sereias.

— Como a tentação seria poderosa.

Não queria admitir que tinha visto o que as sereias haviam prometido a ela. Eu me sentia um intruso. Mas imaginei que devesse isso a Annabeth.

— Eu vi o modo como você reconstruiu Manhattan — contei. — E Luke e os seus pais.

Ela corou.

— Você viu aquilo?

— O que Luke lhe disse no *Princesa Andrômeda*, sobre refazer o mundo do zero… aquilo de fato impressionou você, não é?

Ela se enrolou no cobertor.

— Meu defeito mortal. Foi isso que as sereias me mostraram. Meu defeito mortal é o húbris.

Eu pisquei.

— Aquela coisa marrom que passam nos sanduíches vegetarianos?

Ela revirou os olhos.

— Não, Cabeça de Alga. Aquilo é homus. Húbris é pior.

— O que poderia ser pior do que homus?

— Húbris quer dizer orgulho, insolência, Percy. Achar que você pode fazer as coisas melhor do que qualquer um… inclusive os deuses.

— Você se sente assim?

Ela baixou os olhos.

— Nunca teve a impressão de que… que o mundo realmente *está* todo errado? E se *pudéssemos* refazer tudo do começo? Guerras nunca mais. Ninguém sem teto. Nunca mais dever de casa no verão.

— Estou ouvindo.

— Quer dizer, o Ocidente representa muitas das melhores coisas que a humanidade já fez… é por isso que a chama ainda arde. É por isso que o Olimpo ainda existe. Mas, às vezes, a gente só vê o que não presta, entende? E começa a pensar do mesmo jeito que Luke: “Se conseguir destruir tudo isso, posso fazer melhor.” Nunca se sentiu assim? Como se *você* pudesse fazer um serviço melhor se fosse o dono do mundo?

— Humm… não. Eu governando o mundo seria uma espécie de pesadelo.

— Então você tem sorte. O húbris não é seu defeito mortal.

— E o que é?

— Não sei, Percy, mas todo herói tem um. Se você não descobrir e aprender a controlá-lo… bem, não é à toa que o chamam de “mortal”.

Pensei naquilo. E não fiquei lá muito animado.

Também notei que Annabeth não falou muito sobre as coisas *particulares* que ela mudaria — como conseguir reunir os pais, ou salvar Luke. Eu entendi. Não queria admitir quantas vezes sonhara em reunir meus pais.

Imaginei minha mãe, sozinha em nosso pequeno apartamento no Upper East Side. Tentei me lembrar do cheiro dos seus waffles azuis na cozinha. Parecia tão distante!

— E então, valeu a pena? — perguntei a Annabeth. — Você se sente… mais

sábia?

O olhar dela se perdeu na distância.

— Não tenho certeza. Mas *precisamos* salvar o acampamento. Se não pararmos Luke…

Ela não precisou terminar. Se o modo de pensar de Luke podia tentar até Annabeth, não dava para imaginar quantos outros meios-sangues poderiam juntar-se a ele.

Pensei no sonho com a menina e o sarcófago dourado. Não sabia muito bem o que significava, mas tive a sensação de que estava deixando alguma coisa passar. Alguma coisa terrível que Cronos planejava. O que a menina tinha visto quando abriu a tampa do caixão?

De repente os olhos de Annabeth se arregalaram.

— Percy.

Eu me virei.

À frente havia uma outra mancha de terra — uma ilha em forma de sela com colinas cobertas de florestas, praias de areia branca e campinas verdes —, exatamente como eu tinha visto em meus sonhos.

Meus sentidos náuticos confirmaram. Trinta graus e 31 minutos Norte, 75 graus e 12 minutos Oeste.

Tínhamos chegado ao lar do ciclope.

# CATORZE

Nosso encontro com o carneiro da perdição

Quando a gente pensa em “ilha de monstros” imagina penhascos e ossos espalhados pela praia, como na ilha das sereias.

A ilha do ciclope não tinha nada a ver com isso. Quer dizer, tudo bem, havia uma ponte de corda em cima de um precipício, o que não era bom sinal. É quase o mesmo que pendurar um cartaz dizendo: ALGO MALIGNO VIVE AQUI. Mas, com exceção disso, o lugar parecia um cartão-postal do Caribe. Tinha campos verdejantes, árvores de frutas tropicais e praias de areia branca. Enquanto navegávamos em direção à costa, Annabeth respirou fundo o ar perfumado.

— O Velocino — disse ela.

Eu assenti. Ainda não podia ver o Velocino, mas podia sentir sua força. Era possível acreditar que ele curaria qualquer coisa, até mesmo a árvore envenenada de Thalia.

— Se nós o levarmos embora, a ilha vai morrer?

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Ela vai se esgotar. Voltar ao que seria normalmente, o que quer que fosse.

Eu me senti um pouco culpado por arruinar aquele paraíso, mas lembrei a mim mesmo que não tínhamos escolha. O Acampamento Meio-Sangue estava em dificuldades. E Tyson… Tyson ainda estaria conosco se não fosse por aquela missão.

Na campina na base da ravina várias dúzias de carneiros andavam em círculos. Pareciam bastante pacíficos, mas eram enormes — do tamanho de hipopótamos. Logo além deles havia um caminho que levava às colinas. No topo do caminho, perto da beira do cânion, estava o grandioso carvalho que eu vira em meus sonhos. Algo dourado brilhava em seus galhos.

— Isso está fácil demais — disse eu. — Podemos simplesmente subir até lá e pegá-lo?

Os olhos de Annabeth se estreitaram.

— Deveria haver um guardião. Um dragão ou…

Foi quando um cervo emergiu dos arbustos. Ele trotou para a campina,

provavelmente em busca de grama para comer, quando os carneiros baliram todos de uma vez e assustaram o animal. Aconteceu tão depressa que o cervo tropeçou e se perdeu em um mar de lã e cascos batendo. Grama e tufos de pelo voavam pelo ar.

Um segundo depois todos os carneiros se afastaram, de volta às suas pacíficas perambulações. Onde estivera o cervo, havia agora uma pilha de ossos limpos e brancos.

Annabeth e eu nos entreolhamos.

— Eles são como piranhas — disse ela.

— Piranhas com lã. Como é que nós…

— Percy! — arfou Annabeth, agarrando meu braço. — Olhe.

Ela apontou para a praia, logo abaixo da campina dos carneiros, onde um pequeno bote fora arrastado para a terra… o outro bote salva-vidas do *Birmingham.*

Concluímos que não havia como passar pelos carneiros comedores de gente. Annabeth queria se esgueirar invisível pelo caminho acima e agarrar o Velocino, mas no fim eu a convenci de que alguma coisa iria dar errado. Os carneiros poderiam sentir seu cheiro. Outro guardião poderia aparecer. Alguma coisa. E se aquilo acontecesse eu estaria longe demais para ajudar.

Além disso, nossa primeira obrigação era achar Grover e quem quer que tivesse chegado à costa naquele bote — supondo que tivesse conseguido passar pelos carneiros. Eu estava nervoso demais para falar sobre minha esperança secreta… de que Tyson ainda pudesse estar vivo.

Ancoramos o *Vingança da Rainha Ana* no lado de trás da ilha, onde as falésias subiam em linha reta uns bons sessenta metros. Imaginei que seria menos provável que vissem o navio ali.

Escalar as falésias até parecia possível — com um grau de dificuldade mais ou menos igual ao da parede de lava no acampamento. Pelo menos não havia carneiros. Eu esperava que Polifemo não criasse também cabras montanhesas carnívoras.

Remamos num bote salva-vidas até a base das rochas e começamos a subir, muito devagar. Annabeth foi primeiro porque escalava melhor.

Ficamos perto de morrer umas seis ou sete vezes, só, o que considerei muito bom. Em certo momento deixei escapar uma das mãos e me vi pendurado por um braço numa saliência quinze metros acima da arrebentação rochosa. Mas achei outro ponto de apoio e continuei escalando. Um minuto depois Annabeth

pisou em musgos escorregadios e seu pé deslizou. Felizmente, ela encontrou alguma outra coisa em que apoiá-lo. Por azar, tratava-se da minha cara.

— Desculpe — murmurou ela.

— Tudo bem — resmunguei, embora na verdade não quisesse saber qual era o sabor do tênis de Annabeth.

Finalmente, quando meus dedos já pareciam chumbo derretido e os músculos do meu braço tremiam de exaustão, nos arrastamos sobre o topo da falésia e desmoronamos.

— Ugh — disse eu.

— Ai — gemeu Annabeth.

— Grrrr! — Urrou outra voz.

Se eu não estivesse tão cansado teria pulado mais uns sessenta metros. Girei o corpo, mas não pude ver quem rosnara.

Annabeth tampou minha boca com a mão. Ela apontou.

A saliência sobre a qual estávamos sentados era mais estreita do que eu pensava. O lado oposto era um desfiladeiro, e era de lá que vinha a voz — logo abaixo de nós.

— Você é bem agressiva! — rugiu a voz profunda.

— Enfrente-me! — Era a voz de Clarisse, sem dúvida. — Devolva minha espada e lutarei com você!

O monstro riu estrondosamente.

Annabeth e eu nos arrastamos até a beirada. Estávamos logo acima da entrada da caverna do ciclope. Abaixo, estavam Polifemo e Grover, ainda de vestido de noiva. Clarisse estava amarrada, pendurada de cabeça para baixo acima de um caldeirão de água fervente. De certa forma, torcia para que Tyson também estivesse lá embaixo. Mesmo que ele estivesse em perigo, ao menos eu saberia que estava vivo. Mas não havia sinal dele.

— Hummm — ponderou Polifemo. — Comer a menina fanfarrona ou esperar o banquete de casamento? O que acha minha noiva?

Ele se voltou para Grover, que recuou e quase tropeçou na cauda de seu vestido, terminada.

— Ah!, ahn, eu não estou com fome agora, querido. Talvez…

— Você disse *noiva*? — perguntou Clarisse. — Quem… Grover?

Ao meu lado Annabeth murmurou:

— Cale a boca. Ela tem de calar a boca.

Polifemo olhou enfurecido.

— Que “Grover”?

— O sátiro! — berrou Clarisse.

— Ah! — ganiu Grover. — Os miolos da pobrezinha estão fervendo por causa daquela água quente. Puxe-a para baixo, querido!

Os cílios de Polifemo se estreitaram sobre o maligno olho leitoso, como se ele tentasse enxergar Clarisse mais claramente.

O ciclope era uma visão ainda mais horrível do que nos meus sonhos. Em parte, porque seu cheiro rançoso agora estava muito próximo. Em parte, porque ele vestia sua roupa de casamento — um saiote tosco e uma manta nos ombros, feitos de smokings azul-bebê costurados um no outro, como se ele tivesse despido uma festa de casamento inteira.

— Que sátiro? — perguntou Polifemo. — Sátiros são boa comida. Você me trouxe um sátiro?

— Não, seu grande idiota! — berrou Clarisse. — *Aquele* sátiro! Grover! Aquele de vestido de noiva!

Eu quis torcer o pescoço de Clarisse, mas era tarde demais. Tudo o que pude fazer foi olhar enquanto Polifemo se virava e arrancava o véu de noiva de Grover — revelando seu cabelo encaracolado, a barba desmazelada de adolescente, os pequenos chifres.

Polifemo respirou pesadamente, tentando conter a raiva.

— Eu não enxergo muito bem — rosnou. — Desde muitos anos atrás, quando o outro herói me furou o olho. Mas VOCÊ… NÃO É… UMA DAMA… CICLOPE!

O ciclope agarrou o vestido de Grover e o arrancou. Embaixo, o velho Grover reapareceu, com seu jeans e sua camiseta. Ele gemeu e se abaixou quando o monstro desferiu um golpe que passou acima de sua cabeça.

— Pare! — implorou Grover. — Não me coma cru! Eu… eu tenho uma boa receita!

Estendi a mão para minha espada, mas Annabeth sussurrou:

— Espere!

Polifemo estava hesitando, uma grande pedra na mão, prestes a esmagar sua pretensa noiva.

— Receita? — perguntou a Grover.

— Ah, s-sim! Você não pode me comer cru. Vai pegar uma infecção, e botulismo, e toda sorte de coisas horríveis. Vou ficar muito mais gostoso grelhado em fogo lento. Com *chutney* de manga! Você pode pegar algumas mangas agora mesmo, lá embaixo no bosque. Ficarei esperando aqui.

O monstro pensou naquilo. Meu coração martelava contra as costelas. Calculei que morreria se atacasse. Mas não poderia deixar que o monstro matasse Grover.

— Sátiro grelhado com *chutney* de manga — pensou Polifemo. Ele olhou de novo para Clarisse, ainda pendurada acima do caldeirão de água fervente.

— Você também é um sátiro?

— Não, seu grande monte de esterco! — berrou ela. — Eu sou uma menina! Filha de Ares! Agora me desamarre para que eu possa arrancar seus braços!

— Arrancar os meus braços — repetiu Polifemo.

— E enfiá-los garganta abaixo!

— Você tem coragem.

— Ponha-me no chão!

Polifemo ergueu Grover como se ele fosse um cachorrinho desobediente.

— Agora tenho de pastorear carneiros. Casamento adiado para de noite. Então comeremos sátiro como prato principal!

— Mas… você ainda vai se casar? — Grover pareceu ofendido. — Quem é a noiva?

Polifemo olhou na direção do caldeirão fervente.

Clarisse soltou um som estrangulado.

— Ah, não! Você não pode estar falando sério. Eu não sou…

Antes que Annabeth ou eu pudéssemos fazer alguma coisa, Polifemo a arrancou da corda como se ela fosse uma maçã madura e a jogou junto com Grover no fundo da caverna.

— Fiquem à vontade! Voltarei ao pôr-do-sol para o grande evento!

Então o ciclope assobiou e um rebanho misto de bodes e carneiros — menores que os comedores de gente — saiu da caverna, passando por seu amo. Enquanto eles seguiam para o pasto, Polifemo dava palmadinhas nas costas de alguns e os chamava pelo nome — Beltbuster, Tammany, Lockhart *etc.*

Quando o último carneiro se afastou bamboleando, Polifemo rolou uma rocha na frente da entrada tão facilmente como se fechasse uma porta de geladeira, isolando o som dos gritos de Clarisse e Grover lá dentro.

— Mangas — resmungou Polifemo consigo mesmo. — O que são mangas?

Ele foi caminhando tranquilamente montanha abaixo em sua roupa de noivo azul-bebê, deixando-nos sozinhos com um caldeirão de água fervente e uma rocha de seis toneladas.

Tentamos pelo que nos pareceram horas, mas não adiantou. A rocha não se movia. Gritamos para dentro de fendas, batemos na pedra, fizemos tudo em que podíamos pensar para transmitir um sinal a Grover, mas, se ele nos ouviu, não podíamos saber.

Mesmo se por algum milagre conseguíssemos matar Polifemo, não adiantaria. Grover e Clarisse morreriam dentro da caverna fechada. A única maneira de mover a rocha seria conseguir que o ciclope o fizesse.

Em total frustração, golpeei Contracorrente contra a rocha. Voaram fagulhas, mas não aconteceu nada além disso. Uma grande rocha não é o tipo de inimigo que se possa combater com uma espada mágica.

Annabeth e eu nos sentamos no cume, desesperados, e observamos a forma distante em azul-bebê do ciclope enquanto ele se movia entre seus rebanhos. Sabiamente, ele separara os animais comuns dos carneiros comedores de gente, colocando cada grupo de um lado da enorme fenda que dividia a ilha. O único meio de atravessar era a ponte de corda, e as tábuas eram separadas demais para cascos de carneiros.

Observamos enquanto Polifemo visitava seu rebanho carnívoro, no lado mais distante. Infelizmente, eles não o comeram. Na verdade, nem ao menos pareciam incomodá-lo. Ele lhes deu pedaços de carne misteriosa de uma grande cesta de vime, o que apenas reforçou a sensação que eu tinha desde que Circe me transformara em porquinho-daíndia: talvez fosse hora de me juntar a Grover e me tornar vegetariano.

— Um truque — concluiu Annabeth. — Não podemos vencê-lo pela força, portanto teremos de usar um truque.

— Certo. Que truque?

— Ainda não resolvi essa parte.

— Beleza.

— Polifemo terá de mover a rocha para deixar os carneiros entrar.

— Ao pôr-do-sol — falei. — Que é quando ele vai se casar com Clarisse e jantar Grover. Ainda não decidi o que é mais nojento.

— Posso ficar invisível e entrar.

— E eu?

— Os carneiros — ponderou Annabeth. Ela me deu um daqueles olhares travessos que sempre me deixavam desconfiado. — Você gosta muito de carneiros?

— Só não se solte! — disse Annabeth, invisível em algum lugar à minha direita. Para ela, era fácil falar. Ela não estava pendurada de cabeça para baixo na barriga de um carneiro.

Agora, admito que não fora tão difícil quanto eu pensara. Já tinha me arrastado para baixo de um carro antes, para trocar o óleo para minha mãe, e isso

não era tão diferente. O carneiro não se importou. Até mesmo o menor dos carneiros do ciclope era bastante grande para suportar meu peso, e eles tinham uma lã espessa. Eu simplesmente a torci, formando alças para as minhas mãos, enganchei os pés nos ossos das coxas do carneiro e pronto: eu me sentia como um pequeno canguru, zanzando acomodado contra o peito do carneiro, tentando manter a lã longe da boca e do nariz.

Caso você esteja intrigado, a parte de baixo de um carneiro não tem um cheiro assim tão bom. Imagine um suéter de inverno que foi arrastado pela lama e deixado no cesto de roupa suja por uma semana. É algo assim.

O sol estava se pondo.

Nem bem fiquei em posição, o ciclope rugiu:

— Oi! Bodinhos! Carneirinhos!

O rebanho, obediente, começou a caminhar laboriosamente ladeiras acima, em direção à caverna.

— É isso aí! — sussurrou Annabeth. — Vou estar por perto. Não se preocupe.

Fiz uma promessa silenciosa aos deuses de que, se sobrevivêssemos àquilo, diria a Annabeth que ela é um gênio. O assustador era que eu sabia que os deuses iriam me cobrar.

Meu táxi-carneiro começou a subir a colina. Depois de uma centena de metros, minhas mãos e meus pés começaram a doer. Agarrei a lã com mais força, e o animal fez um ruído inarticulado. Não o culpei. Eu mesmo não gostaria de alguém escalando por meus cabelos. Mas, se eu não me agarrasse, certamente cairia ali mesmo, bem na frente do monstro.

— Hasenpfeffer! — disse o ciclope, afagando um dos carneiros na minha frente. — Einstein! Widget… Ei, Widget!

Polifemo deu uns tapinhas no meu carneiro e quase me derrubou no chão.

— Ganhando um pouco de lã extra, hein?

*Epa*, pensei, é *agora*.

Mas Polifemo apenas riu e deu uma palmada no traseiro do carneiro, empurrando-nos para a frente.

— Vá andando, gorducho! Logo Polifemo irá comê-lo no café-da-manhã!

E, simples assim, eu estava dentro da caverna.

Pude ver o último dos carneiros entrando. Se Annabeth não começasse logo a distraí-lo…

O ciclope estava para rolar a rocha de volta a seu lugar quando, de algum canto do lado de fora, Annabeth gritou: — Olá, feioso!

Polifemo ficou rígido.

— Quem disse isso?

— Ninguém! — gritou Annabeth.

Aquilo provocou exatamente a reação que ela esperava. A cara do monstro ficou vermelha de raiva.

— Ninguém! — Polifemo berrou de volta. — Eu me lembro de você!

— Você é estúpido demais para se lembrar de alguém — provocou Annabeth. — Muito menos de Ninguém.

Pedi aos deuses que ela já estivesse em movimento quando disse aquilo, porque Polifemo urrou furiosamente, agarrou a rocha mais próxima (que por acaso era sua porta da frente) e a atirou na direção do som da voz de Annabeth. Ouvi a pedra se despedaçar em mil fragmentos.

Por um momento terrível fez-se silêncio. Então Annabeth gritou:

— Você também não aprendeu a atirar pedras melhor! Polifemo uivou.

— Venha para cá! Deixe-me matar você, Ninguém!

— Você não pode matar Ninguém, seu imbecil estúpido — provocou ela. — Venha me achar!

Polifemo disparou colina abaixo na direção da voz dela.

Essa coisa de “Ninguém” poderia não ter feito sentido para outras pessoas, mas Annabeth me explicara que era esse o nome que Ulisses usara para enganar Polifemo séculos atrás, antes que ele acertasse o olho do ciclope com uma grande estaca quente. Annabeth calculou que Polifemo ainda guardaria rancor daquele nome, e estava certa. No frenesi para encontrar o velho inimigo, ele se esqueceu de fechar novamente a entrada da caverna. Parecia nem ter parado para pensar que a voz de Annabeth era feminina, enquanto o primeiro Ninguém era homem. Por outro lado, ele queria casar com Grover, portanto não era assim tão brilhante nessa questão de masculino/feminino.

Eu só esperava que Annabeth pudesse permanecer viva e continuar distraindo o monstro por tempo suficiente para que eu encontrasse Grover e Clarisse.

Desci da minha carona, dei uma palmadinha na cabeça de Widget e pedi desculpas. Procurei na sala principal, mas não havia sinal de Grover e Clarisse. Forcei passagem por entre a multidão de carneiros e bodes, em direção ao fundo da caverna.

Muito embora tivesse sonhado com aquele lugar, foi difícil encontrar meu caminho pelo labirinto. Desci corredores atulhados de ossos, passei por salas cheias de tapetes de pele de carneiro e carneiros de cimento em tamanho real, que reconheci como obra da Medusa. Havia coleções de camisetas de carneiro; grandes tonéis de creme de lanolina; casacos, meias de lã e chapéus de lã com chifres de carneiro. Finalmente, encontrei a sala do tear, onde Grover estava agachado num canto, tentando cortar as amarras de Clarisse com uma tesoura.

— Não adianta — disse Clarisse. — Essa corda parece ferro!

— Só mais alguns minutos!

— Grover — gritou ela, exasperada. — Você está trabalhando nisso há horas!

E então ela me viu.

— *Percy?* — disse Clarisse. — Você devia ter sido explodido!

— Bom ver você também. Agora fique quieta enquanto eu…

— Perrrrrrrcy! — baliu Grover, e se atracou em mim com um abraço de bode. — Você me ouviu! Você veio!

— Sim, parceiro — falei. — É claro que eu vim.

— Onde está Annabeth?

— Lá fora — respondi. — Mas não temos tempo para conversa. Clarisse, fique parada.

Destampei Contracorrente e cortei as cordas. Ela se pôs em pé, rígida, esfregando os pulsos. Olhou-me com raiva por um momento, depois fitou o chão e murmurou: — Obrigada.

— De nada — falei. — Então, havia mais alguém a bordo do seu bote salva-vidas?

Clarisse pareceu surpresa.

— Não. Só eu. Todos os outros a bordo do *Birmingham*… bem, eu nem sabia que vocês tinham escapado.

Uma explosão ecoou pela caverna, seguida por um grito que me fez perceber que poderia ser tarde demais. Era Annabeth gritando de medo.

# QUINZE

Ninguém consegue o velocino

— Eu peguei Ninguém! — exultou Polifemo.

Arrastamo-nos para a entrada da caverna e vimos o ciclope com um sorriso perverso segurando ar vazio no alto. O monstro sacudiu o punho e um boné de beisebol esvoaçou para o chão. Lá estava Annabeth, pendurada pelas pernas, de cabeça para baixo.

— Ah! — disse o ciclope. — Menina invisível detestável! Já tenho a mal-humorada para esposa. Isso quer dizer que você vai ser grelhada com *chutney* de manga!

Annabeth se debateu, mas parecia atordoada. Tinha um corte feio na testa. Seus olhos estavam vidrados.

— Vou pegá-lo — sussurrei para Clarisse. — Nosso navio está na parte de trás da ilha. Você e Grover…

— Claro que não — disseram eles ao mesmo tempo.

Clarisse havia se armado com uma lança de chifre de carneiro, verdadeira peça de colecionador da caverna do ciclope. Grover encontrara um fêmur de carneiro, o que não o deixou muito satisfeito, mas o segurava como um porrete, pronto para atacar.

— Vamos pegá-lo juntos — rosnou Clarisse.

— Sim — disse Grover. Ele então piscou, como se não pudesse acreditar que acabara de concordar com Clarisse.

— Tudo bem — disse eu. — Plano de ataque Macedônia.

Eles assentiram. Tínhamos passado pelos mesmos cursos de treinamento no Acampamento Meio-Sangue. Eles sabiam do que eu estava falando. Iriam dar a volta e se aproximar, um de cada lado, atacando o ciclope pelos flancos enquanto eu atraía sua atenção na frente. Provavelmente, isso significava que iríamos *todos* morrer, e não apenas eu, mas fiquei grato pela ajuda.

Ergui minha espada e gritei:

— Ei, feioso!

O gigante se virou para mim.

— *Mais um?* Quem é você?

— Ponha minha amiga no chão. Fui *eu* quem o insultou.

— *Você* é Ninguém?

— Certo, seu balde fedorento de meleca de nariz! — Aquilo não pareceu tão bom quanto os insultos de Annabeth, mas foi tudo em que pude pensar. — Eu sou Ninguém e me orgulho disso! Agora, coloque-a no chão e venha até aqui. Quero furar seu olho de novo.

— RAAAAR! — urrou ele.

A boa notícia: ele deixou cair Annabeth. A má notícia: ele a deixou cair de cabeça nas pedras, onde ela ficou imóvel como uma boneca de trapos.

A outra má notícia: Polifemo investiu contra mim, meia tonelada de ciclope que eu teria de enfrentar com uma espada muito pequena.

— Por Pan! — Grover atacou pela direita. Arremessou o osso de carneiro, que ricocheteou sem efeito na testa do monstro. Clarisse atacou pela esquerda e apoiou sua lança no chão bem a tempo de o ciclope pisar em cima dela. Ele uivou de dor, e Clarisse se atirou para fora do caminho, para evitar ser pisoteada. Mas o ciclope simplesmente puxou a lança como se fosse uma grande farpa e continuou em minha direção.

Eu avancei com Contracorrente.

O monstro tentou me agarrar. Rolei de lado e lhe dei uma estocada na coxa.

Eu esperava vê-lo se desintegrar, mas o monstro era grande e forte demais.

— Pegue Annabeth! — gritei para Grover.

Ele correu até lá, agarrou o boné de invisibilidade e a levantou do chão enquanto Clarisse e eu tentávamos manter Polifemo distraído.

Tenho de admitir, Clarisse foi valente. Ela investiu contra o ciclope vezes seguidas. Ele esmurrou o chão, tentou pisá-la, agarrá-la, mas ela era rápida demais. E, assim que ela atacava, eu a seguia, furando o monstro no dedão do pé, no tornozelo ou na mão.

Mas não poderíamos continuar com aquilo para sempre. Acabaríamos nos cansando, ou o monstro poderia ter seu lance de sorte. Bastaria uma pancada para nos matar.

Com o canto do olho vi Grover carregando Annabeth pela ponte de corda. Essa não teria sido minha primeira escolha, considerando os carneiros comedores de gente do outro lado, mas, naquele momento, parecia melhor do que o lado do precipício *onde estávamos*, e isso me deu uma ideia.

— Recue! — disse para Clarisse.

Ela rolou enquanto o punho do ciclope esmagava a oliveira ao lado dela.

Corremos para a ponte, Polifemo logo atrás de nós. Ele estava todo cortado e mancava por causa dos muitos ferimentos, mas tudo o que tínhamos feito foi

deixá-lo mais lento e enfurecido.

— Vou moê-los para fazer comida de carneiro! — prometeu. — Mil maldições sobre Ninguém!

— Mais depressa! — disse eu para Clarisse.

Disparamos colina abaixo. A ponte era nossa única chance. Grover acabara de atravessar para o outro lado e estava deitando Annabeth no chão. Tínhamos de passar antes que o gigante nos pegasse.

— Grover! — gritei. — Pegue a faca de Annabeth!

Seus olhos se arregalaram quando ele viu o ciclope atrás de nós, mas balançou a cabeça como se tivesse entendido. Quando Clarisse e eu nos precipitamos pela ponte, Grover começou a cortar as cordas.

O primeiro fio de corda arrebentou com um estalo.

Polifemo pulou atrás de nós, fazendo a ponte oscilar loucamente.

A corda agora já estava metade cortada. Clarisse e eu mergulhamos para a terra firme, aterrissando ao lado de Grover. Num golpe, cortei os fios restantes com minha espada.

A ponte despencou no precipício, e o ciclope uivou… de prazer, pois estava em pé bem ao nosso lado.

— Fracasso! — berrou, felicíssimo. — Ninguém fracassou!

Clarisse e Grover tentaram atacá-lo, mas o monstro os afastou com um tapa, como se fossem moscas.

Minha raiva aumentou. Eu não podia acreditar que tinha chegado até ali, depois de perder Tyson, de sofrer e passar por tanta coisa, apenas para fracassar — detido por um monstro grande e estúpido de saiote azul-bebê feito de smokings. Ninguém iria derrubar meus amigos como moscas daquele jeito! Quer dizer… *ninguém*, não Ninguém. Ah, você sabe o que eu quero dizer!

A força percorreu meu corpo. Ergui a espada e ataquei, esquecendo que estava em irremediável desvantagem. Golpeei o ciclope na barriga. Quando ele se dobrou de dor, eu o atingi no nariz com o punho da espada. Cortei, chutei e bati até que, quando me dei conta, Polifemo estava estatelado de costas no chão, atordoado e gemendo, e eu estava em pé em cima dele, com a ponta da espada pairando sobre o seu olho.

— Uhhhhhhhhhhh — gemeu Polifemo.

— Percy! — arfou Grover. — Como você…

— Por favor, nãããão! — gemeu o ciclope, olhando com tristeza para mim. Seu nariz sangrava. Uma lágrima se formou no canto do olho meio cego. — M-m-meus carneirinhos precisam de mim. Estava só tentando proteger meus carneiros!

Ele começou a soluçar.

Eu vencera. Tudo o que tinha de fazer era fincar a espada — um golpe rápido.

— Mate-o! — berrou Clarisse. — O que está esperando?

O ciclope parecia tão desolado, tão parecido com… com Tyson.

— Ele é um ciclope! — avisou Grover. — Não confie nele! Eu sabia que ele estava certo. Sabia que Annabeth teria dito a mesma coisa.

Mas Polifemo soluçava… e pela primeira vez entrou na minha cabeça o fato de que *ele também* era filho de Poseidon. Como Tyson. Como eu. Como eu poderia simplesmente matá-lo a sangue frio?

— Nós só queremos o Velocino — disse ao monstro. — Você concorda em nos deixar levá-lo?

— Não! — gritou Clarisse. — Mate-o!

O monstro fungou.

— Meu lindo Velocino. Orgulho da minha coleção. Leve-o, ser humano cruel. Leve-o, e parta em paz.

— Vou recuar bem devagar — disse eu ao monstro. — Um movimento em falso…

Polifemo balançou a cabeça como se entendesse.

Dei um passo atrás… e, rápido como uma cobra, Polifemo me deu uma pancada que me jogou na beira do penhasco.

— Mortal insensato! — urrou ele, pondo-se em pé. — Levar o meu Velocino? Rá! Vou comê-lo primeiro.

Ele abriu a boca enorme, e percebi que seus molares podres seriam a última coisa que eu veria na vida.

Então algo passou zunindo por cima da minha cabeça e *bam!*

Uma pedra do tamanho de uma bola de basquete foi parar na garganta de Polifemo — um arremesso perfeito, uma linda cesta de três pontos! O ciclope engasgou, tentando engolir a pílula inesperada. Cambaleou para trás, mas não havia espaço para cambalear. Seu calcanhar escorregou, a beirada do penhasco desmoronou e o grande Polifemo agitou os braços como uma galinha batendo as asas, o que não o ajudou em nada a voar enquanto despencava no abismo.

Eu me virei.

A meio caminho da trilha para a praia, completamente ileso no meio de um rebanho de carneiros assassinos, estava um velho amigo.

— Polifemo mau — disse Tyson. — Nem todos os ciclopes são tão bonzinhos como parecem.

Tyson nos deu uma versão resumida: Arco-Íris, o cavalo-marinho — que aparentemente vinha nos seguindo desde o estreito de Long Island, esperando para brincar com Tyson —, encontrara-o afundando sob os destroços do *Birmingham* e o puxara para um lugar seguro. Ele e Tyson estiveram vasculhando o Mar de Monstros desde então, tentando nos achar, até que Tyson sentiu o cheiro de carneiros e encontrou esta ilha.

Tive vontade de abraçar o grandalhão bobo, só que ele estava no meio dos carneiros assassinos.

— Tyson, graças aos deuses. Annabeth está ferida!

— Você agradece aos deuses porque ela está ferida? — perguntou ele, confuso.

— Não! — Ajoelhei-me ao lado de Annabeth e fiquei nauseado de preocupação com o que vi. O talho na testa dela era pior do que eu imaginara. A linha dos seus cabelos estava empapada de sangue. Sua pele estava pálida, fria e úmida.

Grover e eu trocamos olhares nervosos. Então uma ideia me ocorreu.

— Tyson, o Velocino. Pode ir buscá-lo para mim?

— Qual deles? — disse Tyson, olhando em volta para as centenas de carneiros.

— Na árvore! — disse eu. — O de ouro!

— Ah! Bonito. Sim.

Tyson caminhou pesadamente até lá, tomando cuidado para não pisar os carneiros. Se algum de nós tivesse tentado se aproximar do Velocino, teria sido comido vivo, mas acho que Tyson tinha o mesmo cheiro que Polifemo, porque o rebanho não o incomodou. Apenas se aconchegaram nele e baliram afetuosamente, como se esperassem ganhar guloseimas de carneiro da grande cesta de vime. Tyson estendeu o braço e ergueu o Velocino do seu galho. No mesmo instante as folhas do carvalho ficaram amarelas. Tyson começou a voltar lentamente na minha direção, mas eu gritei: — Não dá tempo! Jogue para cá!

A pele dourada de carneiro saiu voando pelo ar como um Frisbee de pelúcia brilhante. Agarrei-a com um gemido. Era mais pesada do que eu esperava — vinte e cinco ou trinta quilos de preciosa lã de ouro.

Estendi o Velocino sobre Annabeth, cobrindo tudo, menos o rosto, e rezei silenciosamente para todos os deuses em que pude pensar, até os de que não gostava.

*Por favor. Por favor.*

As cores voltaram ao rosto dela. Seus cílios tremeram e se abriram. O corte na testa começou a se fechar. Ela viu Grover e disse, fraca: — Você não… se

casou?

Grover arreganhou um sorriso.

— Não. Meus amigos me convenceram a não fazer isso.

— Annabeth — falei —, fique quieta.

Mas, a despeito de nossos protestos, ela sentou, e notei que o corte em seu rosto estava quase completamente cicatrizado. Ela estava com uma aparência muito melhor. Na verdade, reluzia de saúde, como se alguém lhe tivesse dado uma injeção de brilho.

Nesse meio-tempo, Tyson estava começando a ter problemas com os carneiros.

— Para baixo! — ele lhes disse quando tentaram escalá-lo, procurando comida. Alguns estavam farejando o ar em nossa direção. — Não, carneirinhos. Por aqui! Venham para cá!

Eles obedeceram, mas era óbvio que estavam com fome, e começavam a perceber que Tyson não tinha nenhuma guloseima para eles. Não iriam aguentar muito tempo com tanta carne fresca por perto.

— Temos de ir — disse eu. — Nosso navio está…

O *Vingança da Rainha Ana* estava muito, muito longe. O caminho mais curto seria pelo precipício, e tínhamos acabado de destruir a única ponte. A outra possibilidade era por entre os carneiros.

— Tyson — chamei —, você pode levar o rebanho para o mais longe possível?

— Os carneiros querem comida.

— Eu sei! Eles querem comida humana! Tente afastá-los do caminho. Dê-nos tempo para chegar até a praia. Depois nos encontre lá.

Tyson pareceu indeciso, mas assobiou.

— Venham carneirinhos! Ahn, comida humana por aqui! Ele correu para a campina, os carneiros no seu encalço.

— Mantenha-se enrolada no Velocino — disse a Annabeth. — Só para o caso de você ainda não estar completamente curada. Dá para ficar de pé?

Ela tentou, mas seu rosto ficou pálido de novo.

— Ohh. *Não* completamente curada.

Clarisse abaixou-se ao lado dela e apalpou seu tórax, o que fez Annabeth gemer.

— Costelas quebradas — disse Clarisse. — Estão se recompondo, mas com certeza estão quebradas.

— Como você sabe? — perguntei.

Clarisse me fulminou com o olhar.

— Porque eu já quebrei algumas, nanico! Vou ter de carregá-la.

Antes que eu pudesse discutir, Clarisse ergueu Annabeth como um saco de farinha e a carregou até a praia. Grover e eu fomos atrás.

Assim que chegamos à beira d'água, me concentrei no *Vingança da Rainha Ana*. Ordenei-lhe que levantasse a âncora e se deslocasse até mim. Depois de alguns minutos ansiosos avistei o navio dobrando a extremidade da ilha.

— Chegando! — gritou Tyson. Ele estava aos pulos trilha abaixo para juntar-se a nós, os carneiros cerca de cinquenta metros atrás, balindo de frustração porque o amigo ciclope saíra correndo sem alimentá-los.

— Eles provavelmente não nos seguirão dentro d'água — disse eu aos outros. — Tudo o que temos de fazer é nadar até o navio.

— Com Annabeth nesse estado? — protestou Clarisse.

— Podemos fazer isso — insisti. Eu estava começando a me sentir confiante de novo. Estava de volta ao meu ambiente, o mar. — Depois que chegarmos ao navio, estaremos em segurança.

De novo, nós quase conseguimos.

Tínhamos acabado de atravessar a entrada da ravina quando ouvimos um tremendo rugido e vimos Polifemo, arranhado e esfolado, porém ainda muito vivo, o traje de casamento azul-bebê em farrapos, andando na nossa direção com uma pedra em cada mão.

# DEZESSEIS

Eu afundo com o navio

— E a gente imaginou que o estoque de pedras dele tivesse acabado — resmunguei.

— Saiam nadando! — disse Grover.

Ele e Clarisse mergulharam nas ondas. Annabeth se agarrou ao pescoço de Clarisse e tentou remar com uma das mãos, o Velocino molhado pesando sobre ela.

Mas a atenção do monstro não estava no Velocino.

— Você, jovem ciclope! — rugiu Polifemo. — Traidor da nossa espécie!

Tyson parou.

— Não dê ouvidos a ele! — implorei. — Venha.

Puxei o braço de Tyson, mas era como se estivesse puxando uma montanha. Ele se virou e enfrentou o ciclope mais velho.

— Não sou um traidor.

— Você serve a mortais! — bradou Polifemo. — Seres humanos ladrões!

Polifemo atirou sua primeira pedra. Tyson rebateu-a para o lado com o punho.

— Não sou traidor — disse Tyson. — E você *não* é da minha espécie.

— Morte ou vitória!

Polifemo avançou para as ondas, mas seu pé ainda estava ferido. Ele imediatamente tropeçou e caiu de cara. Aquilo teria sido engraçado, só que ele começou a se levantar, cuspindo água salgada e rosnando.

— Percy! — gritou Clarisse. — Venha!

Eles já estavam quase no navio com o Velocino. Se eu ao menos pudesse manter o monstro distraído mais um pouco…

— Vá — disseme Tyson. — Eu seguro o Grandão Feioso.

— Não! Ele vai matá-lo. — Eu já havia perdido Tyson uma vez. Não ia perdê-lo de novo. — Vamos enfrentá-lo juntos.

— Juntos — concordou Tyson.

Puxei minha espada.

Polifemo avançou cautelosamente, mancando como nunca. Mas não havia nada de errado com seu braço. Ele atirou a segunda pedra. Mergulhei para um lado, mas ainda teria sido esmagado se Tyson não a tivesse arrebentado, transformando-a em cascalho.

Desejei que o mar subisse. Uma onda de seis metros se ergueu, levantando-me na crista. Peguei um jacaré em direção ao ciclope e chutei-o no olho, pulando por cima da cabeça dele enquanto a água o atirava na praia.

— Vou destruí-lo! — bradou Polifemo. — Ladrão de Velocino!

— *Você* roubou o Velocino — gritei. — Você o está usando para atrair sátiros para a morte!

— E daí? Sátiros são boa comida!

— O Velocino deve ser usado para curar! Ele pertence aos filhos dos deuses!

— *Eu* sou um filho dos deuses! — Polifemo tentou me varrer com um golpe, mas eu me desviei para o lado. — Pai Poseidon, amaldiçoe este ladrão! — Ele piscava muito agora, como se mal pudesse enxergar, e percebi que estava se guiando pelo som da minha voz.

— Poseidon não vai me amaldiçoar — falei, recuando enquanto o ciclope agarrava o ar. — Eu também sou seu filho. Ele não vai escolher um favorito.

Polifemo rugiu. Ele arrancou uma oliveira da encosta do penhasco e golpeou com ela o lugar onde eu estava um momento antes.

— Os seres humanos não são mais os mesmos! Maus, trapaceiros, mentirosos!

Grover estava ajudando Annabeth a embarcar no navio. Clarisse acenava freneticamente para mim, me chamando.

Tyson deu a volta, tentando ficar atrás de Polifemo.

— Jovem ciclope! — chamou o ciclope mais velho. — Onde está você? Ajude-me!

Tyson parou.

— Você não foi criado como deveria! — lamuriou-se Polifemo, sacudindo seu porrete de oliveira. — Pobre irmão órfão! Ajude-me!

Ninguém se mexeu. Nenhum som além do oceano e das batidas do meu coração. Então Tyson deu um passo à frente, erguendo as mãos na defensiva.

— Não lute, irmão ciclope. Abaixe a…

Polifemo girou o corpo na direção da voz dele.

— Tyson! — gritei.

A árvore atingiu-o com tamanha força que teria me achatado como uma pizza de Percy com uma porção extra de azeitonas. Tyson voou de costas, cavando uma trincheira na areia. Polifemo avançou atrás dele, mas eu gritei: — Não! — E me atirei o mais longe que pude com Contracorrente. Esperava atingir

Polifemo na parte de trás da coxa, mas consegui pular um pouquinho mais alto.

— Bééééé! — Polifemo baliu exatamente como seus carneiros, e me golpeou com sua árvore.

Eu mergulhei, mas ainda assim uma dúzia de galhos pontudos arranhou minhas costas. Estava sangrando, contundido e exausto. O porquinho-da-índia dentro de mim quis fugir. Mas eu engoli o medo.

Polifemo desferiu outro golpe com a árvore, mas dessa vez eu estava preparado. Agarrei um galho quando ela passou, ignorando a dor nas mãos ao ser jogado para o céu, e deixei o ciclope me erguer no ar. No topo do arco eu me soltei e caí diretamente na cara do gigante — aterrissando com os dois pés no seu olho já machucado.

Polifemo ululou de dor. Tyson se atracou com ele, puxando-o para baixo. Eu caí ao lado deles — espada na mão, à distância de uma estocada no coração do monstro. Mas meus olhos cruzaram os de Tyson e vi que não poderia fazer aquilo. Simplesmente não era certo.

— Largue-o — disse a Tyson. — Corra.

Com um último e enorme esforço, Tyson empurrou o ciclope mais velho, que praguejava, para longe, e nós corremos para as ondas.

— Eu vou esmagá-lo! — berrou Polifemo, dobrando-se de dor. Ele pôs as mãos enormes em concha sobre o olho.

Tyson e eu mergulhamos nas ondas.

— Onde está você? — berrou Polifemo.

Ele pegou o porrete de árvore e lançou-o para a água. Aquilo caiu à nossa direita.

Ordenei a uma corrente que nos carregasse, e começamos a ganhar velocidade. Eu estava começando a pensar que conseguiríamos chegar ao navio quando Clarisse gritou do convés: — Aí, Jackson! Se ferrou, ciclope!

*Cale a boca*, eu quis gritar.

— Rarrrr! — Polifemo pegou uma pedra. Ele a atirou na direção da voz de Clarisse, mas ela não chegou até lá, e por pouco não acertou Tyson e eu.

— Aí, aí! — provocou Clarisse. — Você joga pedras como um fracote! Vou ensiná-lo a tentar se casar comigo, seu idiota!

— Clarisse! — berrei, incapaz de aguentar aquilo. — Cale a boca!

Tarde demais. Polifemo atirou outra pedra, e dessa vez fiquei olhando impotente enquanto ela voava por cima da minha cabeça e acertava o casco do *Vingança da Rainha Ana*.

Você não acreditaria em como um navio pode afundar depressa. O *Vingança da Rainha Ana* rangeu, gemeu e se inclinou para a frente como se fosse descer

por um escorrega de parque de diversões.

Eu praguejei, desejando que o mar nos empurrasse mais depressa, mas os mastros do navio já estavam submergindo.

— Mergulhe! — disse a Tyson.

E enquanto outra pedra voava por cima de nossas cabeças, submergimos.

Meus amigos estavam afundando depressa, tentando nadar, mas sem sorte, na esteira borbulhante dos destroços do navio.

Nem todo o mundo sabe que quando um navio afunda funciona como um ralo de pia, puxando tudo o que está em volta dele para baixo. Clarisse era uma nadadora vigorosa, mas nem ela conseguiu fazer qualquer progresso. Grover agitava freneticamente seus cascos. Annabeth se agarrava ao Velocino, que brilhava na água como uma onda de moedinhas novas.

Eu nadei até eles, sabendo que poderia não ter força para puxar meus amigos para fora. Pior ainda, pedaços de madeira redemoinhavam em volta deles; nenhum dos meus poderes com a água iria ajudar se uma viga acertasse minha cabeça.

*Precisamos de ajuda*, pensei.

*Sim*. A voz de Tyson, alta e clara na minha cabeça.

Olhei para ele, perplexo. Já tinha ouvido nereidas e outros espíritos da água falando comigo embaixo d'água, mas nunca me ocorrera… Tyson era filho de Poseidon. Podíamos nos comunicar.

*Arco-Íris*, disse Tyson.

Fiz que sim, e então fechei os olhos e me concentrei, somando minha voz à de Tyson: *ARCO-ÍRIS! Precisamos de você!*

Formas tremeluziram na escuridão embaixo de nós imediatamente — três cavalos com cauda de peixe, galopando para cima mais rápido que golfinhos. Arco-Íris e seus amigos olharam em nossa direção e pareceram ler nossos pensamentos. Eles se moveram com velocidade para o meio dos destroços e, um momento depois, explodiram para o alto numa nuvem de bolhas — Grover, Annabeth e Clarisse, cada qual agarrado ao pescoço de um cavalo-marinho.

Arco-Íris, o maior, estava com Clarisse. Correu até nós e permitiu que Tyson se agarrasse à sua crina. Seu amigo que trazia Annabeth fez o mesmo comigo.

Chegamos à superfície e nos afastamos depressa da ilha de Polifemo. Atrás de nós, pude ouvir o ciclope rugindo triunfante: — Consegui! Finalmente afundei Ninguém!

Esperei que ele jamais descobrisse que estava errado.

Deslizamos pelo mar enquanto a ilha ia encolhendo, até se transformar em um ponto e depois desaparecer.

— Conseguimos — murmurou Annabeth, exausta. — Nós…

Ela tombou no pescoço do cavalo-marinho e adormeceu instantaneamente.

Eu não sabia até onde os cavalos-marinhos poderiam nos levar. Não sabia aonde estávamos indo. Apenas apoiei Annabeth para que ela não caísse, cobri-a com o Velocino de Ouro que tanto trabalho nos custara e fiz uma oração silenciosa em agradecimento.

O que me lembrou… Eu ainda tinha uma dívida com os deuses.

— Você é um gênio — disse a Annabeth baixinho.

Então encostei a cabeça no Velocino e, antes que percebesse, também estava dormindo.

# DEZESSETE

Uma surpresa nos aguarda em Miami Beach

— Percy, acorde.

Pingos de água salgada em meu rosto. Annabeth estava sacudindo meu ombro.

A distância, o sol se punha atrás da silhueta de uma cidade. Pude ver uma rodovia litorânea ladeada por palmeiras, fachadas de lojas brilhando em neon vermelho e azul, um porto cheio de veleiros e navios de cruzeiro.

— Miami, eu acho — disse Annabeth. — Mas os cavalos-marinhos estão agindo de um jeito engraçado.

Certamente, nossos amigos aquáticos tinham reduzido a velocidade e estavam relinchando e nadando em círculos, farejando a água. Não pareciam felizes. Um deles espirrou. Pude entender o que estavam pensando.

— Aqui é o mais longe que eles podem nos levar — disse eu. — Seres humanos demais. Poluição demais. Teremos de nadar até a praia sozinhos.

Nenhum de nós ficou muito entusiasmado com aquilo, mas agradecemos a Arco-Íris e seus amigos pela carona. Tyson chorou um pouco. Soltou o alforje improvisado que tinha feito, contendo seu conjunto de ferramentas e um par de outras coisas salvas dos destroços do *Birmingham*. Depois abraçou o pescoço de Arco-Íris, deu-lhe uma manga encharcada que colhera na ilha e disse adeus.

Depois que as crinas brancas dos cavalos-marinhos desapareceram no mar, nadamos para a praia. As ondas nos empurraram para a frente e num piscar de olhos estávamos de volta ao mundo mortal. Perambulamos pelos cais dos navios de cruzeiro, abrindo passagem por entre uma multidão que chegava para viagens de férias. Carregadores se ocupavam com carrinhos de bagagem. Taxistas gritavam um para o outro em espanhol e tentavam furar a fila para pegar passageiros. Se alguém reparou em nós — cinco crianças encharcadas e com aparência de quem acaba de lutar com um monstro —, não deixou transparecer.

Agora que estávamos de volta entre mortais, o olho único de Tyson estava velado pela Névoa. Grover enfiara seu boné e os tênis. Até o Velocino se transformara, de uma pele de carneiro em uma jaqueta colegial de couro

vermelha e dourada com um grande ômega reluzente no bolso.

Annabeth correu para a banca de jornais mais próxima e conferiu a data no *Miami Herald*. Ela praguejou.

— Dezoito de junho! Estivemos longe do acampamento por dez dias!

— É impossível! — disse Clarisse.

Mas eu sabia que não era. O tempo passava de um jeito diferente em lugares monstruosos.

— A árvore de Thalia já deve estar quase morta — lamentou-se Grover. — Temos de levar o Velocino para lá *esta noite*!

Clarisse desmoronou na calçada.

— Como vamos fazer isso? — A voz dela tremeu. — Estamos a centenas de quilômetros de distância. Sem dinheiro. Sem transporte. Exatamente como disse o Oráculo. A culpa é *sua*, Jackson! Se você não tivesse se metido…

— Culpa de Percy? — explodiu Annabeth. — Clarisse, como pode dizer isso? Você é a maior…

— Parem com isso! — falei.

Clarisse enfiou a cabeça nas mãos. Annabeth bateu o pé de frustração.

O fato era: eu quase esquecera que aquela missão deveria ser de Clarisse. Por um momento assustador, vi as coisas do ponto de vista dela. Como me sentiria se um bando de outros heróis tivesse se metido e me deixado mal?

Pensei no que tinha ouvido na sala das caldeiras do *Birmingham* — Ares gritando com Clarisse, avisando que era melhor ela não fracassar. Ares pouco se importava com o acampamento, mas se Clarisse manchasse sua reputação…

— Clarisse — disse eu —, o que foi exatamente que o Oráculo lhe disse?

Ela ergueu os olhos. Pensei que fosse gritar comigo, mas em vez disso ela respirou fundo e recitou a profecia: Navegarás com guerreiros de osso em navio de ferro,
O que procuras, hás de encontrar, e teu o tornarás,
Mas sem esperança dirás, minha vida em pedra enterro,
Sem amigos falharás e, voando só, retornarás.

— Ui! — murmurou Grover.

— Não — disse eu. — Não… espere um minuto. Eu entendi.

Vasculhei meus bolsos procurando dinheiro, e não encontrei nada a não ser um dracma de ouro.

— Alguém tem algum dinheiro?

Annabeth e Grover sacudiram a cabeça devagar. Clarisse puxou do bolso um dólar da época da Guerra Civil encharcado e suspirou.

— Dinheiro? — perguntou Tyson, hesitante. — Tipo… papel verde?

Eu olhei para ele. — É.

— Como o que veio nos sacos de viagem?

— É, mas nós perdemos aqueles sacos dias a-t-t…

Gaguejei até parar enquanto Tyson vasculhava seu alforje e tirava de lá um saco ziploc cheio de dinheiro que Hermes incluíra nos nossos suprimentos.

— Tyson! — disse eu. — Como você…

— Pensei que fosse um saco de ração para Arco-Íris — disse ele. — Achei flutuando no mar, mas só tinha papel dentro. Pena.

Ele me entregou a grana. Notas de cinco e dez, pelo menos trezentos dólares.

Corri para o meio-fio e peguei um táxi que acabava de desembarcar uma família de passageiros de um cruzeiro.

— Clarisse — gritei. — Venha. Você vai para o aeroporto. Annabeth, entregue o Velocino a ela.

Não sei muito bem qual das duas pareceu mais perplexa quando tirei a jaqueta-Velocino de Annabeth, enfiei o dinheiro no bolso dela e a coloquei nos braços de Clarisse.

Clarisse disse:

— Você vai me deixar…

— É sua missão — disse eu. — Nós só temos dinheiro suficiente para um voo. Além disso, eu não posso viajar pelo ar. Zeus me explodiria em um milhão de pedaços. É isso o que queria dizer a profecia: você falharia sem amigos, o que significa que precisava de nossa ajuda, mas teria de voar para casa sozinha. Você precisa levar o Velocino em segurança.

Eu podia ver a cabeça dela trabalhando — desconfiada de início, imaginando que truque eu estaria armando, depois, finalmente, concluindo que eu queria mesmo dizer o que tinha dito.

Ela pulou para dentro do táxi.

— Pode contar comigo. Não vou falhar.

— Não falhar seria bom…

O táxi arrancou em uma nuvem de fumaça do escapamento.

O Velocino estava a caminho.

— Percy — disse Annabeth —, aquilo foi tão…

— Generoso? — sugeriu Grover.

— *Maluco* — corrigiu Annabeth. — Você está apostando a vida de todos no acampamento que Clarisse levará o Velocino em segurança para lá esta noite?

— É a missão dela — disse eu. — Ela merece uma chance.

— Percy é legal — disse Tyson.

— Percy é legal *demais* — resmungou Annabeth. Mas eu não pude deixar de pensar que talvez, apenas talvez, ela estivesse um pouco impressionada. De qualquer modo, eu a surpreendera. E isso não era coisa fácil de fazer.

— Vamos — disse aos meus amigos. — Vamos encontrar outro jeito de ir para casa.

Foi então que me virei e encontrei uma ponta de espada na minha garganta.

— Oi, primo — disse Luke. — Bem-vindo de volta aos Estados Unidos.

Seus homens-urso brutamontes surgiram pelos dois lados. Um agarrou Annabeth e Grover pela gola das camisetas. O outro tentou agarrar Tyson, mas Tyson o derrubou em uma pilha de malas e rugiu para Luke.

— Percy — disse Luke calmamente —, diga ao seu gigante para recuar ou mandarei Oreios esmagar a cabeça dos seus amigos uma contra a outra.

Oreios arreganhou um sorriso e ergueu Annabeth e Grover do chão, os dois esperneando e gritando.

— O que você quer, Luke? — rosnei.

Ele sorriu, fazendo ondular a cicatriz no seu rosto.

Fez um gesto em direção à extremidade do cais, e notei o que deveria ter sido óbvio. A maior embarcação no porto era o *Princesa Andrômeda*.

— Ora, Percy — disse Luke. — Eu quero estender minha hospitalidade, é claro.

Os gêmeos ursos nos tocaram para dentro do *Princesa Andrômeda*. Jogaram-nos no convés dianteiro, na frente de uma piscina com fontes borbulhantes que formavam um repuxo no ar. Uma dúzia dos variados capangas de Luke — homens-cobra, lestrigões, semideuses de armadura de batalha — tinha se reunido para nos ver receber um pouco de “hospitalidade”.

— E então, o Velocino, onde está? — perguntou Luke

Ele nos examinou, espetando minha camisa com a ponta da espada, cutucando os jeans de Grover.

— Ei! — gritou Grover. — Há uma pele de bode de verdade aí embaixo!

— Desculpe, velho amigo. — Luke sorriu. — Entregue o Velocino e deixarei você partir de volta à sua, ahn, pequena missão natural.

— Blaa-ha-ha! — protestou Grover. — Raio de velho amigo!

— Talvez vocês não tenham me ouvido. — A voz de Luke era perigosamente calma. — Onde… está… o… Velocino?

— Não está aqui — falei.

Provavelmente, eu não devia ter contado nada a ele, mas era uma boa sensação jogar-lhe a verdade na cara.

— Nós o despachamos na nossa frente. Você se deu mal. Os olhos de Luke se estreitaram.

— Você está mentindo. Você não pode ter… — Seu rosto se avermelhou quando uma horrível possibilidade lhe ocorreu. — Clarisse?

Fiz que sim.

— Você confiou… você deu… — É.

— Agrio!

O gigante urso se encolheu.

— S-sim?

— Vá lá embaixo e prepare meu corcel. Traga-o para o convés. Preciso voar para o aeroporto de Miami, depressa!

— Mas, patrão…

— Faça isso! — berrou Luke. — Ou você vai virar comida de dragão!

O homem-urso engoliu em seco e disparou escada abaixo. Luke ficou andando de um lado para o outro na frente da piscina, praguejando em grego antigo, agarrado em sua espada com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

O restante da tripulação de Luke parecia inquieta. Talvez nunca tivessem visto o patrão tão enlouquecido.

Comecei a pensar… Se eu pudesse usar a raiva de Luke, fazê-lo falar de modo que todos pudessem ouvir como seus planos eram insanos…

Olhei para a piscina, para as fontes borrifando água no ar, criando um arco-íris ao pôr-do-sol. E de repente tive uma ideia.

— Você estava nos usando o tempo todo — disse. — Queria que trouxéssemos o Velocino para você e o poupássemos do esforço de pegá-lo.

Luke fez uma careta.

— É claro, seu idiota! E você estragou tudo!

— Traidor! — Tirei meu último dracma de ouro do bolso e o joguei em Luke. Como eu esperava, ele se esquivou facilmente. A moeda voou para dentro do repuxo de água com as cores do arco-íris.

Esperei que minha prece silenciosa fosse aceita. Pensei de todo o coração: *Ó deusa, aceite minha oferenda*.

— Você enganou todos nós! — gritei para Luke. — Até DIONISO no ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE!

Atrás de Luke, a fonte começou a tremeluzir, mas eu precisava que a atenção de todos estivesse em mim, então destampei Contracorrente.

Luke apenas deu um sorriso sarcástico.

— Não é hora para heroísmos, Percy. Largue sua espadinha insignificante ou vou mandar matá-lo mais cedo, e não mais tarde.

— Quem envenenou a árvore de Thalia, Luke?

— Fui eu, é claro — rosnou ele. — Eu já lhe disse isso. Usei peçonha da velha Píton, diretamente das profundezas do Tártaro.

— Quíron não tem nada a ver com isso?

— Ah! Você sabe que ele nunca faria isso. O velho idiota não teria coragem.

— Chama isso de coragem? Trair seus amigos? Pôr em risco o acampamento inteiro?

Luke ergueu a espada.

— Você não entende nem a metade. Eu ia deixar você levar o Velocino… depois que eu tivesse terminado com ele.

Aquilo me fez hesitar. Por que ele permitiria que eu levasse o Velocino? Devia estar mentindo. Mas eu não podia me permitir perder a atenção dele.

— Você ia curar Cronos — disse eu.

— Sim! A mágica do Velocino teria acelerado dez vezes o processo de recuperação dele. Mas você não vai nos deter, Percy. Você só nos atrasou um pouco.

— Então você envenenou a árvore, traiu Thalia e nos preparou uma armadilha… tudo para ajudar Cronos a destruir os deuses.

Luke rangeu os dentes.

— Você sabe disso! Por que fica me perguntando?

— Porque eu quero que todo o público o ouça.

— *Que* público?

Então seus olhos se estreitaram. Ele olhou para trás, e seus facínoras fizeram o mesmo. Eles engasgaram e recuaram, cambaleando.

Acima da piscina, tremeluzindo na névoa do arco-íris, estava uma visão em mensagem de Íris de Dioniso, Tântalo e o acampamento inteiro no pavilhão-refeitório. Estavam sentados num silêncio perplexo nos assistindo.

— Bem — disse Dioniso ironicamente —, um entretenimento inesperado no jantar.

— Senhor D, você ouviu — falei. — Vocês todos ouviram Luke. O envenenamento da árvore não foi culpa de Quíron.

O senhor D suspirou.

— Acho que não.

— A mensagem de Íris pode ser um truque — sugeriu Tântalo, mas sua

atenção estava dirigida principalmente ao seu *cheeseburger*, que ele tentava encurralar com as duas mãos.

— Infelizmente, não — disse o senhor D, olhando com nojo para Tântalo. — Parece que terei de reintegrar Quíron como diretor de atividades. Acho mesmo que sinto falta dos jogos de *pinochle* do velho cavalo.

Tântalo agarrou o *cheeseburger*. Que não escapuliu para longe. Tântalo o ergueu do prato e olhou para aquilo estupefato, como se fosse o maior diamante do mundo.

— Peguei! — cacarejou ele.

— Não precisamos mais dos seus serviços, Tântalo — anunciou o senhor D.

Tântalo pareceu perplexo.

— O quê? Mas…

— Você pode voltar ao Mundo Inferior. Está despedido.

— Não! Mas… Nãããããããããããão!

Enquanto se dissolvia em névoa, seus dedos apertaram o *cheeseburger*, tentando levá-lo à boca. Mas era tarde demais. Tântalo desapareceu e o *cheeseburger* caiu de volta no prato. Os campistas explodiram em vivas.

Luke urrou de raiva. Golpeou a fonte com a espada e a mensagem de Íris se dissolveu, mas estava feito.

Eu estava me sentindo muito bem comigo mesmo, até que Luke se virou e me lançou um olhar sanguinário.

— Cronos tinha razão, Percy. Você é uma arma pouco confiável. Precisa ser substituído.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas não tive tempo de pensar a respeito. Um de seus homens soprou um apito de bronze, e as portas do convés se abriram violentamente. Mais uma dúzia de guerreiros foi despejada, formando um círculo à nossa volta, as pontas de bronze das lanças na nossa direção.

Luke sorriu para mim.

— Vocês não sairão vivos deste navio.

# DEZOITO

A invasão dos pôneis de festa

— Mano a mano — desafiei Luke. — Do que você tem medo?

Luke franziu o lábio. Os soldados que estavam prestes a nos matar hesitaram, aguardando as ordens dele.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Agrio, o homem-urso, irrompeu no convés levando um cavalo voador. Era o primeiro pégaso preto puro que eu já vira, com as asas de um corvo gigante. A égua pégaso empinou e relinchou. Pude entender seus pensamentos. Ela estava chamando Agrio e Luke de nomes tão feios que Quíron teria lavado seu focinho com sabão para selas.

— Senhor! — bradou Agrio, esquivando-se dos cascos do pégaso. — Seu corcel está pronto!

Luke manteve os olhos fixos em mim.

— Eu lhe disse no último verão, Percy — disse ele. — Você não pode me atrair para uma luta.

— E você continua evitando uma — reparei. — Com medo de que seus guerreiros o vejam ser derrotado?

Luke lançou um olhar para seus homens, e viu que eu o tinha pego numa armadilha. Se ele recuasse, pareceria fraco. Se me enfrentasse, perderia um tempo precioso em sua caçada a Clarisse. De minha parte, o melhor que podia esperar era distraí-lo, dando aos meus amigos oportunidade de escapar. Se alguém pudesse pensar em um plano para tirá-los dali, seria Annabeth. O lado negativo era que eu sabia o quanto Luke era bom em esgrima.

— Vou matá-lo rapidamente — decidiu ele, e ergueu sua arma.

Mordecostas era meio metro mais longa que a minha espada. Sua lâmina reluzia com uma luz maligna cinza e ouro, onde o aço humano fora fundido com o bronze celestial. Eu quase pude sentir a lâmina lutando contra si mesma, como ímãs de pólos opostos amarrados juntos. Não sabia como a lâmina tinha sido feita, mas senti algo trágico. Alguém morrera no processo. Luke assobiou para um dos seus homens, que lhe jogou um escudo redondo de couro e bronze.

Ele me lançou um sorriso maligno.

— Luke — disse Annabeth —, pelo menos dê a ele um escudo.

— Sinto muito, Annabeth — disse ele. — Nesta festa, a gente traz o próprio equipamento.

O escudo era um problema. Lutar com as duas mãos segurando apenas uma espada nos dá mais força, mas lutar com uma das mãos e um escudo nos dá melhor defesa e versatilidade. Há mais movimentos, mais opções, mais maneiras de matar. Pensei em Quíron, que me dissera para ficar no acampamento não importasse a que preço, e aprendesse a lutar. Agora ia pagar por não lhe ter dado ouvidos.

Luke quase me matou na primeira investida. Sua espada passou embaixo do meu braço, rasgando minha camisa e roçando minhas costelas.

Pulei para trás, contra-ataquei com Contracorrente, mas Luke desviou minha lâmina com o escudo.

— Ora, Percy — caçoou —, você está fora de forma.

Ele avançou de novo com um golpe na altura da minha cabeça. Eu me defendi e devolvi com uma estocada. Ele desviou facilmente para o lado.

O corte nas minhas costelas doía. Meu coração estava disparado. Quando Luke investiu de novo, pulei para trás, para dentro da piscina, e senti uma explosão de força. Girei embaixo d'água, criando um turbilhão que emergiu da parte mais funda, explodindo diretamente na cara de Luke.

A força da água o derrubou, o fez cuspir, sem enxergar. Mas, antes que eu pudesse atacar, ele rolou de lado e se pôs de pé novamente.

Ataquei e cortei fora a beira de seu escudo, mas aquilo não o intimidou. Ele se agachou e investiu contra as minhas pernas. De repente minha coxa ficou em fogo, com uma dor tão intensa que desabei. Meus jeans estavam rasgados acima do joelho. Eu estava ferido. Não sabia com que gravidade. Luke deu um golpe para baixo e eu rolei para trás de uma espreguiçadeira. Tentei me levantar, mas minha perna não suportava o peso.

— Perrrrrrcy! — baliu Grover.

Rolei de novo quando a espada de Luke partiu a espreguiçadeira ao meio, com os tubos de metal e tudo.

Arrastei-me em direção à piscina, tentando desesperadamente não desmaiar. Eu nunca conseguiria. Luke sabia disso. Ele avançou devagar, sorrindo. O fio de sua espada estava tingido de vermelho.

— Uma coisa que eu quero que você veja antes de morrer, Percy. — Ele olhou para o homem-urso Oreios, que ainda estava segurando Annabeth e Grover pelo pescoço. — Você pode comer o seu jantar agora, Oreios. *Bon appetit*.

— He-he! He-he! — O homem-urso ergueu meus amigos e mostrou os dentes.

Foi quando o Hades inteiro foi libertado.

*Zummm!*

Uma flecha com penas vermelhas brotou na boca de Oreios. Com uma expressão surpresa na cara peluda, ele desmoronou no convés.

— Irmão! — gemeu Agrio.

Ele afrouxou as rédeas do pégaso apenas por tempo suficiente para o corcel negro escoiceá-lo na cabeça e escapar voando, livre, sobre a baía de Miami.

Por uma fração de segundo os guardas de Luke ficaram atordoados demais para fazer qualquer coisa a não ser olhar para os corpos dos gêmeos ursos se dissolvendo em fumaça.

Então se ouviu um coro selvagem de brados de guerra e um estrépito de cascos contra metal. Uma dúzia de centauros irrompeu da escadaria principal.

— Pôneis! — exclamou Tyson, empolgado.

Minha cabeça teve dificuldade de processar tudo o que vi. Quíron estava no meio da multidão, mas seus parentes não pareciam quase nada com ele. Eram centauros com corpo de garanhões árabes, outros com pelo dourado de palomino, outros com manchas laranja e brancas como *paint horses*. Alguns usavam camisetas de cores vivas com letras fosforescentes que diziam PÔNEIS DE FESTA: DIVISÃO DO SUL DA FLÓRIDA. Alguns estavam armados com arcos, alguns com bastões de beisebol, alguns com pistolas de *paintball*. Um tinha a cara pintada como um guerreiro comanche e agitava uma enorme mão de isopor mostrando um grande Número 1. Outro estava de peito nu e inteiramente pintado de verde. Um terceiro usava óculos com olhos vesgos presos a molas, balançando para cima e para baixo, e um daqueles bonés de beisebol que têm latas de refrigerante com canudinhos penduradas dos dois lados.

Eles estouraram no convés com tamanha ferocidade e tanto colorido que por um momento até Luke ficou atordoado. Eu não sabia dizer se eles tinham chegado para comemorar ou atacar.

Tudo levava a crer que as duas coisas. Enquanto Luke erguia sua espada para convocar as tropas, um centauro disparou uma flecha diferenciada, com uma luva de boxe na ponta. Ela atingiu Luke na cara e o mandou para dentro da piscina.

Seus guerreiros se espalharam por todos os lados. Eu não podia culpá-los. Enfrentar os cascos de um garanhão empinado já é bastante assustador, mas sendo ele um centauro, armado com um arco e aos gritos, usando um chapéu com latas de refrigerante, até o mais bravo dos guerreiros bateria em retirada.

— Venham, acertem alguns! — gritou um dos pôneis de festa.

Eles mandaram ver com suas pistolas de *paintball*. Uma onda de azul e

amarelo explodiu contra os guerreiros de Luke, cegando-os e emporcalhando-os da cabeça aos pés. Eles tentaram correr, apenas para escorregar e cair.

Quíron galopou até Annabeth e Grover, pegou-os com facilidade do convés e os colocou nas costas.

Tentei me levantar, mas minha perna ferida ainda parecia estar em fogo.

Luke se arrastava para fora da piscina.

— Ataquem, seus idiotas! — ordenou às suas tropas.

Em algum lugar sob o convés um grande sino bateu.

Eu sabia que a qualquer segundo seríamos esmagados pelos reforços de Luke. Seus guerreiros já estavam se recuperando da surpresa, avançando para os centauros com espadas e lanças erguidas.

Tyson jogou meia dúzia de lado com um tabefe, derrubando-os por cima da amurada na baía de Miami. Porém mais guerreiros vinham subindo pelas escadas.

— Irmãos, retirar! — disse Quíron.

— Você não vai escapar dessa impune, homem-cavalo! — berrou Luke.

Ele ergueu a espada, mas levou um murro na cara em outra flechada de luva de boxe, e caiu sentado numa espreguiçadeira.

Um centauro palomino me içou para seu lombo.

— Cara, chame seu amigo grandalhão!

— Tyson! — gritei. — Venha!

Tyson largou os dois guerreiros que estava prestes a amarrar em um nó e correu atrás de nós. Ele pulou para o lombo do centauro.

— Cara! — gemeu o centauro, quase cedendo sob o peso de Tyson. — As palavras “dieta de baixo carboidrato” significam alguma coisa para você?

Os guerreiros de Luke estavam se organizando em uma falange. Mas quando estavam prontos para avançar os centauros já tinham galopado para a beirada do convés e pulado sem medo por cima da amurada, como se aquilo fosse uma corrida de obstáculos e não dez andares acima do chão. Tive certeza de que íamos morrer. Despencamos para o cais, mas os centauros atingiram o asfalto praticamente sem um solavanco sequer e saíram galopando, bradando entusiasmados e gritando provocações para o *Princesa Andrômeda* enquanto galopávamos para as ruas do centro de Miami.

Não tenho ideia do que os moradores de Miami pensaram quando passamos galopando.

Ruas e edifícios começaram a se tornar indistintos enquanto os centauros

ganhavam velocidade. A sensação era de que o espaço estava se compactando — como se cada passo de centauro nos levasse por quilômetros e quilômetros. Num piscar de olhos, deixamos a cidade para trás. Disparamos por campos pantanosos, capim alto, lagos e árvores anãs.

Finalmente, estávamos em um acampamento de trailers à beira de um lago. Os trailers eram todos puxados por cavalos, incrementados com televisores, minigeladeiras e mosquiteiros. Era um acampamento de centauros.

— Cara! — disse um pônei de festa enquanto descarregava seu equipamento. — Você viu aquele sujeito urso? Parecia que estava dizendo: “Epa! Tem uma flecha na minha boca!”

O centauro com os óculos de olhos vesgos riu.

— Aquilo foi fantástico! Trombada de cabeça!

Os dois centauros investiram um contra o outro com força total e bateram as cabeças, depois saíram cambaleando um para cada lado, com sorrisos bobos na cara.

Quíron suspirou. Pôs Annabeth e Grover sobre uma toalha de piquenique ao meu lado.

— Preferiria que meus primos não batessem as cabeças. Eles não têm neurônios sobrando.

— Quíron — disse eu, ainda surpreso com o fato de ele estar ali. — Você nos salvou.

Ele me deu um sorriso seco.

— Bem, eu não poderia deixar que morressem, especialmente por terem limpado meu nome.

— Mas como sabia onde estávamos? — perguntou Annabeth.

— Planejamento avançado, minha querida. Eu calculei que vocês seriam trazidos pelas águas para perto de Miami, se conseguissem sair do Mar de Monstros vivos. Quase tudo o que é esquisito é trazido para Miami pelas águas.

— Puxa, obrigado — murmurou Grover.

— Não, não — disse Quíron. — Eu não quis dizer… Ah, não importa! Eu *estou* contente em vê-lo, meu jovem sátiro. A questão é que consegui bisbilhotar a mensagem de Íris de Percy e rastrear o sinal. Íris e eu somos amigos há séculos. Pedia a ela que me alertasse sobre quaisquer comunicações importantes nesta área. Então não foi preciso grande esforço para convencer meus primos a vir em sua ajuda. Como veem, nós, centauros, somos capazes de nos deslocar bem depressa quando queremos. Nossa noção de distância é diferente da dos seres humanos.

Olhei para a fogueira, onde três pôneis de festa ensinavam Tyson a usar uma

pistola de *paintball*. Torci para que soubessem no que estavam se metendo.

— Então, e agora? — perguntei a Quíron. — Simplesmente deixamos Luke ir embora? Ele está com Cronos a bordo daquele navio. Ou partes dele, de qualquer modo.

Quíron se ajoelhou, dobrando cuidadosamente as pernas dianteiras embaixo de si. Abriu a bolsa de remédios em seu cinto e começou a tratar meus ferimentos.

— Infelizmente, Percy, aconteceu hoje uma espécie de empate. Nós não tínhamos vantagem numérica para tomar aquele navio. E Luke não estava suficientemente organizado para nos perseguir. Ninguém venceu.

— Mas nós temos o Velocino! — disse Annabeth. — Clarisse está agora mesmo voltando com ele para o acampamento.

Quíron assentiu, embora ainda parecesse inquieto.

— Vocês todos são heróis de verdade. E assim que deixarmos Percy em condições, vocês devem voltar ao Acampamento Meio-Sangue. Os centauros poderão levá-los.

— Você também vem? — perguntei.

— Ah, sim, Percy! Ficarei aliviado em ir para casa. Os meus irmãos aqui simplesmente não apreciam a música de Dean Martin. Além disso, preciso trocar algumas palavras com o senhor D. Temos o restante do verão para planejar. Muito treinamento para fazer. E eu quero ver… estou curioso a respeito do Velocino.

Eu não sabia exatamente o que ele queria dizer, mas aquilo me deixou preocupado com o que Luke dissera: *Eu ia deixar você levar o Velocino… depois que eu tivesse terminado com ele*.

Ele estaria simplesmente mentindo? Eu aprendera com Cronos que sempre há um plano dentro de um plano. O senhor titã não era chamado de O Tortuoso à toa. Tinha meios de conseguir que as pessoas fizessem o que ele queria sem sequer se darem conta das verdadeiras intenções dele.

Junto à fogueira, Tyson estava à vontade com sua pistola de *paintball*. Um projétil azul explodiu contra um dos centauros, arremessando-o de costas para dentro do lago. O centauro saiu sorrindo, coberto de lama do pântano e tinta azul, e com as duas mãos fez sinal de positivo para Tyson.

— Annabeth — disse Quíron —, quem sabe você e Grover poderiam ir tomar conta de Tyson e dos meus primos antes que eles, ahn, ensinem maus hábitos demais um ao outro?

Annabeth olhou-o nos olhos. Houve algum tipo de entendimento entre eles.

— Claro, Quíron — disse Annabeth. — Venha, garoto-bode.

— Mas eu não gosto de *paintball*.

— Sim, você gosta. — Ela pôs Grover sobre seus cascos e o levou em direção à fogueira.

Quíron acabou de enfaixar minha perna.

— Percy, tive uma conversa com Annabeth a caminho daqui. Uma conversa sobre a profecia.

O-oh, pensei.

— Não foi culpa dela — disse eu. — Eu a fiz contar.

Seus olhos pestanejaram com irritação. Tinha certeza de que ele iria me dar uma bronca, mas então seu olhar demonstrou cansaço.

— Acho que não poderia mantê-la em segredo para sempre.

— Então sou mesmo *eu* na profecia?

Quíron enfiou as ataduras de volta na bolsa.

— Eu gostaria de saber, Percy. Você ainda não tem dezesseis anos. Por ora, devemos simplesmente treiná-lo o melhor possível, e deixar o futuro para as Parcas.

As Parcas. Eu não pensava naquelas velhas senhoras fazia um bom tempo, mas assim que Quíron as mencionou, a ficha caiu em minha cabeça.

— É isso que aquilo significava.

Quíron franziu o cenho.

— É isso que *o quê* significava?

— No último verão. O agouro das Parcas quando as vi arrebentar a linha da vida de alguém. Pensei que significasse que eu ia morrer imediatamente, mas é pior que isso. Tem algo a ver com sua profecia. A morte que elas previram… vai acontecer quando eu tiver dezesseis anos.

A cauda de Quíron varreu nervosamente a grama.

— Meu menino, você não pode ter certeza disso. Nós nem sabemos se a profecia é sobre você.

— Mas não existe nenhum outro filho meio-sangue dos Três Grandes!

— Que nós saibamos.

— E Cronos está retornando. Ele vai destruir o Monte Olimpo!

— Ele vai tentar — concordou Quíron. — E a civilização ocidental junto, se não o detivermos. Mas nós *vamos* detê-lo. Você não estará sozinho nessa luta.

Eu sabia que ele estava tentando me fazer sentir melhor, mas me lembrei do que Annabeth contara. Caberia a um só herói. Uma decisão que iria salvar ou destruir o Ocidente. E eu tinha certeza de que as Parcas me deram algum tipo de aviso sobre isso. Algo terrível iria acontecer, ou para mim ou para alguém

próximo de mim.

— Eu sou apenas uma *criança*, Quíron — disse eu, sem forças. — De que adianta um heroizinho de nada contra uma coisa como Cronos?

Quíron conseguiu sorrir.

— “De que adianta um heroizinho de nada?”, Joshua Lawrence Chamberlain me disse algo parecido certa vez, pouco antes de, sozinho, mudar o curso da Guerra Civil.

Ele puxou uma flecha de sua aljava e girou a ponta afiada como navalha de um jeito que a fez brilhar à luz da fogueira.

— Bronze celestial, Percy. Uma arma imortal. O que aconteceria se você disparasse isto contra um ser humano?

— Nada — disse eu. — Passaria através dele.

— Certo — disse ele. — Os seres humanos não existem no mesmo nível que os imortais. Eles não podem nem mesmo ser feridos pelas nossas armas. Mas você, Percy… você é parte deus, parte humano. Vive em ambos os mundos. Pode ser ferido por ambos, e pode influenciar ambos. É *isso* que torna os heróis tão especiais. Você transporta as esperanças da humanidade para a esfera do eterno. Os monstros nunca morrem. Eles renascem do caos e do barbarismo que sempre fermentam embaixo da civilização, o próprio material que torna Cronos mais forte. Precisam ser derrotados de novo, e de novo, mantidos encurralados. Os heróis personificam essa luta. Você enfrenta as batalhas que a humanidade precisa vencer, a cada geração, a fim de continuar sendo humana. Entende?

— Eu… eu não sei.

— Você precisa tentar, Percy. Porque, seja você ou não a criança da profecia, Cronos acha que você pode ser. E, depois de hoje, ele finalmente desistirá de levá-lo para o lado dele. *Essa* é a única razão de ele ainda não tê-lo matado, você sabe. Assim que ele tiver certeza de que não poderá usá-lo, irá destruí-lo.

— Você fala como se o conhecesse.

Quíron franziu os lábios.

— Mas eu o conheço.

Olhei para ele. Eu às vezes me esquecia de como Quíron era velho. — É por isso que o senhor D culpou você quando a árvore foi envenenada? Por isso disse que algumas pessoas não confiam em você?

— Sem dúvida.

— Mas, Quíron… Quer dizer, ora vamos! Por que eles haveriam de pensar que você iria trair o acampamento por Cronos?

Os olhos de Quíron eram de um castanho profundo, cheios de milhares de anos de tristeza.

— Percy, lembre-se de seu treinamento. Lembre-se dos estudos de mitologia. Qual é a minha conexão com o senhor titã?

Tentei pensar, mas minha mitologia sempre foi toda confusa. Mesmo ali, quando ela era tão real, tão importante para minha vida, eu tinha problemas em guardar direito todos os nomes e os fatos. Sacudi a cabeça.

— Você, ahn, deve a Cronos algum favor ou coisa assim? Ele poupou sua vida?

— Percy — disse Quíron, a voz inimaginavelmente suave. — O titã Cronos é meu pai.

# DEZENOVE

A corrida de carruagens termina com uma explosão

Chegamos a Long Island logo depois de Clarisse, graças à capacidade de deslocamento dos centauros. Cavalguei no lombo de Quíron, mas não conversamos muito, especialmente sobre Cronos. Eu sabia que tinha sido difícil para ele me contar. Não queria pressioná-lo com mais perguntas. Quer dizer, eu conheci uma grande quantidade de parentes embaraçosos, mas, Cronos, o maligno senhor titã que queria destruir a civilização ocidental? Não era o tipo de pai que a gente convida para a escola no "dia da profissão".

Quando chegamos ao acampamento, os centauros estavam ansiosos por conhecer Dioniso. Tinham ouvido falar que ele promovia festas insanas, mas ficaram desapontados. O deus do vinho não estava com disposição para celebrar quando o acampamento inteiro se reuniu no topo da Colina Meio-Sangue.

O acampamento acabara de passar por duas semanas difíceis. O chalé de artes e ofícios fora totalmente queimado no ataque de um *Draco Aionius* (que, até onde pude imaginar, é um nome latino para "enorme lagarto que faz as coisas irem pelos ares"). Os quartos da Casa Grande estavam transbordando de feridos. As crianças do chalé de Apolo, que eram os melhores curandeiros, estiveram trabalhando horas a fio nos primeiros socorros. Todos pareciam exaustos e maltratados quando nos amontoamos em volta da árvore de Thalia.

No momento em que Clarisse pendurou o Velocino de Ouro no galho mais baixo, o luar pareceu clarear, passando de cinzento para um prata-claro. Uma brisa fresca sussurrou entre os galhos e fez o capim ondular até o vale. Tudo entrou em um foco mais nítido — a luz dos vaga-lumes nos bosques, o aroma dos campos de morangos, o som das ondas na praia.

Aos poucos, as agulhas do pinheiro começaram a esverdear, perdendo o tom marrom.

Todos vibraram. Estava acontecendo devagar, mas não havia dúvida — a mágica do Velocino penetrava na árvore, enchendo-a com uma força nova e expelindo o veneno.

Quíron ordenou vigia vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, no

topo da colina, pelo menos até que pudesse arranjar um monstro apropriado para proteger o Velocino. Disse que publicaria um anúncio no *Semanário do Olimpo* imediatamente.

Nesse meio-tempo, Clarisse foi carregada nos ombros por seus companheiros de chalé até o anfiteatro, onde foi homenageada com uma coroa de louros e muita comemoração em volta da fogueira.

Ninguém deu a menor atenção a Annabeth ou a mim. Era como se nunca tivéssemos partido. Acho que era o melhor agradecimento que poderíamos receber, porque, se admitissem que tínhamos escapulido furtivamente do acampamento para realizar a missão, teriam de nos expulsar. E, na verdade, eu não queria mesmo mais nenhuma atenção. Era boa a sensação de ser apenas um dos campistas, para variar.

Mais tarde, naquela noite, quando estávamos assando guloseimas e ouvindo os irmãos Stoll nos contarem uma história de fantasmas sobre um rei perverso que fora comido vivo por doces demoníacos no café da manhã, Clarisse me empurrou por trás e sussurrou ao meu ouvido:

— Não é porque você foi legal uma vez, Jackson, que está fora de perigo com Ares. Ainda estou esperando a oportunidade certa para transformá-lo em pó.

Dei-lhe um sorriso de má vontade.

— O quê? — perguntou ela.

— Nada — disse eu. — É bom estar em casa.

Na manhã seguinte, depois que os pôneis de festa partiram de volta para a Flórida, Quíron fez um aviso de surpresa: as corridas de bigas seriam realizadas conforme programado. Todos tínhamos imaginado que elas ficariam para trás, já que Tântalo se fora, mas completá-las parecia ser a coisa certa a fazer, especialmente agora que Quíron estava de volta e o acampamento estava seguro.

Tyson não ficou muito entusiasmado com a ideia de entrar novamente numa biga depois da nossa primeira experiência, e ficou feliz em deixar que eu formasse uma equipe com Annabeth. Eu conduziria, Annabeth defenderia e Tyson atuaria como nosso mecânico de *pit-stop*. Enquanto eu trabalhava com os cavalos, Tyson consertou a carruagem de Atena e acrescentou todo um pacote de modificações especiais.

Passamos os dois dias seguintes treinando como loucos. Annabeth e eu concordamos que, caso vencêssemos, o prêmio de nenhum trabalho na cozinha durante um mês inteiro seria dividido entre nossos dois chalés. Como Atena tinha mais campistas, teria a maior parte da folga, o que, por mim, estava o.k. Eu

não me importava com o prêmio. Só queria vencer.

Na noite anterior à corrida, fiquei acordado até tarde nos estábulos. Estava conversando com nossos cavalos, dando-lhes as instruções finais, quando alguém bem atrás de mim disse:

— Belos animais, os cavalos. Gostaria de ter pensado neles.

Um cara de meia-idade em uniforme dos correios estava encostado na porta do estábulo. Era magro, com cabelo preto encaracolado embaixo do elmo branco, e carregava um malote postal pendurado no ombro.

— Hermes? — gaguejei.

— Olá, Percy. Não me reconheceu sem as roupas de corrida?

— Ahn… — Eu não sabia muito bem se deveria me ajoelhar, comprar selos ou o quê. Então me ocorreu por que ele devia estar ali. — Ah!, escute, senhor Hermes, quanto a Luke…

O deus arqueou as sobrancelhas.

— Ahn, nós o vimos, tudo bem — disse eu —, mas…

— Vocês não conseguiram fazê-lo ouvir a voz da razão?

— Bem, nós tentamos nos trucidar mutuamente em um duelo até a morte.

— Entendo. Você tentou a aproximação diplomática.

— Sinto muito mesmo. Quer dizer, você nos deu aqueles presentes impressionantes e tudo. E eu sei que você queria que Luke voltasse. Mas… ele se tornou mau. Mau *mesmo*, pra valer. Ele disse que tem a sensação de que você o abandonou.

Esperei Hermes ficar furioso. Imaginei que ele me transformaria em um *hamster* ou coisa assim, e eu *não* tinha a menor vontade de ser de novo um roedor.

Em vez disso, ele apenas suspirou.

— *Você* já teve a impressão de que seu pai o abandonou, Percy?

Ai, ai, ai.

Tive vontade de dizer: “Só algumas centenas de vezes por dia.” Eu não falava com Poseidon desde o último verão. Nunca estivera sequer em seu palácio submarino. E também havia toda aquela coisa com Tyson — nenhum aviso, nenhuma explicação. Simples mente, *bum*! Você tem um irmão. É de se imaginar que uma pessoa mereça uma ligadinha para avisar, ou coisa assim.

Quanto mais eu pensava nisso, mais zangado ficava. Percebi que realmente *queria* reconhecimento pela missão que completara, mas não dos outros campistas. Queria que meu pai dissesse alguma coisa. Que reparasse em mim.

Hermes acomodou melhor o malote no ombro.

— Percy, a parte mais difícil de ser um deus é que você, muitas vezes, precisa agir indiretamente, em especial quando se trata dos próprios filhos. Se fôssemos interferir todas as vezes em que os nossos filhos têm um problema… bem, isso só iria criar mais problemas e mais ressentimento. Mas eu acredito que se você pensar um pouco nisso verá que Poseidon tem prestado atenção em você. Ele respondeu às suas preces. Posso apenas esperar que algum dia Luke também perceba isso em relação a mim. Quer você ache que teve sucesso, quer não, lembrou a Luke quem era ele. Você falou com ele.

— Eu tentei matá-lo.

Hermes encolheu os ombros.

— Famílias são complicadas. Famílias imortais são eternamente complicadas. Às vezes, o melhor que podemos fazer é lembrar um ao outro que somos aparentados, aconteça o que acontecer… e tentar limitar ao mínimo as mortes e mutilações.

Aquilo não pareceu exatamente uma receita para a família perfeita. Mas, por outro lado, pensando na minha missão, percebi que talvez Hermes estivesse certo. Poseidon enviara os cavalos-marinhos para nos ajudar. Ele me dera poderes sobre o mar de que nunca ouvira falar antes. E havia Tyson. Será que Poseidon nos pusera juntos de propósito? Quantas vezes Tyson salvara minha vida naquele verão?

A distância, soou a trombeta de concha, anunciando a hora de recolher.

— Você precisa ir para a cama — disse Hermes. — Eu já o ajudei a se meter em encrencas suficientes este verão. Na verdade, só vim para fazer esta entrega.

— Uma entrega?

— Eu *sou* o mensageiro dos deuses, Percy. — Ele tirou um aparelho de protocolo eletrônico de sua mala postal e entregou para mim. — Assine aqui, por favor.

Peguei a caneta do aparelho antes de perceber que nela havia um par de minúsculas serpentes verdes entrelaçadas.

— Ah! — Deixei a caneta cair.

*Ai!*, disse George.

*Realmente, Percy*, ralhou Martha. *Você gostaria de ser derrubado no chão de um estábulo?*

— Ah!, ahn, desculpe.

Eu não gostava muito de tocar em serpentes, mas peguei de novo o aparelho e a caneta. Martha e George se retorceram embaixo dos meus dedos formando uma espécie de apoio para lápis, como os que meu professor de educação especial me fazia usar na segunda série.

*Você me trouxe um rato?*, perguntou George.

— Não… — disse eu. — Nós, ahn, não encontramos nenhum. *E um porquinho-da-índia?*

*George!*, repreendeu Martha. *Não provoque o menino*.

Assinei e devolvi o aparelho para Hermes.

Em troca, ele me entregou um envelope azul-mar.

Meus dedos tremeram. Mesmo antes de abrir, percebi que era do meu pai. Pude sentir seu poder no papel azul frio, como se o próprio envelope tivesse sido dobrado com uma onda do oceano.

— Boa sorte amanhã — disse Hermes. — É uma bela parelha de cavalos que você tem ali, mas vai ter de me desculpar se eu torcer pelo chalé de Hermes.

*E não fique desanimado demais depois de ler isto, meu querido*, disse Martha. *Ele de fato se preocupa com você*.

— O que você quer dizer? — perguntei.

*Não ligue para ela*, disse George. *E da próxima vez, lembre-se, as serpentes trabalham por gorjetas.*

— Já basta, vocês dois — disse Hermes. — Adeus, Percy. Por enquanto.

Pequenas asas brancas brotaram em seu elmo. Ele começou a brilhar, e eu sabia o bastante sobre os deuses para desviar os olhos antes que ele revelasse sua verdadeira forma divina. Com um brilhante clarão branco, ele se foi, e fiquei sozinho com os cavalos.

Olhei para o envelope azul em minhas mãos. Estava endereçado em uma caligrafia forte, mas elegante, que eu já vira uma vez, em um pacote que Poseidon me enviara no último verão.

***a/c Percy Jackson***
***Acampamento Meio-Sangue***
***Farm Road, 3.141***
***Long Island, Nova York, 11954***

Uma carta de verdade do meu pai. Talvez ele dissesse que eu tinha feito um bom trabalho ao conseguir o Velocino. Explicasse a respeito de Tyson, ou pedisse desculpas por não ter falado comigo antes. Havia tantas coisas que eu gostaria que estivessem naquela carta.

Abri o envelope e desdobrei o papel.

Era simples o que estava escrito no meio da página:

***Prepare-se***

Na manhã seguinte, estava todo mundo aos cochichos sobre a corrida de bigas, embora ficassem olhando nervosamente para o céu como se esperassem ver pássaros de Estinfália se reunindo. Não apareceu nenhum. Era um lindo dia de verão, com céu azul e muito sol. O acampamento começava a ter a aparência que deveria: as campinas estavam verdes e luxuriantes; as colunas brancas reluziam nos edifícios gregos; dríades brincavam alegres nos bosques.

E eu me sentia infeliz. Ficara acordado a noite inteira, pensando no aviso de Poseidon.

*Prepare-se*.

Quer dizer, ele se dá ao trabalho de escrever uma carta e escreve apenas aquilo?

Martha, a serpente, me dissera para não ficar desapontado. Talvez Poseidon tivesse uma razão para ser tão vago. Talvez não soubesse exatamente sobre o que estava me advertindo, mas sentisse que algo grandioso estava prestes a acontecer — algo que poderia me deixar completamente arrasado, a não ser que estivesse preparado. Foi difícil, mas tentei voltar meus pensamentos para a corrida.

Enquanto Annabeth e eu nos encaminhávamos para a pista, não pude deixar de admirar o trabalho que Tyson fizera na biga de Atena. A carruagem reluzia com seus reforços de bronze. As rodas tinham sido realinhadas com uma suspensão mágica e assim deslizávamos sem um solavanco sequer. O arreamento dos cavalos estava tão perfeitamente equilibrado que a parelha virava ao mais leve puxão nas rédeas.

Tyson fizera dois dardos para nós, cada qual com três botões no cabo. O primeiro botão preparava o dardo para explodir com o impacto, liberando um arame farpado que se embaraçaria nas rodas de um oponente e as despedaçaria. O segundo botão produzia uma ponta de bronze rombuda (mas ainda assim muito dolorosa) projetada para derrubar o auriga. O terceiro botão produziria um arpéu que poderia ser usado para travar a carruagem do inimigo ou empurrá-la para longe.

Calculei que estávamos em excelente condição para a corrida, mas Tyson assim mesmo me advertiu para ser cuidadoso. As equipes das outras carruagens tinham truques à beça para puxar dos seus mantos.

— Aqui — disse ele pouco antes de começar a corrida.

Ele me entregou um relógio de pulso. Não havia nele nada de especial — apenas um mostrador branco e prata e uma pulseira de couro preto —, mas assim que o vi percebi que era naquilo que eu o vira trabalhar durante todo o verão.

Normalmente não uso relógio. Que importância tem saber as horas? Mas não podia dizer não a Tyson.

— Obrigado, parceiro. — Coloquei-o no pulso e descobri que era surpreendentemente leve e confortável. Eu mal sentia que o estava usando.

— Não consegui terminá-lo em tempo para a viagem — murmurou Tyson. — Desculpe, desculpe.

— Ei, cara. Não é importante.

— Se precisar de proteção na corrida — aconselhou ele —, aperte o botão.

— Ah, legal! — Não vi como a hora certa poderia ajudar grande coisa, mas fiquei comovido por Tyson ter se preocupado. Prometi a ele que me lembraria do relógio. — E… ei, ahn, Tyson…

Ele olhou para mim.

— Eu queria dizer, bem…

Tentei imaginar como me desculpar por ter sentido vergonha dele antes da missão, por ter dito a todos que ele não era meu irmão de verdade. Não foi fácil encontrar as palavras.

— Eu sei o que você vai me dizer — disse Tyson, parecendo encabulado. — Poseidon, no fim das contas, se preocupava comigo.

— Ahn, bem…

— Ele mandou você para me ajudar. Exatamente o que eu pedi. Eu pisquei.

— Você pediu… *a mim* para Poseidon?

— Pedi um amigo — disse Tyson, torcendo a camisa nas mãos. — Os jovens ciclopes crescem sozinhos nas ruas, aprendem a fazer coisas com sucata. Aprendem a sobreviver.

— Mas isso é tão cruel!

Ele sacudiu a cabeça com decisão.

— Isso nos faz apreciar nossas bênçãos, não ser gananciosos, maus e gordos como Polifemo. Mas eu ficava com medo. Os monstros me perseguiram tanto, às vezes me machucavam com suas garras…

— As cicatrizes nas suas costas?

Uma lágrima surgiu no olho dele.

— A esfinge da rua Setenta e Dois. Grande encrenqueira. Pedi ajuda ao papai. Logo o pessoal de Meriwether me encontrou. Conheci você. A maior bênção de todas. Sinto por ter dito que Poseidon era mau. Ele me mandou um irmão.

Olhei para o relógio que Tyson me dera.

— Percy! — chamou Annabeth. — Vamos!

Quíron estava junto à linha de partida, pronto para soprar a concha.

— Tyson… — falei.

— Vá — disse Tyson. — Vocês vão vencer!

— Eu… sim, certo, grandão. Vamos vencer esta por você. — Subi na biga e fiquei em posição bem na hora em que Quíron deu a largada.

Os cavalos sabiam o que fazer. Disparamos pela pista tão depressa que eu teria caído da carruagem se meus braços não tivessem enrolado nas rédeas de couro. Annabeth se segurou firme no parapeito. As rodas deslizavam lindamente. Entramos na primeira curva com uma biga inteira de vantagem sobre Clarisse, que estava ocupada tentando se defender de um ataque de dardo dos irmãos Stoll na biga de Hermes.

— Nós os pegamos! — gritei, mas foi cedo demais.

— Chegando! — gritou Annabeth. Ela lançou seu primeiro dardo no modo arpéu, jogando longe uma rede com pesos de chumbo que teria envolvido nós dois. A carruagem de Apolo chegara ao nosso lado. Antes que Annabeth pudesse se armar de novo, o guerreiro de Apolo lançou um dardo contra nossa roda direita. O dardo se despedaçou, mas não sem antes arrebentar um dos raios. Nossa biga deu uma guinada brusca e oscilou. Tive certeza de que a roda iria se desintegrar de vez, mas de algum modo continuamos em frente.

Instiguei os cavalos a manter a velocidade. Estávamos agora pescoço com pescoço com Apolo. Hefesto vinha logo depois. Ares e Hermes estavam ficando para trás, lado a lado enquanto Clarisse enfrentava Connor Stoll de espada contra dardo.

Se fôssemos atingidos mais uma vez na roda, sabia que iríamos capotar.

— Você é meu! — gritou o auriga de Apolo. Era um campista de primeiro ano. Não me lembro do seu nome, mas certamente tinha autoconfiança.

— Ah, tá! — Annabeth gritou de volta.

Ela pegou o segundo dardo — um grande risco, considerando que ainda tínhamos uma volta completa pela frente — e o lançou contra o auriga de Apolo.

A pontaria foi perfeita. A ponta rombuda surgiu bem no momento em que o dardo atingiu o auriga no peito, derrubando-o sobre o parceiro e fazendo os dois tombarem da carruagem num salto-mortal para trás. Os cavalos sentiram as rédeas afrouxarem e enlouqueceram, galopando direto para a multidão. Campistas correram procurando proteção enquanto os cavalos passaram no canto das arquibancadas e a biga dourada virou. Os animais galoparam de volta para o estábulo, arrastando a carruagem emborcada atrás deles.

Consegui manter nossa biga inteira ao longo da segunda curva, a despeito dos gemidos da roda direita. Passamos pela linha de partida e entramos trovejando na volta final.

O eixo rangia e chiava. A roda instável estava nos fazendo perder velocidade, muito embora os cavalos respondessem a todos os meus comandos, correndo

como uma máquina bem lubrificada.

A equipe de Hefesto continuava avançando.

Beckendorf sorriu ao pressionar um botão no seu painel de controle. Cabos de aço foram lançados da frente de seus cavalos mecânicos e se enroscaram na traseira de nossa biga. A carruagem estremeceu quando o sistema de guincho de Beckendorf começou a funcionar — arrastando-nos para trás enquanto Beckendorf era puxado para a frente.

Annabeth praguejou e puxou sua faca. Ela golpeou os cabos, mas eram grossos demais.

— Não consigo cortá-los! — gritou.

A carruagem de Hefesto estava agora perigosamente próxima, os cavalos a ponto de nos esmagar com os cascos.

— Troque comigo! — disse a Annabeth. — Pegue as rédeas!

— Mas…

— Confie em mim!

Ela passou para a frente e agarrou as rédeas. Eu me virei, num esforço para manter o equilíbrio, e destampei Contracorrente.

Dei um golpe para baixo e os cabos arrebentaram como linha de pipa. Fomos lançados para a frente, mas o auriga de Beckendorf simplesmente deu uma guinada para a esquerda e encostou a biga ao nosso lado. Beckendorf puxou sua espada. Ele desferiu um golpe contra Annabeth, e eu o desviei.

Estávamos entrando na última curva. Jamais conseguiríamos. Eu precisava desestabilizar a carruagem de Hefesto e tirá-la do caminho, mas também tinha de proteger Annabeth. Beckendorf era um cara legal mas isso não significava que ele não iria mandar nós dois para a enfermaria se baixássemos a guarda.

Estávamos agora pescoço com pescoço, Clarisse se aproximando atrás, recuperando o tempo perdido.

— Até mais, Percy! — gritou Beckendorf. — Aí vai um presentinho de despedida!

Ele atirou uma bolsa de couro em nossa biga. Aquilo grudou imediatamente no piso e começou a soltar uma fumaça verde.

— Fogo grego! — gritou Annabeth.

Eu praguejei. Tinha ouvido histórias sobre o que o fogo grego era capaz de fazer. Calculei que teríamos talvez dez segundos antes que aquilo explodisse.

— Livre-se dele! — gritou Annabeth.

Mas eu não podia. A carruagem de Hefesto ainda estava ao lado, aguardando até o último segundo para se certificar de que seu presentinho explodiria. Beckendorf me mantinha ocupado com sua espada. Se eu baixasse a guarda por

tempo suficiente para lidar com o fogo grego, Annabeth seria fatiada, e nós nos arrebentaríamos de um jeito ou de outro. Tentei chutar a bolsa de couro para longe, mas não consegui. Ela estava bem grudada.

Então me lembrei do relógio.

Não sabia como aquilo poderia ajudar, mas consegui apertar o botão do cronômetro. No mesmo instante o relógio se transformou. Expandiu-se, o aro de metal girando para fora como um obturador de máquina fotográfica antiga, e uma correia de couro se enrolou em torno do meu antebraço até que me vi segurando um escudo de guerra redondo com um metro e meio de diâmetro, o lado de dentro de couro macio, o lado de fora de bronze polido, com desenhos gravados que não tive tempo de examinar.

Tudo o que sabia era que Tyson se saíra bem. Ergui o escudo e a espada de Beckendorf retiniu contra ele. Sua lâmina se estilhaçou.

— O quê? — gritou ele. — Como…

Ele não teve tempo de dizer mais nada porque eu o atingi no peito com meu novo escudo e o fiz voar da carruagem e rolar pela poeira.

Eu estava prestes a usar Contracorrente para golpear o auriga quando Annabeth gritou:

— Percy!

O fogo grego estava soltando fagulhas. Enfiei a ponta da minha espada embaixo da bolsa de couro e a usei como espátula. A bomba incendiária saiu do lugar e voou para dentro da carruagem de Hefesto, caindo nos pés do auriga. Ele soltou um ganido.

Em uma fração de segundo o auriga fez a escolha certa: mergulhou da carruagem, que seguiu em diagonal e explodiu em labaredas verdes. Os cavalos de metal pareciam estar em curtocircuito. Contornaram e arrastaram os destroços em chamas na direção de Clarisse e dos irmãos Stoll, que tiveram de se desviar para evitá-los.

Annabeth puxou as rédeas para a última curva. Eu me segurei, certo de que iríamos capotar, mas de algum modo ela conseguiu continuar e tocou os cavalos pela linha de chegada. Um clamor se ergueu da multidão.

Depois que a carruagem parou, nossos amigos se aglomeraram ao nosso redor. Começaram a entoar nossos nomes, mas Annabeth gritou, por cima do barulho:

— Esperem! Escutem! Não fomos apenas nós!

A multidão não queria silenciar, mas Annabeth se fez ouvir:

— Não teríamos conseguido sem outra pessoa! Não poderíamos ter ganhado esta corrida, nem conseguido o Velocino, nem salvado Grover, nem nada! Devemos nossas vidas a Tyson…

— Meu irmão! — disse eu, bem alto para todos ouvirem. — Tyson, meu irmãozinho mais novo.

Tyson corou. A multidão delirou. Annabeth me tascou um beijo na bochecha. Os gritos ficaram ainda muito mais altos depois disso. Todo o chalé de Atena nos ergueu nos ombros — Annabeth, Tyson e eu — e nos carregou em direção ao pódio dos vencedores, onde Quíron aguardava para entregar as coroas de louros.

# VINTE

A magia do velocino é boa até demais

Aquela tarde foi uma das mais felizes que eu já passara no acampamento, o que talvez sirva para demonstrar que a gente nunca sabe quando nosso mundo está prestes a ser despedaçado.

Grover anunciou que poderia passar o resto do verão conosco antes de retomar sua missão à procura de Pan. Seus superiores no Conselho dos Anciãos de Casco Fendido ficaram tão impressionados por ele não ter se deixado matar e ter aberto o caminho para futuros buscadores que lhe concederam uma licença de dois meses e um novo conjunto de flautas de bambu. A única má notícia: Grover insistiu em tocar aquelas flautas a tarde inteira, e seus dons musicais não haviam melhorado muito. Ele tocou *YMCA*, e os morangueiros começaram a enlouquecer, enroscando-se em nossos pés como se estivessem tentando nos estrangular. Acho que não poderia culpá-los.

Grover me contou que poderia desfazer a conexão empática entre nós, agora que estávamos frente a frente, mas eu lhe disse que simplesmente aceitava continuar com ela, se estivesse tudo bem com ele. Ele pôs de lado suas flautas de junco e me olhou.

— Mas, se eu me meter em encrenca de novo, você estará em perigo, Percy! Você pode morrer!

— Se você se meter em encrenca de novo, eu quero saber a respeito. E vou ajudá-lo de novo, homem-bode. Não faria de outro jeito.

No fim ele concordou em não romper a conexão. Voltou a tocar *YMCA* para os morangueiros. Eu não precisava de uma conexão empática com as plantas para saber como elas se sentiam com aquilo.

Mais tarde, durante a aula de arco e flecha, Quíron me chamou de lado e contou que havia resolvido meus problemas com o colégio Meriwether. O colégio não me culpava mais por destruir o ginásio. A polícia não estava mais me procurando.

— Como conseguiu isso? — perguntei.

Os olhos de Quíron cintilaram.

— Apenas sugeri que os mortais tinham visto algo diferente naquele dia… a explosão de um forno, que não foi sua culpa.

— Você disse isso e eles aceitaram?

— Eu manipulei a Névoa. Algum dia, quando você estiver pronto, vou lhe mostrar como isso é feito.

— Você quer dizer que eu posso voltar para Meriwether no ano que vem?

Quíron ergueu as sobrancelhas.

— Ah, não, eles expulsaram você assim mesmo! O diretor, senhor Bonsai, disse que seu… como foi mesmo que ele disse? Que seu carma não era bom, que perturbava a aura educacional da escola. Mas você não está com nenhum problema com a lei, o que foi um alívio para sua mãe. Ah!, e por falar na sua mãe…

Ele desprendeu seu telefone celular da aljava e o entregou a mim.

— Está mais do que na hora de você ligar para ela.

A pior parte foi o começo — a parte do “Percy Jackson, o que você está pensando, você tem ideia de como eu fiquei preocupada por você ter fugido do acampamento, partindo para missões perigosas e me deixando morrendo de pavor?”.

Mas, finalmente, ela fez uma pausa para tomar fôlego.

— Ah, eu só estou contente por você estar em segurança!

Isso é o mais legal em minha mãe. Ela não é muito boa em ficar zangada. Ela tenta, mas simplesmente não é da natureza dela.

— Desculpe, mamãe — disse a ela. — Não vou assustá-la de novo.

— Não me prometa isso, Percy. Você sabe muito bem que tudo só vai piorar. — Ela tentou parecer despreocupada quanto a isso, mas pude perceber que estava bastante abalada.

Eu quis dizer alguma coisa para fazê-la se sentir melhor, mas sabia que ela estava certa. Sendo um meio-sangue, eu estaria sempre fazendo coisas que a assustavam. E, à medida que fosse ficando mais velho, os perigos simplesmente ficariam maiores.

— Eu poderia ir para casa por algum tempo — sugeri.

— Não, não. Fique no acampamento. Treine. Faça o que tem de fazer. Mas você *virá* para casa para o próximo ano escolar?

— Sim, é claro. Ahn, se houver alguma escola que vá me aceitar.

— Ah, nós encontraremos alguma coisa, querido — suspirou minha mãe. —

Algum lugar onde ainda não nos conheçam.

Quanto a Tyson, os campistas o trataram como herói. Eu teria ficado feliz em tê-lo como companheiro de chalé para sempre, mas naquela noite, quando estávamos sentados em uma duna de areia com vista para o estreito de Long Island, ele fez uma comunicação que me pegou totalmente de surpresa.

— Papai se comunicou comigo em sonho na noite passada — disse ele. — Ele quer que eu o visite.

Perguntei-me se ele estava brincando, mas Tyson não sabia como brincar.

— Poseidon mandou uma mensagem em sonho para você? Tyson assentiu.

— Quer que eu vá para baixo d'água pelo resto do verão. Aprender a trabalhar nas forjas dos ciclopes. Ele chamou isso de es… es…

— Estágio?

— Sim.

Deixei aquilo calar na minha mente. Admito que senti um pouco de ciúme. Poseidon nunca *me* convidara para baixo d'água. Mas então, pensei, Tyson estava *indo*? Simples assim?

— Quando você parte? — perguntei.

— Agora.

— Agora. Tipo… *agora*, agora?

— Agora.

Olhei para as ondas no estreito de Long Island. A água brilhava em vermelho ao pôr-do-sol.

— Estou feliz por você, grandão — consegui dizer. — Sério mesmo.

— Difícil deixar meu novo irmão — disse ele com um tremor na voz. — Mas eu quero fazer coisas. Armas para o acampamento. Vocês vão precisar delas.

Infelizmente, eu sabia que ele tinha razão. O Velocino não tinha resolvido todos os problemas do acampamento. Luke ainda estava lá fora, reunindo um exército a bordo do *Princesa Andrômeda*. Cronos ainda estava se reconstituindo em seu caixão de ouro. No fim, acabaríamos tendo de enfrentá-lo.

— Você vai fazer as melhores armas que já existiram — disse a Tyson. Ergui meu relógio com orgulho. — Aposto que elas também vão mostrar a hora certa.

Tyson deu uma fungada.

— Irmãos ajudam um ao outro.

— Você é meu irmão — disse eu. — Não há dúvidas a respeito disso.

Ele me deu uma palmadinha nas costas tão forte que quase me derrubou na duna de areia. Então enxugou uma lágrima da bochecha e se levantou para partir.

— Use bem o escudo.

— Farei isso, grandão.

— Vai salvar sua vida algum dia.

O modo como ele disse isso, tão prático, me fez pensar se aquele seu olho de ciclope podia enxergar o futuro.

Ele desceu para a praia e assobiou. Arco-Íris, o cavalo-marinho, saltou das ondas. Observei os dois partindo juntos para os domínios de Poseidon.

Depois que eles se foram, baixei os olhos para meu novo relógio. Apertei o botão e o escudo se expandiu em espiral até seu tamanho pleno. Marteladas no bronze, havia figuras em estilo grego antigo, cenas das nossas aventuras naquele verão. Lá estávamos Annabeth exterminando um lestrigão jogador de queimado, eu lutando contra os touros de bronze na Colina Meio-Sangue, Tyson cavalgando Arco-Íris rumo ao *Princesa Andrômeda*, o *Birmingham* disparando seus canhões contra Caríbdis. Passei a mão sobre uma figura de Tyson, lutando com a Hidra enquanto segurava no alto uma caixa de *donuts* Monstro.

Não pude deixar de sentir tristeza. Sabia que Tyson se divertiria um bocado embaixo do oceano. Mas eu sentiria saudades de tudo em relação a ele — seu fascínio por cavalos, o modo como conseguia consertar carruagens de guerra ou amarrotar metal com as mãos nuas, ou dar nós em caras malvados. Sentiria saudades até dos seus roncos de terremoto na cama ao lado a noite inteira.

— Ei, Percy.

Virei-me.

Annabeth e Grover estavam em pé no topo da duna. Acho que talvez eu tivesse um pouco de areia nos olhos, porque estava piscando muito.

— Tyson… — falei. — Ele teve de…

— Nós sabemos — disse Annabeth suavemente. — Quíron nos contou.

— Forjas dos ciclopes. — Grover estremeceu. — Ouvi dizer que a comida da cantina de lá é horrível! Tipo, *enchilada*, nem pensar!

Annabeth estendeu a mão.

— Venha, Cabeça de Alga. Hora do jantar.

Caminhamos de volta para o pavilhão do refeitório juntos, só nós três, como nos velhos tempos.

Houve uma tempestade naquela noite, mas ela se dividiu em volta do Acampamento Meio-Sangue como as tempestades costumam fazer. Raios relampejavam no horizonte, ondas golpeavam a praia, mas nem uma gota caía no nosso vale. Estávamos protegidos de novo, graças ao Velocino, encerrados em

nossas fronteiras mágicas.

Ainda assim, meus sonhos foram agitados. Ouvi Cronos me provocando, das profundezas do Tártaro: *Polifemo está sentado cego em sua caverna, jovem herói, acreditando que obteve uma grande vitória. Será que você está menos iludido?* O riso frio do titã encheu as trevas.

Então meu sonho mudou. Eu estava seguindo Tyson para o fundo do mar, entrando na corte de Poseidon. Era um salão radiante, cheio de luz azul, o piso pavimentado com pérolas. E lá, em um trono de coral, sentava-se meu pai, vestido como um simples pescador, de short cáqui e uma camiseta alvejada de sol. Ergui os olhos para seu rosto curtido pelas intempéries, seus olhos verdes profundos, e ele disse apenas: *Prepare-se*.

Acordei assustado.

Alguém batia com força na porta. Grover irrompeu sem esperar permissão.

— Percy! — ele gaguejou. — Annabeth… na colina… ela…

O olhar dele me dizia que alguma coisa estava terrivelmente errada. Annabeth estivera de guarda naquela noite, protegendo o Velocino. Se algo tivesse acontecido…

Arranquei as cobertas, o sangue como gelo nas minhas veias. Enfiei algumas roupas enquanto Grover tentava formar uma frase completa, mas ele estava atordoado demais, sem fôlego demais.

— Ela está lá caída… simplesmente lá caída…

Corri para fora e disparei pelo pátio central, Grover logo atrás de mim. Rompia a aurora, mas o acampamento inteiro parecia agitado. A notícia estava se espalhando. Algo gigantesco acontecera. Alguns campistas já estavam rumando para a colina, sátiros, ninfas e heróis em uma estranha mistura de armaduras e pijamas.

Ouvi o tropel de cascos de cavalo, e Quíron chegou galopando atrás de nós, com uma expressão terrível.

— É verdade? — perguntou a Grover.

Grover só conseguiu balançar a cabeça, a expressão confusa.

Tentei perguntar o que estava acontecendo, mas Quíron me agarrou pelo braço e, sem esforço, me ergueu para suas costas. Juntos, subimos a Colina Meio-Sangue, onde uma pequena multidão começara a se reunir.

Esperei não encontrar o Velocino no pinheiro, mas ele ainda estava lá, brilhando à primeira luz da madrugada. A tempestade havia se interrompido e o céu estava vermelho-sangue.

— Maldito seja o senhor titã — disse Quíron. — Ele nos enganou outra vez, deu a si mesmo uma nova chance de controlar a profecia.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— O Velocino — disse ele. — O Velocino fez seu trabalho bem demais.

Galopamos em frente, todo o mundo abrindo caminho para nós. Ali, na base da árvore, uma menina jazia inconsciente. Outra menina, de armadura grega, estava ajoelhada ao lado dela.

O sangue retumbava em meus ouvidos. Eu não conseguia pensar direito. Annabeth tinha sido atacada? Mas por que o Velocino ainda estava lá?

A própria árvore parecia perfeitamente bem, íntegra e saudável, permeada pela essência do Velocino de Ouro.

— Ele curou a árvore — disse Quíron, com a voz áspera. — E o veneno não foi a única coisa expurgada.

Então percebi que Annabeth não era a menina caída no chão. Era a de armadura, ajoelhada ao lado da menina inconsciente. Quando Annabeth nos viu, correu para Quíron.

— Ela… ela… assim, de repente lá…

Lágrimas corriam de seus olhos, mas eu ainda não entendia. Estava apavorado demais para ver sentido naquilo tudo. Pulei das costas de Quíron e corri na direção da menina inconsciente.

— Percy, espere! — disse Quíron.

Ajoelhei-me ao lado dela. Tinha cabelo preto curto e sardas no nariz. Tinha a constituição de uma corredora de longa distância, flexível e forte, e usava umas roupas que eram algo entre o punk e o gótico — camiseta preta, jeans pretos esfarrapados e uma jaqueta de couro com *buttons* de uma porção de bandas de que eu nunca ouvira falar.

Não era uma campista. Não a reconheci de nenhum dos chalés. E, no entanto, estava com a mais estranha sensação de que já a tinha visto antes…

— É verdade — disse Grover, esbaforido por causa da corrida colina acima. — Não posso acreditar…

Ninguém mais se aproximou da menina.

Pus a mão na testa dela. Sua pele estava fria, mas as pontas dos meus dedos formigaram como se estivessem queimando.

— Ela precisa de néctar e ambrosia — disse eu.

Era claramente uma meio-sangue, fosse ou não uma campista. Pude sentir isso só de tocá-la. Não entendia por que todos pareciam tão apavorados.

Peguei-a pelos ombros e a coloquei sentada, com a cabeça apoiada em meu ombro.

— Venham! — gritei para os outros. — O que há de errado com vocês? Vamos levá-la para a Casa Grande.

Ninguém se mexeu, nem mesmo Quíron. Estavam todos atordoados demais.

Então a menina tomou fôlego, vacilante. Ela tossiu e abriu os olhos.

Suas íris eram surpreendentemente azuis — um azul elétrico. A menina olhou para mim perplexa, tremendo e de olhos arregalados.

— Quem…

— Eu sou Percy — disse eu. — Você está em segurança agora.

— O sonho mais estranho…

— Está tudo bem.

— Morrendo.

— Não — assegurei-lhe. — Você está bem. Qual é seu nome?

Foi quando eu soube. Antes mesmo de ela dizer.

Os olhos azuis da menina se fixaram nos meus, e entendi o porquê da missão do Velocino de Ouro. O envenenamento da árvore. Tudo. Cronos fizera aquilo para colocar mais uma peça de xadrez em jogo — *mais uma chance de controlar a profecia*.

Até Quíron, Annabeth e Grover, que deveriam estar celebrando aquele momento, estavam chocados demais, pensando no que aquilo poderia significar para o futuro. E eu amparava uma pessoa destinada a ser minha melhor amiga ou, possivelmente, minha pior inimiga.

— Eu sou Thalia — disse a menina. — Filha de Zeus.

Agradecimentos Muito obrigado aos meus jovens testadores betas, Geoffrey Cole e Travis Stoll, por terem lido o manuscrito e feito boas sugestões; a Egbert Bakker, da Universidade de Yale, por sua ajuda com o grego antigo; a Nancy Gallt, por sua competente representação; à minha editora Jennifer Besser, por sua orientação e perseverança; aos alunos de muitas escolas que visitei, por seu apoio entusiástico, e, é claro, a Becky, Haley e Patrick Riordan, que tornaram possíveis as minhas viagens ao Acampamento Meio-Sangue.

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

LIVRO TRÊS

*"Se você está familiarizado com esses personagens ancestrais, vai ficar impressionado pelo modo como Riordan os utiliza. Se não os conhece, esta será uma apresentação empolgante."*

THE GUARDIAN

# A MALDIÇÃO DO TITÃ

RICK RIORDAN

intrínseca

Copyright © 2007 Rick Riordan Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Titan's Curse

PREPARAÇÃO
Laura Boekel

REVISÃO
Maria José de Sant'Anna Maria da Glória Carvalho REVISÃO DE EPUB
Jorge Fernando Barbosa GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

# E-ISBN

978-85-8057-291-9

Edição digital: 2011

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Topher Bradfield,*
*um campista que fez toda a diferença*

# UM

Minha operação de resgate termina muito mal

Na sexta-feira anterior às férias de inverno, minha mãe arrumou para mim uma maleta de viagem e algumas armas mortais e me levou até um novo internato. No caminho, pegamos minhas amigas Annabeth e Thalia.

Era uma viagem de oito horas de Nova York até Bar Harbor, no Maine. Chuva e neve fustigavam a estrada. Annabeth, Thalia e eu não nos víamos fazia meses, mas entre a nevasca e o pensamento voltado para o que estávamos prestes a fazer, estávamos nervosos demais para conversar. Exceto minha mãe. Ela fala *mais* se fica nervosa. Quando finalmente chegamos a Westover Hall, estava escurecendo, e ela havia contado a Annabeth e a Thalia todas as constrangedoras histórias de bebê que havia para contar a meu respeito.

Thalia limpou a janela embaçada do carro e espiou lá fora.

— É, isso vai ser divertido.

Westover Hall parecia o castelo de um cavaleiro do mal. Era todo de pedras negras, com torres e janelas estreitas, e um grande conjunto de portas duplas de madeira. Erguia-se sobre um penhasco escarpado, coberto de neve, que dava vista para uma grande floresta gelada de um dos lados e para o oceano cinzento e agitado do outro.

— Vocês têm certeza de que não querem que eu espere? — perguntou minha mãe.

— Não, obrigado, mãe — respondi. — Não sei quanto tempo vai levar. Vamos ficar bem.

— Mas como é que vocês vão voltar? Estou preocupada, Percy.

Torci para não ficar vermelho. Já era bastante ruim depender de minha mãe para me levar até minhas batalhas.

— Está tudo bem, sra. Jackson. — Annabeth sorriu, tranquilizadora. Seus cabelos louros estavam enfiados debaixo de um gorro de esqui e os olhos

cinzentos tinham a mesma cor do oceano. — Vamos mantê-lo longe de encrencas.

Minha mãe pareceu relaxar um pouco. Ela acha que Annabeth é a semideusa mais equilibrada a chegar à oitava série. E tem certeza de que Annabeth sempre impede que eu seja morto. Ela tem razão, mas isso não quer dizer que eu tenha de gostar desse fato.

— Muito bem, queridos — disse minha mãe. — Vocês têm tudo de que precisam?

— Sim, sra. Jackson — respondeu Thalia. — Obrigada pela carona.

— Suéteres extras? O número do meu celular?

— Mãe...

— Sua ambrosia e seu néctar, Percy? E um dracma de ouro para o caso de precisar entrar em contato com o acampamento?

— Mãe, fala sério! Vamos ficar bem. Andem, meninas.

Ela pareceu um pouco magoada, e eu lamentei por isso, mas estava pronto para saltar daquele carro. Se mamãe contasse mais uma história sobre como eu ficava uma gracinha na banheira quando tinha três anos, eu ia me enterrar na neve e congelar até a morte.

Annabeth e Thalia me seguiram, saindo do carro. O vento soprava, atravessando meu casaco como punhais de gelo.

Assim que o carro da minha mãe estava fora do campo de visão, Thalia disse:

— Sua mãe é tão legal, Percy.

— Ela é legal — admiti. — E você? Tem contato com a sua mãe?

Assim que fiz a pergunta, desejei ter ficado calado. Thalia era ótima em lançar olhares diabólicos, ainda mais com as roupas punk que sempre usava — o casaco militar rasgado, a calça de couro preto e as correntes, o rímel preto e aqueles olhos azuis intensos. Mas o olhar que ela me dirigiu agora era um perfeito “dez” na escala do mal.

— Se isso fosse da sua conta, Percy...

— É melhor entrarmos — interrompeu Annabeth. — Grover deve estar nos esperando.

Thalia olhou para o castelo e estremeceu.

— Tem razão. O que será que ele encontrou aqui que o fez enviar o pedido de socorro?

Ergui os olhos para as torres escuras de Westover Hall.

— Nada de bom — presumi.

As portas de carvalho se abriram rangendo e nós três entramos no saguão em meio a um redemoinho de neve.

— Uau — foi tudo que pude dizer.

O lugar era imenso. As paredes eram revestidas por estandartes de batalha e vitrines com armas: rifles antigos, machados e um monte de outras coisas. Bem, eu sabia que Westover era uma escola militar e tudo o mais, porém a decoração parecia de matar. Literalmente.

Minha mão foi até o bolso, onde eu mantinha minha caneta esferográfica letal, Contracorrente. Eu já podia pressentir algo de errado naquele lugar. Algo perigoso. Thalia esfregava o bracelete de prata, seu item mágico favorito. Eu sabia que estávamos pensando o mesmo. Uma batalha se aproximava.

Annabeth começou a dizer:

— Queria saber onde...

As portas se fecharam violentamente atrás de nós.

— Ooo.k. — murmurei. — Acho que vamos ficar algum tempo por aqui.

Eu podia ouvir uma música ecoando, vinda da outra extremidade do saguão. Parecia *dance music*.

Escondemos nossas maletas atrás de uma coluna e começamos a caminhar naquela direção. Não havíamos ido muito longe quando ouvi passos no piso de pedra, e um homem e uma mulher saíram das sombras para nos interceptar.

Ambos tinham cabelos grisalhos curtos e uniforme preto com debrum vermelho, no estilo de militar. A mulher tinha um leve bigode e o homem estava perfeitamente barbeado, o que me pareceu meio invertido. Ambos caminhavam rígidos, como se tivessem cabos de vassoura presos às costas com fitas adesivas.

— Então? — perguntou a mulher. — O que estão fazendo aqui?

— Hã... — Percebi que não havia me programado para essa possibilidade. Ficara tão concentrado em chegar até Grover e descobrir o que estava errado que não pensei que alguém poderia estranhar três crianças entrando sorrateiramente numa escola à noite. Não havíamos conversado no carro sobre como entraríamos. — Senhora, estamos apenas... — comecei.

— Ora! — interrompeu o homem, o que me fez pular. — Não é permitida a entrada de visitantes no baile! Vocês serão *ecs-pulsos!*

Ele tinha sotaque — francês, talvez. Pronunciava o *x* como em *pixel*. Era alto e tinha um rosto aquilino. As narinas se abriam e fechavam quando ele falava, o que tornava muito difícil não fitar seu nariz, e seus olhos eram de cores diferentes — um castanho, outro azul —, como os de um gato de rua.

Calculei que ele estivesse prestes a nos atirar na neve, mas, nesse momento, Thalia deu um passo à frente e fez algo muito estranho.

Ela estalou os dedos. O som foi agudo e alto. Talvez fosse apenas a minha imaginação, mas senti uma rajada de vento surgir de sua mão e atravessar a sala como uma onda. A tal lufada passou sobre todos nós, fazendo farfalhar os

estandartes nas paredes.

— Ah, mas não somos visitantes, senhor — disse Thalia. — Frequentamos esta escola. O senhor lembra de nós: eu sou Thalia. E estes são Annabeth e Percy. Estamos no oitavo ano.

O professor estreitou os olhos de duas cores. Eu não sabia o que Thalia estava pensando. Agora provavelmente seríamos punidos por mentir *e* atirados na neve. Mas o homem pareceu hesitar.

Ele olhou para a colega.

— Sra. Tengiz, conhece estes alunos?

Apesar do perigo que corríamos, tive de morder a língua para não rir. Uma professora chamada *Tem Giz*? Ele só podia estar brincando.

A mulher piscou, como se alguém acabasse de acordá-la de um transe.

— Eu... sim, creio que sim, senhor. — Ela nos olhou, franzindo o cenho. — Annabeth. Thalia. Percy. O que estão fazendo fora do ginásio?

Antes que pudéssemos responder, ouvi mais passos, e Grover chegou correndo, sem fôlego.

— Vocês conseguiram! Vocês...

Ele interrompeu a fala quando viu os professores.

— Ah, sra. Tengiz. Dr. Espinheiro! Eu, hã...

— O que é *isso*, sr. Underwood? — perguntou o homem. Seu tom deixava claro que ele detestava Grover. — O que quer dizer com eles conseguiram? Estes alunos moram aqui.

Grover engoliu em seco.

— Sim, senhor. Claro, dr. Espinheiro. Eu só quis dizer que estou muito contente por eles terem conseguido... o ponche para o baile! Está delicioso. E foram eles que fizeram!

O dr. Espinheiro nos fuzilou com o olhar. Concluí que um de seus olhos tinha de ser falso. O castanho? O azul? Ele parecia querer nos arremessar da torre mais alta do castelo, mas nesse momento a sra. Tengiz disse, um pouco fora do ar:

— É, o ponche está excelente. Agora vamos, todos. Vocês não podem mais sair do ginásio!

Não esperamos que ela repetisse. Partimos com uma porção de “Sim, senhora” e “Sim, senhor” e algumas continências, só porque parecia a coisa certa a fazer.

Grover nos conduziu apressadamente pelo saguão, na direção da música.

Eu podia sentir os olhos dos professores nas minhas costas, mas caminhava próximo a Thalia e perguntei em voz baixa:

— Como é que você fez aquele negócio de estalar os dedos?

— Refere-se à Névoa? Quíron ainda não mostrou a você como fazer isso?

Um nó desconfortável formou-se em minha garganta. Quíron era nosso principal treinador no acampamento, mas nunca tinha me ensinado nada desse gênero. Por que ele havia ensinado a Thalia e não a mim?

Grover nos impeliu para uma porta onde se lia a palavra GINÁSIO no vidro. Apesar da dislexia, consegui ler.

— Essa foi por pouco! — disse Grover. — Graças aos deuses vocês chegaram aqui!

Annabeth e Thalia abraçaram Grover. Eu o cumprimentei com a mão espalmada.

Era bom vê-lo depois de tantos meses. Ele estava um pouco mais alto e tinha um pouco mais de barba, mas, fora isso, era o mesmo de sempre ao se passar por humano — um boné vermelho sobre os cabelos castanhos encaracolados, a fim de esconder os chifres de bode, jeans largo e tênis com pés falsos para disfarçar as pernas peludas e os cascos. Vestia uma camiseta preta, cujos dizeres levei alguns segundos para ler. Estava escrito: WESTOVER HALL: PRAÇA. Eu não tinha muita certeza se isso era... hã... a patente de Grover ou apenas o lema da escola.

— Então, qual é a emergência? — perguntei.

Grover respirou fundo.

— Encontrei dois.

— Dois meios-sangues? — perguntou Thalia, perplexa. — Aqui?

Grover assentiu.

Encontrar um meio-sangue já era bastante raro. Durante o ano, Quíron havia posto os sátiros em plantão de emergência e os mandado aos quatro cantos do país, esquadrinhando as escolas do quinto ano até o ensino médio em busca de possíveis recrutas. Era época de desespero. Estávamos perdendo campistas. Precisávamos de todos os novos combatentes que pudéssemos encontrar. O problema era que não havia muitos semideuses por aí.

— Irmão e irmã — informou ele. — Estão com dez e doze anos. Não sei quem são seus pais, mas são fortes. E nosso tempo está se esgotando. Preciso de ajuda.

— Monstros?

— Um. — Grover parecia nervoso. — Ele está desconfiado. Não creio que já tenha certeza, e hoje é o último dia do período letivo. Estou certo de que não vai deixá-los ir embora sem decifrar o caso. Esta pode ser a nossa última chance! Todas as vezes que tento me aproximar deles, ele está lá, bloqueando a minha passagem. Não sei o que fazer!

Grover olhou para Thalia desesperado. Tentei não ficar aborrecido com isso. Grover costumava olhar para mim em busca de respostas, mas Thalia tinha

primazia. Não só porque seu pai era Zeus. Thalia tinha mais experiência do que qualquer um de nós em se defender de monstros no mundo real.

— Certo — disse ela. — Esses meios-sangues estão no baile?

Grover assentiu.

— Então vamos dançar — decidiu ela. — Quem é o monstro?

— Ah — disse Grover, olhando ao redor, nervoso. — Vocês acabam de conhecê-lo. É o vice-diretor, o dr. Espinheiro.

Uma coisa estranha nas escolas militares: as crianças ficam totalmente enlouquecidas quando há um evento especial que lhes permita se livrar do uniforme. Acho que é porque tudo é tão rígido o resto do tempo que elas sentem que, em ocasiões fora da rotina, precisam compensar essa rigidez ao máximo ou coisa parecida.

Havia bolas de gás pretas e vermelhas por todo o chão do ginásio, e os garotos as chutavam na cara uns dos outros, ou tentavam se estrangular com as serpentinas de papel crepom presas às paredes. As garotas andavam de um lado para o outro em grupos, como sempre fazem, usando muita maquiagem e blusinhas de alça fina, calças de cores berrantes e sapatos que pareciam instrumentos de tortura. De vez em quando, cercavam o pobre coitado de um garoto, como um cardume de peixes, dando gritinhos e risadinhas, e, quando elas finalmente o deixavam, o garoto tinha fitas nos cabelos e um monte de riscos de batom pelo rosto. Alguns dos caras mais velhos se pareciam mais comigo — pouco à vontade, nos cantos do ginásio, tentando se esconder, como se a qualquer minuto fossem precisar lutar por suas vidas. Naturalmente, no meu caso, isso era verdade...

— Lá estão eles. — Grover fez um gesto com a cabeça na direção de um casal de crianças discutindo nas arquibancadas. — Bianca e Nico di Angelo.

A garota usava um gorro verde que caía sobre o rosto, como se estivesse tentando escondê-lo. O garoto era obviamente seu irmão mais novo. Ambos tinham cabelos escuros e sedosos e pele morena, e gesticulavam muito com as mãos enquanto falavam. O garoto embaralhava algum tipo de carta. A irmã parecia repreendê-lo por alguma coisa. Ela ficava olhando à volta o tempo todo, como se pressentisse que algo estava errado.

— Eles já... bem, você já contou a eles? — perguntou Annabeth.

Grover sacudiu a cabeça.

— Você sabe como é. Isso poderia colocá-los ainda mais em perigo. Quando se dão conta de quem são, seu cheiro se torna mais forte.

Ele olhou para mim e eu assenti. Nunca entendi de fato como os meios-sangues “cheiram” para os monstros e os sátiros, mas sabia que esse cheiro pode

significar a morte. E quanto mais poderoso você se torna como semideus, mais cheira a almoço de monstro.

— Então vamos pegá-los e dar o fora daqui — disse eu.

Comecei a me adiantar, mas Thalia pousou a mão no meu ombro. O vice-diretor, o dr. Espinheiro, havia saído de uma porta perto da arquibancada e estava parado junto aos irmãos di Angelo. Ele acenou friamente com a cabeça em nossa direção. O olho azul pareceu brilhar.

A julgar por sua expressão, supus que Espinheiro não havia sido enganado pelo truque de Thalia com a Névoa, afinal. Ele desconfiava de quem éramos. Estava só esperando para ver por que estávamos ali.

— Não olhe para as crianças — ordenou Thalia. — Temos de esperar uma oportunidade de pegá-las. Precisamos fingir que não estamos interessados nelas. Despistá-lo.

— Como?

— Somos três meios-sangues poderosos. Nossa presença deve confundi-lo. Misturem-se. Ajam com naturalidade. Dancem um pouco. Mas fiquem de olho naquelas crianças.

— Dançar? — perguntou Annabeth.

Thalia assentiu. Ela virou o ouvido na direção da música e fez uma careta.

— Argh. Quem escolheu Jesse McCartney?

Grover pareceu ofendido.

— Eu.

— Ah, meus deuses, Grover! Isso é tão careta! Você não pode tocar, hum, Green Day ou algo assim?

— Green o quê?

— Deixa pra lá. Vamos dançar.

— Mas eu não consigo dançar.

— Consegue, se eu conduzi-lo — disse Thalia. — Vamos lá, menino-bode.

Grover gemeu quando Thalia agarrou sua mão e o levou para a pista de dança.

Annabeth sorriu.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. Só que é legal ter Thalia de volta.

Annabeth ficara mais alta do que eu desde o último verão, o que eu achei meio incômodo. Não costumava usar nenhuma joia, exceto pelo colar de contas do Acampamento Meio-Sangue, mas agora usava brinquinhos de prata no formato de corujas — o símbolo de sua mãe, Atena. Ela tirou o gorro de esqui e os longos cabelos louros caíram sobre os ombros. Por alguma razão, isso fez com que parecesse mais velha.

— Então... — Tentei pensar em algo para dizer. *Ajam com naturalidade*,

Thalia nos dissera. Você é um meio-sangue em uma missão perigosa: o que, diabos, é natural? — Hum, tem desenhado algum edifício legal ultimamente?

Os olhos de Annabeth se iluminaram, como sempre acontecia quando falava sobre arquitetura.

— Ah, meus deuses, Percy. Na minha escola nova, faço desenho em perspectiva como matéria eletiva, e tem um programa de computador superlegal...

Ela continuou explicando como havia projetado um enorme monumento que queria construir no Marco Zero, em Manhattan. Falou sobre suportes estruturais e fachadas e coisas desse tipo, e eu tentei prestar atenção. Sabia que ela queria ser uma superarquiteta quando crescesse — ela adorava matemática, edifícios históricos e tudo o mais —, mas eu mal compreendia uma palavra do que estava dizendo.

A verdade é que eu estava meio desapontado por saber que ela gostava tanto assim da nova escola. Era a primeira vez que Annabeth frequentava uma em Nova York. Eu tinha esperanças de vê-la mais vezes. Ela e Thalia estavam matriculadas nesse internato no Brooklyn, que era perto o bastante do Acampamento Meio-Sangue para que Quíron pudesse ajudar no caso de elas se meterem em alguma encrenca. Como era uma escola só para meninas, eu frequentava a MS-54, em Manhattan, e mal as via.

— É, ah, legal — disse eu. — Então você vai ficar lá o resto do ano, é?

A expressão dela ficou sombria.

— Bem, talvez, se eu não...

— Ei! — chamou Thalia.

— Ela estava dançando uma música lenta com Grover, que tropeçava nos próprios pés e chutava as canelas dela com uma cara de quem queria morrer. Pelo menos os pés dele eram falsos. Diferentemente de mim, ele tinha uma desculpa para ser desajeitado.

— Dancem, vocês também! — mandou Thalia. — Parecem idiotas aí parados sem fazer nada.

Olhei nervosamente para Annabeth e, em seguida, para os grupos de garotas que percorriam o ginásio.

— E então? — perguntou Annabeth.

— Hã, quem eu devo tirar para dançar?

Ela me deu um soco na barriga.

— *Eu*, Cabeça de Alga.

— Ah. Ah, está bem.

Então fomos para a pista de dança, e eu olhei para ver como Thalia e Grover estavam se arrumando. Coloquei a mão no quadril de Annabeth, e ela agarrou

minha outra mão, como se estivesse prestes a me aplicar um golpe de judô.

— Não vou morder você — disse ela. — Francamente, Percy. Vocês, garotos, não têm bailes na sua escola?

Não respondi. A verdade é que tínhamos. Mas eu nunca, hã, *dançava* neles. Em geral, era um dos garotos jogando basquete, no canto.

Arrastamos os pés de um lado para o outro por alguns minutos. Tentei me concentrar nos pequenos detalhes, como as serpentinas de papel crepom e a poncheira — em qualquer coisa exceto o fato de Annabeth ser mais alta do que eu e de minhas mãos estarem suadas e provavelmente nojentas, e de eu ficar pisando nos dedos dos pés dela.

— O que você estava dizendo antes? — perguntei. — Está tendo problemas na escola ou algo assim?

Ela apertou os lábios.

— Não é isso. É o meu pai.

— Hum, hum. — Eu sabia que Annabeth tinha um relacionamento difícil com o pai. — Achei que as coisas estivessem melhorando entre vocês. É a sua madrasta de novo?

Annabeth suspirou.

— Ele resolveu mudar. Justamente quando eu estava me acostumando com Nova York, ele aceitou esse emprego estúpido como pesquisador para um livro sobre a Primeira Guerra Mundial. Em *São Francisco.*

Ela disse isso da mesma forma como diria *Campos da Punição* ou *uniforme de ginástica do Hades*.

— Então seu pai quer que você vá para lá com ele? — perguntei.

— Para o outro lado do país — disse ela, infeliz. — E meios-sangues não podem viver em São Francisco. Ele devia saber disso.

— O quê? Por que não?

Annabeth revirou os olhos. Talvez ela pensasse que eu estava brincando.

— Você sabe. Está bem *lá*.

— Ah — eu disse. Não tinha a menor ideia do que ela estava falando, mas não queria parecer estúpido. — Então... você vai voltar a morar no acampamento ou o quê?

— É algo mais sério do que isso, Percy. Eu... eu devia lhe contar uma coisa.

De repente ela congelou.

— Eles sumiram.

— O quê?

Segui seu olhar. As arquibancadas. As duas crianças meios-sangues, Bianca e Nico, não estavam mais lá. A porta perto das arquibancadas estava escancarada. O dr. Espinheiro não se encontrava em nenhum lugar à vista.

— Precisamos buscar Thalia e Grover! — Annabeth olhava à sua volta freneticamente. — Ah, para onde eles foram? Venha!

Ela saiu correndo no meio da multidão. Eu estava prestes a segui-la quando uma horda de garotas se interpôs em meu caminho. Dei a volta, desviando-me delas, a fim de evitar o tratamento fita-e-batom, e, quando consegui me livrar, Annabeth também havia desaparecido. Contornei todo o lugar, procurando por ela, Thalia ou Grover. Em vez deles, vi algo que fez o meu sangue gelar.

A cerca de quinze metros, caído no chão do ginásio, estava um gorro verde, exatamente como o que Bianca di Angelo estava usando. Perto dele, viam-se algumas cartas espalhadas. Então vi de relance o dr. Espinheiro. Ele saía apressado por uma porta na extremidade oposta do ginásio, levando as crianças di Angelo pela nuca, como se fossem gatinhos.

Eu ainda não conseguia ver Annabeth, mas sabia que ela seguira para o outro lado, à procura de Thalia e Grover.

Eu quase corri atrás dela, mas então pensei: *Espere.*

Lembrei-me do que Thalia dissera no saguão de entrada, olhando-me surpresa quando perguntei sobre o truque de estalar os dedos: *Quíron ainda não mostrou a você como fazer isso?* Pensei na maneira como Grover tinha olhado para ela, esperando que ela salvasse a pátria.

Não que eu estivesse ressentido com Thalia. Ela era legal. Não era culpa dela ser filha de Zeus e receber toda a atenção... No entanto, eu não precisava correr atrás dela para resolver todos os problemas. Além disso, não havia tempo. Os di Angelo estavam em perigo. Eles podiam já estar desaparecidos quando eu encontrasse meus amigos. Eu conhecia monstros. Era capaz de lidar com aquilo sozinho.

Tirei Contracorrente do bolso e corri atrás do dr. Espinheiro.

A porta levava a um corredor escuro. Ouvi sons de luta à frente, então um grunhido de dor. Tirei a tampa de Contracorrente.

A caneta cresceu em minhas mãos até eu me ver segurando uma espada grega de bronze, de cerca de noventa centímetros, com cabo de couro. A lâmina brilhou levemente, lançando uma luz dourada nas fileiras de armários.

Disparei pelo corredor, mas, quando cheguei à outra extremidade, não havia ninguém ali. Abri uma porta e estava de volta ao saguão principal de entrada. Eu tinha dado uma volta completa. Não via o dr. Espinheiro em parte alguma, mas lá estavam, no lado oposto da sala, os irmãos di Angelo. Eles estavam paralisados de terror, olhando diretamente para mim.

Avancei devagar, baixando a ponta da espada.

— Está tudo bem. Eu não vou machucar vocês.

Eles não responderam. Seus olhos estavam cheios de pavor. O que havia de errado com eles? Onde estava o dr. Espinheiro? Talvez ele tivesse pressentido a presença de Contracorrente e batido em retirada. Os monstros detestavam armas celestiais de bronze.

— Meu nome é Percy — disse eu, tentando manter a voz controlada. — Vou tirar vocês daqui, levá-los para um lugar seguro.

Os olhos de Bianca se arregalaram. Os punhos se apertaram. Somente quando era tarde demais percebi o que o olhar dela queria dizer. Ela não estava com medo de mim. Estava tentando me avisar.

Dei meia-volta e alguma coisa fez *UIIIISH!* A dor explodiu em meu ombro. Uma força semelhante à de uma imensa mão me puxou para trás e me atirou contra a parede.

Brandi a espada, mas não havia nada para atingir.

Uma risada fria ecoou pelo saguão.

— Sim, Perseu *Jackson* — disse o dr. Espinheiro. Seu sotaque desfigurou o *J* no meu sobrenome. — Eu sei quem você é.

Tentei libertar meu ombro. Meu casaco e minha camisa estavam espetados na parede por uma espécie de espinho — um projétil negro, semelhante a um punhal, de cerca de trinta centímetros. Ele havia arranhado a pele do meu ombro ao atravessar a roupa, e o corte queimava. Eu já sentira algo assim antes. Veneno.

Forcei-me a me concentrar. Eu *não* ia desmaiar.

Uma silhueta negra agora movia-se em nossa direção. O dr. Espinheiro entrou na área iluminada pela luz pálida. Ele ainda parecia humano, mas seu rosto era demoníaco. Tinha dentes brancos perfeitos e seus olhos castanho/azul refletiam a claridade da minha espada.

— Obrigado por sair do ginásio — disse ele. — Odeio esses bailinhos de escola.

Tentei novamente brandir a espada, mas ele estava fora do meu alcance.

*UIIIISH!* Um segundo projétil surgiu de algum ponto atrás do dr. Espinheiro. Mas ele aparentemente não se movera. Era como se alguém invisível estivesse atrás dele atirando facas.

Perto de mim, Bianca gemeu. O segundo espinho empalou-se na parede de pedra, a um centímetro do rosto dela.

— Vocês três virão comigo — determinou o dr. Espinheiro. — Quietos. Obedientes. Se fizerem um só ruído, se gritarem por socorro ou tentarem lutar, vou lhes mostrar o quanto minha mira pode ser precisa.

# DOIS

O vice-diretor tem um lança-mísseis

Eu não sabia que tipo de monstro era o dr. Espinheiro, mas ele era rápido.

Talvez eu pudesse me defender se conseguisse ativar meu escudo. Tudo de que necessitava era um toque no meu relógio de pulso. Mas defender os irmãos di Angelo era outra questão. Eu necessitava de ajuda e só me ocorria uma forma de consegui-la.

Fechei os olhos.

— O que está fazendo, Jackson? — sibilou o dr. Espinheiro. — Continue andando!

Abri os olhos e continuei arrastando os pés adiante.

— É o meu ombro — menti, tentando soar infeliz, o que não era difícil. — Está queimando.

— Ora! Meu veneno causa dor. Não vai matar você. Ande!

Espinheiro nos conduzia para fora da escola, e eu tentava me concentrar. Visualizei o rosto de Grover. Concentrei-me nas emoções de dor e perigo. No último verão, Grover havia criado uma conexão empática entre nós dois. Ele havia me enviado visões em meus sonhos para me avisar de que ele estava em perigo. Até onde eu sabia, ainda estávamos conectados, mas eu nunca havia tentado entrar em contato com Grover. Não sabia nem se funcionaria com ele acordado.

*Ei, Grover!*, pensei. *Espinheiro está nos sequestrando! Ele é um maníaco atirador de espinhos envenenados! Socorro!*

Espinheiro nos fez marchar na direção da floresta. Tomamos um caminho coberto de neve e mal iluminado por lâmpadas antigas. Meu ombro doía. O vento que soprava através de minhas roupas rasgadas era tão frio que eu me sentia um Persicolé.

— Tem uma clareira mais à frente — disse Espinheiro. — Vamos chamar sua

carona.

— Que carona? — perguntou Bianca. — Para onde você está nos levando?

— Silêncio, garota insuportável!

— Não fale assim com minha irmã! — disse Nico. Sua voz tremia, mas eu estava impressionado por ele ter a coragem de dizer qualquer coisa que fosse.

O dr. Espinheiro soltou uma espécie de rosnado que definitivamente não era humano e que fez os pelos na minha nuca se eriçarem, mas eu me obriguei a continuar andando e fingi que estava sendo um bom prisioneiro. Enquanto isso, projetava meus pensamentos feito louco — qualquer coisa para chamar a atenção de Grover: *Grover! Maçãs! Latas! Venha com esse seu traseiro peludo de bode aqui para fora e traga alguns amigos fortemente armados!*

— Espere — disse Espinheiro.

A floresta havia se aberto. Tínhamos chegado a um penhasco que dava para o mar. Pelo menos, eu *sentia* que o mar estava lá embaixo, a centenas de metros. Podia ouvir as ondas quebrando e sentia o cheiro da espuma fria e salgada. Mas tudo que conseguia ver era neblina e escuridão.

O dr. Espinheiro nos empurrava em direção à beira. Eu tropecei e Bianca me segurou.

— Obrigado — murmurei.

— O que ele *é*? — sussurrou ela. — Como lutamos contra ele?

— Eu... eu estou trabalhando nisso.

— Estou com medo — disse Nico baixinho. Ele mexia algo nas mãos... uma espécie de soldadinho de metal de brinquedo.

— Parem de falar! — ordenou o dr. Espinheiro. — Fiquem de frente para mim!

Nós nos viramos.

Os olhos bicolores de Espinheiro cintilavam, famintos. Ele pegou alguma coisa embaixo do casaco. A princípio, pensei que fosse um canivete, mas era apenas um telefone. Ele pressionou o botão lateral e disse:

— O pacote... está pronto para ser entregue.

Ouviu-se uma resposta distorcida, e percebi que Espinheiro estava no modo *walkie-talkie*. Parecia moderno demais e assustador — um monstro usando um telefone celular.

Olhei para trás, imaginando a que distância estava da queda.

O dr. Espinheiro riu.

— Isso mesmo, Filho de Poseidon. *Pule!* Lá embaixo está o mar. Salve-se.

— Do que foi que ele chamou você? — perguntou Bianca.

— Mais tarde eu explico — respondi.

— Você tem mesmo um plano, certo?

*Grover!*, pensei, desesperado. *Venha em meu socorro!*

Talvez eu conseguisse saltar com os dois di Angelo para o oceano. Se sobrevivêssemos à queda, eu podia usar a água para nos proteger. Já havia feito coisas assim antes. Se meu pai estivesse de bom humor, e ouvindo, ele poderia ajudar. Talvez.

— Eu o mataria antes que você chegasse à água — disse o dr. Espinheiro, como se lesse meus pensamentos. — Você não se dá conta de quem eu sou, não é?

Um rápido movimento atrás dele e outro míssil passou assoviando tão perto de mim que cortou minha orelha. Alguma coisa havia saltado atrás do dr. Espinheiro — como um catapulta, porém mais flexível... quase como uma cauda.

— Infelizmente — disse o dr. Espinheiro — querem vocês vivos, se possível. Não fosse por isso, certamente vocês já estariam mortos agora.

— Quem é que nos quer? — perguntou Bianca. — Porque, se você acha que vai conseguir um resgate, está enganado. Não temos família. Nico e eu... — Sua voz tremeu um pouco. — Não temos ninguém, só um ao outro.

— Ah, não se preocupem, pestinhas — disse o dr. Espinheiro. — Vocês se encontrarão com o meu patrão logo, logo. Então terão uma família novinha em folha.

— Luke — disse eu. — Você trabalha para Luke.

A boca do dr. Espinheiro torceu-se de aversão quando eu disse o nome do meu velho inimigo — um ex-amigo que tentara me matar várias vezes.

— Você não tem a menor ideia do que está acontecendo, Perseu Jackson. Vou deixar que o General esclareça tudo para você. Vai prestar um grande serviço a ele esta noite. Ele espera com ansiedade encontrá-lo.

— O General? — perguntei. Então percebi que dissera a palavra com sotaque francês. — Ora... quem é o General?

Espinheiro olhou na direção do horizonte.

— Ah, aqui está. O seu transporte.

Virei-me e vi uma luz a distância, um farol sobre o mar. Então ouvi o movimento da hélice de um helicóptero cada vez mais alto e mais perto.

— Para onde está nos levando? — perguntou Nico.

— Devia se sentir honrado, meu garoto. Vai ter a oportunidade de entrar para um grande exército! Como o desse jogo bobo que você joga com cartas e bonecos.

— Não são bonecos! São estatuetas! E você pode pegar seu grande exército e...

— Ora, ora — advertiu o dr. Espinheiro. — Você vai mudar de ideia quanto a se juntar a nós, meu garoto. E se não mudar, bem... existem outras funções para

meios-sangues. Temos muitas bocas monstruosas para alimentar. A Grande Comoção está em andamento.

— A Grande o quê? — perguntei. Qualquer coisa que o mantivesse falando enquanto eu tentava bolar um plano.

— A comoção de monstros. — O dr. Espinheiro sorriu, malévolo. — O pior deles, o mais poderoso, está acordando agora. Monstros que não são vistos há milhares de anos. Eles irão causar morte e destruição do tipo que os mortais nunca viram. E logo vamos ter o monstro mais importante de todos... aquele que irá provocar a queda do Olimpo!

— O.k. — sussurrou Bianca para mim. — Ele é completamente louco.

— Temos de saltar do penhasco — disselhe eu baixinho. — Para o mar.

— Ah, grande ideia. Você também é completamente louco.

Eu não tive a oportunidade de argumentar, porque nesse exato momento uma força invisível se chocou contra mim.

Fazendo um retrospecto, o movimento de Annabeth foi brilhante. Usando seu boné de invisibilidade, ela atingiu os di Angelos e a mim, atirando-nos ao chão. Por uma fração de segundos, o dr. Espinheiro, pego de surpresa, ficou desnorteado, assim sua primeira saraivada de mísseis zuniu inofensiva acima de nossas cabeças. Isso deu a Thalia e a Grover a chance de avançar por trás — Thalia brandindo seu escudo mágico, Aegis.

Se você nunca viu Thalia entrando em uma batalha, nunca sentiu medo de verdade. Ela usa uma lança imensa, que se expande de uma lata de spray paralisante que carrega no bolso, mas essa não é a parte assustadora. Seu escudo foi modelado a partir de um que seu pai, Zeus, usa — também chamado Aegis —, um presente de Atena. O escudo tem a cabeça da Medusa moldada no bronze, e, embora não possa transformá-lo em pedra, é tão horrível que a maioria das pessoas entra em pânico e corre à sua visão.

Até mesmo o dr. Espinheiro estremeceu e rosnou quando o viu.

Thalia avançou com sua lança.

— Por Zeus!

Pensei que o dr. Espinheiro já era. Thalia tentou atingir a cabeça dele, mas ele rosnou e desviou o golpe, jogando a lança para o lado. Sua mão se transformou em uma pata laranja, com garras enormes, que cintilavam contra o escudo de Thalia enquanto a golpeavam. Não fosse por Aegis, Thalia teria sido fatiada como um pão. Nessas circunstâncias, ela conseguiu rolar para trás e aterrissar de pé.

O som do helicóptero ia se tornando mais alto atrás de mim, mas eu não ousava olhar.

O dr. Espinheiro lançou outra saraivada de mísseis contra Thalia, e dessa vez pude ver como ele fazia. Ele tinha uma cauda — rija, semelhante à de um escorpião — que se erguia com espinhos na ponta. Os mísseis se desviaram em Aegis, mas a força do impacto derrubou Thalia.

Grover saltou para a frente. Levou sua flauta aos lábios e começou a tocar — uma música frenética que parecia com aquelas ao som das quais piratas dançariam. A grama rompeu a neve e, em segundos, ervas daninhas da grossura de uma corda se enroscavam nas pernas do dr. Espinheiro, envolvendo-o.

O dr. Espinheiro rugiu e começou a se transformar. Ele foi crescendo até assumir sua verdadeira forma — o rosto ainda humano, mas com o corpo de um imenso leão. Sua cauda rija e pontiaguda lançava espinhos mortais em todas as direções.

— Um manticore! — exclamou Annabeth, agora visível. Seu boné mágico dos New York Yankees havia caído quando ela se lançara sobre nós.

— Quem *são* vocês, gente? — perguntou Bianca di Angelo. — E o que é *aquilo*?

— Um manticore? — arquejou Nico. — Ele tem poder de ataque três mil e mais cinco para arremessos de salvamento!

Eu não sabia do que ele estava falando, mas não tinha tempo para me preocupar com isso. O manticore dilacerou as ervas mágicas de Grover, transformando-as em fiapos, e então voltou-se em nossa direção com um rosnado.

— Abaixem-se! — Annabeth empurrou os di Angelos, forçando-os a se deitar na neve. No último instante, lembrei-me de meu próprio escudo. Bati em meu relógio de pulso e o revestimento de metal espiralou-se em um grosso escudo de bronze. Na hora exata. Os espinhos bateram contra ele com tamanha força que dentearam o metal. O belo escudo, presente de meu irmão, ficou seriamente danificado. Eu não tinha certeza se ele conseguiria deter uma segunda saraivada.

Ouvi uma *pancada* e um grito, e Grover aterrissou ao meu lado com um ruído surdo.

— Rendam-se! — rugiu o monstro.

— Nunca! — Thalia gritou do outro lado do campo. Ela se lançou contra o monstro e, por um segundo, pensei que fosse atravessá-lo. Mas então se ouviu um ruído ensurdecedor e viu-se um clarão, vindos de trás de nós. O helicóptero surgiu do meio da névoa, pairando pouco além do penhasco. Era um aparelho de estilo militar, preto reluzente, com acessórios laterais que pareciam foguetes guiados a *laser.* O helicóptero só podia ser pilotado por mortais, mas o que estava fazendo ali? Como é que mortais poderiam estar trabalhando com um monstro? Os holofotes cegaram Thalia, e o manticore a atirou longe com a

cauda. Seu escudo voou, indo cair na neve, e a lança foi impelida em outra direção.

— Não! — Corri para ajudá-la. Desviei um espigão pouco antes que atingisse seu peito. Ergui meu escudo sobre nós, mas sabia que não seria suficiente.

O dr. Espinheiro riu.

— Agora veem o quanto isso é inútil? Rendam-se, heroizinhos.

Estávamos presos entre um monstro e um helicóptero totalmente armado. Não tínhamos nenhuma chance.

Então ouvi um som claro, penetrante: o chamado de uma trompa de caça soando na floresta.

O manticore ficou imóvel. Por um momento, ninguém se moveu. Havia apenas o redemoinho de neve e vento e o ruído das pás da hélice do helicóptero.

— Não — disse o dr. Espinheiro. — Não pode ser...

Sua frase foi interrompida quando algo passou por mim como um raio de luar. Uma flecha de prata surgiu no ombro do dr. Espinheiro.

Ele cambaleou para trás, gemendo em agonia.

— Malditos sejam vocês! — gritou Espinheiro, lançando seus espinhos, dezenas deles de uma só vez, na direção da floresta, de onde a flecha viera, mas, igualmente rápido, flechas de prata foram disparadas em resposta. Era quase como se as flechas interceptassem os espinhos em pleno ar, dividindo-os em dois — mas isso deviam ser meus olhos me pregando peças. Ninguém, nem mesmo os filhos de Apolo no acampamento, era capaz de atirar com aquela precisão.

O manticore arrancou a flecha do ombro com um uivo de dor. Sua respiração estava pesada. Tentei atingi-lo com minha espada, mas ele não estava tão ferido quanto parecia. Desviou-se do ataque e arremessou a cauda contra meu escudo, atirando-me para um lado.

Então os arqueiros vieram do bosque. Eram garotas, cerca de uma dúzia delas. A mais nova devia ter uns dez anos. A mais velha, cerca de quatorze, como eu. Elas usavam parcas de esqui prateadas e jeans, e todas estavam armadas com arcos. Avançaram contra o manticore com expressão determinada.

— As Caçadoras! — gritou Annabeth.

Ao meu lado, Thalia murmurou:

— Ah, que maravilha.

Não tive chance de perguntar o que ela queria dizer.

Uma das arqueiras mais velhas deu um passo à frente com o arco preparado. Ela era alta e graciosa, com a pele cor de cobre. Diferentemente das outras garotas, tinha um diadema de prata preso no alto do cabelo escuro e comprido, que a fazia parecer uma princesa persa.

— Permissão para matar, minha senhora?

Eu não conseguia saber com quem ela estava falando, pois ela mantinha os olhos fixos no manticore.

O monstro queixou-se:

— Isso não é justo! Interferência direta! É contra as Leis Antigas.

— Não exatamente — disse outra garota. Esta era um pouco mais nova que eu, devia ter uns doze ou treze anos. Tinha cabelos castanho-avermelhados presos num rabo de cavalo e olhos estranhos, de um amarelo prateado como a lua. Seu rosto era tão lindo que me fez prender a respiração, mas sua expressão era implacável e perigosa. — A caçada a todas as feras selvagens está dentro da minha esfera. E você, criatura asquerosa, é uma fera selvagem. — Ela olhou para a garota mais velha com o arquinho. — Zoë, permissão concedida.

O manticore rosnou.

— Se não posso tê-los vivos, eu os terei mortos!

Ele investiu contra mim e Thalia, sabendo que estávamos fracos e atordoados.

— Não! — Annabeth gritou e atacou o monstro.

— Afaste-se, meio-sangue! — disse a garota com o diadema. — Afaste-se da linha de fogo!

Mas Annabeth saltou sobre as costas do monstro e apontou sua faca para a juba dele. O manticore rugia, movendo-se em círculos e golpeando o ar com a cauda enquanto Annabeth se agarrava a ele com firmeza.

— Fogo! — ordenou Zoë.

— Não! — gritei.

Mas as Caçadoras lançaram suas flechas. A primeira atingiu o manticore no pescoço. Outra acertou-lhe o peito. O manticore cambaleava para trás, uivando.

— Este não é o fim, Caçadora! Você vai pagar!

E antes que alguém pudesse reagir, o monstro, ainda com Annabeth nas costas, saltou no precipício, lançando-se na escuridão.

— Annabeth! — gritei.

Comecei a correr atrás dela, mas nossos inimigos ainda não tinham encerrado a questão conosco. Ouviu-se um *chap-chap-chap* vindo do helicóptero — o som de artilharia.

A maior parte das Caçadoras se dispersou enquanto minúsculos buracos surgiam na neve aos seus pés, mas a garota de cabelos avermelhados limitou-se a olhar calmamente para o helicóptero.

— Os mortais — anunciou ela — não têm permissão para testemunhar minha caçada.

Ela estendeu a mão, e o helicóptero explodiu, virando poeira — não, poeira não. O metal negro transformou-se num bando de aves — corvos —, que se

dispersaram no meio da noite.

As Caçadoras avançaram para nós.

A que se chamava Zoë deteve-se ao ver Thalia.

— Você — disse ela com desprazer.

— Zoë Doce-Amarga. — A voz de Thalia tremia de raiva. — Timing perfeito, como sempre.

Zoë esquadrinhou o restante de nós.

— Quatro meios-sangues e um sátiro, minha senhora.

— Sim — disse a garota mais nova. — Alguns dos campistas de Quíron, eu vejo.

— Annabeth! — gritei. — Tem de nos deixar salvá-la!

A garota de cabelos avermelhados virou-se em minha direção.

— Lamento, Percy Jackson, mas sua amiga está além de qualquer ajuda.

Tentei me pôr de pé, mas algumas das garotas me seguraram.

— Você não está em condições de sair por aí se atirando de penhascos — disse a garota de cabelos avermelhados.

— Deixe-me ir! — exigi. — Quem você pensa que é?

Zoë deu um passo à frente, como se fosse me dar uma bofetada.

— Não — ordenou a outra garota. — Não percebo nenhum desrespeito, Zoë. Ele só está perturbado. Ele não compreende.

A garota olhou para mim, os olhos mais frios e mais brilhantes do que a lua no inverno.

— Eu sou Ártemis — revelou ela. — A deusa da caça.

TRÊS

# Bianca Di Angelo faz uma escolha

Depois de ver o dr. Espinheiro transformar-se num monstro e despencar com Annabeth em um precipício, seria de pensar que nada mais me chocaria. Mas quando aquela garota de doze anos me disse que era a deusa Ártemis, eu disse algo muito inteligente, do tipo: “Hã... o.k.”

Isso não foi nada comparado a Grover. Ele arquejou, então se ajoelhou na neve e começou a tagarelar: — Obrigado, Senhora Ártemis! A senhora é tão... é tão... Uau!

— Levante-se, menino-bode! — disse Thalia. — Temos outras coisas com que nos preocupar. Annabeth desapareceu!

— Epa — disse Bianca di Angelo. — Esperem. Tempo.

Todos olharam para ela, que apontou o dedo para cada um de nós sucessivamente, como se estivesse tentando ligar os pontos.

— Quem... quem são vocês?

A expressão de Ártemis se suavizou.

— Talvez seja melhor perguntar, minha querida, quem é *você*? Quem são seus pais?

Bianca lançou um olhar nervoso para o irmão, que ainda olhava estupefato para Ártemis.

— Nossos pais morreram — disse Bianca. — Somos órfãos. Um fundo de curadoria paga a nossa escola, mas...

Sua voz falhou. Acho que estava vendo em nossos rostos que não acreditávamos nela.

— O que foi? — perguntou ela. — Estou dizendo a verdade.

— Sois uma meio-sangue — disse Zoë Doce-Amarga. Era difícil identificar seu modo de falar. Soava antiquado, como se ela estivesse lendo um livro muito velho. — Um de vossos pais era mortal. O outro era um olimpiano.

— Um atleta... olímpico?

— Não — disse Zoë. — Um dos deuses.

— Legal! — exclamou Nico.

— Não! — A voz de Bianca tremeu. — Isso não é legal!

Nico se remexia ao redor de nós como se precisasse ir ao banheiro.

— Zeus tem mesmo raios que podem causar danos de seiscentos pontos? Ele ganha pontos extras por...

— Nico, cale a boca! — Bianca levou as mãos ao rosto. — Esse não é seu estúpido jogo de Mitomagia, o.k.? Deuses não existem!

Por mais ansioso que eu estivesse por causa de Annabeth — tudo o que queria era sair à procura dela —, não podia deixar de ter pena dos irmãos di Angelo. Eu me lembrava de como tinha sido para mim descobrir que era um semideus.

Thalia devia estar sentindo algo semelhante, porque a raiva em seus olhos amainou um pouco.

— Bianca, sei que é difícil acreditar. Mas os deuses ainda estão por aqui. Acredite em mim. Eles são imortais. E sempre que têm filhos com humanos comuns, filhos como nós, bem... Nossas vidas tornam-se vulneráveis.

— Vulneráveis — disse Bianca —, como a garota que caiu.

Thalia se afastou. Até mesmo Ártemis parecia compadecida.

— Não se desespere por Annabeth — disse a deusa. — Ela era uma jovem corajosa. Se puder ser encontrada, eu vou encontrá-la.

— Então por que não nos deixa procurar por ela? — perguntei.

— Ela se foi. Não consegue sentir, Filho de Poseidon? Alguma magia está em ação. Eu não sei exatamente como nem por quê, mas sua amiga desapareceu.

Eu ainda queria saltar do penhasco e sair à procura dela, mas tinha a sensação de que Ártemis estava certa. Annabeth se fora. Se ela estivesse lá embaixo no mar, pensei, eu poderia sentir sua presença.

— Ah! — Nico ergueu a mão. — E o dr. Espinheiro? Foi incrível aquilo de você acertar flechas nele! Ele está morto?

— Ele era um manticore — informou Ártemis. — Tomara que esteja destruído por ora, mas os monstros nunca morrem de verdade. Eles renascem repetidamente e devem ser caçados sempre que reaparecerem.

— Senão, eles nos caçam — disse Thalia.

Bianca di Angelo estremeceu.

— Isso explica... Nico, lembra-se, no verão passado, daqueles caras que tentaram nos atacar numa ruazinha de Washington?

— E aquele motorista de ônibus — lembrou Nico. — Aquele com os chifres de carneiro. Eu *disse* que aquilo era de verdade.

— É por isso que Grover estava de olho em vocês — expliquei. — Para mantê-los em segurança, se fossem mesmo meios-sangues.

— Grover? — Bianca o fitou. — Você é um semideus?

— Bem, um sátiro, na verdade. — Ele atirou para longe os sapatos e mostrou

os cascos de bode. Pensei que Bianca fosse desmaiar ali mesmo.

— Grover, calce novamente os sapatos — disse Thalia. — Você a está assustando.

— Ei, meus cascos são limpos!

— Bianca — disse eu —, viemos aqui para ajudar vocês. Você e Nico precisam de treinamento para sobreviver. O dr. Espinheiro não vai ser o último monstro que irão encontrar. Precisam vir para o acampamento.

— Acampamento? — perguntou ela.

— Acampamento Meio-Sangue — respondi. — É onde os meios-sangues aprendem a sobreviver e tudo o mais. Vocês podem se juntar a nós, ficar lá direto, se gostarem.

— Vamos! — disse Nico à irmã.

— Esperem. — Bianca sacudiu a cabeça. — Eu não...

— Há *outra* opção — disse Zoë.

— Não, não há! — interveio Thalia.

Thalia e Zoë se fulminaram com o olhar. Eu não sabia do que estavam falando, mas dava para ver que havia uma história ruim entre elas. Por alguma razão, as duas se odiavam de verdade.

— Já sobrecarregamos essas crianças o suficiente — anunciou Ártemis. — Zoë, vamos descansar aqui algumas horas. Arme as tendas. Trate dos feridos. Busque os pertences de nossos convidados na escola.

— Sim, minha senhora.

— E, Bianca, venha comigo. Quero falar com você.

— E eu? — perguntou Nico.

Ártemis avaliou o menino.

— Talvez você possa mostrar a Grover como jogar com essas cartas de que você gosta. Tenho certeza de que Grover ia ficar feliz em distrair você um pouco... como um favor para mim...

Grover quase tropeçou nele mesmo ao se levantar.

— Pode apostar! Venha, Nico!

Nico e Grover se afastaram na direção da floresta, falando sobre pontos e classificações e um monte de outras coisas estranhas. Ártemis conduziu uma confusa Bianca ao longo do penhasco. As Caçadoras começaram a desfazer as mochilas e a montar acampamento.

Zoë lançou a Thalia mais um olhar de raiva, então partiu para supervisionar as atividades.

Assim que ela se foi, Thalia bateu o pé em frustração.

— A ousadia dessas Caçadoras! Elas acham que são tão... Argh!

— Estou com você — disse eu. — Não confio...

— Ah, você está comigo? — Thalia virou-se para mim, furiosa. — O que você estava pensando lá no ginásio, Percy? Que ia se encarregar do dr. Espinheiro sozinho? Você *sabia* que ele era um monstro!

— Eu...

— Se tivéssemos ficado juntos, poderíamos tê-lo vencido sem que as Caçadoras se envolvessem. Annabeth poderia ainda estar aqui. Você pensou nisso?

Meu maxilar se contraiu. Pensei em algumas coisas duras para dizer, e talvez as tivesse dito, não fosse eu ter olhado para baixo e avistado uma coisa azul-marinho caída na neve aos meus pés. Era o boné de beisebol dos Yankees, de Annabeth.

Thalia não falou mais nada. Enxugou uma lágrima do rosto, virou-se e se afastou, deixando-me sozinho com um boné pisoteado na neve.

As Caçadoras montaram acampamento em questão de minutos. Sete tendas grandes, todas de seda prateada, formando uma lua crescente em um dos lados da fogueira. Uma das garotas soprou um apito de prata, e uma dúzia de lobos brancos surgiu do bosque. Eles começaram a circular o acampamento, como cães de guarda. As Caçadoras andavam entre eles e lhes davam guloseimas, completamente à vontade, mas resolvi que ficaria perto das tendas. Falcões nos observavam das árvores, os olhos cintilando à luz da fogueira, e eu tinha a sensação de que eles também estavam a serviço, de sentinela. Até mesmo o tempo parecia se curvar à vontade da deusa. O ar ainda estava frio, mas o vento cessara e a neve parara de cair, de modo que era quase agradável ficar sentado junto ao fogo.

Quase... exceto pela dor em meu ombro e a culpa pesando em minhas costas. Eu não conseguia acreditar que Annabeth havia desaparecido. E por mais zangado que estivesse com Thalia, tinha a desalentadora sensação de que ela estava certa. Era culpa minha.

O que Annabeth tinha querido me dizer no ginásio? *Algo sério,* ela dissera. Agora, talvez, eu nunca descobrisse. Pensei em como havíamos dançado por meia canção, e meu coração ficou ainda mais pesaroso.

Observei Thalia andando na neve na extremidade do acampamento, caminhando entre os lobos sem medo. Ela parou e olhou para Westover Hall, que agora estava em completa escuridão, erguendo-se na encosta além do bosque. Perguntei-me em que ela estaria pensando.

Sete anos antes, Thalia havia sido transformada pelo pai em um pinheiro, no intuito de evitar sua morte. Ela enfrentara um exército de monstros no topo da Colina Meio-Sangue a fim de dar a seus amigos, Luke e Annabeth, tempo de

escapar. Fazia apenas alguns meses que ela estava de volta ao mundo humano e, de vez em quando, ela ficava tão imóvel que se podia pensar que ainda era uma árvore.

Finalmente, uma das Caçadoras trouxe minha mochila. Grover e Nico voltaram do passeio, e Grover me ajudou a tratar de meu braço machucado.

— Está verde! — exclamou Nico, encantado.

— Aguente firme — disseme Grover. — Aqui, coma um pouco de ambrosia enquanto eu limpo isso.

Estremeci enquanto ele cuidava do ferimento, mas o pedaço de ambrosia ajudou. Tinha gosto de brownie feito em casa, dissolvendo em minha boca e enviando uma sensação de calor por todo o meu corpo. Com isso e a sálvia mágica usada por Grover, em poucos minutos meu ombro estava muito melhor.

Nico vasculhava a própria bolsa, a qual as Caçadoras haviam aparentemente arrumado para ele, embora eu não soubesse como elas tinham entrado em Westover Hall sem serem vistas. Nico colocou um grupo de estatuetas na neve — pequenas réplicas de deuses gregos e heróis. Reconheci Zeus com o raio, Ares com a lança, Apolo com a carruagem do sol.

— Boa coleção — disse eu.

Nico sorriu.

— Tenho quase todos eles, e mais as cartas holográficas! Bem, exceto alguns muito raros.

— Você joga esse jogo há muito tempo?

— Comecei este ano. Antes de... — Ele franziu as sobrancelhas.

— Do quê? — perguntei.

— Esqueci. Que estranho.

Ele pareceu inquieto, mas isso não demorou muito.

— Ei, posso ver aquela espada que estava com você?

Eu lhe mostrei Contracorrente, e expliquei como ela se transformava de caneta em espada simplesmente ao ser destampada.

— Legal! E algum dia acaba a tinta?

— Hã, bem, eu na verdade não escrevo com ela.

— Você é mesmo o filho de Poseidon?

— Bem, sim.

— Então você sabe surfar muito bem, não é?

Olhei para Grover, que fazia um grande esforço para não rir.

— Puxa, Nico — disse eu. — Na verdade, nunca tentei.

Ele continuou fazendo perguntas: Eu brigava muito com Thalia, já que ela era filha de Zeus? (A essa não respondi.) Se a mãe de Annabeth era Atena, a deusa da sabedoria, então por que Annabeth fez a bobagem de cair do precipício?

(Esforcei-me para não estrangular Nico por causa dessa pergunta.) Annabeth era minha namorada? (A essa altura, eu já estava pronto para enfiar o garoto num saco com gosto de carne e lançá-lo para os lobos.) Imaginei que a qualquer segundo ele ia perguntar quantos pontos de vida eu tinha, e aí eu perderia a calma completamente, mas nesse momento Zoë Doce-Amarga se aproximou.

— Percy Jackson.

Zoë tinha olhos castanho-escuros e um nariz levemente arrebitado. Com o arquinho prata no cabelo e a expressão orgulhosa, ela parecia tanto ser da nobreza que eu tive de resistir ao impulso de fazer uma reverência e dizer “Sim, senhora”.

Ela me estudou com desprazer, como se eu fosse uma sacola de roupa suja que lhe mandaram buscar.

— Vinde comigo — disse ela. — A Senhora Ártemis deseja vos falar.

Zoë me levou até a última tenda, que em nada se diferenciava das outras, e fez sinal para que eu entrasse. Bianca di Angelo estava sentada ao lado da garota de cabelos avermelhados, que eu ainda tinha dificuldade de ver como Ártemis.

O interior da tenda era quente e confortável. Mantas de seda e almofadas cobriam o chão. No centro, um braseiro dourado parecia queimar sem combustível ou fumaça. Atrás da deusa, num suporte de carvalho polido, via-se seu imenso arco de prata, esculpido de modo a parecer chifres de gazela. Das paredes pendiam peles de animais: urso negro, tigre e vários outros que eu não reconheci. Imaginei que um ativista dos direitos dos animais teria um ataque cardíaco se visse todas aquelas peles raras — mas talvez, sendo a deusa da caça, Ártemis pudesse repor tudo o que matava. Pensei que ao seu lado houvesse outra pele jogada, mas então percebi que se tratava de um animal vivo — um cervo com pelo lustroso e chifres de prata, a cabeça pousada, alegremente, no colo de Ártemis.

— Junte-se a nós, Percy Jackson — disse a deusa.

Sentei-me à sua frente no chão da tenda. A deusa me estudou, o que me deixou pouco à vontade. Ela tinha olhos muito velhos para uma garota tão jovem.

— Está surpreso com a minha idade? — perguntou ela.

— Hum... um pouco.

— Eu poderia aparecer como uma mulher adulta, um fogo ardente ou qualquer outra coisa que quisesse, mas é assim que prefiro. Esta é a média de idade das minhas Caçadoras, e de todas as jovens de quem sou protetora, antes que se desencaminhem.

— Se desencaminhem? — perguntei.

— Cresçam. Enamorem-se dos garotos. Tornem-se tolas, absortas, inseguras. Esqueçam-se de si mesmas.

— Ah.

Zoë sentou-se à direita de Ártemis. E me fuzilou com o olhar, como se tudo o que a deusa acabara de dizer fosse minha culpa, como se tivesse sido eu a inventar a ideia de ser homem.

— Você deve desculpar minhas Caçadoras se elas não o recebem muito bem — disse Ártemis. — É muito raro termos garotos neste acampamento. Em geral, eles não têm permissão para nenhum contato com as Caçadoras. O último a ver este acampamento... — Ela olhou para Zoë. — Quem foi mesmo?

— Aquele garoto no Colorado — disse Zoë. — Minha senhora o transformou em uma mistura de coelho com antílope.

— Ah, foi — assentiu Ártemis, satisfeita. — Adoro fazer essas experiências. Seja como for, Percy, chamei você aqui para que me contasse mais sobre o manticore. Bianca relatou algumas das... hum, coisas perturbadoras que o monstro disse. Mas talvez ela não as tenha entendido. Gostaria de ouvi-las de você.

E então eu contei a ela.

Quando cheguei ao fim, Ártemis apoiou a mão em seu arco de prata, pensativa.

— Temia que fosse esta a resposta.

Zoë inclinou-se para a frente.

— O cheiro, minha senhora?

— Sim.

— Que cheiro? — perguntei.

— Coisas que não caço há milênios estão se agitando — murmurou Ártemis. — Presas tão antigas que quase me esqueci delas.

Ela me dirigiu um olhar intenso.

— Chegamos até aqui esta noite porque sentimos o manticore, mas não era ele que eu procurava. Conte-me outra vez exatamente o que o dr. Espinheiro disse.

— Hum... “Odeio esses bailinhos de escola.”

— Não, não. Depois disso.

— Ele disse que alguém chamado General ia me explicar tudo.

O rosto de Zoë perdeu a cor. Ela se virou para Ártemis e começou a dizer alguma coisa, mas a deusa ergueu a mão.

— Continue, Percy — disse ela.

— Bem, então Espinheiro começou a falar da Grande Correção...

— Comoção — corrigiu Bianca.

— É. Ele disse: “E logo vamos ter o monstro mais importante de todos...

aquele que irá provocar a queda do Olimpo!”

A deusa ficou tão imóvel que parecia ter virado uma estátua.

— Talvez ele estivesse mentindo — falei.

Ártemis balançou a cabeça negativamente.

— Não. Ele não estava. Demorei muito a perceber os sinais. Preciso caçar esse monstro.

Zoë parecia estar se esforçando muito para não demonstrar medo, mas assentiu.

— Vamos partir imediatamente, minha senhora.

— Não, Zoë. Tenho de fazer isso sozinha.

— Mas, Ártemis...

— Essa tarefa é perigosa demais até para as Caçadoras. Você sabe onde devo começar minha busca. Não pode ir até lá comigo.

— Como... como quiser, minha senhora.

— Vou encontrar essa criatura — jurou Ártemis. — E vou trazê-la de volta ao Olimpo por ocasião do solstício de inverno. Será a prova de que preciso para convencer o Conselho dos Deuses do perigo que temos à nossa frente.

— Você sabe como é o monstro? — perguntei.

Ártemis agarrou seu arco.

— Rezemos para que eu esteja errada.

— As deusas podem rezar? — perguntei, pois nunca pensara a esse respeito.

Um lampejo de sorriso passou pelos lábios de Ártemis.

— Antes de partir, Percy Jackson, tenho uma pequena tarefa para você.

— Tem alguma coisa a ver com ser transformado em um cruzamento de coelho com antílope?

— Infelizmente, não. Quero que você escolte as Caçadoras até o Acampamento Meio-Sangue. Elas podem ficar em segurança lá até que eu volte.

— *O quê?* — deixou escapar Zoë. — Mas, Ártemis, detestamos aquele lugar. Na última vez que ficamos lá...

— Sim, eu sei — disse Ártemis. — Mas tenho certeza de que Dioniso não vai guardar rancor só por causa de um pequeno, hum..., mal-entendido. É direito de vocês usar o chalé 8 sempre que precisarem. Além disso, ouvi dizer que reconstruíram os chalés que vocês incendiaram.

Zoë resmungou alguma coisa sobre campistas tolos.

— E agora ainda tem uma última decisão a ser tomada. — Ártemis voltou-se para Bianca. — Você já se resolveu, minha menina?

Bianca hesitou.

— Ainda estou pensando.

— Esperem — falei. — Pensando sobre o quê?

— Eles... elas me convidaram para me juntar à Caçada.

— O quê? Mas você não pode! Precisa ir para o Acampamento Meio-Sangue para que Quíron possa treiná-la. É a única maneira de você aprender a sobreviver.

— *Não* é a única saída para uma garota — reagiu Zoë.

Eu não podia acreditar que estava ouvindo aquilo.

— Bianca, o acampamento é legal! Tem um estábulo de pégasos e uma arena para lutas com espadas e... ora, o que você ganha juntando-se às Caçadoras?

— Só para começar — disse Zoë —, a imortalidade.

Eu a fitei, depois me virei para Ártemis.

— Ela está brincando, não é?

— Zoë raramente brinca com alguma coisa — respondeu a deusa. — Minhas Caçadoras me seguem em minhas aventuras. Elas são minhas criadas, minhas companheiras, minhas irmãs de armas. Uma vez que juram lealdade a mim, tornam-se de fato imortais... a menos que tombem na batalha, o que é improvável. Ou quebrem seu voto.

— Que voto? — perguntei.

— De renunciar ao amor romântico para sempre — disse Ártemis. — De nunca crescer, nunca se casar. De ser eternamente uma donzela.

— Como você?

A deusa assentiu.

Tentei imaginar o que ela estava descrevendo. Ser imortal. Andar por aí apenas com garotas adolescentes para sempre. Eu não conseguia entender.

— Então você percorre o país recrutando meios-sangues...

— Não só meios-sangues — interrompeu Zoë. — A Senhora Ártemis não discrimina pela origem. Todos os que honram a deusa podem se filiar. Meios-sangues, ninfas, mortais...

— O que você é então?

A raiva cruzou os olhos de Zoë.

— Isso não é da sua conta, garoto. A questão é que Bianca pode se juntar a nós se quiser. É escolha dela.

— Bianca, isso é loucura — afirmei. — E o seu irmão? Nico não pode ser um Caçador.

— Certamente que não — concordou Ártemis. — Ele vai para o acampamento. Infelizmente, isso é o melhor que os garotos podem fazer.

— Ei! — protestei.

— Você pode vê-lo de tempos em tempos — assegurou Ártemis a Bianca. — Mas ficará livre de responsabilidades. Nico terá os conselheiros do acampamento para tomar conta dele. E você terá uma nova família. Nós.

— Uma nova família — repetiu Bianca, sonhadora. — Livre de responsabilidades.

— Bianca, você não pode fazer isso — insisti. — É maluquice.

Ela olhou para Zoë.

— Vale a pena?

Zoë assentiu.

— Vale.

— O que eu preciso fazer?

— Repita — disselhe Zoë: — “Eu me comprometo com a deusa Ártemis.”

— Eu... eu me comprometo com a deusa Ártemis.

— “Dou as costas para a companhia dos homens, aceito a virgindade eterna e me junto à Caçada.”

Bianca repetiu.

— Só isso?

Zoë assentiu.

— Se a Senhora Ártemis aceitar vosso compromisso, então está valendo.

— Eu aceito — disse Ártemis.

As chamas no braseiro se avivaram, lançando no ambiente um brilho prateado. Bianca não parecia diferente, mas respirou fundo e abriu bem os olhos.

— Eu me sinto... mais forte.

— Bem-vinda, irmã — disse Zoë.

— Lembre-se de seu compromisso — disse Ártemis. — Ele agora é a sua vida.

Eu não conseguia falar. Sentia-me como um intruso. E um completo fracasso. Não podia acreditar que fora até ali e sofrera tanto para perder Bianca para um clube de eternas garotas.

— Não se desespere, Percy Jackson — disse Ártemis. — Você ainda vai mostrar seu acampamento aos di Angelos. E, se Nico assim escolher, poderá ficar lá.

— Ótimo — falei, tentando não parecer mal-humorado. — Como vamos chegar até lá?

Ártemis fechou os olhos.

— A aurora está se aproximando. Zoë, levante acampamento. Vocês precisam chegar a Long Island rapidamente e em segurança. Vou pedir uma carona ao meu irmão.

Zoë não parecia muito feliz com essa ideia, mas assentiu e disse a Bianca que a seguisse. Quando estava saindo, Bianca parou na minha frente.

— Sinto muito, Percy. Mas é o que eu quero. Mesmo, de verdade.

Então se foi, e fiquei sozinho com a deusa de doze anos.

— Então — disse eu, tristonho —, vamos pegar uma carona com seu irmão, é?

Os olhos de prata de Ártemis brilharam.

— Sim, garoto. Olhe, Bianca di Angelo não é a única que tem um irmão irritante. Já é hora de você conhecer meu irmão gêmeo irresponsável: Apolo.

# QUATRO

Thalia põe fogo na Nova Inglaterra

Ártemis nos assegurou de que a aurora ia despontando, mas dava para duvidar disso. Estava mais frio e mais escuro, e nevava mais do que nunca. No alto da colina, as janelas de Westover Hall estavam completamente sem luz. Eu me perguntava se os professores já teriam percebido que os di Angelos e o dr. Espinheiro tinham desaparecido. Eu não queria estar por perto quando notassem. Com minha sorte, o único nome de que a sra. Tengiz iria se lembrar era “Percy Jackson”, e então eu seria alvo de busca em todo o país... mais uma vez.

As Caçadoras levantaram acampamento tão rapidamente quanto haviam montado. Fiquei lá, tremendo na neve (diferentemente das Caçadoras, que não pareciam sentir nenhum desconforto), enquanto Ártemis fitava o leste, como se estivesse esperando alguma coisa. Bianca sentou-se num canto, conversando com Nico. Dava para ver pelo rosto abatido dele que ela estava explicando sua decisão de filiar-se à Caça. Não pude deixar de pensar em quanto era egoísta da parte dela abandonar o irmão dessa forma.

Thalia e Grover aproximaram-se e pararam à minha volta, ansiosos por saber o que se passara em minha audiência com a deusa.

Quando lhes contei, Grover empalideceu.

— Na última vez que as Caçadoras visitaram o acampamento, as coisas não foram nada bem.

— Como é que elas vieram parar aqui? — perguntei a mim mesmo. — Isto é, elas simplesmente apareceram do nada.

— E Bianca *juntou-se* a elas — disse Thalia, enojada. — Tudo culpa da Zoë. Aquela convencida. Nada...

— Quem pode culpá-la? — cortou Grover. — Eternidade com Ártemis? — Ele deixou escapar um suspiro profundo.

Thalia revirou os olhos.

— Vocês, sátiros. São todos apaixonados por Ártemis. Não percebem que ela nunca vai corresponder ao amor de vocês?

— Mas ela é tão... voltada para a natureza — disse Grover, enlevado.

— Você é doido — falou Thalia.

— Doido demais — replicou ele, sonhador. — É.

Finalmente o céu começou a clarear.

— Já era hora — murmurou Ártemis. — Ele é tãááão preguiçoso no inverno.

— Você está, hum, esperando o sol nascer? — perguntei.

— O meu irmão. Sim.

Eu não queria ser rude. Isto é, eu conhecia as lendas sobre Apolo — ou Hélio — guiando uma grande carruagem de sol pelo céu. Mas eu também sabia que o sol era mesmo uma estrela a zilhões de quilômetros de distância. Eu já me acostumara à veracidade de alguns mitos gregos, mas ainda assim... não via como Apolo poderia guiar o sol.

— Não é exatamente como você pensa — disse Ártemis, como se estivesse lendo a minha mente.

— Ah, o.k. — Comecei a relaxar. — Bem, então ele não vai chegar aqui numa...

Houve uma súbita explosão de luz no horizonte. Um jato de calor.

— Não olhe — advertiu Ártemis. — Não antes de ele estacionar.

*Estacionar?*

Desviei meus olhos e vi que os outros estavam fazendo o mesmo. A luz e o calor aumentaram, até que tive a sensação de que meu casaco de inverno estava se derretendo sobre meu corpo. Então, de repente, a luz cessou.

Eu olhei. E não conseguia acreditar. Era o *meu* carro. Bem, o carro que eu queria, pelo menos. Um Maserati Spyder conversível vermelho. Era tão impressionante, que resplandecia. Então percebi que reluzia porque o metal estava quente. A neve havia derretido em torno do Maserati num círculo perfeito, o que explicava por que eu agora estava de pé na grama verde, e meus sapatos estavam molhados.

O motorista saltou, sorrindo. Parecia ter dezessete ou dezoito anos, e, por um segundo, tive a desconfortável sensação de que se tratava de Luke, meu velho inimigo. Esse cara tinha os mesmos cabelos claros e a beleza esportiva. Mas não era Luke. Era mais alto, sem nenhuma cicatriz no rosto. Seu sorriso era mais brilhante e mais divertido. (Ultimamente, Luke não fazia muito mais do que franzir as sobrancelhas e dar um sorriso de escárnio.) O motorista do Maserati usava jeans, sapatos do tipo mocassim e camiseta sem mangas.

— Uau — murmurou Thalia. — Apolo dá até calor.

— É o deus-sol — afirmei.

— Não é disso que estou falando.

— Irmãzinha! — chamou Apolo. Se seus dentes fossem um pouquinho mais brancos, ele poderia ter nos cegado sem o carro-sol. — O que aconteceu? Você nunca liga. Nunca escreve. Estava ficando preocupado!

Ártemis suspirou.

— Estou bem, Apolo. E não sou sua *irmãzinha*.

— Ei, nasci primeiro.

— Somos gêmeos! Por quantos milênios vamos precisar discutir...

— Então, o que está acontecendo? — ele a interrompeu. — As garotas estão com você, estou vendo. Estão precisando de umas dicas de como manejar o arco?

Ártemis rangeu os dentes.

— Preciso de um favor. Tenho de fazer uma caçada, *sozinha*. Preciso que leve minhas companheiras para o Acampamento Meio-Sangue.

— Claro, mana! — Então ele ergueu as mãos num gesto de *parem tudo*. — Estou sentindo a chegada de um haicai.

As Caçadoras todas gemeram aborrecidas. Ao que parecia, já haviam encontrado Apolo antes.

Ele limpou a garganta e ergueu uma das mãos dramaticamente.

*Grama rompe a neve.*
*Ártemis quer ajuda.*
*Eu que sou leve.*

Ele sorriu para nós, esperando os aplausos.

— Esse último verso só tinha quatro sílabas — disse Ártemis.

Apolo franziu a testa.

— É?

— É. Que tal “Eu sou tão cabeçudo”?

— Não, não, esse tem seis sílabas. Humm. — Ele começou a murmurar consigo mesmo.

Zoë Doce-Amarga voltou-se para nós.

— O Senhor Apolo está vivendo essa fase de haicais desde que foi ao Japão. Não é tão ruim quanto da vez em que ele visitou Limerick. Se eu tivesse de ouvir mais um único poema que começasse com *Era uma vez uma deusa de Esparta*...

— Já sei! — anunciou Apolo. — *Eu sou tão brilhante*. Esse tem cinco sílabas! — Ele se curvou, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — E agora, mana, é transporte para as Caçadoras que você quer? Na hora certa. Estava mesmo

pronto para pôr o pé na estrada.

— Estes semideuses também precisarão de carona — disse Ártemis, apontando para nós. — Alguns dos campistas de Quíron.

— Sem problema! — Apolo nos inspecionou. — Vamos ver... Thalia, certo? Ouvi tudo a seu respeito.

Thalia enrubesceu.

— Oi, Senhor Apolo.

— Filha de Zeus, não é? O que faz de você minha meio-irmã. Era uma árvore, não era? Que bom que você está de volta. Odeio quando garotas bonitas se transformam em árvores. Cara, eu me lembro de uma vez...

— Irmão — disse Ártemis. — É melhor vocês irem.

— Ah, certo. — Então ele olhou para mim, e seus olhos se estreitaram. — Percy Jackson?

— Sim. Isto é... sim, senhor.

Parecia estranho chamar um adolescente de “senhor”, mas eu havia aprendido a ser cauteloso com os imortais. Eles costumavam se ofender facilmente. E então explodiam as coisas.

Apolo me examinou, mas não falou nada, o que eu achei um pouco sinistro.

— Bem — disse ele, afinal —, é melhor carregarmos o carro, hein? A carona só segue uma direção: o oeste. E, se vocês perderem, perderam.

Olhei para o Maserati, que acomodaria duas pessoas, no máximo. Éramos cerca de vinte.

— Carro legal — disse Nico.

— Obrigado, garoto — replicou Apolo.

— Mas como vamos todos caber?

— Ah. — Apolo pareceu só então perceber o problema. — Bem, é. Eu detesto mudar do modo carro esportivo, mas suponho...

Ele pegou a chave do carro e apertou o botão do alarme. *Clique, clique*.

Por um instante, o carro reluziu novamente. Quando o fulgor morreu, o Maserati havia sido substituído por uma daquelas vans de teto arredondado, como as que usávamos nos jogos de basquete da escola.

— Certo — disse ele. — Todo mundo para dentro.

Zoë ordenou às Caçadoras que começassem a carregar suas coisas. Ela pegou sua mochila de acampamento e Apolo disse: — Aqui, doçura. Deixe que eu levo.

Zoë recuou. Seus olhos faiscaram, letais.

— Irmão — repreendeu-o Ártemis. — Não ajude minhas Caçadoras. Não olhe para elas, não fale ou flerte com elas. E *não* as chame de doçura.

Apolo estendeu as mãos abertas.

— Desculpe-me. Esqueci. Ei, mana, para onde você vai, por falar nisso?

— Caçar — respondeu Ártemis. — Mas não é da sua conta.
— Vou descobrir. Eu vejo tudo. Sei de tudo.
Ártemis bufou.
— Apenas leve-os até lá, Apolo. E nada de confusão!
— Não, não! Eu nunca me meto em confusão.
Ártemis revirou os olhos, então olhou para nós.
— Vejo vocês no solstício de inverno. Zoë, você está no comando das Caçadoras. Proceda da melhor forma. Faça como eu faria.
Zoë empertigou-se.
— Sim, minha senhora.
Ártemis ajoelhou-se e tocou o solo como se procurasse rastros. Quando se levantou, parecia perturbada.
— É perigoso demais. A fera deve ser encontrada.
Ela correu na direção do bosque e desapareceu na neve e nas sombras.
Apolo virou-se e sorriu, tilintando as chaves do carro no dedo.
— Então — disse ele. — Quem quer dirigir?

As Caçadoras se amontoaram na van. Todas se apertaram na traseira a fim de ficar o mais longe possível de Apolo e do restante de nós, machos altamente infecciosos. Bianca sentou-se com elas, deixando o irmãozinho na frente conosco. Isso me pareceu uma atitude fria, mas Nico aparentemente não se importou.
— Isso é tão legal! — exclamou ele, pulando no banco do motorista. — Este é o sol de verdade? Pensei que Hélio e Selene fossem os deuses do sol e da lua. Como pode às vezes serem eles e às vezes você e Ártemis?
— Redução de pessoal — respondeu Apolo. — Os romanos começaram tudo. Mas não podiam bancar todos aqueles sacrifícios nos templos, então dispensaram Hélio e Selene e embutiram suas responsabilidades nas descrições de nossas tarefas. Minha mana ficou com a lua. Eu, com o sol. Foi bem irritante no início, mas pelo menos ganhei esse carro maneiro.
— Mas como é que ele funciona? — perguntou Nico. — Pensei que o sol fosse uma grande bola de gás pegando fogo!
Apolo riu e bagunçou os cabelos de Nico.
— Esse rumor provavelmente começou porque Ártemis costumava me chamar de bola de gás pegando fogo. Na verdade, garoto, depende se você está falando de astronomia ou de filosofia. Quer falar de astronomia? Que graça tem nisso? Quer falar sobre como os humanos *imaginam* o sol? Ah, isso já é bem mais interessante. Para muita coisa eles pegam carona no sol... hã, por assim dizer. O sol os mantém aquecidos, faz crescer suas plantações, movimenta

motores, faz com que tudo pareça, bem, melhor. Este carro é construído de *sonhos* humanos sobre o sol, garoto. É tão antigo quanto a civilização ocidental. Todos os dias, ele cruza o céu de leste para oeste, iluminando todas aquelas insignificantes vidinhas mortais. O carro é uma manifestação do poder do sol, a forma como os mortais o percebem. Faz sentido?

Nico balançou negativamente a cabeça:

— Não.

— Bem, então pense nisso aqui apenas como um carro solar poderoso e perigoso de verdade.

— Posso dirigir?

— Não. Novo demais.

— Ah! Ah! — Grover levantou a mão.

— Hum, não — disse Apolo. — Peludo demais. — Seus olhos passaram por mim e fixaram-se em Thalia.

— Filha de Zeus! — disse ele. — Deus do céu. Perfeito.

— Ah, não. — Thalia sacudiu a cabeça. — Não, obrigada.

— Ora, venha — chamou Apolo. — Quantos anos você tem?

Thalia hesitou.

— Não sei.

Era triste, mas era verdade. Ela foi transformada em árvore aos doze anos, e isso aconteceu sete anos atrás. Portanto, ela teria dezenove, se contássemos os anos. Mas Thalia se sentia como se tivesse doze, e, olhando para ela, a impressão era de que estava em algum ponto entre essas duas idades. A melhor conclusão a que Quíron pôde chegar foi que ela continuara envelhecendo enquanto estivera sob a forma de árvore, mas muito mais lentamente.

Apolo batia o dedo nos lábios.

— Você tem quinze anos, quase dezesseis.

— Como é que você sabe?

— Ei, sou o deus da profecia. Eu sei das coisas. Você vai completar dezesseis daqui a mais ou menos uma semana.

— É o dia do meu aniversário! Vinte e dois de dezembro.

— O que significa que tem idade suficiente para dirigir com uma licença de aprendiz!

Thalia mudou a posição dos pés nervosamente.

— Hã...

— Eu sei o que vai dizer — interrompeu-a Apolo. — Você não merece uma honra como dirigir o carro do sol.

— Não era isso que eu ia dizer.

— Não se aflija! É uma viagem muito curta do Maine a Long Island, e não se

preocupe com o que aconteceu com a última criança que eu treinei. Você é filha de Zeus. Ele não vai *arrancá-la* do céu.

Apolo riu de modo jovial. O restante de nós não o acompanhou.

Thalia tentou protestar, mas Apolo definitivamente não ia aceitar um "não" como resposta. Ele acionou um botão no painel e um aviso surgiu ao longo do alto do para-brisa. Eu tive de ler de trás para a frente (o que, para um disléxico, não é assim tão diferente de ler normalmente). Eu tinha certeza de que dizia AVISO: MOTORISTA APRENDIZ.

— Ande, leve o carro! — disse Apolo a Thalia. — Vai ser moleza para você!

Admito que fiquei com inveja. Mal podia esperar para começar a dirigir. Umas poucas vezes naquele outono minha mãe me levara até Montauk, quando a estrada para a praia estava vazia, e me deixara experimentar seu Mazda. É, eu sei, aquele era um compacto japonês, e esse, o carro do sol, mas o que poderia haver de tão diferente entre eles?

— Velocidade significa calor — advertiu Apolo. — Portanto, comece devagar e certifique-se de que está em boa altitude antes de acelerar de verdade.

Thalia agarrou o volante com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Parecia prestes a vomitar.

— Qual o problema? — perguntei a ela.

— Nenhum — respondeu, trêmula. — N-não tem problema nenhum.

Ela puxou o volante. Ele inclinou-se e a van lançou-se para cima tão rápido que eu caí de costas e fui de encontro a algo macio.

— Ai — gemeu Grover.

— Desculpe-me.

— Mais devagar! — disse Apolo.

— Desculpe-me! — replicou Thalia. — Está tudo sob controle!

Consegui ficar de pé. Olhando pela janela, vi um anel de árvores fumegantes na clareira de onde havíamos decolado.

— Thalia — disse eu —, calma no acelerador!

— Já *entendi*, Percy — disse ela, rangendo os dentes. Mas manteve o veículo acelerado.

— Relaxe — falei.

— Já estou relaxada! — exclamou ela, tão rígida que parecia feita de madeira.

— Precisamos guinar para o sentido sul, para Long Island — informou Apolo. — Vire para a esquerda.

Thalia puxou bruscamente o volante e mais uma vez me atirou de encontro a Grover, que gritou.

— A outra esquerda — sugeriu Apolo.

Cometi o erro de olhar novamente pela janela. Estávamos agora na altura em que os aviões voam — tão alto que o céu começava a parecer negro.

— Ah... — disse Apolo, e tive a sensação de que ele estava se forçando a parecer calmo. — Um pouco mais baixo, doçura. Cape Cod está congelando.

Thalia inclinou o volante. Seu rosto estava branco como giz, a testa gotejava suor. Alguma coisa estava decididamente errada. Eu nunca a tinha visto assim.

A van embicou para o chão e alguém gritou. Talvez tenha sido eu mesmo. Agora estávamos seguindo direto para o Oceano Atlântico, a mais de mil e quinhentos quilômetros por hora; a costa da Nova Inglaterra à nossa direita. E estava ficando quente na van.

Apolo fora atirado para algum lugar no fundo, mas começou a transpor as fileiras de assentos.

— Assuma o volante! — implorou-lhe Grover.

— Não se preocupem — disse Apolo. Mas ele parecia bastante preocupado. — Ela só precisa aprender a... OPA!

Então vi o que ele estava vendo. Bem debaixo de nós havia uma cidadezinha da Nova Inglaterra, coberta de neve. Pelo menos, estava assim antes. Enquanto eu observava, a neve derretia nas árvores, nos tetos, nos gramados. O campanário branco da igreja ficou marrom e começou a soltar fumaça. Pequenas faixas de fumaça, como velas de aniversário, saltavam por toda a cidade. Árvores e telhados pegavam fogo.

— Suba! — gritei.

Havia um brilho selvagem nos olhos de Thalia. Ela puxou o volante para trás e dessa vez me segurei. Enquanto subíamos rapidamente, pude ver pela janela de trás que os incêndios na cidade estavam sendo apagados pela súbita rajada de frio.

— Lá! — apontou Apolo. — Long Island, bem à frente. Vamos reduzir, querida.

Thalia ia como um trovão em direção ao litoral norte de Long Island. Lá estava o Acampamento Meio-Sangue: o vale, o bosque, a praia. Dava para ver o pavilhão do refeitório, os chalés, o anfiteatro.

— Estou no controle — murmurou Thalia. — Estou no controle.

Estávamos a apenas algumas centenas de metros agora.

— Freie — disse Apolo.

— Eu posso fazer isso.

— FREIE!

Thalia enfiou o pé no freio e o carro do sol desceu num ângulo de 45 graus, no lago de canoagem do Acampamento Meio-Sangue com um grande *FLUUUUUUUUSH!* O vapor subiu, fazendo várias náiades saírem apressadas da

água com cestas de vime trançadas pela metade.

A van foi quicando pela superfície, junto a algumas canoas emborcadas, metade queimadas.

— Bem — disse Apolo com um sorriso corajoso. — Você tinha razão, minha querida. Estava tudo sob controle! Vamos ver se não cozinhamos alguém importante, está bem?

# CINCO

Faço uma ligação subaquática

Eu nunca tinha visto o Acampamento Meio-Sangue no inverno, e a neve me surpreendeu.

Ora, o acampamento tem o último modelo de controle mágico do clima. Nada atravessa seus limites a menos que o diretor, o sr. D, queira. Pensei que fosse estar quente e ensolarado, mas, em vez disso, a neve tivera permissão para cair levemente. O gelo cobria a pista de carruagens e os campos de morango. Os chalés estavam decorados com minúsculos pisca-piscas, como luzes de Natal, só que pareciam bolas de fogo de verdade. Mais luzes brilhavam no bosque e, o mais estranho de tudo, um fogo bruxuleava na janela do sótão da Casa Grande, onde vivia o oráculo, aprisionado em um velho corpo mumificado. Eu me perguntei se o espírito de Delfos estaria assando *marshmallows* lá em cima ou qualquer coisa parecida.

— Uau! — exclamou Nico, descendo da *van*. — Aquilo é uma parede de escalada?

— É — respondi.

— Por que tem lava descendo por ela?

— Um pequeno desafio extra. Venha. Vou apresentá-lo a Quíron. Zoë, você já conhece...

— Conheço Quíron — disse Zoë rigidamente. — Dizei-lhe que estaremos no chalé 8. Caçadoras, seguime.

— Vou indicar o caminho — ofereceu-se Grover.

— Conhecemos o caminho.

— Ah, sério, não é trabalho nenhum. É fácil se perder aqui, se você não... — ele tropeçou numa canoa e se ergueu ainda falando — ...como meu velho pai bode costumava dizer! Venham!

Zoë revirou os olhos, mas acho que concluiu que não tinha como se livrar de

Grover. As Caçadoras colocaram as mochilas e os arcos nos ombros e seguiram em direção aos chalés. Quando Bianca di Angelo começava a se afastar, inclinou-se e sussurrou alguma coisa no ouvido do irmão. Olhou para ele em busca de resposta, mas Nico se limitou a franzir as sobrancelhas e a se afastar dela.

— Cuidem-se, doçuras! — gritou Apolo para as Caçadoras. E piscou para mim. — Cuidado com aquelas profecias, Percy. Vejo você em breve.

— O que você quer dizer?

Em vez de responder, ele saltou de volta na van.

— Até mais, Thalia — gritou. — E, hã, comporte-se!

Ele dirigiu-lhe um sorriso travesso, como se soubesse de algo que ela não sabia. Então fechou as portas e ligou o motor. Virei-me de lado quando a carruagem do sol decolou numa explosão de calor. Quando olhei para trás, o lago estava fumegando. Um Maserati vermelho ergueu-se acima do bosque, ficando mais brilhante e subindo cada vez mais até desaparecer num raio de sol.

Nico ainda parecia irritado. Perguntei-me o que a irmã teria lhe dito.

— Quem é Quíron? — perguntou ele. — Não tenho sua estatueta.

— Nosso diretor de atividades — respondi. — Ele é... bem, você vai ver.

— Se essas Caçadoras não gostam dele — resmungou Nico —, isso já é muito bom para mim. Vamos.

A segunda coisa que me surpreendeu no acampamento era quanto estava vazio. Bem, eu sabia que a maior parte dos meios-sangues só treinava durante o verão. Apenas os que ficam o ano todo estariam ali — aqueles que não tinham casa para onde ir ou que seriam excessivamente atacados por monstros se saíssem. Mas tampouco parecia que estes eram muitos.

Avistei Charles Beckendorf, do chalé de Hefesto, alimentando a forja do lado de fora do arsenal do acampamento. Os irmãos Stoll, Travis e Connor, do chalé de Hermes, forçavam o cadeado da loja do acampamento. Alguns garotos do chalé de Ares travavam uma guerra de bolas de neve com as ninfas dos bosques à margem da floresta. Isso era tudo. Nem mesmo minha antiga rival do chalé de Ares, Clarisse, parecia estar por ali.

A Casa Grande estava decorada com fileiras de bolas de fogo vermelhas e amarelas que aqueciam a varanda, mas aparentemente não ateavam fogo a nada. Lá dentro, as chamas crepitavam na lareira. O ar cheirava a chocolate quente. O sr. D, o diretor do acampamento, e Quíron jogavam cartas tranquilamente no salão.

A barba castanha de Quíron estava mais peluda por causa do inverno. Os cabelos cacheados pareciam um pouco mais compridos. Ele não estava se

passando por professor esse ano, então acho que podia se dar ao luxo de ser casual. Vestia um suéter felpudo com estampa de marca de patas e tinha no colo um cobertor, que quase ocultava por completo a cadeira de rodas.

Ele sorriu quando nos viu.

— Percy! Thalia! Ah, e esse deve ser...

— Nico di Angelo — apresentei. — Ele e a irmã são meios-sangues.

Quíron deu um suspiro de alívio.

— Vocês tiveram sucesso, então.

— Bem...

Seu sorriso desapareceu.

— Qual o problema? E onde está Annabeth?

— Ah, puxa — disse o sr. D, numa voz entediada. — Mais um perdido?

Tentei não prestar atenção ao sr. D, mas era difícil ignorá-lo em seu conjunto de estampa de leopardo laranja neon e os tênis de corrida roxos. (Como se o sr. D tivesse corrido um único dia em sua vida imortal.) Uma guirlanda de louro dourada estava caída de lado em sua cabeleira negra cacheada, o que devia significar que ele havia ganhado a última partida.

— O que quer dizer? — perguntou Thalia. — Quem mais está perdido?

Nesse exato momento, Grover entrou trotando na sala, sorrindo feito louco. Ele tinha um olho roxo e linhas vermelhas no rosto, que pareciam a marca de uma bofetada.

— As Caçadoras estão todas acomodadas!

Quíron franziu o cenho.

— As Caçadoras, é? Vejo que temos muito que conversar. — Ele olhou para Nico. — Grover, talvez você devesse levar nosso jovem amigo para o gabinete e lhe mostrar nosso filme de orientação.

— Mas... Ah, certo. Sim, senhor.

— Filme de orientação? — perguntou Nico. — A classificação é livre para todas as idades? Porque Bianca é um pouco rigorosa...

— É livre, sim — respondeu Grover.

— Legal! — Feliz, Nico seguiu-o para fora da sala.

— Agora — disse Quíron a Thalia e a mim —, talvez fosse bom vocês se sentarem e nos contarem toda a história.

Quando terminamos, Quíron voltou-se para o sr. D.

— Devemos começar uma busca por Annabeth imediatamente.

— Eu vou — Thalia e eu dissemos ao mesmo tempo.

O sr. D fungou.

— Claro que não!

Thalia e eu começamos a contestar, mas o sr. D ergueu a mão. Seus olhos exibiam aquele fogo purpúreo de fúria que em geral significava que alguma coisa ruim e divina iria acontecer se não calássemos a boca.

— Pelo que vocês me contaram — disse o sr. D —, ficamos no zero a zero nessa brincadeira. Lamentavelmente, perdemos Annie Bell...

— Annabeth — corrigi. Ela estava no acampamento desde os sete anos, e até hoje o sr. D fingia não saber seu nome.

— Sim, sim — disse ele. — E você conseguiu um garotinho irritante para substituí-la. Portanto, não vejo nenhum benefício em arriscar outros meios-sangues num resgate ridículo. A possibilidade de que essa menina Annie esteja morta é muito grande.

Eu queria estrangular o sr. D. Não era justo Zeus tê-lo mandado se desintoxicar como diretor do acampamento por cem anos. O objetivo era que fosse uma punição para o mau comportamento do sr. D no Olimpo, mas acabara sendo uma punição para todos nós.

— Annabeth pode estar viva — argumentou o sr. Quíron, mas eu podia ver que ele estava se esforçando para se mostrar otimista. Ele havia praticamente criado Annabeth aqueles anos todos em que ela fora campista de tempo integral, antes de ela fazer uma segunda tentativa de morar com o pai e a madrasta. — Ela é muito inteligente. Se... se nossos inimigos estão com ela, Annabeth vai tentar ganhar tempo. Talvez ela até mesmo finja cooperar com eles.

— Isso mesmo — disse Thalia. — Luke ia querê-la viva.

— Nesse caso — disse o sr. D —, receio que ela tenha de ser esperta o bastante para escapar sozinha.

Eu me levantei.

— Percy. — O tom de Quíron era cheio de advertências. No fundo da mente, eu sabia que o sr. D não era alguém com quem você quisesse se meter. Mesmo que fosse um garoto com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade como eu, ele não ia dar moleza. Mas eu estava tão furioso que não me importava.

— O senhor fica é feliz por perder outro campista — soltei. — Ficaria feliz se todos nós desaparecêssemos!

O sr. D reprimiu um bocejo.

— O que foi que disse?

— É — grunhi. — Só porque o senhor foi enviado para cá como punição não tem de ser um idiota preguiçoso! É a sua civilização também. O senhor podia tentar ajudar um pouquinho!

Por um segundo, não se ouviu outro som que não fosse o crepitar do fogo. A luz se refletia nos olhos do sr. D, dando-lhe uma aparência sinistra. Ele abriu a boca para dizer algo — provavelmente uma maldição que me transformaria em

migalhas — quando Nico entrou intempestivamente na sala, seguido por Grover.

— SUPERLEGAL! — gritou Nico, estendendo as mãos para Quíron. — Você é... você é um centauro!

Quíron conseguiu dar um sorriso nervoso.

— Sim, sr. Di Angelo. Embora eu prefira me manter na forma humana nesta cadeira de rodas nos, hum, primeiros encontros.

— E... uau! — Ele olhou para o sr. D. — Você, o cara do vinho? Não acredito!

O sr. D tirou os olhos de mim e lançou a Nico um olhar de aversão.

— Cara do vinho?

— Dioniso, não é? Ah, uau! Tenho sua estatueta.

— Minha estatueta.

— No meu jogo, Mitomagia. E uma carta holográfica também! E, mesmo você tendo apenas uns quinhentos pontos de ataque e todos pensando que você é a pior das cartas de deuses, eu acho seus poderes o máximo, de verdade!

— Ah. — O sr. D parecia verdadeiramente perplexo, e é provável que isso tenha salvado minha vida. — Bem, isso é... gratificante.

— Percy — disse Quíron mais que depressa —, você e Thalia desçam para os chalés. Informem aos campistas que vamos ter o jogo de captura da bandeira amanhã ao anoitecer.

— Captura da bandeira? — perguntei. — Mas não temos muitos...

— É uma tradição — disse Quíron. — Uma disputa amistosa, sempre que as Caçadoras nos visitam.

— É — murmurou Thalia. — Aposto que vai ser mesmo amistosa.

Quíron virou a cabeça bruscamente para o sr. D, que ainda estava de testa franzida enquanto Nico falava sobre quantos pontos de defesa todos os deuses tinham em seu jogo.

— Vão agora — disse-nos Quíron.

— Ah, o.k. — concordou Thalia. — Venha, Percy.

Ela me arrastou da Casa Grande antes que Dioniso pudesse lembrar que queria me matar.

— Você já está na lista negra de Ares — lembrou-me Thalia enquanto caminhávamos até os chalés. — Precisa de outro inimigo mortal?

Ela estava certa. No meu primeiro verão como campista, eu me envolvera numa luta com Ares, e agora ele e todos os seus filhos queriam me matar. Eu não precisava deixar Dioniso furioso também.

— Desculpe-me — disse eu. — Não consegui evitar. É tão injusto!

Ela parou perto do arsenal e olhou ao longo do vale, na direção do topo da Colina Meio-Sangue. Seu pinheiro ainda estava lá, o Velocino de Ouro brilhando

no galho mais baixo. A magia da árvore ainda protegia os limites do acampamento, mas não usava mais o espírito de Thalia como força.

— Percy, tudo é injusto — murmurou Thalia. — Às vezes eu queria...

Ela não terminou, mas sua voz estava tão triste que senti pena. Com os cabelos negros desfiados e as roupas punk também pretas, um velho sobretudo de lã, parecia uma espécie de corvo gigante, completamente deslocada na paisagem branca.

— Vamos trazer Annabeth de volta — prometi. — Só não sei ainda como.

— Primeiro descobri que Luke estava perdido — disse ela. — Agora Annabeth...

— Não pense assim.

— Você tem razão. — Ela endireitou o corpo. — Vamos encontrar uma maneira.

Adiante, na quadra de basquete, algumas Caçadoras treinavam arremesso. Uma delas discutia com um garoto do chalé de Ares. O garoto estava com a mão na espada e a caçadora parecia prestes a trocar a bola de basquete por um arco e flecha a qualquer instante.

— Vou acabar com aquilo — disse Thalia. — Você, circule pelos chalés. Fale a todos sobre a captura da bandeira amanhã.

— Tudo bem. Você vai ser a capitã da equipe.

— Não, não — replicou ela. — Você está no acampamento há mais tempo. Você é o capitão.

— Nós podemos, hum... ser cocapitães ou algo assim.

Ela parecia tão confortável com a ideia quanto eu, mas assentiu.

Quando ela se dirigia à quadra, chamei:

— Ei, Thalia.

— Sim?

— Sinto muito pelo que aconteceu em Westover. Eu deveria ter esperado vocês.

— Tudo bem, Percy. Eu provavelmente faria a mesma coisa. — Ela mudou o peso do corpo de um pé para o outro, como se estivesse tentando decidir se dizia algo mais ou não. — Sabe, você perguntou sobre minha mãe e eu respondi um pouco mal. É que... voltei para vê-la depois de sete anos, e descobri que ela morreu em Los Angeles. Ela, hum... ela bebia muito, e parece que estava dirigindo tarde da noite há uns dois anos, e... — Thalia piscou com força.

— Eu sinto muito.

— Sim, tudo bem. Não... não é que fôssemos muito ligadas. Eu fugi quando tinha dez anos. Os melhores dois anos da minha vida foram quando estava andando por aí com Luke e Annabeth. Mas ainda assim...

— Foi por isso que teve dificuldade com a van do sol.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

— O que quer dizer com isso?

— A maneira como você ficou rígida, sem querer assumir o volante. Devia estar pensando na sua mãe.

Lamentei ter dito aquilo. A expressão de Thalia estava perigosamente semelhante à de Zeus na única vez em que eu o vira furioso — como se a qualquer minuto seus olhos fossem lançar uma descarga de um milhão de volts.

— É — murmurou ela. — É, deve ter sido isso.

Então seguiu na direção da quadra, onde o campista de Ares e a caçadora tentavam se matar com uma espada e uma bola de basquete.

Os chalés eram a mais estranha coleção de edificações que já se viu. Os chalés 1 e 2, grandes construções de colunas brancas que pertenciam a Zeus e a Hera, ficavam no meio, com cinco chalés de deuses à esquerda e cinco chalés de deusas à direita, formando um U em torno do gramado central e da churrasqueira.

Fiz a ronda, contando a todos sobre a captura da bandeira. Acordei um garoto de Ares de seu cochilo do meio-dia e ele gritou que eu fosse embora. Quando perguntei onde Clarisse estava, ele disse: — Saiu numa missão a pedido de Quíron. Altamente secreto!

— Tudo bem com ela?

— Não tenho notícias dela há um mês. Está desaparecida. Que é como vai ficar o seu traseiro se você não der o fora daqui!

Resolvi deixá-lo dormir.

Por fim, cheguei ao chalé 3, o de Poseidon. Era uma construção baixa e cinza talhada em rocha marítima, incrustada com fósseis de conchas e coral. Lá dentro estava vazio como sempre, exceto pelo meu beliche. Um chifre de Minotauro pendia da parede, perto do meu travesseiro.

Tirei o boné de beisebol de Annabeth da mochila e o deixei na mesinha de cabeceira. Eu o devolveria a ela quando a encontrasse. E eu *iria* encontrá-la.

Tirei o relógio do pulso e ativei o escudo. Ele estalou ruidosamente enquanto se projetava, numa espiral. Os espigões do dr. Espinheiro haviam amassado o bronze em cerca de uma dezena de pontos. Um corte impedia que o escudo se abrisse por completo, fazendo-o parecer uma pizza na qual faltavam duas fatias. As bonitas imagens de metal que meu irmão fizera com tanta habilidade estavam todas danificadas. Na imagem em que eu e Annabeth lutávamos contra a Hidra, parecia que um meteoro havia aberto uma cratera em minha cabeça. Pendurei o escudo em seu gancho, perto do chifre do Minotauro, mas agora era doloroso

olhá-lo. Talvez Beckendorf, do chalé de Hefesto, pudesse consertá-lo para mim. Ele era o melhor ferreiro de armas no acampamento. Eu falaria com ele no jantar.

Estava olhando o escudo quando percebi um som estranho — de água gorgolejando — e notei que havia algo novo no quarto. No fundo do chalé, via-se uma grande bacia de rocha marítima cinza, com uma torneira semelhante à cabeça de um peixe esculpida na pedra. De sua boca jorrava um fluxo aquático, uma fonte de água salgada que escorria para a bacia. A água devia ser quente, pois lançava névoa no ar frio do inverno, como em uma sauna. E isso deixava o quarto morno, renovado com o cheiro do mar, como em um dia de verão.

Fui até a bacia. Não havia bilhete nem nada, mas eu sabia que só podia ser um presente de Poseidon.

Olhei a água e disse:

— Obrigado, pai.

A superfície ondulou. No fundo da bacia, moedas reluziam — uma dúzia mais ou menos de dracmas de ouro. Percebi para que servia a fonte. Era um lembrete para eu me manter em contato com a família.

Abri a janela mais próxima, e a luz do sol invernal criou um arco-íris na névoa. Então pesquei uma moeda na água quente.

— Íris, ó deusa do arco-íris — disse eu —, aceite a minha oferenda.

Joguei uma moeda na névoa e ela desapareceu. Então me dei conta de que não sabia com quem deveria entrar em contato primeiro.

Minha mãe? Essa seria a coisa certa para o “bom filho” fazer, mas ela ainda não devia estar preocupada comigo. Estava acostumada ao meu desaparecimento por dias ou semanas consecutivos.

Meu pai? Já fazia muito tempo, quase dois anos, desde que falara de fato com ele. Mas será que se podia enviar uma mensagem de Íris para um deus? Eu nunca havia tentado. Será que isso o deixaria furioso, como uma ligação de telemarketing ou coisa assim?

Hesitei. Então me decidi.

— Me mostre Tyson — pedi. — Nas forjas dos ciclopes.

A névoa estremeceu, e a imagem de meu meio-irmão surgiu. Ele estava cercado de fogo, o que teria sido um problema se não fosse um ciclope. Ele se encontrava debruçado sobre uma bigorna, martelando uma lâmina de espada incandescente. Havia uma janela de moldura de mármore atrás dele, que dava para a água azul-escura — o fundo do oceano.

— Tyson! — gritei.

Ele não me ouviu da primeira vez por causa do barulho do martelo e das chamas.

— TYSON!

Ele se virou e seu único e enorme olho se arregalou. Seu rosto abriu-se num sorriso amarelo e torto.

— Percy!

Ele largou a lâmina da espada e correu para mim, tentando me abraçar. A imagem se tornou embaçada e eu instintivamente recuei.

— Tyson, é uma mensagem de Íris. Eu não estou aqui de verdade.

— Ah. — Ele voltou a ficar visível, parecia constrangido. — Ah, eu sabia disso. Claro.

— Como você está? — perguntei. — Que tal o emprego?

Seu olho se iluminou.

— Estou adorando o trabalho! Olhe! — Ele pegou a lâmina quente da espada com as mãos nuas. — Fui eu que fiz!

— É muito legal.

— Escrevi meu nome nela. Bem aqui.

— Impressionante. Ouça, você fala com papai com frequência?

O sorriso de Tyson desapareceu.

— Não muito. Papai vive ocupado. Está preocupado com a guerra.

— O que quer dizer com isso?

Tyson suspirou. Enfiou a lâmina da espada pela janela, onde ela fez uma nuvem de bolhas ferventes. Quando Tyson a trouxe de volta, o metal estava frio.

— Velhos espíritos marítimos estão criando problemas. Egeu. Oceano. Esses caras.

Eu sabia por alto do que ele estava falando. Ele se referia aos imortais que governavam os oceanos nos tempos dos titãs. Antes que os olimpianos tomassem o poder. O fato de estarem de volta agora, com o titã Cronos e seus aliados ganhando força, não era nada bom.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — perguntei.

Tyson sacudiu a cabeça, chateado.

— Estamos armando as sereias. Até amanhã vão precisar de mais mil espadas. — Ele olhou para a lâmina de sua espada e suspirou. — Os velhos espíritos estão protegendo o barco malvado.

— O *Princesa Andrômeda*? — perguntei. — O barco de Luke?

— É. Fazem com que seja difícil encontrá-lo. Protegem-no das tempestades de papai. Caso contrário, ele o despedaçaria.

— Despedaçá-lo seria bom.

Tyson se animou, como se tivesse acabado de lhe ocorrer outro pensamento.

— Annabeth! Ela está aí?

— Ah, bem... — Meu coração me pareceu uma bola de boliche. Tyson achava

que Annabeth era a melhor coisa do mundo depois de manteiga de amendoim (e ele amava manteiga de amendoim). Não tive coragem de lhe dizer que ela estava desaparecida. Ele começaria a chorar tanto que provavelmente apagaria todas aquelas chamas. — Bem, não... ela não está aqui agora.

— Cumprimente-a por mim! — Ele sorriu, radiante. — Meus cumprimentos para Annabeth!

— O.k. — Tentei desfazer o nó na garganta. — Farei isso.

— E, Percy, não se preocupe com o navio mau. Ele vai embora.

— O que quer dizer?

— Canal do Panamá! Bem longe.

Franzi a testa. Por que Luke levaria seu navio de cruzeiro infestado de demônios para lá? A última vez em que o tínhamos visto, ele estava navegando ao longo da Costa Leste, recrutando meios-sangues e treinando seu exército monstruoso.

— Muito bem — disse, sentindo-me inseguro. — Isso é... bom. Eu acho.

Nas forjas, uma voz masculina gritou algo que não pude entender. Tyson se encolheu.

— Preciso voltar ao trabalho! O patrão vai ficar uma fera. Boa sorte, irmão!

— O.k., diga ao papai...

Mas antes que eu pudesse terminar, a visão tornou-se mais tremulante e desapareceu. Eu estava novamente sozinho em meu chalé, sentindo-me mais solitário agora do que antes.

Sentime totalmente infeliz no jantar daquela noite.

Certo, a comida estava excelente, como sempre. Não se pode errar com churrasco, pizza e copos de refrigerante que nunca ficam vazios. Os archotes e os braseiros mantinham o pavilhão ao ar livre quente, mas todos tínhamos de sentar com os companheiros de chalé, o que significava que eu estava sozinho na mesa de Poseidon. Regras do acampamento. Pelo menos os chalés de Hefesto, Ares e Hermes tinham, cada um, umas poucas pessoas. Nico sentou-se com os irmãos Stoll, pois novos campistas eram sempre colocados no chalé de Hermes se seu pai olimpiano fosse desconhecido. Os irmãos Stoll pareciam estar tentando convencer Nico de que pôquer era um jogo muito melhor do que Mitomagia. Torci para que Nico não tivesse dinheiro para perder.

A única mesa que parecia estar se divertindo de verdade era a de Ártemis. As Caçadoras bebiam, comiam e riam como uma família numerosa e feliz. Zoë ocupava a cabeceira, como se fosse a mãe. Ela não ria tanto quanto as outras, mas de tempos em tempos abria um sorriso. Sua fita prateada de tenente brilhava nas tranças negras de seu cabelo. Pensei que ela ficava muito mais simpática

quando sorria. Bianca di Angelo parecia estar se divertindo muito. Tentava aprender queda de braço com a garota grandona que provocara a briga com o garoto de Ares na quadra de basquete. A garota maior a vencia sempre, mas Bianca não parecia se importar.

Quando terminamos de comer, Quíron fez o costumeiro brinde aos deuses e deu formalmente as boas-vindas às Caçadoras de Ártemis. Os aplausos foram bastante desanimados. Então ele anunciou o jogo “amistoso” de captura da bandeira para a noite seguinte, o que teve uma recepção muito melhor.

Depois disso, voltamos todos para nossos chalés no precoce toque de recolher do inverno. Eu estava exausto, o que significa que adormeci facilmente. Essa foi a parte boa. A ruim foi que tive um pesadelo, e, mesmo para os meus padrões, foi impressionante.

Annabeth estava numa encosta escura, envolta na neblina. O ambiente era muito parecido com o Mundo Inferior, pois imediatamente senti claustrofobia e não consegui ver o céu lá em cima — apenas uma escuridão próxima e pesada, como se estivesse em uma caverna.

Annabeth lutava para subir a colina. Antigas colunas gregas de mármore negro quebradas espalhavam-se à sua volta, como se algo houvesse causado a explosão de um edifício enorme.

— Espinheiro! — gritou Annabeth. — Cadê você? Por que me trouxe aqui? — Ela escalou uma área coberta por destroços de uma parede e chegou ao alto da colina.

Annabeth arquejou.

Lá estava Luke. E sentia dor.

Ele se encontrava encolhido no chão pedregoso, tentando se levantar. A escuridão parecia ser mais densa ao redor dele, o nevoeiro espiralando, faminto. Suas roupas estavam em farrapos e seu rosto, arranhado e encharcado de suor.

— Annabeth! — ele chamou. — Me ajude! Por favor!

Ela correu até ele.

Tentei gritar: *Ele é um traidor! Não confie nele!*

Mas minha voz não saía no sonho.

Annabeth tinha lágrimas nos olhos. Ela estendeu o braço, como se quisesse tocar o rosto de Luke, mas no último instante hesitou.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Eles me deixaram aqui — gemeu Luke. — Por favor. Isso está me matando.

Eu não conseguia ver o que havia de errado com ele, que parecia estar lutando contra alguma maldição invisível, como se o nevoeiro o estivesse espremendo

para a morte.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntou Annabeth. Sua voz estava cheia de mágoa.

— Não deveria — respondeu Luke. — Fui horrível com vocês. Mas, se não me ajudar, eu vou morrer.

*Deixe que ele morra*, eu queria gritar. Luke tentara nos matar a sangue frio muitas vezes. Não merecia nada de Annabeth.

Então a escuridão acima de Luke começou a se esfacelar, como o teto de uma caverna num terremoto. Imensos blocos de pedra negra começaram a cair. Annabeth lançou-se para ele no momento em que uma rachadura apareceu e todo o teto veio abaixo. Ela o sustentou de alguma forma — toneladas de pedras. Evitou que desabasse sobre ela e Luke apenas com sua força. Impossível. Ela não teria conseguido fazer aquilo.

Luke rolou para longe, livre e arquejando.

— Obrigado — conseguiu dizer.

— Ajude-me a segurar isto — gemeu Annabeth.

Luke recuperou o fôlego. Seu rosto estava coberto de fuligem e suor. Ele se levantou, vacilante.

— Sabia que podia contar com você. — E começou a se afastar enquanto a escuridão ameaçava esmagar Annabeth.

— ME AJUDE! — implorou ela.

— Ah, não se preocupe — disse Luke. — Sua ajuda está a caminho. É tudo parte do plano. Enquanto isso, tente não morrer.

O teto de trevas voltou a desmoronar, empurrando Annabeth contra o chão.

Sentei-me, rígido, na cama, agarrando os lençóis. Não havia nenhum ruído em meu chalé, exceto o gorgolejar da fonte de água salgada. O relógio na mesa de cabeceira mostrava que passava pouco da meia-noite.

Era só um sonho, mas eu tinha certeza de duas coisas: Annabeth corria um perigo terrível. E o responsável era Luke.

# SEIS

Um velho amigo morto vem visitar

Na manhã seguinte, após o café da manhã, contei a Grover sobre meu sonho. Estávamos sentados na campina, observando os sátiros correrem atrás das ninfas do bosque pela neve. As ninfas haviam prometido beijar os sátiros caso fossem pegas, mas nunca eram. Em geral, a ninfa deixava o sátiro se aproximar bastante então se transformava numa árvore coberta de neve e o pobre sátiro se chocava contra ela impetuosamente, e ainda acabava coberto por uma pilha de neve.

Quando contei a Grover o pesadelo, ele começou a torcer no dedo o pelo desgrenhado de sua perna.

— O teto de uma caverna desabou sobre ela? — perguntou ele.

— Sim. Que diabos isso quer dizer?

Grover balançou negativamente a cabeça.

— Não sei. Mas depois do que Zoë sonhou...

— Epa! O que está dizendo? Zoë teve um sonho assim?

— Eu... eu não sei exatamente. Por volta das três da manhã, ela foi à Casa Grande e exigiu falar com Quíron. Parecia que estava em pânico.

— Espere, como é que você sabe disso?

Grover enrubesceu.

— Eu estava mais ou menos acampado do lado de fora do chalé de Ártemis.

— Para quê?

— Só para estar, você sabe... perto delas.

— Você é um rastejador com cascos.

— Não sou, não! Seja como for, eu a segui até a Casa Grande, me escondi num arbusto e observei tudo. Ela ficou transtornada de verdade quando Argos não a deixou entrar. Foi uma cena um tanto perigosa.

Tentei imaginá-la. Argos era o chefe da segurança do acampamento — um sujeito grandalhão e louro com olhos pelo corpo todo. Ele raramente aparecia, a

menos que alguma coisa séria estivesse acontecendo. Eu não gostaria de apostar numa luta entre ele e Zoë Doce-Amarga.

— O que foi que ela disse? — perguntei.

Grover fez uma careta.

— Bem, ela começa a falar numa linguagem muito antiquada quando fica nervosa, assim foi meio difícil entender. Mas era algo sobre Ártemis estar em apuros e precisar das Caçadoras. E então ela chamou Argos de energúmeno... Acho que isso é algo ruim. E então ele a chamou de...

— Ei, espere. Como é que Ártemis pode estar em apuros?

— Eu... bem, finalmente Quíron apareceu de pijamas e seu rabo de cavalo com bobes e...

— Ele usa bobes no rabo?

Grover cobriu a boca.

— Desculpe-me — disse eu. — Continue.

— Bem, Zoë disse que precisava de permissão para deixar o acampamento imediatamente. Quíron não concedeu. Ele lembrou a Zoë que as Caçadoras deveriam permanecer aqui até receberem ordens de Ártemis. E ela disse... — Grover engoliu em seco. — Ela disse: “Como é que vamos receber ordens de Ártemis se ela está perdida?”

— Como assim, perdida? Como se ela precisasse de informações para se localizar?

— Não. Acho que ela quis dizer desaparecida. Levada. Sequestrada.

— *Sequestrada?* — Tentei me acostumar com a ideia. — Como é que se pode sequestrar uma deusa imortal? Isso é possível?

— Bem, sim. Quer dizer, aconteceu com Perséfone.

— Mas ela era, hum, a deusa das *flores*.

Grover pareceu ofendido.

— Da primavera.

— Que seja. Ártemis é muito mais poderosa. Quem poderia sequestrá-la? E por quê?

Grover balançou a cabeça negativamente, infeliz.

— Não sei. Cronos?

— Ele ainda não pode ter todo esse poder. Pode?

A última vez que tínhamos visto Cronos, ele estava em pedacinhos. Bem... nós não o víramos de verdade. Milhares de anos atrás, após a grande guerra entre titãs e deuses, os quais o haviam cortado em pedacinhos com sua própria foice e espalhado os pedaços no Tártaro — que é, assim, uma espécie de lixeira reciclável e sem fundo em que os deuses jogam seus inimigos. Dois verões atrás, Cronos nos havia atraído à beira do abismo e quase nos arrastara para lá. Então,

no último verão, a bordo do cruzeiro demoníaco de Luke, víramos um caixão de ouro, no qual Luke afirmava estar convocando o Senhor Titã, pedaço por pedaço, a cada vez que alguém se juntava à causa deles. Cronos podia influenciar as pessoas com sonhos e enganá-las, mas eu não via como ele poderia sobrepujar Ártemis fisicamente, se ainda era uma espécie de pilha de adubo do mal.

— Não sei — disse Grover. — Acho que alguém saberia se Cronos tivesse se recomposto. Os deuses estariam mais nervosos. Mas, ainda assim, é estranho você ter um pesadelo na mesma noite que Zoë. É quase como...

— Se estivéssemos conectados — completei.

Mais além, na campina congelada, um sátiro deslizou nos cascos enquanto perseguia uma ninfa de árvore ruiva. Ela deu uma risadinha e estendeu os braços enquanto ele corria em sua direção. *Pop!* Ela se transformou em um pinheiro e ele se esborrachou contra o tronco em alta velocidade.

— Ah!, o amor... — suspirou Grover, sonhador.

Pensei no pesadelo de Zoë, que ela teve apenas algumas horas após o meu.

— Preciso falar com Zoë — disse eu.

— Hum, antes de você ir... — Grover tirou algo do bolso do casaco. Era um prospecto dobrado em três, como um folheto de viagem. — Lembra-se do que você disse... sobre como era estranho as Caçadoras terem simplesmente aparecido em Westover Hall? Acho que elas poderiam estar nos vigiando.

— Vigiando? O que quer dizer com isso?

Ele me entregou o folheto. A primeira página dizia: UMA ESCOLHA SÁBIA PARA O SEU FUTURO! Dentro viam-se fotos de jovens donzelas envolvidas em atividades de caça, perseguindo monstros, atirando flechas. Havia legendas como: BENEFÍCIOS PARA A SAÚDE: IMORTALIDADE E O QUE ISSO SIGNIFICA PARA VOCÊ! e UM AMANHÃ SEM GAROTOS!

— Encontrei isso na mochila de Annabeth — disse Grover.

Eu o encarei.

— Não estou entendendo.

— Bem, me parece... Talvez Annabeth estivesse pensando em se juntar a elas.

Gostaria de dizer que recebi bem a notícia.

Mas a verdade era que eu queria estrangular as Caçadoras de Ártemis, uma donzela eterna de cada vez. Tentei me manter ocupado pelo restante do dia, mas eu estava morto de preocupação com Annabeth. Fui para a aula de lançamento de dardos, mas o campista de Ares responsável me pôs para fora depois que me distraí e atirei o dardo no alvo antes que ele saísse do caminho. Pedi desculpas pelo buraco em sua calça, mas assim mesmo ele me expulsou imediatamente.

Visitei os estábulos de pégasos, mas Silena Beauregard, do chalé de Afrodite, estava discutindo com uma das Caçadoras, e decidi que era melhor não me envolver.

Depois, sentei-me nos galpões de bigas vazios e fiquei ruminando. Lá embaixo, nos campos de arco e flecha, Quíron conduzia o treino de tiro ao alvo. Eu sabia que ele era a melhor pessoa para eu conversar naquele momento, mas alguma coisa me deteve. Tinha a sensação de que Quíron iria tentar me proteger, como sempre fazia. Talvez não me dissesse tudo o que sabia.

Olhei para outra direção. No topo da Colina Meio-Sangue, o sr. D e Argos alimentavam o filhote de dragão que guardava o Velocino de Ouro.

Então a ideia me ocorreu: ninguém estaria na Casa Grande. Havia alguém mais... alguma *coisa* a quem eu poderia pedir orientação.

O sangue zumbia em meus ouvidos enquanto eu corria para a casa e subia as escadas. Eu só fizera isso uma vez antes, e ainda tinha pesadelos com aquilo. Abri o alçapão e entrei no sótão.

O ambiente estava escuro, poeirento e atravancado de lixo, exatamente como eu lembrava. Havia escudos sem alguns pedaços, em decorrência de mordidas de monstros, espadas entortadas no formato da cabeça de demônios, e um bocado de animais empalhados, como uma harpia e uma píton laranja brilhante.

Ao lado da janela, sentada num banco de três pernas, estava a múmia enrugada de uma velha senhora com um vestido tingido à moda hippie. O Oráculo.

Obriguei-me a andar até ela. Esperei que a névoa verde subisse da boca da múmia, como da outra vez, mas nada aconteceu.

— Oi — cumprimentei. — Hã... o que há de novo?

Estremeci, de tão estúpido que aquilo soou. Não podia haver muita coisa de “novo” quando você está morto e preso no sótão. Mas eu sabia que o espírito do Oráculo estava lá, em algum lugar. Eu podia sentir uma presença fria ali, como uma serpente enrodilhada, adormecida.

— Tenho uma pergunta — anunciei, um pouco mais alto. — Preciso saber sobre Annabeth. Como posso salvá-la?

Nenhuma resposta. O sol entrava pela janela suja do sótão, iluminando as partículas de poeira que dançavam no ar.

Esperei ainda mais.

Então fiquei com raiva. Estava sendo ignorado por um cadáver.

— Muito bem — disse eu. — Ótimo. Vou descobrir por mim mesmo.

Virei-me e esbarrei numa mesa grande cheia de suvenires. Parecia mais amontoada de coisas do que da última vez em que eu estivera ali. Os heróis guardavam todo o tipo de objeto no sótão: troféus de buscas que já não queriam

em seus chalés ou objetos que traziam lembranças dolorosas. Eu sabia que Luke havia guardado uma garra de dragão em algum lugar por ali — a que havia deixado a cicatriz em seu rosto. Havia um cabo de espada quebrado com a etiqueta: *Isto quebrou e Leroy foi morto. 1999.*

Então avistei um lenço de seda rosa com uma etiqueta presa. Peguei a etiqueta e tentei lê-la: **LENÇO DA DEUSA AFRODITE**

RECUPERADO EM AQUALÂNDIA, DENVER, COLORADO, POR ANNABETH CHASE E PERCY JACKSON

Fiquei olhando o lenço. Eu havia me esquecido completamente dele. Dois anos antes, Annabeth tomara esse lenço das minhas mãos e dissera algo como: *Ah, não. Fique longe dessa magia de amor!*

Eu simplesmente havia suposto que ela o jogara fora. E, no entanto, ali estava. Ela o guardara esse tempo todo? E por que o havia escondido no sótão?

Voltei-me para a múmia. Ela não se movera, mas as sombras em seu rosto faziam parecer que estava sorrindo de uma forma horripilante.

Larguei o lenço e tentei não sair correndo em direção à saída.

Naquela noite, após o jantar, eu estava seriamente disposto a derrotar as Caçadoras e capturar a bandeira. Seria um jogo de curta duração: apenas treze Caçadoras, incluindo Bianca di Angelo, e aproximadamente o mesmo número de campistas.

Zoë Doce-Amarga parecia muito contrariada. Ela ficava olhando ressentida para Quíron, como se não acreditasse que ele a estava obrigando a fazer aquilo. As outras Caçadoras tampouco pareciam muito felizes. Ao contrário da noite anterior, elas não estavam rindo nem brincando. Simplesmente se acotovelavam no pavilhão do refeitório, sussurrando nervosamente entre si enquanto prendiam suas armaduras. Algumas até pareciam ter estado chorando. Creio que Zoë lhes havia falado de seu pesadelo.

Em nossa equipe tínhamos Beckendorf e dois outros caras de Hefesto, alguns do chalé de Ares (embora ainda parecesse estranho que Clarisse não estivesse ali), os irmãos Stoll e Nico do chalé de Hermes, e algumas crianças de Afrodite. Era estranho que o chalé de Afrodite quisesse participar do jogo. Em geral, eles se sentavam à margem, conversavam e ficavam olhando seus reflexos no rio, e coisas assim, mas quando souberam que íamos enfrentar as Caçadoras, ficaram ávidos para ir.

— Vou mostrar a elas como o “amor é desprezível” — grunhiu Silena Beauregard enquanto prendia a armadura. — Vou transformá-las em pó!

Com isso restávamos Thalia e eu.

— Eu assumo o ataque — ofereceu-se Thalia. — Você assume a defesa.

— Ah — hesitei, pois estava prestes a dizer o mesmo, só que ao contrário. — Você não acha que com o escudo e tudo, é melhor você ficar com a defesa?

Thalia já tinha Aegis no braço, e mesmo nossos colegas de equipe estavam mantendo uma certa distância dela, tentando não acovardar-se diante da cabeça de bronze da Medusa.

— Bem, eu estava pensando que ele constituiria um ataque melhor — disse Thalia. — Além disso, você tem mais prática com a defesa.

Fiquei em dúvida se ela estava zombando de mim. Eu tinha tido algumas experiências bem ruins com a defesa na captura da bandeira. No meu primeiro ano, Annabeth havia me colocado como uma espécie de isca, e eu quase fora morto com lanças e, depois, quase devorado por um cão infernal.

— Está bem, sem problema — menti.

— Legal. — Thalia virou-se para ajudar alguns filhos de Afrodite que estavam tendo dificuldades para vestir suas armaduras sem quebrar as unhas. Nico di Angelo correu até mim com um sorriso aberto no rosto.

— Percy, isto é incrível!

O capacete de bronze com pena azul estava caindo em seus olhos, e a couraça do peito era uns seis números maior. Perguntei-me se eu tinha ficado tão ridículo quando chegara ali. Infelizmente, era provável que sim.

Nico levantou a espada com esforço.

— Vamos chegar a matar a outra equipe?

— Bem... não.

— Mas as Caçadoras são imortais, não são?

— Só morrem se caírem em batalha. Além disso...

— Seria incrível se a gente simplesmente, assim, ressuscitasse quando fosse morto, para que pudesse continuar lutando, e...

— Nico, isto é sério. Espadas de verdade. Elas podem machucar.

Ele me fitou, um tanto desapontado, e percebi que tinha falado como minha mãe. Puxa. Isso não era um bom sinal.

Dei tapinhas no ombro de Nico.

— Ei, é legal. Apenas siga a equipe. Fique fora do caminho de Zoë. Vamos arrasar.

O casco de Quíron ecoou no chão do pavilhão.

— Heróis! — chamou ele. — Vocês conhecem as regras! O riacho é a linha divisória. A equipe azul, do Acampamento Meio-Sangue, fica com o lado oeste dos bosques. As Caçadoras de Ártemis, a equipe vermelha, ficam com o lado leste. Eu serei o juiz e médico do campo de batalha. Nada de ferimentos

intencionais, por favor! Todos os itens mágicos são permitidos. Assumam suas posições!

— Maneiro — sussurrou Nico ao meu lado. — Que tipo de itens mágicos? Será que vou ganhar um?

Eu estava prestes a dizer que não quando Thalia chamou:

— Equipe azul! Siga-me!

Todos gritaram e a seguiram. Tive de correr para alcançá-los, e tropecei no escudo de alguém. Acabei não parecendo muito um cocapitão. Estava mais para um idiota.

Fincamos nossa bandeira no topo do Punho de Zeus — um grupo de pedras no meio do bosque, a oeste, que, se você olha do ângulo certo, parece um imenso punho emergindo do chão. Se olhar para ele de qualquer outro ponto, parece uma pilha de gigantescos cocôs de alce, mas Quíron não nos deixava chamar o lugar de Pilha de Cocô, principalmente depois de ter sido batizado em homenagem a Zeus, que não tem lá um senso de humor dos melhores.

De qualquer maneira, era um bom lugar para fincar a bandeira. A rocha mais alta tinha uns seis metros de altura e era muito difícil de escalar, de modo que a bandeira se encontrava claramente visível, como as regras diziam que deveria ser, e não era importante o fato de os guardas não terem permissão de ficar a menos de dez metros dela.

Deixei Nico de guarda com Beckendorf e os irmãos Stoll, achando que ele estaria fora do caminho e em segurança.

— Vamos mandar uma isca para a esquerda — disse Thalia ao grupo. — Silena, você cuida disso.

— Entendido!

— Leve Laurel e Jason. São bons corredores. Abra um amplo arco em torno das Caçadoras, atraia o maior número delas que puder. Vou conduzir o grupo de ataque principal para a direita e pegá-las de surpresa.

Todos assentiram. Parecia um bom plano, e Thalia o expôs com tamanha confiança que não havia mais nada a fazer senão acreditar que ia dar certo.

Thalia olhou para mim.

— Algo a acrescentar, Percy?

— Hã, sim. Fiquem atentos à defesa. Temos quatro guardas e dois patrulheiros. Não é muito para um bosque grande. Vou estar em movimento. Gritem se precisarem de ajuda.

— E não deixem seus postos! — disse Thalia.

— A menos que vejam uma oportunidade de ouro — acrescentei.

Thalia fez uma careta.

— Não deixem seus postos de jeito nenhum.

— Certo, a menos...

— Percy! — Ela tocou meu braço e me deu um choque. É, todo mundo pode dar choques estáticos no inverno, mas quando Thalia faz isso, dói. Acho que é porque o pai dela é o deus dos raios. Ela tem fama de chamuscar as sobrancelhas das pessoas.

— Desculpe-me — disse Thalia, embora em sua voz não houvesse um tom de desculpas. — Bem, todo mundo entendeu?

Todos assentiram. Então nos separamos em pequenos grupos. A trombeta soou, e o jogo teve início.

O grupo de Silena desapareceu no bosque à esquerda. O grupo de Thalia esperou alguns segundos, e então disparou para a direita.

Esperei que algo acontecesse. Subi no Punho de Zeus a fim de ter uma boa visão do bosque. Eu me lembrava de como as Caçadoras haviam irrompido do meio da floresta quando lutaram com o manticore, e estava preparado para algo assim — um ataque maciço que poderia nos dominar. Mas nada aconteceu.

Avistei Silena e seus dois patrulheiros. Atravessavam correndo uma clareira, seguidos por cinco Caçadoras, levando-as para dentro do bosque e afastando-as de Thalia. O plano parecia estar funcionando. Então localizei outro grupo de Caçadoras seguindo para a direita, os arcos em prontidão. Deviam ter visto Thalia.

— O que está acontecendo? — perguntou Nico, tentando subir até onde eu estava.

Minha mente estava em disparada. Thalia não ia conseguir escapar, mas as Caçadoras estavam divididas. Com tantas delas em cada flanco, o centro devia estar desguarnecido. Se eu fosse rápido...

Olhei para Beckendorf.

— Vocês podem cuidar de tudo?

Beckendorf bufou.

— É claro.

— Eu vou até lá.

Os irmãos Stoll e Nico deram vivas quando corri na direção da linha divisória.

Eu corria na velocidade máxima e me sentia ótimo. Saltei sobre o riacho, entrando em território inimigo. Podia ver a bandeira prateada delas à frente, guardada por uma única sentinela, que nem estava olhando na minha direção. Ouvi lutas à esquerda e à direita, em algum ponto do bosque. Estava no papo.

A sentinela virou-se no último minuto. Era Bianca di Angelo. Seus olhos se arregalaram quando me choquei contra ela, lançando-a estatelada na neve.

— Desculpe-me! — gritei. Arranquei a bandeira de seda prateada da árvore e

saí em disparada.

Já estava a dez metros dali quando Bianca conseguiu gritar, pedindo ajuda. Pensei que estivesse livre.

*ZIP!* Uma corda prateada correu pelos meus tornozelos e se prendeu à árvore perto da qual eu me encontrava. Uma armadilha, disparada de um arco! Antes que eu pudesse pensar em parar, desabei estendido no chão.

— Percy! — gritou Thalia à minha esquerda. — O que você está *fazendo*?

Antes que ela me alcançasse, uma flecha explodiu a seus pés e uma nuvem de fumaça amarela ergueu-se em torno de seu grupo. Eles começaram a tossir e engasgar. Eu podia sentir o cheiro do gás pelo bosque — o horrível cheiro de súlfura.

— Isso não é justo! — arquejou Thalia. — Flechas de pum são antidesportivas!

Levantei-me e recomecei a correr. Faltavam apenas mais alguns metros até o riacho e eu tinha a presa. Mais flechas passaram zunindo pelo meu ouvido. Uma Caçadora surgiu do nada e tentou me atingir com sua faca, mas eu me desviei e continuei correndo.

Ouvi gritos do nosso lado do riacho. Beckendorf e Nico estavam correndo em minha direção. Pensei que estivessem vindo para me receber, mas então vi que estavam perseguindo alguém — Zoë Doce-Amarga, correndo em minha direção como um guepardo, esquivando-se dos campistas sem dificuldade. E ela tinha nossa bandeira nas mãos.

— Não! — gritei, e aumentei a velocidade.

Estava a menos de um metro do riacho quando Zoë alcançou o seu lado, chocando-se contra mim por garantia. As caçadoras davam vivas enquanto ambas as equipes chegavam ao riacho. Quíron surgiu do bosque com ar soturno. Ele levava os irmãos Stoll nas costas, e parecia que ambos haviam sofrido golpes feios na cabeça. Connor Stoll tinha duas flechas projetando-se de seu capacete, como antenas.

— As caçadoras venceram! — anunciou Quíron sem nenhum prazer. Então acrescentou num murmúrio: — Pela quinquagésima sexta vez consecutiva.

— Perseu Jackson! — gritou Thalia, avançando contra mim. Ela cheirava a ovo podre e estava tão enfurecida que faíscas azuis cintilavam em sua armadura. Todo mundo se encolheu e recuou por causa de Aegis. Precisei de toda a minha força de vontade para não demonstrar medo.

— O que, em nome dos deuses, você estava PENSANDO? — berrou ela.

Cerrei os punhos. Já tivera acontecimentos ruins em número suficiente por um dia. Não precisava daquilo.

— Eu peguei a bandeira, Thalia! — Balancei-a na cara dela. — Eu vi a

oportunidade e a aproveitei!

— EU CHEGUEI À BASE DELAS! — gritou Thalia. — Mas a bandeira não estava mais lá. Se você não tivesse se intrometido, teríamos vencido.

— Tinha muitas delas atrás de você!

— Ah, então a culpa é minha?

— Eu não disse isso.

— Argh! — Thalia me empurrou e um choque percorreu o meu corpo, lançando-me a cerca de três metros, na água. Alguns campistas arquejaram. Umas duas Caçadoras abafaram o riso.

— Desculpe-me! — disse Thalia, empalidecendo. — Não tive intenção de...

A raiva rugia em meus ouvidos. Uma onda ergueu-se do riacho, explodindo na cara de Thalia e encharcando-a da cabeça aos pés.

Eu me levantei.

— Certo — grunhi. — Eu também não tive intenção.

Thalia respirava pesadamente.

— Já chega! — ordenou Quíron.

Mas Thalia ergueu a lança.

— É isso que você quer, Cabeça de Alga?

De certa forma, eu não ligava quando Annabeth me chamava assim — pelo menos, já me acostumara —, mas, vindo de Thalia, não era nada legal.

— Pode vir, Cara de Pinheiro!

Ergui Contracorrente, mas, antes que eu pudesse me defender, Thalia gritou e um feixe de raios desceu do céu, atingiu sua lança como a um para-raios e explodiu em meu peito.

Desabei, sentado, pesadamente. Senti um cheiro de queimado; tinha o pressentimento que vinha das minhas roupas.

— Thalia! — disse Quíron. — Já *chega!*

Eu me pus de pé e convoquei todo o riacho a se erguer. Milhares de litros de água se elevaram no ar, formando uma maciça nuvem afunilada e gelada.

— Percy! — pediu Quíron.

Eu estava prestes a lançá-la contra Thalia quando vi algo no bosque. Perdi a raiva e a concentração de uma só vez. A água voltou a cair no leito do riacho. Thalia ficou tão surpresa que se virou para ver o que eu estava olhando.

Alguém... alguma coisa se aproximava. Estava envolta em uma névoa verde obscura, mas, à medida que se aproximava, campistas e caçadoras arquejavam.

— Isto é impossível — disse Quíron. Eu nunca o vira tão nervoso. — Ela... ela nunca deixou o sótão. Nunca.

E, no entanto, a múmia ressequida que guardava o Oráculo arrastou-se adiante até encontrar-se no centro do grupo. A névoa espiralava em torno de nossos pés,

dando à neve um pálido tom de verde.

Nenhum de nós ousava mover-se. Então sua voz sibilou no interior da minha cabeça. Aparentemente todos podiam ouvi-la, pois vários taparam os ouvidos com as mãos.

*Eu sou o espírito de Delfos,* disse a voz. *Porta-voz das profecias de Febo, Apolo assassino da poderosa Píton.*

O Oráculo me mirava com seus olhos frios e mortos. Então se voltou inconfundivelmente para Zoë Doce-Amarga. *Aproxime-se, Buscadora, e pergunte.*

Zoë engoliu em seco.

— O que preciso fazer para ajudar minha deusa?

A boca do Oráculo se abriu, deixando sair a névoa verde. Eu vi a imagem imprecisa de uma montanha, e uma garota de pé no pico árido. Era Ártemis, mas estava envolta em correntes, agrilhoada às pedras. Estava de joelhos, as mãos erguidas como se para defender-se de algo que a atacava, e parecia sentir dor. O Oráculo falou: *A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada,*

*Um se perderá na terra ressecada,*
*A desgraça do Olimpo aponta a trilha,*
*Campistas e Caçadoras, cada um, brilha,*
*A maldição do titã um deve sustentar,*
*E, pela mão do pai, um irá expirar.*

Então, enquanto assistíamos, a névoa espiralou-se e recuou, como uma grande serpente verde, para a boca da múmia. O Oráculo sentou-se numa pedra e tornou-se tão imóvel quanto estivera no sótão, como se fosse ficar sentado ali, à margem do riacho, por cem anos.

# SETE

Todos me odeiam, com exceção do cavalo

O mínimo que o Oráculo podia ter feito era andar de volta para o sótão sozinho.

Em vez disso, Grover e eu fomos eleitos para carregá-lo. Não imaginei que tivéssemos sido escolhidos por sermos os mais populares.

— Cuidado com a cabeça dela! — advertiu-me Grover quando subíamos as escadas. Mas era tarde demais.

*Bangue!* Bati sua face mumificada de encontro à moldura do alçapão, provocando uma chuva de poeira.

— Ah, cara. — Apoiei-a no chão, procurando possíveis danos. — Será que quebrei alguma coisa?

— Não sei dizer — admitiu Grover.

Nós a erguemos e a acomodamos em seu banco de três pés, ambos bufando e suando. Quem iria imaginar que uma múmia podia pesar tanto?

Supus que ela não falaria comigo, e estava certo. Fiquei aliviado quando finalmente saímos de lá e fechamos a porta do sótão.

— Bem — disse Grover —, isso foi desagradável.

Eu sabia que ele estava tentando dar um tom leve às coisas, em consideração a mim, mas ainda assim eu me sentia totalmente para baixo. O acampamento todo estaria furioso comigo por perder o jogo para as Caçadoras, e ainda havia a nova profecia do Oráculo. Era como se o espírito de Delfos tivesse saído de seu caminho para me excluir. Ele havia ignorado minha pergunta e caminhado quase um quilômetro para falar com Zoë. *E* não dissera nada, não dera nem mesmo uma pista, sobre Annabeth.

— O que Quíron vai fazer? — perguntei a Grover.

— Quisera eu saber. — Pela janela do segundo andar, ele olhou pensativo para as colinas onduladas cobertas de neve. — Queria estar lá fora.

— Procurando Annabeth?

Ele teve alguma dificuldade em se concentrar em mim. Então corou.

— Ah, certo. Isso também. É claro.

— Por quê? — perguntei. — Em que você estava pensando?

Ele bateu os cascos, inquieto.

— Em algo que o manticore disse, sobre a Grande Comoção. Não posso deixar de me perguntar... se todas aquelas forças antigas estiverem despertando, talvez... quem sabe nem todas sejam do mal.

— Você se refere a Pã.

Eu me senti um pouco egoísta, pois havia esquecido totalmente a ambição da vida de Grover. O deus da natureza estava desaparecido havia dois mil anos. Dizia-se que tinha morrido, mas os sátiros não acreditavam nisso. E estavam determinados a encontrá-lo. Haviam procurado em vão por séculos, e Grover estava convencido de que seria ele a obter sucesso. Esse ano, com Quíron colocando todos os sátiros em operação de emergência para encontrar meios-sangues, Grover não conseguira dar prosseguimento à sua busca. Ele devia estar ficando louco com isso.

— Deixei a pista esfriar — disse ele. — Eu me sinto inquieto, como se estivesse deixando algo muito importante escapar. Ele está lá fora, em algum lugar. Posso sentir isso.

Eu não sabia o que dizer. Queria incentivá-lo, mas não via como. Meu otimismo havia sido esmagado na neve lá no bosque, junto às nossas esperanças de vencer na captura da bandeira.

Antes que eu pudesse responder, Thalia subiu pesadamente os degraus. Oficialmente ela não estava falando comigo, mas olhou para Grover e disse: — Diga a Percy para descer.

— Por quê? — perguntei.

— Ele disse alguma coisa? — Thalia perguntou a Grover.

— Hum, perguntou por quê.

— Dioniso está convocando um conselho com os líderes dos chalés para discutir a profecia — disse ela. — Infelizmente, isso inclui Percy.

O conselho se reuniu em torno de uma mesa de pingue-pongue na sala de recreação. Dioniso agitava a mão e fornecia os lanches: queijo cremoso, biscoitos e várias garrafas de vinho tinto. Então Quíron lembrou-lhe de que o vinho ia contra suas restrições e que a maioria de nós era menor de idade. O sr. D suspirou. Estalando os dedos, transformou o vinho em Coca Diet, que ninguém tampouco bebeu.

O sr. D e Quíron (com a cadeira de rodas) sentavam-se numa das

extremidades da mesa. Zoë e Bianca di Angelo (que havia se tornado uma espécie de assistente pessoal de Zoë) assumiram a outra ponta. Thalia, Grover e eu nos sentamos à direita, e os outros membros do conselho — Beckendorf, Silena Beauregard e os irmãos Stoll —, à esquerda. Os filhos de Ares também deveriam ter mandado um representante, mas todos haviam quebrado alguma parte do corpo (acidentalmente) durante a captura da bandeira, como cortesia das Caçadoras, e estavam descansando na enfermaria.

Zoë deu início à reunião num tom categórico.

— Isso é inútil.

— Queijo cremoso! — arquejou Grover, e começou a pegar biscoitos e bolas de pingue-pongue e a cobri-los com o queijo.

— Não há tempo para conversa — continuou Zoë. — Nossa deusa precisa de nós. As Caçadoras devem partir imediatamente.

— E ir para onde? — perguntou Quíron.

— Para oeste! — respondeu Bianca. Fiquei impressionado com o quanto ela estava diferente após apenas alguns dias com as Caçadoras. Seu cabelo escuro agora estava trançado como o de Zoë, de modo que dava para ver com clareza o seu rosto. Tinha sardas salpicadas no nariz, e os olhos escuros lembravam vagamente alguém famoso, mas eu não conseguia distinguir quem. Ela parecia estar se exercitando, e sua pele brilhava levemente, como a das outras Caçadoras, como se viesse se banhando em luar líquido. — Você ouviu a profecia. *A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada*. Podemos reunir cinco caçadoras e partir.

— Isso — concordou Zoë. — Ártemis está sendo mantida como refém! Devemos encontrá-la e libertá-la.

— Está se esquecendo de algo, como sempre — observou Thalia. — *Campistas e caçadoras juntos brilham.* Devemos fazer isso juntos.

— Não! — disse Zoë. — As Caçadoras não precisam da vossa ajuda.

— *Sua* — grunhiu Thalia. — Ninguém diz *vossa* há uns trezentos anos, Zoë. Acompanhe os tempos.

Zoë hesitou, como se estivesse tentando dizer a palavra corretamente.

— *Zua.* Não precisamos da *zua* ajuda.

Thalia revirou os olhos.

— Esqueça.

— Receio que a profecia diga que vocês precisam, *sim*, de nossa ajuda — disse Quíron. — Os campistas e as Caçadoras devem cooperar entre si.

— Será? — refletiu o sr. D, girando sua Coca Diet sob o nariz, como se ela tivesse um fino buquê. — *Um se perderá, um irá.* Isso parece bastante grave, não? E se falharem *porque* tentam cooperar?

— Sr. D — suspirou Quíron —, com todo o respeito, de que lado o senhor está?

Dioniso ergueu as sobrancelhas.

— Desculpe-me, meu querido centauro. Só estava tentando ajudar.

— Devemos trabalhar juntos — disse Thalia, insistente. — Tampouco a mim isso agrada, Zoë, mas você conhece as profecias. Quer lutar contra uma?

Zoë fez uma careta, mas dava para ver que Thalia havia marcado um ponto.

— Não devemos nos demorar — advertiu Quíron. — Hoje é domingo. Na próxima sexta-feira, 21 de dezembro, é o solstício de inverno.

— Ah, que alegria — murmurou Dioniso. — Mais uma tediosa reunião anual.

— Ártemis tem de estar presente no solstício — disse Zoë. — Ela tem sido uma das mais ativas nas discussões do conselho para definir uma ação contra os lacaios de Cronos. Se estiver ausente, os deuses não decidirão nada. Vamos perder mais um ano de preparativos para a guerra.

— Você está sugerindo que os deuses têm problemas para agir em conjunto, minha jovem? — perguntou Dioniso.

— Sim, Senhor Dioniso.

O sr. D assentiu.

— Só estava confirmando. Tem razão, é claro. Prossigam.

— Eu devo concordar com Zoë — disse Quíron. — A presença de Ártemis no conselho de inverno é crucial. Temos apenas uma semana para encontrá-la. E, possivelmente, o que é mais importante: localizar o monstro que ela estava caçando. Agora precisamos decidir quem irá nessa busca.

— Três e dois — disse eu.

Todos olharam para mim. Thalia até se esqueceu de me ignorar.

— Devemos ser cinco — disse eu, acanhado. — Três Caçadoras, dois do Acampamento Meio-Sangue. Isso é mais do que justo.

Thalia e Zoë trocaram olhares.

— É — disse Thalia. — Faz sentido.

Zoë grunhiu.

— Eu preferiria levar *todas* as Caçadoras. Vamos precisar da força dos números.

— Vocês vão refazer o caminho da deusa — lembrou-lhe Quíron. — Movendo-se com rapidez. Não há dúvida de que Ártemis rastreou o cheiro desse monstro raro, qualquer que seja ele, à medida que seguia para oeste. Vocês terão de fazer o mesmo. A profecia foi clara: *A desgraça do Olimpo aponta a trilha*. O que sua senhora diria? “Muitas caçadoras interferem no cheiro.” O melhor é um grupo pequeno.

Zoë pegou uma raquete de pingue-pongue e a estudou como se estivesse

tentando se decidir em quem bateria primeiro.

— Esse monstro, a desgraça do Olimpo, eu o venho caçando ao lado da Senhora Ártemis há muitos anos. No entanto, não tenho a menor ideia de como deve ser essa besta.

Todos olharam para Dioniso, creio que porque ele era o único deus presente e supõe-se que os deuses saibam das coisas. Ele folheava uma revista sobre vinhos, mas, quando todos ficaram em silêncio, ele ergueu os olhos.

— Bem, não olhem para mim. Sou um deus jovem, lembram? Eu não faço o inventário de todos aqueles velhos monstros e titãs empoeirados. Eles são um péssimo tema de conversa nas festas.

— Quíron — disse eu —, você não tem nenhuma ideia em relação ao monstro?

Quíron franziu os lábios.

— Tenho várias ideias, nenhuma delas boa. E nenhuma delas faz sentido. Tífon, por exemplo, caberia nessa descrição. Ele era verdadeiramente uma desgraça do Olimpo. Ou o monstro marinho Keto. Mas, se qualquer um desses dois estivesse se agitando, nós saberíamos. São monstros marinhos do tamanho de arranha-céus. Seu pai, Poseidon, já teria soado o alarme. Receio que o monstro em questão seja mais esquivo. Talvez até mais poderoso.

— É um grande perigo o que vocês vão enfrentar — disse Connor Stoll. (Eu gostava da maneira como ele dizia *vocês* e não *nós*.) — Ao que parece, pelo menos dois dos cinco vão morrer.

— *Um se perderá na terra ressecada* — recitou Beckendorf. — Se eu fosse vocês, ficaria longe do deserto.

Houve um murmúrio de concordância.

— E a *maldição do Titã um deve sustentar* — disse Silena. — O que isso pode significar?

Vi Quíron e Zoë trocarem um olhar de nervosismo, mas o que quer que estivessem pensando, guardaram para si mesmos.

— *E, pela mão do pai, um irá expirar* — disse Grover entre mordidas de Cheetos e bolas de pingue-pongue. — Como isso é possível? Quem seria morto pelo pai?

Fez-se um silêncio pesado em torno da mesa.

Olhei para Thalia e me perguntei se ela estaria pensando o mesmo que eu. Havia alguns anos, Quíron recebera uma profecia sobre o próximo filho dos Três Grandes — Zeus, Poseidon ou Hades — que fizesse dezesseis anos. Supostamente, esse adolescente tomaria uma decisão que iria salvar ou destruir os deuses para sempre. Por causa disso, os Três Grandes fizeram um juramento, depois da Segunda Guerra Mundial, de não ter mais filhos. Apesar disso, Thalia

e eu havíamos nascido, e agora ambos nos aproximávamos da idade de dezesseis anos.

Lembrei-me de uma conversa que tivera no ano anterior com Annabeth. Eu havia lhe perguntado por que, se eu era tão potencialmente perigoso, os deuses simplesmente não me matavam.

*Alguns dos deuses gostariam de matar você*, dissera ela. *Mas temem ofender Poseidon.*

Será que um pai olimpiano podia voltar-se contra o filho meio-sangue? Será que às vezes era mais fácil simplesmente deixá-los morrer? Se havia meios-sangues que precisavam se preocupar com isso, esses eram Thalia e eu. Perguntei-me se, afinal, não deveria ter enviado a Poseidon aquela gravata com estampa de conchas como presente do Dia dos Pais.

— Vai haver mortes — concluiu Quíron. — Disso nós sabemos.

— Ah, que bom! — disse Dioniso.

Todos olharam para ele. Ele ergueu os olhos inocentemente das páginas da revista *Wine Connoisseur*.

— Ah, o interesse pela *pinot noir* está voltando. Não prestem atenção ao que digo.

— Percy tem razão — disse Silena Beauregard. — Dois campistas devem ir.

— Ah, entendo — disse Zoë, sarcástica. — E suponho que vós quereis se apresentar como voluntária.

Silena enrubesceu.

— Eu não vou a lugar nenhum com as Caçadoras. Não olhem para mim!

— Uma filha de Afrodite não quer que olhem para ela — zombou Zoë. — O que sua mãe diria?

Silena começou a se erguer da cadeira, mas os irmãos Stoll a puxaram de volta.

— Parem com isso — disse Beckendorf. Era um sujeito grandalhão, com uma voz ainda maior. Ele não falava muito, mas quando o fazia, as pessoas costumavam ouvi-lo. — Vamos começar com as Caçadoras. Quais de vocês irão? Três.

Zoë se pôs de pé.

— Eu vou, evidentemente, e vou levar Febe. É a nossa melhor rastreadora.

— A grandona que gosta de bater na cabeça das pessoas? — perguntou Travis Stoll, com cuidado.

Zoë assentiu.

— Aquela que botou as flechas no meu capacete? — acrescentou Connor.

— É — replicou Zoë bruscamente. — Por quê?

— Ah, por nada — respondeu Travis. — É só que temos uma camiseta para

ela da loja do acampamento. — Ele ergueu uma grande camiseta prateada que dizia: ÁRTEMIS, DEUSA DA LUA, TOUR DE CAÇA OUTONO DE 2002, com uma imensa lista de parques nacionais e coisas desse tipo embaixo. — Trata-se de uma peça de colecionador. Ela a estava admirando. Quer dar a ela?

Eu sabia que os Stolls estavam tramando alguma coisa. Sempre estavam. Mas acho que Zoë não os conhecia tão bem quanto eu. Ela limitou-se a dar um suspiro e pegou a camiseta.

— Como estava dizendo, vou levar Febe. E quero que Bianca vá.

Bianca pareceu atordoada.

— Eu? Mas... sou tão inexperiente! Eu não seria de nenhuma utilidade.

— Ireis vos sair bem — insistiu Zoë. — Não existe maneira melhor de se pôr à prova.

Bianca fechou a boca. Lamentei um pouco por ela. Lembrei-me de minha primeira missão, aos doze anos. Eu me sentia totalmente despreparado. Um pouco honrado, talvez, mas muito ressentido e assustado. Imaginei que as mesmas coisas estivessem passando pela cabeça de Bianca nesse momento.

— E quanto aos campistas? — perguntou Quíron. Nossos olhos se encontraram, mas eu não sabia o que ele estava pensando.

— Eu! — Grover se ergueu tão rápido que esbarrou na mesa de pingue-pongue. Ele espanou do colo migalhas de biscoito e de bolas de pingue-pongue. — Qualquer coisa para ajudar Ártemis!

Zoë franziu o nariz.

— Acredito que não, sátiro. Vós não sois nem mesmo um meio-sangue.

— Mas *é* um campista — interveio Thalia. — E ele domina os sentidos de um sátiro e a mágica da floresta. Você ainda sabe tocar uma canção de rastreador, Grover?

— Certamente que sim!

Zoë hesitou. Eu não sabia o que era uma canção de rastreador, mas aparentemente Zoë a via como uma boa coisa.

— Muito bem — concordou Zoë. — E o segundo campista?

— Eu irei. — Thalia se pôs de pé e olhou à sua volta, desafiando qualquer um a questioná-la.

Ora, muito bem, talvez minhas habilidades em matemática não fossem as melhores, mas de repente ocorreu-me que havíamos alcançado o número cinco, e eu não estava no grupo.

— Ei, espere um pouco — intervim. — Eu também quero ir.

Thalia não disse nada. Quíron ainda estava me estudando, os olhos tristes.

— Ah — disse Grover, subitamente ciente do problema. — Ora, é... eu esqueci! Percy tem de ir. Não tive a intenção de... Eu fico. Percy deve ir no meu

lugar.

— Ele não pode — disse Zoë. — É um garoto. As Caçadoras não vão viajar com um garoto.

— Vocês vieram comigo até aqui — lembrei-lhe.

— Aquilo foi uma emergência rápida, e foi ordenada pela deusa. Eu não vou atravessar o país e lutar contra muitos perigos na companhia de um garoto.

— E quanto a Grover? — perguntei.

Zoë sacudiu a cabeça.

— Ele não conta. É um sátiro. Tecnicamente não é um garoto.

— Ei! — protestou Grover.

— Eu *tenho* de ir — afirmei. — Preciso fazer parte dessa busca.

— Por quê? — perguntou Zoë. — Por causa de sua amiga Annabeth?

Eu me senti corar. Odiei o fato de estarem todos olhando para mim.

— Não! Quer dizer, em parte. Mas eu sinto que devo ir!

Ninguém saiu em minha defesa. O sr. D parecia entediado, ainda lendo sua revista. Silena, os irmãos Stoll e Beckendorf olhavam para a mesa. Bianca me lançou um olhar de pena.

— Não — disse Zoë, impassível. — Eu insisto neste ponto: levo um sátiro se for preciso, mas não um herói do sexo masculino.

Quíron suspirou.

— A busca é por Ártemis. As Caçadoras devem poder aprovar seus companheiros.

Meus ouvidos zumbiam quando me sentei. Sabia que Grover e alguns dos outros me olhavam solidariamente, mas eu não podia encará-los. Simplesmente deixei-me ficar ali sentado enquanto Quíron concluía o conselho.

— Que seja assim — disse ele. — Thalia e Grover acompanharão Zoë, Bianca e Febe. Vocês devem partir à primeira luz da manhã. E que os deuses — ele olhou para Dioniso —, o presente incluído, esperamos, estejam com vocês.

Eu não apareci para o jantar naquela noite, o que foi um erro, pois Quíron e Grover vieram à minha procura.

— Percy, eu sinto muito! — disse Grover, sentando-se ao meu lado no beliche. — Eu não sabia que elas... que você... Sinceramente!

Ele começou a fungar e eu deduzi que, se não o animasse, ele ou começaria a balir ou a mastigar meu colchão. Ele costuma comer objetos domésticos sempre que fica aborrecido.

— Está tudo bem — menti. — É sério. Está tudo certo.

O lábio inferior de Grover tremia.

— Eu nem pensei... Estava tão concentrado em ajudar Ártemis. Mas eu

prometo que vou procurar Annabeth por toda parte. Se puder encontrá-la, encontrarei.

Assenti e tentei ignorar a grande cratera que se abria em meu peito.

— Grover — disse Quíron —, você me permitiria dar uma palavrinha com Percy?

— Claro — fungou ele.

Quíron esperou.

— Ah — disse Grover. — Você quis dizer sozinho. É claro, Quíron. — Ele me olhou, infeliz. — Vê? Ninguém precisa de um bode.

Ele saiu trotando do quarto, assoando o nariz na manga da roupa.

Quíron suspirou e ajoelhou-se em suas patas equinas.

— Percy, eu não tenho a pretensão de compreender profecias.

— Sim — disse eu. — Bem, talvez seja porque elas não fazem sentido.

Quíron olhou para a fonte de água salgada que gorgolejava no canto do quarto.

— Thalia não seria minha primeira escolha para ir nessa busca. Ela é impetuosa demais. Age sem pensar. É muito segura de si.

— Você teria me escolhido?

— Sinceramente, não — disse ele. — Você e Thalia são muito parecidos.

— Muito obrigado.

Ele sorriu.

— A diferença é que você é menos seguro de si do que ela. Isso pode ser bom ou mau. Mas uma coisa eu posso dizer: vocês dois juntos representariam um perigo.

— Nós poderíamos contorná-lo.

— Do mesmo jeito que contornou no riacho esta noite?

Não respondi. Ele havia me pegado.

— Talvez seja melhor assim — ponderou Quíron. — Você pode ir para casa passar os feriados com sua mãe. Se precisarmos de você, temos como chamá-lo.

— É — eu disse. — Talvez.

Puxei Contracorrente do bolso e a coloquei sobre a mesa de cabeceira. Não parecia que eu fosse usá-la tão cedo para outra coisa que não escrever cartões de Natal.

Quando viu a caneta, Quíron fez uma careta.

— Não é de estranhar que Zoë não o queira por perto, suponho. Não enquanto carrega essa arma específica.

Não entendi o que Quíron quis dizer. Então lembrei-me de algo que ele me dissera fazia muito tempo, quando me dera a espada mágica: *Ela tem uma história longa e trágica, sobre a qual não precisamos falar.*

Eu queria perguntar sobre isso, mas ele tirou um dracma de ouro de seu alforje e o atirou para mim.

— Telefone para sua mãe, Percy. Diga a ela que estará indo para casa de manhã. E, ah, se quer saber... Eu quase me apresentei como voluntário para essa busca. Eu teria ido, não fosse pelo último verso.

— *E, pela mão do pai, um irá expirar.* Claro.

Eu não precisava perguntar. Sabia que o pai de Quíron era Cronos, o maléfico Senhor dos Titãs. O verso faria sentido perfeitamente se Quíron participasse da busca. Cronos não ligava para ninguém, nem para os próprios filhos.

— Quíron — disse eu —, você sabe que maldição do titã é essa, não sabe?

O rosto dele tornou-se sombrio. Ele fez uma garra sobre o coração e a afastou — um gesto antigo para precaver-se contra o mal.

— Vamos torcer para que a profecia não signifique o que eu penso. Agora, boa noite, Percy. Sua vez chegará. Estou convencido disso. Não precisa se apressar.

Ele disse *sua vez* da mesma forma que as pessoas falam quando querem dizer *sua morte*. Não sei se Quíron teve essa intenção, mas a expressão em seus olhos me fez ter medo de perguntar.

Fiquei de pé diante da fonte de água do mar, esfregando a moeda de Quíron em minha mão e tentando imaginar o que dizer à minha mãe. Eu realmente não estava a fim de ter mais um adulto me dizendo que não fazer nada era o melhor que eu podia fazer, mas imaginei que minha mãe merecesse ficar informada.

Por fim, respirei fundo e atirei a moeda na fonte.

— Ó deusa, aceite minha oferenda.

A névoa tremeluziu. A luz vinda do banheiro era suficiente para criar um tênue arco-íris.

— Mostre Sally Jackson — eu disse. — Upper East Side, Manhattan.

E, no meio da névoa, apareceu uma cena que eu não esperava. Minha mãe estava sentada à mesa da nossa cozinha com um... cara. Eles estavam rindo histericamente. Havia uma grande pilha de livros entre os dois. O homem tinha, não sei, uns trinta e poucos anos, com cabelos meio compridos grisalhos, e usava um casaco marrom sobre uma camiseta preta. Parecia um ator — um cara que pudesse fazer o papel de um policial disfarçado na TV.

Eu estava perplexo demais para dizer alguma coisa e, felizmente, minha mãe e o cara estavam ocupados demais rindo para perceber minha mensagem de Íris.

— Sally, você é uma figura — disse o cara. — Quer mais um pouco de vinho?

— Ah, eu não devo. Mas vá adiante, se quiser.

— Na verdade, eu preferiria usar o banheiro. Posso?

— No corredor — disse ela, tentando não rir.

O cara de ator sorriu, levantou-se e saiu.

— Mamãe! — chamei.

Ela deu um pulo tão grande que quase derrubou os livros da mesa. Finalmente focalizou os olhos em mim.

— Percy! Ah, querido! Está tudo bem?

— O que você está fazendo? — perguntei.

Ela piscou.

— Dever de casa. — Então pareceu compreender a expressão que eu tinha no rosto. — Ah, querido, esse é só o Paul... hum, o sr. Blofis. Está no meu seminário de criação literária.

— Sr. Balofice?

— *Blofis.* Ele estará de volta em um minuto, Percy. Diga qual é o problema.

Ela sempre sabia quando alguma coisa estava errada. Contei sobre Annabeth. As outras coisas também, mas basicamente tudo se resumia a Annabeth.

Os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas. Dava para ver que ela estava tentando se segurar, para me poupar.

— Ah, Percy...

— É. Aí eles me disseram que não há nada que eu possa fazer. Acho que vou para casa.

Ela girou o lápis entre os dedos.

— Percy, por mais que eu queira que você venha para casa — suspirou, como se estivesse com raiva de si mesma —, por mais que eu queira vê-lo em segurança, quero que você compreenda uma coisa. Você precisa fazer o que acredita que tem de fazer.

Fiquei olhando para ela.

— O que você quer dizer?

— Bem, você, lá no fundo, acredita de verdade que precisa ajudar a salvá-la? Acha que é o correto a fazer? Porque eu sei uma coisa sobre você, Percy. Seu coração está sempre no lugar certo. Ouça-o.

— Você... você está me dizendo para ir?

Minha mãe contraiu os lábios.

— Estou dizendo que... que você está ficando muito grande para eu lhe dizer o que fazer. Estou dizendo que estarei do seu lado, mesmo que o que você decidir seja perigoso. Não posso acreditar que eu esteja dizendo isso!

— Mãe...

A descarga soou no banheiro de nosso apartamento.

— Não tenho muito tempo — disse mamãe. — Percy, qualquer que seja a decisão que tome, eu amo você. E eu *sei* que fará o que for melhor para

Annabeth.

— Como você pode ter certeza?

— Porque ela faria o mesmo por você.

E, com isso, minha mãe agitou a mão na névoa e a conexão se dissolveu, deixando-me com a imagem final de seu novo amigo, o sr. Balofice, sorrindo para ela.

Não me lembro de ter adormecido, mas me lembro do sonho.

Eu estava de volta àquela caverna árida, o teto baixo e pesado sobre mim. Annabeth encontrava-se ajoelhada sob o peso de uma massa escura que parecia uma pilha de rochas. Estava cansada demais até para gritar. Suas pernas tremiam. Eu sabia que a qualquer segundo suas forças se esgotariam e o teto da caverna desabaria sobre ela.

— Como está nossa hóspede mortal? — ribombou uma voz masculina.

Não era Cronos. A voz de Cronos era áspera e metálica, como uma faca raspando a pedra. Eu a ouvira debochar de mim muitas vezes em meus sonhos. Mas essa voz era mais profunda e grave, como um contrabaixo. Sua força fazia o chão vibrar.

Luke emergiu das sombras. Ele correu para Annabeth, ajoelhou-se ao lado dela, e então olhou para o homem invisível.

— Ela está perdendo as forças. Precisamos nos apressar.

O hipócrita. Como se ele se importasse com o que aconteceria a ela.

A voz profunda gargalhou. Pertencia a alguém que estava nas sombras, à margem de meu sonho. Então uma mão carnuda empurrou alguém adiante, para a área de luz: Ártemis — as mãos e os pés presos por correntes de bronze celestial.

Arquejei. Seu vestido prateado estava rasgado e esfarrapado. Seu rosto e seus braços estavam cortados em vários pontos, e ela vertia icor, o sangue dourado dos deuses.

— Você ouviu o garoto — disse o homem nas sombras. — Decida!

Os olhos de Ártemis dardejavam de raiva. Eu não sei por que ela simplesmente não arrebentava as correntes, ou sumia, mas não parecia capaz disso. Talvez as correntes a impedissem, ou alguma mágica ligada àquele lugar escuro e horrível.

A deusa olhou para Annabeth e sua expressão mudou para preocupação e afronta.

— Como você ousa torturar uma donzela como esta?

— Ela vai morrer logo — disse Luke. — Mas você pode salvá-la.

Annabeth emitiu um ruído fraco de protesto. Parecia que meu coração estava

sendo torcido em um nó. Eu queria correr até ela, mas não conseguia me mover.

— Soltem minhas mãos — disse Ártemis.

Luke apresentou sua espada, Mordecostas. Com um golpe preciso, ele cortou as algemas da deusa.

Ártemis correu para Annabeth e tomou o peso de seus ombros. Annabeth desabou no chão e ficou ali, tremendo. Ártemis cambaleou, tentando suportar a carga das pedras negras.

O homem nas sombras deu uma risadinha.

— Você é tão previsível quanto fácil de vencer, Ártemis.

— Você me pegou de surpresa — disse a deusa, ajeitando o corpo sob o seu fardo. — Isso não vai acontecer de novo.

— De fato, não vai — disse o homem. — Agora você está fora do caminho para sempre! Eu sabia que não resistiria a ajudar uma donzela. Afinal, essa é a sua especialidade, minha querida.

Ártemis gemeu.

— Você não sabe nada de misericórdia, seu porco.

— Nesse ponto — disse o homem —, estamos de acordo. Luke, pode matar a garota agora.

— Não! — gritou Ártemis.

Luke hesitou.

— Ela... ela ainda pode ser útil, senhor. Como isca, mais adiante.

— Ora! Você acredita mesmo nisso?

— Sim, General. Eles virão atrás dela. Tenho certeza.

O homem ponderou.

— Então as víboras podem vigiá-la aqui. Supondo-se que ela não morra em razão dos ferimentos, você poderá mantê-la viva até o solstício de inverno. Depois disso, se nosso sacrifício transcorrer conforme planejado, a vida dela não terá o menor significado. A vida de nenhum mortal terá significado.

Luke ergueu o corpo inerte de Annabeth e o levou para longe da deusa.

— Você nunca vai encontrar o monstro que procura — disse Ártemis. — Seu plano fracassará.

— Como você sabe pouco, minha jovem deusa! — replicou o homem nas sombras. — Mesmo agora, quando suas queridas seguidoras começam a busca para encontrá-la, elas trabalham diretamente em meu favor. Agora, se nos desculpar, temos uma longa jornada a fazer. Precisamos ir ao encontro de suas Caçadoras e cuidar para que sua busca seja... desafiadora.

A gargalhada do homem ecoou na escuridão, fazendo tremer o chão até que todo o teto da caverna parecesse prestes a ruir.

Acordei com um sobressalto. Tinha certeza de que ouvira uma batida ruidosa.

Olhei à minha volta no chalé. Estava escuro lá fora. A fonte marítima ainda gorgolejava. Não havia outros ruídos, a não ser o pio de uma coruja no bosque e a distante arrebentação das ondas na praia. À luz do luar, em minha mesa de cabeceira, estava o boné do New York Yankees, de Annabeth. Eu o olhei fixamente por um segundo, e então: *BANGUE. BANGUE.*

Alguém, ou alguma coisa, estava batendo à minha porta.

Agarrei Contracorrente e saí da cama.

— Olá? — chamei.

*TUM. TUM.*

Fui me aproximando devagar da porta.

Destampei a lâmina, abri bruscamente a porta e me vi cara a cara com um pégaso negro.

*Ei, chefe!* Sua voz soou em minha mente enquanto ele se esquivava da lâmina da espada. *Não quero virar espetinho de cavalo!*

Suas asas negras abriram-se com o susto, e o deslocamento de ar provocado me fez recuar um passo.

— Blackjack — disse eu aliviado, mas um tanto irritado. — Estamos no meio da noite!

Blackjack bufou. *Não mais, chefe. São cinco da manhã. Para que você ainda está dormindo?*

— Quantas vezes eu já lhe disse? Não me chame de chefe.

*Como quiser, chefe. Você é o cara. É o número um.*

Esfreguei os olhos para me livrar do sono e tentei não deixar que o pégaso lesse meus pensamentos. Esse é o problema em ser filho de Poseidon: como ele criava cavalos da espuma do mar, posso entender a maior parte dos animais equestres. No entanto, eles também podem me entender. Às vezes, como no caso de Blackjack, eles mais ou menos me adotam.

Veja: Blackjack foi prisioneiro a bordo do navio de Luke no último verão, até criarmos uma pequena confusão que lhe permitiu escapar. Na verdade, eu tivera muito pouco a ver com isso, mas Blackjack conferiu a mim o crédito de salvá-lo.

— Blackjack — disse eu —, você devia estar nos estábulos.

*Hã, os estábulos. Você vê Quíron nos estábulos?*

— Bem... não.

*Pois é. Ouça, temos um outro amiguinho marinho que precisa da sua ajuda.*

— De novo?

*É. Eu disse aos cavalos-marinhos que viria buscar você.*

Deixei escapar um gemido. Sempre que eu estava perto da praia, os cavalos-marinhos me pediam que os ajudasse com seus problemas. E eles tinham um

bocado de problemas. Baleias encalhadas, golfinhos presos em redes de pesca, sereias com a unha quebrada — eles me pediam que submergisse e ajudasse.

— Tudo bem — concordei. — Estou indo.

*Você é o melhor, chefe.*

— E não me chame de chefe!

Blackjack relinchou suavemente. Poderia ter sido uma risada.

Olhei para minha cama confortável. Meu escudo de bronze ainda pendia da parede, amassado e inutilizável. E, na mesinha de cabeceira, estava o boné mágico dos Yankees que pertencia a Annabeth. Num impulso, enfiei o boné no bolso. Acho que tinha o pressentimento, naquele exato momento, de que não voltaria ao chalé por muito tempo.

# OITO

Faço uma promessa perigosa

Blackjack me deu uma carona sobrevoando a praia, e tenho de admitir que foi bem legal. Montar um cavalo alado, roçar a superfície das ondas a mais de 150 quilômetros por hora com o vento nos cabelos e o borrifo do mar no rosto — ei, isso é melhor do que esqui aquático!

*Aqui*. Blackjack reduziu a velocidade e traçou um arco no céu. *Agora é só descer reto.*

— Obrigado. — Desci de suas costas numa cambalhota e mergulhei no mar gelado.

Nos últimos dois anos, eu ganhara mais confiança em fazer proezas como essa. Podia me mover praticamente como quisesse debaixo da água, simplesmente ao determinar que as correntes oceânicas mudassem à minha volta e me impelissem. Podia respirar debaixo da água, sem problemas, e minhas roupas nunca se molhavam, a menos que eu quisesse.

Mergulhei na escuridão.

Cinco, dez, quinze metros. A pressão não era desconfortável. Eu nunca havia tentado me testar — ver se havia um limite para a profundidade a que eu podia chegar. Sabia que a maior parte dos humanos comuns não podia ultrapassar os sessenta metros sem ser esmagada como uma lata de alumínio. Eu também deveria ficar sem visão em águas assim profundas à noite, mas conseguia ver o calor que emanava de formas vivas, e o frio das correntes. É difícil descrever. Não era como a visão comum, mas eu podia dizer onde todas as coisas estavam.

Ao me aproximar do fundo, vi três cavalos-marinhos — cavalos com rabo de peixe — nadando em círculo em torno de um barco emborcado. Os cavalos-marinhos eram lindos de se ver. Seus rabos de peixe tremeluziam com as cores do arco-íris, brilhando fosforescentes. Suas crinas eram brancas e eles galopavam pela água da maneira como cavalos nervosos fazem numa

tempestade. Algo os estava aborrecendo.

Cheguei mais perto e vi o problema. Uma forma escura — algum animal — tinha metade do corpo presa sob o barco e emaranhada em uma rede de pesca, uma daquelas redes enormes que se usam em traineiras para pegar tudo de uma vez só. Eu odiava aquelas coisas. Já era ruim demais o fato de afogarem botos e golfinhos, mas, de vez em quando, também apanhavam animais mitológicos. Quando as redes se emaranhavam, alguns pescadores preguiçosos simplesmente as cortavam e deixavam os animais presos ali morrerem.

Parecia que aquela pobre criatura estivera chafurdando no fundo do estreito de Long Island e, de alguma forma, se embaraçara na rede do barco de pesca naufragado. Tinha tentado se soltar, mas conseguira apenas ficar ainda mais enredada, fazendo o barco deslocar-se. Agora os destroços do casco, que se apoiava em uma pedra grande, oscilavam e ameaçavam desabar sobre o animal emaranhado.

Os cavalos-marinhos nadavam ao redor do barco freneticamente, querendo ajudar, mas sem saber como. Um tentava cortar a rede com os dentes, mas os dentes dos cavalos-marinhos não foram feitos para cortar corda. Os cavalos-marinhos são muito fortes, mas não têm mãos, e não são (shiii!) lá muito inteligentes.

*Liberte-o, senhor!*, pediu um cavalo-marinho ao me ver. Os outros juntaram-se a ele, fazendo o mesmo pedido.

Eu nadei até a criatura emaranhada para dar uma olhada mais de perto. A princípio, pensei que se tratasse de um jovem cavalo-marinho. Eu já havia resgatado vários deles. Mas ouvi um som estranho, algo que não pertencia ao mundo submarino.

— Muuuuuu!

Então me aproximei da coisa e vi que era uma vaca. Bem... eu já ouvira falar em peixes-bois e coisas assim, mas esse era de fato uma vaca com a extremidade posterior de uma serpente. A parte frontal era um bezerro — um bebê com pelo branco, olhos castanhos grandes e tristes e focinho também branco — e a segunda metade era um rabo preto e marrom escamoso com barbatanas em cima e embaixo, como uma enorme enguia.

— Ei, pequenino — disse eu. — De onde você veio?

A criatura me dirigiu um olhar triste.

— Muuuu!

Mas eu não conseguia compreender seus pensamentos. Eu só falava com cavalos.

*Não sabemos o que ela é, senhor,* disse um dos cavalos-marinhos. *Tem muitas coisas estranhas acontecendo.*

— É — murmurei. — Ouvi dizer.

Tirei a tampa de Contracorrente, e a espada atingiu seu tamanho natural em minhas mãos, a lâmina de bronze brilhando na escuridão.

A vaca-serpente assustou-se e começou a se debater na rede, os olhos cheios de terror.

— Ei! — chamei. — Não vou machucar você! Só vou cortar a rede.

Mas a vaca-serpente continuou a se debater, ficando ainda mais enrolada. O barco começou a se inclinar, agitando o lodo no fundo do mar e ameaçando desabar sobre a criatura. Os cavalos-marinhos começaram a relinchar em pânico e agitar-se na água, o que não ajudava em nada.

— Está bem, está bem! — disse eu. Guardei a espada e comecei a falar o mais tranquilamente possível para acalmar o pânico dos cavalos-marinhos e da vaca-serpente. Eu não sabia se era possível ser pisoteado debaixo d'água, mas não queria tentar descobrir. — Está tudo bem. Nada de espada. Está vendo? Sem espada. Pensamentos tranquilos. Grama marinha. Mamães vacas. Vegetarianismo.

Duvidava que a vaca-serpente estivesse entendendo o que eu dizia, mas ela reagiu ao tom da minha voz. Os cavalos-marinhos ainda estavam nervosos, mas pararam de rodopiar à minha volta com tanta velocidade.

*Solte-a, senhor!*, imploravam.

— Sim — afirmei. — Isso eu já entendi. Estou pensando.

Mas como eu podia libertar a vaca-serpente se ela (eu já havia concluído que provavelmente se tratava de uma menina) entrava em pânico diante de uma lâmina? Era como se já tivesse visto espadas antes e soubesse o quanto eram perigosas.

— Muito bem — disse eu aos cavalos-marinhos. — Preciso de todos vocês para empurrar exatamente da maneira como eu disser.

Primeiro começamos com o barco. Não era fácil, mas com a força de três cavalos, conseguimos deslocá-lo, de modo que não mais ameaçasse desabar sobre a vaca-serpente bebê. Então passei a trabalhar na rede, desembaraçando-a parte por parte, soltando os pesos de chumbo e os anzóis, desfazendo nós em torno dos cascos da vaca-serpente. Isso levou uma vida — quer dizer, foi pior do que daquela vez em que tive de desemaranhar todos os fios dos controles do meu videogame. O tempo todo continuei falando com o peixe-vaca, dizendo-lhe que estava tudo bem, enquanto ele mugia e gemia.

— Está tudo bem, Bessie — afirmei. Não me pergunte por que comecei a chamá-la assim. Simplesmente me pareceu um bom nome para uma vaca. — Boa menina. Muito boa.

Finalmente a rede se soltou e a vaca-serpente deslizou velozmente pela água,

dando um feliz salto mortal.

Os cavalos-marinhos relinchavam de alegria. *Obrigado, senhor!*

— Muuuu! — A vaca-serpente me focinhou e voltou os grandes olhos castanhos para mim.

— Sim — disse eu. — Tudo bem. Boa menina. Bem... fique longe de confusão.

O que me lembrou de uma coisa: havia quanto tempo eu estava debaixo d'água? Uma hora, pelo menos. Tinha de voltar para meu chalé antes que Argos ou as harpias descobrissem que eu estava descumprindo os horários.

Disparei para a superfície e emergi. Imediatamente Blackjack apareceu e deixou que eu me agarrasse a seu pescoço. Ele me ergueu no ar e me levou de volta à praia.

*Sucesso, chefe?*

— Sim. Resgatamos um bebê... de alguma coisa. Levou uma vida. Quase fui pisoteado.

*As boas ações são sempre perigosas, chefe. Você salvou a minha pobre crina, não foi?*

Eu não pude deixar de pensar no meu sonho, com Annabeth encolhida e inerte nos braços de Luke. Ali estava eu resgatando bebês monstros, mas não podia salvar minha amiga.

Quando Blackjack voava de volta ao meu chalé, olhei por acaso para o pavilhão do refeitório. Avistei um vulto — um garoto agachado atrás de uma coluna grega, como se estivesse se escondendo de alguém.

Era Nico, mas ainda nem havia amanhecido. Não estava nem perto do horário do café da manhã. O que ele estava fazendo ali?

Hesitei. A última coisa que eu queria era Nico me falando de seu jogo de Mitomagia. Mas alguma coisa estava errada. Eu podia ver pela maneira como ele se abaixava.

— Blackjack — pedi —, deixe-me ali adiante, o.k.? Atrás daquela coluna.

Eu quase estraguei tudo.

Estava subindo os degraus atrás de Nico. Ele não me viu. Espiando atrás da coluna, ele tinha toda a atenção voltada para a área das mesas. Eu estava a um metro e meio dele, e prestes a perguntar *O que está fazendo?* em voz alta, quando me ocorreu que ele estava dando uma de Grover: estava espionando as Caçadoras.

Ouviam-se vozes — duas garotas conversando em uma das mesas. Àquela hora da manhã? Bem, a menos que você seja a deusa do amanhecer...

Tirei o boné mágico de Annabeth do bolso e o pus na cabeça.

Não me senti diferente em nada, mas quando ergui os braços não pude vê-los. Eu estava invisível.

Avancei sorrateiramente até Nico e olhei dali. Não podia enxergar bem as garotas na escuridão, mas conhecia as vozes: eram Zoë e Bianca. Parecia que estavam discutindo.

— *Não pode* ser curada — ia dizendo Zoë. — Pelo menos não depressa.

— Mas como aconteceu? — perguntou Bianca.

— Uma brincadeira boba — grunhiu Zoë. — Aqueles irmãos Stoll, do chalé de Hermes. Sangue de centauro é como ácido. Todo o mundo sabe disso. Eles borrifaram a parte interna daquela camiseta do Tour de Caça de Ártemis.

— Isso é terrível!

— Ela vai sobreviver — disse Zoë. — Mas vai ficar acamada por semanas com urticárias horríveis. Não tem como ela ir. Agora somos eu... e você.

— Mas a profecia — disse Bianca. — Se Febe não pode ir, somos apenas quatro. Vamos ter de escolher outra.

— Não temos tempo — replicou Zoë. — Precisamos partir à primeira luz da manhã. Isto é, imediatamente. Além disso, a profecia disse que perderíamos um.

— Na terra ressecada — lembrou Bianca —, e esse lugar não pode ser aqui.

— Talvez seja — ponderou Zoë, embora não parecesse convencida. — O acampamento tem limites mágicos. Nada, nem mesmo as condições meteorológicas, entra sem permissão. *Poderia* ser uma terra ressecada.

— Mas...

— Bianca, me escutai. — A voz de Zoë estava tensa. — Eu... eu não sei explicar, mas tenho a sensação de que *não* devemos escolher outra pessoa. Seria perigoso demais. Ela teria um fim pior do que o de Febe. Não quero que Quíron escolha um campista como nosso quinto companheiro. E... não quero pôr em risco outra Caçadora.

Bianca ficou calada por alguns instantes.

— Você devia contar a Thalia o resto do seu sonho.

— Não. Não ajudaria em nada.

— Mas se suas suspeitas estiverem corretas, em relação ao General...

— Tenho a vossa palavra de que não falaríeis sobre isso — cortou Zoë. Ela parecia de fato aflita. — Vamos descobrir logo. Agora vinde. O dia está raiando.

Nico saiu do caminho delas. Ele foi mais rápido do que eu.

Quando desciam apressadas os degraus, Zoë quase deu um encontrão em mim. Ela ficou imóvel, os olhos se estreitando. A mão dirigiu-se ao arco, mas nesse momento Bianca disse:

— As luzes da Casa Grande estão acesas. Depressa!

E Zoë a seguiu, deixando o pavilhão.

Eu sabia o que Nico estava pensando. Ele respirou fundo e estava prestes a sair correndo atrás da irmã quando tirei o boné da invisibilidade e disse:

— Espere.

Ele quase escorregou nos degraus cobertos de gelo quando girou para dar de cara comigo.

— De onde você veio?

— Estava aqui o tempo todo. Invisível.

Ele repetiu em silêncio a palavra *invisível*.

— Uau! Que legal!

— Como é que você sabia que Zoë e sua irmã estavam aqui?

Ele enrubesceu.

— Ouvi quando passaram pelo chalé de Hermes. Eu não... eu não durmo muito bem aqui no acampamento. Assim, ouvi passos e as duas sussurrando. E então vim atrás delas.

— E agora está pensando em segui-las na busca — adivinhei.

— Como é que você sabe?

— Porque, se fosse minha irmã, eu provavelmente estaria pensando a mesma coisa. Mas você não pode.

Ele me olhou, desafiador.

— Porque sou muito novo?

— Porque não vão deixá-lo. Vão pegá-lo e mandá-lo de volta para cá. E... é, porque é muito novo. Lembra-se do manticore? Vai haver muitos mais como aquele. Ainda mais perigosos. Alguns dos heróis morrerão.

Os ombros dele se curvaram. Ele transferiu seu peso de um pé para o outro.

— Talvez você tenha razão. Mas... mas *você* pode ir por mim.

— Como?

— Você pode ficar invisível. Você pode ir!

— As Caçadoras não gostam de garotos — lembrei a ele. — Se descobrirem...

— Não deixe que descubram. Siga-as invisível. Fique de olho na minha irmã! Você precisa fazer isso. Por favor...

— Nico...

— Você está pretendendo ir de qualquer jeito, não está?

Eu queria dizer não. Mas ele me olhou nos olhos e, por alguma razão, não pude mentir.

— Sim — disse eu. — Preciso encontrar Annabeth. Preciso ajudar, mesmo que não queiram a minha ajuda.

— Eu não vou denunciar você — garantiu ele. — Mas precisa prometer que vai manter minha irmã em segurança.

— Eu... essa é uma promessa muito difícil, Nico, numa viagem assim. Além

disso, ela tem Zoë, Grover e Thalia...

— Prometa — insistiu ele.

— Darei o máximo de mim. Isso eu prometo.

— Então ande, vá! — disse ele. — Boa sorte!

Era loucura. Eu não havia arrumado nada. Não tinha nada comigo exceto o boné, a espada e as roupas que estava usando. Eu devia ir para casa, em Manhattan, naquela manhã.

— Diga a Quíron...

— Eu invento alguma coisa. — Nico deu um sorriso travesso. — Sou bom nisso. Vá!

Corri, pondo o boné de Annabeth na cabeça. Enquanto o sol se levantava, fiquei invisível. Cheguei ao topo da Colina Meio-Sangue a tempo de ver a van do acampamento desaparecendo na estrada rural, provavelmente com Argos levando o grupo de busca até a cidade. Depois disso, estariam por sua própria conta e risco.

Senti uma pontada de culpa, e de estupidez também. Como é que eu esperava acompanhá-los? Correndo?

Então ouvi asas imensas batendo. Blackjack pousou ao meu lado. Ele começou a fuçar casualmente alguns tufos de grama que se projetavam através do gelo.

*Se me perguntassem, chefe, eu diria que você está precisando de um cavalo voador. Está interessado?*

Um nó de gratidão se formou em minha garganta, mas consegui dizer:

— Sim. Vamos voar.

# NOVE

Aprendo a cultivar zumbis

O problema de voar em um pégaso durante o dia é que, se você não tomar cuidado, pode causar um grave acidente de trânsito na autoestrada de Long Island. Tive de manter Blackjack acima das nuvens, que, felizmente, no inverno eram bem baixas. Avançávamos, tentando manter no campo de visão a van branca do Acampamento Meio-Sangue. E, se estava frio no chão, estava mais ainda no ar, com a chuva gelada ferroando minha pele.

Eu lamentava não ter levado a roupa de baixo cor de laranja — e térmica — que vendiam na lojinha do acampamento, mas, depois da história de Febe e da camiseta com sangue de centauro, não tinha mais certeza se confiava nos produtos de lá.

Perdemos a van de vista duas vezes, mas eu tinha o forte pressentimento de que entrariam em Manhattan primeiro, portanto, não foi muito difícil encontrar seu rastro novamente.

O trânsito estava ruim por causa do feriado. A manhã já ia pelo meio quando chegaram à cidade. Pousei com Blackjack perto do topo do Edifício Chrysler e fiquei observando a van branca, pensando que ela iria parar na rodoviária, mas o veículo prosseguiu.

— Para onde Argos está levando o grupo? — murmurei.

*Ah, Argos não está dirigindo, chefe,* disseme Blackjack. *É a garota.*

— Qual garota?

*A Caçadora. Com aquele negócio prateado que parece uma coroa no cabelo.*

— Zoë?

*Ela mesma. Ei, olhe! Uma loja de donuts. Podemos comprar alguma coisa para viagem?*

Tentei explicar a Blackjack que levar um cavalo voador para uma loja de *donuts* provocaria um ataque cardíaco em todos os policiais que estivessem por

perto, mas ele parecia não compreender. Enquanto isso, a van continuava seu caminho sinuoso na direção do Túnel Lincoln. Nunca me ocorrera que Zoë soubesse dirigir. Ela parecia não ter nem dezesseis anos. Mas, afinal, era imortal. Perguntei-me se ela teria carteira de Nova York, e, nesse caso, qual seria sua data de nascimento.

— Bem — disse eu. — Vamos atrás deles.

Estávamos prontos para decolar do Edifício Chrysler quando Blackjack relinchou, alarmado, e quase me derrubou. Alguma coisa se enroscava em minha perna como uma cobra. Levei a mão à minha espada, mas, quando olhei para baixo, não havia nenhuma cobra. Videiras haviam brotado das rachaduras entre as pedras do edifício. Elas estavam se enrolando nas pernas de Blackjack, golpeando meus tornozelos, de maneira que não pudéssemos nos mover.

— Estão indo a algum lugar? — perguntou o sr. D.

Ele estava encostado ao edifício, com os pés levitando, o agasalho esportivo de estampa de leopardo e os cabelos negros sendo açoitados pelo vento.

*Alerta dos deuses!*, gritou Blackjack. *É o cara do vinho!*

O sr. D suspirou exasperado.

— A próxima pessoa, *ou cavalo*, que me chamar de “cara do vinho” vai acabar numa garrafa de Merlot!

— Sr. D. — Eu tentava manter a voz calma enquanto as videiras continuavam a envolver minhas pernas. — O que o senhor quer?

— Ah, o que *eu* quero? Você pensou talvez que o imortal e todo-poderoso diretor do acampamento não perceberia sua saída sem permissão?

— Bem... talvez.

— Eu devia atirá-lo de cima deste edifício, sem o cavalo alado, e ver o quanto heroico você se mostra no trajeto até lá embaixo.

Cerrei os punhos. Eu sabia que devia manter a boca fechada, mas o sr. D estava prestes a me matar ou me arrastar de volta para o acampamento, coberto de vergonha, e eu não podia suportar nenhuma das duas possibilidades.

— Por que o senhor me odeia tanto? O que foi que eu lhe fiz?

Chamas púrpura cintilaram em seus olhos.

— Você é um herói, garoto. Não preciso de nenhuma outra razão.

— Eu *tenho* de ir nessa busca! Tenho de ajudar meus amigos. Isso é algo que o senhor não compreende.

*Hum, chefe,* disse Blackjack, nervoso. *Preso assim nessas videiras, a trezentos metros do chão, talvez fosse melhor você ser gentil.*

As videiras continuavam a se enroscar, me apertando ainda mais. Lá embaixo, a van branca ia se afastando. Logo estaria fora do campo de visão.

— Eu já lhe contei sobre Ariadne? — perguntou o sr. D. — Uma princesa

linda e jovem de Creta? Ela também gostava de ajudar os amigos. Na verdade, ajudou um jovem herói chamado Teseu, também filho de Poseidon. Ela lhe deu um novelo de fio mágico que permitiu que ele encontrasse o caminho para sair do Labirinto. E sabe como Teseu a recompensou?

A resposta que eu queria dar era *Não estou nem aí!* Mas não achava que isso fosse fazer o sr. D terminar a história mais rápido.

— Eles se casaram — respondi. — Felizes para sempre. O fim.

O sr. D me dirigiu uma expressão de escárnio.

— Não exatamente. Teseu *disse* que se casaria com ela. Ele a levou para bordo do seu navio e velejou em direção a Atenas. No meio do caminho, numa ilhota chamada Naxos, ele... qual é a palavra que vocês mortais usam hoje?... ele a *dispensou*. Eu a encontrei lá, você sabe. Sozinha. Inconsolável. Chorando até não poder mais. Ela abrira mão de tudo, havia deixado tudo que conhecia para trás, para ajudar um galante e jovem herói, que a jogou fora como se ela fosse um chinelo arrebentado.

— Isso é errado — disse eu. — Mas aconteceu há milhares de anos. O que isso tem a ver comigo?

O sr. D me olhou com frieza.

— Eu me apaixonei por Ariadne, garoto. Curei seu coração partido. E, quando ela morreu, fiz dela minha esposa imortal no Olimpo. Ela está à minha espera neste exato momento. E voltarei para ela quando tiver terminado esse infernal século de punição em seu acampamento ridículo.

Eu o fitei.

— O senhor... o senhor é casado? Mas pensei que tivesse se metido numa enrascada por perseguir uma ninfa do bosque...

— A *questão* é que vocês heróis nunca mudam. Vocês acusam nós, os deuses, de sermos fúteis. Deviam olhar para si mesmos. Vocês fazem o que querem, usam quem precisam usar, e então traem todos à sua volta. Assim, queira me desculpar se não tenho o menor amor pelos heróis. Eles são um bando de egoístas e ingratos. Pergunte a Ariadne. Ou a Medeia. E pode perguntar também a Zoë Doce-Amarga.

— O que quer dizer com pode perguntar a Zoë?

Ele agitou a mão com indiferença.

— Vá. Siga seus tolos amigos.

As videiras se desenroscaram de minhas pernas.

Pisquei, incrédulo.

— O senhor... o senhor está me deixando partir? Simples assim?

— A profecia diz que pelo menos dois de vocês vão morrer. Talvez eu tenha sorte e você seja um deles. Mas, preste atenção às minhas palavras, Filho de

Poseidon, quer você viva ou morra, não vai provar que é melhor do que os outros heróis.

Com isso, Dioniso estalou os dedos. Sua imagem dobrou-se como um folder. Ouviu-se um *pop* e ele se foi, deixando um leve aroma de uvas que foi rapidamente levado pelo vento.

*Essa foi por pouco,* disse Blackjack.

Concordei, embora eu talvez ficasse menos preocupado se o sr. D tivesse me arrastado de volta para o acampamento. O fato de ele ter me deixado ir significava que acreditava de verdade que tínhamos uma boa chance de fracassar totalmente naquela busca.

— Venha, Blackjack — disse eu, tentando parecer alegre. — Vou comprar alguns *donuts* para você em New Jersey.

Acabou que não comprei *donuts* para Blackjack em New Jersey. Zoë seguia para o sul como uma louca, e já estávamos em Maryland antes que ela finalmente estacionasse numa parada, para descansar. Blackjack quase despencou do céu, de tão cansado que estava.

*Vou ficar bem, chefe,* arquejou ele. *Só estou... só estou recuperando o fôlego.*

— Fique aqui — ordenei. — Eu vou espionar.

*Essa ordem eu posso cumprir. Isso eu posso fazer.*

Coloquei o boné da invisibilidade e fui até a loja de conveniência. Era difícil não me esconder. Eu tinha de ficar me lembrando de que ninguém podia me ver. Era difícil também porque eu tinha de me lembrar de sair do caminho das pessoas para que elas não esbarrassem em mim.

Pensei em entrar e me aquecer, quem sabe comprar uma xícara de chocolate quente ou algo assim. Eu tinha uns trocados no bolso. Podia deixar o dinheiro sobre o balcão. Estava me perguntando se a xícara ficaria invisível quando eu a segurasse, ou se eu teria de lidar com um problema de chocolate quente flutuante, quando todo o meu plano foi arruinado por Zoë, Thalia, Bianca e Grover, todos saindo da loja.

— Grover, você tem certeza? — indagou Thalia.

— Bem, quase absoluta. Noventa e cinco por cento. O.k. Oitenta e cinco.

— E você fez isso com bolotas de carvalho? — perguntou Bianca, como se não pudesse acreditar.

Grover pareceu ofendido.

— É um feitiço de rastreamento consagrado pelo tempo. Ora, estou bastante seguro de que fiz tudo certo.

— Washington, D.C., fica a cerca de cem quilômetros daqui — disse Bianca. — Nico e eu... — Ela franziu a testa. — Nós morávamos lá. Que... estranho. Eu

tinha esquecido.

— Não gosto disso — afirmou Zoë. — Devíamos ir diretamente para o oeste. A profecia disse oeste.

— Ah, como se suas habilidades de rastreamento fossem melhores... — grunhiu Thalia.

Zoë deu um passo na direção dela.

— Estais desafiando minhas habilidades, sua desvalida? Vós não sabeis *nada* sobre o que é ser uma Caçadora!

— Ah, *desvalida*? Está *me* chamando de desvalida? Que diabos é uma desvalida?

— Ei, vocês duas — disse Grover, nervoso. — Ora, vamos. De novo, não.

— Grover tem razão — interveio Bianca. — Washington é a nossa melhor aposta.

Zoë não parecia convencida, mas assentiu, relutante.

— Muito bem. Vamos em frente.

— Você vai acabar nos fazendo parar na cadeia, dirigindo dessa maneira — grunhiu Thalia. — Pareço mais ter dezesseis anos que você.

— Talvez — disse Zoë, asperamente. — Mas eu dirijo desde que os automóveis foram inventados. Vamos, andai.

Enquanto Blackjack e eu rumávamos para o sul, seguindo a van, eu me perguntava se Zoë estaria brincando. Eu não sabia exatamente quando os carros foram inventados, mas imaginava que isso fora quase em eras pré-históricas... na época em que as pessoas assistiam à TV preto e branco e caçavam dinossauros.

Quantos anos tinha Zoë? E a que o sr. D se referira? Que experiência ruim ela tivera com heróis?

À medida que nos aproximávamos de Washington, Blackjack começou a reduzir a velocidade e a altitude. Ele respirava pesadamente.

— Você está bem? — perguntei a ele.

*Tudo bem, chefe. Eu poderia... poderia enfrentar um exército.*

— Você não parece tão bem. — E de repente eu me senti culpado, pois vinha montando o pégaso por meio dia, sem parar, tentando acompanhar o trânsito das estradas. Mesmo para um cavalo alado, isso devia ser duro.

*Não se preocupe comigo, chefe! Eu sou durão.*

Achava que ele tinha razão, mas acreditava também que Blackjack se esborracharia no chão antes de se queixar, e eu não queria isso.

Felizmente, a van começou a desacelerar. Então cruzou o Rio Potomac, entrando no centro de Washington. Comecei a pensar em patrulhas aéreas, mísseis e coisas assim. Eu não sabia exatamente como todas essas defesas

funcionavam, e não tinha certeza se pégasos apareciam em radares militares comuns, mas não queria descobrir sendo abatido no céu.

— Deixe-me ali — pedi a Blackjack. — É perto o suficiente.

Blackjack estava tão cansado que não reclamou. Ele desceu na direção do Monumento de Washington e me deixou na grama.

A van estava a apenas algumas quadras dali. Zoë havia estacionado junto ao meio-fio.

Olhei para Blackjack.

— Quero que você volte para o acampamento. Descanse um pouco. Paste. Vou ficar bem.

Blackjack inclinou a cabeça, cético. *Tem certeza, chefe?*

— Você já fez bastante — respondi. — Vou ficar bem. E obrigado um milhão de vezes.

*Um milhão de toneladas de feno, talvez,* refletiu Blackjack. *Isso seria ótimo. Tudo bem, mas tenha cuidado, chefe. Tenho a sensação de que eles não vieram aqui para encontrar ninguém tão amistoso e bonito quanto eu.*

Prometi que teria cuidado. Então Blackjack levantou voo, circulando duas vezes o monumento antes de desaparecer em meio às nuvens.

Olhei na direção da van branca. Estavam todos saltando. Grover apontava na direção de um dos grandes edifícios que se alinhavam ao longo do National Mall. Thalia assentiu, e os quatro se puseram a caminhar no vento frio.

Comecei a segui-los. Mas então me detive.

A uma quadra de distância, a porta de um sedã preto se abriu. Um homem de cabelos grisalhos e porte militar saltou. Ele usava óculos escuros e sobretudo preto. Bem, talvez em Washington, seja de se esperar que haja sujeitos como aquele por toda parte. Mas me ocorreu que eu vira aquele mesmo carro algumas vezes na estrada, indo para o sul. Ele estivera seguindo a van.

O homem pegou o celular e conversou alguma coisa. Então olhou ao redor, como se estivesse se certificando de que o caminho estava livre, e começou a descer o Mall na direção dos meus amigos.

O pior de tudo: quando ele se virou na minha direção, eu o reconheci. Era o dr. Espinheiro, o manticore de Westover Hall.

Com o boné da invisibilidade, segui Espinheiro a certa distância. Meu coração batia forte. Se ele tinha sobrevivido àquela queda no abismo, então Annabeth também devia ter sobrevivido. Meus sonhos estavam certos. Ela estava viva e sendo mantida como prisioneira.

Espinheiro seguia meus amigos, tomando cuidado para não ser visto.

Por fim, Grover parou diante de um prédio grande em que se lia MUSEU

NACIONAL AEROESPACIAL. O Smithsonian! Eu estivera ali um milhão de anos atrás com minha mãe, mas naquela época tudo parecera tão maior!

Thalia verificou a porta. Estava aberta, mas não havia muitas pessoas entrando. Frio demais, e as escolas estavam de férias. Eles entraram.

O dr. Espinheiro hesitou. Eu não sabia por quê, mas ele não entrou no museu. Virou-se, preparando-se para cruzar o Mall. Numa fração de segundos tomei a decisão e o segui.

Espinheiro atravessou a rua e subiu os degraus do Museu de História Natural. Havia uma grande placa na porta. A princípio, pensei que ali estivesse escrito FECHADO PARA EVENTO PIRATA. Então me dei conta de que onde eu lera PIRATA devia ser PRIVADO.

Segui o dr. Espinheiro para o interior do museu, passando por uma imensa câmara cheia de esqueletos de mastodontes e dinossauros. Eu ouvia vozes mais à frente, vindas de trás de um conjunto de portas fechadas. Dois guardas estavam postados do lado de fora. Eles abriram a porta para Espinheiro, e eu tive de correr para entrar antes que a fechassem novamente.

Lá dentro, o que vi era tão terrível que quase arquejei alto e bom som, o que provavelmente teria provocado a minha morte.

Eu estava em uma imensa sala redonda com um balcão que seguia em círculo no segundo nível. Pelo menos uma dúzia de sentinelas mortais montavam guarda no balcão, mais dois monstros — mulheres reptílicas com dois troncos de serpentes em lugar de pernas. Eu já as vira antes. Annabeth as chamara de víboras de Cícia.

Mas isso ainda não era o pior. De pé entre as duas mulheres-cobras — e eu podia jurar que ele olhava diretamente para mim — estava meu velho inimigo Luke. Ele tinha uma aparência terrível. Sua pele estava pálida e seus cabelos louros pareciam quase cinza, como se tivesse envelhecido dez anos em apenas alguns meses. O brilho raivoso em seus olhos ainda estava lá, assim como a cicatriz que descia pela lateral do rosto, onde um dragão certa vez o arranhara. A cicatriz, porém, tinha agora um feio tom avermelhado, como se tivesse sido reaberta recentemente.

Perto dele, sentado de forma que as sombras o cobrissem, estava outro homem. Tudo o que eu podia ver eram os nós de seus dedos nos braços folheados a ouro da cadeira, que se assemelhava a um trono.

— Então? — perguntou o homem na cadeira. Sua voz era igual à que eu ouvira em meu sonho, não tão apavorante quanto a de Cronos, porém mais profunda e forte, como se a própria terra estivesse falando. O som preenchia toda a sala, embora ele não estivesse gritando.

O dr. Espinheiro tirou os óculos. Seus olhos de duas cores, castanho e azul,

brilhavam de excitação. Ele fez uma reverência rígida e então falou com seu estranho sotaque francês:

— Eles estão aqui, General.

— Sei disso, seu tolo — rugiu o homem. — Mas onde?

— No museu do foguete.

— O Museu Aeroespacial — corrigiu Luke, irritado.

O dr. Espinheiro fulminou Luke com os olhos.

— Como quiser, *senhor*.

Tive a sensação de que Espinheiro preferiria empalar Luke com um de seus espinhos a chamá-lo de senhor.

— Quantos? — perguntou Luke.

Espinheiro fingiu não ouvir.

— *Quantos?* — perguntou, impaciente, o General.

— Quatro, General — respondeu Espinheiro. — O sátiro, Grover Underwood. E a garota com o cabelo preto arrepiado, roupas... como é que vocês dizem... *punk*, e o horrível escudo.

— Thalia — disse Luke.

— E duas outras garotas, Caçadoras. Uma usa um arco de prata na cabeça.

— *Essa* eu conheço — grunhiu o General.

Todos na sala se mexeram, desconfortáveis.

— Deixe-me pegá-los — pediu Luke ao General. — Temos mais do que o suficiente...

— Paciência — disse o General. — Eles já devem estar com as mãos cheias. Mandei um amiguinho para mantê-los ocupados.

— Mas...

— Não podemos pôr você em risco, meu garoto.

— É, *garoto* — disse o dr. Espinheiro com um sorriso cruel. — Você é frágil demais para correr o risco. Deixe que *eu* acabo com eles.

— Não. — O General se levantou e eu pude vê-lo pela primeira vez.

Era alto e musculoso, com pele morena clara e cabelo escuro penteado para trás com gel. Usava um terno caro de seda marrom, como os que se veem em Wall Street, mas você nunca confundiria esse cara com um corretor. Ele tinha um rosto brutal, ombros imensos e mãos que poderiam quebrar um mastro ao meio. Seus olhos eram como pedra. Eu tinha a sensação de estar olhando para uma estátua viva. Era impressionante que ele pudesse até mesmo se mover.

— Você já me decepcionou, Espinheiro — disse ele.

— Mas, General...

— Nada de desculpas!

Espinheiro encolheu-se. Da primeira vez que o vi com seu uniforme preto na

academia militar, pensei que Espinheiro era assustador. Mas agora, diante do General, Espinheiro parecia um tolo aspirante a soldado. Era o General que interessava. Ele não precisava de uniforme. Era um comandante nato.

— Eu devia atirá-lo nos abismos do Tártaro por sua incompetência — disse o General. — Eu o enviei para capturar o filho de um dos três deuses mais velhos, e você me traz a magricela da filha de Atena.

— Mas você me prometeu vingança! — protestou Espinheiro. — Um comando só meu!

— Eu sou o comandante sênior do Senhor Cronos — disse o General. — E vou escolher tenentes que me tragam resultados! Foi somente graças a Luke que conseguimos salvar nosso plano. Agora saia da minha vista, Espinheiro, até que eu encontre outra tarefa inferior para você.

O rosto de Espinheiro ficou roxo de raiva. Pensei que ele fosse começar a espumar pela boca ou a disparar espinhos, mas ele se limitou a curvar-se desajeitadamente e deixou a sala.

— Agora, meu garoto. — O General voltou-se para Luke. — A primeira coisa que precisamos fazer é isolar a meio-sangue Thalia. O monstro que procuramos então virá até ela.

— Será difícil nos livrarmos das Caçadoras — observou Luke. — Zoë Doce-Amarga...

— Não fale o nome dela!

Luke engoliu em seco.

— De-desculpe-me, General. Eu só...

O General o silenciou com um gesto da mão.

— Vou mostrar a você, meu garoto, como vamos vencer as Caçadoras.

Ele apontou para um guarda no primeiro piso.

— Você tem os dentes?

O sujeito tropeçou adiante com um pote de cerâmica.

— Sim, General!

— Plante-os — ordenou ele.

No centro da sala havia um grande círculo de terra, onde eu imaginava que haveria uma exposição de dinossauros. Observei com nervosismo o guarda pegar dentes brancos e afiados no pote e enfiá-los na terra. Então alisou a terra enquanto o General sorria friamente.

O guarda recuou, afastando-se da terra, e limpou as mãos.

— Pronto, General!

— Excelente! Regue-os, e então deixaremos que farejem sua presa.

O guarda apanhou um pequeno regador de estanho com pintura de margaridas, o que era meio bizarro, pois o que saía dali não era água. Era um líquido

vermelho-escuro, e eu tinha a sensação de que aquilo não era Ponche Havaiano.

O solo começou a borbulhar.

— Logo — disse o General —, eu vou lhe mostrar, Luke, soldados que farão seu exército naquele barquinho parecer insignificante.

Luke cerrou os punhos.

— Passei um ano treinando minhas forças! Quando o *Princesa Andrômeda* chegar à montanha, elas serão as melhores...

— Ah! — disse o General. — Eu não nego que suas tropas constituirão uma excelente guarda de honra para o Senhor Cronos. E você, naturalmente, terá um papel a desempenhar...

Achei que Luke ficou mais pálido quando o General disse isso.

— ... mas, sob a minha liderança, as forças do Senhor Cronos se multiplicarão por cem. Nós seremos invencíveis. Observe minhas definitivas máquinas mortíferas.

O solo rompeu. Dei um passo para trás, nervoso.

Em cada ponto em que um dente havia sido plantado, uma criatura se erguia da terra. A primeira delas disse:

— Miau?

Era um gatinho. Um pequenino filhote alaranjado, com listras como as de um tigre. Então surgiu outro, até que havia uma dúzia deles, rolando de um lado para o outro e brincando na terra.

Todos os olhavam, incrédulos. O General rugiu.

— *O que é isto? Gatinhos fofinhos? Onde você encontrou aqueles dentes?*

O guarda que havia trazido os dentes encolheu-se de medo.

— Na exibição, senhor! Exatamente como o senhor disse. O tigre-dentes-de-sabre...

— Não, seu idiota! Eu disse o tiranossauro! Recolha essas... essas bestinhas peludas infernais e leve-as para fora. E nunca mais apareça na minha frente.

O guarda aterrorizado deixou cair o regador, recolheu os gatinhos e saiu precipitadamente da sala.

— Você! — O General apontou para outro guarda. — Vá buscar os *dentes certos. AGORA!*

O novo guarda correu para cumprir as ordens.

— Imbecis — murmurou o General.

— É por isso que não utilizo mortais — disse Luke. — Eles não são confiáveis.

— Eles são tolos, fáceis de comprar e violentos — disse o General. — Eu os amo.

Um minuto depois, o guarda entrou correndo na sala com as mãos cheias de

dentes grandes e pontudos.

— Excelente — disse o General. Então subiu na balaustrada do balcão e saltou da altura de seis metros.

O piso de mármore rachou sob seus sapatos de couro no ponto em que ele aterrissou. Ele se endireitou, estremecendo, e massageou os ombros.

— Maldito pescoço duro.

— Quer outra compressa quente, senhor? — perguntou um guarda. — Mais Tylenol?

— Não! Vai passar. — O General alisou o terno de seda e então pegou os dentes. — Eu mesmo vou fazer isso.

Ele ergueu um dos dentes e sorriu.

— Dentes de dinossauro... ah! Esses tolos mortais não sabem nem quando têm dentes de dragão em seu poder. E não se trata de dentes de um dragão *qualquer*. Estes vêm da velha Síbaris em pessoa. Vão servir perfeitamente.

Ele os plantou na terra, doze ao todo. Então apanhou o regador, molhou o solo com o líquido vermelho, atirou o regador longe e abriu bem os braços.

— Levantem-se!

A terra estremeceu. Uma única e esquelética mão surgiu da terra, tentando agarrar-se ao ar.

O General ergueu os olhos para o balcão.

— Rápido, vocês têm a essência?

— Sssssim, sssssenhor — disse uma das senhoras-cobras. Ela pegou uma faixa de tecido prateado, como o que as caçadoras usavam.

— Excelente — disse o General. — Assim que meus guerreiros sentirem esse cheiro, vão perseguir seu dono incansavelmente. Nada poderá detê-los, nenhuma arma que meios-sangues ou Caçadoras conheçam. Eles vão estraçalhar as Caçadoras e seus aliados. Jogue aqui!

Quando ele disse isso, esqueletos surgiram da terra. Eram doze, um para cada dente que o General havia plantado. Não se pareciam em nada com os esqueletos do Halloween, ou do tipo que se pode ver em filmes de quinta categoria. Nesses, enquanto eu olhava, a carne ia se formando, transformando-os em homens, mas homens com a pele cinza opaca, olhos amarelos e roupas modernas — camisetas justas cinza, calças camufladas e botas de combate. Se você não olhasse com muita atenção, podia quase acreditar que eram humanos, mas sua carne era transparente e seus ossos bruxuleavam sob ela, como imagens de raios X.

Um deles olhou diretamente para mim, observando-me com frieza, e eu sabia que nenhum boné de invisibilidade o enganaria.

A senhora-cobra soltou a echarpe, que flutuou em direção à mão do General. Assim que ele a desse aos guerreiros, eles caçariam Zoë e os outros até destruí-

los.

Eu não tinha tempo para pensar. Corri e pulei com toda a minha força, abrindo espaço entre os guerreiros e agarrando a echarpe no ar.

— O que foi isto? — berrou o General.

Aterrissei aos pés de um guerreiro esqueleto, que sibilou.

— Um intruso — rosnou o General. — Envolto no manto da escuridão. Cerrem as portas!

— É Percy Jackson! — gritou Luke. — Só pode ser.

Disparei para a saída, mas ouvi o som de tecido se rasgando e percebi que o guerreiro-esqueleto havia arrancado um pedaço da manga da minha roupa. Quando olhei para trás, ele segurava o tecido junto ao nariz, sentindo o cheiro e passando-o para os seus amigos. Eu queria gritar, mas não podia. Passei espremido pela porta no momento em que os guardas a fechavam e ela bateu violentamente atrás de mim.

E então corri.

# DEZ

Destruo alguns foguetes

Atravessei o Mall em disparada, sem ousar olhar para trás. Irrompi no Museu Aeroespacial e tirei o boné de invisibilidade assim que passei pela área de entrada.

A parte principal do museu era um espaço imenso com foguetes e aviões pendendo do teto. Três níveis de balcões se espiralavam em torno do espaço, de modo que você podia olhar as exibições de diferentes alturas. O lugar não estava lotado. Eram apenas algumas poucas famílias e uns dois grupos de excursão de crianças, provavelmente numa daquelas viagens escolares de férias. Eu queria gritar para que eles fossem embora, mas concluí que isso só me faria ser preso. Precisava encontrar Thalia e Grover e as Caçadoras. A qualquer minuto os esqueletos iriam invadir o museu, e eu não achava que eles se contentariam com uma audiotour.

Esbarrei com Thalia — literalmente. Eu estava subindo a rampa para o último balcão e me choquei contra ela, derrubando-a numa cápsula espacial da Apollo.

Grover gritou, surpreso.

Antes que eu pudesse recuperar meu equilíbrio, Zoë e Bianca tinham flechas apontadas para o meu peito. Seus arcos tinham simplesmente surgido do nada.

Quando Zoë se deu conta de quem eu era, não pareceu ansiosa para baixar o arco.

— Vós! Como ousais mostrar vossa cara aqui?

— Percy! — exclamou Grover. — Graças a Deus.

Zoë fuzilou-o com os olhos, e ele enrubesceu.

— Isto é, hum, aos deuses. Você não devia estar aqui!

— Luke — disse eu, tentando recuperar o fôlego. — Ele está aqui.

A raiva nos olhos de Thalia imediatamente se dissolveu. Ela pôs a mão no bracelete de prata.

— Onde?

Contei a eles sobre o Museu de História Natural, o sr. Espinheiro, Luke e o General.

— O General está *aqui?* — Zoë parecia estupefata. — Isso é impossível. Estais mentindo.

— Por que eu mentiria? Olhem, não temos tempo. Guerreiros-esqueletos...

— *O quê?* — perguntou Thalia. — Quantos?

— Doze — respondi. — E isso não é tudo. Aquele cara, o General, disse que estava mandando alguma coisa, um “amiguinho”, para distraí-los por aqui. Um monstro.

Thalia e Grover trocaram olhares.

— Estávamos seguindo o rastro de Ártemis — disse Grover. — Eu tinha quase certeza de que ele nos indicava este local. Um cheiro forte de monstro... Ela deve ter parado por aqui procurando o monstro misterioso. Mas ainda não encontramos nada.

— Zoë — disse Bianca, nervosa —, se *é* o General...

— *Não pode* ser! — disse Zoë bruscamente. — Percy deve ter visto uma mensagem de Íris ou alguma outra ilusão.

— Ilusões não quebram pisos de mármore — disse eu.

Zoë respirou fundo, tentando acalmar-se. Eu não sabia por que ela estava levando tudo tão para o lado pessoal, ou como ela conhecia esse General, mas concluí que aquele não era o momento de perguntar.

— Se Percy estiver falando a verdade sobre os guerreiros-esqueletos — disse ela —, não temos tempo para discussões. Eles são os piores, os mais terríveis... Temos de partir agora.

— Boa ideia — concordei.

— Eu *não* vos estava incluindo, garoto — replicou Zoë. — Não fazeis parte desta busca.

— Ei, estou tentando salvar a vida de vocês!

— Você não devia ter vindo, Percy — disse Thalia em tom soturno. — Mas agora está aqui. Ande. Vamos voltar para a van.

— Esta decisão não é vossa! — disse Zoë asperamente.

Thalia lançou-lhe um olhar azedo.

— Você não é o chefe aqui, Zoë. Não ligo para a sua idade! Ainda é uma menina mimada e metida!

— Você nunca foi esperta quando o assunto são garotos — grunhiu Zoë. — Nunca pôde deixá-los para trás!

Thalia parecia prestes a socar Zoë. Então todos ficaram imóveis. Ouvi um grunhido tão alto que pensei que o motor de um dos foguetes estivesse sendo

acionado.

Abaixo de nós, alguns adultos berraram. A voz de uma criancinha gritou com prazer:

— Gatinho!

Uma coisa enorme subia a rampa saltando. Era do tamanho de uma picape, com garras prateadas e pelo dourado cintilante. Eu já vira aquele monstro uma vez. Dois anos atrás. Eu o avistara rapidamente de um trem. Agora, mais de perto, parecia ainda maior.

— O Leão de Nemeia — disse Thalia. — Não se mova.

O leão rugiu tão alto que fez meu cabelo se repartir. Suas presas brilhavam como aço inoxidável.

— Separai-vos ao meu sinal — disse Zoë. — Tentai mantê-lo distraído.

— Até quando? — perguntou Grover.

— Até eu pensar numa maneira de matá-lo. Ide!

Eu destampei Contracorrente e rolei para a esquerda. Flechas passaram zunindo por mim, e Grover tocou um ritmo agudo em sua flauta de bambu. Eu me virei e vi Zoë e Bianca subindo na cápsula de Apollo. Elas atiravam, uma após a outra, flechas que se partiam, inofensivas, contra o pelo metálico do leão. O animal golpeou a cápsula e virou-a de lado, lançando as Caçadoras para trás. Grover tocava uma melodia horrível e frenética, e o leão voltou-se na direção dele, mas Thalia intrometeu-se em seu caminho, erguendo Aegis, e o leão recuou e rugiu.

— Eia! — disse Thalia. — Para trás!

O leão urrava e rasgava o ar com a garra, mas ao mesmo tempo recuava, como se o escudo fosse uma labareda.

Por um segundo, pensei que Thalia o tivesse sob controle. Então vi que o leão se abaixava, os músculos de suas pernas se tensionando. Eu já vira um número suficiente de brigas de gatos nos becos próximos do meu apartamento em Nova York. Sabia que o leão ia saltar sobre ela.

— Ei! — gritei. Não sei o que eu estava pensando, mas avancei contra a fera. Eu só queria afastá-la de meus amigos. Ataquei com Contracorrente, acertando um bom golpe no flanco, que devia ter transformado o monstro em picadinho, mas a lâmina apenas retiniu de encontro ao pelo, provocando uma explosão de fagulhas.

O leão me arranhou com as garras, arrancando um pedaço do meu casaco. Recuei de encontro à balaustrada. Ele saltou sobre mim, meia tonelada de monstro, e eu não tive escolha senão me virar e pular.

Caí sobre a asa de um antigo avião prateado, que se inclinou e quase me lançou no chão, três andares abaixo.

Uma flecha zuniu ao lado da minha cabeça. O leão saltou sobre a aeronave, e as cordas que seguravam o avião começaram a gemer.

O leão avançou para mim, e eu pulei para a peça em exposição mais próxima, uma estranha espaçonave com pás como as de um helicóptero. Ergui os olhos e vi o leão rugir — dentro de sua boca, a língua e a garganta rosadas.

A boca, pensei. O pelo era totalmente invulnerável, mas se eu pudesse atingi-lo na boca... O único problema era que o monstro se movimentava rápido demais. Entre suas garras e presas, eu não conseguiria me aproximar sem ser transformado em picadinho.

— Zoë! — gritei. — Mire na boca!

O monstro investiu. Uma flecha passou por ele, sem acertar, e eu pulei da espaçonave para o topo de uma mostra no térreo, uma imensa cópia da Terra. Desci deslizando pela Rússia e saltei do equador.

O Leão de Nemeia rugiu e se equilibrou sobre a espaçonave, mas seu peso era demais. Uma das cordas se rompeu. Enquanto o aparato balançava como um pêndulo, o leão saltou para o Polo Norte da cópia da Terra.

— Grover! — gritei. — Deixe a área livre!

Grupos de crianças corriam de um lado para o outro gritando. Grover tentava conduzi-las para longe do monstro no momento exato em que a outra corda da espaçonave arrebentou e a peça se espatifou no chão. Thalia saltou pela balaustrada do segundo andar e aterrissou à minha frente, do outro lado do globo. O leão olhou para nós, tentando decidir qual dos dois mataria primeiro.

Zoë e Bianca estavam acima de nós, os arcos preparados, mas ficavam se deslocando de um ponto para o outro, tentando conseguir um bom ângulo.

— Não temos uma linha de tiro livre! — gritou Zoë. — Faça ele abrir mais a boca!

O leão rosnou do alto do globo.

Olhei ao redor. *Opções*. Eu precisava...

A lojinha de presentes. Veio-me uma vaga lembrança de minha viagem até ali quando era pequeno. Alguma coisa que fizera minha mãe comprar, e me arrependera. Se eles ainda vendessem aquele troço...

— Thalia — disse eu —, mantenha-o ocupado.

Ela assentiu implacavelmente.

— Ei-a! — Ela apontou a lança e disparou um arco aracniano de eletricidade azul, acertando o leão na cauda.

O leão rugiu, virou-se e saltou sobre ela. Thalia girou, desviando-se e erguendo Aegis para manter o monstro a distância, e eu corri para a lojinha de presentes.

— Isso não é hora de comprar suvenires, garoto! — gritou Zoë.

Entrei em disparada na loja, derrubando fileiras de camisetas, pulando sobre mesas cheias de planetas que brilham no escuro. A vendedora não protestou. Estava ocupada demais se encolhendo atrás da caixa registradora.

Lá estava! Na parede oposta — pacotes prateados e cintilantes. Prateleiras inteiras deles. Peguei todos os tipos que pude encontrar e saí correndo da loja com os braços cheios.

Zoë e Bianca ainda estavam fazendo chover flechas sobre o monstro, mas sem resultado. O leão parecia saber que não deveria abrir muito a boca. Ele tentou atingir Thalia com as garras. Até os olhos ele mantinha estreitados, formando minúsculas fendas.

Thalia espetou o monstro e recuou. O leão avançou sobre ela.

— Percy — chamou ela —, o que quer que você vá fazer...

O leão rugiu e acertou-lhe um golpe com a pata, como se ela fosse um brinquedinho de gato, atirando-a pelo ar contra a lateral de um foguete Titan. A cabeça dela atingiu o metal e ela deslizou para o chão.

— Ei! — gritei para o leão.

Eu estava longe demais para atacar, então arrisquei: lancei Contracorrente como se atirasse uma faca. Ela quicou no flanco do leão, mas foi o suficiente para chamar a atenção do monstro. Ele virou-se na minha direção e mostrou os dentes, rosnando.

Só havia uma maneira de chegar perto o suficiente. Disparei contra ele e, quando o leão saltou para me interceptar, enfiei um pacote de comida espacial em sua boca — um pedaço de *parfait* de morango congelado, embrulhado em celofane.

Os olhos do leão se arregalaram e ele engasgou como um gato com um bolo de pelos.

Eu não podia culpá-lo. Lembrava-me de ter sentido a mesma coisa quando tentei comer comida espacial quando era garoto. O negócio era simplesmente abominável.

— Zoë, prepare-se! — gritei.

Às minhas costas, podia ouvir as pessoas gritando. Grover tocava outra canção horrível em sua flauta.

Fugi, às pressas, do leão. Ele conseguiu engolir o pacote de comida espacial e me olhava com puro ódio.

— Hora do lanche! — gritei.

Ele cometeu o erro de rugir para mim, e eu lancei um sanduíche de sorvete em sua garganta. Felizmente, eu sempre fora um arremessador bastante bom, ainda que o beisebol não fosse o meu jogo. Antes que o leão se desengasgasse, disparei dois outros sabores de sorvete e uma refeição congelada de espaguete.

Os olhos do leão se esbugalharam. Ele arreganhou a boca e ergueu-se nas patas traseiras, tentando fugir de mim.

— Agora! — gritei.

Imediatamente, as flechas perfuraram a boca do leão — duas, quatro, seis. A fera debateu-se com violência, girou e caiu para trás. E então ficou imóvel.

Os alarmes gemiam por todo o museu. As pessoas corriam em bando para as saídas. Seguranças corriam de um lado para o outro, em pânico, sem ter nenhuma ideia do que estava acontecendo.

Grover ajoelhou-se ao lado de Thalia e a ajudou a levantar-se. Ela parecia bem, só um pouco tonta. Zoë e Bianca saltaram do balcão, caindo ao meu lado.

Zoë me olhou com atenção.

— Essa foi... uma estratégia interessante.

— Ei, funcionou.

Ela não discutiu.

O leão parecia estar se dissolvendo, da maneira como às vezes acontece com os monstros, até que nada mais havia a não ser seu reluzente casaco de pelos, e mesmo este parecia estar encolhendo ao tamanho da pele de um leão normal.

— Pegai-a — disseme Zoë.

Eu a olhei, surpreso.

— O quê? A pele do leão? Isso não é, assim, uma violação dos direitos dos animais ou coisa parecida?

— É um espólio de guerra — ela me disse. — É vossa, por direito.

— Você o matou — repliquei.

Ela balançou a cabeça, quase sorrindo.

— Creio que o sanduíche de sorvete fez isso. Justiça é justiça, Percy Jackson. Pegai a pele.

Eu a recolhi; era surpreendentemente leve, macia e uniforme. Não parecia absolutamente algo que pudesse deter uma lâmina. Diante dos meus olhos, a pele se transformou em um casaco — um comprido guarda-pó marrom-dourado.

— Não é exatamente o meu estilo — murmurei.

— Temos de dar o fora daqui — disse Grover. — Os seguranças não vão ficar confusos por muito mais tempo.

Percebi então como era estranho que os guardas não houvessem se apressado em nos prender. Eles corriam em todas as direções, exceto na nossa, como se estivessem procurando, enlouquecidos, alguma coisa. Alguns davam encontrões nas paredes ou uns nos outros.

— Você fez isso? — perguntei a Grover.

Ele assentiu, parecendo um pouco constrangido.

— Uma pequena canção de confusão. De Barry Manilow. Funciona sempre.

Mas só vai durar alguns segundos.

— Os seguranças não são nossa maior preocupação — disse Zoë. — Olhai.

Através das paredes de vidro do museu, eu podia ver um grupo de homens atravessando o gramado. Homens cinza em trajes de camuflagem cinza. Estavam longe demais para que víssemos seus olhos, mas eu podia sentir seus olhares voltados diretamente para mim.

— Vão — disse eu. — Eles estão me caçando. Vou distraí-los.

— Não — disse Zoë. — Nós vamos juntos.

Eu a fitei, perplexo.

— Mas você disse...

— Agora vós fazeis parte desta busca — afirmou Zoë, de má vontade. — Isso não me agrada, mas não há como mudar o destino. *Vós* sois o quinto membro. E não vamos deixar ninguém para trás.

# ONZE

Grover fica com um lamborghini

Estávamos atravessando o Potomac quando avistamos o helicóptero. Era um modelo militar, preto e reluzente, exatamente como o que tínhamos visto em Westover Hall. E vinha em nossa direção.

— Eles conhecem a van — alertei. — Temos de nos livrar dela.

Zoë deu uma guinada para a pista de maior velocidade. O helicóptero se aproximava.

— Quem sabe os militares não o derrubam — disse Grover, esperançoso.

— Os militares provavelmente pensam que é um dos deles — ponderei. — Por falar nisso, como é que o General pode utilizar mortais?

— Mercenários — respondeu Zoë com amargura. — É abominável, mas muitos mortais lutam por qualquer causa desde que sejam pagos por isso.

— Mas será que esses mortais não veem para quem estão trabalhando? — perguntei. — Não percebem todos os monstros à sua volta?

Zoë sacudiu negativamente a cabeça.

— Não sei o quanto eles veem através da Névoa. Mas duvido que teria importância para eles se soubessem da verdade. Às vezes os mortais podem ser mais horríveis que os monstros.

O helicóptero continuava a se aproximar, fazendo um tempo muito melhor do que o nosso em meio ao trânsito de Washington.

Thalia fechou os olhos e rezou com afinco.

— Ei, Pai. Um relâmpago agora viria bem a calhar. Por favor...

Mas o céu continuava cinza, vertendo neve. Nenhum sinal de uma bem-vinda tempestade de raios.

— Lá adiante! — disse Bianca. — Aquele estacionamento!

— Vamos ficar encurralados — disse Zoë.

— Confiem em mim — replicou Bianca.

Zoë atravessou duas pistas em alta velocidade e entrou no estacionamento de um centro comercial na margem sul do rio. Deixamos a van e seguimos Bianca, descendo alguns degraus.

— Entrada do metrô — informou ela. — Vamos para o sul. Para Alexandria.

— Qualquer coisa — concordou Thalia.

Compramos tíquetes e passamos pelas roletas, olhando para trás, à procura de qualquer sinal de perseguição. Alguns minutos depois, estávamos a salvo, a bordo de um trem que seguia para o sul, afastando-nos de Washington. Quando o trem veio à superfície, vimos o helicóptero circulando o estacionamento, mas ele não veio atrás de nós.

Grover deixou escapar um suspiro.

— Bom trabalho, Bianca, pensar no metrô.

Bianca parecia satisfeita.

— É, bem, eu vi aquela estação quando Nico e eu estivemos aqui no verão passado. Lembro de ter ficado surpresa ao vê-la, pois ela não existia quando morávamos em Washington.

Grover franziu a testa.

— Nova? Mas aquela estação parecia muito velha.

— Também acho — disse Bianca. — Mas, acredite, quando éramos pequenos e morávamos aqui, não havia metrô.

Thalia debruçou-se no banco.

— Espere um pouco. Não havia nenhum metrô?

Bianca assentiu.

Bem, eu não conhecia nada de Washington, mas não via como aquele sistema de metrô pudesse ter menos de doze anos de existência. Creio que todos estavam pensando a mesma coisa, porque pareciam bastante confusos.

— Bianca — disse Zoë. — Há quanto tempo... — Sua voz falhou. O ruído do helicóptero estava ficando mais alto novamente.

— Precisamos trocar de trem — disse eu. — Na próxima estação.

Durante a meia hora seguinte, só pensávamos em sair dali em segurança. Trocamos de trem duas vezes. Eu não tinha a menor ideia de para onde estávamos indo, mas, depois de algum tempo, perdemos o helicóptero.

Infelizmente, quando por fim descemos do trem, nos vimos no fim da linha, numa área industrial sem nada a não ser armazéns e linhas férreas. E neve. Muita neve. Parecia muito mais frio ali. Eu estava feliz de ter meu casaco novo de pele de leão.

Perambulamos pelo pátio da ferrovia, pensando que deveria haver outra linha de passageiros em algum lugar, mas havia apenas fileiras e mais fileiras de vagões de carga, a maior parte deles coberta de neve, como se não saíssem dali

houvesse anos.

Um mendigo estava de pé ao lado de uma fogueira acesa em uma lixeira. Devíamos estar parecendo bastante patéticos, porque ele nos dirigiu um sorriso desdentado e disse: — Precisam se aquecer? Venham para cá!

Nós nos acotovelamos em torno do fogo. Thalia batia os dentes.

— Assim está ó-ó-ó-timo — disse ela.

— Meus cascos estão congelados — queixou-se Grover.

— *Pés* — corrigi, pensando no mendigo.

— Talvez devêssemos entrar em contato com o acampamento — sugeriu Bianca. — Quíron...

— Não — disse Zoë. — Eles não podem mais nos ajudar. Precisamos concluir essa busca por nós mesmos.

Olhei, infeliz, em torno do pátio da ferrovia. Em algum lugar, no oeste distante, Annabeth estava em perigo e Ártemis, acorrentada. Um monstro apocalíptico estava à solta. E nós estávamos presos num subúrbio de Washington, partilhando uma fogueira com um mendigo.

— Sabem — disse o homem —, a gente nunca está completamente sem amigos. — Seu rosto estava sujo e a barba, emaranhada, mas sua expressão parecia bondosa. — Vocês, garotos, precisam de um trem que vá para oeste?

— Sim, senhor — respondi. — Sabe de algum?

Ele apontou a mão ensebada.

De repente, notei um trem de carga, brilhando e livre da neve. Era um daqueles trens que carregavam automóveis, com proteção de tela de aço e três plataformas para os veículos. Na lateral do trem de carga, lia-se SUN WEST LINE.

— Isso... nos serve — disse Thalia. — Obrigada, hã...

Ela voltou-se para o mendigo, mas ele havia desaparecido. A lixeira diante de nós estava fria e vazia, como se ele tivesse levado as chamas com ele.

Uma hora depois, partíamos ruidosamente rumo a oeste. Agora não havia nenhuma questão sobre quem dirigiria, pois cada um de nós tinha seu próprio automóvel de luxo. Zoë e Bianca estavam esparramadas num Lexus, na plataforma superior. Grover brincava de piloto de corrida atrás do volante de um Lamborghini. E Thalia havia ligado o rádio de um Mercedes SLK branco e captava as estações de rock alternativo de Washington.

— Posso ficar com você? — perguntei.

Ela deu de ombros, e então me acomodei no banco do carona.

O rádio tocava os White Stripes. Eu conhecia a música porque era de um dos meus únicos CDs que agradavam a minha mãe. Ela dizia que a fazia lembrar do Led Zeppelin. Pensar na minha mãe me deixou triste, pois não parecia que eu

fosse chegar em casa para o Natal. Talvez eu não vivesse até lá.

— Belo casaco — disse Thalia.

Apertei o guarda-pó marrom em torno de mim, grato pelo calor.

— É, mas o Leão de Nemeia não era o monstro que estamos procurando.

— Não chegava nem perto. Temos ainda um longo caminho pela frente.

— O que quer que seja esse monstro misterioso, o General disse que ele viria até você. Eles querem isolá-la do grupo, de modo que o monstro apareça e lute com você de um para um.

— Ele disse isso?

— Bem, alguma coisa parecida. Sim.

— Isso é ótimo. Adoro ser usada como isca.

— Nenhuma ideia de como deve ser o monstro?

Ela sacudiu negativamente a cabeça, melancólica.

— Mas você sabe aonde vamos, não sabe? São Francisco. Era para lá que Ártemis estava indo.

Lembrei-me de algo que Annabeth dissera no baile: que seu pai estava se mudando para São Francisco, e não havia como ela ir. Meios-sangues não podiam viver lá.

— Por quê? — perguntei. — O que há de tão ruim em São Francisco?

— A Névoa é muito espessa lá por causa da proximidade da Montanha do Desespero. A magia dos titãs... ou o que resta dela... ainda paira por lá. Você não acreditaria na intensidade com que os monstros são atraídos para lá.

— O que é a Montanha do Desespero?

Thalia ergueu uma sobrancelha.

— Você não sabe mesmo? Pergunte à estúpida Zoë. Ela é a *expert*.

Ela olhou com raiva pelo para-brisa. Eu queria perguntar do que estava falando, mas também não queria parecer um idiota. Odiava achar que Thalia sabia mais que eu, então mantive a boca fechada.

O sol da tarde brilhava através da lateral da rede de aço do vagão de carga, lançando uma sombra no rosto de Thalia. Pensei no quanto ela era diferente de Zoë — Zoë toda formal e distante como uma princesa, Thalia com suas roupas surradas e atitude rebelde. Mas havia algo de semelhante entre elas também. O mesmo tipo de firmeza. Nesse exato momento, sentada nas sombras com a expressão sombria, Thalia parecia muito com uma das Caçadoras.

Então, de repente, me ocorreu:

— É por isso que você não se dá bem com Zoë.

Thalia franziu a testa.

— O quê?

— As Caçadoras tentaram recrutar você — adivinhei.

Seus olhos ficaram perigosamente brilhantes. Pensei que ela fosse me atirar para fora do Mercedes, mas ela se limitou a suspirar.

— Eu quase me juntei a elas — admitiu. — Luke, Annabeth e eu as encontramos uma vez, e Zoë tentou me convencer. Ela quase conseguiu, mas...

— Mas?

Os dedos de Thalia agarraram o volante.

— Eu teria de deixar Luke.

— Ah.

— Zoë e eu tivemos uma briga então. Ela me disse que eu estava sendo estúpida. Disse que eu me arrependeria de minha escolha. Que Luke um dia me decepcionaria.

Observei o sol através da cortina de metal. Parecíamos estar seguindo a uma velocidade maior a cada segundo — as sombras bruxuleando como um velho projetor de filmes.

— É duro isso — falei. — É duro admitir que Zoë estava certa.

— Ela *não estava* certa! Luke *nunca* me decepcionou. Nunca.

— Vamos ter de lutar contra ele — afirmei. — Não tem como evitar.

Thalia não respondeu.

— Faz tempo que você não o vê — adverti. — Sei que é difícil acreditar, mas...

— Farei o que tiver de fazer.

— Mesmo que isso signifique matá-lo?

— Faça-me um favor — disse ela. — Saia do meu carro.

Eu me sentia tão mal por ela que não discuti.

Quando estava saindo, ela chamou:

— Percy.

Quando olhei para trás, seus olhos estavam vermelhos, mas eu não sabia dizer se era de raiva ou de tristeza.

— Annabeth queria se juntar às Caçadoras também. Talvez você devesse pensar no porquê.

Antes que eu pudesse responder, ela ergueu os vidros elétricos e me deixou do lado de fora.

Sentei-me no assento do motorista do Lamborghini de Grover, que estava dormindo no banco de trás. Ele havia finalmente desistido de tentar impressionar Zoë e Bianca com a música de sua flauta depois de tocar *Erva venenosa* e fazer com que a planta brotasse do ar-condicionado do Lexus delas.

Enquanto observava o sol se pôr, eu pensava em Annabeth. Tinha medo de dormir. Temia os sonhos que poderia ter.

— Ah, não tenha medo dos sonhos — disse uma voz bem ao meu lado.

Olhei em sua direção. Por alguma razão, não fiquei surpreso de deparar com o mendigo do pátio da ferrovia sentado no banco do carona. Sua calça jeans de tão gasta era quase branca. O casaco estava rasgado, com o enchimento saindo. Ele parecia um ursinho de pelúcia atropelado por um caminhão.

— Se não fosse pelos sonhos — disse ele —, eu não saberia metade do que sei sobre o futuro. Eles são melhores do que tabloides do Olimpo.

Ele pigarreou e então ergueu a mão dramaticamente: *Os sonhos são como um podcast,*

*Fazendo download da verdade em meus ouvidos, Eles me dizem coisas muito legais.*

— Apolo? — arrisquei, pois achei que ninguém mais poderia fazer um haicai assim tão ruim.

Ele levou o dedo aos lábios.

— Estou disfarçado. Me chame de Fred.

— Um deus chamado Fred?

— É, bem... Zeus insiste em certas regras. Ficar de fora, quando há uma busca humana. Mesmo quando algo de fato importante está errado. Mas ninguém se mete com minha irmãzinha. *Ninguém.*

— Então você pode nos ajudar?

— Psiu. Já estou ajudando. Você não está olhando lá para fora?

— O trem. A que velocidade estamos seguindo?

Apolo deu uma risadinha.

— Velocidade suficiente. Infelizmente, o tempo está acabando para nós. Está quase na hora do pôr do sol. Mas imagino que vamos levá-lo pelo menos um bom pedaço América adentro.

— Mas onde está Ártemis?

Seu rosto tornou-se sombrio.

— Eu sei muito e vejo muito. Mas isso nem eu sei. Ela está... oculta de mim. Eu não gosto disso.

— E Annabeth?

Ele franziu a testa.

— Ah, aquela garota que você perdeu? Hum, eu não sei.

Tentei não ficar com raiva. Sabia que os deuses tinham dificuldade em levar os mortais a sério, mesmo se tratando de meios-sangues. Vivíamos vidas tão curtas, comparados aos deuses.

— E quanto ao monstro que Ártemis estava procurando? — perguntei. —

Você sabe do que se trata?

— Não — respondeu Apolo. — Mas tem alguém que pode saber. Se vocês ainda não tiverem encontrado o monstro quando chegarem a São Francisco, procurem Nereu, o Velho do Mar. Ele tem uma ótima memória e um olho perspicaz. E tem o dom do conhecimento que às vezes se mantém obscuro ao meu Oráculo.

— Mas é o *seu* Oráculo — protestei. — Você não pode nos dizer o que a profecia significa?

Apolo suspirou.

— É o mesmo que pedir a um artista que explique a sua arte, ou a um poeta que explique a sua poesia. É contraproducente. O significado só se torna claro com a busca.

— Em outras palavras, você não sabe.

Apolo consultou o relógio.

— Ah, olhe a hora! Preciso ir. Duvido que possa correr o risco de ajudá-los novamente, Percy, mas lembre-se do que eu disse! Durma um pouco! E, quando você voltar, estarei esperando um bom haicai sobre sua jornada!

Eu queria argumentar que não estava cansado e que nunca fizera um haicai na vida, mas Apolo estalou os dedos, e quando vi já estava de olhos fechados.

Em meu sonho, eu era outra pessoa. Vestia uma túnica grega antiga, que era um pouquinho fresca demais no andar de baixo, e sandálias de couro entrelaçado. A pele do Leão de Nemeia estava presa às minhas costas como uma capa, e eu corria para algum lugar, puxado por uma garota que segurava com força minha mão.

— Depressa! — disse ela. Estava escuro demais para ver seu rosto com clareza, mas eu podia perceber o medo em sua voz. — Ele vai nos encontrar!

Era noite. Um milhão de estrelas resplandeciam acima de nós. Corríamos por um gramado alto, e o aroma de milhares de flores diversas tornava o ar inebriante. Era um lindo jardim, e, no entanto, a garota me fazia atravessá-lo como se estivéssemos prestes a morrer.

— Eu não tenho medo — tentei lhe dizer.

— Mas deve-se ter! — disse ela, ainda me puxando. Seus cabelos longos e escuros estavam presos numa trança que lhe caía pelas costas. Sua túnica de seda brilhava levemente à luz das estrelas.

Corremos colina acima. Ela me puxou para trás de um arbusto e desabamos, ambos respirando pesadamente. Eu não sabia por que a garota estava assustada. O jardim parecia muito pacífico. E eu me sentia forte. Mais forte do que jamais me sentira.

— Não há necessidade de corrermos — disse a ela. Minha voz soava mais grave, muito mais confiante. — Já venci mil monstros apenas com as mãos.

— Não este — disse a garota. — Ládon é forte demais. É preciso dar a volta e subir a montanha até o meu pai. É a única saída.

A dor em sua voz me surpreendeu. Ela estava preocupada de verdade, quase como se se importasse comigo.

— Não confio no seu pai — declarei.

— Ele realmente não é confiável — concordou a garota. — Faz-se mister enganá-lo. O prêmio não poderá ser pego diretamente. A morte reinará!

Eu dei uma risadinha.

— Então por que não me ajuda, minha bela?

— Eu... eu tenho medo. Ládon irá me deter. Minhas irmãs, se elas descobrissem... me repudiariam.

— Então não há outra atitude a tomar. — Eu me ergui, esfregando as mãos.

— Um momento! — pediu a garota.

Ela parecia estar se torturando com uma decisão a tomar. Então, com os dedos trêmulos, ergueu a mão e tirou um grampo longo e branco de seu cabelo.

— Se tem de haver luta, este objeto deve ir junto. Foi presente de minha mãe, Pleione. Ela era filha do oceano, e o poder do oceano está nele. *Meu* poder imortal.

A garota soprou no grampo e ele fulgurou levemente, brilhando à luz das estrelas como madrepérola. Ela me pediu que o pegasse e fizesse dele uma arma.

Eu ri.

— Um grampo de cabelo? Como isso irá matar Ládon, minha bela?

— Talvez não mate — admitiu ela. — Mas é tudo o que posso oferecer, diante de tão grande teimosia.

A voz da garota acalmou meu coração. Estendi a mão e peguei o grampo de cabelo, e, quando o fiz, ele se tornou maior e mais pesado em minha mão, até que me vi segurando uma familiar espada de bronze.

— Bem harmoniosa — disse eu. — Embora, em geral, eu prefira usar apenas as mãos. Como devo chamar essa lâmina?

— Anaklusmos — disse a garota com tristeza. — A corrente que pega a pessoa de surpresa e, antes que ela se dê conta, a leva para o mar.

Antes que eu pudesse lhe agradecer, ouviu-se um som pesado na grama, um silvo como o de ar escapando de um pneu, e a garota disse: — Tarde demais! Ele está aqui!

Sentei-me sobressaltado no assento do motorista do Lamborghini. Grover sacudia o meu braço.

— Percy — disse ele. — É de manhã. O trem parou. Venha!

Tentei me livrar da sonolência. Thalia, Zoë e Bianca já haviam subido a cortina de metal. Lá fora se viam montanhas cobertas de neve pontilhadas de pinheiros, o sol erguendo-se vermelho entre dois picos.

Peguei minha caneta no bolso e olhei para ela. Anaklusmos, o nome em grego antigo de Contracorrente. A forma era diferente, mas eu tinha certeza de que era a mesma lâmina que eu vira no sonho.

E tinha certeza de outra coisa também. A garota que eu tinha visto era Zoë Doce-Amarga

# DOZE

Pratico snowboard com um porco

Havíamos chegado às cercanias de uma pequena estação de esqui aninhada nas montanhas. A placa dizia BEM-VINDOS A CLOUDCROFT, NOVO MÉXICO. O ar era frio e rarefeito. Nos telhados das cabanas, a neve se acumulava, e montes de neve suja se erguiam em ambos os lados das ruas. Pinheiros altos avultavam-se acima do vale, lançando sombras cor de piche, embora a manhã fosse de sol.

Mesmo com meu casaco de pele de leão, eu estava congelando no momento em que chegamos à Main Street, que ficava a cerca de meia hora da linha férrea. Enquanto caminhávamos, contei a Grover sobre minha conversa com Apolo na noite anterior — e que ele me disse que procurássemos Nereu em São Francisco.

Grover pareceu inquieto.

— Isso é bom, eu acho. Mas primeiro temos de chegar lá.

Tentei não ficar muito desanimado em relação às nossas chances. Não queria deixar Grover em pânico, mas sabia que tínhamos outro prazo formidável assomando, afora salvar Ártemis a tempo de ela participar do conselho de deuses. O General dissera que Annabeth só seria mantida viva até o solstício de inverno, na sexta-feira — apenas quatro dias à frente. E ele mencionara algo sobre um sacrifício. Eu não gostava nada disso.

Paramos no meio da cidade. Dava praticamente para ver tudo dali: uma escola, algumas lojas e cafés para turistas, alguns chalés de esqui e um armazém.

— Ótimo — disse Thalia, olhando à volta. — Nada de rodoviária. Nada de táxi. Nada de aluguel de automóveis. Nenhuma saída.

— Tem um café! — exclamou Grover.

— Sim — disse Zoë. — Café é bom.

— E pãezinhos — completou Grover, sonhador. — E papel encerado.

Thalia suspirou.

— O.k. Que tal vocês dois irem comprar comida para nós? Percy, Bianca e eu

vamos dar uma olhada no armazém. Talvez possam nos dar informações.

Combinamos de nos encontrar na frente do armazém em quinze minutos. Bianca parecia um pouco constrangida em ir conosco, mas foi.

Dentro do armazém, descobrimos algumas coisas importantes sobre Cloudcroft: não havia neve suficiente para esquiar, o armazém vendia ratos de borracha por um dólar cada um, e não havia maneira fácil de entrar ou sair da cidade a menos que se tivesse um carro.

— Vocês podem mandar vir um táxi de Alamogordo, que fica na base das montanhas — disse o balconista, descrente. — No entanto, o carro levaria pelo menos uma hora para chegar aqui, e isso iria custar várias centenas de dólares.

O balconista parecia tão solitário que comprei um ratinho de borracha. Então saímos e ficamos parados na varanda de entrada.

— Maravilhoso — resmungou Thalia. — Vou andar pela rua e ver se alguém nas outras lojas tem alguma sugestão.

— Mas o balconista disse...

— Eu sei — interrompeu-me ela. — Mas vou verificar, de qualquer forma.

Eu a deixei ir. Sabia como era ficar agitado. Todos nós, os meios-sangues, tínhamos problemas de déficit de atenção por causa de nossos reflexos inatos do campo de batalha. Não podíamos suportar esperar simplesmente. Além disso, eu tinha a sensação de que Thalia ainda estava aborrecida com nossa conversa na noite anterior, sobre Luke.

Bianca e eu ficamos juntos, ambos constrangidos. Bem... eu nunca me sentia à vontade conversando sozinho com uma garota e nunca havia ficado sozinho com Bianca. Não sabia o que dizer, principalmente agora que ela era uma Caçadora e tudo mais.

— Belo rato — disse ela por fim.

Eu o pousei no parapeito da varanda. Talvez ele atraísse mais negócios para a loja.

— Então... como está sendo ser uma Caçadora até agora? — perguntei.

Ela comprimiu os lábios.

— Você não está mais zangado comigo por me juntar a elas, está?

— Não. Contanto, você sabe... que esteja feliz.

— Não sei se “feliz” é a palavra certa, com a Senhora Ártemis desaparecida. Mas ser caçadora com certeza é legal. De alguma forma, eu me sinto mais calma. Tudo parece ter desacelerado à minha volta. Acho que deve ser a imortalidade.

Eu a observei, tentando ver a diferença. Ela parecia, sim, mais autoconfiante do que antes, mais em paz. Não escondia mais o rosto debaixo de um gorro verde. Mantinha o cabelo preso atrás e me olhava diretamente nos olhos quando

falava. Com um tremor, me dei conta de que daqui a quinhentos ou mil anos, Bianca di Angelo teria exatamente a mesma aparência de hoje. Talvez tivesse uma conversa como essa com algum outro meio-sangue muito depois da minha morte, mas Bianca ainda pareceria ter doze anos.

— Nico não entendeu minha decisão — murmurou Bianca. E me olhou como se quisesse uma confirmação de que estava tudo bem.

— Ele vai ficar bem — disse eu. — Várias crianças pequenas são recebidas no Acampamento Meio-Sangue. Foi o que aconteceu com Annabeth.

Bianca assentiu.

— Espero que a encontremos. Annabeth tem sorte de ter um amigo como você.

— Grande vantagem isso foi para ela.

— Não se culpe, Percy. Você arriscou sua vida para salvar meu irmão e a mim. Ora, aquilo foi coragem para valer. Se eu não tivesse conhecido você, não teria confiado em deixar Nico no acampamento. Achei que, se lá havia pessoas como você, Nico ficaria bem. Você é um cara legal.

O elogio me pegou de surpresa.

— Mesmo eu tendo derrubado você na captura da bandeira?

Ela riu.

— O.k. Exceto por aquilo, você é um cara legal.

A uns duzentos metros de nós, Grover e Zoë saíram do café carregados de sacolas de pães e bebidas. Eu, de certo modo, queria que eles ainda não viessem. Era estranho, mas me dei conta de que gostava de conversar com Bianca. Ela não era tão ruim assim. Pelo menos era bem mais fácil ficar na companhia dela do que na de Zoë Doce-Amarga.

— E qual é a sua história e a de Nico? — perguntei. — Em que escola vocês estudaram antes de Westover?

Ela franziu a testa.

— Acho que era um internato em Washington. Parece que faz tanto tempo.

— Vocês nunca viveram com seus pais? Isto é, seus pais mortais?

— Disseram-nos que nossos pais morreram. Havia um fundo de curadoria em nosso nome. Muito dinheiro, eu creio. Um advogado vinha de vez em quando ver se estava tudo bem conosco. Então Nico e eu tivemos de deixar aquela escola.

— Por quê?

As sobrancelhas dela se juntaram.

— Tivemos de ir a algum lugar. Lembro-me de que era importante. Fizemos uma viagem longa. E ficamos num hotel por algumas semanas. E então... eu não sei. Um dia, um advogado diferente veio nos buscar. Disse que era hora de

sairmos. Seguimos de carro com ele de volta ao leste, atravessando Washington, D.C., até chegarmos ao Maine. E começamos a estudar em Westover.

Era uma história estranha. Mas, afinal, Bianca e Nico eram meios-sangues. Nada seria normal para eles.

— Então você criou Nico sozinha a maior parte de sua vida? — perguntei. — Só vocês dois?

Ela assentiu.

— Foi por isso que eu quis tanto me juntar às Caçadoras. Bem, eu sei que é egoísta, mas eu queria minha própria vida e meus próprios amigos. Eu amo Nico... não me entenda mal... mas precisava descobrir como seria não ser a irmã mais velha vinte e quatro horas por dia.

Pensei no último verão, em como eu me sentira ao descobrir que tinha um ciclope como irmão. Eu podia entender o que Bianca estava dizendo.

— Zoë parece confiar em você — disse eu. — Sobre o que vocês estavam falando... algum perigo sobre a busca?

— Quando?

— Ontem de manhã no pavilhão — disse eu, antes que conseguisse me deter. — Algo sobre o General.

O rosto dela tornou-se sombrio.

— Como você... O boné de invisibilidade. Você estava espionando?

— Não! Quer dizer, não exatamente. Eu só...

Fui salvo de tentar explicar quando Zoë e Grover chegaram com as bebidas e a comida. Chocolate quente para Bianca e para mim. Café para eles. Peguei um muffin de blueberry, e estava tão bom que eu quase pude ignorar o olhar ultrajado que Bianca me lançava.

— Devemos fazer o feitiço do rastreamento — disse Zoë. — Grover, vós ainda tendes alguma bolota de carvalho?

— Humm — murmurou Grover. Ele mastigava um muffin de farelo de trigo, com embalagem e tudo. — Creio que sim. Só preciso...

Ele parou.

Eu estava prestes a perguntar o que havia de errado, quando uma brisa cálida passou por nós, como se uma rajada de primavera estivesse perdida em pleno inverno. Ar fresco temperado com flores silvestres e brilho do sol. E algo mais — quase uma voz, tentando dizer alguma coisa. Um aviso.

Zoë arquejou.

— Grover, vosso copo.

Grover deixou cair o copo de café estampado com fotos de pássaros. De repente, os pássaros se soltaram do copo e voaram — um bando de minúsculos pombos. Meu ratinho de borracha guinchou. E fugiu, precipitado, do parapeito,

correndo para as árvores — pelo de verdade, bigodes de verdade.

Grover desabou perto de seu café, que fumegava no encontro com a neve. Nós nos reunimos em torno dele e tentamos acordá-lo. Ele gemeu, os olhos tremulando.

— Ei! — disse Thalia, vindo correndo da rua. — Eu acabo... O que aconteceu com Grover?

— Não sei — respondi. — Ele desmaiou.

— Uuuuuuhhhh — gemeu Grover.

— Bem, levantem-no! — disse Thalia. Ela estava com a lança na mão. Olhava para trás, como se estivesse sendo seguida. — Temos de sair daqui.

Chegamos ao limite da cidade antes que os dois primeiros guerreiros-esqueletos aparecessem. Eles saíram das árvores de ambos os lados da estrada. Em vez da camuflagem cinza, agora usavam o uniforme azul da Polícia Estadual do Novo México, mas tinham a mesma pele cinza transparente e os mesmos olhos amarelos.

Eles sacaram as armas. Admito que costumava pensar que seria legal aprender a disparar uma arma, mas mudei de ideia assim que os guerreiros-esqueletos apontaram as deles para mim.

Thalia tocou em seu bracelete. Aegis ganhou vida numa espiral em seu braço, mas os guerreiros nem piscaram. Seus olhos amarelos reluzentes cravaram-se em mim.

Puxei Contracorrente, embora eu não soubesse para que ela serviria diante de armas de fogo.

Zoë e Bianca puxaram seus arcos, mas Bianca estava tendo problemas, pois Grover continuava a apagar e apoiar-se nela.

— Recuem — disse Thalia.

Foi o que começamos a fazer — mas nesse momento ouvi um barulho de galhos. Dois outros esqueletos apareceram na estrada atrás de nós. Estávamos cercados.

Imaginei onde estariam os outros esqueletos. Eu vira uma dúzia deles no Smithsonian. Então um dos guerreiros levou um telefone celular à boca e falou.

Só que não estava falando. Ele emitia estalidos, retinindo, como dente no osso. De repente, compreendi o que estava acontecendo. Os esqueletos haviam se dividido para nos procurar. Esses estavam chamando seus irmãos. Logo estaríamos ocupados com todo o grupo.

— Está próximo — gemeu Grover.

— Está aqui — disse eu.

— Não — insistiu ele. — O presente. O presente da Natureza.

Eu não sabia do que ele estava falando, mas estava preocupado com o estado dele. Grover não se encontrava em condições de andar, muito menos de lutar.

— Teremos de enfrentá-los num esquema um por um — disse Thalia. — Eles são quatro. Nós somos quatro. Talvez, dessa forma, ignorem Grover.

— De acordo — disse Zoë.

— A Natureza! — gemia Grover.

Um vento morno soprava pelo cânion, fazendo farfalhar as árvores, mas eu mantinha os olhos nos esqueletos. Lembrei-me do General falando com sádica satisfação sobre o destino de Annabeth. Lembrei-me da maneira como Luke a havia traído.

E ataquei.

O primeiro esqueleto disparou. O tempo diminuiu de velocidade. Não vou dizer que podia ver a bala, mas podia sentir sua trajetória, da mesma maneira que sentia as correntes marinhas no oceano. Eu a desviei com a ponta da minha espada e continuei o ataque.

O esqueleto puxou um cassetete e eu decepei seus braços à altura dos cotovelos. Então deslizei Contracorrente por sua cintura, cortando-o ao meio.

Seus ossos desmontaram e caíram ruidosamente, formando uma pilha sobre o asfalto. Quase imediatamente, começaram a se mover, reagrupando-se. O segundo esqueleto trincou os dentes para mim e tentou atirar, mas derrubei sua arma na neve.

Pensei que estava me saindo muito bem, até que os outros dois esqueletos me atingiram nas costas.

— Percy! — gritou Thalia.

Caí de cara na rua. Então percebi algo... Eu não estava morto. O impacto das balas havia sido superficial, como um empurrão por trás, mas elas não tinham me ferido.

A pele do Leão de Nemeia! Meu casaco era à prova de balas.

Thalia atacou o segundo esqueleto. Zoë e Bianca começaram a disparar flechas contra o terceiro e o quarto. Grover manteve-se onde estava e estendeu os braços para as árvores, parecendo querer abraçá-las.

Da floresta, à esquerda, veio um barulho de algo se quebrando, como se um trator passasse por ali. Talvez os reforços dos esqueletos estivessem chegando. Fiquei de pé e me desviei de um cassetete da polícia. O esqueleto que eu havia cortado ao meio já estava totalmente remontado, vindo atrás de mim.

Não havia como detê-los. Zoë e Bianca disparavam flechas contra suas cabeças à queima-roupa, mas as flechas atravessavam assoviando seus crânios vazios. Um deles saltou sobre Bianca, e eu pensei que estivesse perdida, mas ela sacou sua faca de caça e esfaqueou o guerreiro no peito. O esqueleto todo

irrompeu em chamas, deixando uma pilha de cinzas e um distintivo da polícia.

— Como fizestes isso? — perguntou Zoë.

— Não sei — disse Bianca, nervosa. — Golpe de sorte?

— Bem, repita!

Bianca tentou, mas os três esqueletos restantes agora estavam atentos a ela. Eles nos fizeram recuar, nos mantendo à distância dos cassetetes.

— Algum plano? — perguntei enquanto recuávamos.

Ninguém respondeu. As árvores atrás dos esqueletos estavam tremendo. Galhos se quebravam.

— Um presente — murmurou Grover.

E então, com um portentoso bramido, o maior porco que eu já vira na vida alcançou ruidosamente a estrada. Era um javali, de quase dez metros de altura, com um focinho cor-de-rosa melequento e presas do tamanho de canoas. O pelo marrom de suas costas se eriçava, e seus olhos eram selvagens e raivosos.

— *RIIIIIIIIIIIIIIII!* — guinchou ele, e atirou os três esqueletos para um lado com suas presas. A força foi tamanha que eles passaram voando sobre as árvores, indo bater de encontro à encosta da montanha, onde se fizeram em pedaços, ossos de pernas e braços rodopiando para todos os lados.

Então o porco voltou-se para nós.

Thalia ergueu a lança, mas Grover gritou:

— Não o mate!

O javali grunhiu e escarvou o chão, pronto para atacar.

— Este é o javali de Erimanto — disse Zoë, tentando ficar calma. — Não creio que *possamos* matá-lo.

— É um presente — afirmou Grover. — Uma bênção da Natureza!

O javali disse "*RIIIIIIII!*" e brandiu as presas. Zoë e Bianca correram, saindo do caminho. Eu tive de empurrar Grover para que ele não fosse lançado na montanha com o Expresso Presa de Javali.

— Certo, eu me sinto abençoado! — disse eu. — Fujam!

Corremos em direções diferentes, e, por um momento, o javali ficou confuso.

— Ele quer nos matar! — gritou Thalia.

— Naturalmente — disse Grover. — Ele é selvagem!

— Então como pode ser uma bênção? — perguntou Bianca.

Parecia uma pergunta bastante justa, mas o porco selvagem ficou ofendido e investiu contra ela, que era mais rápida do que eu imaginava. Ela rolou para longe de seus cascos e apareceu por trás da fera. Então ele atacou com as presas e destroçou a placa de BEM-VINDOS A CLOUDCROFT.

Vasculhei minha mente, tentando me lembrar do mito do javali. Eu tinha quase certeza de que Héracles havia lutado contra aquela coisa, mas não

conseguia lembrar como ele a tinha vencido. Tinha uma vaga lembrança do javali arrasando várias cidades gregas antes que Héracles conseguisse subjugá-lo. Esperava que Cloudcroft tivesse seguro contra ataques de javalis gigantes.

— Não parai! — gritou Zoë. Ela e Bianca correram em direções opostas. Grover dançava em torno do javali, tocando sua flauta enquanto o porco selvagem bufava e tentava acertá-lo. No entanto, Thalia e eu ganhamos o prêmio da má sorte. Quando o javali se voltou para nós, Thalia cometeu o erro de erguer Aegis como defesa. A visão da cabeça da Medusa fez o javali guinchar de fúria. Talvez ela se parecesse demais com um de seus parentes. O javali investiu contra nós.

Só conseguimos nos manter à frente dele porque corremos morro acima, e podíamos esquivar-nos entrando e saindo do meio das árvores enquanto ele tinha de abrir caminho através delas.

Do outro lado do morro, encontrei um velho trecho de trilhos ferroviários, quase enterrados na neve.

— Por aqui! — Agarrei o braço de Thalia e corremos ao longo dos trilhos enquanto o javali rugia atrás de nós, escorregando e deslizando enquanto tentava vencer a íngreme encosta. Seus cascos simplesmente não eram feitos para esse tipo de terreno, graças aos deuses.

À nossa frente, vi um túnel coberto. Depois dele, uma velha ponte de cavaletes transpondo um desfiladeiro. Eu tive uma ideia maluca.

— Siga-me!

Thalia reduziu a velocidade — eu não tinha tempo para perguntar por quê —, mas eu a puxei comigo e ela relutantemente me seguiu. Atrás de nós, um tanque de dez toneladas em forma de porco ia derrubando pinheiros e esmagando rochas sob os cascos enquanto nos perseguia.

Thalia e eu entramos correndo no túnel e saímos do outro lado.

— Não! — gritou Thalia.

Ela havia ficado branca como o gelo. Estávamos na extremidade da ponte. Adiante, a montanha despencava por uns vinte metros em um desfiladeiro cheio de neve.

O javali estava bem atrás de nós.

— Venha! — chamei. — Ela provavelmente vai aguentar nosso peso.

— Não posso! — gritou Thalia. Seus olhos estavam arregalados de medo.

O javali chocou-se com o túnel coberto, demolindo-o a toda a velocidade.

— Agora! — gritei para Thalia.

Ela olhou para baixo e engoliu em seco. Juro que ela estava ficando verde.

Eu não tinha tempo para processar por quê. O javali vinha ao ataque, atravessando o túnel, direto em nossa direção. Plano B. Agarrei Thalia e nos

lancei de lado pela extremidade da ponte, para a encosta da montanha. Deslizamos em cima de Aegis, como se o escudo fosse uma snowboard, descendo em disparada, sobre pedras, lama e neve. O javali foi menos feliz; ele não conseguia virar tão rápido, e assim as dez toneladas de monstro arremeteram sobre a minúscula ponte de cavaletes, que vergou sob o peso. O javali despencou em queda livre no desfiladeiro com um poderoso guincho e aterrissou num monte de neve com um imenso *PUUUUUUUF!*

Thalia e eu deslizamos até parar. Estávamos ambos sem fôlego. Eu tinha cortes e sangrava. Thalia tinha agulhas de pinheiro nos cabelos. Perto de nós, o javali guinchava e tentava se levantar. Tudo o que eu podia ver era o topo eriçado de suas costas. Ele estava completamente enterrado na neve. Não parecia estar machucado, tampouco iria a lugar algum.

Olhei para Thalia.

— Você tem medo de altura.

Agora que estávamos em segurança na base da montanha, seus olhos tinham aquela habitual expressão de raiva.

— Não seja estúpido.

— Isso explica por que você entrou em pânico no ônibus de Apolo. Por que não quis falar no assunto.

Ela respirou fundo. Então passou a mão pelos cabelos, tirando as agulhas de pinheiro.

— Se contar a alguém, eu juro...

— Não, não — garanti. — Tudo bem. É só que... a filha de Zeus, o Senhor dos Céus, ter medo de altura?

Ela estava prestes a me lançar na neve quando, acima de nós, a voz de Grover chamou: — Alôôôôô?

— Aqui embaixo! — gritei.

Alguns minutos depois, Zoë, Bianca e Grover juntaram-se a nós. Ficamos observando o javali lutar para se desvencilhar da neve.

— Uma bênção da Natureza — disse Grover, agora parecendo agitado.

— Concordo — disse Zoë. — Devemos aproveitá-la.

— Espere — disse, irritada, Thalia, que ainda parecia ter perdido uma luta com uma árvore de Natal. — Explique por que você está tão certo de que esse porco é uma bênção.

Grover olhou para o animal, distraído.

— É a nossa carona para o oeste. Tem ideia da velocidade a que este javali pode viajar?

— Engraçado — disse eu. — Como... caubóis de porco.

Grover assentiu.

— Precisamos embarcar. Gostaria... Gostaria de ter mais tempo para olhar por aí. Mas agora ele se foi.

— O que se foi?

Grover não parecia ter me ouvido. Andou até o javali e saltou em suas costas. O animal já começava a avançar através do monte de neve. Assim que se libertasse, não haveria mais como detê-lo. Grover pegou sua flauta, tocou uma melodia animada e jogou uma maçã na frente do javali. A maçã começou a flutuar, rodopiando, bem diante do nariz do javali, e este ficou louco, esticando-se todo para tentar pegá-la.

— Direção automática — murmurou Thalia. — Sensacional.

Ela foi até ele e saltou para trás de Grover, o que ainda deixava bastante espaço para o restante de nós.

Zoë e Bianca caminharam na direção do javali.

— Espere um segundo — disse eu. — Vocês duas sabem do que Grover está falando... dessa bênção da Natureza?

— Naturalmente — respondeu Zoë. — Vós não a sentistes no vento? Foi tão forte... Eu nunca pensei que fosse sentir aquela presença outra vez.

— Que presença?

Ela me olhou como se eu fosse um idiota.

— O Senhor da Natureza, é claro. Por um momento único, com a chegada do javali, eu senti a presença de Pã.

# TREZE

Visitamos o ferro-velho dos deuses

Cavalgamos o javali até o pôr do sol, que era o máximo que meu traseiro podia suportar. Imagine cavalgar uma escova de aço gigante sobre um leito de cascalho o dia todo. Cavalgar javalis era confortável assim.

Não tenho a menor ideia da extensão que cobrimos, mas as montanhas desapareceram na distância e foram substituídas por quilômetros de terra plana e seca. A grama e os arbustos foram ficando mais esparsos até que estávamos galopando pelo deserto.

Quando a noite caía, o javali parou no leito de um riacho e resfolegou. Ele começou a beber a água lamacenta, então arrancou um cacto do chão e o mastigou, com espinhos e tudo.

— Aqui é o mais longe que ele irá — disse Grover. — Precisamos descer enquanto ele está comendo.

Ninguém precisou ser convencido. Deslizamos pelas costas do javali enquanto ele estava ocupado, arrancando cactos. Então nos afastamos gingando, andando o melhor que podíamos com nossos traseiros doloridos.

Depois de seu terceiro saguaro e outra golada de água lamacenta, o javali guinchou e arrotou, então deu meia-volta e galopou de volta ao leste.

— Ele prefere as montanhas — avaliei.

— Não posso culpá-lo — disse Thalia. — Vejam.

À nossa frente havia uma estrada de duas pistas quase coberta de areia. Do outro lado da estrada, via-se um grupo de construções pequeno demais para ser uma cidade: uma casa fechada por tábuas, uma lanchonete mexicana que parecia não ser aberta desde antes de Zoë Doce-Amarga ter nascido, e uma agência de correios de estuque com uma placa em que se lia GILA CLAW, ARIZONA pendurada torta na porta. Além dessas construções, via-se uma série de morros... mas então percebi que não eram morros normais. A região era plana demais para eles. Os

morros eram montes enormes de carros e aparelhos velhos, e outras sucatas de metal. Era um ferro-velho que parecia não ter fim.

— Uau! — exclamei.

— Alguma coisa me diz que não vamos encontrar uma agência de aluguel de automóveis por aqui — disse Thalia. Ela olhou para Grover. — Não creio que você tenha outro javali gigante na manga, correto?

Grover farejava o vento, parecendo nervoso. Ele pegou suas bolotas de carvalho e as atirou na areia, então tocou a flauta. As bolotas se rearrumaram em um padrão que não fazia o menor sentido para mim, mas Grover pareceu preocupado.

— Aqueles somos nós — disse ele. — Aqueles cinco lá.

— Qual deles sou eu? — perguntei.

— O pequeno deformado — sugeriu Zoë.

— Ah, cale a boca!

— Aquele grupo ali adiante — continuou Grover, apontando para a esquerda — significa problema.

— Um monstro? — perguntou Thalia.

Grover pareceu agitado.

— Não farejo nada, o que não faz sentido. Mas as bolotas não mentem. Nosso próximo desafio...

Ele apontou para o ferro-velho. Com a luz do sol quase totalmente extinta agora, as colinas de metal pareciam pertencer a um planeta alienígena.

Resolvemos acampar durante a noite e explorar o ferro-velho pela manhã. Nenhum de nós queria praticar mergulho no lixo no escuro.

Zoë e Bianca tiraram cinco sacos de dormir e colchões de espuma de suas mochilas. Não sei como conseguiram, porque as mochilas eram minúsculas, mas deviam ser encantadas para conter tantas coisas. Eu havia percebido que seus arcos e estojos de flechas também eram mágicos. Eu nunca havia pensado de fato a respeito, mas quando as Caçadoras precisavam deles, simplesmente apareciam pendurados em suas costas. E quando não precisavam mais, eles desapareciam.

A noite esfriou rapidamente, então Grover e eu recolhemos velhas tábuas nas casas em ruínas, e Thalia dirigiu-lhes um raio elétrico para começar uma fogueira. Logo estávamos tão confortáveis quanto se pode estar em uma cidade fantasma arruinada, no meio do nada.

— O céu está todo estrelado — disse Zoë.

Tinha razão. Havia milhões delas, sem as luzes da cidade para deixar o céu laranja.

— Impressionante — disse Bianca. — Eu nunca vi a Via Láctea de verdade.

— Isso não é nada — afirmou Zoë. — Nos velhos tempos, havia mais. Constelações inteiras desapareceram por causa da poluição luminosa provocada pelos homens.

— Você fala como se não fosse humana — observei.

Zoë ergueu uma sobrancelha.

— Sou uma Caçadora. Eu me preocupo com o que acontece com os lugares selvagens do planeta. Será que o mesmo pode ser dito de vós?

— De *vocês* — corrigiu Thalia. — Não de *vós*.

Zoë ergueu as mãos, exasperada.

— Eu *odeio* essa língua. Ela está sempre mudando!

Grover suspirou. Ele ainda olhava as estrelas, como se estivesse pensando no problema da poluição luminosa.

— Se ao menos Pã estivesse aqui, ele poria ordem nas coisas.

Zoë assentiu com tristeza.

— Talvez tenha sido o café — disse Grover. — Eu estava bebendo café, e o vento veio. Quem sabe se eu beber mais café...

Eu tinha certeza de que o café não tinha nada a ver com o que havia acontecido em Cloudcroft, mas não tinha coragem de dizer isso a Grover. Pensei no ratinho de borracha e nos minúsculos pássaros que haviam de repente ganhado vida quando o vento soprara.

— Grover, você acha mesmo que aquele era Pã? Quer dizer, eu sei que você quer que seja.

— Ele nos mandou ajuda — insistiu Grover. — Não sei como ou por quê. Mas era a presença dele. Depois que esta busca for concluída, vou voltar ao Novo México e beber muito café. É a melhor pista que tivemos em dois mil anos. Cheguei *tão perto*.

Eu não respondi. Não queria acabar com as esperanças de Grover.

— O que eu quero saber — disse Thalia, olhando para Bianca — é como você destruiu um dos zumbis. Tem muitos mais deles por aí. Precisamos descobrir como lutar contra eles.

Bianca balançou negativamente a cabeça.

— Eu não sei. Eu só o esfaqueei e ele incendiou.

— Talvez haja algo especial em sua faca — disse eu.

— É igual à minha — explicou Zoë. — Bronze celestial, sim. Mas a minha não teve o mesmo efeito sobre os guerreiros.

— Talvez você tenha de atingir o esqueleto num certo ponto — sugeri.

Bianca parecia pouco à vontade com todo o mundo voltando a atenção para ela.

— Não se preocupe — disselhe Zoë. — Vamos descobrir a resposta. Enquanto isso, temos de planejar nosso próximo movimento. Quando sairmos deste ferro-velho, devemos prosseguir para oeste. Se conseguirmos achar uma estrada, podemos pegar uma carona até a cidade mais próxima. Acho que deve ser Las Vegas.

Eu estava prestes a protestar dizendo que Grover e eu tínhamos tido experiências ruins naquela cidade, mas Bianca passou a minha frente.

— Não! — disse ela. — Lá não!

Ela parecia realmente apavorada, como se estivesse despencando da parte mais íngreme de uma montanha-russa.

Zoë franziu a testa.

— Por que não?

Bianca tomou fôlego, trêmula.

— Acho... acho que ficamos um tempo lá. Nico e eu. Quando estávamos viajando. E depois, não consigo lembrar...

De repente, algo terrível me ocorreu. Lembrei-me do que Bianca havia me dito sobre Nico e ela terem ficado algum tempo num hotel. Meus olhos encontraram-se com os de Grover, e tive a sensação de que ele estava pensando a mesma coisa.

— Bianca — falei. — Aquele hotel em que você ficou. O nome dele poderia ser Hotel e Cassino Lótus?

Os olhos dela se arregalaram.

— Como você sabe disso?

— Ah, grande! — exclamei.

— Esperem — disse Thalia. — O que é o Cassino Lótus?

— Há uns dois anos — contei —, Grover, Annabeth e eu ficamos presos lá. O propósito do lugar é que você nunca queira sair. Ficamos cerca de uma hora. Quando saímos, cinco dias haviam se passado. Ele faz o tempo se acelerar.

— Não — disse Bianca. — Não, isso não é possível.

— Você disse que alguém veio e tirou vocês de lá — lembrei.

— Sim.

— Como ele era fisicamente? O que ele disse?

— Eu... eu não lembro. Por favor, não quero falar sobre isso.

Zoë inclinou-se para a frente, as sobrancelhas unidas, preocupada.

— Você disse que Washington, D.C., havia mudado quando você voltou lá no verão passado. Você não se lembrava da existência do metrô.

— Sim, mas...

— Bianca — disse Zoë —, vós podeis me dizer o nome do atual presidente dos Estados Unidos?

— Não seja boba — disse Bianca. E disse o nome correto do presidente.
— E quem foi o presidente antes dele? — perguntou Zoë.
Bianca pensou um pouco.
— Roosevelt.
Zoë engoliu em seco.
— Theodore ou Franklin?
— Franklin — respondeu Bianca. — F.D.R.
— Como a Estrada FDR Drive? — perguntei. Porque, sinceramente, isso é tudo que eu sabia sobre F.D.R.
— Bianca — disse Zoë. — F.D.R. não foi o último presidente. Seu mandato foi há cerca de setenta anos.
— Impossível — replicou Bianca. — Eu... eu não sou tão velha assim.
Ela olhou para as próprias mãos, como se para se certificar de que não estavam enrugadas.
Os olhos de Thalia ficaram tristes. Acho que ela sabia como era ser arrancada do tempo por um período.
— Está tudo bem, Bianca. O importante é que você e Nico estão bem. Vocês conseguiram sair.
— Mas como? — perguntei. — Ficamos lá por apenas uma hora e quase não conseguimos escapar. Como vocês conseguiram depois de tanto tempo?
— Eu já disse. — Bianca parecia prestes a chorar. — Um homem veio e disse que era hora de sairmos. E...
— Mas quem? Por que ele fez isso?
Antes que ela pudesse responder, fomos atingidos por uma luz ofuscante que vinha da estrada. Os faróis de um carro surgiram do nada. Eu de certo modo esperava que fosse Apolo vindo nos dar uma carona outra vez, mas o motor era silencioso demais para a carruagem do sol e, além disso, agora era noite. Agarramos nossos sacos de dormir e saímos do caminho no momento em que uma limusine branca cadavérica deslizava até parar diante de nós.

A porta de trás da limusine abriu bem ao meu lado. Antes que eu pudesse me afastar, a ponta de uma espada tocou minha garganta.
Ouvi o som de Zoë e Bianca puxando seus arcos. Quando o dono da espada saiu do carro, recuei muito lentamente. Fui obrigado, pois ele estava espetando a ponta da espada bem debaixo do meu queixo.
Então ele sorriu cruelmente.
— Agora você não é tão rápido, não é, pivete?
Era um homem grande com um corte de cabelo militar, jaqueta de motoqueiro de couro preto, jeans também preto, camiseta justa branca e botas de combate.

Óculos de sol fechados nas laterais ocultavam seus olhos, mas eu sabia o que havia por trás daquelas lentes — órbitas ocas cheias de chamas.

— Ares — grunhi.

O deus da guerra olhou para os meus amigos.

— Calma, gente.

Ele estalou os dedos, e todas as armas das Caçadoras caíram ao chão.

— Este é um encontro amistoso. — Ele enterrou a ponta de sua espada um pouco mais sob meu queixo. — É claro que eu *gostaria* de levar sua cabeça como troféu, mas alguém deseja vê-lo. E eu nunca decapito meus inimigos na frente de uma senhora.

— Que senhora? — perguntou Thalia.

Ares desviou os olhos para ela.

— Ora, ora. Ouvi dizer que você estava de volta.

Ele baixou a espada e me afastou com um empurrão.

— Thalia, filha de Zeus — refletiu Ares. — Você não está andando em muito boa companhia.

— O que você quer, Ares? — perguntou ela. — Quem está no carro?

Ele sorriu, gostando da atenção.

— Ah, duvido que ela queira se encontrar com o restante de vocês. Principalmente *elas*. — Ele projetou o queixo na direção de Zoë e Bianca. — Por que vocês não vão comprar *taco* enquanto esperam? Percy só vai demorar alguns minutos.

— Não vamos deixá-lo sozinho convosco, Senhor Ares — afirmou Zoë.

— Além disso — Grover conseguiu dizer —, a lanchonete mexicana está fechada.

Ares estalou os dedos de novo. As luzes no interior da taqueria de repente brilharam, ganhando vida. As tábuas caíram da porta e a placa FECHADO mudou para ABERTO.

— O que você estava dizendo, garoto-bode?

— Vão — disse eu a meus amigos. — Eu cuido disso.

Tentei parecer mais confiante do que me sentia. Não creio que tenha enganado Ares.

— Vocês ouviram o garoto — disse o deus da guerra. — Ele é grande e forte. Tem as coisas sob controle.

Relutantes, meus amigos seguiram para a taqueria. Ares me olhou com ódio, então abriu a porta da limusine, como um chofer.

— Entre, pivete — disse ele. — E tenha cuidado com seus modos. Ela não perdoa grosserias tão facilmente quanto eu.

Quando a vi, fiquei de queixo caído.

Esqueci meu nome. Esqueci onde estava. Esqueci como falar frases completas.

Ela usava um vestido de cetim vermelho e os cabelos caíam numa cascata de cachos. Seu rosto era o mais lindo que eu já vira: maquiagem perfeita, olhos deslumbrantes, um sorriso capaz de iluminar o lado escuro da lua.

Pensando bem, não sei dizer com quem ela se parecia. Nem mesmo de que cor eram seus cabelos e seus olhos. Imagine a atriz mais linda de que você pode se lembrar. A deusa era dez vezes mais bonita que ela. Escolha a cor de cabelos mais bonita, a cor dos olhos, o que for. Eram assim os da deusa.

Quando ela sorriu para mim, por um breve momento se pareceu um pouco com Annabeth. E em seguida com uma atriz de TV de quem eu costumava gostar no quinto ano. E então... bem, você já entendeu.

— Ah, aí está você, Percy — disse a deusa. — Eu sou Afrodite.

Deslizei para o assento diante do dela e disse algo como:

— Hum hã ga.

Ela sorriu.

— Ah, que doçura. Segure isto, por favor.

Ela me entregou um espelho do tamanho de um prato grande e me fez segurá-lo à sua frente. Inclinou-se para a frente e retocou o batom, embora eu não pudesse ver nada de errado com ele.

— Você sabe por que está aqui? — perguntou ela.

Eu queria responder. Por que não conseguia formar uma frase completa? Ela era apenas uma mulher. Uma mulher muito bonita. Com olhos que pareciam nascentes de rios... Epa.

Belisquei meu próprio braço, com força.

— Eu... eu não sei — consegui dizer.

— Ah, querido — disse Afrodite. — Ainda em negação?

Pude ouvir Ares, fora do carro, dando uma risadinha. Eu tinha a sensação de que ele escutava cada palavra que dizíamos. A ideia de ele estar lá fora me deixou com raiva, e isso ajudou a desanuviar a minha mente.

— Não sei do que você está falando — respondi.

— Bem, então por que você está nessa busca?

— Ártemis foi capturada!

Afrodite revirou os olhos.

— Ai, Ártemis. *Por favor*. Isso não faz o menor sentido. Ora, se queriam sequestrar uma deusa, ela devia ser linda de morrer, você não acha? Tenho pena dos pobrezinhos que têm de manter Ártemis prisioneira. Que té-di-o!

— Mas ela estava perseguindo um monstro — protestei. — Um monstro

muito, muito perigoso. Temos de encontrá-lo!

Afrodite me fez segurar o espelho um pouco mais alto. Ela aparentemente havia achado um problema microscópico no canto do olho e retocou o rímel.

— Sempre um monstro. Mas, meu querido Percy, esse é o motivo por que os *outros* estão nessa busca. Estou mais interessada em *você*.

Meu coração bateu mais forte. Eu não queria responder, mas seus olhos arrancaram uma resposta de minha boca.

— Annabeth está em perigo.

Afrodite iluminou-se.

— Exatamente!

— Preciso ajudá-la — disse eu. — Venho tendo uns sonhos.

— Ah, você até sonha com ela! Que *gracinha!*

— Não! Quer dizer... não foi isso que eu quis dizer.

Ela fez um muxoxo.

— Percy, eu estou do seu lado. Sou a razão de você estar aqui, afinal.

Eu a olhei fixamente.

— O quê?

— A camiseta envenenada que os irmãos Stoll deram a Febe — disse ela. — Você pensou que aquilo fosse acidente? Mandar Blackjack ao seu encontro? Ajudá-lo a fugir do acampamento?

— *Você* fez isso?

— É claro! Porque, sinceramente, como essas Caçadoras são chatas! A procura pelo monstro, blá-blá-blá. Salvar Ártemis. Deixe-a continuar desaparecida, é o que eu digo. Porém, a busca do amor verdadeiro...

— Espere um momento! Eu nunca disse...

— Ah, meu querido. Não é preciso dizer. Você sabe que Annabeth estava prestes a se tornar uma Caçadora, não sabe?

Meu rosto ficou vermelho.

— Eu não tinha certeza...

— Ela estava prestes a jogar a vida dela fora! E você, meu querido, você pode salvá-la disso. É tão romântico!

— Hã...

— Ah, abaixe o espelho — ordenou Afrodite. — Eu estou bem.

Eu não havia me dado conta de que ainda o estava segurando, mas assim que o abaixei, percebi que meus braços doíam.

— Agora ouça, Percy — disse Afrodite. — As Caçadoras são suas inimigas. Esqueça-as, assim como Ártemis e o monstro. Isso não é importante. Concentre-se em encontrar e salvar Annabeth.

— Você sabe onde ela está?

Afrodite fez um gesto de irritação com a mão.

— Não, não. Deixo os detalhes para você. Mas faz séculos desde que tivemos uma boa e trágica história de amor.

— Epa, em primeiro lugar, eu nunca disse nada sobre amor. E, em segundo, o que quer dizer com *trágica?*

— O amor vence tudo — prometeu Afrodite. — Olhe só Helena e Páris. Por acaso eles deixaram algo erguer-se entre eles?

— Eles não começaram a Guerra de Troia, causando a morte de milhares de pessoas?

— Ora, não é essa a questão. Siga o seu coração.

— Mas... eu não sei para onde ele vai. Meu coração, é o que quero dizer.

Ela sorriu solidária. Era bonita de verdade. E não só porque tivesse um rosto lindo nem nada assim. Ela acreditava tanto no amor que era impossível não se sentir atordoado quando ela falava no assunto.

— Não saber é metade da graça — disse Afrodite. — Deliciosamente doloroso, não é? Não ter certeza de quem você ama e de quem ama você? Ah, vocês jovens! É tão fofinho que tenho vontade de chorar.

— Não, não — disse eu. — Não faça isso.

— E não se preocupe — replicou ela. — Não vou deixar que isso seja fácil e chato para você. Não, tenho ótimas surpresas guardadas. Angústia. Indecisão. Ah, espere só para ver.

— Está tudo bem, de verdade — disse a ela. — Não precisa se dar o trabalho.

— Você é *tão* fofinho. Queria que todas as minhas filhas pudessem partir o coração de um garoto tão bom quanto você. — Os olhos de Afrodite estavam cheios de lágrimas. — Agora é melhor você ir. E tenha cuidado no território do meu marido, Percy. Não pegue nada. Ele é extremamente meticuloso em relação a suas quinquilharias e entulhos.

— O quê? — perguntei. — Você se refere a Hefesto?

Mas a porta do carro se abriu e Ares agarrou meu ombro, me arrancando do carro de volta para a noite do deserto.

Minha audiência com a deusa do amor havia chegado ao fim.

— Você tem sorte, pivete. — Ares me empurrou para longe da limusine. — Seja grato.

— Pelo quê?

— Por estarmos sendo tão legais. Se dependesse de mim...

— Então por que ainda não me matou? — disparei. Era uma coisa estúpida para se dizer ao deus da guerra, mas ficar perto dele sempre me deixava com raiva e imprudente.

Ares assentiu, como se eu finalmente houvesse dito algo inteligente.

— Eu adoraria matá-lo, de verdade — disse ele. — Mas, veja, tenho um dilema aqui. Corre no Olimpo o boato de que você pode começar a maior guerra da história. Não posso me arriscar a pôr tudo a perder. Além disso, Afrodite pensa que você é uma espécie de galã de novela ou coisa do gênero. Se eu o matasse, isso me deixaria mal diante dela. Mas não se preocupe. Não esqueci minha promessa. Algum dia, em breve, garoto, *muito* em breve, você vai erguer sua espada para lutar e vai se lembrar da ira de Ares.

Cerrei os punhos.

— Por que esperar? Já venci você uma vez. Como é que está o tornozelo?

Ele sorriu maldoso.

— Não está mau, pivete. Mas você não chega nem perto do mestre dos insultos. Vou começar a luta quando estiver pronto. Por enquanto... Caia fora.

Ele estalou os dedos e o mundo girou 360 graus em meio a uma nuvem de poeira vermelha. Caí no chão.

Quando tornei a me levantar, a limusine havia desaparecido. A estrada, a taqueria, toda a cidade de Gila Clauw haviam desaparecido. Meus amigos e eu nos encontrávamos de pé, no meio do ferro-velho, com montanhas de sucata de metal se estendendo em todas as direções.

— O que ela *queria* com você? — perguntou Bianca assim que lhes contei sobre Afrodite.

— Ah, hã, não sei bem — menti. — Ela mandou ter cuidado no ferro-velho do marido. Disse que não pegássemos nada.

Zoë estreitou os olhos.

— A deusa do amor não faria uma viagem somente para vos dizer isso. Tende cuidado, Percy. Afrodite tem desencaminhado muitos heróis.

— Pelo menos uma vez eu tenho de concordar com Zoë — disse Thalia — Você não pode confiar em Afrodite.

Grover estava me olhando com uma expressão engraçada. Por empatia, ele em geral podia ler minhas emoções, e eu tinha a sensação de que ele sabia exatamente sobre o que Afrodite havia conversado comigo.

— Então — disse eu, ansioso para mudar de assunto —, como saímos daqui?

— Naquela direção — respondeu Zoë. — Aquele é o oeste.

— Como você sabe?

À luz da lua cheia, fiquei surpreso com a nitidez com que pude vê-la virar os olhos para mim.

— A Ursa Maior fica ao norte — explicou ela —, o que significa que *aquele* só pode ser o oeste.

Ela apontou para oeste, e então para a constelação setentrional, que era difícil distinguir por haver tantas outras estrelas.

— Ah, sim — disse eu. — As tais das ursas.

Zoë pareceu ofendida.

— Tende respeito. Era uma ótima ursa. Um adversário digno.

— Você fala como se ela fosse real.

— Pessoal — interveio Grover. — Olhem!

Havíamos chegado ao topo de uma montanha de lixo. Pilhas de objetos de metal cintilavam à luz da lua: cabeças quebradas e cavalos de bronze, pernas de metal de estátuas humanas, carruagens esmagadas, toneladas de escudos e espadas e outras armas, ao lado de peças mais modernas, como carros que brilhavam em tons de dourado e prateado, geladeiras, máquinas de lavar e monitores de computador.

— Uau — disse Bianca. — Aquelas coisas... algumas parecem ouro de verdade.

— E são — disse Thalia em tom sombrio. — Como disse Percy, não toquem em nada. Este é o ferro-velho dos deuses.

— Ferro-velho? — Grover pegou uma bela coroa feita de ouro, prata e pedras preciosas. Estava quebrada de um dos lados, como se tivesse sido rachada por um machado. — Você chama isso de ferro-velho?

Ele deu uma mordida na ponta e começou a mastigar.

— É delicioso!

Thalia deu-lhe um tapa, tirando a coroa de suas mãos.

— Estou falando sério!

— Olhem! — exclamou Bianca. Ela desceu o monte correndo, tropeçando em espirais de bronze e pratos de ouro. Pegou um arco que brilhava como prata ao luar. — O arco de uma Caçadora!

Ela gritou de surpresa quando o arco começou a encolher e tornou-se um grampo de cabelo na forma de uma lua crescente.

— É igual à espada de Percy!

O rosto de Zoë estava soturno.

— Deixai isso, Bianca.

— Mas...

— Está aqui por uma razão específica. Qualquer coisa jogada fora neste ferro-velho tem de ficar aqui. Está com defeito. Ou amaldiçoado.

Relutante, Bianca largou o grampo de cabelo.

— Não gosto deste lugar — disse Thalia. Ela apertou os dedos em torno da haste de sua lança.

— Você acha que vamos ser atacados por geladeiras assassinas? — perguntei.

Ela me lançou um olhar severo.

— Zoë tem razão, Percy. As coisas são jogadas aqui por uma razão específica. Agora andem, vamos atravessar o ferro-velho.

— Já é a segunda vez que você concorda com Zoë — murmurei, mas Thalia me ignorou.

Começamos a traçar nosso caminho por meio de colinas e vales de lixo. O lugar parecia continuar eternamente, e, não fosse pela Ursa Maior, teríamos nos perdido. As colinas pareciam todas a mesma.

Gostaria de dizer que não mexemos em nada, mas havia muita coisa legal para que não checássemos algumas peças. Encontrei uma guitarra elétrica no formato da lira de Apolo, tão bonita que tive de segurá-la. Grover achou uma árvore quebrada feita de metal. Ela havia sido partida em pedaços, mas alguns galhos ainda tinham neles pássaros de ouro que se agitaram, tentando bater as asas, quando Grover os pegava.

Finalmente avistamos a extremidade do ferro-velho quase um quilômetro à frente e as luzes de uma estrada que se estendia pelo deserto. No entanto, entre nós e a estrada...

— O que é aquilo? — arquejou Bianca.

À nossa frente havia uma colina bem maior do que as outras. Era como um platô de metal, da extensão de um campo de futebol e da altura das traves do gol no futebol americano. Numa das extremidades do platô via-se uma série de dez grossas colunas de metal, bem juntas uma da outra.

Bianca franziu a testa.

— Parecem...

— Dedos de um pé — completou Grover.

Bianca assentiu.

— Dedos muito, muito grandes.

Zoë e Thalia trocaram olhares nervosos.

— Vamos dar a volta — disse Thalia. — *Bem* longe.

— Mas a estrada fica lá adiante — protestei. — É mais rápido escalar.

*Plinque.*

Thalia ergueu a lança e Zoë pegou o arco, mas percebi que era apenas Grover. Ele havia atirado um pedaço de metal e atingira um daqueles dedos, produzindo um eco profundo, como se a coluna fosse oca.

— Por que vós fizestes isso? — perguntou Zoë.

Grover encolheu-se.

— Não sei. Eu, hum, não gosto de pés falsos!

— Vamos. — Thalia olhou para mim. — *Contornando*.

Não discuti. Os artelhos estavam me dando nos nervos também. Afinal, quem

esculpe dedos de pé de três metros de altura e os finca num ferro-velho?

Depois de vários minutos de caminhada, finalmente chegamos à estrada, um trecho abandonado, porém bem-iluminado de asfalto negro.

— Conseguimos — disse Zoë. — Graças aos deuses.

Mas, aparentemente, os deuses não queriam agradecimento. Naquele momento, ouvi um barulho como o de mil compactadores de lixo esmagando metal.

Dei meia-volta. Atrás de nós, a montanha de metal se movia, erguendo-se. Os dez dedos se inclinaram, e percebi por que pareciam dedos de pé. Porque *eram.* A coisa que se ergueu do meio do metal era um gigante de bronze, com uma armadura grega de batalha completa. Ele era incrivelmente alto — um arranha-céu com braços e pernas. E reluzia perversamente ao luar. Olhou para baixo, para nós, e seu rosto parecia deformado. O lado esquerdo estava parcialmente derretido. Suas juntas rangiam com a ferrugem, e, em seu peito coberto pela armadura, escrito na poeira espessa por um dedo gigante, estavam as palavras LAVE-ME.

— Talo! — arquejou Zoë.

— Quem... quem é Talo? — gaguejei.

— Uma das criações de Hefesto — respondeu Thalia. — Mas esse não pode ser o original. É pequeno demais. Um protótipo, talvez. Um modelo defeituoso.

O gigante de metal não gostou da palavra *defeituoso*.

Ele levou uma das mãos ao cinto da espada e puxou a arma. O som dela deixando a bainha era horrível, metal raspando metal. A lâmina tinha mais de trinta metros, fácil. Parecia enferrujada e embotada, mas não achei que isso tivesse importância. Ser atingido por aquela coisa seria o mesmo que ser atingido por um navio de guerra.

— Alguém pegou alguma coisa — disse Zoë. — Quem foi que pegou algo daqui?

Ela me fitou, acusadora.

Sacudi a cabeça.

— Sou um monte de coisas, mas não sou ladrão.

Bianca não disse nada. Eu podia jurar que ela parecia culpada, mas não tive muito tempo para pensar no assunto, pois o gigante defeituoso Talo deu um passo em nossa direção, cobrindo metade da distância que nos separava e fazendo o chão tremer.

— Corram! — gritou Grover.

Ótimo conselho, exceto pelo fato de ser inútil. Andando devagar, aquela coisa podia nos ultrapassar facilmente.

Nós nos separamos, da mesma forma que fizemos com o Leão de Nemeia.

Thalia pegou seu escudo e o manteve erguido enquanto corria pela estrada. O gigante brandiu a espada e arrancou uma série de cabos elétricos, que explodiram em centelhas e se espalharam no caminho de Thalia.

As flechas de Zoë assoviavam em direção ao rosto da criatura, mas espatifavam-se inofensivamente contra o metal. Grover berrava como um cabritinho e começou a subir uma montanha de metal.

Bianca e eu acabamos nos escondendo perto um do outro, atrás de uma carruagem quebrada.

— Você pegou uma coisa — disse eu. — Aquele arco.

— Não! — negou ela, mas sua voz estava trêmula.

— Devolva! — disse eu. — Jogue fora!

— Eu... eu não peguei o arco! Além disso, é tarde demais.

— O que você pegou?

Antes que ela pudesse responder, ouvi um estrondo metálico e uma sombra surgiu no céu.

— Mexa-se! — Desci correndo o morro, Bianca me seguindo de perto, no momento em que o pé do gigante abria uma cratera no chão onde estivéramos nos escondendo.

— Ei, Talo! — gritou Grover, mas o monstro ergueu a espada, olhando para Bianca e para mim.

Grover tocou uma breve melodia em sua flauta. Mais adiante, na estrada, os fios elétricos começaram a dançar. Compreendi o que Grover ia fazer uma fração de segundo antes que acontecesse. Um dos postes elétricos, com os cabos ainda presos a ele, voou na direção da perna de Talo, prendendo-se à sua panturrilha. Os cabos faiscaram e enviaram um choque elétrico pelo corpo do gigante.

Talo girou o corpo, rangendo e lançando faíscas. Grover havia nos dado alguns segundos de vantagem.

— Venha! — chamei Bianca. Mas ela permanecia imobilizada. Então tirou do bolso, uma pequena figura de metal, a estátua de um deus. — Era... era para Nico. Era a única estátua que ele não tinha.

— Como é que você pode pensar em Mitomagia numa hora dessas? — perguntei.

Havia lágrimas em seus olhos.

— Ponha no chão — disse eu. — Talvez o gigante nos deixe em paz.

Ela a largou, relutante, mas nada aconteceu.

O gigante continuava atrás de Grover. Enfiou a espada num morro de lixo, errando Grover por pouco, mas lançou uma avalanche de pedaços de metal sobre ele, e então não pude mais vê-lo.

— Não! — gritou Thalia. Ela apontou a lança, disparando um arco azul de

raios, que atingiu o monstro no joelho enferrujado, fazendo-o vergar-se. O gigante desabou, mas imediatamente começou a se levantar outra vez. Era difícil dizer se ele podia sentir alguma coisa. Não havia emoções em seu rosto meio derretido, mas eu tinha a impressão de que era tão perturbável quanto um guerreiro de metal da altura de um edifício de vinte andares poderia ser.

Ele ergueu o pé para dar um passo e vi que a sola era desenhada como a base de um tênis. Havia um buraco no calcanhar, como um grande poço de inspeção, e viam-se palavras vermelhas pintadas em torno dele, que só consegui decifrar depois que o pé baixou: PARA MANUTENÇÃO APENAS.

— Hora das ideias loucas — disse eu.

Bianca me olhou, nervosa.

— Qualquer coisa.

Eu lhe contei sobre a portinhola de manutenção.

— Deve haver uma maneira de controlar essa coisa. Interruptores ou coisa assim.Vou entrar nele.

— Como? Você vai ter de ficar debaixo do pé dele! Vai ser esmagado.

— Distraia-o — disse eu. — Só vou precisar calcular bem o tempo.

Bianca trincou o maxilar.

— Não. Eu vou.

— Você não pode. É nova nisso! Vai morrer.

— É minha culpa o monstro ter vindo atrás da gente — disse ela. — É minha responsabilidade. Aqui. — Ela apanhou a pequena estátua do deus e a apertou em minha mão. — Se alguma coisa acontecer, dê isso a Nico. Diga a ele... diga a ele que sinto muito.

— Bianca, não!

Mas ela não me esperou. Correu na direção do pé esquerdo do monstro.

Thalia tinha a atenção dele por ora. Ela havia percebido que o gigante era grande porém lento. Se você conseguisse chegar perto dele e não ser esmagado, podia contorná-lo e continuar vivo. Pelo menos, estava dando certo até ali.

Bianca chegou bem perto do pé do gigante, tentando equilibrar-se sobre a sucata de metal que oscilava e mudava de posição com o peso dele.

— O que estais fazendo? — gritou Zoë.

— Faça com que ele levante o pé! — respondeu ela.

Zoë disparou uma flecha na direção do rosto do monstro que entrou direto por uma das narinas. O gigante se empertigou e sacudiu a cabeça.

— Ei, Homem-Lixo! — gritei. — Aqui embaixo.

Corri até o dedão e o espetei com Contracorrente. A lâmina mágica abriu um talho no bronze.

Infelizmente, meu plano funcionou. Talo baixou os olhos para mim e ergueu o

pé para me esmagar como a um inseto. Eu não vi o que Bianca estava fazendo. Tive de me virar e correr. O pé desceu poucos centímetros atrás de mim e eu fui lançado no ar. Bati em alguma coisa dura e me sentei, tonto. Eu havia sido lançado contra uma geladeira Ar do Olimpo.

O monstro estava prestes a me liquidar, mas Grover conseguiu emergir da pilha de lixo e começou a tocar a flauta freneticamente. Sua música fez com que outro poste de iluminação batesse na coxa de Talo. O monstro se virou. Grover deveria ter corrido, mas provavelmente estava exausto demais com o esforço despendido para fazer tanta magia. Ele deu dois passos, caiu e não tornou a se levantar.

— Grover! — Thalia e eu corremos em sua direção, mas eu sabia que chegaríamos tarde demais.

O monstro ergueu a espada para esmagar Grover. E então parou.

Talo inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse ouvindo uma música esquisita. Começou a mover braços e pernas de forma estranha, dançando a dança da galinha. Então ergueu a mão e deu um soco no próprio rosto.

— Continue, Bianca! — gritei.

Zoë pareceu horrorizada.

— Ela está lá *dentro*?

O monstro cambaleou, e percebi que ainda estávamos correndo perigo. Thalia e eu agarramos Grover e disparamos com ele em direção à estrada. Zoë já estava à nossa frente. Ela gritou: — Como Bianca vai sair?

O gigante tornou a atingir a própria cabeça e deixou cair a espada. Um tremor percorreu todo o seu corpo e ele oscilou em direção aos cabos elétricos.

— Cuidado! — gritei, mas era tarde demais.

O tornozelo do gigante enrolou-se nos cabos, e fagulhas azuis de eletricidade percorreram o seu corpo. Torci para que seu interior tivesse isolamento. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo lá dentro. O gigante cambaleou de volta para o ferro-velho, e sua mão direita despencou, caindo sobre a sucata metálica com um horrível *CLANGUE!*

O braço esquerdo também se soltou. Ele estava se desmantelando.

Talo começou a correr.

— Esperai! — gritou Zoë. Corremos atrás dele, mas não havia como alcançá-lo. Pedaços do robô continuavam a cair, obstruindo nosso caminho.

O gigante desmoronou de cima para baixo: a cabeça, o peito e, finalmente, as pernas. Quando alcançamos os destroços, procuramos freneticamente, gritando o nome de Bianca. Engatinhamos entre os imensos pedaços ocos e as pernas e a cabeça. Procuramos até o sol começar a se levantar, mas sem sorte.

Zoë sentou-se e chorou. Eu fiquei perplexo de vê-la chorar.

Thalia gritou de raiva e cravou a espada no rosto arruinado do gigante.

— Podemos continuar procurando — disse eu. — Agora está claro. Vamos encontrá-la.

— Não, não vamos — disse Grover, arrasado. — Aconteceu exatamente como deveria ser.

— Do que você está falando? — perguntei.

Ele ergueu os grandes olhos molhados para mim.

— A profecia. *Um se perderá na terra ressecada.*

Por que eu não tinha percebido logo? Por que a deixei ir em meu lugar?

Ali estávamos, no deserto. E Bianca di Angelo se fora.

# QUATORZE

Tenho um problema de barragem

Na extremidade do depósito de lixo, encontramos um caminhão de reboque tão antigo que bem poderia ter ele mesmo se jogado fora. Mas o motor funcionou, e estava com o tanque cheio, então decidimos pegá-lo emprestado.

Foi Thalia quem dirigiu. Ela não parecia tão atordoada quanto Zoë, Grover ou eu.

— Os esqueletos ainda estão por aí — lembrou-nos. — Precisamos seguir em frente.

Ela nos conduziu pelo deserto, sob um céu azul muito claro, a areia tão brilhante que doía nos olhos. Zoë sentou-se na frente com Thalia. Grover e eu nos sentamos na carroceria do caminhão, encostados no guincho. O ar estava fresco e seco, mas o bom tempo parecia um insulto depois de perdermos Bianca.

Minha mão fechou-se em torno da pequena figura que custara a vida dela. Eu ainda não sabia nem que deus era aquele. Nico saberia.

Ah, deuses... o que eu ia dizer a Nico?

Queria acreditar que Bianca ainda estava viva, em algum lugar. Mas tinha o pressentimento de que ela se fora para sempre.

— Devia ter sido eu — afirmei. — Era eu quem tinha de ter entrado no gigante.

— Não diga isso! — Grover estava em pânico. — Já é ruim o bastante Annabeth ter desaparecido, e agora Bianca. Você acha que eu ia aguentar se... — Ele fungou. — Você acha que alguém *mais* seria meu melhor amigo?

— Ah, Grover...

Ele enxugou os olhos com um tecido oleoso que lhe deixou o rosto sujo, como se estivesse usando uma pintura de guerra.

— Eu... eu estou bem.

Mas não estava. Desde o encontro no Novo México — seja lá o que tenha

acontecido quando aquele vento selvagem soprou —, ele parecia muito frágil, mais emotivo do que de hábito. Eu temia falar com ele sobre isso, pois ele poderia começar a berrar.

Pelo menos tem uma coisa boa em se ter um amigo mais descontrolado do que você. Percebi que eu não podia ficar deprimido. Tinha de deixar de lado as lembranças de Bianca e seguir em frente, como Thalia estava fazendo. Eu me perguntava sobre o que ela e Zoë estariam conversando na cabine do caminhão.

O caminhão reboque ficou sem gasolina na beira do cânion de um rio. Mas não tinha problema, pois a estrada também terminava ali.

Thalia saltou e bateu a porta. Imediatamente, um dos pneus estourou.

— Ótimo. O que mais vai acontecer agora?

Observei o horizonte. Não havia muito para se ver. Deserto em todas as direções, blocos ocasionais de montanhas áridas erguendo-se aqui e ali. O cânion era a única coisa interessante. O rio propriamente dito não era muito grande; tinha talvez uns cinquenta metros de largura, água verde com algumas cachoeiras, mas abria uma grande cicatriz no deserto. O penhasco despencava abaixo de nós.

— Tem uma passagem — disse Grover. — Podíamos descer até o rio.

Tentei ver do que ele estava falando e, por fim, percebi uma minúscula saliência que se insinuava para baixo na face do rochedo.

— É uma passagem para bodes — disse eu.

— E daí? — perguntou ele.

— Nós três não somos bodes.

— Podemos conseguir — insistiu Grover. — Eu acho.

Pensei na possibilidade. Eu já havia enfrentado penhascos antes, mas não gostava deles. Então olhei para Thalia e vi o quanto ela havia empalidecido. O problema dela era a altura... Ela nunca conseguiria.

— Não — disse eu. — Eu, hum, acho que devíamos subir um pouco mais o rio.

— Mas... — disse Grover.

— Venham — chamei. — Uma caminhada não vai nos fazer mal.

Olhei para Thalia. Seus olhos disseram um rápido *Obrigada*.

Seguimos o rio por cerca de meia hora antes de encontrarmos uma descida mais fácil até a água. À margem havia um serviço de aluguel de canoas inativo naquela época, mas deixei uma pilha de dracmas de ouro no balcão e um bilhete dizendo *Vale duas canoas*.

— Precisamos subir o rio — afirmou Zoë. Era a primeira vez que eu a ouvia falar desde o ferro-velho e fiquei preocupado por sua voz parecer tão ruim, como

a de alguém com gripe. — As cachoeiras são rápidas demais.

— Deixem isso comigo — disse. E pusemos as canoas na água.

Thalia me puxou de lado quando estávamos pegando os remos.

— Obrigada pelo que fez lá atrás.

— Não há de quê.

— Você pode mesmo... — Ela fez um gesto com a cabeça na direção das cachoeiras. — Você sabe.

— Acho que sim. Em geral sou bom na água.

— Você levaria Zoë? — perguntou ela. — Eu acho, hã, talvez você possa falar com ela.

— Ela não vai gostar disso.

— Por favor... Não sei se suporto ficar na mesma canoa que ela. Ela... ela está começando a me preocupar.

Aquela era a última coisa que eu queria fazer, mas concordei.

Os ombros de Thalia relaxaram.

— Te devo uma.

— Duas.

— Uma e meia — disse ela. Então sorriu e, por um segundo, lembrei que, no fundo, eu gostava dela quando não estava gritando comigo.

Ela virou-se e ajudou Grover a colocar a canoa na água.

No fim das contas, nem tive de controlar a correnteza. Assim que entramos no rio, olhei sobre a borda do barco e deparei com duas náiades me olhando.

Elas pareciam adolescentes comuns, do tipo que se vê em qualquer shopping center, só que estavam debaixo d'água.

*Ei*, eu disse.

Elas fizeram um som borbulhante que pode ter sido uma risadinha. Eu não tinha certeza. Tinha dificuldade em entender as náiades.

*Estamos subindo o rio*, eu lhes disse. *Vocês acham que poderiam...*

Antes que eu pudesse concluir, cada náiade escolheu uma canoa e começou a nos empurrar rio acima. Seguíamos tão depressa que Grover caiu na sua canoa com os cascos para cima.

— Odeio as náiades — grunhiu Zoë.

Um jato de água subiu da popa do barco e a atingiu no rosto.

— Demônios! — Zoë levou a mão ao arco.

— Ei — interferi. — Elas só estão brincando.

— Malditos espíritos das águas. Eles nunca me perdoaram.

— Perdoar você por quê?

Ela tornou a pendurar o arco nas costas.

— Foi há muito tempo. Deixe para lá.

Aceleramos rio acima, os penhascos avultando-se de ambos os lados.

— O que aconteceu com Bianca não foi culpa sua — disse a ela. — Foi minha culpa. Eu a deixei ir.

Imaginei que isso daria a Zoë uma desculpa para começar a gritar comigo. Pelo menos isso a sacudiria e a tiraria da depressão.

Em vez disso, seus ombros se curvaram.

— Não, Percy. Eu a forcei a participar da busca. Eu estava ansiosa demais. Ela era uma meio-sangue poderosa. E também tinha um coração generoso. Eu... eu pensei que ela seria a próxima tenente.

— Mas você é a tenente.

Ela agarrou a correia de seu cesto de flechas. Parecia mais cansada do que eu jamais a vira.

— Nada pode durar para sempre, Percy. Há mais de dois mil anos eu conduzo a Caçada, e minha sabedoria não aumentou. Agora a própria Ártemis se encontra em perigo.

— Olhe, você não pode se culpar por isso.

— Se eu tivesse insistido em ir com ela...

— Você acha que poderia ter enfrentado algo tão poderoso que foi capaz de sequestrar Ártemis? Não há nada que você pudesse fazer.

Zoë não respondeu.

Os penhascos ao longo do rio estavam ficando mais altos. Sombras compridas atravessavam as águas, tornando-as bem mais frias, mesmo com o dia ensolarado.

Sem pensar no que fazia, tirei Contracorrente do bolso. Zoë olhou para a caneta e sua expressão era de dor.

— Você fez isto — disse eu.

— Quem contou a vós?

— Tive um sonho a esse respeito.

Ela me estudou. Eu tinha certeza de que Zoë ia me chamar de louco, mas ela limitou-se a dar um suspiro.

— Foi um presente. E um erro.

— Quem era o herói? — perguntei.

Zoë sacudiu a cabeça.

— Não me façais pronunciar o nome dele. Eu jurei nunca o dizer novamente.

— Você age como se eu o conhecesse.

— Tenho certeza de que conheceis, herói. Vocês garotos não querem ser todos como ele?

Sua voz era tão amarga que decidi não perguntar o que ela queria dizer. Baixei os olhos para Contracorrente e, pela primeira vez, me perguntei se ela não seria

amaldiçoada.

— Sua mãe era uma deusa das águas? — perguntei.

— Sim, Pleione. Ela teve cinco filhas. Minhas irmãs e eu. As Hespérides.

— Essas foram as garotas que viviam num jardim nos confins do Ocidente. Com a macieira de ouro e um dragão que a guardava.

— Sim — disse Zoë, melancólica. — Ládon.

— Mas não eram só quatro irmãs?

— Agora são. Eu fui exilada. Esquecida. Apagada como se nunca tivesse existido.

— Por quê?

Zoë apontou para minha caneta.

— Porque traí minha família e ajudei um herói. Você também não vai encontrar isso na lenda. Ele nunca falou de mim. Depois que seu ataque a Ládon fracassou, eu lhe dei a ideia de como roubar as maçãs, como enganar meu pai, mas *ele* levou todo o crédito.

— Mas...

*Glub, glub,* a náiade falou em minha mente. A canoa foi desacelerando.

Olhei à frente e vi o porquê.

Ali era o ponto máximo a que podiam nos levar. O rio estava interrompido. Uma barragem do tamanho de um estádio de futebol erguia-se em nosso caminho.

— A Barragem de Hoover — disse Thalia. — É imensa.

Ficamos na margem do rio, olhando para a curva de concreto que assomava entre os penhascos. Pessoas andavam no alto da barragem, tão minúsculas que pareciam moscas.

As náiades haviam partido com um bocado de resmungos — não em palavras que eu pudesse compreender, mas era óbvio que detestavam aquela barragem que bloqueava seu lindo rio. Nossas canoas flutuaram de volta corrente abaixo, rodopiando no curso dos vertedouros da barragem.

— Duzentos e vinte e um metros de altura — disse eu. — Construída na década de 1930.

— Trinta e cinco bilhões de metros cúbicos de água — continuou Thalia.

Grover suspirou.

— O maior projeto de engenharia dos Estados Unidos.

Zoë nos fitou.

— Como vós sabeis disso tudo?

— Annabeth — expliquei. — Ela gostava de arquitetura.

— Era louca por monumentos — afirmou Thalia.

— Despejava informações em cima da gente o tempo todo — fungou Grover. — Uma chatice.

— Queria que ela estivesse aqui — disse eu.

Os outros assentiram. Zoë ainda nos olhava de modo estranho, mas eu não ligava. Parecia ironia de um destino cruel que tivéssemos ido à Barragem de Hoover, um dos monumentos favoritos de Annabeth, e ela não estivesse ali para vê-la.

— Devíamos ir até lá em cima — propus. — Por ela. Só para dizer que viemos.

— Vós sois louco — concluiu Zoë. — Mas, de qualquer forma, é lá que está a estrada. — Ela apontou para um imenso estacionamento perto do topo da barragem. — Então, lá vamos nós, agir como turistas.

Tivemos de andar por quase uma hora antes de encontrar uma passagem que levasse à estrada. Ela surgiu no lado direito do rio. Então caminhamos em direção à barragem. Estava frio e ventava muito lá no alto. De um lado, um grande lago se estendia, rodeado por montanhas desertas e áridas. Do outro lado, a represa, como a rampa de skate mais perigosa do mundo, despencava no rio duzentos e vinte metros abaixo, despejando a água que turbilhonava das saídas da barragem.

Thalia caminhava no meio da estrada, distante das beiradas. Grover ia farejando o vento, parecendo nervoso. Ele não dizia nada, mas eu sabia que farejava monstros.

— A que distância estão? — perguntei-lhe.

Ele sacudiu a cabeça.

— Talvez não muito perto. O vento na represa, o deserto à nossa volta... o cheiro pode viajar provavelmente por quilômetros. Mas está vindo de várias direções. Não gosto disso.

Nem eu tampouco. Já era quarta-feira, faltavam apenas dois dias para o solstício de inverno, e ainda tínhamos um longo caminho a vencer. Não precisávamos de nenhum outro monstro.

— Tem uma lanchonete no centro de visitantes — disse Thalia.

— Você já esteve aqui antes? — perguntei.

— Uma vez. Para ver os guardiães. — Ela apontou para a extremidade oposta da represa. Esculpida na parede do penhasco havia uma pequena praça com duas grandes estátuas de bronze. Pareciam estatuetas do Oscar com asas.

— Foram dedicadas a Zeus quando a represa foi construída — afirmou Thalia. — Um presente de Atena.

Havia turistas aglomerados em torno delas. Pareciam olhar os pés das

estátuas.

— O que estão fazendo? — perguntei.

— Esfregando a mão nos dedos dos pés — explicou Thalia. — Eles acham que dá sorte.

— Por quê?

Ela sacudiu negativamente a cabeça.

— Os mortais têm ideias malucas. Eles não sabem que as estátuas são dedicadas a Zeus, mas sabem que há algo de especial nelas.

— Quando esteve aqui, elas falaram com você ou algo no gênero?

A expressão de Thalia tornou-se sombria. Percebi que ela estivera ali antes desejando exatamente isso — algum sinal de seu pai. Alguma conexão.

— Não. Elas não fazem nada. São apenas grandes estátuas de metal.

Pensei na última grande estátua de metal que havíamos encontrado. E que o encontro não havia corrido nada bem. Mas resolvi não tocar no assunto.

— Vamos procurar a droga da lanchonete — disse Zoë inesperadamente. — É melhor comer enquanto podemos.

Grover abriu um sorriso diante da expressão que não combinava com Zoë.

— A droga da lanchonete?

Zoë piscou.

— Sim. O que isso tem de engraçado?

— Nada — respondeu Grover, tentando manter-se sério. — Umas drogas de batatas fritas cairiam bem.

Até Thalia sorriu.

— E eu preciso usar a droga do banheiro.

Talvez fosse o fato de estarmos tão cansados e emocionalmente esgotados, mas comecei a rir, e Thalia e Grover me acompanharam, enquanto Zoë se limitava a nos olhar.

— Não estou entendendo.

— Eu quero beber da droga da fonte de água — disse Grover.

— E... — Thalia tentava recuperar o fôlego. — Eu quero comprar uma droga de camiseta.

Eu ria sem parar, e provavelmente teria continuado a rir o dia todo se não tivesse ouvido um barulho: — Muuuu.

O riso desmanchou-se no meu rosto. Perguntei-me se aquele barulho seria somente na minha cabeça, mas Grover também havia parado de rir. Ele olhava ao redor, confuso.

— Isso que ouvi foi uma vaca?

— Uma droga de vaca? — riu Thalia.

— Não — disse Grover. — Estou falando sério.

Zoë apurou os ouvidos.

— Não estou ouvindo nada.

Thalia me observava.

— Percy, você está bem?

— Sim — respondi. — Vocês vão em frente. Eu vou em seguida.

— Qual o problema? — perguntou Grover.

— Nada — disse eu. — Eu... eu só preciso de um minuto. Para pensar.

Eles hesitaram, mas acho que eu devia estar com uma expressão aborrecida, pois acabaram entrando no centro de visitantes sem mim. Assim que se foram, corri até a extremidade norte da barragem e olhei para baixo.

— Muu.

Ela estava uns dez metros abaixo, no lago, mas eu podia vê-la claramente: minha amiga do Estreito de Long Island, Bessie, a vaca-serpente.

Olhei à volta. Havia grupos de crianças correndo ao longo da barragem. Muitos idosos. Algumas famílias. Mas ninguém parecia prestar atenção em Bessie.

— O que está fazendo aqui? — perguntei a ela.

— Muu!

Sua voz tinha um tom de urgência, como se ela estivesse tentando me avisar sobre alguma coisa.

— Como chegou aqui? — perguntei. Estávamos a milhares de quilômetros de Long Island, centenas de quilômetros distantes do litoral. Não havia como ela ter nadado até ali. E, no entanto, lá estava ela.

Bessie nadou em círculo e bateu a cabeça contra a lateral da represa.

— Muu!

Queria que eu fosse com ela. Estava me dizendo que me apressasse.

— Não posso — disse eu. — Meus amigos estão lá dentro.

Ela me olhou com os olhos castanhos e tristes. Então emitiu mais um “Muu!” urgente, deu um salto mortal e desapareceu na água.

Hesitei. Alguma coisa estava errada. Ela estava tentando me dizer isso. Pensei em saltar sobre a lateral da barragem e segui-la, mas então meus músculos enrijeceram. Os pelos no meu braço se eriçaram. Olhei para a estrada da barragem, no sentido leste, e vi dois homens caminhando lentamente na minha direção. Eles usavam trajes de tecido cinza camuflado que tremulavam sobre corpos esqueletais.

Passaram por um grupo de crianças, empurrando-as.

— Ei! — gritou um garoto, e um dos guerreiros voltou-se para ele, seu rosto transformando-se momentaneamente em uma caveira.

— Ah! — gritou o garoto, e todo o grupo recuou.

Corri para o centro de visitantes.

Eu estava quase na escada quando ouvi pneus cantarem. No lado oeste da represa, uma van preta deu uma guinada, parando no meio da estrada e quase atropelando alguns idosos.

As portas da van se abriram e mais guerreiros-esqueletos saltaram. Eu estava cercado.

Subi a escada em disparada e passei pela entrada do museu. O segurança no detector de metais gritou: “Ei, garoto!” Mas eu não parei.

Atravessei correndo a área das exposições e me escondi atrás de um grupo de turistas. Procurei meus amigos, mas não os via em lugar nenhum. Onde ficava a droga da lanchonete?

— Pare! — gritou o cara do detector de metais.

Não havia nenhum lugar para onde ir, a não ser um elevador com o grupo de turistas. Mergulhei lá dentro no momento exato em que a porta se fechava.

— Vamos descer duzentos e treze metros — disse alegremente nossa guia turística, uma funcionária do parque, com cabelos longos e negros puxados para trás em um rabo de cavalo e óculos de lentes coloridas. Acho que ela não havia percebido que eu estava sendo perseguido. — Não se preocupem, senhoras e senhores, o elevador raramente quebra.

— Ele vai para a lanchonete? — perguntei a ela.

Algumas pessoas atrás de mim riram. A guia olhou para mim. Alguma coisa em seu olhar fez minha pele formigar.

— Vai para as turbinas, rapazinho — disse a mulher. — Você não estava ouvindo minha fascinante exposição lá em cima?

— Ah, hã, claro. A represa tem outra saída?

— É um beco sem saída — disse um turista atrás de mim. — Pelo amor de Deus! A única saída é o outro elevador.

As portas se abriram.

— Siga em frente, pessoal — disse-nos a guia. — Outro funcionário espera por vocês no fim do corredor.

Eu não tinha muita escolha senão sair com o grupo.

— E, rapaz... — chamou a guia. Olhei para trás. Ela havia tirado os óculos. Seus olhos eram surpreendentemente cinza, como nuvens de tempestade. — Tem sempre uma saída para aqueles que são espertos o bastante para encontrá-la.

As portas se fecharam com a guia ainda lá dentro, deixando-me sozinho.

Antes que eu pudesse pensar muito na mulher do elevador, um *tlim* veio do outro canto. O segundo elevador estava se abrindo, e eu ouvi um som inconfundível — de dentes de esqueleto castanholando.

Corri atrás do grupo de turistas, ao longo de um túnel escavado na rocha

sólida, que parecia estender-se para sempre. As paredes eram úmidas, e o ar zumbia com a eletricidade e o rugido da água. Saí numa sacada em forma de U, que dava para um imenso galpão. Quinze metros abaixo, viam-se turbinas enormes em movimento. Era um espaço muito grande, mas eu não via nenhuma outra saída, a menos que quisesse saltar nas turbinas e ser moído para gerar eletricidade. O que eu não queria.

Outro guia falava a um microfone, explicando aos turistas como funcionava o fornecimento de água em Nevada. Rezei para que Thalia, Zoë e Grover estivessem bem. Talvez já tivessem sido capturados ou talvez estivessem comendo na lanchonete, completamente alheios ao fato de estarmos cercados. E eu, estúpido, havia me encurralado num buraco centenas de metros abaixo da superfície.

Contornei a multidão, tentando não chamar muito a atenção. Havia um corredor do outro lado da sacada — quem sabe não seria um lugar no qual eu pudesse me esconder. Mantive a mão em Contracorrente, pronto para lutar.

No momento em que alcancei o outro lado da sacada, meus nervos estavam em frangalhos. Recuei, entrando no pequeno corredor e fiquei observando o túnel pelo qual eu viera.

Então, bem atrás de mim, ouvi um *Tchiii!* agudo, como a voz de um esqueleto.

Sem pensar, destampei Contracorrente e girei o corpo, brandindo minha espada.

A garota que eu acabava de tentar cortar ao meio arquejou e deixou cair seu lenço de papel.

— Ah, meu Deus! — gritou ela. — Você sempre tenta matar as pessoas quando elas assoam o nariz?

A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que a espada não a havia machucado. Ela havia atravessado seu corpo, inofensiva.

— Você é mortal!

Ela me olhou, incrédula.

— O que quer dizer com *isso*? É claro que sou mortal! Como foi que você conseguiu passar essa espada pela segurança?

— Não passei... Espere, você pode ver que é uma espada?

A garota revirou os olhos, que eram verdes, como os meus. Tinha cabelos castanho-avermelhados ondulados e seu nariz também era vermelho, como se estivesse gripada. Usava um grande suéter marrom de Harvard e jeans coberto com manchas de hidrocor e furinhos, como se ela passasse o tempo livre espetando-o com um garfo.

— Bem, ou é uma espada ou o maior palito de dentes do mundo — replicou ela. — E por que ela não me machucou? Bem, não que eu esteja me queixando.

Quem é você? E, uau, o que é isto que você está usando? É feito de pele de leão?

Ela fazia tantas perguntas e tão rápido, que era como se estivesse atirando pedras em mim. Não me ocorria o que dizer. Olhei para minhas mangas para ver se o casaco do Leão de Nemeia havia se modificado de alguma maneira, voltando a ser a pele, mas, para mim, ainda parecia um casaco marrom de inverno.

Eu sabia que os guerreiros-esqueletos ainda estavam me perseguindo. Não tinha tempo a perder. Mas fiquei ali, olhando a garota ruiva. Então lembrei-me do que Thalia havia feito em Westover Hall para enganar os professores. Talvez eu pudesse manipular a Névoa.

Concentrei-me intensamente e estalei os dedos.

— Você não está vendo uma espada — disse eu à garota. — É só uma caneta esferográfica.

Ela piscou.

— Hum... não. É uma espada, seu maluco.

— Quem *é* você? — perguntei.

Ela bufou, indignada.

— Rachel Elizabeth Dare. Agora, você vai responder às *minhas* perguntas ou eu devo gritar, chamando a segurança?

— Não! — disse eu. — Isto é, estou com um pouco de pressa. Estou numa encrenca.

— Com pressa ou numa encrenca?

— Hum, os dois.

Ela olhou sobre meu ombro e seus olhos se arregalaram.

— Banheiro!

— O quê?

— Banheiro! Atrás de mim! Agora!

Não sei por quê, mas obedeci. Deslizei para dentro do banheiro masculino e deixei Rachel Elizabeth Dare lá fora. Mais tarde, aquilo me pareceu covardia. Também tenho certeza de que salvou minha vida.

Ouvi os sons retinidos e sibilantes dos esqueletos quando se aproximaram.

Meus dedos apertaram-se em torno de Contracorrente. O que eu estava pensando? Deixara uma garota lá fora para morrer. Estava me preparando para sair e lutar quando Rachel Elizabeth Dare começou a falar daquele seu jeito metralhadora.

— Ah, meu Deus! Vocês *viram* aquele garoto? Já não era mais sem tempo de vocês chegarem aqui. Ele tentou me matar! Ele tinha uma espada, pelo amor de Deus. Como é que vocês, seguranças, deixam um lunático brandindo uma espada entrar em um monumento nacional? Puxa vida! Ele foi correndo por ali, na

direção daquelas turbinas. Acho que pela lateral. Ou talvez tenha caído.

Os esqueletos retiniram, excitados. Então ouvi que se afastavam.

Rachel abriu a porta.

— Área limpa. Mas é melhor você correr.

Ela parecia abalada. Seu rosto estava cinza e suado.

Espiei pela esquina. Três guerreiros-esqueletos corriam em direção ao outro lado da sacada. O caminho para o elevador estava livre por alguns segundos.

— Te devo essa, Rachel Elizabeth Dare.

— O que são aquelas coisas? — perguntou ela. — Pareciam...

— Esqueletos?

Ela assentiu, desconfortável.

— Faça um favor a si mesma — pedi. — Esqueça isso. Esqueça que me viu.

— Esquecer que você tentou me matar?

— É. Isso também.

— Mas quem é você?

— Percy... — comecei a dizer. Então os esqueletos deram meia-volta. — Tenho de ir!

— Que espécie de nome é Percy Tenho de Ir?

Disparei para a saída.

O café estava lotado de garotos desfrutando da melhor parte da excursão — o almoço. Thalia, Zoë e Grover estavam sentados diante de sua comida.

— Precisamos partir — arquejei. — Agora!

— Mas acabamos de pegar nossos *burritos!* — disse Thalia.

Zoë se levantou, murmurando uma praga em grego antigo.

— Ele tem razão! Olhem.

As janelas do café percorriam todo o andar de observação, o que nos dava uma linda vista panorâmica do exército de esqueletos que viera nos matar.

Contei dois no lado leste da estrada, bloqueando o caminho para o Arizona. Três mais a oeste, guardando Nevada. Todos armados com cassetetes e pistolas.

Mas nosso problema imediato estava bem mais perto. Os três guerreiros-esqueletos que estavam me caçando na sala das turbinas surgiram na escada. Eles me viram do outro lado da cafeteria e bateram os dentes.

— Elevador! — disse Grover. Corremos naquela direção, mas as portas se abriram com um agradável *tlim* e três outros guerreiros saíram dali. Isso dava conta de todos os guerreiros, menos o que Bianca havia feito em chamas no Novo México. Estávamos completamente cercados.

Então Grover teve uma ideia brilhante, tipicamente de Grover.

— Guerra de *burritos*! — gritou ele, e atirou seu *Guacamole* Grande no

esqueleto mais perto.

Bem, se você nunca foi atingido por um *burrito* voador, considere-se uma pessoa de sorte. Em termos de projéteis letais, está lado a lado com as granadas e as bolas de canhão. O almoço de Grover acertou o esqueleto e arrancou-lhe o crânio de cima dos ombros. Não tenho muita certeza do que os outros garotos no café viram, mas piraram e começaram a jogar seus *burritos* e pacotes de batata frita e refrigerantes uns nos outros, rindo e gritando.

Os esqueletos tentavam fazer mira com as armas, mas era inútil. Corpos, bebidas e comida voavam por toda parte.

No meio do caos, Thalia e eu atacamos os dois esqueletos na escada e os lançamos voando para a mesa de temperos. Então todos corremos escada abaixo, grandes *guacamoles* passando zumbindo por nossos ouvidos.

— E agora? — perguntou Grover quando chegamos ao lado de fora.

Eu não tinha resposta. Os guerreiros na estrada se aproximavam de ambas as direções. Atravessamos a rua correndo até o pavilhão com as estátuas de bronze aladas, mas isso só serviu para nos encurralar de costas para a montanha.

Os esqueletos adiantaram-se, formando uma meia-lua à nossa volta. Seus irmãos do café vinham correndo para se juntar a eles. Um deles ainda estava colocando o crânio sobre os ombros. Outro estava coberto de ketchup e mostarda. Dois outros tinham *burritos* cravados em suas costelas. E não pareciam nada felizes com isso. Puxaram os cassetetes e avançaram.

— Quatro contra onze — murmurou Zoë. — E *eles* não podem morrer.

— Foi um prazer viver aventuras com vocês — disse Grover com a voz trêmula.

Alguma coisa brilhante vista pelo canto dos olhos, atraiu minha atenção. Olhei para trás, para os pés das estátuas.

— Puxa! — exclamei. — Os dedos delas são mesmo brilhantes.

— Percy! — disse Thalia. — Isso não é hora.

Mas eu não conseguia deixar de olhar os dois gigantes de bronze, com asas altas e afiadas, como abridores de carta. Eles estavam escurecidos pelo tempo, exceto pelos dedos dos pés, que brilhavam como moedas novas de tanto as pessoas os esfregarem em busca de boa sorte.

Boa sorte. A bênção de Zeus.

Pensei na guia turística no elevador. Os olhos cinza e o sorriso. O que foi que ela dissera? *Tem sempre uma saída para aqueles que são espertos o bastante para encontrá-la.*

— Thalia — disse eu. — Reze para o seu pai.

Ela me fuzilou com os olhos.

— Ele nunca responde.

— Só desta vez — implorei. — Peça ajuda. Eu acho... Acho que as estátuas podem nos trazer alguma sorte.

Seis esqueletos ergueram as armas. Os outros cinco adiantaram-se com seus cassetetes. Quinze metros de distância. Doze metros.

— Peça! — gritei.

— Não! — disse Thalia. — Ele não vai me responder.

— Agora é diferente!

— Quem diz?

Hesitei.

— Atena, eu acho.

Thalia fez uma careta, como se estivesse certa de que eu havia enlouquecido.

— Tente — implorou Grover.

Thalia fechou os olhos. Seus lábios moveram-se numa prece silenciosa. Eu fiz minha própria prece para a mãe de Annabeth, esperando que fosse mesmo ela naquele elevador — que ela estivesse tentando nos ajudar a salvar sua filha.

E nada aconteceu.

Os esqueletos aproximavam-se. Ergui Contracorrente para me defender. Thalia ergueu seu escudo. Zoë empurrou Grover para trás dela e mirou uma flecha na cabeça de um esqueleto.

Uma sombra caiu sobre mim. Pensei que talvez fosse a sombra da morte. Então percebi que era a sombra de uma enorme asa. Os esqueletos ergueram os olhos tarde demais. Um lampejo de bronze, e todos os cinco com os cassetetes foram varridos do caminho.

Os outros esqueletos abriram fogo. Levantei meu casaco de leão em busca de proteção, mas não precisei dele. Os anjos de bronze se interpuseram entre nós e dobraram as asas como escudos. As balas repicavam nelas como a chuva em um teto de zinco. Ambos os anjos abriram as asas como se fosse um golpe de espada, e os esqueletos atravessaram a rua voando.

— Cara, como é bom ficar de pé! — disse o primeiro anjo. Sua voz soava metálica e enferrujada, como se ele não tivesse bebido nada desde que fora feito.

— Olhe só para os dedos dos meus pés! — disse o outro. — Santo Zeus, o que esses turistas pensam?

Por mais atônito que eu estivesse com os anjos, estava mais preocupado com os esqueletos. Alguns deles se levantavam novamente, remontando-se, as mãos ossudas procurando suas armas.

— Encrenca! — gritei.

— Tirem-nos daqui! — gritou Thalia.

Os dois anjos baixaram os olhos para ela.

— Filha de Zeus?

— Sim!

— Será que você pode dizer um *por favor*, Senhorita Filha de Zeus? — perguntou um dos anjos.

— Por favor!

Os anjos se entreolharam e deram de ombros.

— Até que nos esticar um pouco seria bom — decidiu um deles.

E então um deles agarrou Thalia e a mim, o outro pegou Zoë e Grover, e voamos acima da represa e do rio, os guerreiros-esqueletos encolhendo, até tornarem-se minúsculos pontos abaixo de nós, o som de seus disparos ecoando nas encostas das montanhas.

# QUINZE

Luto contra o gêmeo malvado do papai noel

— Avise quando tiver acabado — disse Thalia. Seus olhos estavam bem fechados. A estátua nos segurava de modo que não pudéssemos cair, mas ainda assim Thalia agarrava-lhe o braço como se fosse a coisa mais importante do mundo.

— Está tudo bem — garanti.

— Estamos... estamos muito alto?

Olhei para baixo. Embaixo de nós, uma cordilheira de montanhas cobertas de neve passou rapidamente. Estiquei o pé e chutei a neve de um dos picos.

— Não — disse eu. — Não tão alto.

— Estamos nas Sierras! — gritou Zoë. Ela e Grover pendiam dos braços da outra estátua. — Já cacei por aqui. A essa velocidade, estaremos em São Francisco em algumas horas.

— Ei, ei, Frisco! — disse o nosso anjo. — Ô, Chuck! Podíamos visitar aqueles caras no Monumento dos Mecânicos de novo! Eles sabem como se divertir!

— Ah, cara — disse o outro anjo. — Estou dentro!

— Vocês já foram a São Francisco? — perguntei.

— Nós autômatos precisamos nos divertir um pouco de vez em quando, certo? — replicou nossa estátua. — Aqueles mecânicos nos levaram para o Museu do Jovem e nos apresentaram a umas estátuas de mármore do sexo feminino, sabe? E...

— Hank! — cortou-o a outra estátua, Chuck. — Eles são crianças, cara.

— Ah, tá. — Se estátuas de bronze podem enrubescer, eu juro que Hank enrubesceu. — De volta ao voo.

Aceleramos, o que mostrava que os anjos estavam entusiasmados. As montanhas se transformaram em morros, e logo sobrevoávamos campos

cultivados, cidades e estradas.

Grover tocava sua flauta para passar o tempo. Zoë, entediada, começou a disparar flechas em outdoors ao passarmos por eles. Todas as vezes que via uma loja de departamentos Target — e passamos por dezenas delas — ela acertava algumas flechas na mosca da placa em forma de alvo, a cento e sessenta quilômetros por hora.

Thalia manteve os olhos fechados o tempo todo. Sussurrava para si mesma, como se estivesse rezando.

— Você foi bem lá na represa — disse a ela. — Zeus a ouviu.

Era difícil dizer o que ela estava pensando com os olhos fechados.

— Talvez — replicou ela. — Como foi que você conseguiu escapar dos esqueletos na sala dos geradores, aliás? Você disse que eles o encurralaram.

Contei-lhe sobre a estranha mortal, Rachel Elizabeth Dare, que parecia capaz de ver através da Névoa. Pensei que Thalia fosse me chamar de maluco, mas ela assentiu com a cabeça.

— Alguns mortais são assim — disse ela. — Ninguém sabe por quê.

De repente, ocorreu-me algo em que eu nunca havia pensado. Minha *mãe* era assim. Ela tinha visto o Minotauro na Colina Meio-Sangue e soubera exatamente do que se tratava. E não ficara nem um pouco surpresa no ano passado quando eu lhe contara que meu amigo Tyson era na verdade um ciclope. Talvez ela soubesse o tempo todo. Não era de admirar que tivesse temido tanto por mim enquanto eu crescia. Ela via através da Névoa até melhor que eu.

— Bem, a garota era irritante — afirmei. — Mas fico feliz por não a ter transformado em pó. Isso teria sido muito ruim.

Thalia concordou.

— Deve ser bom ser um mortal comum.

Ela disse aquilo como se tivesse pensado muito no assunto.

— Onde vocês querem aterrissar? — perguntou Hank, acordando-me de um cochilo.

Olhei para baixo e exclamei.

— Uau!

Eu já vira São Francisco em fotos, mas nunca na vida real. Era provavelmente a cidade mais bonita que eu já tinha visto: uma espécie de Manhattan menor e mais limpa, se Manhattan fosse cercada por morros verdes e nevoeiro. Havia uma imensa baía com navios, ilhas e barcos a vela, e a Ponte Golden Gate projetava-se do meio do nevoeiro. Tive vontade de tirar uma foto ou algo no gênero. *Lembranças de Frisco. Ainda não morri. Queria que estivesse aqui.*

— Lá — sugeriu Zoë. — Perto da Torre do Embarcadero.

— Boa escolha — disse Chuck. — Hank e eu podemos nos misturar aos pombos.

Todos nós olhamos para ele.

— Brincadeirinha — disse ele. — As estátuas não podem ter senso de humor?

Como vimos, não havia muita necessidade de se esconder no meio de nada. Era manhã bem cedo e não havia tantas pessoas por ali. Assustamos um mendigo no cais das barcas quando pousamos. Ele gritou ao ver Hank e Chuck e saiu correndo, berrando algo sobre anjos de metal vindos de Marte.

Nós nos despedimos dos anjos, que foram se divertir com seus amigos estátuas. Foi então que me dei conta de que não tinha a menor ideia do que faríamos a seguir.

Havíamos chegado à Costa Oeste. Ártemis estava ali, em algum lugar. Annabeth também, eu esperava. Mas não tinha ideia de como encontrá-las, e o dia seguinte seria o solstício de inverno. Tampouco eu tinha alguma pista sobre o monstro que Ártemis estivera caçando. Ele devia *nos* encontrar na busca. Devia "apontar a trilha", mas isso não acontecera. Agora estávamos ali no cais das barcas, com pouco dinheiro, sem amigos, sem sorte.

Depois de uma breve discussão, concordamos que precisávamos descobrir o que era esse monstro misterioso.

— Mas como? — perguntei.

— Nereu — disse Grover.

Olhei para ele.

— O quê?

— Não foi isso que Apolo lhe disse que fizesse? Encontrar Nereu?

Assenti. Eu havia esquecido completamente minha última conversa com o deus sol.

— O velho do mar — recordei. — Preciso encontrá-lo e forçá-lo a nos contar o que sabe. Mas como encontrá-lo?

Zoë fez uma careta.

— O velho Nereu, é?

— Você o conhece? — perguntou Thalia.

— Minha mãe era uma deusa do mar. Sim, eu o conheço. Infelizmente, ele não é muito difícil de achar. Basta seguir o cheiro.

— Como assim? — perguntei.

— Vinde — disse ela sem entusiasmo. — Vou mostrar a vós.

Eu sabia que estava encrencado quando paramos diante do posto de doações Boa Vontade. Cinco minutos depois, Zoë me fizera vestir uma camisa de flanela esfarrapada e jeans três tamanhos maior que o meu, tênis vermelho vivo e um

gorro de lã colorida.

— Ah, sim — disse Grover, tentando não explodir numa gargalhada —, agora você pode passar totalmente despercebido.

Zoë assentiu satisfeita.

— Um típico vagabundo.

— Obrigado — resmunguei. — Por que é que estou fazendo isso mesmo, hein?

— Eu já vos disse. Para se misturar.

Ela nos levou novamente para a zona portuária. Após um longo tempo procurando nos diversos cais, Zoë finalmente se deteve. Ela apontou para um píer onde um grupo de mendigos se amontoava, enrolados em cobertores, esperando que chegasse a hora da sopa do almoço.

— Ele está em algum lugar ali — disse Zoë. — Ele nunca se afasta muito da água. Gosta de tomar sol durante o dia.

— Como vou saber quem?

— Aproximai-vos sorrateiramente — disse ela. — Agi como um deles. Vós sabereis. Ele cheira... diferente.

— Ótimo. — Eu não queria pedir detalhes. — E depois que o encontrar?

— Agarrai-o — disse ela. — E ficai segurando. Ele vai tentar de tudo para se livrar de vós. O que quer que ele faça, não o solteis. Forçai-o a falar sobre o monstro.

— Vamos proteger sua retaguarda — disse Thalia. Ela puxou alguma coisa nas costas da minha camisa... um grande bolo de sujeira que veio sabe-se lá de onde. — Eca! Pensando bem... não queremos nada com sua retaguarda. Mas vamos ficar torcendo por você.

Grover fez o sinal de positivo com o polegar para mim.

Resmunguei como era legal ter amigos superpoderosos. Então segui na direção do cais.

Puxei o gorro para baixo e cambaleei, como se estivesse prestes a desmaiar — o que não era difícil, levando-se em conta o quanto eu estava cansado. Passei pelo nosso amigo mendigo do Embarcadero, que ainda tentava advertir os outros sobre anjos de metal vindos de Marte.

Ele não cheirava bem, mas não... diferente. Continuei andando.

Dois sujeitos bem sujos, usando sacolas plásticas de mercado como chapéu, me analisaram da cabeça aos dos pés quando me aproximei.

— Dê o fora, garoto! — murmurou um deles.

Segui em frente. Eles cheiravam mal de verdade, mas um cheiro de coisa velha normal. Nada de incomum.

Havia uma mulher com um punhado de flamingos de plástico se projetando de

um carrinho de compras. Ela me fuzilou com os olhos, como se eu quisesse roubar suas aves.

No fim do píer, um cara que parecia ter um milhão de anos estava desmaiado num trecho onde o sol batia. Vestia pijama e um roupão de banho felpudo, que provavelmente um dia fora branco. Era gordo, com uma barba branca que havia se tornado amarela, e se parecia com Papai Noel, supondo-se que Papai Noel tivesse sido arrancado da cama e arrastado por um monte de esterco.

E o cheiro?

Ao me aproximar, fiquei paralisado. Ele cheirava mal, certo — mas era um fedor marinho. Uma mistura de alga quente, peixe morto e maresia. Se o oceano tinha um lado feio... ali estava.

Tentei controlar a ânsia de vômito quando me sentei perto dele, como se estivesse cansado. Papai Noel abriu um olho, desconfiado. Eu podia sentir seus olhos em mim, mas não olhei para ele. Resmunguei alguma coisa sobre escola estúpida e pais estúpidos, imaginando que isso deveria soar razoável.

Papai Noel voltou a dormir.

Fiquei nervoso. Aquilo ia parecer estranho. Eu não sabia como os outros sem-teto reagiriam. Mas saltei sobre Papai Noel.

— Ahhhhh! — gritou ele. Minha intenção era agarrá-lo, mas em vez disso ele pareceu me agarrar. Era como se antes ele não estivesse adormecido. Certamente não agia como um homem velho e fraco. Seus dedos me apertavam como aço. — Me ajudem! — gritou ele, enquanto me apertava, tentando me matar.

— Isso é um crime! — exclamou um dos mendigos. — Um garoto rolar com um velho assim!

Eu estava mesmo rolando — descendo o píer até minha cabeça bater num poste. Fiquei tonto por um segundo, e as mãos de Nereu relaxaram. Ele estava tentando fugir. Antes que pudesse, recuperei meus sentidos e o ataquei por trás.

— Não tenho dinheiro! — Ele tentou se levantar e correr, mas cerrei os braços em torno de seu peito. Seu cheiro de peixe podre era terrível, mas eu continuei agarrado a ele.

— Não quero dinheiro — falei enquanto ele lutava para se soltar. — Sou um meio-sangue! Só quero informações!

Isso só fez com que ele se debatesse ainda mais.

— Heróis! Por que vocês sempre me escolhem?

— Porque você sabe de tudo!

Ele grunhiu e tentou me arrancar de suas costas. Era como me segurar em uma montanha-russa. Ele se sacudia de um lado para o outro, impedindo que meus pés se apoiassem, mas trinquei os dentes e apertei ainda mais. Cambaleamos em direção à beira do píer e eu tive uma ideia.

— Ah, não! — exclamei. — A água não!

O plano funcionou. Imediatamente Nereu gritou em triunfo e saltou da borda. Juntos, mergulhamos na Baía de São Francisco.

Ele deve ter ficado surpreso quando apertei ainda mais o abraço, o oceano me enchendo com força extra. Mas Nereu também tinha alguns truques guardados. Ele foi mudando de forma até eu me ver agarrado a uma foca preta e luzidia.

Já ouvi pessoas fazendo piada sobre tentar segurar um porco gordurento, mas eu estou lhe dizendo: segurar um foca na água é mais difícil. Nereu desceu para o fundo, contorcendo-se, sacudindo-se e espiralando pelas águas escuras. Não fosse eu filho de Poseidon, não teria conseguido me manter agarrado a ele de jeito nenhum.

Nereu girou e aumentou de tamanho, transformando-se em uma baleia assassina, mas me aferrei à sua barbatana dorsal quando ele saltou para fora da água.

— Uau! — gritou um bando de turistas.

Consegui acenar para a multidão. *É, fazemos isso todos os dias aqui em São Francisco.*

Nereu mergulhou e tornou-se uma enguia escorregadia. Comecei a dar um nó nele, mas ele percebeu o que estava acontecendo e voltou à forma humana.

— Por que você não se afoga? — gemeu ele, me esmurrando.

— Sou filho de Poseidon — respondi.

— Aquele maldito novo-rico! Eu estava aqui primeiro!

Por fim, ele desabou na beira do cais. Acima de nós, havia um daqueles píeres de turistas repletos de lojas, como um centro comercial sobre a água. Nereu arfava, tentando recuperar o fôlego. Eu estava ótimo. Poderia ter continuado naquela brincadeira o dia todo, mas não disse isso a ele. Queria que ele acreditasse que havia feito uma bela luta.

Meus amigos desceram correndo a escada que vinha do píer.

— Vós o pegastes! — exclamou Zoë.

— Não precisa parecer tão surpresa — observei.

Nereu gemeu.

— Ah, que maravilha! Uma plateia para minha humilhação! O acordo de sempre, suponho... Vocês me soltarão se eu responder à sua pergunta?

— Tenho mais de uma pergunta — disse eu.

— Somente uma pergunta por captura! Essa é a regra.

Olhei para meus amigos.

Isso não era bom. Eu precisava encontrar Ártemis, e precisava decifrar como era a criatura apocalíptica. Também precisava saber se Annabeth ainda estava viva, e como resgatá-la. Como incluir tudo isso em uma só pergunta?

Uma voz dentro de mim gritava: *Pergunte sobre Annabeth!* Isso era o que mais me importava.

Mas então imaginei o que Annabeth diria. Ela nunca me perdoaria se eu a salvasse e não salvasse o Olimpo. Zoë quereria que eu perguntasse sobre Ártemis, mas Quíron nos dissera que o monstro era ainda mais importante.

Deixei escapar um suspiro.

— Tudo bem, Nereu. Diga-me onde encontrar esse monstro terrível que pode exterminar os deuses. O que Ártemis estava caçando.

O Velho do Mar sorriu, mostrando os dentes verdes de musgo.

— Ah, isso é fácil demais — disse ele, maldoso. — Ele está bem ali.

Nereu apontou para a água aos meus pés.

— Onde? — perguntei.

— O acordo está cumprido! — rejubilou-se Nereu. Com um estalo, ele transformou-se num peixinho dourado e deu um salto mortal de costas, mergulhando no mar.

— Você me enganou! — gritei.

— Espere. — Os olhos de Thalia se arregalaram. — O que é *isso?*

— MUUUUUUUU!

Olhei para baixo, e lá estava minha amiga vaca-serpente, nadando perto do cais. Ela focinhou meu sapato e me olhou com os tristes olhos castanhos.

— Ah, Bessie — disse eu. — Agora não.

— Muuu!

Grover arquejou.

— Ele está dizendo que o nome dele não é Bessie.

— Você entende o que ela... hum, ele diz?

Grover assentiu.

— É uma linguagem animal muito antiga. Mas ele diz que ele é o Ofiotauro.

— O Ofio... o quê?

— Significa touro-serpente em grego — disse Thalia. — Mas o que ele está fazendo aqui?

— Muuuuuuuu!

— Ele diz que Percy é o seu protetor — anunciou Grover. — E que ele está fugindo das pessoas más. Diz que elas estão perto.

Eu me perguntei como é que se pode tirar tanto de um simples *muuuuuu*.

— Esperai — disse Zoë, olhando para mim. — Vós conheceis essa vaca?

Eu estava impaciente, mas lhes contei a história.

Thalia sacudiu a cabeça, incrédula.

— E você simplesmente esqueceu de mencionar isso?

— Bem... é. — Pareceu besteira agora, mas as coisas vinham acontecendo tão

rápido! Bessie, o Ofiotauro, parecia um detalhe sem importância.

— Eu sou uma tola — disse Zoë subitamente. — Eu conheço essa história!

— Que história?

— Da Guerra dos Titãs — disse ela. — Meu... meu pai me contou essa história, há milhares de anos. Esta é a besta que estamos procurando.

— Bessie? — Baixei os olhos para o touro-serpente. — Mas... ele é muito fofinho. Ele não seria capaz de destruir o mundo.

— Aí está o nosso erro — disse Zoë. — Estávamos esperando um monstro imenso e perigoso, mas o Ofiotauro não ameaça os deuses dessa forma. Para isso, ele precisa ser sacrificado.

— MMMM! — mugiu Bessie.

— Não creio que ele goste dessa palavra com S — observou Grover.

Fiz um carinho na cabeça de Bessie, tentando acalmá-lo. Ele deixou que eu coçasse sua orelha, mas estava tremendo.

— Como alguém seria capaz de machucálo? — perguntei. — Ele é inofensivo.

Zoë assentiu.

— Mas existe poder em matar a inocência. Um poder terrível. As Parcas fizeram uma profecia éons atrás, quando essa criatura nasceu. Disseram que quem matasse o Ofiotauro e oferecesse suas entranhas ao fogo em sacrifício teria o poder de destruir os deuses.

— MMMMMM!

— Hum — disse Grover. — Talvez pudéssemos evitar falar em *entranhas* também.

Thalia fitou o touro-serpente com espanto.

— O poder de destruir os deuses... Como? Isto é, o que aconteceria?

— Ninguém sabe — afirmou Zoë. — Na primeira vez, durante a Guerra dos Titãs, o Ofiotauro foi de fato morto por um gigante, aliado dos titãs, mas vosso pai, Zeus, enviou uma águia para arrebatar as entranhas antes que fossem atiradas ao fogo. Foi por pouco. Agora, depois de três mil anos, o Ofiotauro renasceu.

Thalia sentou-se no cais, e estendeu a mão. Bessie foi direto para ela. Thalia pousou a mão em sua cabeça. Bessie estremeceu.

A expressão de Thalia me perturbava. Ela parecia quase... com fome.

— Temos de protegê-lo — disse a ela. — Se Luke puser as mãos nele...

— Luke não hesitaria — murmurou Thalia. — O poder de derrubar o Olimpo. Isso é... isso é colossal.

— Sim, é, minha querida — disse uma voz masculina com forte sotaque francês. — E é um poder que *você* irá desencadear.

O Ofiotauro soltou um choramingo e submergiu.

Ergui os olhos. Estivéramos tão ocupados conversando que nos deixamos ser emboscados.

De pé atrás de nós, os olhos de duas cores brilhando perversamente, estava o dr. Espinheiro, o manticore, em pessoa.

— Isto é simplesmente perrr-feito — rejubilou-se o manticore.

Ele usava um sobretudo esfarrapado sobre o uniforme de Westover Hall, que estava rasgado e sujo. Seu cabelo em estilo militar havia crescido e estava espetado e seboso. Ele não se barbeara recentemente, portanto seu rosto estava coberto pela barba prateada que crescia. Na verdade, não tinha a aparência muito melhor que a dos caras lá, à espera da sopa.

— Há muito tempo os deuses me baniram para a Pérsia — contou o manticore. — Fui obrigado a pilhar para comer nos confins do mundo, escondendo-me em florestas, devorando fazendeiros humanos insignificantes. Não conseguia lutar com nenhum grande herói. Não era temido nem admirado nas antigas histórias! Mas agora isso vai mudar. Os titãs irão me respeitar, e irei me banquetear com carne de meios-sangues!

Ao lado dele, havia dois seguranças armados, dois dos mortais mercenários que eu tinha visto em Washington. Dois outros estavam no cais ao lado, para o caso de tentarmos escapar por ali. Havia turistas por toda parte — caminhando pelo cais, fazendo compras no píer acima de nós —, mas eu sabia que isso não impediria o manticore de agir.

— Onde... onde estão os esqueletos? — perguntei a ele.

Ele fez uma careta de escárnio.

— Não preciso daqueles ridículos mortos-vivos! O General acha que sou inútil? Ele vai mudar de ideia quando eu derrotar vocês!

Eu precisava de tempo para pensar. Precisava salvar Bessie. Podia mergulhar no mar, mas como conseguiria uma fuga rápida levando uma vaca-serpente de mais de duzentos quilos? E os meus amigos?

— Já o vencemos antes — disse eu.

— Ah! Vocês mal puderam lutar comigo, mesmo com um uma deusa do seu lado. E, por falar nisso... aquela deusa está ocupada no momento. Não haverá ajuda para vocês agora.

Zoë pegou uma flecha e mirou a cabeça do manticore. Os guardas à nossa volta ergueram suas armas.

— Espere! — disse eu. — Zoë, não!

O manticore sorriu.

— O garoto tem razão, Zoë Doce-Amarga. Livre-se do arco. Seria uma pena

matá-la antes de você testemunhar a grande vitória de Thalia.

— Do que você está falando? — grunhiu Thalia. Estava com o escudo e a lança prontos.

— Está muito claro — disse o manticore. — Este é o seu momento. Foi para isso que Senhor Cronos a trouxe de volta à vida. Você irá sacrificar o Ofiotauro. Você levará suas entranhas ao fogo sagrado na montanha. Você conquistará o poder ilimitado. E, em seu décimo sexto aniversário, derrubará o Olimpo.

Ninguém falou. Aquilo fazia um terrível sentido. Thalia estava a apenas dois dias de completar dezesseis anos. Era filha de um dos Três Grandes. E aqui estava uma escolha, uma escolha terrível que poderia significar o fim dos deuses. Era exatamente como dizia a profecia. Eu não sabia se me sentia aliviado, horrorizado ou decepcionado. Eu não era o garoto da profecia, afinal. O Juízo Final estava acontecendo agora.

Esperei que Thalia contestasse o manticore, mas ela hesitava. Parecia completamente aturdida.

— Você sabe que é a escolha certa — disselhe o manticore. — Seu amigo Luke reconheceu isso. Você se juntará a ele. Vocês reinarão neste mundo juntos sob o auspício dos Titãs. Seu pai a abandonou, Thalia. Ele não lhe dá a mínima. E agora você terá um poder superior ao dele. Esmague os olimpianos sob seus pés, como eles merecem. Chame a besta! Ela virá até você. Use sua lança.

— Thalia — disse eu —, saia dessa!

Ela me olhou do mesmo modo que fizera na manhã em que acordara na Colina Meio-Sangue, atordoada e incerta. Era quase como se não me conhecesse.

— Eu... Eu não...

— Seu pai a socorreu — lembrei. — Ele enviou os anjos de metal. Ele a transformou em árvore para resguardá-la.

Sua mão apertou com mais força o cabo da lança.

Olhei para Grover, desesperado. Graças aos deuses, ele compreendeu o que eu precisava. Levou a flauta à boca e tocou um rápido fragmento musical.

— Detenham-no! — gritou o manticore.

Os guardas ainda estavam mirando Zoë e, antes que pudessem perceber que o garoto com a flauta era o problema maior, das tábuas de madeira aos seus pés brotaram ramos que se enroscaram em suas pernas. Zoë disparou duas rápidas flechas que explodiram junto a eles em nuvens de fumaça amarela e sulfurosa. Flechas de pum!

Os guardas começaram a tossir. O manticore atirou espinhos em nossa direção, mas estes ricochetearam em meu casaco de leão.

— Grover — eu disse —, diga a Bessie que mergulhe mais fundo e fique lá

embaixo!

— Muuuuuu! — traduziu Grover. Eu só podia esperar que Bessie compreendesse a mensagem.

— A vaca... — murmurou Thalia, ainda aturdida.

— Venha! — Eu a puxei comigo enquanto subíamos correndo a escada que dava no centro comercial do píer. Dobramos a esquina da loja mais próxima. Ouvi o manticore gritar para seus capangas: “Peguem-nos!” Os turistas gritavam enquanto os guardas disparavam cegamente para o alto.

Corremos até a extremidade do píer e nos escondemos atrás de um pequeno quiosque de suvenires de cristal — mensageiros do vento, apanhadores de sonho e coisas assim, cintilando à luz do sol. Havia uma fonte de água perto de onde estávamos. Lá embaixo, um bando de leões-marinhos tomava sol nas pedras. Toda a Baía de São Francisco se estendia diante de nós: a Ponte Golden Gate, a Ilha de Alcatraz, as colinas verdes e o nevoeiro além destas para o norte. Um momento perfeito para uma foto, exceto pelo fato de que estávamos prestes a morrer e o mundo a acabar.

— Ide para a borda! — disseme Zoë. — Vós podeis escapar no mar, Percy. Pedi ajuda a vosso pai. Talvez consigais salvar o Ofiotauro.

Zoë tinha razão, mas eu não podia fazer isso.

— Não vou deixar vocês — disse eu. — Vamos lutar juntos.

— Você precisa informar o acampamento! — insistiu Grover. — Pelo menos deixá-los saber o que está acontecendo!

Nesse momento, notei que os cristais criavam arco-íris na luz do sol. Havia um bebedouro perto de mim...

— Informar o acampamento — murmurei. — Boa ideia.

Destampei Contracorrente e cortei o tampo do bebedouro. A água jorrou do cano partido e borrifou sobre nós.

Thalia arquejou quando a água a atingiu. O nevoeiro pareceu sumir de seus olhos.

— Você é doido? — perguntou ela.

Mas Grover compreendeu. E já estava procurando uma moeda nos bolsos. Ele atirou um dracma de ouro no arco-íris criado pela névoa e gritou: — Ó deusa, aceite minha oferenda!

A névoa ondulou-se.

— Acampamento Meio-Sangue! — pedi.

E ali, tremeluzindo na Névoa diante de nós, estava a última pessoa que eu queria ver: o sr. D, usando seu agasalho esportivo de estampa de leopardo e vasculhando a geladeira.

Ele ergueu os olhos preguiçosamente.

— Com licença?

— Onde está Quíron? — gritei.

— Que indelicadeza. — O sr. D bebeu um gole de um jarro de suco de uva. — É assim que você diz olá?

— Olá — corrigi. — Estamos prestes a morrer! Cadê o Quíron?

O sr. D refletiu sobre o que eu disse. Eu queria gritar com ele para que se apressasse, mas sabia que isso não funcionaria. Atrás de nós, passos e gritos — a tropa do manticore estava se aproximando.

— Prestes a morrer — ponderou o sr. D. — Que emocionante! Receio que Quíron não esteja aqui. Quer que eu lhe dê um recado?

Olhei para os meus amigos.

— Estamos mortos.

Thalia agarrou a lança. Ela se parecia com a mesma Thalia zangada de antes.

— Então vamos morrer lutando.

— Que nobreza — disse o sr. D, reprimindo um bocejo. — Então, qual é o problema, exatamente?

Eu não via que diferença isso poderia fazer, mas contei-lhe sobre o Ofiotauro.

— Humm. — Ele estudava o conteúdo da geladeira. — Então, é isto. Sei.

— Você nem liga! — gritei. — Até gostaria de nos ver morrer!

— Vamos ver. Acho que estou a fim de comer pizza hoje à noite.

Eu queria golpear o arco-íris e desconectar a ligação, mas não tinha tempo para isso. O manticore gritou: “Lá!” e estávamos cercados. Dois dos guardas se mantinham atrás dele. Os outros dois apareceram no telhado das lojas do píer acima de nós. O manticore tirou o casaco e se transformou em seu eu verdadeiro, as patas de leão estendidas e a cauda pontiaguda eriçada, com farpas envenenadas.

— Excelente — disse ele. Então olhou para a aparição na névoa e riu, com desdém. — Sozinhos, sem nenhuma ajuda *real*. Maravilhoso.

— Você poderia *pedir* ajuda — murmurou o sr. D para mim, como se essa fosse uma ideia divertida. — Poderia dizer por favor.

Quando javalis voarem, pensei. De maneira nenhuma ia morrer implorando a alguém detestável como o sr. D, para que ele pudesse rir enquanto todos nós éramos mortos.

Zoë preparou suas flechas. Grover ergueu sua flauta. Thalia levantou o escudo, e eu percebi uma lágrima correndo por sua bochecha. De repente, algo me ocorreu: isso já havia acontecido com ela antes. Ela havia sido encurralada na Colina Meio-Sangue e, voluntariamente, dera a vida por seus amigos. Dessa vez, porém, não podia nos salvar.

Como eu podia deixar que tal coisa acontecesse com ela?

— Por favor, sr. D — murmurei. — Socorro.

Naturalmente, nada aconteceu.

O manticore sorriu.

— Poupem a filha de Zeus. Ela se juntará a nós em breve. Matem os outros.

Os homens ergueram suas armas, e algo estranho aconteceu. Sabe como você se sente quando todo o sangue flui para sua cabeça, como quando você fica de cabeça para baixo e vira depressa demais? Houve uma afluência como essa ao meu redor, e um som como o de um imenso suspiro. A luz do sol tingiu-se de púrpura. Senti o cheiro de uva e de algo mais ácido — vinho.

*CRAQUE!*

Era o som de muitas mentes se rompendo ao mesmo tempo. O som da loucura. Um guarda pôs a pistola entre os dentes, como se fosse um osso, e pôs-se a correr de quatro, de um lado para o outro. Dois outros largaram as armas e começaram a valsar, como um casal. O quarto começou a dançar o que parecia um sapateado irlandês. Teria sido engraçado se não fosse tão aterrorizante.

— Não! — gritou o manticore. — Vou cuidar de vocês eu mesmo!

Sua cauda eriçou-se, mas das tábuas sob suas patas brotaram parreiras, que começaram imediatamente a se enroscar no corpo do monstro, germinando folhas novas e cachinhos de uvas verdes que amadureciam em segundos, enquanto o manticore soltava guinchos estridentes, até ser totalmente engolido por uma imensa massa de vinhas, folhas e cachos de uvas púrpura. Por fim, as uvas deixaram de tremer, e eu tive o pressentimento de que o manticore já não estava mais ali embaixo.

— Bem — disse Dioniso, fechando a geladeira. — Isso foi divertido.

Eu o fitei, horrorizado.

— Como o senhor pôde... Como...

— Quanta gratidão — murmurou ele. — Os mortais também vão se recuperar. Explicações demais a dar se tornasse sua condição permanente. Odeio escrever relatórios para o Pai.

Ele olhou, ressentido, para Thalia.

— Espero que tenha aprendido sua lição, garota. Não é fácil resistir ao poder, é?

Thalia corou, como se estivesse envergonhada.

— Sr. D — disse Grover, pasmo. — O senhor... o senhor nos salvou.

— Hum. Não faça com que eu me arrependa, sátiro. Agora vá, Percy Jackson. Consegui lhe dar no máximo algumas horas a mais.

— O Ofiotauro — disse eu. — O senhor pode levá-lo para o acampamento?

O sr. D fungou.

— Não faço transporte de gado. Isso é problema seu.

— Mas para onde vamos?

Dioniso olhou para Zoë.

— Ah, acho que a Caçadora sabe. Vocês devem chegar ao pôr do sol hoje, lembrem-se, ou tudo estará perdido. Agora, até logo. Minha pizza está esperando.

— Sr. D — chamei.

Ele ergueu a sobrancelha.

— O senhor me chamou pelo nome certo — disse eu. — Me chamou de Percy Jackson.

— Certamente que não, Peter Johnson. Agora, vão!

Ele fez um gesto com a mão, e sua imagem desapareceu na névoa.

À nossa volta, os capangas do manticore ainda agiam como loucos completos. Um deles havia encontrado nosso amigo, o mendigo, e os dois conversavam seriamente sobre anjos de metal vindos de Marte. Vários outros guardas estavam importunando os turistas, imitando ruídos de animais e tentando roubar-lhes os sapatos.

Olhei para Zoë.

— O que ele quis dizer... Você sabe para onde ir?

O rosto dela estava da cor do nevoeiro. Ela apontou para a baía, além da Golden Gate. A distância, uma montanha solitária se erguia acima da camada de nuvens.

— O jardim de minhas irmãs — disse ela. — Tenho de ir para a minha casa.

# DEZESSEIS

Encontramos o dragão do mau hálito eterno

— Não vamos conseguir nunca — disse Zoë. — Estamos seguindo devagar demais. Mas não podemos deixar o Ofiotauro.

— Muuu — disse Bessie.

Ele nadava perto de mim enquanto corríamos à beira d'água. Havíamos deixado o píer do centro comercial bem para trás. Seguíamos para a Ponte Golden Gate, mas era muito mais longe do que eu imaginara. O sol já estava baixando a oeste.

— Não entendo — disse eu. — Por que temos de chegar lá ao pôr do sol?

— As Hespérides são as ninfas do pôr do sol — disse Zoë. — Só podemos entrar em seu jardim quando o dia se transforma em noite.

— O que acontece se chegarmos tarde?

— Amanhã é o solstício de inverno. Se perdermos o pôr do sol de hoje, teremos de esperar até o anoitecer de amanhã. E a essa altura o Conselho Olimpiano já terá terminado. Temos de libertar a Senhora Ártemis esta noite.

Ou Annabeth estará morta, pensei, mas não disse isso em voz alta.

— Precisamos de um carro — disse Thalia.

— Mas e Bessie? — perguntei.

Grover deteve-se.

— Tenho uma ideia! O Ofiotauro pode aparecer em diferentes condutos de água, certo?

— Bem, sim — respondi. — Ele estava no Estreito de Long Island. Então apareceu na Barragem de Hoover. E agora está aqui.

— Então talvez conseguíssemos convencê-lo a voltar para o Estreito de Long Island — sugeriu Grover. — Quíron poderia nos ajudar a levá-lo para o Olimpo.

— Mas ele estava me seguindo — disse eu. — Sem que eu esteja lá, será que ele saberia para onde está indo?

— Muu — disse Bessie, desesperado.

— Eu... eu posso lhe mostrar — disse Grover. — Vou com ele.

Eu o fitei. Grover não era fã de água. Ele havia quase se afogado no último verão, no Mar dos Monstros, e não podia nadar muito bem com seus cascos de bode.

— Sou o único que pode falar com ele — afirmou Grover. — Faz sentido.

Ele se curvou e disse alguma coisa no ouvido de Bessie, que estremeceu, e então emitiu um mugido contente.

— A bênção da Natureza — informou Grover. — Isso deve ajudar com a segurança. Percy, reze a seu pai, também. Veja se ele vai nos conceder passagem segura através dos mares.

Eu não compreendia como eles poderiam voltar nadando da Califórnia a Long Island. No entanto, os monstros não viajavam da mesma forma que os humanos. Eu já tinha tido evidências suficientes disso.

Tentei me concentrar nas ondas, no cheiro do oceano, no som da maré.

— Pai — disse eu. — Ajude-nos. Leve o Ofiotauro e Grover em segurança para o acampamento. Proteja-os no mar.

— Uma prece como essa precisa de um sacrifício — disse Thalia. — Algo grande.

Pensei por um segundo. Então tirei meu casaco.

— Percy — disse Grover. — Tem certeza? A pele do leão... é algo muito útil. Héracles a usou!

Assim que ele disse essas palavras, eu me dei conta de algo.

Olhei para Zoë, que estava me observando com atenção. Percebi que eu de fato *sabia* quem fora o herói de Zoë — aquele que arruinara sua vida, que a fizera ser expulsa da família, e que nunca mencionara a ajuda que ela lhe dera: Héracles, um herói que eu havia admirado toda a minha vida.

— Se eu tiver de sobreviver — disse eu —, não vai ser por causa de um casaco de pele de leão. Eu não sou Héracles.

Atirei o casaco na baía. Ele se transformou novamente no pelo dourado de um leão, cintilando na luz. Então, enquanto afundava sob as ondas, pareceu dissolver-se à luz do sol na água.

A brisa marinha ganhou força.

Grover respirou fundo.

— Bem, não há tempo a perder.

Ele pulou na água e imediatamente começou a afundar. Bessie deslizou a seu lado e o deixou segurar em seu pescoço.

— Tomem cuidado — eu lhes disse.

— Tomaremos — garantiu Grover — O.k., hum... Bessie? Vamos para Long

Island. Fica a leste. Naquela direção.

— Muuuu? — perguntou Bessie

— Sim — respondeu Grover. — Long Island. É esta a ilha. E... é longe. Ah, vamos lá!

— Muuu!

Bessie deu uma guinada para a frente. Começou a submergir e Grover disse: — Eu não sei respirar na água! Pensei ter dito... *Glub!*

Lá se foram eles debaixo d'água, e eu torci para que a proteção de meu pai se estendesse a detalhes pequenos, como respirar.

— Bem, um problema resolvido — afirmou Zoë. — Mas como vamos chegar ao jardim de minhas irmãs?

— Thalia tem razão — disse eu. — Precisamos de um carro. Mas não tem ninguém para nos ajudar aqui. A menos que nós, hum, pegássemos um emprestado.

Eu não gostava dessa opção. Claro, aquela era uma situação de vida ou morte, mas, ainda assim, era roubo, e certamente chamaria a atenção para nós.

— Espere — disse Thalia. Ela começou a vasculhar a mochila. — Existe alguém em São Francisco que pode nos ajudar. Tenho o endereço aqui, em algum lugar.

— Quem? — perguntei.

Thalia tirou um pedaço amassado de folha de caderno e o estendeu.

— Professor Chase. O pai de Annabeth.

Depois de ouvir Annabeth queixar-se do pai durante dois anos, eu esperava que ele tivesse chifres e presas de demônio. Não esperava que usasse chapéu e óculos de aviador antiquados. Ele parecia tão estranho, com os olhos aumentados através das lentes, que todos recuamos um passo à entrada da casa.

— Olá — disse ele numa voz amigável. — Vocês vieram entregar meus aviões?

Thalia, Zoë e eu nos entreolhamos com cautela.

— Hã, não, senhor — disse eu.

— Droga — replicou ele. — Preciso de mais três Sopwith Camels.

— Certo — disse eu, embora não tivesse a menor ideia do que ele estava falando. — Somos amigos de Annabeth.

— Annabeth? — Ele se endireitou, como eu tivesse acabado de lhe dar um choque elétrico. — Ela está bem? Aconteceu alguma coisa?

Nenhum de nós respondeu, mas nossos rostos devem ter dito que algo estava muito errado. Ele tirou o chapéu e os óculos. Tinha cabelos cor de areia, como os de Annabeth, e intensos olhos castanhos. Era bonito, eu acho, para um homem

mais velho, mas parecia que não se barbeava havia alguns dias, e a camisa estava abotoada errado, de modo que um lado da gola projetava-se mais alto que o outro.

— É melhor vocês entrarem — disse ele.

Não parecia uma casa para a qual haviam acabado de mudar. Havia robôs de LEGO na escada e dois gatos dormindo no sofá da sala. Sobre a mesinha de centro viam-se pilhas de revistas, e o casaco de uma criança pequena estava aberto no chão. A casa toda cheirava a *cookies* com gotas de chocolate recém-assados. E da cozinha vinha uma música de jazz. Parecia uma casa bagunçada e feliz — o tipo de lugar que havia sido habitado desde sempre.

— Pai! — gritou um garotinho. — Ele está desmontando meus robôs!

— Bobby — disse, alheio, o dr. Chase —, não desmonte os robôs do seu irmão!

— *Eu sou* Bobby — protestou o pequenino. — Ele é Matthew!

— Matthew — disse o dr. Chase —, não desmantele os robôs do seu irmão!

— Está bem, pai!

O dr. Chase voltou-se para nós.

— Vamos subir até o meu estúdio. Por aqui.

— Querido? — chamou uma mulher. A madrasta de Annabeth apareceu na sala de estar, enxugando as mãos em um pano de prato. Era uma bela mulher oriental, com cabelos de mechas vermelhas preso em um coque.

— Quem são nossos convidados? — perguntou ela.

— Ah — disse o dr. Chase. — Este é...

Ele nos olhou com uma interrogação nos olhos.

— Frederick — ela o repreendeu. — Você esqueceu de perguntar o nome deles?

Nós nos apresentamos um pouco desconfortáveis, mas a sra. Chase parecia muito legal. Perguntou se estávamos com fome. Admitimos que sim, e ela nos disse que traria *cookies*, sanduíches e refrigerantes.

— Querida — disse o dr. Chase. — Vieram para falar de Annabeth.

Eu já quase esperava que a sra. Chase se transformasse em uma lunática furiosa à menção da enteada, mas ela só franziu os lábios e pareceu preocupada.

— Tudo bem. Subam para o estúdio e eu levo a comida para vocês. — Ela sorriu para mim. — Muito prazer em conhecê-lo, Percy. Ouvi falar muito de você.

No segundo andar, entramos no estúdio do dr. Chase e eu exclamei:

— Uau!

As paredes eram cobertas de livros, mas o que chamou mesmo minha atenção foram os brinquedos de guerra. Havia uma mesa imensa com miniaturas de tanque e soldados lutando ao longo de um rio pintado de azul, com colinas e árvores artificiais, e outras coisas mais. Antigos aviões biplanos pendiam de fios no teto inclinados em ângulos malucos, como se estivessem no meio de uma batalha aérea.

O dr. Chase sorriu.

— Sim. A Terceira Batalha de Ypres. Estou escrevendo um ensaio, sabem, sobre o uso de Sopwith Camels para bombardear as linhas inimigas. Acredito que tenham tido um papel muito maior que o crédito que lhes é atribuído.

Ele arrancou um biplano de seu fio e o deslizou velozmente pelo campo de batalha, imitando o barulho de um motor de avião enquanto derrubava pequenos soldados alemães.

— Ah, certo — disse eu. Sabia que o pai de Annabeth era professor de história militar. Mas ela nunca mencionara que ele brincava com soldadinhos de brinquedo.

Zoë aproximou-se e estudou o campo de batalha.

— As linhas alemãs ficavam mais distantes do rio.

O dr. Chase a fitou.

— Como sabe disso?

— Eu estava lá — disse ela casualmente. — Ártemis queria nos mostrar como a guerra era horrível, a maneira como os humanos mortais lutam uns com os outros. E como era estúpida, também. A batalha era um completo desperdício.

O dr. Chase abriu a boca em choque.

— Você...

— Ela é uma Caçadora, senhor — informou Thalia. — Mas não é por isso que estamos aqui. Precisamos...

— Você viu os Sopwith Camels? — perguntou o dr. Chase. — Quantos eles eram? Em que formação voavam?

— Senhor — interrompeu Thalia novamente. — Annabeth está correndo perigo.

Isso atraiu a atenção dele, fazendo-o deixar o biplano de lado.

— É claro — falou o dr. Chase. — Contem-me tudo.

Não era fácil, mas tentamos. Enquanto isso, a luz da tarde enfraquecia lá fora. Nosso tempo estava se esgotando.

Quando terminamos, o dr. Chase desabou em sua poltrona reclinável de couro. Ele entrelaçou as mãos.

— Minha pobre e corajosa Annabeth. Precisamos correr.

— Senhor, precisamos de um transporte até o Monte Tamalpais — afirmou

Zoë. — E precisamos imediatamente.

— Vou levar vocês. Hum, seria mais rápido voarmos em meu Camel, mas só dá para duas pessoas.

— Uau, o senhor tem um avião de verdade? — admirei-me.

— Em Crissy Field — disse o dr. Chase, orgulhoso. — Foi esse o motivo de eu ter me mudado para cá. Meu patrocinador é um colecionador particular com algumas das maiores relíquias da Primeira Guerra Mundial. Ele me deixou restaurar o Sopwith Camel...

— Senhor — interrompeu Thalia. — Um carro já estaria ótimo. E seria melhor se fôssemos sem o senhor. É perigoso demais.

O dr. Chase franziu a testa, desconfortável.

— Ei, espere um minuto, jovenzinha. Annabeth é minha filha. Perigoso ou não, eu... eu não posso...

— Lanchinhos — anunciou a sra. Chase. Ela passou pela porta com uma bandeja cheia de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia, Coca-Cola e *cookies* recém-saídos do forno, as gotas de chocolate ainda pegajosas.

Thalia e eu devoramos alguns *cookies* enquanto Zoë dizia: — Eu dirijo, senhor. Não sou tão jovem quanto aparento. Prometo não destruir o seu carro.

A sra. Chase contraiu as sobrancelhas.

— Do que estão falando?

— Annabeth está correndo perigo — disse o dr. Chase. — No Monte Tam. Eu queria levá-los até lá, mas... parece que não é lugar para mortais.

Aparentemente fora difícil para ele dizer aquela última parte.

Esperei que a sra. Chase dissesse não. Afinal, que pai ou mãe mortal permitiria que três adolescentes menores de idade pegassem seu carro emprestado? Mas, para minha surpresa, a sra. Chase concordou.

— Então é melhor eles irem.

— Certo! — O dr. Chase levantou-se de um salto e começou a tatear os bolsos. — As chaves...

Sua mulher suspirou.

— Frederick, francamente. Você perderia a cabeça se ela não estivesse guardada nesse chapéu de aviador. As chaves estão penduradas ao lado da porta da frente.

— Certo! — disse o dr. Chase.

Zoë pegou um sanduíche.

— Obrigada a vocês dois. Temos de ir. *Agora*.

Saímos apressados pela porta e descemos a escada, os Chases nos seguindo.

— Percy — chamou a sra. Chase quando eu saía —, diga a Annabeth... Diga-lhe que ela ainda tem um lar aqui, sim? Lembre-a disso.

Dei uma última olhada na sala bagunçada, os meios-irmãos de Annabeth espalhando LEGOs pelo chão e discutindo, o cheiro de *cookies* pairando no ar. Nada mau esse lugar, pensei.

— Vou dizer — prometi.

Corremos para o VW conversível amarelo estacionado na entrada da casa. O sol estava baixando. Calculei que tínhamos menos de uma hora para salvar Annabeth.

— Esta coisa não pode ir mais rápido? — perguntou Thalia.

Zoë dirigiu-lhe um olhar furioso.

— Eu não posso controlar o trânsito.

— Vocês duas parecem minha mãe falando — disse eu.

— Cale a boca! — disseram elas em uníssono.

Zoë costurava no trânsito da Ponte Golden Gate. O sol mergulhava no horizonte quando finalmente chegamos a Marin County e saímos da autoestrada.

As estradas secundárias eram insanamente estreitas, serpenteando entre florestas, por encostas de colinas e na beira de desfiladeiros escarpados. Zoë não reduzia em momento nenhum.

— Por que tudo cheira a pastilhas para a garganta? — perguntei.

— Eucalipto. — Zoë apontou para as árvores imensas em toda a nossa volta.

— Aquela coisa que os coalas comem?

— E os monstros — disse ela. — Eles adoram mastigar as folhas. Especialmente os dragões.

— Os dragões mastigam folhas de eucaliptos?

— Acredite em mim — disse Zoë —, se vós tivésseis hálito de dragão, também mastigaríeis eucalipto.

Eu não questionei, mas mantive os olhos mais abertos enquanto seguíamos. À nossa frente avultava o Monte Tamalpais. Creio que, em termos de montanha, essa era pequena, mas parecia suficientemente grande à medida que nos aproximávamos.

— Então é esse o Monte do Desespero? — perguntei.

— Sim — disse Zoë, tensa.

— Por que o chamam assim?

Ela se manteve calada por mais de um quilômetro antes de responder.

— Depois da guerra entre os titãs e os deuses, muitos titãs foram punidos e aprisionados. Cronos foi feito em pedaços e lançado no Tártaro. O braço direito de Cronos, o general de suas forças, foi preso lá em cima, no topo, logo depois do Jardim das Hespérides.

— O General — disse eu. As nuvens pareciam espiralar em torno do pico,

como se a montanha as estivesse recolhendo, rodando-as como um pião. — O que está acontecendo lá em cima? Uma tempestade?

Zoë não respondeu. Tive a sensação de que ela sabia exatamente o que significavam as nuvens e que não gostava daquilo.

— Precisamos nos concentrar — afirmou Thalia. — A Névoa é muito forte aqui.

— O tipo mágico ou o natural? — perguntei.

— Ambos.

As nuvens cinzentas rodopiavam ainda mais espessas sobre a montanha, e nós continuamos seguindo na direção delas. Estávamos fora da floresta agora, em amplos espaços de desfiladeiros e grama e pedras e nevoeiro.

Olhei por acaso para o oceano quando passávamos por uma curva, e vi algo que me fez pular no assento.

— Olhem! — Mas dobramos uma esquina e o oceano desapareceu atrás das colinas.

— O que foi? — perguntou Thalia.

— Um grande navio branco — disse eu. — Atracado perto da praia. Parecia um navio de cruzeiro.

Os olhos dela se arregalaram.

— O navio de Luke?

Eu queria dizer que não tinha certeza. Podia ser uma coincidência. Mas eu não ia acreditar nisso. O *Princesa Andrômeda*, o demoníaco cruzeiro de Luke, estava ancorado naquela praia. Fora esse o motivo por que ele enviara o navio para o Canal do Panamá. Era a única maneira de navegar da Costa Leste para a Califórnia.

— Nós teremos companhia, então — disse Zoë, sombria. — O exército de Cronos.

Eu estava prestes a responder quando de repente os cabelos em minha nuca se eriçaram. Thalia gritou: — Pare o carro. AGORA!

Zoë deve ter pressentido que havia alguma coisa errada, pois pisou fundo no freio sem questionar. O VW amarelo rodopiou duas vezes antes de parar na beira do precipício.

— Saiam! — Thalia abriu a porta e me empurrou com força. Ambos rolamos para o calçamento. No segundo seguinte: *BUUUM!*

Um raio cintilou e o Volkswagen do dr. Chase explodiu como uma granada amarelo-canário. Eu teria sido morto pelos estilhaços não fosse pelo escudo de Thalia, que surgiu acima de mim. Ouvi um som como o de uma chuva de metal, e quando abri os olhos, estávamos cercados pelos destroços do carro. Parte do para-lama do VW estava cravada na estrada. O capô fumegante rodopiava.

Pedaços de metal amarelo se espalhavam por ali.

Engoli o gosto de fumaça que havia em minha boca e olhei para Thalia.

— Você salvou minha vida.

— *E, pela mão do pai, um irá sucumbir* — murmurou ela. — Maldito seja. Ele iria me destruir? *A mim?*

Levei um segundo para perceber que ela estava falando de seu pai.

— Ah, ei, aquele não podia ser um raio de Zeus. Não tem como.

— De quem, então? — perguntou Thalia.

— Não sei. Zoë falou o nome de Cronos. Talvez ele...

Thalia sacudiu a cabeça, parecendo com raiva e aturdida.

— Não. Não foi ele.

— Espere — disse eu. — Cadê Zoë? Zoë!

Ambos nos levantamos e corremos ao redor do VW destruído. Não havia nada lá dentro. Nem na estrada, em nenhuma direção. Olhei o desfiladeiro lá embaixo. Nenhum sinal dela.

— Zoë! — gritei.

Então ela apareceu de pé bem ao meu lado, puxando-me pelo braço.

— Silêncio, tolo! Quereis acordar Ládon?

— Está dizendo que já chegamos?

— Estamos muito perto — disse ela. — Seguime.

Lençóis de névoa deslizavam, atravessando a estrada. Zoë entrou em um deles e, quando a neblina passou, ela não estava mais lá. Thalia e eu nos entreolhamos.

— Concentre-se em Zoë — aconselhou Thalia. — Nós a estamos seguindo. Entre no nevoeiro e fique pensando nisso.

— Espere, Thalia. Sobre o que aconteceu lá no píer... Isto é, com o manticore e o sacrifício...

— Eu não quero falar sobre isso.

— Você não teria... você sabe...

Ela hesitou.

— Eu só estava impressionada. Só isso.

— Zeus não lançou aquele raio no carro. Foi Cronos. Ele está tentando manipular você, deixá-la com raiva de seu pai.

Ela respirou fundo.

— Percy, sei que você está tentando fazer com que eu me sinta melhor. Obrigada. Mas, ande. Precisamos ir.

Ela deu um passo no nevoeiro, adentrando a Névoa, e eu fiz o mesmo.

Quando o nevoeiro clareou, eu ainda estava na encosta da montanha, mas a estrada era de terra, a grama, mais espessa. O pôr do sol abria um talho vermelho-sangue no mar. O cume da montanha agora parecia mais próximo,

com a espiral de nuvens de tempestade e o poder em estado bruto. Só havia um caminho para o topo, diretamente à nossa frente. E seguia por um luxuriante prado de sombras e flores: o jardim do crepúsculo, exatamente como eu vira em meu sonho.

Não fosse pelo enorme dragão, o jardim seria o lugar mais lindo que eu já vira. A grama tremeluzia com a luz prateada do anoitecer, e as flores tinham cores tão brilhantes que quase fulguravam no escuro. Pedras de mármore negro polido formavam um caminho em torno de uma macieira da altura de um prédio de cinco andares, e eu não me refiro a maçãs amareladas como as que vemos nos mercados. Mas, sim, a maçãs douradas de verdade. Não sei descrever por que eram tão encantadoras, mas logo que senti sua fragrância, soube que deviam ser a coisa mais deliciosa do mundo.

— As maçãs da imortalidade — disse Thalia. — O presente de casamento de Zeus para Hera.

Eu queria subir e pegar uma, mas lá estava o dragão enroscado na árvore.

Bem, eu não sei em que você pensa quando digo *dragão*. Mas, o que quer que seja, não é assustador o bastante. O corpo de serpente era tão grosso quanto um foguete auxiliar, brilhando com escamas de cobre. Ele tinha mais cabeças do que eu conseguia contar, como se uma centena de pítons mortais tivessem sido fundidas. Parecia estar dormindo. As cabeças estavam enroscadas formando um grande monte que se assemelhava a uma pilha de espaguete na grama, todos os olhos fechados.

Então as sombras à nossa frente começaram a se mover. Ouvimos um lindo e lúgubre canto, como vozes que viessem do fundo de um poço. Levei a mão à Contracorrente, mas Zoë me deteve. Quatro figuras tremeluziram, ganhando vida, quatro jovens que se pareciam muito com Zoë. Todas usavam quítones gregos brancos. Sua pele era como caramelo. Cabelos negros e sedosos caíam soltos em torno dos ombros. Era estranho, mas eu nunca havia percebido o quanto Zoë era bonita até ver suas irmãs, as Hespérides. Elas se pareciam muito com Zoë — lindas, e provavelmente muito perigosas.

— Irmãs — disse Zoë.

— Não estamos vendo nenhuma irmã — disse uma das garotas com frieza. — Vemos apenas dois meios-sangues e uma Caçadora. E todos irão morrer em breve.

— Você compreendeu mal. — Dei um passo adiante. — Ninguém vai morrer.

As garotas me estudaram. Tinham olhos como pedra vulcânica, vítreos e completamente negros.

— Perseu Jackson — disse uma delas.

— É — refletiu outra. — Não vejo por que ele seja uma ameaça.

— Quem disse que eu sou uma ameaça?

A primeira Hespéride olhou para trás, na direção do topo da montanha.

— Eles temem a vós. Estão insatisfeitos por *essa* aí ainda não vos ter matado.

Ela apontou para Thalia.

— Às vezes, é uma tentação — admitiu Thalia. — Mas, não, obrigada. Ele é meu amigo.

— Aqui não existem amigos, filha de Zeus — disse a garota. — Somente inimigos. Voltai.

— Não sem Annabeth — disse Thalia.

— E Ártemis — afirmou Zoë. — Devemos nos aproximar da montanha.

— Ele vos matará — disse a garota. — Não sois páreo para ele.

— A Senhora Ártemis precisa ser libertada — insistiu Zoë. — Deixai-nos passar.

A garota sacudiu a cabeça.

— Não tendes mais direitos aqui. Temos apenas de levantar a voz e Ládon acordará.

— Ele não vai me machucar — disse Zoë.

— Não? E o que me dizeis de vossos assim chamados amigos?

Então Zoë fez a última coisa que eu esperava. Ela gritou.

— Ládon! Acorde!

O dragão agitou-se, brilhando como uma montanha de moedinhas. As Hespérides gritaram e se dispersaram. A líder disse a Zoë: — Estais louca?

— Nunca tivestes coragem, irmã — replicou Zoë. — Este é o vosso problema.

O dragão Ládon agora estava se contorcendo, uma centena de cabeças açoitando o vazio, as línguas movendo-se e provando o ar. Zoë deu um passo à frente, os braços levantados.

— Zoë, não — pediu Thalia. — Você não é mais uma Hespéride. Ele vai matá-la.

— Ládon é treinado para proteger a árvore — disse Zoë. — Margeai os limites do jardim. Subi a montanha. Contanto que eu seja uma ameaça maior, ele deve vos ignorar.

— *Deve* — disse eu. — Não é muito tranquilizador.

— É a única maneira — disse ela. — Mesmo nós três juntos não podemos lutar contra ele.

Ládon abriu as bocas. O som de cem cabeças silvando ao mesmo tempo fez um arrepio percorrer as minhas costas, e isso antes de seu hálito chegar até mim. O cheiro era como ácido. Fez meus olhos queimar, a pele arrepiar e o cabelo eriçar-se. Lembrei-me da vez em que um rato havia morrido dentro da parede de

nosso apartamento em Nova York, no meio do verão. O cheiro era como aquele, só que agora cem vezes mais forte e misturado ao cheiro de eucalipto mastigado. Prometi a mim mesmo naquele momento que *jamais* pediria na enfermaria da escola outra pastilha para tosse.

Eu queria puxar minha espada, mas me lembrei de meu sonho com Zoë e Héracles, e como Héracles fracassara num ataque direto. Resolvi confiar no julgamento de Zoë.

Thalia foi para a esquerda, eu fui para a direita. Zoë encaminhou-se diretamente para o monstro.

— Sou eu, meu dragãozinho — disse ela. — Zoë voltou.

Ládon deslocou-se para a frente, depois para trás. Algumas das bocas se fecharam. Algumas continuaram a sibilar. Um dragão confuso. Enquanto isso, as Hespérides tremeluziram e se transformaram em sombras. A voz da mais velha sussurrou: — Tola.

— Eu costumava vos alimentar na mão — continuou Zoë, falando com uma voz tranquilizadora enquanto se aproximava da árvore dourada. — Ainda gostais de carne de cordeiro?

Os olhos do dragão cintilaram.

Thalia e eu estávamos a meio caminho no jardim. Adiante, eu via uma única trilha pedregosa levando ao topo negro da montanha. A tempestade rodopiava no alto, girando como se o cume fosse o eixo do mundo inteiro.

Tínhamos quase vencido a campina quando alguma coisa deu errado. Senti o humor do dragão mudar. Talvez Zoë tivesse chegado perto demais. Talvez o dragão tivesse percebido que estava com fome. Qualquer que tenha sido o motivo, ele investiu contra Zoë.

Dois mil anos de treinamento mantiveram-na viva. Ela se desviou de um conjunto de presas dilaceradoras e tropeçou debaixo de outro, ziguezagueando entre as cabeças do dragão enquanto corria na nossa direção, nauseada com o horrível hálito do monstro.

Saquei Contracorrente para ajudar.

— Não! — arfou Zoë. — Correi!

O dragão tentou mordê-la, e Zoë gritou. Thalia acionou Aegis, e o dragão sibilou. Em seu momento de indecisão, Zoë disparou montanha acima, passando por nós, que a seguimos.

O dragão não tentou nos perseguir; sibilou e bateu o pé no chão, mas creio que estava muito bem treinado para guardar aquela árvore. Ele não seria afastado de lá, nem mesmo pela deliciosa perspectiva de comer alguns heróis.

Subimos correndo a montanha enquanto as Hespérides recomeçavam a cantar nas sombras atrás de nós. A música agora já não me parecia tão bonita — era

mais como a trilha sonora de um funeral.

No topo da montanha havia ruínas, blocos de granito e mármore negros tão grandes quanto casas. Colunas quebradas. Estátuas de bronze que pareciam um pouco derretidas.

— As ruínas do Monte Otris — sussurrou Thalia, incrédula.

— Sim — disse Zoë. — Não estavam aqui antes. Mau sinal.

— O que é o Monte Otris? — perguntei, sentindo-me como sempre um tolo.

— A fortaleza da montanha dos titãs — respondeu Zoë. — Na primeira guerra, Olimpo e Otris eram as duas capitais rivais do mundo. Otris era... — Ela estremeceu e levou a mão à lateral do corpo.

— Você está ferida — eu disse. — Deixe-me ver.

— Não! Não é nada. Eu ia dizendo... na primeira guerra, Otris foi destroçado.

— Mas... como pode estar aqui?

Thalia olhava ao redor com cuidado à medida que abríamos caminho em meio aos destroços, passando por blocos de mármore e arcadas quebradas.

— Ele muda de lugar da mesma forma que o Olimpo. E sempre existe nas margens da civilização. Mas o fato de estar aqui, *nesta* montanha, não é bom.

— Por quê?

— Esta é a montanha de Atlas — disse Zoë. — Onde ele segura... — Ela imobilizou-se. Sua voz estava tomada pelo desespero. — Onde ele costumava segurar o céu.

Havíamos chegado ao cume. Alguns metros à nossa frente, nuvens cinzentas turbilhonavam num pesado vórtice, formando um funil que quase tocava o topo da montanha, mas que, em vez disso, descansava nos ombros de uma menina de doze anos de cabelos avermelhados e vestido prateado em farrapos: Ártemis, com as pernas presas à pedra por correntes de bronze celestial. Fora isso que eu vira em meu sonho. Não era um teto de caverna que Ártemis era forçada a segurar. Era o teto do mundo.

— Minha senhora!

Zoë correu para ela, mas Ártemis disse:

— Pare! É uma armadilha. Vocês precisam partir agora.

A voz dela estava exaurida; seu corpo, encharcado de suor. Eu nunca vira uma deusa com dor antes, mas o peso da abóbada celeste era claramente demasiado para Ártemis.

Zoë estava chorando. Ela continuou correndo, apesar dos protestos de Ártemis, e puxou as correntes.

Uma voz estrondosa falou às nossas costas:

— Ah, que comovente.

Nós nos viramos. Ali estava o General, de pé, em seu terno marrom de seda. Ao seu lado, estavam Luke e meia dúzia de víboras carregando o sarcófago de ouro de Cronos. Annabeth estava ao lado de Luke, de mãos algemadas às costas e com uma mordaça na boca. Luke mantinha a ponta da espada em sua garganta.

Meus olhos encontraram os dela, tentando lhe fazer mil perguntas. No entanto, ela me enviava apenas uma mensagem: *FUJA*.

— Luke — rosnou Thalia. — Solte-a.

O sorriso de Luke era fraco e pálido. Ele parecia ainda pior do que três dias antes, em Washington.

— Essa decisão é do General, Thalia. Mas é bom revê-la.

Thalia cuspiu nele.

O General deu uma risadinha.

— É isso que se recebe dos velhos amigos. E você, Zoë. Há quanto tempo! Como vai minha pequena traidora? Vai ser um prazer matá-la.

— Não responda — gemeu Ártemis. — Não o desafie.

— Espere um segundo — disse eu. — Você é Atlas?

O General me olhou.

— Bem, até mesmo o mais estúpido dos heróis pode deduzir alguma coisa. Sim, eu sou Atlas, o general dos titãs e terror dos deuses. Parabéns. Vou matá-lo daqui a pouco, assim que liquidar com essa garota desgraçada.

— Você não vai machucar Zoë — disse eu. — Não vou deixar.

O General riu com desprezo.

— Você não tem o direito de interferir, heroizinho. Esta é uma questão de família.

Franzi a testa.

— Questão de família?

— É — disse Zoë com tristeza. — Atlas é o meu pai.

# DEZESSETE

Levanto alguns milhões de quilos

O mais horrível era que eu podia ver a semelhança de família. Atlas tinha a mesma expressão régia de Zoë, o mesmo olhar frio e orgulhoso que ela às vezes exibia quando estava com raiva, embora nele parecesse milhares de vezes mais malévolo. Ele era todas as coisas com as quais eu havia originalmente antipatizado em Zoë, sem nenhuma das qualidades que eu viera a apreciar.

— Liberte Ártemis — exigiu Zoë.

Atlas aproximou-se da deusa acorrentada.

— Talvez você queira assumir o céu no lugar dela, então? Fique à vontade.

Zoë abriu a boca para falar, mas Ártemis disse:

— Não! Não ofereça isso, Zoë! Eu a proíbo!

Atlas sorriu, afetado. Ajoelhou-se ao lado de Ártemis e tentou tocar-lhe o rosto, mas a deusa o mordeu, quase arrancando-lhe os dedos.

— Uh-uh — exultou Atlas. — Está vendo, filha? A Senhora Ártemis gosta de seu novo trabalho. Acho que vou fazer todos os olimpianos se alternarem carregando meu fardo quando o Senhor Cronos for o rei novamente e este for o centro do nosso palácio. Vai ensinar um pouco de humildade àqueles fracotes.

Olhei para Annabeth. Ela tentava desesperadamente me dizer algo. Acenou com a cabeça na direção de Luke. Mas tudo o que eu conseguia fazer era olhar para ela. Eu não havia percebido antes, mas alguma coisa nela mudara. Seu cabelo louro agora estava mesclado de cinza.

— De segurar o céu — murmurou Thalia, como se tivesse lido minha mente. — O peso devia tê-la matado.

— Não entendo — disse eu. — Por que Ártemis não pode simplesmente soltar o céu?

Atlas riu.

— Como você sabe pouco das coisas, meu jovem. Este é o ponto em que o

céu e a terra primeiro se encontraram, onde Urano e Gaia deram à luz seus poderosos filhos, os titãs. O céu ainda anseia em abraçar a terra. Alguém precisa mantê-lo a distância, caso contrário ele desabaria sobre este lugar, instantaneamente achatando a montanha e tudo num raio de cem léguas. Uma vez que você assuma o fardo, não tem como escapar — sorriu Atlas. — A menos que alguém o assuma em seu lugar.

Ele se aproximou de nós, estudando Thalia e eu.

— Então são esses os melhores heróis de agora, é? Não são um desafio muito grande.

— Lute conosco — desafiei. — E vamos ver.

— Os deuses não lhe ensinaram nada? Um imortal não luta com um mero mortal diretamente. Está abaixo de nossa dignidade. Luke vai esmagá-lo em meu lugar.

— Então você é outro covarde — disse eu.

Os olhos de Atlas brilharam de ódio. Com dificuldade, ele voltou a atenção para Thalia.

— Quanto a você, filha de Zeus, parece que Luke estava enganado a seu respeito.

— Eu não estava enganado — conseguiu dizer Luke. Ele parecia terrivelmente fraco, e pronunciava cada palavra como se isso lhe causasse dor. Se não o odiasse tanto, eu quase teria sentido pena dele. — Thalia, você ainda pode se juntar a nós. Chame o Ofiotauro. Ele virá até você. Veja!

Ele agitou a mão, e perto de onde estávamos surgiu um tanque de água: um pequeno lago cercado de mármore negro, grande o suficiente para o Ofiotauro. Eu imaginei Bessie naquele tanque. Na verdade, quanto mais pensava, mais tinha certeza de que podia ouvir Bessie mugindo.

*Não pense nele!* De repente a voz de Grover estava dentro da minha cabeça — a conexão empática. Eu podia sentir suas emoções. Ele estava à beira do pânico. *Estou perdendo Bessie. Bloqueie os pensamentos!*

Tentei esvaziar minha mente. Tentei pensar em jogadores de basquete, em skates, nos diferentes tipos de doce da loja em que mamãe trabalhava. Qualquer coisa, menos Bessie.

— Thalia, chame o Ofiotauro — insistiu Luke. — E você será mais poderosa que os deuses.

— Luke... — A voz dela estava cheia de dor. — O que aconteceu com você?

— Não se lembra de todas aquelas nossas conversas? Todas as vezes em que amaldiçoamos os deuses? Nossos pais não fizeram nada por nós. Eles não têm o direito de governar o mundo!

Thalia sacudia a cabeça.

— Liberte Annabeth. Deixe-a ir.

— Se você se juntar a mim — prometeu Luke —, pode ser como nos velhos tempos. Nós três juntos. Lutando por um mundo melhor. Por favor, Thalia, se você não concordar...

A voz dele falhou.

— É minha última chance. Ele vai usar o outro método se você não concordar. Por favor.

Eu não sabia a que ele se referia, mas o medo em sua voz soava suficientemente verdadeiro. Eu acreditava que Luke estivesse correndo perigo. A vida dele dependia de Thalia juntar-se à sua causa. E eu receava que Thalia acreditasse nisso também.

— Não, Thalia — advertiu Zoë. — Precisamos combatê-los.

Luke agitou a mão novamente, e um fogo surgiu. Um braseiro de bronze, como o que havia no acampamento. Uma chama de sacrifício.

— Thalia — disse eu. — Não.

Atrás de Luke, o sarcófago de ouro começou a brilhar. Com isso, vi imagens na névoa em toda a nossa volta: muros de mármore negro se erguendo, as ruínas se tornando completas, um lugar belo e terrível levantando-se ao nosso redor, feito de medo e sombras.

— Vamos erguer o Monte Otris bem aqui — disse Luke numa voz tão forçada que mal parecia a dele. — Mais uma vez, ele será mais forte e maior que o Olimpo. Olhe, Thalia. Nós não somos fracos.

Ele apontou na direção do oceano, e meu coração se afligiu. Marchando montanha acima, da praia em que o *Princesa Andrômeda* estava ancorado, vinha um grande exército. Víboras e lestrigões, monstros e meios-sangues, cães infernais, harpias e outras coisas que eu não sabia nem sequer nomear. O navio inteiro devia ter sido esvaziado, pois havia centenas, muitos mais do que eu vira a bordo no último verão. E eles vinham marchando em nossa direção. Em alguns minutos, estariam ali.

— Isso é só uma amostra do que está por vir — disse Luke. — Logo nós estaremos prontos para a invasão do Acampamento Meio-Sangue. E, depois, do próprio Olimpo. Tudo o que precisamos é da sua ajuda.

Por um momento terrível, Thalia hesitou. Ela olhava fixamente para Luke, os olhos cheios de dor, como se a única coisa que quisesse no mundo fosse acreditar nele. Então ela apontou sua lança.

— Você não é Luke. Eu não o conheço mais.

— Sim, conhece, Thalia — implorou ele. — Por favor. Não me faça... Não faça com que *ele* destrua você.

Não havia tempo. Se aquele exército chegasse ao topo da colina, seríamos

subjugados. Encontrei os olhos de Annabeth novamente. Ela assentiu.

Olhei para Thalia e Zoë e concluí que não seria a pior coisa do mundo morrer lutando ao lado de amigos assim.

— Agora — disse eu.

Juntos, atacamos.

Thalia foi direto para Luke. O poder de seu escudo era tão grande que os guarda-costas dele, que eram mulheres-dragão, fugiram em pânico, deixando cair o caixão de ouro e largando-o sozinho. Mas, apesar de sua aparência doentia, Luke ainda era rápido com a espada. Ele rosnou como um animal selvagem e contra-atacou. Quando sua espada, Mordecostas, encontrou o escudo de Thalia, uma bola de raios surgiu entre eles, fritando o ar com fios amarelos de energia.

Quanto a mim, fiz a coisa mais estúpida da minha vida, o que dizia muito de mim. Ataquei o titã Atlas.

Ele riu quando me aproximei. Uma imensa lança pareceu em suas mãos. Seu terno de seda transformou-se em uma armadura grega completa.

— Avante, então!

— Percy! — gritou Zoë. — Cuidado!

Eu sabia sobre o que ela estava me avisando. Quíron havia me dito fazia muito tempo: *Os imortais são refreados por antigas regras. Mas um herói pode ir a qualquer lugar, desafiar qualquer um, desde que tenha coragem.* Uma vez que eu atacasse, porém, Atlas estaria livre para reagir, com todo o seu poder.

Brandi minha espada e Atlas me lançou para um lado com a haste de sua lança. Voei pelo ar e bati ruidosamente num muro negro. Não era mais a Névoa. O palácio estava se erguendo, tijolo por tijolo. Estava se tornando real.

— Tolo! — gritou Atlas alegremente, desviando uma das flechas de Zoë. — Achou que só porque desafiou aquele insignificante deus da guerra podia ser páreo para *mim*?

A menção a Ares fez um choque percorrer meu corpo. Tentei me livrar do atordoamento e voltei a atacar. Se eu conseguisse chegar àquele tanque de água, poderia dobrar minhas forças.

A ponta da azagaia veio em minha direção como uma foice. Ergui Contracorrente, planejando cortar a arma pela haste, mas meu braço parecia de chumbo. Minha espada de repente pesava uma tonelada.

E eu me lembrei do aviso de Ares, falado na praia, em Los Angeles, tanto tempo atrás: *Quando mais precisar dela, sua espada irá desapontá-lo.*

*Não agora!*, implorei. Mas de nada adiantou. Tentei me desviar, mas a lança me acertou no peito e me lançou pelo ar como um boneco de pano. Desabei no chão, a cabeça girando. Olhei para cima e descobri que estava aos pés de

Ártemis, ainda fazendo imenso esforço sob o peso do céu.

— Corra, garoto — disseme ela. — Você precisa correr!

Atlas não tinha pressa em vir me pegar. Minha espada deslizara para a beira do precipício. Deveria reaparecer em meu bolso — talvez em alguns segundos —, mas isso não tinha importância. Eu estaria morto a essa altura. Luke e Thalia lutavam como demônios, raios disparando em torno deles. Annabeth estava caída no chão, tentando desesperadamente soltar as mãos.

— Morra, heroizinho — disse Atlas.

Ele ergueu a lança para me empalar.

— Não! — gritou Zoë, e uma porção de flechas de prata surgiram na fenda na axila da armadura de Atlas.

— Ai! — gritou ele, voltando-se na direção da filha.

Levei a mão ao bolso e senti que Contracorrente estava ali de volta. Mas eu não podia lutar contra Atlas, nem mesmo com uma espada. E então um calafrio desceu pelas minhas costas. Lembrei-me das palavras da profecia: *A maldição do Titã um deve sustentar.* Eu não podia esperar vencer Atlas. Mas havia alguém que talvez tivesse uma chance.

— O céu — eu disse à deusa. — Passe-o para mim.

— Não, garoto — replicou Ártemis. Sua testa porejava um suor metálico, como mercúrio. — Você não sabe o que está pedindo. Ele vai esmagá-lo!

— Annabeth aguentou!

— Ela mal conseguiu sobreviver. E tinha o espírito de uma verdadeira Caçadora. Você não vai resistir tanto tempo.

— Vou morrer de qualquer forma — disse eu. — Me passe o peso do céu!

Eu não esperei sua resposta. Peguei Contracorrente e cortei-lhe as correntes. Então pus-me ao lado dela e me apoiei em um joelho — com as mãos estendidas para mim. Toquei as nuvens frias, pesadas. Por um momento, Ártemis e eu seguramos o peso juntos. Era a coisa mais pesada que eu já suportara, e tive a sensação de estar sendo esmagado debaixo de mil caminhões. Achei que fosse desmaiar por causa da dor, mas respirei fundo. *Eu posso fazer isso.*

Então Ártemis largou o fardo, e eu o segurei sozinho.

Mais tarde, eu tentei muitas vezes explicar o que senti. Não consegui.

Cada músculo em meu corpo parecia estar em fogo. Tinha a sensação de que meus ossos estavam se dissolvendo. Eu queria gritar, mas não tinha forças para abrir a boca. Comecei a afundar cada vez mais no chão, o peso do céu me comprimindo.

*Lute!*, disse a voz de Grover dentro da minha cabeça. *Não desista.*

Concentrei-me em respirar. Se conseguisse ao menos manter o céu no alto por mais alguns segundos... Pensei em Bianca, que dera a vida para que pudéssemos

chegar até ali. Se ela pôde fazer isso, eu podia segurar o céu.

Minha visão embaçou, tudo se tingindo de vermelho. Eu via lampejos da batalha, mas não tinha certeza se estava vendo com clareza. Lá estava Atlas com a armadura, espetando com sua lança, rindo de forma insana enquanto lutava. E Ártemis, um borrão prateado. Ela segurava duas facas de caça medonhas, ambas tão compridas quanto seu braço, e as brandia selvagemente contra o titã, desviando-se dos golpes dele e saltando com incrível graça. Ela parecia mudar de forma enquanto se deslocava. Era um tigre, uma gazela, um urso, um falcão. Ou talvez fosse apenas meu cérebro febril. Zoë disparava flechas contra o pai, mirando as fendas em sua armadura. Ele rugia de dor cada vez que uma delas alcançava o alvo, mas elas o afetavam como ferroadas de abelha. Só serviam para deixá-lo mais furioso, e ele continuava lutando.

Thalia e Luke se enfrentavam lança contra espada, raios ainda faiscando em torno deles. Thalia forçava Luke a retroceder, com a aura de seu escudo. Nem ele era imune ao seu efeito. Ele recuou, estremecendo e grunhindo de frustração.

— Renda-se! — gritou Thalia. — Você nunca conseguiu me vencer, Luke.

Ele mostrou os dentes.

— Vamos ver, minha velha amiga.

O suor escorria pelo meu rosto. Minhas mãos estavam escorregadias. Meus ombros teriam gritado de agonia se pudessem. Parecia que as vértebras na minha coluna estavam sendo soldadas por um maçarico.

Atlas avançava, coagindo Ártemis. Ela era rápida, mas a força dele era indestrutível. Sua lança bateu na terra em que Ártemis pisava uma fração de segundo antes e abriu uma fissura na pedra. Ele saltou sobre a fenda e continuou a persegui-la. Ela o estava trazendo de volta para onde eu estava.

*Prepare-se*, ela falou em minha mente.

Eu estava perdendo a capacidade de pensar em meio à dor. Minha resposta foi algo como *Aiiiiiiii-auuuuuuuuuuu*.

— Você luta bem para uma garota — riu Atlas. — Mas não é páreo para mim.

Ele fez uma finta com a ponta da lança e Ártemis desviou-se. Eu vi o que ele faria. A lança de Atlas varreu o ar e acertou as pernas de Ártemis, tirando-a do chão. Ela caiu, e Atlas ergueu a ponta da lança para o golpe final.

— Não! — gritou Zoë. Ela saltou entre o pai e Ártemis e disparou uma flecha direto na testa dele, que se alojou como um chifre de unicórnio. Atlas berrou de fúria. Tirou a filha do caminho com as costas da mão, lançando-a pelos ares em direção às rochas negras.

Eu queria gritar seu nome, correr para ajudá-la, mas não podia falar nem me mover. Não conseguia nem ver onde Zoë caíra. Então Atlas voltou-se para Ártemis com uma expressão de triunfo. Ela parecia ferida. Não se levantou.

— O primeiro sangue a correr numa nova guerra — regozijou-se Atlas. E então desceu a lança.

Tão rápida quanto o pensamento, Ártemis agarrou a haste da arma, que atingiu o solo bem ao lado dela. A deusa a puxou para trás, usando-a como uma alavanca, chutando o titã e mandando-o pelos ares acima dela. Eu vi que ele vinha caindo na minha direção e percebi o que iria acontecer. Afrouxei a força em meus braços, e quando Atlas desabou sobre mim, não tentei me segurar. Deixei-me ser empurrado e rolei para longe.

O peso do céu caiu sobre as costas de Atlas, quase esmagando-o até ele conseguir se colocar de joelhos, lutando para sair de sob o peso esmagador do céu. Mas era tarde demais.

— *Nãoooooo!* — Ele gritou tão alto que sacudiu a montanha. — *De novo, não!*

Atlas ficou preso sob seu antigo fardo.

Tentei me pôr de pé e voltei a cair, atordoado pela dor. Parecia que meu corpo estava pegando fogo.

Thalia acuou Luke até a beira do precipício, mas eles ainda lutavam perto do caixão de ouro. Thalia tinha lágrimas nos olhos. Luke tinha um corte sangrando no peito e seu rosto pálido brilhava de suor.

Ele investiu contra Thalia e ela o atingiu com o escudo. A espada de Luke voou de suas mãos e retiniu nas pedras. Thalia encostou a ponta da lança em sua garganta.

Por um momento, fez-se silêncio.

— Então? — perguntou Luke. Ele tentava esconder, mas eu podia perceber o medo em sua voz.

Thalia tremia de fúria.

Atrás dela, Annabeth aproximou-se tropeçando, finalmente livre de suas amarras. Seu rosto estava machucado e sujo.

— Não o mate!

— Ele é um traidor — disse Thalia. — Um traidor!

Em meu atordoamento, percebi que Ártemis não estava mais comigo. Ela havia corrido na direção das pedras negras, onde Zoë caíra.

— Vamos levar Luke de volta — pediu Annabeth. — Para o Olimpo. Ele... ele será útil.

— É isso que você quer, Thalia? — debochou Luke. — Voltar para o Olimpo em triunfo? Agradar a seu pai?

Thalia hesitou, e Luke, num gesto desesperado, tentou agarrar-lhe a lança.

— Não! — gritou Annabeth. Mas era tarde demais. Sem pensar, Thalia chutou Luke. Ele perdeu o equilíbrio, o terror estampado no rosto, e então caiu.

— Luke! — gritou Annabeth.

Corremos para a beira do precipício. Lá embaixo, o exército vindo do *Princesa Andrômeda* havia parado, perplexo. Eles olhavam a forma desarticulada de Luke nas pedras. Apesar do ódio que sentia por ele, não suportava ver aquilo. Queria acreditar que ele ainda estava vivo, mas isso era impossível. A queda fora de pelo menos quinze metros, e ele estava imóvel.

Um dos gigantes ergueu os olhos e grunhiu:

— Matem-nos!

Thalia estava imobilizada pelo pesar, as lágrimas correndo pelo rosto. Puxei-a para trás no momento em que uma onda de lanças passava sobre nossas cabeças. Corremos para as pedras, ignorando as pragas e as ameaças de Atlas ao passarmos por ele.

— Ártemis! — gritei.

A deusa ergueu os olhos, o rosto quase tão tomado pela dor quanto o de Thalia. Zoë jazia nos braços da deusa. Ela respirava, os olhos estavam abertos. No entanto...

— A ferida está envenenada — disse Ártemis.

— Atlas a envenenou? — perguntei.

— Não — respondeu a deusa. — Atlas não.

Ela nos mostrou a ferida na lateral do corpo de Zoë. Eu tinha quase esquecido seu confronto com Ládon, o dragão. A mordida fora muito pior do que Zoë nos fizera pensar. Eu mal conseguia olhar o ferimento. Ela entrara numa batalha contra o pai com um corte horrível já minando suas forças.

— As estrelas — murmurou Zoë. — Não consigo vê-las.

— Néctar e ambrosia — disse eu. — Venham! Precisamos conseguir um pouco para ela.

Ninguém se mexeu. A dor pairava no ar. O exército de Cronos estava logo abaixo da elevação do terreno. Até mesmo Ártemis estava chocada demais para se mover. Poderíamos ter encontrado nosso fim bem ali, mas nesse momento ouvi um estranho zumbido.

No instante em que o exército de monstros alcançava o topo do morro, um Sopwith Camel descia subitamente do céu.

— Fiquem longe da minha filha! — gritou o dr. Chase, e suas metralhadoras ganharam vida, crivando o solo com buracos de balas e fazendo dispersar, assustado, o grupo de monstros.

— Pai? — gritou Annabeth, incrédula.

— Corram! — gritou ele de volta, sua voz se tornando mais baixa à medida que o biplano passava acima de nossas cabeças.

Isso arrancou Ártemis de seu pesar. Ela ergueu os olhos para o avião antigo,

que agora fazia a volta para mais um bombardeio.

— Um homem de coragem — disse ela com contrariada aprovação. — Venham. Precisamos tirar Zoë daqui.

Ártemis levou a trompa de caça aos lábios, e seu som claro ecoou pelos vales de Marin. Os olhos de Zoë tremulavam.

— Aguente firme! — disse eu. — Tudo vai ficar bem!

O Sopwith Camel desceu novamente. Alguns gigantes atiraram lanças, e uma delas passou direto entre as asas do avião, mas as metralhadoras chamejaram. Percebi atônito que, de alguma forma, o dr. Chase devia ter conseguido bronze celestial para fabricar seus projéteis. A primeira fila de mulheres-cobras gemia enquanto a saraivada vinda das metralhadoras as transformava em pó amarelo sulfuroso.

— Aquele é... o meu pai! — disse Annabeth, perplexa.

Não tínhamos tempo para admirar sua técnica de voo. Os gigantes e as mulheres-cobras já estavam se recuperando da surpresa. O dr. Chase logo estaria em apuros.

Nesse exato momento, porém, a lua brilhou, e uma carruagem de prata surgiu no céu, puxada pelos mais lindos cervos que eu já tinha visto. Pousou bem ao nosso lado.

— Subam — disse Ártemis.

Annabeth me ajudou a colocar Thalia a bordo. Então ajudei Ártemis com Zoë, envolvendo-a num cobertor enquanto Ártemis assumia as rédeas, e a carruagem disparava céu adentro, se afastando da montanha.

— Como o trenó do Papai Noel — murmurei, ainda atordoado em razão da dor.

Ártemis olhou para mim por um momento.

— De fato, jovem meio-sangue. E de onde você acha que veio essa lenda?

Vendo-nos em segurança, o dr. Chase deu a volta com seu biplano e nos seguiu como uma escolta de honra. Deve ter sido uma das coisas mais estranhas já vistas, mesmo para a área da Baía de São Francisco: uma carruagem voadora prateada puxada por cervos e escoltada por um Sopwith Camel.

Atrás de nós, o exército de Cronos rugia em fúria, reunido no topo do Monte Tamalpais, mas o som mais alto era a voz de Atlas, berrando pragas contra os deuses sob o violento esforço de sustentar o peso do céu.

# DEZOITO

Uma amiga diz adeus

Aterrissamos em Crissy Field depois do cair da noite.

Assim que o dr. Chase desceu de seu Sopwith Camel, Annabeth correu para ele e lhe deu um grande abraço.

— Papai! Você voou... você atirou... ah, meus deuses! Isso foi a coisa mais incrível que eu já vi!

O pai dela corou.

— Bem, não foi tão mau para um mortal de meia-idade, eu acho.

— Mas e as balas de bronze celestial? Onde você as *conseguiu*?

— Ah, bem. Você deixou algumas armas de meios-sangues em seu quarto na Virgínia, da última vez que... partiu.

Annabeth baixou os olhos, envergonhada. Percebi que o dr. Chase tomou todo o cuidado para não dizer *fugiu*.

— Resolvi derreter algumas para fazer o invólucro de projéteis — continuou ele. — Foi só um pequeno experimento.

Ele falou como se aquilo fosse uma coisa à toa, mas tinha um brilho nos olhos. De repente, pude entender por que Atena, a deusa da sabedoria e da guerra, tivera uma queda por ele. No fundo, era um excelente cientista louco.

— Papai... — balbuciou Annabeth.

— Annabeth, Percy — interrompeu Thalia. Havia urgência em sua voz. Ela e Ártemis estavam ajoelhadas ao lado de Zoë, envolvendo em ataduras os ferimentos da caçadora.

Annabeth e eu corremos para ajudar, mas não havia muito que pudéssemos fazer. Não tínhamos ambrosia nem néctar. Nenhum remédio comum iria ajudar. Estava escuro, mas dava para ver que Zoë não estava nada bem. Ela tremia, e o brilho suave que em geral pairava em torno dela estava se apagando.

— Você não pode curá-la com magia? — perguntei a Ártemis. — Afinal...

você é uma deusa.

Ártemis parecia aflita.

— A vida é uma coisa frágil, Percy. Se as Parcas quiserem cortar os fios, há pouco que eu possa fazer. Mas posso tentar.

Ela tentou pousar a mão na lateral do corpo de Zoë, mas esta segurou seu braço. A Caçadora olhou dentro dos olhos da deusa, e algum tipo de entendimento aconteceu entre elas.

— Eu... vos servi bem? — sussurrou Zoë.

— Serviu com grande honra — disse suavemente Ártemis. — A melhor de minhas assistentes.

O rosto de Zoë relaxou.

— Descanso. Finalmente.

— Posso tentar curar o veneno, minha brava Caçadora.

Mas, naquele momento, eu soube que não era só o veneno que a estava matando. Fora o golpe final de seu pai. Zoë soubera todo o tempo que a profecia do Oráculo lhe dizia respeito: ela morreria pela mão do pai. E, no entanto, ela se empenhara na busca. Escolhera me salvar, e a fúria de Atlas a havia partido por dentro.

Ela viu Thalia e tomou-lhe a mão.

— Lamento que tenhamos discutido tanto — disse Zoë. — Poderíamos ter sido irmãs.

— Foi minha culpa — afirmou Thalia, piscando com força. — Você estava certa sobre Luke, sobre os heróis, os homens... sobre tudo.

— Talvez nem todos os homens — murmurou Zoë e me dirigiu um sorriso fraco. — Vós ainda tendes a espada, Percy?

Eu não conseguia falar, mas peguei Contracorrente e pus a caneta em sua mão. Ela a segurou, feliz.

— Você falou a verdade, Percy Jackson. Você não tem nada de... de Héracles. Sinto-me honrada por você carregar essa espada.

Um tremor percorreu-lhe o corpo.

— Zoë... — disse eu.

— As estrelas — sussurrou ela. — Posso ver as estrelas novamente, minha senhora.

Uma lágrima desceu pelo rosto de Ártemis.

— Sim, minha corajosa Caçadora. Elas estão lindas esta noite.

— As estrelas — repetiu Zoë.

Seus olhos se fixaram no céu noturno. E ela não mais se moveu.

Thalia baixou a cabeça. Annabeth engoliu um soluço, e seu pai pousou a mão em seus ombros. Fiquei olhando enquanto Ártemis punha a mão em concha

sobre a boca de Zoë e falava algumas palavras em grego antigo. Um fiapo prateado de fumaça exalou dos lábios de Zoë e foi apanhado pela mão da deusa. O corpo de Zoë tremulou e desapareceu.

Ártemis se pôs de pé, disse uma espécie de bênção, soprou na mão em concha e lançou a poeira prateada ao céu. Ela subiu, cintilando, e desapareceu.

Por um momento, eu nada vi de diferente. Então Annabeth arquejou. Erguendo os olhos para o céu, vi que as estrelas agora estavam mais brilhantes. Elas formavam um desenho que eu nunca havia notado — uma constelação reluzente que se assemelhava muito à silhueta de uma garota — uma garota com um arco, correndo pelo céu.

— Que o mundo a glorifique, minha Caçadora — disse Ártemis. — Viva para sempre nas estrelas.

Não foi fácil dizer adeus. Os raios e os trovões ainda ferviam sobre o Monte Tamalpais, ao norte. Ártemis estava tão perturbada que todo o seu ser piscava em luz prateada. Isso me deixava nervoso, pois se ela de repente perdesse o controle e aparecesse em sua forma divina plena, nós nos desintegraríamos ao olhá-la.

— Preciso ir para o Olimpo imediatamente — disse ela. — Não posso levá-los comigo, mas vou mandar ajuda.

A deusa pousou a mão no ombro de Annabeth.

— Você é imensamente corajosa, minha garota. Fará o que é certo.

Então olhou inquiridora para Thalia, como se não soubesse que juízo fazer daquela jovem filha de Zeus. Thalia parecia relutante em erguer os olhos, mas algo a obrigou e ela sustentou o olhar da deusa. Não tenho certeza do que aconteceu entre as duas, mas o olhar de Ártemis suavizou-se com simpatia. Então ela se voltou para mim.

— Você se saiu muito bem — falou. — Para um homem.

Eu quis protestar, mas então percebi que era a primeira vez que ela não me chamava de garoto.

Ela subiu na carruagem, que começou a brilhar. Desviamos o olhar. Houve um clarão prateado, e a deusa desapareceu.

— Bem — suspirou o dr. Chase. — Ela é impressionante; embora deva dizer que ainda prefiro Atena.

Annabeth voltou-se para ele.

— Papai, eu... eu sinto muito que...

— Psiu. — Ele a abraçou. — Faça o que for preciso, minha querida. Eu sei que isso não é fácil para você.

Sua voz estava um pouco trêmula, mas ele dirigiu um sorriso valente a Annabeth.

Então ouvi o ruído de grandes asas batendo. Três pégasos desceram através da neblina: dois cavalos alados brancos e um completamente negro.

— Blackjack! — chamei.

*Ei, chefe!,* respondeu ele. *Você conseguiu sobreviver bem sem mim?*

— Foi duro — admiti.

*Trouxe Guido e Porkpie comigo.*

*Como vai?* Os outros dois pégasos falaram em minha mente.

Blackjack me olhou, preocupado, então olhou para o dr. Chase, Thalia e Annabeth. *Quer que massacremos algum desses bandidos?*

— Não — disse eu em voz alta. — São meus amigos. Precisamos chegar ao Olimpo bem rápido.

*Sem problema,* disse Blackjack. *Exceto por esse mortal aí. Espero que ele não vá.*

Assegurei-lhe que o dr. Chase não iria. O professor olhava boquiaberto os pégasos.

— Fascinante — disse ele. — Que manobrabilidade! Como será que a envergadura das asas compensa o peso do corpo do cavalo, eu me pergunto.

Blackjack inclinou a cabeça. *O queeeeeê?*

— Ora, se os britânicos tivessem esses pégasos na cavalaria na Crimeia — ponderou o dr. Chase —, no ataque da brigada ligeira...

— Pai! — interrompeu-o Annabeth.

O dr. Chase piscou. Ele olhou para a filha e conseguiu dar um sorriso.

— Desculpe-me, querida. Eu sei que precisa ir.

Ele lhe deu mais um último, desajeitado e bem-intencionado abraço. Quando ela se virou para montar o pégaso Guido, o dr. Chase chamou:

— Annabeth. Eu sei... eu sei que São Francisco é perigosa para você. Mas, por favor, lembre-se de que terá sempre um lugar na nossa casa. Vamos mantê-la segura.

Annabeth não respondeu, mas seus olhos estavam vermelhos quando ela se virou. O dr. Chase começou a falar mais alguma coisa, então aparentemente decidiu calar-se. Ele ergueu a mão em um triste adeus e começou a atravessar o campo escuro.

Thalia, Annabeth e eu montamos nossos pégasos. Juntos, elevamo-nos acima da baía e voamos na direção dos morros a leste. Logo São Francisco era apenas um crescente luzidio atrás de nós, com um ocasional brilho de raios ao norte.

Thalia estava tão exausta que adormeceu nas costas de Porkpie. Eu sabia que devia estar muito cansada para chegar a dormir no ar, a despeito de seu medo de altura, mas ela não tinha muito com que se preocupar. Seu pégaso voava com

desenvoltura, ajeitando-se de vez em quando para que Thalia continuasse segura em suas costas.

Annabeth e eu voávamos lado a lado.

— Seu pai parece legal — disse a ela.

Estava escuro demais para que eu visse sua expressão. Ela olhou para trás, embora a Califórnia agora estivesse muito distante de nós.

— Acho que sim — disse ela. — Vivemos discutindo há tanto tempo...

— É, você contou.

— Acha que eu menti sobre isso? — A pergunta soava como um desafio, mas um desafio indolente, como se ela estivesse perguntando a si mesma.

— Eu não disse que você estava mentindo. É só que... ele parece o.k. Sua madrasta também. Talvez eles, hum, tenham ficado mais legais desde a última vez que você os viu.

Ela hesitou.

— Eles ainda estão em São Francisco, Percy. Eu não posso morar tão longe do acampamento.

Eu não queria fazer a próxima pergunta. Tinha medo da resposta. Mas perguntei assim mesmo.

— Então, o que você vai fazer agora?

Sobrevoamos uma cidade, uma ilha de luzes no meio da escuridão. Ela passou tão rápido que bem poderíamos estar em um avião.

— Não sei — admitiu ela. — Mas obrigada por me resgatar.

— Ei, não foi nada. Somos amigos.

— Você não acreditou que eu estivesse morta?

— Nunca.

Ela hesitou.

— Nem Luke, você sabe. Quer dizer... ele não está morto.

Eu a fitei. Não sabia se ela estava sucumbindo ao estresse ou o quê.

— Annabeth, aquela queda foi muito feia. Não tem como...

— Ele não morreu — insistiu ela. — Eu sei. Da mesma forma que você sabia sobre mim.

A comparação não me deixou muito feliz.

As cidades passavam mais rapidamente agora, ilhas de luz que iam se juntando, até que toda a paisagem lá embaixo se transformou em um tapete resplandecente. A aurora se aproximava. O céu ia se tornando cinza ao leste. E, à frente, um imenso brilho branco e amarelo se espalhava diante de nós — as luzes de Nova York.

*Que tal essa velocidade, chefe?*, vangloriou-se Blackjack. *Vamos ter feno extra no café da manhã ou o quê?*

— Você é o cara, Blackjack — eu lhe disse. — Hum, quer dizer, o cavalo.

— Você não acredita no que falei sobre Luke — disse Annabeth —, mas vamos vê-lo outra vez. Ele está em apuros, Percy. Está sob o feitiço de Cronos.

Eu não estava com vontade de discutir, embora aquilo me deixasse furioso. Como ela ainda podia ter algum sentimento por aquele crápula? Como podia inventar desculpas para ele? Ele mereceu aquela queda. Mereceu... Está bem, eu vou dizer. Ele mereceu morrer. Diferentemente de Bianca. Diferentemente de Zoë. Luke não podia estar vivo. Não seria justo.

— Lá está. — A voz de Thalia; ela havia acordado. E apontava na direção de Manhattan, que rapidamente crescia em nosso campo de visão. — Começou.

— O que foi que começou? — perguntei.

Então olhei para onde ela apontava. Bem acima do Empire State Building, o Olimpo era uma ilha de luz por si só, uma montanha flutuante flamejando com tochas e braseiros, palácios brancos de mármore brilhando na atmosfera do início da manhã.

— O solstício de inverno — disse Thalia. — O Conselho dos Deuses.

# DEZENOVE

Os deuses votam em como nos matar

Voar já era suficientemente ruim para um filho de Poseidon, mas voar direto para o palácio de Zeus, com trovões e raios espiralando ao seu redor, era ainda pior.

Circulamos acima do centro de Manhattan, descrevendo uma órbita completa em torno do Monte Olimpo. Eu só estivera lá uma vez, subindo de elevador até o secreto sexcentésimo andar do Empire State Building. Dessa vez, se é que era possível, o Olimpo me impressionou ainda mais.

Na penumbra do início da manhã, tochas e fogueiras faziam os palácios na encosta da montanha luzir em vinte diferentes cores, do vermelho-sangue ao anil. Aparentemente ninguém dormia no Olimpo. As ruas sinuosas estavam cheias de semideuses, espíritos da natureza e deuses de menor importância, em carruagens ou liteiras transportadas por ciclopes. O inverno parecia não existir ali. Senti o cheiro de jardins em plena floração — jasmins e rosas, e outras flores ainda mais doces cujo nome eu não sabia. A música saía de muitas janelas, sons suaves de liras e flautas de bambu.

Dominando o pico da montanha erguia-se o maior palácio de todos, o reluzente e branco tribunal dos deuses.

Nossos pégasos nos deixaram no pátio externo, diante de imensos portões de prata. Antes que eu sequer pensasse em bater, os portões se abriram sozinhos.

*Boa sorte, chefe,* disse Blackjack.

— O.k. — Eu não sabia por quê, mas tinha um mau pressentimento. Nunca vira todos os deuses juntos. Sabia que qualquer um deles podia me transformar em pó, e alguns adorariam fazê-lo.

*Ei, se você não voltar, posso ficar com seu chalé como estábulo?*

Olhei para o pégaso.

*Foi só uma ideia,* disse ele. *Desculpe-me.*

Blackjack e seus amigos levantaram voo, deixando Thalia, Annabeth e eu sozinhos. Por um minuto, ficamos ali, olhando o palácio, do mesmo modo que ficamos diante de Westover Hall, o que parecia ter acontecido um milhão de anos atrás.

E então, lado a lado, entramos na sala do trono.

Doze enormes tronos formavam um U em torno de uma fogueira, na mesma disposição dos chalés no acampamento. O teto cintilava com constelações — até mesmo a mais nova, Zoë, a Caçadora, abrindo seu caminho no céu com o arco em posição de atirar.

Todos os assentos estavam ocupados. Cada deus e deusa tinha cerca de cinco metros, e eu vou lhe dizer uma coisa, se você algum dia tiver uma dúzia de superseres imensos e todo-poderosos voltando os olhos para você ao mesmo tempo... Bem, de repente, enfrentar monstros parecia mais um piquenique.

— Bem-vindos, heróis — disse Ártemis.

— Muuu!

Foi quando percebi a presença de Bessie e Grover.

Uma esfera de água flutuando no centro do salão, perto do fogo da lareira. Bessie nadava feliz de um lado para o outro, chicoteando sua cauda de serpente e cutucando com a cabeça as laterais e a base da esfera. Ele parecia estar gostando da novidade de nadar em uma bolha mágica. Grover estava ajoelhado diante do trono de Zeus, como se tivesse acabado de fazer um relatório, mas, quando nos viu, gritou:

— Vocês conseguiram!

E pôs-se a correr em minha direção. Mas então se lembrou de que estava voltando as costas para Zeus, e pediu permissão.

— Vá em frente — disse Zeus. Mas ele não estava prestando atenção em Grover. O Senhor dos Céus olhava intensamente para Thalia.

Grover aproximou-se, trotando. Nenhum dos deuses falava. Cada *clope* dos cascos de Grover ecoava no piso de mármore. Bessie espadanava em sua bolha de água. O fogo na lareira crepitava.

Olhei nervoso para meu pai, Poseidon. Ele estava vestido de forma semelhante à da última vez em que o vira: short de praia, camisa havaiana e sandálias. Tinha o rosto queimado de sol e curtido pelo tempo, com uma barba escura e olhos de um verde profundo. Eu não tinha certeza do que ele acharia de me ver outra vez, mas o canto de seus olhos se pregueava com rugas de riso. Ele fez um gesto com a cabeça, como se dissesse *Está tudo bem*.

Grover abraçou Annabeth e Thalia com entusiasmo. Então agarrou meus braços.

— Percy, Bessie e eu conseguimos! Mas você tem de convencê-los! Eles não podem fazer isso!

— Isso o quê? — perguntei.

— Heróis — chamou Ártemis.

A deusa desceu de seu trono e assumiu o tamanho humano, uma garota de cabelos avermelhados, perfeitamente à vontade em meio aos gigantes olimpianos. Ela caminhou em nossa direção, a túnica prateada tremeluzindo. Não havia nenhuma emoção em seu rosto. Parecia caminhar numa coluna de luar.

— O Conselho foi informado de seus feitos — disse-nos Ártemis. — Eles sabem que o Monte Otris está se erguendo no Oeste. Sabem da tentativa de Atlas de se libertar, e de Cronos reunindo exércitos. Nós votamos pela ação.

Houve um certo murmúrio e uma movimentação desconfortável entre os deuses, como se não estivessem de todo satisfeitos com esse plano, mas ninguém protestou.

— Sob o comando do Senhor Zeus — disse Ártemis —, meu irmão Apolo e eu iremos caçar os monstros mais poderosos, procurando abatê-los antes que possam se juntar à causa dos titãs. A Senhora Atena irá pessoalmente verificar os outros titãs para se certificar de que não escapem às suas várias prisões. O Senhor Poseidon recebeu permissão para liberar por completo sua fúria contra o navio de cruzeiro *Princesa Andrômeda* e mandá-lo para o fundo do mar. Quanto a vocês, meus heróis...

Ela voltou-se para encarar os outros imortais.

— Estes meios-sangues prestaram um grande serviço ao Olimpo. Alguém aqui negaria isso?

Ela olhou à sua volta, para os deuses reunidos, encarando-os individualmente. Zeus, em seu terno escuro risca de giz, a barba muito benfeita, e os olhos cintilando de energia. Ao lado dele, sentava-se uma linda mulher com cabelos prateados presos numa trança que caía sobre um ombro e vestido furta-cor como as penas de um pavão. A Senhora Hera.

À direita de Zeus, meu pai, Poseidon. Ao lado dele, um homenzarrão com um aparelho ortopédico em uma das pernas, a cabeça deformada e a barba castanha desgrenhada, com fogo tremeluzindo em meio à barba. O Senhor das Forjas, Hefesto.

Hermes piscou para mim. Hoje ele usava um terno de executivo, verificando mensagens em seu caduceu/telefone celular. Apolo reclinou-se no trono de ouro, com seus óculos de sol. Estava com os fones de ouvido de um iPod, portanto eu não tinha nem certeza de que estivesse ouvindo, mas ele me dirigiu um gesto com o polegar para cima. Dioniso parecia entediado, enroscando a haste de uma

videira entre os dedos. E Ares, bem, estava sentado em seu trono de mercúrio e couro me fulminando com os olhos enquanto afiava sua faca.

Do lado feminino da sala de tronos, uma deusa de cabelos escuros e túnica verde sentava-se ao lado de Hera em um trono tecido com galhos de macieira. Deméter, a deusa da colheita. Ao seu lado, uma bela mulher de olhos cinza, em um elegante vestido vermelho. Só podia ser a mãe de Annabeth, Atena. Depois, lá estava Afrodite, que me sorriu sugestivamente e me fez corar.

Todos os olimpianos em um só lugar. Era tanto o poder naquele recinto, que parecia um milagre o palácio todo não ir pelos ares.

— Sou obrigado a dizer — Apolo quebrou o silêncio — que esses garotos se saíram bem. — Ele pigarreou e começou a recitar: — *Heróis ganham louros...*

— Hum, sim, foram exemplares — interrompeu Hermes, como se estivesse ansioso para evitar a poesia de Apolo. — Todos a favor de não os desintegrar?

Algumas mãos se ergueram timidamente... Deméter, Afrodite.

— Esperem um pouco — grunhiu Ares. Ele apontou para Thalia e para mim. — Esses dois são perigosos. Seria muito mais seguro, aproveitando que estão aqui...

— Ares — interrompeu Poseidon —, eles são heróis valorosos. Não vamos fazer meu filho em pedaços.

—Tampouco minha filha — grunhiu Zeus. — Ela agiu muito bem.

Thalia enrubesceu, e pôs-se a examinar o chão. Eu sabia como ela se sentia. Eu mal falara com meu pai na vida, que dirá receber um elogio dele.

A deusa Atena limpou a garganta e sentou-se mais na beira do trono.

— Também estou orgulhosa da minha filha. Mas existe um risco de segurança aqui com os outros dois.

— Mãe! — disse Annabeth. — Como você pode...

Atena a cortou com um olhar calmo, porém firme.

— Foi uma infelicidade que meu pai, Zeus, e meu tio, Poseidon, tenham optado por quebrar seu juramento de não ter mais filhos. Somente Hades manteve a palavra, fato que considero irônico. Como sabemos da Grande Profecia, filhos dos três deuses mais antigos... como Thalia e Percy... são perigosos. Por mais estúpido que ele seja, Ares tem razão nesse ponto.

— Certo! — disse Ares. — Ei, espere um pouco. Quem você está chamando...

Ele começou a se levantar, mas uma haste de videira cresceu em torno de sua cintura, como um cinto de segurança, e o puxou de volta ao assento.

— Ah, por favor, Ares — suspirou Dioniso. — Guarde as pancadas para depois.

Ares xingou e arrancou a videira.

— Como se você pudesse falar alguma coisa, seu velho bêbado. Quer mesmo

proteger essas pestes?

Dioniso baixou os olhos para nós, entediado.

— Não tenho nenhum amor por eles. Atena, você acha mesmo que é mais seguro destruí-los?

— Eu não estou dando minha opinião — disse Atena. — Só estou chamando a atenção para o risco. O que faremos, é o Conselho que deve decidir.

— Não vou permitir que sejam punidos — disse Ártemis. — Mas, sim, recompensados. Se destruirmos heróis que nos prestam favores, então não seremos melhores que os titãs. Se isso é a justiça olimpiana, não quero ter nada a ver com ela.

— Acalme-se, mana — disse Apolo. — Puxa, você precisa levar as coisas menos a sério.

— Não me chame de *mana*! Eu vou premiá-los.

— Bem — grunhiu Zeus. — Talvez. Mas pelo menos o monstro deve ser destruído. Estamos de acordo quanto a isso?

Muitas cabeças assentiram.

Levei um segundo para perceber o que eles estavam dizendo. Então meu coração se transformou em chumbo.

— Bessie? Vocês querem destruir Bessie?

— Muuuuuuuuu! — protestou Bessie.

Meu pai franziu a testa.

— Você deu o nome de Bessie ao Ofiotauro?

— Pai — eu disse —, ele é apenas uma criatura do mar. Uma criatura do mar *muito* legal. Vocês não podem destruí-lo.

Poseidon, desconfortável, mudou de posição.

— Percy, o poder do monstro é considerável. Se os titãs o roubarem, ou...

— Vocês não podem — insisti. Olhei para Zeus. Eu devia temê-lo, mas olhei-o bem nos olhos. — Controlar as profecias nunca funciona. Isso não é verdade? Além disso, Bes... o Ofiotauro é inocente. Matar alguém assim é errado. É tão errado quanto... quanto Cronos comer os filhos só por causa de algo que eles *podem* vir a fazer. É errado!

Zeus pareceu considerar meu argumento. Seus olhos desviaram-se para a filha Thalia.

— E quanto ao risco? Cronos sabe muito bem que se um de vocês oferecesse um sacrifício com as entranhas da fera teria o poder de nos destruir. Acham que podemos permitir que isso seja possível? Você, minha filha, fará dezesseis anos amanhã, exatamente como diz a profecia.

— Vocês terão de confiar neles — pronunciou-se Annabeth. — Senhor, vocês terão de confiar neles.

Zeus franziu as sobrancelhas.

— Confiar em um herói?

— Annabeth tem razão — disse Ártemis. — Motivo por que eu quero primeiro oferecer uma recompensa. Minha fiel companheira, Zoë Doce-Amarga, passou às estrelas. Preciso de uma nova tenente. E tenho a intenção de escolher uma. Mas, primeiro, Pai Zeus, devo falar-lhe em particular.

Zeus fez sinal para que Ártemis se aproximasse. Ele se abaixou e ouviu enquanto ela lhe falava ao ouvido.

Uma sensação de pânico tomou conta de mim.

— Annabeth — disse eu baixinho. — Não.

Ela me olhou de testa franzida.

— O quê?

— Olhe, preciso dizer uma coisa a você — continuei. As palavras saíam aos tropeços. — Eu não ia suportar se... Eu não quero que você...

— Percy? — disse ela. — Você está com cara de quem vai vomitar.

E era assim que eu me sentia. Eu queria dizer mais, mas minha língua me traiu. Ela não se movia, por causa do medo em meu estômago. E então Ártemis virou-se.

— Eu terei uma nova tenente — anunciou ela. — Se ela aceitar o convite.

— Não — eu murmurei.

— Thalia — disse Ártemis. — Filha de Zeus. Quer se juntar à Caçada?

Um silêncio perplexo encheu o salão. Fitei Thalia, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Annabeth sorriu, apertou a mão de Thalia e a soltou, como se estivesse esperando isso o tempo todo.

— Eu quero — disse Thalia com firmeza.

Zeus ergueu-se, os olhos cheios de preocupação.

— Minha filha, pense bem...

— Pai — disse ela. — Eu não vou fazer dezesseis anos amanhã. Nunca farei dezesseis anos. Não deixarei que essa profecia seja minha. Ficarei com minha irmã Ártemis. Cronos nunca mais me tentará.

Ela se ajoelhou diante da deusa e pronunciou as palavras de que eu me lembrava do juramento de Bianca, que parecia ter acontecido tanto tempo atrás.

— Eu me comprometo com a deusa Ártemis. Dou as costas para a companhia dos homens...

Depois disso, Thalia fez algo que me surpreendeu quase tanto quanto o juramento. Ela se aproximou de mim, sorriu e, diante de toda a assembleia, me deu um grande abraço.

Eu fiquei vermelho.

Quando ela se afastou e segurou meus ombros, eu disse:

— Hum... não era para você não fazer mais isso? Isto é, abraçar garotos?

— Estou reverenciando um amigo — ela me corrigiu. — Eu preciso me juntar à Caçada, Percy. Não sei o que é paz desde... desde a Colina Meio-Sangue. E finalmente sinto que tenho um lar. Mas você é um herói. Você será aquele da profecia.

— Grande — murmurei.

— Tenho orgulho de ser sua amiga.

Ela abraçou Annabeth, que fazia força para não chorar. Depois abraçou Grover, que parecia prestes a desmaiar, como se alguém houvesse lhe dado um cupom válido para comer toda a *enchilada* que aguentasse.

Então Thalia foi postar-se ao lado de Ártemis.

— Agora vamos ao Ofiotauro — disse Ártemis.

— Este garoto ainda é perigoso — advertiu Dioniso. — A fera é uma tentação a um grande poder. Mesmo que poupemos o garoto...

— Não. — Olhei ao redor para todos os deuses. — Por favor. Mantenham o Ofiotauro a salvo. Meu pai pode escondê-lo em algum lugar debaixo do mar ou mantê-lo em um aquário aqui no Olimpo. Mas vocês precisam protegê-lo.

— E por que deveríamos confiar em você? — trovejou Hefesto.

— Tenho só quatorze anos — disse eu. — Se a profecia diz respeito a mim, ainda faltam dois anos.

— Dois anos para que Cronos o iluda — disse Atena. — Muita coisa pode mudar em dois anos, meu jovem herói.

— Mãe! — disse Annabeth, exasperada.

— É a verdade, criança. É uma estratégia ruim manter o animal vivo. Ou o menino.

Meu pai se pôs de pé.

— Não vou permitir que uma criatura do mar seja destruída se eu puder fazer alguma coisa. Eu *posso* fazer.

Ele estendeu a mão e um tridente surgiu nela: uma haste de bronze de seis metros, com três pontas de lança que brilhavam com uma luz azul pálida.

— Eu me responsabilizo pelo menino e pelo Ofiotauro.

— Você não vai levá-lo para o mar! — Zeus se levantou subitamente. — Não vou permitir que tenha esse poder de barganha.

— Irmão, por favor — suspirou Poseidon.

O raio de Zeus apareceu em sua mão, uma haste de eletricidade que encheu todo o salão com o cheiro do ozônio.

— Está bem — disse Poseidon. — Vou construir um aquário para a criatura aqui. Hefesto pode me ajudar. A criatura ficará em segurança. Vamos protegê-la

com todos os nossos poderes. O garoto não nos trairá. Dou minha palavra de honra.

Zeus pensou a respeito.

— Todos a favor?

Para minha surpresa, muitas mãos se ergueram. Dioniso se absteve. Assim como Ares e Atena. Mas todos os outros...

— Temos uma maioria — decretou Zeus. — E, portanto, como não vamos destruir estes heróis... creio que devamos fazer-lhes as honras da casa. Que tenha início a celebração do triunfo!

Existem festas, e existem festas enormes, espetaculares, estrondosas. E existem também as festas olimpianas. Se você um dia tiver a chance, escolha a olimpiana.

As Nove Musas deram início à música, e eu percebi que a canção era aquela que você queria que fosse: os deuses podiam ouvir música clássica e os jovens semideuses, hip-hop ou outra coisa qualquer, e era tudo a mesma trilha sonora. Não havia brigas. Nenhuma disputa para mudar a estação de rádio. Somente pedidos para aumentar o volume.

Dioniso circulava, fazendo surgir do chão mesas de comes e bebes, acompanhado por uma bela mulher, que andava de braços dados com ele — sua esposa, Ariadne. Dioniso me parecia feliz pela primeira vez. Néctar e ambrosia transbordavam de fontes de ouro, e travessas de tira-gostos mortais lotavam as mesas de banquete. Taças de ouro se enchiam com a bebida que você desejasse. Grover trotava de um lado para o outro, com um prato repleto de latas e *enchiladas*, a taça cheia de café com espuma de leite, e ele seguia murmurando acima dela, como um encantamento:

“Pã! Pã!”

Os deuses vinham a todo o momento me congratular. Felizmente, haviam se reduzido ao tamanho humano, para que não esmagassem acidentalmente os convidados da festa. Hermes começou a conversar comigo, e estava tão alegre que não tive coragem de dizer a ele o que havia acontecido com seu filho nada favorito, Luke. Mas, antes que eu pudesse reunir a coragem, Hermes recebeu uma ligação em seu caduceu e se afastou.

Apolo me disse que eu podia guiar sua carruagem do sol a qualquer hora, e se quisesse aulas de arco e flecha...

— Obrigado — agradeci. — Mas, é sério, não sou nada bom com arcos e flechas.

— Ah, bobagem — disse ele. — Praticar tiro ao alvo enquanto sobrevoamos os Estados Unidos? Não existe melhor diversão!

Dei algumas desculpas e abri caminho em meio à multidão que dançava nos pátios do palácio. Estava procurando Annabeth. A última vez em que a vira, ela estava dançando com algum deus menor.

Então uma voz masculina disse às minhas costas:

— Você não vai me decepcionar, espero.

Virei-me e deparei com Poseidon sorrindo para mim.

— Pai... oi.

— Olá, Percy. Você se saiu muito bem.

Seu elogio me deixou desconfortável. Quer dizer, era bom, mas eu sabia o quanto ele havia se arriscado, empenhando sua palavra por minha causa. Teria sido muito mais fácil deixar que os outros me desintegrassem.

— Não vou decepcioná-lo — prometi.

Ele assentiu. Eu tinha dificuldade em ler as emoções dos deuses e me perguntei se ele teria dúvidas.

— Seu amigo Luke...

— Ele não é meu amigo — falei sem pensar. Então percebi que devia ter sido rude de minha parte interrompê-lo. — Desculpe-me.

— Seu *ex*-amigo Luke — corrigiu Poseidon. — Ele já prometeu coisas assim. Era o orgulho e a alegria de Hermes. Tenha sempre isso em mente, Percy. Mesmo os mais bravos podem cair.

— Luke caiu e muito — concordei. — Ele está morto.

Poseidon sacudiu a cabeça.

— Não, Percy. Não está.

Eu o fitei, os olhos arregalados.

— O quê?

— Creio que Annabeth lhe tenha dito isso. Luke ainda vive. Eu vi. Seu barco está partindo de São Francisco, com os restos de Cronos, neste exato momento. Ele irá recuar e se reorganizar antes de atacá-lo novamente. Farei de tudo para destruir seu barco com tempestades, mas ele está fazendo alianças com meus inimigos, os espíritos mais antigos do oceano. Eles lutarão para protegê-lo.

— Como ele pode estar vivo? — perguntei. — Aquela queda devia tê-lo matado!

Poseidon parecia preocupado.

— Eu não sei, Percy, mas tenha cuidado com ele. Agora está mais perigoso que nunca. E o caixão de ouro ainda está com ele, ainda ganhando força.

— E quanto a Atlas? — perguntei. — Como evitar que ele escape de novo? Ele não pode forçar um gigante ou outra coisa a segurar o céu para ele?

Meu pai bufou com desdém.

— Se fosse tão fácil, ele teria escapado há muito tempo. Não, meu filho. A

maldição do céu só pode ser imposta a um titã, um dos filhos de Gaia e Urano. Qualquer outro precisa escolher assumir o fardo por sua própria vontade. Somente um herói, alguém com força, coração fiel e grande coragem, faria tal coisa. Ninguém no exército de Cronos ousaria tentar suportar aquele peso, mesmo sob pena de ser morto.

— Foi o que Luke fez — eu disse. — Libertou Atlas. E então enganou Annabeth, fazendo-a salvá-lo, e a usou para convencer Ártemis a segurar o céu.

— Sim — disse Poseidon. — Luke é... um caso interessante.

Acho que ele queria dizer mais, porém nesse exato momento Bessie começou a mugir do outro lado do pátio. Alguns semideuses estavam brincando com sua esfera de água, jogando-a alegremente para lá e para cá acima da multidão.

— É melhor eu cuidar disso — grunhiu Poseidon. — Não podemos deixar que o Ofiotauro seja jogado de um lado para o outro como uma bola de praia. Fique bem, meu filho. Talvez não nos falemos mais durante algum tempo.

E assim ele se foi.

Eu estava prestes a continuar procurando na multidão quando outra voz falou.

— Seu pai está assumindo um grande risco, você sabe.

Eu me vi cara a cara com uma mulher de olhos cinza que se parecia tanto com Annabeth que quase a chamei assim.

— Atena. — Tentei não parecer ressentido com a maneira como ela havia me queimado no conselho, mas acho que não consegui esconder muito bem.

Ela sorriu secamente.

— Não me julgue com muita dureza, meio-sangue. Os conselhos sábios nem sempre são populares, mas eu falei a verdade. Você é perigoso.

— Você nunca assume riscos?

Ela assentiu.

— Ponto pra você. Talvez você seja útil. E, no entanto... seu defeito fatal pode destruir tanto a nós quanto a você mesmo.

Meu coração veio até a boca. Havia um ano, Annabeth e eu tínhamos tido uma conversa sobre defeitos fatais. Todos os heróis têm um. O dela, ela confessou, era o orgulho. Ela acreditava que podia fazer qualquer coisa... como sustentar o peso do mundo, por exemplo. Ou salvar Luke. Mas eu não sabia de verdade qual era o meu.

Atena parecia quase sentir pena de mim.

— Cronos conhece o seu defeito, mesmo que você não conheça. Ele sabe como estudar seus inimigos. Pense, Percy. Como ele vem manipulando você? Primeiro, sua mãe foi tirada de você. Depois, seu melhor amigo, Grover. Agora minha filha, Annabeth. — Ela fez uma pausa, desaprovadora. — Em todos os casos aqueles que você ama foram usados para atraí-lo às armadilhas de Cronos.

Seu defeito fatal é a lealdade, Percy. Você não sabe a hora de recuar diante de uma situação sem saída. Para salvar um amigo, você sacrificaria o mundo. Para o herói da profecia, isso seria muito, muito perigoso.

Cerrei os punhos.

— Isso não é um defeito. Só porque quero ajudar meus amigos...

— Os defeitos mais perigosos são aqueles que, com moderação, são qualidades — afirmou ela. — É fácil lutar contra o mal. A falta de sabedoria... esta, sim, é muito difícil de vencer.

Eu queria discutir, mas percebi que não podia. Atena era muito inteligente.

— Espero que as decisões do Conselho se provem sábias — disse ela. — Mas eu estarei de olho, Percy Jackson. Não aprovo sua amizade com minha filha. Não creio que seja bom para nenhum dos dois. E você deveria começar a questionar sua lealdade...

Ela fixou o olhar frio e cinza em mim, e percebi que terrível inimiga Atena seria, dez vezes pior que Ares ou Dioniso ou quem sabe até mesmo meu pai. Atena nunca se renderia. Ela nunca faria nada temerário ou estúpido somente por odiá-lo, e se traçasse um plano para destruí-lo, este não falharia.

— Percy! — chamou Annabeth, correndo pela multidão. Parou abruptamente quando viu com quem eu estava conversando.

— Ah... mamãe.

— Vou deixá-los — disse Atena. — Por ora.

Ela virou-se e transpôs a multidão, que se abria diante dela como se ela estivesse carregando Aegis.

— Ela estava dando uma bronca em você? — perguntou Annabeth.

— Não — respondi. — Está... tudo bem.

Ela me observou, preocupada. Tocou a nova mecha grisalha em meu cabelo, que combinava perfeitamente com a dela — nosso doloroso suvenir por termos segurado o fardo de Atlas. Eu queria dizer muita coisa a Annabeth, mas Atena havia tirado minha confiança. Eu me sentia como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

*Não aprovo sua amizade com minha filha.*

— Então — começou Annabeth —, o que você queria me dizer mais cedo?

A música tocava. As pessoas dançavam nas ruas. Eu disse:

— Eu, hum, estava pensando que fomos interrompidos em Westover Hall. E... acho que lhe devo uma dança.

Ela sorriu lentamente.

— Está certo, Cabeça de Alga.

Então eu peguei a mão dela, e não sei o que as outras pessoas estavam

ouvindo, mas para mim era uma música lenta: um pouco triste, mas que talvez trouxesse um pouco de esperança também.

# VINTE

Ganho um inimigo como presente de natal

Antes de deixar o Olimpo, resolvi fazer algumas ligações. Não foi fácil, mas finalmente encontrei uma fonte tranquila em um jardim, num canto, e enviei uma mensagem de Íris para o meu irmão, Tyson, debaixo do mar. Contei-lhe sobre nossas aventuras, e sobre Bessie — ele quis ouvir cada detalhe sobre o bebê fofinho de vaca-serpente —, e lhe assegurei que Annabeth estava bem. Por fim, consegui explicar-lhe como o escudo que ele fizera para mim no verão anterior fora danificado no ataque do manticore.

— Ei! — exclamou Tyson. — Isso quer dizer que era bom! Salvou sua vida!

— Com certeza, grandão — disse eu. — Mas agora está destruído.

— Destruído não! — prometeu Tyson. — Vou lhe fazer uma visita e consertá-lo no próximo verão.

A ideia me animou imediatamente. Acho que não havia me dado conta do quanto sentia falta de ter Tyson por perto.

— Sério? — perguntei. — Vão deixar você tirar uma folga?

— Sim! Eu já fiz duas mil setecentas e quarenta e uma espadas mágicas — contou Tyson, orgulhoso, mostrando-me a lâmina mais nova. — O chefe diz “bom trabalho”! Ele vai me deixar tirar todo o verão de folga. Vou visitar o acampamento!

Conversamos um pouco sobre preparativos para a guerra e a luta de nosso pai com os velhos deuses do mar, e todas as coisas legais que poderíamos fazer juntos no verão, mas então o chefe de Tyson começou a gritar e ele teve de voltar ao trabalho.

Peguei meu último dracma de ouro e enviei mais uma mensagem de Íris.

— Sally Jackson — disse eu. — Upper East Side, Manhattan.

A névoa tremulou e lá estava minha mãe na mesa de nossa cozinha, rindo de mãos dadas com seu amigo, o sr. Balofice.

Fiquei tão constrangido que ergui a mão para agitar a névoa e cortar a conexão. Mas, antes que eu fizesse isso, mamãe me viu.

Seus olhos se arregalaram. Ela soltou a mão do sr. Balofice rapidamente.

— Ah, Paul! Sabe de uma coisa? Deixei meu fichário de redação na sala. Você se importa de pegá-lo para mim?

— Claro, Sally. Sem problema.

Ele deixou a cozinha e instantaneamente mamãe se inclinou na direção da mensagem de Íris.

— Percy! Está tudo bem com você?

— Eu estou, hum, bem. Como é que vai o seminário de redação?

Ela contraiu os lábios.

— Vai bem. Mas isso não é importante. Conte o que aconteceu!

Eu a pus a par de tudo o mais rapidamente possível. Ela suspirou de alívio quando ouviu que Annabeth estava bem.

— Eu sabia que você ia conseguir! — disse ela. — Estou tão orgulhosa.

— É, bem, é melhor eu deixá-la voltar para o seu dever de casa.

— Percy, eu... Paul e eu...

— Mãe, você está feliz?

A pergunta pareceu pegá-la de surpresa. Ela pensou por um instante.

— Sim. Muito, Percy. Ficar perto dele me deixa feliz.

— Então está legal. De verdade. Não se preocupe comigo.

O engraçado era que eu estava sendo sincero. Considerando a busca da qual eu acabara de participar, talvez devesse me preocupar com minha mãe. Tinha visto como as pessoas podem ser más para as outras, como Héracles foi para Zoë Doce-Amarga, como Luke foi com Thalia. Eu havia conhecido Afrodite, a deusa do amor, em pessoa, e seus poderes haviam me apavorado mais que os de Ares. Mas ao ver minha mãe rindo, alegre, depois de todos os anos em que sofrera com meu asqueroso ex-padrasto, Gabe Ugliano, não podia deixar de ficar feliz por ela.

— Promete não chamá-lo de sr. Balofice? — perguntou ela.

Eu dei de ombros.

— Bem, talvez não na frente dele.

— Sally? — O sr. Blofis chamou da sala. — Você precisa do fichário verde ou do vermelho?

— É melhor eu ir — disse ela. — Vejo você no Natal?

— Você vai botar doces azuis na minha meia?

Ela sorriu.

— Se você não estiver velho demais para isso.

— Nunca estarei velho demais para os doces.

— Até lá, então.

Ela passou a mão pela névoa. Sua imagem desapareceu, e eu pensei comigo mesmo que Thalia tinha razão vários dias atrás, em Westover Hall: minha mãe era muito legal.

Comparada ao Monte Olimpo, Manhattan estava silenciosa. Era sexta-feira, antes do Natal, mas ainda estava bem cedo, e não havia quase ninguém na Quinta Avenida. Argos, o chefe da segurança do acampamento, com seus muitos olhos, pegou Annabeth, Grover e a mim no Empire State Building e nos levou de volta para o acampamento através de uma leve tempestade de neve. A Long Island Expressway estava quase deserta.

Subimos penosamente a Colina Meio-Sangue até o pinheiro onde o Velocino de Ouro reluzia. De certo modo eu esperava ver Thalia lá, à nossa espera. Mas ela não estava. Já se fora com Ártemis e o restante das Caçadoras ao encontro de sua próxima aventura.

Quíron nos recebeu na Casa Grande com chocolate quente e sanduíches de queijo quente. Grover se foi com os amigos sátiros espalhar a notícia de nosso estranho encontro com a magia de Pã. Uma hora depois, os sátiros todos corriam de um lado para o outro, agitados, perguntando onde ficava o café mais próximo.

Annabeth e eu nos sentamos com Quíron e alguns dos outros campistas seniores — Beckendorf, Silena Beauregard e os irmãos Stoll. Até Clarisse, do chalé de Ares, estava lá, de volta de sua secreta missão de escolta. Eu sabia que ela devia ter tido uma expedição difícil, pois nem sequer tentou me transformar em pó. Trazia uma nova cicatriz no queixo, e o cabelo louro e sujo fora cortado curto e irregular, como se alguém o tivesse atacado com uma tesoura sem ponta.

— Tenho notícias — murmurou ela, inquieta. — *Más* notícias.

— Vou pô-los a par de tudo mais tarde — disse Quíron com alegria forçada. — O importante é que vocês venceram. E que você salvou Annabeth!

Annabeth sorriu para mim, agradecida, o que me fez desviar o olhar.

Por alguma estranha razão, eu me vi pensando na Barragem de Hoover e na estranha garota mortal que havia encontrado lá, Rachel Elizabeth Dare. Eu não sabia por quê, mas seus comentários irritantes ficavam voltando à minha cabeça. Você sempre tenta matar as pessoas quando elas assoam o nariz? Eu só estava vivo porque muitas pessoas haviam me ajudado, inclusive uma mortal como ela. E eu nem chegara a me apresentar.

— Luke está vivo — disse eu. — Annabeth tem razão.

Annabeth empertigou-se na cadeira.

— Como você sabe?

Tentei não ficar aborrecido com o interesse dela. Contei-lhe o que meu pai

dissera sobre o *Princesa Andrômeda*.

— Bem — Annabeth, desconfortável, mudou de posição na cadeira —, se a batalha final ocorrer de fato quando Percy tiver dezesseis anos, pelo menos temos mais dois anos para pensar no que fazer.

Eu tinha a sensação de que, quando ela disse “pensar no que fazer”, quis dizer “fazer Luke mudar de ideia”, o que me aborreceu ainda mais.

A expressão de Quíron era sombria. Sentado diante da lareira em sua cadeira de rodas, ele parecia velho de verdade. Bem... ele *era* velho de verdade, mas em geral não aparentava.

— Dois anos podem parecer muito tempo — ele disse. — Mas é um piscar de olhos. Eu ainda tenho esperança de que você não seja o filho da profecia, Percy. Mas se for, então a segunda guerra dos titãs está quase em cima de nós. O primeiro golpe de Cronos será aqui.

— Como sabe? — perguntei. — Por que ele se preocuparia com o acampamento?

— Porque os deuses usam os heróis como ferramentas — disse Quíron, simplesmente. — Destrua as ferramentas, e os deuses ficarão incompletos. As forças de Luke virão para cá. Mortais, semideuses, monstros... Nós devemos nos preparar. As notícias de Clarisse podem nos dar uma pista de como eles irão atacar, mas...

Ouviu-se uma batida na porta, e Nico di Angelo entrou ruidosamente no salão, as bochechas vermelhas por causa do frio.

Ele estava sorrindo, mas correu os olhos ao redor, ansioso.

— Ei! Onde... onde está minha irmã?

Silêncio mortal. Olhei para Quíron. Não podia acreditar que ninguém tivesse lhe contado ainda. E então percebi por quê. Estavam esperando que voltássemos, para contar a Nico pessoalmente.

Essa era a última coisa que eu queria fazer. Mas devia isso a Bianca.

— Ei, Nico. — Levantei-me do conforto de minha cadeira. — Vamos andar um pouco, está bem? Precisamos conversar.

Ele recebeu a notícia em silêncio, o que de alguma forma foi pior. Fiquei falando, tentando explicar como tinha acontecido, como Bianca havia se sacrificado para salvar a expedição. Mas eu tinha a impressão de que só estava piorando as coisas.

— Ela queria que você tivesse isso. — Entreguei-lhe a estatueta do deus que Bianca encontrara no ferro-velho. Nico a segurou na palma da mão e ficou olhando para ela.

Estávamos de pé no pavilhão do refeitório, exatamente onde nos falamos da

última vez, antes de eu partir na busca. O vento era cortante, mesmo com a proteção mágica do acampamento contra o mau tempo. A neve caía levemente sobre os degraus de mármore. Imaginei que fora dos limites do acampamento devia estar caindo uma nevasca.

— Você prometeu que iria protegê-la — disse Nico.

Daria no mesmo se ele tivesse me furado com um punhal enferrujado. Teria doído menos que me lembrar de minha promessa.

— Nico, eu tentei. Mas Bianca se entregou para salvar o restante do grupo. Eu lhe disse que não fosse. Mas ela...

— Você prometeu!

Ele me fulminou com os olhos vermelhos. Fechou a mãozinha em torno da estátua do deus.

— Eu não devia ter confiado em você. — Sua voz falhou. — Você mentiu para mim. Meus pesadelos estavam certos!

— Espere. Que pesadelos?

Ele atirou a estatueta no chão e ela chocou-se ruidosamente contra o mármore gelado.

— Eu odeio você!

— Talvez ela esteja viva — disse eu, desesperado. — Eu não tenho certeza...

— Ela está morta. — Ele fechou os olhos. Todo o seu corpo tremia de fúria. — Eu devia ter sabido. Ela está nos Campos de Asfódelos, de pé diante dos juízes agora mesmo, sendo avaliada. Sinto isso.

— O que você quer dizer com sente isso?

Antes que ele pudesse responder, ouvi um barulho às minhas costas. Um ruído sibilante, retinido, que eu conhecia muito bem.

Puxei minha espada e Nico arquejou. Girei o corpo e me vi encarando quatro guerreiros-esqueletos. Eles sorriram, mostrando as gengivas sem dentes, e avançaram com as espadas em punho. Eu não sabia como haviam entrado no acampamento, mas isso não importava. Eu nunca conseguiria ajuda a tempo.

— Você está tentando me matar! — gritou Nico. — Você trouxe estas... estas coisas?

— Não! Quer dizer, sim, eles me seguiram, mas *não*! Nico, corra. Eles não podem ser destruídos.

— Não acredito em você!

O primeiro esqueleto atacou. Eu desviei sua lâmina, mas os outros três vinham em minha direção. Cortei um ao meio, mas imediatamente ele começou a se refazer. Arranquei a cabeça de outro, mas ele continuou lutando.

— Corra, Nico! — gritei. — Busque ajuda!

— Não! — Ele pressionou as mãos sobre os ouvidos.

Eu não podia lutar contra quatro de uma só vez, não se eles não morriam. Eu golpeei, girei, bloqueei, ataquei, mas eles simplesmente continuavam avançando. Era só uma questão de segundos para que os zumbis me subjugassem.

— Não! — gritou mais alto Nico. — *Vá embora!*

O chão ribombou sob meus pés. Os esqueletos se imobilizaram. Rolei para fora do caminho no momento em que uma fenda se rompia aos pés dos quatro guerreiros. O chão se abriu como uma boca escancarada. Chamas brotaram da fissura, e a terra engoliu os esqueletos num *CRAQUE* estrondoso!

Silêncio.

No lugar onde antes estiveram os esqueletos, uma cicatriz de seis metros avançava pelo piso de mármore do pavilhão. Fora isso, não havia nenhum outro sinal dos guerreiros.

Apavorado, olhei para Nico.

— Como você...

— Vá embora! — gritou ele. — Eu odeio você! Queria que estivesse morto!

O chão não *me* engoliu, mas Nico desceu correndo os degraus, na direção da floresta. Comecei a segui-lo, mas tropecei e caí nos degraus cobertos de gelo. Quando me levantei, vi em que eu havia tropeçado.

Peguei a estátua do deus que Bianca havia apanhado no ferro-velho para Nico. *Era a única estátua que ele não tinha,* ela dissera. Um último presente da irmã.

Olhei-a com terror, pois agora entendi por que o rosto parecia familiar. Eu já o tinha visto.

Era a estátua de Hades, o Senhor dos Mortos.

Annabeth e Grover me ajudaram a vasculhar a floresta durante horas, mas não havia sinal de Nico di Angelo.

— Precisamos contar a Quíron — disse Annabeth, sem fôlego.

— Não — eu disse.

Tanto ela quanto Grover me olharam fixamente.

— Hum — disse Grover, nervoso —, o que quer dizer com... não?

Eu ainda estava tentando entender por que dissera aquilo, mas as palavras jorraram da minha boca.

— Não podemos deixar que ninguém saiba. Não creio que alguém tenha se dado conta de que Nico é...

— Filho de Hades — disse Annabeth. — Percy, você tem alguma ideia do quanto isso é sério? Até Hades quebrou o juramento! Isso é horrível!

— Creio que não — eu disse. — Não acho que Hades tenha quebrado o juramento.

— *O quê?*

— Ele é o pai deles — afirmei —, mas Bianca e Nico ficaram fora de circulação por muito tempo, desde antes da Segunda Guerra Mundial.

— O Cassino Lótus! — exclamou Grover, e contou a Annabeth sobre as conversas que tivéramos com Bianca durante a busca. — Ela e Nico ficaram presos lá por décadas. Eles nasceram antes que o juramento fosse feito.

Assenti.

— Mas como foi que eles saíram? — perguntou Annabeth.

— Não sei — admiti. — Bianca disse que um advogado veio e os pegou, e levou para Westover Hall. Não sei quem poderia ter feito isso, ou por quê. Talvez seja parte dessa tal Grande Comoção. Não creio que Nico compreenda quem ele é. Mas não podemos sair por aí contando às pessoas. Nem mesmo a Quíron. Se os olimpianos descobrirem...

— Talvez comecem a brigar entre si novamente — disse Annabeth. — Essa é a última coisa de que precisamos.

Grover parecia preocupado.

— Mas não se pode esconder nada dos deuses. Não para sempre.

— Não preciso que seja para sempre — disse eu. — São apenas dois anos. Até eu completar dezesseis anos.

Annabeth empalideceu.

— Mas, Percy, isso significa que a profecia pode *não* dizer respeito a você. Pode dizer respeito a Nico. Temos de...

— Não — reagi. — Eu escolho a profecia. Ela será sobre mim.

— Por que está dizendo isso? — gritou ela. — Quer ser responsável pelo mundo todo?

Era a última coisa que eu queria, mas não disse isso. Eu sabia que tinha de me apresentar e reivindicar aquela função.

— Não posso deixar que Nico corra mais nenhum perigo — expliquei. — Devo isso à irmã dele. Eu... eu decepcionei os dois. Não vou deixar que aquele pobre garoto sofra mais.

— O pobre garoto que o odeia e quer ver você morto — lembrou-me Grover.

— Talvez possamos encontrá-lo — disse eu. — Podemos convencê-lo de que está tudo bem, escondê-lo em algum lugar seguro.

Annabeth estremeceu.

— Se Luke puser as mãos nele...

— Luke não fará isso — afirmei. — Vou cuidar para que ele tenha outras coisas com que se preocupar. Isto é, eu.

Eu não sabia se Quíron havia acreditado na história que Annabeth e eu lhe contamos. Acho que ele podia ver que eu estava escondendo alguma coisa sobre

o desaparecimento de Nico, mas, no fim, aceitou. Infelizmente, Nico não era o primeiro meio-sangue a desaparecer.

— Tão jovem — suspirou Quíron, as mãos no parapeito da varanda da frente. — Sinceramente, espero que ele tenha sido comido por monstros. Muito melhor do que ser recrutado pelo exército dos titãs.

Essa possibilidade me deixava muito inquieto. Eu quase mudei de ideia em relação a contar a Quíron, mas no fim a mantive.

— Você acha mesmo que o primeiro ataque será aqui? — perguntei.

Quíron ficou olhando a neve que caía sobre as colinas. Eu podia ver a fumaça do dragão que guardava o pinheiro, o brilho do Velocino a distância.

— Pelo menos não será antes do verão — disse ele. — Este inverno será rigoroso... o mais rigoroso de muitos séculos. É melhor você ir para casa, para a cidade, Percy. Tente concentrar-se na escola. E descanse. Você vai precisar de descanso.

Olhei para Annabeth.

— E você?

As bochechas dela ficaram vermelhas.

— Vou tentar São Francisco, afinal. Talvez possa ficar de olho no Monte Tam e me certificar de que os titãs não tentem mais nada.

— Você manda uma mensagem de Íris se alguma coisa der errado?

Ela assentiu.

— Mas acho que Quíron tem razão. Não vai ser antes do verão. Luke vai precisar de tempo para recuperar suas forças.

Eu não gostava da ideia de esperar. Por outro lado, em agosto faria quinze anos. Tão perto dos dezesseis que não queria nem pensar.

— Está certo — disse eu. — Cuide-se. E nada de acrobacias malucas com o Sopwith Camel.

Ela sorriu timidamente.

— Feito. E, Percy...

O que quer que ela fosse dizer foi interrompido por Grover, que saiu correndo da Casa Grande, tropeçando em latinhas. Seu rosto estava desfigurado e pálido, como se tivesse visto um fantasma.

— Ele falou! — gritou Grover.

— Acalme-se, meu jovem sátiro — disse Quíron, franzindo a testa. — Qual é o problema?

— Eu... eu estava tocando no salão — gaguejou ele — e bebendo café. Muito café mesmo! E ele falou em minha mente!

— Quem? — perguntou Annabeth.

— Pã! — gemeu Grover. — O Senhor da Natureza. Eu o ouvi! Eu preciso...

preciso encontrar uma valise.

— Epa, epa, epa — falei. — O que foi que ele disse?

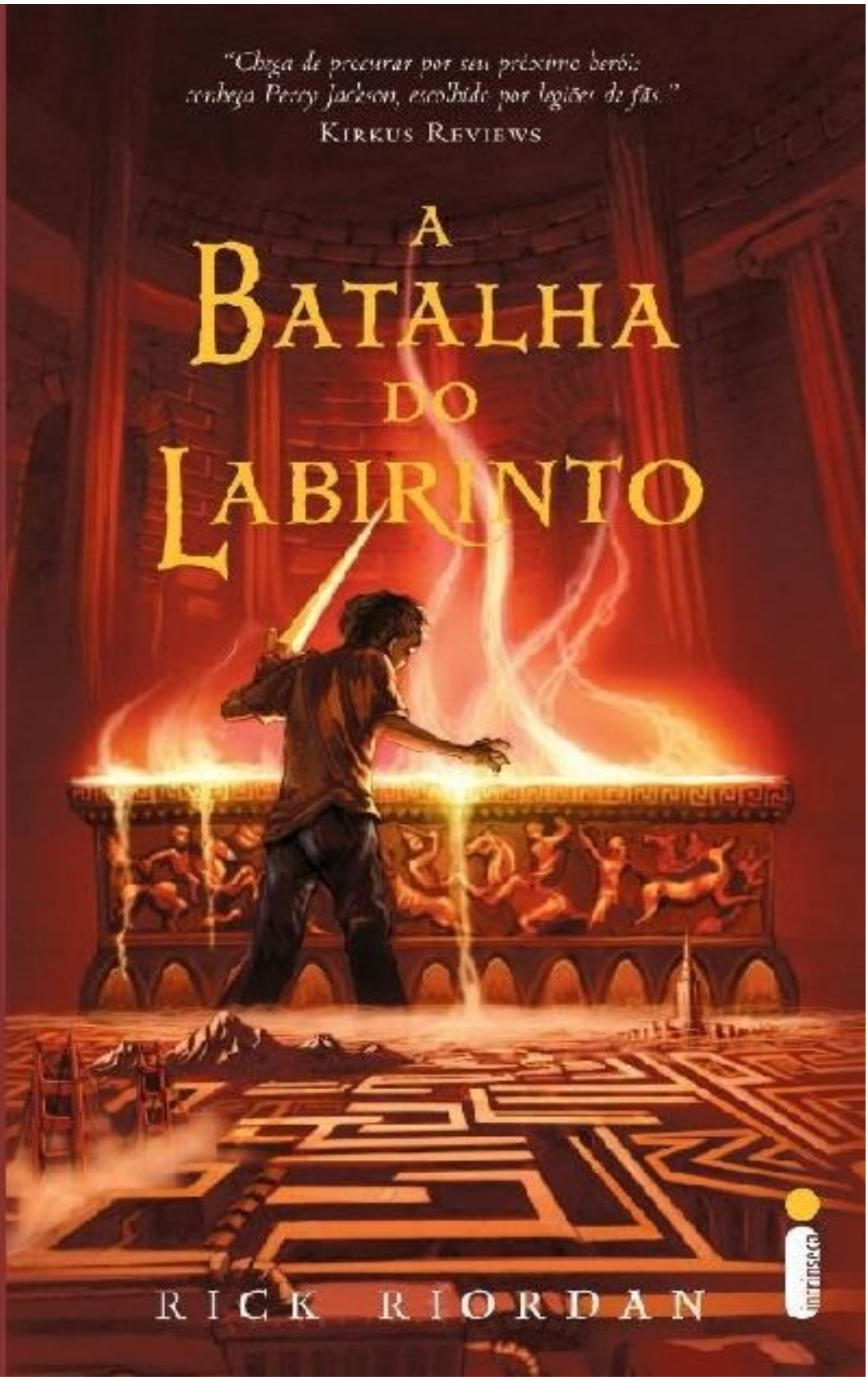
Grover me olhou fixamente.

— Apenas três palavras. Ele disse: *“Eu o espero.”*

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS ✠ LIVRO QUATRO

"Chega de procurar por seu próximo herói: conheça Percy Jackson, escolhido por legiões de fãs."
KIRKUS REVIEWS

# A BATALHA DO LABIRINTO



RICK RIORDAN

intrínseca

SERIE

# A BATALHA DO LABIRINTO

Copyright © 2008 Rick Riordan Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Battle of the Labyrinth PREPARAÇÃO
Liciane Corrêa

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto
Maria da Glória Carvalho

REVISÃO DE EPUB
Danilo Crespo

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN

# 978-85-8057-291-9

Edição digital: 2011

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Becky, que sempre*
*me guia pelo labirinto*

# UM

Enfrento as líderes de torcida A última coisa que queria fazer nas férias de verão era destruir outra escola. Mas lá estava eu naquela manhã de segunda-feira, primeira semana de junho, sentado no carro da minha mãe diante da Goode High School, na rua 81 Leste.

A Goode ficava em um prédio grande de arenito com vista para o Rio East. Um monte de BMWS e Lincoln Towns estava estacionado diante dela. Olhando os elegantes arcos de pedra, eu me perguntei quanto tempo levaria até ser expulso daquele lugar.

— Relaxe. — A voz de minha mãe não parecia nada relaxada. — É só uma visita de orientação. E lembre, querido: esta é a escola de Paul. Portanto, tente não… Você sabe.

— Destruí-la?

— É.

Paul Blofis, namorado da minha mãe, estava de pé no portão da escola, recebendo os futuros alunos do primeiro ano do ensino médio à medida que subiam os degraus. Com seus cabelos grisalhos, roupa de brim e casaco de couro, parecia um ator de tevê, mas ele era só um professor de inglês. Paul conseguira convencer a Goode High School a me aceitar no primeiro ano, apesar de eu ter sido expulso de todas as escolas que frequentei. Tentei avisá-lo de que aquela não era uma boa ideia, mas ele não me deu ouvidos.

Olhei para minha mãe.

— Você não contou a ele a verdade sobre mim, contou?

Ela tamborilava os dedos nervosamente no volante. Estava vestida para uma entrevista de emprego — seu melhor vestido azul e sapatos de salto alto.

— Pensei que seria melhor esperarmos — ela admitiu.

— Para não o espantarmos.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo na visita de orientação, Percy. É só uma manhã.

— Ótimo — murmurei. — Posso ser expulso antes mesmo de começar o ano letivo.

— Pense positivo. Amanhã você vai para o acampamento! Depois da orientação, você tem o encontro…

— Não é um encontro! — protestei. — É só a Annabeth, mãe. Puxa!

— Ela está vindo do acampamento até aqui para ver você.

— É, eu sei.

— Vocês vão ao cinema.

— Sim.

— Só os dois.

— Mãe!

Ela ergueu as mãos em sinal de rendição, mas eu podia ver que estava fazendo força para não rir.

— É melhor entrar, querido. Até a noite.

Eu estava prestes a sair do carro quando olhei para a escadaria da escola. Paul Blofis cumprimentava uma garota de cabelos ruivos frisados. Ela vestia uma camiseta marrom e um jeans surrado customizado com desenhos feitos com caneta hidrográfica. Quando se virou, vi seu rosto de relance, e os pelos do meu braço se eriçaram.

— Percy? — chamou minha mãe. — O que foi?

— N-nada — gaguejei. — A escola tem uma entrada lateral?

— Descendo a rua, à direita. Por quê?

— Até mais tarde.

Mamãe começou a dizer algo, mas saltei do carro e corri, torcendo para que a garota ruiva não me visse.

O que *ela* estava fazendo ali? Nem mesmo a *minha* sorte poderia ser assim tão ruim.

Pois, sim. Eu estava prestes a descobrir que minha sorte poderia ser muito pior.

Entrar sorrateiramente na escola não deu muito certo. Duas líderes de torcida de uniforme roxo e branco estavam na entrada lateral, esperando para emboscar os calouros.

— Oi! — Elas sorriram, e eu deduzi que aquela era a primeira e a última vez que uma líder de torcida seria tão simpática comigo. Uma delas era loura, com gélidos olhos azuis. A outra era afro-americana, com cabelos escuros e enroscados como o da Medusa (e, pode acreditar, eu sei do que estou falando). Ambas tinham o nome bordado em letras cursivas no uniforme, mas, com a minha dislexia, as palavras pareciam espaguete, sem nenhum sentido.

— Bem-vindo à Goode — disse a loura. — Você vai amar *muito* isso aqui.

Mas, enquanto me olhava de cima a baixo, sua expressão parecia dizer algo como: *Argh, quem é este perdedor?*

A outra garota se aproximou tanto que me senti desconfortável. Examinei o bordado em seu uniforme e consegui decifrar *Kelli.* Ela cheirava a rosas e a algo que reconheci das aulas de equitação no acampamento — o cheiro de cavalos recém-lavados. Era um perfume estranho para uma líder de torcida. Talvez tivesse um cavalo, ou algo assim. De qualquer modo, ela estava tão perto de mim que tive a sensação de que ia tentar me empurrar escada abaixo.

— Qual o seu nome, calo?

— Calo?

— Calouro.

— Hã, Percy.

As garotas trocaram olhares.

— Ah, Percy Jackson — disse a loura. — Estávamos à sua espera.

Isso fez um intenso arrepio de *Ah, não!* percorrer minha espinha. Elas estavam bloqueando a entrada, sorrindo de uma forma nada amistosa. Minha mão instintivamente se dirigiu ao bolso onde eu guardava minha caneta esferográfica letal, Contracorrente.

Então outra voz veio do interior do prédio:

— Percy? — Era Paul Blofis, de algum ponto adiante no corredor.

Eu nunca me sentira tão feliz por ouvir a voz dele.

As líderes de torcida recuaram. Eu estava tão ansioso em passar por elas que acidentalmente esbarrei o joelho na coxa de Kelli.

*Clang.*

Sua perna emitiu um ruído metálico e oco, como se eu tivesse acabado de atingir o mastro de uma bandeira.

— Ai — murmurou ela. — Preste atenção, *calo.*

Olhei para baixo, mas aquela parecia uma perna comum. Eu estava apavorado demais para fazer perguntas. Avancei apressadamente para o corredor, as duas garotas rindo atrás de mim.

— Aí está você! — exclamou Paul. — Bem-vindo à Goode!

— Ei, Paul… hã, sr. Blofis. — Olhei para trás, mas as líderes de torcida esquisitas haviam desaparecido.

— Percy, você está com cara de quem viu fantasma.

— É, hã…

— Ouça, eu sei que está nervoso, mas não se preocupe. — Paul me deu um

tapinha nas costas. — Temos uma porção de garotos aqui com dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Os professores sabem como ajudar.

Eu quase tive vontade de rir. Como se meus maiores problemas fossem a dislexia, o transtorno de déficit de atenção e a hiperatividade… Bem, eu sabia que Paul estava tentando ajudar, mas, se eu lhe contasse a verdade, ou ele pensaria que eu estava louco ou sairia correndo e gritando. Aquelas líderes de torcida, por exemplo — eu estava com um mau pressentimento em relação a elas…

Então olhei mais adiante no corredor e me lembrei de que havia outro problema. A garota ruiva que eu vira na escadaria da frente estava passando pela entrada principal.

*Não me veja*, rezei.

Mas ela me viu. Seus olhos se arregalaram.

— Onde é a orientação? — perguntei a Paul.

— No ginásio. Por ali. Mas…

— Tchau.

— Percy? — ele chamou, mas eu já estava correndo.

Pensei que a tivesse despistado.

Um grupo de garotos e garotas estava seguindo para o ginásio, e logo eu era apenas um entre os trezentos adolescentes de 14 anos amontoados nas arquibancadas. Uma banda tocava um grito de guerra da escola, que soava desafinado como se alguém estivesse batendo em um saco de gatos com um taco de beisebol de metal. Garotos mais velhos, provavelmente membros do grêmio estudantil, estavam lá na frente, apresentando o uniforme da Goode, com cara de: *Ei nós somos o máximo*. Professores circulavam no local, sorrindo e apertando a mão dos alunos. As paredes do ginásio estavam cobertas por grandes bandeiras roxas e brancas onde se lia: BEM-VINDOS, FUTUROS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO, A GOODE É LEGAL, SOMOS TODOS UMA FAMÍLIA, e um monte de outros *slogans* alegres que me davam vontade de vomitar.

Nenhum dos outros futuros alunos tampouco parecia entusiasmado por estar ali; afinal, apresentar-se aos orientadores em junho — enquanto as aulas só começam em setembro — não é nada legal. Mas na Goode “Preparamos para a excelência cedo!”. Pelo menos era o que dizia o folheto.

A banda parou de tocar. Um sujeito de terno de risca de giz dirigiu-se ao microfone e começou a falar, mas o som reverberava pelo ginásio e eu não tinha

a menor ideia do que ele estava dizendo. Daria no mesmo se ele estivesse gargarejando.

Alguém agarrou meu ombro.

— O que você está fazendo aqui?

Era ela: meu pesadelo ruivo.

— Rachel Elizabeth Dare — eu disse.

O queixo dela caiu, como se não pudesse acreditar que eu tivera a ousadia de me lembrar de seu nome.

— E você é Percy não sei de quê. Não cheguei a saber seu nome todo dezembro passado, quando você tentou *me matar.*

— Olhe, eu não estava… eu não queria… O que *você* está fazendo aqui?

— O mesmo que você, eu acho. Orientação.

— Você mora em Nova York?

— Por quê? Achou que eu morasse na Barragem de Hoover?

Aquilo nunca me ocorrera. Sempre que eu pensava nela (e *não* estou dizendo que eu *pensava*; ela só me passava pela cabeça de tempos em tempos, está bem?), imaginava que morasse perto da Barragem de Hoover, já que fora lá que eu a conhecera. Havíamos passado acho que uns dez minutos juntos, e nesse meio-tempo eu acidentalmente a golpeara com uma espada, ela salvara minha vida e eu fugira correndo, perseguido por um bando de máquinas assassinas sobrenaturais. Sabe, um encontro assim… bem comum.

Um garoto atrás de nós murmurou:

— Ei, calem a boca. As líderes da torcida estão falando!

— Oi, pessoal! — disse efusivamente uma garota ao microfone. Era a loura que eu vira na entrada. — Meu nome é Tammi, e esta é, bem, Kelli. — Kelli deu uma estrela.

A meu lado, Rachel gritou como se alguém a tivesse espetado com um alfinete. Alguns garotos olharam na direção dela e soltaram uma risadinha abafada, mas Rachel continuou encarando fixamente as líderes de torcida, aterrorizada. Tammi não pareceu perceber a agitação. Ela começou a falar sobre todas as atividades maravilhosas nas quais poderíamos nos envolver em nosso primeiro ano.

— Corra — disseme Rachel. — Agora.

— Por quê?

Ela não explicou. Abriu caminho até a lateral da arquibancada, ignorando os professores de testa franzida e os resmungos dos alunos nos quais pisava.

Eu hesitei. Tammi estava explicando que nos dividiríamos em pequenos grupos e faríamos um *tour* pela escola. O olhar de Kelli encontrou o meu e ela

me dirigiu um sorriso divertido, como se estivesse esperando para ver o que eu ia fazer. Ficaria mal se eu saísse naquele momento. Paul Blofis estava lá embaixo com os outros professores. Ele ficaria imaginando qual era o problema.

Então pensei em Rachel Elizabeth Dare, e na habilidade especial que ela demonstrara no último inverno na Barragem de Hoover. Ela conseguira enxergar um grupo de seguranças que não eram guardas de verdade, não eram nem humanos. Com o coração batendo forte, eu me levantei e a segui, saindo do ginásio.

Encontrei Rachel na sala de música. Ela estava escondida atrás de um tambor, na seção de percussão.

— Venha até aqui! — chamou. — Mantenha a cabeça baixa!

Eu me senti bastante bobo escondido atrás de alguns bongôs, mas me agachei ao lado dela.

— Elas seguiram você? — perguntou Rachel.

— Está se referindo às líderes de torcida?

Ela assentiu, nervosa.

— Acho que não — eu disse. — O que elas são? O que foi que você viu?

Seus olhos verdes brilhavam de medo. As sardas salpicadas no rosto me lembravam constelações. Sua camiseta marrom dizia DEPARTAMENTO DE ARTE DE HARVARD.

— Você… você não iria acreditar em mim.

— Ah, iria sim — garanti. — Sei que consegue ver através da Névoa.

— Do quê?

— Da Névoa. É… bem, é como um véu que esconde o que as coisas são de verdade. Alguns mortais nascem com a habilidade de enxergar através dela. Como você.

Ela me olhou com atenção.

— Você fez isso na Barragem de Hoover. Disse que eu era mortal. Como se você não fosse.

Tive vontade de dar um soco em um bongô. O que eu estava pensando? Nunca conseguiria explicar. Não deveria nem estar tentando.

— Fale para mim — ela implorou. — Você sabe o que isso quer dizer. Todas essas coisas horríveis que eu vejo?

— Olhe, isso vai soar estranho. Você sabe alguma coisa sobre mitologia grega?

— Como… o Minotauro e a Hidra?

— Sim, mas tente não dizer esses nomes quando eu estiver por perto, o.k.?

— E como as Fúrias — continuou ela, animando-se. — E como as sereias, e…

— O.k.! — Dei uma olhada pela sala de música, certo de que Rachel ia fazer um bando de criaturas asquerosas e sedentas de sangue pular das paredes; mas ainda estávamos sozinhos. Mais à frente, no corredor, ouvi um grupo de garotos saindo do ginásio. Estavam começando o *tour*. Não tínhamos muito tempo para conversar.

— Todos aqueles monstros — eu disse —, todos os deuses gregos… eles são de verdade!

— Eu sabia!

Teria me sentido mais à vontade se ela tivesse me chamado de mentiroso, mas a expressão de Rachel mostrava que eu acabara de confirmar suas piores suspeitas.

— Você não sabe como é difícil — disse ela. — Durante anos pensei que estivesse ficando maluca. Eu não podia contar a ninguém. Não podia… — Seus olhos se estreitaram. — Peraí. Quem é você? Quer dizer, *de verdade*?

— Eu não sou um monstro.

— Bem, disso eu sei. Eu *veria* se você fosse. Você parece… você. Mas não é humano, é?

Engoli em seco. Embora tivesse tido três anos para me acostumar a ser quem era, eu nunca havia falado a respeito disso com um mortal comum — isto é, exceto com minha mãe, mas ela já sabia. Não sei por quê, mas resolvi me arriscar.

— Sou um meio-sangue — eu disse. — Sou metade humano.

— E metade o quê?

Nesse momento Tammi e Kelli entraram na sala de música. As portas se fecharam atrás delas com estrondo.

— Aí está você, Percy Jackson — disse Tammi. — Chegou a hora da sua orientação.

— Elas são horríveis! — suspirou Rachel.

Tammi e Kelli ainda usavam o uniforme roxo e branco de líderes de torcida, segurando os pompons da apresentação.

— Qual é a aparência real delas? — perguntei, mas Rachel parecia perplexa demais para responder.

— Ah, deixe ela para lá! — Tammi me lançou um sorriso brilhante e começou

a caminhar na minha direção. Kelli permaneceu na porta, bloqueando nossa saída.

Elas nos haviam apanhado em uma armadilha. Eu sabia que teríamos de lutar para escapar, mas o sorriso de Tammi era tão deslumbrante que me distraía. Seus olhos azuis eram lindos, e o modo como os cabelos balançavam nos ombros…

— Percy — advertiu Rachel.

Eu disse algo muito inteligente, do tipo:

— Hein?

Tammi estava se aproximando. Ela estendeu os pompons.

— Percy! — A voz de Rachel parecia vir de um lugar muito distante. — Dê o fora daí!

Precisei usar toda a minha força de vontade, mas consegui pegar a caneta no bolso e destampá-la. Contracorrente então se transformou em uma espada de bronze de noventa centímetros, a lâmina brilhando com uma suave luz dourada. O sorriso de Tammi tornou-se uma expressão de escárnio.

— Ah, pare com isso! — protestou ela. — Você não precisa disso. Que tal um beijo, em vez dessa coisa?

Ela cheirava a rosas e a pelo limpo de animal — um aroma estranho, mas de alguma forma intoxicante.

Rachel beliscou meu braço com força.

— Percy, ela quer morder você! Olhe para ela!

— Ela só está com ciúme. — Tammi olhou na direção de Kelli. — Posso, senhora?

Kelli ainda estava bloqueando a porta, lambendo os lábios, faminta.

— Vá em frente, Tammi. Está indo bem.

Tammi avançou mais um passo, mas apontei a espada contra seu peito.

— Para trás!

Ela rosnou.

— Calouros — disse, com desprezo. — Esta é a *nossa* escola, meio-sangue. Nós nos alimentamos de quem escolhemos!

Então ela começou a ficar diferente. A cor se esvaiu de seu rosto e de seus braços. A pele se tornou branca como giz, os olhos, completamente vermelhos. Os dentes cresceram e viraram presas.

— Uma vampira! — balbuciei. Então notei suas pernas. Abaixo da saia do uniforme, a perna esquerda era marrom e peluda, com um casco de burro. A direita tinha o formato de uma perna humana, mas era feita de bronze. — Hã, uma vampira com…

— Não fale das pernas! — disse Tammi. — É grosseiro zombar disso!

Ela avançou com suas pernas estranhas, descombinadas. Parecia totalmente bizarra, mais ainda com os pompons, mas eu não conseguia rir — não encarando aqueles olhos vermelhos e as presas afiadas.

— Uma vampira, você disse? — Kelli riu. — Essa lenda boboca foi inspirada em *nós*, seu tolo. Somos *empousai*, servas de Hécate.

— Hummm. — Tammi aproximou-se ainda mais. — A magia negra nos criou a partir de um animal, do bronze e de fantasmas! Existimos para nos alimentar do sangue de homens jovens. Agora venha e me dê aquele beijo!

Ela mostrou as presas. Fiquei paralisado, sem conseguir me mover, mas Rachel jogou um tarol na cabeça da *empousa*.

O demônio sibilou e, com um golpe, desviou o tarol, que foi rolando pelos corredores entre os suportes de partituras, as molas chocalhando de encontro ao couro. Rachel lançou então um xilofone, mas o demônio também o desviou com um tapa.

— Geralmente não mato garotas — grunhiu Tammi. — Mas para você, mortal, vou abrir uma exceção. Você enxerga um pouquinho *demais*!

Ela investiu contra Rachel.

— Não! — Desferi um golpe com Contracorrente. Tammi tentou esquivar-se à lâmina, mas consegui perfurar seu uniforme de líder de torcida, e com um gemido horrível ela explodiu em uma nuvem de pó sobre Rachel.

Rachel tossiu. Parecia que tinham acabado de jogar um saco de farinha em cima dela.

— Que nojo!

— Isso acontece com os monstros — eu disse. — Desculpe-me.

—Você matou minha estagiária! — gritou Kelli. — Precisa de uma lição sobre espírito esportivo, meio-sangue!

Então ela também começou a se transformar. Os cabelos crespos tornaram-se chamas bruxuleantes. Os olhos ficaram vermelhos. As presas cresceram. Ela veio em nossa direção, o pé de bronze e o casco ressoando descompassados no piso da sala de música.

— Eu sou a *empousa* sênior — grunhiu. — Nenhum herói me derrota há mil anos.

— Mesmo? — perguntei. — Então já passou da validade!

Kelli era bem mais rápida que Tammi. Esquivou-se ao meu primeiro golpe e rolou para a seção de metais, derrubando uma fileira de trombones com um ruído altíssimo. Rachel saiu do caminho. Coloquei-me entre ela e a *empousa*. Kelli nos rodeou, os olhos indo de mim para a espada.

— Uma laminazinha tão linda — disse ela. — Que pena que está entre nós dois.

Sua forma tremeluzia — às vezes um demônio, às vezes uma linda líder de torcida. Eu tentava manter a mente focada, mas aquilo era muito perturbador.

— Pobrezinho — riu Kelli. — Você não sabe nem o que está acontecendo, não é? Logo seu lindo acampamentozinho estará em chamas, seus amigos se tornarão escravos do Senhor do Tempo, e não há nada que possa fazer para evitar isso. Seria até misericordioso dar um fim à sua vida agora, antes que tenha tempo de assistir a tudo.

Eu ouvia vozes vindo do fim do corredor. Um grupo fazendo o *tour* se aproximava. Um homem falava algo sobre combinação de cadeados.

Os olhos da *empousa* se iluminaram.

— Excelente! Vamos ter companhia!

Ela apanhou uma tuba e a lançou contra mim. Rachel e eu nos abaixamos. A tuba voou sobre nossas cabeças e quebrou a janela.

As vozes no corredor se calaram.

— Percy! — gritou Kelli, fingindo-se assustada. — Por que você atirou aquilo?

Eu estava surpreso demais para responder. Kelli pegou um suporte de partitura e atingiu uma fileira de clarinetas e flautas. Cadeiras e instrumentos musicais desabaram no chão com um estrondo.

— Pare! — eu gritei.

As pessoas agora disparavam pelo corredor, vindo em nossa direção.

— Hora de cumprimentar os nossos visitantes! — Kelli arreganhou as presas e correu para as portas. Fui atrás dela com Contracorrente. Precisava evitar que ela ferisse os mortais.

— Percy, não! — gritou Rachel. Mas eu não percebi o que Kelli pretendia até que fosse tarde demais.

Kelli abriu as portas. Paul Blofis e um grupo de calouros recuaram, em choque. Eu ergui minha espada.

No último segundo, a *empousa* se virou para mim como uma vítima apavorada.

— Ah, não, por favor! — gritou.

Eu não podia parar a lâmina, que já estava em movimento.

Segundos antes de o bronze celestial atingi-la, Kelli explodiu em chamas como um coquetel molotov. Ondas de fogo lançaram-se sobre tudo. Eu nunca vira um monstro fazer algo assim, mas não tinha tempo para pensar no assunto. Recuei para a sala de música enquanto as chamas engoliam o vão de entrada.

— Percy? — Paul Blofis parecia totalmente atônito, fitando-me através do fogo. — O que você fez?

Adolescentes gritavam e corriam pelo corredor. O alarme de incêndio soava. Os *sprinklers* no teto silvavam, ganhando vida.

Em meio ao caos, Rachel me puxou pela manga da camisa.

— Você precisa sair daqui!

Ela estava certa. A escola estava em chamas e a culpa seria atribuída a mim. Os mortais não conseguiam ver com perfeição através da Névoa. Para eles, pareceria que eu atacara uma garota indefesa diante de um grupo de testemunhas. Não havia como eu explicar. Dei as costas para Paul e disparei para a janela da sala de música destruída.

Saí da viela na 81 Leste e dei de cara com Annabeth.

— Ei, você saiu cedo! — Ela riu, agarrando meus ombros para evitar que eu me estatelasse no chão. — Olhe para onde está indo, Cabeça de Alga.

Por uma fração de segundo ela estava de bom humor e tudo corria bem. Vestia jeans e a camisa laranja do acampamento, e usava o colar de contas de cerâmica. O cabelo louro estava preso em um rabo de cavalo. Os olhos cinzentos brilhavam. Ela parecia pronta para ir ao cinema e passar uma tarde divertida comigo.

Então Rachel Elizabeth Dare, ainda coberta de poeira de monstro, veio correndo pela viela, gritando: — Percy, espere!

O sorriso de Annabeth se desfez. Ela olhou para Rachel e, em seguida, para a escola. Foi então que pareceu notar a fumaça negra e o som dos alarmes de incêndio.

Ela me olhou, franzindo a testa.

— O que foi que você fez dessa vez? E quem é essa?

— Ah, Rachel… Annabeth. Annabeth… Rachel. Hã, ela é uma amiga, acho.

Eu não sabia ao certo como chamar Rachel. Quer dizer, eu mal a conhecia, mas, depois de estarmos juntos duas vezes em situações de vida ou morte, eu não podia simplesmente dizer que ela não era ninguém.

— Oi — disse Rachel, e então se virou para mim: — Você está *muito* encrencado. E ainda me deve uma explicação!

As sirenes da polícia gemiam na FDR Drive.

— Percy — Annabeth falou com frieza. — Precisamos ir.

— Quero saber mais sobre meios-sangues — insistiu Rachel. — E monstros. E essa história dos deuses. — Ela agarrou meu braço, pegou uma caneta

permanente e escreveu um número de telefone em minha mão. — Vai me ligar e explicar tudo, o.k.? Você me deve isso. Agora vá.

— Mas…

— Vou inventar uma história — disse Rachel. — Vou dizer a eles que não foi culpa sua. Mas vá!

Ela voltou correndo para a escola, deixando-me na rua com Annabeth.

Annabeth me encarou por um segundo. Então se virou e começou a correr.

— Ei! — Fui atrás dela. — Lá dentro tinha duas *empousai* — tentei explicar. — Eram líderes de torcida, sabe, e disseram que o acampamento ia pegar fogo, e…

— Você contou a uma garota mortal sobre os meios-sangues?

— Ela pode ver através da Névoa. Viu os monstros antes que eu os notasse.

— Então você contou a ela a verdade.

— Ela me reconheceu da Barragem de Hoover…

— Você a tinha encontrado *antes*?

— Hã… O inverno passado. Mas, sério, eu mal a conheço.

— Ela é bem bonitinha.

— Eu… eu nunca reparei nisso.

Annabeth continuava andando na direção da avenida York.

— Vou resolver a história da escola — prometi, ansioso para mudar de assunto. — De verdade, vai ficar tudo bem.

Annabeth nem mesmo me olhava.

— Acho que nossa tarde já era. É melhor tirarmos você daqui, agora que a polícia vai sair à sua procura.

Atrás de nós, a fumaça se erguia da Goode High School em ondas. Na coluna escura de cinzas tive a impressão de quase enxergar um rosto — um demônio feminino, de olhos vermelhos, rindo de mim.

*Seu lindo acampamentozinho em chamas*, dissera Kelli. *Seus amigos transformados em escravos do Senhor do Tempo.*

— Você tem razão — disse a Annabeth, com o coração apertado. — Precisamos ir para o Acampamento Meio-Sangue. *Agora.*

# DOIS

O mundo inferior me liga a cobrar

Nada melhor que um longo percurso de táxi com uma garota zangada para fechar uma manhã perfeita.

Tentei conversar com Annabeth, mas ela agia como se eu tivesse acabado de dar um soco em sua avó. Tudo o que consegui arrancar dela foi que tivera uma primavera infestada de monstros em São Francisco; que havia voltado ao acampamento duas vezes depois do Natal, mas não quis me dizer o motivo (o que me aborreceu, pois ela não tinha nem me dito que estava em Nova York); e que nada soubera sobre o paradeiro de Nico di Angelo (uma longa história).

— Alguma notícia de Luke? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça. Eu sabia que esse era um assunto delicado para ela. Annabeth sempre admirara Luke, o ex-conselheiro chefe do chalé de Hermes que havia nos traído e se unido ao maléfico Senhor Titã, Cronos. Ela não admitia, mas eu sabia que ela ainda gostava dele. Quando lutamos contra Luke no Monte Tamalpais no inverno passado, ele de alguma forma sobreviveu a uma queda de um penhasco de mais de quinze metros. Agora, até onde eu sabia, ele ainda estava navegando em seu cruzeiro infestado de demônios, enquanto seu dilacerado Lorde Cronos se refazia, pedaço por pedaço, em um caixão de ouro, esperando o momento em que terá poder suficiente para desafiar os deuses olimpianos. Na língua dos semideuses, chamamos isso de “problema”.

— O Monte Tam ainda está repleto de monstros — disse Annabeth. — Não tive coragem de me aproximar, mas não creio que Luke esteja lá. Acho que eu saberia se ele estivesse.

Isso não fez com que eu me sentisse muito melhor.

— E quanto a Grover?

— Está no acampamento — disse ela. — Vamos vê-lo hoje.

— Ele teve alguma sorte? Refiro-me à procura de Pã…

Annabeth mexia nas contas de seu colar, como sempre faz quando está preocupada.

— Você vai ver — disse ela. Mas não explicou.

Enquanto atravessávamos o Brooklyn, usei o telefone de Annabeth para ligar para minha mãe. Os meios-sangues evitam usar celulares, pois transmitir sua voz é como enviar um sinal luminoso para os monstros: *Eu estou aqui! Por favor, devore-me agora!* Mas achei que fazer essa ligação era importante. Deixei uma mensagem no correio de voz de casa, tentando explicar o que acontecera na Goode. Provavelmente não me saí muito bem. Afirmei à mamãe que estava o.k., que ela não deveria se preocupar, mas que eu ficaria no acampamento até a situação esfriar. Disse a ela que pedisse desculpas a Paul Blofis por mim.

Seguimos em silêncio depois disso. A cidade foi ficando para trás, até que saímos da via expressa, atravessando a área rural no norte de Long Island, passando por pomares, vinícolas e barracas de produtos frescos.

Olhei para o número de telefone que Rachel Elizabeth Dare havia rabiscado na minha mão. Eu sabia que era loucura, mas tentei ligar para ela. Talvez pudesse me ajudar a entender o que a *empousa* falara — o acampamento pegando fogo, meus amigos aprisionados. E por que Kelli havia explodido em chamas?

Eu sabia que os monstros não morriam de verdade. Um dia — talvez dali a semanas, meses ou anos — Kelli se recomporia a partir da imundície primordial que fervilhava no Mundo Inferior. Mas, ainda assim, em geral os monstros não se deixavam destruir tão facilmente. Se é que ela *foi* mesmo destruída.

O táxi saiu na rota 25A. Seguimos em meio aos bosques, contornando o litoral norte, até que uma serrania baixa surgiu à nossa esquerda. Annabeth disse ao motorista que nos deixasse na Estrada da Fazenda, 3.141, na base do Acampamento Meio-Sangue.

O motorista franziu a testa.

— Não tem nada aqui, senhorita. Tem certeza de que quer ficar aqui?

— Sim, por favor. — Annabeth entregou-lhe um rolo de dinheiro mortal, e o motorista preferiu não discutir.

Annabeth e eu andamos até o cume do morro. O jovem dragão que servia como guardião cochilava, enroscado em torno do pinheiro, mas quando nos aproximamos ergueu a cabeça cor de cobre e permitiu que Annabeth lhe coçasse o queixo. Um jato de vapor silvou, saindo de suas narinas como de uma chaleira, e ele fechou os olhos de prazer.

— Ei, Peleu — disse Annabeth. — Está mantendo tudo em segurança?

A última vez que eu vira o dragão ele tinha um metro e oitenta de comprimento. Agora tinha pelo menos duas vezes esse tamanho, e seu corpo estava tão roliço quanto a árvore. Acima de sua cabeça, no galho mais baixo do pinheiro, o Velocino de Ouro brilhava, sua magia protegendo a fronteira do

acampamento de invasões. O dragão parecia relaxado, como se tudo estivesse bem. Lá embaixo, o Acampamento Meio-Sangue também parecia calmo — campos verdes, a floresta, as construções gregas, brancas e brilhantes. A casa principal de quatro andares, à qual chamávamos Casa Grande, erguia-se com imponência no meio dos campos de morangos. Ao norte, além da praia, o Estreito de Long Island cintilava à luz do sol.

No entanto… algo parecia errado. Havia tensão no ar, como se o próprio morro estivesse prendendo o fôlego, à espera de algum acontecimento ruim.

Descemos para o vale e encontramos a sessão de verão em plena atividade. A maioria dos campistas havia chegado na última sexta-feira, portanto, eu já me sentia excluído. Os sátiros tocavam suas flautas nos campos de morangos, fazendo com que as plantas crescessem com a magia silvestre. Os campistas estavam tendo aula de equitação alada, sobrevoando os bosques com seus pégasos. A fumaça se erguia das forjas, e os martelos retiniam enquanto os garotos faziam as próprias armas na aula de Artes e Artesanato. As equipes de Atenas e Deméter disputavam uma corrida de carruagem na pista, e mais além, no lago de canoagem, alguns garotos em uma trirreme grega lutavam contra uma grande serpente do mar de cor laranja. Um típico dia no acampamento.

— Preciso falar com Clarisse — disse Annabeth.

Olhei-a como se ela tivesse acabado de dizer que precisava comer uma bota grande e fedorenta.

— Para quê?

Clarisse, do chalé de Ares, era uma das pessoas de quem eu menos gostava. Era valentona, mesquinha e ingrata. Seu pai, o deus da guerra, queria me matar. Ela estava sempre tentando fazer picadinho de mim. Exceto por isso, era ótima.

— Estamos trabalhando em algo — disse Annabeth. — Vejo você mais tarde.

— Trabalhando em quê?

Annabeth olhou para a floresta.

—Vou dizer a Quíron que está aqui — afirmou ela. — Ele vai querer falar com você antes da audiência.

— Que audiência?

Mas Annabeth já corria pelo caminho na direção do campo de arco e flecha sem olhar para trás.

— Certo — murmurei. — Foi ótimo conversar com você também.

Enquanto atravessava o acampamento, disse oi a alguns de meus amigos. No caminho que levava à Casa Grande, Connor e Travis Stoll, do chalé de Hermes,

estavam fazendo uma ligação direta no utilitário do acampamento. Silena Beauregard, conselheira chefe do chalé de Afrodite, acenou para mim de seu pégaso ao passar voando. Procurei Grover, mas não o vi. Finalmente entrei na arena de esgrima, aonde costumo ir quando estou de mau humor. Praticar com a espada sempre me acalma. Talvez porque a esgrima, sim, seja algo que eu posso entender.

Entrei no anfiteatro e meu coração quase parou. No meio da arena, de costas para mim, estava o maior cão infernal que eu já vira.

E olhe que já vi alguns cães infernais bem grandes. Um, do tamanho de um rinoceronte, tentou me matar quando eu tinha doze anos. Mas *esse* era maior que um tanque de guerra. Eu não tinha a menor ideia de como ele conseguira atravessar os limites mágicos do acampamento. Parecia em casa, deitado, rosnando contente enquanto mastigava a cabeça de um boneco de combate. O monstro ainda não me vira, mas eu sabia que, se emitisse um som, ele perceberia minha presença. Não havia tempo para buscar ajuda. Puxei Contracorrente e a destampei.

— Aaaaaah! — Ataquei. Desci a lâmina, procurando atingir o enorme traseiro do monstro quando, do nada, outra espada aparou meu golpe.

*CLANG!*

O cão infernal levantou as orelhas.

— AU!

Saltei para trás e instintivamente ataquei o espadachim — um homem grisalho numa armadura grega. Ele se desviou do meu ataque sem qualquer problema.

— Eia! — disse ele. — Trégua!

— AU! — O latido do cão sacudiu a arena.

— Isso é um cão infernal! — gritei.

— Ela é inofensiva — disse o homem. — É a sra. O'Leary.

Eu pisquei.

— Sra. O'Leary?

Ao som de seu nome, o cão infernal tornou a latir. Percebi que ela não estava zangada. Estava animada. Focinhou o boneco-alvo todo mastigado e babado na direção do espadachim.

— Boa menina — disse o homem. Com a mão livre ele agarrou o manequim de armadura pelo pescoço e o lançou na direção das arquibancadas. — Pegue o grego! Pegue o grego!

A sra. O'Leary partiu atrás de sua presa e saltou sobre o boneco, achatando-lhe a armadura. Então, começou a mastigar seu capacete.

O espadachim sorriu secamente. Tinha uns cinquenta e poucos anos, calculei,

com cabelos grisalhos curtos e barba também grisalha aparada. Estava em boa forma para um homem mais velho. Usava calça de alpinismo preta e um peitoral de bronze sobre a camiseta laranja do acampamento.

Em seu pescoço via-se uma estranha marca, uma mancha arroxeada, como um sinal de nascença ou uma tatuagem, mas antes que eu pudesse entender o que era ele ajeitou as tiras da armadura e a marca desapareceu sob a gola.

— A sra. O'Leary é meu bichinho de estimação — explicou. — Eu não podia deixar que você enfiasse uma espada em seu traseiro, podia? Isso poderia tê-la assustado.

— Quem é você?

— Promete não me matar se eu guardar a espada?

— Acho que sim.

O homem embainhou a espada e estendeu a mão.

— Quintus.

Apertei-lhe a mão. Era áspera como uma lixa.

— Percy Jackson — eu disse. — Desculpe por… Como é que você… hã…

— Tenho um cão infernal de estimação? É uma longa história, envolvendo muitos esbarrões com a morte e um bocado de brinquedos gigantes mastigados. Sou o novo instrutor de esgrima, por falar nisso. Estou ajudando o Quíron enquanto o sr. D está fora.

— Ah! — Tentei não olhar enquanto a sra. O'Leary arrancava o escudo do boneco-alvo com o braço ainda preso a ele e o sacudia como se fosse um *frisbee*. — Espere, o sr. D está fora?

— Sim, bem… estes são tempos atarefados. Até mesmo Dioniso precisa ajudar. Ele foi visitar alguns velhos amigos. Certificar-se de que estão do lado certo. Acho que não devo falar mais do que isso.

Dioniso não estar ali era a melhor notícia daquele dia. Ele só era diretor de nosso acampamento porque Zeus o enviara ali como castigo por perseguir uma ninfa fora do limite do bosque. Ele odiava os campistas e tentava infernizar nossa vida. Com ele fora, esse verão deveria ser bem legal. Por outro lado, se Dioniso levantara o traseiro e de fato começara a ajudar os deuses a recrutar ajuda contra a ameaça do titã, a situação devia estar muito ruim.

À minha esquerda, ouvi um ruído alto. Seis caixotes de madeira do tamanho de mesas de piquenique empilhados ali perto estavam chocalhando. A sra. O'Leary inclinou a cabeça e dirigiu-se a eles.

— Ei, garota! — disse Quintus. — Esses não são para você. — Ele a distraiu com o escudo de bronze usado como *frisbee*.

Os caixotes martelavam e tremiam. Havia palavras impressas em suas laterais,

mas, por causa da dislexia, levei alguns minutos para conseguir decifrá-las:

# RANCHO TRIPLO G

FRÁGIL

# ESTE LADO PARA CIMA

Na base, em letras menores: ABRA COM CUIDADO. O RANCHO TRIPLO G NÃO SE RESPONSABILIZA POR DANOS A PROPRIEDADES, MUTILAÇÕES OU MORTES EXCRUCIANTEMENTE DOLOROSAS.

— O que tem nos caixotes? — perguntei.

— Uma pequena surpresa — respondeu Quintus. — Atividade de treinamento para amanhã à noite. Você vai adorar.

— Hã, o.k. — eu disse, embora não estivesse muito seguro em relação à parte das “mortes excruciantemente dolorosas”.

Quintus atirou o escudo de bronze e a sra. O’Leary saiu correndo pesadamente atrás dele.

—Vocês jovens precisam de mais desafios. Não havia acampamentos assim quando eu era garoto.

— Você… você é um meio-sangue? — Eu não tinha a intenção de soar tão surpreso, mas nunca tinha visto um semideus velho.

Quintus deu uma breve risada.

— Alguns de nós sobrevivem, *sim*, até a idade adulta, você sabe. Nem todos somos objetos de terríveis profecias.

— Você sabe sobre minha profecia?

— Já ouvi alguns comentários.

Eu queria perguntar quais comentários, mas naquele exato momento Quíron entrou trotando na arena.

— Percy, aí está você!

Ele devia estar vindo da aula de arco e flecha. Tinha uma aljava e um arco cruzados sobre sua camiseta CENTAURO nº 1. Aparara o cabelo castanho encaracolado e a barba para o verão, e sua metade inferior, que era um garanhão branco, estava suja de lama e grama.

— Vejo que já conheceu nosso novo instrutor. — O tom de Quíron era despreocupado, mas havia uma inquietação em seus olhos. — Quintus, importa-se se eu ficar a sós com Percy?

— Claro que não, Mestre Quíron.

— Não precisa me chamar de “mestre” — disse Quíron, embora sua voz tivesse um certo tom de satisfação. — Venha, Percy. Temos muito que conversar.

Dei mais uma olhada para a sra. O’Leary, que agora mastigava as pernas do boneco-alvo.

— Bem, até logo — eu disse a Quintus.

Quando estávamos nos afastando, sussurrei para Quíron:

— Quintus parece meio…

— Misterioso? — sugeriu ele. — Difícil de interpretar?

— Sim.

Quíron assentiu.

— Um meio-sangue muito qualificado. Excelente esgrimista. Eu só queria entender…

O que quer que fosse dizer, aparentemente mudou de ideia.

— Primeiro o mais importante, Percy. Annabeth me contou que você encontrou algumas *empousai*.

— Foi. — Contei-lhe sobre a luta na Goode, e como Kelli havia explodido em chamas.

— Humm — murmurou Quíron. — As mais poderosas podem fazer isso. Ela não morreu, Percy. Simplesmente escapou. Não é nada bom que os demônios femininos estejam se agitando.

— O que elas estavam fazendo lá? — perguntei. — Esperando por mim?

— Possivelmente. — Quíron franziu a testa. — É impressionante que você tenha sobrevivido. Os poderes ilusórios delas… praticamente todos os heróis do sexo masculino teriam caído sob seu feitiço e sido devorados.

— Eu também teria — admiti. — Se não fosse por Rachel.

Quíron assentiu.

— É irônico ser salvo por um mortal. Temos uma dívida com ela. O que a *empousa* disse sobre um ataque ao acampamento… teremos de discutir mais esse ponto. Por ora, contudo, venha, precisamos chegar ao bosque. Grover vai querer você lá.

— Onde?

— Em sua audiência formal — respondeu Quíron, soturno. — O Conselho dos Anciãos de Casco Fendido está reunido agora para decidir o destino dele.

Quíron disse que precisávamos nos apressar, então deixei que ele me desse uma carona em seu dorso. Enquanto passávamos pelos chalés a galope, olhei para o refeitório — um pavilhão grego ao ar livre, em uma colina que dava para o mar. Era a primeira vez que eu via o lugar desde o último verão, e ele me trouxe más recordações.

Quíron mergulhou no bosque. Ninfas espiavam das árvores enquanto passávamos. Grandes formas farfalhavam nas sombras — monstros que eram mantidos ali como desafio aos campistas.

Pensei que conhecesse bem a floresta depois de jogar captura da bandeira ali por dois verões, mas Quíron me levou por um caminho que eu não reconheci, por um túnel de velhos salgueiros, passando por uma pequena cachoeira e alcançando uma clareira coberta por flores silvestres.

Um grupo de sátiros estava sentado em um círculo na grama. Grover, de pé no meio, de frente para três sátiros muito velhos e muito gordos que se sentavam em tronos feitos de ramos de roseiras. Eu nunca vira os três velhos sátiros, mas deduzi que deviam ser o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido.

Aparentemente, Grover lhes contava uma história. Ele torcia a barra da camiseta, apoiando-se nervosamente ora em uma pata de bode, ora em outra.

Grover não mudara muito desde o último inverno, talvez porque os sátiros envelhecem na metade da velocidade dos humanos. Sua acne havia se agravado. Os chifres estavam um pouco maiores e se projetavam acima dos cabelos encaracolados. Percebi com um sobressalto que agora eu era mais alto do que ele.

De pé ao lado do círculo estavam Annabeth, outra garota que eu nunca vira e Clarisse. Quíron deixou-me perto delas.

O cabelo castanho e crespo de Clarisse estava preso atrás com uma bandana com estampa de camuflagem. Se é que era possível, ela parecia ainda mais musculosa, como se estivesse malhando. Ela me fuzilou com o olhar e murmurou: "*Mané*", o que devia significar que estava de bom humor. Em geral, seu "olá" é uma tentativa de me matar.

Annabeth tinha o braço em torno da outra garota, que aparentemente estivera chorando. Ela era pequena — *mignon*, acho que a chamariam assim —, com cabelos finos cor de âmbar e um rosto bonito e travesso. Usava túnica verde e sandálias de tiras, e enxugava os olhos com um lenço.

— Isso está indo muito mal — ela fungava.

— Não, não. — Annabeth lhe dava tapinhas no ombro. — Ele vai ficar bem, Juníper.

Annabeth olhou para mim e movimentou os lábios formando as palavras: *A namorada de Grover.*

Pelo menos foi o que pensei que ela disse, mas isso não fazia sentido algum. Grover com uma namorada? Então olhei para Juníper mais atentamente e percebi que as orelhas dela eram ligeiramente pontudas. Os olhos, em vez de estarem vermelhos de chorar, estavam tingidos de verde, a cor da clorofila. Ela era uma ninfa das árvores… uma dríade.

— Sr. Underwood! — o membro do conselho à direita gritou, interrompendo o que quer que Grover estivesse tentando dizer. — Espera mesmo que

acreditemos nisso?

— M-mas, Sileno — gaguejou Grover —, é a verdade!

O sujeito do conselho, Sileno, voltou-se para os colegas e murmurou alguma frase. Quíron avançou rapidamente e se postou perto deles. Recordava que ele era um membro honorário do conselho, mas eu nunca pensara muito no assunto. Os anciãos não pareciam muito impressionantes. Lembravam-me os bodes em um minizoo — barrigas enormes, expressão sonolenta e olhos vidrados que não conseguiam ver além do próximo punhado de comida para bode. Eu não sabia por que Grover parecia tão nervoso.

Sileno puxou a camisa polo amarela sobre a barriga e ajeitou-se no trono de roseira.

— Sr. Underwood, há seis meses… *seis meses*… estamos considerando essas alegações escandalosas de que o senhor ouviu o selvagem deus Pã falar.

— Mas eu ouvi!

— Descaramento! — exclamou o ancião à esquerda.

— Ei, Maron — disse Quíron. — Paciência.

— Paciência, está bem! — replicou Maron. — Já estou até os chifres com essa tolice. Como se o deus selvagem fosse falar com… com *ele*.

Juníper tinha a expressão de quem queria atacar o velho sátiro e surrá-lo, mas Annabeth e Clarisse a seguraram.

— Luta errada, garotinha — murmurou Clarisse. — Espere.

Não sei o que me surpreendeu mais: Clarisse conter alguém em uma briga, ou o fato de que ela e Annabeth, que se desprezavam, quase parecerem estar trabalhando juntas.

— Durante seis meses — continuou Sileno — fomos condescendentes com você, sr. Underwood. Nós o deixamos viajar. Permitimos que conservasse sua licença de buscador. Esperávamos que apresentasse provas de suas alegações ridículas. E o que você encontrou em seis meses de viagem?

— Eu só preciso de mais tempo — pediu Grover.

— Nada! — fez coro o ancião no meio. — Você nada encontrou.

— Mas, Leneu…

Sileno ergueu a mão. Quíron inclinou-se e disse algo aos sátiros, os quais não pareciam satisfeitos. Eles murmuravam e discutiam entre si, mas Quíron disse algo mais, e Sileno suspirou. Então assentiu, relutante.

— Sr. Underwood — anunciou Sileno —, vamos lhe dar mais uma chance.

Grover iluminou-se.

— Obrigado!

— Mais uma semana.

— O quê? Mas, senhor, isso é impossível!

— Uma semana a mais, sr. Underwood. E então, se não puder provar suas alegações, será a hora de seguir outra carreira. Algo que combine com seus talentos dramáticos. Teatro de marionetes, talvez. Ou sapateado.

— Mas, senhor, eu… eu não posso perder minha licença de buscador. Minha vida inteira…

— Esta reunião do conselho está suspensa — anunciou Sileno. — E agora vamos desfrutar nosso almoço!

O velho sátiro bateu as mãos, e um bando de ninfas surgiu das árvores com bandejas de vegetais, frutas, latas e outras iguarias de bode. O círculo de sátiros desfez-se e eles se foram, atrás da comida. Grover veio caminhando, desalentado, em nossa direção. Sua camiseta desbotada exibia a foto de um sátiro e dizia: bom de cascos?

— Oi, Percy — disse ele, tão deprimido que nem ofereceu a mão para eu apertar. — Correu tudo bem, hã?

— Aqueles bodes velhos! — exclamou Juníper. — Ah, Grover, eles não sabem o quanto você se esforçou!

— Tem outra opção — disse Clarisse, sombria.

— Não. Não. — Juníper sacudia a cabeça. — Grover, não vou deixar.

O rosto dele estava pálido.

— Eu… eu vou ter de pensar no assunto. Mas nem sabemos onde procurar.

— Do que vocês estão falando? — perguntei.

A distância, uma trombeta de concha soou.

Annabeth franziu os lábios.

— Eu explico tudo mais tarde, Percy. É melhor voltarmos para nossos chalés. Está na hora da inspeção.

Não parecia justo que meu chalé fosse inspecionado logo após eu chegar ao acampamento, mas era assim que funcionava. Toda tarde, um dos conselheiros seniores fazia a ronda com um rolo de pergaminho que listava itens a ser verificados. O melhor chalé ganhava a primeira hora no chuveiro, o que significava água quente garantida. O pior ganhava o trabalho na cozinha após o jantar.

O problema era que, em geral, eu era o único no chalé de Poseidon, e não sou exatamente o que se chamaria de caprichoso. As harpias da limpeza vinham apenas no último dia do verão, portanto meu chalé estava provavelmente do jeito

que eu o havia deixado no intervalo do inverno: papéis de bala e sacos de batata frita ainda no beliche, as peças da armadura para a captura da bandeira espalhadas por todo o lugar.

Corri na direção da área comum, onde os doze chalés — um para cada deus olimpiano — formavam um U em torno de um gramado central. Os filhos de Deméter varriam o seu e faziam flores novas crescer nas jardineiras da janela. Com um simples estalo dos dedos eles podiam fazer trepadeiras de madressilva florescerem no alto da porta e margaridas cobrirem o telhado, o que era totalmente injusto. Acredito que jamais tenham ficado com o último lugar na inspeção. Os garotos no chalé de Hermes corriam para todos os lados em pânico, escondendo roupas sujas debaixo das camas e acusando uns aos outros de pegarem coisas. Eram desleixados, mas ainda levavam vantagem sobre mim, por terem saído na frente.

Silena Beauregard estava saindo do chalé de Afrodite, verificando itens no pergaminho de inspeção. Xinguei baixinho. Silena era legal, mas era absolutamente maníaca por arrumação, a pior das inspetoras. Gostava de tudo bonito. Eu não fazia nada "bonito". Quase podia sentir meus braços ficando pesados com toda a louça que teria de esfregar à noite.

O chalé de Poseidon ficava no fim da fileira dos chalés de "deuses do sexo masculino", no lado direito do gramado. Era feito de pedra cinzenta do mar incrustada de conchas, achatado e afundado como um *bunker*, mas tinha janelas que davam para o oceano e por onde sempre soprava uma brisa gostosa.

Entrei correndo, imaginando se não poderia fazer uma limpeza rápida do tipo "tudo embaixo da cama", como os garotos do chalé de Hermes, e encontrei meu meio-irmão Tyson varrendo o chão.

— Percy! — gritou ele. Largou a vassoura e correu para mim. Se você nunca foi atacado por um ciclope entusiástico usando um avental florido e luvas de borracha, estou lhe dizendo: isso acorda você rapidinho.

— Ei, grandão! — exclamei. — Ai, cuidado com minhas costelas.

Consegui sobreviver a seu abraço de urso. Ele me colocou no chão, sorrindo feito louco, seu único olho castanho cor de bezerro cheio de animação. Seus dentes estavam amarelos e tortos, como sempre, e seu cabelo era um ninho de ratos. Ele usava jeans tamanho EGGG e uma camisa de flanela esfarrapada debaixo do avental florido, mas ainda era um colírio para os olhos. Fazia quase um ano que eu não o via, desde que ele fora para o fundo do mar trabalhar nas forjas dos ciclopes.

— Você está bem? — perguntou ele. — Não foi comido por monstros?

— Nem um pedacinho. — Mostrei-lhe que ainda tinha os dois braços e as

duas pernas, e Tyson bateu palmas, feliz.

— Ei! — disse ele. — Agora podemos comer sanduíches de manteiga de amendoim e cavalgar peixes-pôneis! Podemos lutar contra monstros, ver Annabeth e fazer assim com as coisas: BUUM!

Eu esperava que ele não pretendesse fazer tudo ao mesmo tempo, mas lhe disse que, claro, nos divertiríamos bastante naquele verão. Não pude deixar de sorrir de tão animado que ele estava.

— Mas, primeiro — eu disse —, temos de nos preocupar com a inspeção. Precisamos…

Então olhei ao redor e percebi que Tyson estivera ocupado. O chão estava varrido. As camas no beliche estavam feitas. A fonte de água salgada no canto fora escovada recentemente, de modo que o coral brilhava. No peitoril das janelas, Tyson havia arrumado vasos com água e anêmonas-do-mar e estranhas plantas brilhantes do fundo do oceano, mais bonitas que qualquer buquê de flores que os filhos de Deméter pudessem criar.

— Tyson, o chalé está… impressionante!

Ele se alegrou.

— Está vendo os peixes-pôneis? Eu os coloquei no teto!

Um bando de miniaturas de cavalos-marinhos de bronze pendiam de arames presos no teto, fazendo parecer que estavam nadando no ar. Eu não podia acreditar que Tyson, com suas mãos imensas, pudesse fazer coisas tão delicadas. Então olhei para minha cama e vi meu velho escudo pendurado na parede.

— Você o consertou!

O escudo ficara seriamente danificado em um ataque de manticore no inverno anterior, mas agora estava perfeito de novo — sem um arranhão. Todas as imagens de minhas aventuras com Tyson e Annabeth no Mar de Monstros esculpidas no bronze estavam polidas e reluzentes.

Olhei para Tyson. Não sabia como lhe agradecer.

Então alguém atrás de mim disse:

— Ah, puxa!

Silena Beauregard estava de pé na porta com o pergaminho da inspeção. Ela entrou no chalé, deu um rápido giro e ergueu as sobrancelhas em minha direção.

— Bem, eu tinha minhas dúvidas. Mas você arruma direitinho, Percy. Vou me lembrar disso.

Então piscou para mim e saiu.

Tyson e eu passamos a tarde pondo os assuntos em dia e perambulando, o que

era bom depois de uma manhã sendo atacado por demônios líderes de torcida.

Seguimos para a forja e ajudamos Beckendorf, do chalé de Hefesto, com seu trabalho em metal. Tyson nos mostrou como aprendera a fazer armas mágicas. Modelou um machado de guerra de lâmina dupla com tanta rapidez que até Beckendorf ficou impressionado.

Enquanto trabalhava, Tyson nos contou sobre seu ano no fundo do mar. Seu olho se iluminou quando ele descreveu as forjas dos ciclopes e o palácio de Poseidon, mas ele também nos contou como todos estavam tensos. Os antigos deuses do mar, que haviam governado durante a era dos titãs, estavam começando a declarar guerra contra nosso pai. Quando Tyson partiu, havia batalhas explodindo por todo o Atlântico. Ouvir isso me deixou ansioso, como se eu devesse estar ajudando, mas Tyson me garantiu que papai queria que nós dois ficássemos no acampamento.

—Tem muita gente má acima do mar também — disse Tyson. — Podemos fazer com que elas façam BUM.

Depois das forjas, passamos algum tempo no lago de canoagem com Annabeth. Ela ficou feliz de verdade em ver Tyson, mas pude perceber que estava distraída. Ficava olhando para a floresta, como se estivesse pensando no problema de Grover com o conselho. Eu não a culpava. Grover não estava em nenhum lugar à vista, e eu me sentia mal por ele. Achar o deus Pã perdido era o objetivo de sua vida. Seu pai e seu tio haviam ambos desaparecido perseguindo o mesmo sonho. No inverno anterior, Grover tinha ouvido uma voz em sua cabeça: *Eu o espero* — uma voz que ele tinha certeza ser de Pã —, mas aparentemente sua procura não havia levado a lugar algum. Se o conselho tirasse sua licença de buscador agora, isso acabaria com ele.

— O que é essa “outra opção”? — perguntei a Annabeth. — A que Clarisse se referiu.

Ela pegou uma pedra e a lançou do outro lado do lago.

— Algo que Clarisse descobriu em sua expedição. Eu a ajudei um pouco nessa primavera. Mas seria perigoso. Principalmente para Grover.

— O garoto-bode me assusta — murmurou Tyson.

Eu olhei para ele. Tyson havia intimidado touros que cuspiam fogo, monstros marinhos e gigantes canibais.

— Por que você teria medo de Grover?

— Cascos e chifres — murmurou Tyson, nervoso. — E pelo de bode faz meu nariz coçar.

E isso, por assim dizer, pôs fim à nossa conversa sobre Grover.

Antes do jantar, Tyson e eu fomos até a arena de esgrima. Quintus ficou feliz em ter companhia. Ele ainda não queria me dizer o que havia nos caixotes de madeira, mas me ensinou alguns movimentos com a espada. O cara era bom. Lutava da forma como algumas pessoas jogam xadrez — como se estivesse criando todos os movimentos e você não conseguisse perceber o padrão até ele dar o último golpe e ganhar, com a espada em sua garganta.

— Boa tentativa — disseme. — Mas sua guarda está muito baixa.

Ele investiu e me desviei.

— Você sempre foi esgrimista? — perguntei.

Ele aparou minha cutilada aérea.

— Já fui muitas coisas.

Ele atacou e eu dei um passo para o lado. Sua ombreira escorregou e eu vi a marca em seu pescoço — a mancha roxa. Não era uma marca qualquer. Tinha uma forma definida — uma ave com asas fechadas, como uma codorna ou outra parecida.

— O que é isso em seu pescoço? — perguntei, o que provavelmente era uma descortesia, mas posso culpar minha TDAH. Tenho tendência a simplesmente falar o que me vem à cabeça.

Quintus perdeu o ritmo. Acertei o punho de sua espada e arranquei a lâmina de sua mão.

Ele esfregou os dedos. Então mudou a armadura de posição para esconder a marca. Não era uma tatuagem, percebi. Era uma queimadura antiga… como se ele tivesse sido marcado a ferro.

— Um lembrete. — Ele tornou a pegar a espada e forçou um sorriso. — Agora, vamos continuar?

Então jogou mais pesado, a fim de não me dar tempo para fazer outras perguntas.

Enquanto ele e eu lutávamos, Tyson brincava com a sra. O'Leary, a quem chamou de "cachorrinho". Eles se divertiram lutando pelo escudo de bronze e brincando de Pegue o Grego. Quando o sol já se punha, Quintus não mostrava sinal algum de suor, o que me pareceu um pouco estranho; Tyson e eu, porém, estávamos suados e grudentos, portanto fomos para os chuveiros e nos aprontamos para o jantar.

Eu me sentia bem. Era quase um dia normal no acampamento. Então chegou o jantar e todos os campistas enfileiraram-se diante dos chalés e marcharam para o pavilhão do refeitório. A maioria ignorou a fissura vedada no piso de mármore na entrada — uma cicatriz irregular de três metros que não estava lá no último verão —, mas eu tomei o cuidado de não pisar nela.

— Rachadura grande — observou Tyson quando estávamos em nossa mesa. — Um terremoto, será?

— Não — eu disse. — Não foi um terremoto.

Eu não tinha certeza se devia contar a ele. Era um segredo que apenas Annabeth, Grover e eu sabíamos. Mas, olhando no grande olho de Tyson, soube que não podia esconder nada dele.

— Nico di Angelo — eu disse, baixando a voz. — É aquele garoto meio-sangue que trouxemos para o acampamento no inverno passado. Ele, hã… ele me pediu que protegesse sua irmã numa busca, e eu fracassei. Ela morreu. Agora ele me culpa.

Tyson franziu a testa.

— Então ele fez uma rachadura no chão?

— Uns esqueletos nos atacaram — contei. — Nico lhes disse que fossem embora, e o chão simplesmente se abriu e os engoliu. Nico… — Olhei à volta para ter certeza de que ninguém estivesse ouvindo. — Nico é filho de Hades.

Tyson assentiu, pensativo.

— O deus dos mortos.

— É.

— Então esse garoto, Nico, foi embora?

— Eu… eu acho. Tentei procurá-lo nesta primavera. Annabeth também. Mas não tivemos sorte. Isto é segredo, Tyson, está bem? Se alguém descobrir que ele é filho de Hades, ele estará em perigo. Você não pode contar nem para Quíron.

— A profecia ruim — disse Tyson. — Os titãs poderiam usá-lo se soubessem.

Eu o fitei. Às vezes era fácil esquecer que, apesar de ser grande e infantil, Tyson era muito inteligente. Ele sabia que o próximo filho dos Três Grandes deuses — Zeus, Poseidon ou Hades — a completar dezesseis anos estava predestinado a salvar ou a destruir o Monte Olimpo. A maioria das pessoas tinha certeza de que a profecia referia-se a mim, mas se eu morresse antes de completar dezesseis anos ela poderia igualmente aplicar-se a Nico.

— Exatamente — eu disse. — Portanto…

— Boca fechada — prometeu Tyson. — Como a rachadura no chão.

Tive dificuldade para adormecer naquela noite. Fiquei deitado na cama, ouvindo as ondas na praia, e as corujas e os monstros nos bosques. Temia que se caísse no sono, teria pesadelos.

Entenda, para meios-sangues, os sonhos raramente são apenas sonhos. Nós recebemos mensagens. Vislumbramos fatos que estão acontecendo a nossos

amigos ou inimigos. Às vezes, temos lampejos do passado ou do futuro. E, no acampamento, meus sonhos eram sempre mais frequentes e vívidos.

Assim, ainda estava acordado por volta da meia-noite, fitando o colchão da cama de cima do beliche, quando percebi que havia uma luz estranha no quarto. A fonte de água salgada estava brilhando.

Atirei as cobertas para o lado e andei cautelosamente na direção da luz. Um vapor saía da água salgada e quente. As cores do arco-íris bruxuleavam através dele, embora não houvesse luz alguma no quarto, exceto pela lua lá fora. Então uma agradável voz feminina falou em meio ao vapor: *Por favor, deposite um dracma.*

Olhei para Tyson, mas ele ainda estava roncando. O sono dele é tão pesado quanto o de um elefante sob efeito de sedativos.

Eu não sabia o que pensar. Nunca antes recebera uma mensagem de Íris a cobrar. Um dracma dourado brilhava no fundo da fonte. Eu o peguei e o atirei em meio à névoa. A moeda desapareceu.

— Ah, Íris, Deusa do Arco-íris — sussurrei. — Mostre-me… hã, o que quer que você precise me mostrar.

A névoa tremulou. Eu vi a margem escura de um rio. Fiapos de névoa carregados acima das águas negras. A praia era pontilhada de rochas vulcânicas pontudas. Um garoto estava agachado à margem do rio, cuidando de uma fogueira. As chamas queimavam com uma cor azul artificial. Então eu vi seu rosto. Era Nico di Angelo. Ele estava jogando pedaços de papel no fogo — figurinhas de Mitomagia, parte do jogo pelo qual ele estava obcecado no último inverno.

Nico tinha apenas dez anos, ou talvez onze agora, mas parecia mais velho. Seu cabelo crescera. Estava desgrenhado e quase lhe chegava aos ombros. Os olhos eram escuros. A pele cor de oliva estava mais pálida. Ele usava jeans preto rasgado e casaco estilo aviador surrado vários tamanhos acima do dele, com o zíper aberto, sobre uma camisa preta. Seu rosto estava sombrio, os olhos, um tanto selvagens. Parecia um morador de rua.

Esperei que ele olhasse para mim. Não havia dúvida de que ficaria louco de raiva e começaria a me acusar de ter deixado sua irmã morrer. Mas ele não pareceu me notar.

Permaneci quieto, sem ousar sequer me mover. Se não tinha sido ele quem enviara essa mensagem de Íris, quem teria?

Nico atirou outra figurinha nas chamas azuis.

— Inútil — murmurou ele. — Não posso acreditar que um dia gostei dessa porcaria.

— Um jogo infantil, amo — concordou outra voz. Parecia vir de perto do fogo, mas eu não conseguia ver quem estava falando.

Nico olhou para o outro lado do rio. A margem mais distante era uma praia negra coberta pela neblina. Reconheci o lugar: o Mundo Inferior. Nico estava acampando na beira do Rio Estige.

— Eu fracassei — resmungou ele. — Não existe qualquer meio de trazê-la de volta.

A outra voz manteve silêncio.

Nico voltou-se para seu interlocutor, inseguro.

— Existe? Fale.

Algo tremeluziu. Pensei que fosse apenas a luz do fogo. Mas então percebi que tinha a forma de um homem — um fiapo de fumaça azul, uma sombra. Se você o olhasse de frente, ele não estava lá. Mas se olhasse com o canto do olho, podia distinguir a forma. Um fantasma.

— Isso nunca foi feito — disse o fantasma. — Mas pode haver um meio.

— Diga — ordenou Nico. Seus olhos brilhavam com uma luz feroz.

— Uma troca — disse o fantasma. — Uma alma por outra alma.

— Já ofereci!

— Não a sua — disse o fantasma. — Você não pode oferecer a seu pai uma alma que ele vai acabar colhendo de qualquer forma. Tampouco ele estará ansioso pela morte do filho. Eu me refiro a uma alma que já deveria ter morrido. Alguém que enganou a morte.

O rosto de Nico entristeceu-se.

— Não, isso de novo, não. Você está falando de assassinato.

— Estou falando de justiça — falou o fantasma. — Vingança.

— Não são a mesma coisa.

O fantasma riu secamente.

— Você vai pensar diferente à medida que for crescendo.

Nico fitou as chamas.

— Por que não consigo nem ao menos evocá-la? Quero falar com ela. Ela iria… ela iria me ajudar.

— *Eu* vou ajudá-lo — prometeu o fantasma. — Já não o salvei tantas vezes? Não o conduzi pelo Labirinto e o ensinei a usar seus poderes? Você quer vingança pela sua irmã ou não?

Não gostei do tom de voz do fantasma. Fazia-me lembrar de um garoto em minha antiga escola, um valentão que costumava convencer os outros garotos a fazer coisas estúpidas, como roubar o equipamento do laboratório e vandalizar

os carros dos professores. O valentão nunca se metia em encrenca, mas levou dúzias de outros garotos a serem suspensos.

Nico então afastou-se do fogo para que o fantasma não pudesse vê-lo, mas eu podia. Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Muito bem. Você tem um plano?

— Ah, sim — disse o fantasma, parecendo bastante satisfeito. — Temos muitos caminhos de trevas para seguir. Devemos começar…

A imagem tremeluziu. Nico desapareceu. A voz da mulher em meio à névoa disse: *Por favor, deposite um dracma para mais cinco minutos.*

Não havia outras moedas na fonte. Procurei nos bolsos, mas estava de pijama. Corri para a mesinha de cabeceira em busca de trocados, mas a mensagem de Íris já havia se apagado, e o quarto tornou a escurecer. A conexão havia sido interrompida.

Fiquei parado no meio do chalé, ouvindo o gorgolejo da fonte de água salgada e das ondas do oceano lá fora.

Nico estava vivo. Estava tentando trazer a irmã de volta do mundo dos mortos. E eu tinha o pressentimento de que sabia que alma ele queria trocar — alguém que enganara a morte. Vingança.

Nico di Angelo viria à minha procura.

TRÊS

# Brincamos de pega-pega com escorpiões

Na manhã seguinte era grande o alvoroço no café da manhã.

Aparentemente por volta das três da manhã um dragão etíope fora visto na fronteira do acampamento. Eu estava tão exausto que dormi direto, apesar do barulho. Os limites mágicos haviam mantido o monstro fora, mas ele perambulou pelas colinas, à procura de pontos fracos em nossas defesas, e não parecia ter pressa para ir embora até que Lee Fletcher, do chalé de Apolo, liderou dois de seus irmãos em sua perseguição. Após algumas dezenas de flechas se cravarem nas fendas da couraça do dragão, ele entendeu a mensagem e se retirou.

— Ainda está por aí — Lee nos advertiu durante a sessão de anúncios. — Vinte flechas no couro e só conseguimos deixá-lo com raiva. O bicho tinha dez metros de comprimento e era de um verde brilhante. Seus olhos… — Ele estremeceu.

— Vocês se saíram muito bem, Lee. — Quíron deu-lhe tapinhas no ombro. — Todos fiquem alerta, mas mantenham a calma. Isso já aconteceu antes.

— Sim — disse Quintus na cabeceira da mesa. — E vai acontecer de novo. Com frequência cada vez maior.

Os campistas murmuravam entre si.

Todos conheciam os boatos: Luke e seu exército de monstros estavam planejando uma invasão ao acampamento. A maioria de nós esperava que acontecesse neste verão, mas ninguém sabia como ou quando seria. Em nada ajudava o fato de nossa frequência estar baixa. Tínhamos apenas cerca de oitenta campistas. Há três anos, quando comecei, havia mais de cem. Alguns tinham morrido. Outros uniram-se a Luke. E outros, ainda, tinham simplesmente desaparecido.

— Essa é uma boa razão para novos jogos de guerra — continuou Quintus, com um lampejo nos olhos. — Vamos ver como todos vocês se saem esta noite.

— Sim… — disse Quíron. — Bem, chega de pronunciamentos. Vamos abençoar esta refeição e comer. — Ele ergueu sua taça. — Aos deuses!

Todos nós erguemos os copos e repetimos a bênção.

Tyson e eu levamos nossos pratos até o braseiro de bronze e jogamos uma

porção de nossa comida nas chamas. Torci para que os deuses gostassem de torrada de passas e cereais coloridos.

— Poseidon — eu disse. E em seguida sussurrei: — Ajude-me com Nico, com Luke e com o problema de Grover…

Havia tantos motivos de preocupação que eu poderia ter ficado ali a manhã toda, mas voltei para a mesa.

Quando estavam todos comendo, Quíron e Grover vieram para a nossa mesa. Grover tinha os olhos vermelhos. A camisa estava para fora da calça. Ele deslizou o prato na mesa e desabou ao meu lado.

Tyson mexeu-se desconfortavelmente.

— Eu vou… hã… polir meus peixes-pôneis.

E se foi, andando pesadamente e deixando o café pela metade.

Quíron tentou dar um sorriso. Provavelmente queria transmitir confiança, mas, na forma de centauro, pairava acima de mim, lançando uma sombra sobre a mesa.

— Bem, Percy, como passou a noite?

— Hã, bem. — Fiquei imaginando por que havia feito aquela pergunta. Seria possível que ele soubesse algo da estranha mensagem de Íris que eu recebera?

— Eu trouxe Grover para cá — disse Quíron — porque pensei que vocês talvez quisessem, hã, discutir algumas questões. Agora, se me derem licença, tenho algumas mensagens de Íris para enviar. Vejo vocês mais tarde. — Ele lançou a Grover um olhar significativo, então seguiu a trote para o pavilhão.

— Do que ele está falando? — perguntei a Grover.

Grover mastigava os ovos. Dava para ver que estava distraído, porque mordia os dentes do garfo e os mastigava também.

— Ele quer que você me convença — resmungou.

Alguém mais sentou-se a meu lado: Annabeth.

— Vou lhe dizer do que se trata — disse ela. — O Labirinto.

Era difícil me concentrar no que ela estava dizendo, porque todos no pavilhão do refeitório nos olhavam pelo canto do olho, sussurrando. E Annabeth estava bem a meu lado. E quero dizer *bem* a meu lado.

— Você não deveria estar aqui — eu disse.

— Precisamos conversar — insistiu ela.

— Mas as regras…

Ela sabia tão bem quanto eu que os campistas não tinham permissão para trocar de mesa. Os sátiros eram diferentes. Eles não eram de fato semideuses. Mas os meios-sangues tinham de se sentar com os de seus chalés. Eu não tinha

nem certeza de qual era a punição para quem trocava de mesa. Nunca vira isso acontecer. Se o sr. D estivesse ali, provavelmente teria estrangulado Annabeth com parreiras mágicas ou algo no gênero, mas ele não estava. Quíron já deixara o pavilhão. Quintus olhou em nossa direção e ergueu uma sobrancelha, mas nada disse.

— Olhe — disse Annabeth. — Grover está em apuros. Só podemos imaginar um modo de ajudá-lo. É o Labirinto. É isso que Clarisse e eu estamos investigando.

Mudei de posição, tentando pensar com clareza.

— Você se refere ao Labirinto onde eles mantinham o Minotauro nos tempos antigos?

— Exatamente — disse Annabeth.

— Então… ele não fica mais debaixo do palácio do rei em Creta — adivinhei. — O Labirinto está debaixo de algum edifício nos Estados Unidos.

Vê? Só precisei de alguns anos para entender as coisas. Eu sabia que lugares importantes deslocavam-se com a civilização ocidental, como o Monte Olimpo, que agora estava em cima do Empire State Building, e a entrada para o Mundo Subterrâneo, que ficava em Los Angeles. Eu me senti muito orgulhoso de mim mesmo.

Annabeth revirou os olhos.

— Debaixo de um edifício? Pelo amor de Deus, Percy. O Labirinto é *imenso*. Não caberia debaixo de uma cidade, quanto mais de um único prédio.

Pensei em meu sonho com Nico e o Rio Estige.

— Então… o Labirinto faz parte do Mundo Inferior?

— Não. — Annabeth franziu a testa. — Bem, deve haver passagens do Labirinto para o Mundo Inferior. Não tenho certeza. Mas o Mundo Inferior é muito, muito mais baixo. O Labirinto fica logo abaixo da superfície do mundo mortal, como uma segunda pele. Ele vem crescendo há milhares de anos, tecendo seu caminho sob cidades do Ocidente, conectando tudo abaixo da superfície. Você pode chegar a qualquer lugar pelo Labirinto.

— Se não se perder — murmurou Grover — e for vítima de uma morte horrível.

— Grover, tem de haver uma forma — disse Annabeth. Minha impressão foi de que eles já haviam tido essa conversa antes. — Clarisse sobreviveu.

— Por pouco! — replicou Grover. — E o outro cara…

— Ele enlouqueceu. Não morreu.

— Ah, que felicidade. — O lábio inferior de Grover tremulou. — Isso faz com que eu me sinta muito melhor.

— Ei — eu disse. — Voltem. Que história é essa de Clarisse e um cara louco?

Annabeth lançou um olhar na direção da mesa de Ares. Clarisse observava-nos como se soubesse do que estávamos falando, mas naquele momento ela fixou os olhos no prato do café da manhã.

— Ano passado — disse Annabeth, abaixando a voz — Clarisse partiu em uma missão para Quíron.

— Eu lembro — respondi. — Era secreta.

Annabeth assentiu. Apesar de toda a seriedade em sua atitude, eu estava feliz por ela não estar mais com raiva de mim. E eu até gostava do fato de ela ter quebrado as regras e ter vindo sentar-se ao meu lado.

— Era segredo — concordou Annabeth — porque ela encontrou Chris Rodriguez.

— O cara do chalé de Hermes?

Eu o tinha conhecido dois anos antes. Nós havíamos espionado Chris Rodriguez a bordo do navio de Luke, o *Princesa Andrômeda*. Chris era um dos meios-sangues que haviam abandonado o acampamento e se unido ao exército do Titã.

— Exatamente — disse Annabeth. — No verão passado, ele simplesmente apareceu em Phoenix, no Arizona, perto da casa da mãe de Clarisse.

— O que quer dizer com simplesmente apareceu?

— Ele estava perambulando pelo deserto, a quase cinquenta graus, vestindo uma armadura grega completa, tagarelando sobre fio.

— Fio — repeti.

— Tinha enlouquecido completamente. Clarisse o levou para a casa da mãe dela, para que os mortais não o internassem em um manicômio. Ela tentou cuidar dele, ajudá-lo a se curar. Quíron foi até lá e conversou com ele, mas não foi de grande ajuda. A única informação que conseguiram foi: os homens de Luke estão explorando o Labirinto.

Estremeci, sem saber exatamente por quê. Pobre Chris… não era um garoto mau. O que poderia tê-lo feito enlouquecer? Olhei para Grover, que mastigava o restante do garfo.

— O.k. Por que eles estavam explorando o Labirinto? — perguntei.

— Não tínhamos certeza — disse Annabeth. — Foi por isso que Clarisse partiu em uma expedição de patrulha. Quíron manteve tudo em sigilo porque não queria ninguém em pânico. Ele me envolveu porque… bem, o Labirinto sempre foi um de meus temas favoritos. A arquitetura envolvida… — Sua expressão tornou-se um tantinho sonhadora. — O construtor, Dédalo, era um gênio. Mas a questão é que o Labirinto tem entradas por toda parte. Se Luke conseguir

descobrir como se orientar nele, poderá deslocar seu exército com incrível velocidade.

— Exceto pelo fato de que se trata de um labirinto, certo?

— Cheio de armadilhas horríveis — concordou Grover. — Becos sem saída. Ilusões. Monstros psicóticos assassinos de bodes.

— Não se você tiver o fio de Ariadne — disse Annabeth. — Nos tempos antigos, o fio de Ariadne guiou Teseu, ajudando-o a sair do Labirinto. Era um instrumento de navegação inventado por Dédalo. E Chris Rodriguez estava murmurando algo sobre fio.

— Então Luke está tentando encontrar o fio de Ariadne — eu disse. — Por quê? O que ele está planejando?

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Não sei. Pensei que ele talvez quisesse invadir o acampamento pelo Labirinto, mas isso não faz sentido. As entradas mais próximas que Clarisse encontrou foram em Manhattan, o que não ajudaria Luke a atravessar nossas fronteiras. Clarisse explorou um pouco os túneis, mas… era muito perigoso. Ela passou por alguns apertos. Pesquisei tudo que pude encontrar sobre Dédalo. Mas acho que não foi de muita ajuda. Não compreendo exatamente o que Luke está planejando, mas uma certeza eu tenho: o Labirinto pode ser a chave para o problema de Grover.

Eu pisquei.

— Você acha que Pã está no subterrâneo?

— Isso explicaria por que é impossível encontrá-lo.

— Sátiros odeiam ir ao subterrâneo. Nenhum buscador jamais tentaria ir *àquele* lugar. Não há flores. Não há luz do sol. Não há cafés! — Grover estremeceu.

— No entanto — continuou Annabeth —, o Labirinto pode levá-lo a quase todos os lugares. Ele lê seus pensamentos. Foi projetado para enganá-lo, ludibriá-lo e matá-lo. Mas se você puder fazer o Labirinto trabalhar *para* você…

— Ele poderia levá-lo ao deus selvagem — eu disse.

— Não posso fazer isso. — Grover apertou a barriga. — Só de pensar já tenho vontade de vomitar meus talheres.

— Grover, pode ser sua última chance — disse Annabeth. — O conselho é sério. *Uma* semana ou você vai aprender sapateado!

Na mesa principal, Quintus pigarreou. Eu tinha a sensação de que ele não queria fazer uma cena, mas Annabeth estava indo longe demais, ficando à minha mesa por tanto tempo.

— Conversamos mais tarde. — Annabeth apertou meu braço um pouco forte

demais. — Convença-o, está bem?

Ela voltou para a mesa de Atena, ignorando todos que a olhavam.

Grover enterrou a cabeça nas mãos.

— Não posso fazer isso, Percy. Minha licença de buscador. Pã. Vou perder tudo. Vou ter de abrir um teatro de marionetes.

— Não diga isso! Vamos encontrar uma solução.

Ele me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Percy, você é meu melhor amigo. Já me viu no subterrâneo. Naquela caverna daquele ciclope. Acha mesmo que eu poderia…

Sua voz falhou. Lembrei-me do Mar de Monstros, quando ele ficara preso na caverna de um ciclope. Grover nunca fora fã de lugares subterrâneos, mas agora os odiava mesmo. Ciclopes também lhe davam calafrios. Até mesmo Tyson… Grover tentava esconder isso, mas podíamos praticamente ler as emoções um do outro por causa do elo de empatia que ele criara entre nós. Eu sabia como ele se sentia. Grover tinha pavor do grandão.

— Tenho de ir — disse Grover, infeliz. — Juníper está esperando por mim. É bom, isso de achar os covardes atraentes.

Depois que ele se foi, olhei para Quintus. Ele assentiu, sério, como se partilhássemos um segredo obscuro. Então voltou a cortar a salsicha com um punhal.

À tarde, eu fui até os estábulos dos pégasos para visitar meu amigo Blackjack.

*Ei, chefe!* Ele saltitava pela baia, as asas negras fustigando o ar. *Você me trouxe uns torrões de açúcar?*

— Você sabe que eles não lhe fazem bem, Blackjack.

*É, então você trouxe alguns, não foi?*

Sorri e lhe dei um punhado deles. Blackjack e eu tínhamos uma longa história. Eu ajudara a resgatá-lo do cruzeiro demoníaco de Luke havia alguns anos, e desde então ele insistia em me pagar com favores.

*Então, temos alguma missão iminente?*, perguntou Blackjack. *Estou pronto para voar, chefe!*

Acariciei-lhe o focinho.

— Não tenho certeza, cara. Estão todos falando de labirintos subterrâneos.

Blackjack relinchou com nervosismo.

*Hã-hã. Não para este cavalo! Você não vai ser louco de entrar em nenhum labirinto, chefe. Vai? Vai acabar na fábrica de cola!*

— Pode ser que você tenha razão, Blackjack. Vamos ver.

Blackjack mastigou seus torrões de açúcar. Então sacudiu a crina como se estivesse tendo um ataque hiperglicêmico.

*Uau! Esses eram dos bons! Bem, chefe, se recobrar o juízo e quiser voar para algum lugar, basta assoviar. O velho Blackjack e seus amigos passam por cima de qualquer um por você!*

Eu lhe disse que me lembraria disso. Então um grupo de campistas mais novos chegou aos estábulos para começar sua aula de equitação, e concluí que era hora de ir. Tinha o mau pressentimento de que não voltaria a ver Blackjack por muito tempo.

Naquela noite, após o jantar, Quintus mandou que nos equipássemos com armaduras de combate, como se estivéssemos nos preparando para a captura da bandeira, mas a disposição dos campistas era muito mais séria. Em algum momento durante o dia os caixotes na arena desapareceram, e eu tinha a impressão de que o que quer que estivesse dentro deles fora solto nos bosques.

— Certo — disse Quintus, de pé à mesa de jantar principal. — Reúnam-se aqui.

Ele estava vestido em couro negro e bronze. À luz das tochas, o cabelo grisalho fazia-o parecer um fantasma. A sra. O'Leary saltitava, feliz, em torno dele, à procura de restos do jantar.

— Vocês se dividirão em duplas — anunciou Quintus. Quando todos começaram a falar e a procurar seus amigos, ele gritou: — Que já estão determinadas!

— AHHHHH! — queixaram-se todos.

— Seu objetivo é simples: peguem a coroa de louros de ouro sem morrer. A coroa está embrulhada com seda, amarrada às costas de um monstro. São seis monstros ao todo. Cada um deles tem um pacote de seda. Apenas um carrega a coroa de louros. Vocês têm de encontrá-la antes das outras duplas. E, naturalmente… vão precisar matar o monstro para pegá-la e se manter vivos.

Todos começaram a murmurar, excitados. A tarefa parecia bastante simples. Afinal, todos nós já havíamos matado monstros. Era para isso que treinávamos.

— Agora vou anunciar seus parceiros — disse Quintus. — Não haverá trocas. Nem negociações. Nem queixas.

— *Auuuuuu!* — A sra. O'Leary enterrou a cara em um prato de pizza.

Quintus surgiu como um grande rolo de pergaminho e começou a ler os nomes. Beckendorf ficaria com Silena Beauregard, o que o deixou bastante feliz. Os irmãos Stoll, Travis e Connor, ficariam juntos. Nenhuma surpresa. Eles

faziam tudo juntos. Clarisse estava com Lee Fletcher, do chalé de Apolo — combate violento e organizado combinados, formariam uma dupla dura de vencer. Quintus continuou a anunciar rapidamente os nomes até que disse: — Percy Jackson com Annabeth Chase.

— Legal. — Sorri para Annabeth.

— Sua armadura está torta — foi o único comentário dela, e rearrumou minhas correias.

— Grover Underwood — disse Quintus — com Tyson.

Grover quase saltou fora de sua pele de bode.

— O quê? M-mas…

— Não, não — choramingou Tyson. — Deve ser engano. O garoto-bode…

— Sem queixas! — ordenou Quintus. — Juntem-se a seu par. Vocês têm dois minutos para se preparar.

Tanto Tyson quanto Grover olharam para mim, suplicantes. Tentei lhes dirigir um aceno de cabeça encorajador e gesticulei, indicando que deviam se juntar. Tyson espirrou. Grover começou a mastigar nervosamente seu bastão de madeira.

— Eles vão ficar bem — disse Annabeth. — Venha. Vamos nos preocupar com o que faremos para nos manter vivos.

Ainda estava claro quando entramos no bosque, mas as sombras das árvores faziam parecer que já era meia-noite. Fazia frio, também, mesmo no verão. Annabeth e eu encontramos rastros quase imediatamente — marcas de corrida deixadas por algo com muitas pernas. Começamos a seguir a pista.

Saltamos um riacho e ouvimos o ruído de galhos se quebrando ali perto. Então nos agachamos atrás de uma pedra, mas eram apenas os irmãos Stoll tropeçando e xingando. O pai deles era o deus dos ladrões, mas eles eram quase tão sutis quanto búfalos-d’água.

Assim que os Stoll passaram, adentramos mais o lado oeste da floresta, onde os monstros eram mais selvagens. Estávamos de pé na saliência de uma pedra que se erguia em um lago pantanoso quando Annabeth parou, tensa.

— Foi aqui que paramos de procurar.

Levei um segundo para me dar conta do que ela falava. No inverno passado, quando estávamos procurando Nico di Angelo, foi ali que perdemos a esperança de encontrá-lo. Grover, Annabeth e eu subimos nessa mesma pedra, e eu os convenci a não contar a verdade a Quíron: que Nico era filho de Hades. Naquela ocasião, pareceu a decisão certa. Eu queria proteger a identidade dele. Queria

que fosse eu a encontrá-lo e acertar a situação pelo que acontecera com a irmã dele. Agora, seis meses depois, eu não estava nem perto de encontrá-lo. Aquilo deixava um gosto amargo em minha boca.

— Eu o vi na noite passada — eu disse.

Annabeth franziu as sobrancelhas.

— O que quer dizer?

Contei-lhe sobre a mensagem de Íris. Quando terminei, ela fitou as sombras da floresta.

— Ele está evocando os mortos? Isso não é bom.

— O fantasma estava dando maus conselhos a ele — eu disse. — Dizendo-lhe que se vingasse.

— É… os espíritos nunca são bons conselheiros. Eles têm seus próprios planos. Velhos rancores. E se ressentem dos vivos.

— Ele virá atrás de mim — afirmei. — O espírito mencionou um labirinto.

Ela assentiu.

— Isso resolve tudo. *Precisamos* decifrar o Labirinto.

—Talvez — eu disse, num tom desconfortável. — Mas quem enviou a mensagem de Íris? Se Nico não sabia que eu estava lá…

Um galho partiu-se na floresta. Folhas secas farfalharam. Algo grande se movia entre as árvores, logo depois da elevação do terreno.

— Esses não são os irmãos Stoll — sussurrou Annabeth.

Sacamos a espada ao mesmo tempo.

Chegamos ao Punho de Zeus, uma imensa pilha de rochas no meio do bosque ocidental. Era um marco natural, onde os campistas se reuniam em expedições de caça, mas agora ninguém estava ali.

— Lá adiante — sussurrou Annabeth.

— Não, espere — eu disse. — Atrás de nós.

Era estranho. Ruídos apressados pareciam vir de várias direções. Estávamos circundando as pedras, espadas em punho, quando alguém bem atrás de nós disse: — Oi.

Giramos e a ninfa das árvores Juníper gritou.

— Abaixem estas coisas! — protestou ela. — Dríades não gostam de lâminas afiadas, está bem?

— Juníper — disse Annabeth, expirando o ar. — O que está fazendo aqui?

— Eu moro aqui.

Baixei a espada.

— Nas pedras?

Ela apontou para os limites da clareira.

— No junípero. Dãh.

Fazia sentido, e eu me senti um tanto estúpido. Convivia com dríades havia anos, mas não conversava muito com elas. Sabia que não podiam se afastar muito de suas árvores, as quais eram sua fonte de vida. Mas não compreendia muito mais.

— Vocês estão ocupados? — perguntou Juníper.

— Bem — eu disse —, estamos no meio desse jogo contra um bando de monstros e estamos tentando não morrer.

— Não estamos ocupados — disse Annabeth. — Qual o problema, Juníper?

Ela fungou. Enxugou os olhos com a manga da camisa de seda.

— É Grover. Ele parece tão distraído. Ficou o ano todo fora, à procura de Pã. E cada vez que volta fica pior. A princípio, pensei que talvez estivesse de olho em outra árvore.

— Não — disse Annabeth quando Juníper começou a chorar. — Tenho certeza de que não é isso.

— Uma vez ele teve uma quedinha por um arbusto de mirtilo — disse Juníper, infeliz.

— Juníper — disse Annabeth —, Grover nunca nem mesmo olharia para outra árvore. Ele só está tenso por causa da licença de buscador.

— Ele não pode ir ao subterrâneo! — protestou ela. — Vocês não podem deixá-lo ir.

Annabeth parecia desconfortável.

— Essa pode ser a única maneira de ajudá-lo. Se ao menos soubéssemos por onde começar.

— Ah! — Juníper enxugou uma grande lágrima verde em sua bochecha. — Sobre isso…

Outro ruído no meio da mata, e Juníper gritou:

— Escondam-se!

Antes que eu pudesse perguntar por quê, ela fez *puf!* e se transformou em névoa verde.

Annabeth e eu nos viramos. Saindo da mata vinha um artrópode cor de âmbar brilhante, de três metros de comprimento, com pinças dentadas, cauda encouraçada e um ferrão tão longo quanto minha espada. Um escorpião. Amarrado em suas costas havia um pacote de seda vermelha.

— Um de nós se aproxima por trás — disse Annabeth enquanto o bicho vinha

ruidosamente em nossa direção — e decepa a cauda, enquanto o outro o distrai pela frente.

— Eu assumo a dianteira — falei. — Você tem o boné da invisibilidade.

Ela assentiu. Havíamos lutado juntos tantas vezes que conhecíamos os movimentos um do outro. Podíamos fazer aquilo com facilidade. Mas todo plano foi por água abaixo quando outros dois escorpiões surgiram da mata.

— *Três?* — disse Annabeth. — Não é possível! Um bosque inteiro e metade dos monstros vem para nós?

Engoli em seco. De um, nós podíamos dar conta. Dois, com um pouco de sorte. Três? Impossível.

Os escorpiões correram em nossa direção, açoitando as caudas com ferrão como se estivessem ali apenas para nos matar. Annabeth e eu colamos as costas contra a pedra mais próxima.

— Escalamos? — perguntei.

— Não dá tempo — respondeu ela.

Tinha razão. Os escorpiões já nos rodeavam. Estavam tão próximos que eu podia ver as bocas hediondas espumando, adivinhando uma bela e suculenta refeição de semideuses.

— Cuidado! — Annabeth aparou o ataque de um ferrão com a face da lâmina da espada.

Ataquei com Contracorrente, mas o escorpião recuou, saindo de meu alcance. Escalamos as rochas de lado, mas os escorpiões nos seguiram. Investi contra outro, mas tomar a ofensiva era perigoso demais. Se eu atacasse o corpo, a cauda apunhalava de cima para baixo. Se atacasse a cauda, as pinças do animal vinham de ambos os lados e tentavam me agarrar. Tudo o que podíamos fazer era nos defender, mas não conseguiríamos por muito mais tempo.

Dei mais um passo para o lado, e de repente não havia nada atrás de mim. Era uma fenda entre duas das rochas maiores, pela qual eu passara provavelmente um milhão de vezes, mas…

— Aqui — eu disse.

Annabeth deu um golpe em um dos escorpiões e então me olhou como se eu fosse louco.

*Aí?* É estreito demais.

— Eu lhe dou cobertura. Vá!

Ela abaixou-se atrás de mim e começou a se espremer entre as duas rochas. Então gritou e agarrou as tiras de minha armadura, e de repente eu me vi caindo em um fosso que não estava ali um segundo antes. Podia ver os escorpiões acima de nós, o céu púrpura do crepúsculo e as árvores. Em seguida o buraco se fechou

como a lente de uma câmera, e ficamos na mais completa escuridão.

Nossa respiração ecoava na pedra. Estava molhado e frio. Eu me vi sentado em um chão irregular que parecia feito de tijolos.

Ergui Contracorrente. O leve brilho da lâmina foi suficiente para iluminar o rosto assustado de Annabeth e as paredes de pedra cobertas de limo que nos cercavam.

— O-onde estamos? — perguntou Annabeth.

— Seja lá onde for, a salvo dos escorpiões. — Tentei parecer calmo, mas estava morrendo de medo. A fenda entre as rochas não podia levar a uma caverna. Eu saberia se existisse uma cavidade ali; tinha certeza disso. Era como se o chão tivesse se aberto e nos engolido. Tudo que me vinha à cabeça era a fissura no pavilhão do refeitório, onde aqueles esqueletos haviam sido engolidos no verão passado. Perguntei-me se o mesmo havia acontecido conosco.

Ergui novamente a espada, em busca de luz.

— É uma sala comprida — murmurei.

Annabeth agarrou meu braço.

— Não é uma sala. É um corredor.

Ela tinha razão. A escuridão parecia… vazia à nossa frente. Havia uma brisa morna, como nos túneis do metrô, só que o lugar parecia ser mais antigo, de alguma forma mais perigoso.

Comecei a avançar, mas Annabeth me deteve.

— Não dê mais nenhum passo — alertou ela. — Precisamos encontrar a saída.

Ela agora parecia assustada de verdade.

— Está tudo bem — prometi. — É logo…

Olhei para cima e percebi que não conseguia ver de onde havíamos caído. O teto era de pedra sólida. O corredor parecia estender-se interminavelmente em ambas as direções.

A mão de Annabeth deslizou para a minha. Em outras circunstâncias, eu teria me sentido constrangido, mas ali na escuridão fiquei feliz em saber onde ela estava. Era praticamente minha única certeza.

— Dois passos atrás — advertiu ela.

Recuamos juntos, como se estivéssemos em um campo minado.

— O.k. — disse ela. — E me ajude a examinar as paredes.

— Para quê?

— A marca de Dédalo — disse ela, como se isso devesse fazer sentido.

— Hã, o.k. Que tipo de…

— Achei! — exclamou ela com alívio.

Annabeth pousou a mão na parede e pressionou uma minúscula fissura, que começou a emitir uma luz azul. Um símbolo surgiu: Δ. A letra delta, do grego antigo.

O teto deslizou, abrindo-se, e vimos o céu noturno, as estrelas cintilando. Estava bem mais escuro do que deveria. Degraus de metal surgiram na parede, levando para cima, e eu podia ouvir as pessoas gritando nossos nomes.

— Percy! Annabeth! — A voz de Tyson era a que soava mais alto, mas outras também chamavam.

Lancei um olhar nervoso para Annabeth, e começamos a subir.

Avançamos em meio às rochas e encontramos Clarisse e um grupo de outros campistas carregando tochas.

— Onde vocês dois se meteram? — perguntou Clarisse. — Estamos procurando vocês há séculos.

— Mas só desaparecemos por alguns minutos — eu disse.

Quíron aproximou-se, trotando, seguido por Tyson e por Grover.

— Percy! — exclamou Tyson. — Você está bem?

— Estamos bem — respondi. — Caímos em um buraco.

Os outros olharam, céticos, para mim e em seguida para Annabeth.

— É verdade! — exclamei. — Estávamos sendo atacados por três escorpiões, então corremos e nos escondemos nas rochas. Mas só nos ausentamos por um minuto.

— Vocês estão desaparecidos há quase uma hora — afirmou Quíron. — O jogo já acabou.

— É — murmurou Grover. — Teríamos vencido, mas um ciclope se sentou em cima de mim.

— Foi um acidente! — protestou Tyson, e espirrou.

Clarisse usava a coroa de louros de ouro, mas nem se gabou de tê-la conquistado, o que não era próprio dela.

— Um buraco? — perguntou, desconfiada.

Annabeth respirou fundo e olhou para os outros campistas à volta.

— Quíron… talvez devêssemos falar sobre isso na Casa Grande.

Clarisse respirou fundo.

— Vocês encontraram, não foi?

Annabeth mordeu o lábio.

— Eu… Sim. Sim, encontramos.

Vários campistas começaram a fazer perguntas, parecendo tão confusos

quanto eu, mas Quíron ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Esta noite não é o momento, e tampouco este é o lugar certo. — Ele olhou para as rochas como se tivesse acabado de perceber como eram perigosas. — Todos vocês, de volta para seus chalés. Durmam um pouco. Foi um jogo bem executado, mas já passou da hora de se recolherem!

Houve muitos murmúrios e queixas, mas os campistas se dispersaram, conversando entre si e me lançando olhares desconfiados.

— Isso explica muita coisa — disse Clarisse. — Explica o que Luke está procurando.

— Esperem um segundo — eu disse. — O que vocês estão dizendo? O que foi que encontramos?

Annabeth voltou-se para mim, os olhos turvos de preocupação.

— Uma entrada para o Labirinto. Uma rota de invasão saindo direto no coração do acampamento.

# QUATRO

Annabeth transgride as regras

Quíron insistira para que conversássemos sobre o assunto de manhã, o que era quase como dizer: *Ei, sua vida está correndo perigo. Durma bem!* Foi difícil adormecer, mas, quando finalmente consegui, sonhei com uma prisão.

Vi um garoto de túnica grega e sandálias, sozinho, agachado em uma imensa sala de pedra. O teto era aberto para o céu noturno, mas as paredes tinham seis metros de altura e eram de mármore polido, completamente lisas. Espalhados pela sala viam-se caixotes de madeira. Alguns estavam quebrados e virados, como se tivessem sido atirados ali. Ferramentas de bronze derramavam-se de um deles — um compasso, um serrote e um punhado de outras que eu não reconhecia.

O menino se encolhia em um canto, tremendo de frio, ou, talvez, de medo. Estava respingado de lama. Suas pernas, seus braços e seu rosto estavam arranhados, como se ele tivesse sido arrastado até ali com os caixotes.

Então as portas duplas de carvalho gemeram, abrindo-se. Dois guardas em armaduras de bronze entraram marchando, segurando um senhor idoso entre eles. Atiraram-no ao chão e ele ficou ali encolhido, como uma pilha de quinquilharia.

— Pai! — O garoto correu até ele. A túnica do homem estava em farrapos. O cabelo era riscado de cinza, e a barba, longa e frisada. O nariz estava quebrado. Os lábios, ensanguentados.

O garoto tomou a cabeça do idoso nos braços.

— O que fizeram com o senhor? — Então gritou para os guardas: — Eu vou matar vocês!

— Não haverá morte alguma hoje — disse uma voz.

Os guardas deram um passo para o lado. De trás deles surgiu um homem alto de túnica branca, com um fino aro de ouro na cabeça. Sua barba tinha a forma da ponta de uma lança. Seus olhos brilhavam cruelmente.

— Você ajudou o ateniense a matar meu Minotauro, Dédalo. Fez minha própria filha voltar-se contra mim.

— Fostes vós que fizestes isso, Vossa Majestade — grunhiu o senhor.

Um guarda plantou um chute nas costelas do velho, que gemeu em agonia.

— Pare! — gritou o garoto.

— Você ama tanto seu Labirinto — disse o rei. — Então decidi deixá-lo ficar aqui. Esta será sua oficina. Construa novas maravilhas para mim. Divirta-me. Todo Labirinto precisa de um monstro. Você será o meu!

— Não tenho medo de vós — gemeu o idoso.

O rei sorriu friamente e fixou os olhos no menino.

— Mas um homem ama seu filho, não é? Contrarie-me, velho, e da próxima vez que meus guardas infligirem um castigo será nele!

O rei deixou a sala com os guardas, e as portas se fecharam ruidosamente, deixando o garoto e o pai sozinhos na escuridão.

— O que vamos fazer? — choramingou o menino. — Pai, eles vão matá-lo!

O senhor engoliu com dificuldade. Tentou sorrir, mas a visão daquela boca ensanguentada era horripilante.

— Tenha coragem, meu filho. — Ele ergueu os olhos para as estrelas. — Eu… eu vou encontrar uma saída.

Uma barra baixou sobre as portas com um bum funesto, e eu acordei ensopado de suor frio.

Ainda me sentia abalado na manhã seguinte, quando Quíron convocou um conselho de guerra. Nós nos reunimos na arena de esgrima, o que me pareceu muito estranho — tentar discutir o destino do acampamento enquanto a sra. O'Leary mastigava um iaque de borracha cor-de-rosa, em tamanho natural, que emitia guinchos.

Quíron e Quintus estavam na frente, ao lado da estante de armas. Clarisse e Annabeth sentavam-se lado a lado e conduziram o relato dos fatos. Tyson e Grover sentaram-se o mais longe possível um do outro. Também presentes em torno da mesa: Juníper, a ninfa das árvores; Silena Beauregard; Travis e Connor Stoll; Beckendorf; Lee Fletcher, e até mesmo Argos, nosso chefe de segurança com uma centena de olhos. Isso me fez ver a gravidade da situação. Argos raramente aparece, a menos que algo muito importante esteja acontecendo. Durante todo o tempo em que Annabeth falou ele manteve os cem olhos azuis voltados para ela com tamanha intensidade que todo o corpo dele ficou rígido de tensão.

— Luke devia saber da entrada para o Labirinto — disse Annabeth. — Ele sabia tudo sobre o acampamento.

Achei ter percebido um certo orgulho em sua voz, como se ela ainda respeitasse o cara, por mais maligno que ele fosse.

Juníper pigarreou.

— Era isso que eu estava tentando lhes dizer ontem à noite. A entrada da caverna está ali há muito tempo. Luke costumava usá-la.

Silena Beauregard franziu a testa.

— Você sabia sobre a entrada do Labirinto e não disse nada?

O rosto de Juníper ficou verde.

— Eu não sabia que era importante. Para mim, era só uma caverna. Não gosto de cavernas velhas e nojentas.

— Ela tem bom gosto — observou Grover.

— Eu só prestei atenção… bem, porque era Luke. — Ela ficou um pouco mais verde.

— Esqueçam o que eu disse sobre bom gosto — bufou Grover.

— Interessante. — Quintus lustrava a espada enquanto falava. — E você acredita que esse rapaz, Luke, ousaria usar o Labirinto como uma rota de invasão?

— Seguramente — afirmou Clarisse. — Se ele pudesse introduzir um exército de monstros no Acampamento Meio-Sangue fazendo-os simplesmente surgir no meio do bosque, sem ter de se preocupar com nossos limites mágicos, nós não teríamos a menor chance. Ele poderia nos liquidar facilmente. Deve estar planejando isso há meses.

— Ele tem enviado exploradores ao Labirinto — informou Annabeth. — Sabemos porque… porque encontramos um.

— Chris Rodriguez — disse Quíron, e lançou um olhar expressivo a Quintus.

— Ah! — replicou Quintus. — Aquele no… Sim. Entendi.

— Aquele no quê? — perguntei. Clarisse me fuzilou com o olhar.

— A questão é que Luke vem procurando uma forma de navegar o Labirinto. Ele está procurando a oficina de Dédalo.

Lembrei-me de meu sonho na noite anterior — o idoso ensanguentado na túnica em farrapos.

— O cara que criou o Labirinto.

— É — disse Annabeth. — O maior dos arquitetos, o maior inventor de todos os tempos. Se as lendas forem verdadeiras, essa oficina fica no centro do Labirinto. Ele era o único que sabia se orientar perfeitamente no emaranhado de caminhos. Se Luke conseguisse encontrar a oficina e convencer Dédalo a ajudá-lo, não precisaria andar às tontas procurando passagens ou arriscar perder seu exército nas armadilhas do Labirinto. Ele poderia ir para qualquer lugar que

desejasse, com rapidez e segurança. Primeiro, para o Acampamento Meio-Sangue, para nos liquidar. Depois… para o Olimpo.

A arena ficou em silêncio, exceto pelo iaque de brinquedo da sra. O'Leary sendo estripado: *SQUIK! SQUIK!*

Finalmente Beckendorf pousou a imensa mão sobre a mesa.

— Esperem um pouco. Annabeth, você disse "convencer Dédalo"? Dédalo não está morto?

— Eu esperaria que sim. — Quintus grunhiu. — Ele viveu há quanto tempo? Uns três mil anos? E, mesmo que estivesse vivo, as histórias antigas não contam que ele fugiu do Labirinto?

Quíron, inquieto, apoiava-se ora nuns cascos ora nos outros.

— Esse é o problema, meu caro Quintus. Ninguém sabe. Existem boatos… bem, existem muitas fofocas inquietantes sobre Dédalo, mas uma delas é que ele tornou a desaparecer no Labirinto no fim de sua vida. Ele pode, sim, estar lá embaixo ainda.

Pensei no senhor em meu sonho. Ele parecia tão frágil que era difícil acreditar que tivesse durado mais uma semana, quanto mais três mil anos.

— Precisamos entrar lá — anunciou Annabeth. — Temos de achar a oficina antes de Luke. Se Dédalo estiver vivo, nós o convenceremos a nos ajudar, não a Luke. Se o fio de Ariadne ainda existe, precisamos nos certificar de que ele nunca caia nas mãos de Luke.

— Espere um segundo — eu disse. — Se estamos preocupados com um ataque, por que simplesmente não destruímos a entrada? Vedamos o túnel?

— Grande ideia! — exclamou Grover. — Vou buscar a dinamite.

— Não é tão fácil assim, estúpido — grunhiu Clarisse. — Tentamos isso na entrada que encontramos em Phoenix. Não deu certo.

Annabeth assentiu.

— O Labirinto tem uma arquitetura mágica, Percy. Seria preciso uma força imensa para selar uma única de suas entradas. Em Phoenix, Clarisse demoliu um prédio inteiro com uma imensa bola de ferro, e a entrada deslocou-se apenas alguns metros. O melhor que podemos fazer é evitar que Luke aprenda a se orientar no Labirinto.

— Poderíamos lutar — disse Lee Fletcher. — Agora sabemos onde é a entrada. Podemos criar uma linha defensiva e esperar por eles. Se um exército tentar passar, vai nos encontrar esperando com nossos arcos.

— Certamente vamos erguer defesas — concordou Quíron. — Mas temo que Clarisse esteja certa. Os limites mágicos mantiveram este acampamento em segurança por centenas de anos. Se Luke conseguir colocar um grande exército

de monstros no centro do acampamento, evitando nossas fronteiras… talvez não tenhamos força para vencê-los.

Ninguém parecia muito contente com essa notícia. Quíron, em geral, tentava ser otimista e positivo. Se ele estava prevendo que não poderíamos refrear um ataque, isso não era nada bom.

— Precisamos chegar à oficina de Dédalo primeiro — insistiu Annabeth. — Encontrar o fio de Ariadne e impedir Luke de usá-lo.

— Mas, se ninguém consegue se orientar lá dentro — falei —, que chances nós temos?

— Eu estudo arquitetura há anos — ela disse. — Conheço o Labirinto de Dédalo melhor que qualquer outra pessoa.

— De ler sobre ele.

— Bem, é.

— Isso não basta.

— Tem de bastar!

— Não tem!

— Você vai me ajudar ou não?

Percebi que estavam todos observando a mim e Annabeth, como em uma partida de tênis. O iaque berrador da sra. O'Leary começou a emitir *IIK!* enquanto ela lhe arrancava a cabeça de borracha cor-de-rosa.

Quíron limpou a garganta com um pigarro.

— Primeiro, o mais importante. Precisamos de uma missão. Alguém tem de entrar no Labirinto, encontrar a oficina de Dédalo e evitar que Luke use esse meio para invadir o acampamento.

— Todos sabemos quem deve liderar isso — disse Clarisse. — Annabeth.

Houve um murmúrio de concordância. Eu sabia que Annabeth vinha esperando sua própria missão desde que era uma garotinha, mas ela parecia constrangida.

— Você fez tanto quanto eu, Clarisse — replicou. — Você também deveria ir.

— Eu não vou voltar lá dentro. — Clarisse sacudiu a cabeça.

— Não me diga que está com medo. — Travis Stoll riu. — Clarisse, amarelando?

Clarisse se levantou. Pensei que fosse transformar Travis em pó, no entanto ela disse, com a voz trêmula: — Você não entende nada, idiota. Eu nunca mais voltarei lá. Nunca!

E deixou a arena tempestuosamente.

Travis olhou à volta, envergonhado.

— Eu não queria…

Quíron ergueu a mão.

— A pobrezinha teve um ano difícil. Voltando a nosso assunto, estamos de acordo que Annabeth deve liderar a missão?

Todos assentimos, exceto Quintus. Ele cruzou os braços e olhava fixamente para a mesa, mas eu não tinha certeza se mais alguém havia notado.

— Muito bem. — Quíron voltou-se para Annabeth. — Minha querida, é sua vez de visitar o Oráculo. Supondo que você retorne inteira, vamos discutir o que fazer em seguida.

Esperar Annabeth era mais difícil do que ir pessoalmente visitar o Oráculo.

Eu já ouvira suas profecias duas vezes antes. A primeira fora no sótão poeirento da Casa Grande, onde o espírito de Delfos estava adormecido no corpo de uma hippie mumificada. Na segunda, o Oráculo saíra para uma pequena caminhada pelo bosque. Eu ainda tinha pesadelos com aquilo.

Nunca me sentira ameaçado pela presença do Oráculo, mas já tinha ouvido histórias: campistas que enlouqueceram ou que tiveram visões tão reais que morreram de medo.

Eu andava de um lado para outro na arena, esperando. A sra. O'Leary começou seu almoço — cinquenta quilos de carne moída e vários biscoitos de cachorro do tamanho de uma tampa de lixeira. Imaginei onde Quintus arranjava biscoitos de cachorro daquele tamanho. Eu não conseguia imaginar Quintus simplesmente indo até a seção de animais domésticos e colocando-os no carrinho de compras.

Quíron estava concentrado em uma conversa com Quintus e Argos. Parecia-me que discordavam em alguma questão. Quintus sacudia a cabeça o tempo todo.

Do outro lado da arena, Tyson e os irmãos Stoll apostavam corrida com miniaturas de bigas de bronze que Tyson fizera com sucata de armaduras.

Desisti de andar de um lado para outro e deixei a arena. Olhei além dos campos, para a janela do sótão da Casa Grande, escura e imóvel. Por que Annabeth estava demorando tanto? Eu tinha certeza de que não levara esse tempo todo para obter minha resposta.

— Percy — sussurrou uma voz feminina.

Juníper estava de pé no meio dos arbustos. Era estranho como ela quase ficava invisível quando estava cercada de plantas.

Ela fez um sinal insistente para que eu me aproximasse.

— Você precisa saber: Luke não foi o único que eu vi nas proximidades da caverna.

— O que você quer dizer?

Ela lançou um olhar na direção da arena.

— Eu queria falar, mas ele estava lá.

— Quem?

— O mestre de esgrima — disse ela. — Ele estava bisbilhotando nas pedras.

Meu estômago contraiu-se.

— Quintus? Quando?

— Não sei. Não presto atenção no tempo. Talvez há uma semana, quando ele chegou aqui.

— O que ele estava fazendo? Ele entrou?

— Eu… eu não tenho certeza. Ele é estranho, Percy. Eu nem o vi chegar à clareira. De repente, ele estava *ali*. Você precisa dizer a Grover que é perigoso demais…

— Juníper? — chamou Grover da arena. — Cadê você?

Juníper suspirou.

— É melhor eu entrar. Mas lembre-se do que eu disse. Não confie naquele homem! — Ela voltou correndo para a arena.

Olhei para a Casa Grande, sentindo-me mais inquieto do que nunca. Se Quintus estivesse tramando algo… Eu precisava me aconselhar com Annabeth. Ela deveria saber o que fazer com a notícia de Juníper. Mas onde diabos ela estava? O que quer que estivesse acontecendo com o Oráculo, não deveria levar todo esse tempo.

Por fim, não pude mais aguentar.

Era contra o regulamento, mas ninguém estava vendo. Desci a colina correndo e atravessei os campos.

O salão da frente da Casa Grande estava estranhamente quieto. Eu me acostumara a ver Dioniso perto da lareira, jogando cartas, comendo uvas e importunando os sátiros, mas o sr. D ainda estava fora.

Atravessei o corredor, as tábuas do piso rangendo sob meus pés. Quando cheguei à base da escada, hesitei. Quatro andares acima havia um pequeno alçapão que levava ao sótão. Annabeth estava lá em cima, em algum lugar. Parei, em silêncio, e escutei. Mas o que ouvi não era o que eu esperava.

Soluços. E vinham de um lugar abaixo de mim.

Deslizei sorrateiramente para trás da escada. A porta do porão estava aberta.

Eu nem mesmo sabia que a Casa Grande *tinha* um porão. Espiei lá dentro e vi, no canto mais remoto, duas figuras sentadas em meio a caixas empilhadas de ambrosia e de morangos em conserva. Uma era Clarisse. A outra era um adolescente de origem hispânica, vestido com uma calça camuflada esfarrapada e camiseta preta suja. O cabelo dele estava seboso e embaraçado. Ele abraçava os próprios ombros e soluçava. Era Chris Rodriguez, o meio-sangue que tinha ido trabalhar para Luke.

— Está tudo bem — Clarisse lhe dizia. — Experimente um pouco mais de néctar.

— Você é uma ilusão, Mary! — Chris recuou, encolhendo-se ainda mais no canto. — V-vá embora.

— Meu nome não é Mary. — A voz de Clarisse era gentil, porém muito triste. Nunca pensei que Clarisse pudesse falar daquele modo. — Meu nome é Clarisse. Lembre-se. Por favor.

— Está escuro! — gritou Chris. — Tão escuro!

— Venha para fora — Clarisse tentou persuadi-lo. — A luz do sol vai ajudá-lo.

— Mil… mil caveiras. A terra continua a curá-lo.

— Chris — implorou Clarisse. Parecia que ela estava à beira das lágrimas. — Você precisa melhorar. Por favor. O sr. D logo estará de volta. Ele é especialista em loucura. Aguente firme.

Os olhos de Chris pareciam os de um rato encurralado — ferozes e desesperados.

— Não tem saída, Mary. Não tem saída.

Então ele me vislumbrou e emitiu um som sufocado e aterrorizado.

— O filho de Poseidon! Ele é horrível!

Recuei, torcendo para que Clarisse não tivesse me visto. Esperei que ela viesse correndo gritar comigo, mas em vez disso ela continuou falando com Chris naquele tom triste e suplicante, tentando fazê-lo beber o néctar. Talvez ela pensasse que fosse parte da alucinação de Chris, mas… *filho de Poseidon*? Chris estava olhando para mim, no entanto por que tive a sensação de que ele não estava falando de mim?

E a ternura de Clarisse… Nunca tinha me ocorrido que ela pudesse gostar de alguém; mas a maneira como pronunciava o nome de Chris… Ela o conheceu antes de ele mudar de lado. Conhecera-o bem mais do que eu imaginara. E agora ele estava tremendo em um porão escuro, com medo de sair, murmurando sobre alguém chamada Mary. Não era de espantar que Clarisse quisesse distância do Labirinto. O que havia acontecido com Chris lá dentro?

Ouvi um rangido vindo de cima — como o da porta do sótão se abrindo — e corri para a porta da frente. Precisava sair daquela casa.

— Minha querida — disse Quíron. — Você conseguiu.

Annabeth entrou na arena. Sentou-se em um banco de pedra e fitou o chão.

— E então? — perguntou Quintus.

Annabeth olhou primeiro para mim. Eu não sabia dizer se ela estava tentando me dar um aviso ou se a expressão em seus olhos era de puro medo. Então voltou-se para Quintus.

— Recebi a profecia. Vou liderar a busca à oficina de Dédalo.

Ninguém aplaudiu. Todos nós gostávamos de Annabeth e queríamos que ela tivesse sua missão, mas essa parecia insensatamente perigosa. Depois do que eu vira de Chris Rodriguez, não queria nem pensar em Annabeth descendo àquele estranho Labirinto outra vez.

Quíron raspou um dos cascos no chão de terra.

— O que a profecia dizia exatamente, minha querida? As palavras são importantes.

Annabeth respirou fundo.

— Eu, hã… bem, dizia: *Descerás na escuridão do labirinto infinito…*

Esperamos.

— *… o morto, o traidor e o perdido reerguidos.*

Grover animou-se.

— O perdido! Isso deve se referir a Pã! É maravilhoso!

— Com o morto e o traidor — acrescentei. — Não é tão maravilhoso assim.

— E…? — perguntou Quíron. — E o restante?

— *Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei espectral* — recitou Annabeth —, *da criança de Atena, a defesa final.*

Todos se entreolharam desconfortavelmente. Annabeth era uma filha de Atena, e uma última defesa não soava bem.

— Ei… não devemos tirar conclusões precipitadas — disse Silena. — Annabeth não é a única filha de Atena, certo?

— Mas quem é esse rei fantasma? — perguntou Beckendorf.

Ninguém respondeu. Pensei na mensagem de Íris que eu recebera, em que Nico evocava espíritos. Eu tinha o mau pressentimento de que a profecia estava ligada àquilo.

— Mais algum verso? — perguntou Quíron. — A profecia não parece completa.

Annabeth hesitou.

— Não lembro exatamente.

Quíron ergueu uma das sobrancelhas. Annabeth era conhecida por sua memória. Ela nunca se esquecia de nada que ouvisse.

Annabeth mudou de posição no banco.

— Algo sobre… *O último suspiro do herói acontecer*.

— E…? — insistiu Quíron.

Ela se levantou.

— Olhem, o ponto aqui é o seguinte: eu tenho de entrar lá. Vou encontrar a oficina e deter Luke. E… preciso de ajuda. — Ela se voltou para mim. — Você vem?

Eu nem sequer hesitei.

— Estou dentro.

Ela sorriu pela primeira vez em dias, e isso fez tudo valer a pena.

— Grover, você também? O deus selvagem está esperando.

Grover pareceu esquecer o quanto detestava o Mundo Inferior. O verso sobre "o perdido" o deixara completamente animado.

— Vou empacotar latas recicláveis extras para o lanche!

— E Tyson — disse Annabeth. — Vou precisar de você também.

— Iu-ru! Hora de arrebentar! — Tyson bateu palmas com tanta força que acordou a sra. O'Leary, que cochilava no canto.

— Espere, Annabeth — disse Quíron. — Isso vai contra as leis antigas. Ao herói só são permitidos dois companheiros.

— Preciso deles todos — ela insistiu. — Quíron, é importante.

Eu não sabia por que Annabeth tinha tanta certeza, mas fiquei feliz por ela ter incluído Tyson. Não podia imaginar deixá-lo para trás. Ele era grande e forte, e ótimo com máquinas. Diferentemente dos sátiros, os ciclopes não tinham qualquer problema no subterrâneo.

— Annabeth. — Quíron agitava a cauda nervosamente. — Pense bem. Você estaria transgredindo as leis antigas, e sempre há consequências. No inverno passado, cinco partiram em uma missão para salvar Ártemis. Somente três voltaram. Pense nisso. Três é um número sagrado. São três Parcas, três Fúrias, três filhos olimpianos de Cronos. É um número bom e forte que resiste a muitos perigos. Quatro… isso é arriscado.

Annabeth respirou fundo.

— Eu sei. Mas precisamos. Por favor.

Dava para ver que Quíron não estava nada satisfeito com aquilo. Quintus nos

estudava, como se estivesse tentando decidir qual de nós voltaria vivo.

— Muito bem. — Quíron suspirou. — Vamos encerrar a sessão. Os membros da missão devem se preparar. Na aurora de amanhã, mandaremos vocês para o Labirinto.

Quintus me puxou de lado enquanto o conselho se desfazia.

— Tenho um mau pressentimento em relação a isso — ele me disse.

A sra. O'Leary se aproximou abanando o rabo, feliz. Largou o escudo aos meus pés, e eu o lancei para que ela fosse buscar. Quintus a observou correr ruidosamente. Lembrei-me do que Juníper dissera sobre ele ter espionado o Labirinto. Eu não confiava nele, mas, quando olhou para mim, vi uma preocupação sincera em seus olhos.

— Não gosto da ideia de vocês descerem lá — comentou ele. — Nenhum de vocês. Mas se têm de fazer isso, quero que se lembrem de uma informação. O Labirinto existe para enganar vocês. Ele irá distraí-los. Isso é perigoso para meios-sangues. Somos facilmente distraídos.

— Você já esteve lá?

— Faz muito tempo. — Sua voz estava cansada. — Escapei vivo por um triz. A maioria dos que entram não tem essa sorte.

Ele me segurou pelo ombro.

— Percy, concentre sua mente no que mais importa. Se conseguir fazer isso, poderá encontrar o caminho. E aqui está: eu queria lhe dar algo.

Ele me entregou um pequeno tubo de prata. Era tão frio que quase o deixei cair.

— Um apito? — perguntei.

— Um apito para cães — disse Quintus. — Para a sra. O'Leary.

— Hã, obrigado, mas…

— Como ele vai funcionar no Labirinto? Não tenho cem por cento de certeza de que funcione. Mas a sra. O'Leary é um cão infernal. Ela pode aparecer quando chamada, não importa quanto esteja longe. Eu me sentiria melhor sabendo que você está com isso. Se precisar de ajuda, use-o; mas tome cuidado, o apito é feito de gelo estígio.

— Gelo *o quê*?

— Do Rio Estige. Muito difícil de fazer. Muito delicado. Não derrete, mas estilhaça quando assoprado, e portanto você só poderá usá-lo uma vez.

Pensei em Luke, meu velho inimigo. Pouco antes de eu partir em minha primeira missão, Luke também me deu um presente — sapatos mágicos, que

haviam sido criados para me arrastar para a morte. Quintus parecia bem legal. Bastante preocupado. E a sra. O'Leary gostava dele, o que tinha de ter algum significado. Ela largou o escudo babado aos meus pés e latiu, excitada.

Senti vergonha por desconfiar de Quintus. Mas, por outro lado, eu havia confiado em Luke também.

— Obrigado — eu disse a Quintus.

Guardei o apito gelado no bolso, prometendo a mim mesmo que nunca o usaria, e saí correndo à procura de Annabeth.

Desde que comecei a frequentar o acampamento, eu nunca fora ao chalé de Atena.

Era um prédio prateado, nada elegante, com cortinas brancas simples e uma coruja entalhada na pedra acima da porta. Os olhos de ônix da coruja pareciam me acompanhar à medida que eu me aproximava.

— Olá? — gritei lá para dentro.

Ninguém respondeu. Entrei e prendi a respiração. O lugar era uma oficina para crianças geniais. Os beliches estavam todos agrupados em uma parede, como se dormir não tivesse muita importância. A maior parte do quarto estava ocupada por bancadas de trabalho, mesas, estojos de ferramentas e armas. Os fundos eram uma imensa biblioteca entulhada com antigos pergaminhos, livros encadernados em couro e brochuras. Havia uma mesa de arquiteto com um jogo de réguas e transferidores e com algumas maquetes de prédios em 3-D. Mapas de guerra enormes e antigos cobriam as paredes até o teto. Armaduras pendiam sob as janelas, as placas de bronze cintilando ao sol.

Annabeth estava no fundo do quarto, revirando velhos pergaminhos.

Toque, toque — eu disse.

Ela levou um susto e se virou.

— Ah… oi. Não ouvi você.

— Está tudo bem? Ela franziu a testa, olhando o pergaminho em suas mãos.

— Só estou tentando fazer uma pesquisa. O Labirinto de Dédalo é imenso. As histórias em nada concordam. Os mapas simplesmente levam do nada a lugar nenhum.

Pensei sobre o que Quintus dissera, como o Labirinto tenta distrair você. Perguntei-me se Annabeth já saberia disso.

— Vamos conseguir — eu prometi.

O cabelo dela havia se soltado, e caía como uma cortina loura e emaranhada em volta do rosto. Os olhos cinzentos pareciam quase negros.

— Eu queria liderar uma missão desde que tinha sete anos — disse ela.

— Você vai se sair muito bem.

Ela olhou para mim agradecida, mas então baixou os olhos para todos os livros e pergaminhos que havia tirado das prateleiras.

— Estou preocupada, Percy. Talvez eu não devesse ter pedido a você que fosse. Nem ao Tyson ou ao Grover.

— Ei, nós somos seus amigos. Não perderíamos isso.

— Mas… — Ela se deteve.

— O que foi? — perguntei. — A profecia?

— Eu sei que está tudo bem — disse ela baixinho.

— Qual era o último verso?

Nesse momento ela fez algo que me surpreendeu de verdade. Ela piscou para evitar as lágrimas e estendeu os braços.

Dei um passo à frente e a abracei. Meu estômago se contorcia freneticamente.

— Ei, está… está tudo bem. — Dei tapinhas em suas costas.

Eu tinha consciência de tudo no quarto. Tinha a sensação de que podia ler as letrinhas mais miúdas de qualquer livro nas prateleiras. O cabelo de Annabeth tinha cheiro de sabonete de limão. Ela estava tremendo.

— Quíron talvez tenha razão — murmurou ela. — Estou transgredindo as regras. Mas não sei o que mais posso fazer. Preciso de vocês três. É o que parece certo.

— Então não se preocupe com isso — consegui dizer. — Tivemos um monte de problemas antes e conseguimos resolvê-los.

— Isso é diferente. Não quero que nada aconteça com… nenhum de vocês.

Atrás de mim, alguém pigarreou.

Era Malcolm, um dos meios-irmãos de Annabeth. O rosto dele tinha um tom vermelho vivo.

— Hã, desculpem — disse ele. — A prática de arco e flecha está começando, Annabeth. Quíron pediu que viesse buscá-la.

Afastei-me de Annabeth.

— Estávamos só olhando mapas — eu disse, um tanto tolo.

Malcolm me fitou.

— O.k.

— Diga a Quíron que já estou indo — pediu Annabeth, e Malcolm saiu apressado.

Ela esfregou os olhos.

— Vá em frente, Percy. É melhor eu me preparar para o arco e flecha.

Assenti, sentindo-me confuso como nunca me sentira em toda a vida. Eu queria sair correndo do chalé… mas, ao mesmo tempo, não queria.

— Annabeth? — eu disse. — Sobre sua profecia. O verso sobre o último suspiro de um herói…

— Você está se perguntando qual herói? Eu não sei.

— Não. Outra questão. Estava pensando que o último verso, em geral, rima com o penúltimo. Era algo sobre… ele terminava com a palavra *morrer*?

Annabeth baixou os olhos para os pergaminhos.

— É melhor ir andando, Percy. Prepare-se para a missão. Eu… eu vejo você de manhã.

Deixei-a ali, fitando os mapas que levavam do nada a lugar nenhum; mas não conseguia me livrar da sensação de que um de nós não voltaria vivo dessa expedição.

# CINCO

Nico compra Mclanche Feliz para os mortos

Pelo menos tive uma boa noite de sono antes da missão, certo?

Errado.

Naquela noite, em meus sonhos, eu estava na cabine principal do *Princesa Andrômeda*. As janelas estavam abertas para um mar iluminado pela lua. O vento frio revolvia as cortinas de veludo.

Luke estava ajoelhado em um tapete persa diante do caixão dourado de Cronos. À luz do luar, o cabelo louro de Luke parecia totalmente branco. Ele usava uma antiga túnica grega e um *himation* branco, uma espécie de capa que pendia de seus ombros. As roupas brancas faziam Luke parecer atemporal e um pouco irreal, como um dos deuses menores do Monte Olimpo. Na última vez que eu o vira, ele estava ferido e inconsciente após uma grave queda do Monte Tam. Agora parecia perfeitamente bem. Quase saudável *demais.*

— Nossos espiões relatam sucesso, meu senhor — disse ele.

— O Acampamento Meio-Sangue está enviando uma missão de busca, como previu. Nosso lado do acordo está quase completo.

*Excelente.* A voz de Cronos perfurava minha mente como uma adaga. Era gélida de crueldade. *Assim que tivermos o meio de nos orientar, eu mesmo liderarei a vanguarda.*

Luke fechou os olhos, como se estivesse organizando os pensamentos.

— Meu senhor, talvez seja cedo demais. Quem sabe Crio ou Hiperíon não devessem liderar…

*Não.* A voz estava calma, mas absolutamente firme. *Eu liderarei. Mais um coração se juntará à nossa causa, e isso será suficiente. Finalmente vou me erguer inteiro do Tártaro.*

— Mas a forma, meu senhor… — A voz de Luke começou a tremer.

*Mostre-me sua espada, Luke Castellan.*

Um choque percorreu meu corpo. Percebi que eu nunca tinha ouvido o sobrenome de Luke. Isso nunca me ocorrera.

Luke sacou a espada. O gume duplo de Mordecostas brilhou perversamente —

metade aço, metade bronze celestial. Várias vezes eu quase fui morto por aquela espada. Era uma arma maligna, letal tanto para mortais quanto para monstros. Era a única lâmina que eu temia de verdade.

*Você se entregou a mim*, Cronos lembrou-lhe. *Ganhou esta espada como prova de seu juramento.*

— Sim, meu senhor. É só que…

*Você queria poder. Eu lhe dei poder. Agora está além de todo mal. Em breve você dominará o mundo dos deuses e dos mortais. Não quer se vingar? Não quer ver o Olimpo destruído?*

Um tremor percorreu o corpo de Luke.

— Sim.

O caixão brilhou, a luz dourada enchendo o ambiente.

*Então prepare a força de ataque. Assim que o negócio estiver concluído, prosseguiremos. Primeiro, o Acampamento Meio-Sangue será reduzido a cinzas. Assim que aqueles heróis importunos forem eliminados, marcharemos ao Olimpo.*

Houve uma batida na porta da cabine. A luz do caixão enfraqueceu. Luke ergueu-se. Embainhou a espada, ajeitou as roupas brancas e respirou fundo.

— Entre.

As portas abriram-se. Duas *dracaenae* entraram coleando — mulheres-cobras com dois corpos de serpente no lugar das pernas. Entre elas vinha Kelli, a *empousa* líder de torcida de minha visita de orientação na escola.

— Olá, Luke. — Kelli sorriu.

Usava um vestido vermelho e estava sensacional, mas eu já conhecia sua verdadeira forma. Sabia o que ela estava escondendo: pernas assimétricas, olhos vermelhos, presas enormes e cabelos em chamas.

— O que foi, demônio? — A voz de Luke era fria. — Eu lhe disse que não me incomodasse.

Kelli fez beicinho.

— Isso não é muito simpático. Você parece tenso. Que tal uma boa massagem nos ombros?

Luke recuou.

— Se você tem algo a dizer, diga. Caso contrário, saia!

— Não entendo por que você está tão irritável ultimamente. Você *costumava* ser uma companhia legal.

— Isso foi antes de eu ver o que você fez com o garoto em Seattle.

— Ah, ele nada significava para mim — disse Kelli. — Só um lanchinho,

sério. Sabe que meu coração pertence a você, Luke.

— Obrigado, mas eu dispenso. Agora fale logo ou vá embora. Kelli deu de ombros.

— Certo. A equipe de avanço está pronta, como você pediu. Podemos partir… — Ela franziu a testa.

— O que foi? — perguntou Luke.

— Uma presença — disse Kelli. — Seus sentidos estão ficando embotados, Luke. Estamos sendo observados.

Ela correu o olhar pela cabine. Seus olhos focaram em mim. Seu rosto enrugou-se como o de uma bruxa. Ela mostrou as presas e saltou sobre mim.

Acordei com um sobressalto, o coração disparado. Eu poderia ter jurado que as presas da *empousa* estavam a centímetros de meu pescoço.

Tyson roncava no beliche ao lado. Esse som me acalmou um pouco.

Eu não sabia como Kelli podia pressentir minha presença em um sonho, mas eu ouvira mais do que queria saber. Um exército estava pronto. Cronos pessoalmente o lideraria. Tudo o que eles precisavam era de um meio para orientar-se no Labirinto — então poderiam invadir e destruir o Acampamento Meio-Sangue, e aparentemente Luke acreditava que em breve aquilo aconteceria.

Fiquei tentado a ir acordar Annabeth e lhe contar, mesmo sendo madrugada. Então percebi que o quarto estava mais claro do que deveria. Um brilho verde-azulado vinha da fonte de água salgada, mais claro e insistente do que na noite anterior. Era quase como se a água estivesse zumbindo.

Saí da cama e me aproximei.

Dessa vez, nenhuma voz surgiu da água pedindo uma moeda. Tive a sensação de que a fonte esperava que eu agisse primeiro.

Provavelmente, eu deveria ter voltado para a cama. Mas pensei no que tinha visto na noite anterior — a estranha imagem de Nico às margens do Rio Estige.

— Você está tentando me dizer algo — falei.

Nenhuma resposta da fonte.

— Muito bem — eu disse. — Mostre-me Nico di Angelo.

Não joguei um dracma na fonte, e dessa vez não precisava. Era como se alguma outra força além de Íris, a deusa mensageira, tivesse o controle da água. A superfície tremeluziu. Nico surgiu, mas não estava mais no Mundo Inferior. Estava de pé em um cemitério sob um céu estrelado. Salgueiros gigantes avultavam-se em torno dele.

Nico observava alguns coveiros trabalhando. Eu ouvia o ruído de pás e via terra voando de um buraco. Ele vestia um casaco preto. A noite era nevoenta. Estava quente e úmido, e sapos coaxavam. Uma sacola grande de mercado estava aos pés de Nico.

— Já está bastante fundo? — perguntou ele. Parecia irritado.

— Quase, meu amo. — Era o mesmo fantasma que eu vira antes com Nico, a imagem tênue e tremeluzente de um homem. — Mas, meu amo, eu lhe digo que isso é desnecessário. Você já tem a mim como conselheiro.

— Quero uma segunda opinião!

Nico estalou os dedos, e a escavação cessou. Duas figuras saíram do buraco. Não eram pessoas. Eram esqueletos com roupas esfarrapadas.

— Vocês estão dispensados — disse Nico. — Obrigado.

Os esqueletos desabaram em pilhas de ossos.

— Você pode também agradecer às pás — queixou-se o fantasma. — Elas têm tanto entendimento quanto eles.

Nico o ignorou. Pegou a sacola e dela tirou um engradado de doze latas de Coca-Cola. Abriu uma delas. Em vez de beber, despejou-a na cova.

— Que os mortos provem de novo este sabor — murmurou ele. — Que eles se levantem e aceitem esta oferenda. Que eles recordem.

Jogou o restante do refrigerante no túmulo e segurou uma sacola de papel decorada com desenhos. Havia anos eu não via uma daquelas, mas a reconheci — um McLanche Feliz.

Ele a virou de cabeça para baixo e despejou as batatas fritas e os hambúrgueres no túmulo.

— No meu tempo, usávamos sangue de animal — resmungou o fantasma. — É bom o bastante. Eles não percebem a diferença.

— Vou tratá-los com respeito — disse Nico.

— Pelo menos me deixe ficar com o brinquedo — pediu o fantasma.

— Fique quieto! — ordenou Nico.

Ele esvaziou outro engradado de latas de refrigerante e mais três McLanches Felizes na cova, então começou a cantar em grego antigo. Compreendi apenas algumas palavras: uma parte sobre os mortos, lembranças e a volta do túmulo. Assuntos bem alegres.

A cova começou a borbulhar. Um líquido marrom espumante chegou à borda, como se o lugar todo estivesse cheio de refrigerante. A névoa tornou-se mais espessa. Os sapos pararam de coaxar. Dezenas de figuras começaram a surgir entre as pedras tumulares: formas azuladas vagamente humanas. Nico havia convocado os mortos com refrigerante e *cheeseburgers*.

— São muitos — disse o fantasma, nervoso. — Você não conhece seus próprios poderes.

—Tenho tudo sob controle — disse Nico, embora sua voz soasse frágil.

Ele puxou a espada, uma lâmina curta feita de um metal inteiramente preto. Eu nunca vira nada igual. Não era bronze celestial nem aço. Ferro, talvez? A multidão de sombras recuou diante daquela visão.

— Um de cada vez — comandou Nico.

Uma figura avançou flutuando, ajoelhou-se diante daquela piscina e bebeu ruidosamente. Suas mãos fantasmagóricas recolheram batatas fritas da cova cheia de líquido. Quando a forma tornou a se levantar, pude vê-la com muito mais clareza — um adolescente de armadura grega. Tinha cabelos encaracolados e olhos verdes, uma fivela no formato de concha fechava sua capa.

— Quem é você? — perguntou Nico. — Fale.

O garoto franziu a testa, como se tentasse lembrar. Então falou com uma voz que parecia papel áspero sendo amassado:

— Eu sou Teseu.

Sem essa, pensei. Aquele não podia ser *o* Teseu. Era só um garoto. Eu havia crescido ouvindo histórias sobre sua batalha contra o Minotauro e outras assim, mas sempre o visualizava como um homem grande e musculoso. O fantasma que eu via não era nem forte nem alto. Tampouco era mais velho do que eu.

— Como posso reaver minha irmã? — perguntou Nico.

Os olhos de Teseu eram sem vida, como vidro.

— Não tente. É loucura.

— Apenas me diga como!

— Meu padrasto morreu — lembrou Teseu. — Atirou-se no mar porque pensou que eu estivesse morto no Labirinto. Eu queria trazê-lo de volta, mas não consegui.

— Meu amo, a troca de alma! — silvou o fantasma. —Pergunte-lhe sobre isso!

— Essa voz. — Teseu franziu a testa. — Eu conheço essa voz.

— Não, não conhece, tolo! — disse o fantasma. — Responda às perguntas do amo e nada mais!

— Eu conheço você — insistiu Teseu, como se lutasse para lembrar.

— Quero saber sobre minha irmã — disse Nico. — Essa missão no Labirinto vai me ajudar a trazê-la de volta?

Teseu estava procurando o fantasma, mas aparentemente não conseguia vê-lo. Devagar, voltou os olhos para Nico.

— O Labirinto é traiçoeiro. Somente um fato me fez sair de lá vivo: o amor de uma jovem mortal. O fio era apenas parte da resposta. Foi a princesa que me guiou.

— Não precisamos dessa baboseira — disse o fantasma. — Eu o guiarei, meu amo. Pergunte a ele se é verdade a história da troca de almas. A você ele dirá.

— Uma alma por uma alma — disse Nico. — É verdade?

— Eu… eu devo dizer que sim. Mas o espectro…

— Apenas responda às perguntas, traste! — interrompeu o fantasma.

De repente, ao redor da poça, os outros fantasmas começaram a ficar inquietos. Eles se agitavam, sussurrando em tom de nervosismo.

— Eu quero ver minha irmã! — Nico exigiu. — Onde ela está?

— Ele está vindo — disse Teseu, com medo. — Ele pressentiu seu chamado. Está vindo.

— Quem? — perguntou Nico.

— Ele vem investigar a origem do poder que está aqui — disse Teseu. — Você precisa nos deixar ir!

A água em minha fonte começou a tremer, zumbindo com aquela energia. Percebi que todo o chalé estava sacudindo. O barulho tornou-se mais alto. A imagem de Nico no túmulo começou a brilhar até que se tornou doloroso olhá-la.

— Pare — eu disse em voz alta. — Pare!

A fonte começou a rachar. Tyson murmurou em seu sono e se virou. Uma luz púrpura lançava sombras horríveis e fantasmagóricas nas paredes do chalé, como se os espectros estivessem escapando da fonte.

Desesperado, tirei a tampa de Contracorrente e golpeei a fonte, partindo-a em dois. A água salgada espalhou-se por todo lado, e a grande fonte de pedra espatifou-se no chão. Tyson roncou e resmungou, mas continuou dormindo.

Desabei no chão, tremendo. Tyson me encontrou ali de manhã, ainda olhando os restos da fonte de água salgada.

Logo depois do amanhecer o grupo de busca reuniu-se no Punho de Zeus. Eu havia arrumado a mochila — garrafa térmica com néctar, pacote de ambrosia, saco de dormir, corda, roupas, lanternas e muitas baterias extras. Contracorrente estava em meu bolso e o escudo/relógio mágico que Tyson fizera para mim, no pulso.

Era uma manhã clara. A neblina havia se dissipado e o céu estava azul. Os campistas teriam aulas, voariam nos pégasos e praticariam arco e flecha e escalada na parede de lava. Enquanto isso, nós estaríamos adentrando o

subterrâneo.

Juníper e Grover estavam isolados do grupo. Ela andara chorando de novo, mas tentava se controlar, por causa dele. Mantinha-se ocupada com as roupas dele, alisando o boné de rastafári e tirando pelos de bode soltos da camisa. Como não tínhamos a menor ideia do que encontraríamos, ele estava vestido como humano, com o boné para esconder os chifres, jeans, pés falsos e tênis para esconder as pernas de bode.

Quíron, Quintus e a sra. O'Leary estavam com os outros campistas que tinham vindo nos desejar boa sorte. Mas havia agitação demais para transmitir a sensação de uma despedida feliz. Um par de tendas foi montado próximo às rochas para o serviço de guarda. Beckendorf e os irmãos trabalhavam em uma linha defensiva de espigões e trincheiras. Quíron decidira que precisaríamos vigiar a saída do Labirinto todo o tempo, só por segurança.

Annabeth verificava uma última vez seus suprimentos. Quando Tyson e eu nos aproximamos, ela franziu a testa.

— Percy, você está com uma cara horrível.

— Ele matou a fonte de água ontem à noite — confidenciou Tyson.

— O quê? — perguntou ela.

Antes que eu pudesse explicar, Quíron aproximou-se, trotando.

— Bem, parece que vocês estão prontos!

Ele tentava parecer otimista, mas dava para ver que estava ansioso. Eu não queria apavorá-lo ainda mais, mas pensei em meu sonho e, antes que mudasse de ideia, disse:

— Ei, hã, Quíron, posso lhe pedir um favor enquanto eu estiver fora?

— É claro, meu garoto.

— Volto já, pessoal.

Fiz um gesto na direção do bosque. Quíron ergueu uma sobrancelha, mas me seguiu até que pudéssemos falar sem que ninguém nos ouvisse.

— Noite passada — comecei —, sonhei com Luke e Cronos. — Contei-lhe os detalhes. A notícia pareceu pesar em seus ombros.

— Era o que eu temia — disse Quíron. — Em um combate contra meu pai, Cronos, não teríamos a menor chance.

Quíron raramente se referia a Cronos como pai. Bem, todos nós sabíamos disso. Todos no mundo grego — deus, monstro ou titã — tinham algum grau de parentesco. Mas não era exatamente algo de que Quíron gostasse de se gabar. *Ah, meu pai é o todo-poderoso Senhor Titã do mal que quer destruir a civilização ocidental. Eu quero ser igual a ele quando crescer!*

— Você sabe o que ele quis dizer quando falou de um acordo? — perguntei.

— Não tenho certeza, mas temo que estejam procurando fazer um acordo com Dédalo. Se o velho inventor estiver mesmo vivo, se não tiver enlouquecido após os milhares de anos no Labirinto… bem, Cronos pode encontrar meios de dobrar qualquer um à sua vontade.

— Não qualquer um — garanti.

Quíron conseguiu abrir um sorriso.

— Não. Talvez não qualquer um. Mas, Percy, você precisa ficar alerta. Há algum tempo me preocupo com a possibilidade de que Cronos possa estar procurando Dédalo por outra razão, não apenas a passagem pelo Labirinto.

— O que mais ele desejaria?

— Algo sobre o que Annabeth e eu estávamos discutindo. Você se lembra do que me contou a respeito de sua primeira viagem no *Princesa Andrômeda*, a primeira vez que você viu o caixão de ouro?

Assenti.

— Luke falava sobre reerguer Cronos, sobre pequenos pedaços dele que surgiam no caixão cada vez que alguém novo se juntava à sua causa — respondi.

— E o que foi que Luke disse que fariam quando Cronos tivesse ressuscitado por completo?

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Disse que fariam um novo corpo para Cronos, digno das forjas de Hefesto.

— Exato — disse Quíron. — Dédalo foi o maior inventor em todo o mundo. Ele criou o Labirinto e muito mais. Autômatos, máquinas pensantes… E se Cronos quiser que Dédalo lhe dê uma nova forma?

Esse era um pensamento verdadeiramente agradável.

— Precisamos encontrar Dédalo primeiro — eu disse — e convencê-lo a não fazer isso.

Quíron fitava as árvores com o olhar perdido.

— Outra questão que não entendo… essa conversa de uma última alma juntando-se à causa deles. Isso não parece fazer sentido.

Mantive a boca fechada, mas me senti culpado. Eu tomara a decisão de não contar a Quíron que Nico era filho de Hades. A referência a almas, porém… E se Cronos soubesse sobre Nico? E se conseguisse torná-lo mau? Isso foi quase bastante para me fazer querer contar a Quíron, mas eu não disse nada. Para começar, não tinha certeza se Quíron poderia fazer algo a respeito. Eu mesmo tinha de encontrar Nico. Precisava explicar a ele, fazê-lo me ouvir.

— Não sei — eu disse, por fim. — Mas, hã, talvez você devesse saber um fato que Juníper contou. — E contei-lhe que a ninfa das árvores vira Quintus bisbilhotando perto das pedras.

— Isso não me surpreende. — O maxilar de Quíron retesou-se.

— Isso não o sur… quer dizer que já sabia?

— Percy, quando Quintus apareceu no acampamento oferecendo seus serviços… bem, eu teria de ser um tolo para não suspeitar dele.

— Então por que o deixou entrar?

— Porque, às vezes, é melhor ter alguém em quem não confia perto de você, para que possa ficar de olho nele. Ele pode ser exatamente o que diz: um meio-sangue em busca de um lar. Não fez abertamente nada que me levasse a questionar a lealdade dele. Mas, acredite, vou ficar de olho…

Annabeth aproximou-se, provavelmente curiosa por estarmos demorando tanto.

— Percy, está pronto?

Assenti. Minha mão deslizou para o bolso, onde mantinha o apito de gelo que Quintus me dera. Olhei para ele e vi Quintus observando-me com atenção. Ele ergueu a mão, dando adeus.

*Nossos espiões relatam sucesso*, dissera Luke. No mesmo dia em que decidimos organizar uma missão, Luke ficara sabendo dela.

— Tomem cuidado — disse-nos Quíron. — E boa caçada.

— Você também — desejei.

Caminhamos em direção às rochas, onde Tyson e Grover esperavam. Olhei para a fissura entre as pedras — a entrada que estava prestes a nos engolir.

— Bem — disse Grover, nervoso —, adeus, luz do sol.

— Olá, pedras — concordou Tyson.

E, juntos, nós quatro descemos para a escuridão.

# SEIS

Encontramos o deus de duas caras Percorremos uns trinta metros antes de estarmos irremediavelmente perdidos.

O túnel em nada se parecia com aquele que Annabeth e eu tínhamos encontrado antes. Agora era redondo como um sistema de esgoto, construído com tijolos vermelhos, e tinha vigias protegidas por barras de ferro a cada três metros. Por curiosidade, dirigi a luz da lanterna através de uma das vigias, mas nada consegui ver. Ela se abria para a escuridão infinita. Pensei ouvir vozes do outro lado, mas pode ter sido apenas o vento frio.

Annabeth dava o melhor de si para nos guiar. Ela teve a ideia de nos mantermos próximos à parede esquerda.

— Se ficarmos com a mão na parede esquerda e a seguirmos — disse ela —, conseguiremos encontrar a saída fazendo o caminho inverso.

Infelizmente, assim que ela disse essas palavras, a parede esquerda desapareceu, e nos vimos no meio de uma câmara circular de onde saíam oito túneis, sem termos a menor ideia de como tínhamos chegado lá.

— Hã, por onde viemos? — perguntou Grover, nervoso.

— Façam meia-volta — disse Annabeth.

Cada um de nós virou-se para um túnel diferente. Era ridículo. Ninguém conseguia decidir que caminho levava de volta ao acampamento.

— Paredes esquerdas são malvadas — disse Tyson. — Que caminho seguir agora?

Annabeth lançou o feixe de sua lanterna sobre a arcada dos oito túneis. Até onde eu podia ver, eram idênticos.

— Por ali — disse ela.

— Como você sabe? — perguntei.

— Raciocínio dedutivo.

— Então… você está chutando.

— Venha, ande — disse ela.

O túnel que ela escolhera estreitou-se rapidamente. As paredes agora eram de cimento cinza, e o teto ficou tão baixo que logo estávamos andando curvados.

Tyson foi forçado a engatinhar.

A respiração ofegante de Grover era o ruído mais alto no Labirinto.

— Não suporto mais — sussurrou ele. — Já chegamos?

— Estamos aqui embaixo talvez há cinco minutos — disse Annabeth.

— Faz mais tempo do que isso — insistiu Grover. — E por que Pã estaria aqui? Isto é o oposto do mundo selvagem!

Seguimos adiante nos arrastando. Exatamente quando achei que o túnel fosse ficar tão estreito que nos espremeria, ele se abriu em um salão imenso. Iluminei as paredes com minha lanterna.

— Uau! — exclamei.

O salão inteiro era coberto por mosaicos de azulejos. As imagens estavam sujas e desbotadas, mas ainda dava para distinguir as cores — vermelho, azul, verde, dourado. O friso mostrava os deuses olimpianos em um banquete. Lá estava meu pai, Poseidon, com seu tridente, estendendo uvas para Dioniso transformar em vinho. Zeus celebrava com os sátiros, e Hermes voava com suas sandálias aladas. As imagens eram lindas, mas não muito precisas. Eu já vira os deuses. Dioniso não era assim tão bonito, e o nariz de Hermes não era tão grande.

No meio do salão havia uma fonte de três níveis, que parecia não conter água havia muito tempo.

— Que lugar é este? — murmurei. — Parece…

— Romano — disse Annabeth. — Estes mosaicos têm cerca de dois mil anos.

— Mas como é que podem ser romanos? — Eu não era assim tão bom em história antiga, mas tinha certeza de que o Império Romano nunca havia chegado a Long Island.

— O Labirinto é uma colcha de retalhos — explicou Annabeth. — Eu lhe disse, está sempre se expandindo, acrescentando pedaços. É a única obra de arquitetura que cresce por si só.

— Você fala como se isso aqui estivesse vivo.

Um som de lamento ecoou no túnel à nossa frente.

— Não vamos falar sobre isso estar vivo — choramingou Grover. — Por favor.

— Tudo bem — disse Annabeth. — Adiante.

— Pelo corredor com os sons ruins? — perguntou Tyson. Até ele parecia nervoso.

— Sim — respondeu Annabeth. — A arquitetura está envelhecendo. Isso é um bom sinal. A oficina de Dédalo deve ficar na parte mais antiga.

Isso fazia sentido. Mas logo o Labirinto estava zombando de nós —

seguíamos quinze metros e o túnel voltava ao cimento, com canos de bronze descendo pelas paredes pichadas. Em um letreiro de neon lia-se MOZ RULZ.

— Estou achando que isso não é romano — eu disse, muito oportunamente.

Annabeth respirou fundo e seguiu em frente.

A cada poucos metros os túneis serpenteavam, mudavam de direção e se ramificavam. O piso abaixo de nossos pés mudava de cimento para lama para tijolos e de volta a cimento. Não havia lógica alguma em nada daquilo. Deparamos com uma adega — um punhado de garrafas empoeiradas em suportes de madeira —, como se estivéssemos andando pelo porão de alguém, só que não havia qualquer saída acima de nós, apenas mais túneis prosseguindo.

Mais tarde o teto transformou-se em pranchas de madeira, e eu podia ouvir vozes e o rangido de passos acima de nós, como se estivéssemos passando por algum bar. Era reconfortante ouvir vozes de pessoas, mas, por outro lado, não podíamos alcançá-las. Estávamos presos ali embaixo, sem saída. E então encontramos nosso primeiro esqueleto.

Estava vestido com roupas brancas, uma espécie de uniforme. Ao lado dele havia um caixote de madeira com garrafas de vidro.

— Um leiteiro — disse Annabeth.

— O quê? — perguntei.

— Antigamente eles entregavam o leite.

— Sim, eu sei o que eles são, mas… isso era quando minha mãe era pequena, um milhão de anos atrás. O que ele está fazendo aqui?

— Algumas pessoas entram por engano — afirmou Annabeth. — Outras vêm com o propósito de explorar e nunca mais voltam. Há muito tempo os cretenses mandavam gente para cá como oferendas de sacrifício humano.

Grover engoliu em seco.

— Ele está aqui faz muito tempo. — Apontou para as garrafas, cobertas por poeira branca. Os dedos do esqueleto agarravam-se à parede de tijolos, como se tivesse morrido tentando sair.

— São só ossos — disse Tyson. — Garoto-bode, não se preocupe. O leiteiro está morto.

— Não é o leiteiro que me perturba — replicou Grover. — É o cheiro. Monstros. Você não está sentindo?

Tyson concordou.

— Muitos monstros. Mas o subterrâneo cheira assim. A monstros e a leiteiros mortos.

— Ah, bom — lamuriou-se Grover. — Pensei que eu pudesse estar enganado.

— Precisamos ir mais fundo no Labirinto — disse Annabeth. — Tem de haver

um caminho até o centro.

Ela nos guiou para a direita, depois para a esquerda, por um corredor de aço inoxidável que parecia uma espécie de duto de ar, e voltamos ao salão de azulejos romanos com a fonte.

Desta vez, porém, não estávamos sozinhos.

O que notei primeiro foram os rostos. Ambos. Eles se projetavam das laterais da cabeça, olhando sobre os ombros, de modo que a cabeça era muito mais larga do que deveria ser, semelhante à de um tubarão-martelo. Olhando diretamente para ele, tudo que vi foram duas orelhas que se sobrepunham e costeletas como uma imagem refletida.

Estava vestido como um porteiro da cidade de Nova York: sobretudo preto, sapatos engraxados e uma cartola preta que de algum modo conseguia manter na cabeça dupla.

— E então, Annabeth? — disse o rosto da esquerda. — Ande logo!

— Não ligue para ele — disse o rosto da direita. — Ele é terrivelmente grosseiro. Por aqui, senhorita.

O queixo de Annabeth caiu.

— Hã… eu não…

— Aquele homem engraçado tem dois rostos. — Tyson franziu a testa.

— O homem engraçado tem ouvidos, sabia? — repreendeu o rosto da esquerda. — Agora venha, senhorita.

— Não, não — disse o rosto da direita. — Por aqui, senhorita. Fale *comigo*, por favor.

O homem de dois rostos examinava Annabeth o melhor que podia com o canto dos olhos. Era impossível olhar para ele diretamente sem focalizar um lado ou o outro. E de repente percebi que era isso que ele estava pedindo — ele queria que Annabeth escolhesse.

Atrás dele havia duas saídas, bloqueadas por portas de madeira com imensos cadeados de ferro. Elas não estavam ali da primeira vez que passamos pelo salão. O porteiro de dois rostos segurava uma chave de prata, que ficava passando da mão esquerda para a direita. Eu me perguntava se este não seria um salão completamente diferente, mas o friso dos deuses parecia exatamente o mesmo.

Atrás de nós, a porta por onde havíamos entrado desapareceu, substituída por mais mosaicos. Não voltaríamos pelo mesmo caminho que chegamos.

— As saídas estão fechadas — disse Annabeth.

— Dãh! — exclamou o rosto da esquerda.

— Para onde levam? — perguntou ela.

— Um, provavelmente, leva ao caminho que você deseja seguir — disse o rosto da direita, encorajador. — O outro leva à morte certa.

— Eu… eu sei quem você é — disse Annabeth.

— Ah, você é espertinha! — zombou o rosto da esquerda. — Mas você sabe que caminho escolher? Eu não tenho o dia todo.

— Por que vocês estão tentando me confundir? — perguntou Annabeth.

—Você está no comando agora, minha querida. — O rosto da direita sorriu. — As decisões estão todas sobre seus ombros. Era isso o que você queria, não era?

— Eu…

— Nós a conhecemos, Annabeth — disse o rosto da esquerda. — Sabemos contra o que você luta todos os dias. Conhecemos suas indecisões. Você terá de fazer sua escolha mais cedo ou mais tarde. E essa escolha poderá matá-la.

Eu não sabia do que eles estavam falando, mas parecia que se tratava de algo mais do que uma escolha entre portas. A cor sumiu do rosto de Annabeth.

— Não… eu não…

— Deixem-na em paz — eu disse. — Aliás, quem são vocês?

— Eu sou seu melhor amigo — disse o rosto da direita.

— Eu sou seu pior inimigo — disse o da esquerda.

— Eu sou Jano — disseram ambos em uníssono. — O Senhor das Portas. Dos Inícios. Dos Fins. Das Escolhas.

— Cuidarei de você logo, logo, Perseu Jackson — disse o rosto da direita. — Mas, por ora, é a vez de Annabeth. — Ele riu alegremente. — Isso é tão divertido!

— Cale a boca! — disse o rosto da esquerda. — Isso é sério. Uma escolha ruim pode arruinar toda a sua vida. Pode matar você e todos os seus amigos. Mas, sem pressão, Annabeth. Escolha!

Com um súbito calafrio, lembrei-me das palavras da profecia: *Da criança de Atena, a defesa final.*

— Não faça isso — eu disse.

— Receio que ela seja obrigada — disse o rosto da direita alegremente.

Annabeth umedeceu os lábios.

— Eu… eu escolho…

Antes que ela pudesse indicar uma das portas, uma luz brilhante inundou o salão.

Jano levou as mãos a ambos os lados da cabeça para cobrir os olhos. Quando a

luz se dissipou, havia uma mulher de pé na fonte.

Era alta e graciosa, com cabelos longos cor de chocolate, presos com tranças e fitas de ouro. Usava um vestido branco simples, mas, quando se movia, o tecido oscilava com diferentes cores, como o óleo na água.

— Jano — disse ela —, estamos causando problema outra vez?

— N-não, senhora! — gaguejou o rosto direito de Jano.

— Sim! — disse o rosto da esquerda.

— Cale a boca! — disse o da direita.

— Como? — perguntou a mulher.

— Não a senhora! Eu estava falando comigo.

— Entendo — disse a dama. — Você sabe muito bem que sua visita é prematura. A hora da garota ainda não chegou. Então eu dou a *você* uma escolha: deixe esses heróis comigo ou transformo *você* em uma porta e a derrubo.

— Que tipo de porta? — perguntou o rosto da esquerda.

— Cale a boca! — repetiu o da direita.

— Portas duplas de vidro são bacanas — ponderou o rosto da esquerda. — Bastante luz natural.

— Cale a boca! — gemeu o da direita. — Não a senhora! É claro que vou embora. Só estava me divertindo um pouquinho. Fazendo meu trabalho. Oferecendo escolhas.

— Criando indecisão — corrigiu a mulher. — Agora vá!

— Estraga-prazeres — resmungou o rosto da esquerda, e então ergueu a chave de prata, introduziu-a no ar e desapareceu.

A mulher voltou-se para nós, e o medo envolveu meu coração. Seus olhos brilhavam com poder. *Deixe esses heróis comigo*. Isso não me soava bem. Por um segundo quase desejei que pudéssemos ter arriscado nossa sorte com Jano. Mas então a mulher sorriu.

— Vocês devem estar com fome — disse ela. — Sentem-se comigo e vamos conversar.

Ela acenou a mão e a velha fonte romana começou a jorrar. Jatos de água clara borrifavam o ar. Uma mesa de mármore surgiu, repleta de travessas de sanduíches e jarras de limonada.

— Quem… quem é você? — perguntei.

— Eu sou Hera. — A mulher sorriu. — A Rainha dos Céus.

Eu vira Hera uma vez em um Conselho dos Deuses, mas não prestara muita atenção nela. Na ocasião, eu estava cercado por vários outros deuses que

debatiam se deviam ou não me matar.

Não me lembrava dela assim, tão normal. Naturalmente, os deuses costumam ter seis metros de altura quando estão no Olimpo, o que os faz parecer muito menos normais. Mas agora Hera parecia uma mãe comum.

Elas nos serviu sanduíches e limonada.

— Grover, querido — disse ela —, use o guardanapo. Não o coma.

— Sim, senhora — disse Grover.

— Tyson, você está definhando. Quer mais um sanduíche de manteiga de amendoim?

Tyson reprimiu um arroto.

— Sim, bondosa senhora.

— Rainha Hera — disse Annabeth. — Não posso acreditar. O que está fazendo no Labirinto?

Hera sorriu. Deu um peteleco e o cabelo de Annabeth penteou-se sozinho. Toda a sujeira e a fuligem desapareceram de seu rosto.

— Vim ver vocês, naturalmente — disse a deusa.

Grover e eu trocamos olhares nervosos. Em geral, quando os deuses vêm à sua procura, não é pela bondade em seu coração. É porque querem algo.

Ainda assim, isso não me impediu de comer sanduíches de peito de peru e queijo suíço, batata frita e limonada. Eu não havia percebido o quanto estava faminto. Tyson engolia um sanduíche de manteiga de amendoim atrás do outro, e Grover estava adorando a limonada, mastigando o copo plástico como se fosse um cone de sorvete.

— Eu não pensei… — A voz de Annabeth falhou. — Bem, não pensei que a senhora gostasse de heróis.

Hera sorriu com indulgência.

— Por causa daquela pequena rusga que tive com Hércules? Francamente, tive uma publicidade tão ruim por causa de um único desentendimento.

— A senhora não tentou matá-lo, hã, muitas vezes? — perguntou Annabeth.

— São águas passadas, minha querida. — Hera fez um gesto displicente com a mão. — Além disso, ele era filho de meu amado marido com *outra* mulher. Minha paciência estava desgastada, admito. Mas Zeus e eu temos tido ótimas sessões de aconselhamento conjugal desde então. Falamos de nossos sentimentos e chegamos a um entendimento… especialmente depois daquele último pequeno incidente.

— Refere-se a quando ele gerou Thalia? — arrisquei, mas imediatamente desejei não tê-lo feito. Assim que eu disse o nome de nossa amiga, a meio-sangue filha de Zeus, os olhos de Hera voltaram-se, gélidos, para mim.

— Percy Jackson, não é? Um dos… filhos de Poseidon. — Tive a impressão de que ela estava pensando em outra palavra que não era *filhos*. — Pelo que me recordo, no solstício de inverno votei para que o deixassem vivo. Espero ter votado corretamente.

Ela voltou-se para Annabeth com um sorriso ensolarado.

— Seja como for, certamente não lhe desejo mal algum, minha menina. Sei da dificuldade de sua missão. Principalmente quando você tem de lidar com encrenqueiros como Jano.

Annabeth baixou os olhos.

— Por que ele estava aqui? Estava me enlouquecendo.

— Tentando — concordou Hera. — Você precisa entender. Os deuses menores como Jano estão sempre frustrados com os pequenos papéis que desempenham no universo. Receio que alguns tenham pouco amor pelo Olimpo e possam facilmente ser levados a apoiar a ascensão de meu pai.

— Seu pai? — perguntei. — Ah. Claro.

Eu havia esquecido que Cronos era também pai de Hera, além de Zeus, de Poseidon e de todos os olimpianos mais velhos. Ocorreu-me que isso fazia de Cronos meu avô, mas esse pensamento era tão esquisito que o apaguei da mente.

— Precisamos ficar de olho nos deuses menores — disse Hera. — Jano. Hécate. Morfeu. Eles se dizem devotados ao Olimpo, e no entanto…

— Foi o que Dioniso fez — lembrei. — Confrontou os deuses menores.

— De fato. — Hera fitou os mosaicos desbotados dos olimpianos. — Como vocês veem, em tempos difíceis até os deuses podem perder a fé. Eles começam a depositar confiança nas escolhas erradas, os coitadinhos. Deixam de olhar o panorama e começam a agir com egoísmo. Mas eu sou a deusa do casamento, vocês sabem. Estou acostumada à perseverança. É preciso se erguer acima das discordâncias e do caos e continuar acreditando. É preciso manter os objetivos sempre em mente.

— E quais são seus objetivos? — perguntou Annabeth.

— Manter minha família, os olimpianos, unidos, é claro. — Ela sorriu. — No momento, a melhor forma de fazer isso é ajudando vocês. Zeus não permite que eu interfira muito, mas uma vez a cada século, aproximadamente, em uma missão que me interesse muito, ele permite que eu conceda um desejo.

— Um desejo?

— Antes que você o faça, deixe-me lhe dar alguns conselhos, o que posso fazer de graça. Sei que vocês estão procurando Dédalo. O Labirinto dele é um mistério para mim tanto quanto é para vocês. Mas, se querem conhecer o destino de Dédalo, eu faria uma visita a meu filho Hefesto, em sua forja. Dédalo era um

grande inventor, o preferido de Hefesto. Nunca houve um mortal a quem Hefesto admirasse mais. Se alguém acompanhou a vida de Dédalo e pode lhe falar sobre o destino dele, esse é Hefesto.

— Mas como chegamos lá? — perguntou Annabeth. — Esse é meu desejo. Quero um meio de me orientar pelo Labirinto.

— Que assim seja. — Hera pareceu desapontada. — No entanto, você pede algo que já lhe foi dado.

— Não entendi.

— O meio já está a seu alcance. — Ela olhou para mim. — Percy sabe a resposta.

— Eu?

— Mas isso não é justo — disse Annabeth. — Você não está nos dizendo o que é!

Hera sacudiu a cabeça.

— Conseguir uma coisa e ter a sabedoria para usá-la… são posições bem diferentes. Estou certa de que sua mãe, Atena, concordaria.

O salão ribombou com um trovão distante. Hera pôs-se de pé.

— Esse é meu sinal. Zeus está ficando impaciente. Pense no que eu disse, Annabeth. Procure Hefesto. Vocês precisarão passar pelo rancho, imagino. Mas prossigam. E usem todos os meios a seu dispor, por mais triviais que pareçam.

Ela apontou na direção das duas portas e elas se desfizeram, revelando corredores gêmeos, abertos e escuros.

— Uma última observação, Annabeth. Eu só adiei o dia de sua escolha. Não o evitei. Logo, como disse Jano, você *terá* de tomar uma decisão. Até logo.

Ela fez um aceno com a mão e transformou-se em fumaça branca. O mesmo aconteceu com a comida, no momento exato em que Tyson mordia um sanduíche, que virou névoa em sua boca. A fonte gotejou até parar. As paredes de mosaico embaçaram-se e tornaram a ficar sujas e desbotadas. O salão não era mais um lugar onde se gostaria de fazer um piquenique.

Annabeth bateu o pé.

— Que tipo de ajuda foi essa? “Aqui, coma um sanduíche. Faça um pedido. Opa, não posso ajudá-la! *Puf*!”

— *Puf* — concordou Tyson, com tristeza, olhando o prato vazio.

— Bem — suspirou Grover —, ela disse que Percy conhece a resposta. Já é um início.

Todos olharam para mim.

— Mas eu não sei — disse. — Não sei do que ela estava falando.

— Muito bem. — Annabeth suspirou. — Então vamos continuar.

— Por onde? — perguntei. Eu queria mesmo era perguntar o que Hera queria dizer sobre a escolha que Annabeth precisava fazer. Mas, nesse momento, Grover e Tyson se retesaram. Eles se levantaram juntos, como se tivessem ensaiado.

— Pela esquerda — disseram ambos.

Annabeth franziu a testa.

— Como podem saber?

— Porque algo está vindo pela direita — disse Grover.

— Algo grande — concordou Tyson. — Com pressa.

— A esquerda me parece bastante boa — decidi.

Juntos mergulhamos no corredor escuro.

# SETE

Tyson lidera uma fuga da prisão A boa notícia: o túnel da esquerda era reto, sem qualquer ramificação lateral, desvio ou curva. A má notícia: não tinha saída. Depois de correr por uns cem metros, demos de cara com uma pedra enorme bloqueando completamente nosso caminho. Atrás de nós, os sons de passos arrastando-se e da respiração pesada ecoavam pelo corredor. Algo — indiscutivelmente não humano — estava em nosso encalço.

— Tyson — eu disse —, você pode…

— Sim! — Ele jogou o ombro contra a pedra com tanta força que o túnel todo tremeu. Fios de poeira caíram do teto de pedra.

— Depressa! — disse Grover. — Não traga o teto abaixo, mas se apresse!

A pedra finalmente cedeu, com um rangido horrível. Tyson a empurrou para dentro de uma sala pequena e nós corremos para ali.

— Feche a entrada! — pediu Annabeth.

Do outro lado da pedra nós todos empurramos. O que quer que estivesse nos perseguindo, uivou, frustrado, enquanto forçávamos a pedra de volta ao lugar e vedávamos o corredor.

— Nós o prendemos — eu disse.

— Ou nos prendemos — observou Grover.

Eu me virei. Estávamos em uma sala de cimento de menos de dois metros quadrados e a parede oposta era feita de barras de metal. Tínhamos ido parar direto em uma cela.

— Que diabos…? — Annabeth puxava com força as barras, que nem se moveram.

Pelas frestas podíamos ver uma sequência de celas em formação circular em torno de um pátio escuro — pelo menos três andares de portas e passarelas de metal.

— Uma prisão — eu disse. — Talvez Tyson possa quebrar…

— Psiu — pediu Grover. — Ouçam.

Em algum ponto acima de nós, soluços profundos ecoavam pela edificação. Havia também outro som — uma voz áspera murmurando algo que eu não conseguia entender. As palavras eram estranhas, como pedras sacudidas em uma coqueteleira.

— Que língua é essa? — sussurrei.

Os olhos de Tyson se arregalaram.

— Não pode ser — disse ele.

— O quê? — perguntei.

Ele agarrou duas barras da porta de nossa cela e as entortou, abrindo-as o suficiente para que até um ciclope passasse.

— Espere! — pediu Grover.

Mas Tyson não estava disposto a esperar. Corremos atrás dele. A prisão era escura, apenas umas poucas lâmpadas fluorescentes às vezes brilhavam no teto.

— Eu conheço este lugar — disseme Annabeth. — Isto aqui é Alcatraz.

— Está falando daquela ilha perto de São Francisco?

Ela assentiu:

— Minha escola veio aqui em uma excursão. É como um museu.

Não parecia possível que pudéssemos ter saído do Labirinto no outro lado do país, mas Annabeth morara em São Francisco todo aquele ano, para ficar de olho no Monte Tamalpais do outro lado da baía. Ela, certamente, sabia do que estava falando.

— Parem — avisou Grover.

Tyson, porém, prosseguiu. Grover agarrou-lhe o braço e o puxou de volta com toda a força.

— Pare, Tyson! — sussurrou ele. — Não está vendo?

Olhei para onde ele apontava e meu estômago se revirou. No balcão do segundo andar, do outro lado do pátio, estava um monstro mais horrível do que qualquer outro que eu já vira.

Era um pouco parecido com um centauro, com corpo de mulher da cintura para cima. Mas, em vez da parte inferior de um cavalo, tinha o corpo de um dragão — com pelo menos seis metros de comprimento, preto e coberto por escamas, com garras enormes e cauda serrilhada. Suas pernas pareciam estar enroladas em ramos de parreira, mas então percebi que eram cobras que germinavam, centenas de víboras dando botes, numa constante procura de algo para picar. O cabelo da mulher também era feito de cobras, como o da Medusa. O mais estranho de tudo é que, na altura da cintura, onde a parte mulher encontrava a parte dragão, a pele borbulhava e se transformava, produzindo ocasionalmente cabeças de animais — um lobo feroz, um urso, um leão, como se

ela usasse um cinto de criaturas mutáveis. Tive a sensação de que estava olhando para algo feito pela metade, um monstro tão antigo que era do começo dos tempos, antes de as formas terem sido completamente definidas.

— É ela — choramingou Tyson.

— Abaixe-se! — disse Grover.

Nós nos agachamos nas sombras, mas o monstro não estava prestando atenção. Parecia estar falando com alguém dentro de uma cela no segundo andar. Era dali que vinham os soluços. A mulher-dragão disse alguma frase em sua estranha língua estrondosa.

— O que ela está dizendo? — murmurei. — Que língua é essa?

— A língua dos tempos antigos. — Tyson arrepiou-se. — Aquela que a Mãe Terra usava para falar com os titãs e… seus outros filhos. Antes dos deuses.

— Você entende? — perguntei. — Pode traduzir?

Tyson fechou os olhos e começou a falar com uma voz feminina estridente e horrível.

— Você vai trabalhar para o mestre ou vai sofrer.

Annabeth estremeceu.

— Odeio quando ele faz isso.

Como todos os ciclopes, Tyson tinha audição sobre-humana e uma habilidade incomum para imitar vozes. Era quase como se ele entrasse em um transe quando falava com outras vozes.

— Eu não vou servir — disse Tyson com uma voz grave e ofendida. Depois mudou para a voz do monstro: — Então, vou desfrutar sua dor, Briareu. — Tyson gaguejou para falar aquele nome.

Eu nunca o vira manifestar-se ao imitar alguém, mas ele emitiu um arquejo estrangulado. Em seguida, prosseguiu com a voz do monstro: — Se você pensa que sua primeira prisão foi insuportável, ainda está por experimentar o verdadeiro tormento. Pense nisso até eu voltar.

A mulher-dragão andou pesadamente na direção da escada, as víboras sibilando em torno de suas pernas como os fios de ráfia de uma saia havaiana. Ela abriu as asas que eu ainda não havia notado — imensas asas de morcego que mantinha dobradas junto ao dorso de dragão. Então saltou da passarela e cruzou o pátio planando. Nós nos encolhemos ainda mais nas sombras. Um vento sulfuroso e quente atingiu meu rosto quando o monstro passou voando, desaparecendo depois em um corredor.

— Ho-ho-horrível — disse Grover. — Nunca senti um cheiro de monstro tão forte.

— O pior pesadelo dos ciclopes — murmurou Tyson. — Campe.

— Quem? — perguntei.

Tyson engoliu em seco.

— Todo ciclope a conhece. Histórias sobre ela nos assustam quando somos bebês. Ela era nossa carcereira nos anos ruins.

Annabeth assentiu.

— Agora eu lembro. Quando os titãs governavam, encarceraram os primeiros filhos de Gaia e Urano, os ciclopes e os hecatônqueires.

— Os heca… o quê?

— Os centímanos — disse ela. — Eram chamados assim porque… bem, tinham cem mãos. Eram os irmãos mais velhos dos ciclopes.

— Muito poderosos — disse Tyson. — Maravilhosos! Tão altos quanto o céu. Tão fortes que podiam partir montanhas!

— Legal — eu disse. — A menos que você seja uma montanha.

— Campe era a carcereira — contou ele. — Ela trabalhava para Cronos. Mantinha nossos irmãos trancafiados no Tártaro, torturava-os sempre, até que veio Zeus. Ele matou Campe e libertou os ciclopes e os centímanos para ajudarem a combater os titãs na grande guerra.

— E agora Campe está de volta — eu disse.

— Mau — resumiu Tyson.

— Então, o que há naquela cela? — perguntei. — Você disse um nome…

— Briareu! — Tyson se animou. — É um centímano. Eles são tão altos quanto o céu e…

— Já sei — eu disse. — Podem partir montanhas.

Olhei para as celas acima de nós, perguntando-me como alguém tão alto quanto o céu poderia caber em uma cela minúscula e por que estaria chorando.

— Acho que devíamos verificar antes que Campe volte — disse Annabeth.

À medida que nos aproximamos da cela, o choro foi ficando mais alto. No primeiro momento em que vi a criatura lá dentro, não sabia o que estava vendo. Tinha o tamanho de um ser humano e a pele muito pálida, da cor do leite. Usava uma tanga, parecida com uma grande fralda. Os pés pareciam grandes demais para o corpo, com unhas rachadas e sujas, oito dedos em cada pé. Mas a metade superior do corpo era a parte mais estranha. Fazia Jano parecer absolutamente normal. De seu tórax brotavam mais braços do que eu podia contar, em fileiras, na circunferência de todo o tronco. Os braços pareciam normais, mas eram tantos, todos emaranhados, que o tórax parecia um garfo em que alguém houvesse enrolado um punhado de espaguete. Várias das mãos cobriam o rosto

enquanto ele chorava.

— Ou o céu não é mais alto como costumava ser — murmurrei — ou ele é baixo.

Tyson não prestou muita atenção em mim. Ele ajoelhou-se.

— Briareu! — chamou.

O choro parou.

— Grande centímano! — disse Tyson. — Ajude-nos!

Briareu olhou para cima. O rosto era comprido e triste, o nariz torto e os dentes estragados. Tinha olhos castanhos profundos…, quero dizer, totalmente castanhos, sem nenhuma parte branca nem pupila preta, como olhos feitos de argila.

— Corram enquanto podem, ciclope — disse Briareu, infeliz. — Eu não posso ajudar nem a mim mesmo.

— Você é um centímano! — insistiu Tyson. — Pode fazer qualquer coisa!

Briareu enxugou o nariz com cinco ou seis mãos. Várias outras manuseavam nervosamente pequenos pedaços de metal e de madeira de uma cama quebrada, da mesma forma que Tyson sempre brincava com peças soltas. Era impressionante observá-lo. As mãos pareciam ter vontade própria. Elas construíam um barco de brinquedo de madeira só para, em seguida, desmanchá-lo com a mesma rapidez. Outras mãos arranhavam o chão de cimento por nenhuma razão aparente. Outras brincavam de pedra, papel e tesoura. Outras, ainda, faziam sombras de patinhos e de cachorrinhos na parede.

— Eu não posso — gemeu Briareu. — Campe voltou! Os titãs vão se reerguer e nos atirar de volta ao Tártaro.

— Mostre sua cara de coragem! — disse Tyson.

Imediatamente o rosto de Briareu transformou-se. Os mesmos olhos castanhos, mas os traços eram totalmente diferentes. O nariz era arrebitado, as sobrancelhas arqueadas e o sorriso estranho, como se ele estivesse tentando agir com bravura. Mas, então, seu rosto voltou ao que era antes.

— É inútil — disse ele. — Minha cara de medo volta sempre.

— Como foi que você fez isso? — perguntei.

Annabeth me deu uma cotovelada.

— Não seja mal-educado. Os centímanos têm cinquenta rostos diferentes.

— Deve ser difícil fazer a foto de fim de ano na escola — eu disse.

Tyson ainda estava extasiado.

—Vai ficar tudo bem, Briareu! Nós vamos ajudá-lo! Você pode me dar um autógrafo?

Briareu fungou.

— Você tem cem canetas?

— Pessoal — interrompeu Grover —, temos de sair daqui. Campe vai voltar. Mais cedo ou mais tarde, ela vai sentir nossa presença.

— Quebre a grade — disse Annabeth.

— Sim! — disse Tyson, sorrindo, orgulhoso. — Briareu pode fazer isso. Ele é muito forte. Mais forte até do que os ciclopes! Observem!

Briareu choramingou. Uma dúzia de suas mãos começou a brincar de adoleta, mas nenhuma delas esboçou qualquer tentativa de quebrar a grade.

— Se ele é tão forte — eu disse —, por que está preso na cela?

Annabeth me cutucou de novo.

— Ele está aterrorizado — sussurrou ela. — Campe o manteve preso no Tártaro por milhares de anos. Como você se sentiria?

O centímano tornou a cobrir o rosto.

— Briareu? — chamou Tyson. — Qual… qual é o problema? Mostre-nos sua imensa força!

— Tyson — disse Annabeth —, acho que é melhor você quebrar a grade.

O sorriso de Tyson desapareceu lentamente.

— Vou quebrar a grade — repetiu.

Ele agarrou a porta da cela e a arrancou das dobradiças como se fossem feitas de argila molhada.

— Venha, Briareu — disse Annabeth. — Vamos tirar você daqui.

Ela estendeu a mão. Por um segundo, o rosto de Briareu transformou-se, exibindo uma expressão de esperança. Vários de seus braços estenderam-se, mas um número duas vezes maior lhes deu um tapa, fazendo-os recuar.

— Não posso — disse ele. — Ela vai me castigar.

— Está tudo bem — garantiu Annabeth. — Você já lutou antes contra os titãs e venceu, lembra?

— Eu me lembro da guerra. — O rosto de Briareu transformou-se outra vez: testa e lábios franzidos. Cara de quem está pensando, eu acho. — Relâmpagos sacudiam o mundo. Nós atiramos muitas pedras. Os titãs e os monstros quase venceram. Agora estão se fortalecendo novamente. Foi o que Campe disse.

— Não dê ouvidos a ela — falei. — Vamos!

Ele não se mexeu. Eu sabia que Grover tinha razão. Não tínhamos muito tempo antes que Campe voltasse. Mas não podíamos simplesmente deixá-lo ali. Tyson choraria por semanas.

— Vamos jogar pedra, papel e tesoura — falei sem pensar. — Se eu ganhar,

você vem conosco. Se eu perder, deixo você aqui preso.

Annabeth olhou-me como se eu estivesse louco.

O rosto de Briareu assumiu uma expressão de dúvida.

— Eu sempre ganho no pedra, papel e tesoura.

— Então vamos jogar! — Bati o punho na palma três vezes.

Briareu fez o mesmo com todas as suas cem mãos, o que soou como um exército marchando três passos à frente. Ele exibiu uma avalanche de pedras, uma coleção de tesouras para uma turma inteira e papel suficiente para construir uma esquadrilha de aviões.

— Eu lhe disse — afirmou ele com tristeza. — Eu sempre… — Seu rosto assumiu uma expressão de confusão. — O que é isso que você fez?

— Uma arma — respondi, mostrando-lhe minha arma de dedo. Era um truque que Paul Blofis me aplicara, mas eu não iria lhe contar isso. — Uma arma ganha de tudo.

— Isso não é justo.

— Eu não falei nada sobre ser justo. Campe não será justa se ficarmos aqui. Ela vai culpar você por arrancar a grade. Agora venha!

— Os semideuses são trapaceiros. — Briareu fungou.

Mas lentamente se levantou e nos seguiu, saindo da cela.

Comecei a ter esperanças. Tudo que precisávamos fazer era descer e encontrar a entrada do Labirinto. Mas então Tyson ficou paralisado.

No piso inferior, logo abaixo de nós, Campe rosnava, arreganhando os dentes para nós.

— Pelo outro lado — eu disse.

Saímos correndo pela passarela. Dessa vez Briareu ficou animado em nos seguir. Na verdade, ele disparou à frente, uma centena de braços acenando em pânico.

Atrás de nós, ouvi o som de asas gigantes quando Campe alçou voo. Ela silvava e rosnava em sua língua antiga, mas eu não precisava de tradução para saber que pretendia nos matar.

Descemos a escada às pressas, atravessamos um corredor e passamos por um posto de guardas — saindo em outro conjunto de celas.

— Para a esquerda — disse Annabeth. — Lembro-me disso aqui na excursão.

Corremos e chegamos ao pátio da prisão, cercados por torres de segurança e arame farpado. Depois de tanto tempo lá dentro, a luz do dia quase me cegou. Turistas perambulavam por ali, tirando fotos. Soprava um vento frio, vindo da

baía. Ao sul, São Francisco cintilava, clara e linda, mas ao norte, sobre o Monte Tamalpais, imensas nuvens de tempestade espiralavam. Todo o céu parecia um pião preto girando da montanha onde Atlas estava aprisionado e onde o titânico palácio do Monte Otris estava sendo reconstruído. Era difícil acreditar que os turistas não enxergassem a tempestade sobrenatural se formando, mas eles não davam o menor sinal de que algo estivesse errado.

— Está ainda pior — disse Annabeth, olhando para o norte. — As tempestades foram ruins o ano todo, mas esta…

— Continuem correndo — gemeu Briareu. — Ela está atrás de nós!

Corremos para a extremidade oposta do pátio, o mais longe possível do conjunto de celas.

— Campe é grande demais para passar pelas portas — eu disse, esperançoso.

Neste momento a parede explodiu.

Os turistas gritaram quando Campe surgiu da poeira e dos escombros, as asas abertas cobrindo todo o pátio. Ela segurava duas espadas — longas cimitarras de bronze que brilhavam com uma estranha aura esverdeada, filetes escaldantes de vapor que tinham um cheiro azedo e quente, perceptível mesmo do outro lado do pátio.

— Veneno! — gritou Grover. — Não deixem que toque em vocês ou…

— Ou morreremos? — adivinhei.

— Bem… depois de murchar lentamente até virar pó, sim.

— Vamos evitar as espadas — decidi.

— Briareu, lute! — encorajou Tyson. — Cresça ao seu tamanho máximo!

Em vez disso, Briareu dava a impressão de estar tentando encolher-se ainda mais. Parecia exibir seu rosto de *absolutamente aterrorizado*.

Campe veio como um raio em nossa direção, andando em suas pernas de dragão, centenas de cobras coleando em torno de seu corpo.

Por um segundo pensei em empunhar Contracorrente e enfrentá-la, mas meu coração veio à boca. Então Annabeth disse o que eu estava pensando: — Corra.

Esse foi o fim do dilema. Não havia como lutar contra aquela coisa. Atravessamos correndo o pátio e os portões da prisão, o monstro em nosso encalço. Os mortais gritavam e corriam também. Sirenes de emergência começaram a soar.

Chegamos ao embarcadouro no momento exato em que um barco de turismo desembarcava passageiros. O novo grupo de visitantes congelou quando nos viu disparados na direção deles, seguidos por uma multidão de turistas assustados, seguida por… Não sei o que viam através da Névoa, mas não podia ser nada bom.

— O barco? — perguntou Grover.

— Lento demais — disse Tyson. — Vamos voltar ao Labirinto. É a única chance.

— Precisamos de uma distração — afirmou Annabeth.

Tyson arrancou do chão um poste de metal.

— Eu distraio Campe. Vocês continuam correndo.

— Eu vou ajudar você — falei.

— Não — replicou Tyson. — Você vai. O veneno machuca os ciclopes. Causa muita dor. Mas não mata.

— Tem certeza?

— Vá, irmão. Encontro vocês lá dentro.

Eu odiava aquela ideia. Uma vez quase perdi Tyson, e não queria correr esse risco novamente. Mas não havia tempo para discutir, e eu não tinha ideia melhor. Annabeth, Grover e eu, cada um pegou uma das mãos de Briareu e o arrastou na direção dos quiosques de comida, enquanto Tyson dava um grito, baixava o poste e investia contra Campe como um cavaleiro medieval.

Ela estava com os olhos fixos em Briareu, mas Tyson chamou sua atenção assim que a atingiu no peito com o poste, empurrando-a de volta até o muro. Campe gritou e agitou suas espadas, despedaçando o poste. O veneno gotejava em poças em torno dela, fervilhando no cimento.

Tyson recuou enquanto o cabelo de Campe açoitava e sibilava, e as víboras em torno de suas pernas dardejavam a língua em todas as direções. Entre as estranhas caras semiformadas em sua cintura um leão saltou e rugiu.

Enquanto corríamos para os conjuntos de celas, minha última visão foi de Tyson erguendo um quiosque de sorvete e atirando-o em Campe. Sorvete e veneno explodiram por toda parte, as cobrinhas no cabelo da criatura todas lambuzadas de *tutti frutti*. Entramos de novo no pátio da prisão.

— Não consigo — bufou Briareu.

— Tyson está arriscando a vida para ajudar você! — eu gritei para ele. — Você *vai* conseguir.

Quando chegamos à porta do conjunto de celas, ouvi um rugido feroz. Olhei para trás e vi Tyson correndo em nossa direção a toda a velocidade. Campe vinha logo atrás dele, coberta de sorvete e camisetas. Uma das cabeças de urso em sua cintura agora usava um par de óculos de sol de plástico de Alcatraz.

— Depressa! — gritou Annabeth, como se fosse preciso alguém me dizer isso.

Finalmente chegamos à cela pela qual havíamos entrado, mas a parede dos fundos estava completamente lisa — não havia qualquer sinal de pedra nem nada.

— Procurem a marca! — disse Annabeth.

— Ali! — Grover falou, e tocou um minúsculo arranhão, que se transformou na letra grega Δ. A marca de Dédalo emitiu uma luz azul, e a parede de pedra rangeu, abrindo-se.

Muito devagar. Tyson estava atravessando o conjunto de celas. As espadas de Campe açoitavam com violência atrás dele, cortando indiscriminadamente grades de ferro e paredes de pedra.

Empurrei Briareu para dentro do Labirinto e, em seguida, Annabeth e Grover.

— Você vai conseguir! — gritei para Tyson.

Mas imediatamente eu soube que não ia. Campe estava ganhando. Ela ergueu as espadas. Eu precisava de algo para distraí-la — algo grande. Dei um tapa em meu relógio de pulso, que cresceu, transformando-se em um escudo de bronze. Desesperadamente, atirei-o na cara do monstro.

*CRÁS!* O escudo atingiu-a no rosto e ela vacilou por tempo suficiente para que Tyson mergulhasse à minha frente e entrasse no Labirinto. Fui logo atrás dele.

Campe lançou-se à frente, mas chegou tarde demais. A porta de pedra fechou-se e sua magia nos selou lá dentro. Eu podia sentir o túnel todo sacudir enquanto Campe golpeava a pedra, rugindo furiosamente. No entanto, não ficamos ali para brincar de toque-toque com ela. Corremos para a escuridão, e pela primeira (e última) vez me senti feliz por estar de volta ao Labirinto.

# OITO

Visitamos o rancho de férias do Demônio

Finalmente paramos em uma sala cheia de quedas-d'água. O piso era um grande fosso, cercado por uma escorregadia passarela de pedra. À volta, nas quatro paredes, a água jorrava de canos imensos e tombava no fosso, e nem mesmo quando dirigi para ali o facho da lanterna consegui ver o fundo.

Briareu desabou contra a parede. Recolheu água em uma dezena de mãos e lavou o rosto.

— Este fosso vai direto para o Tártaro — murmurou ele. — Eu devia mergulhar e poupar problemas a vocês.

— Não fale assim — disselhe Annabeth. — Você pode voltar para o acampamento conosco. Pode ajudar a nos prepararmos. Sabe mais sobre como lutar contra os titãs do que qualquer outro.

— Nada tenho para oferecer — disse Briareu. — Perdi tudo.

— O que aconteceu com seus irmãos? — perguntou Tyson. — Os outros dois ainda devem ser altos como montanhas! Podemos levar você até eles.

A expressão de Briareu metamorfoseou-se em algo ainda mais triste: seu rosto de luto.

— Eles não existem mais. Desapareceram aos poucos.

As quedas-d'água trovejaram. Tyson fitou o fosso e piscou, fazendo as lágrimas rolarem.

— O que exatamente você quer dizer com "desapareceram aos poucos"? — perguntei. — Pensei que os monstros fossem imortais, como os deuses.

— Percy — disse Grover com a voz fraca —, até mesmo a imortalidade tem limites. Às vezes… às vezes os monstros são esquecidos e perdem o desejo de permanecer imortais.

Olhando para o rosto de Grover, perguntei-me se ele estaria pensando em Pã. Lembrei-me de algo que a Medusa nos dissera uma vez: que suas irmãs, as outras duas górgonas, haviam morrido, deixando-a sozinha. Depois, no ano passado, Apolo falou algo sobre o velho deus Hélio ter desaparecido e lhe deixado os deveres de deus do sol. Eu nunca pensara muito no assunto, mas

naquele momento, olhando para Briareu, percebi como devia ser horrível ser tão velho — ter milhares e milhares de anos de idade — e totalmente sozinho.

— Preciso ir — disse Briareu.

— O exército de Cronos vai invadir o acampamento — afirmou Tyson. — Precisamos de ajuda.

Briareu deixou a cabeça pender.

— Eu não posso, ciclope.

— Você é forte.

— Não mais. — Briareu levantou-se.

— Ei. — Agarrei um de seus braços e o puxei para um lado, onde o rugido da água abafaria nossas palavras. — Briareu, nós precisamos de você. Caso não tenha notado, Tyson acredita em você. Ele arriscou a vida por você.

Contei-lhe tudo — o plano de invasão de Luke, a entrada para o Labirinto no acampamento, a oficina de Dédalo, o caixão de ouro de Cronos.

Briareu limitou-se a sacudir a cabeça.

— Eu não posso, semideus. Não tenho uma arma de dedo que possa vencer esse jogo. — Para provar seu ponto de vista, fez uma centena de revólveres de dedo.

— Talvez seja por isso que os monstros desaparecem — eu disse. — Talvez não seja uma questão de os mortais acreditarem ou não. Talvez seja porque *vocês* desistam de si mesmos.

Seus olhos castanhos e puros me fitaram. Seu rosto assumiu uma expressão que eu reconhecia — vergonha. Então, ele se virou e pôs-se a caminhar penosamente pelo corredor até desaparecer nas sombras.

Tyson soluçou.

— Está tudo bem. — Hesitante, Grover deu-lhe tapinhas no ombros. Deve ter reunido toda sua coragem para fazer isso.

Tyson espirrou.

— Não está nada bem, menino-bode. Ele era meu herói.

Eu queria ajudá-lo a sentir-se melhor, mas não sabia o que dizer.

Por fim, Annabeth levantou-se e colocou a mochila nas costas.

— Venham, meninos. Este fosso está me deixando nervosa. Vamos procurar um lugar melhor para passar a noite.

Nós nos acomodamos em um corredor formado por imensos blocos de mármore. Aquilo poderia fazer parte de um túmulo grego, pelos suportes de bronze para tochas presos às paredes. Devia ser uma parte mais antiga do Labirinto, e

Annabeth concluiu que isso era um bom sinal.

— Devemos estar perto da oficina de Dédalo — disse ela. — Descansem um pouco, todos. Vamos prosseguir de manhã.

— Como vamos saber que é manhã? — perguntou Grover.

— Apenas descansem — insistiu ela.

Grover não precisava que lhe dissessem aquilo duas vezes. Tirou um monte de palha da mochila, comeu um pouco, fez um travesseiro com o restante e começou a roncar imediatamente. Tyson levou mais tempo para adormecer. Ficou remexendo nos pedaços de metal de seu *kit* de construção, mas o que quer que estivesse fazendo não o satisfazia, pois ele montava e desmontava as peças repetidamente.

— Lamento ter perdido o escudo — disse a ele. — Você se esforçou tanto para consertá-lo.

Tyson ergueu a cabeça. Seu olho estava vermelho de tanto chorar.

— Não se preocupe, irmão. Você me salvou. Não teria sido necessário se Briareu tivesse ajudado.

— Ele só estava assustado — eu disse. — Tenho certeza de que vai superar.

— Ele não é forte — disse Tyson. — Não é mais importante.

Deixou escapar um suspiro triste e profundo, então fechou o olho. Os pedacinhos de metal caíram de suas mãos, ainda desmontados, e Tyson começou a roncar.

Tentei dormir também, mas não consegui. A sensação de ser perseguido por uma enorme mulher-dragão com espadas venenosas dificultava a tentativa de relaxar. Peguei meu saco de dormir e o arrastei até onde Annabeth estava sentada, de vigília.

Sentei-me ao lado dela.

— Você deveria dormir — disse ela.

— Não consigo. Você está bem?

— Claro. Primeiro dia liderando a missão. Foi ótimo.

— Vamos conseguir — eu disse. — Vamos achar a oficina antes de Luke.

Ela tirou o cabelo do rosto. Tinha uma mancha de sujeira no queixo, e imaginei como ela devia ter sido quando criança, perambulando pelo país com Thalia e Luke. Quando tinha apenas sete anos ela os salvara da mansão de um ciclope do mal. Mesmo se parecia assustada, como agora, eu sabia que ela era muito corajosa.

— Eu só queria que a missão fosse *lógica* — queixou-se ela. — Quer dizer, estamos prosseguindo sem ter a menor ideia de nosso destino. Como se pode andar de Nova York até a Califórnia em um dia?

— O espaço não é medido da mesma forma no Labirinto.

— Eu sei, eu sei. É só que… — Ela me olhou, hesitante. — Percy, eu estava enganando a mim mesma. Todo aquele planejamento e aqueles estudos. Não tenho a menor pista de aonde estamos indo.

— Você está se saindo muito bem. Além disso, nós nunca sabemos o que estamos fazendo. E sempre dá certo. Lembra-se da Ilha de Circe?

Ela riu.

— Você deu um porquinho-da-índia fofinho.

— E da Aqualândia, como você conseguiu nos lançar para fora daquele brinquedo?

— Eu nos lancei de lá? A culpa foi totalmente sua!

— Vê? Tudo vai dar certo.

Ela sorriu, e isso me deixou feliz, mas o sorriso desapareceu rapidamente.

— Percy, o que Hera quis dizer quando falou que você conhecia o caminho para sair do Labirinto?

— Eu não sei — admiti. — Sinceramente.

— Você me contaria se soubesse?

— Claro. Talvez…

— Talvez o quê?

— Talvez, se você me contasse a última linha da profecia, isso ajudasse.

— Aqui não. — Annabeth estremeceu. — Não no escuro.

— E quanto à escolha que Jano mencionou? Hera disse…

— Pare — cortou Annabeth. Então respirou fundo, trêmula. — Desculpe, Percy. Só estou estressada. Mas eu não… Eu preciso pensar sobre isso.

Ficamos sentados em silêncio, ouvindo os estranhos estalos e gemidos no Labirinto, o eco de pedras em atrito enquanto os túneis se transformavam, cresciam e se expandiam. A escuridão me fez pensar nas visões que tivera com Nico di Angelo, e de repente me dei conta.

— Nico está aqui embaixo, em algum lugar — eu disse. — Foi assim que ele desapareceu do acampamento. Ele encontrou o Labirinto. Depois achou uma passagem que descia ainda mais… para o Mundo Inferior. Mas agora ele está de volta ao Labirinto. Está vindo atrás de mim.

Annabeth ficou em silêncio por um longo tempo.

— Percy, espero que esteja errado. Mas, se tiver razão… — Ela olhou para o feixe de luz da lanterna, que lançava um círculo pálido na parede de pedra.

Tive a sensação de que ela estava pensando em sua profecia. Eu nunca a vira com uma aparência mais cansada.

— Que tal eu fazer a primeira vigília? — perguntei. — Acordo você se algo acontecer.

Pareceu que Annabeth ia protestar, mas depois ela simplesmente assentiu, tombou em seu saco de dormir e fechou os olhos.

Quando chegou minha vez de dormir, sonhei que estava de volta à prisão do idoso no Labirinto.

Agora se parecia mais com uma oficina. Havia mesas cobertas com instrumentos de medição. Uma forja queimava, incandescente, a um canto. O garoto que eu vira no último sonho estava alimentando os foles, mas agora era mais alto, já quase da minha idade. Um estranho dispositivo semelhante a um funil estava acoplado à chaminé da forja, aprisionando a fumaça e o calor e desviando-os por meio de um cano para o chão, perto de uma grande tampa de bueiro feita de bronze.

Era dia. O céu acima era azul, mas as paredes do Labirinto lançavam sombras pesadas sobre a oficina. Depois de passar tanto tempo em túneis, eu achava estranho que parte do Labirinto pudesse ser aberta para o céu. De certa maneira, aquilo o tornava um lugar ainda mais cruel.

O senhor parecia doente. Estava terrivelmente magro, as mãos em carne viva de tanto trabalhar. O cabelo branco cobria-lhe os olhos, e a túnica estava suja de graxa. Estava curvado sobre uma mesa, trabalhando em uma espécie de colcha de retalhos de metal — como uma tira larga de malha metálica. Pegou uma delicada espiral de bronze e a posicionou no lugar.

— Pronto — anunciou. — Está pronto.

Então levantou seu projeto. Era tão bonito que meu coração deu um salto — asas de metal construídas com milhares de penas de bronze encadeadas. Havia dois pares. Um deles ainda estava sobre a mesa. Dédalo estendeu a estrutura, e as asas expandiram-se até alcançar sete metros. Parte de mim sabia que elas nunca poderiam voar. Eram pesadas demais, e não havia como sair do chão. Mas a perícia da construção era impressionante. As penas de metal captavam a luz e refletiam trinta diferentes tonalidades de dourado.

O garoto deixou os foles e correu para ver. Sorriu, apesar de estar imundo e suado.

— Pai, você é um gênio!

O senhor sorriu.

— Conte-me uma novidade, Ícaro. Agora se apresse. Vai levar pelo menos uma hora para prendê-las. Venha.

— Você primeiro — disse Ícaro.

O senhor protestou, mas o filho insistiu.

— Você as fez, pai. A honra de usá-las pela primeira vez deve ser sua.

O garoto prendeu um arnês de couro no peito do pai, semelhante a um equipamento de alpinismo, com tiras que iam dos ombros até os punhos. Então começou a prender as asas, usando um cilindro de metal que parecia uma enorme pistola de cola quente.

— O composto de cera deve resistir por várias horas — afirmou Dédalo, nervoso, enquanto o filho trabalhava. — Mas precisamos deixá-lo endurecer primeiro. E faríamos bem em evitar voar alto ou baixo demais. O mar molharia a cera…

— E o calor do sol a amoleceria — completou o garoto. — Sim, pai, já falamos sobre isso um milhão de vezes!

— Cuidado nunca é demais.

— Tenho confiança total em suas invenções, pai! Nunca existiu ninguém tão inteligente quanto você.

Os olhos do senhor brilharam. Era óbvio que ele amava o filho mais do que tudo no mundo.

— Agora vou fixar suas asas e dar às minhas a chance de fixar adequadamente. Venha!

O processo era lento. As mãos do idoso atrapalhavam-se com as tiras. Ele tinha dificuldade em manter as asas na posição certa enquanto as selava. Suas próprias asas de metal pareciam pesadas para ele, atrapalhando-o enquanto tentava trabalhar.

— Lento demais — murmurou o senhor. — Sou lento demais.

— Tenha calma, papai — disse o garoto. — Os guardas não devem chegar até…

*BUM!*

As portas da oficina estremeceram. Dédalo as bloqueara por dentro com uma braçadeira de madeira, mas ainda assim elas sacudiram nas dobradiças.

— Depressa! — disse Ícaro.

*BUM! BUM!*

Alguma coisa pesada chocava-se contra as portas. A braçadeira resistia, mas uma rachadura surgiu na porta da esquerda.

Dédalo trabalhava energicamente. Uma gota de cera quente caiu no ombro de Ícaro. O garoto encolheu-se, mas não gritou. Quando sua asa esquerda estava presa às tiras, Dédalo começou a trabalhar na direita.

— Precisamos de mais tempo — murmurou Dédalo. — Eles chegaram cedo

demais! Precisamos de mais tempo para a cera se firmar.

Vai dar tudo certo — disse Ícaro, enquanto o pai finalizava a asa direita. — Ajude-me com o bueiro…

*CRASH!* As portas estilhaçaram-se e a ponta de um aríete de bronze surgiu pela brecha. Machados limparam os destroços e dois guardas armados entraram no salão, seguidos pelo rei com a coroa de ouro e a barba em forma de lança.

— Ora, ora — disse o rei com um sorriso cruel. — Estão indo a algum lugar?

Dédalo e o filho pararam, as asas de metal cintilando nas costas.

— Estamos indo embora, Minos — disse o idoso.

— Estava curioso para ver até onde vocês iriam nesse projetinho antes que eu frustrasse suas esperanças. — O Rei Minos deu uma risadinha. — Devo dizer que estou impressionado.

O rei contemplou as asas.

— Vocês estão parecendo galinhas de metal — concluiu ele. — Quem sabe não devemos depená-los e fazer uma canja.

Os guardas riram como bobos.

— Galinhas de metal — um deles repetiu. — Canja.

— Cale a boca — disse o rei. Então voltou-se novamente para Dédalo. — Você deixou minha filha escapar, velho. Levou minha mulher à loucura. Matou meu monstro e me transformou em motivo de piada para todo o Mediterrâneo. Você nunca me escapará!

Ícaro pegou a pistola de cera e lançou um jato no rei, que recuou, sobressaltado. Os guardas investiram, mas cada um deles recebeu um jato de cera quente no rosto.

— O respiradouro! — gritou Ícaro para o pai.

— Pegue-os! — vociferou o Rei Minos.

Juntos, o senhor e o filho tiraram com dificuldade a tampa do bueiro, e uma coluna de ar quente explodiu do chão. O rei observou, incrédulo, o inventor e o filho serem lançados ao céu com suas asas de bronze, impulsionados pelo jato de ar.

— Atirem neles! — gritou o rei, mas os guardas não haviam levado arcos. Um deles atirou a espada em desespero, mas Dédalo e Ícaro já estavam fora de seu alcance. Eles voaram acima do Labirinto e do palácio do rei, afastando-se rapidamente da cidade de Knossos e passando, mais além, pela costa rochosa de Creta.

— Estamos livres, pai! Você conseguiu. — Ícaro ria.

O garoto abriu as asas em sua envergadura máxima e deixouse levar, planando, pelo vento.

— Espere! — chamou Dédalo. — Tome cuidado!

Mas Ícaro já estava sobre o mar aberto, seguindo para o norte, deliciado com sua boa sorte. Subiu ainda mais e espantou uma águia em sua rota de voo, então mergulhou na direção do mar como se tivesse nascido para voar, arremetendo no último segundo. Suas sandálias roçaram as ondas.

— Pare com isso! — gritou Dédalo, mas o vento carregou sua voz para longe. Seu filho estava embriagado na própria liberdade.

O senhor lutava para alcançá-lo, planando desajeitadamente atrás do filho.

Estavam a quilômetros de Creta, sobre mar aberto, quando Ícaro olhou para trás e viu a expressão preocupada do pai.

Ícaro sorriu.

— Não se preocupe, pai! Você é um gênio! Eu confio em sua obra…

A primeira pena de metal soltou-se da asa do filho e remoinhou no ar. Em seguida, outra. Ícaro oscilou em pleno voo. De repente, ele viu as penas de bronze se soltando e rodopiando no ar, fugindo dele como um bando de aves assustadas.

— Ícaro! — gritou o pai. — Plane! Abra as asas. Fique imóvel o máximo possível.

Mas Ícaro batia as asas, tentando desesperadamente recuperar o controle.

A asa esquerda se foi primeiro, ao se soltar das tiras.

— Pai! — Ícaro gritou. E então caiu, as asas desfazendo-se até que ele era apenas um garoto de arnês de alpinismo e túnica branca, os braços estendidos em uma tentativa inútil de planar.

Acordei com um sobressalto, com a sensação de que estava caindo. O corredor estava escuro. Em meio aos gemidos constantes do Labirinto, pensei ouvir o grito angustiado de Dédalo, chamando o filho pelo nome, enquanto Ícaro, sua única alegria, mergulhava em direção ao mar, cem metros abaixo.

Não havia manhã no Labirinto, mas assim que todos acordamos e tomamos um fabuloso café da manhã de barras de granola e suco de caixinha, continuamos avançando. Não mencionei o sonho. Algo nele havia me apavorado de verdade, e eu não achava que os outros precisassem saber disso.

Os antigos túneis de pedra transformaram-se em barro sustentado por vigas de cedro, como uma mina de ouro ou construção parecida. Annabeth começou a ficar agitada.

— Isso não está certo — disse ela. — Ainda deveria ser pedra.

Chegamos a uma caverna na qual as estalactites pendiam do teto até quase chegar ao chão. No centro do piso de terra havia um fosso retangular, como um

túmulo.

Grover estremeceu.

— Aqui cheira como o Mundo Inferior.

Então vi um objeto cintilando na borda do fosso — uma embalagem de papel-alumínio. Corri o facho da lanterna pelo buraco e vi um *cheeseburger* mordido flutuando em um líquido marrom imundo gaseificado.

— Nico — eu disse. — Ele evocou os mortos novamente.

— Fantasmas estiveram aqui. — Tyson choramingou. — Eu não gosto de fantasmas.

— Precisamos encontrá-lo — falei.

Não sei por quê, mas estar na borda daquele fosso me deu um senso de urgência. Nico estava perto. Eu podia sentir isso. Não podia deixar que ele ficasse perambulando ali embaixo, sozinho, a não ser pelos mortos. Comecei a correr.

— Percy! — chamou Annabeth.

Entrei em um túnel e vi luz à frente. Quando Annabeth, Tyson e Grover me alcançaram, eu olhava a luz do dia que escoava de uma série de barras acima de minha cabeça. Estávamos debaixo de uma grade feita de tubos de aço. Dava para ver árvores e o céu azul.

— Onde estamos? — perguntei.

Então uma sombra cobriu a grade e uma vaca me olhou lá de cima. Parecia uma vaca normal, exceto por sua estranha cor — vermelho vivo, como uma cereja. Eu não sabia que vacas podiam ter aquela cor.

A vaca mugiu, pôs um casco nas barras e então recuou.

— É um mata-burro — disse Grover.

— Um o quê? — perguntei.

— Eles colocam as grades no chão, perto dos portões dos ranchos, para que o gado não possa sair. Os animais não conseguem andar sobre elas.

— Como você sabe disso?

Grover bufou, indignado.

— Acredite em mim, se você tivesse cascos, saberia sobre mata-burros. São irritantes!

Voltei-me para Annabeth.

— Hera não disse algo sobre um rancho? Precisamos dar uma olhada. Nico pode estar lá em cima.

Ela hesitou.

— Tudo bem. Mas como saímos?

Tyson resolveu o problema batendo no mata-burro com ambas as mãos. A grade soltou-se e voou para fora do campo de visão. Ouvimos um CLANG! e um *Muu!* assustado. Tyson enrubesceu.

— Desculpe, vaca! — pediu ele.

Então nos alçou para fora do túnel.

Estávamos, sim, em um rancho. Colinas ondulantes se estendiam até o horizonte, pontilhadas por carvalhos, cactos e pedras. Uma cerca de arame farpado saía do portão, seguindo em ambas as direções. Vacas cor de cereja vagavam por ali, pastando tufos de grama.

— Gado vermelho — disse Annabeth. — O gado do sol.

— O quê? — perguntei.

— São sagrados para Apolo.

— Vacas sagradas?

— Exatamente. Mas o que estão fazendo…

— Espere — pediu Grover. — Ouçam.

A princípio tudo parecia silencioso… mas então ouvi: o latido distante de cães. O som foi ficando mais alto. A vegetação rasteira começou a farfalhar e dois cães apareceram. Só que não eram dois cães. Era *um* cão com duas cabeças. Parecia um galgo, comprido, sinuoso e de pelo todo marrom, mas seu pescoço bifurcava-se em duas cabeças, ambas rosnando, prontas para abocanhar, no geral não muito contentes em nos ver.

— Cão de Jano malvado! — gritou Tyson.

— *Au!* — disselhe Grover, e ergueu a mão em uma saudação.

O cão de duas cabeças mostrou os dentes. Acho que não ficou muito impressionado com o fato de Grover falar sua língua. Então seu dono surgiu do meio do bosque, e percebi que o cão era o menor de nossos problemas.

Era um sujeito enorme, com cabelos completamente brancos, chapéu de palha de caubói e barba branca comprida — uma espécie de caipira gigante. Ele usava jeans, uma camiseta estampada NÃO CRIE PROBLEMAS NO TEXAS, e um casaco de brim com as mangas arrancadas, deixando seus músculos desnudos. No bíceps direito havia uma tatuagem com espadas cruzadas. Ele segurava um porrete de madeira do tamanho de uma ogiva nuclear, com aguilhões de quinze centímetros projetando-se da ponta.

— Junto, Ortro — disse ele ao cachorro.

O cão rosnou para nós mais uma vez, só para deixar claro suas impressões, e voltou até os pés do dono. O homem nos olhou de cima a baixo, mantendo o porrete de prontidão.

— O que é que temos aqui? — perguntou ele. — Ladrões de gado?

— Viajantes apenas — disse Annabeth. — Estamos em uma busca.

Os olhos do homem estreitaram-se.

— Meios-sangues, hein?

— Como é que você sabe… — comecei, mas Annabeth pôs a mão em meu braço.

— Sou Annabeth, filha de Atena. Este é Percy, filho de Poseidon, Grover o sátiro, Tyson o…

— Ciclope — completou o homem. — É, isso eu posso ver. — Ele olhou para mim, furioso. — E eu conheço meios-sangues porque *sou* um, filhinho. Sou Euritíon, o vaqueiro deste rancho. Filho de Ares. Vocês vieram pelo Labirinto como o outro, suponho.

— O outro? — perguntei. — Está falando de Nico di Angelo?

— Recebemos muitos visitantes do Labirinto — disse Euritíon, sombrio. — Não são muitos os que saem daqui.

— Uau — eu disse. — Agora me sinto muito bem-vindo.

O vaqueiro olhou para trás, como se alguém estivesse observando. Então baixou a voz.

— Só vou dizer isso uma vez, semideuses. Voltem para o Labirinto agora. Antes que seja tarde demais.

— Não vamos embora — insistiu Annabeth. — Não até vermos esse outro semideus. Por favor.

Euritíon grunhiu.

— Então não vai me restar outra escolha, senhorita. Terei de levá-los para ver o patrão.

Eu não me sentia como se fôssemos reféns ou situação parecida. Euritíon andava a nosso lado com o porrete atravessado no ombro. Ortro, o cão de duas cabeças, rosnava muito, farejava as pernas de Grover e de vez em quando disparava para o meio dos arbustos, para perseguir os animais, mas Euritíon o mantinha mais ou menos sob controle.

Descemos um caminho de terra batida que parecia seguir infinitamente. Devia estar fazendo perto de quarenta graus, o que era um choque térmico depois de São Francisco. O calor fazia o chão tremeluzir. Insetos zumbiam nas árvores. Não tínhamos ido muito longe e eu já suava feito louco. As moscas apinhavam-se a nosso redor. Volta e meia víamos um cercado cheio de vacas vermelhas ou animais ainda mais estranhos. A certa altura passamos por um curral cuja cerca era revestida de amianto. Lá dentro circulava uma manada de cavalos que

lançavam fogo pelo nariz. O feno em sua gamela estava pegando fogo. O solo fumegava em torno de suas patas, mas os cavalos pareciam bastante dóceis. Um garanhão grande olhou para mim e relinchou, suas narinas lançando colunas de chama vermelha para o céu. Ponderei se aquilo não lhe causaria dor.

— Para que *eles* servem? — perguntei.

Euritíon franziu as sobrancelhas.

— Criamos animais para muitos clientes. Apolo, Diomedes e… outros.

— Como quem?

— Sem mais perguntas.

Por fim deixamos o bosque para trás. Empoleirada em uma colina acima de nós, erguia-se uma grande casa de fazenda — toda de pedra branca e madeira, com amplas janelas.

— Parece um projeto de Frank Lloyd Wright! — exclamou Annabeth.

Deduzi que estivesse falando de um arquiteto. Para mim, parecia apenas o tipo de lugar onde alguns semideuses poderiam se meter em encrenca séria. Subimos a colina.

— Não transgridam as regras — advertiu Euritíon quando subíamos os degraus que levavam à varanda da frente. — Nada de brigar. Nada de puxar armas. E não façam qualquer comentário sobre a aparência do patrão.

— Por quê? — perguntei. — Como é a aparência dele?

Antes que Euritíon pudesse responder, uma nova voz anunciou:

— Bem-vindos ao Rancho Triplo G.

O homem na varanda tinha uma cabeça normal, o que era um alívio. Seu rosto exibia as marcas do tempo e um bronzeado de anos no sol. Tinha cabelos pretos lisos e bigode fino, como os dos vilões de filmes antigos. Sorriu para nós, mas o sorriso não era amistoso; estava mais para divertido, do tipo: *Puxa, mais gente para torturar!*

Não pensei nisso por muito tempo, porém, porque então notei seu corpo… ou corpos. Eram três. Bem, você pensaria que, depois de Jano e Briareu, eu já estivesse acostumado a anatomias esquisitas, mas esse cara era três pessoas em uma só. Seu pescoço era ligado ao tórax central normalmente, mas havia dois outros tórax, um de cada lado, unidos pelos ombros, separados por poucos centímetros. O braço esquerdo saía do tórax da esquerda, o mesmo acontecendo do lado direito, de modo que ele tinha dois braços, mas quatro axilas, se isso faz algum sentido. Os tórax se conectavam, formando um enorme tronco, com duas pernas normais porém muito robustas, e ele usava a maior calça jeans que já vi. Cada um dos tórax vestia uma camisa de faroeste de cor diferente — verde, amarela, vermelha, como um sinal de trânsito. Eu me perguntei como ele vestia

o tórax do meio, já que esse não tinha braços.

O vaqueiro Euritíon me cutucou.

— Diga olá para o sr. Geríon.

— Oi — eu disse. — Belo tórax… hã, rancho! Belo rancho o senhor tem.

Antes que o homem de três corpos pudesse responder, Nico di Angelo passou pelas portas de vidro, saindo na varanda.

— Geríon, eu não vou esperar por…

Nico ficou paralisado ao nos ver. Então puxou a espada. A lâmina era exatamente como eu vira em meu sonho: curta, afiada e escura como a meia-noite.

Geríon rosnou ao vê-la.

— Guarde isso, sr. Di Angelo. Não quero meus convidados se matando.

— Mas esse é…

— Percy Jackson — completou Geríon. — Annabeth Chase. E dois de seus amigos monstros. Sim, eu sei.

— Amigos monstros? — repetiu Grover, indignado.

— Aquele homem está usando três camisas — disse Tyson, como se tivesse acabado de se dar conta disso.

— Eles deixaram minha irmã morrer! — A voz de Nico tremia de fúria. — Estão aqui para me matar!

— Nico, não estamos aqui para matar você. — Ergui as mãos. — O que aconteceu com Bianca foi…

— Não pronuncie o nome dela! Você não é digno nem sequer de falar dela!

— Espere um pouco. — Annabeth apontou para Geríon. — Como você sabe nossos nomes?

O homem de três corpos piscou.

— Eu faço questão de me manter informado, querida. Todo o mundo aparece aqui no rancho de tempos em tempos. Todo o mundo precisa de algum favor do velho Geríon. Agora, sr. Di Angelo, guarde essa espada feia antes que eu faça Euritíon tomá-la de você.

Euritíon suspirou, mas ergueu o porrete cheio de aguilhões. A seus pés, Ortro rosnou.

Nico hesitou. Parecia mais magro e mais pálido que nas mensagens de Íris. Perguntei-me se ele teria comido na última semana. Suas roupas pretas estavam empoeiradas da viagem no Labirinto e seus olhos escuros, cheios de ódio. Era jovem demais para ter tanta raiva. Eu ainda me lembrava dele como o garotinho alegre que brincava com as figurinhas de Mitomagia.

Relutante, ele embainhou a espada.

— Se chegar perto de mim, Percy, vou convocar ajuda. E você não vai querer conhecer meus ajudantes, garanto.

— Eu acredito — eu lhe disse.

Geríon deu tapinhas no ombro de Nico.

— Pronto, todos bem comportados. Agora venham, quero lhes mostrar o rancho.

Geríon tinha uma espécie de bonde — como um daqueles trenzinhos para crianças que se veem nos parques. Era pintado de preto e branco como o couro de uma vaca malhada. O vagão do condutor tinha um par de longos chifres presos ao teto, e a buzina soava como uma daquelas sinetas que se prendem no pescoço das vacas. Concluí que talvez fosse assim que ele torturasse as pessoas. Fazendo-as morrer de constrangimento ao circular por ali no mumóvel.

Nico sentou-se na parte de trás, provavelmente para ficar de olho em nós. Euritíon arrastou-se até o lado dele com seu porrete de aguilhões e puxou o chapéu de vaqueiro sobre os olhos, como se fosse tirar um cochilo. Ortro saltou no assento da frente, ao lado de Geríon, e começou a latir, contente, numa harmonia de duas vozes.

Annabeth, Tyson, Grover e eu nos sentamos nos dois vagões do meio.

— Temos uma imensa operação! — Geríon gabou-se enquanto o mumóvel avançava. — Cavalos e gado bovino, na maioria, mas variedades exóticas de todos os tipos também.

Chegamos a uma colina, e Annabeth arquejou.

— Hipaléctrions? Pensei que estivessem extintos!

No pé da colina havia um pasto cercado com uma dúzia dos animais mais estranhos que eu já vira. Cada um deles tinha a metade da frente de um cavalo e a metade posterior de um galo. Suas patas traseiras eram imensos pés de galinha amarelos. Tinham rabo de penas e asas vermelhas. Enquanto eu observava, dois deles começaram a brigar por causa de uma pilha de sementes. Erguiam-se nas patas traseiras, relinchavam e batiam as asas diante do outro, até que o menor deles se afastou a galope, as pernas traseiras fazendo-o parecer saltitar levemente.

— Galos-pôneis — disse Tyson, perplexo. — Eles põem ovos?

— Uma vez por ano! — Geríon riu no espelho retrovisor. — Muito procurados para omeletes!

— Isso é horrível! — exclamou Annabeth. — Deve ser uma espécie em

extinção!

Geríon fez um gesto com as mãos.

— Ouro é ouro, querida. E você não provou as omeletes.

— Isso não está certo — murmurou Grover, mas Geríon continuou narrando o passeio.

— Agora, aqui — apontou ele —, temos nossos cavalos que põem fogo pelo nariz, que vocês já devem ter visto no caminho para a casa. São criados para a guerra, naturalmente.

— Que guerra? — perguntei.

Geríon sorriu, matreiro.

— Ah, a que aparecer. E mais além, obviamente, estão nossas vacas vermelhas premiadas.

De fato, centenas de vacas e bois cor de cereja pastavam na encosta de uma colina.

— São tantas — disse Grover.

— Sim, bem, Apolo é ocupado demais para cuidar delas — explicou Geríon —, então ele terceiriza. Nós as criamos em grande quantidade por causa da demanda.

— Para quê? — perguntei.

Geríon ergueu uma sobrancelha.

— Carne, é claro! Os exércitos precisam comer.

—Você mata as vacas sagradas do deus sol para fazer hambúrguer? — perguntou Grover. — Isso vai contra as leis antigas!

— Ah, não se exalte tanto, sátiro! São só animais.

— Só animais!

— Sim, e se Apolo se importasse, tenho certeza de que ele nos diria.

— Se ele soubesse — murmurei.

Nico inclinou-se para a frente.

— Não estou nem um pouco interessado nisso, Geríon. Tínhamos negócios para discutir, e isso não fazia parte deles!

— Tudo a seu tempo, sr. Di Angelo. Olhem deste lado aqui: algumas de minhas caças exóticas.

O campo seguinte era cercado por arame farpado. A área estava apinhada de escorpiões gigantes.

— Rancho Triplo G — eu disse, com a súbita lembrança. — Sua marca estava nos caixotes no acampamento. Quintus comprou os escorpiões de você.

— Quintus… — refletiu Geríon. — Esgrimista musculoso, de cabelos

grisalhos curtos?

— É.

— Nunca ouvi falar dele — disse Geríon. — Agora, ali estão meus estábulos premiados! Vocês precisam vê-los.

Eu não precisava vê-los, porque a trezentos metros deles comecei a sentir o cheiro. Próximo às margens de um rio verde havia um curral de cavalos do tamanho de um campo de futebol. Estábulos alinhavam-se de ambos os lados. Uma centena de cavalos, aproximadamente, perambulavam em meio à imundície — e quando digo imundície, quero dizer cocô de cavalo. Era a cena mais asquerosa que eu já vira, como se uma tempestade de cocô tivesse caído e coberto o lugar com um metro daquilo da noite para o dia. Os cavalos estavam nojentos por andarem no meio daquilo, e os estábulos eram igualmente repulsivos. O lugar fedia de forma inacreditável — muito pior do que os barcos de lixo no Rio East de Nova York.

Até Nico sentiu náuseas.

— O que é isso?

— Meus estábulos! — disse Geríon. — Bem, na verdade, pertencem a Egeu, mas cuidamos deles por uma pequena remuneração mensal. Não são adoráveis?

— São nojentos! — exclamou Annabeth.

— Muito cocô — observou Tyson.

— Como podem manter animais assim? — gritou Grover.

— Vocês estão me dando nos nervos — disse Geríon. — Esses são cavalos carnívoros, não estão vendo? Eles gostam de viver nessas condições.

— Além disso, você é pão-duro demais para mandar limpá-los — murmurou Euritíon debaixo do chapéu.

— Calado! — disse Geríon asperamente. — Está certo, talvez a limpeza dos estábulos seja um desafio considerável. Talvez eles me deixem enjoado, sim, quando o vento sopra na direção errada. Mas e daí? Mesmo assim meus clientes me pagam bem.

— Quais clientes? — perguntei.

— Ah, você se surpreenderia com o número de pessoas que paga por um cavalo carnívoro. São ótimos trituradores de lixo. Maravilhosos para aterrorizar os inimigos. Excelentes em festas de aniversário! Nós os alugamos o tempo todo.

— Você é um monstro — concluiu Annabeth.

Geríon parou o mumóvel e virou-se para olhá-la.

— O que foi que me denunciou? Foram os três corpos?

— Você precisa libertar esses animais — disse Grover. — Isso não é certo!

— E os clientes dos quais você tanto fala — disse Annabeth. — Um deles é o Cronos, não é? Está fornecendo ao exército dele cavalos, comida e o que precisarem.

Geríon deu de ombros, o que era muito estranho com seus três pares de ombros. Parecia que ele, sozinho, estava fazendo uma ola.

— Trabalho para qualquer um que tenha ouro, minha jovem. Sou um homem de negócios. E vendo tudo o que tenho aqui para oferecer.

Ele saltou do mumóvel e caminhou na direção dos estábulos, como se estivesse desfrutando do ar puro. Aquela seria uma bela vista, com o rio, as árvores e tudo, não fosse o brejo de estrume de cavalo.

Nico desceu do último vagão e avançou até Geríon. O vaqueiro Euritíon não estava tão sonolento quanto parecia. Ergueu o porrete e foi atrás de Nico.

— Vim aqui tratar de negócios, Geríon — disse Nico. — E você ainda não me respondeu.

— Humm. — Geríon examinava um cacto. Seu braço esquerdo estendeu-se e coçou o tórax do meio. — Sim, faremos o acordo, está certo.

— Meu fantasma me disse que você poderia ajudar. Que poderia nos guiar até a alma de que precisamos.

— Espere um pouco — intervim. — Pensei que *eu* fosse a alma que você quisesse.

Nico olhou para mim como se eu fosse louco.

— Você? Por que eu iria querer você? A alma de Bianca vale mil vezes a sua! Bem, você pode me ajudar, Geríon, ou não?

— Ah, imagino que possa — disse o rancheiro. — Por falar nisso, seu amigo fantasma, onde ele está?

Nico parecia inquieto.

— Ele não pode tomar forma em plena luz do dia. É difícil para ele. Mas está por aí.

— Tenho certeza disso. — Geríon sorriu. — Minos gosta de desaparecer quando a situação fica… difícil.

— *Minos?* — Lembrei-me do homem que vira em meus sonhos, com a coroa de ouro, a barba pontuda e os olhos cruéis. — Você está falando do rei perverso? É *esse* o fantasma que vem aconselhando você?

— Isso não é da sua conta, Percy! — Nico virou-se para Geríon. — E o que você quer dizer com “quando a situação fica difícil”?

O homem de corpo triplo suspirou.

— Bem, veja você, Nico… Posso chamá-lo de Nico?

— Não.

— Veja, Nico, Luke está oferecendo muito dinheiro por meios-sangues. Principalmente os poderosos. E tenho certeza de que quando souber seu segredinho, quem você é de verdade, ele vai pagar muito, muito bem.

Nico puxou a espada, mas Euritíon a arrancou da mão dele. Antes que eu pudesse me levantar, Ortro saltou sobre o meu peito e rosnou, seus focinhos a centímetros de meu rosto.

— Eu ficaria no bonde. Todos vocês — advertiu Geríon. — Ou Ortro vai rasgar a garganta do sr. Jackson. Agora, Euritíon, por gentileza, prenda Nico.

O vaqueiro cuspiu na grama.

— Preciso fazer isso?

— Sim, seu tolo!

Euritíon parecia aborrecido, mas envolveu Nico com um braço imenso e o levantou como faz um lutador.

— Pegue a espada também — disse Geríon, com aversão. — Não há nada que eu odeie mais do que ferro estígio.

Euritíon apanhou a espada, tomando cuidado para não tocar na lâmina.

— Bem — disse Geríon alegremente —, já demos o passeio. Vamos voltar à casa, almoçar e mandar uma mensagem de Íris para nossos amigos no exército dos Titãs.

— Seu demônio! — gritou Annabeth.

— Não se preocupe, minha querida. — Geríon sorriu para ela. — Assim que eu tiver entregado o sr. Di Angelo, você e seu grupo poderão partir. Eu não interfiro em missões. Além disso, fui muito bem pago para lhes assegurar uma passagem segura, o que lamentavelmente não inclui o sr. Di Angelo.

— Pago por quem? — perguntou Annabeth. — O que você quer dizer?

— Não se preocupe, querida. Vamos, está bem?

— Espere! — eu disse. E Ortro rosnou. Mantive-me perfeitamente imóvel para que ele não rasgasse minha garganta. — Geríon, você disse que é um homem de negócios. Faça um acordo comigo.

Geríon estreitou os olhos.

— Que tipo de acordo? Você tem ouro?

— Tenho algo melhor. Uma troca.

— Mas, sr. Jackson, o senhor nada tem.

— Podia fazê-lo limpar os estábulos — sugeriu Euritíon inocentemente.

— Eu faço isso! — eu disse. — Se eu falhar, você fica com todos nós. Entregue-nos todos a Luke em troca de ouro.

— Supondo que os cavalos não o comam — observou Geríon.

— De uma forma ou de outra, você fica com meus amigos — eu disse. — Mas, se eu conseguir, você tem de nos deixar partir, inclusive Nico.

— Não! — gritou Nico. — Não me faça nenhum favor, Percy. Eu não quero sua ajuda!

Geríon deu uma risadinha.

— Percy Jackson, aqueles estábulos não são limpos há milhares de anos… embora seja verdade que eu talvez possa vender mais espaço neles se todo aquele estrume for tirado de lá.

— Então, o que você tem a perder?

O rancheiro hesitou.

— Muito bem, aceito sua oferta, mas você precisa ter tudo limpo ao pôr do sol. Se fracassar, seus amigos serão vendidos, e eu ficarei rico.

— Feito.

Ele assentiu.

— Vou levar seus amigos comigo de volta à casa. Esperaremos você lá.

Euritíon lançou-me um olhar engraçado. Poderia ser de simpatia. Ele assoviou e o cachorro saiu de cima de mim, pulando para o colo de Annabeth, que deu um grito. Eu sabia que Tyson e Grover nada tentariam enquanto Annabeth fosse refém.

Desci do vagão e nossos olhos encontraram-se.

— Espero que saiba o que está fazendo — disse ela baixinho.

— Eu também espero.

Geríon acomodou-se atrás do volante. Euritíon rebocou Nico para o último assento.

— Pôr do sol — lembrou-me Geríon. — Não mais do que isso.

Ele riu de mim mais uma vez, tocou a buzina de sino, e o mumóvel afastou-se, ribombando pela trilha.

# NOVE

Eu removo estrume

Perdi as esperanças quando vi os dentes dos cavalos.

Ao me aproximar mais da cerca, segurei a camisa sobre o nariz para bloquear o cheiro. Um garanhão atravessou com dificuldade a imundície e relinchou com fúria para mim, arreganhando os dentes pontudos como os de um urso.

Tentei conversar mentalmente com ele. Consigo fazer isso com a maioria dos cavalos.

*Oi*, eu lhe disse. *Vou limpar seus estábulos. Não vai ser ótimo?*

*Sim!*, disse o cavalo. *Entre! Vamos comer você! Um saboroso meio-sangue!*

*Mas eu sou filho de Poseidon*, protestei. *Ele criou os cavalos.*

Em geral, isso me garante tratamento VIP no mundo equestre, mas não daquela vez.

*Certo!*, concordou o cavalo, com entusiasmo. *Que venha Poseidon também! Vamos comer os dois! Frutos do mar!*

*Frutos do mar!*, fizeram coro os outros cavalos enquanto chapinhavam pelo campo. Moscas zumbiam por toda parte, e o calor do dia em nada melhorava o cheiro. Eu pensei que poderia realizar a tarefa porque me lembrara de como Hércules fizera. Ele havia canalizado um rio para os estábulos e os limpado assim. Achei que talvez eu pudesse controlar a água. Mas, se eu não conseguia me aproximar dos cavalos sem ser devorado, tinha um problema. E o rio ficava mais abaixo na colina, muito mais longe do que eu imaginara, a quase um quilômetro. O problema do estrume parecia muito maior de perto. Peguei uma pá enferrujada e, para testar, lancei um punhado para fora da linha da cerca. Ótimo. Só faltavam quatro bilhões de pazadas.

O sol já estava começando a descer. Eu tinha poucas horas, no máximo. Concluí que o rio era minha única esperança. Pelo menos seria mais fácil pensar na margem do rio do que ali. Parti colina abaixo.

Quando cheguei lá, encontrei uma garota à minha espera. Vestia jeans e camiseta verde, e seus longos cabelos castanhos estavam trançados com capim do rio.

Tinha uma expressão severa, e os braços estavam cruzados.

— Ah, não, você não — disse ela.

Eu a fitei.

— Você é uma náiade?

Ela revirou os olhos.

— É claro!

— Mas você fala minha língua. E está fora d'água.

— Ora, não acha que podemos agir como humanos se quisermos?

Eu nunca pensara nisso. Sentime meio estúpido, porém, pois vira muitas náiades no acampamento, e elas nunca faziam muito mais do que dar risadinhas e acenar para mim do fundo do lago de canoagem.

— Olhe — eu disse —, eu só vim perguntar…

— Eu sei quem você é — disse ela. — E sei o que você quer. E a resposta é não! Não vou deixar meu rio ser usado novamente para limpar aqueles estábulos imundos.

— Mas…

— Ah, e me poupe, garoto do mar. Vocês deuses do oceano pensam sempre que são muuuuuito mais importantes do que um riozinho, não é? Bem, deixe-me dizer então que *esta* náiade aqui não vai se intimidar só porque seu papaizinho é Poseidon. Isto aqui é território de água doce, senhor. O último cara que me pediu esse favor, ah, e ele era muito mais bonito que você, me convenceu, e aquele foi o pior erro de toda a minha vida! Você tem alguma ideia do que todo aquele adubo de cavalo causa ao meu ecossistema? Por acaso eu lhe pareço uma estação de tratamento de esgoto? Meus peixes morrerão. Eu *nunca* vou conseguir tirar o estrume das minhas plantas. Vou ficar doente por anos. NÃO, OBRIGADA!

Seu modo de falar me fez lembrar minha amiga mortal, Rachel Elizabeth Dare — quase como se ela estivesse me socando com palavras. Eu não podia culpar a náiade. Agora que eu pensava no assunto, ficaria com muita raiva se alguém jogasse dois milhões de quilos de estrume em minha casa. No entanto…

— Meus amigos estão em perigo — disse a ela.

— Bem, é uma pena! Mas não é problema meu. E você não vai arruinar meu rio.

Ela parecia pronta para uma luta. Os punhos estavam cerrados, mas pensei ter ouvido um leve tremor em sua voz. De repente percebi que, apesar da atitude furiosa, ela sentia medo de mim. Provavelmente, pensava que eu lutaria contra ela pelo controle do rio, e temia perder.

Esse pensamento me deixou triste. Sentime um valentão, um filho de Poseidon fazendo valer sua vontade pelo uso da força.

Sentei-me em um toco de árvore.

— O.k., você venceu.

A náiade parecia surpresa.

— De verdade?

— Não vou lutar contra você. É seu rio.

Ela relaxou os ombros.

— Ah! Ah! Ótimo. Quer dizer… ótimo para você!

— Mas meus amigos e eu seremos vendidos para os titãs se eu não limpar aqueles estábulos até o pôr do sol. E eu não sei como.

O rio gorgolejava correnteza abaixo alegremente. Uma cobra que deslizava pela água afundou a cabeça. Por fim, a náiade suspirou.

— Vou lhe contar um segredo, filho do deus do mar. Pegue um pouco de terra.

— O quê?

— Você me ouviu.

Abaixei-me e peguei um punhado de terra do Texas. Era seca, escura e pontilhada de pedaços minúsculos de pedra branca… Não, era outro material, não era pedra.

— São conchas — disse a náiade. — Conchas petrificadas. Há milhões de anos, antes até do tempo dos deuses, quando apenas Gaia e Urano reinavam, esta terra ficava debaixo d'água. Fazia parte do mar.

De repente vi o que ela queria dizer. Havia pequenos pedaços de antigos ouriços-do-mar e de conchas de moluscos em minha mão. Mesmo as pedras de calcário tinham impressões de conchas do mar gravadas nelas.

— O.k. — eu disse. — Para que isso me serve?

— Você não é muito diferente de mim, semideus. Mesmo quando estou fora d'água, a água está dentro de mim. É a fonte de minha vida. — Ela recuou, pôs os pés no rio, e sorriu. — Espero que encontre uma forma de resgatar seus amigos.

E com isso se transformou em líquido e dissolveu-se no rio.

O sol tocava as colinas quando voltei para os estábulos. Alguém devia ter vindo alimentar os cavalos, pois eles estavam devorando carcaças de animais enormes. Não dava para ver que tipo de animal era, e, no fundo, eu não queria saber. Se era possível aqueles estábulos ficarem mais repugnantes, cinquenta cavalos dilacerando carne crua conseguiam isso.

*Fruto do mar!*, um deles pensou ao me ver. *Entre! Estamos com fome!*

O que eu deveria fazer? Não podia usar o rio. E o fato de que aquele lugar

estivera debaixo d’água um milhão de anos antes não me ajudava muito naquele momento. Olhei para a pequenina concha calcificada na palma da mão, depois para a imensa montanha de estrume.

Frustrado, atirei a concha no meio do estrume. Estava prestes a virar as costas para os cavalos quando ouvi um ruído.

PFFFFFFFT! Como o som de um balão de gás que tivesse sido furado.

Olhei para onde eu havia atirado a conchinha. Um minúsculo esguicho de água subia da imundície.

— Impossível — murmurei.

Hesitante, dei um passo na direção da cerca.

— Cresça — eu disse ao esguicho d’água.

SPOOOOOOOSH!

A água jorrou um metro no ar e continuou a fluir. Era impossível, mas estava acontecendo. Alguns cavalos aproximaram-se para ver o que era. Um levou a boca à fonte e recuou.

*Argh!*, disse ele. É *salgada!*

Era água do mar, no meio de um rancho no Texas. Peguei mais um punhado de terra e catei os fósseis de conchas. Eu não sabia bem o que estava fazendo, mas corri ao longo do perímetro de todo o estábulo, atirando conchas nas pilhas de cocô. Em cada ponto onde uma concha caía, irrompia uma fonte de água salgada.

*Pare!*, gritavam os cavalos. *Carne é bom! Banho é ruim!*

Então percebi que a água não saía do estábulo ou corria morro abaixo como normalmente aconteceria. Ela simplesmente borbulhava em torno de cada fonte e penetrava no solo, levando a sujeira com ela. O estrume de cavalo se dissolvia na água salgada, deixando apenas terra comum molhada.

— Mais! — gritei.

A sensação era de algo repuxando o interior de meu abdome, e as fontes de água explodiram, como no maior lava a jato do mundo. A água salgada jorrou mais de cinco metros no ar. Os cavalos enlouqueceram, correndo de um lado para o outro à medida que os gêiseres os borrifavam por todos os lados. Montanhas de cocô começaram a se dissolver como gelo.

O repuxo na barriga tornou-se mais intenso, até mesmo doloroso, mas havia algo de divertido em ver toda aquela água salgada. Eu fizera aquilo. Eu trouxera o oceano para aquela encosta de morro.

*Pare, senhor!*, gritou um cavalo. *Pare, por favor!*

Agora a água manava de toda parte. Os cavalos estavam encharcados, e alguns, em pânico, escorregavam na lama. O cocô já havia desaparecido por

completo, toneladas dele simplesmente absorvidas pela terra, e agora a água começava a formar poças, escorrendo do estábulo, criando uma centena de riachos que corriam na direção do rio.

— Pare! — eu disse à água.

Nada aconteceu. A dor em minha barriga aumentava. Se eu não interrompesse os gêiseres logo, a água salgada alcançaria o rio e envenenaria os peixes e as plantas.

— Pare! — Concentrei toda minha força para interromper a força do mar.

De repente os gêiseres cessaram. Desabei de joelhos, exausto. À minha frente havia um estábulo limpo e reluzente, um campo de lama salgada e cinquenta cavalos tão completamente lavados que o pelo deles brilhava. Até os restos de comida entre os dentes haviam sido limpos.

*Não vamos comê-lo!*, gemiam os cavalos. *Por favor, senhor! Chega de banho salgado!*

— Com uma condição — eu disse. — De hoje em diante vocês só comerão o que seus tratadores lhes derem. Pessoas, não. Caso contrário, voltarei com mais conchas do mar!

Os cavalos relincharam e fizeram um monte de promessas de que seriam bons carnívoros dali em diante, mas não fiquei para o bate-papo. O sol já estava baixando. Virei e corri a toda para a sede do rancho.

Senti o cheiro de churrasco antes de alcançar a casa, e isso me deixou ainda mais furioso, pois eu adorava churrasco.

O deque estava arrumado para uma festa. Faixas e balões decoravam a cerca. Geríon virava hambúrgueres em uma imensa churrasqueira feita com um velho tambor de óleo. Euritíon espreguiçava-se a uma mesa, cutucando as unhas com uma faca. O cão de duas cabeças farejava as costeletas e os hambúrgueres que grelhavam. E então vi meus amigos: Tyson, Grover, Annabeth e Nico, todos amontoados em um canto, como animais em um rodeio, com tornozelos e punhos amarrados, e amordaçados.

— Solte-os! — gritei, ainda sem fôlego por causa da corrida. — Eu limpei os estábulos!

Geríon virou-se. Usava um avental em cada tórax, com uma palavra em cada um deles, de modo que se podia ler nos três juntos: BEIJE – O – COZINHEIRO.

— Você limpou? Agora? Como conseguiu.

Apesar de bastante impaciente, contei a ele.

Ele assentiu, admirado.

— Muito engenhoso. Teria sido ainda melhor se você tivesse envenenado aquela náiade irritante, mas não tem importância.

— Solte meus amigos — eu disse. — Fizemos um acordo.

— Ah, estive pensando no assunto. O problema é que, se eu os libertar, não recebo o dinheiro.

— Você prometeu!

Geríon negou com um *tsc-tsc*.

— Mas você me fez jurar pelo Rio Estige? Não, não fez. Então não vale. Ao conduzir um negócio, filhinho, deve-se sempre exigir o juramento.

Puxei minha espada. Ortro rosnou. Uma cabeça aproximou-se da orelha de Grover e arreganhou os dentes.

— Euritíon — disse Geríon —, esse garoto está começando a me aborrecer. Mate-o.

Euritíon olhou para mim. Não me agradavam minhas chances contra ele e aquele imenso porrete.

— Mate-o você mesmo — replicou Euritíon.

Geríon ergueu as sobrancelhas.

— Como?

— Você me ouviu — grunhiu Euritíon. — Você fica me mandando fazer seu trabalho sujo. Provoca brigas sem motivo, e eu estou cansado de morrer por você. Quer lutar contra o garoto, lute você mesmo.

Era a frase menos típica de Ares que eu já ouvira um filho de Ares dizer.

Geríon largou sua espátula.

— Você ousa me desafiar? Eu devia demiti-lo agora mesmo!

— E quem cuidaria de seu gado? Ortro, junto.

O cão imediatamente parou de rosnar para Grover e foi se sentar junto aos pés do vaqueiro.

— Está bem! — grunhiu Geríon. — Cuidarei de você depois, quando o garoto estiver morto!

Ele pegou duas facas de trinchar e as atirou em mim. Desviei uma com minha espada. A outra fincou-se na mesa, a um centímetro da mão de Euritíon.

Parti para o ataque. Geríon aparou meu primeiro golpe com um pegador de metal incandescente e investiu contra meu rosto com um garfo de churrasco. Adiantei-me à sua arremetida seguinte e atravessei seu tórax do meio.

— Aiiii! — Ele caiu de joelhos. Esperei que ele se desintegrasse, como costuma acontecer com os monstros. Mas ele apenas fez uma careta e começou a se levantar. O ferimento em seu avental de *chef* começou a cicatrizar.

— Bela tentativa, filhinho — disse ele. — O negócio é que tenho três corações. O sistema perfeito de *backup*.

Ele tropeçou na churrasqueira e espalhou carvão para todo lado. Um caiu perto do rosto de Annabeth, que deixou escapar um grito abafado. Tyson lutava para se soltar das cordas, mas nem mesmo sua força era suficiente para rompê-las. Eu precisava pôr fim àquela luta antes que meus amigos se machucassem.

Espetei Geríon no tórax esquerdo, mas ele apenas riu. Acertei o estômago direito. Nada. Pela reação dele, daria na mesma que espetar a espada em um ursinho de pelúcia.

Três corações. O sistema perfeito de *backup*. Furar um de cada vez não adiantava…

Corri para dentro da casa.

— Covarde! — ele gritou. — Volte e morra com honra!

As paredes da sala de estar eram decoradas com um punhado de troféus de caça horríveis — cabeças de alce e de dragão empalhadas, uma caixa de arma, um mostruário de espadas e um arco com uma aljava.

Geríon atirou seu garfo de churrasco, que atingiu a parede com um ruído surdo, bem perto de minha cabeça. Ele puxou duas espadas do mostruário na parede.

— Sua cabeça vai para ali, Jackson! Ao lado da do urso-cinzento!

Tive uma ideia louca. Larguei Contracorrente e agarrei o arco, arrancando-o da parede.

Eu era o pior atirador de arco e flecha do mundo. Não conseguia acertar os alvos no acampamento, muito menos a mosca. Mas não tinha escolha. Não conseguiria vencer aquela luta com uma espada. Rezei para Ártemis e Apolo, os arqueiros gêmeos, esperando que pelo menos uma vez eles tivessem pena de mim. *Por favor, caras. Só um tiro. Por favor.*

Preparei uma flecha.

Geríon riu.

— Seu tolo! Uma flecha não é melhor que uma espada.

Ele ergueu a espada e atacou. Mergulhei de lado, e antes que ele pudesse se virar, disparei a flecha na lateral de seu tórax direito. Ouvi TUMP, TUMP, TUMP, à medida que a flecha atravessava cada um de seus tórax. Saiu do lado esquerdo, cravando na testa do urso-cinzento.

Geríon largou as espadas. Voltou-se e me fitou.

— Você não sabe atirar. Disseram-me que não consegue…

Seu rosto adquiriu um tom doentio de verde. Ele caiu de joelhos e começou a se desfazer em areia, até que tudo o que restava dele eram apenas três aventais

de cozinha e um enorme par de botas de caubói.

Desamarrei meus amigos. Euritíon não tentou me impedir. Então aticei o fogo na churrasqueira e atirei a comida nas chamas, como uma oferenda para Ártemis e Apolo.

— Obrigado, caras — eu disse. — Devo essa a vocês.

O céu trovejou ao longe, então deduzi que os hambúrgueres deviam estar bons.

— Um viva para Percy! — disse Tyson.

— Podemos prender esse vaqueiro agora? — perguntou Nico.

— É! — concordou Grover. — E aquele cachorro quase me matou!

Olhei para Euritíon, que ainda estava sentado, relaxado, à mesa. Ortro tinha as duas cabeças no colo do vaqueiro.

— Quanto tempo vai levar para Geríon se refazer? — perguntei-lhe.

Euritíon deu de ombros.

— Cem anos? Ele não é daqueles que se refazem rapidamente, graças aos deuses. Você me fez um favor.

— Você disse que já tinha morrido por ele antes — lembrei. — Como?

—Trabalho para aquela aberração há mil anos. Comecei como um meio-sangue comum, mas escolhi a imortalidade quando meu pai a ofereceu para mim. O pior erro que já cometi. Agora estou preso aqui neste rancho. Não posso ir embora. Não posso pedir demissão. Eu só cuido das vacas e luto no lugar de Geríon. De certa forma, estamos presos um ao outro.

Talvez você possa mudar isso — eu disse.

Euritíon estreitou os olhos.

— Como?

— Seja bom com os animais. Cuide bem deles. E pare de vendê-los como alimento. Pare de negociar com os titãs.

Euritíon pensou em minhas palavras.

— Isso seria bom.

—Traga os animais para o seu lado, e eles vão ajudá-lo. Quando Geríon voltar, quem sabe não é ele quem vai trabalhar para você?

Euritíon sorriu.

— Bem, com *isso* eu posso conviver.

— Você não vai tentar nos impedir de ir embora?

— Claro que não.

Annabeth esfregou os pulsos machucados. Ela ainda olhava desconfiada para

Euritíon.

— Seu patrão disse que alguém pagou para que passássemos em segurança. Quem foi?

O vaqueiro deu de ombros.

— Talvez ele só tenha dito aquilo para enganar vocês.

— E quanto aos titãs? — perguntei. — Você já enviou para eles a mensagem de Íris a respeito de Nico?

— Não. Geríon ia fazer isso depois do churrasco. Eles nada sabem dele.

Nico fuzilava-me com os olhos. Eu não sabia o que fazer em relação a ele. Duvidava que ele concordasse em ir conosco. Por outro lado, não podia simplesmente deixá-lo perambular por aí sozinho.

—Você poderia ficar aqui até concluirmos nossa missão — eu lhe disse. — Seria seguro.

— Seguro? — replicou Nico. — Que importância tem para você a minha segurança? Você foi o responsável pela morte de minha irmã!

— Nico — disse Annabeth —, aquilo não foi culpa do Percy. E Geríon não estava mentindo sobre Cronos querer capturar você. Se ele soubesse quem você é, faria de tudo para levá-lo para o lado dele.

— Eu não estou do lado de ninguém. E não tenho medo!

— Deveria ter — disse Annabeth. — Sua irmã não iria querer…

— Se você se importasse mesmo com minha irmã me ajudaria a trazê-la de volta!

— Uma alma por uma alma? — perguntei.

— Sim!

— Mas se você não queria minha alma…

— Não vou explicar nada a você! — Ele piscou, tentando reprimir as lágrimas. — E eu *vou* trazê-la de volta.

— Bianca não iria querer voltar — eu disse. — Não assim!

— Você não a conhecia! — gritou ele. — Como sabe do que ela gostaria?

Olhei para as chamas na churrasqueira. Pensei no verso da profecia de Annabeth: *Tu ascenderás ou cairás pela mão do rei fantasma.* Este só podia ser Minos, e eu *precisava* convencer Nico a não dar ouvidos a ele.

— Vamos perguntar a Bianca.

O céu pareceu escurecer de repente.

— Eu tentei — respondeu Nico, infeliz. — Ela não responde.

— Tente de novo. Tenho a sensação de que ela vai responder, comigo aqui.

— Por que ela faria isso?

— Porque ela tem me enviado mensagens de Íris — eu disse, de repente sendo tomado por essa certeza. — Ela vem tentando me avisar o que você está tramando, para que eu possa protegê-lo.

— Isso é impossível. — Nico sacudiu a cabeça.

— Só tem uma forma de descobrir. Você disse que não tem medo. — Voltei-me para Euritíon. — Vamos precisar de um buraco, parecido com um túmulo. E comida e bebida.

— Percy — disse Annabeth, em tom de advertência —, não creio que isso seja uma boa…

— Está certo — disse Nico. — Vou tentar.

Euritíon coçou a barba.

— Tem um buraco aberto lá atrás, para a fossa séptica. Poderíamos usá-lo. Garoto-ciclope, pegue o isopor com gelo na cozinha. Espero que os mortos gostem de cerveja preta.

# DEZ

Jogamos o game da morte

Fizemos nossa evocação depois que a noite caiu, em um buraco de cerca de sete metros de comprimento diante da fossa séptica. A fossa era de um amarelo vivo, com uma carinha do Smiley e palavras pintadas em tinta vermelha na lateral: COMPANHIA DESCARGA FELIZ. Não combinava muito com o tema evocação de mortos.

A lua estava cheia. Nuvens prateadas deslizavam pelo céu.

— Minos deveria estar aqui agora — disse Nico, franzindo o cenho. — Já é noite fechada.

— Talvez ele tenha se perdido — falei, esperançoso.

Nico despejou cerveja preta e atirou churrasco na cova, então começou a cantar em grego antigo. Imediatamente os insetos no bosque pararam de zumbir. Em meu bolso, o apito de gelo estígio começou a ficar mais frio, congelando a lateral de minha perna.

— Faça ele parar — sussurrou Tyson para mim.

Parte de mim também queria fazê-lo parar. Isso era anormal. O ar noturno estava frio e ameaçador. Mas antes que eu pronunciasse qualquer palavra os primeiros espíritos surgiram. Uma névoa sulfurosa subia do solo. As sombras se tornaram mais densas, assumindo formas humanas. Uma sombra azul deslizou até a borda do buraco e se ajoelhou para beber.

— Detenham-no! — disse Nico, interrompendo por um momento seu canto. — Apenas Bianca pode beber!

Saquei Contracorrente. Os fantasmas recuaram com uma vaia coletiva diante da visão da lâmina de bronze celestial. Mas era tarde demais para deter o primeiro espírito, que já havia se materializado na forma de um homem barbudo de túnica branca. Um aro de ouro coroava a cabeça dele, e mesmo na morte seus olhos eram vivos de maldade.

— Minos! — disse Nico. — O que está fazendo?

— Minhas desculpas, amo — disse o fantasma, embora não parecesse arrependido. — O sacrifício tinha um cheiro tão bom que não pude resistir. —

Ele examinou as próprias mãos e sorriu. — É bom me ver outra vez em forma quase sólida…

— Você está atrapalhando o ritual! — protestou Nico. — Saia…

Os espíritos dos mortos começaram a tremeluzir, ficando perigosamente claros, e Nico precisou retomar o canto para mantê-los afastados.

— Sim, certo, amo — disse Minos, divertindo-se. — Continue cantando. Eu só vim para protegê-lo desses *mentirosos* que querem enganá-lo.

Ele se voltou para mim como se eu fosse uma espécie de barata.

— Percy Jackson… ora, ora. Os filhos de Poseidon não se aperfeiçoaram muito com o passar dos séculos, não é mesmo?

Eu queria socá-lo, mas deduzi que meu punho atravessaria seu rosto.

— Estamos procurando Bianca di Angelo — eu disse. — Dê o fora.

O fantasma deu uma risadinha.

— Sei que certa vez você matou meu Minotauro com as próprias mãos. Mas surpresas piores o aguardam no Labirinto. Acredita mesmo que Dédalo vai ajudá-los?

Os outros espíritos se agitaram. Annabeth sacou a faca e me ajudou a mantê-los longe do buraco. Grover ficou tão nervoso que se agarrou ao ombro de Tyson.

— Dédalo não se importa nem um pouco com vocês, meios-sangues — advertiu Minos. — Não podem confiar nele. Ele está velho além da conta, e é ardiloso. A culpa pelo assassinato o tornou amargo e ele é amaldiçoado pelos deuses.

— Culpa pelo assassinato? — perguntei. — Quem ele matou?

— Não mude de assunto! — grunhiu o fantasma. — Vocês estão atrasando Nico. Estão tentando persuadi-lo a desistir do objetivo dele. *Eu* faria dele um senhor!

— Já chega, Minos — ordenou Nico.

O fantasma fez uma expressão de desprezo.

— Amo, esses são seus inimigos. Não deve lhes dar ouvidos! Deixe-me protegê-lo. Vou enlouquecê-los, como fiz com os outros.

— Os outros? — arquejou Annabeth. — Está se referindo a Chris Rodriguez? Então foi *você*?

— O Labirinto é minha propriedade — disse o fantasma —, não de Dédalo! Os intrusos merecem a loucura.

— Vá embora, Minos! — exigiu Nico. — Quero ver minha irmã!

— Como quiser, amo. — O fantasma engoliu sua fúria. — Mas estou

avisando. Não pode confiar nesses heróis.

Com isso, ele desapareceu na névoa.

Outros espíritos se aproximaram, mas Annabeth e eu os detivemos.

— Bianca, apareça! — entoou Nico. Ele começou a cantar mais rápido, e os espíritos mexeram-se, inquietos.

— A qualquer momento — murmurou Grover.

Então uma luz prateada bruxuleou nas árvores — um espírito que parecia mais brilhante e mais forte que os outros. Ele se aproximou, e algo me disse que o deixasse passar. Ajoelhou-se para beber no buraco. Quando se ergueu, era a forma espectral de Bianca di Angelo.

A voz de Nico cantando falhou. Baixei minha espada. Os outros espíritos começaram a avançar, mas Bianca ergueu os braços e eles recuaram para o bosque.

— Olá, Percy — disse ela.

Parecia a mesma que fora em vida: um boné verde de lado sobre o espesso cabelo preto, olhos escuros e pele morena como a do irmão. Usava jeans e uma jaqueta prateada, a roupa de uma Caçadora de Ártemis. Trazia um arco a tiracolo. Sorriu ligeiramente, e toda a sua forma estremeceu.

— Bianca — falei. Minha voz estava tensa. Eu me sentira culpado por sua morte durante muito tempo, mas vê-la diante de mim era cinco vezes pior, como se a perda fosse recente. Lembrei-me de tê-la procurado nos destroços do guerreiro de bronze gigante a cuja derrota ela sacrificara a vida e de não encontrar sinal algum dela.

— Desculpe-me — eu disse.

— Você não tem nada do que se desculpar, Percy. Fiz minha própria escolha. E não me arrependo.

— Bianca! — Nico cambaleou para a frente, como se tivesse acabado de sair de um transe.

Ela se voltou na direção do irmão. Sua expressão era de tristeza, como se temesse aquele momento.

— Olá, Nico. Você cresceu tanto…

— Por que você não me respondeu antes? — ele gritou. — Estou tentando há meses!

— Eu esperava que você desistisse.

— Desistir? — Ele parecia desapontado. — Como pode dizer isso? Estou tentando salvar você!

— Não pode, Nico. Não faça isso. Percy está certo.

— *Não!* Ele deixou você morrer. Não é seu amigo.

Bianca estendeu a mão, como se quisesse tocar o rosto do irmão, mas ela era feita de névoa e evaporou ao se aproximar da pele viva.

— Você precisa me ouvir — ela disse. — Guardar rancor é perigoso para um filho de Hades. É nosso defeito fatal. Você precisa perdoar. Tem de me prometer isso.

— Não posso. Nunca.

— Percy se preocupa com você, Nico. Ele pode ajudar. Mostrei a ele o que você estava planejando, na esperança de que ele o encontrasse.

— Então *era* você — eu disse. — Você enviou aquelas mensagens de Íris.

Bianca assentiu.

— Por que está ajudando a ele, e não a mim? — gritou Nico. — Não é justo!

— Você está perto da verdade agora — disselhe Bianca. — Não é de Percy que você sente raiva, Nico. É de mim.

— Não.

— Você sente raiva de mim porque o abandonei para me tornar uma Caçadora de Ártemis. Está com raiva porque morri e o deixei sozinho. Sinto muito por isso, Nico. Sinto mesmo. Mas você precisa superar a raiva. E pare de culpar Percy por minhas escolhas. Isso vai ser sua perdição.

— Ela tem razão — interveio Annabeth. — Cronos está se erguendo, Nico. E vai levar quem puder para a causa dele.

— Não me importo com Cronos — afirmou Nico. — Só quero minha irmã de volta.

— Isso você não pode ter, Nico — disselhe Bianca com carinho.

— Eu sou filho de Hades! Eu *posso*.

— Não tente — pediu ela. — Se você me ama, não…

Sua voz tornou-se fraca. Os espíritos haviam começado a se juntar à nossa volta outra vez e pareciam agitados. Suas sombras se moviam. As vozes sussurravam: *Perigo!*

— O Tártaro está se revolvendo — disse Bianca. — Seu poder chama a atenção de Cronos, Nico. Os mortos devem voltar para o Mundo Inferior. Não é seguro para nós ficarmos aqui.

— Espere — insistiu Nico. — Por favor…

— Adeus, Nico — disse Bianca. — Eu amo você. Lembre-se do que eu disse.

A forma dela tremeluziu e os fantasmas desapareceram, deixando-nos sozinhos com um buraco, uma fossa séptica *Descarga Feliz* e uma fria lua cheia.

Nenhum de nós estava ansioso por viajar naquela noite, então decidimos esperar

até a manhã. Grover e eu desabamos nos sofás de couro na sala de estar de Geríon, bem mais confortáveis que um saco de dormir no chão do Labirinto. Mas isso em nada aliviou meus pesadelos.

Sonhei que estava com Luke, andando pelo palácio escuro no topo do Monte Tam. Agora era um edifício de verdade — não uma ilusão semiacabada como eu vira no inverno anterior. Chamas verdes queimavam em braseiros ao longo das paredes. O piso era de mármore preto polido. Um vento frio soprava pelo corredor, e acima de nós, além do teto aberto, o céu redemoinhava com nuvens cinzentas de tempestade.

Luke estava vestido para a batalha. Usava calça camuflada, camiseta branca e um peitoral de bronze. Mas sua espada, Mordecostas, não estava em seu flanco — apenas a bainha vazia. Chegamos a um pátio amplo onde dezenas de guerreiros e *dracaenae* se preparavam para a guerra. Quando o viram, os semideuses se perfilaram e fizeram as espadas soar nos escudos.

— Essstá na hora, meu senhor? — perguntou uma *dracaena*.

— Logo — prometeu Luke. — Continuem o trabalho.

— Meu senhor — disse uma voz atrás dele. Kelli, a *empousa*, sorria para ele. Usava um vestido azul e estava perversamente linda. Seus olhos brilhavam, ora castanho-escuros, ora de um vermelho vivo. O cabelo descia pelas costas em uma trança e parecia captar a luz das tochas, como se ansiasse voltar a ser chamas.

Meu coração martelava no peito. Esperei que Kelli me visse, que me afugentasse do sonho como antes, mas dessa vez ela não pareceu me notar.

— Você tem uma visita — ela disse a Luke. Deu um passo para o lado, e até Luke pareceu atônito com o que viu.

O monstro Campe erguia-se acima dele. Suas cobras sibilavam em torno das pernas. Cabeças de animais grunhiam na cintura. Ela empunhava as duas espadas, que cintilavam com o veneno, e tomava todo o corredor com as asas de morcego estendidas.

— Você. — A voz de Luke soava um pouco trêmula. — Eu lhe disse que ficasse em Alcatraz.

As pálpebras de Campe piscaram de lado, como as de um réptil. Ela falou na estranha língua ribombante, mas dessa vez, em algum lugar no fundo da mente, eu compreendi: *Eu venho lhe servir. Dê-me a chance de me vingar.*

— Você é uma carcereira — disse Luke. — Sua função…

*Eu vou matá-los. Ninguém escapa de mim.*

Luke hesitou. Um fio de suor escorreu pela lateral de seu rosto.

— Muito bem — disse ele. — Você irá conosco. Pode carregar o fio de

Ariadne. Essa é uma posição de grande honra.

Campe sibilou para as estrelas. Embainhou as suas espadas, virou-se e seguiu pesadamente pelo corredor com suas enormes pernas de dragão.

— Devíamos ter deixado essa no Tártaro — resmungou Luke. — É caótica demais. Poderosa demais.

Kelli riu suavemente.

— Você não deveria temer o poder, Luke. Use-o!

— Quanto mais cedo partirmos, melhor — afirmou Luke. — Quero acabar logo com isso.

— Ahh! — compadeceu-se Kelli, correndo um dedo pelo braço dele. — Acha desagradável destruir seu velho acampamento?

— Eu não disse isso.

— Você não está com dúvidas em relação à sua, hã, participação especial, está?

O rosto de Luke tornou-se duro.

— Conheço meu dever.

— Isso é bom — disse o demônio. — Acha que nossa força de ataque é suficiente? Ou será que preciso pedir a ajuda de Mãe Hécate?

— Temos mais que o suficiente — disse Luke, sombrio. — O acordo está quase completo. Tudo o que preciso fazer agora é negociar a passagem segura pela arena.

— Humm — disse Kelli. — Isso vai ser interessante. Eu odiaria ver sua bela cabeça empalada, caso você fracasse.

— Eu não vou fracassar. E você, demônio, não tem mais do que cuidar?

— Ah, sim. — Kelli sorriu. — Estou levando desespero a nossos inimigos bisbilhoteiros. É o que estou fazendo neste exato momento.

Ela voltou os olhos diretamente para mim, expôs as garras e interrompeu meu sonho.

De repente me vi em outro lugar.

Estava no topo de uma torre de pedra, acima de penhascos rochosos e do oceano lá embaixo. O velho Dédalo encontrava-se curvado sobre uma mesa de trabalho, lutando com algum tipo de instrumento de navegação, como um imenso compasso. Desde a última vez que eu o vira, parecia anos mais velho. Estava corcunda e tinha as mãos calejadas. Xingava em grego antigo e estreitava os olhos como se não conseguisse ver o trabalho, embora fosse um dia de sol.

— Tio! — chamou uma voz.

Um garoto sorridente de idade próxima à de Nico subiu os degraus saltitando,

carregando uma caixa de madeira.

— Olá, Perdiz — disse o senhor, embora sua voz soasse fria. — Já terminou com seus projetos?

— Já, tio. Eram fáceis!

Dédalo olhou mal-humorado para ele.

— Fáceis? O problema de deslocar água morro acima sem uma bomba era fácil?

— Ah, sim! Olhe!

O garoto entornou o conteúdo da caixa e o revirou. Pegou uma tira de papiro e mostrou ao inventor idoso alguns diagramas e anotações. Não faziam nenhum sentido para mim, mas Dédalo assentiu, de má vontade.

— Entendi. Nada mau.

— O rei adorou! — contou Perdiz. — Disse que talvez eu seja mais inteligente que o senhor!

— Foi?

— Mas não acredito nisso. Estou tão feliz por mamãe ter me mandado para estudar com o senhor! Quero saber tudo o que o senhor sabe.

— Sim — murmurou Dédalo. — Para que você possa ficar em meu lugar quando eu morrer, não é?

Os olhos do garoto se arregalaram.

— Ah, não, tio! Mas eu estive pensando… por que o homem precisa morrer, afinal?

O inventor franziu o cenho.

— É assim que é, rapaz. Tudo morre, com exceção dos deuses.

— Mas *por quê*? — insistiu o garoto. — Se pudéssemos capturar a *animus*, a alma em outra forma… Bem, o senhor me falou sobre seus autômatos, tio. Touros, águias, dragões, cavalos de bronze. Por que não a versão em bronze do homem?

— Não, meu garoto — replicou Dédalo asperamente. — Você é ingênuo. Tal feito é impossível.

— Eu não acho — insistiu Perdiz. — Com o uso de um pouco de magia…

— Magia? Ora!

— Sim, tio! Magia e mecânica, juntas… Com um pouco de trabalho seria possível criar um corpo que pareceria humano, só que melhor. Fiz algumas anotações.

Ele estendeu para o idoso um grosso pergaminho. Dédalo o desenrolou e leu por um longo tempo. Seus olhos se estreitaram. Olhou de soslaio para o garoto,

então fechou o pergaminho e pigarreou.

— Nunca funcionaria, meu garoto. Quando você for mais velho, verá.

— Posso consertar aquele astrolábio, então, tio? Suas juntas voltaram a inchar?

O velho apertou os maxilares.

— Não. Obrigado. Agora, por que você não vai embora?

Perdiz não pareceu notar a raiva do velho. Ele pegou um besouro de bronze de seu monte de sucata e correu até a beira da torre. Um peitoril baixo, à altura apenas do joelho do menino, a circundava. O vento soprava forte.

*Volte*, eu queria lhe dizer. Mas minha voz não saía.

Perdiz deu corda no besouro e o atirou para o céu. O inseto abriu as asas e saiu voando, zumbindo. Perdiz riu, encantado.

— Mais inteligente do que eu — resmungou Dédalo, baixo demais para que o garoto ouvisse.

— É verdade que seu filho morreu voando, tio? Ouvi dizer que o senhor fez asas enormes para ele, mas que elas falharam.

As mãos de Dédalo se cerraram.

— Ficar em meu lugar — murmurou ele.

O vento em torno do garoto o fustigava, sacudindo as roupas, agitando o cabelo dele.

— Eu gostaria de voar — disse Perdiz. — Faria minhas próprias asas, que não falhariam. O senhor acha que eu seria capaz?

Talvez fosse um sonho dentro de meu sonho, mas de repente imaginei Jano, o deus de duas cabeças, dançando no ar perto de Dédalo, sorrindo enquanto passava uma chave de prata de uma das mãos para a outra. *Escolha*, ele sussurrou para o velho inventor. *Escolha*.

Dédalo pegou outro dos insetos de metal do garoto. Os olhos do inventor estavam vermelhos de raiva.

— Perdiz — ele chamou. — Pegue.

Atirou o besouro de bronze na direção do garoto. Encantado, Perdiz tentou pegá-lo, mas o lançamento havia sido muito longo. O besouro deslizou para o céu aberto, e Perdiz esticou-se um pouquinho demais. O vento o apanhou.

Ao cair, ele conseguiu agarrar a borda da torre com os dedos.

— Tio! — ele gritou. — Ajude-me!

O rosto do homem era uma máscara. Ele não se moveu.

Vá em frente, Perdiz — disse Dédalo baixinho. — Faça suas próprias asas. E seja rápido.

Tio! — gritou o garoto quando suas mãos se soltaram e ele despencou em direção ao mar.

Houve um momento de silêncio mortal. O deus Jano tremeluziu e desapareceu. Então um trovão sacudiu o céu. A voz severa de uma mulher falou, vinda do alto: *Você vai pagar por isso, Dédalo.*

Eu já ouvira aquela voz antes. Era a mãe de Annabeth: Atena.

Dédalo fechou a cara para os céus.

— Eu sempre a honrei, Mãe. Sacrifiquei tudo para seguir seu caminho.

*Mas o garoto também tinha minha bênção. E você o matou. Por isso terá de pagar.*

— Eu já paguei, e muito! — grunhiu Dédalo. — Perdi tudo. Sofrerei no Mundo Inferior, não tenho dúvidas. Mas enquanto isso…

Ele pegou o pergaminho do garoto, estudou-o por um momento e o enfiou sob a manga.

*Você não compreende*, disse Atena com frieza. *Você pagará agora e para sempre*.

De repente, Dédalo desabou em agonia. Eu senti o que ele sentia. Uma dor excruciante fechou-se em torno de meu pescoço, como uma coleira de metal quente se fundindo — interrompendo minha respiração, fazendo tudo escurecer.

Acordei no escuro, as mãos agarrando com força o pescoço.

— Percy? — chamou Grover do outro sofá. — Está tudo bem?

Esperei até minha respiração normalizar. Não sabia como responder. Acabara de ver o sujeito que estávamos procurando, Dédalo, assassinar o próprio sobrinho. Como eu poderia estar bem? A televisão estava ligada. Uma luz azul bruxuleava pela sala.

— Que… que horas são? — perguntei, a voz aguda.

— Duas da manhã — disse Grover. — Não consegui dormir. Estava assistindo ao Nature Channel. — Ele fungou. — Estou com saudade de Juníper.

Esfreguei os olhos, espantando o sono.

— É, bem… você logo a verá.

Grover sacudiu a cabeça com tristeza.

—Você sabe que dia é hoje, Percy? Acabei de ver na tevê. Treze de junho. Já saímos do acampamento há sete dias.

— O quê? — perguntei. — Não pode ser.

— O tempo passa mais devagar no Labirinto — lembrou-me Grover. — A primeira vez que você e Annabeth desceram lá, vocês pensaram que tivessem

sumido por apenas alguns minutos, não foi? Mas foi por uma hora.

— Ah! — eu disse. — Verdade. — Então compreendi o que ele estava dizendo, e minha garganta voltou a queimar. — Seu prazo com o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido.

Grover pôs o controle remoto na boca e mastigou a extremidade dele.

— Meu tempo se esgotou — disse com a boca cheia de plástico. — Assim que eu voltar, eles vão cancelar minha licença de buscador. Nunca permitirão que eu saia de novo.

— Vamos falar com eles — prometi. — Fazer com que deem mais tempo para você.

— Eles nunca aceitarão. O mundo está morrendo, Percy. A cada dia piora. O mundo selvagem… posso senti-lo desaparecendo. Eu *preciso* encontrar Pã — Grover disse, e engoliu em seco.

— Você encontrará, cara. Eu sei que sim.

Grover me olhou com olhos tristes de bode.

— Você sempre foi um bom amigo, Percy. O que fez hoje, salvar os animais do rancho de Geríon, foi impressionante. Eu… eu queria ser igual a você.

— Ei — eu disse. — Não diga isso. Você é tão heró…

— Não sou, não. Vivo tentando, mas… — Ele suspirou. — Percy, não posso voltar para o acampamento sem encontrar Pã. Simplesmente não posso. Você compreende isso, não compreende? Não poderei encarar Juníper se falhar. Não poderei encarar nem a mim mesmo.

Sua voz soava tão infeliz que doía ouvi-la. Já havíamos passado por muitas juntos, mas eu nunca o ouvira tão abatido.

— Vamos encontrar uma solução — eu disse. — Você não fracassou. Você é o menino-bode campeão, certo? Juníper sabe disso. E eu também.

Grover fechou os olhos e murmurou, desalentado:

— Menino-bode campeão…

Muito tempo depois de ele adormecer eu ainda estava acordado, olhando a luz azul do Nature Channel desbotar os troféus de cabeças empalhadas nas paredes de Geríon.

Na manhã seguinte andamos até o mata-burro e nos despedimos.

— Nico, você poderia vir conosco — falei sem raciocinar. Acho que estava pensando em meu sonho e em como o menino Perdiz me lembrava Nico.

Ele sacudiu a cabeça. Não creio que algum de nós tivesse dormido bem na casa do demônio, mas Nico parecia o pior de todos. Seus olhos estavam

vermelhos, e o rosto, sem cor. Estava envolto em um manto negro que devia ter pertencido a Geríon, pois era três vezes maior que o tamanho normal para um homem adulto.

— Preciso de tempo para pensar. — Ele não me olhava nos olhos, mas eu podia perceber por seu tom de voz que ainda estava com raiva. O fato de a irmã ter saído do Mundo Inferior por mim, não por ele, parecia não tê-lo deixado satisfeito.

— Nico — disse Annabeth —, Bianca só quer que você fique bem.

Ela pôs a mão no ombro dele, mas ele se afastou e subiu a estrada na direção da casa do rancho. Talvez fosse minha imaginação, mas a névoa matinal parecia grudar em Nico enquanto ele andava.

— Estou preocupada com ele — disseme Annabeth. — Se voltar a falar com o fantasma de Minos…

— Ele vai ficar bem — prometeu Euritíon. O vaqueiro tinha uma aparência mais asseada. Vestia um jeans novo e uma camisa de caubói limpa, e tinha até mesmo aparado a barba. Calçava as botas de Geríon. — O garoto pode ficar aqui e pôr os pensamentos em ordem pelo tempo que quiser. Ele vai ficar em segurança, eu prometo.

— E quanto a você? — perguntei.

Euritíon coçou embaixo de um queixo de Ortro, em seguida do outro.

— As regras serão um pouco diferentes neste rancho daqui para a frente. Nada mais de carne de gado sagrado. Estou pensando em hambúrguer de carne de soja. E vou ser amigo daqueles cavalos carnívoros. Talvez até mesmo me inscreva para o próximo rodeio.

A ideia me fez estremecer.

— Bem, boa sorte.

— Sim. — Euritíon cuspiu na grama. — Imagino que vocês agora vão procurar a oficina de Dédalo.

Os olhos de Annabeth se iluminaram.

— Você pode nos ajudar?

Euritíon examinou o mata-burro, e fiquei com a impressão de que falar sobre a oficina de Dédalo o deixava pouco à vontade.

— Não sei onde fica. Mas Hefesto provavelmente saberia.

— Foi o que Hera disse — concordou Annabeth. — Mas como encontramos *Hefesto*?

Euritíon puxou algo de baixo da gola de sua camisa. Era um colar, um disco liso de prata em uma corrente também de prata. O disco tinha uma depressão no meio, como a impressão digital de um polegar. Ele o entregou a Annabeth.

— Hefesto vem aqui de vez em quando — disse Euritíon. — Estuda os animais para fazer cópias autômatas de bronze. Da última vez, eu… hã… fiz um favor a ele. Um pequeno truque que ele queria preparar para meu pai, Ares, e para Afrodite. Ele me deu essa corrente em agradecimento. Disse que se eu um dia precisasse encontrá-lo, o disco me levaria até suas forjas. Mas só uma vez.

— E você o está dando a mim? — perguntou Annabeth.

Euritíon enrubesceu.

— Eu não preciso ver as forjas, senhorita. Já tenho o bastante para fazer por aqui. Basta pressionar o botão e estarão a caminho.

Annabeth apertou o botão e o disco ganhou vida. Nele surgiram oito pernas metálicas. Annabeth gritou e o deixou cair, para confusão de Euritíon.

— Uma aranha! — ela gritou.

— Ela tem, hã, um pouco de medo de aranhas — explicou Grover. — Aquele velho ressentimento entre Atena e Aracne.

— Ah! — Euritíon parecia constrangido. — Desculpe-me, senhorita.

A aranha dirigiu-se ao mata-burro e desapareceu entre as barras.

— Depressa — eu disse. — Aquela coisa não vai esperar por nós.

Annabeth não estava ansiosa para segui-la, mas não tínhamos escolha. Dissemos adeus a Euritíon, Tyson tirou o mata-burro do buraco e pulamos de volta para o Labirinto.

Desejei ter colocado a aranha mecânica em uma coleira. Ela seguia pelos túneis tão rápido que na maior parte do tempo eu nem conseguia vê-la. Não fosse pela excelente audição de Tyson e de Grover, nunca saberíamos em que direção estava indo.

Percorremos um túnel de mármore, então disparamos para a esquerda e quase caímos em um abismo. Tyson me agarrou e me puxou de volta antes que eu despencasse. O túnel continuava à nossa frente, mas não havia piso por cerca de trinta metros, apenas a escuridão vazia e uma série de traves de ferro no teto. A aranha mecânica estava no meio do caminho, lançando uma fibra de teia metálica e balançando-se de barra em barra.

— Barras — disse Annabeth. — Sou ótima nelas.

Ela pulou, agarrou a primeira trave e começou a atravessar. Tinha medo de aranhas minúsculas, mas não de mergulhar de uma série de barras para a morte. Vá entender.

Annabeth chegou ao lado oposto e correu atrás da aranha. Eu a segui. Quando alcancei o outro lado, olhei para trás e vi Tyson dando uma carona a Grover. O

grandão atravessou em três balançadas — o que foi ótimo, pois no momento exato em que ele aterrissava a última barra de ferro soltou-se com seu peso.

Continuamos seguindo em frente e passamos por um esqueleto encolhido no túnel. Ele usava os restos de uma camisa social, calça e gravata. A aranha não reduziu o ritmo. Escorreguei em uma pilha de destroços de madeira, mas quando virei o facho da lanterna na direção dela percebi que eram lápis — centenas deles, todos quebrados ao meio.

O túnel abriu-se em uma ampla sala. Uma luz intensa nos atingiu. Assim que meus olhos se ajustaram, de primeira notei os esqueletos. Dezenas deles cobriam o chão à nossa volta. Alguns eram velhos e descoloridos. Outros eram mais recentes e bem mais asquerosos. Não cheiravam tão mal quanto os estábulos de Geríon, mas quase.

Então eu vi o monstro. Ele se erguia em um tablado resplandecente do outro lado da sala. Tinha o corpo de um imenso leão e a cabeça de uma mulher. Seria bonita, mas o cabelo estava preso atrás, em um coque apertado, e ela usava tanta maquiagem que me fez lembrar da professora de canto da terceira série. Usava um distintivo de fita azul preso ao peito, e levei um tempo para ler: ESTE MONSTRO FOI AVALIADO COMO EXEMPLAR.

— A Esfinge — Tyson choramingou.

Eu sabia exatamente por que ele estava com medo. Quando era pequeno, Tyson foi atacado por uma esfinge em Nova York. Ainda tinha as cicatrizes nas costas para provar.

Holofotes brilhavam de ambos os lados da criatura. A única saída era o túnel logo atrás do tablado. A aranha mecânica passou por entre as patas da Esfinge e desapareceu.

Annabeth começou a avançar, mas a Esfinge rugiu, mostrando as presas no rosto que, pelos demais aspectos, parecia humano. Grades desceram nas entradas de ambos os túneis, atrás de nós e na frente.

Imediatamente o rugido do monstro tornou-se um sorriso brilhante.

— Bem-vindos, felizes competidores! — anunciou ela. — Preparem-se para jogar… RESPONDAM AO ENIGMA!

Aplausos gravados irromperam, vindos do teto, como se houvesse alto-falantes invisíveis. Os holofotes varreram a sala e refletiram no tablado, lançando luzes de discoteca sobre os esqueletos no chão.

— Prêmios fabulosos! — disse a Esfinge. — Passem no teste e poderão continuar! Fracassem, e eu como vocês. Quem será nosso competidor?

Annabeth agarrou meu braço.

— Deixem comigo — ela sussurrou. — Eu sei o que ela vai perguntar.

Não insisti muito. Não queria que Annabeth fosse devorada por um monstro, mas deduzi que se a Esfinge estava propondo enigmas, Annabeth era nossa melhor chance.

Ela avançou até o tablado dos competidores, onde havia um esqueleto em uniforme escolar debruçado. Ela empurrou o esqueleto, tirando-o do caminho, e ele desabou com um barulho.

— Desculpe-me — disselhe Annabeth.

— Bem-vinda, Annabeth Chase! — gritou o monstro, embora Annabeth não tivesse dito seu nome. — Está pronta para seu teste?

— Sim — ela respondeu. — Apresente seu enigma.

— São vinte enigmas, na verdade! — disse a Esfinge com alegria.

— O quê? Mas antigamente…

— Ah, elevamos nossos padrões! Para passar, você precisa mostrar proficiência em todos os vinte. Não é ótimo?

Aplausos soavam e cessavam, como se alguém abrisse e fechasse uma torneira.

Annabeth me olhou, nervosa. Dirigi-lhe um gesto de cabeça encorajador.

— O.k. — disse ela à Esfinge. — Estou pronta.

Um rufo de tambores soou, vindo do alto. Os olhos da Esfinge brilharam de excitação.

— Qual… é a capital da Bulgária?

Annabeth franziu a testa. Por um momento terrível pensei que estivesse em dúvida.

— Sofia — respondeu ela —, mas…

— Correto! — Mais aplausos gravados. A Esfinge sorriu tanto que suas presas apareceram. — Não se esqueça de marcar sua opção com clareza na folha de respostas com um lápis número dois.

— O quê? — Annabeth parecia perplexa. Então um livreto surgiu no pódio na frente dela, ao lado de um lápis apontado.

— Além disso, marque cada resposta de forma clara com um círculo — disse a Esfinge. — Se precisar apagar, apague completamente, ou a máquina não conseguirá ler suas respostas.

— Que máquina? — perguntou Annabeth.

A Esfinge apontou com a pata. Perto do holofote via-se uma caixa de bronze com um punhado de acessórios e alavancas e uma grande letra grega eta na lateral, a marca de Hefesto.

— Agora — disse a Esfinge —, a próxima pergunta…

— Espere um segundo — protestou Annabeth. — E cadê “O que anda de quatro pela manhã…”?

— Como? — perguntou a Esfinge, agora nitidamente aborrecida.

— O enigma sobre o homem. Ele anda de quatro de manhã, como um bebê; em duas pernas à tarde, como um adulto, e em três pernas à noite, como um idoso com a bengala. Era esse enigma que você costumava perguntar.

— Exatamente por isso mudamos o teste! — exclamou a Esfinge. — Você já sabe a resposta. Agora, a segunda pergunta: qual a raiz quadrada de dezesseis?

— Quatro — disse Annabeth —, mas…

— Correto! Qual presidente americano assinou a Proclamação de Emancipação?

— Abraham Lincoln, mas…

— Correto! Enigma número quatro: quanta…

— Espere! — gritou Annabeth.

Eu queria lhe dizer que parasse de reclamar. Ela estava se saindo muito bem! Deveria simplesmente responder às perguntas para que pudéssemos ir embora.

— Essas perguntas não são enigmas — afirmou Annabeth.

— O que quer dizer? — replicou a Esfinge. — É claro que são. Esse teste foi especialmente formulado…

— É só um punhado de fatos tolos e aleatórios — insistiu Annabeth. — Enigmas têm de fazer pensar.

— Pensar? — A Esfinge franziu a testa. — Como posso testar se você sabe pensar? Isso é ridículo! Agora, quanta força é necessária…

— Pare! — insistiu Annabeth. — Esse teste é ridículo.

— Hã, Annabeth — interveio Grover, nervoso. — Quem sabe você não devesse simplesmente, hã, terminar primeiro e reclamar depois?

— Sou filha de Atena — insistiu ela. — E isso é um insulto à minha inteligência. Não vou responder a essas perguntas.

Parte de mim estava impressionada com ela por manter-se firme daquele jeito. Mas outra parte achava que o orgulho dela acabaria levando todos nós à morte.

Os holofotes brilhavam. Os olhos da Esfinge reluziam, negros.

— Pois bem, minha querida — disse o monstro com calma.

— Se você não passa, então está reprovada. E como não podemos permitir que nenhuma criança não faça o teste, você será comida!

A Esfinge mostrou as garras, que cintilaram como aço inoxidável. E saltou sobre o tablado.

— Não! — Tyson atacou. Ele odeia quando alguém ameaça Annabeth, mas eu

não podia acreditar que ele tivesse tanta coragem, principalmente por causa da péssima experiência que tivera com uma esfinge.

Ele se atracou com a Esfinge em pleno ar, e ambos desabaram de lado em cima de uma pilha de ossos, o que deu a Annabeth tempo suficiente para pôr as ideias em ordem e sacar a faca. Tyson se levantou, a camisa em farrapos. A Esfinge rugiu, procurando uma oportunidade.

Saquei Contracorrente e me pus na frente de Annabeth.

— Fique invisível — disse a ela.

— Eu posso lutar!

— Não! — gritei. — A Esfinge quer *você*! Deixe que a gente cuide dela.

Como se quisesse confirmar minhas palavras, a Esfinge jogou Tyson para o lado e tentou passar por mim. Grover a atingiu no olho com o osso da perna de alguém. Ela gritou de dor. Annabeth pôs o boné e desapareceu. A Esfinge aterrissou exatamente onde ela estava, mas ficou de patas vazias.

— Não é justo! — choramingou a Esfinge. — Trapaceira!

Com Annabeth fora de vista, a Esfinge voltou-se para mim. Ergui a espada, mas antes que eu pudesse golpeá-la Tyson arrancou do chão a máquina de correção e a atirou na cabeça da Esfinge, arruinando-lhe o coque. A máquina despedaçou-se em torno dela.

— Minha máquina de correção! — gritou ela. — Não posso ser exemplar sem meus gabaritos!

As barras nas saídas foram suspensas e todos disparamos para o túnel mais distante. Só podia torcer para que Annabeth estivesse fazendo o mesmo.

A Esfinge começou a nos perseguir, mas Grover começou a tocar sua flauta de bambu. De repente os lápis lembraram que costumavam ser parte de uma árvore. Reuniram-se em torno das patas da Esfinge, criaram raízes e galhos e começaram a envolver as pernas do monstro. A Esfinge rompeu-os, mas isso nos fez ganhar tempo.

Tyson puxou Grover para o túnel, e as barras fecharam-se pesadamente às nossas costas.

— Annabeth! — gritei.

— Aqui! — disse ela, bem a meu lado. — Continuem correndo!

Atravessamos em disparada túneis escuros, ouvindo o rugir da Esfinge lá atrás, queixando-se de todos os testes que precisaria corrigir à mão.

# ONZE

Eu pego fogo

Pensei que tivéssemos perdido a aranha, mas então Tyson ouviu um zunido distante. Dobramos algumas esquinas, retrocedemos algumas vezes e, por fim, encontramos a aranha batendo a minúscula cabeça em uma porta de metal.

A porta parecia uma daquelas antigas escotilhas de submarino — oval, com rebites de metal na borda e uma espécie de volante como maçaneta. Onde deveria estar o portal havia uma grande placa de latão, esverdeada pelo tempo, com a letra grega eta inscrita no meio.

Todos nos entreolhamos.

— Preparados para o encontro com Hefesto? — perguntou Grover, nervoso.

— Não — admiti.

— Sim! — disse Tyson alegremente, e girou o volante.

Assim que a porta se abriu, a aranha entrou, apressada, com Tyson logo atrás dela. O restante de nós seguiu, sem tanta ansiedade.

A sala era enorme. Parecia uma oficina mecânica, com vários elevadores hidráulicos. Em alguns viam-se carros, mas em outros havia coisas mais estranhas: um hipaléctrion de bronze com a cabeça de cavalo solta e um punhado de arames pendendo de sua cauda de galo, um leão de metal que parecia ligado a um carregador de bateria e uma carruagem grega de guerra feita inteiramente de chamas.

Projetos menores atravancavam uma dúzia de bancadas de trabalho. Viam-se ferramentas penduradas ao longo das paredes. Cada uma delas tinha o contorno desenhado em um quadro, mas nada parecia estar no lugar certo. O martelo pendia no lugar da chave de parafuso. O grampeador encontrava-se onde deveria estar a serra de metal.

Sob o elevador hidráulico mais próximo, onde estava um Toyota Corolla 98, projetava-se um par de pernas — a parte inferior de um homem enorme com uma calça cinza imunda e sapatos ainda maiores do que os de Tyson. Uma das pernas tinha uma braçadeira de metal.

A aranha seguiu direto para debaixo do carro, e o martelar cessou.

— Ora, ora — uma voz profunda retumbou sob o Corolla. — O que temos aqui?

O mecânico deslizou em uma esteira mecânica e sentou-se. Eu vira Hefesto uma vez, rapidamente, no Olimpo; assim, pensei que estivesse preparado, mas sua aparência me fez engolir em seco.

Acho que ele havia se lavado quando o vi no Olimpo, ou usado magia para fazer a aparência parecer um pouco menos horrível. Aqui, em sua oficina, parecia não dar a mínima importância a isso. Usava um macacão sujo de óleo e fuligem. No bolso do peito estava bordado *Hefesto.* Sua perna rangeu e estalou na braçadeira de metal quando ele se levantou. O ombro esquerdo era mais baixo que o direito, de modo que ele parecia inclinado mesmo quando estava ereto, de pé. A cabeça era imensa e deformada. A fisionomia estava permanentemente carregada. A barba preta silvava e soltava fumaça. De vez em quando, um pequeno fogo-fátuo irrompia de seu bigode, apagando em seguida. Suas mãos eram do tamanho das luvas de um apanhador de beisebol, mas ele segurava a aranha com uma habilidade incrível. Desmontou-a em dois segundos e então tornou a montá-la.

— Pronto — murmurou para si mesmo. — Muito melhor.

A aranha deu um feliz salto mortal na palma da mão dele, lançou uma teia metálica para o teto, e se foi, balançando-se.

Hefesto nos lançou um olhar ameaçador.

— Eu não fiz você, fiz?

— Hã — disse Annabeth —, não, senhor.

— Bom — grunhiu o deus. — Trabalho sem qualidade.

Examinou Annabeth e a mim.

— Meios-sangues — resmungou. — Poderiam ser autômatos, é claro, mas provavelmente não.

— Já nos vimos antes, senhor — eu lhe disse.

— É mesmo? — perguntou o deus, distraído. Tive a impressão de que ele não estava nem um pouco interessado. Só estava tentando entender como meu maxilar funcionava, se era uma dobradiça, uma alavanca ou outro sistema. — Bem, se da primeira vez que nos vimos eu não o esmaguei e o transformei em polpa, suponho que não preciso fazer isso agora.

Olhou para Grover e franziu a testa.

— Sátiro. — Então olhou para Tyson e seus olhos piscaram. — Bem, um ciclope. Bom, bom. Por que está viajando com este grupo?

— Hã… — disse Tyson, olhando maravilhado para o deus.

— Certo, muito bem dito — concordou Hefesto. — Então, é melhor que haja

uma boa razão para vocês me perturbarem. A suspensão deste Corolla não é um problema fácil, sabiam?

— Senhor — disse Annabeth, hesitante —, estamos procurando Dédalo. Pensamos…

— *Dédalo?* — rugiu o deus. — Querem aquele velho patife? Ousam procurá-lo?

Sua barba irrompeu em chamas e seus olhos negros cintilaram.

— Hã, sim, senhor, por favor — disse Annabeth.

— Humpf. Estão perdendo tempo.

Ele franziu a testa ao olhar para algum objeto na bancada de trabalho e dirigiu-se, mancando, até lá. Pegou um monte de molas e placas de metal e pôs-se a brincar com elas. Em alguns segundos, segurava um falcão de bronze e prata, que abriu as asas de metal, piscou os olhos de obsidiana e voou pelo salão.

Tyson riu e bateu palmas. A ave pousou em seu ombro e beliscou-lhe a orelha afetuosamente.

Hefesto o observou. A carranca do deus não mudou, mas acho que vi um brilho mais gentil em seus olhos.

— Sinto que você tem algo a me dizer, ciclope.

O sorriso de Tyson desapareceu.

— S-sim, senhor. Encontramos um centímano.

Hefesto assentiu, não parecendo surpreso.

— Briareu?

— Sim. Ele… ele estava com medo. Não quis nos ajudar.

— E isso o aborreceu.

— Foi! — A voz de Tyson vacilou. — Briareu devia ser forte! Ele é mais velho e maior do que os ciclopes. Mas fugiu.

— Houve uma época em que eu admirava os centímanos. — Hefesto resmungou. — Nos tempos da primeira guerra. Mas as pessoas, os monstros e até mesmo os deuses mudam, jovem ciclope. Não se pode confiar neles. Veja minha amorosa mãe, Hera. Vocês a encontraram, não foi? Ela lhes sorri e fala sobre a importância da família, não é? Mas isso não a impediu de me atirar do Monte Olimpo quando viu meu rosto feio.

— Mas pensei que tivesse sido Zeus quem fez isso — eu disse.

Hefesto pigarreou e cuspiu em uma escarradeira de bronze. Estalou os dedos e o falcão-robô voltou para a bancada.

— Mamãe gosta de contar essa versão da história — ele grunhiu. — Faz com que ela pareça mais simpática, não é? Botar a culpa toda em meu pai. A verdade

é que minha mãe gosta de família, mas de determinado tipo: a família *perfeita*. Ela olhou para mim e… bem, não me enquadro na cena, não é mesmo?

Ele puxou uma pena das costas do falcão e o autômato desmontou todo.

— Acredite em mim, jovem ciclope — disse Hefesto —, não se pode confiar em ninguém. Só se pode confiar no trabalho das próprias mãos.

Parecia um estilo de vida muito solitário. Além disso, eu não confiava exatamente no trabalho de Hefesto. Uma vez, em Denver, suas aranhas mecânicas quase mataram Annabeth e a mim. E no ano passado, uma estátua defeituosa de Talos custara a vida de Bianca — mais um dos projetinhos de Hefesto.

Ele me olhou e estreitou os olhos, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Ah, esse aqui não gosta de mim — falou, pensativo. — Nada demais, já estou acostumado a isso. O que vocês gostariam de me pedir, pequeno semideus?

— Já lhe dissemos — respondi. — Precisamos encontrar Dédalo. Tem um cara, Luke, que está trabalhando para Cronos. Ele está tentando encontrar uma forma de se orientar no Labirinto para poder invadir nosso acampamento. Se não encontrarmos Dédalo antes…

— E eu já disse a *vocês*, garoto. Procurar Dédalo é perda de tempo. Ele não vai ajudá-los.

— Por que não?

Hefesto deu de ombros.

— Alguns de nós são lançados de montanhas. Outros… bem, aprendem a não confiar nas pessoas de maneira ainda mais dolorosa. Peçam-me ouro. Ou uma espada em chamas. Ou um corcel mágico. Isso eu posso lhes dar facilmente. Mas o caminho até Dédalo? Esse é um favor muito caro.

— Então você sabe onde ele está — pressionou Annabeth.

— Não é inteligente procurá-lo, garota.

— Minha mãe diz que a procura é a natureza da sabedoria.

Hefesto estreitou os olhos.

— Quem é sua mãe, então?

— Atena.

— Era de imaginar. — Ele suspirou. — Excelente deusa, Atena. Pena que jurou não se casar. Muito bem, meio-sangue. Eu posso lhes dizer o que vocês querem saber. Mas isso tem um preço. Preciso que me façam um favor.

— Diga — disse Annabeth.

Hefesto chegou mesmo a rir — um som trovejante como um imenso fole atiçando o fogo.

— Vocês, heróis, sempre fazendo promessas ousadas — disse ele. — Que reconfortante!

Ele pressionou um botão na bancada de trabalho e persianas de metal abriram-se ao longo da parede. Era uma imensa janela ou um telão de tevê, supus. Estávamos diante de uma montanha cinza cercada de florestas. Devia ser um vulcão, pois de seu topo subia fumaça.

— Uma de minhas forjas — disse Hefesto. — Tenho muitas, mas aquela costumava ser minha predileta.

— É o Monte Santa Helena — afirmou Grover. — Ótimas florestas por lá.

— Já esteve lá? — perguntei.

— Procurando… você sabe. Pã.

— Espere — disse Annabeth, olhando para Hefesto. — Você disse que *costumava ser* sua predileta. O que aconteceu?

Hefesto coçou a barba em chamas.

— Bem, é lá que o monstro Tífon está preso, sabem? Costumava ser debaixo do Monte Etna, mas quando nos mudamos para a América, sua força foi aprisionada sob o Monte Santa Helena. Grande fonte de fogo, mas um pouco perigoso. Existe sempre uma possibilidade de ele escapar. Há muitas erupções atualmente, o vulcão arde o tempo todo. Ele está inquieto com a rebelião dos titãs.

— E o que você quer que a gente faça? — perguntei. — Lutar contra ele?

Hefesto riu com desdém.

— Isso seria suicídio. Os próprios deuses corriam de Tífon quando ele estava livre. Não, rezem para que nunca precisem vê-lo, muito menos lutar contra ele. Mas ultimamente tenho pressentido intrusos em minha montanha. Alguém ou algo está usando minhas forjas. Quando vou até lá, encontro a oficina vazia, mas vejo que tem sido usada. Eles pressentem minha chegada e desaparecem. Envio meus autômatos para investigar, mas eles não voltam. Alguma coisa… antiga está lá. Maligna. Quero saber quem ousa invadir meu território, e se pretendem libertar Tífon.

— Você quer que a gente descubra quem — eu disse.

— Sim — assentiu Hefesto. — Vão até lá. Talvez eles não pressintam a chegada de vocês, pois não são deuses.

— Que bom que percebeu — murmurei.

— Vão e descubram o que puderem — disse Hefesto. — Depois voltem, e então eu lhes direi o que precisam saber sobre Dédalo.

— Muito bem — disse Annabeth. — Como chegamos lá?

Hefesto bateu palmas. A aranha desceu dos caibros do telhado. Annabeth

encolheu-se quando ela pousou no chão, aos seus pés.

— Minha criação vai lhes mostrar o caminho — informou Hefesto. — Não fica longe indo pelo Labirinto. E tentem se manter vivos, está bem? Os humanos são muito mais frágeis do que os autômatos.

Estávamos nos saindo bem até chegarmos às raízes das árvores. A aranha corria pelo caminho e nós acompanhávamos, mas então avistamos um túnel lateral cavado na terra e revestido de raízes grossas. Grover parou de repente.

— O que foi? — perguntei.

Ele não se mexeu. Olhava boquiaberto para dentro do túnel escuro. Seu cabelo encaracolado esvoaçava na brisa.

— Venham! — chamou Annabeth. — Precisamos prosseguir.

— É este o caminho — murmurou Grover, estupefato. — É por aqui.

— Que caminho? — perguntei. — Você quer dizer… até Pã?

Grover olhou para Tyson.

— Não está sentindo o cheiro?

— De terra — disse Tyson. — E de plantas.

— Sim! É este o caminho. Tenho certeza!

Adiante a aranha ia se afastando cada vez mais pelo corredor de pedra. Mais alguns segundos e nós a perderíamos.

— Nós vamos voltar — prometeu Annabeth. — Quando retornarmos até Hefesto.

— A essa altura o túnel terá desaparecido — disse Grover. — Eu preciso seguir por aqui. Uma passagem dessa não se manterá aberta!

— Mas não podemos — disse Annabeth. — As forjas!

Grover olhou para ela com tristeza.

— Eu preciso, Annabeth. Você não entende?

Ela parecia desesperada, como se não compreendesse mesmo. A aranha estava quase fora de vista. Mas pensei em minha conversa com Grover na noite anterior e soube o que devíamos fazer.

— Vamos nos dividir — eu disse.

— Não! — disse Annabeth. — Assim é perigoso demais. Como vamos nos reencontrar? E Grover não pode ir sozinho.

Tyson pôs a mão no ombro de Grover.

— Eu… eu vou com ele.

Eu não conseguia acreditar que estivesse ouvindo aquilo.

— Tyson, tem certeza?

O grandão assentiu.

— O menino-bode precisa de ajuda. Vamos encontrar o deus selvagem. Não sou como Hefesto. Eu confio nos amigos. Grover respirou fundo.

— Percy, vamos nos reencontrar. Ainda temos o elo de empatia. Eu… preciso fazer isso.

Eu não o culpava. Era o objetivo de sua vida. Se ele não encontrasse Pã naquela jornada, o conselho jamais lhe daria outra chance.

— Espero que você esteja certo — falei.

— Sei que estou. — Eu nunca o ouvira falar com tanta confiança, exceto talvez que as *enchiladas* de queijo eram melhores do que as de frango.

Tenha cuidado — eu disse. Então olhei para Tyson, que engoliu um soluço e me deu um abraço que quase fez meus olhos saltarem das órbitas. Então ele e Grover desapareceram pelo túnel de raízes e se perderam na escuridão.

— Isso é ruim — disse Annabeth. — Separar o grupo foi uma ideia muito, muito ruim.

— Vamos tornar a vê-los — falei, tentando parecer confiante. — Agora venha. A aranha está indo embora!

Não demorou muito para que o túnel começasse a esquentar.

As paredes de pedra brilhavam. O ar dava a sensação de que andávamos por um forno. O túnel começou a descer e passei a ouvir um rugido, como o de um rio de metal. A aranha deslocava-se rapidamente, com Annabeth logo atrás dela.

— Ei, espere — gritei.

Ela olhou para trás.

— Sim?

— Algo que Hefesto falou… sobre Atena.

— Ela jurou nunca se casar — disse Annabeth. — Como Ártemis e Héstia. É uma das deusas donzelas.

Pisquei. Nunca antes ouvira aquilo de Atena.

— Mas então…

— Como é que ela tem filhos semideuses?

Assenti. Eu devo ter ficado vermelho de vergonha, mas estava tão quente que talvez Annabeth não tenho percebido. Assim eu esperava.

— Percy, você sabe como Atena nasceu?

— Ela surgiu da cabeça de Zeus, vestindo uma armadura de combate completa, ou algo assim.

— Exatamente. Ela não nasceu da maneira habitual. Nasceu literalmente de

pensamentos. Os filhos dela nascem da mesma forma. Quando Atena se apaixona por um mortal, é puramente intelectual, assim como ela amou Odisseu nas histórias antigas. É um encontro de mentes. Ela lhe diria que esse é o tipo de amor mais puro.

— Então seu pai e Atena… então você não…

— Fui uma filha do cérebro — disse Annabeth. — Literalmente. Os filhos de Atena nascem dos pensamentos divinos de nossa mãe e da engenhosidade mortal de nossos pais. Presume-se que sejamos um presente, uma bênção de Atena aos homens que ela favorece.

— Mas…

— Percy, a aranha está escapando. Você quer mesmo que eu explique os detalhes de como nasci?

— Hã… não. Está tudo bem.

Ela forçou um sorriso.

— Foi o que pensei. — E saiu correndo à frente.

Eu a segui, mas não tinha certeza se algum dia olharia para Annabeth da mesma forma. Concluí que era melhor que algumas informações permanecessem secretas.

O rugido ficou mais alto. Depois de aproximadamente mais um quilômetro, saímos em uma caverna do tamanho do estádio Super Bowl. Nossa aranha-guia parou e se fechou como uma bola. Havíamos chegado à forja de Hefesto.

Não havia piso, apenas lava borbulhando centenas de metros abaixo. Estávamos na borda rochosa que circundava a caverna. Uma rede de pontes de metal se estendia por ela. No centro havia uma imensa plataforma com máquinas, caldeirões e forjas de todos os tipos, e a maior bigorna que eu já tinha visto — um bloco de ferro do tamanho de uma casa. Criaturas moviam-se por ali — várias formas escuras e estranhas, mas estavam muito distantes para que pudéssemos distinguir detalhes.

— Nunca vamos conseguir nos aproximar deles sem sermos vistos — falei.

Annabeth pegou a aranha de metal e a guardou no bolso.

— Eu posso. Espere aqui.

— Ei! — eu disse, mas antes que eu pudesse argumentar ela pôs o boné dos Yankees e ficou invisível.

Não me atrevi a chamá-la, mas não me agradava a ideia de que ela se aproximasse da forja sozinha. Se aquelas criaturas lá podiam pressentir um deus se aproximando, Annabeth estaria a salvo?

Olhei para trás, para o túnel do Labirinto. Já sentia falta de Grover e de Tyson. Enfim cheguei à conclusão de que não podia ficar ali parado. Rastejei

furtivamente pela beira do lago de lava, na esperança de conseguir um ângulo melhor para ver o que estava acontecendo no centro.

O calor era horrível. O rancho de Geríon era um paraíso invernal comparado àquilo. Logo eu estava encharcado de suor. Meus olhos ardiam com a fumaça. Avancei, tentando me manter longe da beira, até que meu caminho foi bloqueado por uma caçamba com rodas de metal, como aquelas usadas em túneis de minas. Levantei a lona e vi que estava carregada até a metade com sucata. Eu estava prestes a contorná-la quando ouvi vozes vindo de cima, provavelmente de um túnel lateral.

— Levo para dentro? — alguém perguntou.

— Sim — outro respondeu. — O filme está praticamente no fim.

Entrei em pânico. Não tinha tempo para recuar. Não havia lugar algum onde me esconder, exceto… na caçamba. Subi rapidamente e me cobri com a lona, torcendo para que ninguém tivesse visto. Fechei os dedos em torno de Contracorrente, para o caso de ter de lutar.

A caçamba deu um solavanco à frente.

— Ai — disse uma voz rouca. — Isso pesa uma tonelada.

— É bronze celestial — disse outra. — O que você esperava?

Fui puxado. Dobramos uma esquina, e pelo som das rodas ecoando nas paredes percebi que tínhamos passado por um túnel e entrado em uma sala menor. Torcia para que não estivessem prestes a me despejar em um tanque de fundição. Se começassem a virar a caçamba, eu teria de sair rapidamente. Ouvi muita conversa, vozes que não pareciam humanas tagarelando — algo entre o grito de uma foca e o rosnado de um cão. Havia outros sons também, como os de um projetor de filmes antigo, e uma narração com voz metálica.

— Ponha isso lá no fundo — ordenou uma nova voz do outro lado da sala. — Agora, jovens, por favor, assistam ao filme. Haverá tempo para as perguntas depois.

As vozes se aquietaram, e eu pude ouvir o filme.

*À medida que um jovem demônio do mar amadurece*, dizia o narrador, *ocorrem mudanças no corpo do monstro. Vocês percebem que as presas vão ficando mais compridas e podem sentir um súbito desejo de devorar seres humanos. Essas mudanças são perfeitamente normais e acontecem com todos os monstros jovens.*

Rosnados de excitação encheram a sala. O instrutor — acho que devia ser um instrutor — disse aos jovens que ficassem quietos, e o filme prosseguiu. Não entendi a maior parte, e não ousei olhar. O filme continuou falando sobre estirões de crescimento, problemas de acne causados pelo trabalho nas forjas e a

higiene adequada das nadadeiras, e finalmente chegou ao fim.

— Bem, jovens — disse o instrutor —, qual é o nome apropriado à nossa espécie?

— Demônios do mar! — gritou um deles.

— Não. Alguém mais?

— Telquines! — grunhiu outro monstro.

— Muito bem — disse o instrutor. — E por que estamos aqui?

— Vingança! — gritaram vários.

— Sim, sim, mas por quê?

— Zeus é do mal! — disse um monstro. — Ele nos condenou ao Tártaro só porque usávamos magia!

— Exatamente — disse o instrutor. — Depois de termos feito muitas das melhores armas dos deuses. O tridente de Poseidon, por exemplo. E, é claro, fizemos a melhor de todas as armas dos titãs! No entanto, Zeus nos exilou e passou a confiar nos desajeitados ciclopes. É por isso que estamos assumindo o comando das forjas daquele Hefesto usurpador. E logo vamos controlar as fornalhas submarinas, nosso lar ancestral!

Apertei minha caneta-espada. Aquelas criaturas rosnadoras tinham criado o tridente de Poseidon? Do que eles estavam falando? Eu nunca sequer ouvira falar de telquines.

— E, então, jovens — continuou o instrutor —, a quem servimos?

— A Cronos! — eles gritaram.

— E quando vocês crescerem e se tornarem telquines adultos vão fazer armas para o exército dele?

— Sim!

— Excelente. Bem, trouxemos aqui um pouco de sucata para vocês praticarem. Vamos testar a sua criatividade.

Houve uma precipitação de movimentos e de vozes excitadas na direção da caçamba. Preparei-me para destampar Contracorrente. A lona foi puxada. Eu me ergui de um salto, a espada de bronze ganhando vida em minhas mãos, e me vi diante de um bando de… cães.

Bem, pelo menos as cabeças eram de cães, com focinhos pretos, olhos castanhos e orelhas pontudas. Os corpos eram lisos e negros como o dos mamíferos marinhos, com pernas curtas e grossas, que eram meio nadadeiras, meio pés, e mãos semelhantes às de humanos, com garras afiadas. Caso fosse feito o cruzamento de um garoto, um *dobermann* e um leão-marinho, teríamos algo parecido com o que eu estava vendo.

— Um semideus! — um deles rosnou.

— Vamos comê-lo — gritou outro.

Mas isso foi o mais longe que chegaram antes que eu desenhasse um amplo arco com Contracorrente e transformasse em pó toda a fileira da frente de monstros.

— Para trás! — gritei para os restantes, procurando soar ameaçador.

Atrás deles estava o instrutor, um telquine de dois metros de altura, arreganhando presas de *dobermann* para mim. Fiz o melhor que pude para olhá-lo de cima.

— Nova lição, turma — anunciei. — A maioria dos monstros será pulverizada quando ferida com uma espada de bronze celestial. Essa mudança é perfeitamente normal e vai acontecer com vocês *agora mesmo* se não RECUAREM!

Para minha surpresa, funcionou. Os monstros recuaram, mas havia pelo menos vinte deles. O medo não duraria muito tempo.

Saltei da caçamba, gritei "AULA ENCERRADA!" e corri para a saída.

Os monstros começaram a me perseguir, latindo e rosnando. Esperava que eles não conseguissem correr muito rápido com aquelas pequenas pernas roliças e as nadadeiras, mas tinham o passo manco bastante veloz. Graças aos deuses havia uma porta no túnel que levava à caverna principal. Fechei-a com força e girei a maçaneta para trancá-la, mas duvidava de que isso os detivesse por muito tempo.

Eu não sabia o que fazer. Annabeth estava ali em algum lugar, invisível. A chance de uma missão de reconhecimento discreta tinha ido por água abaixo. Corri para a plataforma no centro do lago de lava.

— Annabeth! — gritei.

— Shhh! — Uma palma de mão invisível cobriu minha boca e me forçou a me abaixar atrás de um grande caldeirão de bronze. — Quer que nos matem?

Encontrei sua cabeça e tirei o boné dos Yankees. Ela tremeluziu, surgindo diante de mim de testa franzida, o rosto sujo de cinza e de fuligem.

— Percy, qual é seu problema?

Vamos ter companhia!

Expliquei rapidamente sobre a aula de orientação dos monstros. Os olhos dela se arregalaram.

— Então é isso que eles são — disse ela. — Telquines. Eu devia saber. E estão fazendo… Veja.

Espiamos acima do caldeirão. No centro da plataforma havia quatro demônios

marinhos, já adultos, com quase dois metros e meio de altura. A pele negra reluzia à luz do fogo à medida que trabalhavam, faíscas voando enquanto eles se alternavam martelando em um longo pedaço de metal incandescente.

— A lâmina está quase completa — disse um deles. — Precisa de novo resfriamento em sangue para fundir os metais.

— É — disse um segundo. — Vai ficar ainda mais afiada do que antes.

— O que é aquilo? — sussurrei.

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Eles falam o tempo todo de fundir metais. Imagino…

— Comentaram sobre a maior arma dos titãs — contei. — E… falaram que fizeram o tridente de meu pai.

— Os telquines traíram os deuses — disse Annabeth. — Estavam praticando magia negra. Não sei por que exatamente, mas Zeus os baniu para o Tártaro.

— Com Cronos.

Ela assentiu.

— Precisamos sair…

Nem acabara de falar, a porta que levava à sala de aula explodiu e jovens telquines surgiram aos montes. Tropeçavam uns nos outros, tentando descobrir que caminho seguir para me pegar.

— Ponha o boné de novo — eu disse. — Saia!

— O quê? — gritou Annabeth. — Não! Eu não vou abandonar você.

— Eu tenho um plano. Vou distraí-los. Você pode usar a aranha de metal… talvez ela a leve de volta para Hefesto. Você precisa contar a ele o que está acontecendo.

— Mas você vai ser morto!

Vou ficar bem. Além disso, não temos escolha.

Annabeth me olhou, furiosa, como se fosse me dar um soco. E então fez algo que me surpreendeu ainda mais. Ela me beijou.

— Tenha cuidado, Cabeça de Alga.

Ela pôs de volta o boné e desapareceu.

Provavelmente eu teria ficado sentado lá o restante do dia, encarando a lava e tentando lembrar meu nome, mas os demônios marinhos me trouxeram de volta à realidade.

— Lá! — um deles gritou.

A turma toda de telquines atravessou correndo a ponte, em minha direção. Corri para o meio da plataforma, assustando os quatro demônios marinhos mais velhos, que deixaram cair a lâmina incandescente. Tinha quase dois metros e era

curva como uma lua crescente. Eu já tinha visto muitos objetos aterrorizantes, mas aquele sei-lá-o-quê inacabado me apavorou mais que tudo.

Os demônios mais velhos recuperaram-se do susto rapidamente. Havia quatro rampas que saíam da plataforma, e antes que eu pudesse disparar em qualquer direção cada um deles tinha coberto uma saída.

O mais alto rosnou.

— O que temos aqui? Um filho de Poseidon?

— Sim — grunhiu outro. — Posso sentir o cheiro do mar no sangue dele.

Levantei Contracorrente. Meu coração estava disparado.

— Acerte um de nós, semideus — disse o terceiro demônio —, e os outros farão picadinho de você. Seu pai nos traiu. Ele tirou nosso dom e se calou quando fomos mandados para o abismo. Vamos vê-lo cortado em pedaços. Ele e todos os outros olimpianos.

Desejei ter um plano. Desejei não ter mentido para Annabeth. Queria que ela saísse em segurança e esperava que tivesse sido suficientemente sensata para fazer isso. Mas agora eu começava a entender que aquele poderia ser o lugar onde eu morreria. Nada de profecias para mim. Eu seria derrotado no coração de um vulcão por uma matilha de homens-leões-marinhos com cabeça de cachorro. Os jovens telquines agora também estavam na plataforma, rosnando e esperando para ver como seus quatro membros seniores lidariam comigo.

Senti algo queimando na lateral de minha perna. O apito de gelo em meu bolso estava ficando mais frio. Se algum dia eu precisara de ajuda, era aquele. Mas hesitei. Não confiava no presente de Quintus.

— Vamos ver quanto ele é forte — disse o telquine mais alto, antes que eu pudesse me decidir. — Vamos ver quanto tempo ele leva para queimar!

Ele pegou um pouco de lava da fornalha mais próxima. Aquilo ateou fogo em seus dedos, mas isso em nada pareceu incomodá-lo. Os outros telquines mais velhos fizeram o mesmo. O primeiro atirou em mim um punhado de pedra derretida, que ateou fogo à minha calça. Dois outros acertaram meu peito. Larguei a espada completamente aterrorizado e comecei a bater em minhas roupas. O fogo estava me tragando. Para meu estranhamento, de início parecia apenas morno, mas a cada instante ficava mais quente.

— A natureza de seu pai o protege — um deles disse. — Torna você difícil de queimar. Mas não impossível, jovem. Não impossível.

Atiraram mais lava em mim, e eu me lembro de gritar. Meu corpo todo estava pegando fogo. A dor era pior do que qualquer sensação que eu já tivera. Eu estava sendo consumido. Desabei no piso de metal e ouvi os filhos dos demônios marinhos gritando de satisfação.

Então me lembrei da voz da náiade do rio no rancho: *A água está dentro de mim*.

Eu precisava do mar. Senti um repuxo no abdome, mas não havia nada à volta que pudesse me ajudar. Nenhuma torneira ou um rio. Dessa vez, nem mesmo uma concha petrificada. E, além disso, da última vez em que liberei meu poder, nos estábulos, houve aquele momento aterrador quando ele quase me escapou.

Eu não tinha escolha. Convoquei o mar. Voltei-me para dentro de mim e lembrei-me das ondas e das correntes, do infinito poder do oceano. E liberei tudo em um único e horrível grito.

Nunca consegui descrever exatamente o que aconteceu depois disso. Uma explosão, um *tsunami*, um furacão de poder simultaneamente me levantando e me atirando dentro da lava. Fogo e água colidiram, o vapor foi superaquecido e eu fui lançado do coração do vulcão em uma explosão imensa. Eu era apenas um dos despojos atirados para o alto por centenas de milhares de quilos de pressão. Minha última lembrança antes de perder a consciência foi de voar, voar tão alto que Zeus jamais teria me perdoado, e então comecei a cair. Fumaça, fogo e água fluíam de mim. Eu era um cometa que despencava na direção da Terra.

# DOZE

Tiro férias permanentes

Acordei com a sensação de que ainda estava pegando fogo. Minha pele ardia. Minha garganta parecia tão seca quanto areia.

Vi um céu azul e árvores acima de mim. Ouvi uma fonte gorgolejando e senti o cheiro de junípero, de cedro e de mais um punhado de outras plantas que têm aroma adocicado. Também ouvi ondas quebrando delicadamente em uma costa rochosa. Cogitei se não estaria morto, mas sabia que não. Eu já estivera na Terra dos Mortos, e lá não havia céu azul.

Tentei me sentar. Tinha a sensação de que meus músculos estavam derretendo.

— Fique quieto — disse uma voz de garota. — Você está fraco demais para se levantar.

Ela pôs um pano molhado em minha testa. Uma colher de bronze pairou acima de mim e um líquido gotejou em minha boca. A bebida aliviou minha garganta e deixou um agradável sabor achocolatado. Néctar dos deuses. Então o rosto da garota surgiu.

Os olhos eram amendoados, e o cabelo cor de caramelo estava arrumado em uma trança que caía sobre um dos ombros. Tinha… quinze anos? Dezesseis? Era difícil dizer. O rosto era daqueles que pareciam atemporais. Ela começou a cantar, e minha dor se dissipou. Estava fazendo magia. Eu podia sentir a música penetrando minha pele, curando e recuperando minhas queimaduras.

— Quem? — perguntei, a voz áspera.

— Psiu, destemido — disse ela. — Descanse e se recupere. Nada de mau vai lhe acontecer aqui. Eu sou Calipso.

Quando tornei a acordar, estava em uma gruta; mas, em se tratando de grutas, eu havia estado em muitas piores. O teto brilhava com formações de cristal de cores diferentes — branco, púrpura e verde, como se eu estivesse dentro de um daqueles pedaços de geode que se veem em lojas de lembrancinhas. Estava deitado em uma cama confortável com travesseiros de plumas e lençóis de algodão branco. A gruta era dividida em cômodos por cortinas de seda branca.

Encostados em uma das paredes estavam um grande tear e uma harpa. Em outra, havia prateleiras onde se viam jarros de frutas em conserva bem arrumadinhos. Ervas secas pendiam do teto: alecrim, tomilho e um punhado de outras. Minha mãe saberia dizer o nome de todas.

Havia uma lareira embutida na parede, e uma panela borbulhava sobre as chamas. Tinha um cheiro delicioso, como o de ensopado de carne.

Sentei-me, tentando ignorar a dor latejante na cabeça. Olhei para meus braços, certo de que estariam horrivelmente marcados, mas pareciam normais. Um pouco mais rosados do que de costume, nada de mais. Eu usava uma camiseta de algodão e calça branca com cadarços, que não eram minhas. Meus pés estavam descalços. Em um momento de pânico, perguntei-me o que havia acontecido com Contracorrente, mas tateei o bolso e lá estava minha caneta, exatamente onde sempre reaparecia.

Não só ela, mas também o apito para cães de gelo estígio. De alguma forma, ele havia me seguido. E isso não exatamente me tranquilizava.

Com dificuldade fiquei de pé. O chão de pedra era congelante. Eu me virei e me vi diante de um espelho de bronze polido.

— Santo Poseidon — murmurei.

Parecia que eu havia perdido dez quilos que eu não podia me dar o luxo de perder. Meu cabelo estava um ninho de ratos. Estava chamuscado nas pontas, como a barba de Hefesto. Se eu visse alguém com esse rosto pedindo dinheiro no cruzamento de uma estrada, teria trancado as portas do carro.

Dei as costas para o espelho. A entrada da gruta ficava à minha esquerda. Segui na direção da luz do dia.

A gruta tinha saída para uma campina verde. À esquerda havia um pequeno bosque de cedros e, à direita, um imenso jardim florido. Quatro fontes gorgolejavam na campina, todas com água jorrando das flautas de pedra de sátiros. Mais adiante, o gramado descia até uma praia rochosa. As ondas de um lago quebravam nas pedras. Eu sabia que era um lago porque… bem, eu simplesmente sabia. Água doce. Não salgada. O sol cintilava na água e o céu era do mais puro azul. Parecia um paraíso, o que imediatamente me deixou nervoso. Se você lida com questões mitológicas por alguns anos, aprende que os paraísos são, em geral, lugares onde você pode ser morto.

A garota de cabelo caramelo trançado, a que dissera se chamar Calipso, estava de pé na praia, conversando com alguém. Eu não podia vê-lo muito bem com a claridade resultante do sol refletido na água, mas pareciam estar discutindo. Tentei lembrar o que sabia sobre Calipso dos velhos mitos. Já ouvira aquele nome antes, mas… não conseguia lembrar. Seria um monstro? Será que ela

aprisionava heróis e os matava? Mas, se ela era do mal, por que eu ainda estava vivo?

Andei na direção dela lentamente, porque minhas pernas ainda estavam doloridas. Quando a grama deu lugar ao cascalho, olhei para o chão a fim de manter o equilíbrio, e ao levantar o rosto outra vez a garota estava sozinha. Usava um vestido sem mangas no estilo grego com um decote redondo baixo debruado em ouro. Ela esfregou os olhos, como se estivesse chorando.

— Bem — disse ela, tentando dar um sorriso —, o dorminhoco finalmente acordou.

— Com quem você estava falando? — Minha voz soava como um sapo que ficara algum tempo em um micro-ondas.

— Ah… era só um mensageiro — respondeu ela. — Como está se sentindo?

— Quanto tempo fiquei apagado?

— Tempo — ponderou Calipso. — O tempo é sempre uma questão difícil aqui. Honestamente, não sei, Percy.

— Você sabe meu nome?

— Você fala enquanto dorme.

Fiquei vermelho.

— É. Já me… hã, disseram isso antes.

— Sim. Quem é Annabeth?

— Hã… Uma amiga. Estávamos juntos quando… Espere! Como foi que cheguei aqui? Onde estou?

Calipso estendeu o braço e correu os dedos por meu cabelo danificado. Recuei, nervoso.

— Desculpe-me — disse ela. — É que me acostumei a cuidar de você. Quanto a como chegou aqui, você caiu do céu. Aterrissou na água, bem ali. — Ela apontou para o outro lado da praia. — Não sei como sobreviveu. Parece que a água amorteceu sua queda. Em relação a onde está, aqui é Ogígia.

Ela pronunciou bem devagar.

— Isso fica perto do Monte Santa Helena? — perguntei, pois era muito ruim em geografia.

Calipso riu. Foi uma risada contida, como se me achasse muito engraçado mas não quisesse me deixar constrangido. Era bem bonita quando ria.

— Não fica perto de nada, destemido — respondeu ela. — Ogígia é minha ilha-fantasma. Existe por si só, em qualquer lugar e em lugar nenhum. Você pode se curar aqui em segurança. Não precisa ter medo.

— Mas meus amigos…

— Annabeth — disse ela. — E Grover e Tyson?

— Sim! — respondi. — Preciso voltar até eles. Eles estão em perigo.

Ela tocou meu rosto, e dessa vez não recuei.

— Descanse, antes. Não será útil a seus amigos até que fique curado.

Assim que ela disse isso, percebi quanto estava cansado.

— Você não… você não é uma feiticeira do mal, é?

Ela sorriu, tímida.

— Por que você pensaria isso?

— Bem, uma vez encontrei Circe, que também tinha uma ilha bem bacana. Exceto pelo fato de ela gostar de transformar homens em porquinhos-da-índia.

Calipso deu a mesma risadinha.

— Prometo não transformá-lo em um porquinho-da-índia.

— Ou em qualquer outra coisa?

— Não sou uma feiticeira do mal — disse Calipso. — E não sou sua inimiga, destemido. Agora descanse. Seus olhos já estão fechando.

Ela estava certa. Meus joelhos cederam, e eu teria caído de cara no cascalho se Calipso não tivesse me segurado. Seu cabelo tinha aroma de canela. Ela era muito forte, ou talvez eu estivesse mesmo muito fraco e magro. Levou-me até um banco acolchoado perto da fonte e me ajudou a me deitar.

— Descanse — ordenou.

E eu adormeci ao som das fontes e com o aroma de canela e de junípero.

Quando acordei já era noite, mas eu não sabia se era do mesmo dia ou muitas noites depois. Estava na cama na gruta, levantei-me, enrolei um roupão no corpo e saí. As estrelas brilhavam — milhares delas, como só se veem no campo. Eu podia distinguir todas as constelações que Annabeth me ensinara: Capricórnio, Pégaso, Sagitário. E lá, perto do horizonte meridional, estava uma nova constelação: a Caçadora, um tributo a uma amiga morta no último inverno.

— Percy, o que está olhando?

Voltei meus olhos para a terra. Por mais incríveis que estivessem as estrelas, Calipso estava duas vezes mais brilhante. Bem, eu já vira a própria deusa do amor, Afrodite, e nunca diria isso em voz alta, sob pena de ela me transformar em cinzas, mas para mim Calipso era muito mais bonita, por parecer tão natural, como se não estivesse tentando parecer bonita e nem mesmo ligasse para isso. Ela simplesmente era. Com o cabelo trançado e o vestido branco, parecia brilhar ao luar. Segurava uma planta minúscula, de flores prateadas e delicadas.

— Eu só estava olhando… — Surpreendi-me fitando o rosto dela. — Hã…

esqueci.

Ela riu com doçura.

— Bem, já que está de pé, pode me ajudar a plantar isto.

Ela me entregou a planta, que tinha um torrão de terra nas raízes. As flores cintilavam enquanto eu as segurava. Calipso pegou a pá de jardinagem e levou-a à extremidade do jardim, onde começou a cavar.

— Isto é enlace lunar — explicou Calipso. — Só pode ser plantada à noite.

Observei a luz prateada tremeluzir em torno das pétalas.

— O que ela faz?

— Faz? — refletiu Calipso. — Na verdade, ela não *faz* nada, eu suponho. Ela vive, dá luz, oferece beleza. Precisa fazer algo mais?

— Creio que não — eu disse.

Ela pegou a planta, e nossas mãos se encontraram. Seus dedos eram quentes. Ela plantou o enlace lunar e deu um passo atrás, examinando o trabalho.

— Adoro meu jardim.

— É incrível — concordei. Bem, eu não era exatamente fã de jardins, mas Calipso tinha caramanchões cobertos com rosas de seis cores diferentes, treliças cheias de madressilvas, fileiras de videira repletas de uvas vermelhas e roxas que teriam feito Dioniso se ajoelhar.

— Lá em casa — eu disse —, minha mãe sempre quis um jardim.

— Por que ela não planta um?

— Bem, moramos em Manhattan. Em um apartamento.

— Manhattan? Apartamento?

Fitei-a.

— Você não sabe do que estou falando, sabe?

— Receio que não. Eu não saio de Ogígia há… há muito tempo.

— Bem, Manhattan é uma cidade grande, sem muito espaço para jardins.

Calipso franziu a testa.

— Que triste. Hermes aparece aqui de vez em quando. E me conta que o mundo lá fora mudou muito. Mas eu não sabia que tinha mudado tanto que não se pode ter jardins.

— Por que você não sai da ilha?

Ela baixou os olhos.

— É meu castigo.

— Por quê? O que você fez?

— Eu? Nada. Mas receio que meu pai tenha feito muito. O nome dele é Atlas.

O nome fez um arrepio percorrer minhas costas. Eu havia conhecido o titã

Atlas no inverno anterior, e não fora um encontro feliz. Ele tentara matar quase todo mundo de quem eu gostava.

— Ainda assim — eu disse, hesitante —, não é justo punir você pelo que seu pai fez. Conheci outra filha de Atlas. O nome dela era Zoë. Era uma das pessoas mais corajosas que já vi.

Calipso me observou por um longo momento. Seus olhos estavam tristes.

— O que foi? — perguntei.

—Você… você já está curado, meu destemido? Acha que estará pronto para partir em breve?

— O quê? — perguntei. — Não sei. — Movimentei minhas pernas. Ainda estavam doloridas. Eu já estava me sentindo tonto por ficar tanto tempo de pé. — Quer que eu vá?

— Eu… — Sua voz falhou. — Vejo você de manhã. Durma bem.

E saiu correndo para a praia. Eu estava confuso demais para tomar qualquer providência além de observá-la até que desaparecesse na escuridão.

Não sei exatamente quanto tempo se passou. Como disse Calipso, era difícil precisá-lo na ilha. Eu sabia que deveria ir embora. Na melhor das hipóteses, meus amigos estariam preocupados. Na pior, poderiam estar em grave perigo. Eu nem sabia se Annabeth tinha conseguido sair do vulcão. Tentei usar meu elo de empatia com Grover várias vezes, mas não conseguia fazer contato. Odiava não saber se todos estavam bem.

Por outro lado, eu estava mesmo fraco. Não conseguia ficar de pé mais que algumas horas. O que quer que eu tivesse feito no Monte Santa Helena, havia me esgotado como nenhuma outra experiência anterior.

Não me sentia um prisioneiro ou algo assim. Lembrei-me do Hotel e Cassino Lótus, em Las Vegas, onde eu fora seduzido por um incrível mundo de jogos até quase esquecer tudo que me interessava. Mas a Ilha de Ogígia não era em nada semelhante àquilo. Pensava em Annabeth, Grover e Tyson com frequência. Lembrava exatamente por que eu precisava ir embora. Eu simplesmente… não podia. E ainda havia Calipso.

Ela nunca falava muito sobre si mesma, mas isso só me fazia querer saber mais. Eu me sentava na campina, bebericando néctar, e tentava me concentrar nas flores, nas nuvens ou nos reflexos no lago, mas na verdade estava era olhando Calipso enquanto ela trabalhava, a forma como jogava o cabelo sobre o ombro e a mecha que lhe caía no rosto sempre que se ajoelhava para cavar a terra. Às vezes, ela estendia a mão e pássaros vinham da floresta para pousar em

seu braço — periquitos, papagaios, pombos. Ela lhes dava bom-dia, perguntava como estava o ninho, eles gorjeavam por um tempo e então voavam cantando alegremente. Os olhos de Calipso brilhavam. Ela me olhava e trocávamos um sorriso, mas quase imediatamente ela ficava de novo com aquela expressão triste e desviava os olhos. Eu não compreendia o que a chateava.

Uma noite estávamos jantando juntos na praia. Criados invisíveis haviam arrumado a mesa com ensopado de carne e sidra, o que pode não parecer muito apetitoso — mas só se você nunca tiver experimentado. Eu não havia notado os criados invisíveis ao chegar à ilha, mas depois de algum tempo comecei a perceber que as camas se arrumavam sozinhas, refeições surgiam do nada, roupas eram lavadas e dobradas por mãos transparentes.

Bem, Calipso e eu estávamos sentados à mesa, e ela estava linda à luz de velas. Eu lhe contava sobre Nova York e o Acampamento Meio-Sangue e então comecei a falar sobre a ocasião em que Grover comeu a maçã com que brincávamos de bobo. Ela riu, exibindo seu incrível sorriso, e nossos olhos se encontraram. Então ela baixou o olhar.

— De novo — eu disse.

— O quê?

—Você fica fugindo, como se estivesse tentando não se divertir.

Ela manteve os olhos fixos no copo de sidra.

— Como eu lhe disse, Percy, fui punida. Amaldiçoada, se preferir.

— Como? Diga. Quero ajudar.

— Não diga isso. Por favor, não diga isso.

— Diga-me qual é a punição.

Ela cobriu o ensopado ainda pela metade com um guardanapo, e imediatamente um servo invisível retirou a tigela.

— Percy, esta ilha, Ogígia, é meu lar, o lugar onde nasci. Mas também é minha prisão. Eu vivo sob… prisão domiciliar, acho que vocês chamariam assim. Nunca visitarei essa sua Manhattan. Nem nenhum outro lugar. Estou sozinha aqui.

— Porque seu pai é Atlas.

Ela assentiu.

— Os deuses não confiam em seus inimigos. E com toda razão. Eu não devo me queixar. Algumas das prisões não são nem de longe tão boas quanto a minha.

— Mas isso não é justo — eu disse. — Só porque você é parente não quer dizer que o apoie. Essa outra filha dele que conheci, Zoë Doce-Amarga, lutou contra ele. Não vivia aprisionada.

— Mas, Percy — disse Calipso num tom delicado —, eu o apoiei, *sim*, na

primeira guerra. Ele é meu pai.

— *O quê?* Mas os titãs são maus!

— São? Todos eles? O tempo todo? — Ela franziu os lábios. — Diga-me, Percy. Eu não tenho nenhuma vontade de discutir com você. Mas você apoia os deuses porque eles são bons ou porque são sua família?

Não respondi. O argumento dela fazia sentido. No inverno passado, depois de Annabeth e eu termos salvado o Olimpo, os deuses reuniram o Conselho para decidir se deviam ou não me matar. Aquilo não fora exatamente bom. Mas, ainda assim, eu tinha a sensação de que os apoiava, porque Poseidon era meu pai.

— Talvez eu estivesse errada na guerra — disse Calipso. — E, justiça seja feita, os deuses têm me tratado bem. Eles me visitam de tempos em tempos. Trazem-me notícias do mundo lá fora. Mas podem ir embora. E eu não.

— Você não tem amigos? — perguntei. — Quer dizer, ninguém mais gostaria de viver aqui com você? É um lugar legal.

Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Eu… eu prometi a mim mesma que não falaria sobre isso. Mas…

Ela foi interrompida por um estrondo, vindo de algum lugar no lago. Um ponto luminoso surgiu no horizonte e foi ficando cada vez mais brilhante, até que pude ver uma coluna de fogo deslizando sobre a superfície da água, vindo em nossa direção.

Levantei-me e levei a mão à espada.

— O que é aquilo?

Calipso suspirou.

— Um visitante.

Quando a coluna de fogo alcançou a praia, Calipso ficou de pé e lhe fez uma mesura formal. As chamas se dissiparam e, de pé diante de nós, estava um homem de macacão cinza, com uma braçadeira de metal na perna, a barba e o cabelo em lenta combustão.

— Senhor Hefesto — disse Calipso. — Esta é uma honra rara.

O deus do fogo grunhiu.

— Calipso. Linda como sempre. Você poderia nos dar licença, por favor, minha querida? Preciso ter uma palavrinha com nosso jovem Percy Jackson.

Hefesto sentou-se, desajeitado, à mesa do jantar e pediu uma Pepsi. O criado invisível trouxe uma lata, abriu-a rápido demais e espirrou a bebida por toda a roupa de trabalho do deus. Hefesto rugiu, cuspiu algumas maldições e lançou a lata longe.

— Criados estúpidos — ele murmurou. — Bons autômatos, é disso que ela precisa. Eles nunca erram!

— Hefesto — eu disse —, o que está acontecendo? Annabeth…

— Ela está bem — ele respondeu. — Garota engenhosa, aquela. Encontrou o caminho de volta. Contou-me toda a história. Está morta de preocupação, você sabe.

— Não lhe disse que estou bem?

— Isso não cabe a mim — afirmou Hefesto. — Todos pensam que você está morto. Eu precisava ter certeza de que você voltaria antes de começar a dizer a todos onde você estava.

— O que quer dizer? — perguntei. — É claro que vou voltar!

Hefesto me fitou com ceticismo. Pegou algo no bolso — um disco de metal do tamanho de um iPod. Apertou um botão e o objeto se expandiu, tornando-se uma minitevê de bronze. Na tela, via-se a imagem do Monte Santa Helena, uma imensa pluma de fogo e cinzas ascendendo ao céu.

— *Ainda não há certeza quanto a outras erupções* — dizia o apresentador do telejornal —, *as autoridades ordenaram a evacuação de quase meio milhão de pessoas como precaução. Enquanto isso, as cinzas já alcançaram o Lago Tahoe e Vancouver, e toda a área do Monte Santa Helena está fechada ao tráfego em um raio de cento e cinquenta quilômetros. Embora nenhuma morte tenha sido notificada, ferimentos leves e doenças incluem…*

Hefesto desligou o aparelho.

— Você causou uma explosão e tanto.

Eu fitava a tela de bronze apagada. Meio milhão de pessoas evacuadas? Ferimentos. Doenças. O que eu tinha feito?

— Os telquines foram dispersados — disseme o deus. — Alguns acabaram pulverizados. Outros escaparam, sem dúvida. Não creio que usarão minha forja tão cedo agora. Por outro lado, tampouco eu posso usá-la. A explosão fez Tífon agitar-se em seu sono. Precisamos esperar e ver…

— Eu não poderia tê-lo libertado, poderia? Quer dizer, não sou assim tão poderoso!

— Ah, não é tão poderoso? — o deus resmungou. — Está brincando comigo. Você é filho do deus dos terremotos, rapaz. Não conhece sua própria força.

Essa era a última coisa que eu queria que ele falasse. Eu não tivera controle sobre mim mesmo naquela montanha. Havia liberado tanta energia que quase me transformara em vapor, drenara de mim toda a vida. Agora eu descobria que quase destruíra o noroeste americano e quase acordara o monstro mais terrível já aprisionado pelos deuses. Talvez eu fosse perigoso demais. Talvez fosse mais

seguro para meus amigos pensar que eu estava morto.

— E quanto a Grover e Tyson? – perguntei.

Hefesto sacudiu a cabeça.

— Nenhuma notícia, lamento. Suponho que ainda estejam no Labirinto.

— Então, o que devo fazer?

Hefesto estremeceu.

— Nunca peça conselho a um velho aleijado, rapaz. Mas isso eu vou lhe dizer. Conhece minha mulher?

— Afrodite.

— Ela mesma. Ela é astuta, rapaz. Tome cuidado com o amor. Ele distorce suas ideias e faz você pensar que em cima é embaixo e que o certo é errado.

Pensei em meu encontro com Afrodite no deserto, no banco traseiro de um Cadillac branco, no ano anterior. Ela me dissera que tinha um interesse especial por mim e que dificultaria minha vida amorosa simplesmente porque gostava de mim.

— Isto faz parte do plano dela? — perguntei. — Foi ela quem me fez cair aqui?

— Possivelmente. É difícil dizer quando se trata dela. Mas para o caso de você resolver sair daqui, e não estou dizendo que isso seja certo ou errado, eu havia lhe prometido uma resposta, por sua missão. Prometi-lhe o caminho até Dédalo. Bem, a questão é: minha resposta nada tem a ver com o fio de Ariadne. Não mesmo. Certamente, o fio funciona. É atrás dele que o exército do Titã irá. Mas a melhor forma de se orientar no Labirinto… Teseu teve a ajuda da princesa. E ela era uma simples mortal. Nem uma gota de sangue dos deuses nas veias. Mas era inteligente, e conseguiu enxergar, rapaz. Conseguiu enxergar com muita clareza. Então, o que eu estou dizendo… é que acho que você sabe como se nortear no Labirinto.

Finalmente entendi. Por que não vira isso antes? Hera tinha razão. A resposta estava ali o tempo todo.

— Sim — eu disse. — Sim, eu sei.

— Então você precisa decidir se vai embora ou não.

— Eu…

Eu queria dizer que sim. É claro que iria. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Peguei-me olhando para o lago, e de repente a ideia de partir me pareceu muito difícil.

— Não resolva ainda — aconselhou Hefesto. — Espere até o dia amanhecer. O nascer do dia é uma boa hora para tomar decisões.

— Dédalo vai nos ajudar? — perguntei. — Quer dizer, se ele der a Luke um

meio de se orientar no Labirinto, estamos liquidados. Vi em um sonho que… Dédalo matou o sobrinho. Tornou-se um homem amargo, colérico e…

— Não é simples ser um inventor brilhante — resmungou Hefesto. — Sempre sozinho. Sempre incompreendido. É fácil tornar-se amargo, cometer erros horríveis. É mais difícil trabalhar com pessoas que com máquinas. E quando você destrói uma pessoa, não pode consertá-la.

Hefesto limpou as últimas gotas de Pepsi do macacão.

— Dédalo começou muito bem. Ajudou a Princesa Ariadne e Teseu porque teve pena deles. Tentou fazer uma boa ação. E tudo na vida dele deu errado por causa disso. É justo? — O deus deu de ombros. — Não sei se Dédalo vai ajudar vocês, rapaz, mas não julgue ninguém até ter estado em sua forja e trabalhado com seu martelo, o.k.?

— Eu vou… vou tentar.

Hefesto ficou de pé.

— Até logo, rapaz. Você fez bem ao destruir os telquines. Para mim, sempre será lembrado por isso.

Aquele “até logo” soou bastante conclusivo. Então ele se transformou em uma coluna de chamas, e o fogo deslizou sobre a água, voltando para o mundo lá fora.

Caminhei ao longo da praia por várias horas. Quando finalmente voltei à campina, era já muito tarde, talvez umas quatro ou cinco da manhã, mas Calipso ainda estava no jardim, cuidando das flores à luz das estrelas. Seu enlace lunar brilhava, prateado, e as outras plantas respondiam à magia, brilhando vermelhas, amarelas e azuis.

— Ele ordenou que você voltasse — adivinhou Calipso.

— Bem, não exatamente ordenou. Ele me deu uma escolha.

Os olhos dela encontraram os meus.

— Prometi que não ofereceria.

— Oferecer o quê?

— A você que fique.

— Ficar — eu disse. — Tipo… para sempre?

—Você seria imortal nesta ilha — ela disse baixinho. — Nunca envelheceria ou morreria. Poderia deixar a luta para os outros, Percy Jackson. Poderia escapar à sua profecia.

Eu a fitei, atônito.

— Assim, simplesmente?

Ela assentiu.

— Assim, simplesmente.

— Mas… meus amigos.

Calipso se levantou e segurou minha mão. Seu toque enviou uma onda de calor por meu corpo.

— Você perguntou sobre a minha maldição, Percy. Eu não queria lhe dizer, mas a verdade é que os deuses me mandam companhia de tempos em tempos. A cada mil anos, aproximadamente, eles permitem que um herói seja trazido até minhas praias, alguém que precise de minha ajuda. Cuido dele e me torno sua amiga, mas nunca é por acaso. As Parcas cuidam para que o tipo de herói que enviam…

Sua voz tremeu, e ela teve de parar.

Apertei mais a mão dela.

— O que foi? O que eu fiz para deixar você triste?

— Elas enviam uma pessoa que não pode ficar — ela sussurrou. — Que não pode aceitar minha oferta de companhia por mais do que algum tempo. Elas me mandam um herói por quem eu não consigo… o tipo de pessoa por quem não consigo evitar me apaixonar.

A noite estava silenciosa, exceto pelo gorgolejo das fontes e pelas ondas batendo na praia. Levei muito tempo para perceber o que ela estava dizendo.

— Eu? — perguntei.

— Se pudesse ver seu rosto. — Ela reprimiu um sorriso, embora os olhos ainda estivessem lacrimosos. — É claro que é você.

— É por isso que você vem fugindo de mim o tempo todo?

— Tentei com afinco. Mas não consegui. As Parcas são cruéis. Elas me mandaram você, meu destemido, sabendo que você partiria meu coração.

— Mas… eu sou apenas… quer dizer, sou apenas *eu*.

— Isso basta — garantiu Calipso. — Disse a mim mesma que não falaria disso. Deixaria você ir sem lhe oferecer que ficasse. Mas não posso. Suponho que as Parcas sabiam disso também. Você poderia ficar comigo, Percy. Receio que esta seja a única maneira de me ajudar.

Olhei para o horizonte. Os primeiros veios vermelhos da aurora iluminavam o céu. Eu poderia ficar ali para sempre, desaparecer da Terra. Poderia viver com Calipso, com criados invisíveis satisfazendo todas as minhas necessidades. Poderíamos cultivar flores no jardim, conversar com os pássaros e andar pela praia sob um céu perfeitamente azul. Sem guerras. Sem profecias. Sem tomar partido.

— Não posso — eu lhe disse.

Ela baixou os olhos, triste.

— Eu nunca faria nada para magoá-la — continuei —, mas meus amigos precisam de mim. Sei como ajudá-los agora. Preciso voltar.

Ela colheu uma flor do jardim — um pequeno ramo de enlace lunar prateado. Seu brilho se apagava à medida que o sol se erguia. *O nascer do dia é uma boa hora para tomar decisões*, dissera Hefesto. Calipso enfiou a flor no bolso de minha camiseta.

Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na testa, como uma bênção.

— Então venha para a praia, meu herói. E vamos colocá-lo em seu caminho.

A jangada era uma plataforma de um metro quadrado feita de troncos amarrados, com um poste como mastro e uma simples vela de linho branco. Não parecia resistente o bastante para o mar, ou mesmo para o lago.

— Vai levá-lo aonde você quiser — prometeu Calipso. — É bastante segura.

Peguei sua mão, mas ela a puxou da minha.

— Talvez eu possa visitá-la — disse.

Ela sacudiu a cabeça.

— Nenhum homem encontra Ogígia duas vezes, Percy. Quando partir, nunca mais o verei.

— Mas…

— Vá, por favor. — Sua voz falhou. — As Parcas são cruéis, Percy. Apenas se lembre de mim. — Então um leve vestígio de seu sorriso voltou. — Plante um jardim em Manhattan por mim, o.k.?

— Eu prometo.

Subi na jangada. Imediatamente ela começou a se afastar da praia.

Enquanto velejava, avançando no lago, eu me dei conta de que as Parcas eram mesmo cruéis. Elas enviavam para Calipso alguém que ela não conseguiria deixar de amar. Mas era uma via de mão dupla. Pelo restante da vida eu pensaria nela. Calipso seria sempre meu maior “e se…”.

Em minutos a Ilha de Ogígia estava perdida na névoa. Eu velejava sozinho em direção ao sol nascente.

Então disse à jangada para onde ir. Falei o nome do único lugar que me ocorreu, pois eu precisava de consolo e de amigos.

— Acampamento Meio-Sangue — anunciei. — Leve-me para casa.

# TREZE

Contratamos um novo guia

Horas mais tarde minha jangada alcançou o Acampamento Meio-Sangue. Como cheguei lá, não tenho a menor ideia. Em algum ponto, a água do lago simplesmente se transformou em água salgada. O familiar litoral de Long Island surgiu à frente, e dois grandes e amistosos tubarões-brancos subiram à superfície e me conduziram na direção da praia.

Quando desembarquei, o acampamento parecia deserto. Era fim de tarde, mas a área para a prática de arco e flecha estava vazia. A parede de escalada vertia lava e ribombava, sem ninguém. Pavilhão: nada. Chalés: todos vazios. Então percebi a fumaça que subia do anfiteatro. Cedo demais para uma fogueira, e não achei que estivessem assando *marshmallows.* Corri naquela direção.

Antes mesmo de chegar lá ouvi Quíron fazendo um anúncio. Parei subitamente quando percebi o que ele estava falando.

— … presumimos que ele esteja morto — disse Quíron. — Depois de tanto tempo em silêncio, é pouco provável que nossas preces sejam atendidas. Pedi à sua melhor amiga sobrevivente que fizesse as honras finais.

Aproximei-me pelos fundos do anfiteatro. Ninguém me viu. Estavam todos olhando para a frente, observando Annabeth pegar um longo manto mortuário de seda verde bordado com um tridente e atear fogo nele. Estavam queimando minha mortalha.

Annabeth virou-se de frente para os ouvintes. Tinha uma aparência horrível. Seus olhos estavam inchados de chorar, mas ela conseguiu dizer: — Ele provavelmente foi o amigo mais corajoso que já tive. Ele… — E então me viu. Seu rosto ficou vermelho como sangue. — Ele está ali!

Cabeças se viraram. Pessoas arfavam.

— Percy! — Beckendorf sorriu.

Um bando de outros garotos se amontoou à minha volta, dando-me tapinhas nas costas. Ouvi algumas maldições do chalé de Ares, mas Clarisse limitou-se a revirar os olhos, como se não acreditasse que eu tivera o descaramento de sobreviver. Quíron aproximou-se galopando e todos abriram caminho para ele.

— Bem — ele suspirou com alívio óbvio. — Não creio que já tenha me sentido tão feliz com a volta de um campista. Mas você precisa me dizer…

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — interrompeu Annabeth, empurrando os outros campistas. Pensei que ela fosse me dar um soco, mas em vez disso me abraçou com tanta força que quase quebrou minhas costelas. Os outros ficaram em silêncio. Annabeth pareceu perceber que estava fazendo uma cena e então me afastou. — Eu… nós pensamos que estivesse morto, Cabeça de Alga!

— Desculpem-me — eu disse. — Estava perdido.

— PERDIDO? — ela gritou. — Por duas semanas, Percy? Em que raios…

— Annabeth — interrompeu-a Quíron. — Talvez devêssemos discutir isso em um lugar mais discreto, não? Vocês todos, de volta a suas atividades normais!

Sem esperar que protestássemos, ele pegou Annabeth e a mim tão facilmente quanto se fôssemos gatinhos, atirou-nos sobre seu dorso e partiu a galope para a Casa Grande.

Não contei a eles toda a história. Eu simplesmente não consegui falar sobre Calipso. Expliquei como provoquei a explosão no Monte Santa Helena e fui expelido do vulcão. Contei-lhes que fiquei isolado em uma ilha até que Hefesto me encontrou e me disse que podia partir. Uma jangada mágica me levou de volta ao acampamento.

Tudo isso era verdade, mas, enquanto contava, fiquei com a palma das mãos suada.

— Você ficou desaparecido por duas semanas. — A voz de Annabeth agora estava mais firme, mas ela ainda parecia bastante abalada. — Quando ouvi a explosão pensei…

— Eu sei — eu disse. — Desculpe-me. Mas descobri como se orientar no Labirinto. Conversei com Hefesto.

— Ele lhe disse a resposta?

— Bem, de certa forma. Ele disse que eu já sabia. E eu sei. Agora entendi.

Contei-lhes minha ideia.

O queixo de Annabeth caiu.

— Percy, isso é loucura!

Quíron recostou-se em sua cadeira de rodas e afagou a barba.

— Há precedentes, porém. Teseu teve a ajuda de Ariadne. Harriet Tubman, filha de Hermes, usou muitos mortais em sua Ferrovia Clandestina pela mesma simples razão.

— Mas essa é a *minha* missão — disse Annabeth. — *Eu* preciso liderá-la.

— Minha querida, é sua missão. — Quíron parecia pouco à vontade. — Mas você precisa de ajuda.

— E espera que *isso* ajude? Por favor! É errado. É covarde. É…

— É difícil admitir que precisamos da ajuda de um mortal — eu disse. — Mas é verdade.

Annabeth me olhou, furiosa.

— Você é a *pessoa mais irritante* que já conheci! — E saiu da sala, enfurecida.

Fiquei olhando o vão da porta. Minha vontade era de chutar algo.

— Já era a história de ser o amigo mais corajoso que ela teve…

— Ela vai se acalmar — garantiu Quíron. — Ela está com ciúme, meu garoto.

— Isso é estupidez. Ela não é… não é como…

Quíron deu uma risada.

— Isso não importa. Annabeth é muito possessiva em relação aos amigos, caso não tenha percebido. Ficou muito preocupada com você. E agora que você está de volta, acho que ela suspeita onde esteve isolado.

Olhei-o nos olhos e vi que Quíron havia descoberto sobre Calipso. Era difícil esconder algum segredo de um cara que vinha treinando heróis havia três mil anos. Ele já vira praticamente de tudo.

— Não vamos discutir suas escolhas — disse Quíron. — Você voltou. É o que importa.

— Diga isso a Annabeth.

Quíron sorriu.

— De manhã vou pedir a Argos que leve vocês dois a Manhattan. Você deve ir ver sua mãe, Percy. Ela está… perturbada, o que é compreensível.

Meu coração palpitou. Em todo aquele tempo na ilha de Calipso eu nunca nem pensei em como minha mãe estaria se sentindo. Provavelmente, pensava que eu estivesse morto. Devia estar arrasada. O que havia de errado comigo, que nem sequer considerara isso?

— Quíron — falei —, e quanto a Grover e Tyson? Você acha…

— Não sei, meu garoto. — Quíron olhou para a lareira vazia. — Juníper está bastante aflita. Os galhos dela estão ficando todos amarelos. O Conselho dos Anciãos de Casco Fendido revogou *in absentia* a licença de buscador de Grover. Supondo-se que ele volte vivo, irão forçá-lo a um exílio vergonhoso. — Ele suspirou. — No entanto, Grover e Tyson são muito engenhosos. Ainda podemos ter esperanças.

— Eu não devia tê-los deixado ir.

— Grover tem seu próprio destino, e Tyson foi bravo em segui-lo. Você saberia se Grover estivesse em perigo mortal, não acha?

— Suponho que sim. O elo de empatia. Mas…

— Tem mais um fato que eu preciso lhe contar, Percy — afirmou ele. — Na verdade, dois fatos desagradáveis.

— Ótimo.

— Chris Rodriguez, nosso hóspede…

Lembrei-me do que tinha visto no porão, Clarisse tentando conversar com ele enquanto Chris balbuciava frases sobre o Labirinto.

— Ele morreu?

— Ainda não — disse Quíron, sombrio. — Mas está muito pior. Agora está na enfermaria, fraco demais até para se mexer. Precisei mandar Clarisse retornar às atividades regulares porque ela ficava o tempo todo na cabeceira dele. Ele não reage a nada. Não come nem bebe. Nenhum de meus medicamentos ajuda. Ele simplesmente perdeu a vontade de viver.

Estremeci. Apesar de todos os problemas que tive com Clarisse, eu me senti péssimo por ela. Ela se empenhara tanto em ajudá-lo. E agora que eu já estivera no Labirinto, podia entender por que fora tão fácil para o fantasma de Minos levar Chris à loucura. Se eu estivesse perambulando por lá sozinho, sem a ajuda de meus amigos, nunca teria conseguido sair.

— Lamento dizer — continuou Quíron — que a outra notícia é ainda menos agradável. Quintus desapareceu.

— Desapareceu? Como?

— Há três noites ele entrou furtivamente no Labirinto. Juníper viu. Parece que você estava certo sobre ele.

— Ele é espião de Luke. — Contei a Quíron sobre o Rancho Triplo G, onde Quintus havia comprado seus escorpiões, e que Geríon vinha fornecendo suprimentos para o exército de Cronos.

— Não pode ser coincidência.

Quíron suspirou profundamente.

— Tantas traições! Eu tinha esperanças de que Quintus provasse que era um amigo. Parece que julguei mal.

— E quanto à sra. O'Leary? — perguntei.

— O cão infernal ainda está na arena. Não deixa ninguém se aproximar. Não tive coragem de colocá-lo à força em uma jaula… ou de destruí-lo.

— Quintus não a deixaria para trás assim, simplesmente.

— Como eu disse, Percy, parece que estávamos enganados a respeito dele. Agora você precisa se preparar para amanhã cedo. Você e Annabeth ainda têm

muito que fazer.

Deixei-o em sua cadeira de rodas, fitando a lareira com o olhar triste. Imaginei quantas vezes ele havia se sentado ali, esperando heróis que nunca voltaram.

Antes do jantar, passei na arena de esgrima. Como previ, lá estava a sra. O'Leary, enroscada como um enorme monte de pelo preto no meio do estádio, mastigando, indiferente, a cabeça de um boneco-alvo.

Quando ela me viu, latiu e veio saltitando em minha direção. Pensei que eu fosse virar um cadáver. Só tive tempo de dizer "Ô!" antes que ela me derrubasse e começasse a lamber meu rosto. Em geral, por ser filho de Poseidon, eu só fico molhado quando quero, mas meus poderes aparentemente não se estendem a saliva de cachorro, porque tomei um bom banho.

— Ô, garota! — gritei. — Não consigo respirar. Deixe-me ficar de pé!

Por fim, consegui tirá-la de cima de mim. Cocei-lhe as orelhas e encontrei para ela um biscoito gigante de cachorro.

— Onde está seu dono? — perguntei. — Como ele pôde abandoná-la, hein?

Ela choramingou, como se também quisesse a resposta. Eu estava pronto para acreditar que Quintus fosse inimigo, mas ainda não conseguia compreender por que ele deixara a sra. O'Leary para trás. Se eu tinha uma certeza, era de que ele gostava de verdade daquele megacachorro.

Fiquei pensando naquilo e limpando de meu rosto a baba do cão com uma toalha quando uma voz feminina disse: — Você tem sorte de ela não ter arrancado sua cabeça com uma mordida.

Clarisse estava de pé, com a espada e o escudo, do outro lado da arena.

— Ontem vim aqui treinar— resmungou ela. — Essa cadela tentou me engolir.

— Ela é inteligente — eu disse.

— Engraçado.

Clarisse veio em nossa direção. A sra. O'Leary rosnou, mas eu lhe dei uns tapinhas na cabeça e a acalmei.

— Estúpido cão infernal — disse Clarisse. — Não vai me impedir de treinar.

— Eu soube do Chris — falei. — Sinto muito.

Clarisse deu uma volta pela arena. Quando se aproximou do boneco que estava mais perto, ela o atacou violentamente, arrancando-lhe a cabeça com um único golpe e atravessando com a espada seu abdome. Ela puxou a espada de volta e continuou a caminhar.

— É, bem, às vezes as coisas dão errado. — Sua voz estava trêmula. —

Heróis se machucam. Eles… eles morrem, e os monstros continuam voltando.

Ela pegou um dardo e o atirou do outro lado da arena, cravando-o no capacete do boneco, bem entre os orifícios para os olhos.

Ela havia chamado Chris de herói, como se ele nunca tivesse passado para o lado dos titãs. Isso me fez lembrar como Annabeth, às vezes, se referia a Luke. Resolvi não comentar o assunto.

— Chris era corajoso — eu disse. — Espero que melhore.

Ela me lançou um olhar furioso, como se eu fosse seu próximo alvo. A sra. O'Leary rosnou.

— Faça-me um favor — pediu Clarisse.

— Sim, claro.

— Se encontrar Dédalo, não confie nele. Não lhe peça ajuda. Simplesmente o mate.

— Clarisse…

— Porque, qualquer um que possa criar algo como o Labirinto, Percy, essa pessoa é do mal. É pura e simplesmente má.

Por um segundo ela me fez recordar Euritíon, o vaqueiro, seu meio-irmão muito mais velho. Tinha o mesmo olhar severo, como se a tivessem usado pelos últimos dois mil anos e estivesse ficando cansada disso. Ela guardou a espada na bainha.

— O treino acabou. Daqui para a frente é de verdade.

Naquela noite dormi em meu próprio beliche, e pela primeira vez desde a ilha de Calipso os sonhos me vieram.

Eu estava na sala de audiência de um rei — uma grande câmara branca com colunas de mármore e um trono de madeira. Sentado nele estava um sujeito gorducho com cabelos vermelhos encaracolados e uma coroa de louros. A seu lado viam-se três garotas que pareciam suas filhas. Todas tinham o mesmo cabelo ruivo e vestiam túnicas azuis.

As portas se abriram com um rangido e um arauto anunciou:

— Minos, Rei de Creta!

Eu fiquei tenso, mas o homem no trono limitou-se a sorrir para as filhas.

— Mal posso esperar para ver a cara dele.

Minos, o canalha real em pessoa, entrou na sala. Era tão alto e sério que fazia o outro rei parecer um bobalhão. A barba pontuda de Minos estava grisalha. Ele parecia mais magro do que em meu último sonho, e suas sandálias estavam enlameadas, mas o mesmo brilho cruel cintilava em seus olhos.

Ele curvou-se rigidamente para o homem no trono.

— Rei Cócalo. Pelo que entendi, o senhor desvendou meu pequeno enigma.

Cócalo sorriu.

— Nem um pouco *pequeno*, Minos. Principalmente quando o senhor anuncia pelos quatro cantos do mundo que está disposto a pagar mil talentos de ouro para quem conseguir resolvê-lo. A oferta é verdadeira?

Minos bateu palmas. Dois guardas musculosos entraram, carregando com dificuldade uma grande caixa de madeira. Colocaram-na aos pés de Cócalo e abriram. Pilhas de barras de ouro cintilavam. Deviam valer uns zilhões de dólares.

Cócalo assoviou, admirado.

— O senhor deve ter levado seu reino à falência para pagar essa recompensa, meu amigo.

— Isso não é assunto seu.

Cócalo deu de ombros.

— O enigma era bastante simples, na verdade. Um de meus criados o resolveu.

— Pai — advertiu uma das garotas. Parecia a mais velha, ligeiramente mais alta que as outras.

Cócalo a ignorou. Pegou uma concha espiralada das dobras de sua túnica. Um fio de prata havia sido introduzido na concha, de forma que ela pendia como uma imensa conta em um cordão.

Minos deu um passo à frente e pegou a concha.

— Um de seus criados, o senhor disse? Como foi que ele passou o fio sem quebrar a concha?

— Usou uma formiga, pode acreditar. Amarrou um fio de seda na pequena criatura e a convenceu a atravessar a concha colocando mel do outro lado.

— Homem engenhoso — disse Minos.

— Ah, de fato. É o tutor de minhas filhas. Elas gostam muito dele.

Os olhos de Minos se tornaram frios.

— Eu me preocuparia com isso.

Eu queria avisar Cócalo: *Não confie nesse cara! Jogue-o na masmorra com alguns leões famintos ou coisa parecida!* Mas o rei ruivo limitou-se a dar uma risadinha.

— Não se preocupe, Minos. Minhas filhas são sábias para a idade que têm. Agora, quanto ao meu ouro…

— Certo — disse Minos. — Mas, veja, o ouro é para o homem que solucionou

o enigma. E só pode haver um homem assim. O senhor está abrigando Dédalo.

Cócalo, desconfortável, mudou de posição no trono.

— Como sabe o nome dele?

— Ele é um ladrão — disse Minos. — Já serviu em minha corte, Cócalo. Colocou minha própria filha contra mim. Ajudou um usurpador a me fazer de bobo em meu palácio. E então fugiu à justiça. Há dez anos que o estou perseguindo.

— Eu não sabia nada disso. Mas ofereci minha proteção ao homem. Ele tem sido muito prestativo…

— Eu lhe ofereço uma opção — disse Minos. — Entregue-me o fugitivo e este ouro é seu. Ou arrisque fazer de mim seu inimigo. O senhor não vai querer Creta como inimiga.

Cócalo empalideceu. Achei estupidez ele parecer tão amedrontado em sua própria sala do trono. Bastava convocar seu exército ou algo assim. Minos só tinha dois guardas. Mas Cócalo simplesmente ficou lá sentado no trono, suando.

— Pai — disse a filha mais velha —, o senhor não pode…

— Silêncio, Élia. — Cócalo enroscava sua barba. Olhou novamente para o ouro cintilando. — Isso me aflige, Minos. Os deuses não amam um homem que quebra seu juramento de hospitalidade.

— Os deuses tampouco amam aqueles que acolhem criminosos.

— Muito bem — Cócalo assentiu. — O senhor terá seu homem acorrentado.

— Pai! — exclamou Élia de novo. Então ela se controlou e passou a um tom mais doce: — Pelo menos nos deixe preparar um banquete para nosso convidado. Depois de uma longa jornada, ele merece um banho quente, roupas novas e uma refeição decente. Eu me sentiria honrada em preparar pessoalmente o banho.

Ela ofereceu um lindo sorriso a Minos, e o velho rei resmungou:

— Creio que um banho não cairia mal. — Olhou para Cócalo. — Vejo-o no jantar, meu senhor. Com o prisioneiro.

— Por aqui, Sua Majestade — disse Élia.

Ela e as irmãs conduziram Minos para fora da sala do trono.

Eu os acompanhei até uma sala de banhos decorada com azulejos de mosaico. O ar estava repleto de vapor. Uma torneira aberta jorrava água quente na banheira. Élia e as irmãs a encheram com pétalas de rosa e algo que devia ser sabonete líquido da Grécia Antiga, porque logo a água estava coberta com uma espuma multicolorida. As garotas viraram-se de lado enquanto Minos despia sua túnica e entrava na banheira.

— Ahh! — Ele sorriu. — Um banho excelente. Obrigado, minhas queridas. A

jornada foi de fato muito longa.

— Está perseguindo sua presa há dez anos, meu senhor? — indagou Élia, piscando. — Deve ser muito determinado.

— Nunca me esqueço de uma dívida. — Minos sorriu. — Seu pai foi sábio em concordar com meu pedido.

— Ah, de fato, meu senhor! — disse Élia. Achei que ela estava exagerando na bajulação, mas o velho estava caindo. As irmãs de Élia gotejaram óleo perfumado na cabeça do rei. — Sabe, meu senhor — continuou Élia —, Dédalo pensou mesmo que o senhor viria. Achou que o enigma podia ser uma armadilha, mas não resistiu à tentação de resolvê-lo.

Minos franziu a testa.

— Dédalo lhe falou sobre mim?

— Sim, meu senhor.

— Ele é um homem mau, princesa. Minha própria filha se rendeu ao feitiço dele. Não lhe dê ouvidos.

— Ele é um gênio — disse Élia. — E acredita que a mulher é tão inteligente quanto o homem. Foi o primeiro a nos ensinar como se de fato pensássemos sozinhas. Talvez sua filha tenha sentido o mesmo.

Minos tentou se sentar, mas as irmãs de Élia o empurraram de volta à água. Élia postou-se atrás dele. Tinha três pequenas esferas na palma da mão. A princípio pensei que fossem cápsulas com produtos de banho, mas ela as atirou na água e das cápsulas passaram a germinar fios de bronze, que começaram a se enrolar ao rei, amarrando seus tornozelos, prendendo suas mãos ao lado do corpo, envolvendo seu pescoço. Embora eu odiasse Minos, era horrível assistir àquilo. Ele se debateu e gritou, mas as garotas eram bem mais fortes. Logo ele estava indefeso, deitado na banheira com o queixo na superfície da água. Os fios de bronze continuavam a se enroscar nele, como um casulo, espremendo seu corpo.

— O que você quer? — perguntou Minos. — Por que está fazendo isto?

— Dédalo tem sido bom conosco, Sua Majestade. — Élia sorriu. — E eu não gosto que ameacem meu pai.

— Diga a Dédalo — grunhiu Minos —, diga que vou caçá-lo mesmo depois da morte! Se existir alguma justiça no Mundo Inferior, minha alma vai persegui-lo por toda a eternidade!

— Bravas palavras, Sua Majestade — replicou Élia. — Desejo-lhe sorte em sua busca de justiça no Mundo Inferior.

E, com isso, os fios envolveram o rosto de Minos, transformando-o em uma múmia de bronze.

A porta da sala de banhos se abriu. Dédalo entrou, carregando uma mala de viagem.

Ele havia cortado o cabelo bem rente. A barba estava totalmente branca. Parecia frágil e triste, mas estendeu a mão e tocou a testa da múmia. Os fios desataram-se e afundaram na banheira. Nada havia dentro deles. Era como se o Rei Minos tivesse simplesmente se dissolvido.

— Uma morte sem dor — ponderou Dédalo. — Mais do que ele merecia. Obrigado, minhas princesas.

Élia o abraçou.

— Não pode ficar aqui, professor. Quando nosso pai descobrir…

— Sim — disse Dédalo. — Receio que lhes tenha trazido problemas.

— Ah!, não se preocupe conosco. Papai vai ficar suficientemente feliz com o dinheiro daquele velho. E Creta fica muito distante daqui. Mas ele vai culpar o senhor pela morte de Minos. Precisa fugir para algum lugar seguro.

— Algum lugar seguro — repetiu o velho. — Durante anos fugi de reino em reino, procurando um lugar seguro. Temo que Minos tenha dito a verdade. A morte não o impedirá de me perseguir. Não haverá lugar sob o sol que possa me abrigar assim que a notícia deste crime correr.

— Então, para onde irá? — perguntou Élia.

— Para onde jurei nunca mais entrar — respondeu Dédalo. — Minha prisão pode ser meu único santuário.

— Não entendi — disse Élia.

— É melhor que não entenda mesmo.

— Mas e quanto ao Mundo Inferior? — uma das irmãs perguntou. — Um julgamento terrível o aguardará! Todo homem deve morrer.

— Talvez — disse Dédalo. Então tirou um pergaminho da mala, o mesmo que eu vira em meu último sonho, com as anotações do sobrinho. — Talvez não.

Ele deu um tapinha no ombro de Élia e então abençoou ela e as irmãs. Olhou mais uma vez para os fios de cobre cintilando no fundo da banheira.

— Encontre-me se puder, rei dos fantasmas.

Ele se virou para a parede de mosaicos e tocou um azulejo. Um sinal brilhante surgiu — com a letra grega Δ — e a parede deslizou para o lado. As princesas deixaram escapar um arquejo.

— Você nunca nos falou de passagens secretas! — disse Élia. — Tem estado muito ocupado.

— O *Labirinto* tem estado ocupado — corrigiu Dédalo. — Não tentem me seguir, minhas queridas, se dão valor à sua sanidade.

Meu sonho se deslocou. Eu estava no subsolo, em uma câmara de pedra. Luke e outro guerreiro meio-sangue estudavam um mapa à luz da lanterna.

Luke praguejou.

— Deveria ser a última curva. — Ele amassou o mapa e o atirou para um lado.

— Senhor! — seu companheiro protestou.

— Mapas são inúteis aqui — afirmou Luke. — Não se preocupe. Eu vou achar.

— Senhor, é verdade que quanto maior o grupo…

— Maior a probabilidade de se perder? Sim, é verdade. Por que você acha que enviamos exploradores desacompanhados para começar? Mas não se preocupe. Assim que tivermos o fio, poderemos liderar a vanguarda até lá.

— Mas como vamos *conseguir* o fio?

Luke ficou de pé e flexionou os dedos.

— Ah, Quintus vai cumprir a parte dele. Tudo o que precisamos fazer é chegar à arena, e ela fica em um entroncamento. É impossível ir a qualquer lugar sem passar por ela. Por isso é necessária uma trégua com seu dono. Só precisamos nos manter vivos até…

— Senhor! — Uma nova voz veio do corredor. Outro cara vestindo uma armadura grega surgiu correndo, carregando uma tocha. — As *dracaenae* encontraram um meio-sangue!

— Sozinho? Andando pelo Labirinto? — Luke franziu a testa.

— Sim, senhor! É melhor vir rápido. Estão na próxima câmara. Ele está encurralado.

— Quem é?

— Ninguém que eu já tenha visto, senhor.

Luke assentiu.

— Uma bênção de Cronos. Venha! Talvez possamos usar esse meio-sangue.

Eles dispararam pelo corredor, e eu acordei num sobressalto, fitando a escuridão. *Um meio-sangue sozinho, andando pelo Labirinto.* Levei muito tempo para conseguir dormir de novo.

Na manhã seguinte, cuidei para que a sra. O'Leary tivesse bastantes biscoitos de cachorro. Pedi a Beckendorf que ficasse de olho nela, o que não pareceu deixá-lo muito feliz. Em seguida, subi a Colina Meio-Sangue e encontrei Annabeth e Argos na estrada.

Annabeth e eu não conversamos muito na van. Argos nunca falava, provavelmente porque tinha olhos pelo corpo todo, inclusive na ponta da língua

— pelo menos assim eu ouvira —, e não gostava de mostrar isso.

Annabeth parecia indisposta, como se tivesse dormido ainda pior do que eu.

— Sonhos ruins? — perguntei, afinal.

Ela sacudiu a cabeça.

— Uma mensagem de Íris enviada por Euritíon.

— Euritíon! Algum problema com Nico?

— Ele deixou o rancho ontem à noite e voltou para o Labirinto.

— *O quê?* Euritíon não tentou detê-lo?

— Nico se foi antes que ele acordasse. Ortro o farejou até o mata-burro. Euritíon contou que vinha ouvindo Nico falando sozinho nas últimas noites. Só agora ele acha que Nico estava falando novamente com o fantasma, Minos.

— Ele está em perigo — eu disse.

— Sem dúvida. Minos é um dos juízes dos mortos, mas a maldade é inerente a ele. Não sei o que quer com Nico, mas…

— Não é a isso que me refiro — eu disse. — Tive um sonho ontem à noite… — Contei a ela sobre Luke, que ele mencionara Quintus e que seus homens tinham encontrado um meio-sangue sozinho no Labirinto.

Annabeth contraiu o maxilar.

— Isso é muito, muito ruim.

— Então, o que fazemos?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Bem, é um bom início que você tenha um plano para nos guiar, certo?

Era sábado, e o trânsito que seguia para a cidade estava pesado. Chegamos ao apartamento de minha mãe aproximadamente ao meio-dia. Quando atendeu à porta, ela me deu um abraço só um pouquinho menos esmagador do que ter um cão infernal pulando em você.

— Eu *disse* a eles que você estava bem — ela contou, mas parecia que o peso do céu acabara de ser tirado de seus ombros, e, pode acreditar, conheço a sensação por experiência própria.

Ela nos fez sentar à mesa da cozinha e insistiu em nos dar seu biscoito azul especial, com pequenos pedaços de chocolate, enquanto a colocávamos a par da missão. Como sempre, tentei minimizar as partes assustadoras (que eram quase todas), mas de algum modo isso só fazia tudo parecer mais perigoso.

Quando cheguei à parte sobre Geríon e os estábulos, minha mãe fingiu que ia me estrangular.

— Não consigo fazê-lo limpar o próprio quarto mas ele limpa cem toneladas

de estrume de cavalo dos estábulos de um monstro!

Annabeth riu. Era a primeira vez que a ouvia rir em muito tempo, e isso foi bom.

— Então — disse minha mãe quando acabei de contar —, você destruiu a Ilha de Alcatraz, explodiu o Monte Santa Helena e desalojou meio milhão de pessoas, mas, pelo menos, está são e salvo.

Essa é minha mãe, sempre olhando o lado positivo da situação.

— É — concordei. — Isso resume tudo.

— Queria que Paul estivesse aqui — ela disse a si mesma. — Ele queria falar com você.

— Ah, certo. A escola.

Foram tantos acontecimentos desde então que eu tinha quase me esquecido da visita de orientação escolar à Goode — e o fato de que deixara a sala de música em chamas, e que o namorado de minha mãe me vira pela última vez pulando a janela como um fugitivo.

— O que você disse a ele? — perguntei.

Mamãe sacudiu a cabeça.

— O que eu poderia ter dito? Ele sabe que existe algo diferente em você, Percy. Ele é um homem inteligente. Acredita que você não é uma pessoa má. Não sabe o que está acontecendo, mas a escola o está pressionando. Afinal, foi ele quem o levou para lá. Ele precisa convencê-los de que o incêndio não foi culpa sua. E, como você fugiu, isso parece difícil.

Annabeth me observava. Parecia solidária. Eu sabia que ela já estivera em situações semelhantes. O mundo mortal nunca é fácil para um meio-sangue.

—Vou falar com ele — prometi. — Depois que tivermos encerrado a missão. Se você quiser, posso até contar a verdade para ele.

Minha mãe pôs a mão em meu ombro.

— Você faria isso?

— Bem, sim. Mas ele vai achar que somos loucos.

— Ele já acha isso.

— Então não temos nada a perder.

— Obrigada, Percy. Vou dizer a ele que você estará de volta em… — Ela franziu a testa. — Quando? O que vai acontecer agora?

Annabeth quebrou seu biscoito ao meio.

— Percy tem um *plano*.

Relutante, contei a mamãe.

Ela assentiu devagar.

— Parece muito perigoso. Mas pode funcionar.

— Você tem o mesmo poder, não tem? — perguntei. — Você pode ver através da Névoa.

Mamãe suspirou.

— Não tanto agora. Quando mais nova, era mais fácil. Mas, sim, sempre pude ver mais do que era bom para mim. Foi uma das características que chamou a atenção de seu pai quando nos conhecemos. Mas tenham cuidado. Prometam que ficarão em segurança.

— Vamos tentar, sra. Jackson — disse Annabeth. — Mas manter seu filho em segurança é uma tarefa difícil. — Ela cruzou os braços e olhou pela janela da cozinha. Fiquei brincando com o guardanapo e tentei nada dizer.

Minha mãe franziu a testa.

— O que está havendo com vocês dois? Estão brigando?

Nenhum dos dois respondeu.

— Entendi — disse mamãe, e me perguntei se ela podia ver através de mais coisas do que a Névoa. Parecia que ela entendia o que estava acontecendo entre mim e Annabeth, mas *eu*, com toda certeza, não.

— Bem, lembrem-se de que Grover e Tyson estão contando com vocês dois — disse ela.

— Eu sei — Annabeth e eu falamos ao mesmo tempo, o que me deixou ainda mais constrangido.

Mamãe sorriu.

— Percy, é melhor você usar o telefone no hall. Boa sorte.

Fiquei aliviado em sair da cozinha, embora estivesse nervoso com o que estava prestes a fazer. Fui até o telefone e fiz a ligação. O número se apagara de minha mão havia muito tempo, mas tudo bem. Sem querer, eu o tinha decorado.

Combinamos um encontro na Times Square. Encontramos Rachel Elizabeth Dare diante do Marriott Marquis, e ela estava completamente pintada em dourado.

E digo seu rosto, seu cabelo, suas roupas — tudo. Parecia que tinha sido tocada pelo Rei Midas. Estava de pé como uma estátua com quatro outros garotos, todos pintados com tinta metálica — cobre, bronze, prata. Estavam imobilizados em diferentes poses, e alguns turistas passavam apressados por eles enquanto outros paravam para olhá-los. Alguns jogavam moedas no pedaço de linóleo na calçada.

A placa aos pés de Rachel dizia: ARTE URBANA PARA CRIANÇAS. DOAÇÕES BEM-

VINDAS.

Annabeth e eu ficamos ali parados por uns cinco minutos, olhando para Rachel, mas se ela nos viu não demonstrou. Ela não se moveu nem piscou, não que eu pudesse ver. Tendo TDAH, eu não seria capaz de fazer aquilo. Ficar parado por tanto tempo teria me levado à loucura. Era estranho também ver Rachel dourada. Ela parecia a estátua de alguém famoso, uma atriz ou algo assim. Só que os olhos eram verdes, normais.

— Quem sabe se dermos um empurrão nela — sugeriu Annabeth.

Achei aquilo um pouco cruel, mas Rachel não reagiu. Depois de mais alguns minutos, um garoto prateado se aproximou, vindo do ponto de táxi diante do hotel, onde estivera descansando um pouco. Fez uma pose como se estivesse discursando para a multidão, ao lado de Rachel. Ela se mexeu e saiu do linóleo.

— Ei, Percy. — Ela sorriu. — Na hora certa! Vamos tomar um café.

Fomos até um lugar chamado Alce Javanês, na Rua 43 Oeste. Rachel pediu um Espresso Extremo, o tipo de bebida de que Grover gostaria. Annabeth e eu pedimos *smoothies* de fruta e nos sentamos a uma mesa bem embaixo do alce empalhado. Ninguém prestava atenção a Rachel em seu traje dourado.

— Então, seu nome é Annabell, certo? — ela perguntou.

— Annabeth — corrigiu Annabeth. — Você sempre se veste de dourado?

— Normalmente não — disse Rachel. — Estamos arrecadando dinheiro para nosso grupo. Realizamos projetos de arte voluntários para crianças do ensino fundamental, pois estão cortando a arte nas escolas, sabem? Fazemos isso uma vez por mês e conseguimos cerca de quinhentos dólares num fim de semana bom. Mas acho que vocês não querem falar sobre isso. Você também é uma meio-sangue?

— Psiu! — disse Annabeth, olhando à volta. — Que tal anunciar isso ao mundo?

— O.k. — Rachel se levantou e disse bem alto: — Ei, pessoal! Estes dois aqui não são humanos! São metade deuses gregos!

Ninguém nem mesmo olhou para ela. Rachel deu de ombros e sentou-se.

— Acho que não estão interessados.

— Isso não é engraçado — disse Annabeth. — Não é uma piada, garota mortal.

— Parem, vocês duas — eu disse. — Fiquem calmas.

— Eu estou calma — insistiu Rachel. — Sempre que estamos juntos algum monstro nos ataca. Por que ficaria nervosa?

— Olhe — eu disse. — Desculpe pela sala de música. Espero que não tenham expulsado você nem nada.

— Não. Mas me fizeram um monte de perguntas sobre você. Eu me fiz de burra.

— Foi difícil? — perguntou Annabeth.

— O.k., chega! — intervim. — Rachel, temos um problema. E precisamos de sua ajuda.

Rachel olhou para Annabeth, estreitando os olhos.

— *Você* precisa de minha ajuda?

Annabeth misturou o *smoothie* com o canudo.

— Sim — disse, mal-humorada. — Talvez.

Contei a Rachel sobre o Labirinto e por que precisávamos encontrar Dédalo. Expliquei o que havia acontecido nas últimas vezes que entramos.

— Então vocês querem que eu os guie — disse ela. — Por um lugar onde nunca estive.

— Você consegue ver através da Névoa — afirmei. — Exatamente como Ariadne. Estou apostando que é capaz de ver o caminho certo. O Labirinto não conseguirá enganá-la tão facilmente.

— E se você estiver errado?

— Então vamos nos perder. De qualquer forma, será perigoso. Muito, muito perigoso.

— Eu posso morrer?

— Sim.

— Pensei que você tivesse dito que os monstros não ligam para os mortais. Aquela sua espada…

— Sim — concordei. — O bronze celestial não fere os mortais. A maioria dos monstros ignoraria você. Mas Luke… ele não liga para isso. Usa mortais, semideuses, monstros, qualquer um. E mata quem quer que se ponha no caminho dele.

— Cara legal — comentou Rachel.

— Ele está sob a influência de um titã — defendeu-o Annabeth. — Foi iludido.

Rachel correu o olhar entre mim e Annabeth algumas vezes.

— O.k. — disse ela. — Estou dentro.

Eu pisquei. Não havia imaginado que seria tão fácil.

— Tem certeza?

— Ah, meu verão ia ser mesmo chato. Essa foi a melhor oferta que tive até agora. Então, o que eu devo procurar?

— Precisamos encontrar uma entrada para o Labirinto — disse Annabeth. —

Tem uma no Acampamento Meio-Sangue, mas você não pode entrar lá. Está fora dos limites para os mortais.

Ela disse *mortais* como se fosse alguma doença terrível, mas Rachel se limitou a assentir.

— O.k. Como é uma entrada para o Labirinto?

— Pode ser qualquer coisa — respondeu Annabeth. — Uma parte de um muro. Uma rocha. Uma porta. Um buraco de esgoto. Mas deve ter a marca de Dédalo. A letra grega Δ, reluzindo em azul.

— Como este? — Rachel desenhou a letra delta com água em nossa mesa.

— Exato — disse Annabeth. — Você sabe grego?

— Não — respondeu Rachel.

Ela tirou do bolso uma grande escova de cabelo de plástico azul e começou a escovar o cabelo, livrando-o da cor dourada.

— Vou me trocar. É melhor vocês virem comigo ao Marriott.

— Por quê? — perguntou Annabeth.

— Porque tem uma entrada assim no porão do hotel, onde guardamos nossas roupas. Ela tem a marca de Dédalo.

# CATORZE

Meu irmão duela comigo até a morte A porta de metal estava um tanto escondida atrás de um cesto de toalhas sujas do hotel. Não vi nada de estranho nela, mas Rachel me mostrou onde olhar, e reconheci a letra azul levemente marcada no metal.

— Não é usada há muito tempo — disse Annabeth.

— Tentei abri-la uma vez — disse Rachel —, só por curiosidade. Está emperrada por causa da ferrugem.

— Não. — Annabeth deu um passo à frente. — Só precisa do toque de um meio-sangue.

E, realmente, assim que Annabeth pôs a mão a marca emitiu seu brilho azul. A porta de metal foi deslacrada e se abriu com um rangido, revelando uma escada escura que levava para baixo.

— Uau! — Rachel parecia calma, mas eu não sabia se ela estava fingindo. Tinha vestido uma camiseta surrada do Museu de Arte Moderna e seu habitual jeans rabiscado com caneta hidrográfica, a escova de plástico azul aparecendo no bolso. O cabelo ruivo estava preso atrás, mas ainda havia partículas douradas nele e vestígios de *glitter* no rosto. — Então… vocês primeiro?

— Você é a guia — disse Annabeth com simulada gentileza. — Vá na frente.

A escada descia para um amplo túnel de tijolos. Estava tão escuro que eu não conseguia ver meio metro diante de nós, mas Annabeth e eu havíamos renovado nosso estoque de lanternas. Assim que as acendemos, Rachel gritou.

Um esqueleto sorria para nós. Não era humano. Só para começar, era imenso — tinha pelo menos três metros de altura. Fora enforcado, acorrentado pelos pulsos e pelos tornozelos, formando um X gigante no vão do túnel. Mas o que fez um arrepio percorrer minhas costas foi a órbita negra e única no centro do crânio.

— Um ciclope — disse Annabeth. — É muito velho. Não é… ninguém que conheçamos.

*Não era Tyson*, era o que ela queria dizer. Mas isso não fez eu me sentir muito melhor. Ainda tinha a impressão de que ele fora colocado ali como um aviso. Eu

não queria deparar com o que quer que pudesse matar um ciclope adulto.

— Você tem um amigo ciclope? — Rachel engoliu em seco.

— Tyson — eu disse. — Meu meio-irmão.

— Seu *meio-irmão*?

— Espero encontrá-lo aqui embaixo — afirmei. — E Grover, que é um sátiro.

— Ah! — A voz dela quase sumiu. — Bem, então é melhor irmos andando.

Ela passou por baixo do braço esquerdo do esqueleto e continuou andando. Annabeth e eu trocamos olhares. Annabeth deu de ombros. Seguimos Rachel, adentrando mais no Labirinto.

Cerca de quinze metros depois chegamos a um cruzamento. À frente, o túnel de tijolos continuava. À direita, as paredes eram feitas de antigas placas de mármore. À esquerda, o túnel era de terra e raízes de árvores.

Apontei para a esquerda.

— Aquele parece o túnel pelo qual Tyson e Grover seguiram.

Annabeth franziu a testa.

— Sim, mas a arquitetura à direita, de pedras antigas… é mais provável que aquele nos leve a uma parte antiga do Labirinto, na direção da oficina de Dédalo.

— Precisamos seguir em frente — disse Rachel.

Annabeth e eu olhamos para ela.

— Essa é a escolha menos provável — afirmou Annabeth.

— Não estão vendo? — perguntou Rachel. — Olhem para o chão.

Nada vi além de tijolos gastos e de lama.

— Tem uma claridade ali — insistiu Rachel. — Muito leve. — Em frente é o caminho certo. À esquerda, mais adiante no túnel, aquelas raízes estão se movendo como tentáculos. Não gosto disso. À direita, tem uma armadilha uns cinco metros adiante. Buracos nas paredes, talvez para espigões. Não acho que devamos arriscar.

Eu não via nada do que ela estava descrevendo, mas assenti.

— O.k. Em frente.

— Acredita nela? — perguntou Annabeth.

— Sim — eu disse. — Você não?

Annabeth parecia querer discutir, mas fez um gesto para que Rachel prosseguisse. Juntos, continuamos pelo corredor de tijolos. Era sinuoso, mas não havia mais túneis laterais. Parecíamos estar descendo ainda mais, indo muito para baixo.

— Nenhuma armadilha? — perguntei, ansioso.

— Nada. — As sobrancelhas de Rachel se uniram. — Deveria ser fácil assim?

— Não sei — eu disse. — Nunca foi antes.

— Então, Rachel — disse Annabeth —, de onde você é, exatamente?

Ela fez isso soar como: *De que planeta você vem?* Mas Rachel não pareceu ofendida.

— Brooklyn — ela respondeu.

— Seus pais não vão ficar preocupados se você ficar fora até tarde?

Rachel bufou.

— Improvável. Eu poderia ficar fora uma semana e eles nem notariam.

— Por que não? — Dessa vez Annabeth não soou tão sarcástica. Ter problemas com os pais era um assunto que ela entendia.

Antes que Rachel pudesse responder, ouvimos um rangido à frente, como portas imensas se abrindo.

— O que foi isso? — perguntou Annabeth.

— Não sei — respondeu Rachel. — Dobradiças de metal.

— Ah, isso ajuda muito. Perguntei: *o que foi isso?*

Então ouvi passos pesados sacudindo o corredor — vindo em nossa direção.

— Corremos? — perguntei.

— Corremos — Rachel concordou.

Demos meia-volta e fugimos pelo mesmo caminho, mas antes de corrermos dez metros demos de cara com algumas velhas amigas. Duas *dracaenae* — mulheres-cobras de armadura grega — apontavam suas lanças para nosso peito. Entre elas estava Kelli, a *empousa* líder de torcida.

— Ora, ora — disse Kelli.

Destampei Contracorrente e Annabeth sacou a faca; mas Kelli saltou sobre Rachel antes mesmo que minha espada deixasse sua forma de caneta. A mão dela se transformou em garra e girou Rachel, as unhas segurando-a com firmeza pelo pescoço.

— Levando sua mortalzinha de estimação para um passeio? — Kelli me perguntou. — São coisinhas tão frágeis. Tão fáceis de quebrar!

Às nossas costas, os passos se aproximavam. Uma forma imensa surgiu da escuridão — um lestrigão gigante de dois metros e meio, com olhos vermelhos e presas.

O gigante lambeu os lábios quando nos viu.

— Posso comê-los?

— Não — disse Kelli. — Seu mestre vai querer estes. Serão motivo de muita diversão. — Ela sorriu para mim. — Agora andem, meios-sangues. Ou vocês todos morrerão aqui, começando pela garota mortal.

Eu poderia dizer que aquele era meu pior pesadelo. E, acredite, já tive muitos pesadelos. Avançamos pelo túnel ladeados pelas *dracaenae*, com Kelli e o gigante atrás, para o caso de tentarmos fugir. Ninguém parecia preocupado com a possibilidade de corrermos para a frente. Era a direção que queriam que seguíssemos.

Adiante eu podia ver portas de bronze. Tinham cerca de três metros de altura, adornadas com um par de espadas cruzadas. De trás delas vinham ruídos abafados, como se ali houvesse uma multidão.

— Ah, sssim — disse a mulher-cobra à minha esquerda. — Você ssserá muito popular com nossso anfitrião.

Eu nunca olhara uma *dracaena* de perto antes, e não estava nada animado com a oportunidade. Ela teria um rosto bonito, não fossem a língua bifurcada e os olhos amarelos com fendas negras como pupilas. Usava uma armadura de bronze que ia até a cintura. Dali para baixo, onde deviam estar as pernas, viam-se dois maciços corpos de cobra, rajados de bronze e verde. Ela se deslocava com uma combinação de coleio e andar, como se estivesse sobre esquis vivos.

— Quem é seu anfitrião? — perguntei.

Ela sibilou, o que deve ter sido uma risada.

— Ah, você verá. Vocêsss vão ssse dar esssplendidamente. Ele é ssseu irmão, afinal de contasss.

— Meu o quê? — Pensei imediatamente em Tyson, mas isso era impossível. Do que ela estava falando?

O gigante passou à nossa frente e abriu as portas. Segurou Annabeth pela blusa e disse: — Você fica aqui.

— Ei! — ela protestou, mas o cara tinha duas vezes o tamanho dela e já havia lhe confiscado a faca, e também minha espada.

Kelli riu. Ainda mantinha as garras no pescoço de Rachel.

— Ande, Percy. Entretenha-nos. Vamos esperar aqui com seus amigos, para ter certeza de que você vai se comportar.

Olhei para Rachel.

— Desculpe. Vou tirar você dessa.

Ela fez que sim na medida do possível, com o demônio em seu pescoço.

— Seria legal.

As *dracaenae* me espetaram com a ponta das lanças na direção da porta aberta e eu adentrei em uma arena.

Creio que não era a maior arena em que eu já estivera, mas parecia bastante

espaçosa, considerando-se que ficava no subsolo. Era circular com piso de terra, grande o suficiente para alguém contorná-la de carro, desde que andasse bem rente à beira. No centro da arena lutavam um gigante e um centauro, que parecia em pânico. Galopava em torno do inimigo, usando a espada e o escudo, enquanto o gigante agitava uma lança do tamanho de um poste telefônico e a multidão aplaudia.

A primeira fila de assentos ficava três metros acima do piso da arena. Bancos simples de pedra contornavam o espaço inteiro, e todos os lugares estavam ocupados. Havia *dracaenae*, semideuses, gigantes, telquines e criaturas ainda mais estranhas: demônios com asas de morcego, outras que pareciam meio humanas e meio o que você quisesse — ave, réptil, inseto, mamífero.

No entanto, as mais assustadoras eram as caveiras. A arena estava cheia delas, cercando o parapeito. Pilhas delas, com um metro de altura, decoravam os degraus entre os bancos. Elas sorriam de estacas no fundo das arquibancadas e pendiam do teto em correntes, como horríveis candelabros. Algumas pareciam muito velhas — nada mais que ossos branquíssimos. Outras pareciam bastante recentes. Não vou descrevê-las. Acredite, você não ia querer que eu fizesse isso.

No meio de tudo, orgulhosamente exibido na parede ao lado dos espectadores, havia um objeto que não fazia o menor sentido para mim — uma bandeira verde com o tridente de Poseidon no centro. O que *ela* fazia em um lugar horrível como aquele?

Acima da bandeira, sentado em um lugar de honra, estava um velho inimigo.

— Luke — eu disse.

Não tenho certeza se ele pôde me ouvir apesar do rugido da multidão, mas sorriu friamente. Usava uma calça camuflada, camiseta branca e um peitoral de bronze, exatamente como eu vira no sonho. Mas ainda estava sem a espada, o que achei estranho. Ao lado dele sentava-se o maior gigante que eu já vira, muito maior do que o outro no centro da arena, que lutava contra o centauro. O gigante ao lado de Luke devia ter uns cinco metros de altura e era tão largo que ocupava três assentos. Usava tanga, como um lutador de sumô. Sua pele era vermelho-escuro, tatuada com motivos de onda azuis. Deduzi que devia ser o novo guarda-costas de Luke ou algo assim.

Ouviu-se um grito vindo do centro da arena, e dei um salto para trás quando o centauro desabou no chão a meu lado.

Seus olhos encontraram os meus, suplicantes.

— Socorro!

Levei a mão para pegar a espada, mas ela me fora tirada e ainda não havia reaparecido em meu bolso.

O centauro lutava para se levantar enquanto o gigante se aproximava, lança em punho.

Garras seguraram meu ombro.

— Ssse dá valor à vida de ssseusss amigosss — disse minha guarda *dracaena* —, não interfira. Esssta não é sssua luta. Essspere sssua vez.

O centauro não conseguiu se levantar. Uma de suas pernas estava quebrada. O gigante pôs o pé imenso no peito do oponente e ergueu a lança. Então olhou para Luke. A multidão incitava: — MORTE! MORTE!

Luke não se moveu, mas o lutador de sumô tatuado sentado ao lado dele se levantou. Sorriu para o centauro, que choramingava: — Por favor! Não!

Então o lutador de sumô estendeu a mão e fez o sinal com *o polegar para baixo*.

Fechei os olhos quando o gigante gladiador baixou a lança. Quando tornei a olhar, o centauro havia desaparecido, desintegrado em cinzas. Tudo que restava dele era um único casco, e o gigante o pegou como um troféu e mostrou à multidão, que urrou em aprovação.

Um portão se abriu no lado oposto do estádio e o gigante saiu marchando em triunfo. Na arquibancada, o lutador de sumô ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Boa diversão! — ele gritou. — Mas nada que eu ainda não tivesse visto. O que mais você tem, Luke, filho de Hermes?

Os maxilares de Luke se contraíram. Estava claro que ele não gostava de ser chamado de *filho de Hermes*. Odiava o pai. Mas se pôs calmamente de pé. Seus olhos brilhavam. Na verdade, ele parecia estar de muito bom humor.

— Senhor Anteu — disse Luke, alto o suficiente para que a multidão ouvisse. — Tem sido um excelente anfitrião! Para nós é um prazer diverti-lo para pagar o favor de nos deixar atravessar seu território.

— Um favor que ainda não concedi — grunhiu Anteu. — Eu quero me divertir!

Luke fez uma reverência.

— Creio que agora tenho algo melhor do que centauros para lutar em sua arena. Tenho um irmão seu. — Ele apontou para mim. — Percy Jackson, filho de Poseidon.

A multidão começou a zombar de mim e a me jogar pedras. Consegui me desviar da maioria, mas uma me atingiu na bochecha e fez um corte considerável.

— Um filho de Poseidon? — Os olhos de Anteu se iluminaram. — Então deve lutar bem! Ou morrer bem!

— Se a morte dele o agradar — disse Luke —, permitirá que nossos exércitos

cruzem seu território?

— Talvez! — respondeu Anteu.

Luke não pareceu muito satisfeito com o “talvez”. Ele me lançou um olhar penetrante, como se me advertisse de que era melhor eu morrer de um modo bem espetacular, ou estaria em sérios apuros.

— Luke! — gritou Annabeth. — Pare com isso. Deixe-nos ir!

Luke aparentemente só a viu naquele momento. Pareceu atônito por um instante.

— Annabeth?

— Haverá tempo para as fêmeas lutarem depois — interrompeu Anteu. — Primeiro, Percy Jackson, que armas você escolhe?

As *dracaenae* me empurraram para o meio da arena.

Ergui os olhos para Anteu.

— Como você pode ser filho de Poseidon?

Anteu riu, assim como toda a multidão.

— Sou o favorito! — entoou Anteu. — Olhe para meu templo dedicado ao deus dos terremotos, construído com as caveiras de todos que matei em nome dele! A sua se juntará a estas!

Olhei horrorizado para as caveiras — centenas delas — e o estandarte de Poseidon. Como aquele lugar podia ser um templo dedicado a meu pai? Ele era um cara legal. Nunca me pedira sequer um cartão de Dia dos Pais, muito menos a caveira de alguém.

— Percy! — Annabeth me gritou. — A mãe dele é Gaia! Gai…

Seu captor, o lestrigão, cobriu-lhe a boca com uma das mãos. *A mãe dele é Gaia*. A deusa da Terra. Annabeth estava tentando me dizer que isso era importante, mas eu não sabia por quê. Talvez apenas porque o cara tinha ambos os pais divinos. Isso o tornaria ainda mais difícil de matar.

— Você é louco, Anteu — eu disse. — Se acha que isso é um bom tributo, nada sabe sobre Poseidon.

A multidão gritou insultos para mim, mas Anteu ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Armas — ele insistiu. — E então veremos como você morre. Quer machados? Escudos? Redes? Lançadores de chamas?

— Só minha espada — eu disse.

Gargalhadas soaram entre os monstros, mas imediatamente Contracorrente surgiu em minhas mãos, e algumas das vozes na multidão ficaram tensas. A lâmina de bronze brilhou com uma claridade suave.

— Primeiro *round*! — anunciou Anteu.

Os portões se abriram e uma *dracaena* entrou coleando. Tinha um tridente em uma das mãos e uma rede com pesos na outra, no clássico estilo de gladiador. Durante anos treinei lutar contra aquelas armas no acampamento.

Ela tentou me cutucar. Eu me afastei. Ela atirou a rede, esperando emaranhar minha mão que empunhava a espada, mas me desviei facilmente, parti sua lança ao meio e, por uma fenda em sua armadura, golpeei-a com Contracorrente. Com um lamento doloroso, ela se transformou em nada, e os vivas da multidão cessaram.

— Não! — berrou Anteu. — Foi rápido demais! Você deve esperar antes do golpe final. Somente eu dou essa ordem!

Olhei para Annabeth e Rachel. Eu precisava encontrar um modo de libertá-las, talvez distraindo os guardas.

— Belo trabalho, Percy. — Luke sorria. — Você melhorou com a espada, isso eu tenho de reconhecer.

— Segundo *round*! — gritou Anteu. — E mais devagar desta vez! Mais diversão! Espere minha ordem antes de matar alguém ou SOFRERÁ AS CONSEQUÊNCIAS!

Os portões tornaram a se abrir, e desta vez entrou um jovem guerreiro. Era pouco mais velho do que eu, com uns dezesseis anos. Tinha cabelos pretos lustrosos, e o olho esquerdo coberto por um tapa-olho. Era magro e franzino, e por isso a armadura grega estava larga em seu corpo. Cravou a espada no solo, ajustou as tiras do escudo e colocou o elmo com cimeira de crina de cavalo.

— Quem é você? — perguntei.

— Ethan Nakamura — ele disse. — Tenho de matar você.

— Por que está fazendo isso?

— Ei! — gritou um monstro da arquibancada. — Parem de conversar e comecem logo a luta!

Os outros o apoiaram.

— Tenho de me mostrar capaz — disseme Ethan. — É a única maneira de me alistar.

E então ele atacou. Nossas espadas se chocaram no ar e a multidão rugiu. Aquilo não parecia certo. Eu não queria lutar para entreter um bando de monstros, mas Ethan Nakamura não estava me dando muitas opções.

Ele atacava. Era bom. Pelo que eu sabia, nunca estivera no Acampamento Meio-Sangue, mas fora treinado. Aparou meu golpe e quase acertou em mim seu escudo, mas eu saltei para trás. Ele golpeou com a espada. Rolei para um lado. Trocamos ataques e defesas, observando o estilo de luta do outro. Tentei me

concentrar no lado cego de Ethan, mas isso pouco ajudou. Aparentemente, ele vinha lutando com um olho só havia muito tempo, pois era excelente em proteger sua esquerda.

— Sangue! — gritavam os monstros.

Meu oponente ergueu os olhos para as arquibancadas. Era esse seu ponto fraco, percebi. Ele precisava impressioná-los. Eu, não.

Ele emitiu um furioso grito de guerra e me atacou, mas eu aparei sua lâmina e recuei, deixando-o vir atrás de mim.

— Buuu! — gritou Anteu. — Enfrente e lute!

Ethan atacava, mas eu não tinha dificuldade em me defender, mesmo sem escudo. Ele estava vestido para se proteger — armadura pesada e escudo —, o que tornava cansativo lutar de modo ofensivo. Eu era um alvo mais vulnerável, no entanto também era mais leve e mais rápido. A multidão estava enlouquecida, gritando insultos e atirando pedras. Estávamos lutando havia quase cinco minutos e nenhum sangue fora derramado.

Por fim Ethan cometeu um erro. Tentou tocar minha barriga, e eu prendi a guarda de sua espada na da minha e girei. A espada dele caiu no chão. Antes que ele pudesse se recuperar, desci o copo de minha espada em seu capacete e o empurrei para baixo. A armadura pesada ajudou mais a mim do que a ele, que caiu de costas, tonto e cansado. Pousei a ponta da espada em seu peito.

— Acabe logo com isso — grunhiu Ethan.

Ergui os olhos para Anteu. O desprazer deixava seu rosto vermelho duro como pedra, mas ele ergueu a mão e fez o gesto com *o polegar para baixo*.

— Nem pensar. — Embainhei a espada.

— Não seja tolo — grunhiu Ethan. — Eles vão matar nós dois.

Ofereci-lhe a mão. Ele a aceitou com relutância e eu o ajudei a se levantar.

— Ninguém desonra os jogos! — berrou Anteu. — A cabeça de ambos será um tributo a Poseidon!

Olhei para Ethan.

— Quando tiver uma chance, corra. — Então me voltei para Anteu. — Por que você mesmo não luta comigo? Se é o favorito de nosso pai, desça aqui e prove!

Os monstros resmungaram nas arquibancadas. Anteu olhou à volta e acho que percebeu que não tinha escolha. Não podia recusar sem parecer um covarde.

— Sou o maior lutador do mundo, garoto — avisou ele. — Luto desde o primeiro pancrácio!

— *Pancrácio?* — repeti.

— Ele se refere a um combate em que se luta até a morte — disse Ethan. —

Sem regras. Nenhum golpe proibido. Costumava ser um esporte do Olimpo.

— Obrigado pela dica — eu disse.

— Por nada.

Rachel me observava de olhos arregalados. Annabeth sacudia a cabeça enfaticamente, a mão do lestrigão ainda cobrindo-lhe a boca.

Apontei a espada para Anteu.

— O vencedor leva tudo! Se eu ganhar, todos ficamos livres. Se você ganhar, nós morremos. Jure pelo Rio Estige.

Anteu riu.

— Isso não vai levar muito tempo. Juro em seus termos!

Ele saltou a grade, aterrissando na arena.

— Boa sorte. Vai precisar — disseme Ethan, e então recuou rapidamente.

Anteu estalou os dedos. Quando sorriu, vi que até mesmo seus dentes eram entalhados com desenhos de ondas, o que devia tornar a escovação após as refeições realmente chata.

— Armas? — ele perguntou.

— Continuo com minha espada. E você?

Ele ergueu as mãos imensas e agitou os dedos.

— Não preciso de mais nada! Mestre Luke, você será o árbitro desta.

Luke me dirigiu um sorriso.

— Com prazer.

Anteu investiu. Rolei sob suas pernas e o golpeei na parte de trás da coxa.

— Aiiiii! — ele gritou.

Mas, de onde devia ter saído sangue, veio um jorro de areia, como se eu tivesse quebrado uma ampulheta. A areia se espalhou pelo chão de terra, e a terra se acumulou em torno da perna dele, quase como um gesso. Quando a terra se soltou, o ferimento havia desaparecido.

Ele tornou a atacar. Felizmente, eu tinha alguma experiência em lutar contra gigantes. Esquivei-me de lado dessa vez e o atingi debaixo do braço. Enterrei a lâmina de Contracorrente nas costelas dele, até a guarda. Essa era a boa notícia. A má era que a espada foi arrancada de minha mão quando o gigante se virou, e eu fui atirado do outro lado da arena, desarmado.

Anteu gritou de dor. Esperei que ele se desintegrasse. Nenhum monstro jamais havia resistido a um golpe direto de minha espada como esse. A lâmina de bronze celestial deveria destruir a essência dele. Mas Anteu tateou o punho da arma, puxou a espada e a atirou atrás dele. Mais areia jorrou do ferimento, porém outra vez a terra ergueu-se para cobri-lo. A terra revestiu seu corpo até os

ombros. Assim que se desprendeu, Anteu estava novamente bem.

— Agora você está vendo por que eu nunca perco, semideus! — gabou-se ele. — Venha até aqui para eu esmagá-lo. Vai ser rápido!

Anteu estava entre mim e minha espada. Desesperado, olhei para os lados e percebi o olhar de Annabeth.

A terra, pensei. O que Annabeth tentara me dizer? A mãe de Anteu era Gaia, a mãe terra, a deusa mais antiga de todas. O pai de Anteu poderia ser Poseidon, mas era Gaia quem o estava mantendo vivo. Eu não poderia feri-lo enquanto ele estivesse tocando o solo.

Tentei contorná-lo, mas Anteu antecipou meu movimento. Bloqueou minha passagem, rindo. Agora só estava brincando comigo. Eu estava encurralado.

Ergui os olhos para as correntes que pendiam do teto, balançando em ganchos as caveiras de seus inimigos. De repente tive uma ideia.

Fiz uma finta para o outro lado. Anteu me bloqueou. A multidão urrava e gritava para que Anteu acabasse comigo, mas ele estava se divertindo muito.

— Garoto insignificante — ele disse. — Não é um filho digno do deus do mar!

Senti que minha caneta voltava a meu bolso, mas Anteu não sabia disso. Eu o deixaria acreditar que Contracorrente ainda estava no chão, atrás dele. Ele pensaria que meu objetivo era pegar a espada. Não era grande vantagem, mas era tudo que eu tinha.

Avancei, abaixando-me para que ele achasse que eu rolaria outra vez por entre suas pernas. Enquanto ele se inclinava, pronto para me pegar como uma bola rasteira, saltei, dando meu máximo — pulei em seu antebraço, subi por seu ombro como se fosse uma escada, pisei de sapato em sua cabeça. Ele fez o que era natural. Esticou-se, indignado, e gritou: “EI!” Eu tomei impulso, usando a força dele para me lançar em direção ao teto. Agarrei a parte de cima de uma corrente, e as caveiras e os ganchos balançaram ruidosamente abaixo de mim. Enrosquei as pernas na corrente, como costumava fazer nas cordas da aula de ginástica. Saquei minha espada e cortei a corrente a meu lado.

— Desça aqui, seu covarde! — gritou Anteu.

Ele tentou me agarrar, mas eu estava fora de seu alcance.

Segurando-me com toda minha força, gritei:

— Venha aqui em cima me pegar! Ou você é lento e gordo demais?

Ele urrou e tentou mais uma vez me agarrar. Pegou uma corrente e tentou içar-se. Enquanto isso, baixei a corrente que eu havia rompido, com o gancho para baixo. Precisei tentar duas vezes, mas finalmente prendi a tanga de Anteu.

— UAAA! — ele gritou.

Rapidamente, passei a corrente livre por um elo da corrente na qual eu próprio me segurava, estiquei-a e a prendi da melhor forma que pude. Anteu tentou mover-se de volta para o chão, mas seu traseiro continuou suspenso pela tanga. Ele precisou se agarrar às outras correntes, com ambas as mãos, para evitar virar de cabeça para baixo. Rezei para que a tanga e a corrente resistissem por mais alguns segundos. Enquanto Anteu xingava e se debatia, eu enrolava as correntes, balançando-me de um lado para o outro como se fosse um macaco enlouquecido. Fiz cambalhotas com ganchos e elos de metal. Não sei como conseguia. Minha mãe sempre disse que tenho um dom para embolar as coisas. Além disso, eu estava desesperado para salvar meus amigos. Seja como for, em poucos minutos o gigante estava suspenso, indefeso, emaranhado em correntes e ganchos.

Saltei para o chão, suado e arfando. Minhas mãos estavam esfoladas de escalar a corrente.

— Ponha-me no chão! — Anteu exigia.

— Solte-o! — ordenou Luke. — Ele é nosso anfitrião!

Tirei a tampa de Contracorrente.

— Vou soltá-lo.

E apunhalei o gigante na barriga. Ele berrou e a areia jorrou, mas ele estava muito no alto para tocar o chão, e a terra não subiu para ajudá-lo. Anteu simplesmente se desfez, derramando-se pouco a pouco, até que nada mais havia além de correntes vazias balançando, uma tanga enorme pendurada em um gancho e um bando de caveiras sorridentes dançando acima de mim como se finalmente tivessem um motivo para sorrir.

— Jackson! — gritou Luke. — Eu devia ter matado você há muito tempo!

— Você tentou — lembrei a ele. — Deixe-nos ir, Luke. Tínhamos um juramento de Anteu. Eu sou o vencedor.

— Anteu está morto — disse ele, exatamente como eu esperava. — O juramento morre com ele. Mas, como estou me sentindo misericordioso hoje, vou mandar matá-lo depressa.

Ele apontou para Annabeth.

— Poupem a garota. — Sua voz tinha um leve tremor. — Irei falar com ela antes… antes de nosso grande triunfo.

Todos os monstros na plateia sacaram uma arma ou mostraram suas garras. Estávamos encurralados. Em irremediável desvantagem numérica.

Então senti algo em meu bolso — uma sensação congelante, ficando cada vez mais fria. *O apito para cães*. Meus dedos se fecharam em torno dele. Diversas vezes eu evitara usar o presente de Quintus. Devia ser uma armadilha. Mas agora… Eu não tinha escolha. Tirei-o do bolso e soprei. Não emitiu qualquer

som audível enquanto se desfazia em estilhaços de gelo, derretendo em minha mão.

Luke riu.

— O que isso deveria fazer?

De trás de mim veio um grito de surpresa. O gigante lestrigão que estava vigiando Annabeth passou voando por mim e se chocou contra a parede.

— AUUUUU!

A *empousa* Kelli gritou quando um mastim negro de duzentos e cinquenta quilos levantou-a como um brinquedo de morder e a lançou pelo ar, direto no colo de Luke. A sra. O'Leary rosnou, e as duas guardas *dracaenae* recuaram. Por um instante os monstros que assistiam não reagiram, inteiramente pegos de surpresa.

— Vamos! — gritei para meus amigos. — Junto, sra. O'Leary!

— A saída mais distante! — gritou Rachel. — É o caminho certo!

Ethan Nakamura seguiu o conselho dela. Juntos, atravessamos a arena correndo e alcançamos a saída mais distante, a sra. O'Leary logo atrás, seguindo-nos. Enquanto corríamos, eu podia ouvir os sons desordenados de um exército inteiro tentando descer das arquibancadas para nos seguir.

# QUINZE

Roubamos algumas asas seminovas

— Por aqui! — gritou Rachel.

— Por que deveríamos segui-la? — perguntou Annabeth. — Você nos levou direto para aquela armadilha mortal!

— Era o caminho que vocês precisavam tomar — afirmou Rachel. — Assim como este aqui. Venham!

Annabeth não parecia nem um pouco satisfeita, mas correu como todos nós. Rachel dava a impressão de saber exatamente aonde estava indo. Dobrava esquinas em disparada e nem sequer hesitava nos cruzamentos. Em uma ocasião disse: “Abaixem-se!”, e todos nos agachamos enquanto um imenso machado oscilava acima de nossas cabeças. Então prosseguimos como se nada tivesse acontecido.

Perdi a conta de quantas curvas dobramos. Não paramos para descansar até chegarmos a um salão do tamanho de um ginásio, com velhas colunas de mármore sustentando o teto. Fiquei parado na porta, procurando ouvir ruídos de perseguição, mas nada ouvi. Aparentemente, tínhamos nos livrado de Luke e de seus servos no Labirinto.

Então percebi mais um fato: a sra. O’Leary sumira. Eu não sabia quando ela tinha desaparecido. Não sabia se ela se perdera ou se fora derrotada por monstros ou o quê. Meu coração pareceu transformar-se em chumbo. Ela havia salvado nossa vida e eu nem tinha esperado para me certificar de que estava nos seguindo.

Ethan desabou no chão.

— Vocês são malucos.

Ele tirou o capacete. Seu rosto brilhava de suor.

Annabeth arquejou.

— Eu me lembro de você! Era um do garotos indeterminados no chalé de Hermes, faz alguns anos.

Ele olhou para ela.

— Sim, e você é Annabeth. Eu também lembro.

— O que… o que aconteceu com seu olho?

Ethan desviou o olhar, e eu tive a sensação de que aquele era um assunto que ele *não* discutiria.

— Você deve ser o meio-sangue de meu sonho — eu disse. — O que o pessoal de Luke encurralou. Não era Nico, no final das contas.

— Quem é Nico?

— Deixe para lá — Annabeth apressou-se em dizer. — Por que você estava tentando se alistar no lado errado?

Ethan lhe dirigiu um sorriso debochado.

— Não existe um lado certo. Os deuses nunca ligaram para nós. Por que eu não deveria…

— Alistar-se em um exército que o faz lutar até a morte por pura diversão? — completou Annabeth. — Puxa, eu realmente nem imagino.

Ethan esforçou-se para ficar de pé.

— Não vou discutir com você. Obrigado pela ajuda, mas vou dar o fora daqui.

— Vamos atrás de Dédalo — eu disse. — Venha conosco. Quando sairmos daqui, você será bem-vindo no acampamento.

— Vocês *são* mesmo loucos se acham que Dédalo vai ajudá-los.

— Ele precisa ajudar — disse Annabeth. — Vamos fazê-lo nos ouvir.

Ethan riu com desdém.

— É, bem, boa sorte então.

Agarrei seu braço.

— Você vai simplesmente seguir sozinho pelo Labirinto? Isso é suicídio.

Ele então me olhou com uma raiva quase incontrolável. Seu tapa-olho estava puído nas beiradas e o tecido preto estava desbotado, como se o estivesse usando por muito, muito tempo.

— Você não deveria ter me poupado, Jackson. Não há espaço para misericórdia nesta guerra.

Então saiu correndo para a escuridão, na direção de onde viéramos.

Annabeth, Rachel e eu estávamos tão exaustos que montamos acampamento ali mesmo, naquele salão imenso. Encontrei uns restos de madeira e fizemos uma fogueira. As sombras dançavam nas colunas erguendo-se como árvores à nossa volta.

— Havia algo errado com Luke — murmurou Annabeth, cutucando a fogueira com a faca. — Você percebeu como ele estava agindo?

— Ele me pareceu bastante satisfeito — eu disse. — Como se tivesse passado

um dia agradável torturando heróis.

— Isso não é verdade! Havia alguma coisa errada com ele. Parecia… nervoso. Disse aos monstros que me poupassem. Queria me dizer algo.

— Provavelmente: *“Oi, Annabeth! Sente-se aqui comigo e assista enquanto faço seus amigos em pedaços. Vai ser divertido!”*

—Você é impossível — resmungou Annabeth. Ela guardou a faca e olhou para Rachel. — Então, que caminho tomamos agora, guia?

Rachel não respondeu de imediato. Estava mais quieta desde a arena. Agora, quando Annabeth fazia um comentário sarcástico, Rachel mal se dava o trabalho de responder. Ela queimara a ponta de uma vara no fogo e a estava usando para desenhar figuras de carvão no chão, imagens dos monstros que havíamos visto. Com alguns poucos traços, reproduziu perfeitamente a aparência de uma *dracaena*.

—Vamos seguir a trilha — disse ela. — A luminosidade no chão.

— A luminosidade que nos levou direto para a armadilha? — perguntou Annabeth.

— Deixe-a em paz, Annabeth — intervim. — Ela está fazendo o melhor que pode.

Annabeth se levantou.

— O fogo está diminuindo. Vou procurar mais pedaços de madeira enquanto *vocês* dois discutem a estratégia. — E saiu para as sombras batendo o pé.

Rachel desenhou outra figura com sua varinha — um Anteu de cinzas balançando em suas correntes.

— Em geral, Annabeth não é assim — eu lhe disse. — Não sei o que há com ela.

Rachel ergueu as sobrancelhas.

— Tem certeza de que não sabe?

— O que quer dizer?

— Garotos — murmurou ela. — Totalmente cegos.

— Ei, não venha você também com isso! Olhe, lamento ter envolvido você nesta história.

— Não, você tinha razão — disse ela. — Consigo ver o caminho. Não sei explicar, mas está mesmo claro. — Ela apontou na direção da outra extremidade da sala, para a escuridão. — A oficina fica naquela direção. O coração do Labirinto. Estamos muito perto agora. Não sei porque o caminho levava àquela arena. Eu… desculpe-me por aquilo. Pensei que você fosse morrer.

Parecia que ela ia chorar.

— Ei, eu estou sempre prestes a morrer — garanti. — Não se sinta mal por

isso.

Ela estudou meu rosto.

— Então você faz isso todo verão? Luta contra monstros? Salva o mundo? Você nunca faz, sabe, coisas normais?

Eu nunca pensara sob esse ângulo. A última vez que tivera algo semelhante a uma vida normal fora… bem, nunca.

— Os meios-sangues se acostumam a isso, eu acho. Ou talvez não se acostumem, mas… — Mudei de posição, desconfortável. — E você? O que faz normalmente?

Rachel deu de ombros.

— Eu pinto. Leio muito.

O.k., pensei. Até aqui estamos marcando zero no gráfico de semelhanças.

— E quanto à sua família?

Eu podia sentir as defesas em sua mente se erguendo, como se aquele não fosse um tema seguro.

— Ah… eles são apenas, você sabe, família.

— Você disse que não perceberiam sua ausência.

Ela deixou de lado a varinha com que desenhava.

— Puxa, estou cansada de verdade. Posso dormir um pouco?

— Ah, claro. Desculpe se…

Rachel, porém, já estava se enroscando, usando a mochila como travesseiro. Ela fechou os olhos e ficou imóvel, mas tive a sensação de que não estava de fato dormindo.

Alguns minutos depois, Annabeth voltou. Atirou mais algumas varetas no fogo. Olhou para Rachel, depois para mim.

— Eu faço a primeira vigília — ela disse. — Você também deveria dormir.

— Você não precisa agir assim.

— Assim como?

— Como… Deixe para lá. — Eu me deitei, sentindo-me péssimo. Estava tão cansado que adormeci assim que meus olhos se fecharam.

Em meu sonho, ouvi risos. Risadas frias, ásperas, como facas sendo amoladas.

Eu estava de pé na beira de um fosso nas profundezas do Tártaro. Abaixo de mim a escuridão fervilhava como uma sopa negra como nanquim.

— Tão perto de sua própria destruição, heroizinho — a voz de Cronos soou, em tom de repreensão. — E ainda assim está cego.

A voz estava diferente. Agora parecia quase física, como se falada por um

corpo de verdade em vez de… o que quer que ele tenha sido em seu estado esquartejado.

— Preciso muito lhe agradecer — disse Cronos. — Você garantiu minha ressurreição.

As sombras na caverna tornaram-se mais densas e pesadas. Tentei recuar da beira do fosso, mas era como nadar em óleo. O tempo desacelerou. Minha respiração quase parou.

— Um favor — anunciou Cronos. — O Senhor Titã sempre paga suas dívidas. Quem sabe um vislumbre dos amigos que você abandonou…

A escuridão agitou-se à minha volta, e eu me vi em uma caverna diferente.

— Depressa! — disse Tyson.

Ele entrou em disparada na sala. Grover veio tropeçando atrás dele. Ouviu-se um ruído surdo no corredor de onde eles tinham vindo, e a cabeça de uma cobra enorme surgiu na caverna. Aquela criatura era tão grande que seu corpo mal cabia no túnel. As escamas eram cor de cobre. A cabeça tinha o formato de losango, como a de uma cascavel, e os olhos amarelos brilhavam de ódio. Quando ela abriu boca, as presas tinham o tamanho de Tyson.

Ela tentou devorar Grover, mas ele se esquivou. A cobra abocanhou terra. Tyson levantou uma rocha e a atirou no monstro, atingindo-o entre os olhos, mas ele simplesmente recuou e sibilou.

— Isso vai comer você! — Grover gritou para Tyson.

— Como você sabe?

— Isso acabou de me dizer! Corra!

Tyson disparou para um lado, mas a cobra usou a cabeça como um taco e o derrubou.

— Não! — Grover gritou.

Mas, antes que Tyson pudesse recuperar o equilíbrio, a cobra se enrolou em torno dele e começou a apertar.

Tyson resistiu, empurrando com toda sua imensa força, mas a cobra apertou ainda mais. Grover batia nela freneticamente com sua flauta de bambu, mas daria na mesma se estivesse batendo em um muro de pedra.

A caverna toda sacudiu quando a cobra contraiu os músculos, estremecendo para sobrepujar a força de Tyson. Grover começou a tocar a flauta, e começou a chover estalactites. A caverna inteira parecia prestes a ruir…

Acordei com Annabeth sacudindo meu ombro.

— Percy, acorde!

— Tyson… Tyson está em apuros! — eu disse. — Precisamos ajudá-lo.

— Primeiro o mais importante — ela replicou. — Terremoto!

E, de fato, o salão estava ribombando.

— Rachel! — gritei.

Os olhos dela abriram-se instantaneamente. Ela agarrou a mochila e nós três corremos. Estávamos quase alcançando o túnel mais distante quando uma coluna a nosso lado gemeu e cedeu com o peso. Continuamos seguindo, enquanto uma centena de toneladas de mármore desabava às nossas costas.

Conseguimos chegar ao corredor e nos viramos a tempo de ver outras colunas desabando. Uma nuvem de poeira branca ergueu-se acima de nós, e continuamos em disparada.

— Querem saber? — disse Annabeth. — Acabei gostando deste caminho.

Não demorou muito até que víssemos à frente uma luz, que parecia iluminação elétrica comum.

— Lá — disse Rachel.

Nós a seguimos até um corredor de aço inoxidável, como eu imaginava que haveria em uma estação espacial ou algo no gênero. Luzes fluorescentes brilhavam no teto. O piso era uma grelha de metal.

Eu estava tão acostumado à escuridão que a luz incomodou meus olhos. Annabeth e Rachel pareciam pálidas na claridade intensa.

— Por aqui — disse Rachel, e voltou a correr. — Estamos perto!

— Isso é um grande engano! — disse Annabeth. — A oficina vai estar na parte mais antiga do Labirinto. Isso não pode…

Ela hesitou, pois havíamos chegado a uma porta dupla de metal. Inscrito no aço, no nível dos olhos, estava um Δ grande e azul.

— Chegamos — anunciou Rachel. — A oficina de Dédalo.

Annabeth pressionou o símbolo nas portas e elas se abriram com um silvo.

— A arquitetura antiga já era — eu disse.

Annabeth franziu a testa. Juntos, entramos.

O primeiro detalhe que me chamou a atenção foi a luz do dia — o sol ofuscante entrando por janelas gigantescas. Não era o tipo de visão esperada no coração de um calabouço. A oficina parecia o estúdio de um artista, com pé-direito de dez metros e muita iluminação, piso de pedra polida e bancadas de trabalho ao longo das janelas. Uma escada em espiral levava a um mezanino. Meia dúzia de cavaletes exibiam diagramas de edifícios e de máquinas feitos à mão, que se assemelhavam aos desenhos de Leonardo da Vinci. Vários *laptops* espalhavam-se pelas mesas. Jarras de vidro de óleo verde — fogo grego —

alinhavam-se em uma prateleira. Havia invenções também — estranhas máquinas de metal que eu não sabia para que serviam. Uma delas era uma cadeira de bronze com um punhado de fios elétricos, como uma espécie de instrumento de tortura. Em outro canto erguia-se um ovo de metal gigante do tamanho de um homem. Havia um relógio de pêndulo que parecia totalmente feito de vidro, e era possível ver todas as engrenagens em ação. E da parede pendiam vários conjuntos de asas de bronze e prata.

— *Di immortales* — murmurou Annabeth. Ela correu para o cavalete mais próximo e olhou o esboço. — Ele é um gênio. Olhem as curvas deste edifício!

— E um artista — completou Rachel, perplexa. — Essas asas são impressionantes!

As asas pareciam aperfeiçoadas, comparadas às que eu vira em meus sonhos. As penas estavam mais estreitamente interligadas. Em vez de seladas com cera, tiras autoadesivas estendiam-se pelas laterais.

Mantive a mão em Contracorrente. Aparentemente, Dédalo não estava em casa, mas a oficina parecia ter sido usada havia pouco. Os *laptops* estavam ligados, exibindo seus protetores de tela. Em uma das bancadas, viam-se um *muffin* de *blueberry* mordido e uma xícara de café.

Caminhei até a janela. A vista lá fora era assombrosa. Reconheci as Montanhas Rochosas a distância. Estávamos em seu contraforte, a pelo menos cento e cinquenta metros de altitude, e lá embaixo um vale se estendia, coberto por uma coleção desordenada de pequenos planaltos, rochedos e cumes de pedra vermelhos. Parecia que uma criança enorme andara construindo uma cidade de brinquedo com blocos do tamanho de arranha-céus, e então resolvera derrubar tudo.

— Onde estamos? — perguntei a mim mesmo.

— Colorado Springs — disse uma voz atrás de nós. — O Jardim dos Deuses.

De pé na escada em espiral logo acima, com a arma em punho, estava nosso mestre de esgrima desaparecido, Quintus.

— Você! — disse Annabeth. — O que fez com Dédalo?

Quintus sorriu ligeiramente.

— Confie em mim, minha querida. Você não quer encontrá-lo.

— Olhe, sr. Traidor — ela resmungou —, eu não lutei contra uma mulher-dragão, um homem de três corpos e uma esfinge psicótica para ver *você*. Agora diga: onde está DÉDALOS?

Quintus desceu a escada, segurando a espada ao lado do corpo. Estava vestido

com jeans, botas e sua camiseta de conselheiro do Acampamento Meio-Sangue, o que parecia um insulto agora que víamos que era um espião. Eu não sabia se poderia vencê-lo em uma luta de espada. Ele era bastante bom. Mas percebi que iria ter de tentar.

—Vocês acham que sou um agente de Cronos — ele disse. — Que trabalho para Luke.

— Dã — replicou Annabeth.

— Você é uma garota inteligente — ele afirmou. — Mas está enganada. Só trabalho para mim mesmo.

— Luke mencionou seu nome — eu disse. — Geríon também sabia sobre você. Esteve no rancho dele.

— Naturalmente — ele disse. — Já estive em quase todos os lugares. Até mesmo aqui.

Ele passou por mim como se eu não representasse a menor ameaça e parou diante da janela.

— A vista muda todos os dias — ele refletiu. — Mas é sempre um lugar alto. Ontem era de um arranha-céu que se erguia sobre Manhattan. Anteontem era uma linda vista do Lago Michigan. No entanto, está sempre voltando ao Jardim dos Deuses. Acho que o Labirinto gosta daqui. Um nome adequado, suponho.

— Você já esteve aqui antes — repeti.

— Estive, sim.

— É uma ilusão o que vemos lá fora? — perguntei. — Uma projeção ou algo parecido?

— Não — murmurou Rachel. — É de verdade. Estamos mesmo no Colorado.

Quintus a observou.

— Você tem clarividência, não tem? Faz lembrar de uma outra jovem mortal que conheci. Outra princesa, que terminou sofrendo.

— Chega de jogos — eu disse. — O que foi que você fez com Dédalo?

— Meu garoto — Quintus me fitou —, você precisa tomar aulas com sua amiga sobre como ver claramente. Eu *sou* Dédalo.

Eu poderia ter dado várias respostas, de “Eu sabia”, passando por “MENTIROSO!” a “Certo, e eu sou Zeus”. Mas a única ideia que me ocorreu foi dizer: — Mas você não é inventor! É um esgrimista!

— Sou ambos — disse Quintus. — E arquiteto. E erudito. E também jogo basquete razoavelmente bem para um sujeito que só começou aos dois mil anos de idade. Um artista de verdade precisa ser bom em muitas áreas.

— É verdade — disse Rachel. — Eu, por exemplo, posso pintar tanto com os

pés quanto com as mãos.

— Está vendo? — disse Quintus. — Uma garota de muitos talentos.

— Mas você nem se parece com Dédalo — protestei. — Eu o vi em um sonho e… — De repente, um pensamento horrível me ocorreu.

— É — disse Quintus. — Você afinal percebeu a verdade.

— Você é um autômato. Fez um corpo novo para si mesmo.

— Percy — disse Annabeth, pouco à vontade —, isso não é possível. Isso… isso não pode ser um autômato.

Quintus deu uma risadinha.

— Sabe o que significa Quintus, minha querida?

— Quinto, em latim. Mas…

— Este é meu quinto corpo.

O esgrimista estendeu o braço. Apertou o cotovelo e parte de seu punho se abriu — um compartimento retangular na pele. Ali dentro, engrenagens de bronze zumbiam. Fios brilhavam.

— É assombroso! — exclamou Rachel.

— É esquisito — eu disse.

— Você encontrou uma forma de transferir seu *animus* para uma máquina? — perguntou Annabeth. — Isso… é artificial.

— Ah, eu lhe asseguro, minha querida, que ainda sou eu. Ainda sou totalmente Dédalo. Nossa mãe, Atena, cuida para que eu nunca me esqueça disso. — Ele puxou a gola da camisa. Na base de seu pescoço estava a marca que eu vira antes, a forma escura de uma ave enxertada em sua pele.

— A marca de um assassino — disse Annabeth.

— Por causa de seu sobrinho, Perdiz — adivinhei. — O garoto que você empurrou da torre.

O rosto de Quintus tornou-se sombrio.

— Eu não o empurrei. Eu simplesmente…

— Fez com que ele perdesse o equilíbrio — completei. — Deixou-o morrer.

Pelas janelas Quintus olhou para as montanhas púrpuras.

— Eu me arrependo do que fiz, Percy. Estava furioso e amargo. Mas não há como voltar atrás, e Atena nunca me permitiu esquecer. Quando Perdiz morreu, ela o transformou em uma pequena ave, uma perdiz de fato. E marcou a forma da ave em meu pescoço como lembrete. Não importa que corpo eu assuma: a marca reaparece em minha pele.

Olhei-o nos olhos e percebi que era o mesmo homem dos sonhos. O rosto podia ser totalmente diferente, mas a mesma alma estava lá — a mesma

inteligência e toda aquela tristeza.

—Você é mesmo Dédalo — concluí. — Mas por que foi para o acampamento? Para que nos espionar?

— Para ver se valia a pena salvar seu acampamento. Luke me contara uma história. Preferi tirar minhas próprias conclusões.

— Então você falou *mesmo* com Luke.

— Ah, sim. Várias vezes. Ele é bastante persuasivo.

— Mas agora você viu o acampamento! — insistiu Annabeth. — Então sabe que precisamos de sua ajuda. Não pode permitir que Luke atravesse o Labirinto!

Dédalo pousou a espada na bancada.

— Eu já não tenho o controle do Labirinto, Annabeth. Eu o criei, sim. Na verdade, ele está ligado à minha força vital. Mas permiti que ele existisse e se desenvolvesse por conta própria. Foi esse o preço que paguei pela privacidade.

— Privacidade em relação a quê?

— Aos deuses — ele respondeu. — E à morte. Estou vivo há dois milênios, minha querida, escondendo-me da morte.

— Mas como você consegue se esconder de Hades? — perguntei. — Quer dizer… Hades tem as Fúrias.

— Elas não sabem tudo — disse ele. — Nem veem tudo. Você as encontrou, Percy. Sabe que isso é verdade. Um homem inteligente pode se esconder por muito tempo, e eu me enterrei bem fundo. Somente meu maior inimigo continua a me perseguir, e mesmo ele eu frustrei.

— Você se refere a Minos — eu disse.

Dédalo assentiu.

— Ele me caça incansavelmente. Agora que é um juiz dos mortos, nada lhe daria mais prazer do que me ver diante dele para me punir por meus crimes. Depois que as filhas de Cócalo o mataram, o fantasma de Minos começou a me torturar em meus sonhos. Ele jurou que me perseguiria. Tomei a única atitude que podia. Retirei-me completamente do mundo. Desci a meu Labirinto. Decidi que esse seria meu último feito: eu enganaria a morte.

— E conseguiu, por dois mil anos — maravilhou-se Annabeth. Ela parecia impressionada, apesar das ações horríveis de Dédalo.

Neste exato momento um latido ecoou, vindo do corredor. Ouvi o *ba~BUMP, ba~BUMP, ba~BUMP* de patas enormes, e a sra. O'Leary entrou saltitando na oficina. Ela lambeu meu rosto uma vez, e então quase derrubou Dédalo com um pulo entusiasmado.

— Aí está minha velha amiga! — disse Dédalo, coçando atrás das orelhas da sra. O'Leary. — Minha única companhia durante todos esses longos e solitários

anos.

— Você a deixou me salvar — eu disse. — Aquele apito funcionou de verdade.

Dédalo assentiu.

— É claro que sim, Percy. Você tem bom coração. E eu sabia que a sra. O'Leary gostava de você. Eu queria ajudá-lo. Talvez eu… sentisse culpa também.

— Culpa em relação a quê?

— Ao fato de que sua missão seria em vão.

— O quê? — perguntou Annabeth. — Mas você ainda pode nos ajudar. Você precisa! Basta nos dar o fio de Ariadne para que Luke não o consiga.

— Sim… o fio. Eu disse a Luke que os olhos de um mortal clarividente são o melhor guia, mas ele não acreditou em mim. Estava tão focado na ideia de um item mágico! E o fio funciona. Talvez não seja tão preciso quanto sua amiga mortal aqui, mas é bom o bastante. Bom o bastante.

— Onde está o fio? — perguntou Annabeth.

— Com Luke — disse Dédalo, com tristeza. — Eu lamento, minha querida. Mas vocês estão várias horas atrasados.

Tive um calafrio ao perceber por que Luke estava tão bem-humorado na arena. Ele já havia conseguido o fio com Dédalo. Seu único obstáculo era o dono da arena, e eu cuidara disso para ele ao matar Anteu.

— Cronos me prometeu liberdade — contou Quintus. — Assim que Hades for destronado, ele vai me dar o comando do Mundo Inferior. Eu reclamarei meu filho, Ícaro. Vou me acertar com o pobre e jovem Perdiz. Verei a alma de Minos lançada no Tártaro, onde não poderá me importunar novamente. E não mais terei de fugir da morte.

— É essa a sua ideia brilhante? — gritou Annabeth. — Vai permitir que Luke destrua nosso acampamento, mate centenas de semideuses e então ataque o Olimpo? Vai aniquilar o mundo todo só para ter o que quer?

— Sua causa está condenada, minha querida. Vi isso assim que comecei a trabalhar em seu acampamento. Vocês não têm como deter a força de Cronos.

— Isso não é verdade! — ela gritou.

— Estou fazendo o que devo, minha querida. A oferta era boa demais para eu recusar. Sinto muito.

Annabeth derrubou um cavalete. Desenhos arquitetônicos foram espalhados pelo chão.

— Eu o respeitava. Você era meu herói! Você… você construía coisas impressionantes. Resolvia problemas. Agora… não sei o que você é. Espera-se

que os filhos de Atena sejam *sábios*, não apenas inteligentes. Provavelmente, você é só uma máquina. Deveria ter morrido há dois mil anos.

Em vez de ficar furioso, Dédalo baixou a cabeça.

— Vocês precisam alertar ao acampamento. Agora que Luke tem o fio…

De repente a sra. O'Leary levantou as orelhas.

— Alguém está vindo! — avisou Rachel.

As portas da oficina se abriram violentamente e Nico foi empurrado para dentro, as mãos acorrentadas. Em seguida, Kelli e dois lestrigões marcharam atrás dele, acompanhados pelo fantasma de Minos. Ele parecia quase sólido agora — um pálido rei barbudo, com olhos frios e fiapos da Névoa desprendendo-se de sua túnica.

Ele fixou o olhar em Dédalo.

— Aí está você, meu velho amigo.

Os maxilares de Dédalo se cerraram e ele olhou para Kelli.

— O que isto significa?

— Luke envia seus cumprimentos — disse Kelli. — Achou que talvez você gostasse de ver seu antigo empregador Minos.

— Isto não fazia parte de nosso acordo — disse Dédalo.

— Não, de fato — concordou Kelli. — Mas nós já temos o que queríamos de você, e temos outros acordos para honrar. Minos exigiu algo de nós em troca deste excelente jovem semideus.

— Ela correu um dedo sob o queixo de Nico. — Ele será bastante útil. E tudo que Minos pediu foi sua cabeça, velho.

Dédalo empalideceu.

— Traição.

— Vá se acostumando — disse Kelli.

— Nico, você está bem? — perguntei.

Ele assentiu, melancólico.

— Eu… desculpe-me, Percy. Minos me disse que você estava em perigo. Ele me convenceu a voltar ao Labirinto.

— Você estava tentando nos *ajudar?*

— Fui enganado — ele disse. — Ele enganou todos nós.

Fuzilei Kelli com o olhar.

— Onde está Luke? Por que não está aqui?

A mulher-demônio sorriu como se aquilo fosse nossa piada particular.

— Ele está… ocupado. Está se preparando para o ataque. Mas não se preocupe. Temos mais amigos a caminho. Nesse meio-tempo, acho que vou

fazer um lanchinho delicioso!

Suas mãos se transformaram em garras. Seu cabelo incendiou-se e as pernas assumiram sua forma verdadeira: uma perna de burro, outra, de bronze.

— Percy — sussurrou Rachel —, as asas. Acha que…

— Pegue-as — eu disse. — Vou tentar ganhar algum tempo.

E, com isso, o lugar virou um Hades. Annabeth e eu investimos contra Kelli. Os gigantes foram direto para Dédalo, mas a sra. O'Leary saltou em defesa dele. Nico foi empurrado para o chão e lutava contra as correntes, enquanto o espírito de Minos urrava: — Matem o inventor! Matem-no!

Rachel puxou as asas da parede. Ninguém prestava atenção nela. Kelli atacou Annabeth. Tentei alcançá-la, mas o demônio era rápido e mortal. Ela virou mesas, despedaçou invenções e não permitia que nos aproximássemos. Com o canto do olho, vi a sra. O'Leary cravar as presas no braço de um gigante. Ele uivou de dor e a sacudiu, tentando livrar-se dela. Dédalo tentou pegar sua espada, mas o segundo gigante golpeou a bancada com o punho, lançando a arma no ar. Um jarro de cerâmica contendo fogo grego espatifou-se no chão e começou a queimar, as chamas verdes rapidamente se espalhando.

— A mim! — gritou Minos. — Espíritos dos mortos! Ele ergueu as mãos fantasmagóricas e o ar começou a zumbir.

— Não! — gritou Nico, que agora estava de pé. De algum modo conseguira remover os grilhões.

— Você não me controla, jovem tolo — zombou Minos. — Esse tempo todo, eu é que o tive sob controle! Uma alma por uma alma, sim. Mas não é sua irmã que retornará dos mortos. Sou eu, assim que matar o inventor!

Espíritos começaram a surgir em torno de Minos — formas tremeluzentes que lentamente se multiplicavam, materializando-se em soldados cretenses.

— Eu sou o filho de Hades — insistiu Nico. — Vão embora!

— Você não tem poder sobre mim. — Minos riu. — Eu sou o Senhor dos Espíritos! O rei fantasma!

— Não. — Nico puxou a espada. — *Eu* sou.

E cravou no chão sua lâmina negra, que atravessou a pedra como se fosse manteiga.

— Nunca! — A forma de Minos ondulava. — Eu não…

O chão ribombou. As janelas racharam e estilhaçaram, deixando entrar um jato de ar fresco. Abriu uma fissura no piso de pedra da oficina, e Minos e todos os seus espíritos foram sugados para o vazio com um lamento terrível.

A má notícia: a luta à nossa volta ainda continuava, e eu me distraíra. Kelli precipitou-se sobre mim tão rápido que não tive tempo de me defender. Minha

espada deslizou para longe e, ao cair, bati a cabeça com força em uma bancada. Minha visão ficou turva. Eu não conseguia levantar os braços.

Kelli riu.

— Você deve ter um sabor delicioso!

Ela mostrou as presas. Então, de repente, seu corpo enrijeceu. Os olhos vermelhos se arregalaram. Ela arfou: — Nenhum… espírito… esportivo…

E Annabeth puxou a faca das costas da *empousa*. Com um grito de horror, Kelli dissolveu-se em vapor amarelo.

Annabeth me ajudou ficar de pé. Eu ainda estava tonto, mas não tínhamos tempo a perder. A sra. O'Leary e Dédalo ainda se atracavam com os gigantes, e eu podia ouvir gritos no túnel. Mais monstros vinham em direção à oficina.

— Precisamos ajudar Dédalo! — eu disse.

— Não há tempo — disse Rachel. — Estão vindo muitos!

Ela já estava com as asas e ajudava Nico, pálido e suado de seu combate contra Minos. As asas enxertaram-se instantaneamente nas costas e nos braços dele.

— Agora você! — ela me disse.

Em segundos, Nico, Annabeth, Rachel e eu usávamos asas de cobre. Eu já podia me sentir sendo erguido pelo vento que entrava pela janela. O fogo grego queimava as mesas e a mobília, subindo pela escada circular.

— Dédalo! — gritei. — Venha!

Ele tinha uma centena de cortes — mas vertia óleo dourado, em vez de sangue. Havia encontrado sua espada e usava parte de uma mesa estraçalhada como escudo contra os gigantes.

— Não vou abandonar a sra. O'Leary! — disse ele. — Vão!

Não havia tempo para discutir. Mesmo que ficássemos, eu não tinha certeza se seríamos úteis.

— Nenhum de nós sabe voar! — protestou Nico.

— É uma ótima hora para aprender — eu disse.

E, juntos, nós quatro saltamos da janela para o céu aberto.

# DEZESSEIS

Eu abro um caixão

Saltar de uma janela cento e cinquenta metros acima do solo não é exatamente minha ideia de diversão. Principalmente quando estou usando asas de bronze e batendo os braços como um pato.

Despenquei na direção do vale e das pedras vermelhas lá embaixo. Tinha certeza de que me transformaria em uma mancha de gordura no Jardim dos Deuses quando Annabeth gritou de algum ponto acima de mim:

— Abra os braços! Mantenha-os estendidos.

A pequena parte de meu cérebro que não estava tomada pelo pânico a ouviu, e meus braços responderam. Assim que os estiquei, as asas enrijeceram, encontraram o vento, e minha queda desacelerou. Desci planando, mas num ângulo controlado, como uma pipa em um mergulho.

Bati os braços uma vez, para experimentar. Descrevi um arco no céu, o vento assoviando em meus ouvidos.

— Uhu! — gritei.

A sensação era incrível. Depois de pegar o jeito, a sensação era de que as asas faziam parte de meu corpo. Eu conseguia planar, subir e mergulhar em qualquer direção que quisesse.

Virei-me e vi meus amigos — Rachel, Annabeth e Nico — espiralando acima de mim, reluzindo ao sol. Atrás deles, a fumaça subia das janelas da oficina de Dédalo.

— Aterrissem! — gritou Annabeth. — Estas asas não vão durar para sempre.

— Quanto tempo? — gritou Rachel.

— Não quero descobrir! — disse Annabeth.

Descemos em direção ao Jardim dos Deuses. Descrevi um círculo completo em torno de uma das torres de pedra, assustando alguns alpinistas. Então, nós quatro planamos acima do vale, sobrevoamos uma estrada e pousamos no terraço do centro de visitantes. Era fim de tarde e o lugar estava relativamente vazio, mas arrancamos as asas o mais rápido que pudemos. Olhando-as, vi que Annabeth tinha razão. As faixas autoadesivas que as prendiam às nossas costas

já começavam a se dissolver, e as penas de bronze já se soltavam. Era lamentável, mas não podíamos consertá-las nem deixá-las para que fossem encontradas pelos mortais, então as jogamos na lixeira do lado de fora da lanchonete.

Usei o binóculo para turistas para olhar a colina onde estivera a oficina de Dédalo, mas esta havia desaparecido. Não havia mais fumaça. Nem janelas quebradas. Apenas a encosta de uma colina.

— A oficina se deslocou — deduziu Annabeth. — Não temos como saber para onde.

— E o que fazemos agora? — perguntei. — Como voltamos ao Labirinto?

Annabeth olhou para o cume da Pikes Peak a distância.

— Talvez não possamos. Se Dédalo morreu… Ele disse que sua força vital estava ligada ao Labirinto. Toda a obra pode ter sido destruída. Talvez isso detenha a invasão de Luke.

Pensei em Grover e Tyson, ainda em algum lugar lá embaixo. E em Dédalo… Embora ele tivesse feito coisas terríveis e colocado todos os meus amigos em risco, ainda assim aquela parecia uma forma horrível de morrer.

— Não — disse Nico. — Ele não está morto.

— Como pode ter certeza? — perguntei.

— Eu *sei* quando as pessoas morrem. É uma sensação que tenho, como um zumbido nos ouvidos.

— E Tyson e Grover, então?

Nico sacudiu a cabeça.

— Aí já fica mais difícil. Eles não são nem humanos nem meios-sangues. Não têm almas mortais.

— Precisamos ir para a cidade — decidiu Annabeth. — Nossa chance de encontrar uma entrada para o Labirinto será maior. Precisamos chegar ao acampamento antes de Luke e seu exército.

— Poderíamos simplesmente pegar um avião — disse Rachel.

Estremeci.

— Eu não voo.

— Mas foi o que você acabou de fazer.

— Voei baixo aqui — eu disse —, e até mesmo isso é arriscado. Voar alto de verdade… é o território de Zeus… isso eu não posso fazer. Além do mais, não temos tempo de pegar um avião. O Labirinto é o caminho de volta mais rápido.

Eu não queria dizer, mas também tinha esperança de que talvez, apenas talvez, encontrássemos Grover e Tyson no caminho.

— Então precisamos de um carro para nos levar à cidade — disse Annabeth.

Rachel olhou para o estacionamento. Fez uma careta, como se estivesse prestes a fazer algo de que se arrependeria.

— Eu cuido disso.

— Como? — perguntou Annabeth.

— Confie em mim.

Annabeth pareceu preocupada, mas assentiu.

— O.k. Vou comprar um prisma na lojinha de lembranças, tentar criar um arco-íris e mandar uma mensagem de Íris para o acampamento.

— Eu vou com você — disse Nico. — Estou com fome.

— Então fico com Rachel — eu disse. — Encontramos vocês no estacionamento.

Rachel franziu a testa, como se não me quisesse por perto. Eu me senti um tanto mal, mas de qualquer maneira desci com ela até o estacionamento.

Ela seguiu na direção de um carro preto grande estacionado em um canto. Era um Lexus com chofer, do tipo que eu sempre via rodando por Manhattan. O motorista estava na frente do automóvel, lendo um jornal. Usava terno escuro e gravata.

— O que você vai fazer? — perguntei a Rachel.

— Espere aqui — ela pediu, pouco à vontade. — Por favor.

Rachel marchou direto até o motorista e falou com ele. Ele franziu a testa. Rachel disse mais algumas palavras. Ele ficou pálido e rapidamente dobrou o jornal. Assentiu e tateou o celular. Depois de uma ligação breve, abriu a porta traseira do carro para que Rachel entrasse. Ela apontou em minha direção, e o motorista balançou a cabeça um pouco mais, como se dissesse: *Sim, senhora. Como quiser.*

Eu não conseguia imaginar por que ele parecia tão perturbado.

Rachel voltou para me chamar no exato momento em que Nico e Annabeth surgiam, vindos da lojinha.

— Falei com Quíron — informou Annabeth. — Estão fazendo tudo que podem para se preparar para a batalha, mas ele ainda quer que voltemos. Precisarão de cada herói com que puderem contar. Encontramos uma carona?

— O motorista só está esperando por nós — disse Rachel.

O chofer agora conversava com um sujeito de calça cáqui e camisa polo, provavelmente o cliente que alugara o carro. O homem se queixava, mas pude ouvir o motorista dizer:

— Lamento, senhor. É uma emergência. Pedi outro carro para o senhor.

— Venham — chamou Rachel.

Ela nos levou até o carro e entrou sem nem olhar para o locatário atônito. Um minuto depois já estávamos na estrada. Os bancos eram de couro. Havia bastante espaço para as pernas. Do banco traseiro víamos tevês de tela plana embutidas no descanso de cabeça dos bancos da frente, e havia um frigobar com água mineral, refrigerante e petiscos. Começamos a nos empanturrar.

— Para onde, srta. Dare? — perguntou o motorista.

— Ainda não sei, Robert — ela respondeu. — Só precisamos rodar pela cidade e, hã, olhar as coisas.

— Como quiser, senhorita.

Olhei para Rachel.

— Conhece esse cara?

— Não.

— Mas ele largou tudo para nos ajudar. Por quê?

— Apenas fique de olhos abertos — ela disse. — Ajude-me a olhar.

O que não era exatamente uma resposta à minha pergunta.

Rodamos por Colorado Springs por cerca de meia hora e não vimos algo que Rachel considerasse uma possível entrada para o Labirinto. Percebia nitidamente o ombro de Rachel encostado no meu. Fiquei me perguntando quem ela era na realidade, e como pôde abordar um chofer aleatoriamente e conseguir uma carona de imediato.

Depois de cerca de uma hora resolvemos seguir para o norte, na direção de Denver, pensando que talvez fosse mais provável que uma cidade maior tivesse uma entrada para o Labirinto, mas o nervosismo começava a tomar conta de todos nós. Estávamos perdendo tempo.

Então, logo quando saíamos de Colorado Springs, Rachel se endireitou no banco.

— Saia da estrada!

O motorista olhou para trás.

— Como, senhorita?

— Eu vi alguma coisa, acho. Saia aqui.

O motorista desviou do trânsito e pegou a saída.

— O que foi que você viu? — perguntei, porque agora estávamos totalmente fora da cidade. Não havia nada à volta, a não ser morros, campos e algumas casas de fazenda espalhadas.

Rachel pediu ao motorista que entrasse em uma estradinha de terra nada promissora. Passamos por uma placa rápido demais para que eu conseguisse lê-

la, mas Rachel anunciou:

— Museu de Mineração e Indústria do Oeste.

Para um museu, não parecia grande coisa — uma pequena construção semelhante a uma antiga estação ferroviária, algumas furadeiras, bombas e velhas escavadeiras mecânicas expostas do lado de fora.

— Lá. — Rachel apontou um buraco na encosta de um morro ali perto, um túnel fechado por tábuas e correntes. — A entrada de uma velha mina.

— Uma porta para o Labirinto? — perguntou Annabeth. — Como pode ter certeza?

— Bem, olhe ali! — disse Rachel. — Quer dizer… *eu* consigo ver, o.k.?

Ela agradeceu ao motorista e todos saltamos. Ele não pediu dinheiro nem nada.

— Tem certeza de que ficarão bem, srta. Dare? Eu teria prazer em ligar para seu…

— Não! — cortou-o Rachel. — Não, de verdade. Obrigada, Robert. Mas estamos bem.

O museu parecia fechado, e assim ninguém nos incomodou quando subimos o morro na direção da entrada da mina. Ao alcançarmos a entrada, vi a marca de Dédalo gravada no cadeado, embora não tivesse a menor ideia de como, da estrada, Rachel conseguira enxergar algo tão minúsculo. Toquei o cadeado e as correntes caíram. Derrubamos algumas tábuas a pontapés e entramos. Para o bem ou para o mal, estávamos de volta ao Labirinto.

Os túneis de terra deram lugar a outros de pedra, que davam voltas e se dividiam, e basicamente tentavam nos confundir, mas Rachel não tinha dificuldade em nos guiar. Dissemos-lhe que precisávamos voltar para Nova York, e ela mal fazia uma pausa quando os túneis ofereciam opções.

Para minha surpresa, Rachel e Annabeth começaram a conversar enquanto caminhávamos. Annabeth fez mais perguntas sobre a vida dela, mas Rachel respondia com evasivas, então começaram a conversar sobre arquitetura. Rachel tinha algum conhecimento sobre o assunto por causa de seus estudos de arte. Elas falaram sobre diferentes fachadas de edifícios por toda a Nova York — “Você já viu aquele”, blá-blá-blá —, então fiquei para trás, caminhando ao lado de Nico em um silêncio desconfortável.

— Obrigado por vir atrás da gente — eu disse a ele, por fim.

Os olhos de Nico se estreitaram. Ele não parecia mais tão zangado quanto antes — só desconfiado, cauteloso.

— Eu devia isso a você por causa do rancho, Percy. Além do mais… queria ver Dédalo com meus próprios olhos. Minos tinha razão, de certo modo. Dédalo *deveria* morrer. Ninguém deveria ser capaz de evitar a morte por tanto tempo. É antinatural.

— Era atrás disso que você estava o tempo todo — eu disse. — Trocar a alma de Dédalo pela de sua irmã.

Nico andou mais uns cinquenta metros antes de responder.

— Não tem sido fácil, sabe. Ter apenas os mortos por companhia. Saber que nunca serei aceito pelos vivos. Somente os mortos me respeitam, e mesmo assim só por medo.

— Você poderia ser aceito — eu disse. — Poderia ter amigos no acampamento.

Ele me olhou.

— Acredita mesmo nisso, Percy?

Não respondi. A verdade era que eu não sabia. Nico sempre fora um pouco diferente, mas desde a morte de Bianca ficara quase… assustador. Tinha os olhos do pai — aquele fogo intenso, maníaco, que fazia desconfiar que ele era um gênio ou um louco. E a maneira como ele banira Minos e chamara a *si mesmo* de rei dos fantasmas era impressionante, mas também me deixava apreensivo.

Antes que eu pudesse pensar em alguma resposta, dei uma trombada em Rachel, que havia parado à minha frente. Estávamos em uma bifurcação. O túnel continuava à frente, mas outro saía à direita — um caminho circular cavado em pedra vulcânica negra.

— O que é isto? — perguntei.

Rachel olhou o túnel escuro. No débil feixe de luz da lanterna, seu rosto parecia um dos espectros de Nico.

— É este o caminho? — perguntou Annabeth.

— Não — respondeu ela, nervosa. — Não mesmo.

— Por que paramos, então? — perguntei.

— Ouçam — disse Nico.

Ouvi o vento vindo pelo túnel, como se a saída estivesse próxima. E senti um cheiro vagamente familiar — e que me trouxe más recordações.

— Eucaliptos — eu disse. — Como na Califórnia.

No inverno passado, quando enfrentamos Luke e o titã Atlas no topo do Monte Tamalpais, o ar tinha o mesmo odor.

— Existe algo maligno mais adiante neste túnel — afirmou Rachel. — Algo muito poderoso.

— E cheiro de morte — acrescentou Nico, o que fez eu me sentir *muito*

melhor.

Annabeth e eu trocamos olhares.

— A entrada de Luke — ela adivinhou. — A que vai dar no Monte Otris, o palácio dos titãs.

— Preciso verificar — eu disse.

— Percy, não.

— Luke pode estar bem ali — eu disse. — Ou… ou Cronos. Preciso descobrir o que está acontecendo.

Annabeth hesitou.

— Então vamos todos.

— Não — eu disse. — É perigoso demais. Se puserem as mãos em Nico, ou ainda em Rachel, Cronos poderia usá-los. Você fica aqui e os protege.

O que eu não disse: estava preocupado também por Annabeth. Não confiava no que ela faria se visse Luke novamente. Ele a enganara e manipulara muitas vezes antes.

— Percy, não — pediu Rachel. — Não vá lá em cima sozinho.

— Irei rápido — prometi. — Não vou fazer nenhuma bobagem.

Annabeth tirou o boné dos Yankees do bolso.

— Pelo menos leve isto. E tome cuidado.

— Obrigado. — Lembrei-me da última ocasião em que Annabeth e eu havíamos nos separado, quando ela me deu um beijo de boa sorte no Monte Santa Helena. Desta vez, tudo que ganhei foi o boné.

Eu o pus na cabeça.

— Lá vai o nada. — E entrei sorrateiro e invisível no túnel de pedra escura.

Antes mesmo que chegasse à saída, ouvi vozes: os rosnados e os gritos dos demônios marinhos ferreiros, os telquines.

— Pelo menos salvamos a lâmina — disse um deles. — O mestre ainda vai nos recompensar.

— Sim! Sim! — gargalhou alto um segundo. — Recompensas ilimitadas.

Outra voz, esta mais humana, disse:

— Hã, sim, bem, isso é ótimo. Agora, se já acabaram com…

— Não, meio-sangue! — interrompeu um telquine. — Você precisa nos ajudar a fazer a apresentação. É uma grande honra!

— Puxa, obrigado — disse o meio-sangue, e percebi que era Ethan Nakamura, o cara que fugira depois de eu salvar sua triste vida na arena.

Rastejei até o fim do túnel. Precisava ficar me lembrando de que estava

invisível. Eles não conseguiriam me ver.

Uma rajada de ar frio me atingiu em cheio quando saí. Eu estava perto do topo do Monte Tam. O Oceano Pacífico estendia-se lá embaixo, cinzento sob o céu nublado. A cerca de uns cinco metros de onde eu estava, dois telquines posicionavam algum objeto sobre uma pedra grande — algo comprido e estreito, envolto em tecido preto. Ethan os ajudava a desembrulhar.

— Cuidado, seu tolo — ralhou o telquine. — Um só toque e a lâmina vai separar sua alma de seu corpo.

Ethan engoliu em seco, nervoso.

— Talvez seja melhor você desembrulhar, então.

Olhei para cima, para o pico da montanha, onde uma fortaleza de mármore negro assomava, indistinta, exatamente como eu vira no sonho. Lembrava-me um enorme mausoléu, com muros de quinze metros de altura. Eu não imaginava como os mortais podiam não notar a existência daquela construção ali. Por outro lado, tudo abaixo do pico era nebuloso, como se houvesse um véu espesso entre mim e a metade inferior da montanha. Ali havia magia em ação — uma Névoa muito poderosa. Acima, o céu redemoinhava em uma imensa nuvem-funil. Eu não conseguia ver Atlas, mas podia ouvi-lo gemendo a distância, ainda padecendo sob o peso do firmamento, pouco além da fortaleza.

— Pronto! — exclamou o telquine. Com reverência, ele ergueu a arma, e meu sangue congelou.

Era uma foice — uma lâmina de quase dois metros, curva como uma lua crescente, com o cabo de madeira envolto em couro. A lâmina cintilava em duas cores — aço e bronze. Era a arma de Cronos, a que ele usara para cortar em pedaços o pai, Urano, antes de os deuses a tomarem dele e fatiarem o próprio *Cronos*, lançando-o no Tártaro. Agora a arma fora novamente forjada.

— Temos de sagrá-la em sangue — disse o telquine. — Então você, meio-sangue, ajudará a apresentá-la quando nosso Senhor acordar.

Corri na direção da fortaleza, o sangue latejando em meus ouvidos. Não queria chegar nem perto daquele horrível mausoléu negro, mas sabia o que precisava fazer. Tinha de impedir que Cronos ressurgisse. Aquela poderia ser minha única oportunidade.

Disparei por um vestíbulo escuro, chegando ao saguão principal. O piso brilhava como um piano de mogno — completamente preto e, ainda assim, cheio de luz. Estátuas de mármore negro alinhavam-se ao longo das paredes. Eu não reconhecia os rostos, mas sabia que estava olhando imagens dos titãs que haviam governado antes dos deuses. Na extremidade do salão, entre dois braseiros de bronze, erguia-se um tablado. E sobre ele o caixão dourado.

O salão estava silencioso, exceto pelo crepitar do fogo. Luke não estava ali. Nenhum guarda. Nada.

Estava fácil demais, mas me aproximei do tablado.

O caixão era exatamente como eu lembrava — cerca de três metros de comprimento, grande demais para um ser humano. Era entalhado com elaboradas cenas de morte e destruição, imagens dos deuses sendo esmagados sob carruagens, templos e marcos famosos do mundo todo sendo estraçalhados e queimados. Do caixão emanava um frio extremo, como se eu estivesse entrando em um *freezer.* Minha respiração começou a se condensar.

Saquei Contracorrente e encontrei um pouco de consolo no peso familiar da espada em minha mão.

Todas as outras vezes em que eu havia me aproximado de Cronos, sua voz maligna soara em minha mente. Por que estava calado agora? Fora retalhado em mil pedaços, cortado com a própria foice. O que eu encontraria se levantasse a tampa? Como poderiam fazer um novo corpo para ele?

Eu não tinha respostas. Só sabia que, se ele estava prestes a se reerguer, eu precisava liquidá-lo antes que recuperasse sua foice. Eu tinha de descobrir um modo de detê-lo.

Parei ao lado do caixão. A decoração da tampa era ainda mais intrincada que a das laterais — com cenas de carnificina e poder. No centro, via-se uma inscrição entalhada em letras mais antigas do que o grego, uma linguagem de magia. Eu não conseguia ler com exatidão, mas sabia o que dizia: CRONOS, SENHOR DO TEMPO.

Minha mão tocou a tampa. A ponta de meus dedos tornou-se azul. Gelo formou-se em minha espada.

Então ouvi ruídos atrás de mim — vozes se aproximando. Era naquele momento ou nunca. Empurrei a tampa dourada, que caiu no chão com um imenso *BUMP!*

Levantei a espada, pronto para atacar. Mas quando olhei lá dentro não compreendi o que estava vendo. Pernas mortais, vestidas com calça cinza. Uma camiseta branca, mãos cruzadas sobre a barriga. Um pedaço do peito estava faltando — havia um buraco negro do tamanho de um ferimento de bala, bem onde o coração deveria estar. Os olhos estavam fechados. A pele era pálida. Cabelos louros… e uma cicatriz no lado esquerdo do rosto.

O corpo no caixão era o de Luke.

Eu deveria tê-lo apunhalado naquele momento. Deveria ter descido a ponta de

Contracorrente com toda minha força.

Mas fiquei atônito demais. Eu não compreendia. Por mais que odiasse Luke, por mais que ele tivesse me traído, eu simplesmente não conseguia entender por que ele estava no caixão e por que parecia tão definitivamente morto.

Então as vozes dos telquines estavam logo atrás de mim.

— O que aconteceu? — gritou um dos demônios quando viu a tampa do caixão.

Desci do tablado cambaleando, esquecendo que estava invisível, e me escondi atrás de uma coluna quando eles se aproximaram.

— Cuidado! — advertiu o outro demônio. — Talvez ele se mova. Devemos apresentar as oferendas agora. Imediatamente!

Os dois telquines adiantaram-se, desajeitados, e se ajoelharam, erguendo a foice envolta no tecido.

— Meu senhor — disse um deles. — O símbolo de seu poder está reconstruído.

Silêncio. Nada aconteceu no caixão.

— Seu tolo — murmurou o outro telquine. — Ele reclama primeiro o meio-sangue.

— Ei — Ethan recuou —, o que você quer com “ele reclama primeiro o meio-sangue”?

— Não seja covarde! — sibilou o primeiro telquine. — Ele não quer sua morte. Somente sua lealdade. Ofereça a ele seus serviços. Renuncie aos deuses. Isso é tudo.

— Não! — eu gritei. Foi estupidez, mas corri para o meio do salão e tirei o boné. — Ethan, não faça isso!

— Um invasor! — Os telquines arreganharam os dentes de leão-marinho. — Em breve o mestre vai cuidar de você. Rápido, garoto!

— Ethan — pedi —, não dê ouvidos a eles. Ajude-me a destruí-lo.

Ethan voltou-se para mim, o tapa-olho fundindo-se às sombras em seu rosto. Sua expressão era de algo como piedade.

— Eu lhe disse que não me poupasse, Percy. “Olho por olho, dente por dente.” Já ouviu este ditado? Aprendi o que significa da forma mais difícil: quando descobri qual deusa era a minha mãe. Sou filho de Nêmesis, a deusa da vingança. E é para isto que fui feito.

Então virou-se para o tablado.

— Eu renuncio aos deuses! O que foi que eles fizeram por mim? Quero vê-los destruídos. Servirei a Cronos.

O castelo retumbou. Uma coluna de luz azul ergueu-se do chão, aos pés de

Ethan Nakamura, deslizou até o caixão e começou a tremeluzir, como uma nuvem de pura energia. Então pousou ali dentro.

Luke sentou-se aprumado. Seus olhos se abriram e já não eram azuis. Eram dourados, da mesma cor do caixão. O buraco em seu peito desaparecera. Ele estava inteiro. Saltou do caixão com facilidade, e onde seus pés tocaram o chão o mármore congelou como crateras de gelo.

Ele olhou para Ethan e para os telquines com aqueles olhos dourados horríveis, como se fosse um recém-nascido, incerto do que estava vendo. Então os voltou para mim, e, ao me reconhecer, um sorriso insinuou-se em sua boca.

— Este corpo foi bem preparado. — A voz era como uma gilete percorrendo minha pele. Era a voz de Luke, mas ao mesmo tempo não era. Sob ela havia outro som, mais terrível, antigo e gélido, como metal raspando em pedra. — Não acha, Percy Jackson?

Eu não conseguia me mexer. Não conseguia responder.

Cronos atirou a cabeça para trás e gargalhou. A cicatriz em seu rosto tremeu.

— Luke temia você — disse a voz do titã. — A inveja e o ódio foram instrumentos poderosos. Mantiveram-no obediente. Agradeço a você por isso.

Ethan recolheu-se, tomado de horror. Cobriu o rosto com as mãos. Os telquines tremiam, ainda segurando a foice.

Finalmente, recuperei o controle. Investi contra aquela criatura que um dia fora Luke, empurrando minha espada contra seu peito, mas a pele repeliu o golpe como se fosse feita de puro aço. Ele me olhou, divertindo-se. Então, fez um gesto rápido com uma das mãos e eu voei pelo salão.

Bati com força contra uma coluna. Tentei me levantar, piscando para me livrar dos pontos luminosos diante dos olhos, mas Cronos já segurava o cabo de sua foice.

— Ah… muito melhor — ele disse. — Mordecostas era como Luke a chamava. Um nome apropriado. Agora que foi completamente reforjada, ela irá de fato *morder.*

— O que fez com Luke? — gemi.

Cronos ergueu a foice.

— Ele me serve com todo seu ser, como exijo. A diferença é que ele temia você, Percy Jackson, e eu, não.

Foi naquele momento que corri. Não tive a menor dúvida em relação a isso. Nenhuma reflexão do tipo: puxa, será que eu deveria enfrentá-lo e tentar lutar? Não. Eu simplesmente corri.

Mas meus pés pareciam feitos de chumbo. O tempo desacelerou à volta, como se o mundo estivesse se transformando em gelatina. Eu já experimentara essa

sensação e sabia que era o poder de Cronos. Sua presença era tão forte que podia distorcer inclusive o tempo.

— Corra, heroizinho. — Ele ria. — Corra!

Olhei para trás e vi que ele se aproximava devagar, brandindo sua foice como se desfrutasse a sensação de tê-la novamente nas mãos. Nenhuma arma no mundo poderia detê-lo. Nenhuma quantidade de bronze celestial.

Ele estava a uns três metros de mim quando ouvi:

— PERCY!

A voz de Rachel.

Algo passou voando por mim, e uma escova de cabelos de plástico azul atingiu Cronos no olho.

— Ai! — ele gritou.

Por um momento era apenas a voz de Luke, cheia de surpresa e dor. Meus membros ficaram livres e corri direto para Rachel, Nico e Annabeth, parados no saguão de entrada, os olhos arregalados de pavor.

— Luke? — chamou Annabeth. — O que…

Agarrei-a pela camiseta e a arrastei comigo. Corri o mais rápido que já correra na vida, direto para fora da fortaleza. Estávamos quase de volta ao Labirinto quando ouvi o berro mais alto do mundo — a voz de Cronos, recuperando o controle:

— ATRÁS DELES!

— Não! — gritou Nico.

Ele bateu as mãos e um bloco de pedra pontiagudo e denteado, do tamanho de uma carreta de nove eixos, ergueu-se do chão diante da fortaleza. O tremor causado por ele foi tão forte que as colunas da frente da construção vieram abaixo. Ouvi gritos abafados dos telquines lá dentro. A poeira subia por toda parte.

Nós nos lançamos no Labirinto e continuamos correndo, o uivo do Senhor Titã estremecendo o mundo inteiro que ficava para trás.

# DEZESSETE

O deus perdido fala

Corremos até ficar exaustos. Rachel nos desviava de armadilhas, mas não tínhamos destino algum em mente — só queríamos ir para *longe* da montanha escura e do rugido de Cronos.

Paramos em um túnel de pedra branca molhada, que parecia parte de uma caverna natural. Eu não conseguia ouvir nada nos seguindo, porém não me sentia nada seguro. Ainda podia me lembrar daqueles olhos dourados sobrenaturais no rosto de Luke, e da sensação de que meus membros estavam lentamente se transformando em pedra.

— Não consigo dar nem mais um passo — arquejou Rachel, com as mãos no peito.

Annabeth chorara todo o tempo enquanto corria. Então, ela desabou e pôs a cabeça entre os joelhos. Seus soluços ecoavam no túnel. Nico e eu nos sentamos lado a lado. Ele colocou a espada perto da minha e respirou fundo, trêmulo.

— Foi uma droga — ele disse, e eu pensei que aquilo resumia muito bem os acontecimentos.

— Você salvou nossa vida — eu disse.

Nico limpou a poeira do rosto.

— Culpe as garotas por me arrastarem até lá com elas. Foi o único ponto em que conseguiram concordar. Precisávamos ajudar você ou estragaria tudo.

— Que bom que elas confiam tanto em mim. — Varri a caverna com a luz de minha lanterna. A água pingava das estalactites como chuva em câmera lenta. — Nico… você, hã, se revelou.

— O que quer dizer?

— Aquela parede de rocha negra! Aquilo foi impressionante. Se antes Cronos não sabia quem você era, agora ele sabe… um filho do Mundo Inferior.

Nico franziu a testa.

— Grande coisa.

Deixei para lá. Achei que ele só estivesse tentando esconder o quanto estava apavorado, e eu não podia culpá-lo por isso.

Annabeth ergueu a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos de chorar.

— O que… o que havia de errado com Luke? O que fizeram com ele?

Contei-lhe o que tinha visto no caixão, a forma como a última parte do espírito de Cronos entrara no corpo de Luke quando Ethan Nakamura prometeu servi-lo.

— Não — disse Annabeth. — Isso não pode ser verdade. Ele não pode…

— Ele se entregou a Cronos — afirmei. — Sinto muito, Annabeth, mas o Luke morreu.

— Não! — ela teimou. — Você viu quando Rachel o atingiu.

Assenti, olhando Rachel com respeito.

— Você acertou o Senhor dos Titãs no olho com uma escova azul de plástico.

Rachel pareceu envergonhada.

— Era a única coisa que eu tinha.

— Mas você *viu* — insistiu Annabeth. — Quando o acertou, apenas por um segundo, ele ficou confuso. Voltou a ser ele mesmo.

— Então talvez Cronos não estivesse completamente estabelecido no corpo, ou algo assim — falei. — Isso não quer dizer que Luke estava no controle.

— Você *quer* que ele seja mau, é isso? — gritou Annabeth. — Você não o conhecia antes, Percy. Eu sim!

— O que há com você? — rebati. — Por que continua a defendê-lo?

— Ei, vocês dois — interveio Rachel. — Parem com isso.

Annabeth voltou-se para ela.

— Fique fora disso, mortal! Se não fosse você…

O que quer que fosse dizer, sua voz falhou. Ela baixou a cabeça outra vez e voltou a soluçar, infeliz. Eu queria consolá-la, mas não sabia como. Ainda me sentia atordoado, como se a desaceleração do tempo provocada por Cronos tivesse afetado meu cérebro. Eu simplesmente não conseguia compreender o que vira. Cronos estava vivo. Armado. E o fim do mundo, provavelmente, estava próximo.

— Precisamos seguir em frente — disse Nico. — Ele enviará monstros em nossa captura.

Ninguém estava em condições de correr, mas Nico tinha razão. Eu me levantei com esforço e ajudei Rachel a ficar de pé.

— Você se saiu bem lá atrás — eu lhe disse.

Ela conseguiu me dirigir um pequeno sorriso.

— É, bem, não queria que você morresse. — Ela enrubesceu. — Quer dizer… só porque, você sabe. Você me deve favores demais. Como vou cobrá-los se

você morrer?

Ajoelhei-me ao lado de Annabeth.

— Ei, me desculpe. Precisamos ir.

— Eu sei — ela disse. — Estou… estou bem.

Era óbvio que ela *não* estava bem. Mas se levantou, e começamos a vagar novamente pelo Labirinto.

— De volta a Nova York — eu disse. — Rachel, você pode…

Fiquei paralisado. Alguns metros à nossa frente, o feixe de minha lanterna parou em um pedaço de tecido vermelho caído no chão. Era um gorro rastafári: o que Grover sempre usava.

Minhas mãos tremiam quando peguei o gorro. Parecia ter sido pisoteado por uma imensa bota enlameada. Depois de tudo que eu passara naquele dia, não conseguia tolerar a ideia de que algo pudesse ter acontecido também a Grover.

Então percebi outro detalhe. O chão da caverna era macio e úmido por causa da água que pingava das estalactites. Havia pegadas grandes como as de Tyson e outras menores — cascos de bode — seguindo para a esquerda.

— Precisamos segui-los — eu disse. — Eles foram por ali. Deve ter sido recentemente.

— E quanto ao Acampamento Meio-Sangue? — perguntou Nico. — Não temos tempo.

— Precisamos encontrá-los — concordou Annabeth. — São nossos amigos.

Ela pegou o gorro amassado de Grover e tomou a dianteira.

Eu a segui, preparando-me para o pior. O túnel era traiçoeiro. Inclinava-se em ângulos estranhos e era escorregadio, por causa da umidade. Metade do tempo escorregávamos e deslizávamos em vez de andar.

Por fim chegamos ao fim de uma rampa, e então estávamos em uma caverna ampla com imensas colunas de estalagmites. No centro do salão corria um rio subterrâneo, e Tyson estava sentado à margem, embalando Grover no colo. Os olhos de Grover estavam fechados. Ele não se mexia.

— Tyson! — gritei.

— Percy! Venha rápido!

Corremos até ele. Grover não estava morto, graças aos deuses, mas todo o corpo dele tremia, como se estivesse morrendo de frio.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Tantas coisas! — murmurou Tyson. — Uma cobra enorme. Cães enormes. Homens com espadas. Mas então… nós nos aproximamos daqui. Grover estava

nervoso. Ele correu. Quando chegamos neste salão, ele caiu. Assim.

— Ele disse alguma palavra? — perguntei.

— Disse: “Estamos perto.” Então bateu a cabeça nas pedras.

Ajoelhei-me ao lado dele. A única vez em que vira Grover desmaiar fora no Novo México, quando sentiu a presença de Pã.

Corri o facho da lanterna pela caverna. As pedras cintilavam. Na extremidade oposta via-se a entrada de outro salão, ladeada por gigantescas colunas de cristal que pareciam diamantes. E além daquela entrada…

— Grover — chamei. — Acorde.

— Hããããããã.

Annabeth também se ajoelhou ao lado dele e jogou um pouco da água gelada do rio em seu rosto.

— Upa! — Suas pálpebras tremularam. — Percy? Annabeth? Onde…

— Está tudo bem — eu disse. — Você desmaiou. A presença foi forte demais para você.

— Eu… eu lembro. Pã.

— Sim — eu disse. — Algo muito poderoso está logo depois daquela passagem.

Fiz apresentações rápidas, pois Tyson e Grover não conheciam Rachel. Tyson disse a Rachel que ela era bonita, o que fez as narinas de Annabeth tremerem, como se ela fosse cuspir fogo.

— Bem — eu disse —, venha, Grover. Apoie-se em mim.

Annabeth e eu o ajudamos a se erguer, e juntos atravessamos o rio subterrâneo. A corrente era forte. A água chegava até nossa cintura. Disse a mim mesmo que permanecesse seco, o que é uma habilidade muito útil, mas isso não ajudou os outros, e eu ainda podia sentir o frio, como se andasse em meio a uma rajada de vento e neve.

— Creio que estamos nas Cavernas Carlsbad — disse Annabeth, rangendo os dentes. — Talvez uma parte inexplorada.

— Como você sabe?

— Carlsbad fica no Novo México — ela respondeu. — Isso explicaria o último inverno.

Assenti. O desmaio de Grover acontecera quando passávamos pelo Novo México. Lá ele se sentira mais perto do poder de Pã.

Saímos da água e continuamos andando. À medida que os pilares de cristal se avultavam, comecei a sentir o poder que emanava do salão ao lado. Eu estivera

na presença de deuses antes, mas ali era diferente. Minha pele formigava com energia viva. Meu cansaço se dissipou, como se eu acabasse de acordar de uma boa noite de sono. Eu podia sentir que estava ficando mais forte, como uma daquelas plantas nos vídeos em câmera lenta. E o aroma que vinha da caverna não era nada parecido com a umidade abafada do subterrâneo. Cheirava a árvores, a flores e a um dia quente de verão.

Grover choramingava de excitação. Eu estava atônito demais para falar. Até mesmo Nico parecia sem palavras. Entramos na caverna, e Rachel disse: — Ah, uau.

As paredes cintilavam com cristais — vermelhos, verdes e azuis. Naquela estranha luz, cresciam lindas plantas — orquídeas gigantes, flores em formato de estrela, trepadeiras repletas de frutinhas laranja e púrpura que se insinuavam entre os cristais. O chão da caverna era coberto por um musgo verde e macio. O pé-direito era mais alto do que o de uma catedral, faiscando como uma galáxia de estrelas. No centro do salão havia uma cama em estilo romano, de madeira dourada, no formato de um U bem arredondado, cheia de almofadas de veludo. Alguns animais perambulavam em torno dela — mas eram animais que não deveriam estar vivos. Havia um dodô, um outro que parecia um cruzamento entre um lobo e um tigre, um imenso roedor — que poderia ser a mãe de todos os porquinhos-da-índia — e, vagando atrás da cama, colhendo frutinhas com a tromba, via-se um mamute peludo.

Deitado na cama estava um sátiro idoso. Ele observava nossa aproximação com olhos tão azuis quanto o céu. Seu cabelo encaracolado era branco, assim como a barba pontuda; os chifres eram enormes, de um marrom lustroso, e curvos. Seria impossível para ele escondê-los debaixo de um chapéu como Grover fazia. De seu pescoço pendia um conjunto de flautas de bambu.

Grover pôs-se de joelhos diante da cama.

— Senhor Pã!

O deus sorriu bondosamente, mas havia tristeza em seus olhos.

— Grover, meu querido e bravo sátiro. Espero você há muito tempo.

— Eu… me perdi — desculpou-se Grover.

Pã riu. Era um som maravilhoso, como a primeira brisa da primavera, enchendo toda a caverna de esperança. O lobo-tigre suspirou e descansou a cabeça no joelho do deus. O dodô bicou afetuosamente os cascos de Pã, fazendo um estranho som no fundo do bico. Eu podia jurar que ele estava assobiando “It’s a Small World”.

Ainda assim, Pã parecia cansado. Sua forma inteira tremeluzia, como se ele fosse feito de Névoa.

Percebi que meus outros amigos também estavam ajoelhados. Tinham uma expressão de assombro no rosto. Então me ajoelhei.

— Você tem um dodô que cantarola — eu disse estupidamente.

Os olhos do deus cintilaram.

— Sim, esta é a Dedê. Minha pequena atriz.

Dedê, o dodô, pareceu ofendida. Ela bicou de leve o joelho de Pã e cantarolou algo que soou como uma marcha fúnebre.

— Este lugar é lindo! — exclamou Annabeth. — É melhor do que qualquer edifício já projetado.

— Fico feliz que goste daqui, querida — disse Pã. — É um dos últimos lugares inexplorados que restam no mundo. Temo que meu reino lá em cima tenha acabado. Só restam pequenas reservas dele. Pedaços minúsculos de vida. Este aqui vai se manter preservado… um pouco mais.

— Meu senhor — disse Grover —, por favor, precisa voltar comigo! Os Anciãos nunca acreditarão! Vão ficar loucos de alegria! O senhor pode salvar o mundo selvagem!

Pã pousou a mão na cabeça de Grover e desarrumou-lhe os cachos do cabelo.

— Você é tão jovem, Grover. Tão bom e sincero. Creio que escolhi bem.

— Escolheu? — perguntou Grover. — Eu… eu não consigo entender.

A imagem de Pã tremulou, transformando-se momentaneamente em fumaça. O porquinho-da-índia gigante correu para debaixo da cama com um guincho aterrorizado. O mamute peludo grunhiu, nervoso. Dedê enfiou a cabeça debaixo da asa. Então Pã reapareceu.

— Dormi por muitos éons — disse o deus, com sofrimento. — Meus sonhos foram sombrios. Acordo de tempos em tempos, e a cada vez meu período desperto é menor. Agora estamos próximos do fim.

— O quê? — gritou Grover. — Mas… não! O senhor está bem aqui!

— Meu querido sátiro — disse Pã. — Tentei dizer ao mundo, há dois mil anos. Anunciei a Lysas, um sátiro muito parecido com você. Ele vivia em Éfeso e tentou espalhar a notícia.

Os olhos de Annabeth se arregalaram.

— A velha história. Um marinheiro passando pela costa de Éfeso ouviu uma voz gritando da margem: “Diga-lhes que o grande deus Pã está morto.”

— Mas não era verdade! — exclamou Grover.

— Sua espécie nunca acreditou — disse Pã. — Vocês, doces e teimosos sátiros, recusaram-se a aceitar minha morte. E eu os amo por isso, mas vocês só retardaram o inevitável. Vocês apenas estenderam minha longa e dolorosa passagem, meu sombrio sono crepuscular. Ele precisa terminar.

— Não! — A voz de Grover tremia.

— Querido Grover — disse Pã —, você precisa aceitar a verdade. Seu companheiro, Nico, ele compreende.

Nico assentiu lentamente.

— Ele está morrendo. Deveria ter morrido há muito tempo. Isto aqui… é mais como uma lembrança.

— Mas os deuses não podem morrer — disse Grover.

— Eles podem desaparecer aos poucos — afirmou Pã —, quando tudo que representam tiver deixado de existir. Quando seu poder se esvai e seus locais sagrados sucumbem. O mundo selvagem, meu querido Grover, está tão pequeno agora, tão destruído, que nenhum deus pode salvá-lo. Meu reino acabou. É por isso que preciso que você leve uma mensagem. Você deve voltar ao conselho. Deve dizer aos sátiros, às dríades e aos outros espíritos da natureza que o grande deus Pã *está* morto. Conte a eles sobre minha morte. Porque eles precisam parar de esperar que eu os salve. Eu não posso. A salvação tem de partir de cada um. Todos vocês precisam…

Ele parou e franziu a testa para o dodô, que voltara a cantarolar.

— Dedê, o que está fazendo? — perguntou Pã. — Está cantando “Kumbaya” outra vez?

Dedê ergueu a cabeça inocentemente e piscou os olhos amarelos. Pã suspirou.

— São todos uns cínicos. Mas, como eu ia dizendo, meu querido Grover, cada um de vocês deve aceitar meu chamado.

— Mas… não! — choramingou Grover.

— Seja forte — disse Pã. — Você me encontrou. E agora precisa me libertar. Tem de levar adiante meu espírito. Ele não pode mais ser carregado por um deus. Deve ser assumido por todos vocês.

Pã olhou-me diretamente com seus olhos azul-claros, e percebi que ele não estava falando apenas dos sátiros. Referia-se também aos meios-sangues e aos humanos. Todos.

— Percy Jackson — disse o deus. — Sei o que você viu hoje. Conheço suas dúvidas. Mas eu lhe dou esta notícia: quando chegar a hora, você não será dominado pelo medo.

Voltou-se para Annabeth.

— Filha de Atena, sua hora está chegando. Você terá um papel muito importante, embora talvez não seja o que você imaginou.

Então olhou para Tyson.

— Mestre Ciclope, não se desespere. Os heróis raramente correspondem às nossas expectativas. Mas você, Tyson… seu nome permanecerá vivo entre os

ciclopes por gerações. E a srta. Rachel Dare…

Rachel encolheu-se quando ele disse o nome dela. Recuou, como se sentisse alguma culpa, mas Pã limitou-se a sorrir. E ergueu a mão em uma bênção.

— Sei que acredita que a compensação não é possível — ele disse. — Mas você é tão importante quanto seu pai.

— Eu…

A voz de Rachel falhou. Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Sei que não acredita nisso agora — continuou Pã. — Mas espere as oportunidades. Elas virão.

Finalmente ele se voltou para Grover.

— Meu querido sátiro — disse gentilmente —, levará minha mensagem?

— Eu… eu não posso.

— Você pode, sim — disse Pã. — É o mais forte e o mais corajoso. Seu coração é sincero. Você acreditou em mim mais do que qualquer outro, razão pela qual deve levar a mensagem, e deve ser o primeiro a me libertar.

— Eu não quero.

— Eu sei — disse o deus. — Mas meu nome, *Pã*… originalmente queria dizer *rústico.* Sabia disso? Com o correr dos anos, porém, passou a significar *todos.* O espírito do mundo selvagem deve passar para todos vocês agora. Precisam dizer a todos que encontrarem: se quiserem achar Pã, aceitem o espírito de Pã. Reconstruam o mundo selvagem, um pouco de cada vez, cada um em seu canto do globo. Não podem esperar que ninguém mais, nem mesmo um deus, faça isso por vocês.

Grover enxugou os olhos. Então, lentamente, pôs-se de pé.

— Passei a vida toda procurando o senhor. Agora… eu o liberto.

Pã sorriu.

— Obrigado, querido sátiro. Minha bênção final.

Ele fechou os olhos, e o deus se dissolveu. Uma névoa branca dividiu-se em feixes de energia, mas de um tipo que não era assustador como o poder azul que eu vira emanar de Cronos. Aquilo preencheu a caverna. Uma espiral enevoada me invadiu pela boca. Invadiu também Grover e os outros. Mas acho que Grover recebeu uma quantidade um pouco maior. Os cristais tornaram-se turvos. Os animais nos lançaram um olhar triste. Dedê, o dodô, suspirou. Então todos ficaram cinzentos e desfizeram-se em pó. As trepadeiras murcharam. Então estávamos sozinhos em uma caverna escura, com uma cama vazia.

Liguei minha lanterna.

Grover respirou fundo.

— Você… está bem? — perguntei.

Ele parecia mais velho e mais triste. Pegou o gorro das mãos de Annabeth, limpou a lama e o enfiou com firmeza na cabeça coberta de cachos.

— Precisamos ir agora e contar a eles — ele disse. — O grande deus Pã está morto.

# DEZOITO

Grover provoca uma debandada

As distâncias eram mais curtas no Labirinto. Ainda assim, quando Rachel nos levou de volta à Times Square, eu me sentia como se tivesse percorrido todo o caminho desde o Novo México. Saímos do porão do Marriott e paramos na calçada, na luz clara do sol de verão, estreitando os olhos para olhar o trânsito e a multidão.

Eu não conseguia chegar a uma conclusão do que parecia menos real: Nova York ou a caverna de cristal onde vira um deus morrer.

Levei todos até um beco, onde podia conseguir um bom eco. Então assoviei o mais alto que pude, cinco vezes.

Um minuto depois, Rachel suspirou:

— São lindos!

Um grupo de pégasos descia do céu, voando entre os edifícios. Blackjack vinha à frente, seguido por quatro de seus amigos, brancos.

*Ei, chefe!*, disse ele em minha mente. *Você sobreviveu!*

— É — respondi. — Sou sortudo mesmo. Escute, precisamos de uma carona até o acampamento, e rápido.

*É a minha especialidade! Ih, cara, esse ciclope está com você, é? Ei, Guido! Como é que estão suas costas!*

O pégaso Guido gemeu e queixou-se, mas acabou concordando em carregar Tyson. Todos começaram a montar — exceto Rachel.

— Bem — ela me disse. — Acho que é só.

Assenti, constrangido. Ambos sabíamos que ela não podia ir para o acampamento. Olhei para Annabeth, que fingia estar muito ocupada com seu pégaso.

— Obrigado, Rachel — eu disse. — Não teríamos conseguido sem você.

— Eu não teria perdido isso por nada. Quer dizer, exceto por quase morrer, e por Pã… — Sua voz falhou.

— Ele falou algo sobre seu pai — lembrei. — O que ele quis dizer?

Rachel torceu a alça de sua mochila.

— Meu pai… O trabalho do meu pai. Pode-se dizer que ele é um empresário famoso.

— Quer dizer que… você é *rica*?

— Bem, sim.

— Então foi assim que conseguiu que o chofer nos ajudasse? Bastou dizer o nome de seu pai e…

— Sim — Rachel me interrompeu. — Percy… meu pai é um empreendedor imobiliário. Ele viaja o mundo todo procurando terras inexploradas. — Ela respirou fundo, irritada. — O mundo selvagem. Ele… ele o compra. Odeio isso, mas ele derruba tudo e constrói loteamentos e *shoppings* horrorosos. E agora que eu vi Pã… a morte de Pã…

— Ei, você não pode se culpar por isso.

— Você não sabe do pior. Eu… eu não gosto de falar sobre minha família. Não queria que vocês soubessem. Desculpe-me. Eu não devia ter dito nada.

— Não — eu disse. — É legal. Olhe, Rachel, você foi maravilhosa. Você nos guiou pelo Labirinto. Foi tão corajosa! É só isso que conta para mim. Não me importa o que seu pai faz.

Rachel me olhou, agradecida.

— Bem… se você quiser andar novamente por aí com uma mortal… pode me ligar.

— Ah, sim. Claro.

Suas sobrancelhas se juntaram. Acho que não pareci muito entusiasmado, mas não era essa minha intenção. Eu só não sabia o que dizer com todos os meus amigos ali perto. E acho que meus sentimentos tinham ficado bastante confusos nos últimos dias.

— Quer dizer… eu gostaria muito — eu disse.

— Meu número não está na lista — ela avisou.

— Eu o tenho.

— Ainda está em sua mão? Sem essa.

— Não. Eu… acho que decorei.

Seu sorriso voltou lentamente, bem mais feliz dessa vez.

— Até mais então, Percy Jackson. Vá salvar o mundo por mim, o.k.?

Ela saiu andando pela Sétima Avenida e desapareceu no meio da multidão.

Quando voltei aos cavalos, Nico estava tendo problemas. Seu pégaso ficava se esquivando dele, assustado, relutante em deixá-lo montar.

*Ele cheira a gente morta!*, queixava-se o pégaso.

*Ei, cara*, disse Blackjack. *Vamos lá, Porkpie. Um monte de semideuses tem cheiro estranho. Não é culpa deles. Oh-oh, eu não me referi a você, chefe.*

— Vão sem mim! — disse Nico. — Não quero mesmo voltar para aquele acampamento.

— Nico — falei —, precisamos de sua ajuda.

Ele cruzou os braços e fechou a cara. Então Annabeth pôs a mão em seu ombro.

— Nico — ela disse. — Por favor.

Aos poucos sua expressão se suavizou.

— Tudo bem — ele disse, relutante. — Por *você*. Mas não vou ficar.

Levantei uma sobrancelha para Annabeth, como se dissesse: *Como é que de repente Nico está lhe dando ouvidos?* Ela me deu língua.

Por fim conseguimos que todos montassem um pégaso. Disparamos pelo ar e logo sobrevoávamos o Rio East, com Long Island estendida à nossa frente.

Pousamos no meio da área dos chalés e fomos imediatamente recebidos por Quíron, Sileno — o sátiro barrigudo — e alguns arqueiros do chalé de Apolo. Quíron ergueu uma sobrancelha ao ver Nico, mas, se eu esperava que ele ficasse surpreso com nossas notícias recentes sobre Quintus ser Dédalo, ou sobre a ressurreição de Cronos, estava enganado.

— Era o que eu temia — disse Quíron. — Precisamos correr. Vamos torcer para que vocês tenham retardado o Senhor Titã, mas sua vanguarda ainda virá. Estarão ansiosos por sangue. A maior parte de nossas defesas já está posicionada. Venham!

— Espere um momento — pediu Sileno. — E o que aconteceu com a busca de Pã? Você está quase três semanas atrasado, Grover Underwood! Sua licença de buscador está revogada!

Grover respirou fundo. Então se empertigou e olhou Sileno nos olhos.

— Licenças de buscador não têm mais importância. O grande deus Pã está morto. Ele se foi e nos deixou seu espírito.

— *O quê?* — O rosto de Sileno tornou-se vermelho vivo. — Sacrilégio e mentiras! Grover Underwood, vou mandá-lo para o exílio por falar assim!

— É verdade — eu disse. — Estávamos lá quando ele morreu. Todos nós.

— Impossível! Vocês são todos mentirosos! Destruidores da natureza!

Quíron estudou o rosto de Grover.

— Falaremos nisso mais tarde.

— Falaremos agora! — exclamou Sileno. — Devemos resolver isso…

— Sileno — interrompeu Quíron —, meu acampamento está prestes a ser atacado. A questão de Pã esperou dois mil anos. Receio que tenha de esperar um pouco mais. Supondo-se que ainda estejamos aqui esta noite.

E com esse comentário feliz Quíron empunhou o arco e galopou na direção do bosque, e nós o seguimos como pudemos.

Era a maior operação militar que eu já vira no acampamento.

Estavam todos na clareira, vestidos com armadura completa, mas dessa vez não era para a captura da bandeira. O chalé de Hefesto preparara armadilhas em torno da entrada do Labirinto — arame farpado, fossos com potes de fogo grego, fileiras de lanças pontiagudas para desviar um ataque. Beckendorf manejava duas catapultas do tamanho de picapes, já com munição e apontadas para o Punho de Zeus. O chalé de Ares estava na linha de frente, a postos em formação de falange, com Clarisse dando ordens. Os chalés de Apolo e de Hermes estavam espalhados pela floresta com os arcos preparados. Muitos haviam tomado posição nas árvores. Até as dríades estavam armadas com arcos, e os sátiros trotavam por ali com porretes de madeira e escudos feitos de cascas irregulares de árvores.

Annabeth foi se juntar a seus irmãos do chalé de Atena, que haviam armado uma tenda de comando e dirigiam as operações. Uma bandeira cinza exibindo uma coruja tremulava do lado de fora. Nosso chefe de segurança, Argos, montava guarda na entrada. Os filhos de Afrodite corriam de um lado para o outro arrumando as armaduras de todos e oferecendo-se para desembaraçar nossas cimeiras de crina de cavalo. Até mesmo os filhos de Dioniso haviam encontrado algo para fazer. O deus ainda não estava por ali, mas seus gêmeos louros também corriam para lá e para cá oferecendo aos guerreiros suados garrafas de água e caixas de suco.

Parecia uma configuração bastante boa, mas Quíron murmurou a meu lado: — Não é suficiente.

Pensei no que vira no Labirinto, em todos os monstros no estádio de Anteu e no poder de Cronos que eu sentira no Monte Tam. Meu coração se abateu. Quíron tinha razão, mas aquilo era tudo o que podíamos reunir. Só daquela vez desejei que Dioniso estivesse ali, mas, mesmo que estivesse, não sabia se ele poderia ajudar. Quando o assunto era guerra, era proibido aos deuses interferir diretamente. Ao que parecia, os titãs não levavam em conta restrições desse tipo.

Mais adiante, no limite da clareira, Grover conversava com Juníper. Ela segurava suas mãos enquanto ele lhe contava nossa história. Lágrimas verdes formaram-se nos olhos dela quando ele deu a notícia sobre Pã.

Tyson ajudou os filhos de Hefesto a preparar as defesas. Ele recolheu pedras e as empilhou perto das catapultas como munição.

— Fique comigo, Percy — disse Quíron. — Quando a luta começar, quero que espere até sabermos com o que estamos lidando. Você deverá ir para onde mais precisarmos de reforços.

— Eu vi Cronos — contei, ainda aturdido com aquele fato. — Olhei diretamente nos olhos dele. Era Luke… e não era.

Quíron correu os dedos pela corda de seu arco.

— Ele tem olhos dourados, eu diria. E em sua presença o tempo parece se tornar fluido.

Assenti.

— Como ele pode se apossar de um corpo mortal?

— Não sei, Percy. Os deuses assumiram formas mortais por eras, mas se tornar de fato… fundir a forma divina à mortal, não sei como isso pôde ser feito sem que o corpo de Luke se transformasse em cinzas.

— Cronos disse que o corpo havia sido preparado.

— Estremeço só de pensar o que isso pode significar. Mas talvez isso restrinja os poderes de Cronos. Por um tempo, pelo menos, ele está confinado em uma forma humana. É ela que o mantém inteiro. Tomara que também o limite.

— Quíron, se ele liderar esse ataque…

— Não creio que será assim, meu garoto. Eu sentiria se ele estivesse se aproximando. Não há dúvida de que era o que planejava, mas acredito que você o atrapalhou quando derrubou sobre ele a sala do trono. — Ele me olhou com ar de censura. — Você e seu amigo Nico, filho de Hades.

Um bolo se formou em minha garganta.

— Desculpe-me, Quíron. Sei que devia ter lhe contado. É só que…

Quíron ergueu a mão.

— Entendo por que agiu assim, Percy. Você se sentia responsável. Tentou protegê-lo. Mas, meu garoto, se sobrevivermos a isso, devemos confiar um no outro. Devemos…

Sua voz vacilou. O chão sob nossos pés estava tremendo.

Todos na clareira pararam o que estavam fazendo. Clarisse gritou uma única ordem: — Juntar escudos!

Então o exército do Senhor dos Titãs irrompeu do Labirinto, como uma explosão.

Eu já participara de lutas antes, mas aquela era uma batalha de grandes

proporções. A primeira visão que tive foi de uma dúzia de lestrigões gigantes irrompendo do chão e gritando tão alto que parecia que meus ouvidos iam explodir. Eles carregavam escudos feitos de carros achatados e bastões que eram troncos de árvore com aguilhões enferrujados na ponta. Um dos gigantes atacou a falange de Ares com um golpe lateral de seu bastão, e todo o chalé foi jogado para o lado, uma dúzia de guerreiros lançados ao vento como bonecos de pano.

— Fogo! — gritou Beckendorf.

As catapultas entraram em ação. Duas pedras grandes foram arremessadas na direção dos gigantes. Uma foi desviada por um carro-escudo, mal o amassando, mas a outra atingiu o peito de um lestrigão, que desabou. Os arqueiros de Apolo dispararam uma saraivada, dezenas de flechas fincadas na espessa armadura dos gigantes, fazendo com que parecessem porcos-espinhos. Várias encontraram fendas nas armaduras, e alguns gigantes evaporaram ao toque do bronze celestial.

Mas quando parecia que os lestrigões estavam prestes a ser vencidos, a próxima onda surgiu do Labirinto: trinta, talvez quarenta *dracaenae* em armadura completa de batalha, brandindo lanças e redes. Elas se dispersaram em todas as direções. Algumas foram pegas nas armadilhas que o chalé de Hefesto preparara. Uma delas ficou presa nas lanças pontiagudas e se tornou alvo fácil para os arqueiros. Outra acionou uma armadilha, e potes de fogo grego explodiram em chamas verdes, engolindo várias das mulheres-cobras. Mas muitas outras continuaram a surgir. Argos e os guerreiros de Atena avançaram na direção delas. Ali perto, Tyson cavalgava um gigante. Ele conseguira, sabe-se lá como, subir nas costas do monstro e o golpeava na cabeça com um escudo de bronze — *BONG! BONG! BONG!*

Quíron apontava calmamente flecha após flecha, derrubando um monstro a cada disparo. No entanto, mais inimigos continuavam a sair do Labirinto. Por fim, um cão infernal — não a sra. O’Leary — saltou do túnel e disparou na direção dos sátiros.

— VÁ! — Quíron gritou para mim.

Saquei Contracorrente e parti para o ataque.

Enquanto atravessava correndo o campo de batalha, vi cenas horríveis. Um meio-sangue inimigo estava lutando contra um filho de Dioniso, mas não era uma grande disputa. O inimigo o feriu no braço com sua lâmina e então o golpeou na cabeça com o punho da espada, e o filho de Dioniso caiu. Outro guerreiro inimigo disparava flechas em chamas na direção das árvores, levando o pânico a nossos arqueiros e às dríades.

Uma dezena de *dracaenae* de repente separou-se do combate principal e

serpenteou pelo caminho que levava ao acampamento, como se soubessem aonde estavam indo. Se conseguissem sair dali, poderiam queimar todo o lugar, sem nenhuma resistência.

A única pessoa próxima delas era Nico di Angelo. Ele golpeou um telquine, e sua espada negra de ferro estígio absorveu a essência do monstro, sorvendo a energia dele até que nada além de poeira restasse.

— Nico! — gritei.

Ele olhou para onde eu apontava, viu as mulheres-cobras e imediatamente compreendeu.

Respirou fundo e estendeu a espada negra.

— Sirvam-me — convocou.

A terra tremeu. Uma fissura abriu-se na frente das *dracaenae*, e uma dúzia de guerreiros mortos-vivos saiu rastejando da terra, cadáveres horríveis em uniformes militares dos mais diversos períodos — revolucionários americanos, centuriões romanos, soldados da cavalaria de Napoleão montados em esqueletos de cavalos. Em sincronia, eles sacaram as espadas e travaram combate com as *dracaenae*. Nico caiu de joelhos, mas eu não tinha tempo para me certificar de que ele estivesse bem.

Aproximei-me do cão infernal, que agora forçava os sátiros a recuar para o bosque. A besta tentou abocanhar um deles, que se esquivou, mas em seguida lançou-se sobre outro, que foi lento demais. O escudo de casca de árvore do sátiro rachou quando ele caiu.

— Ei! — gritei.

O cão infernal virou-se. Rosnou para mim e saltou. Ele teria me feito em pedaços com suas garras, mas quando caí para trás, meus dedos se fecharam em torno de um pote de cerâmica — um dos recipientes de Beckendorf com o fogo grego. Atirei-o na boca do cão, que se incendiou. Afastei-me depressa, respirando com dificuldade.

O sátiro que fora pisoteado não se mexia. Corri para vê-lo, mas então ouvi a voz de Grover: — Percy!

Começara um incêndio na floresta. As chamas estrepitavam a três metros da árvore de Juníper, e ela e Grover, enlouquecidos, tentavam salvá-la. Grover tocou uma canção de chuva em sua flauta. Juníper tentava desesperadamente vencer as labaredas com seu xale verde, mas só estava piorando a situação.

Corri na direção deles, saltando por entre duelos, costurando entre pernas de gigantes. A água mais próxima era a do riacho, a quase um quilômetro dali… mas eu precisava agir. Então me concentrei. Senti um repuxo no abdome, um estrondo nos ouvidos. Uma parede de água veio fluindo impetuosamente entre as

árvores, encharcando o fogo, Juníper, Grover e praticamente tudo mais.

Grover cuspiu água.

— Obrigado, Percy!

— Sem problema!

Corri de volta para a luta, e Grover e Juníper me seguiram. Grover tinha um porrete nas mãos e Juníper segurava uma varinha, como uma chibata à moda antiga. Ela parecia muito zangada, como se fosse dar uma surra no traseiro de alguém.

Quando parecia que a batalha estava equilibrada outra vez — que talvez tivéssemos uma chance —, um grito sobrenatural ecoou, vindo do Labirinto, um ruído que eu já ouvira antes.

Campe disparou para o céu, as asas de morcego totalmente abertas. Ela pousou no topo do Punho de Zeus e inspecionou a carnificina. Seu rosto estava cheio de um júbilo maligno. As cabeças mutantes de animais rugiam em sua cintura. As cobras sibilavam e se enroscavam em suas pernas. Na mão direita ela segurava um novelo brilhante de linha — o fio de Ariadne —, mas o jogou em uma boca de leão em sua cintura e sacou as espadas curvas. As lâminas reluziam com o veneno verde. Campe berrou em triunfo, e alguns dos campistas gritaram. Outros tentaram correr e foram pisoteados por cães infernais ou por gigantes.

— *Di Immortales!* — gritou Quíron.

Ele apressou-se em apontar uma flecha, mas Campe pareceu pressentir o gesto. Levantou voo com impressionante velocidade, e a flecha de Quíron passou zunindo, inofensiva, ao lado de sua cabeça.

Tyson se desvencilhou do gigante, que ficara inconsciente após receber inúmeros golpes. Correu para as nossas fileiras, gritando: — Enfrentem! Não fujam dela! Lutem! Mas então um cão infernal saltou sobre ele, e Tyson e o animal saíram rolando.

Campe pousou na tenda de comando de Atena, achatando-a. Corri atrás dela e vi Annabeth a meu lado, acompanhando-me, a espada em punho.

— Talvez isso seja o fim — ela disse.

— Pode ser.

— Foi bom lutar com você, Cabeça de Alga.

— Idem.

Juntos saltamos em direção ao monstro. Campe silvou e nos atacou. Esquivei-me, tentando distraí-la enquanto Annabeth investia em um ataque, mas o monstro parecia capaz de se concentrar nas duas mãos separadamente. Bloqueou a espada de Annabeth, que precisou saltar para trás a fim de evitar a nuvem de veneno. Só pela proximidade com a criatura parecia que estávamos no meio de

uma neblina ácida. Meus olhos queimavam. Meus pulmões não conseguiam ar suficiente. Eu sabia que não podíamos nos manter firmes por mais do que alguns segundos.

— Venham! — gritei. — Precisamos de ajuda!

Mas ninguém veio. Estavam todos ou caídos ou lutando para salvar a própria vida ou apavorados demais para dar um passo à frente. Três das flechas de Quíron estavam fincadas no peito de Campe, mas ela apenas rugia mais alto.

— Agora! — disse Annabeth.

Atacamos juntos, desviando dos golpes do monstro, furamos sua guarda e quase… *quase* conseguimos cravar as espadas no peito de Campe, mas uma enorme cabeça de urso nos atacou, saindo da cintura do monstro, e recuamos para não ser mordidos.

*Bum!*

Minha visão escureceu. Só percebi que Annabeth e eu estávamos caídos no chão. O monstro tinha as patas dianteiras em nosso peito, imobilizando-nos. Centenas de cobras coleavam acima de mim, sibilando, o som parecendo risadas. Campe ergueu as espadas tingidas de verde, e vi que Annabeth e eu não tínhamos saída.

Foi quando, atrás de mim, algo uivou. Uma parede de escuridão caiu sobre Campe, derrubando o monstro de lado. Então a sra. O'Leary estava junto a nós, rosnando e tentando abocanhar Campe.

— Boa, garota! — disse uma voz familiar.

Dédalo lutava, saindo do Labirinto, atingindo inimigos à esquerda e à direita à medida que abria caminho até onde estávamos. Ao lado dele havia mais alguém — um gigante conhecido, muito mais alto do que os lestrigões, com uma centena de braços ondulantes, cada um deles segurando uma grande lasca de pedra.

— Briareu! — gritou Tyson, espantado.

— Salve, irmãozinho! — berrou Briareu. — Aguente firme!

E quando a sra. O'Leary saiu do caminho com um salto, o centímano lançou uma saraivada de pedras contra Campe. As pedras pareciam aumentar de tamanho ao deixar as mãos de Briareu. Eram tantas que parecia que metade da Terra havia aprendido a voar.

*BUUUUUM!*

Onde estava Campe um momento antes, agora se erguia uma montanha de rochas, quase tão alta quanto o Punho de Zeus. O único sinal de que o monstro um dia existira eram as pontas de duas espadas projetando-se do cascalho.

Uma onda de vivas se ergueu entre os campistas, mas nossos inimigos ainda não estavam liquidados. Uma das *dracaenae* gritou: — Acabem com elesss!

Matem todosss ou Cronosss vai esssfolar vocêsss vivosss!

Aparentemente, aquela ameaça era mais aterrorizante do que nós. Os gigantes avançaram em uma última e desesperada investida. Um surpreendeu Quíron com uma rasteira nas patas traseiras, fazendo-o tropeçar e cair. Seis gigantes comemoraram gritando e lançaram-se ao ataque.

— Não! — eu gritei, mas estava longe demais para ajudar.

Então aconteceu. Grover abriu a boca e emitiu o som mais horrível que eu já ouvira. Era como um trompete ampliado mil vezes — um som de puro medo.

Em sincronia, as forças de Cronos largaram as armas e correram para se salvar. Os gigantes atropelaram as *dracaenae* tentando alcançar o Labirinto primeiro. Telquines, cães infernais e meios-sangues inimigos corriam desordenadamente atrás deles. O túnel fechou-se com um estrondo, e a batalha chegou ao fim. A clareira estava em silêncio, exceto por alguns focos de incêndio na floresta e os gritos dos feridos.

Ajudei Annabeth a se levantar e corremos até Quíron.

— Você está bem? — perguntei.

Ele estava caído de lado, tentando, em vão, se erguer.

— Que constrangedor — murmurou. — Acho que vou ficar bem. Felizmente, não sacrificamos centauros com patas… ai!… patas quebradas.

—Você precisa de ajuda — afirmou Annabeth. — Vou buscar um médico no chalé de Apolo.

— Não — insistiu Quíron. — Há feridos mais graves para socorrer. Vão! Eu estou bem. Mas, Grover… mais tarde precisamos conversar sobre como você fez aquilo.

— Foi impressionante — concordei.

— Não sei de onde saiu. — Grover corou.

Juníper o abraçou com força.

— Eu sei!

Antes que ela pudesse dizer mais, Tyson chamou:

— Percy, venha rápido! É Nico!

Havia fumaça subindo de suas roupas pretas. Seus dedos estavam cerrados, e a grama em torno de seu corpo estava amarela, morta.

Virei-o o mais delicadamente que pude e pus a mão em seu peito. O coração batia debilmente.

— Tragam néctar! — gritei.

Um dos campistas de Ares mancou até onde estávamos e me entregou um

cantil. Pinguei um pouco da bebida mágica na boca de Nico. Ele tossiu e espirrou, e as pálpebras tremularam, abrindo-se.

— Nico, o que aconteceu? — perguntei. — Você consegue falar?

Ele assentiu, fraco.

— Nunca tentei convocar tantos antes. Eu… eu vou ficar bem.

Nós o ajudamos a se sentar e lhe demos um pouco mais de néctar. Ele piscou, olhando para todos como se estivesse tentando se lembrar de quem éramos, e então seus olhos focalizaram alguém atrás de mim.

— Dédalo — falou em voz baixa.

— Sim, meu garoto — disse o inventor. — Cometi um erro muito grave. Vim para corrigi-lo.

Dédalo tinha alguns arranhões que sangravam óleo dourado, mas parecia em melhor condição do que a maioria de nós. Aparentemente, seu corpo de autômato curava-se sozinho e com rapidez. A sra. O'Leary estava atrás dele, lambendo os ferimentos na cabeça do dono e deixando o cabelo dele em pé, com um aspecto engraçado. Briareu estava perto, cercado por um grupo de campistas e sátiros assombrados. Ele parecia meio tímido, mas distribuía autógrafos em armaduras, escudos e camisetas.

— Encontrei o centímano quando vinha pelo Labirinto — explicou Dédalo. — Parece que ele tinha a mesma ideia, queria vir ajudar, mas estava perdido. Então viemos juntos. Ambos viemos reparar um erro.

— Sim! — Tyson pulava. — Briareu! Eu sabia que você viria!

— Eu não sabia — disse o centímano. — Mas você me lembrou de quem eu sou, ciclope. Você é o herói.

Tyson corou, e eu lhe dei tapinhas nas costas.

— Sei disso há muito tempo — eu disse. — Mas, Dédalo… o exército do titã ainda está lá embaixo. Mesmo sem o fio, eles voltarão. Vão encontrar um caminho, mais cedo ou mais tarde, com Cronos na liderança.

Dédalo embainhou a espada.

— Você está certo. Enquanto houver o Labirinto, seus inimigos poderão usá-lo. Motivo pelo qual o Labirinto não pode continuar existindo.

Annabeth o fitou.

— Mas você disse que o Labirinto está ligado à sua força vital! Enquanto você estiver vivo…

— Sim, minha jovem arquiteta — concordou Dédalo. — Quando eu morrer, o Labirinto também morrerá. Então, tenho um presente para você.

Ele tirou uma sacola de couro que estava pendurada nas costas, abriu-a e pegou ali um lustroso *laptop* prata — um dos que eu vira na oficina. Na parte de

cima via-se uma letra Δ azul.

— Meu trabalho está aqui — ele disse. — Foi tudo que consegui salvar do incêndio. Anotações sobre projetos que nunca comecei. Alguns de meus esboços favoritos. Não consegui desenvolvê-los ao longo dos dois últimos milênios. Não ousei revelar minha obra ao mundo mortal. No entanto, talvez você a considere interessante.

Ele entregou o computador a Annabeth, que o olhou como se tivesse ouro nas mãos.

— Está dando para mim? Mas isto não tem preço! Vale… eu nem sei quanto!

— Uma pequena compensação pela maneira como agi — afirmou Dédalo. — Você tinha razão, Annabeth, sobre os filhos de Atena. Devemos ser sábios, e eu não fui. Um dia você será uma arquiteta muito melhor do que eu fui. Pegue minhas ideias e as aperfeiçoe. É o mínimo que posso fazer antes de morrer.

— Peraí — eu disse. — Morrer? Mas você não pode se matar. Isso não está certo!

Ele sacudiu a cabeça.

— É mais certo que me esconder de meus crimes por dois mil anos. A genialidade não é desculpa para o mal, Percy. Minha hora chegou. Preciso enfrentar minha punição.

— Você não terá um julgamento justo — disse Annabeth. — O espírito de Minos agora é um juiz…

— Vou aceitar o que vier — ele replicou. — E confiar na justiça do Mundo Inferior, tal como ela é. Isso é tudo que podemos fazer, não é mesmo?

Ele encarou Nico, cujo rosto tornou-se sombrio.

— Sim — concordou.

— Você aceita minha alma como resgate, então? — perguntou Dédalo. — Pode usá-la em troca da de sua irmã.

— Não — disse Nico. — Vou ajudá-lo a libertar seu espírito. Mas Bianca morreu. Deve ficar onde está.

Dédalo assentiu.

— Muito bem, filho de Hades. Está se tornando sábio. — Em seguida se voltou para mim. — Um último favor, Percy Jackson. Não posso deixar a sra. O'Leary sozinha. E ela não tem desejo algum de voltar para o Mundo Inferior. Você pode cuidar dela?

Olhei para o imenso cão negro que choramingava pateticamente, ainda lambendo o cabelo de Dédalo. Fiquei pensando que o prédio de minha mãe não permitiria cães, principalmente cães maiores do que os apartamentos, mas disse: — Sim. Claro que posso.

— Então estou pronto para ver meu filho… e Perdiz — ele disse. — Preciso lhes pedir perdão.

Annabeth tinha lágrimas nos olhos.

Dédalo virou-se para Nico, que sacou a espada. A princípio temi que Nico fosse matar o velho inventor, mas ele apenas disse: — Sua hora passou há muito. Liberte-se e descanse.

Um sorriso de alívio abriu-se no rosto de Dédalo, que se tornou imóvel como uma estátua. Sua pele ficou transparente, revelando as engrenagens e os mecanismos de bronze que giravam dentro de seu corpo. Então, a estátua se transformou em cinzas e se desintegrou.

A sra. O'Leary uivou. Afaguei-lhe a cabeça, fazendo o melhor que podia para consolá-la. A terra ribombou — um terremoto que provavelmente pôde ser sentido em todas as principais cidades do país — quando o antigo Labirinto ruiu. Em algum lugar, eu esperava, os restos da força de ataque do titã haviam sido enterrados.

Olhei a carnificina na clareira, e os rostos cansados de meus amigos.

— Venham — eu os chamei. — Temos trabalho a fazer.

# DEZENOVE

O conselho se defende Foram muitas as despedidas.

Aquela noite foi a primeira vez que vi as mortalhas do acampamento sendo usadas de fato em corpos, e não foi algo que eu queira presenciar de novo.

Entre os mortos, Lee Fletcher, do chalé de Apolo, que fora derrubado pelo bastão de um gigante. Ele foi envolto em uma mortalha dourada sem decoração alguma. O filho de Dioniso, que caíra lutando contra um meio-sangue inimigo, foi coberto por uma mortalha de um roxo intenso com bordado de parreiras. O nome dele era Castor. Senti vergonha por tê-lo visto no acampamento por três anos e nunca ter me dado o trabalho de saber seu nome. Tinha dezessete anos. Seu irmão gêmeo, Pólux, tentou dizer algumas palavras, mas sua voz falhou e ele limitou-se a apanhar a tocha. Acendeu a pira funerária no centro do anfiteatro, e em segundos a fileira de mortalhas foi engolida pelo fogo, enviando fumaça e faíscas para as estrelas.

Passamos o dia seguinte tratando os feridos — que eram quase todo mundo. Os sátiros e as dríades trabalhavam para reparar os danos à floresta.

Ao meio-dia, o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido convocou uma reunião de emergência no bosque sagrado. Os três sátiros seniores estavam lá, assim como Quíron, acomodado na cadeira de rodas. A pata de cavalo quebrada estava em processo de cura, então ele ficaria confinado à cadeira por alguns meses, até que o membro estivesse forte o bastante para sustentar seu peso. O bosque estava repleto de sátiros, dríades e náiades fora d’água — centenas deles, ansiosos para ouvir o que aconteceria. Juníper, Annabeth e eu nos encontrávamos ao lado de Grover.

Sileno queria exilar Grover imediatamente, mas Quíron o convenceu a pelo menos ouvir primeiro os testemunhos. Assim, contamos a todos o que acontecera na caverna de cristal e o que Pã dissera. Em seguida, várias testemunhas da batalha descreveram o estranho som que Grover emitira e que mandara o exército do titã de volta ao subterrâneo.

— Era pânico — insistia Juníper. — Grover apelou para o poder do deus selvagem.

— Pânico? — perguntei.

— Percy, durante a primeira guerra entre deuses e titãs, o Senhor Pã soltou um grito horrível que afugentou os exércitos inimigos — explicou Quíron. — Esse é… *era* seu maior poder, uma onda maciça de medo que ajudou os deuses a alcançar a vitória. A palavra pânico vem de Pã, veja bem. E Grover usou esse poder, evocado de dentro de si.

— Absurdo! — gritou Sileno. — Sacrilégio! Talvez o deus selvagem tenha nos concedido uma bênção. Ou talvez a música de Grover tenha sido tão ruim que afugentou o inimigo!

— Não foi isso, senhor — afirmou Grover. Ele parecia bem mais calmo do que eu estaria se fosse insultado daquele modo. — Pã permitiu que o espírito dele fosse transmitido para todos nós. Precisamos agir. Cada um de nós deve trabalhar para renovar o mundo selvagem, para proteger o que resta dele. Precisamos disseminar a notícia. Pã está morto. Não existe mais ninguém, somente nós.

— Depois de dois mil anos de buscas, é nisto que você quer que acreditemos? — gritou Sileno. — Nunca! Precisamos continuar a procura. Exilem o traidor!

Alguns dos sátiros mais velhos murmuraram sua anuência.

— Uma votação! — exigiu Sileno. — De qualquer maneira, quem acreditaria neste jovem sátiro ridículo?

— Eu acreditaria — disse uma voz familiar.

Todos se viraram. Entrando no bosque, vinha Dioniso. Ele usava um terno preto formal — e por isso eu quase não o reconheci —, gravata púrpura e camisa roxa, o cabelo escuro e encaracolado cuidadosamente penteado. Seus olhos estavam injetados, como sempre, e o rosto, rechonchudo e corado, mas ele parecia estar sofrendo mais de pesar do que de abstinência de vinho.

Todos os sátiros se levantaram em respeito e fizeram uma reverência quando ele se aproximou. Dioniso fez um gesto com a mão e uma cadeira brotou do chão perto da de Sileno — um trono feito de parreiras.

Dioniso sentou-se e cruzou as pernas. Estalou os dedos e um sátiro apressou-se a lhe oferecer uma travessa com queijos e biscoitos e uma Coca Diet.

O deus do vinho olhou a multidão reunida à volta.

— Sentiram minha falta?

Os sátiros mais do que depressa concordaram e curvaram-se.

— Ah, sim, muito mesmo, senhor!

— Bem, eu não senti falta deste lugar! — disse Dioniso, áspero. — Trago más notícias, meus amigos. Notícias do mal. Os deuses menores estão mudando de lado. Morfeu passou para o grupo do inimigo. Hécate, Jano e Nêmesis, também.

Zeus sabe quantos mais.

Um trovão ribombou a distância.

— Retiro isso — disse Dioniso. — Nem *Zeus* sabe. Agora quero ouvir a história de Grover. De novo, desde o começo.

— Mas, meu senhor — protestou Sileno. — É pura bobagem!

Os olhos de Dioniso cintilaram com fogo púrpura.

— Acabo de saber que meu filho Castor morreu, Sileno. Não estou de bom humor. Você faria bem se não me aborrecesse.

Sileno engoliu em seco e fez sinal para que Grover recomeçasse.

Quando Grover chegou ao fim, o sr. D assentiu.

— Parece mesmo o tipo de atitude que Pã tomaria. Grover está certo. A busca é vergonhosa. Vocês devem começar a pensar por si mesmos. — Ele voltou-se para um sátiro. — Traga-me uvas descascadas, agora!

— Sim, senhor! — O sátiro saiu afobado.

— Devemos exilar o traidor! — insistiu Sileno.

— Eu digo não — opôs-se Dioniso. — É este meu voto.

— Eu também voto não — manifestou-se Quíron.

Sileno contraiu o maxilar, mostrando teimosia.

— Todos a favor do exílio?

Ele e os outros dois sátiros idosos ergueram a mão.

— Três a dois — anunciou Sileno.

— Ah, certo — disse Dioniso. — Mas, infelizmente para vocês, o voto de um deus conta como dois. E, como eu votei contra, estamos empatados.

Sileno levantou-se, indignado.

— Isso é um ultraje! O conselho não pode ficar em um impasse.

— Então, que ele seja extinto! — disse o sr. D. — Eu não ligo.

Sileno curvou-se rigidamente, acompanhado pelos dois amigos, e eles saíram do bosque. Cerca de vinte sátiros os seguiram. Os outros permaneceram onde estavam, murmurando, constrangidos.

— Não se preocupem — disselhes Grover. — Não precisamos de um conselho para nos dizer o que fazer. Podemos decidir isso por nós mesmos.

Ele repetiu para todos as palavras de Pã — que precisavam salvar o mundo selvagem um pouco de cada vez. Então começou a dividir os sátiros em grupos — os que iriam para os parques nacionais, aqueles que procurariam as últimas áreas selvagens e os que defenderiam os parques e jardins nas grandes cidades.

— Bem — Annabeth me disse —, parece que Grover está crescendo.

Mais para o fim da tarde encontrei Tyson na praia, conversando com Briareu, que construía um castelo de areia com cerca de cinquenta de suas mãos. Ele não estava prestando muita atenção ao que fazia, mas as mãos haviam erguido um complexo de três andares com paredes fortificadas, um fosso e uma ponte levadiça.

Tyson desenhava um mapa na areia.

— Tome a esquerda no recife — ele disse a Briareu. — Depois desça direto quando vir o navio naufragado. Então, quase um quilômetro e meio a leste, passando pelo cemitério de sereias, você começará a ver o fogo aceso.

— Está ensinando a ele o caminho das forjas? — perguntei.

Tyson assentiu.

— Briareu quer ajudar. Vai passar aos ciclopes técnicas que foram esquecidas, como fazer armas e armaduras melhores.

— Quero ver ciclopes — concordou Briareu. — Não quero mais ficar sozinho.

— Duvido que fique solitário lá embaixo — eu disse um tanto melancólico, pois nunca fora ao reino de Poseidon. — Vão mantê-lo ocupado de verdade.

O rosto de Briareu assumiu uma expressão feliz.

— Isso parece bom! Só queria que Tyson também pudesse ir.

Tyson corou.

— Preciso ficar aqui com meu irmão. Você vai se sair bem, Briareu. Obrigado.

O centímano apertou minha mão umas cem vezes.

— Vamos nos ver de novo, Percy. Sei disso!

Então ele deu um grande abraço de polvo em Tyson e adentrou o oceano. Ficamos olhando até sua cabeça enorme desaparecer sob as ondas.

Dei uma palmadinha nas costas de Tyson.

— Você o ajudou muito.

— Só conversei com ele.

— Você acreditou nele. Sem Briareu, nunca teríamos derrubado Campe.

— Ele atira pedras bem! — Tyson sorriu.

— Sim. — Ri. — Atira mesmo. Venha, grandão. Vamos jantar.

Foi bom ter um jantar normal no acampamento. Tyson se sentou comigo à mesa de Poseidon. O pôr do sol sobre o Estreito de Long Island estava lindo. As coisas não haviam se normalizado totalmente, mas quando fui até o braseiro e joguei parte de minha refeição nas chamas, como uma oferenda a Poseidon, senti que tinha de fato muito a agradecer. Meus amigos e eu estávamos vivos. O

acampamento estava em segurança. Cronos sofrera um revés, pelo menos por algum tempo.

Minha única preocupação era Nico, que zanzava nas sombras, do outro lado do pavilhão. Haviam lhe oferecido um lugar à mesa de Hermes, e até mesmo à mesa principal com Quíron, mas ele recusara.

Depois do jantar, os campistas se dirigiram ao anfiteatro, onde o chalé de Apolo prometia uma cantoria para elevar os ânimos, mas Nico se desviou e desapareceu no bosque. Decidi que era melhor segui-lo.

Ao passar pelas sombras das árvores percebi que estava ficando muito escuro. Eu nunca sentira medo na floresta, embora sempre soubesse que havia muitos monstros ali. No entanto, pensei na batalha do dia anterior e me perguntei se em algum momento seria capaz de andar de novo por aqueles bosques sem me lembrar do horror daquela luta.

Nico não estava à vista, mas, após alguns minutos de caminhada, vi uma luz à frente. A princípio, pensei que ele tivesse acendido uma tocha, quando me aproximei, porém, vi que o brilho era um fantasma. A forma tremeluzente de Bianca di Angelo encontrava-se na clareira, sorrindo para o irmão. Ela lhe disse algo e tocou o rosto dele — ou tentou. Então sua imagem desapareceu.

Nico virou-se e me viu, mas não pareceu zangado.

— Dizendo adeus — falou com a voz rouca.

— Sentimos sua falta no jantar — afirmei. — Poderia ter se sentado comigo.

— Não.

— Nico, você não pode perder todas as refeições. Se não quiser ficar com Hermes, talvez possam abrir uma exceção e colocá-lo na Casa Grande. Há quartos suficientes.

— Eu não vou ficar, Percy.

— Mas… você não pode simplesmente ir embora. É perigoso demais lá fora para um meio-sangue solitário. Você precisa de treinamento.

— Eu treino com os mortos — ele replicou, sem emoção. — Este acampamento não é para mim. Existe uma razão de não terem construído um chalé para Hades aqui, Percy. Ele não é bem-vindo, não mais do que no Olimpo. Meu lugar não é aqui. Preciso ir embora.

Eu queria argumentar, mas parte de mim sabia que ele tinha razão. Isso não me agradava, mas Nico deveria encontrar seu próprio e sombrio caminho. Lembrei-me da caverna de Pã e de que o deus selvagem se dirigira a cada um de nós individualmente… exceto a Nico.

— Quando você vai? — perguntei.

— Agora mesmo. Tenho milhares de perguntas, como: quem era minha mãe?

Quem pagou a escola para mim e para Bianca? Quem era o advogado que nos tirou do Hotel Lótus? Não sei *nada* de meu passado. Preciso descobrir.

— Faz sentido — admiti. — Mas espero que não tenhamos de ser inimigos.

Ele baixou o olhar.

— Lamento por ter agido como um garoto mimado. Deveria ter ouvido você em relação a Bianca.

— Por falar nisso… — Peguei algo no bolso. — Tyson encontrou isto quando estávamos limpando o chalé. Pensei que talvez você a quisesse. — Estendi uma estatueta de Hades feita de chumbo, a estatueta de Mitomagia que Nico abandonara ao fugir do acampamento no inverno anterior.

Nico hesitou.

— Não brinco mais com esse jogo. É para crianças.

—Tem um poder de ataque de quatro mil — tentei persuadi-lo.

— Cinco mil — Nico me corrigiu. — Mas só se o adversário atacar primeiro.

Sorri.

— Talvez seja bom ser criança de vez em quando. — Joguei a estatueta para ele.

Nico a examinou na mão por alguns segundos e então a enfiou no bolso.

— Obrigado.

Estendi a mão. Ele a apertou, relutante. Sua mão era fria como gelo.

— Tenho muito a investigar — ele disse. — Alguns deles… Bem, se descobrir algo útil, eu o informarei.

Não sabia do que ele estava falando, mas assenti.

— Mantenha contato, Nico.

Ele se virou e adentrou na floresta. As sombras pareciam se curvar em sua direção enquanto ele caminhava, como se tentassem chamar sua atenção.

Uma voz atrás de mim disse:

— Lá vai um rapaz muito perturbado.

Virei-me e deparei com Dioniso ali em pé, ainda com o terno preto.

— Venha caminhar comigo — ele chamou.

— Para onde? — perguntei, desconfiado.

— Só até a fogueira. Eu estava começando a me sentir melhor, então pensei em conversar um pouco com você, que sempre consegue me irritar.

— Hã, obrigado.

Atravessamos a floresta em silêncio. Percebi que Dioniso estava flutuando, seus lustrosos sapatos pretos pairando a uns dois centímetros do chão. Acho que ele não queria sujá-los.

— Temos sofrido muitas traições — ele disse. — A situação não está boa para o Olimpo. No entanto, você e Annabeth salvaram este acampamento. Não estou muito certo se deveria lhe agradecer por isso.

— Foi um esforço conjunto.

Ele deu de ombros.

— Ainda assim, suponho que tenha sido necessária alguma competência para fazer o que vocês dois alcançaram. Achei que você devesse saber… que não foi perda total.

Chegamos ao anfiteatro, e Dioniso apontou para a fogueira. Clarisse estava sentada ao lado de um garoto hispânico grandalhão que lhe contava uma piada. Era Chris Rodriguez, o meio-sangue que enlouquecera no Labirinto.

Voltei-me para Dioniso.

— Você o curou?

— A loucura é minha especialidade. Foi bastante simples.

— Mas… você foi legal. Por quê?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu sou legal! Eu simplesmente transpiro bondade, Perry Johansson. Você não tinha percebido?

— Hã…

—Talvez eu tenha me sentido padecido pela morte de meu filho. Talvez tenha pensado que esse garoto, Chris, merecia uma segunda chance. Seja como for, acho que isso melhorou o humor de Clarisse.

— Por que está me dizendo isso?

O deus do vinho suspirou.

— Ah, por Hades! Se eu soubesse… Mas lembre, garoto, que um gesto generoso pode ser tão poderoso quanto uma espada. Como mortal, eu nunca fui um grande lutador, atleta ou poeta. Eu apenas fazia vinho. As pessoas em meu vilarejo riam de mim. Diziam que eu nunca daria boa coisa. Agora olhe para mim. Às vezes coisas pequenas podem tornar-se de fato muito grandes.

Ele me deixou sozinho pensando naquelas palavras. E, enquanto observava Clarisse e Chris cantando juntos uma estúpida canção junto à fogueira, de mãos dadas no escuro, onde achavam que ninguém podia vê-los, não pude deixar de sorrir.

# VINTE

Minha festa de aniversário sofre uma sombria reviravolta O restante do verão pareceu estranho de tão normal. As atividades diárias prosseguiram: arco e flecha, escalada na pedra, equitação com pégasos. Jogamos captura da bandeira (embora todos evitássemos o Punho de Zeus). Cantamos em torno da fogueira, disputamos corridas de bigas e pregamos peças nos outros chalés. Passei bastante tempo com Tyson e brincando com a sra. O'Leary, mas ela ainda uivava à noite quando sentia muita saudade do antigo dono. Annabeth e eu estávamos sempre perto um do outro, mas nunca muito perto. Eu ficava feliz quando estava com ela, mas isso doía um pouco, e doía quando não estávamos juntos também.

Eu queria falar com ela sobre Cronos, no entanto não conseguia mais fazer isso sem tocar no nome de Luke. E esse era um tema que eu não podia trazer à tona. Ela me dispensava todas as vezes que eu tentava.

Julho se passou, com fogos de artifício na praia no Quatro de Julho. Agosto foi tão quente que os morangos começaram a assar nos campos. Finalmente, chegou o último dia no acampamento. O formulário padrão apareceu em minha cama depois do café da manhã, advertindo-me de que as harpias da limpeza me devorariam se eu ainda estivesse ali depois do meio-dia.

Às dez horas eu estava no topo da Colina Meio-sangue, à espera da van que me levaria para a cidade. Providenciei para que a sra. O'Leary ficasse no acampamento, onde ela seria cuidada conforme Quíron me prometera. Tyson e eu nos revezaríamos visitando-a durante o ano.

Eu esperava que Annabeth fosse comigo para Manhattan, mas ela só veio se despedir. Disse que combinara de ficar no acampamento um pouco mais. Cuidaria de Quíron até que a pata dele estivesse completamente recuperada e continuaria estudando o *laptop* de Dédalo, que a mantivera ocupada nos últimos dois meses. Depois iria para a casa do pai, em São Francisco.

— Vou para uma escola particular — ela disse. — Provavelmente, vou odiar, mas… — Ela deu de ombros.

— É, bem, então me ligue, o.k.?

— Claro — ela disse com certa frieza. — Vou ficar atenta para o caso de…

Lá estava ele de novo. *Luke*. Ela não conseguia nem pronunciar o nome dele sem abrir uma imensa caixa de dor, preocupação e raiva.

— Annabeth — eu disse —, qual era o final da profecia?

Ela fixou os olhos na floresta a distância, mas não disse nada.

— *Descerás na escuridão do labirinto infinito* — recordei. — *O morto, o traidor e o perdido reerguidos.* Erguemos muitos mortos. Salvamos Ethan Nakamura, que veio a ser um traidor. Erguemos o espírito de Pã, que estava perdido.

Annabeth sacudiu a cabeça, como se quisesse me fazer parar.

— *Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei espectral* — pressionei. — Este não era Minos, como pensei. Era Nico. Ao escolher ficar do nosso lado, ele nos salvou. *Da criança de Atena, a defesa final*… este era Dédalo.

— Percy…

— *A destruição virá quando o último suspiro do herói acontecer.* Agora faz sentido. Dédalo morreu para destruir o Labirinto. Mas qual era o último…

— *E perderás um amor para algo pior que morrer*. — Annabeth tinha lágrimas nos olhos. — Este era o último verso, Percy. Está feliz agora?

O sol de repente parecia mais frio.

— Ah! — eu disse. — Então Luke…

— Percy, eu não sabia de quem a profecia falava. Eu… eu não sabia se… — Ela gaguejou, impotente. — Luke e eu… durante anos ele foi o único que se importou de verdade comigo. Eu pensei…

Antes que pudesse continuar, uma faísca de luz surgiu perto de nós, como se alguém tivesse aberto uma cortina de ouro no ar.

— Você nada tem de que se desculpar, minha querida.

De pé ali no morro estava uma mulher alta, com um vestido branco, o cabelo escuro trançado sobre um dos ombros.

— Hera — disse Annabeth.

A deusa sorriu.

— Você encontrou as respostas, como eu imaginava. Sua missão foi um sucesso.

— *Um sucesso?* — perguntou Annabeth. — Luke se foi. Dédalo está morto. Pã está morto. Como isso…

— Nossa família está a salvo — insistiu Hera. — Esses outros já foram tarde, minha querida. Estou orgulhosa de você.

Cerrei os punhos. Não podia acreditar que ela estivesse dizendo aquilo.

— Foi você que pagou Geríon para nos deixar passar pelo rancho, não foi?

Hera encolheu os ombros. Seu vestido cintilou com as cores do arco-íris.

— Eu queria encurtar o caminho de vocês.

— Mas não se importou com Nico. Ficaria feliz em vê-lo entregue aos titãs.

— Ah, por favor.

Hera fez um gesto de desprezo, e continuou:

— Foi o próprio filho de Hades quem disse. Ninguém o quer por perto. Aqui não é o lugar dele.

— Hefesto tinha razão — rosnei. — Você só se importa com sua família *perfeita*, não com as pessoas reais.

Os olhos dela brilharam perigosamente.

— Tome cuidado, filho de Poseidon. Guiei-o no Labirinto mais do que você possa imaginar. Estava a seu lado quando você enfrentou Geríon. *Eu* permiti que sua flecha o acertasse. Mandei-o para a ilha de Calipso. Abri caminho para a montanha dos titãs. Annabeth, minha querida, você certamente vê como ajudei. Eu acolheria com alegria um sacrifício por meus esforços.

Annabeth ficou imóvel como uma estátua. Ela poderia ter dito "obrigada". Poderia ter prometido jogar um pouco de churrasco no braseiro para Hera e deixar tudo para lá. Mas ela cerrou o maxilar, teimosa. Tinha a mesma expressão de quando enfrentou a Esfinge — a de que não aceitaria uma resposta qualquer, mesmo que isso a pusesse em sérios apuros. Percebi que essa era uma das qualidades que eu mais admirava em Annabeth.

— Percy tem razão. — Ela se voltou contra a deusa. — *Você é* que não pertence a este lugar, Rainha Hera. Portanto, da próxima vez… não, obrigada, mas não vamos querer nada.

A expressão de desdém de Hera foi pior do que a de uma *empousa*. Sua silhueta começou a brilhar.

— Você vai se arrepender deste insulto, Annabeth. Vai se arrepender, e muito.

Desviei os olhos quando a deusa assumiu sua verdadeira forma divina e desapareceu em uma labareda de luz.

O alto da colina estava novamente em paz. Mais adiante, no pinheiro, Peleu, o dragão, ressonava sob o Velocino de Ouro, como se nada tivesse acontecido.

— Desculpe-me — disse Annabeth. — Eu… eu preciso voltar. Vou manter contato.

— Ouça, Annabeth…

Pensei no Monte Santa Helena, na ilha de Calipso, em Luke e em Rachel Elizabeth Dare, e em como, de repente, tudo se tornara tão complicado. Queria dizer a Annabeth que eu não desejava ficar tão longe dela.

Mas então Argos buzinou lá embaixo na estrada, e perdi minha oportunidade.

— É melhor você ir — disse Annabeth. — Cuide-se, Cabeça de Alga.

Ela desceu a colina correndo. Fiquei olhando até ela chegar aos chalés. Annabeth não olhou para trás nem uma única vez.

Dois dias depois era meu aniversário. Eu nunca anunciei a data, porque sempre caía logo depois do final do acampamento, portanto nenhum de meus amigos campistas podia vir, e eu não tinha muitos amigos mortais. Além disso, ficar mais velho não parecia motivo para celebrar, já que, de acordo com a grande profecia, eu destruiria ou salvaria o mundo quando completasse dezesseis anos. Já estava fazendo quinze. Meu tempo estava se esgotando.

Minha mãe preparou uma festa íntima em nosso apartamento. Paul Blofis compareceu, mas estava tudo bem porque Quíron manipulara a Névoa a fim de convencer todos da Goode High School de que eu nada tivera a ver com a explosão na sala de música. Agora Paul e outras testemunhas estavam certos de que Kelli era uma líder de torcida louca e incendiária, enquanto eu fora simplesmente um inocente espectador que, em pânico, saíra correndo do local. Eu ainda estava inscrito como calouro na Goode, e começaria a estudar no mês seguinte. Se quisesse manter meu recorde de ser expulso da escola todos os anos, teria de me empenhar mais.

Tyson também foi à minha festa, e mamãe assou dois bolos azuis extras só para ele. Enquanto Tyson enchia com ela as bolas de gás, Paul Blofis me pediu que o ajudasse na cozinha.

Quando estávamos servindo o ponche, ele disse:

— Ouvi dizer que sua mãe o inscreveu para ter aulas de direção no outono.

— É. Legal. Estou ansioso.

Na verdade, eu sempre sonhei em conseguir a carteira de motorista, no entanto acho que não estava mais tão empolgado, e Paul podia perceber. De uma forma estranha, ele às vezes me lembrava Quíron, pela maneira como olhava você e *via* o que estava pensando. Acho que era por causa da aura de professor.

— Você teve um verão difícil — ele disse. — Tenho a sensação de que perdeu alguém importante. E… teve problemas com garotas?

Eu o fitei.

— Como sabe disso? Mamãe…

Ele ergueu as mãos.

— Sua mãe não disse nada. E eu não vou me intrometer. Só sei que tem algo diferente em você, Percy. Tem muita coisa acontecendo em sua vida, e eu não sei o que é. Mas eu também já tive quinze anos, e posso adivinhar pela sua

expressão… Bem, você passou por dias difíceis.

Fiz que sim com a cabeça. Eu havia prometido a mamãe que contaria a Paul a verdade sobre mim, mas aquele não parecia o momento certo. Ainda não.

— Perdi alguns amigos nesse acampamento que frequento — eu disse. — Bem, não eram amigos muito chegados, mas ainda assim…

— Eu sinto muito.

— É. E, hã, acho que essa história das garotas…

— Tome. — Paul me passou um copo de ponche. — Ao seu aniversário de quinze anos. E que o próximo ano seja melhor.

Brindamos com nossos copos de papel e bebemos.

— Percy, eu me sinto um pouco mal por lhe pedir para pensar em mais um assunto — disse Paul. — Mas queria lhe fazer uma pergunta.

— Sim?

— Diz respeito a uma garota.

Fechei a cara.

— O que quer dizer?

— Sua mãe — disse Paul. — Estou pensando em pedir a mão dela.

Quase deixei o copo cair.

— Você quer dizer… casar com ela? Você e ela?

— Bem, era essa a ideia. Tudo bem para você?

— Está pedindo minha permissão?

Paul coçou a barba.

— Não sei se é permissão, se chega a tanto, mas ela é sua mãe. E sei que você está passando por muita coisa. Eu não me sentiria bem se não conversasse com você primeiro, de homem para homem.

— Homem para homem — repeti. Aquilo soava estranho. Pensei em Paul e em minha mãe, como ela ria mais e parecia mais feliz quando ele estava por perto, e como Paul se esforçara para me fazer ser aceito na escola. Então me vi dizendo: — Acho que é uma ótima ideia. Vai fundo.

Ele então abriu um sorriso muito largo.

— Saúde, Percy. Vamos nos juntar à festa.

Estava me preparando para soprar as velas quando a campainha tocou.

Minha mãe franziu a testa.

— Quem pode ser?

Era estranho, porque nosso prédio novo tinha porteiro, mas ele não

interfonara. Mamãe abriu a porta e deixou escapar um suspiro.

Era meu pai. Vestindo bermuda, camisa havaiana e sandálias Birkenstock, como sempre. A barba escura estava muito bem aparada e os olhos verde-mar faiscavam. Usava um boné surrado, decorado com iscas de pesca, em que se lia: boné da sorte de netuno.

— Posei… — Mamãe se interrompeu. Estava vermelha até a raiz dos cabelos. — Hã, olá.

— Olá, Sally — disse Poseidon. — Está linda como sempre. Posso entrar?

Mamãe emitiu um som agudo que poderia ser tanto “Sim” quanto “Socorro”. Poseidon entendeu como um sim e entrou.

Paul olhava de um para outro, tentando ler nossas expressões. Por fim, ele deu um passo à frente.

— Oi, eu sou Paul Blofis.

Poseidon ergueu as sobrancelhas ao trocarem um aperto de mãos.

— Blow*fish*, você disse?

— Ah, não. É Blofis.

— Ah, sei — disse Poseidon. — Uma pena. Eu sou Poseidon.

— Poseidon? Um nome interessante.

— É, eu gosto. Já tive outros, mas prefiro Poseidon.

— Como o deus do mar.

— Exatamente.

— Bem! — mamãe interrompeu. — Hã, estamos muito felizes que você tenha vindo. Paul, este é o pai do Percy.

— Ah! — Paul assentiu, embora não parecesse muito feliz. — Entendo.

Poseidon sorriu para mim.

— Aí está você, meu garoto. E Tyson, olá, filho!

— Papai! — Tyson atravessou a sala aos pulos e deu um grande abraço em Poseidon, quase derrubando o boné de pesca dele.

O queixo de Paul caiu. Ele olhou para mamãe.

— Tyson é…

— Não é meu — ela garantiu. — É uma longa história.

— Eu não podia perder os quinze anos de Percy — disse Poseidon. — Ora, se estivéssemos em Esparta, Percy hoje seria um homem!

— É verdade — disse Paul. — Já fui professor de história antiga.

Os olhos de Poseidon cintilaram.

— É o meu assunto. História antiga. Sally, Paul, Tyson… vocês se importariam se eu pegasse Percy emprestado por um momento?

Ele passou o braço pelos meus ombros e me conduziu à cozinha.

Assim que ficamos sozinhos, o sorriso dele desapareceu.

— Você está bem, meu filho?

— Sim. Estou bem. Acho.

— Ouvi algumas histórias — disse Poseidon. — Mas queria ouvi-las diretamente de você. Conte-me tudo.

Foi o que fiz. E foi meio desconcertante, porque Poseidon ouvia com tamanha atenção que seus olhos não deixaram meu rosto por um só instante. Sua expressão não mudou durante todo o tempo que eu falei. Quando cheguei ao fim, ele assentiu lentamente.

— Então Cronos está mesmo de volta. Não vai levar muito tempo para a guerra plena nos alcançar.

— E quanto a Luke? — perguntei. — Ele morreu mesmo?

— Não sei, Percy. Isso é muitíssimo perturbador.

— Mas o corpo dele é mortal. Você não pode simplesmente destruí-lo?

Poseidon parecia confuso.

— Mortal, talvez. Mas há algo diferente em Luke, meu filho. Não sei como ele foi preparado para hospedar a alma do titã, mas não morrerá facilmente. E, no entanto, temo que deva ser morto se quisermos mandar Cronos de volta ao fosso. Preciso pensar sobre isso. Infelizmente, tenho meus próprios problemas.

Lembrei-me do que Tyson me contara no início do verão.

— Os velhos deuses do mar?

— Isso mesmo. A batalha chegou primeiro para mim, Percy. Na verdade, não posso ficar aqui muito tempo. Neste exato momento o oceano está em guerra. É tudo que posso fazer para evitar que furacões e tufões destruam a superfície de seu mundo, tão intensa é a luta.

— Deixe-me ir para lá — eu disse. — Deixe-me ajudar.

Os olhos de Poseidon se enrugaram quando ele sorriu.

— Ainda não, meu filho. Pressinto que você será necessário aqui. O que me lembra… — Ele pegou uma bolacha de areia e a colocou em minha mão. — Seu presente de aniversário. Gaste-a com sabedoria.

— Hã, gastar uma bolacha de areia?

— Ah, sim. Por aqui ela é conhecida como “dólar de areia”. No meu tempo, podia-se comprar muito com uma destas. Acho que você vai descobrir que ainda compra muita coisa, se usada na situação certa.

— Que situação?

— Quando chegar a hora — disse Poseidon —, acho que você saberá.

Fechei minha mão em torno da bolacha de areia, mas algo me incomodava.

— Pai — eu disse —, lá no Labirinto encontrei Anteu. Ele disse… bem, disse que era seu filho favorito. Decorou toda a arena com caveiras e…

— Consagrou-as a mim — completou Poseidon. — E você está se perguntando como alguém pôde fazer algo tão horrível em meu nome.

Assenti, constrangido.

Poseidon pousou a mão queimada de sol em meu ombro.

— Percy, seres menores tomam muitas atitudes horríveis em nome dos deuses. Isso não significa que os deuses aprovem. A maneira como nossos filhos e filhas agem em nosso nome… bem, em geral diz mais sobre *eles* do que sobre nós. E *você*, Percy, é meu filho favorito.

Ele sorriu, e naquele momento o simples fato de estar com meu pai na cozinha foi o melhor presente de aniversário que já tive. Então mamãe chamou da sala: — Percy? As velas estão derretendo!

— É melhor você ir — disse Poseidon. — Mas, Percy, uma última notícia que você deve saber. Aquele incidente no Monte Santa Helena…

Por um segundo pensei que ele estivesse falando do beijo que Annabeth me dera, e corei, mas então percebi que ele falava de algo muito maior.

— As erupções continuam — ele disse. — Tífon está se agitando. É muito provável que em breve, em alguns meses, talvez um ano no máximo, ele escape dos grilhões.

— Desculpe-me — eu disse. — Não era minha intenção…

Poseidon ergueu a mão.

— Não é culpa sua, Percy. Isso aconteceria mais dia, menos dia, com Cronos acordando os monstros antigos. Mas saiba que se Tífon acordar… será diferente de tudo que você já enfrentou. A primeira vez que ele apareceu, todas as forças do Olimpo mal foram suficientes para combatê-lo. E quando ele acordar novamente, virá para cá, para Nova York. Seguirá direto para o Olimpo.

Era exatamente o tipo de boa notícia que eu queria em meu aniversário, mas Poseidon me deu palmadinhas nas costas como se tudo estivesse bem.

— Agora preciso ir. Aproveite seu bolo.

E, com isso, ele se transformou em névoa e foi levado pela janela em uma brisa quente do oceano.

Deu certo trabalho convencer Paul de que Poseidon partira pela saída de incêndio, mas como as pessoas não podem desaparecer no ar, ele não teve outra

escolha senão acreditar.

Comemos bolo azul e sorvete até não aguentarmos mais. Então brincamos de um punhado de jogos de grupo, como mímica e Banco Imobiliário. Tyson não entendeu a dinâmica da mímica e ficava gritando a resposta que estava tentando representar. Mas acabou se revelando bom de verdade no Banco Imobiliário. Ele me tirou do jogo após a quinta rodada e começou a levar mamãe e Paul à falência. Deixei-os jogando e fui para meu quarto.

Coloquei uma fatia intacta do bolo azul na cômoda. Então tirei meu cordão do Acampamento Meio-Sangue e o deixei no peitoril da janela. Nele agora havia três pingentes, representando meus três verões no acampamento — um tridente, o Velocino de Ouro e o último: um intrincado labirinto, simbolizando a Batalha do Labirinto, como os campistas haviam começado a se referir ao episódio. Perguntei-me qual seria o pingente do próximo ano, se eu ainda estivesse lá para ganhá-lo. Se o acampamento sobrevivesse até o verão seguinte.

Olhei para o telefone em minha cabeceira. Pensei em ligar para Rachel Elizabeth Dare. Minha mãe me perguntara se eu queria convidar mais alguém naquela noite, e eu tinha pensado em Rachel. Mas não liguei. Não sei por quê. A ideia me deixava quase tão nervoso quanto uma porta para o Labirinto.

Tateei meus bolsos e os esvaziei — Contracorrente, um lenço de papel, a chave do apartamento. Então tateei o bolso da camisa e senti um pequeno volume. Eu nem percebera, mas estava usando a camisa de algodão branco que Calipso me dera em Ogígia. Tirei o pedaço de tecido, desembrulhei-o e encontrei o raminho de enlace lunar. Era um galho minúsculo, murcho depois de dois meses, mas eu ainda podia sentir o leve aroma do jardim encantado. Fiquei triste.

Lembrei-me do último pedido de Calipso: *Plante um jardim em Manhattan por mim, o.k.?* Abri a janela e passei para a saída de incêndio.

Minha mãe guardava uma jardineira ali. Na primavera ela costumava enchê-la de flores, mas agora havia apenas terra, à espera de algo novo. Era uma noite clara. A lua estava cheia sobre a Rua 82. Plantei o pequeno galho de enlace lunar com cuidado e o borrifei com um pouco de néctar de meu cantil do acampamento.

A princípio nada aconteceu.

Então, enquanto eu observava, uma pequenina planta prateada brotou do solo — uma muda de enlace lunar brilhando na noite quente de verão.

— Bela planta — disse uma voz.

Dei um salto. Nico di Angelo estava na saída de incêndio, ao meu lado. Simplesmente aparecera ali.

— Desculpe-me — ele disse. — Não queria assustar você.

— Está… está tudo bem. Quer dizer… o que você está fazendo aqui?

Ele crescera uns dois centímetros nos últimos dois meses. Seu cabelo era uma massa desgrenhada e negra. Usava camiseta preta, jeans preto e um novo anel de prata com uma caveira. Sua espada de ferro estígio pendia ao lado do corpo.

— Fiz algumas investigações — ele contou. — Pensei que você gostaria de saber. Dédalo recebeu sua punição.

— Você o viu?

Nico assentiu.

— Minos queria que ele fervesse em *fondue* de queijo pela eternidade, mas meu pai tinha outros planos. Dédalo construirá viadutos e rampas de acesso nos Campos de Asfódelos para sempre. Vai ajudar a aliviar o congestionamento do trânsito. Na verdade, acho que o velho ficou bastante feliz com isso. Ainda está construindo. Ainda está criando. E pode ver o filho e Perdiz nos fins de semana.

— Legal.

Nico cutucou o anel de prata.

— Mas essa não é a verdadeira razão de eu ter vindo. Também fiz algumas descobertas. Quero lhe oferecer algo.

— O quê?

— Um jeito de vencer Luke — ele disse. — Se eu tiver razão, é o ú*nico* modo de você ter uma chance.

Respirei fundo.

— O.k. Estou ouvindo.

Nico olhou para dentro de meu quarto e franziu as sobrancelhas.

— Aquilo… aquilo é bolo de aniversário azul?

Ele parecia faminto, talvez um pouco melancólico. Imaginei se o pobre garoto algum dia tivera uma festa de aniversário, ou se já fora convidado para alguma.

— Venha comer bolo e sorvete — chamei. — Parece que temos muito que conversar.

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS ✠ LIVRO CINCO

"Aventura em alta voltagem e impossível de largar."
BOOKLIST

# O ÚLTIMO OLIMPIANO

RICK RIORDAN

intrínseca

Copyright © 2009 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt e
Sandra Bruna Agencia Literaria, S.L.

TÍTULO ORIGINAL
The Last Olympian

PREPARAÇÃO
Anna Távora

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto
Cristiane Marinho

REVISÃO DE EPUB
Melissa Lopes

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-291-9

Edição digital: 2011

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para a sra. Pabst,*
*minha professora de inglês do oitavo ano,*
*que me iniciou na jornada de ser escritor.*

# UM

Embarco em um cruzeiro explosivo

O fim do mundo começou quando um pégaso pousou no capô de meu carro.

Até então, minha tarde estava ótima. Tecnicamente, eu não devia estar dirigindo, pois ainda faltava uma semana para completar dezesseis anos, mas minha mãe e meu padrasto, Paul, levaram a mim e a minha amiga Rachel para um trecho de estrada em uma praia particular em South Shore, e Paul nos emprestou seu Prius para uma voltinha.

Ora, eu sei que você está pensando: *Puxa, isso é uma grande irresponsabilidade dele, blá-blá-blá*, mas Paul me conhece muito bem. Ele já me vira fatiar demônios e saltar de janelas de escolas em chamas, então provavelmente concluiu que guiar um carro algumas centenas de metros não era exatamente a coisa mais perigosa que eu já havia feito.

Seja como for, Rachel e eu estávamos sozinhos no carro. Era um dia quente de agosto. O cabelo vermelho de Rachel estava preso em um rabo de cavalo e ela usava uma blusa branca sobre o maiô. Eu nunca a tinha visto com outra roupa que não camisetas velhas e jeans rabiscados, ela estava bonita como um milhão de dracmas de ouro.

— Ah, pare ali! — ela me disse.

Estacionamos num recuo que dava para o Atlântico. O mar é sempre um de meus locais favoritos, e naquele dia estava especialmente bonito — de um verde resplandecente, e liso como vidro, como se meu pai o estivesse mantendo tranquilo só para nós dois.

Meu pai, por falar nisso, é Poseidon. Ele pode fazer esse tipo de coisa.

— E então? — Rachel sorria para mim. — Sobre aquele convite.

— Ah… certo. — Tentei parecer animado.

Bem, ela me convidara para passar três dias na casa de praia de sua família na ilha de St. Thomas. Eu não recebia muitos convites assim. A ideia de férias bacanas para minha família era um fim de semana em um chalé velho em Long Island, com alguns filmes alugados e pizzas congeladas, e a família de Rachel estava me chamando para ir com eles para o Caribe.

Além disso, eu precisava mesmo de férias. O último verão fora o mais árduo de minha vida. A possibilidade de descansar por alguns dias era realmente tentadora.

Ainda assim, a expectativa era que algo importante acontecesse a qualquer dia. Eu estava “à espera” de uma missão. Ainda pior, meu aniversário seria na semana seguinte, e havia aquela profecia que dizia que quando eu completasse dezesseis anos coisas ruins aconteceriam.

— Percy — ela disse —, sei que a hora é ruim. Mas é *sempre* ruim para você, não é?

O argumento dela era bom.

— Eu quero ir, de verdade — garanti. — É só…

— A guerra.

Assenti. Eu não gostava de falar sobre isso, mas Rachel sabia. Ao contrário da maioria dos mortais, ela podia ver através da Névoa — o véu mágico que distorce a visão humana. Ela vira monstros. Conhecera alguns dos outros semideuses que lutavam contra os titãs e os aliados deles. Ela, inclusive, estava presente no último verão, quando o despedaçado Senhor Cronos se ergueu de seu caixão em uma forma nova e terrível, e conquistara meu respeito eterno ao acertá-lo no olho com uma escova de cabelos de plástico azul.

Ela pôs a mão em meu braço.

— Pelo menos pense a respeito, o.k.? Só vamos daqui a dois dias. Meu pai… — Sua voz falhou.

— Tem tido problemas com ele? — perguntei.

Rachel sacudiu a cabeça, infeliz.

— Ele está tentando ser *legal* comigo, o que é quase pior. Quer que eu vá para a Academia de Moças de Clarion no outono.

— A escola que sua mãe frequentou?

— É uma escola estúpida para garotas da sociedade, lá em New Hampshire. Você consegue me ver em uma escola para moças?

Tinha de admitir que a ideia parecia bastante estúpida. Rachel gostava de se dedicar a projetos de arte urbana, de alimentar os sem-teto, de frequentar manifestações de protesto para “Salvar o Pica-pau-de-barriga-amarela em Risco de Extinção” e de coisas desse tipo. Eu nunca nem mesmo a vira usar um vestido. Era difícil imaginá-la aprendendo a ser uma *socialite*.

Ela suspirou.

— Ele acha que se fizer um monte de coisas legais para mim vou me sentir culpada e ceder.

— E foi por isso que ele concordou em me deixar ir com vocês de férias?

— Sim… mas, Percy, você estaria me fazendo um imenso favor. Seria *tão* melhor se você estivesse conosco. Além disso, tem um assunto que eu queria comentar… — Ela se deteve abruptamente.

— Um assunto que você quer falar comigo? — perguntei. — Quer dizer… é tão sério que precisamos ir a St. Thomas para conversar a respeito?

Ela franziu os lábios.

— Olhe, esqueça isso por ora. Vamos fingir que somos um casal de pessoas normais. Saímos para dar um passeio e estamos olhando o oceano, porque é legal ficar junto.

Eu podia ver que algo a incomodava, mas ela exibiu um sorriso corajoso. A luz do sol fazia seu cabelo parecer feito de fogo.

Havíamos passado um bocado de tempo juntos naquele verão. Eu não havia exatamente planejado desse modo, porém, quanto mais séria a situação ficava no acampamento, mais eu tinha necessidade de ligar para Rachel e dar uma escapada, só para respirar um pouco. Precisava me lembrar de que o mundo mortal ainda estava lá, distante de todos os monstros que queriam me usar como saco de pancadas.

— O.k. — concordei. — Apenas uma tarde normal e duas pessoas normais.

— Ela assentiu.

— E então… hipoteticamente, se essas duas pessoas se gostassem, o que seria preciso para que o garoto estúpido beijasse a garota, hein?

— Ah… — Eu me senti como uma das vacas sagradas de Apolo: lento, burro e vermelho. — Hã…

Não posso fingir que não pensava em Rachel. Era tão mais fácil ficar na companhia dela do que na de… bem, do que na de algumas outras garotas que eu conhecia. Eu não precisava me esforçar, nem tomar cuidado com o que falava, nem queimar o cérebro para decifrar o que ela estava pensando. Rachel não escondia muito. Ela demonstrava o que sentia.

Eu não sei o que teria feito a seguir — mas estava tão distraído que não percebi a forma enorme e escura descendo do céu até quatro cascos pousarem no capô do Prius com um *WUMP-WUM-CRUNCH!*

*Ei, chefe*, disse uma voz acima da minha cabeça. *Que carro bacana!*

O pégaso Blackjack era um velho amigo, então tentei não ficar muito aborrecido com as crateras que ele acabara de abrir no capô; mas não achava que meu padrasto fosse ficar muito alegre.

— Blackjack! — Suspirei. — O que você está…

Então vi quem o estava montando e percebi que meu dia estava prestes a se complicar… e muito.

— E aí, Percy?

Charles Beckendorf, líder do chalé de Hefesto, faria a maioria dos monstros chorar chamando pela mamãe. Ele era enorme, tinha músculos muito definidos por causa do trabalho nas forjas todo verão, era dois anos mais velho que eu e um dos melhores ferreiros de armadura do acampamento. Ele criou verdadeiras engenhocas mecânicas para mim. Um mês antes, montara um mecanismo grego incendiário no banheiro de um ônibus de turismo que levava um bando de monstros para o outro lado do país. A explosão liquidou uma legião inteira de seres malignos de Cronos assim que a primeira harpia deu a *descarga*.

Beckendorf estava vestido para o combate. Usava um peitoral de bronze, um elmo de guerra, calça de camuflagem preta e uma espada presa por correia na lateral do corpo. Sua sacola de explosivos pendia a tiracolo.

— Está na hora? — perguntei.

Ele assentiu, sombriamente.

Um nó formou-se em minha garganta. Eu sabia que aquilo estava por vir. Havíamos planejado durante semanas, mas eu de certo modo esperava que nunca acontecesse.

Rachel olhou para Beckendorf.

— Oi.

— Ah, ei. Eu sou Beckendorf. Você deve ser Rachel. Percy me falou… hã, quer dizer, ele mencionou você.

Rachel ergueu uma sobrancelha.

— Verdade? Bom. — Ela olhou para Blackjack, que batia os cascos no capô do Prius. — Acho então que vocês precisam salvar o mundo agora.

— É por aí — concordou Beckendorf.

Olhei para Rachel, impotente.

— Você pode dizer a minha mãe…

— Eu digo a ela. Tenho certeza de que já está acostumada. E explico a Paul sobre o capô.

Fiz um gesto com a cabeça, agradecendo. Pensei que provavelmente seria a última vez que Paul me emprestava seu carro.

— Boa sorte. — Rachel me beijou antes que eu pudesse sequer reagir. — Agora, vá, meio-sangue. Mate alguns monstros por mim.

Minha última visão dela foi sentada no banco do carona do Prius, de braços cruzados, olhando Blackjack descrever círculos no ar, cada vez mais alto, levando-me com Beckendorf para o céu. Imaginei o que Rachel queria falar comigo, e se eu viveria tempo suficiente para descobrir.

— Então — disse Beckendorf —, acho que você não vai querer que eu

comente aquela pequena cena com Annabeth.

— Ah, céus! — murmurei. — Nem pense nisso.

Beckendorf deu uma risadinha, e juntos fomos planando acima do Atlântico.

Era quase noite quando avistamos nosso alvo. O *Princesa Andrômeda* brilhava no horizonte — um imenso navio de cruzeiro iluminado de amarelo e branco. A distância podia-se pensar que se tratava apenas de um navio de turismo, e não do quartel-general do Senhor dos Titãs. Então, à medida que se aproximava, podia-se notar a gigantesca figura de proa — uma donzela de cabelos escuros em uma túnica grega, envolta em correntes, com uma expressão de horror no rosto, como se pudesse sentir o fedor de todos os monstros que estava sendo obrigada a carregar.

Ver o navio novamente fez meu estômago se revirar. Por duas vezes eu quase morrera no *Princesa Andrômeda*. Agora o navio estava seguindo direto para Nova York.

— Sabe o que fazer? — gritou Beckendorf acima do ruído do vento.

Confirmei com um aceno de cabeça. Havíamos ensaiado nos estaleiros de New Jersey, usando navios abandonados como alvo. Eu sabia que teríamos pouco tempo. Mas também sabia que aquela era nossa melhor oportunidade de pôr fim à invasão de Cronos antes mesmo de seu início.

— Blackjack — eu disse —, deixe-nos na popa, no convés mais baixo.

*Entendido, chefe*, ele disse. *Cara, odeio ver esse navio.*

Três anos antes Blackjack fora mantido como escravo no *Princesa Andrômeda*, até escapar com uma pequena ajuda minha e de meus amigos. Acho que ele preferiria ter a crina trançada como a do Meu Querido Pônei a voltar ali.

— Não espere por nós — eu lhe disse.

*Mas, chefe…*

— Confie em mim. Vamos sair sozinhos.

Blackjack encolheu as asas e mergulhou na direção do navio como um cometa negro. O vento zumbia em meus ouvidos. Eu via monstros patrulhando os conveses superiores do navio — *dracaenae*, cães infernais, gigantes e leões-marinhos humanoides demoníacos conhecidos como telquines —, mas passamos por eles tão rápido que ninguém deu o alarme. Descemos em disparada até a popa da embarcação, e Blackjack abriu as asas, pousando suavemente no convés inferior. Desmontei, sentindo-me enjoado.

*Boa sorte, chefe*, disse Blackjack. *Não deixe que eles o transformem em comida de tubarão!*

Com isso, meu velho amigo voou para dentro da noite. Tirei minha caneta do bolso e a destampei, e Contracorrente se expandiu até seu tamanho real — noventa centímetros de bronze celestial letal brilhando no cair da noite.

Beckendorf tirou um pedaço de papel do bolso. Pensei que fosse um mapa ou algo assim. Então percebi que era uma foto. Ele a fitou na luz fraca — o rosto sorridente de Silena Beauregard, filha de Afrodite. Eles tinham começado a namorar no último verão, depois de todos dizerem durante anos: “Dã, vocês gostam um do outro!” Apesar de todas as missões perigosas, naquele verão Beckendorf parecia mais feliz do que eu jamais o vira.

— Vamos voltar ao acampamento — prometi.

Por um segundo vi a preocupação em seus olhos. Então, ele voltou a mostrar seu velho sorriso confiante.

— Pode apostar — ele disse. — Vamos explodir Cronos em um milhão de pedaços.

Beckendorf ia à frente. Seguimos por um corredor estreito até a escada de serviço, exatamente como havíamos treinado, mas ficamos imóveis ao ouvir ruídos acima de nós.

— Não ligo para o que seu nariz diz! — rosnou a voz meio humana, meio canina de um telquine. — A última vez que você farejou um meio-sangue era um sanduíche de bolo de carne!

— Sanduíche de bolo de carne é gostoso — rosnou uma segunda voz. — Mas esse cheiro é de meio-sangue, eu juro. Eles estão a bordo!

— Seu *cérebro* é que não está a bordo!

Continuaram a discutir, e Beckendorf apontou para os degraus que levavam para baixo. Descemos o mais silenciosamente possível. Dois conveses abaixo a voz dos telquines começou a sumir.

Finalmente chegamos a uma escotilha de metal. Beckendorf balbuciou: “Sala das máquinas.”

Estava trancada, mas Beckendorf tirou um alicate da bolsa e partiu o cadeado como se fosse de manteiga.

Lá dentro, uma fileira de turbinas amarelas, do tamanho de silos de grãos, agitava-se e zumbia. Medidores de pressão e terminais de computador alinhavam-se na parede oposta. Um telquine encontrava-se curvado sobre um console, mas estava tão absorto no trabalho que não percebeu nossa presença. Tinha cerca de um metro e meio, pelo negro e liso de leão-marinho e pequenos pés atarracados. A cabeça era de dobermann, mas as mãos com garras eram

quase humanas. Grunhia e murmurava enquanto digitava no teclado. Talvez estivesse mandando uma mensagem para os amigos no carafeia.com.

Dei um passo à frente, e ele retesou o corpo, provavelmente farejando algum problema. Virou de lado na direção de um grande botão de alarme vermelho, mas bloqueei seu caminho. Ele sibilou e saltou sobre mim, mas um movimento de Contracorrente o fez explodir em uma nuvem de pó.

— Um a menos — disse Beckendorf. — Agora faltam uns cinco mil.

Ele jogou para mim um frasco de um líquido verde espesso — fogo grego, uma das substâncias mágicas mais perigosas do mundo. Então, lançou outro acessório essencial aos heróis semideuses — fita adesiva.

— Prenda esse ao console — ele disse. — Eu vou para as turbinas.

Pusemos mãos à obra. A sala era quente e úmida, e logo, logo estávamos empapados de suor.

O navio prosseguia. Por ser filho de Poseidon, tenho ótima orientação no mar. Não me pergunte como, mas eu sabia que estávamos a 40,19° Norte, 71,90° Oeste, seguindo a dezoito nós, o que significava que o navio chegaria ao porto de Nova York ao amanhecer. Aquela seria nossa única chance de detê-lo.

Eu acabara de prender um segundo frasco de fogo grego aos painéis de controle quando ouvi o ruído de pés nos degraus de metal — eram tantas as criaturas descendo a escada que eu podia ouvi-las apesar do barulho dos motores. Aquilo não era um bom sinal.

Meus olhos encontraram os de Beckendorf.

— Quanto tempo mais?

— Bastante tempo. — Ele bateu no relógio, que era nosso detonador de controle remoto. — Ainda preciso conectar o receptor e dar a carga. Mais dez minutos, pelo menos.

A julgar pelo som dos passos, tínhamos cerca de dez segundos.

— Vou distraí-los — eu disse. — Vejo você no ponto de encontro.

— Percy…

— Deseje-me sorte.

Ele pareceu querer discutir. A ideia era entrar e sair sem sermos vistos. Mas teríamos de improvisar.

— Boa sorte — ele disse.

Abri a porta e saí.

Meia dúzia de telquines vinha descendo ruidosamente. Cortei-os com Contracorrente tão rápido que nem tiveram tempo de gritar. Continuei subindo

— e passei por outro telquine, que ficou tão atônito que deixou cair sua lancheira do Meu Querido Pônei do Mal. Deixei-o vivo — em parte porque sua lancheira era legal, em parte para que ele pudesse dar o alarme e fazer com que seus amigos me seguissem em vez de irem para a sala das máquinas.

Saí por uma porta no convés 6 e continuei correndo. Tenho certeza de que o corredor acarpetado um dia fora bem macio, mas durante os últimos três anos de ocupação de monstros o papel de parede, o carpete e as portas dos camarotes foram tão arranhados por garras e cobertos por limo que pareciam a parte interna da garganta de um dragão (e, sim, infelizmente, falo por experiência própria).

Em minha primeira visita ao *Princesa Andrômeda*, meu velho inimigo Luke, para manter as aparências, levava a bordo alguns turistas atordoados, envoltos pela Névoa, de modo a não se darem conta de que estavam em um navio infestado por monstros. Agora eu não via sinal algum de turistas. Odiava pensar no que havia acontecido a eles, mas duvidava que os tivessem deixado ir para casa com seus ganhos no bingo.

Alcancei a área externa, um grande shopping aberto que tomava todo o centro do navio, e de repente me detive. No meio do pátio havia uma fonte. E, sobre ela, estava um caranguejo gigante.

Não estou falando “gigante” como uma oferta especial na lanchonete Rei dos Caranguejos. Digo *gigante* porque era maior do que a fonte. O monstro erguia-se a três metros da água. Seu casco era malhado de azul e verde, e as pinças eram maiores do que meu corpo.

Se você já viu a boca de um caranguejo, toda espumosa e nojenta, com pelos e restos de comida, pode imaginar que a daquele não parecia nem um pouco melhor, ampliada ao tamanho de um outdoor. Seus olhos negros semelhantes a contas me fitaram, e eu pude ver que neles havia inteligência — e ódio. O fato de eu ser filho do deus do mar não me garantiria pontos com o sr. Caranguejo.

— *FFFFfffffff* — ele sibilou, espuma do mar pingando de sua boca. O cheiro que vinha dela era como o de uma lixeira cheia de pedaços de peixe que haviam ficado a semana inteira ao sol.

O alarme soou, estridente. Logo eu teria muita companhia, e precisava seguir adiante.

— Ei, zangado. — Fui avançando bem devagar pela margem do pátio. — Eu vou apenas passar bem longe de você para…

O caranguejo moveu-se numa velocidade impressionante. Saiu rapidamente da fonte e veio diretamente até mim, as pinças abrindo e fechando. Entrei correndo em uma loja de suvenires, abrindo caminho em meio a uma arara de camisetas. Uma pinça estilhaçou as vitrines e revirou a loja. Corri de volta para

fora, respirando ofegante, mas o sr. Caranguejo virou-se e me seguiu.

— Ali! — disse uma voz do balcão acima de mim. — Intruso!

Se eu queria criar uma distração, conseguira, mas não era ali que eu queria lutar. Se fosse apanhado no centro do navio, viraria comida de caranguejo.

O demoníaco crustáceo lançou-se sobre mim. Brandi Contracorrente, arrancando a ponta de sua pinça. Ele sibilou e espumou, mas não parecia muito machucado.

Tentei me lembrar de algum detalhe das histórias antigas que pudesse me ajudar com aquela criatura. Annabeth me falara sobre um caranguejo monstro — algo a respeito de Hércules tê-lo esmagado com o pé? Isso não funcionaria ali. Aquele caranguejo era um pouco maior do que meu tênis.

Então, um estranho pensamento me ocorreu. No Natal passado, minha mãe e eu havíamos levado Paul Blofis para nossa velha cabana em Montauk, para onde íamos desde sempre. Paul me levara para pescar caranguejos, e quando puxou a rede cheia daquelas coisas me mostrou que os animais têm uma fenda em sua casca, bem no meio da barriga asquerosa.

O único problema era chegar à barriga asquerosa.

Olhei para a fonte, em seguida para o piso de mármore, já escorregadio com a passagem do crustáceo. Ergui a mão, concentrando-me na água, e a fonte explodiu. A água jorrou para todos os lados, a uma altura de três andares, encharcando os balcões, os elevadores e as vitrines das lojas. O caranguejo não deu a mínima. Ele adorava água. Veio até mim de lado, abrindo e fechando as pinças, sibilando, e corri ao seu encontro, gritando:

— AHHHHHHH!

Um instante antes de colidirmos atirei-me no chão — ao estilo dos jogadores de beisebol — e deslizei no piso de mármore molhado por debaixo da criatura. Era como deslizar por baixo de um veículo blindado de sete toneladas. Tudo que o caranguejo precisava fazer era abaixar e me esmagar, mas, antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, finquei Contracorrente na fenda em seu casco, soltei-a e tomei impulso para sair por trás do bicho.

O monstro estremeceu e emitiu um silvo. Seus olhos se dissolveram. Sua casca tornou-se de um vermelho vivo enquanto as entranhas evaporavam. A casca vazia chocou-se contra o chão, um bloco enorme e maciço.

Eu não tinha tempo para admirar minha obra. Corri para a escada mais próxima enquanto à minha volta monstros e semideuses gritavam ordens e pegavam suas armas. Eu estava de mãos vazias. Contracorrente era mágica e apareceria em meu bolso mais cedo ou mais tarde, mas por enquanto estava presa em algum lugar sob os destroços do caranguejo, e eu não tinha tempo de

pegá-la.

No hall dos elevadores do convés 8 duas *dracaenae* atravessaram meu caminho coleando. Da cintura para cima, eram mulheres com pele escamosa verde, olhos amarelos e línguas bífidas. Da cintura para baixo tinham corpos duplos de cobra no lugar de pernas. Empunhavam lanças e redes com pesos, e eu sabia, por experiência própria, que elas sabiam usá-las.

— O que é isssto? — perguntou uma delas. — Um brinde para Cronosss!

Eu não estava com disposição para brincar de "cobra-cega", mas à minha frente havia um estande com uma maquete do navio e um painel do tipo VOCÊ ESTÁ AQUI. Arranquei a maquete do suporte e a lancei sobre a primeira *dracaena*. O navio a atingiu no rosto, e ela caiu no chão. Saltei sobre ela, agarrei a lança de sua amiga e a girei. Ela chocou-se contra o elevador, e eu continuei correndo em direção à proa do navio.

— Peguem-no! — ela gritou.

Cães infernais latiam. Uma flecha vinda de sabe-se lá onde passou zunindo por meu rosto e cravou-se na parede revestida de mogno da escada.

Eu não ligava — contanto que mantivesse os monstros longe da sala das máquinas e ganhasse tempo para Beckendorf.

Enquanto eu subia correndo a escada, um garoto vinha descendo. Parecia ter acabado de acordar de um cochilo. Sua armadura estava colocada pela metade. Ele sacou a espada e gritou: "Cronos!", mas soou mais assustado do que furioso. Não podia ter mais de doze anos — aproximadamente a idade que eu tinha quando cheguei pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

Esse pensamento me deprimiu. O garoto estava sofrendo uma lavagem cerebral — estava sendo treinado para odiar os deuses e se rebelar contra o fato de ter nascido metade olimpiano. Cronos o estava usando, e, no entanto, o garoto acreditava que eu era seu inimigo.

Eu não o machucaria, de maneira alguma. Não precisava de uma arma para isso. Desviei-me de seu golpe e agarrei-lhe o pulso, batendo-o contra a parede. A espada caiu de sua mão.

Então, fiz algo que não havia planejado. Provavelmente, foi estúpido. Decididamente coloquei em risco nossa missão, mas não pude evitar.

— Se quer viver — eu lhe disse —, saia deste navio agora. Avise os outros semideuses. — Então, o empurrei degraus abaixo, mandando-o aos tropeços para o piso inferior.

Continuei subindo.

Más recordações: um corredor passava pela cafeteria. Annabeth, meu meio-irmão Tyson e eu o havíamos percorrido furtivamente três anos antes, em minha

primeira visita.

Saí no convés principal. Além da amura de bombordo, o céu escurecia, passando do púrpura para o negro. Uma piscina reluzia entre duas torres de vidro com mais balcões e varandas de restaurantes. Toda a parte superior do navio parecia sinistramente deserta.

Tudo o que eu precisava fazer era atravessar para o outro lado. Então, poderia tomar a escada que descia para o heliporto — nosso ponto de encontro de emergência. Com alguma sorte, Beckendorf estaria ali. Nós pularíamos no mar. Meus poderes aquáticos protegeriam nós dois, e detonaríamos as cargas explosivas a uns quatrocentos metros dali.

Eu havia atravessado metade do convés quando o som de uma voz me deixou paralisado.

— Está atrasado, Percy.

Luke estava no balcão acima de mim, um sorriso no rosto marcado pela cicatriz. Ele usava jeans, camiseta branca e chinelos de dedo, como se fosse um rapaz normal, mas seus olhos revelavam a verdade. Eram de um dourado intenso.

— Estamos esperando você há dias.

A princípio, a voz dele soava normal, como a de Luke. Mas então seu rosto se contorceu. Um tremor percorreu seu corpo, como se ele tivesse acabado de beber algo de sabor detestável. Sua voz tornou-se mais pesada, ancestral e poderosa — a voz do Senhor Titã Cronos. As palavras desciam raspando pela minha espinha, como a lâmina de uma faca.

— Venha curvar-se diante de mim.

— Certo, fique esperando — murmurei.

Lestrigões gigantes formaram fila de ambos os lados da piscina, como se estivessem esperando uma deixa. Cada um deles tinha dois metros e meio de altura, braços tatuados, armadura de couro e porretes com espigões. Arqueiros semideuses surgiram no andar acima de Luke. Dois cães infernais saltaram do balcão do outro lado e rosnaram para mim. Em segundos eu estava cercado. Uma armadilha: não havia como eles terem assumido posição tão rápido, a menos que soubessem que eu viria.

Ergui os olhos para Luke, e a raiva ferveu dentro de mim. Eu não sabia se a consciência de Luke ainda estava viva dentro daquele corpo. Talvez, pelo modo como sua voz mudara… ou talvez fosse apenas Cronos se adaptando à nova forma. Disse a mim mesmo que isso não importava. Luke havia se desviado e se bandeado para o mal muito antes de Cronos se apoderar dele.

Uma voz em minha cabeça disse: *Precisarei lutar contra ele mais dia, menos*

*dia. Por que não agora?*

Segundo a grande profecia, eu teria de fazer uma escolha que salvaria ou destruiria o mundo quando tivesse dezesseis anos. Isso seria dali a apenas sete dias. Por que não naquele momento? Se eu tivesse mesmo tal poder, que diferença faria uma semana? Podia pôr fim àquela ameaça bem ali, abatendo Cronos. Ei, eu já lutara contra monstros e deuses.

Como se lesse meus pensamentos, Luke sorriu. Não, ele era *Cronos*. Eu precisava me lembrar disso.

— Aproxime-se — ele disse. — Se tiver coragem.

A multidão de monstros abriu caminho. Subi as escadas, o coração em disparada. Tinha certeza de que alguém me apunhalaria pelas costas, mas me deixaram passar. Tateei o bolso e encontrei minha caneta à espera. Destampei-a, e Contracorrente transformou-se em espada.

A arma de Cronos apareceu em suas mãos — uma foice de quase dois metros, metade bronze celestial, metade aço letal. Só de olhar para aquela coisa meus joelhos se transformavam em gelatina. Mas, antes que eu mudasse de ideia, ataquei.

O tempo desacelerou. Quer dizer, literalmente mesmo, pois Cronos tinha esse poder. Minha sensação era de estar me movendo em meio a um melado. Meus braços estavam tão pesados que eu mal conseguia erguer a espada. Cronos sorriu, girando a foice em velocidade normal e esperando que eu me arrastasse para a morte.

Tentei lutar contra sua magia. Concentrei-me no mar à volta — a origem de meu poder. Com o passar dos anos, eu melhorara minha capacidade de canalizá-lo, mas agora nada parecia acontecer.

Dei outro passo vagaroso à frente. Gigantes zombavam. *Dracaenae* sibilavam às gargalhadas.

*Ei, oceano*, implorei. *Agora estaria ótimo*.

De repente, senti uma dor lancinante na barriga. O navio adernou, derrubando monstros. Quinze mil litros de água salgada ergueram-se da piscina, encharcando a mim, Cronos e todos que estavam no convés. A água me revitalizou, quebrando o feitiço do tempo, e investi contra Cronos.

Eu o ataquei, mas ainda fui lento demais. Cometi o erro de olhar para seu rosto — *o rosto de Luke* —, um cara que já fora meu amigo. Por mais que eu o odiasse, era difícil matá-lo.

Cronos, diferentemente, não hesitou e baixou a foice. Saltei para trás, e a lâmina maligna errou por pouco mais de um centímetro, abrindo um buraco no convés bem entre meus pés.

Chutei Cronos no peito. Ele cambaleou para trás, mas era mais pesado do que Luke seria. Tive a sensação de ter chutado uma geladeira.

Ele brandiu a foice novamente. Eu a desviei com Contracorrente, mas seu golpe foi tão poderoso que minha lâmina mal pôde desviá-lo. A ponta da foice cortou a manga da minha camisa e arranhou meu braço. Não era um ferimento sério, mas todo aquele lado de meu corpo explodiu de dor. Lembrei-me do que um demônio marinho uma vez dissera sobre a foice de Cronos: *Cuidado, seu tolo. Um só toque e a lâmina vai separar sua alma de seu corpo.* Agora compreendia o que ele quis dizer. Eu não estava apenas perdendo sangue. Podia sentir minha força, minha vontade, minha identidade se esvaindo.

Recuei, cambaleando, passei a espada para a mão esquerda e investi contra ele desesperadamente. Minha lâmina deveria tê-lo atravessado, mas foi desviada em sua barriga, como se tivesse atingido mármore sólido. Não havia como ele ter sobrevivido àquele golpe.

Cronos riu.

— Que desempenho fraco, Percy Jackson. Luke me diz que você nunca foi páreo para ele com a espada.

Minha visão estava turva. Eu sabia que não tinha muito tempo.

— Luke deixava que qualquer vitoriazinha lhe subisse à cabeça eu disse. — Mas pelo menos a cabeça era *dele*.

— É uma pena matá-lo agora — replicou Cronos —, antes que o plano final se revele. Eu adoraria ver o terror em seus olhos quando soubesse como vou destruir o Olimpo.

— Você nunca vai chegar com este navio a Manhattan.

Meu braço latejava. Pontos negros dançavam diante de meus olhos.

— E por que não? — Os olhos dourados de Cronos cintilavam. Seu rosto, o rosto de Luke, parecia uma máscara, sobrenatural e iluminada por algum poder maligno. — Você estaria contando com seu amigo dos explosivos?

Ele baixou os olhos para a piscina e chamou:

— Nakamura!

Um adolescente usando uma armadura grega completa abriu caminho entre a multidão. Seu olho esquerdo estava coberto por um tapa-olho preto. Eu o conhecia, é claro: Ethan Nakamura, filho de Nêmesis. Eu salvara sua vida no Labirinto no verão passado, e, em troca, o delinquente ajudara Cronos a voltar à vida.

— Sucesso, meu senhor — gritou Ethan. — Nós o encontramos, exatamente como nos informaram.

Ele bateu palmas, e dois gigantes avançaram pesadamente, arrastando Charles

Beckendorf entre eles. Meu coração quase parou. Beckendorf tinha um olho inchado e cortes por todo o rosto e nos braços. Sua armadura havia desaparecido e a camisa estava rasgada.

— Não! — gritei.

Os olhos de Beckendorf encontraram os meus. Ele olhou para a mão como se estivesse tentando me dizer algo. *O relógio*. Ainda não o tinham tirado — e aquele era o detonador. Seria possível que os explosivos estivessem preparados para detonar? Certamente os monstros os teriam desarmado de imediato.

— Nós o encontramos na meia-nau — disse um dos gigantes —, tentando ir sorrateiramente para a sala das máquinas. Podemos comê-lo agora?

— Logo. — Cronos lançou a Ethan um olhar severo. — Tem certeza de que ele não armou os explosivos?

— Ele estava indo *para* a sala das máquinas, meu senhor.

— Como você sabe?

— Hã… — Ethan remexeu-se, desconfortável. — Ele estava indo naquela direção. E nos contou. Sua bolsa ainda está cheia de explosivos.

Lentamente, comecei a compreender. Beckendorf os enganara. Quando percebeu que seria capturado, virou-se para fazer parecer que ia na direção contrária. E os convenceu de que ainda não estivera na sala das máquinas. O fogo grego ainda podia ser ativado! Mas isso de nada nos servia, a menos que saíssemos do navio e o detonássemos.

Cronos hesitou.

*Engula essa*, rezei. A dor em meu braço agora era tamanha que eu mal podia suportar.

— Abra a bolsa dele — ordenou Cronos.

Um dos gigantes arrancou a sacola de explosivos dos ombros de Beckendorf. Espiou lá dentro, grunhiu e a virou de cabeça para baixo. Monstros em pânico recuaram, agitados. Se a sacola estivesse mesmo cheia de frascos de fogo grego, teríamos todos ido pelos ares. Mas o que caiu foi uma dúzia de latas de pêssegos em calda.

Eu podia ouvir a respiração de Cronos tentando controlar sua fúria.

— Você, por acaso — começou ele —, capturou esse semideus perto da cozinha? Ethan ficou pálido.

— Hã…

— E por acaso mandou alguém de fato CHECAR A SALA DAS MÁQUINAS?

Ethan recuou, aterrorizado, fez meia-volta e correu.

Praguejei em silêncio. Agora tínhamos apenas alguns minutos antes que as bombas fossem desarmadas. Captei novamente o olhar de Beckendorf e fiz uma

pergunta silenciosa, esperando que ele compreendesse: *Quanto tempo?*

Ele juntou os dedos e o polegar, fazendo um círculo. *Zero*. Não havia tempo algum de espera no timer. Se ele conseguisse pressionar o botão do detonador, o navio explodiria imediatamente. Nunca alcançaríamos uma distância segura para pressioná-lo. Os monstros nos matariam primeiro, ou desarmariam os explosivos — ou ambos.

Cronos voltou-se para mim com um sorriso torto.

— Você deve desculpar a incompetência de meu ajudante, Percy Jackson. Mas isso já não importa. Agora temos você. Há semanas sabíamos que viria.

Ele estendeu a mão e balançou um pequeno bracelete de prata com uma foice como pingente — o símbolo do Senhor dos Titãs. O ferimento em meu braço estava acabando com minha capacidade de pensar, mas consegui murmurar:

— Dispositivo de comunicação… espião no acampamento.

Cronos deu uma risadinha.

— Não se pode contar com os amigos. Eles vão sempre desapontá-lo. Luke aprendeu essa lição da forma mais dura. Agora largue a espada e entregue-se a mim, ou seu amigo morre.

Engoli em seco. Um dos gigantes tinha a mão em torno do pescoço de Beckendorf. Eu não estava em condições de resgatá-lo, e, mesmo que tentasse, ele morreria antes que eu chegasse perto. Nós dois morreríamos.

Beckendorf balbuciou em silêncio: *Vá*.

Sacudi a cabeça. Eu não podia simplesmente abandoná-lo.

O segundo gigante ainda vasculhava as latas de pêssegos, e o braço esquerdo de Beckendorf estava livre, então. Ele o ergueu lentamente — na direção do relógio, no pulso direito.

Eu queria gritar: *NÃO!*

Naquele segundo, lá embaixo, perto da piscina, uma das *dracaenae* sibilou:

— O que ele essstá fazendo? O que é aquilo no pulssso dele?

Eu não tinha escolha. Atirei minha espada como um dardo contra Cronos. Ela quicou, inofensiva, em seu peito, mas pelo menos o assustou. Abri caminho aos empurrões por uma multidão de monstros e saltei pela amurada do navio — para a água, cem metros abaixo.

Ouvi um estrondo no fundo do navio. Monstros gritavam lá do alto para mim. Uma lança passou rente à minha orelha. Uma flecha perfurou minha coxa, mas eu mal tive tempo de registrar a dor. Mergulhei no mar e ordenei às correntes que me carregassem para longe — cem metros, duzentos metros.

Mesmo a distância, a explosão sacudiu o mundo. O calor queimou minha nuca. O *Princesa Andrômeda* explodiu de ambos os lados, uma bola maciça de

chamas verdes elevando-se para o céu escuro, consumindo tudo.

*Beckendorf*, pensei.

Então, apaguei e desci como uma âncora na direção do fundo do mar.

# DOIS

Encontro alguns parentes peixes

Sonhos de semideuses são péssimos.

O problema é que eles nunca são apenas *sonhos*. Acabam sendo visões, premonições e todas aquelas outras coisas místicas que fazem meu cérebro doer.

Sonhei que estava em um palácio escuro no alto de uma montanha. Infelizmente, eu o reconheci: o palácio dos titãs no topo do Monte Otris, também conhecido como Monte Tamalpais, na Califórnia. Era noite, o pavilhão principal a céu aberto era rodeado de colunas gregas e estátuas dos titãs, tudo negro. Tochas acesas brilhavam contra o piso de mármore, também negro. No centro do salão, um gigante de armadura sofria sob o peso de um redemoinho de nuvens — Atlas, sustentando o céu.

Dois outros gigantes estavam de pé diante de um braseiro de bronze ali perto, estudando as imagens nas chamas.

— Uma explosão e tanto — disse um deles.

Usava armadura preta com tachas prateadas como uma noite estrelada. Seu rosto estava coberto por um elmo de guerra com um chifre de carneiro enroscado de cada lado.

— Não tem importância — afirmou o outro.

Esse titã estava vestido com roupas douradas e tinha olhos dourados como os de Cronos. Todo o seu corpo brilhava. Ele me fazia lembrar Apolo, deus do sol, exceto pelo fato de que a claridade do titã era mais desagradável, e sua expressão, mais cruel.

— Os deuses aceitaram o desafio. Logo serão destruídos.

As imagens no fogo eram difíceis de distinguir: tempestades, edifícios desmoronando, mortais gritando aterrorizados.

— Vou para leste comandar nossas forças — disse o titã dourado. — Crio, você fica e guarda o Monte Otris.

O sujeito dos chifres de carneiro resmungou.

— Eu sempre fico com as tarefas estúpidas. Senhor do Sul. Senhor das Constelações. Agora tenho de bancar a babá de Atlas enquanto *você* fica com

toda a diversão.

Sob o redemoinho de nuvens, Atlas gritou em agonia.

— Deixem-me sair, malditos! Sou seu maior guerreiro. Livrem-me de meu fardo para que eu possa lutar!

— Quieto! — rugiu o titã dourado. — Você teve sua chance, Atlas. Fracassou. Cronos quer que fique exatamente onde está. E quanto a você, Crio, cumpra seu dever.

— E se você precisar de mais guerreiros? — perguntou Crio. — Nosso traiçoeiro sobrinho de smoking não vai lhe ser muito útil numa luta.

O titã dourado riu.

— Não se preocupe com ele. Além disso, os deuses mal poderão enfrentar nosso primeiro desafiozinho. Eles não têm a menor ideia de quantos outros ainda lhes estão reservados. Preste atenção às minhas palavras: daqui a poucos dias o Olimpo estará em ruínas, e nós nos reencontraremos aqui para celebrar o início da Sexta Era!

O titã dourado irrompeu em chamas e desapareceu.

— Hum, certo — resmungou Crio. — Ele pode desaparecer em chamas. E eu tenho de usar estes estúpidos chifres de carneiro.

A cena mudou. Agora eu estava fora do pavilhão, escondido nas sombras de uma coluna grega. Havia um garoto perto de mim, espiando os titãs. Ele tinha cabelos escuros e sedosos, pele pálida e usava roupas escuras — meu amigo Nico di Angelo, filho de Hades.

Ele olhou diretamente para mim com expressão sombria.

— Está vendo, Percy? — sussurrou. — O tempo está se esgotando. Acha mesmo que pode vencê-los sem o meu plano?

Suas palavras caíram sobre mim tão frias quanto o fundo do oceano, e meu sonho escureceu.

— Percy? — chamou uma voz grave.

Eu tinha a sensação de que minha cabeça havia sido embrulhada em papel-alumínio e colocada no micro-ondas. Abri os olhos e vi uma figura grande avultando-se sobre mim nas sombras.

— Beckendorf? — perguntei, esperançoso.

— Não, irmão.

Minha visão entrou em foco. Eu estava olhando para um ciclope — o rosto indistinto, cabelos castanhos desgrenhados, um único e grande olho castanho cheio de preocupação.

— Tyson?

Meu irmão abriu um sorrisão.

— Ei! Seu cérebro está funcionando!

Eu não tinha tanta certeza assim. Meu corpo parecia não ter peso e estava frio. Minha voz soava estranha. Eu ouvia Tyson, mas era mais como se estivesse ouvindo vibrações dentro do meu crânio, não os sons de hábito.

Sentei-me, e um lençol muito fino saiu flutuando. Eu estava em uma cama feita de algas sedosas entrelaçadas, num quarto revestido de conchas de abalone. Pérolas cintilantes do tamanho de bolas de basquete flutuavam no teto, clareando o ambiente. Eu me encontrava debaixo d'água.

Bem, sendo filho de Poseidon, isso não é problema para mim. Consigo respirar bem debaixo d'água, e minhas roupas nem se molham, a menos que eu queira. Mas ainda fiquei um pouco assustado quando um tubarão-martelo entrou pela janela do quarto, me olhou com atenção e então saiu tranquilamente pelo outro lado.

— Onde…

— No palácio de papai — disse Tyson.

Em outras circunstâncias, eu teria ficado animadíssimo. Nunca tinha visitado o reino de Poseidon e vinha sonhando com isso havia anos. Mas minha cabeça doía. Minha camisa ainda estava salpicada de marcas de queimado em decorrência da explosão. Os ferimentos em meu braço e em minha perna estavam curados — o simples fato de estar no oceano faz isso comigo, desde que passe tempo suficiente —, mas ainda me sentia como se tivesse sido pisoteado por um time de lestrigões calçando chuteiras.

— Quanto tempo…

— Nós o encontramos ontem à noite, afundando na água — disse Tyson.

— E o *Princesa Andrômeda*?

— Foi pelos ares.

— Beckendorf estava a bordo. Vocês encontraram…

O rosto de Tyson tornou-se sombrio.

Nenhum sinal dele. Sinto muito, irmão.

Olhei pela janela para a água de um azul intenso. Beckendorf iria para a universidade no outono. Ele tinha uma namorada, um monte de amigos, a vida toda pela frente. Não podia ter *desaparecido*. Talvez ele tivesse conseguido sair do navio, como eu. Talvez tivesse saltado pela amurada… Mas e então? Ele não sobreviveria a uma queda de trinta metros na água, como eu. E não poderia ter conseguido se distanciar o suficiente da explosão.

No fundo eu sabia que ele estava morto. Que havia se sacrificado para destruir

o *Princesa Andrômeda*, e que eu o havia abandonado.

Pensei em meu sonho: os titãs discutindo a explosão como se ela não tivesse importância, Nico di Angelo avisando-me que eu nunca venceria Cronos sem seguir seu plano — uma ideia perigosa que eu vinha evitando havia mais de um ano.

Uma explosão a distância sacudiu o quarto. Uma luz verde brilhou lá fora, deixando todo o mar claro como o meio-dia.

— O que foi isso? — perguntei.

Tyson parecia preocupado.

— Papai vai explicar. Venha, ele está explodindo monstros.

O palácio poderia ter sido o lugar mais incrível que eu já tinha visto se não estivesse em pleno processo de destruição. Nadamos até o fim de um longo corredor e fomos lançados para o alto em um gêiser. Enquanto subíamos mais alto que telhados, recuperei o fôlego — se é que se pode recuperar o fôlego debaixo d'água.

O palácio era tão grande quanto a cidade no Monte Olimpo, com pátios amplos, jardins e pavilhões pontuados por colunas. Os jardins eram esculpidos com colônias de coral e plantas marinhas brilhantes. Havia vinte ou trinta edifícios feitos de abalone, brancos mas cintilando com as cores do arco-íris. Peixes e polvos saíam e entravam em disparada pelas janelas. Os caminhos eram demarcados com pérolas reluzentes como luzes de Natal.

O pátio principal estava cheio de guerreiros — tritões, de cauda de peixe e tronco humano, exceto pelo fato de sua pele ser azul, o que eu nunca havia notado. Alguns cuidavam dos feridos. Outros afiavam lanças e espadas. Um deles passou por nós, nadando apressado. Seus olhos eram de um verde brilhante, como aquele fluido que se coloca dentro de pulseiras fosforescentes, e os dentes eram de tubarão. Eles não mostram coisas assim em *A Pequena Sereia*.

Fora do pátio principal havia grandes fortificações — torres, muros e armas anti-cerco —, mas a maior parte estava em ruínas. Outras construções ardiam com uma estranha luz verde que eu conhecia bem — fogo grego, que pode queimar mesmo debaixo d'água.

Mais além, o fundo do mar estendia-se na escuridão. Eu podia ver batalhas sendo travadas com violência — clarões de energia, explosões, o lampejo de exércitos se enfrentando. Um ser humano normal teria achado tudo escuro demais. Quer dizer, um ser humano normal teria sido esmagado pela pressão e congelado pelo frio. Nem mesmo minha visão sensível ao calor conseguia

distinguir exatamente o que estava acontecendo.

Na extremidade do complexo do palácio, um templo com telhado de coral vermelho explodiu, lançando fogo e escombros, em câmera lenta, até os jardins mais distantes. Da escuridão acima surgiu uma forma enorme — uma lula maior que um arranha-céu. Ela estava envolta em uma nuvem brilhante de poeira — pelo menos me pareceu ser poeira, até que me dei conta de que se tratava de um enxame de tritões tentando atacar o monstro. A lula desceu sobre o palácio e agitou os tentáculos, esmagando toda uma coluna de guerreiros. Então, um arco brilhante de luz azul disparou do topo de um dos edifícios mais altos. A luz atingiu a lula gigante, e o monstro se dissolveu como tinta em água.

— Papai — disse Tyson, apontando para o ponto de onde viera a luz.

— *Ele* fez aquilo?

De repente, eu me sentia mais esperançoso. Meu pai tinha poderes inacreditáveis. Ele era o deus do mar. Podia enfrentar aquele ataque, certo? Talvez me deixasse ajudar.

— Você já participou da luta? — perguntei a Tyson, assombrado. — Esmagando cabeças com sua incrível força de ciclope ou algo assim?

Tyson ficou aborrecido, e eu soube imediatamente que havia feito a pergunta errada.

— Eu… conserto armas — resmungou ele. — Venha. Vamos encontrar papai.

Sei que isso pode parecer esquisito para as pessoas que têm, hã, pais comuns, mas eu só vira meu pai quatro ou cinco vezes em toda a vida, e nunca por mais de uns poucos minutos. Os deuses gregos não frequentam os jogos de basquete dos filhos. Ainda assim, achei que fosse reconhecer Poseidon assim que o visse.

Estava enganado.

O teto do templo era um grande deque que fora preparado como um centro de comando. Um mosaico no piso mostrava um mapa preciso da área do palácio e do oceano ao redor, mas o mosaico se movia. Ladrilhos de pedra coloridos que representavam exércitos diferentes e monstros marinhos deslocavam-se à medida que as forças de batalha mudavam de posição. Edifícios que ruíam de fato também ruíam na imagem.

De pé em torno do mosaico, estudando, taciturnos, a batalha, havia uma estranha variedade de guerreiros, mas nenhum deles parecia meu pai. Eu procurava um cara grandalhão e bronzeado, de barba preta, usando bermuda e camisa com estampa havaiana.

Não havia ninguém assim. Um deles era um tritão com duas caudas de peixe

em vez de uma. Sua pele era verde, a armadura, dourada com pérolas. O cabelo preto estava amarrado em um rabo de cavalo, e ele parecia jovem — embora isso seja difícil dizer em se tratando de não humanos. Eles podiam ter mil anos ou três. De pé ao lado dele estava um velho com uma densa barba branca e cabelos grisalhos. A armadura parecia pesada demais para ele. Tinha olhos verdes e rugas de expressão em torno dos olhos, mas nesse momento ele não estava sorrindo. Estudava o mapa, apoiado em um grande cajado de metal. À sua direita havia uma mulher bonita, com armadura verde, de cabelos negros flutuantes e estranhos chifrinhos que pareciam garras de caranguejo. E havia um golfinho — um golfinho comum, mas que olhava o mapa compenetrado.

— Delfim — disse o velho —, mande Paláimon e sua legião de tubarões para a frente oeste. Precisamos neutralizar aqueles leviatãs.

O golfinho falou em uma voz não articulada, mas pude compreendê-lo em minha mente: *Sim, senhor!* E saiu em disparada.

Olhei consternado para Tyson e depois de volta ao velho.

Não parecia possível, mas…

— Pai? — chamei.

O velho me olhou. Reconheci o brilho em seus olhos, mas seu rosto… Ele parecia ter envelhecido quarenta anos.

— Olá, Percy.

— O que… o que aconteceu com você?

Tyson me cutucou. Ele sacudia a cabeça com tanta força que temi que ela caísse do pescoço, mas Poseidon não pareceu ofendido.

— Está tudo bem, Tyson — disse ele. — Percy, perdoe minha aparência. A guerra tem sido difícil para mim.

— Mas você é imortal — eu disse baixinho. — Pode ter a aparência… que quiser.

— Eu reflito o estado do meu reino — afirmou ele. — E neste momento seu estado é bastante medonho. Percy, deixe-me apresentá-lo… Pena que meu tenente Delfim, deus dos golfinhos, tenha acabado de sair. Esta é minha, hã, esposa, Anfitrite. Minha querida…

A mulher de armadura verde me olhou com frieza, cruzou os braços e disse:

— Com licença, meu senhor. Estão precisando de mim na batalha.

E se foi, nadando.

Fiquei bastante constrangido, mas acho que não posso culpá-la. Eu nunca havia pensado muito a esse respeito, mas meu pai tinha uma esposa imortal. Todos os seus romances com mortais, inclusive com minha mãe… bem, provavelmente Anfitrite não gostava muito disso.

Poseidon pigarreou.

— Sim, certo… e este é meu filho Tritão. Hã, meu *outro* filho.

— Seu filho e herdeiro — corrigiu o sujeito verde. Suas duas caudas de peixe chicoteavam de um lado para o outro. Ele sorriu para mim, mas não havia amabilidade em seus olhos. — Olá, Perseus Jackson. Finalmente veio ajudar?

Ele agia como se eu estivesse atrasado ou fosse preguiçoso. Se é possível enrubescer debaixo d'água, isso provavelmente aconteceu comigo.

— Diga-me o que fazer — falei.

Tritão sorriu como se aquela fosse uma sugestão engraçadinha — como se eu fosse um alegre cachorrinho que tivesse latido para ele ou algo assim. Ele voltou-se para Poseidon:

—Vou cuidar da linha de frente, pai. Não se preocupe. *Eu* não vou fracassar.

Ele cumprimentou Tyson educadamente com um gesto de cabeça. Por que eu não merecia o mesmo respeito? Depois saiu em disparada oceano adentro.

Poseidon suspirou. Ergueu o cajado, que se transformou em sua arma habitual — um imenso tridente. As três pontas brilharam com uma luz azul, e a água à sua volta ferveu com a energia.

— Peço desculpas por isso — ele me disse.

Uma imensa serpente marítima surgiu no alto e desceu espiralando em direção ao telhado. Era de um laranja brilhante e a boca repleta de presas era grande o suficiente para engolir um ginásio inteiro.

Sem mal olhar para cima, Poseidon apontou seu tridente para a fera e disparou um raio de energia azul. *Cabum!* O monstro explodiu em um milhão de peixinhos de aquário, que fugiram apavorados.

— Minha família está ansiosa — continuou Poseidon, como se nada tivesse acontecido. — A batalha contra Oceano está indo mal.

Ele apontou para a margem do mosaico. Com o cabo do tridente bateu na imagem de um tritão maior que os outros, com chifres de touro. Ele parecia estar dirigindo uma carruagem puxada por camarões e, em vez de uma espada, brandia uma serpente viva.

— Oceano — eu disse, tentando recordar. — O titã do mar?

Poseidon assentiu.

— Ele se manteve neutro na primeira guerra entre deuses e titãs. Mas Cronos o convenceu a lutar. Isto… bem, não é um bom sinal. Oceano não se comprometeria a menos que tivesse certeza de que estava escolhendo o lado vencedor.

— Ele me parece um idiota — falei, tentando parecer otimista. — Afinal, quem luta com uma cobra?

— Papai vai dar vários nós nela — disse Tyson com firmeza.

Poseidon sorriu, mas parecia abatido.

— Agradeço sua confiança. Estamos em guerra há quase um ano. Meus poderes estão sendo exigidos demais. E ele ainda encontra novas forças para lançar contra mim… monstros marinhos tão antigos que eu já os havia esquecido completamente.

Ouvi uma explosão a distância. A quase um quilômetro dali, uma montanha de coral desintegrou-se sob o peso de duas criaturas gigantescas. Tive dificuldade em distinguir suas formas. Uma era uma lagosta. A outra era um humanoide grande como um ciclope, mas cercado por uma agitação de membros. A princípio pensei que estivesse vestido com um monte de polvos gigantes. Então, percebi que eram seus braços — uma centena de braços lutando e se agitando.

— Briareu! — gritei.

Fiquei feliz em vê-lo, mas ele parecia estar em grande perigo. Era o último de sua espécie — um centímano, primo dos ciclopes. Nós o havíamos salvado da prisão de Cronos no último verão, e eu sabia que ele viera ajudar Poseidon, mas nunca mais tivera notícias dele.

— Ele luta bem — observou Poseidon. — Queria que tivéssemos todo um exército assim, mas ele é o único.

Eu fiquei olhando enquanto Briareu gritava furioso e erguia a lagosta, que se debatia e tentava agarrá-lo com as pinças. Ele a atirou da montanha de coral e ela desapareceu na escuridão. Briareu foi atrás, nadando, sua centena de braços girava como as hélices de um barco a motor.

— Percy, talvez não tenhamos muito tempo — disse meu pai. — Conte-me sobre sua missão. Você viu Cronos?

Contei-lhe tudo, ainda que minha voz tenha ficado embargada quando expliquei sobre Beckendorf. Olhei para os pátios lá embaixo e vi centenas de tritões feridos deitados em macas improvisadas. Vi fileiras de montes de coral que deviam ser túmulos feitos às pressas. Percebi que Beckendorf não era a primeira baixa. Era apenas um de centenas, talvez milhares. Nunca senti tanta raiva e impotência como naquele momento.

Poseidon passou a mão na barba.

— Percy, Beckendorf escolheu uma morte heroica. Você não é culpado por isso. O exército de Cronos deve estar desbaratado. Muitos foram destruídos.

— Mas nós não o matamos, não foi?

Enquanto fazia a pergunta, sabia que era uma esperança ingênua. Podíamos explodir seu navio e desintegrar seus monstros, mas o Senhor Titã não seria assim tão fácil de matar.

— Não — admitiu Poseidon. — Mas vocês ganharam tempo para o nosso lado.

— Havia semideuses no navio — falei, pensando no garoto que eu encontrara na escada.

De alguma forma eu me permitira me concentrar nos monstros e em Cronos. Estava convencido de que não era errado destruir o navio porque eles eram seres do mal, porque estavam navegando para atacar minha cidade e porque, além do mais, não podiam mesmo ser mortos para sempre. Os monstros se pulverizam, mas acabam novamente reconstituídos. Já os semideuses…

Poseidon pôs a mão em meu ombro.

— Percy, havia apenas alguns guerreiros semideuses a bordo daquele navio, e todos tinham escolhido lutar por Cronos. Quem sabe alguns ouviram seu aviso e escaparam. Se isso não aconteceu… eles tinham feito sua escolha.

—Tinham sofrido uma lavagem cerebral! — disse eu. — Agora estão mortos, e Cronos ainda vive. Espera que isso faça com que eu me sinta melhor?

Olhei para o mosaico — pequenas explosões destruíam monstros de ladrilho. Parecia tão fácil quando tudo era só uma imagem…

Tyson pôs o braço à minha volta. Se qualquer outra pessoa tivesse tentado fazer isso, eu a teria afastado, mas Tyson era grande demais e teimoso demais. Ele me abraçou, quisesse eu ou não.

— Não foi culpa sua, irmão. Cronos não é bom para explodir. Da próxima vez, vamos usar mais bombas.

— Percy — disse meu pai. — O sacrifício de Beckendorf não foi em vão. Vocês dispersaram as forças de invasão. Nova York estará em segurança por algum tempo, o que libera os outros olimpianos para enfrentar a ameaça maior.

— Ameaça maior? — Pensei no que o titã dourado dissera em meu sonho: *Os deuses aceitaram o desafio. Logo serão destruídos.*

Uma expressão sombria cruzou o rosto do meu pai.

— Você já teve sofrimento suficiente para um dia. Pergunte a Quíron quando você deverá voltar ao acampamento.

— Voltar ao acampamento? Mas você está com problemas aqui. Eu quero ajudar!

— Não pode, Percy. Sua missão é em outro lugar.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Olhei para Tyson em busca de apoio.

Meu irmão mordeu o lábio.

— Papai… Percy sabe lutar com a espada. Ele é bom.

— Eu sei disso — disse Poseidon gentilmente.

— Pai, eu posso ajudar — afirmei. — Sei que posso. Você não vai resistir aqui por muito mais tempo.

Uma bola de fogo foi disparada para o alto por trás das linhas inimigas. Pensei que Poseidon fosse desviá-la ou coisa parecida; no entanto, ela caiu no canto externo do pátio e explodiu, vários tritões foram lançados para longe, girando na água. Poseidon estremeceu, como se tivesse acabado de ser apunhalado.

— Volte para o acampamento — insistiu. — E diga a Quíron que chegou a hora.

— De quê?

— Você deve ouvir a profecia. A profecia *inteira*.

Eu não precisava perguntar qual profecia. Havia anos eu ouvia falar da "Grande Profecia", mas ninguém me contava a história toda. Tudo o que sabia era que deveria fazer uma escolha que decidiria o destino do mundo — sem nenhuma pressão.

— E se for *esta* a escolha? — perguntei. — Ficar aqui para lutar ou ir embora? E se eu for e você…

Eu não podia dizer *morrer*. Os deuses supostamente não morriam, mas eu vira isso acontecer. Mesmo que não morressem, podiam ser reduzidos a quase nada, exilados, aprisionados nas profundezas do Tártaro, como acontecera a Cronos.

— Percy, você precisa ir — insistiu Poseidon. — Não sei qual será sua decisão final, mas sua luta está no mundo lá em cima. Se não por outro motivo, para avisar seus amigos no acampamento. Cronos sabia do seu plano. Há um espião entre vocês. Nós vamos continuar aqui. Não temos escolha.

Tyson agarrou minha mão, desesperado.

— Vou sentir sua falta, irmão!

Enquanto nos observava, nosso pai pareceu envelhecer outros dez anos.

— Tyson, você também tem trabalho a fazer, meu filho. Estão precisando de você no arsenal.

Tyson ficou ainda mais chateado.

— Eu vou — fungou ele. Então me abraçou com tanta força que quase quebrou minhas costelas. — Percy, tenha cuidado! Não deixe que os monstros matem você!

Tentei assentir, confiante, mas aquilo era demais para o grandão. Ele soluçou e afastou-se, nadando em direção ao arsenal onde seus primos consertavam lanças e espadas.

— Você deveria deixá-lo lutar — eu disse a meu pai. — Ele detesta ficar preso no arsenal. Você não percebe?

Poseidon sacudiu a cabeça.

— Já é ruim o bastante que eu tenha de enviar você para o perigo. Tyson é jovem demais. Preciso protegê-lo.

— Deveria confiar nele — falei —, não tentar protegê-lo.

Os olhos de Poseidon faiscaram. Pensei que tivesse ido longe demais, mas nesse momento ele baixou os olhos para o mosaico, e seus ombros se vergaram. Nos ladrilhos, o tritão na carruagem puxada por camarões estava se aproximando do palácio.

— Oceano está chegando — disse meu pai. — Preciso enfrentá-lo na batalha.

Eu nunca sentira medo por um deus antes, mas não via como meu pai poderia enfrentar aquele titã e vencer.

— Vou resistir — prometeu Poseidon. — Não vou entregar meu domínio. Mas me diga uma coisa, Percy: você ainda tem o presente de aniversário que lhe dei no verão passado?

Assenti e mostrei meu colar do acampamento. Tinha uma conta para cada verão que eu havia passado no Acampamento Meio-Sangue, mas desde o ano anterior tinha também uma bolacha de areia, ou “dólar de areia”, no cordão. Meu pai me dera de presente quando fiz quinze anos. Dissera que eu saberia quando “gastá-lo”, mas até agora eu não tinha entendido o sentido daquilo. Tudo o que eu sabia era que aquele dólar não cabia nas máquinas de refrigerante do refeitório da escola.

— A hora está chegando — ele sentenciou. — Com sorte, vou vê-lo em seu aniversário na semana que vem, e vamos comemorar adequadamente.

Ele sorriu, e por um momento vi o antigo brilho em seus olhos.

Então, o mar inteiro escureceu à nossa frente, como se estivesse desabando uma tempestade de nanquim. Um trovão ribombou, o que deveria ser impossível debaixo d’água. Uma presença imensa e glacial estava se aproximando. Senti uma onda de medo atravessar os exércitos abaixo de nós.

— Preciso assumir minha verdadeira forma divina — disse Poseidon. — Vá… e boa sorte, meu filho.

Eu queria encorajá-lo, abraçá-lo ou coisa assim, mas sabia que era melhor não ficar ali. Quando um deus assume sua verdadeira forma, o poder é tamanho que qualquer mortal que o olhe se desintegra.

— Adeus, pai — consegui dizer.

Então me afastei. Pedi às correntes oceânicas que me ajudassem. A água se agitou à minha volta, e disparei em direção à superfície numa velocidade que teria feito qualquer ser humano normal estourar como um balão de gás.

Quando olhei para trás, tudo o que consegui ver foram lampejos de verde e azul enquanto meu pai lutava contra o titã, e o próprio mar era cindido pelos dois

exércitos.

TRÊS

# Dou uma espiada na minha morte

Se quiser ser popular no Acampamento Meio-Sangue, não volte de uma missão com más notícias.

A notícia de minha chegada espalhou-se assim que saí do oceano. Nossa praia fica no litoral norte de Long Island e é encantada; portanto, a maioria das pessoas nem pode vê-la. Ninguém *surge* na praia, exceto semideuses ou deuses — ou entregadores de pizza completamente perdidos. (Já aconteceu — mas isso é outra história.)

Seja como for, naquela tarde o sentinela de plantão era Connor Stoll, do chalé de Hermes. Quando ele me avistou, ficou tão agitado que caiu da árvore onde estava. Então soprou a trombeta de concha para avisar ao acampamento e correu para me cumprimentar.

Connor tem um sorriso torto que combina com seu senso de humor. É um cara muito legal, mas você precisa manter a mão sempre na carteira quando ele está por perto, e em nenhuma circunstância lhe dê acesso a creme de barbear, a menos que queira encontrar seu saco de dormir inteiramente lambuzado. Ele tem cabelos castanhos cacheados e é um pouquinho mais baixo que seu irmão, Travis, e essa é a única maneira pela qual consigo diferenciá-los. Os dois são tão diferentes de meu velho inimigo Luke que é difícil acreditar que sejam todos filhos de Hermes.

— Percy! — gritou ele. — O que aconteceu? Onde está Beckendorf?

Então ele viu minha expressão e seu sorriso se desfez.

— Ah, não! Pobre Silena. Santo Zeus, quando ela souber…

Juntos, subimos as dunas. Algumas centenas de metros adiante as pessoas já chegavam em grande número, vindo em nossa direção, sorrindo, animadas. *Percy voltou*, provavelmente pensavam. *Salvou a pátria! Talvez tenha trazido suvenires!*

Parei no pavilhão do refeitório e esperei por eles. Não havia sentido em descer correndo até lá para lhes dizer que eu havia fracassado.

Corri o olhar pelo vale e tentei lembrar como era o Acampamento Meio-Sangue da primeira vez que o vi. Isso parecia um zilhão de anos atrás.

Do pavilhão do refeitório dava para ver praticamente tudo. Colinas

delimitavam o vale. Na mais alta, a Colina Meio-Sangue, o pinheiro de Thalia erguia-se com o Velocino de Ouro pendendo de seus galhos, magicamente protegendo o acampamento de seus inimigos. O dragão sentinela Peleu estava tão grande agora que eu podia vê-lo daqui — enroscado no tronco da árvore, soltando sinais de fumaça enquanto roncava.

À minha direita estendia-se a floresta. À esquerda, o lago de canoagem cintilava e o muro de escalada brilhava com a lava que escorria pelos lados. Doze chalés — um para cada deus do Olimpo — formavam o desenho de uma ferradura em torno de uma área comum. Mais ao sul ficavam os campos de morangos, o arsenal e a Casa Grande de quatro andares, com sua pintura de céu azul e o cata-vento com a águia de bronze.

Em alguns aspectos, o acampamento não mudara. Mas não era nas construções ou nos campos que se podia ver a guerra. Era no rosto dos semideuses, sátiros e náiades que vinham subindo a colina.

Não havia tantos no acampamento quanto quatro verões atrás. Alguns tinham partido e jamais voltaram. Alguns haviam morrido em combate. Outros — tentávamos não falar deles — tinham passado para o lado do inimigo.

Os que ainda se encontravam ali estavam endurecidos pelas batalhas, e exaustos. Havia poucas risadas no acampamento por esses dias. Mesmo o chalé de Hermes não pregava tantas peças como antes. É difícil achar graça em pegadinhas quando a sua vida já parece uma.

Quíron foi o primeiro a chegar ao pavilhão, o que era fácil para ele, visto que tem o corpo de um garanhão branco da cintura para baixo. Sua barba havia se tornado mais rebelde ao longo do verão. Ele usava uma camisa verde que dizia MEU OUTRO CARRO É UM CENTAURO, e um arco pendia de suas costas.

— Percy! — disse ele. — Graças aos deuses. Mas onde…

Annabeth chegou correndo logo atrás dele, e vou admitir que meu coração disparou quando a vi. Não que ela tentasse se arrumar. Vínhamos tendo tantas missões de combate ultimamente que ela mal penteava os cabelos louros e encaracolados, e não dava a mínima para as roupas que usava — em geral, a mesma velha camiseta laranja do acampamento e jeans… e de vez em quando sua armadura de bronze. Seus olhos eram de um tom cinza de tempestade. Quase nunca conseguíamos terminar uma conversa sem tentar estrangular um ao outro. Ainda assim, o simples fato de vê-la fez com que eu me sentisse confuso. No verão passado, antes de Luke ter se transformado em Cronos e tudo ter dado errado, algumas vezes pensei que talvez… bem, que talvez pudéssemos deixar pra lá a fase de estrangulamento mútuo.

— O que aconteceu? — Ela agarrou meu braço. — Luke…

— O navio explodiu — falei. — Mas ele não foi destruído. Não sei onde…

Silena Beauregard abriu caminho em meio à multidão. Estava despenteada e nem sequer usava maquiagem, o que não era próprio dela.

— Onde está Charlie? — perguntou, olhando ao redor, como se ele pudesse estar se escondendo.

Olhei para Quíron, impotente.

O velho centauro pigarreou.

— Silena, minha querida, vamos conversar sobre isso na Casa Grande…

— Não — murmurou ela. — Não. *Não.*

Ela começou a chorar, e nós ficamos ali parados, perplexos demais para falar. Já havíamos perdido muitos durante o verão, mas aquela era a pior baixa. Sem Beckendorf, parecia que alguém havia roubado a âncora do acampamento inteiro.

Finalmente, Clarisse, do chalé de Ares, avançou e abraçou Silena. Elas tinham uma das amizades mais estranhas possíveis — uma filha do deus da guerra e uma filha da deusa do amor —, mas desde que Silena, no verão anterior, aconselhara Clarisse em relação ao primeiro namorado, Clarisse decidira que era a guarda-costas particular da colega.

Clarisse estava vestida com sua armadura de combate vermelho-sangue, o cabelo castanho preso sob uma bandana. Era grande e forte como um jogador de rúgbi, sempre de cara feia, mas falou delicadamente com Silena.

— Vamos, garota — disse ela. — Vamos para a Casa Grande. Vou fazer um chocolate quente para você.

Todos deram meia-volta e se afastaram em grupos de dois ou três, de volta aos chalés. Agora ninguém mais estava animado com minha chegada. Ninguém queria ouvir sobre a explosão do navio.

Somente Annabeth e Quíron ficaram para trás.

Annabeth enxugou uma lágrima.

— Estou feliz por você não estar morto, Cabeça de Alga.

— Obrigado — disse eu. — Eu também.

Quíron pousou a mão em meu ombro.

— Tenho certeza de que você fez tudo o que pôde, Percy. Pode nos contar o que aconteceu?

Eu não queria reviver aquilo tudo, mas contei-lhes a história, inclusive meu sonho com os titãs. Deixei de fora o detalhe sobre Nico, que me fizera prometer não contar a ninguém sobre seu plano até que eu me decidisse, e o plano era tão assustador que eu preferia mesmo mantê-lo em segredo.

Quíron olhou para o vale lá embaixo.

— Precisamos convocar um conselho de guerra imediatamente para discutir a questão do espião e outros assuntos.

— Poseidon mencionou outra ameaça — falei. — Algo ainda maior que o *Princesa Andrômeda*. Pensei que talvez fosse esse desafio que o titã mencionara em meu sonho.

Quíron e Annabeth trocaram olhares, como se soubessem de algo, e eu não. Eu detestava quando faziam isso.

— Vamos discutir isso também — prometeu Quíron.

— Mais uma coisa. — Respirei fundo. — Quando conversei com meu pai, ele me pediu que dissesse a você que já é hora. Preciso conhecer a profecia completa.

Os ombros de Quíron se vergaram, mas ele não pareceu surpreso.

— Temi que esse dia chegasse. Muito bem. Annabeth, vamos mostrar a verdade a Percy… toda ela. Vamos para o sótão.

Eu já estivera no sótão da Casa Grande três vezes, e isso era três vezes mais do que eu gostaria.

Uma escadinha de mão acomodada no topo de uma escadaria levava até o sótão. Estava me perguntando como Quíron ia chegar até lá, sendo metade cavalo, mas ele nem tentou.

— Você sabe onde está — disse ele a Annabeth. — Tragam aqui para baixo, por favor.

Annabeth assentiu.

— Venha, Percy.

O sol estava se pondo lá fora, portanto, o sótão estava ainda mais escuro e sinistro que de hábito. Velhos troféus de heróis se empilhavam por toda parte — escudos amassados, cabeças de vários monstros conservadas em vidros, um par de dados de pelúcia preso em uma placa de bronze que dizia: ROUBADOS DO HONDA CIVIC DE CRISAOR, POR GUS, FILHO DE HERMES, 1988.

Peguei uma espada de bronze curva tão amassada que parecia a letra *M*. Ainda dava para ver no metal as manchas verdes do veneno mágico que já a cobrira. A etiqueta tinha a data do verão anterior. Dizia: *Cimitarra de Campe, destruída na Batalha do Labirinto*.

— Lembra-se de Briareu atirando aquelas pedras? — perguntei.

Annabeth me dirigiu um sorriso relutante.

— E Grover causando pânico?

Nossos olhos se encontraram. Pensei em outro momento do verão passado, sob o Monte Santa Helena, quando Annabeth pensou que eu fosse morrer e me beijou.

Ela pigarreou e desviou o olhar.

— A profecia.

— Certo. — Pus de volta a cimitarra. — A profecia.

Fomos até a janela. No banquinho de três pernas estava sentado o Oráculo — uma enrugada múmia de mulher com um vestido tingido no estilo dos *hippies*. Tufos de cabelo preto ainda estavam grudados a seu crânio. Olhos vítreos espiavam do rosto cuja pele se assemelhava a couro. O simples ato de olhar para ela me dava arrepios.

Se você quisesse deixar o acampamento durante o verão, costumava ter de ir ali para ser designado para uma missão. Nesse verão, essa regra foi deixada de lado. Os campistas saíam o tempo todo em missões de combate. Não havia outra escolha se quiséssemos deter Cronos.

Ainda assim, eu me lembrava muito bem da estranha névoa verde — o espírito do Oráculo — que vivia dentro da múmia. Ela agora parecia sem vida, mas sempre que anunciava uma profecia ela se movia. Às vezes saía de sua boca uma fumaça que criava estranhas formas. Uma vez, ela chegara até mesmo a sair do sótão e dar um passeio de zumbi até a floresta, para transmitir um recado. Eu não sabia o que ela aprontaria para a “Grande Profecia”. Eu quase esperava que ela começasse a sapatear ou coisa parecida.

No entanto, ela continuou sentada ali, parecendo morta — e estava mesmo.

— Nunca entendi isso — sussurrei.

— O quê? — perguntou Annabeth.

— Por que é uma múmia.

— Percy, ela não era uma múmia. Durante milhares de anos o espírito do Oráculo viveu dentro de uma linda donzela. O espírito era passado de geração a geração. Quíron contou-me que *essa* era a linda donzela há cinquenta anos. — Annabeth apontou para a múmia. — Mas ela foi a última.

— O que aconteceu?

Annabeth começou a dizer algo, então aparentemente mudou de ideia.

— Vamos fazer o que temos de fazer e dar o fora daqui.

Olhei, nervoso, para o rosto murcho do Oráculo.

— O que vem agora?

Annabeth aproximou-se da múmia e estendeu as mãos com as palmas voltadas para cima.

— Ó Oráculo, a hora é esta. Peço que nos diga a Grande Profecia.

Eu me preparei, mas o Oráculo não se mexeu. Em vez disso, Annabeth se aproximou e abriu o fecho dos colares da múmia. Eu nunca prestara atenção àqueles colares. Deduzira que eram apenas contas *hippies*. Mas quando Annabeth se virou para mim, tinha nas mãos uma bolsinha de couro — como a bolsinha de remédios de um índio americano, presa numa corda tecida com penas. Ela abriu a bolsinha e tirou dali um rolo de pergaminho que não era maior que seu dedo mínimo.

— Sem essa — disse eu. — Quer dizer que durante todos esses anos em que venho perguntando sobre essa estúpida profecia ela esteve bem aí no pescoço dela?

— A hora ainda não havia chegado — disse Annabeth. — Acredite, Percy, eu li isto quando tinha dez anos… e ainda tenho pesadelos.

— Ótimo — falei. — Posso ler agora?

— Lá embaixo, no conselho de guerra — respondeu Annabeth. — Não na frente de… você sabe.

Observei os olhos vítreos do Oráculo e resolvi não discutir. Descemos para nos juntar aos outros. Eu ainda não sabia, mas essa seria minha última visita ao sótão.

Os membros seniores do conselho estavam reunidos em torno da mesa de pingue-pongue. Não me pergunte por quê, mas a sala de recreação havia se tornado o quartel-general informal para os conselhos de guerra no acampamento. Quando Annabeth, Quíron e eu chegamos, porém, mais parecia que estava havendo um campeonato de quem gritava mais alto.

Clarisse ainda usava o traje de batalha completo. Sua lança elétrica estava presa às costas. (Na verdade, sua segunda lança elétrica, já que eu quebrara a primeira. Ela chamava a arma de “Mutiladora”, mas pelas costas, os outros a chamavam de “Muito Amadora”.) O elmo no formato de javali estava debaixo de um braço e ela carregava uma faca no cinto.

Ela estava gritando com Michael Yew, o novo líder do chalé de Apolo, o que estava meio engraçado, já que Clarisse era uns trinta centímetros mais alta que ele. Michael assumiu a liderança no chalé de Apolo depois que Lee Fletcher morrera em batalha no último verão. Michael erguia-se em seu 1,37 metro, com mais meio metro de atitude. Ele me lembrava uma doninha, com o nariz pontudo e as feições contraídas — talvez porque ele franzia muito a testa ou porque passava tempo demais olhando a haste de uma flecha.

—Trata-se de *nosso* despojo! — gritou ele, erguendo-se na ponta dos pés, de

modo a ficar cara a cara com Clarisse. — Se não gosta, pode encarar minhas flechas!

Ao redor da mesa as pessoas faziam força para não rir — os irmãos Stoll, Pólux, do chalé de Dioniso; Katie Gardner, de Deméter. Até Jake Mason, o novo conselheiro de Hefesto apressadamente nomeado, conseguiu dar um leve sorriso. Somente Silena Beauregard não prestava atenção. Estava sentada ao lado de Clarisse, olhando com apatia para a rede de pingue-pongue. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. À sua frente, uma xícara de chocolate quente intocada. Parecia injusto que ela tivesse de estar ali. Eu não podia acreditar que Clarisse e Michael estivessem discutindo sobre algo tão estúpido quanto despojos na frente dela, quando ela havia acabado de perder Beckendorf.

— PAREM! — gritei. — O que vocês dois estão fazendo?

Clarisse me fuzilou com o olhar.

— Diga a Michael que pare de bancar o idiota egoísta.

— Ah, isso é perfeito, vindo de você — disse Michael.

— A única razão de eu estar aqui é para apoiar Silena! — gritou Clarisse. — Caso contrário, estaria em meu chalé.

— Do que vocês estão falando? — perguntei.

Pólux pigarreou.

— Clarisse se recusa a falar com qualquer um de nós até que sua, hã, questão esteja resolvida. Ela não fala nada há três dias.

— Está sendo uma maravilha — disse, pensativo, Travis Stoll.

— Qual é a questão? — perguntei.

Clarisse voltou-se para Quíron.

— Você é o responsável, certo? Meu chalé vai ter o que deseja ou não?

Quíron mudou os cascos de posição.

— Minha querida, como já expliquei, Michael está certo. O chalé de Apolo tem o melhor argumento. Além disso, há questões mais importantes…

— Claro — interrompeu Clarisse. — Sempre há questões mais importantes que as necessidades de Ares. A vocês só interessa que nos apresentemos e lutemos quando precisam de nós, sem reclamar!

— Isso seria bom — murmurou Connor Stoll.

Clarisse empunhou sua faca.

— Talvez eu devesse perguntar ao sr. D…

— Como você sabe — interrompeu-a Quíron, seu tom agora ligeiramente irritado —, nosso diretor, Dioniso, está ocupado com a guerra. Não pode ser perturbado com esse assunto.

— Entendo — disse Clarisse. — E os membros seniores do conselho? *Algum* de vocês vai tomar o meu partido?

Agora ninguém sorria. Nenhum deles olhou Clarisse nos olhos.

— Ótimo. — Clarisse voltou-se para Silena. — Desculpe-me. Eu não pretendia tocar nesse assunto quando você acaba de perder… Seja como for, peço desculpas. A *você*. A ninguém mais.

Silena não pareceu registrar as palavras dela.

Clarisse atirou sua faca na mesa de pingue-pongue.

— Todos vocês podem travar essa guerra sem Ares. Até que minha vontade seja satisfeita, ninguém em meu chalé vai levantar um só dedo para ajudar. Divirtam-se morrendo.

Os conselheiros estavam todos atônitos demais para dizer algo enquanto Clarisse deixava a sala.

Por fim, Michael Yew disse:

— Já vai tarde.

— Você está brincando? — protestou Katie Gardner. — Isso é um desastre!

— Ela não pode estar falando sério — disse Travis. — Pode?

Quíron suspirou.

— O orgulho dela foi ferido. Ela vai acabar se acalmando. — Mas ele não pareceu convincente.

Eu queria perguntar por que diabos Clarisse estava tão furiosa, mas olhei para Annabeth e seus lábios desenharam as palavras *Depois conto a você*.

— Agora — continuou Quíron —, por favor, conselheiros. Percy trouxe algo que acredito que vocês devam ouvir. Percy… a Grande Profecia.

Annabeth me entregou o pergaminho. Era velho e ressecado, meus dedos se atrapalharam com o cordão. Desenrolei o papel, tentando não rasgá-lo, e comecei a ler:

— *Um meio-sangue, dos meses antigos…*

— Hã, Percy? — interrompeu Annabeth. — São *deuses*. Não *meses*.

— Ah, certo — disse eu. Ser disléxico é uma característica dos semideuses, mas às vezes eu realmente odeio isso. Quanto mais fico nervoso, pior é a minha leitura. — *Um meio-sangue, dos deuses antigos filho… Chegará aos dezesseis apesar de empecilhos…*

Hesitei, fitando as linhas a seguir. Uma sensação de frio surgiu em meus dedos, como se o papel estivesse congelando.

— *Num sono sem fim o mundo estará, E a alma do herói, a lâmina maldita ceifará.*

De repente, Contracorrente pareceu mais pesada em meu bolso. Uma lâmina maldita? Quíron certa vez me disse que Contracorrente levara sofrimento a muitas pessoas. Seria possível que eu fosse morrer por minha própria espada? E como o mundo poderia mergulhar em um sono sem fim, a menos que isso significasse a morte?

— Percy — instou Quíron. — Leia o restante.

Minha boca parecia estar cheia de areia, mas li os dois últimos versos.

— *Uma escolha seus dias vai encerrar… O Olimpo pre… presentear…*

— *Preservar* — disse Annabeth delicadamente. — Quer dizer *salvar.*

— Sei o que quer dizer — murmurei. — *O Olimpo preservar ou arrasar*.

A sala ficou em silêncio. Por fim, Connor Stoll disse:

— *Arrasar* é bom, não é?

— Aqui não é no sentido de ser um sucesso — disse Silena. Sua voz soou abafada, mas só o fato de ela falar qualquer coisa já me surpreendeu. — Arrasar, aqui, é *destruir*.

— Eliminar — completou Annabeth. — Aniquilar. Transformar em entulho.

— Entendi. — Meu coração pesava como chumbo. — Obrigado.

Todos me olhavam — com preocupação, pena ou, talvez, um pouco de medo.

Quíron fechou os olhos, como se fizesse uma prece. Em sua forma de cavalo, a cabeça quase esbarrava nas lâmpadas da sala de recreação.

— Agora você vê, Percy, porque achamos melhor não lhe dizer toda a profecia. Você já carregou bastante nos ombros…

— Sem perceber que morreria no fim, de qualquer forma? — disse eu. — É. Entendi.

Quíron me olhou com tristeza. O cara tinha três mil anos de idade. Vira centenas de heróis morrerem. Podia não gostar, mas estava acostumado a isso. Provavelmente, tinha coisa melhor a fazer do que tentar me tranquilizar.

— Percy — disse Annabeth. — Você sabe que as profecias sempre têm mais de uma interpretação. Isso não significa literalmente sua morte.

— Certo — falei. — *Uma escolha seus dias vai encerrar.* Isso tem milhares de significados, não é mesmo?

—Talvez possamos impedir — sugeriu Jake Mason. — *E a alma do herói, a lâmina maldita ceifará.* Talvez pudéssemos encontrar essa lâmina maldita e destruí-la. Parece tratar-se da foice de Cronos, não acham?

Eu não tinha pensado nisso, mas não importava se a lâmina maldita era Contracorrente ou a foice de Cronos. Uma ou outra, eu duvidava de que pudéssemos evitar a profecia. Uma lâmina ia ceifar minha alma. Como regra geral, preferiria não ter minha alma ceifada.

— Talvez devêssemos deixar Percy pensar nesses versos — disse Quíron. — Ele precisa de tempo.

— Não. — Dobrei a profecia e a enfiei no bolso. Sentia-me desafiador e furioso, embora não tivesse certeza de com quem eu estava furioso. — Não preciso de tempo. Se eu morrer, morri. Não posso me preocupar com isso, certo?

As mãos de Annabeth tremiam um pouco. Ela não me olhava nos olhos.

— Vamos continuar — eu disse. — Temos outros problemas a tratar. Existe um espião entre nós.

Michael Yew franziu as sobrancelhas.

— Um espião?

Contei-lhes o que acontecera no *Princesa Andrômeda* — que Cronos sabia de nossa chegada, que ele me mostrara o pendente da foice prateada que usara para se comunicar com alguém no acampamento.

Silena recomeçou a chorar, e Annabeth a abraçou.

— Bem — disse Connor, pouco à vontade —, suspeitamos que poderia haver um espião durante anos, certo? Alguém passava informações a Luke… como a localização do Velocino de Ouro alguns anos atrás. Deve ser alguém que o conhecia bem.

Talvez inconscientemente, ele olhou para Annabeth. Ela conhecera Luke melhor que qualquer outro, é claro, mas Connor desviou os olhos depressa.

— Hã, o que quero dizer é que pode ser qualquer um.

— É. — Katie Gardner franziu o cenho para os irmãos Stoll. Ela não gostava deles desde que haviam decorado o telhado de grama do chalé de Deméter com coelhinhos de Páscoa de chocolate. — Como um dos irmãos de Luke.

Travis e Connor começaram a discutir com ela.

— Parem! — Silena bateu na mesa com tanta força que seu chocolate quente derramou. — Charlie está morto e… vocês todos ficam aí brigando feito criancinhas! — Ela baixou a cabeça e começou a soluçar.

O chocolate quente escorria da mesa de pingue-pongue. Todos pareciam envergonhados.

— Ela tem razão — disse Pólux, por fim. — Acusar um ao outro não ajuda. Precisamos ficar de olho em um cordão de prata com uma foice como pingente. Se Cronos tinha um, o espião provavelmente também tem.

Michael Yew resmungou.

— Precisamos encontrar esse espião antes de planejar nossa próxima operação. A explosão do *Princesa Andrômeda* não vai deter Cronos para sempre.

— De fato, não — concordou Quíron. — Na verdade, seu próximo ataque já está a caminho.

Franzi as sobrancelhas.

— Você se refere à “ameaça maior” que Poseidon mencionou?

Quíron e Annabeth se entreolharam, como se dissessem: *Chegou a hora*. Eu já disse que detesto quando eles fazem isso?

— Percy — começou Quíron —, não queríamos lhe contar até que voltasse para o acampamento. Você precisava de um descanso com… seus amigos mortais.

Annabeth enrubesceu. Ocorreu-me que ela sabia que eu vinha saindo com Rachel e me senti culpado. Então fiquei com raiva por me sentir culpado. Eu tinha o direito de ter amigos fora do acampamento, certo? Não era como se eu…

— Contem-me o que aconteceu — falei.

Quíron pegou uma taça de bronze na mesa do lanche. Jogou água na chapa de metal quente onde costumávamos derreter queijo. O vapor subiu, criando um arco-íris nas luzes fluorescentes. Quíron tirou um dracma de ouro de sua sacola, atirou-o no meio da névoa e murmurou:

— Ó Íris, deusa do arco-íris, mostre-nos a ameaça.

A névoa tremeluziu. Vi a imagem familiar de um vulcão em erupção — o Monte Santa Helena. Enquanto eu observava, a encosta da montanha explodiu. Fogo, cinzas e lava eram lançados no ar. A voz de um repórter dizia: “… *maior que a erupção do ano passado, e os geólogos advertem que a montanha pode ainda não ter se aplacado.”*

Eu sabia tudo sobre a erupção do ano passado. Eu a causara. Mas esta era muito pior. A montanha se partira ao meio, ruindo para dentro, e uma enorme forma erguia-se da fumaça e da lava, como se estivesse saindo de um bueiro. Eu esperava que a Névoa estivesse impedindo que os humanos a distinguissem com clareza, porque o que vi teria causado pânico, terror e agonia por todos os Estados Unidos.

O gigante era maior que qualquer coisa que eu já vira. Nem mesmo meus olhos de semideus podiam distinguir sua forma exata em meio às cinzas e ao fogo, mas era vagamente humanoide e tão imensa que poderia usar o Edifício Chrysler como taco de beisebol. A montanha foi sacudida por um estrondo horrível, como se o monstro estivesse rindo.

— É ele — eu disse. — Tifão.

Eu esperava sinceramente que Quíron retrucasse algo positivo, do tipo: *Não, aquele é o nosso enorme amigo Leroy! Ele vai nos ajudar!* Mas isso não aconteceu. Ele simplesmente assentiu.

— O monstro mais terrível de todos, a maior ameaça isolada que os deuses já enfrentaram. Ele finalmente foi libertado de sob a montanha. Mas essa cena é de

dois dias atrás. *Eis* o que está acontecendo hoje.

Quíron agitou a mão e a imagem mudou. Vi uma massa de nuvens de tempestade rolando sobre as planícies do Meio-Oeste. Relâmpagos fulguravam. Tornados destruíam tudo em seu caminho — arrancando do chão casas e *trailers*, lançando carros de um lado para o outro como se fossem carrinhos de brinquedo Matchbox.

*"Enchentes monumentais"*, dizia um repórter. *"Cinco estados declararam estado de calamidade pública enquanto uma imprevisível tempestade assola o Leste, deixando um rastro de destruição."*

As câmeras deram um *zoom* em uma formação de tempestade aproximando-se rapidamente de uma cidade do Meio-Oeste. Eu não sabia qual era. Dentro da tempestade eu podia ver o gigante — apenas vislumbres de sua verdadeira forma: um braço enfumaçado, uma garra escura do tamanho de um quarteirão em uma cidade grande. Seu rugido furioso ressoava pelas planícies como uma explosão nuclear. Outras formas menores disparavam em meio às nuvens, cercando o monstro. Eu via lampejos de luz e percebi que o gigante estava tentando livrar-se deles com a mão. Estreitei os olhos, tentando enxergar melhor, e pensei ter distinguido uma carruagem dourada voando para a escuridão. Então uma espécie de pássaro enorme — uma coruja monstruosa — mergulhou em um ataque ao gigante.

— Aqueles são… os deuses? — perguntei.

— Sim, Percy — disse Quíron. — Estão lutando contra ele faz dias, tentando retardá-lo. Mas Tifão prossegue em sua marcha… em direção a Nova York. Em direção ao Olimpo.

Esperei até absorver aquela informação.

— Quanto tempo temos até ele chegar aqui?

— A menos que os deuses consigam detê-lo? Talvez cinco dias. A maior parte dos olimpianos está lá… exceto seu pai, que está travando sua própria guerra.

— Então, quem está guardando o Olimpo?

Connor Stoll sacudiu a cabeça.

— Se Tifão chegar a Nova York, não terá a menor importância quem está guardando o Olimpo.

Pensei nas palavras de Cronos no navio: *Eu adoraria ver o terror em seus olhos quando soubesse como vou destruir o Olimpo.*

Era disso que ele estava falando: um ataque de Tifão? Com certeza, era bastante aterrorizante. Mas Cronos estava sempre nos enganando, desviando nossa atenção. Isso parecia óbvio demais para ele. E no meu sonho o titã dourado falara sobre vários outros desafios iminentes, como se Tifão fosse

apenas o primeiro.

— É um truque — eu disse. — Temos de avisar aos deuses. Algo mais vai acontecer.

Quíron me olhou com gravidade.

— Algo pior do que Tifão? Espero que não.

— Temos de defender o Olimpo — insisti. — Cronos planejou outro ataque.

Sim — lembrou-me Travis Stoll. — Mas você afundou o navio.

Todos olhavam para mim. Queriam alguma notícia boa. Queriam acreditar que eu, afinal, lhes daria uma pontinha de esperança.

Olhei para Annabeth. Eu podia ver que estávamos pensando a mesma coisa: e se o *Princesa Andrômeda* fosse um ardil? E se Cronos tivesse deixado que explodíssemos o navio para que baixássemos a guarda?

Mas eu não ia dizer isso na frente de Silena. Seu namorado havia se sacrificado naquela missão.

— Talvez você tenha razão — falei, embora não acreditasse nisso.

Tentei imaginar como as coisas poderiam piorar mais. Os deuses estavam no Meio-Oeste combatendo um monstro imenso que uma vez já quase os derrotara. Poseidon estava sitiado, perdendo a guerra contra o titã Oceano. Cronos ainda estava livre, em algum lugar. O Olimpo encontrava-se praticamente sem defesas. Os semideuses do Acampamento Meio-Sangue estavam por conta própria, com um espião em nosso meio.

Ah, e segundo a antiga profecia eu ia morrer quando completasse dezesseis anos — o que, por acaso, seria dali a cinco dias, o tempo exato em que Tifão deveria chegar a Nova York. Quase me esqueci disso.

— Bem — disse Quíron —, acho que é o suficiente por uma noite.

Ele agitou a mão e o vapor se dissipou. A tempestuosa batalha entre Tifão e os deuses desapareceu.

— Para usar um eufemismo — murmurei.

E o conselho de guerra foi suspenso.

# QUATRO

Queimamos uma mortalha de metal

Sonhei que Rachel Elizabeth Dare atirava dardos em um retrato meu.

Ela estava em seu quarto… O.k. Volte. Preciso explicar que Rachel não tem um quarto. Ela tem todo o andar superior da mansão de sua família, uma das antigas casas de arenito do Brooklyn que foi reformada. Seu "quarto" é um imenso *loft* com iluminação industrial e janelas do chão ao teto. Tem mais ou menos o dobro do tamanho do apartamento de minha mãe.

Um rock alternativo soava nas caixas ligadas ao seu iPod todo sujo de tinta. Até onde eu sabia, as únicas regras de Rachel em relação a música eram que em seu iPod não podia haver duas músicas semelhantes, e todas tinham de ser estranhas.

Ela usava um quimono, e seu cabelo estava amarfanhado, como se tivesse acabado de acordar. A cama estava desarrumada. Havia vários cavaletes cobertos por lençóis. Roupas sujas e embalagens velhas de barras energéticas estavam espalhadas pelo chão, mas quando se tem um quarto desse tamanho, a bagunça não parece assim tão ruim. Pelas janelas podia-se ver toda a silhueta de Manhattan à noite.

O retrato que ela atacava era uma pintura em que eu aparecia erguendo-me sobre o gigante Anteu. Rachel o pintara alguns meses antes. Minha expressão no quadro era feroz — perturbadora até —, de forma que era difícil dizer se eu era o mocinho ou o bandido, mas Rachel dissera que minha expressão após a batalha era exatamente aquela.

— *Semideuses* — murmurou Rachel ao atirar outro dardo na tela. — E suas *estúpidas* missões.

A maior parte dos dardos quicava, mas alguns se cravaram. Um deles pendia do meu queixo como uma barbicha.

Alguém bateu na porta do quarto.

— Rachel! — gritou um homem. — O que está fazendo? Desligue essa…

Rachel pegou o controle remoto e desligou a música.

— Entre!

Seu pai entrou, mal-humorado e piscando por causa da luz. Ele tinha o cabelo cor de ferrugem um pouquinho mais escuro que o de Rachel. Estava amassado de um lado, como se ele tivesse acabado de perder uma luta contra o travesseiro. O pijama de seda azul tinha o monograma “WD” bordado no bolso. Francamente, quem é que usa pijama com monograma bordado?

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — São três da manhã.

— Não consegui dormir — disse Rachel.

No quadro, um dardo caiu do meu rosto. Rachel pôs as mãos para trás para esconder os outros, mas o sr. Dare percebeu.

— Então… imagino que seu amigo não vai para St. Thomas… — Era assim que o sr. Dare me chamava. Nunca de *Percy.* Apenas *seu amigo*. Ou *jovem*, se estivesse falando comigo, o que raramente acontecia.

Rachel franziu as sobrancelhas.

— Não sei.

— Partiremos pela manhã — disse seu pai. — Se ele ainda não se decidiu…

— Ele provavelmente não vai — disse Rachel, infeliz. — Está satisfeito?

O sr. Dare pôs as mãos para trás. Andou de um lado para o outro no quarto com uma expressão severa. Imaginei que ele fizesse o mesmo na sala de reuniões de sua empresa de empreendimentos imobiliários, deixando os funcionários nervosos.

— Ainda está tendo pesadelos? — perguntou ele. — Dores de cabeça?

Rachel jogou os dardos no chão.

— Eu nunca deveria ter contado isso a você.

— Eu sou seu pai — disse ele. — E me preocupo.

— Preocupa-se com a reputação da família — murmurou Rachel.

O pai não reagiu — talvez porque já tivesse ouvido aquele comentário antes, talvez porque fosse verdade.

— Podíamos ligar para o dr. Arkwright — sugeriu ele. — Ele a ajudou a superar a morte de seu *hamster.*

— Eu tinha seis anos. E, não, papai, não preciso de um terapeuta. Eu só… — Ela sacudiu a cabeça, impotente.

O pai parou diante das janelas. Olhou a silhueta dos prédios de Nova York como se fosse seu proprietário — o que não era verdade. Era dono só de alguns deles.

— Vai ser bom para você sair um pouco daqui — concluiu ele. — Tem estado sob más influências.

— Eu não vou para a Academia de Moças de Clarion — afirmou Rachel. — E

meus amigos não são da sua conta.

O sr. Dare sorriu, mas não era um sorriso terno. Era mais como: *Um dia você vai perceber o quanto suas palavras soam tolas.*

— Tente dormir um pouco — sugeriu ele. — Estaremos na praia amanhã à noite. Vai ser divertido.

— Divertido — repetiu Rachel. — Muito divertido.

O pai saiu do quarto e deixou a porta aberta.

Rachel olhou para o meu retrato. Então se dirigiu ao cavalete ao lado dele, que estava coberto por um lençol.

— Espero que sejam só sonhos — disse ela.

Ela descobriu o cavalete. Ali havia um desenho a carvão traçado apressadamente, mas Rachel era uma artista muito boa. O quadro era, definitivamente, Luke quando criança. Tinha uns nove anos, um sorriso largo e nenhuma cicatriz no rosto. Eu não fazia a menor ideia de como Rachel podia saber como ele era naquela época, mas o retrato era tão bom que tive a impressão de que ela não estava apenas supondo. Pelo que eu sabia sobre a vida de Luke (que não era muito), o retrato o mostrava pouco antes de ele descobrir que era um meio-sangue e fugir de casa.

Rachel fitou o desenho. Então, descobriu o cavalete seguinte. A imagem ali era ainda mais perturbadora. Mostrava o Empire State Building cercado por raios. A distância, uma tempestade escura se formava, com uma imensa mão saindo das nuvens. Na base do edifício havia uma multidão… mas não era uma multidão comum de turistas e pedestres. Eu via lanças, dardos e estandartes — os acessórios de um exército.

— Percy — murmurou Rachel, como se soubesse que eu a ouvia —, o que está acontecendo?

O sonho se desfez, e a última coisa de que me lembro foi de desejar poder responder àquela pergunta.

Na manhã seguinte eu queria ligar para ela, mas não havia telefones no acampamento. Dioniso e Quíron não precisavam de uma linha telefônica. Eles simplesmente falavam com o Olimpo via mensagem de Íris sempre que precisavam de alguma coisa. E quando os semideuses usam telefone celular, os sinais agitam todos os monstros em um raio de cento e cinquenta quilômetros. É como enviar um sinal luminoso: *Estou aqui! Por favor, remodele a minha cara!* Mesmo dentro dos limites seguros do acampamento, esse não é o tipo de anúncio que queremos fazer.

A maioria dos semideuses (exceto Annabeth e alguns outros) nem tem celular. E eu, definitivamente, não podia dizer a Annabeth: “Ei, me empreste seu telefone para eu ligar para Rachel!” Para fazer a ligação eu teria de sair do acampamento e andar vários quilômetros até a loja de conveniência mais próxima. Mesmo que Quíron me deixasse ir, Rachel já estaria no avião, a caminho de St. Thomas.

Tomei um deprimente e solitário café da manhã na mesa de Poseidon. Fiquei olhando a fenda no piso de mármore onde dois anos antes Nico havia banido para o Mundo Inferior um bando de esqueletos sedentos de sangue. A lembrança não aumentou meu apetite.

Depois do café da manhã, Annabeth e eu fomos fazer a inspeção dos chalés. Na verdade, era a vez de Annabeth fazer a inspeção. Minha tarefa matinal era organizar relatórios para Quíron. Mas como ambos detestávamos nossas tarefas, resolvemos cumpri-las juntos para que não fossem assim tão abomináveis.

Começamos pelo chalé de Poseidon, que era basicamente meu. Arrumara meu beliche naquela manhã (bem, mais ou menos) e endireitara o chifre do Minotauro na parede, de modo que me dei nota quatro de um total de cinco.

Annabeth fez uma careta.

— Está sendo generoso. — Ela usou a ponta de seu lápis para pegar um velho calção de corrida.

Tomei dela o calção.

— Ei, me dê uma folga. Não tenho Tyson para arrumar as coisas para mim este verão.

— Três de cinco — disse Annabeth.

Eu sabia que era melhor não discutir com ela, portanto, prosseguimos.

Tentei examinar a pilha de relatórios de Quíron enquanto andávamos. Havia mensagens de semideuses, espíritos da natureza e sátiros de todas as partes do país contando sobre recentes atividades de monstros. Eram bastante deprimentes, e meu cérebro, com seu transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, *não* gostava de se concentrar em coisas deprimentes.

Pequenas batalhas estavam sendo travadas por toda parte. O recrutamento de campistas estava reduzido a zero. Os sátiros estavam tendo dificuldade em encontrar novos semideuses e trazê-los para a Colina Meio-Sangue por causa do número de monstros que vagavam pelo país. Nossa amiga Thalia, que liderava as Caçadoras de Ártemis, não dava notícias fazia meses, e se Ártemis sabia o que acontecera a elas, não partilhava a informação.

Visitamos o chalé de Afrodite, que naturalmente recebeu nota cinco. As camas estavam perfeitamente arrumadas. As roupas nos baús de todos eram organizadas conforme a cor. Flores brotavam no peitoril das janelas. Eu queria tirar-lhes um ponto porque o lugar cheirava a perfume de grife, mas Annabeth me ignorou.

— Excelente trabalho, como sempre, Silena — disse ela.

Silena assentiu, indiferente. A parede atrás da cama dela era decorada com fotografias de Beckendorf. Ela estava sentada no beliche com uma caixa de chocolates no colo, e eu lembrei que seu pai era dono de uma loja de chocolates no Village — fora assim que ele chamara a atenção de Afrodite.

— Quer um bombom? — ofereceu Silena. — Meu pai me mandou. Pensou… pensou que poderiam me animar.

— São bons? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

— Têm gosto de papelão.

Eu não tinha nada contra papelão, então experimentei um. Annabeth recusou. Prometemos encontrar Silena mais tarde e prosseguimos.

Quando cruzávamos a área comum, começou uma briga entre os chalés de Ares e de Apolo. Alguns campistas de Apolo armados com bombas atacaram o chalé de Ares em uma carruagem puxada por dois pégasos. Eu nunca vira a carruagem antes, mas me pareceu boa para um belo passeio. Logo o telhado do chalé de Ares estava pegando fogo, e náiades do lago de canoagem corriam até o local para jogar água.

Então, os campistas de Ares lançaram uma maldição, e todas as flechas dos filhos de Apolo se transformaram em borracha. Os filhos de Apolo continuavam a atirar contra os de Ares, mas as flechas batiam e quicavam.

Dois arqueiros passaram correndo, perseguidos por um filho de Ares furioso, que gritava em versos:

— Maldição, pois sim! Vocês vão me pagar! / Não quero passar o dia todo a rimar!

Annabeth suspirou.

— Isso de novo, não. Da última vez que Apolo amaldiçoou um chalé, levou uma semana até que terminassem as parelhas de versos.

Estremeci. Apolo era o deus da poesia, assim como do tiro com arco, e eu já o ouvira recitar pessoalmente. Acho que prefiro ser ferido por uma flecha.

— Por que eles estão brigando, afinal? — perguntei.

Annabeth me ignorou enquanto escrevia em seu pergaminho de inspeção, dando aos dois chalés nota um.

Eu me vi olhando para ela, o que era estúpido, pois já a tinha visto um bilhão de vezes. Neste verão estávamos aproximadamente com a mesma altura, o que era um alívio. Ainda assim, ela parecia bem mais madura. Isso era um pouco intimidador. É claro, ela sempre fora bonitinha, mas estava começando a ficar bonita de verdade.

Por fim, ela disse:

— Aquela carruagem voadora.

— O quê?

— Você perguntou por que eles estavam brigando.

— Ah! Ah, certo.

— Eles a capturaram em um combate na Filadélfia na semana passada. Alguns dos semideuses de Luke estavam lá com essa carruagem voadora. O chalé de Apolo apoderou-se dela durante a batalha, mas foi o chalé de Ares que liderou o ataque. Por isso, eles estão brigando desde então.

Nós nos abaixamos quando a carruagem de Michael Yew bombardeou um campista de Ares. Este tentou atingi-lo e começou a xingá-lo em parelhas de versos. E foi bastante criativo nas rimas.

— Estamos lutando para salvar nossas vidas — disse eu —, e eles estão brigando por causa de uma carruagem estúpida.

— Vão superar isso — disse Annabeth. — Clarisse vai recobrar o juízo.

Eu não tinha tanta certeza. Recobrar o juízo não parecia próprio da Clarisse que eu conhecia.

Examinei mais relatórios e inspecionamos mais alguns chalés. Deméter ganhou quatro. Hefesto, três — e provavelmente teria uma nota menor, mas com a morte de Beckendorf e tudo mais, nós lhes demos uma folga. Hermes ganhou dois, o que não era nenhuma surpresa. Todos os campistas que não conheciam sua ascendência divina eram enfiados no chalé de Hermes, e como os deuses eram meio esquecidos, aquele chalé estava sempre superlotado.

Finalmente, chegamos ao chalé de Atena, que estava arrumado e limpo como sempre. Os livros estavam organizados nas prateleiras. A armadura estava polida. Mapas de batalha e projetos de arquitetura decoravam as paredes. Somente o beliche de Annabeth estava bagunçado. Estava coberto de papéis, e seu laptop prateado ainda estava ligado.

— *Vlacas* — murmurou Annabeth, o que era basicamente chamar a si mesmo de idiota em grego.

Seu substituto no comando, Malcolm, reprimiu um sorriso.

— É, hã… limpamos todo o resto. Não sabíamos se era seguro mexer nas suas anotações.

Isso provavelmente foi sábio. Annabeth tinha uma faca de bronze que reservava apenas para monstros e pessoas que mexiam nas suas coisas.

Malcolm sorriu para mim.

— Vamos esperar lá fora enquanto vocês terminam a inspeção.

Os campistas de Atena saíram em fila enquanto Annabeth limpava seu beliche.

Eu mudava de posição, constrangido, e fingia examinar mais alguns relatórios. Tecnicamente, mesmo durante a inspeção, era contra o regulamento do acampamento que dois campistas ficassem… assim, *sozinhos*, em um chalé.

Essa regra fora mencionada muitas vezes quando Silena e Beckendorf começaram a sair juntos. E eu sei que alguns de vocês devem estar pensando: todos os semideuses não são aparentados pelo lado divino e isso não faz com que namorar seja repulsivo? Mas o fato é que o lado divino da família não conta, geneticamente falando, posto que os deuses não têm DNA. Um semideus jamais pensaria em namorar alguém que tivesse o mesmo pai ou mãe divino. Dois campistas do chalé de Atena, por exemplo? Impossível. Mas uma filha de Afrodite e um filho de Hefesto? Eles não são parentes. Então, não há problema.

De qualquer forma, por alguma estranha razão eu estava pensando nisso enquanto observava Annabeth arrumar tudo. Ela fechou o laptop, que lhe fora dado de presente pelo inventor Dédalo no verão passado.

Pigarreei.

— Então… tirou alguma informação interessante dessa coisa?

— Muitas — disse ela. — Dédalo tinha tantas ideias que eu poderia passar cinquenta anos só tentando entender todas elas.

— É — murmurei. — Seria muito divertido.

Ela remexeu em seus papéis — a maior parte desenhos de edifícios e um punhado de anotações feitas à mão. Eu sabia que ela queria ser arquiteta, mas aprendera da maneira mais difícil a não perguntar em que ela estava trabalhando. Ela começaria a falar sobre ângulos e junções de sustentação até me deixar tonto.

— Você sabe… — Ela prendeu o cabelo atrás da orelha, como faz quando está nervosa. — Essa coisa toda com Beckendorf e Silena. Isso faz a gente pensar. Sobre… o que é importante. Sobre perder pessoas que são importantes.

Fiz que sim com a cabeça. Meu cérebro começou a deter-se em pequenos detalhes aleatórios, como o fato de ela ainda estar usando aqueles brincos de coruja de prata dados pelo pai, que era um professor de história militar sabichão e vivia em São Francisco.

— Hã, é — gaguejei. — Como… está tudo bem com sua família?

Está certo, uma pergunta totalmente estúpida, mas, puxa, eu estava nervoso.

Annabeth pareceu desapontada, mas assentiu.

— Meu pai queria me levar à Grécia neste verão — disse ela, melancólica. — Eu sempre quis ver…

— O Parthenon — lembrei.

Ela conseguiu dar um sorriso.

— É.

— Tudo bem. Vai haver outros verões, certo?

Assim que disse estas palavras, percebi que era um comentário idiota. Eu estava diante do *fim dos meus dias*. Dentro de uma semana o Olimpo deveria ruir. Se a Era dos Deuses chegasse de fato ao fim, o mundo, como o conhecemos, se desintegraria no caos. Os semideuses seriam caçados até serem extintos. Não haveria mais verões para nós.

Annabeth fitou seu pergaminho de inspeção.

— Nota três — murmurou — para uma líder de chalé desleixada. Venha. Vamos terminar com esses relatórios e encontrar Quíron.

A caminho da Casa Grande lemos o último relatório, manuscrito em uma folha de bordo por um sátiro no Canadá. Se é que isso era possível, o bilhete fez com que eu me sentisse ainda pior.

— "Caro Grover" — li em voz alta. — "Florestas nos arredores de Toronto atacadas por texugo maligno gigante. Tentei fazer como você sugeriu e evocar o poder de Pã. Em vão. Muitas árvores de náiades destruídas. Recuando para Ottawa. Por favor, seu conselho é necessário. Onde está você? — Gleeson Hedge, protetor."

Annabeth fez uma careta.

— Não tem *nenhuma* notícia dele? Mesmo com seu elo de empatia?

Sacudi a cabeça, desanimado.

Desde o último verão, quando o deus Pã morrera, nosso amigo Grover passara a se aventurar cada vez mais longe. O Conselho dos Anciãos de Casco Fendido tratava-o como um pária, mas Grover ainda viajava por toda a Costa Leste, tentando espalhar a notícia sobre Pã e convencer os espíritos da natureza a proteger seus pedacinhos de mundo selvagem. Ele só havia voltado ao acampamento algumas vezes para ver a namorada, Juníper.

A última notícia que eu tivera dele era que estava no Central Park organizando as dríades, mas ninguém o via ou ouvia falar dele fazia dois meses. Havíamos tentado enviar-lhe mensagens de Íris, mas elas nunca chegavam. Eu tinha um elo de empatia com Grover, portanto, esperava sentir alguma coisa caso algo de ruim acontecesse a ele. Grover uma vez me dissera que, se morresse, o elo de empatia poderia me matar também. Mas eu já não tinha certeza se isso era verdade.

Imaginei se ele ainda estaria em Manhattan. Então, pensei em meu sonho com o esboço de Rachel — nuvens escuras aproximando-se da cidade, um exército reunido em torno do Empire State Building.

— Annabeth. — Eu a detive perto da quadra de *tetherball*, aquele jogo em que uma bola é presa no alto de um poste e dois participantes a jogam de um lado para o outro até enrolar a corda por completo. Sabia que estava procurando encrenca, mas não sabia em quem mais confiar. Além disso, eu sempre dependera dos conselhos de Annabeth. — Ouça, tive um sonho com, hã, Rachel…

Contei-lhe tudo, mesmo o estranho desenho de Luke criança.

Durante algum tempo ela não disse nada. Então, enrolou o pergaminho de inspeção com tanta força que o rasgou.

— O que você quer que eu diga?

— Não sei. Você é a melhor estrategista que conheço. Se fosse Cronos planejando esta guerra, o que faria em seguida?

— Usaria Tifão como distração. Então, atacaria o Olimpo diretamente, enquanto os deuses estivessem no Oeste.

— Exatamente como no quadro de Rachel.

— Percy — disse ela, a voz tensa —, Rachel é apenas uma mortal.

— Mas e se o sonho dela for verdade? Aqueles outros titãs… eles disseram que o Olimpo seria destruído em questão de dias. Disseram que haverá muitos outros desafios. E há ainda o quadro de Luke criança…

— Precisamos estar preparados.

— Como? — perguntei. — Olhe para o nosso acampamento. Não conseguimos nem parar de brigar entre nós. E eu ainda vou ter minha alma estúpida ceifada.

Ela jogou o pergaminho no chão.

— Eu sabia que não deveríamos ter mostrado a profecia. — Havia raiva e mágoa em sua voz. — Tudo o que ela fez foi assustar você. Você foge das coisas quando está assustado.

Eu a fitei, completamente perplexo.

*Eu?* Fujo?

Ela pôs o dedo no meu nariz.

— É isso mesmo. Você é um covarde, Percy Jackson!

Estávamos cara a cara. Os olhos dela estavam vermelhos, e de repente eu percebi que, ao me chamar de covarde, talvez ela não estivesse se referindo à profecia.

— Se acha que não temos chances — disse ela —, talvez tivesse sido melhor

você ter saído de férias com Rachel.

— Annabeth…

— Se não gosta da nossa companhia.

— Isso não é justo!

Ela passou por mim e foi pisando duro na direção dos campos de morango. Ao passar, bateu na bola de *tetherball*, que girou com força em torno do poste.

Gostaria de poder dizer que meu dia melhorou a partir dali. Mas é claro que não.

Naquela tarde, tivemos uma assembleia junto à fogueira para queimar a mortalha de Beckendorf e nos despedirmos dele. Até mesmo os chalés de Ares e Apollo fizeram uma trégua temporária para comparecer.

A mortalha de Beckendorf era feita de elos de metal, como uma malha de aço. Eu não via como aquilo iria queimar, mas as Parcas deviam estar ajudando. O metal derreteu no fogo e transformou-se em fumaça dourada, que se elevou ao céu. As chamas da fogueira sempre refletiam o estado de espírito dos campistas, e hoje elas queimavam negras.

Eu esperava que o espírito de Beckendorf terminasse no Elísio. Talvez ele até optasse por renascer e tentar alcançar o Elísio em três vidas diferentes, de modo que pudesse chegar às Ilhas dos Abençoados, que eram como o último quartel-general do Mundo Inferior. Se alguém merecia chegar lá, era Beckendorf.

Annabeth saiu sem falar comigo. A maior parte dos outros campistas se afastou, voltando às suas atividades vespertinas. Eu fiquei ali parado, fitando o fogo que se extinguia. Silena estava sentada ali perto, chorando, enquanto Clarisse e o namorado, Chris Rodriguez, tentavam consolá-la.

Por fim, juntei coragem para ir até ela.

— Ei, Silena, eu sinto muito mesmo.

Ela fungou. Clarisse me fuzilou com o olhar, mas ela sempre fuzila todo mundo com o olhar. Chris mal me olhava. Ele fora um dos homens de Luke até Clarisse resgatá-lo do Labirinto no verão passado, e acho que ainda se sentia culpado por isso.

Pigarreei.

— Silena, você sabe que Beckendorf levava sua foto com ele. Ele olhou para ela antes de começarmos a batalha. Você significava muito para ele. Fez com que o último ano fosse o melhor da vida dele.

Silena soluçou.

— Bom trabalho, Percy — murmurou Clarisse.

— Não, está tudo bem — disse Silena. — Obrigada… obrigada, Percy. Eu

preciso ir.

— Quer companhia? — perguntou Clarisse.

Silena sacudiu a cabeça e saiu correndo.

— Ela é mais forte do que parece — murmurou Clarisse quase para si mesma. — Vai sobreviver.

— Nisso, você podia ajudar — sugeri. — Podia honrar a memória de Beckendorf lutando conosco.

Clarisse procurou sua faca, mas não a encontrou. Ela a havia atirado na mesa de pingue-pongue na Casa Grande.

— Não é problema meu — grunhiu ela. — Se meu chalé não é prestigiado, eu não luto.

Percebi que ela não estava falando em rimas. Talvez não estivesse por perto quando seus companheiros de chalé foram amaldiçoados ou talvez conhecesse uma forma de quebrar o feitiço. Com um calafrio, imaginei se Clarisse poderia ser o espião de Cronos no acampamento. Seria por isso que ela estava mantendo seu chalé fora da luta? Mas, por menos que eu gostasse de Clarisse, espionar para os titãs não parecia seu estilo.

—Tudo bem — falei. — Não queria tocar nesse assunto, mas você me deve uma. Estaria apodrecendo na caverna de um ciclope, no Mar dos Monstros, se não fosse por mim.

Ela contraiu o maxilar.

— Qualquer outro favor, Percy. Esse, não. O chalé de Ares foi desprezado vezes demais. E não pense que eu não sei o que as pessoas falam de mim pelas costas.

Eu queria dizer: *Bem, é a verdade*, mas mordi a língua.

— Então… você vai simplesmente deixar Cronos nos destruir? — perguntei.

— Se quer tanto assim a minha ajuda, diga a Apolo que nos dê a carruagem.

— Você é uma bebezona.

Ela me atacou, mas Chris se interpôs entre nós.

— Ei, gente — disse ele. — Clarisse, sabe, talvez ele tenha razão.

Ela o olhou, furiosa.

— Você também não! — E saiu andando pesadamente, com Chris em seus calcanhares.

— Ei, espere! Eu só quis dizer… Clarisse, espere!

Fiquei observando as últimas centelhas do fogo de Beckendorf subirem em espiral pelo céu da tarde. Então, segui para a arena de esgrima. Eu precisava de um descanso e queria ver uma velha amiga.

# CINCO

Enfio minha cadela em uma árvore A sra. O'Leary me viu antes que eu a visse — uma manobra bastante boa, considerando-se que ela é do tamanho de um caminhão de lixo. Entrei na arena, e um muro de escuridão desabou sobre mim.

— AU!

Em um instante eu estava de costas no chão com uma pata imensa sobre meu peito e uma língua que parecia uma esponja de aço gigante lambendo meu rosto.

— Ai! — exclamei. — Ei, garota. Também estou feliz por ver você. Ai!

Levou alguns minutos até que a sra. O'Leary se acalmasse e saísse de cima de mim. A essa altura, eu estava praticamente encharcado de baba de cachorro. Ela queria brincar de pegar, portanto, escolhi um escudo de bronze e o atirei do outro lado da arena.

Por falar nisso, a sra. O'Leary é o único cão infernal amistoso em todo o mundo. Eu a herdei quando seu dono morreu. Ela vivia no acampamento, e Beckendorf… bem, Beckendorf *costumava* cuidar dela quando eu não estava ali. Foi ele quem fundiu o metal para o osso de bronze favorito da sra. O'Leary. Fizera na forja uma coleira com a carinha do Smiley e uma plaquinha de identificação com dois ossos cruzados. Assim como eu, Beckendorf era o melhor amigo dela.

Pensar nisso me fez ficar triste novamente, mas atirei o escudo mais algumas vezes, pois a sra. O'Leary insistiu.

Logo ela começou a latir — um som ligeiramente mais alto do que um canhão de artilharia —, como se precisasse ir dar uma volta. Os outros campistas não achavam nada engraçado quando ela usava a arena como banheiro – isso já havia causado alguns acidentes infelizes. Assim, abri os portões da arena, e ela correu direto para a floresta.

Corri atrás dela, sem me preocupar com o fato de ela estar muito à frente. Nada na floresta poderia representar uma ameaça à sra. O'Leary. Até mesmo dragões e escorpiões gigantes fugiam quando ela se aproximava.

Quando finalmente consegui alcançá-la, ela não estava usando o banheiro. Estava em uma clareira que eu conhecia, onde o Conselho de Anciãos de Casco

Fendido certa vez havia levado Grover a julgamento. A aparência do lugar não era das melhores. A grama ficara amarelada. Os três tronos de topiaria haviam perdido todas as folhas. Mas não foi isso que me surpreendeu. No meio da clareira estava o trio mais estranho que eu já vira: Juníper, a ninfa da árvore, Nico di Angelo e um sátiro muito velho e muito gordo.

Nico era o único que não parecia apavorado com a presença da sra. O'Leary. A aparência dele era muito semelhante à que tinha em meu sonho — casaco de aviador, jeans preto e uma camiseta com uma estampa de esqueletos dançarinos, como aqueles das comemorações do Dia dos Mortos. Sua espada de ferro estígio pendia ao lado do corpo. Ele tinha apenas doze anos, mas parecia muito mais velho e mais triste.

Cumprimentou-me com a cabeça e, então, voltou a coçar as orelhas da sra. O'Leary. Ela farejou-lhe as pernas, como se ele fosse a coisa mais interessante depois de um filé de costela. Sendo filho de Hades, ele provavelmente andava por toda sorte de lugares agradáveis aos cães infernais.

O velho sátiro não parecia nem de perto tão feliz.

— Será que alguém… o que esta criatura do *mundo inferior* está fazendo na minha floresta? — Ele agitava os braços e batia os cascos, como se a grama estivesse quente. — Você aí, Percy Jackson! Esta fera é sua?

— Ah, me desculpe, Leneu — falei. — É este o seu nome, certo?

O sátiro revirou os olhos. Seu pelo era cinzento, e entre seus chifres crescia uma teia de aranha. A barriga poderia fazer dele um carrinho de bate-bate invencível.

— Bem, é claro que eu sou Leneu. Não me diga que se esqueceu de um membro do Conselho tão rapidamente. Agora chame sua fera!

— *AU!* — latiu a sra. O'Leary, feliz.

O velho sátiro engoliu em seco.

— Mande-a embora! Juníper, eu não vou ajudá-la nessas circunstâncias!

Juníper virou-se na minha direção. Tinha uma beleza bem própria das dríades, com um vestido roxo de tecido fino e o rosto de elfo, mas seus olhos estavam tingidos do tom verde da clorofila, de tanto chorar.

— Percy — fungou ela. — Estava perguntando sobre Grover. Eu *sei* que alguma coisa aconteceu. Ele não ficaria longe tanto tempo assim se não estivesse em apuros. Esperava que Leneu…

— Eu já lhe disse! — protestou o sátiro. — Você está melhor sem aquele traidor.

Juníper bateu o pé no chão com força.

— Grover não é um traidor! É o sátiro mais corajoso que já existiu, e eu quero

saber onde ele está!

— *AU!*

Os joelhos de Leneu começaram a bater.

— Eu… eu não vou responder a pergunta nenhuma com esta cadela infernal farejando minha cauda!

Nico parecia estar tentando não rir.

— Vou levar a cadela para dar uma volta — ofereceu-se.

Ele assoviou, e a sra. O'Leary seguiu-o saltitando em direção ao outro lado do bosque.

Leneu bufou, indignado, e bateu a mão na camisa, tirando os galhos presos nela.

— Bem, como eu tentava explicar, minha jovem, seu namorado não enviou *nenhum* relatório desde que votamos pelo seu exílio.

— Vocês *quiseram* votar pelo exílio dele — corrigi. — Quíron e Dioniso impediram.

— Nada! Eles são membros *honorários* do Conselho. Esses votos não contam.

— Vou dizer a Dioniso que você falou isso.

Leneu ficou pálido.

— Eu só quis dizer… Agora, ouça aqui, Jackson. Esse assunto não é da sua conta.

— Grover é meu amigo — falei. — Ele não estava mentindo para vocês a respeito da morte de Pã. Eu vi com meus próprios olhos. Vocês só estavam com medo de aceitar a verdade.

Os lábios de Leneu tremeram.

— Não! Grover é um mentiroso, e já foi tarde. Estamos melhor sem ele.

Apontei para os tronos murchos.

— Se as coisas estão indo tão bem, onde estão seus amigos? Parece que seu Conselho não tem se reunido ultimamente.

— Maron e Sileno… eu… eu tenho certeza de que eles vão voltar — disse ele, mas dava para perceber o pânico em sua voz. — Só tiraram um tempo para pensar. Este está sendo um ano muito inquietante.

— E só vai piorar — assegurei. — Leneu, *precisamos* de Grover. Tem de haver uma forma de você encontrá-lo com sua magia.

Os olhos do velho sátiro se estreitaram.

— Estou lhes dizendo que não sei nada dele. Talvez esteja morto.

Juníper engoliu um soluço.

— Ele não está morto — falei. — Isso eu posso sentir.

— Elos de empatia — disse Leneu, desdenhoso. — Muito pouco confiáveis.

— Então, pergunte por aí — insisti. — Encontre-o. Há uma guerra chegando. Grover estava preparando os espíritos da natureza.

— Sem a minha permissão! E essa guerra não é *nossa*.

Agarrei-o pela camisa, o que, com sinceridade, não era o meu estilo, mas aquele bode velho e estúpido estava me deixando louco.

— Ouça, Leneu. Quando Cronos atacar, ele virá com *matilhas* de cães infernais. E vai destruir tudo em seu caminho: mortais, deuses, semideuses. Você acha que ele vai poupar os sátiros? Espera-se que você seja um líder. Portanto, LIDERE. Vá lá fora e veja o que está acontecendo. Encontre Grover e traga notícias para Juníper. Vá, AGORA!

Eu não o empurrei com muita força, mas ele tinha a cabeça meio pesada. Caiu sentado com seu traseiro peludo. Depois, conseguiu se pôr de pé com esforço e saiu correndo com a barriga sacudindo.

— Grover jamais será aceito! Vai morrer como um pária!

Depois que ele já havia desaparecido nos arbustos, Juníper enxugou os olhos.

— Desculpe, Percy. Eu não tinha a intenção de envolver você. Leneu ainda é um Senhor da Vida Selvagem. Não é bom tê-lo como inimigo.

— Sem problema — falei. — Tenho inimigos piores do que um sátiro gordo.

Nico caminhou de volta para onde nós estávamos.

— Bom trabalho, Percy. A julgar pela trilha de tufos de pelo de bode, eu diria que você deu uma bela sacudida nele.

Tinha receio de saber por que Nico estava ali, mas tentei sorrir.

— Bem-vindo de volta. Passou por aqui só para ver Juníper?

Ele enrubesceu.

— Hã, não. Isso foi um acidente. Eu hã… apareci no meio da conversa.

— Ele quase nos matou de susto! — disse Juníper. — Surgiu no meio das sombras. Mas, Nico, você *é* o filho de Hades. Tem certeza de que não ouviu falar nada de Grover?

Nico mudou de posição.

— Juníper, como tentei lhe dizer… mesmo que Grover morresse, ele reencarnaria em outro ser da natureza. Não consigo pressentir esse tipo de coisa, somente as almas mortais.

— Mas se você souber de algo… — implorou ela, pousando a mão em seu braço. — Qualquer coisa…

As bochechas de Nico ficaram ainda mais vermelhas.

— Hã, pode apostar. Vou ficar atento.

— Vamos encontrá-lo, Juníper — prometi. — Grover está vivo, tenho certeza. Deve haver uma razão simples para ele ainda não ter entrado em contato conosco.

Ela assentiu, abatida.

— Eu odeio não poder deixar a floresta. Ele pode estar em qualquer lugar, e eu presa aqui, esperando. Ah, mas se aquele bode tolo se machucou…

A sra. O'Leary voltou saltitando, e seu interesse foi despertado pelo vestido de Juníper.

Juníper gritou.

— Ah, não! Não ouse! Conheço a história de cães e árvores. Fui!

Puf! E se transformou em névoa verde. A sra. O'Leary pareceu desapontada, mas seguiu pesadamente em busca de outro alvo, deixando-me sozinho com Nico.

Ele bateu com a espada no chão. Um montículo de ossos de animais emergiu da terra. Eles se reuniram, formando o esqueleto de um ratinho-do-campo, que fugiu.

— Lamentei quando soube de Beckendorf.

Um bolo formou-se em minha garganta.

— Como é que você…

— Falei com o fantasma dele.

— Ah… certo. — Eu nunca iria me acostumar com o fato de que aquele garoto de doze anos passava mais tempo falando com os mortos que com os vivos. — Ele disse alguma coisa?

— Ele não acha que a culpa tenha sido sua. Imaginou que você deveria estar se martirizando e disse que não deve fazer isso.

— Ele vai tentar renascer?

Nico sacudiu a cabeça.

— Ele está no Elíseo. Falou que está esperando alguém. Não sei bem o que ele quis dizer com isso, mas pareceu não ter problemas com a morte.

Não era um grande consolo, mas já era alguma coisa.

— Tive uma visão de você no Monte Tam — disse a Nico. — Era…

— Real — disse ele. — Eu não tinha a intenção de espionar os titãs, mas estava nas redondezas.

— Fazendo o quê?

Nico mexeu no cinto onde carregava a espada.

— Seguindo uma pista da… você sabe, da minha família.

Fiz que sim com a cabeça. Eu sabia que o passado dele era um tema doloroso.

Até dois anos atrás, ele e a irmã Bianca estavam parados no tempo em um lugar chamado Hotel e Cassino Lótus, onde permaneceram por uns setenta anos. Por fim, um misterioso advogado os tirou de lá e os matriculou em um internato, mas Nico não tinha nenhuma lembrança de sua vida antes do cassino. Ele não sabia nada de sua mãe. Não sabia quem era o advogado, por que haviam sido presos no tempo nem por que tiveram permissão de sair. Depois que Bianca morreu, deixando-o sozinho, ele se tornara obcecado em encontrar respostas.

— Então, como foi? — perguntei. — Teve sorte?

— Não — murmurou ele. — Mas devo ter uma nova pista em breve.

— Qual é a pista?

Nico mordeu o lábio.

— Isso não é importante neste momento. Você sabe por que estou aqui.

Uma sensação de pavor começou a crescer em meu peito. Desde que, no último verão, Nico apresentara pela primeira vez seu plano para vencer Cronos, eu passara a ter pesadelos. De vez em quando, ele aparecia para me pressionar a dar uma resposta, mas eu continuava a me safar com evasivas.

— Nico, eu não sei. Parece radical demais.

— Tifão está chegando em… digamos… uma semana? A maioria dos outros titãs está livre a essa altura, e do lado de Cronos. Talvez seja hora de ser radical.

Olhei na direção do acampamento. Mesmo a distância podia ouvir os campistas de Ares e de Apolo lutando de novo, gritando maldições e recitando poesia ruim.

— Eles não são páreo para o exército dos titãs — afirmou Nico. — Sabe disso. Essa luta se resume a você e Luke. E só há uma forma de você derrotá-lo.

Lembrei-me da luta no *Princesa Andrômeda*, em que eu fora irremediavelmente vencido. Cronos quase me matou com um único corte no braço, e eu não consegui nem feri-lo. Contracorrente foi repelida por sua pele.

— Podemos lhe dar o mesmo poder — instou Nico. — Você ouviu a Grande Profecia. A menos que você queira ter sua alma ceifada por uma lâmina maldita…

Eu me perguntei como Nico soubera da profecia… Provavelmente, a ouvira de algum fantasma.

— Não se pode escapar de uma profecia — falei.

— Mas você pode lutar contra ela. — Nico tinha um brilho estranho e faminto nos olhos. — Pode se tornar invencível.

— Talvez seja melhor esperarmos. Tentar lutar sem…

— Não! — rosnou Nico. — Precisa ser agora!

Eu o olhei fixamente. Havia muito tempo que eu não via seu temperamento

inflamar-se desse modo.

— Hã, tem certeza de que está bem?

Ele respirou fundo.

— Percy, o que quero dizer… Quando a luta começar, não poderemos mais fazer a jornada. Esta é nossa última chance. Você me desculpe se estou sendo muito insistente, mas há dois anos minha irmã deu a vida dela para proteger você. Quero que honre esse gesto. Faça o que for preciso para se manter vivo e derrotar Cronos.

Eu não gostava da ideia. Mas então pensei em Annabeth me chamando de covarde… e fiquei furioso.

Nico tinha razão. Se Cronos atacasse Nova York, os campistas não seriam páreo para suas forças. Eu precisava fazer algo. A proposta de Nico era perigosa — talvez até mesmo mortal. Mas talvez me desse uma vantagem na luta.

— Está certo — decidi. — O que fazemos primeiro?

O sorriso dele, frio e sinistro, fez com que eu me arrependesse de ter concordado.

— Primeiro, vamos precisar reconstituir a história de Luke. Precisamos saber mais de seu passado, de sua infância.

Estremeci, pensando no quadro de Rachel no meu sonho — um Luke sorridente aos nove anos.

— Por que precisamos saber disso?

— Vou explicar quando chegarmos lá — disse Nico. — Eu já localizei a mãe dele. Ela mora em Connecticut.

Eu o fitei. Nunca pensara muito sobre a mãe mortal de Luke. Já havia encontrado o pai dele, Hermes, mas a mãe…

— Luke fugiu de casa quando era muito novo — disse eu. — Não achava que a mãe dele ainda estivesse viva.

— Ah, está bem viva. — A maneira como ele disse aquilo me fez pensar o que haveria de errado com ela. Que tipo horrível de pessoa ela seria?

— O.k. — disse eu. — Então, como vamos a Connecticut? Posso chamar Blackjack…

— Não. — Nico franziu as sobrancelhas. — Os pégasos não gostam de mim, e o sentimento é mútuo. Mas não há necessidade de ir voando. — Ele assoviou, e a sra. O’Leary veio trotando do bosque.

— Sua amiga aqui pode ajudar. — Nico deu tapinhas na cabeça dela. — Ainda não experimentou uma viagem nas sombras?

— Viagem nas sombras?

Nico sussurrou no ouvido da sra. O’Leary. Ela inclinou a cabeça, subitamente

alerta.

— Suba a bordo — disseme Nico.

Eu nunca imaginara cavalgar um cachorro antes, mas a sra. O’Leary, certamente, tinha tamanho para isso. Subi em suas costas e segurei sua coleira.

— Isso a deixa muito cansada — avisou Nico. — Portanto, não pode ser feito com frequência. E funciona melhor à noite. Mas todas as sombras são parte da mesma substância. Existe uma única escuridão, e as criaturas do Mundo Inferior podem usá-la como estrada, ou porta.

— Não entendi — disse eu.

— Não — replicou Nico. — Levei muito tempo para aprender. Mas a sra. O’Leary sabe. Diga a ela aonde ir. Diga a ela Westport, casa de May Castellan.

— Você não vem?

— Não se preocupe — disse ele. — Encontro você lá.

Eu estava um pouco nervoso, mas me inclinei sobre a orelha da sra. O’Leary.

— O.k., garota. Hã, pode me levar para Westport, Connecticut? Para a casa de May Castellan?

A sra. O’Leary farejou o ar. Olhou para a floresta sombria, então saltou adiante, bem na direção de um carvalho.

Um instante antes de o atingirmos, mergulhamos em sombras tão frias quanto o lado escuro da lua.

# SEIS

Meus biscoitos queimam

Não recomendo viagens nas sombras se você tem medo de:

a) Escuro
b) Arrepios de frio na espinha
c) Ruídos estranhos
d) Deslocar-se tão rápido que dá a impressão de que a pele do seu rosto vai se soltar

Em outras palavras, eu achei incrível. Num minuto eu não conseguia ver nada. Só conseguia sentir o pelo da sra. O'Leary e meus dedos envolvendo os elos de bronze de sua coleira.

No minuto seguinte as sombras se dissolveram em um novo cenário. Estávamos em um penhasco nos bosques de Connecticut. Pelo menos me parecia Connecticut, pelas poucas vezes em que estivera lá: muitas árvores, muros baixos de pedra, casas grandes. Descendo um dos lados do penhasco, uma estrada atravessava a garganta. Do outro lado, havia um quintal. A propriedade era imensa — mais terras intocadas do que gramado. A casa era uma construção de dois andares em estilo colonial. Apesar de separada da estrada somente por um morro, dava a impressão de estar no meio do nada. Eu podia ver uma luz brilhando na janela da cozinha. Havia um balanço velho e enferrujado debaixo de uma macieira.

Eu não conseguia imaginar como seria morar numa casa daquelas, com um quintal de verdade e tudo mais. Passara a vida toda entre um apartamento minúsculo e dormitórios de escola. Se aquela foi a casa de Luke, eu me perguntava por que ele quisera ir embora.

A sra. O'Leary cambaleou. Lembrei-me do que Nico dissera sobre a viagem nas sombras deixá-la esgotada, então desci de suas costas. Ela deu um bocejo imenso, mostrando todos os dentes, o que seria capaz de assustar um *T. rex*, então rodopiou e desabou com tanta força que o chão tremeu.

Nico apareceu ao meu lado, como se as sombras tivessem se tornado mais

escuras e originado ele. Tropeçou, mas eu o segurei pelo braço.

— Estou bem — conseguiu dizer, esfregando os olhos.

— Como você fez isso?

— Prática. Algumas vezes, dou de cara com muros. E outras já fui parar na China.

A sra. O'Leary começou a roncar. Não fosse o barulho do trânsito às nossas costas, tenho certeza de que ela teria acordado toda a vizinhança.

— Você também vai tirar um cochilo? — perguntei a Nico.

Ele sacudiu a cabeça.

— Na minha primeira viagem nas sombras, desmaiei por uma semana. Agora só me deixa um pouco tonto, mas não posso fazer isso mais do que uma ou duas vezes por noite. A sra. O'Leary não vai a lugar nenhum por algum tempo.

— Então teremos de aproveitar o tempo aqui em Connecticut. — Olhei para a casa colonial branca. — E agora?

— Tocamos a campainha — disse Nico.

Se eu fosse a mãe de Luke, não teria aberto minha porta à noite para dois garotos estranhos. Mas eu não era *nada* parecido com a mãe de Luke.

Soube disso antes mesmo de chegarmos à porta da frente. A calçada era ladeada por aqueles animaizinhos de pano cheios de feijão que se veem em lojas de presentes. Havia miniaturas de leões, porcos, dragões, hidras e até mesmo um minúsculo minotauro de fraldinha. A julgar por suas tristes formas, as criaturinhas com enchimento de feijão estavam ali fora havia muito tempo — pelo menos desde que a neve derretera na última primavera. Uma das hidras tinha uma arvorezinha brotando entre seus pescoços.

A varanda da frente era repleta de sinos de vento. Pedaços brilhantes de vidro e metal tilintavam com a brisa. Tiras de latão soavam como água e me fizeram perceber que eu precisava ir ao banheiro. Eu não sabia como a sra. Castellan podia suportar todo aquele barulho.

A porta da frente era pintada de azul-turquesa. O nome CASTELLAN estava escrito em letras romanas — e abaixo, também em grego: Διοικητής φρουρίου. .

Nico olhou para mim.

— Pronto?

Ele mal havia batido à porta quando ela se abriu.

— Luke! — a velha senhora gritou, feliz.

Ela parecia alguém que gostava de enfiar os dedos em tomadas elétricas. O cabelo branco se projetava em tufos por toda a cabeça. O vestido simples cor-de-

rosa estava coberto de marcas de queimado e manchas de cinza. Quando sorria, seu rosto parecia artificialmente esticado, e a luz forte em seus olhos me fez conjecturar se ela era cega.

— Ah, meu menino querido! — Ela abraçou Nico. Eu estava tentando descobrir por que ela confundia Nico com Luke (eles não tinham absolutamente nenhuma semelhança), quando ela sorriu para mim e disse: — Luke!

Então, se esqueceu de Nico e me deu um abraço. Cheirava a biscoitos queimados. Era tão magra quanto um espantalho, mas isso não impediu que ela quase me esmagasse.

— Entre! — insistiu ela. — Seu almoço está pronto!

Ela nos fez entrar. A sala de estar era ainda mais estranha que o gramado da frente da casa. Espelhos e velas ocupavam cada espaço disponível. Eu não conseguia olhar para lugar nenhum sem ver meu próprio reflexo. Acima do console da lareira um pequeno Hermes de bronze voava no ponteiro de segundos de um relógio. Tentei imaginar o deus dos mensageiros um dia se apaixonando por aquela senhora, mas a ideia era bizarra demais.

Então, percebi o retrato emoldurado na lareira e fiquei paralisado. Era exatamente igual ao desenho de Rachel — Luke com uns nove anos, de cabelos louros e um amplo sorriso que revelava a falha de dois dentes. Sem a cicatriz seu rosto era o de uma pessoa diferente — despreocupada e feliz. Como Rachel poderia saber dessa foto?

— Por aqui, meu querido! — A sra. Castellan me conduziu para os fundos da casa. — Ah, eu disse a eles que você voltaria. Eu sabia!

Ela nos acomodou à mesa da cozinha. Empilhados sobre a bancada havia centenas — e eu quero dizer centenas mesmo — de potes plásticos com sanduíches de manteiga de amendoim e geleia. Os de baixo estavam verdes e bolorentos, como se estivessem ali fazia muito tempo. O cheiro me fazia lembrar dos armários da escola na sexta série — o que não era nada bom.

Em cima do forno havia uma pilha de tabuleiros. Cada um deles continha dúzias de biscoitos queimados. Na pia, via-se uma montanha de jarros plásticos de suco instantâneo, vazios. Uma medusa com enchimento de feijões postava-se ao lado da torneira, como se estivesse guardando aquela bagunça.

A sra. Castellan começou a assoviar enquanto pegava manteiga de amendoim e geleia e fazia um novo sanduíche. Alguma coisa estava queimando no forno. Tive o pressentimento de que havia mais biscoitos a caminho.

Acima da pia, coladas com fita adesiva em volta de toda a janela, viam-se dezenas de figurinhas recortadas de anúncios de revistas e jornais — imagens de Hermes do logo da Flores Expressas e dos Limpadores a Jato, imagens de

caduceus de anúncios médicos.

Meu coração se apertou. Eu queria sair daquele lugar, mas a sra. Castellan continuava a sorrir para mim enquanto fazia o sanduíche, como se estivesse se certificando de que eu não iria escapar.

Nico tossiu.

— Hã, sra. Castellan?

— Hein?

— Precisamos lhe fazer algumas perguntas sobre seu filho.

— Ah, sim! Eles disseram que ele nunca mais voltaria. Mas eu sabia que não seria assim. — Ela deu palmadinhas afetuosas na minha bochecha, deixando-me com vestígios de manteiga de amendoim no rosto.

— Qual foi a última vez em que o viu? — perguntou Nico.

Os olhos dela perderam o foco.

— Ele era tão novinho quando foi embora — disse, melancólica. — Terceira série. Isso é muito jovem para fugir! Disse que voltaria para o almoço. E eu esperei. Ele gosta de sanduíche de manteiga de amendoim e de biscoitos. Vai voltar para o almoço em breve… — Então, ela olhou para mim e sorriu. — Ora, Luke, aí está você! Está tão bonito. Tem os olhos do seu pai.

Ela se voltou para as imagens de Hermes acima da pia.

— Aí está um bom homem. De verdade. Às vezes ele vem me visitar, sabe?

O relógio continuava tiquetaqueando na outra sala. Limpei a manteiga de amendoim do meu rosto e olhei para Nico, suplicante, como se dissesse: *Podemos dar o fora daqui agora?*

— Senhora — disse Nico. — O que… hã… o que aconteceu com seus olhos?

O olhar dela parecia fragmentado — como se ela estivesse tentando encontrar o foco em um caleidoscópio.

— Ora, Luke, você conhece a história. Foi um pouco antes de você nascer, não foi? Eu sempre fui especial, conseguia ver através da… sei lá como chamam.

— A Névoa? — perguntei.

— Sim, querido. — Ela assentiu. — E me ofereceram um trabalho importante. De tão especial que eu era!

Olhei para Nico, mas ele parecia tão confuso quanto eu.

— Que tipo de trabalho? — perguntei. — O que aconteceu?

A sra. Castellan franziu a testa. A faca pairava acima do pão.

— Meu Deus, não deu certo, não foi? Seu pai me advertiu de que não deveria tentar. Disse que era perigoso demais. Mas eu precisava. Era meu destino! E

agora… Eu ainda não consigo tirar as imagens da minha cabeça. Elas fazem tudo parecer tão vago… Querem uns biscoitos?

Ela puxou um tabuleiro do forno e despejou uma dúzia de torrões de carvão com gotas de chocolate sobre a mesa.

— Luke era tão generoso — murmurou a sra. Castellan. — Ele foi embora para me proteger, sabe? Disse que se fosse embora os monstros não me ameaçariam. Mas eu disse a ele que os monstros não são nenhuma ameaça! Eles ficam na calçada, do lado de fora, o dia todo, e nunca entram. — Ela pegou a pequena Medusa recheada de feijões do peitoril da janela. — Não é, sra. Medusa? Não, não, nenhuma ameaça, em absoluto. — Ela sorriu para mim. — Estou tão feliz que tenha voltado para casa! Eu sabia que não tinha vergonha de mim!

Mudei de posição na cadeira. Pensei como seria ser Luke sentado naquela cadeira, com oito ou nove anos de idade, começando a perceber que minha mãe era pirada.

— Sra. Castellan — disse eu.

— Mamãe — corrigiu ela.

— Hã, sim. A senhora tornou a ver Luke depois que ele saiu de casa?

— Ora, é claro!

Eu não sabia se ela estava imaginando aquilo. Pelo que dava para ver, todas as vezes que o carteiro batia à porta, era Luke. Mas Nico sentou-se na ponta da cadeira, em expectativa.

— Quando? — perguntou ele. — Quando foi a última vez que Luke a visitou?

— Bem, foi… ah, meu Deus… — Uma sombra atravessou seu rosto. — Da última vez ele parecia tão diferente. Uma cicatriz. Uma cicatriz terrível, e havia dor em sua voz…

— Os olhos dele — disse eu. — Estavam dourados?

— Dourados? — Ela piscou. — Não. Que bobagem. Luke tem olhos azuis. Lindos olhos azuis!

Então Luke tinha mesmo estado ali, e isso fora antes do último verão… antes de ele ter se transformado em Cronos.

— Sra. Castellan? — Nico pousou a mão no braço da velha senhora. — Isto é muito importante. Ele pediu algo à senhora?

Ela franziu a testa, como se tentasse se lembrar.

— Minha… minha bênção. Não é encantador? — Ela nos olhou em dúvida. — Ele estava indo para um rio e disse que precisava da minha bênção. E eu lhe dei. É claro que dei.

Nico me olhou, triunfante.

— Obrigado, senhora. Essa é toda a informação que…

A sra. Castellan arquejou. Curvou-se para a frente, e o tabuleiro de biscoitos caiu com um estrondo no chão. Nico e eu nos pusemos de pé em um pulo.

— Sra. Castellan? — chamei.

— *AHHHH*. — Ela se endireitou.

Eu saí correndo e quase caí por cima da mesa da cozinha, porque os olhos dela… os olhos dela emitiam uma luminosidade verde.

— *Meu filho*. — Ela falava com uma voz áspera e muito mais grave. — *Preciso protegê-lo! Hermes, socorro! O meu filho, não! O destino dele… não!*

Ela agarrou Nico pelos ombros e começou a sacudi-lo, como se quisesse fazê-lo entender.

— *O destino dele… não!*

Nico deu um grito estrangulado e a afastou com um empurrão. Então, agarrou o punho de sua espada.

— Percy, precisamos sair…

De repente, a sra. Castellan desabou. Saltei para a frente e segurei-a antes que ela batesse na quina da mesa. Consegui colocá-la sentada em uma cadeira.

— Sra. C? — chamei.

Ela murmurou algo incompreensível e sacudiu a cabeça.

— Meu Deus. Eu… eu deixei cair os biscoitos. Que tolice a minha.

Ela piscou, e seus olhos voltaram ao normal — ou, pelo menos, ao que eram antes. O brilho esverdeado havia desaparecido.

— A senhora está bem? — perguntei.

— Ora, é claro, meu bem. Estou ótima. Por que pergunta?

Olhei para Nico, cujos lábios esboçaram a palavra *Saia*.

— Sra. C, estava nos contando uma coisa — disse eu. — Algo sobre seu filho.

— Estava? — perguntou ela, sonhadora. — Ah, sim, seus olhos azuis. Estávamos falando sobre seus olhos azuis. Um garoto tão bonito!

— Precisamos ir — disse Nico, em tom de urgência. — Vamos dizer a Luke… hã, vamos dizer a ele que a senhora mandou lembranças.

— Mas você não pode ir embora!

A sra. Castellan levantou-se, trêmula, e eu recuei. Sentime um tolo por ter medo de uma velha frágil, mas a maneira como sua voz havia mudado, a forma como ela havia agarrado Nico… — Hermes vai chegar daqui a pouco — garantiu ela. — Ele vai querer ver seu garoto!

— Talvez da próxima vez — falei. — Obrigado por… — Baixei os olhos para os biscoitos queimados espalhados pelo chão. — Obrigado por tudo.

Ela tentou nos deter, nos oferecer suco, mas eu precisava sair daquela casa. Na varanda da frente, ela agarrou meu pulso, e eu quase morri de medo.

— Luke, ao menos fique em segurança. Prometa que ficará em segurança.

— Vou ficar… mamãe.

Isso a fez sorrir. Ela soltou meu pulso, e enquanto fechava a porta eu podia ouvi-la falando com as velas:

— Ouviram isso? Ele vai ficar em segurança. Eu disse a vocês que ele ficaria!

Quando a porta se fechou, Nico e eu corremos. Os animaizinhos com enchimento de feijão na calçada pareciam sorrir quando passamos.

De volta ao penhasco, vimos que a sra. O'Leary tinha feito uma amizade.

Uma fogueira aconchegante crepitava em um círculo de pedras. Uma garota de uns oito anos estava sentada de pernas cruzadas ao lado da sra. O'Leary, coçando as orelhas da cadela infernal.

A garota tinha cabelos castanhos e usava um vestido marrom simples. Na cabeça tinha um lenço, o que a fazia parecer uma criança da época dos pioneiros — como o fantasma de *Uma casa na campina* ou algo no gênero. Ela usava um graveto para remexer o fogo, que parecia brilhar com um vermelho mais intenso que um fogo normal.

— Olá — disse ela.

Meu primeiro pensamento foi: monstro. Quando você é um semideus e encontra uma doce garotinha sozinha na floresta, esse costuma ser um bom momento para puxar sua espada e atacar. Além disso, o encontro com a sra. Castellan havia me abalado bastante.

Nico, porém, curvou-se para a garotinha.

— Olá novamente, senhora.

Ela me examinou com olhos tão vermelhos quanto as chamas da fogueira. Concluí que era mais seguro me curvar diante dela também.

— Sente-se, Percy Jackson — disse ela. — Gostaria de jantar?

Depois de ficar olhando para sanduíches de manteiga de amendoim mofados e biscoitos queimados, eu não estava com muito apetite, mas a garotinha agitou a mão e um piquenique surgiu perto do fogo. Havia travessas de rosbife, batatas assadas, cenouras na manteiga, pão fresco, e mais um monte de outras coisas que eu não comia fazia muito tempo. Meu estômago roncou. Era o tipo de refeição caseira que as pessoas deviam preparar, mas nunca faziam isso. A garotinha fez um biscoito de cachorro de um metro e meio aparecer para a sra. O'Leary, que, feliz, começou a despedaçá-lo.

Sentei-me ao lado de Nico. Pegamos a comida, e eu estava prestes a atacá-la quando mudei de ideia.

Joguei parte da minha refeição nas chamas, da forma como fazemos no acampamento.

— Para os deuses — disse eu.

A garotinha sorriu.

— Obrigada. Como guardiã das chamas, fico com uma parte de cada sacrifício, sabe?

— Agora eu a estou reconhecendo — eu disse. — A primeira vez que cheguei ao acampamento, você estava sentada junto à fogueira, no meio da área comum.

— Você não parou para falar — lembrou a garota com tristeza. — Aliás, a maioria faz isso. Nico conversou comigo. Foi o primeiro em muitos anos. Todos correm de um lado para o outro. Não têm tempo para uma visita à família.

— Você é Héstia — disse eu. — Deusa da lareira.

Ela assentiu.

O.k. Então, ela aparentava oito anos de idade. Não perguntei. Eu sabia que os deuses podem ter a aparência que quiserem.

— Minha senhora, por que não está com os outros olimpianos, combatendo Tifão? — perguntou Nico.

— Não sou muito de lutar.

Seus olhos vermelhos bruxuleavam. Percebi que não estavam apenas refletindo as chamas. Eles eram cheios de chamas, mas não como os de Ares. Os olhos de Héstia eram calorosos e aconchegantes.

— Além disso — disse ela —, alguém tem de manter o fogo aceso nas casas enquanto os outros deuses estão fora.

— Então você está guardando o Monte Olimpo? — perguntei.

— “Guardando” pode ser uma palavra muito forte. Mas se algum dia você precisar de um lugar quente para se sentar e de uma refeição caseira, será bem-vindo. Agora coma.

Meu prato estava vazio antes que eu me desse conta. Nico engoliu sua comida com a mesma rapidez.

— Estava ótimo — falei. — Obrigado, Héstia.

Ela assentiu.

— Fez uma boa visita a May Castellan?

Por um momento eu havia quase esquecido a velha senhora com seus olhos brilhantes e seu sorriso maníaco, a maneira como subitamente parecera possuída.

— O que exatamente há de errado com ela? — perguntei.

— Ela nasceu com um dom — contou Héstia. — Era capaz de ver através da Névoa.

— Como minha mãe — falei. E também estava pensando: *Como Rachel*. — Mas aquela coisa dos olhos brilharem…

— Alguns suportam a maldição da visão melhor que outros — disse a deusa com tristeza. — Durante algum tempo, May Castellan teve muitos talentos. E atraiu a atenção do próprio Hermes. Tiveram um lindo menino. Por um breve período, ela foi feliz. E, então, foi longe demais.

Lembrei-me do que a sra. Castellan dissera: *E me ofereceram um trabalho importante… Não funcionou.* Perguntei-me que tipo de trabalho deixaria alguém daquele jeito.

— Num minuto ela estava toda feliz — disse eu. — E, no outro, estava delirando sobre o destino do filho, como se soubesse que ele havia se transformado em Cronos. O que aconteceu para… para dividi-la daquele jeito?

O rosto da deusa tornou-se sombrio.

— Essa é uma história que não gosto de contar. Mas May Castellan viu demais. Se quiser entender seu inimigo Luke, precisa entender sua família.

Pensei nas tristes imagens de Hermes coladas com fita adesiva acima da pia de May Castellan. E me perguntei se ela já seria tão louca quando Luke era pequeno. Aquele surto e os olhos verdes poderiam ter assustado de verdade um garoto de nove anos. E se Hermes nunca tivesse aparecido, se tivesse deixado Luke sozinho com a mãe aqueles anos todos…

— Não é de admirar que Luke tenha fugido — disse eu. — Quer dizer, não foi certo deixar a mãe daquela forma, mas… ele era apenas um menino. Hermes não deveria tê-los abandonado.

Héstia coçou as orelhas da sra. O'Leary. O cão infernal abanou o rabo e acidentalmente derrubou uma árvore.

— É fácil julgar os outros — advertiu Héstia. — Mas você vai mesmo seguir os passos de Luke? Vai buscar os mesmos poderes?

Nico deixou o prato no chão.

— Não temos escolha, minha senhora. É a única maneira de Percy ter uma chance.

— Hummm. — Héstia abriu a mão e o fogo rugiu. As chamas subiram dez metros. Senti o calor em meu rosto. Então, o fogo diminuiu, voltando ao normal. — Nem todos os poderes são espetaculares. — Héstia olhou para mim. — Às vezes o poder mais difícil de dominar é o poder de ceder. Acredita em mim?

— Hã-hã — falei. Qualquer coisa que evitasse que ela acionasse seus poderes de fogo novamente.

A deusa sorriu.

— Você é um bom herói, Percy Jackson. Não é orgulhoso demais. Gosto disso. Mas tem muito a aprender. Quando Dioniso foi feito deus, eu cedi meu trono para ele. Era a única maneira de evitar uma guerra civil entre os deuses.

— Isso desequilibrou o Conselho — lembrei. — De repente, eram sete homens e cinco mulheres.

Héstia deu de ombros.

— Foi a melhor solução, não uma solução perfeita. Agora eu cuido do fogo. Fui aos poucos desaparecendo no cenário. Ninguém jamais escreverá poemas épicos sobre os feitos de Héstia. A maioria dos semideuses nem sequer se digna a falar comigo. Mas isso não é problema. Eu mantenho a paz. Cedo quando necessário. Você é capaz de fazer isso?

— Não entendo o que está querendo dizer.

Ela me observou atentamente.

— Talvez ainda não. Mas em breve saberá. Você vai continuar sua busca?

— É essa a razão de você estar aqui… para me aconselhar a não ir?

Héstia sacudiu a cabeça.

— Estou aqui porque, quando tudo mais dá errado, quando todos os outros deuses poderosos partem para a guerra, sou o que resta. O lar. A lareira. Sou o último olimpiano. Você deve se lembrar de mim quando enfrentar sua decisão final.

Não gostei da forma como ela disse *final*.

Olhei para Nico, então voltei-me para o olhar de brilho cálido de Héstia.

— Preciso continuar, minha senhora. Tenho de deter Luke… quer dizer, Cronos.

Héstia assentiu.

— Muito bem. Não poderei ser de muita ajuda além do que já lhe disse. Mas, como você me ofereceu um sacrifício, posso mandá-lo de volta a seu lar. Verei você de novo, Percy, no Olimpo.

Seu tom era agourento, como se nosso próximo encontro não fosse ser feliz.

A deusa fez um aceno com a mão, e tudo desapareceu.

De repente, eu estava em casa. Nico e eu estávamos sentados no sofá, no apartamento de minha mãe no Upper East Side, em Nova York. Essa era a boa notícia. A má notícia, porém, era que o restante da sala estava ocupada pela sra. O’Leary.

Ouvi um grito abafado vindo do quarto. A voz de Paul perguntou:

— Quem pôs esta parede de pelo na frente da porta?

— Percy? — chamou minha mãe. — Você está aí? Você está bem?

— Estou aqui! — gritei de volta.

— AU! — A sra. O'Leary tentou se virar à procura de minha mãe, derrubando todos os quadros da parede. Ela só viu minha mãe uma vez (uma longa história), mas a adora.

Foram necessários alguns minutos, mas finalmente conseguimos ajeitar as coisas. Depois de destruir a maior parte da mobília da sala e provavelmente deixar os vizinhos enfurecidos, conseguimos tirar meus pais do quarto e levá-los para a cozinha, onde nos sentamos em torno da mesa. A sra. O'Leary ainda ocupava toda a sala de estar, mas havia acomodado a cabeça no vão da porta da cozinha, de modo a poder nos ver, o que a deixava feliz. Mamãe jogou-lhe um pacote de cinco quilos de carne moída, que lhe desceu goela abaixo de uma só vez. Paul serviu limonada a todos enquanto eu explicava sobre nossa visita a Connecticut.

— Então é verdade. — Paul me olhava como se nunca tivesse me visto. Estava vestido com seu roupão branco, agora coberto de pelo da cadela infernal, e seus cabelos grisalhos estavam arrepiados em todas as direções. — Toda aquela conversa sobre monstros e semideuses… é mesmo verdade.

Fiz que sim com a cabeça. No outono passado eu tinha explicado a Paul quem eu era. Minha mãe havia confirmado minhas palavras. Mas até esse momento não creio que ele tivesse de fato acreditado em nós.

— Desculpe a sra. O'Leary ter destruído a sala e tudo mais falei.

Paul riu como se estivesse encantado.

— Você está brincando? Isso é incrível! Sabe, quando vi as marcas dos cascos no Prius, pensei que talvez fosse verdade. Mas isto!

Ele deu um tapinha no focinho da sra. O'Leary. A sala se sacudiu — BUM, BUM, BUM —, o que queria dizer que uma equipe da SWAT estava derrubando a porta ou a sra. O'Leary estava abanando o rabo.

Não pude deixar de sorrir. Paul era um cara bem legal, mesmo sendo meu professor de inglês e meu padrasto.

— Obrigado por não pirar — falei.

— Ah, mas eu estou pirado — garantiu ele, os olhos arregalados. — Acho isso tudo simplesmente incrível!

— É, bem — disse eu —, talvez você não fique tão animado quando souber o que está acontecendo.

Contei a Paul e à minha mãe sobre Tifão, os deuses e a batalha iminente. Então, falei sobre o plano de Nico.

Minha mãe entrelaçou os dedos em torno do copo de limonada. Ela estava vestida com seu velho roupão azul de flanela, e seus cabelos estavam para trás, presos. Ela começara a escrever um romance recentemente, como havia anos queria fazer, e dava para ver que vinha trabalhando nele até tarde da noite, pois suas olheiras estavam mais escuras que de hábito.

Atrás dela, na janela da cozinha, o enlace lunar prateado brilhava na jardineira. Eu trouxera a planta mágica da ilha de Calipso no último verão, e ela florescia enlouquecidamente sob os cuidados de minha mãe. Aquele aroma sempre me acalmava, mas também me deixava triste, porque me lembrava de amigos perdidos.

Mamãe respirou fundo, como se estivesse pensando em como me dizer não.

— Percy, é perigoso — disse ela. — Mesmo para você.

— Mãe, eu sei. Eu posso morrer. Nico deixou isso claro. Mas se não tentarmos…

— Todos nós vamos morrer — afirmou Nico. Ele nem tocara em sua limonada. — Sra. Jackson, não temos a menor chance contra uma invasão. E *vai* haver uma invasão.

— Uma invasão a Nova York? — perguntou Paul. — Isso é possível? Como poderíamos não ver os… os monstros?

Ele disse a palavra como se ainda não pudesse acreditar que fosse real.

— Eu não sei — admiti. — Não vejo como Cronos poderia marchar sobre Nova York, mas a Névoa é forte. Tifão está atravessando o país neste momento, arrasando tudo em seu caminho, e os mortais acham que se trata de uma tempestade.

— Sra. Jackson — disse Nico —, Percy precisa da sua bênção. O processo *tem* de começar dessa forma. Eu não tinha certeza até falarmos com a mãe de Luke, mas agora sei. Isso só foi feito com sucesso duas vezes antes. Em ambas as ocasiões, a mãe teve de dar sua bênção. Foi preciso que estivesse disposta a deixar o filho correr o risco.

— Você quer que eu dê minha bênção para isso? — Ela sacudiu a cabeça. — É loucura. Percy, por favor…

— Mãe, não vou conseguir sem você.

— E se você sobreviver a esse… esse *processo*?

— Então vou para a guerra — disse eu. — Eu contra Cronos. E apenas um de nós vai sobreviver.

Não contei a ela a profecia completa, sobre a minha alma ceifada e o fim dos meus dias. Ela não precisava saber que eu provavelmente estava condenado. Minha única esperança era deter Cronos e salvar o restante do mundo antes de

morrer.

— Você é meu filho — disse ela, infeliz. — Eu não posso simplesmente…

Eu sabia que teria de pressionar mais minha mãe se quisesse que ela concordasse, mas não queria fazer isso. Lembrei-me da pobre sra. Castellan em sua cozinha, à espera de que o filho voltasse para casa. E percebi como eu tinha sorte. Minha mãe sempre estivera ao meu lado, sempre tentara me dar uma vida normal, mesmo com os deuses, os monstros e tudo. Ela tolerava as minhas aventuras, mas agora eu estava pedindo sua bênção para fazer algo que provavelmente me mataria.

Meu olhar encontrou o de Paul, e alguma espécie de entendimento aconteceu entre nós.

— Sally. — Ele pôs a mão sobre as mãos de minha mãe. — Não posso dizer que saiba o que você e Percy têm passado todos esses anos. Mas me parece… me parece que Percy está tendo uma atitude nobre. Eu gostaria de ter tanta coragem.

Fiquei com um nó na garganta. Não recebia muitos elogios desse tipo.

Minha mãe fixou os olhos em seu copo de limonada. Parecia estar se esforçando para não chorar. Pensei no que Héstia dissera, no quanto era difícil ceder, e deduzi que minha mãe devia estar descobrindo isso.

— Percy — disse ela afinal —, eu lhe dou minha bênção.

Não me senti diferente em nada. Nenhum brilho mágico iluminou a cozinha.

Olhei para Nico.

Ele parecia mais ansioso do que nunca, mas assentiu.

— Já é hora.

— Percy — minha mãe disse. — Uma última coisa. Se você… se você sobreviver a essa luta com Cronos, me mande um sinal. — Ela vasculhou a bolsa e me entregou seu celular.

— Mãe — comecei —, você sabe que semideuses e telefones…

— Eu sei — disse ela. — Mas, em todo caso… Se não puder ligar… quem sabe um sinal que eu possa ver de qualquer lugar de Manhattan? Para que eu saiba que você está bem.

— Como Teseu — sugeriu Paul. — Ele deveria levantar velas brancas quando voltasse para Atenas.

— Só que ele esqueceu — murmurou Nico. — E seu pai saltou do telhado do palácio em desespero. Mas, afora isso, era uma ótima ideia.

— Que tal uma bandeira ou um sinal luminoso? — sugeriu mamãe. — Do Olimpo… do Empire State Building.

— Algo azul — disse eu.

Havia anos tínhamos uma brincadeira sobre comida azul. Era minha cor favorita, e minha mãe fazia de tudo para me deixar feliz. Todos os meus bolos de aniversário, as cestas de Páscoa, os doces de Natal, tudo sempre tinha de ser azul.

— Sim — concordou mamãe. — Vou esperar um sinal azul. E vou tentar evitar pular de telhados de palácios.

Ela me deu um último abraço. Tentei não me sentir como se estivesse dizendo adeus. Apertei a mão de Paul. Então, Nico e eu fomos até a porta da cozinha e olhamos a sra. O'Leary.

— Desculpe, garota — falei. — Chegou a hora de viajar pelas sombras outra vez.

Ela choramingou e cruzou as patas sobre o focinho.

— Para onde agora? — perguntei a Nico. — Los Angeles?

— Não é preciso — respondeu ele. — Tem uma entrada mais próxima para o Mundo Inferior.

# SETE

Minha professora de matemática me dá uma carona Aparecemos no Central Park, bem ao norte de The Pond. A sra. O'Leary parecia bastante cansada ao caminhar mancando até um monte de pedras grandes e arredondadas. Ela começou a farejar por ali, e eu temi que fosse demarcar seu território, mas Nico disse: — Tudo bem. Ela só está sentindo o cheiro do caminho de casa.

Franzi a testa.

— Por entre as pedras?

— O Mundo Inferior tem duas entradas principais — disse Nico. — Você conhece a de Los Angeles.

— O barco de Caronte.

Nico assentiu.

— A maioria das almas vai por aquele caminho, mas existe uma passagem menor, mais difícil de encontrar. A Porta de Orfeu.

— O camarada com a harpa.

— O camarada com a lira — corrigiu Nico. — Mas, sim, é ele. Usou sua música para encantar a terra e abrir uma nova passagem para o Mundo Inferior. Abriu caminho cantando até o palácio de Hades e quase escapou com a alma da mulher dele.

Eu me lembrava da história. Orfeu não devia olhar para trás enquanto guiava sua mulher de volta ao mundo, mas é claro que olhou. Era uma daquelas típicas histórias de "E, então, eles morreram. Fim" que sempre deixavam os semideuses muito sentimentais.

— Então essa é a Porta de Orfeu. — Tentei me mostrar impressionado, mas aquilo ainda parecia uma pilha de pedras. — Como é que se abre?

— Precisamos de música — disse Nico. — Que tal você cantando?

— Hã, não. Você não pode simplesmente, assim, mandar que isso se abra? Afinal, você é o filho de Hades.

— Não é assim tão fácil. Precisamos de música.

Eu tinha certeza de que se tentasse cantar tudo o que conseguiria era provocar uma avalanche.

— Tenho uma ideia melhor. — Virei-me e gritei: — GROVER!

Esperamos muito tempo. A sra. O'Leary se enroscou e tirou uma soneca. Eu podia ouvir os grilos na floresta e uma coruja piando. O trânsito zumbia ao longo da Central Park West. Cascos de cavalo ressoavam em uma trilha próxima, talvez uma patrulha da polícia montada. Eu tinha certeza de que eles adorariam encontrar dois garotos perambulando pelo parque à uma da manhã.

— Não vai adiantar — disse Nico, por fim.

Mas eu tinha um pressentimento. Meu elo de empatia estava formigando de verdade pela primeira vez em meses, o que significava que um monte de gente havia subitamente sintonizado o Nature Channel ou Grover estava por perto.

Fechei os olhos e me concentrei. *Grover*.

Eu sabia que ele estava em algum lugar do parque. Por que não conseguia pressentir suas emoções? Tudo que sentia era um leve zumbido na base do crânio.

*Grover*, pensei com mais insistência.

*Humm-hummmm*, respondeu alguma coisa.

Uma imagem surgiu em minha mente. Vi um olmo gigante bem no meio do bosque, afastado das trilhas principais. Raízes retorcidas se entrelaçavam, formando uma espécie de cama. Deitado nela com os braços cruzados e os olhos fechados estava um sátiro. A princípio eu não tinha certeza se era Grover. Ele estava coberto de galhos e folhas, como se estivesse dormindo ali havia muito tempo. As raízes pareciam estar tomando a forma de seu contorno, puxando-o lentamente para dentro da terra.

*Grover*, disse eu. *Acorde*.

*Annnh… zzzzz.*

*Cara, você está coberto de terra. Acorde!*

*Com sono*, murmurou sua mente.

*COMIDA*, sugeri. *PANQUECAS!*

Seus olhos se abriram de repente. Um amontoado de pensamentos encheu minha cabeça, como se de repente ele estivesse no modo *fast-forward*. A imagem se desfez, e eu quase caí.

— O que aconteceu? — perguntou Nico.

— Consegui contato com ele. Ele… sim, está a caminho.

Um minuto depois, a árvore ao nosso lado tremeu. Grover caiu de cabeça do meio dos galhos.

— Grover! — gritei.

— *AU!* — A sra. O'Leary levantou a cabeça, provavelmente se perguntando se íamos brincar de pegar com o sátiro.

— Béé-éé-éé! — baliu Grover.

— Tudo bem, cara?

— Ah, estou bem. — Ele esfregou a cabeça. Seus chifres haviam crescido tanto que se projetavam mais de dois centímetros acima dos cabelos encaracolados. — Eu estava do outro lado do parque. As dríades tiveram essa ótima ideia de me passar através das árvores para me fazer chegar até aqui. Elas não entendem muito bem essa coisa de *altura*.

Ele sorriu e pôs os pés no chão — bem, na verdade, os *cascos*. Desde o último verão, Grover tinha parado de tentar se disfarçar de humano. Não usava mais o boné nem os pés falsos. Não usava mais nem mesmo o jeans, já que suas pernas de bode eram peludas. Sua camiseta tinha uma ilustração daquele livro *Onde vivem os monstros*. Estava coberta de terra e seiva de árvore. Sua barbicha parecia mais cheia, quase igual à de um homem (ou bode?) adulto, e ele agora estava tão alto quanto eu.

— Que bom ver você, garoto bode — disse eu. — Lembra-se de Nico?

Grover dirigiu um cumprimento de cabeça a Nico, então me deu um forte abraço. Ele cheirava a grama recém-aparada.

— Perrrrcy! — berrou. — Senti sua falta! Sinto falta do acampamento. Na natureza não servem *enchiladas* muito boas.

— Eu estava preocupado — falei. — Onde se meteu nos últimos dois meses?

— Nos últimos dois… — O sorriso de Grover desapareceu. — Nos últimos *dois meses*? Do que você está falando?

— Não tivemos notícias suas — disse eu. — Juníper está preocupada. Mandamos mensagens de Íris, mas…

— Espere. — Ele olhou para as estrelas no céu, como se estivesse tentando calcular sua posição. — Em que mês estamos?

— Agosto.

Seu rosto ficou sem cor.

— Impossível. É junho. Eu só me deitei para tirar um cochilo e… — Ele agarrou meus braços. — Agora lembro! Ele me apagou. Percy, precisamos detê-lo!

— Uau! — falei. — Acalme-se. Conte o que aconteceu.

Ele respirou fundo.

— Eu estava… estava andando no bosque perto de Harlem Meer. Então, senti um tremor no chão, como se alguma força poderosa estivesse por perto.

— Você pressente essas coisas? — perguntou Nico.

Grover assentiu.

— Desde a morte de Pã, posso sentir quando algo está errado na natureza. É como se meus ouvidos e meus olhos ficassem mais aguçados quando estou no meio da vida selvagem. Bem, comecei a farejar o rastro. Havia um homem com um sobretudo preto caminhando pelo parque, e percebi que ele não tinha sombra. Estávamos no meio de um dia de sol, e ele não fazia sombra. E parecia tremeluzir ao andar.

— Como uma miragem? — perguntou Nico.

— É — concordou Grover. — E sempre que passava pelos humanos…

— Os humanos desmaiavam — completou Nico. — Se enroscavam e adormeciam.

— Isso mesmo! E depois que ele passava eles se levantavam e seguiam seu caminho, como se nada tivesse acontecido.

Olhei para Nico.

— Você conhece esse cara de preto?

— Receio que sim — disse Nico. — Grover, o que aconteceu?

— Segui o sujeito. Ele ficava olhando os edifícios em torno do parque como se estivesse fazendo estimativas ou algo assim. Uma mulher passou correndo por ele… Caiu enroscada na calçada e começou imediatamente a roncar. O homem de preto pôs a mão na testa dela, como se estivesse verificando sua temperatura. Então, continuou andando. A essa altura eu já sabia que se tratava de um monstro ou de algo ainda pior. Eu o segui até aquela alameda, até a base de um grande olmo. Estava prestes a convocar algumas dríades para me ajudar a capturá-lo quando ele se virou e… — Grover engoliu em seco. — Percy, o rosto dele… Eu não conseguia distinguir seu rosto, porque ele ficava mudando. O simples fato de olhá-lo me fez sentir sono. Perguntei: “O que está fazendo?” Ele respondeu: “Só estou dando uma olhada por aí. É preciso fazer o reconhecimento de campo antes da batalha.” Respondi algo muito inteligente, do tipo: “Esta floresta está sob minha proteção. Você não vai começar nenhuma batalha aqui!” E ele riu e disse: “Tem sorte de eu estar poupando minha energia para o evento principal, seu satirozinho. Só vou lhe conceder um cochilo. Tenha bons sonhos.” E essa é a última coisa de que me recordo.

Nico respirou fundo.

— Grover, você encontrou Morfeu, o deus dos sonhos. Tem sorte de ter acordado.

— Dois meses — gemeu Grover. — Ele me pôs para dormir por dois meses!

Tentei entender o que aquilo significava. Agora fazia sentido não termos conseguido fazer contato com Grover por tanto tempo.

— Por que as ninfas não tentaram acordá-lo? — perguntei.

Grover deu de ombros.

— A maioria das ninfas não é boa com a questão do tempo. Dois meses para uma árvore… isso não é nada. Provavelmente, acharam que não havia nada de errado.

— Precisamos descobrir o que Morfeu estava fazendo no parque — falei. — Não estou gostando desse negócio de “evento principal” de que ele falou.

— Ele está trabalhando para Cronos — disse Nico. — Já sabemos disso. Muitos dos deuses menores estão. Isso só prova que vai haver uma invasão. Percy, temos de prosseguir com nosso plano.

— Espere — disse Grover. — Que plano?

Contamos a ele, e Grover começou a puxar com força os pelos da perna.

— Vocês não estão falando sério — disse ele. — O Mundo Inferior novamente, não.

— Não estou pedindo que você venha, cara. Sei que acabou de acordar. Mas precisamos de um pouco de música para abrir a porta. Você toca?

Grover pegou a flauta de bambu.

— Acho que posso tentar. Conheço algumas canções do Nirvana capazes de rachar pedras. Mas, Percy, você tem certeza de que quer fazer isso?

— Por favor — falei. — É muito importante. Pelos velhos tempos?

Ele choramingou.

— Pelo que me lembro, nos velhos tempos, muitas vezes, nós quase morremos. Mas, tudo bem, vamos lá.

Ele levou a flauta aos lábios e tocou uma melodia aguda e animada. As rochas tremeram. Algumas *stanzas* mais e elas se abriram, revelando uma fenda triangular.

Espiei lá dentro. Degraus desciam para a escuridão. O ar cheirava a mofo e morte, e trouxe más recordações de minha viagem pelo Labirinto no ano anterior. Este túnel, porém, parecia ainda mais perigoso. Levava direto à terra de Hades, e quase sempre essa era uma viagem só de ida.

Voltei-me para Grover.

— Obrigado… acho.

— Perrrrcy, Cronos vai mesmo invadir?

— Gostaria de poder lhe dar outra resposta, mas sim. Vai.

Pensei que Grover fosse mastigar sua flauta de tanta ansiedade, mas ele se endireitou e limpou a camiseta com as mãos. Não pude deixar de pensar no quanto ele era diferente do velho e gordo Leneu.

— Preciso convocar os espíritos da natureza, então. Talvez possamos ajudar. Vou ver se consigo achar esse Morfeu!

— É melhor você dizer a Juníper que está bem.

Os olhos dele se arregalaram.

— Juníper! Ah, ela vai me matar!

Ele começou a correr, então voltou em disparada e me deu outro abraço.

— Tome cuidado lá embaixo! Volte vivo!

Assim que ele se foi, Nico e eu acordamos a sra. O'Leary de seu cochilo.

Quando ela sentiu o cheiro do túnel, ficou animada e desceu a escada à nossa frente. Era um espaço bastante apertado. Torci para que ela não ficasse entalada. Não podia imaginar de quanto desentupidor precisaríamos para soltar um cão infernal entalado em um túnel para o Mundo Inferior.

— Pronto? — perguntou-me Nico. — Vai dar tudo certo. Não se preocupe.

Ele parecia estar tentando convencer a si mesmo.

Olhei para as estrelas, perguntando-me se voltaria a vê-las outra vez. Então, mergulhamos na escuridão.

Os degraus eram intermináveis — estreitos, íngremes e escorregadios. Estava completamente escuro, exceto pela claridade da minha espada. Eu tentava ir devagar, mas a sra. O'Leary tinha outros planos. Ela saltitava, latindo feliz. O som ecoava no túnel como disparos de canhões, e deduzi que não iríamos pegar ninguém de surpresa quando chegássemos ao fundo.

Nico ficou para trás, o que achei estranho.

— Você está bem? — perguntei.

— Tudo bem. — O que era aquela expressão em seu rosto… dúvida? — Continue — disse ele.

Eu não tinha muita escolha. Segui a sra. O'Leary para as profundezas. Depois de mais uma hora, comecei a ouvir o som de um rio.

Emergimos na base de um penhasco, numa planície de areia vulcânica negra. À direita, o Rio Estige jorrava das pedras e estrondeava em uma sequência de cachoeiras. À esquerda, a distância na escuridão, o fogo ardia nas fortalezas de Érebo, os grandes muros negros do reino de Hades.

Estremeci. A primeira vez que fora ali tinha doze anos, e só tive coragem de ir adiante porque estava na companhia de Annabeth e de Grover. Nico não seria tão útil nesse aspecto da "coragem". Ele mesmo parecia pálido e preocupado.

Apenas a sra. O'Leary estava feliz. Ela correu ao longo da praia, escolheu aleatoriamente o osso de uma perna humana e voltou brincando. Deixou o osso

cair aos meus pés e esperou que eu o atirasse.

— Hã, talvez mais tarde, garota. — Olhei para as águas escuras, tentando reunir coragem. — Então, Nico… o que fazemos agora?

— Primeiro, precisamos passar pelos portões — disse ele.

— Mas o rio está bem aqui.

— Preciso buscar uma coisa — disse ele. — É o único jeito.

E saiu andando imediatamente.

Franzi a testa. Nico não havia mencionado nada sobre passar pelos portões. Mas, agora que estávamos ali, eu não sabia mais o que fazer. Relutante, eu o segui ao longo da praia em direção aos grandes portões negros.

Filas de mortos postavam-se diante dos portões, esperando para entrar. Deveria ter sido um dia intenso de funerais, pois até mesmo a fila de MORTE FÁCIL estava congestionada.

— *AU!* — latiu a sra. O'Leary.

Antes que eu pudesse detê-la, ela correu na direção do posto de inspeção da segurança. Cérbero, o cão de guarda de Hades, surgiu das sombras — um rottweiler de três cabeças tão grande que fazia a sra. O'Leary parecer um poodle toy. Cérbero é meio transparente, de modo que é muito difícil vê-lo até ele estar perto o suficiente para matar você, mas ele agia como se não estivesse nem aí para nós. Estava ocupado demais dizendo oi para a sra. O'Leary.

— Sra. O'Leary, não! — gritei. — Não cheire… Ah, cara.

Nico sorriu. Então, olhou para mim, e sua expressão ficou séria outra vez, como se tivesse se lembrado de algo desagradável.

— Venha. Não vão nos causar problemas na fila. Você está comigo.

Eu não gostava nada daquilo, mas passamos despercebidos pelos espíritos maléficos da segurança e entramos nos Campos dos Asfódelos. Tive de assoviar três vezes até que a sra. O'Leary deixasse Cérbero e viesse correndo atrás de nós.

Atravessamos campos de grama negra pontilhados de choupos também negros. Se eu de fato morresse em alguns dias, como dizia a profecia, poderia terminar naquele lugar para sempre, mas tentei não pensar nisso.

Nico caminhava penosamente à frente, levando-nos cada vez para mais perto do palácio de Hades.

— Ei — disse eu —, já passamos pelos portões. Aonde nós…

A sra. O'Leary rosnou. Uma sombra surgiu no alto — algo escuro, frio e com cheiro de morte, que desceu num mergulho e pousou no alto de um choupo.

Infelizmente, eu a reconheci. Tinha o rosto enrugado, um chapéu de tricô azul horrível e um vestido de veludo amarrotado. Asas de morcego que pareciam de

couro projetavam-se de suas costas. Os pés tinham garras afiadas e em suas mãos com garras de bronze ela segurava um chicote flamejante e uma bolsa de mão com estampa de *paisley.*

— Sra. Dodds — falei.

Ela mostrou as presas.

— Bem-vindo, querido.

Suas duas irmãs — as outras Fúrias — também desceram e pousaram perto dela nos galhos do choupo.

— Conhece Alectó? — perguntou Nico.

— Se você se refere à bruxa do meio, sim. Ela foi minha professora de matemática.

Nico assentiu, como se isso não o surpreendesse. Ele ergueu os olhos para as Fúrias e respirou fundo.

— Fiz o que meu pai pediu. Leve-nos para o palácio.

Meu corpo se retesou.

— Espere um pouco, Nico. O que você…

— Desculpe-me, mas essa é minha nova pista, Percy. Meu pai me prometeu informações sobre minha família, mas ele quer ver você antes de irmos ao rio. Lamento.

— Você me *enganou?*

Eu estava tão furioso que não conseguia pensar. Investi contra ele, mas as Fúrias foram rápidas. Duas delas desceram e me agarraram pelos braços. A espada caiu de minhas mãos, e antes que eu me desse conta estava pendurado a vinte metros do chão.

— Ah, não lute, querido — minha antiga professora de matemática cacarejou em meu ouvido. — Eu odiaria deixá-lo cair.

A sra. O’Leary latia, zangada, e pulava, tentando me alcançar, mas estávamos alto demais.

— Diga à sra. O’Leary que se comporte — avisou Nico. Ele pairava no ar perto de mim, nas garras da terceira Fúria. — Não quero que ela se machuque, Percy. Meu pai está esperando. Ele só quer conversar.

Eu queria dizer à sra. O’Leary que atacasse Nico, mas isso não teria servido para nada, e Nico estava certo em relação a uma coisa: minha cadela poderia se machucar caso se envolvesse em uma briga com as Fúrias.

Trinquei os dentes.

— Sra. O’Leary, desça! Está tudo bem, garota.

Ela choramingou e ficou andando em círculos, os olhos voltados para o alto,

me observando.

— Muito bem, traidor — grunhi para Nico. — Você tem a sua presa. Leve-me para o maldito palácio.

Alectó me soltou como um saco de batatas no meio do jardim.

O palácio era um lugar bonito, mas de uma beleza sinistra. Árvores brancas esqueléticas cresciam em bacias de mármore. Canteiros transbordavam com plantas douradas e pedras preciosas. Dois tronos, um, cor de osso, e o outro, prateado, erguiam-se na sacada com vista para os Campos dos Asfódelos. Seria um bom lugar para passar uma manhã de sábado, a não ser pelo cheiro de enxofre e pelos gritos das almas torturadas a distância.

Guerreiros esqueléticos guardavam a única saída. Vestiam-se como soldados americanos, com uniformes esfarrapados de combate no deserto, e carregavam fuzis M16.

A terceira Fúria depositou Nico ao meu lado. Então, as três se empoleiraram no alto do trono esqueletal. Resisti ao impulso de estrangular Nico. Elas me impediriam facilmente. Eu teria de esperar para me vingar.

Olhei aqueles tronos vazios, esperando que algo acontecesse. Então, o ar tremulou. Três figuras surgiram — Hades e Perséfone, em seus tronos, e uma mulher mais velha de pé entre os dois. Pareciam estar no meio de uma discussão.

— … disse a você que ele era um vagabundo! — dizia a mais velha.

— Mãe! — replicou Perséfone.

— Temos visitas! — rugiu Hades. — Por favor!

Hades, um dos deuses de quem eu menos gostava, alisou seu manto negro, que era coberto de rostos aterrorizados dos malditos. Ele tinha a pele pálida e os olhos intensos de um louco.

— Percy Jackson — disse com satisfação. — Finalmente.

A rainha Perséfone me observou com curiosidade. Eu a tinha visto uma vez, no inverno, mas agora, no verão, parecia uma deusa totalmente diferente. Tinha cabelos pretos lustrosos e olhos castanhos calorosos. Seu vestido tremeluzia com várias cores. A estampa de flores do tecido mudava e florescia — rosas, tulipas, madressilvas.

A mulher de pé entre eles, obviamente, era a mãe de Perséfone. Tinha o mesmo cabelo e os mesmos olhos, mas parecia mais velha e severa. Seu vestido era dourado, da cor de um campo de trigo. O cabelo estava trançado com palha seca, e me lembrava uma cesta de vime. Imaginei que ela estaria em sérios apuros se alguém a seu lado acendesse um fósforo.

— Hum — bufou a mulher mais velha. — Semideuses. Só nos faltava essa.

Ao meu lado, Nico se ajoelhou. Desejei ter minha espada para poder decepar sua cabeça idiota. Infelizmente, Contracorrente ainda devia estar caída em algum lugar dos campos.

— Pai — disse Nico. — Fiz o que o senhor pediu.

— Demorou bastante — resmungou Hades. — Sua irmã teria feito melhor.

Nico baixou a cabeça. Se eu não estivesse tão furioso com o traidorzinho, teria sentido pena.

Olhei, feroz, para o deus dos mortos.

— O que você quer, Hades?

— Conversar, é claro. — O deus retorceu a boca em um sorriso cruel. — Nico não lhe falou?

— Então, toda essa busca era uma mentira. Nico me trouxe até aqui embaixo para que eu fosse morto.

— Ah, não — disse Hades. — Receio que Nico tenha sido bastante sincero em relação a querer ajudá-lo. O garoto é tão honesto quanto obtuso. Eu simplesmente o convenci a tomar um pequeno atalho e trazer você aqui primeiro.

— Pai — disse Nico —, o senhor prometeu que nada de mau aconteceria a Percy. Disse que se eu o trouxesse o senhor me contaria sobre meu passado… sobre minha mãe.

A rainha Perséfone suspirou dramaticamente.

— Podemos, *por favor*, não falar sobre *aquela mulher* na minha presença?

— Desculpe, minha pombinha — disse Hades. — Tive de prometer alguma coisa ao garoto.

A mulher mais velha pigarreou exageradamente.

— Eu avisei, filha. Esse canalha do Hades não presta. Você poderia ter se casado com o deus dos médicos ou o deus dos advogados, mas *nããão*. Tinha de comer a romã.

— Mãe…

— E se enfiar aqui no Mundo Inferior!

— Mamãe, por favor…

— E cá estamos nós em pleno agosto, e você, por acaso, vai para casa como deveria? Você alguma vez pensa em sua pobre e solitária mãe?

— DEMÉTER! — gritou Hades. — Já chega. Você é uma hóspede em minha casa.

— Ah, isto é uma casa? — perguntou ela. — Chama esta espelunca de casa?

Faz minha filha viver neste lugar escuro, úmido…

— Eu já lhe disse — cortou Hades, rangendo os dentes —, está havendo uma guerra no mundo lá em cima. Você e Perséfone estão melhores aqui comigo.

— Com licença — intervim. — Mas, se você vai me matar, pode ir em frente de uma vez?

Os três deuses olharam para mim.

— Bem, esse aí tem atitude — observou Deméter.

— De fato — concordou Hades. — Eu adoraria matá-lo.

— Pai! — disse Nico. — O senhor prometeu!

— Marido, já falamos sobre isso — repreendeu Perséfone. — Você não pode sair por aí incinerando todos os heróis. Além disso, ele é corajoso. Eu gosto disso.

Hades revirou os olhos.

— Você gostava daquele camarada Orfeu também. Olhe no que deu aquilo. Deixe-me matá-lo, só um pouquinho.

— Pai, o senhor prometeu! — exclamou Nico. — Disse que só queria falar com ele. Disse que se eu o trouxesse, explicaria.

Hades olhou-o com ar ameaçador, alisando o amarrotado de seu manto.

— E é o que vou fazer. Sua mãe… O que posso lhe dizer? Era uma mulher maravilhosa. — Ele olhou, desconfortável, para Perséfone. — Perdoe-me, minha querida. Eu quero dizer para uma mortal, é claro. Seu nome era Maria di Angelo. Ela era de Veneza, mas o pai era diplomata em Washington. Foi onde a conheci. Quando você e sua irmã eram pequenos, aquele era um péssimo momento para ser filho de Hades. A Segunda Guerra Mundial estava fervendo. Alguns de meus, hã, *outros* filhos estavam liderando o lado perdedor. Pensei que seria melhor colocar vocês dois fora de alcance.

— Foi por isso que nos escondeu no Cassino Lótus?

Hades deu de ombros.

— Vocês não envelheceram. Não perceberam que o tempo estava passando. Esperei o momento certo para tirá-los de lá.

— Mas o que aconteceu a nossa mãe? Por que não me lembro dela?

— Isso não é importante — respondeu Hades asperamente.

— *O quê?* É claro que é importante. E o senhor tinha outros filhos… Por que fomos os únicos a ser afastados? E quem era o advogado que nos tirou de lá?

Hades rangeu os dentes.

— Seria melhor você ouvir mais e falar menos, garoto. Quanto ao advogado…

Hades estalou os dedos. No alto do trono, a Fúria Alectó começou a se

transformar: tornou-se um homem de meia-idade em um terno risca de giz com uma valise na mão. Ela — ele — parecia estranha empoleirada no ombro de Hades.

— Você! — exclamou Nico.

A Fúria cacarejou.

— Eu sou muito boa no papel de advogados e professoras!

Nico estava tremendo.

— Mas por que nos libertou do cassino?

— Você sabe por quê — disse Hades. — Esse filho idiota de Poseidon não pode ser o meio-sangue da profecia.

Arranquei um rubi da planta mais próxima e o atirei em Hades. A pedra afundou inofensivamente em seu manto.

— Você deveria estar ajudando o Olimpo! — disse eu. — Todos os deuses estão lutando contra Tifão, e você fica aqui, sentado…

— Esperando as coisas acontecerem — concluiu Hades. — Sim, é isso mesmo. Qual foi a última vez que o Olimpo me ajudou, meio-sangue? Qual foi a última vez que um filho *meu* foi recebido como herói? Ah! Por que eu deveria correr e ajudá-los? Permanecerei aqui, com minhas forças intactas.

— E quando Cronos vier atrás de você?

— Ele que tente. Estará enfraquecido. E meu filho aqui, Nico… — Hades olhou-o com aversão. — Bem, ele não é grande coisa agora, eu reconheço. Teria sido melhor se Bianca tivesse sobrevivido. Mas dê-lhe mais quatro anos de treinamento. Podemos resistir esse tempo, com certeza. Nico terá dezesseis anos, como diz a profecia, e então *ele* tomará a decisão que salvará o mundo. E eu serei o rei dos deuses.

— Você está louco — falei. — Cronos vai destruí-lo, logo depois que terminar de pulverizar o Olimpo.

Hades estendeu as mãos.

— Bem, você vai ter a chance de descobrir, meio-sangue. Porque estará aguardando o término da guerra em minhas masmorras.

— Não! — exclamou Nico. — Pai, não foi esse o nosso acordo. E o senhor não me contou tudo!

— Contei tudo o que precisa saber — disse Hades. — Quanto ao nosso acordo, conversei com Jackson, não lhe fiz mal algum e você obteve a informação que queria. Se quisesse um acordo melhor, deveria ter me feito jurar pelo Estige. Agora, vá para o seu quarto! — Ele fez um gesto e Nico desapareceu.

— Aquele garoto precisa comer mais — resmungou Deméter. — É muito

magricela. Precisa comer mais cereal.

— Mãe, já chega de cereal. Meu senhor Hades, tem certeza de que não podemos deixar esse pequeno herói ir? Ele é tremendamente corajoso. — Perséfone revirou os olhos.

— Não, minha querida. Já poupei a vida dele. Isso basta.

Eu tinha certeza de que ela iria me defender. A bela e corajosa Perséfone me tiraria dali. Mas ela deu de ombros, indiferente.

— Está bem. O que temos para o café da manhã? Estou morrendo de fome.

— Cereal — disse Deméter.

— *Mãe!* — Protestou Perséfone, e as duas mulheres desapareceram em um turbilhão de flores e trigo.

— Não fique tão triste, Percy Jackson — disse Hades. — Meus fantasmas me mantêm bem-informado sobre os planos de Cronos. Posso assegurar-lhe que você não tinha a menor chance de detê-lo a tempo. Hoje à noite já será tarde demais para seu precioso Monte Olimpo. A armadilha terá sido acionada.

— Que armadilha? — perguntei, desesperado. — Se você sabe, faça alguma coisa! Pelo menos me deixe avisar os outros deuses!

— Você é destemido. Esse crédito eu lhe dou. Divirta-se em minha masmorra. Vamos checar você outra vez daqui a… hã, cinquenta ou sessenta anos — disse Hades, sorrindo.

# OITO

Tomo o pior banho da minha vida

Minha espada reapareceu em meu bolso.

É, um ótimo *timing*. Agora eu podia atacar as paredes à vontade. Minha cela não tinha grades, nem janela, nem mesmo porta. Os guardas esqueletos me atiraram através de uma parede, que se tornou sólida às minhas costas. Eu não tinha certeza se a cela era hermética. Provavelmente. A masmorra de Hades se destinava a gente morta, que já não respira. Portanto, esqueça os cinquenta ou sessenta anos. Eu estaria morto em cinquenta ou sessenta minutos. Enquanto isso, se Hades não estivesse mentindo, alguma grande armadilha seria acionada em Nova York no fim do dia, e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer.

Sentei-me no chão frio de pedra sentindo-me péssimo.

Não me lembro de ter cochilado. Mas deviam ser umas sete da manhã, pelo horário dos mortais, e eu passara por muita coisa.

Sonhei que estava na varanda da casa de praia de Rachel, em St. Thomas. O sol se erguia sobre o Caribe. Dezenas de ilhas cobertas de bosques pontilhavam o mar, e velas brancas cortavam a água. O cheiro de maresia me fez imaginar se um dia voltaria a ver o oceano.

Os pais de Rachel estavam sentados à mesa do pátio, enquanto um *chef* preparava omeletes. O sr. Dare vestia um terno branco de linho. Estava lendo *The Wall Street Journal*. A mulher do outro lado da mesa, provavelmente, era a sra. Dare, embora tudo que eu conseguisse ver dela fossem as unhas rosa-pink e a capa da *Condé Nast Traveler*. Por que ela lia sobre férias quando já estava de férias, eu não sabia.

Rachel estava de pé junto ao parapeito da varanda, e suspirou. Usava bermuda e sua camiseta do Van Gogh. (É, Rachel estava tentando me ensinar sobre arte, mas não fique muito impressionado. Eu só me lembrava do nome do sujeito porque ele havia cortado fora a própria orelha.)

Perguntei-me se ela estaria pensando em mim, e no quanto era ruim o fato de eu não ter ido com eles. Sei que isso era o que *eu* estava pensando.

Então, o cenário mudou. Eu estava em St. Louis, no centro da cidade, sob o Arco. Já estivera ali antes. Na verdade, eu quase despencara dali para a morte.

Sobre a cidade, uma tempestade se formava — uma parede de escuridão absoluta, com relâmpagos riscando o céu. A algumas quadras, enxames de veículos de emergência se reuniam com as luzes piscando. Uma coluna de poeira se erguia de um monte de escombros que, percebi, era um arranha-céu desmoronado.

Uma repórter nas proximidades gritava ao microfone:

“As autoridades estão descrevendo o acidente como uma falha estrutural, Dan, embora ninguém pareça saber se isso está relacionado às condições do tempo.”

O vento açoitava-lhe os cabelos. A temperatura caía rapidamente, algo como dez graus desde que eu estava ali.

“Felizmente, o edifício estava abandonado e pronto para ser demolido” — anunciou ela. — “Mas a polícia evacuou todos os prédios das redondezas com medo de que o desabamento possa acarretar…”

Ela gaguejou quando um poderoso gemido cortou o céu. A explosão de um relâmpago atingiu o centro da massa escura. Toda a cidade foi sacudida. O ar fulgurou, e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. A explosão foi tão forte que eu sabia que só podia ser uma coisa: o raio-mestre de Zeus. Aquilo deveria ter vaporizado o alvo, mas a nuvem escura apenas sacudiu um pouco, e recuou. Um punho fumegante surgiu do meio das nuvens e esmagou outra torre. O prédio inteiro ruiu, como blocos de montar para crianças.

A repórter gritou. As pessoas corriam pelas ruas. Luzes de emergência piscavam. Vi um risco prateado no céu — uma carruagem puxada por renas, mas não era Papai Noel que controlava as rédeas. Era Ártemis, cavalgando a tempestade, atirando setas de luar na escuridão. Um cometa dourado cruzou-lhe o caminho… talvez seu irmão Apolo.

Uma coisa era certa: Tifão alcançara o Rio Mississippi. Cruzava a metade do território dos Estados Unidos, deixando um rastro de destruição, e os deuses mal conseguiam retardá-lo.

A montanha de escuridão assomava acima de mim. Um pé do tamanho do estádio dos Yankees estava prestes a me esmagar quando uma voz sibilou:

— Percy!

Avancei sem pensar. Antes que eu estivesse completamente desperto, já tinha Nico preso ao chão da cela, com a extremidade de minha espada em sua garganta.

— Queria… resgatar… — ele sufocava.

A raiva me despertou rapidamente.

— Ah, é? E por que eu deveria confiar em você?

— Não tem… escolha? — ele engasgou.

Eu queria que ele não tivesse dito nada tão lógico. Soltei-o.

Nico se encolheu como uma bola, emitindo sons como se quisesse vomitar, enquanto sua garganta se recuperava. Por fim, ele se levantou, olhando para minha espada com cautela. Sua própria espada estava embainhada. Suponho que se ele quisesse me matar poderia tê-lo feito enquanto eu dormia. Ainda assim, eu não confiava nele.

— Precisamos sair daqui — disse ele.

— Por quê? — perguntei. — Seu pai quer *conversar* comigo outra vez?

Ele estremeceu.

— Percy, juro pelo Rio Estige que não sabia o que ele estava planejando.

— Você sabe como é o seu pai!

— Ele me enganou. Prometeu… — Nico ergueu as mãos. — Olhe… neste momento, precisamos ir embora. Coloquei os guardas para dormir, mas isso não vai durar muito.

Senti vontade de estrangulá-lo outra vez, só que, infelizmente, ele tinha razão. Não havia tempo para discutir, e eu não poderia escapar sozinho. Ele apontou para a parede. Uma seção inteira desapareceu, revelando um corredor.

— Venha. — Nico seguia à frente.

Desejei ter o boné de invisibilidade de Annabeth, mas, no fim das contas, não precisei dele. Todas as vezes que encontrávamos um guarda esqueleto, Nico simplesmente apontava para ele e seus olhos incandescentes se apagavam. No entanto, quanto mais vezes Nico fazia isso, mais cansado ele parecia. Atravessamos um labirinto de corredores cheios de guardas. Quando chegamos a uma cozinha com cozinheiros e criados esqueletos, eu estava praticamente carregando Nico. Ele conseguiu colocar todos os mortos para dormir, mas ele mesmo quase apagou. Então, eu o arrastei para fora, pela entrada de serviço, até os Campos dos Asfódelos.

Eu estava quase me sentindo aliviado quando ouvi o som de gongos de bronze vindo do castelo.

— Alarmes — murmurou Nico, sonolento.

— O que fazemos?

Ele bocejou e então franziu a testa, como se estivesse tentando lembrar.

— Que tal… correr?

Correr com um filho sonolento de Hades era mais como participar de uma

corrida de três pernas com um boneco de pano de tamanho natural. Eu o arrastei comigo, mantendo a espada à minha frente. Os espíritos dos mortos abriam caminho como se o bronze celestial fosse uma labareda.

O som dos gongos vibrava pelos campos. À frente erguiam-se os muros de Erebos, mas quanto mais andávamos mais distantes eles pareciam. Eu estava prestes a desabar de exaustão quando ouvi um familiar "*AUUUUU!*".

A sra. O'Leary surgiu pulando do nada e começou a correr em círculos à nossa volta, pronta para brincar.

— Boa garota! — disse eu. — Pode nos dar uma carona até o Estige?

A palavra *Estige* deixou-a animada. Ela saltitou algumas vezes, perseguiu a própria cauda — apenas para deixar claro quem é que mandava —, e então se acalmou o suficiente para que eu empurrasse Nico para suas costas. Subi nela também, e ela disparou na direção dos portões e saltou bem na direção da fila de MORTE FÁCIL, lançando guardas estatelados no chão e fazendo mais alarmes dispararem. Cérbero latiu, mas parecia mais animado do que zangado, como se dissesse: *Posso brincar também?*

Felizmente, ele não nos seguiu, e a sra. O'Leary continuou correndo. Não parou até estarmos bem distantes rio acima e os fogos de Erebos terem desaparecido nas trevas.

Nico deslizou das costas da sra. O'Leary e encolheu-se em um monte na areia negra.

Peguei um pedaço de ambrosia — parte da comida de emergência dos deuses que eu sempre levava comigo. Estava um pouco amassado, mas Nico o mastigou.

— Hã — murmurou ele. — Melhor.

— Seus poderes o esgotam demais — observei.

Ele fez que sim com a cabeça, sonolento.

— Com grandes poderes… vem uma grande necessidade de tirar um cochilo. Mais tarde você me acorda, o.k.?

— Ei, camarada zumbi. — Eu o segurei antes que ele pudesse apagar outra vez. — Estamos no rio. Você precisa me dizer o que fazer.

Dei-lhe meu último pedaço de ambrosia, o que era um pouco perigoso. A substância pode curar semideuses, mas também pode nos queimar até virarmos cinzas se comermos demais. Felizmente, pareceu funcionar. Nico sacudiu a cabeça algumas vezes e se pôs de pé com dificuldade.

— Meu pai logo virá — disse ele. — Precisamos nos apressar.

A correnteza do Estige criava redemoinhos com estranhos objetos — brinquedos quebrados, diplomas de faculdade rasgados, buquês murchos: todos os sonhos que as pessoas descartavam ao passar da vida para a morte. Olhando para as águas negras, eu era capaz de pensar em uns três milhões de outros lugares onde preferiria nadar.

— Então… é só mergulhar?

— Primeiro, você precisa se preparar — disse Nico. — Do contrário, o rio o destruirá. Vai queimar seu corpo e sua alma.

— Parece divertido — murmurei.

— Isso não é uma piada — advertiu Nico. — Só existe uma forma de se manter ancorado à sua vida mortal. Você precisa…

Ele olhou além de mim, e seus olhos se arregalaram. Virei-me e me vi cara a cara com um guerreiro grego.

Por um segundo pensei que fosse Ares, porque aquele cara tinha exatamente a mesma aparência do deus da guerra — era alto e musculoso, com um rosto cruel marcado por cicatrizes e cabelos negros cortados rente. Usava túnica branca e armadura de bronze. E carregava um capacete de guerra emplumado embaixo do braço. Mas seus olhos eram humanos — verdes, claros como um mar pouco profundo — e havia uma flecha sangrenta se projetando de sua panturrilha esquerda, pouco acima do tornozelo.

Até mesmo eu, que não era muito bom com nomes gregos, conhecia o maior guerreiro de todos os tempos, que morrera por causa de um ferimento no calcanhar.

— Aquiles — falei.

O fantasma assentiu.

— Avisei ao outro que não seguisse meus passos. Agora aviso a você — disse Aquiles.

— Luke? Você falou com Luke?

— Não faça isso — disse ele. — Isso o tornará poderoso. Mas também o tornará fraco. Sua habilidade em combate estará além das possibilidades de qualquer mortal, mas suas fraquezas, suas falhas também aumentarão.

— Você quer dizer que terei problemas no calcanhar? — perguntei. — Não vou poder, hã, calçar nada além de sandálias? Sem nenhuma ofensa.

Ele olhou seu pé coberto de sangue.

— O calcanhar é apenas minha fraqueza *física*, semideus. Foi ali que minha mãe, Tétis, segurou quando me mergulhou no Estige. O que me matou de fato foi minha arrogância. Tenha cuidado! Volte!

Ele falava sério. Eu podia perceber o arrependimento e a amargura em sua

voz. Ele estava sinceramente tentando me salvar de um destino terrível.

Mas Luke estivera ali — e não havia recuado.

Havia sido por *isso* que Luke pudera abrigar o espírito de Cronos sem que seu corpo se desintegrasse. Fora assim que ele se preparara, e por isso parecia impossível matá-lo. Ele havia se banhado no Estige e assumido os poderes do maior herói mortal, Aquiles. Luke era invencível.

— Eu preciso — falei. — Senão, não terei a menor chance.

Aquiles baixou a cabeça.

— Os deuses são testemunhas de que tentei. Herói, se precisa mesmo fazer isso, concentre-se em seu ponto mortal. Imagine um ponto em seu corpo que permanecerá vulnerável. É nesse ponto que sua alma vai ancorar seu corpo ao mundo. Será sua maior fraqueza, mas também sua única esperança. Nenhum homem pode ser completamente invulnerável. Perca de vista o que o mantém mortal e o Rio Estige o transformará em cinzas. Você deixará de existir.

— Suponho que você não possa me contar qual é o ponto mortal de Luke…

Ele me lançou um olhar mal-humorado.

— Prepare-se, garoto tolo. Quer sobreviva ou não, você acaba de selar seu destino!

Com essa declaração feliz, ele desapareceu.

— Percy — disse Nico —, talvez ele tenha razão.

— Essa ideia foi *sua*.

— Eu sei, mas agora que estamos aqui…

— Espere na margem. Se alguma coisa me acontecer… Bem, talvez Hades tenha seu desejo satisfeito, e você será, afinal, o filho mencionado na profecia.

Ele não pareceu satisfeito com isso, mas eu não me importava.

Antes que pudesse mudar de ideia, concentrei-me na base da minha coluna — um pequeno ponto oposto ao meu umbigo. Ele ficava bem-protegido quando eu estava de armadura. Seria difícil atingi-lo por acidente, e poucos inimigos o alvejariam de propósito. Nenhum lugar seria perfeito, mas esse me pareceu bom, e bem mais digno do que, hã, a axila ou algum outro lugar.

Imaginei um fio, uma corda elástica me conectando com o mundo a partir desse ponto. E entrei no rio.

Imagine saltar em um poço de ácido borbulhante. Agora multiplique essa dor por cinquenta. Nem assim você estará perto de compreender a sensação de nadar no Estige. Eu planejei entrar lenta e corajosamente, como um herói de verdade. Mas assim que a água tocou minhas pernas, meus músculos transformaram-se em

geleia e eu caí de cara na correnteza.

Submergi por completo. Pela primeira vez na vida eu não conseguia respirar debaixo d'água. Finalmente compreendi o pânico do afogamento. Cada nervo em meu corpo queimava. Eu estava me dissolvendo na água. Via rostos — Rachel, Grover, Tyson, minha mãe —, mas eles desapareciam assim que surgiam.

"Percy", disse minha mãe. "Eu lhe dou minha bênção."

"Tenha cuidado, irmão!", pediu Tyson.

*"Enchiladas*!", exclamou Grover.

Eu não sabia de onde vinha isso, mas não pareceu ajudar muito.

Estava perdendo a luta. A dor era forte demais. Minhas mãos e meus pés se dissolviam na água, minha alma estava sendo arrancada do corpo. Não conseguia me lembrar de quem eu era. A dor da foice de Cronos não era nada comparada a essa.

*A corda*, disse uma voz familiar. *Lembre-se de sua corda salva-vidas, idiota!*

De repente, senti um puxão na parte inferior das costas. A corrente me puxava, mas não estava me levando mais. Imaginei o fio nas minhas costas me mantendo preso à margem.

— Aguente firme, Cabeça de Alga. — Era a voz de Annabeth, bem mais nítida agora. — Você não vai escapar de mim tão fácil assim.

A corda ficou mais forte.

Agora eu conseguia ver Annabeth — descalça, de pé, no alto, no píer do lago de canoagem. Eu havia caído da minha canoa. Era isso. Ela estendia a mão para me puxar e fazia força para não rir. Vestia a camiseta laranja do acampamento e jeans. Seu cabelo estava escondido embaixo do boné dos Yankees, o que era estranho, pois isso deveria torná-la invisível.

— Às vezes você é tão idiota. — Ela sorria. — Vamos. Segure minha mão.

As lembranças me voltavam em enxurradas — mais vívidas e mais coloridas. Parei de me dissolver. Meu nome era Percy Jackson. Estendi o braço e segurei a mão de Annabeth.

De repente, emergi das águas do rio e desabei na areia. Nico recuou, surpreso.

— Você está bem? — gaguejou ele. — Sua pele. Ah, meus deuses. Você está ferido!

Meus braços estavam vermelhos, brilhantes. Eu tinha a sensação de que cada centímetro do meu corpo havia sido assado em fogo lento.

Olhei à minha volta, procurando Annabeth, embora soubesse que ela não estava ali. Aquilo parecera tão real…

— Estou bem… eu acho.

A cor da minha pele voltou ao normal. A dor abrandou. A sra. O'Leary aproximou-se e me farejou, preocupada. Aparentemente, eu tinha um cheiro bem interessante.

— Está se sentindo mais forte? — perguntou Nico.

Antes que eu pudesse decidir *o que* eu sentia, uma voz ribombou:

— ALI!

Um exército dos mortos marchava em nossa direção. Uma centena de esqueletos de legionários romanos vinha à frente com escudos e lanças. Atrás deles vinha um número semelhante de soldados britânicos com baionetas em posição. No meio das tropas, o próprio Hades guiava uma carruagem preta e dourada puxada por cavalos de pesadelos, com olhos e crinas que ardiam em chamas.

— Você não vai me escapar desta vez, Percy Jackson! — berrou Hades. — Destruam-no!

— Pai, não! — gritou Nico, mas era tarde demais. A linha de frente de zumbis romanos baixou suas lanças e avançou.

A sra. O'Leary rosnou e preparou-se para saltar sobre eles. Talvez tenha sido isso que desencadeou minha fúria. Não queria que machucassem minha cadela. Além disso, eu estava cansado de Hades bancar o grande tirano. Se eu ia morrer, era melhor que fosse lutando.

Gritei, e o Rio Estige explodiu. Uma gigantesca onda negra chocou-se contra os legionários. Lanças e escudos voaram para todos os lados. Zumbis romanos começaram a se dissolver, a fumaça subindo de seus capacetes de bronze.

Os soldados britânicos baixaram as baionetas, mas eu não esperei por eles. Ataquei.

Foi a coisa mais estúpida que já fiz na vida. Uma centena de mosquetes disparou contra mim à queima-roupa. Todos erraram. Alcancei a fileira e comecei a brandir Contracorrente. Baionetas e espadas cortavam o ar. Armas eram recarregadas e disparadas. Nada me atingia.

Eu girava através das fileiras, golpeando soldados e transformando-os em pó, um atrás do outro. Minha mente estava no piloto automático: fincar, esquivar, golpear, desviar, rolar. Contracorrente já não era uma espada. Era um arco de pura destruição.

Abri caminho em meio à linha de inimigos e saltei para a carruagem negra. Hades ergueu seu cajado. Um raio de energia disparou em minha direção, mas eu o desviei com minha lâmina e me lancei sobre o deus. Nós dois rolamos da carruagem.

Minha próxima lembrança é de estar com os joelhos plantados no peito de

Hades. Eu segurava a gola de seu manto real com um punho, e minha espada apontava para seu rosto.

Silêncio. O exército nada fez para defender seu comandante. Olhei para trás e percebi por quê. Nada mais restava deles além de armas caídas na areia e pilhas de uniformes fumegantes e vazios. Eu havia destruído todos.

Hades engoliu em seco.

— Ora, Jackson, ouça aqui…

Ele era imortal. Não havia como eu matá-lo, mas os deuses podem ser feridos. Eu sabia muito bem disso, e supus que ter uma espada no rosto não era uma sensação muito agradável.

— Só vou deixar você escapar — rosnei — porque sou um cara legal. Mas, primeiro, fale sobre aquela armadilha!

Hades evaporou, deixando-me segurando o manto negro vazio.

Xinguei e me pus de pé, respirando pesadamente. Agora que o perigo havia passado, percebi o quanto estava cansado. Cada músculo do meu corpo doía. Olhei para as minhas roupas. Estavam cortadas em tiras e cheias de buracos de bala, mas eu estava bem. Nem uma só marca.

Nico estava boquiaberto.

— Você acaba… com uma espada… você acaba…

— Acho que essa coisa do rio funcionou.

— Ah, puxa! — disse ele sarcasticamente. — *Você acha?*

A sra. O'Leary latia alegremente e abanava a cauda. Começou a pular de um lado para o outro, farejando uniformes vazios e caçando ossos. Ergui o manto de Hades. Ainda podia ver os rostos atormentados tremeluzindo no tecido.

Andei até a margem do rio.

— Libertem-se.

Deixei o manto cair na água e observei enquanto ele rodopiava corrente abaixo, dissolvendo-se na água.

— Volte para o seu pai — disse eu a Nico. — Diga a ele que me deve uma, por deixá-lo ir. Descubra o que vai acontecer com o Monte Olimpo e o convença a ajudar.

Nico me fitava.

— Eu… eu não posso. Agora ele vai me odiar. Quer dizer… ainda mais.

— Você precisa fazer isso — falei. — Você também tem uma dívida comigo.

As orelhas dele ficaram vermelhas.

— Percy, já pedi desculpas. Por favor… deixe-me ir com você. Eu quero lutar.

— Você será mais útil aqui embaixo.

— Você quer dizer que não confia mais em mim — disse ele, infeliz.

Não respondi. Eu não sabia o que dizer. Estava atônito demais com o que acabara de fazer durante a batalha para pensar com clareza.

— Volte para seu pai — disse eu, tentando não soar severo demais. — Tente fazê-lo ouvir. Você é a única pessoa que talvez possa conseguir isso.

— Essa é uma ideia deprimente. — Nico suspirou. — Muito bem. Vou fazer o melhor que puder. Além disso, ele ainda está escondendo alguma coisa sobre minha mãe. Talvez eu consiga descobrir o quê.

— Boa sorte. Agora a sra. O'Leary e eu temos de ir.

— Para onde? — perguntou Nico.

Olhei para a entrada da caverna e pensei na longa subida de volta ao mundo dos vivos.

— Para dar início a essa guerra. É hora de ir ao encontro de Luke.

# NOVE

Duas cobras salvam a minha vida

Eu adoro Nova York. Você pode sair do Mundo Inferior no Central Park, pegar um táxi, descer a Quinta Avenida com um cão infernal gigante saltitando atrás de você, e ninguém nem olha achando esquisito.

Naturalmente, a Névoa ajuda. As pessoas provavelmente não podiam ver a sra. O'Leary — ou talvez pensassem que se tratava de um caminhão enorme, barulhento e muito amistoso.

Corri o risco e usei o celular de minha mãe para ligar para Annabeth pela segunda vez. Eu havia ligado para ela, primeiro, do túnel, mas caíra na caixa postal. A recepção era surpreendentemente boa, já que eu me encontrava no centro mitológico do mundo, mas eu não queria nem ver quanto seriam as taxas de *roaming* de minha mãe.

Dessa vez, Annabeth atendeu.

— Ei — eu disse. — Recebeu minha mensagem?

— Percy, onde você se meteu? Sua mensagem não dizia praticamente nada! Estávamos loucos de preocupação!

— Conto tudo depois — falei, embora não tivesse a menor ideia de como iria fazer isso. — Onde você está?

— Estamos a caminho, como você pediu, quase chegando ao túnel do Queens para Midtown. Mas, Percy, o que você está planejando? Deixamos o acampamento praticamente indefeso, e não existe possibilidade de os deuses…

— Confie em mim — falei. — Encontro vocês lá.

Desliguei. Minhas mãos estavam tremendo. Eu não tinha certeza se aquela tremedeira era uma reação tardia ao meu mergulho no Estige ou por causa da expectativa em relação ao que estava prestes a fazer. Se nada funcionasse, estar invulnerável não ia me poupar de explodir em mil pedaços.

Era fim de tarde quando o táxi me deixou no Empire State Building. A sra. O'Leary saltitava de um lado para outro na Quinta Avenida, lambendo táxis e cheirando carrocinhas de cachorro-quente. Ninguém parecia notá-la, embora as

pessoas se desviassem e parecessem confusas quando ela se aproximava.

Assoviei para que ela se aproximasse no momento em que três *vans* brancas paravam junto ao meio-fio. Traziam escrito Delphi Strawberry Service, que era o nome de disfarce do Acampamento Meio-Sangue. Eu nunca tinha visto as três *vans* no mesmo lugar de uma só vez, embora soubesse que elas transportavam para a cidade o que produzíamos no acampamento.

A primeira *van* era dirigida por Argos, nosso chefe de segurança de muitos olhos. As outras duas eram guiadas por harpias, que eram basicamente híbridos demoníacos de humanos e galinhas, muito malcomportadas. Usávamos as harpias principalmente na limpeza do acampamento, mas elas também se saíam muito bem no trânsito da cidade.

As portas deslizaram, abrindo-se. Um bando de campistas saltou, alguns parecendo um tanto esverdeados em consequência do longo trajeto. Eu estava feliz por tantos terem vindo: Pólux, Silena Beauregard, os irmãos Stoll, Michael Yew, Jake Mason, Katie Gardner e Annabeth, assim como a maioria de seus irmãos. Quíron desceu da última *van*. Sua metade cavalo estava disfarçada na cadeira de rodas mágica; portanto, ele usou a plataforma para deficientes. O chalé de Ares não tinha vindo, mas tentei não ficar furioso por causa disso. Clarisse era uma cabeça-dura idiota, turrona. Fim da história.

Fiz uma contagem: quarenta campistas ao todo.

Não muitos para travar uma guerra, mas, ainda assim, era o maior grupo de meios-sangues que eu já vira reunido fora do acampamento. Todos pareciam nervosos, e eu entendia o motivo. Provavelmente, estávamos emitindo tanta aura de semideus que cada monstro no nordeste dos Estados Unidos sabia onde nos encontrar.

Enquanto observava o rosto deles — todos aqueles campistas que eu conhecia havia tantos verões —, uma voz incômoda sussurrava em minha mente: *Um deles é um espião*.

Mas eu não podia me ater a isso. Eles eram meus amigos. Eu precisava deles.

Então me lembrei do sorriso maléfico de Cronos. *Não se pode contar com os amigos. Eles sempre vão desapontá-lo.*

Annabeth aproximou-se de mim. Estava vestida com roupa de camuflagem preta, com sua faca de bronze celestial presa ao braço e a bolsa do laptop pendurada no ombro — pronta para esfaquear alguém ou navegar pela internet, o que viesse primeiro.

Ela franziu a testa.

— O que foi?

— O que foi o quê? — perguntei.

— Você está me olhando de um jeito engraçado.

Percebi que estava pensando na minha visão de Annabeth me puxando do Rio Estige.

— Hã… não é nada. — Voltei-me para o restante do grupo. — Obrigado por vir, pessoal. Quíron, você primeiro.

Meu antigo mentor sacudiu a cabeça.

— Eu vim para lhe desejar sorte, meu garoto. Mas faço questão de nunca visitar o Olimpo, a menos que seja convocado.

— Mas você é o nosso líder.

Ele sorriu.

— Sou seu instrutor, seu professor. Não é o mesmo que ser seu líder. Vou reunir os aliados que puder. Talvez ainda não seja tarde demais para convencer meus irmãos centauros a ajudar. Enquanto isso, *você* chamou os campistas aqui, Percy. *Você* é o líder.

Eu queria protestar, mas todos me olhavam com expectativa, inclusive Annabeth.

Respirei fundo.

— O.k., como eu disse a Annabeth pelo telefone, algo ruim vai acontecer esta noite. Algum tipo de armadilha. Temos de pedir uma audiência com Zeus e convencê-lo a defender a cidade. Lembrem-se: não podemos aceitar um não como resposta.

Pedi a Argos que tomasse conta da sra. O'Leary, e nenhum dos dois pareceu feliz com isso.

Quíron apertou minha mão.

— Você vai se sair bem, Percy. Tenha em mente suas forças e tome cuidado com suas fraquezas.

Aquilo parecia sinistramente semelhante ao que Aquiles me dissera. Então me lembrei de que Quíron havia *educado* Aquiles. Isso não serviu exatamente para me tranquilizar, mas assenti e tentei lhe dirigir um sorriso confiante.

— Vamos — disse eu aos campistas.

Um segurança estava sentado atrás da mesa no saguão, lendo um livro grosso com uma flor estampada na capa preta. Ele ergueu os olhos quando todos nós entramos em fila com nossas armas e armaduras tilintando.

— Visita escolar? Estamos quase fechando.

— Não — disse eu. — Sexcentésimo andar.

Ele nos examinou. Seus olhos eram de um pálido azul e sua cabeça era

completamente careca. Eu não sabia dizer se ele era humano ou não, mas parecia ver nossas armas; portanto, acho que a Névoa não o enganava.

— Não existe o sexcentésimo andar, garoto. — Ele disse estas palavras como se fosse uma fala necessária, na qual ele não acreditava. — Vão embora.

Debrucei-me sobre a mesa.

— Quarenta semideuses atraem uma quantidade tremenda de monstros. Você quer mesmo que fiquemos aqui no seu saguão?

Ele pensou um pouco. Então, acionou um botão, e o portão de segurança se abriu.

— Sejam rápidos.

—Você não vai querer que passemos pelos detectores de metal — acrescentei.

— Hã, não — concordou ele. — Elevador à direita. Acho que você conhece o caminho.

Atirei um dracma de ouro para ele e entramos.

Concluímos que seriam necessárias duas viagens para que todos subissem de elevador. Fui com o primeiro grupo. A música ambiente no elevador era diferente da que tocava na minha última visita — aquela música antiga de discoteca, “Stayin’ Alive”. Uma imagem aterrorizante atravessou minha mente: Apolo de calça boca de sino e camisa de seda justa.

Fiquei feliz quando as portas do elevador finalmente se abriram com um tilintar. À nossa frente, um caminho de pedras flutuantes que, em meio às nuvens, conduzia ao Monte Olimpo pairava quase dois mil metros acima de Manhattan.

Eu vira o Olimpo várias vezes, mas a visão ainda me tirava o fôlego. As mansões cintilavam em dourados e brancos contra as encostas da montanha. Jardins floresciam em uma centena de terraços. Fumaça aromatizada subia de braseiros que ladeavam as ruas sinuosas. E bem no topo da colina coberta de neve erguia-se o principal palácio dos deuses. Era majestoso como sempre, mas algo parecia errado. Então percebi que a montanha estava silenciosa — não havia música, nem vozes, nem risos.

Annabeth me observava.

— Você parece… diferente — concluiu ela. — Onde exatamente você esteve?

As portas do elevador tornaram a se abrir, e o segundo grupo de meios-sangues se juntou a nós.

— Eu conto mais tarde — falei. — Vamos.

Atravessamos a ponte no céu até as ruas do Olimpo. As lojas estavam fechadas. Os parques, vazios. Um par de musas sentava-se num banco dedilhando liras flamejantes, mas não pareciam concentradas. Um ciclope

solitário varria a rua com as raízes de um carvalho. Um deus menor nos avistou de uma sacada e entrou, fechando as persianas.

Passamos sob um grande arco de mármore com estátuas de Zeus e Hera de cada lado. Annabeth fez uma careta para a rainha dos deuses.

— Eu a odeio — murmurou.

— Ela amaldiçoou você ou coisa assim? — perguntei.

No ano anterior, Annabeth havia pisado nos calos de Hera, mas nunca mais falara no assunto.

— Só pequenas coisas até agora — disse ela. — O animal sagrado dela é a vaca, certo?

— Certo.

— Então ela manda vacas me perseguirem.

Tentei não sorrir.

— Vacas? Em São Francisco?

— É. Em geral eu não as vejo, mas elas me deixam presentinhos por toda parte: no quintal, na calçada, nos corredores da escola. Preciso prestar atenção aonde piso!

— Olhem! — gritou Pólux, apontando na direção do horizonte. — O que é *aquilo*?

Todos ficamos paralisados. Luzes azuis riscavam o céu de fim de tarde como minúsculos cometas em direção ao Olimpo. Pareciam vir de toda a cidade, seguindo direto para a montanha. À medida que se aproximavam, extinguiam-se com um chiado. Ficamos observando por vários minutos, e as luzes não pareciam causar nenhum dano, mas, ainda assim, eram estranhas.

— Como miras de infravermelho — murmurou Michael Yew. — Estamos sendo alvejados.

— Vamos para o palácio — disse eu.

Ninguém guardava o salão dos deuses. As portas de ouro e prata estavam escancaradas. Nossos passos ecoaram quando entramos na sala dos tronos.

Naturalmente, “sala” não traduzia com exatidão o lugar. Era do tamanho do Madison Square Garden. Muito acima, o teto azul brilhava com constelações. Doze gigantescos tronos vazios formavam um U em torno de uma lareira. A um canto, uma esfera de água do tamanho de uma casa pairava no ar, e dentro dela nadava meu velho amigo Ofiotauro, metade vaca, metade serpente.

— *Muuuu!* — disse ele, feliz, nadando em círculos.

Apesar de toda a gravidade da situação, tive de sorrir. Dois anos antes havíamos passado muito tempo tentando salvar o Ofiotauro dos titãs, e eu desenvolvera uma certa amizade com ele, que parecia gostar de mim também,

embora a princípio eu tivesse pensado que ele era uma garota e o tivesse batizado de Bessie.

— Ei, cara — falei. — Estão tratando você bem?

— *Muuu* — respondeu Bessie.

Caminhamos na direção dos tronos, e uma voz de mulher disse:

— Olá, novamente, Percy Jackson. Você e seus amigos são bem-vindos.

Héstia estava ao lado da lareira, mexendo nas chamas com um graveto. Usava o mesmo tipo de vestido de antes, simples e marrom, mas agora era uma mulher adulta.

Eu me curvei.

— *Lady* Héstia.

Meus amigos seguiram meu exemplo.

Héstia me observava com seus olhos de brilho vermelho.

— Vejo que você foi adiante com seu plano. E que traz consigo a maldição de Aquiles.

Os outros campistas começaram a murmurar entre si: *O que foi que ela falou? O que tem Aquiles?*

—Você precisa tomar cuidado — advertiu-me Héstia. — Ganhou muito em sua jornada. Mas ainda está cego para a verdade mais importante. Talvez uma breve visão seja apropriada.

Annabeth me cutucou.

— Hã… sobre o que ela está falando?

Olhei nos olhos de Héstia, e uma imagem surgiu subitamente em minha mente: vi um beco escuro entre armazéns de tijolos vermelhos. Uma placa no alto de uma das portas informava: OFICINA METALÚRGICA RICHMOND.

Dois meios-sangues estavam acocorados nas sombras — um garoto de uns catorze anos e uma garota de uns doze. Percebi com um sobressalto que o garoto era Luke. A menina era Thalia, filha de Zeus. Eu assistia a uma cena do passado, de quando eles estavam em fuga, antes de Grover encontrá-los.

Luke carregava uma faca de bronze. Thalia tinha sua lança e seu escudo amedrontador, o Aegis. Tanto Luke quanto Thalia pareciam famintos e magricelas, com o olhar de um animal selvagem, como se estivessem acostumados a ser atacados.

— Você tem certeza? — perguntou Thalia.

Luke fez que sim com a cabeça.

— Tem alguma coisa aqui. Eu posso sentir.

Um barulho ecoou, vindo do beco, como se alguém tivesse batido em uma

folha de metal. Os meios-sangues avançaram com cuidado.

Caixotes velhos estavam empilhados em um deque de carga. Thalia e Luke aproximaram-se com suas armas prontas. Uma placa de latão corrugado tremeu, como se houvesse alguma coisa atrás dela.

Thalia olhou para Luke. Ele contou silenciosamente: *Um, dois, três!* Então rompeu com a faca a folha de latão, e uma garotinha voou para cima dele com um martelo.

— Ui! — exclamou Luke.

A garota tinha cabelos louros emaranhados e usava um pijama de flanela. Não podia ter mais do que sete anos, mas teria quebrado a cabeça de Luke se ele não tivesse sido rápido.

Ele agarrou-lhe o pulso, e o martelo deslizou pelo chão de cimento.

A garotinha lutava e esperneava.

— Chega de monstros! Vão embora!

— Está tudo bem! — Luke lutava para contê-la. — Thalia, guarde seu escudo. Você a está assustando.

Thalia deu um tapinha em Aegis, e ele encolheu, transformando-se em um bracelete de prata.

— Ei, está tudo bem — disse ela. — Nós não vamos machucar você. Eu sou Thalia. Este é Luke.

— Monstros!

— Não — garantiu Luke. — Mas sabemos tudo sobre monstros. Nós também lutamos contra eles.

Aos poucos a menina parou de espernear. Ela observava Luke e Thalia com grandes e inteligentes olhos cinza.

— Vocês são como eu? — perguntou, desconfiada.

— Sim — disse Luke. — Nós… bem, é difícil explicar, mas nós também lutamos contra os monstros. Cadê a sua família?

— Minha família me odeia — disse a menina. — Eles não me querem. Eu fugi.

Thalia e Luke se entreolharam. Eu sabia que ambos entendiam o que ela estava dizendo.

— Qual é o seu nome, garota? — perguntou Thalia.

— Annabeth.

Luke sorriu.

— Bonito nome. Vou lhe dizer uma coisa, Annabeth… você é bastante corajosa. Uma lutadora assim poderia nos ser útil.

Os olhos de Annabeth se arregalaram.

— Poderia?

— Ah, sim. — Luke virou sua faca e ofereceu-lhe o cabo. — Que tal uma arma que mate monstros de verdade? Isto é bronze celestial. Funciona muito melhor que um martelo.

Talvez, na maioria das situações, oferecer uma faca a uma criança de sete anos não seja boa ideia, mas quando se é um meio-sangue, as regras comuns podem descer pelo ralo.

Annabeth agarrou o cabo.

— Facas são apenas para os lutadores mais bravos e mais rápidos — explicou Luke. — Elas não têm o alcance ou o poder de uma espada, mas são mais fáceis de esconder e podem encontrar pontos fracos na armadura do inimigo. É preciso um guerreiro inteligente para usar uma faca. Tenho a impressão de que você é bastante inteligente.

Annabeth o olhou com admiração.

— Eu sou!

Thalia sorriu.

— É melhor irmos, Annabeth. Temos uma casa segura no Rio James. Vamos providenciar roupas e comida para você.

— Vocês… vocês não vão me levar de volta para a minha família? — perguntou ela. — Prometem?

Luke pousou a mão em seu ombro.

— Agora você faz parte da *nossa* família. E eu prometo que não vou deixar que nada machuque você. Eu *não* vou desapontá-la como nossas famílias nos desapontaram. Combinado?

— Combinado! — disse Annabeth alegremente.

— Agora, venham — chamou Thalia. — Não podemos ficar muito tempo parados!

O cenário mudou. Os três semideuses agora corriam por uma floresta. Deviam ter se passado vários dias, talvez até semanas. Os três pareciam exaustos, como se tivessem enfrentado algumas batalhas. Annabeth usava outras roupas: jeans e uma jaqueta do exército muito grande para ela.

— Só mais um pouco! — prometeu Luke.

Annabeth tropeçou, e ele a pegou pela mão. Thalia fechava a retaguarda, brandindo seu escudo como se estivesse repelindo o que quer que perseguisse o grupo. Ela mancava da perna esquerda.

Eles conseguiram chegar a uma elevação e olharam do alto para uma casa branca em estilo colonial, do outro lado — o lar de May Castellan.

— Muito bem — disse Luke, respirando com dificuldade. — Vou entrar sem ser percebido e pegar comida e remédio. Esperem aqui.

— Luke, tem certeza? — perguntou Thalia. — Você jurou que nunca mais voltaria aqui. Se ela pegar você…

— Não temos escolha! — grunhiu ele. — Queimaram nosso esconderijo mais próximo. E você precisa tratar esse ferimento na perna.

— Esta é a sua casa? — perguntou Annabeth, perplexa.

— *Era* a minha casa — murmurou Luke. — Acredite, se não fosse uma emergência…

— Sua mãe é mesmo horrível? — quis saber Annabeth. — Podemos vê-la?

— Não! — disse Luke secamente.

Annabeth recuou, afastando-se, como se a raiva dele a surpreendesse.

— Eu… me desculpe — disse ele. — Esperem aqui. Prometo que vai ficar tudo bem. Nada vai ferir vocês. Vou voltar…

Um forte clarão dourado iluminou a floresta. Os semideuses estremeceram, e uma voz masculina ribombou: — Você não deveria ter voltado para casa.

A visão foi interrompida.

Meus joelhos vergaram, mas Annabeth me agarrou.

— Percy! O que aconteceu?

— Você… você viu aquilo? — perguntei.

— Vi o quê?

Olhei para Héstia, mas o rosto da deusa não tinha expressão. Lembrei-me de algo que ela me dissera na floresta: *Se quiser entender seu inimigo Luke, precisa entender sua família*. Mas por que ela havia me mostrado aquelas cenas?

— Por quanto tempo eu fiquei fora do ar? — murmurei.

Annabeth franziu as sobrancelhas.

— Percy, você não ficou fora do ar. Você apenas olhou para Héstia por um segundo e desabou.

Eu podia sentir todos os olhares sobre mim. Não podia me dar o luxo de demonstrar fraqueza. O que quer que aquelas visões significassem, eu precisava me manter concentrado em nossa missão.

— Hã, *Lady* Héstia — disse eu —, viemos tratar de um assunto urgente. Precisamos ver…

— Sabemos do que vocês precisam — afirmou uma voz masculina.

Estremeci, pois era a mesma voz que encerrara a visão.

Um deus tremeluziu, corporificando-se ao lado de Héstia. Aparentava vinte e

cinco anos, tinha cabelos grisalhos encaracolados e feições de elfo. Vestia um uniforme militar de piloto, com minúsculas asas de pássaro tremulando no capacete e nas botas de couro preto. Na dobra de seu braço havia um comprido cajado, no qual se entrelaçavam duas serpentes vivas.

— Vou deixá-los agora — disse Héstia.

Ela fez uma mesura para o aviador e transformou-se em fumaça, desaparecendo. Eu entendia sua pressa em partir. Hermes, o deus dos mensageiros, não parecia feliz.

— Olá, Percy.

Ele franziu a testa como se estivesse aborrecido comigo, e eu me perguntei se, de alguma forma, ele sabia sobre a visão que eu acabara de ter. Queria perguntar por que ele estava na casa de May Castellan naquela noite, e o que acontecera depois que ele apanhou Luke. Lembrei-me de quando conheci Luke no Acampamento Meio-Sangue. Perguntara a ele se já havia encontrado o pai, e ele me olhara com amargura e dissera: *Uma vez*. Mas dava para ver pela expressão de Hermes que aquela não era a melhor ocasião para tocar no assunto.

Curvei-me sem jeito.

— Lorde Hermes.

*Ah, certo*, uma das cobras disse em minha mente. *Não* nos *diga oi. Somos apenas répteis*.

*George*, repreendeu a outra cobra. *Seja educado*.

— Olá, George — disse eu. — Oi, Martha.

*Você trouxe um rato para nós?*, perguntou George.

*George, pare com isso*, disse Martha. *Ele está ocupado*!

*Ocupado demais para ratos?*, perguntou George. *Isso é muito triste.*

Decidi que era melhor não discutir com George.

— Hã, Hermes — falei. — Precisamos falar com Zeus. É
importante.

Os olhos de Hermes eram frios como o aço.

— Eu sou o mensageiro dele. Posso levar a mensagem?

Atrás de mim, os outros semideuses se remexiam, inquietos. As coisas não estavam correndo conforme o planejado. Talvez, se eu tentasse falar com Hermes em particular…

— Pessoal — disse eu —, por que vocês não fazem uma inspeção na cidade? Verifiquem as defesas. Vejam quem ainda está no Olimpo. Encontrem a mim e Annabeth aqui de volta em trinta minutos.

Silena franziu o cenho.

— Mas…

— É uma boa ideia — apoiou Annabeth. — Connor e Travis, vocês dois lideram.

Os irmãos Stoll pareceram gostar disso — receber uma responsabilidade importante bem na frente do pai. Em geral, eles não lideravam nada, exceto guerras de papel higiênico.

— Vamos nessa! — disse Travis.

Eles conduziram os outros, saindo da sala dos tronos, deixando a mim e Annabeth com Hermes.

— Meu senhor — disse Annabeth —, Cronos vai atacar Nova York. Vocês devem suspeitar disso. Minha *mãe* deve ter previsto isso.

— Sua mãe — resmungou Hermes. Ele coçou as costas com o caduceu, e George e Martha murmuraram: *Ai, ai, ai*. — Não venha me falar de sua mãe, minha jovem. Ela é a razão de eu estar aqui. Zeus não queria que nenhum de nós deixasse a linha de frente. Mas sua mãe continuou a importuná-lo sem parar: "É uma armadilha, é uma distração, blá-blá-blá." Ela mesma queria voltar, mas Zeus não ia deixar sua principal estrategista sair do seu lado enquanto combatemos Tifão. E, então, naturalmente, ele me mandou para falar com vocês.

— Mas *é* mesmo uma armadilha! — insistiu Annabeth. — Zeus é cego?

Um trovão reverberou pelo céu.

— Eu tomaria cuidado com os comentários, garota — avisou Hermes. — Zeus não é nem cego *nem* surdo. E não deixou o Olimpo completamente indefeso.

— Mas tem umas luzes azuis…

— Sim, sim. Eu as vi. Algum truque daquela insuportável deusa da magia, Hécate, eu aposto, mas vocês devem ter notado que elas não estão causando dano nenhum. O Olimpo tem fortes proteções mágicas. Além disso, Éolo, o rei dos ventos, enviou seus mais poderosos seguidores para guardar a cidadela. Ninguém, exceto os deuses, pode se aproximar do Olimpo pelo ar. Seria derrubado do céu.

Levantei a mão.

— Hã… e quanto àquela coisa de materialização e teletransporte que vocês fazem?

— Essa também é uma forma de viagem aérea, Jackson. É muito rápida, mas os deuses do vento são mais. Não, se Cronos quer o Olimpo, terá de atravessar a cidade inteira com seu exército e subir de elevador! Você consegue vê-lo fazendo isso?

Hermes fazia com que a cena soasse bem ridícula — hordas de monstros subindo pelo elevador, vinte de cada vez, ouvindo "Stayin' Alive". Ainda assim,

aquilo não me agradava.

— Talvez apenas alguns de vocês pudessem voltar — sugeri.

Hermes sacudiu a cabeça, impaciente.

— Percy Jackson, você não entende. Tifão é o nosso maior inimigo.

— Pensei que fosse Cronos.

Os olhos do deus fulguraram.

— Não, Percy. Nos velhos tempos, o Olimpo quase foi vencido por Tifão. Ele é o marido de Equidna…

— Eu a encontrei no Arco — murmurei. — Não é uma criatura das mais agradáveis.

— … e pai de todos os monstros. Nunca podemos nos esquecer do quanto ele esteve perto de nos destruir; do quanto nos humilhou! Éramos mais poderosos nos velhos tempos. Agora não podemos esperar nenhuma ajuda de Poseidon, pois ele está travando sua própria guerra. Hades se mantém sentado em seu reino e não faz nada, e Deméter e Perséfone o seguem. Vai ser preciso todo o poder que nos resta para resistirmos ao gigante da tempestade. Não podemos dividir nossas forças, nem esperar até que ele chegue a Nova York. Precisamos combatê-lo agora. E estamos fazendo progresso.

— Progresso? — perguntei. — Ele quase destruiu St. Louis.

— Sim — admitiu Hermes. — Mas destruiu apenas *metade* do Kentucky. Ele está ficando mais lento. Perdendo força.

Eu não queria discutir, mas aquilo soava como se Hermes estivesse tentando convencer a si mesmo.

No canto, o Ofiotauro mugiu tristemente.

— Por favor, Hermes — pediu Annabeth. — Você disse que minha mãe queria vir. Ela nos mandou alguma mensagem?

— Mensagens — murmurou ele. — “Vai ser uma ótima função”, disseram-me. “Não terá muito trabalho. Mas muitos adoradores.” Humpf. Ninguém se importa com o que *eu* tenho a dizer. O importante é sempre a *mensagem* de outra pessoa.

*Roedores*, refletia George. *Estou dentro, se o assunto for roedores.*

*Psiu*, repreendeu Martha. Nós *nos importamos com o que Hermes tem a dizer. Não é, George?*

*Ah, com certeza. Podemos voltar para a batalha agora? Quero entrar no modo* laser *outra vez. Aquilo é divertido.*

— Quietos, vocês dois — grunhiu Hermes.

O deus olhou para Annabeth, que estava com os grandes olhos cinza em súplica.

— Tá — disse Hermes. — Sua mãe pediu que os avisasse de que estão por sua conta. Que precisam defender Manhattan sem a ajuda dos deuses. Como se eu não soubesse disso. Por que pagam a ela para ser a deusa da *sabedoria*, eu não sei.

— Algo mais? — perguntou Annabeth.

— Ela disse que vocês deveriam tentar o plano vinte e três. E que você saberia o que isso significa.

O rosto de Annabeth ficou pálido. Era óbvio que ela sabia o que a mãe queria dizer — e não tinha gostado.

— Prossiga.

— Última coisa. — Hermes olhou para mim. — Ela me pediu que dissesse a Percy: "Lembre-se dos rios." E, hã, algo sobre ficar longe de sua filha.

Não sei bem qual rosto ficou mais vermelho: o de Annabeth ou o meu.

— Obrigada, Hermes — disse Annabeth. — E eu… eu queria dizer… sinto muito por Luke.

A expressão do deus endureceu, como se ele tivesse se transformado em mármore.

— Você não deveria ter tocado nesse assunto.

Annabeth deu um passo atrás, nervosa.

— Desculpe-me!

— DESCULPAS não resolvem!

George e Martha se enroscaram no caduceu, que tremeluziu e transformou-se em algo que parecia uma arma de choque de alta voltagem.

— Você deveria tê-lo salvado quando teve chance — grunhiu Hermes para Annabeth. — É a única que poderia ter feito isso.

Tentei me interpor entre eles.

— Do que estão falando? Annabeth não…

— Não a defenda, Jackson! — Hermes voltou a arma de choque em minha direção.

— Talvez você devesse culpar a si mesmo! — Eu deveria ter mantido a boca fechada, mas tudo o que eu conseguia pensar era em desviar sua atenção de Annabeth. Aquele tempo todo não era comigo que ele estava furioso. Era com ela. — Quem sabe se você não tivesse abandonado Luke e a mãe dele?!

Hermes ergueu a arma. Então, começou a crescer até atingir a altura de três metros. Pensei: bem, então esse é o fim.

Mas quando ele se preparava para atacar, George e Martha se aproximaram e sussurraram algo em seu ouvido.

Hermes trincou os dentes. Abaixou a arma, que voltou a se transformar em um cajado.

— Percy Jackson — disse ele —, por você ter assumido a maldição de Aquiles, eu devo poupá-lo. Agora você está nas mãos das Parcas. Mas *nunca* mais vai falar comigo dessa forma. Você não tem a menor ideia do quanto eu sacrifiquei, do quanto…

A voz dele falhou, e ele voltou ao tamanho de um humano.

— Meu filho, meu maior orgulho… minha pobre May…

Ele parecia tão arrasado que eu não soube o que dizer. Num minuto ele parecia prestes a nos aniquilar. Agora parecia precisar de um abraço.

— Olhe, Lorde Hermes — disse eu. — Por favor, me desculpe, mas eu preciso saber. O que aconteceu a May? Ela disse algo sobre o destino de Luke, e seus olhos…

Hermes me fuzilou com o olhar, e minha voz fraquejou. Porém, a expressão em seu rosto não era de raiva. Era de dor. Dor profunda, inconcebível.

— Vou deixá-los agora — ele disse, tenso. — Tenho uma guerra para lutar.

E começou a brilhar. Virei-me para o outro lado e me certifiquei de que Annabeth fizesse o mesmo, pois ela ainda estava paralisada pelo choque.

*Boa sorte, Percy*, sussurrou Martha, a cobra.

Hermes explodiu com a claridade de uma supernova. Então desapareceu.

Annabeth sentou-se aos pés do trono de sua mãe e chorou. Eu queria confortá-la, mas não sabia como.

— Annabeth — disse eu —, não é culpa sua. Nunca vi Hermes agir daquela maneira. Acho… eu não sei… provavelmente ele se sente culpado em relação a Luke. Está à procura de alguém para acusar. Não sei por que descontou em você, que não fez nada para merecer isso.

Annabeth enxugou os olhos. Olhou para a lareira como se fosse a sua pira funerária.

Mudei de posição, desconfortável.

— Você não fez, não é mesmo?

Ela não respondeu. A faca de bronze celestial estava presa a seu braço — a mesma faca que eu vira na visão de Héstia. Durante todos esses anos não me dera conta de que aquele era um presente de Luke. Eu havia lhe perguntado muitas vezes por que preferia lutar com a faca e não com uma espada, e ela nunca me respondera. Agora eu sabia.

— Percy — ela disse —, o que você quis dizer sobre a mãe de Luke? Você

esteve com ela?

Assenti, relutante.

— Nico e eu a visitamos. Ela é um pouco… diferente.

Descrevi May Castellan e o estranho momento em que seus olhos começaram a brilhar e ela falou sobre o destino do filho.

Annabeth franziu a testa.

— Isso não faz sentido. Mas por que você foi visitar… — Os olhos dela se arregalaram. — Hermes disse que você carrega a maldição de Aquiles. Héstia disse a mesma coisa. Você… você se banhou no Estige?

— Não mude de assunto.

— Percy? Você se banhou ou não se banhou?

— Hã… talvez um pouquinho.

Contei-lhe a história sobre Hades e Nico, e de como eu havia derrotado um exército de mortos. Deixei de fora a visão em que ela me puxava do rio. Eu ainda não entendia bem aquela parte, e só de pensar me sentia constrangido.

Ela sacudiu a cabeça, incrédula.

— Você tem *alguma ideia* do quanto isso foi perigoso?

— Eu não tinha escolha — falei. — É a única maneira de poder enfrentar Luke.

— Você quer dizer… *di immortales*, é claro! Foi por isso que Luke não morreu. Ele foi até o Estige e… Ah, não, Luke. O que você estava pensando?

— Aí está você novamente preocupada com Luke — resmunguei.

Ela me fitou como se eu tivesse acabado de cair do espaço.

— O quê?

— Esqueça — murmurei.

Eu me perguntava o que Hermes quis dizer sobre Annabeth não ter salvado Luke quando teve chance. Era claro que ela escondia algo de mim. Mas, naquele momento, eu não estava com disposição para perguntar. A última coisa que eu queria era ouvir detalhes de sua história com Luke.

— A questão é que ele não morreu no Estige — disse eu. — Tampouco eu. Agora tenho de enfrentá-lo. Temos de defender o Olimpo.

Annabeth ainda observava meu rosto, como se estivesse tentando ver a diferença que fez meu mergulho no Estige.

— Acho que você tem razão. Minha mãe mencionou…

— Plano vinte e três.

Ela remexeu a bolsa e tirou o laptop de Dédalo. O delta azul brilhava na tampa quando ela o ligou. Annabeth abriu alguns arquivos e começou a ler.

— Aqui está — disse. — Deuses, temos muito trabalho a fazer.

— Uma das invenções de Dédalo?

— Muitas invenções… perigosas. Se minha mãe quer que eu use esse plano, deve achar que as coisas estão muito mal. — Ela olhou para mim. — E quanto à mensagem dela para você: “Lembre-se dos rios”? O que isso significa?

Sacudi a cabeça. Como sempre, eu não tinha a menor ideia do que os deuses me diziam. De que rios eu deveria me lembrar? Do Estige? Do Mississippi?

Nesse momento os irmãos Stoll entraram correndo na sala dos tronos.

— Vocês precisam ver isso — disse Connor. — *Agora*.

As luzes azuis no céu haviam cessado; portanto, de início eu não compreendi qual era o problema.

Os outros campistas haviam se reunido em um pequeno parque à beira da montanha. Estavam agrupados junto ao parapeito, olhando para Manhattan. Havia ali vários daqueles binóculos de turistas, onde se podia depositar um dracma de ouro e ver a cidade. Os campistas ocupavam todos.

Olhei para a cidade lá embaixo. Dava para ver quase tudo dali — os rios East e Hudson esculpindo a forma de Manhattan, a grade de ruas, as luzes dos arranha-céus, a extensão escura do Central Park ao norte. Tudo parecia normal, mas alguma coisa estava errada. Tive um pressentimento antes de perceber o que era.

— Eu não… ouço nada — disse Annabeth.

Era esse o problema.

Mesmo dessa altura, deveríamos ouvir os ruídos da cidade — milhões de pessoas correndo de um lado para outro, milhares de carros e máquinas — o zumbido de uma grande metrópole. Não se pensa nisso quando se mora em Nova York, mas esse ruído está sempre presente. Mesmo na calada da noite, Nova York nunca está em silêncio.

Mas agora estava.

Eu me sentia como se meu melhor amigo houvesse caído morto de repente.

— O que foi que fizeram? — Minha voz soou tensa e furiosa. — O que fizeram com a minha cidade?

Afastei Michael Yew do binóculo com um empurrão e dei uma olhada.

Nas ruas lá embaixo o trânsito estava parado. Os pedestres encontravam-se caídos nas calçadas ou enroscados nos vãos das portas. Não havia nenhum sinal de violência, nenhuma destruição, nada desse tipo. Era como se todas as pessoas de Nova York houvessem simplesmente decidido parar o que quer que

estivessem fazendo e apagar.

— Estão mortos? — perguntou Silena, atônita.

O frio tomou conta do meu estômago. Um verso da profecia ressoou em meus ouvidos: *Num sono sem fim o mundo estará*. Lembrei-me da história de Grover sobre o encontro com o deus Morfeu no Central Park. *Tem sorte de eu estar poupando minha energia para o evento principal.*

— Mortos, não — disse eu. — Morfeu pôs a ilha de Manhattan inteira para dormir. A invasão começou.

# DEZ

Compro alguns novos amigos A sra. O'Leary era a única que estava feliz com a cidade adormecida.

Nós a encontramos se empanturrando em uma barraquinha de cachorro-quente tombada — enquanto o dono dormia na calçada, em posição fetal, chupando o polegar.

Argos estava nos esperando com sua centena de olhos arregalados. Ele não disse nada. Ele nunca diz nada. Acho que é porque ele tem, segundo se supõe, um globo ocular na língua. Mas seu rosto deixava claro que ele estava surtando.

Eu lhe contei o que soubéramos no Olimpo, e que os deuses não viriam para nos auxiliar. Argos revirou os olhos, desgostoso, o que pareceu bastante psicodélico, pois fez seu corpo todo se revolver.

— É melhor você voltar para o acampamento — eu lhe disse. — Proteja-o da melhor forma que puder.

Ele apontou para mim e ergueu as sobrancelhas, inquiridor.

— Eu vou ficar — disse eu.

Argos assentiu, como se essa resposta o satisfizesse. Olhou para Annabeth e desenhou um círculo no ar com o dedo.

— Sim — concordou Annabeth. — Acho que já é hora.

— De quê? — perguntei.

Argos vasculhou a traseira de sua *van*. Tirou dali um escudo de bronze e entregou-o a Annabeth. Parecia um escudo bastante comum — o mesmo tipo redondo que sempre usávamos na captura da bandeira. Mas quando Annabeth o colocou no chão, o reflexo no metal polido mudou do céu e dos edifícios para a Estátua da Liberdade — que não estava nem um pouco perto de nós.

— Uau — disse eu. — Um videoescudo.

— Uma das ideias de Dédalo — disse Annabeth. — Pedi a Beckendorf que fizesse este antes… — Ela olhou para Silena. — Hã, bem, o escudo direciona a luz do sol ou da lua de qualquer parte do mundo para criar um reflexo. Pode-se, literalmente, ver qualquer alvo sob o sol ou a lua, desde que uma luz natural o esteja tocando. Olhe.

Nós nos amontoamos em torno de Annabeth enquanto ela se concentrava. A imagem entrou em *zoom* e de início rodopiou, de forma que fiquei tonto só de olhar. Estávamos no zoológico do Central Park, em seguida correndo pela Rua 60 Leste, passando pela Bloomingdale's, dobrando então na Terceira Avenida.

— Puxa — disse Connor Stoll. — Volte. Dê um *zoom* bem ali.

— O que foi? — perguntou Annabeth, nervosa. — Está vendo invasores?

— Não, bem ali, no Dylan's Candy Bar. — Connor sorriu para o irmão. — Cara, está aberto. E *todo mundo* está dormindo. Você está pensando o mesmo que eu?

— Connor! — repreendeu-o Katie Gardner. Ela falava como a mãe, Deméter. — Isto é sério. Vocês não vão saquear uma loja de doces no meio de uma guerra!

— Desculpe — murmurou Connor, mas não parecia muito envergonhado.

Annabeth passou a mão na frente do escudo e outra cena surgiu: FDR Drive, dando vista para o outro lado do rio, o Lighthouse Park.

— Isso vai nos permitir ver o que está acontecendo pela cidade — disse ela. — Obrigada, Argos. Espero que possamos revê-lo no acampamento… um dia.

Argos grunhiu. Ele me dirigiu um olhar que claramente dizia: *Boa sorte; você vai precisar*, então subiu em sua *van*. Ele e as duas harpias motoristas afastaram-se, costurando entre grupos de carros em ponto-morto espalhados pela rua.

Assoviei chamando a sra. O'Leary, que veio saltitando.

— Ei, garota — disse eu. — Lembra-se de Grover? O sátiro que encontramos no parque?

— *AU!*

Eu esperava que isso significasse: *Claro que lembro!* E não: *Você tem mais cachorros-quentes?*

— Preciso que você o encontre — disse eu. — Veja se ele ainda está acordado. Vamos precisar da ajuda dele. Você entendeu? Encontre Grover!

A sra. O'Leary me deu um beijo molhado e efusivo, o que pareceu meio desnecessário. Então, partiu em disparada na direção norte.

Pólux abaixou-se perto de um policial adormecido.

— Não entendo. Por que não dormimos também? Por que só os mortais?

— Esse é um feitiço de grandes proporções — disse Silena Beauregard. — Quanto mais amplo o feitiço, mais fácil resistir. Se você quer pôr milhões de mortais para dormir, basta lançar uma fina camada de magia. É muito mais difícil fazer isso com semideuses.

Olhei para ela.

— Quando foi que você aprendeu tanto sobre magia?

Silena corou.

— Eu não passo *todo* o meu tempo cuidando do guarda-roupa.

— Percy — chamou Annabeth. Ela ainda estava olhando o escudo. — É melhor você ver isso.

A imagem no bronze mostrava o Estreito de Long Island, perto de La Guardia. Uma frota de doze lanchas atravessava velozmente as águas escuras em direção a Manhattan. Cada barco estava lotado com semideuses vestidos em armadura grega completa. Na popa do barco líder uma bandeira púrpura adornada com uma foice negra se agitava ao vento noturno. Eu nunca vira aquele desenho antes, mas não era difícil deduzir: a bandeira de batalha de Cronos.

— Examine o perímetro da ilha — disse eu. — Rápido.

Annabeth mudou a cena para o porto ao sul. Uma barca de Staten Island sulcava as ondas perto de Ellis Island. O convés estava cheio de *dracaenae* e uma matilha completa de cães infernais. Nadando na frente do navio estava um rebanho de mamíferos marinhos. A princípio pensei que fossem golfinhos. Então vi suas caras de cachorro e as espadas presas em sua cintura, e percebi que se tratava de telquines — demônios do mar.

A cena mudou novamente: a costa de Jersey, bem na entrada do Túnel Lincoln. Uma centena de monstros dos mais variados tipos marchava pelas faixas do trânsito parado: gigantes com porretes, ciclopes malfeitores, alguns dragões cuspidores de fogo e, para completar, um tanque Sherman da Segunda Guerra Mundial, empurrando os carros para fora do caminho à medida que ribombava entrando no túnel.

— O que está acontecendo com os mortais fora de Manhattan? — perguntei. — O estado inteiro está adormecido?

Annabeth franziu o cenho.

— Não creio, mas é estranho. Pelo que posso ver a partir dessas imagens, Manhattan está totalmente adormecida. O que significa que, em um raio de uns oitenta quilômetros em torno da ilha, o tempo está correndo muito, muito lentamente. Quanto mais você se aproxima de Manhattan, mais lento ele fica.

Ela me mostrou outra cena — uma autoestrada de New Jersey. Era noite de sábado, então o trânsito não estava tão ruim quanto estaria em um dia útil. Os motoristas pareciam acordados, mas os veículos se moviam a menos de dois quilômetros por hora. Os pássaros voavam acima deles em câmera lenta.

— Cronos — disse eu. — Ele está desacelerando o tempo.

— Hécate talvez esteja ajudando — disse Katie Gardner. — Olhem como todos os carros se desviam das saídas de Manhattan, como se estivessem recebendo uma mensagem subliminar para retornar.

— Não sei. — Annabeth parecia frustrada de verdade. Ela *odiava* não saber. — Mas de alguma forma eles cercaram Manhattan com camadas de magia. O mundo lá fora pode nem sequer se dar conta de que alguma coisa está errada. Quaisquer mortais vindo para Manhattan vão desacelerar tanto que não vão saber o que está acontecendo.

— Como moscas no âmbar — murmurou Jake Mason.

Annabeth fez que sim com a cabeça.

— Não devemos esperar nenhuma ajuda de fora.

Voltei-me para meus amigos. Pareciam atônitos e assustados, e eu não podia censurá-los por isso. O escudo nos havia mostrado pelo menos trezentos inimigos a caminho. E nós éramos quarenta. E estávamos sozinhos.

— Muito bem — disse eu. — Vamos defender Manhattan.

Silena mexeu em sua armadura.

— Hã, Percy, Manhattan é enorme.

— Nós vamos defendê-la — disse eu. — Temos de defendê-la.

— Ele está certo — afirmou Annabeth. — Os deuses do vento devem manter as tropas de Cronos afastadas do Olimpo pelo ar; portanto, ele vai tentar um ataque por terra. Temos de interceptar as entradas para a ilha.

— Eles têm barcos — observou Michael Yew.

Um formigamento elétrico percorreu minha coluna. De repente compreendi o conselho de Atena: *Lembre-se dos rios*.

— Eu vou cuidar dos barcos — disse eu.

Michael franziu a testa.

— Como?

— Deixe comigo — respondi. — Precisamos vigiar as pontes e os túneis. Vamos supor que eles optem por um ataque a Midtown ou ao centro da cidade, pelo menos na primeira tentativa. Esse seria o caminho mais rápido para o Empire State Building. Michael, leve o chalé de Apolo para a Ponte de Williamsburg. Katie, o chalé de Deméter fica com o Túnel Brooklyn-Battery. Façam crescer espinheiros e hera venenosa no túnel. Façam o que for preciso, mas os mantenham longe de lá! Connor, leve metade do chalé de Hermes e dê cobertura à Ponte de Manhattan. Travis, você fica com a outra metade e cobre a Ponte do Brooklyn. E nada de parar para saquear ou pilhar!

— Ahhhh! — queixou-se todo o chalé de Hermes.

— Silena, você vai levar a equipe de Afrodite para o Túnel Queens-Midtown.

— Ah, meus deuses — disse uma de suas irmãs. — A Quinta Avenida está *bem* no nosso caminho! Poderíamos nos equipar e, bem, os monstros *certamente* detestam Givenchy.

— Sem atrasos — disse eu. — Bem… essa história do perfume, se vocês acham que vai funcionar…

Seis garotas de Afrodite me beijaram o rosto, excitadas.

— Está bem, já chega! — Fechei os olhos, tentando pensar no que havia deixado de fora. — O Túnel Holland. Jake, leve o chalé de Hefesto para lá. Use fogo grego, prepare armadilhas. O que vocês tiverem.

Ele sorriu.

— Com prazer. Temos uma desforra a tirar. Por Beckendorf!

O chalé inteiro urrou em aprovação.

— A ponte da Rua 59 — falei. — Clarisse…

Gaguejei. Clarisse não estava ali. O chalé inteiro de Ares, malditos sejam, estava à toa no acampamento.

— Nós assumimos esta — interveio Annabeth, poupando-me de um silêncio constrangedor. Ela voltou-se para seus irmãos. — Malcolm, pegue o chalé de Atena, ative o plano vinte e três ao longo do caminho, exatamente como eu lhe mostrei. Ocupem suas posições.

— Não se preocupe.

— Eu vou com Percy — disse ela. — Depois nos juntaremos a vocês ou a quem precisar de nós.

Alguém mais atrás no grupo disse:

— Nada de desvios, vocês dois.

Houve alguns risinhos, mas resolvi deixar para lá.

— Muito bem — falei. — Mantenham contato pelos celulares.

— Não temos celulares — protestou Silena.

Abaixei-me, peguei o BlackBerry de uma senhora que roncava e joguei-o para Silena.

— Agora tem. Vocês todos sabem o número de Annabeth, certo? Se precisarem de nós, peguem um telefone por aí e liguem. Usem o aparelho uma vez, descartem-no e então peguem outro emprestado, se precisarem de novo. Isso deve fazer com que seja mais difícil para os monstros localizarem vocês.

Todos riram, como se essa ideia lhes agradasse.

Travis pigarreou.

— Hã, se encontrarmos um telefone muito legal…

— Não, não podem ficar com ele — disse eu.

— Ah, cara.

— Espere, Percy — disse Jake Mason. — Vocês se esqueceram do Túnel Lincoln.

Engoli um palavrão. Ele tinha razão. Um tanque Sherman e uma centena de monstros atravessavam em marcha aquele túnel naquele exato momento, e eu havia posicionado nossas tropas em todos os outros lugares.

Então uma voz feminina soou do outro lado da rua:

— Que tal deixar isso conosco?

Em toda a minha vida eu nunca me sentira tão feliz ao ouvir a voz de alguém. Um bando de umas trinta adolescentes atravessava a Quinta Avenida. Vestiam camisas brancas, calças de tecido de camuflagem prateado e botas de combate. Todas traziam espadas ao lado do corpo, aljavas nas costas e arcos a postos. Um bando de lobos brancos circulava em torno de seus pés, e muitas das garotas tinham falcões de caça nos braços.

A garota que vinha à frente tinha cabelos pretos espetados e uma jaqueta de couro preta. Usava um arquinho de prata na cabeça, como a tiara de uma princesa, que não combinava com os brincos de caveira nem com a camiseta que dizia *Morte à Barbie* e mostrava a estampa de uma boneca Barbie com a cabeça atravessada por uma flecha.

— Thalia! — gritou Annabeth.

A filha de Zeus sorriu.

— As Caçadoras de Ártemis apresentando-se ao trabalho!

Houve abraços e saudações por toda parte… bem, pelo menos Thalia foi simpática. As outras Caçadoras não gostavam de estar por perto de campistas, principalmente meninos, mas não atiraram contra nenhum de nós, o que para elas já eram boas-vindas bastante calorosas.

— Onde você esteve o ano passado? — perguntei a Thalia. — Agora você tem o dobro de Caçadoras!

Ela riu.

— É uma história *muito* longa. Aposto que as minhas aventuras foram mais perigosas que as suas, Jackson.

— Duvido — falei.

—Vamos ver — prometeu ela. — Depois que isso acabar, você, Annabeth e eu: *cheeseburgers* e fritas naquele hotel na 57 Oeste.

— Le Parker Meridien — eu disse. — Combinado. E, Thalia, obrigado.

Ela deu de ombros.

— Aqueles monstros não vão nem saber o que os atingiu. Caçadoras, em frente!

Ela bateu no bracelete de prata e o escudo Aegis, num movimento em espiral,

assumiu sua forma. A cabeça dourada da Medusa moldada no centro era tão horrível que os campistas todos recuaram. As Caçadoras seguiram pela avenida, acompanhadas por seus lobos e falcões, e eu tive a sensação de que o Túnel Lincoln agora estaria a salvo.

— Graças aos deuses — disse Annabeth. — Mas se não bloquearmos os rios para aqueles barcos, proteger as pontes e túneis será inútil.

— Tem razão — concordei.

Olhei para os campistas, todos sérios e determinados. Tentei afastar a impressão de que essa era a última vez que eu veria todos juntos.

— Vocês são os maiores heróis deste milênio — falei. — Não importa quantos monstros caiam sobre vocês, lutem com bravura, e venceremos. — Ergui Contracorrente e gritei: — PELO OLIMPO!

Eles gritaram em resposta, e nossas quarenta vozes ecoaram pelos edifícios de Midtown. Por um momento, ressoaram com bravura, mas rapidamente morreram no silêncio de dez milhões de nova-iorquinos adormecidos.

Annabeth e eu teríamos escolhido um carro, mas estavam todos presos, com os para-choques quase colados. Nenhum motor estava ligado, o que era estranho. Parecia que os motoristas tinham tido tempo de desligar a ignição antes de cair no sono. Ou talvez Morfeu tivesse o poder de pôr motores para dormir também. A maioria dos motoristas aparentemente havia tentado parar junto ao meio-fio ao sentir que estava apagando, mas, ainda assim, as ruas encontravam-se atravancadas demais para que um carro conseguisse passar por elas.

Finalmente encontramos um carteiro inconsciente recostado em um muro, ainda montado em sua Vespa vermelha. Nós o tiramos da motocicleta e o deitamos na calçada.

— Desculpe, cara — disse eu. Com alguma sorte eu traria a moto dele de volta. Se não conseguisse, não teria a menor importância, pois a cidade então já estaria destruída.

Eu guiei, com Annabeth na garupa segurando em minha cintura. Descemos ziguezagueando pela Broadway, com o motor zumbindo no silêncio sinistro. Os únicos sons eram celulares tocando ocasionalmente — como se estivessem chamando um ao outro, como se Nova York houvesse se transformado em um gigantesco viveiro de pássaros eletrônicos.

Nosso progresso era lento. De vez em quando, encontrávamos pedestres adormecidos bem na frente de um veículo, e os removíamos, por medida de segurança. Também paramos para apagar o carrinho de um vendedor de *pretzels*

que havia pegado fogo. Alguns minutos depois tivemos de resgatar um carrinho de bebê que descia a rua à deriva. Acabou que não havia nenhum bebê nele — apenas um *poodle* adormecido. Vai saber. Nós o estacionamos em segurança no vão de uma porta e prosseguimos.

Estávamos passando pelo Madison Square Park quando Annabeth disse: — Pare.

Parei no meio da 23 Leste. Annabeth saltou e correu na direção do parque. Quando a alcancei, ela estava olhando para uma estátua de bronze em um pedestal de mármore vermelho. Provavelmente, eu já havia passado por ela um milhão de vezes, mas nunca a olhara de fato.

O sujeito estava sentado de pernas cruzadas em uma cadeira. Usava um terno antiquado — no estilo Abraham Lincoln —, com gravata-borboleta, casaca com abas longas e tudo mais. Vários livros de bronze empilhavam-se debaixo de sua cadeira. Ele segurava uma pena de escrever numa das mãos e um grande pergaminho de metal na outra.

— Que importância tem esse… — Estreitei os olhos para ler o nome no pedestal. — William H. Steward?

— Seward — corrigiu Annabeth. — Ele foi governador de Nova York. Um semideus menor… filho de Hebe, eu acho. Mas isso não vem ao caso. É a estátua que me interessa.

Ela subiu num banco do parque e examinou a base da estátua.

— Não me diga que ele é um autômato — falei.

Annabeth sorriu.

— A maioria das estátuas da cidade é autômata. Dédalo as plantou aqui para o caso de precisar de um exército.

— Para atacar ou defender o Olimpo?

Annabeth deu de ombros.

— Um ou outro. Esse era o plano vinte e três. Ele podia ativar uma estátua, que começaria a ativar seus pares por toda a cidade, até que um exército estivesse formado. Isso, porém, é perigoso. Você sabe o quanto os autômatos são imprevisíveis.

— Hã-hã — concordei. Havíamos tido nossa quota de experiências negativas com eles. — Você está pensando seriamente em ativá-los?

— Tenho as anotações de Dédalo — disse ela. — Acho que consigo… Ah, vamos lá.

Ela apertou a ponta da bota de Seward e a estátua se levantou, com a pena e o papel em punho.

— O que ele vai fazer? — murmurei. — Um memorando?

— Psiu — replicou Annabeth. — Olá, William.

— Bill — sugeri.

— Bill… Ah, cale a boca — disseme Annabeth. A estátua inclinou a cabeça, olhando-nos com olhos de metal vazios.

Annabeth pigarreou.

— Olá, hã, governador Seward. Sequência de comando: Dédalo Vinte e Três. Defender Manhattan. Começar Ativação.

Seward saltou do pedestal e aterrissou no solo com tanta força que seus sapatos racharam a calçada. Então ele seguiu tilintando na direção leste.

— Provavelmente vai acordar Confúcio — supôs Annabeth.

— O quê? — perguntei.

— Outra estátua, na Division. É o seguinte: eles vão acordar os outros até que estejam todos ativados.

— E então?

— Tomara que defendam Manhattan.

— Eles sabem que não somos o inimigo?

— Acho que sim.

— Isso é tranquilizador. — Pensei em todas aquelas estátuas de bronze nos parques, praças e edifícios de Nova York. Devia haver centenas, talvez milhares delas.

Então uma bola de luz verde explodiu no céu noturno. Fogo grego, em algum ponto do Rio East.

— Precisamos nos apressar — falei. E corremos para a Vespa.

Estacionamos do lado de fora do Battery Park, no canto inferior de Manhattan, onde os rios Hudson e East se juntam e deságuam na baía.

— Espere aqui — eu disse a Annabeth.

— Percy, você não deveria ir sozinho.

— Bem, a menos que você possa respirar debaixo d’água…

Ela suspirou.

— Às vezes você é *tão* irritante…

— Como quando tenho razão? Confie em mim, eu vou ficar bem. Tenho a maldição de Aquiles agora. Sou invencível.

Annabeth não pareceu convencida.

— Mas tenha cuidado. Não quero que nada aconteça a você. Quero dizer… porque precisamos de você para a batalha.

Sorri.

— Volto em um instante.

Desci até a margem e entrei na água.

Para você aí que não tem nenhum parentesco com os deuses da água: não queira nadar no porto de Nova York. Pode nem ser tão imundo quanto nos tempos da minha mãe, mas aquela água provavelmente ainda pode criar um terceiro olho em você ou fazê-lo ter filhos mutantes quando crescer.

Mergulhei na água suja e fui até o fundo. Tentei encontrar o ponto em que as correntes dos dois rios pareciam se igualar — onde elas se encontram para formar a baía. Imaginei que aquele fosse o melhor lugar para chamar a atenção deles.

— EI! — gritei com minha melhor voz subaquática. O som ecoou na escuridão. — Ouvi dizer que vocês estão tão poluídos que têm vergonha de mostrar a cara. Isso é verdade?

Uma corrente fria ondulou a baía, revolvendo montes de lixo e lodo.

— Ouvi dizer que o Rio East é mais tóxico — continuei —, mas o Hudson é mais fedorento. Ou é ao contrário?

A água tremeluziu. Algo poderoso e furioso agora me observava. Eu podia sentir uma presença… ou, quem sabe, *duas* presenças.

Temi ter exagerado nos insultos. E se eles simplesmente acabassem comigo sem se mostrar? Mas aqueles eram deuses de rios de Nova York. Calculei que seu instinto seria me confrontar.

E, de fato, duas formas gigantescas apareceram na minha frente. A princípio eram apenas colunas marrom-escuras de lodo, mais densas que a água ao seu redor. Em seguida surgiram nelas pernas, braços e rostos de expressão colérica.

A criatura à esquerda parecia assustadoramente um telquine. Sua cara era lupina. Seu corpo lembrava vagamente o de uma foca — preto e luzidio, com mãos e pés de nadadeira. Os olhos brilhavam com uma claridade verde.

O camarada da direita era mais humanoide. Estava vestido em farrapos e algas, com um casaco de rede feito de tampas de garrafa e de embalagens plásticas para seis garrafas. Seu rosto tinha manchas de alga e a barba era excessivamente comprida. Os olhos de um azul profundo ardiam de raiva.

A foca, que tinha de ser o deus do Rio East, disse:

— Você está *tentando* morrer, garoto? Ou é apenas megaestúpido?

O espírito barbado do Hudson zombou:

— É você o especialista em estupidez, East.

— Cuidado, Hudson — grunhiu o East. — Fique do seu lado da ilha e cuide da sua vida.

— Senão…? Você vai virar outra barca de lixo em mim?

Eles flutuaram na direção um do outro, prontos para lutar.

— Esperem! — gritei. — Temos um problema maior.

— O garoto tem razão — rosnou o East. — Vamos os dois matá-lo, depois lutamos entre nós.

— Parece uma boa ideia — disse Hudson.

Antes que eu pudesse protestar, mil sucatas se ergueram do fundo e vieram em minha direção de ambos os lados: cacos de vidro, pedras, latas, pneus.

Mas eu esperava por isso. A água à minha frente se espessou, formando um escudo. O lixo batia nele, inocuamente. Apenas um pedaço conseguiu atravessá-lo: um grande pedaço de vidro que me atingiu no peito e provavelmente teria me matado, mas se estilhaçou contra a minha pele.

Os dois deuses dos rios me olharam, atônitos.

— Filho de Poseidon? — perguntou East.

Assenti.

— Deu um mergulho no Estige? — indagou Hudson.

— Sim.

Ambos emitiram sons de repulsa.

— Bem, isso é perfeito — disse East. — *Agora*, como vamos matá-lo?

— Poderíamos eletrocutá-lo — ponderou Hudson. — Se eu ao menos conseguisse encontrar alguns cabos elétricos…

— Ouçam-me! — disse eu. — O exército de Cronos está invadindo Manhattan!

— Você acha que não sabemos disso? — perguntou East. — Posso sentir os barcos deles neste exato momento. Estão quase terminando a travessia.

— É — concordou Hudson. — Alguns monstros nojentos estão atravessando as minhas águas também.

— Então os detenham! — falei. — Afoguem-nos. Afundem seus barcos.

— Por que faríamos isso? — resmungou Hudson. — Eles vão invadir o Olimpo? O que temos com isso?

— Porque posso pagar a vocês. — Peguei o dólar de areia que meu pai tinha me dado de aniversário.

Os olhos dos deuses dos rios se arregalaram.

— É meu! — exclamou East. — Dê isso para mim, garoto, e prometo que ninguém da escória de Cronos vai atravessar o Rio East.

— Pode esquecer — disse Hudson. — Esse dólar de areia é meu, a menos que você queira que eu deixe todos aqueles barcos cruzarem o Hudson.

— Vamos chegar a um acordo. — Quebrei o dólar de areia ao meio. Uma

onda de água limpa jorrou da quebra, como se toda a poluição da baía estivesse se dissolvendo. — Cada um fica com a metade — disse eu. — Em troca, vocês mantêm todas as tropas de Cronos longe de Manhattan.

— Ah, cara — gemeu Hudson, estendendo a mão para pegar o dólar de areia. — Faz tanto tempo desde a última vez em que estive limpo.

— O poder de Poseidon — murmurou o Rio East. — Ele é um idiota, mas com certeza sabe como acabar com a poluição.

Eles se entreolharam, então falaram em uníssono:

— Negócio fechado.

— Hã… os invasores? — lembrei.

East fez um gesto rápido com a mão.

— Acabam de afundar.

Hudson estalou os dedos.

— Um bando de cães infernais acaba de dar um mergulho.

— Obrigado — disse eu. — Fiquem limpos.

Enquanto eu subia até a superfície, East gritou:

— Ei, garoto, sempre que tiver um dólar de areia para gastar, volte. Supondo que você sobreviva.

— Maldição de Aquiles — bufou Hudson. — Eles sempre acham que isso vai salvá-los, não é?

— Se ele soubesse… — concordou East.

Os dois riram, dissolvendo-se na água.

De volta à margem, Annabeth estava falando ao celular, mas desligou assim que me viu. Parecia bastante abalada.

— Funcionou — disse eu. — Os rios estão em segurança.

— Ótimo — replicou ela. — Porque temos outros problemas. Michael Yew acaba de ligar. Outro exército está marchando sobre a Ponte de Williamsburg. O chalé de Apolo precisa de ajuda. E, Percy, o monstro à frente do inimigo… é o Minotauro.

# ONZE

Derrubamos uma ponte

Felizmente, Blackjack estava de serviço.

Dei o meu melhor assovio de chamar táxi e poucos minutos depois duas formas escuras descreviam círculos no céu. A princípio pareciam falcões, mas enquanto desciam pude distinguir as longas pernas galopantes dos pégasos.

*Opa, chefe*. Blackjack pousou com um trote, o amigo Porkpie logo atrás dele. *Cara, pensei que aqueles deuses do vento fossem nos mandar lá para a Pensilvânia, até que eu disse que estávamos com você!*

— Obrigado por virem — agradeci. — Ei, por falar nisso, por que os pégasos galopam enquanto voam?

Blackjack relinchou.

*Por que os humanos balançam os braços enquanto andam? Sei lá, chefe. Fazemos isso naturalmente. Para onde vamos?*

— Precisamos ir para a Ponte de Williamsburg — falei.

Blackjack abaixou o pescoço.

*Você está certíssimo, chefe. Sobrevoamos a ponte a caminho daqui, e a situação não é nada boa. Subam!*

No caminho para a ponte, um nó formou-se na boca do meu estômago. O Minotauro fora um dos primeiros monstros que eu derrotara. Quatro anos antes ele quase matara minha mãe na Colina Meio-Sangue. Eu ainda tinha pesadelos com isso.

Esperava que ele permanecesse morto por alguns séculos, mas deveria saber que minha sorte não duraria.

Vimos a batalha antes de estar perto o suficiente para identificar os lutadores. Agora já passava muito da meia-noite, mas a claridade na ponte era intensa. Carros queimavam. Arcos de fogo se desenhavam em ambas as direções à medida que espadas e flechas chamejantes cruzavam o ar.

Nós nos aproximamos voando baixo, e vi os campistas de Apolo recuando.

Eles se escondiam atrás de automóveis e emboscavam o exército que se aproximava, disparando flechas explosivas e largando estrepes pelo caminho, montando barricadas de fogo onde quer que pudessem, tirando dos carros motoristas desacordados para deixá-los em um local seguro. Mas o inimigo continuava avançando. Toda uma falange de *dracaenae* marchava na vanguarda, os escudos colados uns aos outros, as setas das lanças despontando no alto. Vez ou outra uma flecha atingia o tronco de cobra de uma delas, um pescoço ou uma fenda na armadura, e a infeliz mulher cobra se desintegrava, mas a maioria dos disparos de Apolo ricocheteava na parede de escudos sem oferecer perigo. Cerca de uma centena de monstros marchava atrás delas.

De vez em quando, cães infernais saltavam para a linha de frente. A maioria era destruída pelas flechas, mas um deles conseguiu abocanhar um campista de Apolo e o arrastou para longe. Não vi o que aconteceu a ele em seguida. Não queria saber.

— Lá! — gritou Annabeth em seu pégaso.

De fato, no meio da legião invasora estava o próprio bom e velho Chifrudo.

Na última vez que eu vira o Minotauro, ele não usava nada além de cuecas justinhas. Não sei por quê. Talvez tivesse sido arrancado da cama para me perseguir. Desta vez ele estava preparado para a batalha.

Da cintura para baixo, usava os típicos acessórios gregos de combate — um avental de couro e abas de metal, grevas de bronze cobrindo as pernas e sandálias de couro bem presas aos pés. Na parte de cima ele era um touro — pelo, couro e músculos, e uma cabeça tão grande que ele poderia tombar só com o peso dos chifres. Parecia maior que da última vez que eu o vira — uns três metros a mais, pelo menos. Um machado de lâmina dupla estava pendurado às suas costas, mas ele era impaciente demais para usá-lo. Assim que me viu sobrevoando-os (ou me farejou, o que era mais provável, já que sua visão era ruim), urrou e ergueu do chão uma limusine branca.

— Blackjack, mergulhe! — gritei.

*O quê?*, perguntou o pégaso. *Não tem como ele… Santa ração de cavalo!*

Estávamos a pelo menos trinta metros do chão, mas a limusine veio bem na nossa direção, girando no ar como um bumerangue de duas toneladas. Annabeth e Porkpie rapidamente deram uma guinada para a esquerda, enquanto Blackjack encolhia as asas e mergulhava. A limusine passou uns cinco centímetros acima da minha cabeça. Depois passou pelos cabos de suspensão da ponte e despencou no Rio East.

Os monstros zombavam e gritavam, e o Minotauro pegou outro carro.

— Deixe-nos atrás das linhas do chalé de Apolo — eu disse a Blackjack. —

Fique por perto, mas proteja-se!

*Não vou discutir, chefe!*

Blackjack mergulhou atrás de um ônibus escolar tombado, onde uns poucos campistas se protegiam. Annabeth e eu desmontamos de nossos pégasos assim que seus cascos tocaram o solo. Então Blackjack e Porkpie arremeteram para o céu noturno.

Michael Yew correu até nós. Ele, decididamente, era o combatente mais baixinho que eu já vira. Tinha um ferimento coberto por uma atadura no braço. Seu rosto de fuinha estava sujo de fuligem e sua aljava, quase vazia, mas ele sorria como se estivesse se divertindo imensamente.

— Que bom que puderam se juntar a nós — disse ele. — Onde estão os reforços?

— Por ora, somos só nós — falei.

— Então estamos mortos — replicou ele.

— Vocês ainda estão com a carruagem voadora? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Michael. — Deixamos no acampamento. Eu disse a Clarisse que podia ficar com ela. Tanto faz, sabe? Não vale mais a pena brigar. Mas ela disse que era tarde demais. Disse que havíamos insultado sua honra pela última vez ou alguma estupidez desse tipo.

— Pelos menos você tentou — falei.

Michael deu de ombros.

— É, bem, eu a chamei de alguns nomes feios quando ela disse que ainda assim não lutaria. Duvido que isso tenha ajudado. Lá vêm os feiosos!

Ele sacou uma flecha e disparou-a na direção dos inimigos. A flecha emitiu um som semelhante a um grito ao se deslocar. Quando aterrissou, liberou um estrondo como o acorde de uma guitarra ligada ao maior amplificador do mundo. Os carros mais próximos explodiram. Os monstros deixaram cair as armas e taparam os ouvidos, em agonia. Alguns correram. Outros se desintegraram ali onde estavam.

— Essa foi minha última flecha sônica — informou Michael.

— Presente do seu pai? — perguntei. — O deus da música?

Michael sorriu perversamente.

— Música alta pode ser prejudicial. Infelizmente, nem sempre mata.

De fato, a maior parte dos monstros estava se reagrupando, recuperando-se da breve confusão mental.

— Precisamos recuar — disse Michael. — Temos Kayla e Austin preparando armadilhas mais adiante na ponte.

— Não — disse eu. — Traga seus campistas para esta posição e espere meu

sinal. Vamos empurrar o inimigo de volta para o Brooklyn.

Michael riu.

— Como pretende fazer isso?

Puxei minha espada.

— Percy — disse Annabeth —, deixe-me ir com você.

— É perigoso demais — falei. — Além disso, preciso que ajude Michael a montar a linha de defesa. Vou distrair os monstros. Vocês se agrupam aqui. Tirem do caminho os mortais desacordados. Depois comecem a abater os monstros enquanto eu os mantenho concentrados em mim. Se alguém pode fazer tudo isso, é você.

Michael bufou.

— Muito obrigado.

Eu continuava olhando para Annabeth.

Ela assentiu, relutante.

— Muito bem. Vá em frente.

Antes que eu perdesse a coragem, disse:

— Não ganho um beijo de boa sorte? Já é quase uma tradição, não é?

Imaginei que ela fosse me dar um soco. Em vez disso, ela sacou a faca e olhou fixamente para o exército que marchava em nossa direção.

— Volte vivo, Cabeça de Alga. Então veremos.

Concluí que era a melhor oferta que eu teria, então saí de trás do ônibus escolar e comecei a subir a ponte, à vista, diretamente para o inimigo.

Quando o Minotauro me viu, seus olhos arderam de ódio. Ele berrou — um som que pareceu ao mesmo tempo um grito, um mugido e um arroto muito alto.

— Ei, Valentão — gritei de volta. — Eu já não matei você?

Ele socou o capô de um Lexus, amassando-o como papel-alumínio.

Algumas *dracaenae* lançaram dardos chamejantes contra mim. Desviei-os com a mão. Um cão infernal me atacou, e eu dei um passo para o lado. Poderia tê-lo atravessado com a espada, mas hesitei.

*Não é a sra. O'Leary*, lembrei a mim mesmo. É *um monstro não domesticado. Vai me matar e matar todos os meus amigos.*

Ele saltou sobre mim novamente. Desta vez, ergui Contracorrente em um arco mortal. O cão infernal desintegrou-se em pó e pelo.

Outros monstros avançaram — cobras, gigantes e telquines —, mas o Minotauro rugiu, e eles recuaram.

— Um contra um? — gritei. — Como nos velhos tempos?

As narinas do Minotauro tremeram. Ele precisava carregar um pacote de lencinhos de papel no bolso de sua armadura, pois seu nariz estava molhado, vermelho e bem nojento. Ele sacou o machado e girou-o.

Era uma arma bonita, do tipo *vou-estripar-você-como-um-peixe*. Cada uma das lâminas gêmeas tinha a forma de um ômega: Ω — a última letra do alfabeto grego. Talvez porque o machado fosse a última visão de suas vítimas. O cabo tinha quase a altura do Minotauro, era de bronze, envolto em couro. Presos na base de cada lâmina havia vários colares de contas. Percebi que eram colares do Acampamento Meio-Sangue — colares tirados de semideuses derrotados.

Fiquei tão furioso que imaginei meus olhos reluzindo como os do Minotauro. Ergui a espada. O exército de monstros deu vivas para o Minotauro, mas os gritos cessaram quando me esquivei do primeiro golpe e parti o machado em dois, bem no meio do cabo.

— Mu? — grunhiu ele.

— AAAH! — Girei e dei-lhe um chute no focinho.

Ele cambaleou para trás, tentando recuperar o equilíbrio, então baixou a cabeça para atacar.

Mas não teve chance. Minha espada moveu-se como um raio — decepando um chifre, depois o outro. Ele tentou me agarrar. Rolei para longe e peguei uma metade de seu machado quebrado. Os outros monstros recuaram em um silêncio atônito, formando um círculo à nossa volta. O Minotauro berrou de fúria. Ele nunca foi muito esperto, mas agora a raiva o tornava imprudente. Quando ele atacou, corri para a beira da ponte, passando entre uma fileira de *dracaenae*.

O Minotauro deve ter farejado a vitória. Ele pensou que eu estivesse tentando fugir. Seus lacaios aplaudiram. Na beira da ponte, virei-me e apoiei o machado na amurada para receber seu ataque. O Minotauro nem reduziu a velocidade.

*CRUNCH.*

Ele olhou, surpreso, para o cabo do machado, que se projetava do peitoral de sua armadura.

— Valeu a tentativa — disse a ele.

Levantei-o pelas pernas e atirei-o sobre a lateral da ponte. Enquanto caía, ele ia se desintegrando, voltando ao pó, sua essência retornando ao Tártaro.

Virei-me na direção de seu exército. Agora eram aproximadamente cento e noventa e nove contra um. Eu fiz o óbvio: ataquei-os.

Você vai perguntar como essa coisa de ser “invencível” funcionava: se era eu que desviava magicamente cada arma ou se eram as armas que me atingiam e

simplesmente não me feriam. Com sinceridade, não lembro. Tudo o que eu sabia era que não ia deixar aqueles monstros invadirem minha cidade.

Eu cortava as armaduras como se fossem feitas de papel. Mulheres cobras explodiam. Cães infernais dissolviam-se em sombras. Eu golpeava, apunhalava e girava… e devo até ter gargalhado uma ou duas vezes — uma risada enlouquecida que me assustava tanto quanto aos meus inimigos. Estava ciente dos campistas de Apolo atrás de mim atirando flechas, desbaratando toda e qualquer tentativa do inimigo de se reagrupar. Por fim, os monstros fizeram meia-volta e correram — dos duzentos, cerca de vinte sobreviveram.

Eu os segui, com os campistas de Apolo logo atrás de mim.

— Isso mesmo! — gritou Michael Yew. — É isso aí!

Fizemos com que recuassem até a extremidade da ponte, no lado do Brooklyn. O céu ia se tornando mais pálido a leste. Eu podia ver as cabines de pedágio à frente.

— Percy! — gritou Annabeth. — Você já os fez debandar. Volte! Nós já viemos longe demais!

Uma parte de mim sabia que Annabeth tinha razão, mas eu estava indo tão bem que queria destruir cada monstro que restava.

Então, vi a multidão na base da ponte. Os monstros em retirada correram diretamente para seus reforços. Era um grupo pequeno, talvez trinta ou quarenta semideuses em armadura de batalha, montados em cavalos esqueletos. Um deles segurava uma bandeira roxa com o desenho da foice negra.

O cavaleiro líder avançou, trotando. Ele tirou o capacete e reconheci o próprio Cronos, os olhos feito ouro derretido.

Annabeth e os campistas de Apolo vacilaram. Os monstros que estávamos perseguindo alcançaram as fileiras do titã e foram absorvidos pela nova tropa. Cronos olhou em nossa direção. Estava a uns quatrocentos metros de distância, mas juro que pude vê-lo sorrir.

— Agora — disse eu —, recuamos.

Os homens do Senhor Titã sacaram as espadas e atacaram. Os cascos de seus cavalos esqueletos trovejavam no calçamento. Nossos arqueiros dispararam uma saraivada e derrubaram vários inimigos, mas eles continuavam avançando.

— Recuem! — disse aos meus amigos. — Eu vou detê-los.

Em questão de segundos os inimigos me alcançaram.

Michael e seus arqueiros tentaram recuar, mas Annabeth se manteve a meu lado, lutando com a faca e o escudo espelhado enquanto lentamente recuávamos para a ponte.

A cavalaria de Cronos nos cercava, desferindo golpes e gritando insultos. O

titã avançava devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ele é o Senhor do Tempo, então acho que tinha mesmo.

Eu tentava ferir seus homens, não matá-los. Isso me atrasava, mas eles não eram monstros. Eram semideuses enfeitiçados por Cronos. Eu não conseguia ver os rostos sob os capacetes, mas alguns provavelmente haviam sido meus amigos. Eu golpeava as patas dos cavalos, fazendo-os se desintegrar. Depois que os primeiros semideuses foram ao chão, os outros deduziram que era melhor desmontar dos monstros e lutar comigo no solo.

Annabeth e eu nos mantínhamos ombro a ombro, voltados para direções opostas. Uma forma escura passou no alto e eu me atrevi a olhar para cima. Blackjack e Porkpie davam rasantes, atingiam com patadas os capacetes de nossos inimigos e afastavam-se, como pombos camicases gigantes.

Já estávamos quase no meio da ponte quando algo estranho aconteceu. Senti um frio na espinha — atrás de mim, Annabeth gritou de dor.

— Annabeth!

Virei-me a tempo de vê-la cair, segurando o braço. Um semideus com uma faca ensanguentada estava de pé junto a ela.

Em um segundo compreendi o que acontecera. Ele tentara me esfaquear. A julgar pela posição da lâmina, teria me atingido — talvez por pura sorte — na base da coluna, meu único ponto vulnerável.

Annabeth pusera o próprio corpo na frente da faca.

*Mas por quê?* Ela não sabia sobre meu ponto fraco. Ninguém sabia.

Meus olhos encontraram os do semideus inimigo. Ele usava um tapa-olho sob o elmo de guerra: Ethan Nakamura, o filho de Nêmesis. De alguma forma ele conseguira sobreviver à explosão no *Princesa Andrômeda*. Eu o atingi no rosto com o cabo de minha espada com tanta força que amassei seu elmo.

— Recuem! — Girei a espada no alto e forcei o restante dos semideuses a se afastarem de Annabeth. — Ninguém toca nela!

— Interessante — disse Cronos.

Ele surgiu acima de mim em seu cavalo esqueleto, a foice em uma das mãos. Estudava a cena com os olhos estreitados, como se pudesse pressentir que eu acabara de chegar bem perto da morte, assim como um lobo pode farejar o medo.

— Lutou com bravura, Percy Jackson — disse ele. — Mas chegou a hora de se entregar… ou a garota morre.

— Percy, não — gemeu Annabeth.

A camisa dela estava empapada de sangue. Eu precisava tirá-la dali.

— Blackjack! — gritei.

Rápido como um raio, o pégaso desceu e cravou os dentes nas tiras da armadura de Annabeth. Então se afastou voando sobre o rio antes que o inimigo pudesse sequer reagir.

Cronos rosnou.

— Em um dia, que não vai demorar a chegar, vou fazer sopa de pégaso. Mas por enquanto… — Ele desmontou do cavalo, a foice reluzindo à luz do amanhecer. — Eu me contento com outro semideus morto.

Aparei seu primeiro golpe com Contracorrente. O impacto abalou a ponte inteira, mas eu continuei firme. O sorriso de Cronos vacilou.

Com um grito, derrubei-o com uma rasteira. A foice deslizou pelo calçamento. Ergui a espada, mas quando o golpeei ele rolou para o lado e pôs-se novamente de pé. A foice voou de volta às suas mãos.

— Então… — Ele me observou, parecendo ligeiramente irritado. — Você teve a coragem de visitar o Estige. Tive de pressionar Luke de muitas formas para convencê-lo. Se ao menos tivesse sido você a fornecer meu corpo hospedeiro, em vez de… Bem, não importa. Ainda sou mais poderoso. Eu sou um *TITÃ*.

Ele golpeou a ponte com o cabo de sua foice, e uma onda de força descomunal me lançou para trás. Os carros saíram derrapando. Semideuses — inclusive os homens de Luke — foram derrubados da ponte. Os cabos de suspensão sacudiram, e eu deslizei meio caminho de volta a Manhattan.

Fiquei de pé, um tanto sem equilíbrio. Os campistas de Apolo que restavam tinham chegado praticamente ao fim da ponte, exceto Michael Yew, que estava empoleirado em um dos cabos de suspensão, a alguns metros de mim. Sua última flecha estava preparada no arco.

— Michael, vá! — gritei.

— Percy, a ponte! — gritou ele de volta. — Já está fraca!

A princípio, não compreendi. Então olhei para baixo e vi fissuras no calçamento. Pedaços do asfalto derretiam com o fogo grego. A ponte levara a pior com o golpe de Cronos e as flechas explosivas.

— Derrube-a! — gritou Michael. — Use seus poderes!

Era uma ideia desesperada — não tinha como funcionar —, mas com um golpe finquei Contracorrente na ponte. A lâmina mágica afundou até o punho no asfalto. Jorrou água salgada da rachadura, como se eu tivesse atingido um gêiser. Arranquei a espada, e a fissura aumentou. A ponte sacudiu e começou a ruir. Pedaços do tamanho de casas caíam no Rio East. Os semideuses de Cronos gritavam, alarmados, e recuavam depressa. Alguns foram derrubados. Em poucos segundos, um abismo de quase vinte metros abriu-se na Ponte de Williamsburg, entre Cronos e mim.

As vibrações cessaram. Os homens de Cronos rastejaram até a beira da ponte e olhavam a queda de quarenta metros até o rio.

No entanto, eu não me sentia seguro. Os cabos de suspensão ainda estavam presos. Os soldados poderiam atravessar por ali se tivessem coragem. Ou talvez Cronos conhecesse uma forma mágica de transpor a fenda.

O Senhor Titã estudava o problema. Olhou para trás, para o sol que surgia, então sorriu do outro lado do abismo. Ele ergueu a foice em uma debochada saudação.

— Até esta noite, Jackson.

Cronos montou seu cavalo, fez meia-volta e retornou ao Brooklyn a galope, seguido por seus guerreiros.

Virei-me para agradecer a Michael Yew, mas as palavras sumiram em minha garganta. A uns sete metros, havia um arco caído no chão. Seu dono não estava à vista.

— Não! — Procurei nos destroços do meu lado da ponte. Olhei para o rio lá embaixo. Nada.

Gritei de raiva e frustração. O som reverberou interminavelmente no silêncio da manhã. Eu estava prestes a assoviar chamando Blackjack para que ele me ajudasse na busca quando o telefone de minha mãe tocou. O visor LCD indicava que eu estava recebendo uma ligação de Finklestein & Associados — provavelmente, um semideus ligando de um telefone emprestado.

Atendi, esperando boas notícias. Naturalmente, eu estava enganado.

— Percy? — Pela voz, parecia que Silena Beauregard estivera chorando. — Hotel Plaza. É melhor você vir depressa e trazer um curandeiro do chalé de Apolo. É… é Annabeth.

# DOZE

Rachel fecha um péssimo acordo

Agarrei Will Solace, do chalé de Apolo, e disse a seus irmãos que continuassem procurando Michael Yew. Pegamos uma Yamaha FZI de um motoqueiro desacordado e seguimos para o Plaza a uma velocidade que teria provocado um ataque cardíaco em minha mãe. Eu nunca tinha pilotado uma moto daquele porte, mas não era mais difícil do que cavalgar um pégaso.

No trajeto, notei que muitos pedestais que normalmente exibiam estátuas estavam vazios. O plano vinte e três parecia estar funcionando. Eu só não sabia se isso era bom ou ruim.

Levamos apenas cinco minutos para chegar ao Plaza — um hotel antiquado, revestido de pedras brancas e com telhado azul de duas águas, no canto sudeste do Central Park.

Taticamente falando, o Plaza não era o melhor lugar para um quartel-general. Não era o edifício mais alto da cidade, nem o mais central. Mas tinha o estilo *old school* e havia atraído muitos semideuses famosos ao longo dos anos, como os Beatles e Alfred Hitchcock, então deduzi que estávamos em boa companhia.

Acelerei a Yamaha por cima do meio-fio e parei junto à fonte diante do hotel.

Will e eu saltamos. A estátua no topo da fonte falou:

— Ah, certo, suponho que também queiram que eu vigie sua moto!

Tratava-se de uma estátua de bronze em tamanho natural, de pé no meio de uma tigela de granito. Usava um tecido de bronze em torno das pernas e segurava uma cesta de frutas de metal. Eu nunca prestara muita atenção a ela. Mas também ela nunca falara comigo.

— Você é Deméter? — perguntei.

Uma maçã de bronze passou rente à minha cabeça.

— Todo mundo me toma por Deméter! — queixou-se. — Sou Pomona, a deusa romana da abundância, mas por que *você* se interessaria? Ninguém liga para os deuses menores. Se ligassem, não estariam perdendo esta guerra! Três vivas para Morfeu e Hécate, é o que eu digo!

— Olhe a moto — falei.

Pomona praguejou em latim e atirou mais frutas, enquanto Will e eu corríamos na direção do hotel.

Na verdade, eu nunca estivera no interior do Plaza. O saguão impressionava, com os candelabros de cristal e aquelas pessoas ricas desacordadas, mas não prestei muita atenção a isso. Algumas Caçadoras nos indicaram os elevadores, e subimos para as suítes da cobertura.

Os semideuses tinham ocupado completamente os andares superiores. Campistas e Caçadoras estavam jogados nos sofás, lavando-se nos banheiros, arrancando cortinados de seda para usar como atadura em seus ferimentos e servindo-se de lanchinhos e refrigerantes dos frigobares. Alguns lobos bebiam água nos vasos sanitários. Fiquei aliviado ao ver que tantos de meus amigos haviam sobrevivido àquela noite, mas todos pareciam esgotados.

— Percy! — Jake Mason bateu em meu ombro. — Estamos recebendo relatórios…

— Mais tarde — disse eu. — Onde está Annabeth?

— No terraço. Está viva, cara, mas…

Passei por ele com um empurrão.

Em outras circunstâncias eu teria adorado a vista do terraço. Dava para o Central Park. A manhã estava clara e resplandecente — perfeita para um piquenique, uma caminhada ou qualquer outra coisa, exceto lutar contra monstros.

Annabeth estava deitada em uma espreguiçadeira. O rosto pálido e pontilhado de suor. Embora estivesse debaixo de cobertores, ela tremia. Silena Beauregard enxugava sua testa com um pano úmido.

Will e eu abrimos caminho em meio a uma multidão de filhos de Atena. Will tirou as ataduras de Annabeth para examinar o ferimento e tive vontade de desmaiar. O sangramento havia parado, mas o corte parecia profundo. A pele em torno do corte tinha um tom esverdeado horrível.

— Annabeth… — Minha voz falhou.

Ela recebera a facada em meu lugar. Como pude deixar que isso acontecesse?

—Tinha veneno na lâmina — murmurou ela. — Bem estúpido da minha parte, não?

Will Solace soltou o ar, aliviado.

— Não é tão ruim, Annabeth. Mais alguns minutos e estaríamos em apuros, mas o veneno ainda não passou do ombro. Fique deitada imóvel. Alguém me dê um pouco de néctar!

Peguei um cantil. Will limpou o ferimento com a bebida divina enquanto eu segurava a mão de Annabeth.

— Ai — ela gemeu. — Ai, ai!

Ela apertava tanto meus dedos que eles ficaram roxos, mas Annabeth continuou imóvel, como Will pediu. Silena murmurava palavras de encorajamento. Will colocou uma pasta prateada sobre o ferimento e cantarolou em grego antigo — um hino a Apolo. Então, cobriu o local com ataduras limpas e levantou-se, trêmulo.

O processo de cura devia ter consumido grande parte de sua energia. Ele estava quase tão pálido quanto Annabeth.

— Isso deve bastar — disse. — Mas vamos precisar de alguns suprimentos dos mortais.

Pegou um pedaço de papel de carta do hotel, fez algumas anotações e o entregou a um dos filhos de Atena.

— Tem uma Duane Reade na Quinta Avenida. Normalmente, eu nunca roubaria…

— Eu sim — ofereceu-se Travis.

Will fuzilou-o com o olhar.

— Deixe dinheiro ou dracmas, o que você tiver aí, mas isto é uma emergência. Tenho a sensação de que vamos ter muito mais gente para tratar.

Ninguém discordou. Não havia praticamente nenhum semideus que já não estivesse ferido… exceto eu.

— Venham, caras — chamou Travis Stoll. — Vamos dar espaço a Annabeth. Temos uma farmácia para saquear… quer dizer, visitar.

Os semideuses voltaram para dentro do quarto. Jake Mason agarrou meu ombro quando estava saindo.

— Vamos conversar mais tarde, mas está tudo sob controle. Estou usando o escudo de Annabeth para ficar de olho nas coisas. O inimigo retirou-se ao nascer do sol; não tenho certeza do porquê. Temos um sentinela em cada ponte e em cada túnel.

— Obrigado, cara — falei.

Jake assentiu.

— Descanse.

Ele fechou as portas do terraço ao sair, deixando Silena, Annabeth e eu sozinhos.

Silena passou o pano úmido na testa de Annabeth.

— A culpa é minha — disse ela.

— Não — disse Annabeth, sem forças. — Silena, como pode ser culpa sua?

— Nunca servi para nada no acampamento — murmurou ela. — Ao contrário de você ou de Percy. Se eu lutasse melhor…

Sua boca tremeu. Desde a morte de Beckendorf ela vinha piorando, e sempre que a olhava eu sentia novamente a raiva pela morte dele. A expressão dela me lembrava vidro — como se pudesse quebrar a qualquer momento. Jurei a mim mesmo que se um dia descobrisse o espião que causara a morte do namorado dela, eu o daria à sra. O'Leary como brinquedo de mastigar.

— Você é uma excelente campista — disse eu a Silena. — É a melhor amazona de pégasos que temos. E se dá bem com as pessoas. Acredite, qualquer um que consiga ser amigo de Clarisse tem talento.

Ela me olhou como se eu acabasse de lhe dar uma ideia.

— É isso! Precisamos do chalé de Ares. Posso falar com Clarisse. Eu *sei* que posso convencê-la a nos ajudar.

— Ah, Silena. Mesmo que você conseguisse sair da ilha, Clarisse é muito teimosa. Quando está zangada…

— Por favor — disse Silena. — Posso pegar um pégaso. Eu *sei* que consigo voltar ao acampamento. Deixe-me tentar.

Troquei um olhar com Annabeth. Ela assentiu levemente.

A ideia não me agradava. Não achava que Silena tivesse chance de convencer Clarisse a lutar. Por outro lado, Silena andava tão distraída que acabaria por se ferir em uma batalha. Talvez mandá-la de volta ao acampamento lhe desse algo em que se concentrar.

— Muito bem — falei. — Não consigo pensar em ninguém melhor para tentar isso.

Silena me abraçou. Em seguida, afastou-se, constrangida, olhando para Annabeth.

— Hã, desculpe. Obrigada, Percy! Não vou decepcioná-lo!

Assim que ela se foi, ajoelhei-me ao lado de Annabeth e pousei a mãe em sua testa. Ainda estava queimando.

— Você fica uma gracinha quando está preocupado — murmurou ela. — Suas sobrancelhas ficam juntas e franzidas.

— Você *não* vai morrer e me deixar lhe devendo um favor — falei. — Por que levou aquela facada?

— Você teria feito o mesmo por mim.

Era verdade. Acho que ambos sabíamos disso. Ainda assim, eu me sentia como se alguém estivesse cutucando meu coração com um frio espeto de metal.

— Como você sabia?

— Sabia o quê?

Olhei à nossa volta para ter certeza de que estávamos sozinhos. Então cheguei mais perto dela e sussurrei:

— Meu calcanhar de aquiles. Se você não levasse essa facada, eu teria morrido.

O olhar dela estava longe. Seu hálito era de uvas, talvez por causa do néctar.

— Não sei, Percy. Eu simplesmente tive a sensação de que você estava em perigo. Onde… onde é o ponto?

Eu não deveria contar aquilo. Mas ela era Annabeth. Se eu não pudesse confiar nela, não poderia confiar em mais ninguém.

— Na base da minha coluna.

Ela ergueu a mão.

— Onde? Aqui?

Ela pôs a mão nas minhas costas e minha pele formigou. Conduzi seus dedos ao ponto que me conectava à minha vida mortal. Mil volts de eletricidade pareceram percorrer meu corpo.

— Você me salvou — falei. — Obrigado.

Ela tirou a mão, mas eu continuei a segurá-la.

— Então você está me devendo — disse ela, fraca. — Conte-me uma novidade.

Ficamos observando o sol elevar-se sobre a cidade. O trânsito àquela hora já deveria ser intenso, mas não havia carros buzinando, nem a multidão alvoroçada nas calçadas.

A distância, eu podia ouvir o alarme de um carro ecoar pelas ruas. Uma coluna de fumaça negra espiralava em direção aos céus em algum ponto do Harlem. Imaginei quantos fogões teriam sido deixados ligados quando o feitiço de Morfeu sobreveio; quantas pessoas teriam adormecido enquanto preparavam o jantar. Logo, logo haveria mais incêndios. Todos em Nova York estavam em perigo — e todas aquelas vidas dependiam de nós.

— Você me perguntou por que Hermes estava furioso comigo — disse Annabeth.

— Ei, você precisa descansar…

— Não, eu quero lhe contar. Isso me incomoda há muito tempo. — Ela se encolheu ao mexer o ombro. — Ano passado, Luke foi me ver em São Francisco.

— Pessoalmente? — Sentime como se ela acabasse de me acertar com um martelo. — Ele foi até a sua casa?

— Isso foi antes de entrarmos no Labirinto, antes… — Ela relutou, mas eu

sabia o que queria dizer: *antes de ele se transformar em Cronos*. — Ele foi com uma bandeira branca. Disse que só queria cinco minutos para conversarmos. Parecia assustado, Percy. Contou-me que Cronos ia usá-lo para dominar o mundo. Disse que queria fugir, como nos velhos tempos. E queria que eu fosse com ele.

— Mas você não acreditou.

— É claro que não. Pensei que fosse um truque. Além disso… bem, muita coisa tinha mudado desde os velhos tempos. Eu disse a Luke que não havia a menor chance. Ele ficou furioso. Disse… disse que então eu devia tentar derrotá-lo ali mesmo, porque aquela seria minha última oportunidade.

O suor brotou novamente em sua testa. A história estava consumindo grande parte de sua energia.

— Está tudo bem — falei. — Tente descansar um pouco.

— Você não compreende, Percy. Hermes tinha razão. Talvez, se eu tivesse ido com ele, pudesse tê-lo feito mudar de ideia. Ou… eu tinha uma faca. Luke estava desarmado. Eu poderia…

— Tê-lo matado? — completei. — Você sabe que isso não seria certo.

Ela fechou os olhos, bem apertados.

— Luke disse que Cronos iria usá-lo *como um meio de vencer*. Foram estas as palavras dele. Cronos usaria Luke e se tornaria ainda mais poderoso.

— Foi o que ele fez — disse eu. — Ele se apossou do corpo de Luke.

— Mas e se o corpo de Luke for apenas uma transição? E se Cronos tiver um plano para se tornar ainda mais poderoso? Eu poderia tê-lo detido. A guerra é culpa minha.

A história dela me fez ter a sensação de estar de volta ao Estige, dissolvendo-me lentamente. Lembrei-me do verão anterior, quando Jano, o deus de duas cabeças, advertira Annabeth de que ela teria de fazer uma escolha importante — isso foi *depois* de ela ver Luke. Pã também lhe dissera algo: *Você terá um papel muito importante, embora talvez não seja o que você imaginou.*

Eu queria perguntar a ela sobre a visão que Héstia me mostrara, sobre seus primeiros dias com Luke e Thalia. Eu sabia que isso tinha algo a ver com a minha profecia, mas não entendia o quê.

Antes que eu pudesse reunir coragem, a porta do terraço se abriu. Connor Stoll entrou.

— Percy. — Ele olhou para Annabeth como se não quisesse dizer nada ruim na frente dela, mas eu podia ver que as notícias não eram boas. — A sra. O'Leary acaba de voltar com Grover. Acho que você deveria falar com ele.

Grover estava fazendo um lanche na sala de estar. Estava vestido para combate. Usava uma camisa blindada feita de casca de árvore e fios torcidos, com o porrete de madeira e a flauta de bambu pendendo de seu cinto.

O chalé de Deméter havia preparado um bufê completo nas cozinhas do hotel — tudo, de pizza a sorvete de abacaxi. Infelizmente, Grover estava comendo a mobília. Ele já mastigara o estofado de uma elegante cadeira e agora roía o descanso de braço.

— Cara — disse eu —, só tomamos este lugar emprestado.

— Bé-é-é! — Havia enchimento espalhado por todo o seu rosto. — Desculpe, Percy. É que… são móveis Luís XVI. São *deliciosos.* Além disso, eu sempre como a mobília quando fico…

— Quando fica nervoso — completei. — É, sei disso. Então, o que houve?

Ele bateu os cascos.

— Já soube de Annabeth. Ela vai…?

— Ela vai ficar bem. Está descansando.

Grover respirou fundo.

— Ótimo. Mobilizei a maior parte dos espíritos da natureza na cidade… bem, os que me ouvem, pelo menos. — Ele esfregou a testa. — Eu não tinha a menor ideia de que bolotas de carvalho podiam ser tão dolorosas. De qualquer forma, estamos ajudando como podemos.

Grover me contou sobre os combates que tinham visto. Eles haviam coberto principalmente a parte alta da cidade, onde não tínhamos semideuses suficientes. Cães infernais haviam aparecido por toda parte, viajando nas sombras para dentro de nossas linhas, e as dríades e os sátiros haviam se incumbido de combatê-los. Um dragão jovem tinha aparecido no Harlem, e uma dúzia de ninfas do bosque morrera até que o monstro finalmente fosse derrotado.

Enquanto Grover falava, Thalia entrou na sala com duas de suas tenentes. Fez um gesto severo com a cabeça em minha direção, saiu para dar uma olhada em Annabeth, voltou e ficou ouvindo Grover completar seu relatório — os detalhes cada vez piores.

— Perdemos vinte sátiros para alguns gigantes em Fort Washington — contou ele, a voz trêmula. — Quase a metade dos meus parentes. No fim, os espíritos do rio conseguiram afogar os gigantes, mas…

Thalia pendurou no ombro seu arco.

— Percy, as forças de Cronos continuam se congregando em todas as pontes e túneis. E Cronos não é o único titã. Uma de minhas Caçadoras avistou um homem imenso com uma armadura dourada reunindo um exército no litoral de Jersey. Não sei quem é, mas ele irradia poder como somente um titã ou um deus

seria capaz.

Lembrei-me do titã dourado em meu sonho — aquele que irrompeu em chamas no Monte Otris.

— Ótimo — falei. — Alguma notícia boa?

Thalia encolheu os ombros.

— Vedamos os túneis do metrô para Manhattan. Minhas melhores especialistas em armadilhas cuidaram disso. E mais: parece que o inimigo está esperando para atacar esta noite. Acho que Luke… quer dizer, Cronos — ela se corrigiu — precisa de tempo para se regenerar após cada combate. Ele ainda não está confortável em sua nova forma. Grande parte de seu poder está sendo consumida na desaceleração do tempo em torno da cidade.

Grover concordou.

— A maior parte de suas tropas é mais poderosa à noite também. E vão voltar depois que o sol se puser.

Tentei pensar com clareza.

— O.k. Alguma notícia dos deuses?

Thalia sacudiu a cabeça.

— Sei que *Lady* Ártemis estaria aqui se pudesse. Atena também. Mas Zeus ordenou que fiquem ao lado dele. A última notícia que tive foi que Tifão estava destruindo o vale do Rio Ohio. Deve alcançar os Montes Apalaches ao meio-dia.

— Portanto, na melhor das hipóteses — ponderei —, temos mais dois dias até ele chegar.

Jake Mason pigarreou. Ele estivera ali tão silencioso que eu quase havia me esquecido de sua presença.

— Percy, há mais uma coisa — disse ele. — O fato de Cronos ter aparecido na Ponte de Williamsburg, como se soubesse que você ia para lá. Além disso, ele desviou as tropas para nossos pontos mais fracos. Assim que nos posicionávamos, ele mudava de tática. Ele mal tocou no Túnel Lincoln, onde as Caçadoras eram fortes. Atacou nossos pontos mais vulneráveis, como se os conhecesse.

— Como se tivesse informações confidenciais — disse eu. — O espião.

— Que espião? — perguntou Thalia.

Contei-lhe sobre o pendente de prata que Cronos havia me mostrado, o aparelho de comunicação.

— Isso é ruim — disse ela. — Muito ruim.

— Poderia ser qualquer um — afirmou Jake. — Estávamos todos lá quando Percy deu as ordens.

— Mas o que podemos fazer? — perguntou Grover. — Revistar cada

semideus até encontrarmos um pendente em forma de foice?

Todos me olharam, à espera de uma decisão. Eu não podia me dar o luxo de mostrar que estava em pânico, ainda que parecesse não haver esperanças.

— Vamos continuar lutando — falei. — Não podemos ficar obcecados por esse espião. Se começarmos a desconfiar uns dos outros, vamos nos destruir. Vocês todos foram incríveis na noite passada. Eu não poderia querer um exército mais bravo. Vamos estabelecer um revezamento para a vigilância. Descansem enquanto podem. Temos uma noite longa pela frente.

Os semideuses murmuraram, de acordo, e se separaram. Foram dormir, comer ou consertar as armas.

— Percy, você também — disse Thalia. — Vamos ficar de olho nas coisas. Vá se deitar. Precisamos de você em boa forma esta noite.

Não discuti muito. Encontrei o quarto mais próximo e desabei em uma cama de dossel. Pensei que estivesse ligado demais para dormir, mas meus olhos se fecharam quase que de imediato.

Em meu sonho vi Nico di Angelo sozinho nos jardins de Hades. Ele acabara de abrir um buraco em um dos canteiros de flores de Perséfone, o que imaginei que não fosse deixar a rainha muito feliz.

Nico despejou um cálice de vinho no buraco e começou a entoar uma melodia.

— Que os mortos provem o sabor novamente. Que se ergam e recebam esta oferenda. Maria di Angelo, apresente-se!

Uma fumaça branca condensou-se. Uma figura humana se formou, mas não era a mãe de Nico. Era uma garota de cabelos escuros e pele azeitonada, com o traje prateado de uma Caçadora.

— Bianca — disse Nico. — Mas…

*Não evoque nossa mãe, Nico*, avisou ela. *Ela é um dos espíritos que você está proibido de ver.*

— Por quê? O que nosso pai está escondendo?

*Dor*, disse Bianca. *Ódio. Uma maldição que remonta à Grande Profecia.*

— O que você quer dizer? — perguntou Nico. — Eu preciso saber!

*O conhecimento só vai feri-lo. Lembre-se do que eu disse: guardar rancor é um defeito fatal para os filhos de Hades.*

— Eu sei disso — afirmou Nico. — Mas eu não sou o mesmo de antes, Bianca. Pare de tentar me proteger!

*Irmão, você não entende…*

Nico passou a mão pela névoa, e a imagem de Bianca se dissipou.

— Maria di Angelo — ele tornou a dizer. — Fale comigo!

Uma imagem diferente se formou. Era uma cena, não um único fantasma. Em meio à névoa, vi Nico e Bianca ainda criancinhas, brincando no saguão de um hotel elegante, correndo em torno de colunas de mármore.

Uma mulher estava sentada em um sofá próximo. Usava vestido preto, luvas e chapéu também preto com véu, como uma estrela de cinema dos anos 40. Tinha o sorriso de Bianca e os olhos de Nico.

Em uma cadeira ao lado dela sentava-se um homem corpulento, de pele oleosa, de terno risca de giz preto. Com um susto, reconheci Hades. Ele se inclinava na direção da mulher, movendo as mãos enquanto falava, como se estivesse agitado.

— Por favor, minha querida — disse ele. — Você *precisa* ir para o Mundo Inferior. Não me importo com o que Perséfone pensa! Posso mantê-la a salvo lá.

— Não, meu amor. — Ela falava com sotaque italiano. — Criar nossos filhos na terra dos mortos? Não farei isso.

— Maria, me escute. A guerra na Europa pôs os outros deuses contra mim. Uma profecia foi feita. Meus filhos não estão mais em segurança. Poseidon e Zeus me forçaram a um acordo. Nenhum de nós deve ter mais filhos semideuses.

— Mas você já *tem* Nico e Bianca. Certamente…

— Não! A profecia adverte sobre uma criança que completa dezesseis anos. Zeus decretou que os filhos que tenho agora devem ser levados para o Acampamento Meio-Sangue para *treinamento adequado*, mas eu sei o que ele quer dizer. Na melhor das hipóteses, eles serão vigiados, aprisionados, doutrinados contra o pai. E o mais provável é que ele não vá se arriscar. Não vai permitir que meus filhos semideuses cheguem aos dezesseis anos. Vai encontrar uma forma de destruí-los, e eu não vou correr esse risco!

— *Certamente* — disse Maria. — Vamos ficar juntos. Zeus é *un imbecile*.

Não pude deixar de admirar a coragem dela, mas Hades olhou para o teto, nervoso.

— Maria, por favor. Eu lhe disse que Zeus me deu um prazo, que era *semana passada*, para entregar as crianças. A ira dele será terrível, e eu não poderei escondê-la para sempre. Enquanto você estiver com as crianças, também estará em perigo.

Maria sorriu, e de novo era sinistro o quanto ela se parecia com a filha.

—Você é um deus, meu amor. Vai nos proteger. Eu não levarei Nico e Bianca para o Mundo Inferior.

Hades apertava as mãos.

— Então existe uma outra opção. Conheço no deserto um lugar onde o tempo

não passa. Posso mandar as crianças para lá por um período, para a segurança delas, e poderíamos ficar juntos. Vou construir um palácio dourado para você, à margem do Estige.

Maria di Angelo sorriu delicadamente.

—Você é um homem gentil, meu amor. Um homem generoso. Os outros deuses deveriam vê-lo como eu vejo, assim não o temeriam tanto. Mas Nico e Bianca precisam da mãe. Além disso, são só crianças. Os deuses não os machucariam de verdade.

— Você não conhece minha família — retrucou Hades, sombrio. — Por favor, Maria, não posso perdê-la.

Ela tocou-lhe os lábios com os dedos.

— Você não me perderá. Espere enquanto pego minha bolsa. Olhe as crianças.

Maria beijou o Senhor dos Mortos e se levantou do sofá. Hades a observou subindo a escada, como se cada passo dela ao se afastar lhe causasse dor.

Um momento depois ele se retesou. As crianças pararam de brincar, como se também pressentissem algo.

— Não! — exclamou Hades.

Mas até mesmo seus poderes divinos foram lentos demais. Ele só teve tempo de erigir uma parede de energia negra em torno das crianças antes que o hotel explodisse.

A explosão foi tão violenta que a imagem na névoa se dissipou. Quando voltou a entrar em foco, vi Hades ajoelhado em meio às ruínas, segurando o corpo destruído de Maria di Angelo. O fogo ainda queimava ao redor dele. Relâmpagos cruzavam o céu, e trovões ribombavam.

Os pequenos Nico e Bianca olhavam para a mãe, sem entender. A Fúria Alectó surgiu atrás deles, sibilando e batendo as asas coriáceas. As crianças pareceram não vê-la.

— Zeus! — Hades agitava o punho na direção do céu. — Eu vou destruí-lo por isso! Eu a trarei de volta!

— Meu senhor, isso não é possível — advertiu Alectó. — O senhor, de todos os imortais, é quem mais deve respeitar as leis da morte.

Hades irradiava ira. Pensei que fosse revelar sua verdadeira forma e pulverizar os próprios filhos, mas no último momento ele pareceu recuperar o controle.

— Pegue-os — ele disse a Alectó, reprimindo um soluço. — Apague a memória deles na fonte de Lete e leve-os para o Hotel Lótus. Zeus não lhes fará mal lá.

— Como quiser, meu senhor — replicou Alectó. — E o corpo da mulher?

— Leve-a também — disse ele, amargamente. — Ministre a ela os antigos

ritos.

Alectó, as crianças e o corpo de Maria se dissiparam nas sombras, deixando Hades sozinho em meio aos escombros.

— Eu o avisei — disse uma nova voz.

Hades virou-se. Uma garota com um vestido multicolorido estava de pé ao lado dos restos fumegantes do sofá. Tinha cabelos pretos curtos e olhos tristes. Não devia ter mais de doze anos. Eu não a conhecia, mas ela me pareceu estranhamente familiar.

— Você ousa vir até aqui? — rosnou Hades. — Eu deveria transformá-la em pó!

— Você não pode — disse a menina. — O poder de Delfos me protege.

Com um calafrio, percebi que a garota que eu estava vendo era o Oráculo de Delfos, quando viva e jovem. Por alguma razão, vê-la assim era ainda mais sinistro do que vê-la como múmia.

— Você matou a mulher que eu amava! — rugiu Hades. — Sua profecia nos trouxe a isto!

Ele se avultou diante da garota, mas ela nem se encolheu.

— Zeus ordenou a explosão para destruir as crianças — disse ela — porque você desafiou a vontade dele. Não tive nada a ver com isso. E avisei a você que as escondesse antes.

— Não pude! Maria não deixou! Além disso, elas eram inocentes.

— Mas são seus filhos, e isso os torna perigosos. Mesmo que os esconda no Hotel Lótus, só estará adiando o problema. Nico e Bianca jamais poderão voltar ao mundo, para que não completem dezesseis anos.

— Por causa da sua assim chamada Grande Profecia. E vocês me obrigaram a fazer um juramento de não ter outros filhos. Não me deixaram nada!

— Eu prevejo o futuro — disse a garota. — Não posso mudá-lo.

Um fogo negro iluminou os olhos do deus, e eu sabia que algo de mau estava vindo. Eu queria gritar para que a garota se escondesse ou corresse.

— Então, Oráculo, ouça as palavras de Hades — grunhiu ele. — Talvez eu não possa trazer Maria de volta. Tampouco posso causar a você uma morte prematura. Mas sua alma ainda é mortal, e eu *posso* amaldiçoá-la.

Os olhos da garota se arregalaram.

— Você não…

— Eu juro — disse Hades — que enquanto meus filhos permanecerem proscritos, enquanto eu padecer sob a maldição de sua Grande Profecia, o Oráculo de Delfos jamais vai ter outro hospedeiro mortal. Você nunca descansará em paz. Ninguém vai tomar seu lugar. Seu corpo vai murchar e

morrer, e o espírito do Oráculo ainda estará preso dentro dele. Você proferirá suas profecias amargas até se esfarelar e se transformar em nada. O Oráculo morrerá com você!

A menina gritou, e a imagem enevoada se desfez em fiapos. Nico caiu de joelhos no jardim de Perséfone, o rosto branco com o choque. De pé diante dele estava o verdadeiro Hades, avultando-se em seu manto negro e olhando severamente para o filho.

— O que exatamente você pensa que está fazendo? — perguntou a Nico.

Uma explosão negra tomou conta dos meus sonhos. E então o cenário mudou.

Rachel Elizabeth Dare caminhava por uma praia de areias brancas. Usava maiô com uma camiseta enrolada na cintura. Os ombros e o rosto estavam queimados de sol.

Ela ajoelhou-se e começou a escrever na arrebentação com o dedo. Tentei decifrar as letras. Pensei que minha dislexia estivesse me atrapalhando, até perceber que ela estava escrevendo em grego antigo.

Aquilo era impossível. O sonho tinha de ser falso.

Rachel terminou de escrever algumas palavras e murmurou:

— Que diabos…?

Eu sei ler grego, mas só reconheci uma palavra antes que o mar as desmanchasse: Περσεύζ. Meu nome: *Perseus.*

Rachel de repente pôs-se de pé e recuou, afastando-se da arrebentação.

— Ah, deuses — ela disse. — É *isso*!

Ela virou-se e correu, levantando areia enquanto voltava em disparada para a mansão da família.

Subiu ruidosamente os degraus da varanda, ofegante. Seu pai levantou os olhos do *Wall Street Journal*.

— Pai. — Rachel marchou até ele. — Precisamos voltar.

A boca de seu pai se contorceu, como se ele estivesse tentando se lembrar de como sorrir.

— Voltar? Acabamos de chegar aqui.

— Há uma confusão em Nova York. Percy está em perigo.

— Ele ligou para você?

— Não… não exatamente. Mas eu *sei.* É um pressentimento.

O sr. Dare dobrou o jornal.

— Sua mãe e eu esperamos muito tempo por essas férias.

— Não esperaram nada! Vocês dois odeiam a praia! Só são teimosos demais para admitir.

— Olhe, Rachel…

— Estou lhe dizendo que está acontecendo alguma coisa errada em Nova York! A cidade inteira… Não sei exatamente o que é, mas Nova York está sendo atacada.

O pai dela suspirou.

— Acho que teríamos ouvido algo desse tipo no noticiário.

— Não — insistiu Rachel. — Não esse tipo de ataque. Você já recebeu algum telefonema desde que chegou aqui?

O pai franziu a testa.

— Não… mas é um fim de semana, em pleno verão.

— Você *sempre* recebe ligações. — Admita que isso é estranho.

— Não podemos simplesmente ir embora. Gastamos muito dinheiro. — O pai hesitou.

— Olhe — disse Rachel. — Papai… Percy precisa de mim. Tenho uma mensagem para ele. É questão de vida ou morte.

— Que mensagem? Do que você está falando?

— Não posso lhe dizer.

— Então não pode ir.

Rachel fechou os olhos, como se estivesse reunindo coragem.

— Pai… deixe-me ir, e eu faço um acordo com você.

Ele sentou-se mais à frente na cadeira. De acordos ele entendia.

— Estou ouvindo.

— Academia de Moças de Clarion. Vou para lá no outono. Sem queixas. Mas precisa me levar para Nova York *agora.*

Ele ficou em silêncio por um longo momento. Então, abriu o telefone e fez uma ligação.

— Douglas? Prepare o avião. Vamos partir para Nova York. Sim… imediatamente.

—Vou retribuir, pai! — Rachel disse e atirou-se nos braços do pai, que pareceu surpreso como se ela nunca o tivesse abraçado.

Ele sorriu, mas sua expressão era fria. Ele a observava como se não estivesse vendo sua filha — mas apenas a jovem que ele queria que ela fosse, assim que a Academia de Clarion acabasse o trabalho com ela.

— Sim, Rachel — concordou ele. — Certamente vai.

A cena desapareceu gradualmente, enquanto eu murmurava em meu sono: *Rachel, não!*

Eu ainda me debatia e me revirava quando Thalia me sacudiu para me acordar.

— Percy, venha. Já estamos no fim da tarde. Temos visitas.

Eu me sentei, desorientado. A cama era confortável demais, e eu detestava dormir no meio do dia.

— Visitas? — perguntei.

— Um titã quer vê-lo, em uma trégua — Thalia assentiu sombriamente. — Ele traz uma mensagem de Cronos.

# TREZE

Um titã me traz um presente

Podíamos ver a bandeira branca a quase um quilômetro de distância. Era grande como um campo de futebol, carregada por um gigante de dez metros com pele azul brilhante e cabelos cinza-gelo.

— Um hiperbóreo — disse Thalia. — Os gigantes do norte. É mau sinal que tenham ficado do lado de Cronos. Em geral, eles são pacíficos.

— Você já os encontrou antes? — perguntei.

— Hã-hã. Há uma grande colônia deles em Alberta. Você *não* ia querer brincar de guerra de neve com esses caras.

À medida que o gigante se aproximava pude ver três figuras do tamanho de humanos o acompanhando: um meio-sangue de armadura, um demônio *empousa* de vestido preto e cabelos chamejantes e um homem alto de *smoking*. A *empousa* segurava o braço do sujeito de *smoking*, de modo que pareciam um casal a caminho de um espetáculo da Broadway ou algo assim — desconsiderando os cabelos chamejantes e as presas dela.

O grupo caminhava calmamente em direção ao Heckscher Playground. Os balanços e as quadras estavam vazios. O único ruído era o da fonte na Umpire Rock.

Olhei para Grover.

— O cara de *smoking* é o titã?

Ele assentiu, nervoso.

— Parece um mágico. Eu detesto mágicos. Eles costumam ter coelhos.

Eu o fitei.

— Você tem medo de coelhinhos?

— Bé-é-é! Eles são valentões. Estão sempre roubando aipo de sátiros indefesos!

Thalia tossiu.

— O que foi? — perguntou Grover.

— Vamos ter de trabalhar sua fobia de coelhos mais tarde — disse eu. — Aqui estão eles.

O homem de *smoking* deu um passo à frente. Era mais alto do que a média dos humanos — cerca de dois metros. Os cabelos pretos estavam amarrados em um rabo de cavalo. Óculos escuros redondos escondiam seus olhos, mas o que de fato me chamou a atenção foi a pele de seu rosto. Era coberta de arranhões, como se ele tivesse sido atacado por um animal pequeno — talvez um *hamster* muito, *muito* furioso.

— Percy Jackson — disse ele, numa voz de seda. — É uma grande honra.

Sua amiga, a *empousa*, sibilou para mim. Ela provavelmente ficara sabendo que eu destruíra duas de suas irmãs no verão anterior.

— Minha querida — disse o arrumadinho. — Por que você não se acomoda melhor ali, hein?

Ela soltou o braço dele e dirigiu-se a um banco do parque.

Olhei para o semideus de armadura atrás do arrumadinho. Eu não o havia reconhecido em seu novo elmo, mas era meu velho amigo traidor: Ethan Nakamura. O nariz dele parecia um tomate esmagado depois de nossa luta na Ponte de Williamsburg. Isso fez com que eu me sentisse melhor.

— Ei, Ethan — falei. — Você está bonito assim.

Ethan me fuzilou com o olhar.

— Aos negócios. — O arrumadinho estendeu a mão. — Eu sou Prometeu.

Fiquei surpreso demais para cumprimentá-lo.

— O sujeito que roubou o fogo? O cara acorrentado nas pedras com os abutres?

Prometeu estremeceu e tocou os arranhões em seu rosto.

— Por favor, não mencione os abutres. Mas, sim, eu roubei o fogo dos deuses e o dei a seus ancestrais. Em troca, o sempre misericordioso Zeus mandou me acorrentar a uma pedra e me torturar por toda a eternidade.

— Mas…?

— Como eu me libertei? Foi Hércules, zilhões de anos atrás. Portanto, como vê, tenho uma quedinha por heróis. Alguns de vocês podem ser bastante civilizados.

— Ao contrário daqueles com quem você anda — observei.

Eu estava olhando para Ethan, mas Prometeu aparentemente pensou que eu estivesse me referindo à *empousa*.

— Ah, demônios não são assim tão ruins — disse ele. — Você só precisa mantê-los bem-alimentados. Agora, Percy Jackson, vamos negociar.

Ele gesticulou na direção de uma mesa de piquenique e nos sentamos. Thalia e Grover ficaram atrás de mim.

O gigante azul encostou a bandeira branca em uma árvore e começou a

brincar no *playground*. Ele subiu nas barras e as esmagou, mas não pareceu zangado. Limitou-se a franzir a testa e dizer: — Oh-oh.

Então subiu na fonte e quebrou a tigela de concreto ao meio.

— Oh-oh.

A água congelou onde seu pé a tocou. De seu cinto pendia um monte de bichos de pelúcia — enormes, do tipo que você ganha como prêmio em fliperamas. Ele me lembrava Tyson, e a ideia de lutar contra ele me entristeceu.

Prometeu chegou mais para a frente na cadeira e entrelaçou os dedos. Ele parecia sério, generoso e sábio.

— Percy, você não está em boa posição. Sabe que não poderá conter outro ataque.

— Vamos ver.

Prometeu parecia aflito, como se de fato se importasse com o que me acontecesse.

— Percy, sou o titã das previsões. Sei o que vem por aí.

— E também o titã dos conselhos ardilosos — interveio Grover. — Com ênfase em *ardilosos.*

Prometeu deu de ombros.

— De fato, sátiro. Mas eu apoiei os deuses na última guerra. Disse a Cronos: “Você não tem força. Vai perder.” E tinha razão. Então, como veem, sei escolher o lado vencedor. Desta vez, estou apoiando Cronos.

— Porque Zeus o acorrentou a uma pedra — insinuei.

— Em parte, sim. Não vou negar que quero vingança. Mas essa não é minha única razão para apoiar Cronos. É a opção mais sábia. Estou aqui porque pensei que talvez você desse ouvidos à razão.

Ele desenhou um mapa na mesa com o dedo. Onde ele tocava, apareciam linhas douradas, que brilhavam no concreto.

— Isto aqui é Manhattan. Temos exércitos aqui, aqui, aqui e aqui. Sabemos quantos vocês são. Temos vinte homens para cada um dos seus.

— Seu espião vem mantendo vocês bastante informados — afirmei.

Prometeu sorriu, desculpando-se.

— Seja como for, nossas forças estão crescendo diariamente. Esta noite, Cronos vai atacar. Vocês serão vencidos. Lutaram bravamente, mas não têm como defender Manhattan inteira. Serão obrigados a recuar para o Empire State Building. Lá, serão destruídos. Eu vi isso. É o que *vai* acontecer.

Pensei no quadro que Rachel havia desenhado em meu sonho — um exército no pé do Empire State Building. Lembrei-me das palavras da garota Oráculo no outro sonho: *Eu prevejo o futuro. Não posso mudá-lo.* Prometeu falava com tanta

certeza que era difícil não acreditar nele.

— Não vou deixar que isso aconteça — afirmei.

Ele espanou uma poeirinha da lapela de seu *smoking*.

— Entenda, Percy. Você está reencenando a Guerra de Troia aqui. Os padrões se repetem na história. Reaparecem da mesma forma que os monstros. Um grande cerco. Dois exércitos. A única diferença é que desta vez você está defendendo. *Você* é Troia. E você sabe o que aconteceu aos troianos, não sabe?

— Então você vai enfiar um cavalo de madeira no elevador do Empire State Building? — perguntei. — Boa sorte.

Prometeu sorriu.

— Troia foi completamente destruída, Percy. Você não quer que isso aconteça aqui. Desista, e Nova York será poupada. Suas tropas serão anistiadas. Eu, pessoalmente, garantirei sua segurança. Deixe Cronos tomar o Olimpo. Quem se importa? Tifão vai destruir os deuses de qualquer jeito.

— Certo — falei. — E eu devo acreditar que Cronos pouparia a cidade.

— Ele só quer o Olimpo — garantiu Prometeu. — A força dos deuses está ligada aos seus tronos de poder. Você viu o que aconteceu a Poseidon quando seu palácio submarino foi atacado.

Estremeci, lembrando-me do quanto meu pai parecia velho e decrépito.

— Sim — disse Prometeu com tristeza. — Sei que foi difícil para você. Quando Cronos destruir o Olimpo, os deuses vão desaparecer. Ficarão tão fracos que serão facilmente derrotados. Ele preferiria fazer isso enquanto Tifão mantém os olimpianos ocupados no oeste. Seria mais fácil. Menos vidas seriam perdidas. Mas não se engane: o máximo que você conseguirá fazer é nos retardar. Depois de amanhã Tifão chegará a Nova York, e vocês não terão a menor chance. Os deuses e o Monte Olimpo ainda serão destruídos, mas será muito mais desagradável. Muito, muito pior para você e sua cidade. De uma forma ou de outra, os titãs vão governar.

Thalia deu um soco na mesa.

— Eu sirvo a Ártemis. As Caçadoras vão lutar até o último fôlego. Percy, você não vai ficar ouvindo esse verme, vai?

Achei que Prometeu fosse liquidá-la, mas ele apenas sorriu.

— Sua coragem a distingue, Thalia Grace.

Thalia enrijeceu-se.

— Esse é o sobrenome de minha mãe. Eu não o uso.

— Como quiser — disse Prometeu casualmente, mas pude ver que ele a havia atingido.

Eu nunca nem sequer ouvira o sobrenome de Thalia. Por algum motivo, ele a

fazia parecer quase normal. Menos misteriosa e poderosa.

— Seja como for — disse o titã —, vocês não precisam ser meus inimigos. Sempre fui um benfeitor da humanidade.

— Isso é um monte de bosta de Minotauro — disse Thalia. — Quando os homens ofereciam sacrifícios aos deuses, você os induzia, ardilosamente, a lhe dar a melhor porção. Você nos deu o fogo para irritar os deuses, não porque se preocupasse conosco.

Prometeu sacudiu a cabeça.

— Você não entende. Eu ajudei a dar forma à sua natureza.

Um pedaço de argila surgiu em suas mãos, remexendo-se. Ele o moldou em um bonequinho com braços e pernas. O homenzinho de argila não tinha olhos, mas começou a andar às cegas pela mesa, tropeçando nos dedos de Prometeu.

— Venho sussurrando no ouvido do homem desde o começo de sua existência. Represento sua curiosidade, seu senso aventureiro, sua inventividade. Ajude-me a salvá-los, Percy. Faça isso, e darei à humanidade um novo presente… uma revelação que permitirá um grande salto evolutivo, assim como aconteceu com o fogo. Vocês não conseguirão isso sob o domínio dos deuses. Eles nunca permitiriam. Essa poderá ser uma nova era de ouro para vocês. Ou…

Com o punho cerrado, ele esmagou o homenzinho de argila, que ficou parecendo uma panqueca.

— Oh-oh — ribombou a voz do gigante azul.

Mais adiante, no banco do parque, a *empousa* mostrou as presas em um sorriso.

— Percy, você sabe que os titãs e seus filhos não são todos maus — disse Prometeu. — Você conheceu Calipso.

Meu rosto ficou quente.

— Ela é diferente.

— Como? Assim como eu, ela não fez nada de errado e, no entanto, foi exilada para sempre. Simplesmente por ser filha de Atlas. Nós não somos seus inimigos. Não permita que o pior aconteça — pediu ele. — Estamos lhe oferecendo a paz.

Olhei para Ethan Nakamura.

— Você deve estar detestando isso.

— Não sei o que quer dizer.

— Se aceitarmos esse acordo, você não terá vingança. Não matará todos nós. E não é isso o que você quer?

Seu olho bom faiscou.

— Tudo o que quero é respeito, Jackson. Os deuses nunca me deram isso.

Vocês queriam que eu fosse para aquele acampamento estúpido passar meu tempo espremido no chalé de Hermes porque não sou importante? Nem mesmo reconhecido?

Ele falava como Luke quando tentara me matar no bosque do acampamento quatro anos atrás. A lembrança fez minha mão doer no local em que o escorpião havia me picado.

— Sua mãe é a deusa da vingança — disse a Ethan. — Devemos ter respeito por isso?

— Nêmesis representa o equilíbrio! Quando as pessoas têm sorte demais, ela as derruba.

— E foi por isso que ela tirou seu olho?

— Foi um pagamento — grunhiu ele. — Em troca, ela me jurou que um dia *eu* seria o responsável pelo equilíbrio da balança do poder. Eu traria o respeito aos deuses menores. Um olho foi um preço baixo a pagar.

— Excelente mãe.

— Pelo menos ela mantém sua palavra, ao contrário dos olimpianos. Ela sempre paga o que deve… seja isso bom ou mau.

— Certo — disse eu. — Então salvei sua vida e você me pagou ajudando Cronos a se erguer. É justo.

Ethan agarrou o punho de sua espada, mas Prometeu o deteve.

— Ora, ora — disse o titã. — Estamos em uma missão diplomática.

Prometeu me observava como se tentasse entender minha raiva. Então ele assentiu, como se tivesse acabado de captar um pensamento em meu cérebro.

— Incomoda você o que aconteceu a Luke — concluiu ele. — Héstia não lhe mostrou a história completa. Talvez, se compreendesse…

O titã estendeu a mão.

Thalia gritou para me alertar, mas, antes que eu pudesse reagir, o dedo indicador de Prometeu tocou minha testa.

De repente eu estava de volta à sala de estar de May Castellan. As velas bruxuleavam no console da lareira, refletidas nos espelhos que cobriam as paredes. Pela porta da cozinha eu podia ver Thalia sentada à mesa enquanto a sra. Castellan enrolava em ataduras sua perna ferida. Annabeth, aos sete anos, estava sentada ao lado dela, brincando com uma Medusa com enchimento de feijões.

Hermes e Luke estavam afastados, na sala.

O rosto do deus parecia fluido à luz das velas, como se ele não conseguisse

decidir que forma assumir. Estava vestindo roupa de corrida azul-marinho e usava Reeboks alados.

— Por que surgir agora? — perguntou Luke. Seus ombros estavam tensos, como se esperasse uma briga. — Todos esses anos eu o chamei, rezei para que você aparecesse, e nada. Você me deixou com ela. — Apontou na direção da cozinha, como se não suportasse olhar para a mãe, muito menos dizer seu nome.

— Luke, não a desrespeite — advertiu Hermes. — Sua mãe fez o melhor que pôde. Quanto a mim, eu não podia interferir em sua vida. Os filhos dos deuses devem encontrar o próprio caminho.

— Então foi para o meu próprio bem. Crescer nas ruas me defendendo sozinho, combatendo os monstros.

— Você é meu filho — disse Hermes. — Eu sabia que você seria capaz. Quando eu era apenas um bebê, saí engatinhando do berço e parti para…

— Eu não sou um deus! Pelo menos uma única vez você poderia ter dito alguma coisa. Poderia ter ajudado quando — ele respirou fundo, hesitante, baixando a voz para que ninguém na cozinha pudesse ouvir —, quando ela estava tendo um de seus *ataques*, me sacudindo e dizendo loucuras sobre meu destino. Quando eu me escondia no armário para que ela não me encontrasse com aqueles… aqueles olhos brilhantes. Você ao menos se *importava* que eu estivesse assustado? Sequer soube quando eu finalmente fugi?

Na cozinha, a sra. Castellan desandava a tagarelar, servindo refresco instantâneo a Thalia e Annabeth enquanto lhes contava histórias sobre Luke bebê. Thalia esfregava com nervosismo a perna envolta em ataduras. Annabeth olhou para a sala de estar e ergueu um biscoito queimado para que Luke o visse. Seus lábios desenharam as palavras: *Podemos ir agora?*

— Luke, eu me importo muito — disse Hermes devagar —, mas os deuses não devem interferir diretamente nas questões mortais. É uma de nossas Leis Antigas. Principalmente quando seu destino…

A voz dele falhou. Ele olhou para as velas como se lembrasse algo desagradável.

— O quê? — perguntou Luke. — O que tem meu destino?

— Você não deveria ter voltado — murmurou Hermes. — Isso só perturba vocês dois. No entanto, agora vejo que está crescido demais para fugir sem ajuda. Vou falar com Quíron no Acampamento Meio-Sangue e pedir-lhe que mande um sátiro buscá-lo.

— Estamos nos saindo bem sem sua ajuda — grunhiu Luke. — Agora, o que você estava dizendo sobre meu destino?

As asas nos Reeboks de Hermes bateram inquietas. Ele examinou o filho

como se estivesse tentando guardar seu rosto na memória, e de repente uma sensação de frio tomou conta de mim. Percebi que Hermes *sabia* o que significavam os murmúrios de May Castellan. Eu não sei como, mas olhando para o resto dele tive certeza absoluta. Hermes compreendia o que um dia aconteceria a Luke, sabia que ele se tornaria mau.

— Meu filho — disse ele —, eu sou o deus dos viajantes, o deus das estradas. Se há uma coisa que sei é que você precisa trilhar o próprio caminho, embora isso me parta o coração.

— Você não me ama.

— Eu lhe asseguro que… que o amo. Vá para o acampamento. Vou providenciar que você logo tenha uma missão. Talvez possa derrotar a Hidra ou roubar as maçãs das Hespérides. Você terá a chance de ser um grande herói antes…

— Antes do quê? — A voz de Luke agora tremia. — O que foi que minha mãe viu que a deixou assim? O que vai acontecer comigo? Se você me ama, *diga.*

A expressão de Hermes se tornou severa.

— Eu não posso.

— Então você não se importa! — gritou Luke.

Na cozinha, a conversa cessou abruptamente.

— Luke? — chamou May Castellan. — É você? Meu menino está bem?

Luke virou-se para esconder o rosto, mas pude ver as lágrimas em seus olhos.

— Estou bem. Tenho uma nova família. Não preciso de vocês dois.

— Eu sou seu pai — insistiu Hermes.

— Um *pai* deve estar por perto. Eu nunca nem mesmo o *conheci*. Thalia, Annabeth, venham! Estamos indo!

— Meu menino, não vá! — gritou May Castellan atrás dele. — Já preparei seu almoço.

Luke saiu furiosamente pela porta, com Thalia e Annabeth correndo atrás dele. May Castellan tentou segui-los, mas Hermes a deteve.

Quando a porta de tela bateu, May desabou nos braços de Hermes e começou a tremer. Seus olhos se abriram — com aquele brilho verde —, e ela agarrou desesperadamente os ombros de Hermes.

— *Meu filho* — sibilou ela com a voz áspera. — *Perigo. Destino terrível!*

— Eu sei, meu amor — disse Hermes com tristeza. — Acredite, eu sei.

A imagem desvaneceu-se. Prometeu tirou a mão de minha testa.

— Percy? — chamou Thalia. — O que… o que foi isso?

Percebi que estava coberto de suor.

Prometeu assentiu, solidário.

— Estarrecedor, não é? Os deuses sabem o que está por vir e, no entanto, eles nada fazem, nem mesmo por seus filhos. Quanto tempo levou para que lhe contassem a *sua* profecia, Percy Jackson? Acha que seu pai não sabe o que vai acontecer a você?

Eu estava atônito demais para responder.

— Perrrcy — avisou Grover —, ele está manipulando sua mente. Tentando deixá-lo com raiva.

Grover podia ler as emoções; portanto, provavelmente sabia que Prometeu estava obtendo sucesso.

— Você culpa mesmo seu amigo Luke? — o titã me perguntou. — E quanto a você, Percy? Vai ser controlado pelo destino? Cronos lhe oferece um acordo muito melhor.

Cerrei os punhos. Por mais que odiasse o que Prometeu havia me mostrado, odiava muito mais Cronos.

— Eu lhe ofereço um acordo. Diga a Cronos que suspenda seu ataque, deixe o corpo de Luke Castellan e retorne aos abismos do Tártaro. Então, talvez eu não o destrua.

A *empousa* rosnou. Seus cabelos irromperam em chamas, mas Prometeu limitou-se a suspirar.

— Se mudar de ideia — disse ele —, tenho um presente para você.

Um vaso grego surgiu na mesa. Tinha pouco menos de um metro de altura e uns trinta centímetros de largura, e era esmaltado com desenhos geométricos em preto e branco. A tampa de cerâmica estava presa com correias de couro.

Grover gemeu quando o viu.

Thalia arquejou.

— Essa não é…

— É — disse Prometeu. — Você a reconheceu.

Olhando para o jarro, experimentei uma estranha sensação de medo, mas não tinha a menor ideia do porquê.

— Isto pertenceu à minha cunhada — explicou Prometeu. — Pandora.

Um nó formou-se em minha garganta.

— Da caixa de Pandora?

Prometeu sacudiu a cabeça.

— Não sei como essa história de *caixa* começou. Nunca foi uma caixa. Era um *pithos*, um jarro para armazenagem. Suponho que a expressão “*pithos* de

Pandora” não surtisse o mesmo efeito, mas isso não tem importância. Sim, ela de fato abriu este jarro, que continha a maior parte dos demônios que agora assombram a humanidade: o medo, a morte, a fome, a doença.

— Não se esqueça de mim — ronronou a *empousa*.

— Claro — concedeu Prometeu. — A primeira *empousa* também estava aprisionada neste jarro e foi libertada por Pandora. Mas o que acho curioso nessa história é que Pandora sempre leva a culpa. Ela é punida por sua curiosidade. Os deuses querem que você acredite que é esta a lição: a humanidade não deve explorar. Não deve fazer perguntas. Deve fazer o que lhes dizem. Na verdade, Percy, este jarro foi uma armadilha criada por Zeus e os outros deuses. Foi uma vingança contra *mim* e toda a minha família: meu pobre e simples irmão, Epimeteu, e sua mulher, Pandora. Os deuses sabiam que ela abriria o jarro. E estavam dispostos a punir toda a raça humana junto conosco.

Pensei em meu sonho com Hades e Maria di Angelo. Zeus havia destruído um hotel inteiro para eliminar duas crianças semideusas — a fim apenas de salvar a própria pele, porque estava com medo de uma profecia. Havia matado uma mulher inocente e provavelmente nem perdera o sono por isso. Hades não era melhor. Não tinha poder suficiente para se vingar de Zeus, então amaldiçoara o Oráculo, condenando uma menina a um destino horrível. E Hermes… por que ele tinha abandonado Luke? Por que pelo menos não o advertiu ou tentou dar a ele uma criação melhor, para que não se tornasse mau?

Talvez Prometeu estivesse manipulando minha mente.

*Mas e se ele estiver certo?*, parte de mim se perguntava. *Até onde os deuses são melhores que os titãs?*

Prometeu bateu na tampa do jarro de Pandora.

— Apenas um espírito continuou preso aqui quando Pandora abriu o jarro.

— A esperança — falei.

Prometeu pareceu satisfeito.

— Muito bem, Percy. Elpis, o Espírito da Esperança, não abandonou a humanidade. A esperança não sai sem que lhe deem permissão. Ela só pode ser libertada pelo filho de um homem.

O titã deslizou o jarro pela mesa.

— Dou-lhe isto como um lembrete de como são os deuses — disse ele. — Fique com Elpis, se quiser. Mas se concluir que basta de destruição e sofrimento, então abra o jarro. Solte Elpis. Abra mão da esperança e eu saberei que está se rendendo. Prometo que Cronos será indulgente. Ele poupará os sobreviventes.

Olhei para o jarro e tive uma sensação ruim. Deduzi que, como eu, Pandora sofria de transtorno do *déficit* de atenção e hiperatividade. Eu nunca conseguia

deixar nada de lado. Não gostava de tentação. E se *essa* fosse a minha escolha? Quem sabe a profecia não se resumia a manter esse jarro fechado ou abri-lo?

— Não quero essa coisa — grunhi.

—Tarde demais — disse Prometeu. — O presente já foi dado. Não pode ser levado de volta.

Ele se pôs de pé. A *empousa* avançou até ele e deu-lhe o braço.

— Morrain! — Prometeu chamou o gigante azul. — Estamos indo. Pegue sua bandeira.

— Oh-oh — disse o gigante.

— Nós o veremos em breve, Percy Jackson — garantiu Prometeu. — De uma forma ou de outra.

Ethan Nakamura dirigiu-me um último olhar de ódio. Então o grupo de trégua voltou-se e seguiu passeando pela alameda no Central Park, como se aquela fosse uma tarde de domingo comum e ensolarada.

# QUATORZE

Porcos voam

De volta ao Plaza, Thalia me puxou de lado.

— O que foi que Prometeu lhe mostrou?

Com relutância, contei-lhe sobre a visão da casa de May Castellan. Thalia esfregou a coxa, como se estivesse se lembrando do antigo ferimento.

— Aquela foi uma noite ruim — admitiu ela. — Annabeth era tão pequena… Não creio que tenha de fato compreendido o que viu. Ela só sabia que Luke estava aborrecido.

Olhei para o Central Park pelas janelas do hotel. Pequenos incêndios ainda ardiam ao norte, mas, afora isso, a cidade parecia estranhamente em paz.

— Você sabe o que aconteceu a May Castellan? Quer dizer…

— Sei o que você quer dizer — replicou Thalia. — Eu nunca a vi ter uma, hã, crise, mas Luke me falou dos olhos acesos, das coisas estranhas que ela dizia. Ele me fez prometer que nunca contaria a ninguém. O que causou isso, eu não tenho a menor ideia. Se Luke sabia, nunca me contou.

— Hermes sabia — disse eu. — Algo fez com que May visse partes do futuro de Luke, e Hermes compreendeu o que aconteceria… que Luke se transformaria em Cronos.

Thalia franziu o cenho.

— Você não pode ter certeza disso. Lembre-se de que Prometeu estava manipulando o que você via, Percy, mostrando o que aconteceu do pior ângulo possível. Hermes amava, sim, Luke. Dava para ver só de olhar para ele. E estava lá naquela noite para conferir o estado de May. Ele cuidava dela. Não era de todo mau.

— Ainda assim não é certo — insisti. — Luke era só um garotinho. Hermes nunca o ajudou, não evitou que ele fugisse.

Thalia pôs o arco no ombro. Mais uma vez me ocorreu o quanto ela parecia mais forte agora que havia parado de envelhecer. Quase se podia ver uma aura prateada em torno dela — a bênção de Ártemis.

— Percy — disse ela —, você não pode começar a ter pena de Luke. Todos

passamos por situações difíceis. Todos os semideuses. Nossos pais quase nunca estão por perto. Mas Luke fez escolhas ruins. Ninguém o forçou a isso. Na verdade… — Ela olhou no corredor, certificando-se de que estávamos sozinhos. — Estou preocupada com Annabeth. Se ela tiver de enfrentar Luke na batalha, não sei se vai conseguir. Ela sempre teve uma queda por ele.

Eu corei.

— Ela vai se sair bem.

— Não sei. Depois daquela noite, depois de sairmos da casa da mãe dele, sabe? Luke nunca mais foi o mesmo. Tornou-se irresponsável e mal-humorado, como se quisesse provar algo. Quando Grover nos encontrou e tentou nos levar para o acampamento… bem, parte do motivo por que tínhamos tantos problemas era que Luke não tomava cuidado. Ele queria provocar briga com todos os monstros com que cruzávamos. Annabeth não via isso como um problema. Luke era seu herói. Ela só compreendia que os pais dele o haviam magoado, e passou a defendê-lo em tudo. Ela *ainda* o defende. O que estou dizendo é… não caia na mesma armadilha. Agora Luke se entregou a Cronos. Não podemos nos dar o luxo de ser condescendentes com ele.

Olhei para os incêndios no Harlem, imaginando quantos mortais adormecidos estariam em perigo naquele exato momento por causa das escolhas erradas de Luke.

— Você tem razão — falei.

Thalia deu um tapinha em meu ombro.

— Vou ver como estão as Caçadoras, depois vou dormir um pouco antes que a noite caia. Você deveria dormir também.

— A última coisa de que preciso são mais sonhos.

— Eu sei, pode acreditar.

Sua expressão sombria fez com que eu me perguntasse com o que ela vinha sonhando. Era um problema comum entre os semideuses: quanto mais perigosa se tornava nossa situação, piores e mais frequentes ficavam nossos sonhos.

— Mas, Percy — ela continuou —, não temos como saber quando você terá outra chance de descansar. Vai ser uma noite longa… talvez nossa *última* noite.

Aquilo não me agradava, mas eu sabia que ela estava certa. Assenti, cansado, e lhe entreguei o jarro de Pandora.

— Faça-me um favor. Tranque isto no cofre do hotel, o.k.? Acho que sou alérgico a *pithos.*

Thalia sorriu.

— Feito.

Encontrei a cama mais próxima e desmaiei. Mas, evidentemente, o sono só me

trouxe mais pesadelos.

Vi o palácio submarino de meu pai. O exército inimigo agora estava mais próximo, entrincheirado a apenas algumas centenas de metros dali. Os muros da fortaleza estavam completamente destruídos. O templo que meu pai havia usado como quartel-general ardia com fogo grego.

Olhei mais perto o arsenal, onde meu irmão e outros ciclopes faziam um intervalo para o almoço, comendo potes imensos de manteiga de amendoim com pedaços extragrandes (e não me pergunte que gosto isso tinha debaixo d'água, pois eu não quero saber). Enquanto eu observava, uma parede externa do arsenal explodiu. Um guerreiro ciclope cambaleou para dentro do espaço e desabou na mesa do almoço. Tyson ajoelhou-se para ajudar, mas já era tarde demais. O ciclope dissolveu-se em lodo marinho.

Gigantes inimigos se dirigiam ao buraco, e Tyson apanhou o porrete do guerreiro caído. Ele gritou algo para os companheiros ferreiros — provavelmente "Por Poseidon!" —, mas com a boca cheia de manteiga de amendoim soou mais como "HÃ EMDOM!". Seus companheiros pegaram martelos e formões, gritaram "MANTEIGA DE AMENDOIM!" e seguiram Tyson, correndo para a batalha.

Então a cena mudou. Eu estava com Ethan Nakamura no acampamento inimigo. O que vi me fez tremer, em parte porque o exército era imenso, em parte porque reconheci o lugar.

Estávamos na região rural de New Jersey, em uma estrada destruída, ladeada por estabelecimentos comerciais em ruínas e *outdoors* despedaçados. Uma cerca derrubada circundava um grande pátio cheio de estátuas de cimento. A placa no alto do armazém era difícil de ler, pois as letras cursivas eram vermelhas, mas eu sabia o que estava escrito: EMPÓRIO DE ANÕES DE JARDIM DA TIA EME.

Havia anos que eu não pensava naquele lugar. Estava visivelmente abandonado. As estátuas estavam quebradas e pichadas com *spray.* Um sátiro de cimento — Ferdinando, tio de Grover — havia perdido o braço. Parte do telhado do armazém havia desmoronado. Numa grande placa amarela colada na porta se lia: CONDENADO.

Centenas de barracas e fogueiras cercavam a propriedade. Na maioria, o que eu via eram monstros, mas também havia alguns mercenários humanos em uniformes de combate e semideuses de armadura. Uma bandeira roxa e preta pendia do lado de fora do empório, guardada por dois enormes hiperbóreos azuis.

Ethan estava agachado diante da fogueira mais próxima. Uns poucos semideuses sentavam-se com ele, amolando as espadas. As portas do armazém se abriram e Prometeu saiu dali.

— Nakamura — chamou ele. — O mestre quer falar com você.

Ethan levantou-se com cautela.

— Algum problema?

Prometeu sorriu.

— Vai ter de perguntar a ele.

Um dos outros semideuses reprimiu um risinho.

— Foi um prazer conhecê-lo.

Exceto pelo buraco no teto, o lugar estava exatamente como eu lembrava. Estátuas de pessoas aterrorizadas congeladas em pleno grito. Na área da lanchonete, as mesas haviam sido empurradas para o canto. Entre a máquina de refrigerante e o aquecedor de *pretzels* havia um trono dourado. Cronos estava recostado nele, a foice no colo. Usava jeans e camiseta, e a expressão pensativa o fazia parecer quase humano — como a versão mais jovem de Luke que eu vira em meu sonho, pedindo a Hermes que lhe contasse seu destino. Então Luke viu Ethan, e seu rosto se contorceu em um sorriso muito desumano. Seus olhos dourados cintilaram.

— Bem, Nakamura. O que você achou da missão diplomática?

Ethan hesitou.

— Estou certo de que o Senhor Prometeu está mais apto a falar…

— Mas eu perguntei a *você*.

O olho bom de Ethan ia de um lado para o outro, observando os guardas a postos ao redor de Cronos.

— Eu… eu não creio que Jackson vá se render. Jamais.

Cronos assentiu.

— Algo mais que queira me dizer?

— N-não, senhor.

— Você parece nervoso, Ethan.

— Não, senhor. É só… Ouvi dizer que este era o covil da…

— Medusa? É, isso mesmo. Lugar adorável, não? Infelizmente, a Medusa não se reconstituiu desde que Jackson a matou; portanto não precisa ter medo de se juntar à coleção dela. Além disso, existem forças muito mais perigosas neste lugar.

Cronos olhou para um gigante lestrigão que mastigava umas batatas fritas ruidosamente. Cronos moveu a mão e o gigante ficou imóvel. Uma batata frita

ficou suspensa no ar, a meio caminho entre a mão e a boca do monstro.

— Por que transformá-los em pedra — perguntou Cronos — se você pode parar o próprio tempo?

Seus olhos dourados cravaram-se no rosto de Ethan.

— Agora me conte mais uma coisa. O que aconteceu ontem à noite na Ponte de Williamsburg?

Ethan tremeu. Gotas de suor brotavam em sua testa.

— Eu… eu não sei, senhor.

— Sim, sabe, sim. — Cronos levantou-se do trono. — Quando você atacou Jackson, algo aconteceu. Algo não correu como devia. A garota, Annabeth, entrou na frente dele.

— Ela quis salvá-lo.

— Mas ele é invulnerável — disse Cronos baixinho. — Você mesmo viu isso.

— Não sei explicar. Talvez ela tenha esquecido.

— Ela esqueceu — disse Cronos. — É, deve ter sido isso. *Ah, puxa, esqueci que meu amigo é invulnerável e recebi uma facada no lugar dele. Oops.* Diga-me, Ethan, onde você pretendia apunhalá-lo quando atacou Jackson?

Ethan franziu o cenho. Fechou a mão como se estivesse segurando uma espada e refez o gesto.

— Não tenho certeza, senhor. Tudo aconteceu muito rápido. Eu não pretendia acertar nenhum ponto em particular.

Os dedos de Cronos tamborilaram sobre a lâmina de sua foice.

— Sei — disse ele em tom gélido. — Se sua memória melhorar, espero…

De repente o Senhor Titã estremeceu. O gigante no canto se moveu e a batata frita caiu em sua boca. Cronos cambaleou para trás e despencou no trono.

— Meu senhor? — Ethan deu um passo à frente.

— Eu… — A voz era fraca, mas por um instante era a de Luke. Então a expressão de Cronos endureceu. Ele ergueu a mão e flexionou os dedos lentamente, como se os forçasse a obedecer. — Não é nada — disse, a voz novamente metálica e fria. — Um leve desconforto.

Ethan umedeceu os lábios.

— Ele ainda está lutando contra o senhor, não é? Luke…

— Besteira — interrompeu Cronos. — Repita essa mentira e eu corto a sua língua. A alma do garoto foi destruída. Eu estou simplesmente me ajustando aos limites desta forma. Isso exige descanso. É algo irritante, mas nada mais do que um inconveniente temporário.

— Como… como quiser, meu senhor.

— Você! — Cronos apontou a foice para uma *dracaena* de armadura e coroa verdes. — Rainha Sess, não é?

— Sssssim, meu ssssenhor.

— Nossa surpresinha está pronta para ser acionada?

A rainha *dracaena* mostrou as presas.

— Ah, ssssim, meu ssssenhor. Uma sssssurpresa adorável.

— Excelente — disse Cronos. — Diga a meu irmão Hiperíon que desloque nossa tropa principal para o sul e entre no Central Park. Os meios-sangues estarão tão desbaratados que não serão capazes de se defender. Vá agora, Ethan. Esforce-se para lembrar algo mais. Conversaremos novamente depois que tivermos tomado Manhattan.

Ethan curvou-se, e meu sonho mudou uma última vez. Vi a Casa Grande do acampamento, mas era outra época. A casa estava pintada de vermelho, não de azul. Os campistas na quadra de vôlei usavam cortes de cabelo do início dos anos 90, o que provavelmente servia para manter os monstros a distância.

Quíron estava na varanda, conversando com Hermes e uma mulher, que segurava um bebê. O cabelo de Quíron estava mais curto e mais escuro. Hermes usava seu agasalho esportivo de sempre e os tênis alados de cano alto. A mulher era alta e bonita. Tinha cabelos louros, olhos brilhantes e um sorriso simpático. O bebê em seus braços se contorcia na manta azul como se o Acampamento Meio-Sangue fosse o último lugar em que desejasse estar.

— É uma honra tê-la aqui — disse Quíron à mulher, embora parecesse nervoso. — Faz muito tempo desde a última vez em que um mortal teve permissão para entrar no acampamento.

— Não a incentive — resmungou Hermes. — May, você *não pode* fazer isso.

Com um susto, percebi que estava vendo May Castellan. Ela não se parecia nada com a senhora que eu conhecera. Era cheia de vida — o tipo de pessoa que quando sorri contagia todos à sua volta.

— Ah, não se preocupe tanto — disse May, embalando o bebê. — Vocês precisam de um Oráculo, não precisam? O antigo está morto há, digamos, vinte anos?

— Mais do que isso — disse Quíron em tom grave.

Hermes levantou os braços, exasperado.

— Eu não lhe contei essa história para que você pudesse se *candidatar.* É perigoso. Quíron, diga a ela.

— É mesmo — advertiu Quíron. — Por muitos anos proibi qualquer um de tentar. Não sabemos exatamente o que aconteceu. A humanidade parece ter perdido a capacidade de abrigar o Oráculo.

— Já falamos sobre isso — disse May. — E eu sei que posso. Hermes, essa é a minha chance de fazer algo de bom. Recebi o dom da visão por algum motivo.

Eu queria gritar para que May Castellan parasse. Sabia o que estava prestes a acontecer. Finalmente compreendi como sua vida fora destruída. Mas não conseguia me mexer nem falar.

Hermes parecia mais magoado do que preocupado.

—Você não poderia se casar se viesse a se tornar o Oráculo — queixou-se. — Não poderia mais *me* ver.

May pousou a mão em seu braço.

— Não posso tê-lo para sempre, posso? Logo você seguirá adiante. Você é imortal.

Ele começou a protestar, mas ela pôs a mão em seu peito.

— Sabe que é verdade. Não tente me poupar. Além disso, temos um filho maravilhoso. Ainda poderei criar Luke mesmo sendo o Oráculo, certo?

Quíron pigarreou.

— Sim, mas com toda a franqueza, não sei como isso afetará o espírito do Oráculo. Uma mulher que já deu à luz um filho… Até onde eu sei, isso nunca aconteceu. Se o espírito não aceitar…

— Ele vai aceitar — insistiu May.

*Não*, eu queria gritar. *Não vai.*

May Castellan beijou o filho e entregou-o a Hermes.

— Volto logo.

Ela lhes dirigiu um último sorriso confiante e subiu os degraus.

Quíron e Hermes andavam de um lado para o outro em silêncio. O bebê se mexia.

Um clarão verde iluminou as janelas da casa. Os campistas pararam de jogar vôlei e ergueram os olhos para o sótão. O vento frio percorreu os campos de morangos.

Hermes deve tê-lo sentido também. Ele gritou:

— Não! NÃO!

Enfiou o bebê nos braços de Quíron e correu para a varanda. Antes que alcançasse a porta, a tarde ensolarada foi cortada pelo grito de terror de May Castellan.

Sentei-me tão rápido que bati com a cabeça no escudo de alguém.

— Ai!

— Desculpe, Percy. — Annabeth estava de pé diante de mim. — Vim

justamente acordar você.

Esfreguei a cabeça, tentando afastar as visões perturbadoras. De repente, uma porção de coisas fazia sentido: May Castellan havia tentado se tornar o Oráculo. Ela não sabia sobre a maldição de Hades que impedia que o espírito de Delfos tomasse outro hospedeiro. Nem Quíron e Hermes. Eles não sabiam que, ao tentar assumir essa função, May enlouqueceria, atormentada por ataques em que seus olhos cintilariam com um brilho verde e ela teria vislumbres fragmentados do futuro do filho.

— Percy? — perguntou Annabeth. — O que há de errado?

— Nada — menti. — O que… o que está fazendo de armadura? Você devia estar descansando.

— Ah, eu estou bem — disse ela, embora ainda parecesse pálida. Ela mal movia o braço direito. — O néctar e a ambrosia me curaram.

— Hã-hã. Você não pode sair e lutar.

Ela me ofereceu a mão boa e me ajudou a levantar. Minha cabeça latejava. Lá fora, o céu estava púrpura e vermelho.

— Você vai precisar de cada pessoa que tiver — disse ela. — Acabei de olhar em meu escudo. Tem um exército…

— Seguindo para o sul, para o Central Park — completei. — É, eu sei.

Contei-lhe parte dos meus sonhos. Deixei de fora a visão de May Castellan, porque era perturbadora demais para ser mencionada. Também deixei de fora a especulação de Ethan sobre Luke estar lutando contra Cronos dentro de seu corpo. Não queria despertar esperanças em Annabeth.

— Acha que Ethan suspeita de seu ponto fraco? — perguntou ela.

— Não sei — admiti. — Ele não disse nada a Cronos, mas se fizer alguma ideia…

— Não podemos permitir isso.

— Vou bater na cabeça dele com mais força da próxima vez — sugeri. — Alguma ideia sobre a surpresa à qual Cronos se referiu?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não vi nada no escudo, mas não gosto de surpresas.

— Idem.

— Então — disse ela —, vai brigar comigo por ir com você?

— Não. Você me venceria mesmo.

Ela conseguiu dar uma gargalhada, o que era bom de ouvir. Peguei minha espada e fomos arregimentar as tropas.

Thalia e os chefes dos chalés estavam nos esperando no reservatório. As luzes da cidade piscavam ao crepúsculo. Acho que muitas estavam ligadas em *timers*. Postes de luz contornando a margem do reservatório brilhavam e faziam com que a água e as árvores parecessem ainda mais sinistras.

— Eles estão vindo — confirmou Thalia, apontando para o norte com uma flecha de prata. — Uma de minhas sentinelas avançadas acaba de informar que já cruzaram o Rio Harlem. Não havia como detê-los. O exército… — Ela encolheu os ombros. — É imenso.

— Vamos detê-los no parque — disse eu. — Grover, vocês estão preparados?

Ele assentiu.

— Mais preparados do que nunca. Se meus espíritos da natureza podem detê-los em algum lugar, este lugar é aqui.

— Sim, estamos, sim! — disse outra voz.

Um sátiro muito velho e gordo abria caminho em meio à multidão, tropeçando na própria lança. Estava vestido com uma armadura de casca de árvore que só cobria metade de sua barriga.

— Leneu? — perguntei.

— Não fique tão surpreso — bufou ele. — Eu *sou* um líder do Conselho, e você me disse que encontrasse Grover. Bem, eu o encontrei, e não vou deixar um mero *proscrito* liderar os sátiros sem a minha ajuda!

Às costas de Leneu, Grover fingia que estava prestes a vomitar, mas o velho sátiro sorria como se fosse o salvador da pátria.

— Não temam! Aqueles titãs vão ver só!

Eu não sabia se ria ou se ficava zangado, mas consegui manter a expressão inalterada.

— Hã… sim. Bem, Grover, você não estará sozinho. Annabeth e o chalé de Atena vão se posicionar aqui. Quanto a mim e… Thalia?

Ela me deu tapinhas no ombro.

— Não precisa dizer mais nada. As Caçadoras estão prontas.

Olhei para os outros chefes de chalé.

— Isso deixa vocês com uma tarefa igualmente importante. Precisam guardar as outras entradas de Manhattan. Sabem o quanto Cronos é astuto. Vai tentar nos distrair com esse imenso exército e infiltrar sorrateiramente outra tropa por outro ponto. Cabe a vocês não permitir que isso aconteça. Cada chalé já escolheu uma ponte ou um túnel?

Os chefes assentiram, sérios.

— Então, vamos — disse eu. — Boa caçada a todos!

Ouvimos o exército antes de vê-lo.

O barulho era como o de uma artilharia de canhões combinada a uma multidão em um estádio de futebol — como se todos os torcedores do Patriots na Nova Inglaterra estivessem nos atacando com bazucas.

Na extremidade norte do reservatório, a vanguarda inimiga abria caminho pelo bosque — um guerreiro de armadura dourada liderava um batalhão de gigantes lestrigões com enormes machados de bronze. Centenas de outros monstros vinham atrás.

— Em posição! — gritou Annabeth.

Seus companheiros de chalé saíram em disparada. A ideia era fazer o exército inimigo se separar a fim de contornar o reservatório. Para chegar até nós, eles teriam de percorrer as trilhas, o que significava que estariam marchando em colunas estreitas ladeadas por água.

A princípio o plano pareceu funcionar. O inimigo dividiu-se e vinha pelas margens em nossa direção. Quando estavam no meio do caminho, nossas defesas entraram em ação. A trilha se incendiou com fogo grego, incinerando instantaneamente muitos monstros. Outros corriam de um lado para o outro, envoltos em chamas verdes. Os campistas de Atena disparavam ganchos de quatro pontas contra os gigantes maiores e os derrubavam no chão.

No bosque à direita, as Caçadoras dispararam uma saraivada de flechas de prata contra a frente de inimigos, destruindo vinte ou trinta *dracaenae*, mas um número maior vinha marchando atrás delas. Um relâmpago retumbou e fritou um gigante lestrigão, transformando-o em cinzas, e vi que Thalia devia estar usando seus truques de *filha de Zeu*s.

Grover pegou a flauta e tocou uma rápida melodia. Um rugido ergueu-se dos bosques de ambos os lados enquanto de cada árvore, pedra e arbusto parecia brotar um espírito. Dríades e sátiros ergueram seus porretes e atacaram. As árvores enroscavam-se nos monstros, estrangulando-os. A grama crescia em torno dos pés dos arqueiros inimigos. Pedras voavam e atingiam as *dracaenae* na cara.

O inimigo avançava com dificuldade. Os gigantes estraçalhavam as árvores e as náiades desapareciam à medida que suas fontes de vida eram destruídas. Cães infernais investiam contra os lobos, atirando-os para o lado. Arqueiros inimigos devolviam os disparos e uma Caçadora despencou do alto de um galho.

— Percy! — Annabeth agarrou meu braço e apontou para o reservatório.

O titã de armadura dourada não estava esperando que suas tropas avançassem pelos flancos: ele investia na nossa direção, caminhando pela água.

Uma bomba de fogo grego explodiu em cima dele, mas o titã ergueu a mão e,

com a palma voltada para cima sugou do ar as chamas.

— Hiperíon — disse Annabeth, admirada. — O Senhor da Luz, titã do leste.

— Mau? — avaliei.

— Ao lado de Atlas, é o maior guerreiro titã. Nos velhos tempos, quatro titãs controlavam os quatro cantos do mundo. Hiperíon era do leste, o mais poderoso. Foi pai de Hélios, o primeiro deus do sol.

— Vou mantê-lo ocupado — prometi.

— Percy, nem mesmo você pode…

— Apenas mantenha nossas tropas juntas.

Havíamos nos organizado junto ao reservatório por um bom motivo. Concentrei-me na água e senti seu poder crescer em mim.

Avancei na direção de Hiperíon, correndo sobre a água. *É, meu amigo. Nós dois podemos brincar desse jogo.*

A uns cinco metros, Hiperíon ergueu a espada. Seus olhos eram exatamente como eu vira no sonho — dourados como os de Cronos, porém mais brilhantes, como miniaturas do sol.

— O pestinha, filho do deus do mar — refletiu ele. — Foi você quem aprisionou Atlas debaixo do céu de novo?

— Não foi difícil — falei. — Vocês, titãs, são quase tão brilhantes quanto minhas meias de educação física.

Hiperíon rugiu.

— Você quer algo brilhante?

O corpo dele se inflamou em uma coluna de luz e calor. Desviei os olhos, mas, ainda assim, estava cego.

Instintivamente ergui Contracorrente — na hora certa. A lâmina de Hiperíon chocou-se com a minha com um estrondo. O impacto formou um muro de água de três metros na superfície do reservatório.

Meus olhos ainda queimavam. Eu precisava apagar sua luz.

Concentrei-me na onda gigantesca e forcei-a a quebrar. Um instante antes do impacto, saltei para o ar em um jato de água.

— AHHHHH! — As ondas se quebraram contra Hiperíon e ele afundou, extinguindo sua luz.

Pousei na superfície do reservatório justamente enquanto o titã tentava se pôr de pé. Sua armadura dourada pingava água. Seus olhos não cintilavam mais, mas ainda tinham uma expressão homicida.

— Você vai queimar, Jackson! — rugiu ele.

Nossas espadas tornaram a se encontrar, e o ar ficou carregado de ozônio.

A batalha prosseguia à nossa volta. Do lado direito, Annabeth liderava um ataque com seus irmãos. À esquerda, Grover e os espíritos da natureza estavam se reagrupando, emaranhando os inimigos em arbustos e ervas daninhas.

— Chega de joguinhos — disseme Hiperíon. — Vamos lutar em terra.

Eu estava prestes a fazer algum comentário inteligente, como “Não”, quando o titã deu um grito. Uma parede de força me lançou para o alto — exatamente o mesmo truque que Cronos havia feito na ponte. Recuei no ar uns trezentos metros até cair no chão. Não fosse por minha invulnerabilidade, teria quebrado todos os ossos do corpo.

Fiquei de pé, gemendo.

— Eu realmente *odeio* quando vocês, titãs, fazem isso.

Hiperíon aproximou-se de mim numa velocidade ofuscante.

Concentrei-me na água, buscando forças.

Hiperíon atacou. Ele era poderoso e rápido, mas parecia não conseguir acertar um golpe. O chão em torno de seu pés continuava a irromper em chamas, mas eu as extinguia com a mesma rapidez.

— Pare! — rugiu o titã. — Pare esse vento!

Eu não sabia a que ele estava se referindo. Estava muito ocupado lutando.

Hiperíon tropeçou, como tivesse sido empurrado. A água atingiu seu rosto, ferroando-lhe os olhos. O vento aumentou, e Hiperíon cambaleou para trás.

— Percy! — gritou Grover, pasmo. — Como você está *fazendo* isso?

Fazendo o quê?, pensei.

Então olhei para baixo e percebi que estava no centro de um furacão particular. Nuvens de vapor turbilhonavam à minha volta, ventos tão poderosos que fustigavam Hiperíon e varriam a relva em um raio de vinte metros. Guerreiros inimigos atiravam dardos contra mim, mas a tempestade os desviava.

— Maravilha — murmurei. — Mas eu quero mais!

Raios cruzaram o ar ao meu redor. As nuvens escureceram e a chuva passou a cair com mais velocidade. Aproximei-me de Hiperíon e o derrubei.

— Percy! — Grover tornou a gritar. — Traga-o aqui!

Eu brandia a espada e atacava, deixando que meus reflexos assumissem o comando. Hiperíon mal conseguia se defender. Seus olhos continuavam tentando se acender, mas o furacão extinguia as chamas.

Eu não poderia manter uma tempestade como aquela para sempre. Já sentia meus poderes enfraquecendo. Num último esforço, empurrei Hiperíon pelo campo, até onde Grover o esperava.

— Ninguém vai brincar comigo! — berrou Hiperíon.

Ele conseguiu se levantar outra vez, mas Grover levou a flauta de bambu aos lábios e começou a tocar. Leneu juntou-se a ele. No bosque, todos os sátiros começaram a tocar a canção — uma melodia estranha, como o som de um riacho fluindo sobre pedras. O solo se rompeu aos pés de Hiperíon. Raízes retorcidas envolveram-lhe as pernas.

— O que é isto? — protestou ele. Tentou livrar-se das raízes, mas ainda estava fraco. As raízes engrossaram até que ele parecia estar usando botas de madeira. — Parem com isso! — gritou ele. — Sua magia silvestre não é páreo para um titã!

Mas, quanto mais ele lutava, mais rápido as raízes cresciam. Elas se enroscaram em seu corpo, engrossando e enrijecendo até se transformarem em madeira. A armadura dourada do titã incorporou-se à madeira, e tudo se tornou um grande tronco.

A música continuou. As tropas de Hiperíon recuaram, assombradas, enquanto seu líder era absorvido. Ele esticou os braços, que se transformaram em galhos, de cujas ramificações menores brotaram folhas. A árvore foi ficando mais alta e robusta, até que somente o rosto do titã estava visível no meio do tronco.

— Vocês não podem me aprisionar! — gritou ele. — Eu sou Hiperíon! Eu sou…

A casca da árvore cobriu seu rosto.

Grover tirou a flauta da boca.

— Você deu uma árvore muito legal.

Vários sátiros desmaiaram de exaustão, mas tinham feito um bom trabalho. O senhor titã estava completamente encapsulado em um enorme bordo. O tronco tinha pelo menos uns sete metros de diâmetro, a copa tão alta quanto a mais alta do parque. Aquela árvore poderia ter estado ali por séculos.

O exército do titã começou a bater em retirada. Um viva ergueu-se da equipe de Atena, mas nossa vitória durou pouco.

Porque nesse exato momento Cronos deu início à sua surpresa.

— RIIIIII!

O grito ecoou por toda a parte alta de Manhattan. Tanto semideuses quanto monstros ficaram imóveis, aterrorizados.

Grover me lançou um olhar de pânico.

— Por que isso soa como… Não pode ser!

Eu sabia o que ele estava pensando. Dois anos antes havíamos recebido um “presente” de Pã: um enorme javali que nos carregou por todo o Sudeste (depois

de tentar nos matar). O javali tinha um guincho semelhante, mas o que ouvíamos agora parecia mais agudo, mais esganiçado, quase como… como se o javali tivesse uma namorada furiosa.

— RIIIIIIII!

Uma imensa criatura cor-de-rosa planava sobre o reservatório — um pesadelo dirigível, digno do Desfile do Dia de Ação de Graças da Macy's, só que com asas.

— Uma porca! — gritou Annabeth. — Procurem abrigo!

Os semideuses se dispersaram quando a porca alada atacou violentamente. As asas eram da cor das de um flamingo, o que combinava perfeitamente com sua pele, mas foi difícil pensar nela como algo bonitinho quando seus cascos se chocaram com o solo, errando por pouco um dos irmãos de Annabeth. A porca pisoteou de um lado para o outro, arrancou dois mil metros quadrados de árvores e arrotou uma nuvem de gás tóxico. Em seguida, levantou voo outra vez, descrevendo um círculo e preparando-se para um novo ataque.

— Não me diga que essa coisa é da mitologia grega — queixei-me.

— Receio que sim — disse Annabeth. — A porca Camoniana. Ela aterrorizou cidades gregas há muito tempo.

— Deixe-me adivinhar — disse eu. — Hércules a derrotou.

— Não — replicou Annabeth. — Até onde eu sei, *nenhum* herói jamais a derrotou.

— Perfeito — murmurei.

O exército do titã estava se recuperando do susto. Creio que perceberam que a porca não estava atrás deles.

Tínhamos apenas segundos antes que eles estivessem prontos para lutar, e nossas tropas ainda estavam tomadas pelo pânico. Sempre que a porca arrotava, os espíritos da natureza de Grover gritavam e voltavam a desaparecer em suas árvores.

— Aquela porca tem de dar o fora. — Peguei um gancho de um dos irmãos de Annabeth. — Vou cuidar dela. Vocês segurem o restante dos inimigos. Forcem-nos a recuar!

— Mas, Percy — disse Grover —, e se não conseguirmos?

Vi o quanto ele estava cansado. A magia de fato o havia esgotado. Annabeth não parecia muito melhor, combatendo com um ferimento grave no ombro. Eu não sabia como as Caçadoras estavam se saindo, mas o flanco direito do exército inimigo agora estava entre elas e nós.

Não queria abandonar meus amigos em condições tão ruins, mas aquela porca era a ameaça maior. Ela destruiria tudo: edifícios, árvores, mortais adormecidos.

Precisava ser detida.

— Recuem se precisarem — disse eu. — Mas tentem retardá-lo. Volto o mais rápido que puder.

Antes que eu pudesse mudar de ideia, girei o gancho como um laço. Quando a porca desceu para seu próximo ataque, eu o atirei com toda a minha força. O gancho se enrolou na base da asa da porca, que guinchou de fúria e deu uma guinada, arrastando a corda e a mim para o céu.

Se você está indo do Central Park para o centro da cidade, meu conselho é que vá de metrô. Porcos voadores são mais rápidos, mas bem mais perigosos.

A porca passou voando por cima do Plaza, seguindo para o cânion da Quinta Avenida. Meu plano brilhante era subir pela corda e montar nas costas da porca. Infelizmente, eu estava ocupado demais balançando de um lado para o outro e me esquivando dos postes de luz e das laterais dos edifícios.

Também aprendi o seguinte: uma coisa é subir por uma corda na aula de educação física; outra, completamente diferente, é subir por uma corda presa à asa em movimento de um porco voando a 160km/h.

Ziguezagueamos por vários quarteirões e continuamos seguindo para o sul sobre a Park Avenue.

*Chefe! Ei, chefe!* Pelo canto do olho vi Blackjack voando perto de nós, disparando para um lado e para o outro a fim de evitar as asas da porca.

— Cuidado! — eu lhe disse.

*Salte!*, relinchou Blackjack. *Eu posso pegá-lo… provavelmente*.

Não era muito tranquilizador. O terminal Grand Central estava à nossa frente. Acima da entrada principal erguia-se a estátua gigante de Hermes, que imagino não fora ativada por ser alta demais. Eu voava bem na direção dele, a uma velocidade capaz de esmagar um semideus.

— Fique alerta! — disse eu a Blackjack. — Tive uma ideia.

*Ah, odeio suas ideias.*

Lancei-me para a frente com toda a minha força. Em vez de me chocar contra a estátua de Hermes, dei a volta nela, enrolando a corda sob seus braços. Pensei que assim fosse amarrar a porca, mas havia subestimado a força de um suíno de trinta toneladas em pleno voo. Assim que a porca arrancou a estátua do pedestal, soltei a corda. Hermes foi dar um passeio, tomando meu lugar como passageiro da porca, e eu despenquei em queda livre.

Naquela fração de segundo pensei no tempo em que mamãe costumava trabalhar numa doceria da Grand Central. Pensei no quanto seria ruim se eu

acabasse como uma mancha de gordura na calçada.

Então uma sombra passou debaixo de mim e *bum* — eu estava nas costas de Blackjack. Não foi a aterrissagem mais confortável. Na verdade, quando gritei "AI!" minha voz estava uma oitava acima do habitual.

*Desculpe, chefe*, murmurou Blackjack.

— Sem problemas — guinchei. — Siga aquela porca!

A porca havia dobrado a direita na 42 Leste e voava de volta para a Quinta Avenida. Quando sobrevoava os telhados, pude ver incêndios aqui e ali pela cidade. Parecia que meus amigos estavam enfrentando dificuldades. Cronos atacava em várias frentes. Mas, no momento, eu tinha meus próprios problemas.

A estátua de Hermes ainda estava em sua coleira. Ia batendo nos edifícios e girando. A porca passou sobre um prédio comercial, e Hermes foi de encontro a uma caixa-d'água no telhado, lançando água e madeira para todos os lados.

Então algo me ocorreu.

— Aproxime-se dela — disse eu a Blackjack.

Ele relinchou, protestando.

— Só a uma distância que dê para eu gritar e ela ouvir — disse eu. — Preciso falar com a estátua.

*Agora tenho certeza de que você pirou, chefe*, disse Blackjack, mas ele fez o que pedi. Quando estava bem perto para ver o rosto da estátua com clareza, gritei:

— Olá, Hermes! Sequência de comando: Dédalo Vinte e Três. Mate Porcos Voadores! Iniciar Ativação!

Imediatamente a estátua moveu as pernas. Pareceu confusa ao perceber que não estava mais no topo do Grand Central Terminal, mas sim dando um passeio pelo céu na ponta de uma corda puxada por uma grande porca voadora. Ela chocou-se com a lateral de um edifício de tijolos, atravessando-a, o que, acho, deixou-a um pouco furiosa. Ela sacudiu a cabeça e começou a subir pela corda.

Olhei para a rua lá embaixo. Estávamos nos aproximando da biblioteca pública, com os grandes leões de mármore ladeando a escada. De repente, ocorreu-me uma ideia esquisita: será que estátuas de *pedra* também podiam ser autômatos? Parecia um tiro no escuro, mas…

— Mais rápido! — pedi a Blackjack. — Fique na frente da porca. Deboche da cara dela!

*Hã, chefe…*

— Confie em mim — disse eu. — Eu posso fazer isso… provavelmente.

*Ah, está certo. Goze com a cara do cavalo.*

Blackjack disparou. Ele podia ser muito veloz quando queria. Ficou na frente

da porca, que a essa altura tinha um Hermes de metal nas costas.

Blackjack relinchou: *Você tem cheiro de presunto!* E atingiu a porca no focinho com os cascos traseiros, mergulhando em seguida. A porca gritou de raiva e o seguiu.

Disparamos na direção da escadaria frontal da biblioteca. Blackjack reduziu a velocidade o suficiente para que eu saltasse, então continuou voando para a entrada principal.

— Leões! Sequência de comando: Dédalo Vinte e Três. Mate Porcos Voadores! Iniciar Ativação! — gritei.

Os leões se levantaram e me olharam. Provavelmente pensaram que eu estava zombando deles. Mas nesse exato momento:

— *RIIIIIII!*

O monstro maciço e cor-de-rosa aterrissou com um baque, quebrando a calçada. Os leões o fitaram, sem acreditar na sua sorte, e saltaram sobre ele. Ao mesmo tempo, uma estátua de Hermes muito dilapidada pulou na cabeça da porca e começou a golpeá-la impiedosamente com um caduceu. Aqueles leões tinham garras terríveis.

Saquei Contracorrente, mas não havia muito que pudesse fazer. A porca desintegrou-se diante dos meus olhos. Eu quase tive pena dela. Torci para que encontrasse o porco dos seus sonhos lá no Tártaro.

Quando o monstro havia se transformado por completo em pó, os leões e a estátua de Hermes olharam à sua volta, confusos.

— Agora vocês podem defender Manhattan — eu lhes disse, mas eles pareceram não ouvir.

Dispararam pela Park Avenue, e imaginei que fossem continuar procurando porcos voadores até que alguém os desativasse.

*Ei, chefe,* disse Blackjack. *Podemos fazer uma pausa para comer uma rosquinha?*

Limpei o suor da minha testa.

— Eu bem que queria, grandão, mas a luta continua.

Na verdade, eu podia ouvi-la chegando mais perto. Meus amigos precisavam de ajuda. Saltei nas costas de Blackjack e voamos para o norte, na direção do som das explosões.

# QUINZE

Quíron dá uma festa

Midtown era uma zona de guerra. Sobrevoamos pequenos conflitos por toda parte. Um gigante arrancava árvores no Bryant Park, enquanto dríades arremessavam nozes nele. Diante do Waldorf Astoria, uma estátua de bronze de Benjamin Franklin surrava um cão infernal com um jornal enrolado. Um trio de campistas de Hefesto lutava contra um pelotão de *dracaenae* no meio do Rockefeller Center.

Fiquei tentado a parar e ajudar, mas pela fumaça e pelo barulho dava para ver que a ação de verdade havia se deslocado mais para o sul. Nossas defesas estavam desmoronando. O inimigo estava se aproximando do Empire State Building.

Fizemos uma rápida varredura da área ao redor. As Caçadoras haviam disposto uma linha defensiva na Rua 37, apenas três quadras ao norte do Olimpo. A leste da Park Avenue, Jake Mason e outros campistas de Hefesto lideravam um exército de estátuas contra o inimigo. A oeste, o chalé de Deméter e os espíritos da natureza de Grover haviam transformado a Sexta Avenida em uma selva que enredava um esquadrão de semideuses de Cronos. O sul estava livre por ora, mas os flancos do exército inimigo estavam dando meia-volta. Mais alguns minutos e estaríamos totalmente cercados.

— Temos de pousar onde mais precisam de nós — murmurei.

*Isso é em todo lugar, chefe.*

Avistei a sudoeste uma bandeira cinza familiar com uma coruja pintada, na Rua 33 com o túnel da Park Avenue. Annabeth e dois de seus irmãos continham um gigante hiperbóreo.

— Lá! — disse eu a Blackjack.

Ele mergulhou na direção da batalha.

Saltei de suas costas e aterrissei na cabeça do gigante. Quando o monstro olhou para cima, deslizei pelo seu rosto, esmagando-lhe o nariz com o escudo.

— RÁÁÁÁÁ! — O gigante cambaleou para trás, o sangue azul escorrendo por suas narinas.

Toquei a calçada já correndo. O hiperbóreo soltou uma baforada, formando uma nuvem de névoa branca, e a temperatura caiu. O lugar onde eu saltara agora estava coberto de gelo, e eu, por uma camada branca como açúcar sobre uma rosquinha.

— Ei, feioso! — gritou Annabeth.

Esperava que ela estivesse falando com o gigante, não comigo.

O homem azul berrou e voltou-se para ela, expondo a parte posterior das pernas desprotegidas. Investi e o espetei atrás do joelho.

— *AAAAH!* — O hiperbóreo vergou para a frente.

Esperei que ele se virasse, mas ele congelou. E com isso quero dizer que ele, literalmente, se transformou em gelo. Partindo do ponto em que eu o havia espetado, surgiram em seu corpo rachaduras, que foram ficando mais longas e mais largas, até que o gigante desmoronou em uma montanha de cacos azuis.

— Obrigada. — Annabeth estremeceu, tentando recuperar o fôlego. — A porca?

— Virou costeleta — respondi.

— Ótimo. — Ela flexionou o ombro. Obviamente, o ferimento ainda a incomodava, mas ela viu minha expressão e revirou os olhos. — Estou bem, Percy. Venha! Ainda nos restam muitos inimigos!

Ela estava certa. A hora seguinte é uma lembrança obscura. Lutei como nunca havia lutado antes — investindo contra legiões de *dracaenae*, derrubando dezenas de telquines a cada golpe, destruindo *empousai* e nocauteando semideuses inimigos. Independentemente de quantos eu derrotasse, outros tomavam seu lugar.

Annabeth e eu corremos de quarteirão em quarteirão, tentando auxiliar nossas defesas. Muitos de nossos amigos jaziam caídos nas ruas, feridos. Muitos estavam desaparecidos.

À medida que a noite transcorria e a lua ficava mais alta no céu, fomos empurrados para trás metro a metro, até estarmos todos a apenas uma quadra do Empire State Building. Num momento, Grover estava perto de mim, batendo na cabeça de mulheres cobras com seu porrete. Então ele desaparecia na multidão, e era Thalia que estava ao meu lado, fazendo os monstros recuarem com o poder de seu escudo mágico. A sra. O'Leary surgiu saltitando do nada, pegou um gigante lestrigão na boca e lançou-o no ar como um *frisbee*. Annabeth usava seu boné de invisibilidade para passar sorrateiramente por trás das linhas inimigas. Sempre que um monstro se desintegrava sem nenhuma razão aparente e com

uma expressão de surpresa na cara, eu sabia que Annabeth passara por ali.

Mas ainda não era suficiente.

— Mantenham as posições! — gritou Katie Gardner de algum ponto à minha esquerda.

O problema é que havia bem poucos de nós para manter qualquer coisa. A entrada para o Olimpo estava uns sete metros atrás de mim. Um círculo de bravos semideuses, Caçadoras e espíritos da natureza guardavam as portas. Eu brandia a espada e golpeava, destruindo tudo em meu caminho, mas mesmo eu estava ficando cansado. Além do mais, não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Na retaguarda das tropas inimigas, algumas quadras para leste, uma luz brilhante começou a reluzir. Pensei que fosse o sol nascente. Então percebi que Cronos vinha em nossa direção em uma carruagem dourada. Uma dúzia de gigantes lestrigões carregava tochas diante dele. Dois hiperbóreos carregavam suas bandeiras pretas e roxas. O Senhor dos Titãs parecia bem-disposto e descansado, seus poderes na capacidade máxima. Avançava lentamente, deixando que eu me consumisse.

Annabeth apareceu ao meu lado.

— Precisamos recuar para a entrada. Defendê-la a todo custo!

Ela tinha razão. Eu estava prestes a ordenar uma retirada quando ouvi a trompa de caça.

O som atravessava o ruído da batalha como um alarme de incêndio. Um coro de trompas respondeu, ecoando por todo canto nos edifícios de Manhattan.

Olhei para Thalia, mas ela simplesmente franziu a testa.

— Não são as Caçadoras — assegurou. — Estamos todas aqui.

— Então, quem?

As trompas soaram mais alto. Eu não sabia dizer de onde estavam vindo por causa do eco, mas parecia que um exército inteiro se aproximava.

Eu receava que fossem mais inimigos, mas as tropas de Cronos pareciam tão confusas quanto nós. Gigantes baixavam seus porretes. *Dracaenae* silvavam. Até mesmo a guarda de honra de Cronos parecia inquieta.

Então, à nossa esquerda, uma centena de monstros gritou ao mesmo tempo. O flanco norte de Cronos inteiro avançou. Pensei que estivéssemos liquidados, mas eles não atacaram. Correram, passando por nós, e foram de encontro a seus aliados do sul.

Uma nova explosão de trompas sacudiu a noite. O ar tremulava. Em um movimento indistinto, toda uma cavalaria surgiu como se caísse do céu na velocidade da luz.

— É, benzinho! — gemeu uma voz. — É HORA DA FESTA!

Uma chuva de flechas voou sobre nossas cabeças, caindo sobre os inimigos e pulverizando centenas de demônios. Mas não eram flechas comuns. Eram flechas que assoviavam ao voar, fazendo um som parecido com "UÍÍÍÍÍÍ!". Algumas tinham cata-ventos presos a elas. Outras tinham luvas de boxe no lugar da ponta.

— Centauros! — gritou Annabeth.

O exército dos Pôneis de Festa explodiu entre nós num tumulto de cores: camisas com estampas *tie-dye*, perucas afro multicoloridas, enormes óculos de sol e rostos com pintura de guerra. Alguns tinham *slogans* rabiscados em seus flancos, como CAVALOS ARRASAM ou CRONOS É UM BOBALHÃO.

Centenas deles tomaram a quadra. Meu cérebro não conseguia processar tudo o que eu via, mas eu sabia que se eu fosse o inimigo, estaria correndo.

— Percy! — gritou Quíron acima do mar de centauros selvagens. Ele estava vestido com armadura da cintura para cima, o arco na mão, e sorria de satisfação. — Desculpe por chegarmos tarde!

— CARA! — gritou outro centauro. — Deixe a conversa para depois. ACABE COM OS MONSTROS AGORA!

Ele carregou uma pistola de *paintball* de cano duplo e disparou contra um cão infernal inimigo, tingindo-o de rosa-pink. A tinta deveria estar misturada a pó de bronze celestial ou algo semelhante, porque assim que ela atingiu e se espalhou pelo cão infernal, o monstro gritou e se dissolveu em uma poça rosa e preta.

— PÔNEIS DE FESTA! — gritou um centauro. — SUL DA FLÓRIDA!

Em algum ponto do outro lado do campo de batalha, uma voz fanhosa gritou de volta:

— DIVISÃO CORAÇÃO DO TEXAS!

— O HAVAÍ ARRASA! — gritou uma terceira.

Era a coisa mais linda que eu já vira. O exército inteiro do titã fez meia-volta e fugiu, empurrado por uma enchente de bolas de tinta, flechas, espadas e tacos de beisebol de borracha. Os centauros pisoteavam tudo em seu caminho.

— Parem de correr, seu bando de tolos! — gritou Cronos. — Fiquem e AJAAAMM!

Esta última parte foi por causa de um gigante hiperbóreo em pânico que tropeçou para trás e caiu sentado em cima dele. O Senhor do Tempo desapareceu sob um traseiro azul gigante.

Nós os fizemos recuar várias quadras até que Quíron gritou:

— PAREM! Vocês prometeram. PAREM!

Não foi fácil, mas por fim a ordem foi transmitida pelas fileiras de centauros,

e eles começaram a voltar, deixando o inimigo fugir.

— Quíron é esperto — disse Annabeth, enxugando o suor do rosto. — Se os perseguirmos, ficaremos dispersos demais. Precisamos nos reagrupar.

— Mas o inimigo…

— Eles não estão derrotados — concordou ela. — Mas a aurora está chegando. Pelo menos ganhamos algum tempo.

Eu não gostava de recuar, mas sabia que ela estava certa. Observei os últimos telquines fugindo precipitadamente na direção do Rio East. Então, relutante, fiz meia-volta e segui na direção do Empire State Building.

Delimitamos um perímetro de duas quadras, com uma tenda de comando no Empire State Building. Quíron informou-nos que os Pôneis de Festa haviam enviado divisões de quase todos os estados da União: quarenta da Califórnia, duas de Rhode Island, trinta do Illinois… Por alto, um total de quinhentos havia respondido ao seu chamado, mas, mesmo com tantos assim, não podíamos defender mais do que algumas quadras.

— Cara — disse um centauro de nome Larry, com uma camiseta que o identificava como GRANDE CHEFE MÁXIMO, FILIAL DO NOVO MÉXICO —, isso foi mais divertido do que nossa última convenção em Vegas!

— É — disse Owen, de Dakota do Sul. Ele usava uma jaqueta de couro preta e um antigo capacete do exército, da Segunda Guerra Mundial. — Nós acabamos com eles!

Quíron deu um tapinha nas costas de Owen.

— Vocês fizeram bonito, meus amigos, mas não sejam descuidados. Cronos nunca deve ser subestimado. Agora, por que não vão à lanchonete na 33 Oeste tomar o café da manhã? Ouvi dizer que a divisão de Delaware encontrou um estoque de *root beer*.

— *Root beer*! — Eles quase pisotearam uns aos outros ao sair galopando.

Quíron sorriu. Annabeth o abraçou, e a sra. O'Leary lambeu seu rosto.

— Argh — grunhiu ele. — Chega disso, cachorra. Tá, eu estou feliz em vê-la também.

— Quíron, obrigado — disse eu. — Quero dizer, vocês salvaram o dia.

Ele deu de ombros.

— Lamento ter demorado tanto. Os centauros viajam velozmente, vocês sabem. Podemos vencer qualquer distância galopando. No entanto, reunir todos os centauros não foi tarefa fácil. Os Pôneis de Festa não sá lá muito organizados.

— Como vocês conseguiram transpor as defesas mágicas em torno da cidade?

— perguntou Annabeth.

— Elas nos retardaram um pouco — admitiu Quíron —, mas acho que se destinam principalmente a impedir a entrada de mortais. Cronos não quer humanos insignificantes se interpondo no caminho de sua grande vitória.

— Então talvez outros reforços possam passar — disse eu, esperançoso.

Quíron alisou a barba.

— Talvez, embora o tempo seja curto. Assim que Cronos se recuperar, ele vai atacar outra vez. Sem o elemento surpresa do nosso lado…

Entendi o que ele queria dizer. Cronos não estava derrotado. De jeito nenhum. Eu torcia para que ele tivesse sido esmagado debaixo do traseiro daquele gigante hiperbóreo, mas sabia que isso não tinha acontecido. Ele voltaria, no mais tardar esta noite.

— E Tifão? — perguntei.

O rosto de Quíron tornou-se sombrio.

— Os deuses estão ficando cansados. Dioniso foi posto fora de combate ontem. Tifão espatifou sua carruagem, e o deus do vinho caiu em algum ponto dos Montes Apalaches. Ninguém o viu desde então. Hefesto também está fora de ação. Foi arremessado da batalha com tamanha força que criou um novo lago na Virgínia Ocidental. Ele vai ficar bem, mas não a tempo de voltar a lutar. Os outros ainda estão lutando. Conseguiram retardar a aproximação de Tifão. Mas o monstro não pode ser detido. Vai chegar a Nova York aproximadamente a esta hora, amanhã. Assim que ele e Cronos juntarem forças…

— Então que chance nós temos? — perguntei. — Não vamos conseguir resistir mais um dia.

— Vamos ter de conseguir — afirmou Thalia. — Vou providenciar para que novas armadilhas sejam instaladas no perímetro urbano.

Ela parecia exausta. Sua jaqueta estava suja de fuligem e poeira de monstro, mas ela conseguiu se pôr de pé e sair cambaleando.

— Eu vou ajudá-la — decidiu Quíron. — Preciso me certificar de que meus companheiros não se excedam demais na *root beer*.

Pensei que “se exceder demais” resumia bastante bem os Pôneis de Festa, mas Quíron partiu a meio-galope, deixando-me sozinho com Annabeth.

Ela limpou o muco viscoso dos monstros de sua faca. Eu já a vira fazer aquilo centenas de vezes, mas nunca pensara no motivo de ela se preocupar tanto com aquela lâmina.

— Pelo menos sua mãe está bem — disse eu.

— Se lutar contra Tifão é estar *bem*… — Ela me olhou nos olhos. — Percy, mesmo com a ajuda dos centauros, estou começando a achar…

— Eu sei. — Tinha um mau pressentimento de que essa podia ser nossa última chance de conversar e sentia que havia um milhão de coisas que não tinha dito a ela. — Ouça, teve umas… umas visões que Héstia me mostrou.

— Sobre Luke?

Talvez fosse apenas uma dedução óbvia, mas tive a impressão de que Annabeth sabia o que eu vinha ocultando. Talvez ela viesse tendo seus próprios sonhos.

— É — falei. — Você, Thalia e Luke. O primeiro encontro de vocês. E seu primeiro encontro com Hermes.

Annabeth guardou a faca de volta na bainha.

— Luke prometeu que nunca deixaria que me machucassem. Ele disse… disse que seríamos uma nova família… e que seria melhor do que a dele.

Seus olhos me lembraram aquela garotinha de sete anos no beco — zangada, assustada, desesperada por um amigo.

— Thalia falou comigo mais cedo — disse eu. — Ela teme…

— Que eu não possa enfrentar Luke — completou ela, infeliz.

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas tem algo mais que você precisa saber: Ethan Nakamura parecia pensar que Luke ainda estava vivo dentro de seu corpo, talvez até lutando contra Cronos pelo controle.

Annabeth tentou esconder, mas eu quase podia ver sua mente trabalhando nas possibilidades, talvez começando a ter esperanças.

— Eu não queria lhe contar — admiti.

Ela ergueu os olhos para o Empire State Building.

— Percy, durante muito tempo da minha vida eu sentia como se tudo estivesse mudando o tempo todo. Eu não tinha ninguém em quem confiar.

Assenti. Isso era algo que a maior parte dos semideuses podia compreender.

— Fugi de casa quando tinha sete anos — contou ela. — Então, com Luke e Thalia, pensei que tivesse encontrado uma família, mas ela se desmantelou quase imediatamente. O que estou dizendo… é que *odeio* quando as pessoas me decepcionam, quando as coisas são temporárias. Acho que é por isso que quero ser arquiteta.

— Para construir algo permanente — disse eu. — Um monumento que dure mil anos.

Ela sustentou meu olhar.

— Acho que isso, mais uma vez, se enquadra em meu defeito fatal.

Há alguns anos, no Mar dos Monstros, Annabeth havia me contado que seu

maior defeito era o orgulho — acreditar que podia consertar qualquer coisa. Eu chegara a ter um vislumbre de seu desejo mais profundo, mostrado a ela pela magia das sereias. Annabeth havia imaginado sua mãe e seu pai juntos, diante de uma Manhattan recém-construída, projetada por ela mesma. E Luke também estava lá — novamente do lado do bem, dando-lhe as boas-vindas.

— Acho que entendo como se sente — falei. — Mas Thalia tem razão. Luke já traiu você muitas vezes. Ele era mau mesmo antes de Cronos. Não quero que ele a magoe mais.

Annabeth franziu os lábios. Dava para ver que estava tentando não se zangar.

— E você vai entender se eu continuar tendo esperanças de que existe uma chance de você estar errado.

Desviei os olhos. Tinha a sensação de ter tentado tudo que podia, mas isso não fez com que eu me sentisse melhor.

Do outro lado da rua, os campistas de Apolo haviam montado um hospital de campanha para cuidar dos feridos — dezenas de campistas e praticamente o mesmo número de Caçadoras. Eu os observava trabalhando e pensava em nossas escassas chances de defender o Monte Olimpo…

E, de repente, eu não estava mais ali.

Encontrava-me em um bar de segunda, comprido, com paredes negras, placas de néon e um monte de adultos festejando. Numa faixa pendurada no bar se lia: FELIZ ANIVERSÁRIO, BOBBY EARL. Música *country* soava nos alto-falantes. Caras grandalhões de jeans e camisas de trabalho lotavam o bar. Garçonetes carregavam bandejas de bebidas e gritavam umas com as outras. Era o tipo de lugar ao qual minha mãe nunca me deixaria ir.

Eu estava enfiado no fundo do bar, perto dos banheiros (que não cheiravam muito bem) e de algumas máquinas antigas de videogame.

— Ah, ótimo, você está aqui — disse o homem na máquina de Pac-Man. — Vou querer uma Coca Diet.

Era um sujeito gorducho, com uma camisa de estampa de pele de leopardo, short roxo, tênis de corrida vermelhos e meias pretas, o que não permitia que ele passasse despercebido. Seu nariz era muito vermelho. Uma atadura envolvia seus cabelos negros encaracolados, como se ele estivesse se recuperando de um traumatismo.

Eu pisquei.

— Sr. D?

Ele suspirou, sem tirar os olhos do jogo.

— Francamente, Peter Johnson, quanto tempo vai levar para que você me reconheça de imediato?

— Provavelmente, o mesmo tempo que vai levar para o senhor aprender meu nome — murmurei. — Onde estamos?

— Ora, na festa de aniversário de Bobby Earl — respondeu Dioniso. — Em algum lugar da adorável América rural.

— Pensei que Tifão o tivesse arremessado do céu. Disseram que o senhor fez uma aterrissagem forçada.

— Sua preocupação é tocante. Eu *de fato* fiz uma aterrissagem forçada. Foi muito doloroso. Na verdade, parte de mim ainda está enterrada debaixo de trinta metros de entulho em uma mina de carvão abandonada. Vão ser necessárias várias horas até que eu tenha força suficiente para me restabelecer. Mas, nesse meio-tempo, parte da minha consciência está *aqui*.

— Em um bar, jogando Pac-Man.

— Hora da diversão — disse Dioniso. — Você, certamente, deve ter ouvido falar disso. Onde quer que haja uma festa, minha presença é evocada. Por isso, posso existir em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo. O único problema foi encontrar uma festa. Não sei se você está ciente de como as coisas estão sérias fora de sua pequena bolha de segurança em Nova York…

— *Pequena bolha de segurança?*

— … mas acredite em mim, os mortais aqui fora, no continente, estão entrando em pânico. Tifão está aterrorizando todos. Bem poucos estão dando festas. Aparentemente, Bobby Earl e seus amigos, abençoados sejam, são um pouco lentos. Não perceberam que o mundo está acabando.

— Então… eu não estou aqui de verdade?

— Não. Em um instante vou mandá-lo de volta para sua vida insignificante, e vai ser como se nada tivesse acontecido.

— E *para que* me trouxe aqui?

Dioniso resfolegou com desdém.

— Ah, eu não queria particularmente você. Qualquer um de vocês, tolos heróis, serviria. Aquela garota, Annie…

— Annabeth.

— A questão — disse ele — é que trouxe você a esta festa para lhe dar um aviso. Estamos em *perigo.*

— Puxa — disse eu. — Nunca teria desconfiado. Obrigado.

Ele me fuzilou com o olhar, momentaneamente distraído de seu jogo. Pac-Man foi comido pelo fantasminha vermelho.

— *Erre es korakas*, Blinky! — praguejou Dioniso. — Vou liquidar sua alma!

— Hã, é só um personagem de videogame — falei.

— Isso não é desculpa! E você está estragando o meu jogo, Jorgenson!

— Jackson.

— Que seja! Agora ouça: a situação é mais séria do que você imagina. Se o Olimpo cair, não só os deuses vão desaparecer, mas tudo o que estiver conectado à nossa herança também vai começar a se desfazer. A própria essência de sua civilizaçãozinha insignificante…

No jogo soou uma musiquinha, e o sr. D passou para o nível 254.

— Ah! — ele gritou. — Tomem isto, seus camaradas de *pixels*!

— Hã, a essência da civilização — lembrei.

— Sim, sim. Toda a sua civilização vai se destruir. Talvez não de imediato, mas guarde as minhas palavras: o caos dos Titãs significará o fim da civilização ocidental. Arte, leis, degustação de vinhos, música, videogames, camisas de seda, quadros de veludo preto… todas as coisas que fazem com que valha a pena viver vão desaparecer!

— Então por que os deuses não voltam correndo para nos ajudar? — perguntei. — Devíamos juntar forças no Olimpo. Esqueçam Tifão.

Ele estalou os dedos, impaciente.

— Você esqueceu minha Coca Diet.

— Deuses, o senhor é irritante.

Chamei uma garçonete e pedi o estúpido refrigerante. Coloquei na conta de Bobby Earl.

O sr. D deu um longo gole. Seus olhos não deixaram por um só momento o videogame.

— A verdade, Pierre, é…

— Percy.

— … os outros deuses *jamais* admitiriam isso, mas, na verdade, *precisamos* que vocês, mortais, resgatem o Olimpo. Veja bem, somos manifestações da sua cultura. Se vocês não se importam o suficiente para salvar o Olimpo…

— Como Pã — disse eu —, dependendo dos sátiros para salvar a Natureza.

— É, exato. Vou negar que disse isso, é claro, mas os deuses *precisam* dos heróis. Sempre precisaram. Não fosse por isso, não manteríamos vocês, pestinhas irritantes, por perto.

— Sinto-me tão querido… Obrigado.

— Usem o treinamento que eu lhes dei no acampamento.

— *Qual* treinamento?

— Você sabe. Todas aquelas técnicas de heróis e… Não! — O sr. D deu um tapa na máquina. — *Na pari i eychi!* O último nível!

Ele me olhou, e em seus olhos cintilava um fogo púrpura.

— Pelo que me lembro, uma vez previ que você acabaria se tornando tão egoísta quanto todos os outros heróis humanos. Bem, eis a sua chance de provar que eu estava errado.

— É, deixá-lo orgulhoso está mesmo no topo da minha lista.

— Você precisa salvar o Olimpo, Pedro! Deixe Tifão com os olimpianos e salve nossos tronos de poder. Isso precisa ser feito!

— Ótimo. Foi um papo muito agradável. Agora, se não se importa, meus amigos devem estar se perguntando…

— Tem mais — avisou o sr. D. — Cronos ainda não alcançou seu poder máximo. O corpo do mortal foi apenas uma medida temporária.

— Nós já imaginávamos isso.

— E vocês também imaginavam que, no máximo em um dia, Cronos vai queimar aquele corpo mortal e assumir a verdadeira forma de um rei Titã?

— E isso significa…

Dioniso introduziu outra moeda na máquina.

— Você sabe sobre a forma verdadeira dos deuses.

— Sim. Não se pode olhá-los sem queimar por completo.

— Cronos ficaria dez vezes mais poderoso. Sua simples presença iria incinerar você. E, uma vez que ele alcance essa condição, vai dar o mesmo poder aos outros Titãs. Eles estão fracos agora, comparados ao que se tornarão em breve, a menos que você possa detê-los. O mundo vai ruir, os deuses vão morrer e eu nunca vou conseguir a marca perfeita nesta máquina estúpida.

Talvez eu devesse ter ficado aterrorizado, mas, honestamente, já estava no limite do pânico.

— Posso ir agora? — perguntei.

— Uma última coisa. Meu filho Pólux. Ele está vivo?

Pisquei.

— Sim, da última vez que o vi.

— Eu ficaria muitíssimo grato se você pudesse mantê-lo assim. Perdi o irmão dele, Castor, no ano passado…

— Eu lembro. — Eu o fitei, tentando ajustar minha mente à ideia de que Dioniso podia ser um pai preocupado. Perguntei-me quantos outros olimpianos estariam pensando em seus filhos semideuses nesse momento. — Farei o melhor que puder.

— O melhor que puder — murmurou Dioniso. — Isso não é tranquilizador? Vá agora. Você tem algumas surpresas bastante desagradáveis pela frente, e eu preciso derrotar Blinky!

— Surpresas bastante desagradáveis?

Ele agitou a mão e o bar desapareceu.

Eu estava de volta à Quinta Avenida. Annabeth não se movera. E não dava nenhum sinal de que eu houvesse saído dali ou coisa assim.

Ela me viu olhando-a e franziu o cenho.

— O que foi?

— Hã… nada, eu acho.

Olhei a avenida, perguntando-me o que o sr. D teria querido dizer com surpresas bastante desagradáveis. Quanto as coisas ainda podiam piorar?

Meus olhos pousaram em um carro azul arruinado. O capô estava amassado, como se alguém tivesse tentado abrir algumas crateras nele. Minha pele formigou. Por que aquele carro parecia tão familiar? Então percebi que se tratava de um Prius.

O Prius de *Paul*.

Disparei rua abaixo.

— Percy! — chamou Annabeth. — Aonde você vai?

Paul estava desmaiado no banco do motorista. Minha mãe roncava ao lado dele. Minha mente parecia mingau. Como eu não os vira antes? Estavam sentados ali por mais de um dia, a batalha se desenrolando em torno deles, e eu nem sequer percebera.

— Eles… eles devem ter visto aquelas luzes azuis no céu. — Sacudi as portas, mas estavam trancadas. — Preciso tirá-los daí.

— Percy — disse Annabeth, delicadamente.

— Não posso deixá-los aqui! — Eu parecia um louco. Comecei a socar o para-brisa. — Tenho de tirá-los daqui. Tenho de…

— Percy, pare… pare. — Annabeth acenou para Quíron, que estava conversando com alguns centauros mais adiante. — Podemos empurrar o carro para outra rua. Eles vão ficar bem.

Minhas mãos tremiam. Depois de tudo por que eu passara nos últimos dias, sentia-me estúpido e fraco, mas a visão da minha família me fez ter vontade de sucumbir.

Quíron chegou a galope.

— O que…? Ah, puxa. Entendi.

— Eles vieram ao meu encontro — falei. — Minha mãe deve ter pressentido que alguma coisa estava errada.

— É provável — disse Quíron. — Mas eles vão ficar bem. O melhor a fazer

por eles é nos concentrarmos em nossa tarefa.

Então percebi algo no banco traseiro do Prius, e meu coração falhou uma batida. Preso ao cinto de segurança atrás de minha mãe estava um jarro grego preto e branco de cerca de um metro de altura. Sua tampa estava presa por correias de couro.

— Não pode ser — murmurei.

Annabeth apoiou a mão na janela.

— É impossível! Pensei que tivesse deixado isso no Plaza.

— Trancado em um cofre — confirmei.

Quíron viu o jarro e seus olhos se arregalaram.

— Esse não é…

— O jarro de Pandora. — Contei-lhe sobre meu encontro com Prometeu.

— Então o jarro é seu — disse Quíron sombriamente. — Ele vai segui-lo e tentá-lo para que o abra, não importa onde o deixe. E vai aparecer nos momentos em que você estiver mais fraco.

Como agora, pensei. Olhando minha família indefesa.

Imaginei Prometeu sorrindo, solícito, pobres mortais. *Abra mão da Esperança e eu saberei que está se rendendo. Prometo que Cronos será indulgente.*

A raiva cresceu dentro de mim. Desembainhei Contracorrente e cortei o vidro do lado do motorista como se ele fosse feito de filme plástico.

— Vamos empurrar o carro, tirando-o do caminho — falei. — E levar esse jarro estúpido para o Olimpo.

— Um bom plano. Mas, Percy… — Quíron assentiu.

O que quer que fosse dizer, ele hesitou. Um rufar mecânico foi crescendo a distância — o *vap-vap-vap* de um helicóptero.

Em uma manhã normal em Nova York isso não seria nada demais, mas depois de dois dias de silêncio, um helicóptero era a coisa mais estranha que eu já ouvira. Algumas quadras a leste, o exército de monstros gritou em zombaria quando o helicóptero surgiu no campo de visão. Era um modelo civil vermelho-escuro, com as letras “ED” em verde brilhante na lateral. As palavras debaixo disso eram pequenas demais para ler, mas eu sabia o que diziam: EMPREENDIMENTOS DARE.

Senti um nó na garganta. Olhei para Annabeth e vi que ela também o reconhecia. Seu rosto estava tão vermelho quanto o helicóptero.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou Annabeth. — Como foi que passou pela barreira?

— Quem? — Quíron parecia confuso. — Que mortal seria tão insano para…

De repente, o helicóptero inclinou-se para a frente.

— O encantamento de Morfeu! — exclamou Quíron. — O tolo piloto mortal dormiu.

Observei, horrorizado, o helicóptero adernar, caindo na direção de alguns edifícios. Mesmo que não batesse neles, os deuses do ar provavelmente o derrubariam por se aproximar do Olimpo.

Fiquei paralisado, incapaz de me mover, mas Annabeth assoviou, e o pégaso Guido surgiu do nada.

*Chamaram um lindo cavalo?*, perguntou.

— Venha — grunhiu Annabeth. — Vamos salvar sua *amiga*.

# DEZESSEIS

Recebemos ajuda de um ladrão

Eis a minha definição de *nem um pouco divertido*: voar em um pégaso indo ao encontro de um helicóptero descontrolado. Se Guido não fosse tão bom em voar teríamos sido cortados em pedaços e transformados em confete.

Eu podia ouvir Rachel gritando lá dentro. Por alguma razão, ela não adormecera, mas dava para ver o piloto debruçado sobre os controles, inclinando-se de um lado para outro à medida que o helicóptero oscilava na direção da lateral de um edifício comercial.

— Ideias? — perguntei a Annabeth.

— Você vai ter de pegar Guido e dar o fora — disse ela.

— E o que *você* vai fazer?

Em resposta, ela gritou:

— Iáá! — E Guido deu um mergulho.

— Abaixe-se! — avisou Annabeth.

Passamos tão perto do rotor que senti a força das lâminas aparando meu cabelo. Zunimos ao longo da lateral do helicóptero, e Annabeth agarrou a porta.

Foi aí que deu tudo errado.

A asa de Guido bateu no helicóptero e ele despencou comigo nas costas, deixando Annabeth pendurada na porta da aeronave.

Eu estava tão apavorado que mal conseguia pensar, mas enquanto Guido despencava em espiral vi de relance Rachel puxando Annabeth para dentro do aparelho.

— Aguente firme! — gritei para Guido.

*Minha asa*, gemeu ele. *Está quebrada.*

— Você consegue! — Tentei desesperadamente lembrar o que Silena costumava nos dizer nas aulas de equitação com pégasos. — Relaxe a asa. Estenda-a e plane.

Caíamos como pedras em direção à calçada cem metros abaixo. No último momento, Guido estendeu as asas. Vi os rostos dos centauros nos olhando, boquiabertos. Então interrompemos a queda, planamos uns quinze metros e

tombamos na calçada — pégaso sobre semideus.

*Ai!*, gemeu Guido. *Minhas patas. Minha cabeça. Minhas asas*.

Quíron aproximou-se a galope com sua maleta de médico e começou a cuidar do pégaso.

Eu me levantei. Quando olhei para cima, meu coração veio à boca. O helicóptero estava a segundos de se chocar contra a lateral de um edifício.

Então, milagrosamente, o veículo se aprumou. Em seguida, descreveu um círculo e pairou no ar. Muito lentamente, começou a descer.

Pareceu levar uma eternidade, mas finalmente o helicóptero aterrissou com um baque surdo no meio da Quinta Avenida. Olhei pelo para-brisa e não pude acreditar no que via. Annabeth estava no comando.

Corri até lá enquanto o rotor rodopiava até parar. Rachel abriu a porta lateral e arrastou o piloto para fora.

Ainda estava vestida como se estivesse de férias, de short de praia, camiseta e sandálias. Seu cabelo estava emaranhado e seu rosto, verde, por causa da viagem de helicóptero.

Annabeth saiu por último.

Eu a fitei assombrado.

— Não sabia que você pilotava helicópteros.

— Nem eu — disse ela. — Meu pai é louco por aviação. Além disso, Dédalo deixou algumas anotações sobre máquinas voadoras. Eu só segui minha intuição com os comandos.

— Você salvou minha vida — disse Rachel.

Annabeth flexionou o ombro machucado.

— É, bem… não vamos fazer disso um hábito. O que você está *fazendo* aqui, Dare? Não sabe que não é aconselhável voar em zona de guerra?

— Eu… — Rachel olhou para mim. — Eu precisava vir. Sabia que Percy estava com problemas.

— Nisso você acertou — resmungou Annabeth. — Bem, se me dão licença, tenho de cuidar de alguns *amigos* feridos. Que bom que tenha dado uma passadinha por aqui, Rachel.

— Annabeth… — chamei.

Ela se foi, furiosa.

Rachel desabou no meio-fio e pôs a cabeça nas mãos.

— Ah, me desculpe, Percy. Não tive a intenção de… Eu sempre atrapalho tudo.

Era difícil dizer qualquer coisa, embora eu me sentisse feliz por ela estar em segurança. Olhei na direção em que Annabeth se fora, mas ela já havia desaparecido no meio da multidão. Eu não podia acreditar no que ela acabara de fazer — salvara a vida de Rachel, pousara um helicóptero e fora embora, como se aquilo não fosse nada de mais.

— Está tudo bem — disse eu a Rachel, embora minhas palavras soassem vazias. — Então, qual é a mensagem que você queria me dar?

Ela franziu o cenho.

— Como é que você sabia disso?

— Um sonho.

Rachel não pareceu surpresa. Ela puxou o short de praia. Estava coberto de desenhos, o que não era incomum para ela, mas aqueles símbolos eu reconhecia: letras gregas, desenhos de contas do acampamento, esboços de monstros e rostos de deuses. Eu não entendia como Rachel podia conhecê-los. Ela nunca fora ao Olimpo nem ao Acampamento Meio-Sangue.

— Também tenho visto coisas — murmurou ela. — Isto é, não só através da Névoa. Isso é diferente. Tenho feito desenhos, escrito versos…

— Em grego antigo — disse eu. — Você sabe o que dizem?

— Era sobre isso que eu queria falar com você. Eu esperava… bem, se tivesse viajado de férias conosco, eu esperava que pudesse me ajudar a entender o que está acontecendo comigo.

Ela me olhou, suplicante. Seu rosto estava queimado de sol. O nariz descascava. Eu não conseguia me recuperar do choque de ela estar ali em carne e osso. Havia forçado a família a interromper as férias, concordara em ir para uma escola horrível e viera de helicóptero para o meio de uma batalha de monstros só para me ver. Ao seu modo, era tão corajosa quanto Annabeth.

Mas o que estava acontecendo com ela, aquelas visões, me apavorava de verdade. Talvez fosse algo que acontecesse com todos os mortais que podiam ver através da Névoa. Mas minha mãe nunca falara sobre nada assim. E as palavras de Héstia sobre a mãe de Luke ficavam me voltando à mente: *May Castellan foi longe demais. Tentou ver demais*.

— Rachel — falei —, bem que eu queria saber. Talvez devêssemos perguntar a Quíron…

Ela se encolheu como se tivesse levado um choque elétrico.

— Percy, algo está prestes a acontecer. Uma armadilha que termina em morte.

— O que quer dizer? Morte de quem?

— Eu não sei. — Ela olhou ao redor, nervosa. — Você não sente?

— Essa é a mensagem que você queria me dar?

— Não. — Ela hesitou. — Ah, me desculpe. Minhas palavras não fazem sentido, mas esse pensamento acaba de me ocorrer. A mensagem que escrevi na praia era diferente. Tinha seu nome nela.

— Perseus — lembrei-me. — Em grego antigo.

Rachel assentiu.

— Não sei o significado. Mas sei que é importante. Você precisa saber. Dizia: *Perseus, você não é o herói.*

Olhei para ela como se ela tivesse acabado de me dar um tapa.

— Você voou milhares de milhas para me dizer que eu não sou o herói?

— É importante — insistiu ela. — Isso vai influenciar o que você fizer.

— Não sou o herói da profecia? — perguntei. — Não sou o herói que derrota Cronos? O que você quer dizer?

— Eu… me desculpe, Percy. Isso é tudo que sei. Eu precisava lhe dizer porque…

— Ora! — Quíron aproximou-se a meio galope. — Esta deve ser a srta. Dare.

Eu queria gritar para que ele fosse embora, mas é claro que não podia fazer isso. Tentei controlar minhas emoções. Tinha a sensação de ter outro furacão particular girando à minha volta.

— Quíron, Rachel Dare — apresentei. — Rachel, este é meu instrutor, Quíron.

— Olá — disse Rachel em tom grave, e não parecia nem um pouco surpresa com o fato de Quíron ser um centauro.

— Não está adormecida, srta. Dare — observou ele. — E, no entanto, é mortal…

— Sou mortal — concordou ela, como se esse fosse um pensamento deprimente. — O piloto adormeceu assim que cruzamos o rio. Não sei por que eu não. Só sabia que precisava vir aqui para prevenir Percy.

— Prevenir Percy?

— Ela tem visto coisas — disse eu. — E também tem escrito versos e feito desenhos.

Quíron ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo? Conte-me.

Ela lhe contou as mesmas coisas que me contara.

Quíron alisava a barba.

— Srta. Dare… talvez devêssemos conversar.

— Quíron — disse eu. Subitamente vi uma imagem terrível do Acampamento Meio-Sangue na década de 1990, e do grito de May Castellan vindo do sótão. —

Você… você vai ajudar Rachel, não vai? Isto é, vai avisá-la que ela precisa ter cuidado com essas coisas. Não ir longe demais.

Ele abanava a cauda rapidamente, como acontece quando está nervoso.

— Sim, Percy. Vou fazer de tudo para entender o que está ocorrendo e aconselhar a srta. Dare, mas isso pode levar algum tempo. Enquanto isso, você deve descansar. Empurramos o carro de seus pais para um lugar seguro. O inimigo parece estar parado por ora. Colocamos alguns beliches no Empire State Building. Durma um pouco.

—Todo mundo fica me mandando dormir — resmunguei. — Não preciso dormir.

Quíron conseguiu sorrir.

— Já se olhou no espelho recentemente, Percy?

Baixei os olhos para as minhas roupas, que estavam chamuscadas, queimadas, rasgadas e esfarrapadas depois de uma noite de batalhas.

— Estou horrível — admiti. — Mas você acha que consigo dormir depois do que acaba de acontecer?

— Você pode ser invulnerável em combate — censurou Quíron —, mas isso só faz com que seu corpo se canse mais rápido. Lembro-me de Aquiles. Quando aquele rapaz não estava lutando, estava dormindo. Ele devia tirar uns vinte cochilos por dia. Você, Percy, precisa descansar. Talvez você seja nossa única esperança.

Eu queria me queixar que eu *não* era sua única esperança. Segundo Rachel, não era nem mesmo o herói. Mas a expressão nos olhos de Quíron deixava claro que ele não ia aceitar um não como resposta.

— Claro — resmunguei. — Conversem.

Caminhei penosamente na direção do Empire State Building. Quando olhei para trás, Rachel e Quíron estavam andando juntos, absortos em uma conversa séria, como se estivessem discutindo os detalhes de um enterro.

No saguão, encontrei um beliche vazio e me joguei nele, certo de que não conseguiria dormir. Um segundo depois, meus olhos se fecharam.

Em meus sonhos, estava de volta ao jardim de Hades. O Senhor dos Mortos andava para cima e para baixo, com as mãos nos ouvidos, enquanto Nico o seguia, agitando os braços.

— O senhor *tem* de fazer isso! — insistia Nico.

Deméter e Perséfone encontravam-se sentadas atrás deles, à mesa do café da manhã. As duas deusas pareciam entediadas. Deméter serviu flocos de trigo

integral em quatro tigelas imensas. Perséfone mudava por magia o arranjo decorativo da mesa, transformando as flores vermelhas em amarelas e depois com pontinhos coloridos.

— Eu não *tenho* de fazer nada! — Os olhos de Hades chamejavam. — Eu sou um deus!

— Pai — disse Nico —, se o Olimpo cair, a segurança de seu palácio não terá importância. O senhor também vai desaparecer.

— Eu não sou um olimpiano! — rosnou ele. — Minha família deixou isso *bem* claro.

— O senhor é — disse Nico. — Goste ou não.

— Você viu o que eles fizeram com a sua mãe — disse Hades. — Zeus a matou. E você quer que eu os *ajude*? Eles merecem o que estão tendo!

Perséfone suspirou. Ela movia os dedos pela mesa, distraidamente transformando os talheres em rosas.

— Podemos *por favor* não falar sobre aquela mulher? — pediu.

— Sabem o que seria bom para este garoto? — ponderou Deméter. — A agricultura.

Perséfone revirou os olhos.

— Mãe…

— Seis meses atrás de um arado. Excelente para a formação do caráter.

Nico entrou na frente do pai, obrigando Hades a olhá-lo.

— Minha mãe compreendia o que era a família. Era por isso que não queria nos deixar. Não pode simplesmente abandonar sua família porque eles fizeram algo horrível. O senhor também fez coisas horríveis a eles.

— Maria morreu! — lembrou-lhe Hades.

— O senhor não pode simplesmente se isolar dos outros deuses!

— Estou muito bem assim há milhares de anos.

— E isso o fez sentir-se melhor? — perguntou Nico. — Aquela maldição que lançou ao Oráculo o ajudou de alguma forma? Guardar rancor é um defeito fatal. Bianca me advertiu sobre isso… e tinha razão.

— Para semideuses! Eu sou imortal, todo-poderoso! Eu não ajudaria os outros deuses nem se eles me pedissem, nem se Percy Jackson implorasse…

— Você está tão exilado quanto eu! — gritou Nico. — Pare de alimentar sua raiva e faça algo útil pelo menos uma vez. Essa é a única maneira de eles o respeitarem!

As palmas de Hades se encheram de fogo negro.

— Vá em frente — disse Nico. — Acabe comigo. É exatamente isso que os

outros deuses esperariam do senhor. Prove que eles têm razão.

— Sim, por favor — queixou-se Deméter. — Faça-o calar a boca.

Perséfone suspirou.

— Ah, eu não sei. Prefiro lutar na guerra a comer outra tigela de cereal. Isto é um saco.

Hades rugiu, furioso. Sua bola de fogo atingiu uma árvore prateada bem ao lado de Nico, transformando-a em uma poça de metal líquido.

E meu sonho mudou.

Eu me vi diante do prédio das Nações Unidas, menos de dois quilômetros a nordeste do Empire State Building. O exército do Titã havia armado acampamento em torno do complexo da ONU. Dos mastros das bandeiras pendiam horríveis troféus — capacetes e peças de armadura de campistas derrotados. Ao longo de toda a Primeira Avenida, gigantes amolavam seus machados. Telquines consertavam armaduras em forjas improvisadas.

O próprio Cronos andava de um lado para o outro no alto da praça, balançando sua foice, de modo que suas guarda-costas *dracaenae* deixaram-se ficar bem para trás. Ethan Nakamura e Prometeu mantinham-se por perto, fora do alcance da foice. Ethan manuseava nervosamente as correias de seu escudo, mas Prometeu parecia calmo e senhor de si em seu *smoking*, como sempre.

— Eu odeio este lugar — grunhiu Cronos. — *Nações Unidas*. Como se a humanidade um dia pudesse se unir. Lembre-me de demolir este prédio depois de destruirmos o Olimpo.

— Sim, senhor. — Prometeu sorriu, como se a fúria de seu mestre o divertisse. — Devemos demolir os estábulos no Central Park também? Sei o quanto os cavalos podem irritá-lo.

— Não zombe de mim, Prometeu! Aqueles malditos centauros se arrependerão de ter interferido. Vou servi-los como almoço para os cães infernais, começando por aquele meu filho, o fracote do Quíron.

Prometeu deu de ombros.

— Aquele fracote destruiu uma legião inteira de telquines com suas flechas.

Cronos brandiu a foice e cortou o mastro de uma bandeira ao meio. As cores do Brasil vieram abaixo sobre o exército, esmagando uma *dracaena*.

— Nós vamos destruí-los! — rugiu Cronos. — É hora de soltar o *drakon*. Nakamura, você se incumbe disso.

— S-sim, senhor. Quando o sol se puser?

— Não — disse Cronos. — Imediatamente. Os defensores do Olimpo estão seriamente feridos. Não estarão esperando um ataque rápido. Além disso, sabemos que eles não podem vencer esse *drakon*.

Ethan parecia confuso.

— Meu senhor?

— Não se preocupe, Nakamura. Apenas cumpra a minha ordem. Quero o Olimpo em ruínas quando Tifão chegar a Nova York. Vamos destruir os deuses completamente!

— Mas, meu senhor — disse Ethan. — Sua regeneração.

Cronos apontou para Ethan, e o semideus ficou imóvel.

— Por acaso parece — sibilou Cronos — que eu *preciso* me regenerar?

Ethan não respondeu. É meio difícil fazer isso quando você está paralisado no tempo.

Cronos estalou os dedos e Ethan desabou no chão.

— Logo — rosnou o titã — esta forma será desnecessária. Não vou descansar com a vitória tão perto. Agora, vá!

Ethan saiu apressado.

— Isto é perigoso, meu senhor — advertiu Prometeu. — Não seja apressado.

— Apressado? Depois de apodrecer por três mil anos nas profundezas do Tártaro você me chama de apressado? Vou cortar Percy Jackson em mil pedaços.

— Você o enfrentou três vezes — observou Prometeu. — E, no entanto, sempre disse que estava aquém da dignidade de um titã lutar com um mero mortal. Eu me pergunto se seu hospedeiro mortal não o está influenciando, enfraquecendo seu julgamento.

Cronos voltou os olhos dourados para o outro titã.

— Está me chamando de fraco?

— Não, meu senhor. Eu só quis dizer…

— Sua lealdade está dividida? — perguntou Cronos. — Talvez você sinta falta de seus velhos amigos, os deuses. Gostaria de juntar-se a eles?

Prometeu ficou pálido.

— Expressei-me mal, meu senhor. Suas ordens serão cumpridas. — Ele voltou-se para o exército e gritou: — PREPAREM-SE PARA A BATALHA!

As tropas começaram a se movimentar.

De algum lugar atrás do complexo da ONU um rugido feroz sacudiu a cidade — o som de um *drakon* acordando. O barulho era tão horrível que me acordou, e percebi que ainda podia ouvi-lo a quase dois quilômetros de distância.

Grover estava de pé ao meu lado, parecendo nervoso.

— O que foi isso?

— Eles estão vindo — eu lhe disse. — E nós estamos em apuros.

O chalé de Hefesto estava sem fogo grego. O chalé de Apolo e as Caçadoras estavam catando flechas. A maioria de nós já havia comido tanta ambrosia e tomado tanto néctar que não ousávamos ingerir mais nem um pouco.

Restavam-nos dezesseis campistas, quinze Caçadoras e meia dúzia de sátiros em condições de lutar. O restante havia se refugiado no Olimpo. Os Pôneis de Festa tentavam formar filas, mas cambaleavam, riam e todos cheiravam a *root beer*. Os texanos davam marradas nos integrantes do Colorado. A divisão de Missouri discutia com a de Illinois. Eram grandes as chances de que todo o exército acabasse lutando entre si em vez de contra o inimigo.

Quíron aproximou-se a trote com Rachel nas costas. Senti uma pontada de irritação porque Quíron raramente dava carona a alguém — e nunca a um mortal.

— Sua amiga aqui tem uns *insights* úteis, Percy — disse ele.

Rachel corou.

— São apenas algumas coisas que andei vendo.

— Um *drakon* — disse Quíron. — Um *drakon* de Lídia, para ser exato. O tipo mais antigo e mais perigoso.

Eu a fitei.

— Como você soube disso?

— Não sei ao certo — admitiu Rachel. — Mas esse *drakon* tem seu destino determinado. Ele será morto por um filho de Ares.

Annabeth cruzou os braços.

— Como você pode saber disso?

— Eu simplesmente vi. Não sei explicar.

— Bem, vamos torcer para que esteja errada — disse eu. — Porque estamos um tanto carentes de filhos de Ares… — Um pensamento me ocorreu e praguejei em grego antigo.

— O que foi? — perguntou Annabeth.

— O espião — respondi. — Cronos disse: *Sabemos que eles não podem vencer esse* drakon. O espião o vem mantendo informado. Cronos sabe que o chalé de Ares não está conosco. Propositadamente escolheu um monstro que não podemos matar.

Thalia franziu o cenho.

— Se eu pegar esse espião, ele vai se arrepender muito. Talvez possamos mandar outro mensageiro ao acampamento…

— Já fiz isso — disse Quíron. — Blackjack está a caminho. Mas se Silena não conseguiu convencer Clarisse, duvido que Blackjack consiga…

Um rugido fez tremer o chão. Parecia *muito* perto.

— Rachel — disse eu —, entre no edifício.

— Eu quero ficar.

Uma sombra cobriu o sol. Do outro lado da rua, o *drakon* desceu serpenteando pela lateral de um arranha-céu. Ele rugiu, e mil janelas se estilhaçaram.

— Pensando bem — disse Rachel baixinho —, vou entrar.

Deixe-me explicar: existem dragões e existem *drakons*.

Os *drakons* são muitos milênios mais velhos do que os dragões, e *muito* maiores. Parecem serpentes gigantes. A maioria não tem asas. A maioria não cospe fogo (embora alguns o façam). Todos são venenosos. Todos são imensamente fortes, com escamas mais resistentes que titânio. Seus olhos podem paralisá-lo; não a paralisia do tipo *você-vai-virar-pedra* usada pela Medusa, mas aquela do tipo *ah-meus-deuses-aquela-cobra-enorme-vai-me-comer*, tão ruim quanto a primeira.

Temos aulas de combate a *drakons* no acampamento, mas não existe forma de se preparar para um réptil de setenta metros de comprimento e largo como um ônibus escolar deslizando pela lateral de um edifício, os olhos amarelos semelhantes a holofotes e a boca cheia de dentes afiados, grandes o suficiente para mastigar elefantes.

Eu quase senti saudade da porca voadora.

Enquanto isso, o exército inimigo avançava pela Quinta Avenida. Fizéramos todo o possível para tirar os carros do caminho e manter os mortais em segurança, e isso só facilitou a aproximação de nossos inimigos. Os Pôneis de Festa abanavam as caudas nervosamente. Quíron ia e vinha por suas fileiras a galope, com gritos de encorajamento para que se mantivessem firmes e pensassem na vitória e em *root beer*, mas achei que a qualquer instante eles iriam entrar em pânico e fugir.

— Eu fico com o *drakon*. — Minha voz saiu como um guincho tímido. Então gritei mais alto: — EU FICO COM O *DRAKON*! Todos os outros, segurem o exército!

Annabeth estava ao meu lado. Ela havia puxado o capacete de coruja sobre o rosto, mas eu sabia que seus olhos estavam vermelhos.

— Vai me ajudar? — perguntei.

— É isso que eu faço — ela disse, chateada. — Ajudo meus amigos.

Eu me senti um completo idiota. Queria puxá-la de lado e explicar que não pretendia que Rachel estivesse ali, que não foi ideia minha, mas não tínhamos tempo.

— Fique invisível — disse eu. — Procure brechas nas junções de suas escamas enquanto eu o mantenho ocupado. Mas tenha cuidado.

Assoviei.

— Sra. O'Leary. Junto!

— *AUUU*!

Minha cadela infernal saltou uma fileira de centauros e me deu uma lambida que tinha um cheiro suspeito de pizza de *pepperoni*.

Então, saquei a espada e atacamos o monstro.

O *drakon* estava três andares acima de nós, rastejando pela lateral do edifício enquanto avaliava nossas tropas. Para onde quer que ele olhasse, os centauros se imobilizavam de medo.

Vindo do norte, o exército inimigo investiu contra os Pôneis de Festa, e nossas fileiras se romperam. O *drakon* atacou, engolindo três centauros californianos de uma só vez antes que eu pudesse sequer me aproximar.

A sra. O'Leary saltou no ar — uma sombra negra e mortal com dentes e garras. Normalmente, um cão infernal atacando é uma visão aterradora, mas, perto do *drakon*, a sra. O'Leary parecia um brinquedo de criança.

Suas garras rasparam, inofensivas, as escamas do *drakon*. Ela mordeu a garganta do monstro, mas não conseguiu deixar nem sequer uma marca. Seu peso, porém, foi suficiente para derrubar o *drakon* da lateral do prédio. Ele se debateu desajeitadamente e tombou na calçada, o cão infernal e o réptil engalfinhados. O *drakon* tentou morder a sra. O'Leary, mas ela estava perto demais de sua boca. O veneno espirrou para todos os lados, transformando centauros, assim como alguns monstros, em pó, mas a sra. O'Leary continuava rodeando a cabeça do *drakon*, arranhando e mordendo.

— IÁÁÁ!

Enterrei Contracorrente bem fundo no olho esquerdo do monstro. O holofote se apagou. O *drakon* silvou e empinou-se para atacar, mas eu rolei de lado.

Ele mordeu um pedaço do calçamento do tamanho de uma piscina e se voltou para mim com o olho bom, e eu me concentrei em seus dentes para não ficar paralisado. A sra. O'Leary fez o máximo para atrair a atenção dele. Saltou em sua cabeça, arranhando e rosnando como se fosse uma peruca preta muito zangada.

O restante da batalha não estava indo bem. Os centauros haviam entrado em pânico sob o ataque de gigantes e demônios. Vez ou outra, uma camiseta laranja do acampamento surgia no mar de combatentes, mas rapidamente desaparecia.

Flechas gritavam. O fogo explodia em ondas de um lado ao outro de ambos os exércitos, mas a ação estava se transferindo da rua para a entrada do Empire State Building. Estávamos perdendo terreno.

De repente, Annabeth se materializou nas costas do *drakon*. O boné de invisibilidade caiu de sua cabeça enquanto ela enfiava a faca de bronze em uma fenda nas escamas do réptil.

O *drakon* rugiu e se contorceu, derrubando Annabeth.

Alcancei-a no momento em que ela caía no chão. Arrastei-a, tirando-a do caminho, quando a serpente rolou, esmagando um poste de luz exatamente onde ela estivera.

— Obrigada — disse ela.

— Eu falei para ter cuidado!

— Sim, bem, ABAIXE-SE!

Foi a vez dela de me salvar. Ela me empurrou para o chão no momento em que os dentes do monstro se fechavam com um estalo acima da minha cabeça. A sra. O'Leary golpeou a cara do *drakon* para chamar sua atenção, e rolamos para sair do caminho.

Enquanto isso, nossos aliados haviam recuado para as portas do Empire State Building. O exército inimigo inteiro os cercava.

Estávamos sem opção. Não havia mais ajuda. Annabeth e eu teríamos de recuar antes que ficássemos isolados do Monte Olimpo.

Nesse momento, ouvi um estrondo no sul. Não era um som que se ouvia muito em Nova York, mas eu o reconheci imediatamente: rodas de carruagem.

— ARES! — gritou uma voz de garota.

E uma dúzia de carruagens de guerra lançou-se na batalha. Em cada uma ondulava uma bandeira vermelha com o símbolo da cabeça do javali. E todas eram puxadas por uma equipe de cavalos esqueletos com crina de fogo. Um total de trinta guerreiros descansados, de armadura brilhante e olhos cheios de ódio, baixou suas lanças a um só tempo — formando um áspero muro de morte.

— Os filhos de Ares! — exclamou Annabeth, perplexa. — Como é que Rachel sabia?

Eu não tinha uma resposta. Mas, liderando o ataque, estava uma garota em uma armadura vermelha familiar, o rosto coberto por um capacete de cabeça de javali. Segurava no ar uma lança que estalava com eletricidade. Clarisse viera pessoalmente para o resgate. Enquanto seis de suas carruagens atacavam o exército de monstros, ela liderava as outras seis diretamente contra o *drakon*.

O réptil se empinou e conseguiu derrubar a sra. O'Leary. Minha pobre cadela de estimação se chocou contra a lateral do edifício com um ganido. Corri para

ajudá-la, mas o monstro já havia voltado a atenção para a nova ameaça. Mesmo com um só olho, seu olhar feroz foi suficiente para paralisar dois condutores de carruagem. Eles se desviaram, indo bater em uma fila de carros. As outras quatro carruagens continuaram o ataque. O monstro mostrou as presas, pronto para dar o bote, e sua boca recebeu uma carga de dardos de bronze celestial.

— IIISSSSS!!!!! — gritou ele, o que provavelmente significa AIIII! na língua dos *drakons*.

— Ares, comigo! — gritou Clarisse.

Sua voz parecia mais estridente do que de hábito, mas acho que isso não era de surpreender diante do que ela estava enfrentando.

Do outro lado da rua, a chegada de seis carruagens deu aos Pôneis de Festa nova esperança. Eles se reuniram nas portas do Empire State Building, e o exército inimigo foi momentaneamente tomado pela confusão.

Enquanto isso, as carruagens de Clarisse cercaram o *drakon*. Lanças se quebravam de encontro à pele do monstro. Cavalos esqueletos cuspiam fogo e relinchavam. Duas outras carruagens foram viradas, mas os guerreiros simplesmente saltaram dela, sacaram as espadas e foram à luta. Cravavam as lâminas nas fendas entre as escamas da criatura. Desviavam-se dos jatos de veneno como se tivessem sido treinados para isso durante a vida toda, o que, é claro, tinham mesmo.

Ninguém podia dizer que os campistas de Ares não eram bravos. Clarisse estava bem ali na frente, espetando sua lança na cara do *drakon*, tentando destruir o outro olho. Mas, enquanto eu observava, as coisas começaram a dar errado. O *drakon* agarrou um campista de Ares e o engoliu de uma só vez. Derrubou outro e borrifou veneno em um terceiro, que recuou, em pânico, a armadura derretendo.

— Temos de ajudar — disse Annabeth.

Ela estava certa. Eu havia ficado ali parado, assombrado. A sra. O'Leary tentou se levantar, mas tornou a ganir. Uma de suas patas estava sangrando.

— Fique aqui atrás, garota — disselhe eu. — Você já fez o bastante.

Annabeth e eu saltamos nas costas do monstro e corremos na direção de sua cabeça, tentando desviar sua atenção de Clarisse.

Seus companheiros de chalé atiravam dardos, a maior parte dos quais se quebrava, mas alguns se alojavam entre os dentes do monstro. Ele fechou os maxilares com força e sua boca tornou-se uma mistura de sangue verde, veneno amarelo espumoso e armas estilhaçadas.

— Você consegue! — gritei para Clarisse. — Um filho de Ares está destinado a matá-lo!

Através de seu capacete de guerra eu só conseguia ver seus olhos — mas dava para perceber que alguma coisa estava errada. Seus olhos azuis brilhavam de medo. Clarisse nunca se mostrava assim. E ela não *tinha* olhos azuis.

— ARES! — gritou ela em uma voz estranhamente esganiçada. Então, nivelou a lança e atacou o *drakon.*

— Não — murmurei. — ESPERE!

Mas o monstro olhou para ela — quase com desprezo — e cuspiu veneno diretamente em seu rosto.

Ela gritou e caiu.

— Clarisse!

Annabeth saltou das costas do monstro e correu para ajudar, enquanto os outros campistas de Ares tentavam defender sua líder caída. Finquei Contracorrente entre duas escamas da criatura e consegui voltar sua atenção para mim.

Fui lançado ao chão, mas caí de pé.

— VENHA, seu verme estúpido! Olhe para mim!

Nos minutos seguintes, tudo que vi foram dentes. Eu recuava e me desviava do veneno, mas não conseguia ferir aquela coisa.

Vi uma carruagem aterrissar na Quinta Avenida. Então alguém correu em nossa direção. Uma voz feminina, aflita, gritou:

— NÃO! Maldita seja, POR QUÊ?

Ousei olhar naquela direção, mas o que vi não fazia o menor sentido. Clarisse estava caída no chão. Sua armadura fumegava com o veneno. Annabeth e os campistas de Ares tentavam tirar seu elmo. E ajoelhada ao lado deles, com o rosto manchado de lágrimas, estava uma garota com roupas do acampamento. Era… Clarisse.

Minha cabeça girava. Por que eu não percebera antes? A garota na armadura de Clarisse era muito mais magra e não tão alta. Mas por que alguém se faria passar por Clarisse?

Eu estava tão perplexo que o *drakon* quase me quebrou ao meio. Esquivei-me, e a fera enterrou a cabeça em uma parede de tijolos.

— POR QUÊ? — perguntou a verdadeira Clarisse, segurando a outra garota nos braços enquanto os campistas lutavam para retirar o capacete corroído pelo veneno.

Chris Rodriguez veio correndo da carruagem voadora. Ele e Clarisse deviam ter vindo até aqui perseguindo os campistas de Ares, que equivocadamente haviam seguido a outra garota, acreditando que fosse sua líder. Mas ainda não fazia sentido.

O *drakon* soltou a cabeça da parede e gritou com fúria.

— Cuidado! — avisou Chris.

Em vez de se voltar para mim, o *drakon* girou na direção do som da voz de Chris, mostrando as presas para o grupo de semideuses.

A verdadeira Clarisse ergueu os olhos para o *drakon*, o rosto cheio do mais puro ódio. Eu vira um olhar com aquela intensidade apenas uma vez. Seu pai, Ares, tinha a mesma expressão quando eu o enfrentara.

— QUER MORTE? — gritou ela para o *drakon*. — ENTÃO VENHA!

Ela agarrou sua lança, que estava com a garota caída. Então, sem armadura nem escudo, investiu contra o *drakon*.

Tentei cobrir a distância para ajudá-la, mas Clarisse foi mais rápida. Esquivou-se para o lado quando o monstro atacou, pulverizando o chão diante dela. Então, saltou para a cabeça da criatura. Quando esta se empinou, ela enfiou a lança elétrica em seu olho bom com tanta força que espatifou a haste, liberando todo o poder mágico da arma.

A eletricidade percorreu a cabeça do monstro, fazendo com que todo o seu corpo estremecesse. Clarisse saltou, rolando em segurança para a calçada enquanto a fumaça saía da boca do *drakon*, cuja carne se dissolveu. Ele desabou; a couraça era agora apenas um túnel oco e escamoso.

O restante de nós fitava Clarisse com assombro. Eu nunca vira alguém abater um monstro tão imenso sozinho. Mas Clarisse não parecia se importar. Correu de volta para a garota ferida que havia roubado sua armadura.

Por fim Annabeth conseguiu remover o capacete. Todos nos reunimos em torno dela: os campistas de Ares, Chris, Clarisse, Annabeth e eu. A batalha prosseguia ao longo da Quinta Avenida, mas nesse momento nada existia, exceto nosso pequeno círculo.

Suas feições, antes lindas, estavam queimadas pelo veneno. Nenhuma quantidade de néctar ou ambrosia a salvaria.

*Algo está prestes a acontecer.* As palavras de Rachel soavam em meus ouvidos. *Uma armadilha que termina em morte.* Agora eu sabia o que ela quis dizer — e sabia quem havia liderado o chalé de Ares para a batalha.

Baixei os olhos para o rosto moribundo de Silena Beauregard.

# DEZESSETE

Sento-me na cadeira quente

— O que você estava pensando? — Clarisse aninhava a cabeça de Silena em seu colo.

Silena tentou engolir, mas seus lábios estavam secos e rachados.

— Não quis… ouvir. O chalé… só seguiria você.

— Você roubou minha armadura — afirmou Clarisse, incrédula. — Esperou até eu e Chris sairmos em patrulha; roubou minha armadura e fingiu ser eu. — Ela lançou um olhar feroz aos irmãos. — E NENHUM de vocês percebeu?

Os campistas de Ares olharam para baixo, subitamente interessados em suas botas de combate.

— Não os culpe — disse Silena. — Eles queriam… acreditar que eu era você.

— Sua filha *boboca* de Afrodite — soluçou Clarisse. — Você atacou um *drakon*? *Por quê?*

— Tudo minha culpa — disse Silena, uma lágrima escorrendo pelo canto do rosto. — O *drakon*, a morte de Charlie… o acampamento em risco…

— Pare! — disse Clarisse. — Isso não é verdade.

Silena abriu a mão. Na palma havia um bracelete de prata com uma foice como pendente, a marca de Cronos.

Um punho frio fechou-se em torno do meu coração.

— Você era o espião?

Silena tentou assentir.

— Antes… antes de eu gostar de Charlie, Luke era gentil comigo. Ele era tão… encantador. Bonito. Mais tarde, eu quis parar de ajudá-lo, mas ele ameaçou contar. E garantiu… garantiu que eu estava salvando vidas. Menos pessoas se machucariam. Disseme que não machucaria… Charlie. Ele mentiu para mim.

Meus olhos encontraram os de Annabeth. O rosto dela estava sem cor. Parecia que alguém havia acabado de puxar o mundo de sob os seus pés.

Atrás de nós, a batalha prosseguia furiosamente.

Clarisse olhou de cara feia para seus companheiros de chalé.

— Andem, vão ajudar os centauros. Protejam as portas. VÃO!

Eles correram para se juntar à luta.

Silena inspirou pesada e dolorosamente.

— Perdoem-me.

— Você não está morrendo — insistiu Clarisse.

— Charlie… — Os olhos de Silena estavam a um milhão de quilômetros dali. — Ver Charlie…

Ela não falou mais.

Clarisse continuou a segurá-la e a chorar. Chris pôs a mão em seu ombro.

Por fim Annabeth fechou os olhos de Silena.

— Temos de lutar. — A voz de Annabeth soava frágil. — Ela deu a vida para nos ajudar. Temos de honrá-la.

Clarisse fungou e enxugou o nariz.

— Ela foi uma heroína, entenderam? Uma heroína.

Assenti.

— Venha, Clarisse.

Ela pegou a espada de um de seus irmãos caídos.

— Cronos vai pagar.

Eu gostaria de dizer que afugentei o inimigo para longe do Empire State Building. A verdade é que Clarisse fez todo o trabalho. Mesmo sem a armadura e a lança, ela foi um demônio. Guiou sua carruagem direto de encontro ao exército do titã e destruiu tudo em seu caminho.

Ela foi tão inspiradora que até mesmo os centauros em pânico começaram a se reagrupar. As Caçadoras catavam as flechas de quem havia caído e lançavam saraivada após saraivada sobre o inimigo. O chalé de Ares brandia suas espadas, que era o que eles mais gostavam de fazer. Os monstros recuaram na direção da Rua 35.

Clarisse guiou a carruagem até a couraça do *drakon* e passou uma corda por suas cavidades oculares. Ela açoitou seus cavalos e decolou, arrastando o *drakon* atrás da carruagem como um dragão do Ano-novo chinês. Perseguiu o inimigo, gritando insultos e desafiando-os a irem ao encontro dela. Enquanto guiava, percebi que ela estava literalmente brilhando. Uma aura de fogo vermelho tremulava à sua volta.

— A bênção de Ares — disse Thalia. — Eu nunca tinha visto isso pessoalmente.

Nesse momento, Clarisse era tão invencível quanto eu. O inimigo atirava lanças e flechas, mas nada a atingia.

— EU SOU CLARISSE, MATADORA DE *DRAKONS*! — gritou ela. — Vou matar TODOS vocês! Onde está Cronos? Tragam-no aqui! Ele é um covarde?

— Clarisse! — gritei. — Pare. Recue!

— Qual o problema, Senhor Titã? — gritou ela. — VENHA PARA A LUTA!

Não houve resposta do inimigo. Lentamente, eles começaram a se retirar para trás de uma parede de escudos de *dracaenae*, enquanto Clarisse guiava em círculos em torno da Quinta Avenida, desafiando qualquer um a cruzar seu caminho. A carcaça do *drakon* de setenta metros produzia um ruído áspero e abafado contra o calçamento, como se ela arrastasse mil facas.

Nesse meio-tempo, cuidávamos de nossos feridos, trazendo-os para o saguão. Muito tempo depois de o inimigo ter desaparecido de vista, Clarisse continuava em sua carruagem, desfilando para cima e para baixo na avenida com seu horrível troféu, exigindo que Cronos a enfrentasse na batalha.

— Vou ficar aqui olhando-a — disse Chris. — Ela vai acabar se cansando. Vou me certificar de que entre.

— E quanto ao acampamento? — perguntei. — Ficou alguém lá?

Chris sacudiu a cabeça.

— Apenas Argos e os espíritos da natureza. O dragão Peleu ainda está protegendo a árvore.

— Eles não vão resistir por muito tempo — disse eu. — Mas estou feliz por vocês terem vindo.

Chris assentiu com tristeza.

— Lamento que tenhamos levado tanto tempo. Tentei argumentar com Clarisse. Disse que não havia sentido em defendermos o acampamento se vocês morressem. Todos os nossos amigos estão aqui. Lamento que tenha sido preciso que Silena…

— Minhas Caçadoras vão ajudá-lo a montar guarda — disse Thalia. — Annabeth e Percy, vocês deveriam ir para o Olimpo. Tenho a sensação de que vão precisar de vocês por lá… para preparar a defesa final.

O porteiro havia desaparecido do saguão. Seu livro estava com a capa voltada para baixo na mesa e a cadeira encontrava-se vazia. O restante do saguão, porém, estava lotado de campistas, Caçadoras e sátiros feridos.

Connor e Travis Stoll nos encontraram nos elevadores.

— É verdade? — perguntou Connor. — Sobre Silena?

Assenti.

— Ela morreu como uma heroína.

Travis mudou de posição, desconfortável.

— Hã, também ouvi…

— Isso é tudo — insisti. — Fim da história.

— Certo — murmurou Travis. — Ouça, calculamos que o exército do Titã terá problemas no elevador. Eles vão ter de subir aos poucos. E os gigantes simplesmente não vão caber.

— Essa é nossa maior vantagem — disse eu. — Tem alguma forma de desativar o elevador?

— Ele é mágico — afirmou Travis. — Em geral, você precisa de um cartão-chave, mas o porteiro desapareceu. Isso significa que as defesas estão desmoronando. Qualquer um agora pode entrar no elevador e subir direto.

— Então temos de mantê-los longe das portas — disse eu. — Vamos bloqueá-los no saguão.

— Precisamos de reforços — informou Travis. — Eles não vão parar de chegar. Vão acabar nos dominando.

— Não há reforços — queixou-se Connor.

Olhei para a sra. O'Leary do lado de fora, respirando de encontro às portas de vidro e lambuzando-as de baba de cão infernal.

— Talvez não seja assim — disse eu.

Fui lá fora e pus a mão no focinho da sra. O'Leary. Quíron havia enrolado ataduras em sua pata, mas ela ainda mancava. Seu pelo estava todo emaranhado com lama, folhas, fatias de pizza e sangue seco de monstro.

— Ei, garota. — Tentei soar animado. — Sei que está cansada, mas tenho mais um grande favor para pedir a você.

Então, me encostei nela e sussurrei em seu ouvido.

Depois que a sra. O'Leary se foi em uma viagem nas sombras, reencontrei Annabeth no saguão. A caminho do elevador, avistamos Grover ajoelhado ao lado de um sátiro gordo ferido.

— Leneu! — exclamei.

O velho sátiro tinha uma aparência horrível. Seus lábios estavam azuis. Havia uma lança quebrada projetando-se de sua barriga e suas pernas peludas de bode estavam retorcidas em um ângulo doloroso.

Ele tentou nos focalizar, mas não creio que tenha nos visto.

— Grover? — murmurou ele.

— Estou aqui, Leneu. — Grover piscava para conter as lágrimas, apesar de todas as coisas horríveis que Leneu falara sobre ele.

— Nós… nós vencemos?

— Hã… sim — mentiu Grover. — Graças a você, Leneu. Afugentamos o inimigo.

— Eu lhe disse — murmurou o velho sátiro. — Líder de verdade. Líder…

E fechou os olhos pela última vez.

Grover engoliu em seco. Pousou a mão na testa de Leneu e proferiu uma antiga bênção. O corpo do velho sátiro se desfez, até que só restou uma minúscula arvorezinha em uma pilha de terra nova.

— Um loureiro — disse Grover, com espanto. — Ah, aquele velho bode de sorte. — Ele tomou a arvorezinha nas mãos. — Eu… eu devo plantá-lo. No Olimpo, nos jardins.

— Estamos indo para lá — disse eu. — Venha.

Começou a tocar uma música orquestrada enquanto o elevador subia. Pensei na primeira vez que eu visitara o Olimpo, quando tinha doze anos. Annabeth e Grover não estavam comigo naquele dia. Fiquei feliz por estarem agora. Tinha a sensação de que essa poderia ser nossa última aventura juntos.

— Percy — disse Annabeth baixinho. — Você tinha razão em relação a Luke.

Era a primeira vez que ela falava desde a morte de Silena Beauregard. Ela mantinha os olhos fixos no número dos andares que piscavam magicamente no elevador: 400, 450, 500.

Grover e eu nos entreolhamos.

— Annabeth — disse eu. — Eu sinto muito…

— Você tentou me dizer. — Sua voz estava trêmula. — Luke não é bom. Eu não acreditei em você até… até saber como ele usou Silena. Agora eu sei. Espero que esteja feliz.

— Isso não me deixa feliz.

Ela encostou a cabeça na parede do elevador e não olhou para mim.

Grover segurava com cuidado o pequeno loureiro.

— Bem… é mesmo muito bom estarmos juntos outra vez. Discussões. Risco de vida. Terror abjeto. Ah, olhem. É o nosso andar.

As portas tilintaram e saltamos para o caminho aéreo.

*Deprimente* não é uma palavra que com frequência descreva o Monte Olimpo, mas agora era assim que ele estava. Não havia fogo iluminando os braseiros. As janelas estavam escuras, as ruas, desertas, e as portas, bloqueadas. O único movimento que se via era nos parques, que haviam sido transformados em hospitais de campanha. Will Solace e os outros campistas de Apolo andavam de um lado para o outro, cuidando dos feridos. Náiades e dríades tentavam ajudar, usando canções mágicas da natureza para curar queimaduras e eliminar venenos.

Enquanto Grover plantava a arvorezinha de louro, Annabeth e eu circulávamos, tentando animar os feridos. Passei por um sátiro com uma perna quebrada, um semideus envolto em ataduras da cabeça aos pés e um corpo coberto pela mortalha dourada do chalé de Apolo. Eu não sabia quem estava debaixo dela. Nem queria descobrir.

Meu coração pesava como chumbo, mas tentávamos encontrar coisas positivas a dizer.

—Você estará de pé lutando contra os titãs logo, logo! — disse eu a um campista.

— Você está ótimo — disse Annabeth a outro.

— Leneu se transformou em um arbusto! — disse Grover a um sátiro que gemia.

Encontrei Pólux, o filho de Dioniso, recostado em uma árvore. Tinha o braço quebrado, mas no geral parecia bem.

— Ainda posso lutar com a outra mão — disse ele, rangendo os dentes.

— Não — repliquei. — Você já fez bastante. Quero que fique aqui e ajude com os feridos.

— Mas…

— Prometa que vai ficar em segurança — pedi. — Está bem? É um favor pessoal.

Ele franziu a testa, indeciso. Afinal, nós não éramos amigos próximos nem nada, mas eu não ia lhe dizer que era um pedido de seu pai. Isso só iria constrangê-lo. Por fim, ele prometeu e, quando tornou a se recostar, dava para ver que estava um pouco aliviado.

Annabeth, Grover e eu continuamos andando na direção do palácio. Era para lá que Cronos seguiria. Assim que subisse pelo elevador — e eu não tinha a menor dúvida de que ele conseguiria, de uma forma ou de outra —, destruiria a sala dos tronos, o centro do poder dos deuses.

As portas de bronze se abriram com um rangido. Nossos passos ecoaram no piso de mármore. As constelações piscavam friamente no teto do grande salão. A lareira havia se reduzido a um brilho vermelho fraco. Héstia, na forma de uma garotinha de manto marrom, encontrava-se curvada diante dela, tremendo. O Ofiotauro nadava desalentadamente em sua esfera de água. Deixou escapar um mugido desanimado ao me ver.

À luz do fogo, os tronos lançavam sombras maléficas, como mãos que tentassem agarrar alguma coisa.

Aos pés do trono de Zeus, olhando para as estrelas, estava Rachel Elizabeth Dare. Ela segurava um vaso grego de cerâmica.

— Rachel? — chamei. — Hã, o que está fazendo com isso?

Ela me olhou como se estivesse saindo de um sonho.

— Eu o encontrei. É o jarro de Pandora, não é?

Seus olhos estavam mais brilhantes do que de hábito, e eu tive um desagradável *flashback* de sanduíches mofados e biscoitos queimados.

— Por favor, ponha o jarro no chão — pedi.

— Posso ver a Esperança dentro dele. — Rachel correu os dedos pelos desenhos na cerâmica. — Tão frágil.

— *Rachel*.

Minha voz pareceu trazê-la de volta à realidade. Ela estendeu o jarro, e eu o peguei. A cerâmica estava fria como gelo.

— Grover — murmurou Annabeth. — Vamos dar uma olhada no palácio. Quem sabe não encontramos fogo grego extra ou armadilhas de Hefesto.

— Mas…

Annabeth deu-lhe uma cotovelada.

— Certo! — gemeu ele. — Adoro armadilhas!

Ela o arrastou para fora da sala dos tronos.

Perto do fogo, Héstia estava encolhida em seu manto, balançando-se para a frente e para trás.

— Venha — disse eu a Rachel. — Quero lhe apresentar alguém.

Sentamo-nos ao lado da deusa.

— *Lady* Héstia — disse eu.

— Olá, Percy Jackson — murmurou a deusa. — Está esfriando. Fica mais difícil manter o fogo aceso.

— Eu sei — falei. — Os titãs estão próximos.

Héstia voltou os olhos para Rachel.

— Olá, minha querida. Finalmente você veio para o nosso lar.

Rachel piscou.

— Você estava me esperando?

Héstia estendeu as mãos, e as brasas brilharam. Vi imagens no fogo: minha mãe, Paul e eu no almoço do Dia de Ação de Graças, à mesa de nossa cozinha; meus amigos e eu em torno da fogueira no Acampamento Meio-Sangue, cantando e assando *marshmallows*; Rachel e eu na estrada à beira da praia, no Prius de Paul.

Eu não sabia se Rachel via as mesmas imagens, mas a tensão desapareceu de seus ombros. O calor do fogo pareceu espalhar-se por ela.

— Para reclamar seu lugar junto à lareira — disse Héstia —, você deve abrir

mão do que a distrai. É a única maneira de você sobreviver.

Rachel assentiu.

— Eu… eu entendo.

— Espere — eu disse. — Do que ela está falando?

Rachel respirou fundo, trêmula.

— Percy, quando vim para cá… pensei que estivesse vindo por você. Mas não era. Você e eu… — Ela sacudiu a cabeça.

— Espere. Agora eu sou uma *distração*? Isso é porque eu "não sou o herói" ou sei lá o quê?

— Não sei se consigo expressar em palavras — disse ela. — Fui atraída para você porque… porque você abriu a porta para tudo isso. — Ela fez um gesto indicando a sala dos tronos. — Eu precisava compreender minha verdadeira visão. Mas você e eu, juntos, não fazemos parte dela. Nossos destinos não estão entrelaçados. Acho que você sempre soube disso, bem lá no fundo.

Eu a fitei. Talvez eu não fosse o cara mais brilhante do mundo quando o assunto eram garotas, mas eu tinha certeza de que Rachel acabara de me dispensar, o que era um absurdo, considerando-se que jamais estivéramos juntos.

— Então… — falei. — É "Obrigada por me trazer ao Olimpo. Até mais."? É isso que está dizendo?

Rachel olhou para a fogueira.

— Percy Jackson — disse Héstia. — Rachel disselhe tudo que pode. A hora dela está chegando, mas a sua se aproxima ainda mais rapidamente. Você está pronto?

Eu queria me queixar que não, que não estava nem perto de estar pronto.

Olhei para o jarro de Pandora e pela primeira vez experimentei a ânsia de abri-lo. A esperança me parecia bastante inútil nesse momento. Tantos amigos haviam morrido. Rachel me dera o fora. Annabeth estava com raiva de mim. Meus pais encontravam-se desacordados em algum lugar das ruas lá embaixo, enquanto um exército de monstros cercava o prédio. O Olimpo estava prestes a ruir, e haviam sido tantas as crueldades que eu vira os deuses fazer: Zeus destruindo Maria di Angelo, Hades amaldiçoando o último Oráculo, Hermes voltando as costas a Luke, mesmo sabendo que o filho se bandearia para o mal.

*Renda-se*, sussurrava a voz de Prometeu em meu ouvido. *Caso contrário, seu lar será destruído. Seu precioso acampamento será queimado.*

Então olhei para Héstia. Seus olhos vermelhos brilhavam, calorosos. Lembrei-me das imagens que vira em sua lareira — amigos e família, todos com quem eu me importava.

Lembrei-me de algo que Chris Rodriguez dissera: *Não tem sentido*

*defendermos o acampamento se vocês morrerem. Todos os nossos amigos estão aqui*. E Nico, enfrentando o pai: *Se o Olimpo cair*, disse ele, *a segurança de seu palácio não terá importância*.

Ouvi passos. Annabeth e Grover voltaram para a sala dos tronos e pararam ao nos ver. Provavelmente, eu tinha uma expressão bem estranha no rosto.

— Percy? — Annabeth não parecia mais estar com raiva, só preocupada. — Devemos, hã, sair outra vez?

De repente, eu tinha a sensação de que alguém havia me dado uma injeção de ânimo. Entendi o que devia fazer.

Olhei para Rachel.

— Você não vai fazer nada estúpido, vai? Quero dizer… você conversou com Quíron, não foi?

Ela conseguiu dar um sorriso fraco.

— Você está preocupado com a possibilidade de *eu* fazer algo estúpido?

— Bem, eu quero dizer… você vai ficar bem?

— Não sei — admitiu ela. — Isso depende de você salvar o mundo ou não, herói.

Peguei o jarro de Pandora. O espírito da Esperança agitou-se lá dentro, tentando aquecer o recipiente frio.

— Héstia — disse eu. — Eu lhe dou isto como oferenda.

A deusa inclinou a cabeça.

— Sou a menor entre os deuses. Por que o confiaria a mim?

— Você é o último dos olimpianos — disse eu. — E o mais importante.

— E por que motivo, Percy Jackson?

— Porque a esperança sobrevive melhor no seio de nosso lar — disse eu. — Guarde-a para mim, e eu não tornarei a me sentir tentado a desistir.

A deusa sorriu. Tomou o jarro em suas mãos, e ele começou a luzir. O fogo na lareira tornou-se um pouco mais brilhante.

— Muito bem, Percy Jackson — disse ela. — Que os deuses o abençoem.

— Estamos prestes a descobrir isso. — Olhei para Annabeth e para Grover. — Venha, pessoal.

E marchei na direção do trono de meu pai.

O trono de Poseidon ficava à direita do de Zeus, mas não era nem de longe tão grandioso. O assento de couro preto modelado era preso a um pedestal giratório, com alguns anéis de ferro na lateral para fixar uma vara de pesca (ou um tridente). Basicamente, parecia o assento de um barco de pesca em alto-mar, no

qual você se acomodaria para caçar tubarões, marlins-azuis ou monstros marinhos.

Os deuses em seu estado natural têm cerca de cinco metros de altura; portanto, eu só conseguia alcançar a beira da cadeira se esticasse os braços.

— Ajudem-me a subir — pedi a Annabeth e Grover.

— Você está louco? — perguntou Annabeth.

— Provavelmente — admiti.

— Percy — disse Grover —, os deuses não gostam *nada* que alguém se sente em seu trono. É uma aversão, assim, do tipo *vou-transformá-lo-em-uma-pilha-de-cinzas*.

— Preciso chamar a atenção dele — disse eu. — É o único jeito.

Eles trocaram olhares inquietos.

— Bem — disse Annabeth —, isso vai mesmo chamar a atenção dele.

Eles juntaram os braços para fazer um degrau, então me alçaram ao trono. Sentia-me como um bebê com os pés tão distantes do chão. Olhei à minha volta, os outros tronos vazios e sombrios, e pude imaginar como seria sentar-me no Conselho Olimpiano — tanto poder, mas ao mesmo tempo tantas discussões, sempre enfrentando outros doze deuses tentando fazer valer a sua vontade. Seria fácil me tornar paranoico, olhar apenas os meus próprios interesses, especialmente se fosse Poseidon. Sentado em seu trono, sentime como se tivesse o mar inteiro sob o meu comando — vastos quilômetros cúbicos de oceano agitando-se com poder e mistério. Por que Poseidon deveria dar ouvidos a alguém? Por que ele não deveria ser o maior dos doze?

Então, sacudi a cabeça. *Concentre-se*.

O trono ribombou. Uma onda de ira com a força de um vendaval chocou-se com a minha mente: *QUEM OUSA*…

A voz parou abruptamente. A raiva recuou, o que era uma coisa boa, pois apenas aquelas duas palavras quase haviam feito minha mente explodir em estilhaços.

*Percy*. A voz de meu pai ainda estava furiosa, porém mais controlada. *O que exatamente você está fazendo no meu trono?*

— Desculpe, pai — disse eu. — Precisava atrair sua atenção.

*Isso foi muito perigoso. Mesmo para você. Se eu não tivesse olhado antes de fulminá-lo, você agora seria uma poça de água do mar.*

— Desculpe — repeti. — Ouça, as coisas estão barra-pesada por aqui.

Contei-lhe o que estava acontecendo. Em seguida, contei-lhe meu plano.

Ele ficou em silêncio por muito tempo.

*Percy, o que você está pedindo é impossível. Meu palácio…*

— Pai, Cronos mandou um exército contra você de propósito. Ele quer separá-lo dos outros deuses porque sabe que você poderia fazer pender a balança.

*Pode ser, mas ele atacaria o meu lar.*

— Eu *estou* no seu lar — falei. — O Olimpo.

O chão tremeu. Uma onda de ira varreu a minha mente. Pensei ter ido longe demais, mas então o tremor diminuiu. No fundo de minha ligação mental, ouvi explosões subaquáticas e o som de gritos de guerra: ciclopes berrando, tritões gritando.

— Tyson está bem? — perguntei.

A pergunta pareceu pegar meu pai de surpresa.

*Está ótimo. Saindo-se muito melhor do que esperei. Embora "manteiga de amendoim" seja um estranho grito de guerra.*

— Você o deixou combater?

*Pare de mudar de assunto! Você se dá conta do que está me pedindo? Meu palácio será destruído.*

— E talvez o Olimpo seja salvo.

*Tem ideia de quanto tempo levei para reformar este palácio? Só a sala de jogos levou seiscentos anos.*

— Pai…

*Muito bem! Que seja como você diz. Mas, meu filho, reze para que funcione.*

— Já estou rezando, falando com você, certo?

*Ah… sim. Bom argumento. Anfitrite… estou indo!*

O som de uma grande explosão interrompeu nossa conversa.

Desci do trono.

Grover examinou-me nervosamente.

— Você está bem? Ficou pálido e… começou a fumegar.

— Eu não fiz isso! — Então olhei para meu braços. O vapor ainda subia das mangas da minha camisa. Os pelos estavam chamuscados.

— Se ficasse sentado ali por mais tempo — disse Annabeth —, teria se consumido em combustão espontânea. Espero que a conversa tenha valido a pena.

*Muu*, disse o Ofiotauro em sua esfera de água.

— Vamos descobrir logo — repliquei.

Nesse exato momento as portas da sala dos tronos se abriram. Thalia entrou. Seu arco estava quebrado ao meio e a aljava, vazia.

— Vocês têm de descer — disse-nos ela. — O inimigo está avançando. E é Cronos quem está liderando.

# DEZOITO

Minha familia entra na luta

Quando chegamos à rua, já era tarde demais.

Campistas e Caçadoras jaziam feridos no chão. Clarisse devia ter perdido a luta com um gigante hiperbóreo, pois ela e a carruagem encontravam-se imobilizados em um bloco de gelo. Os centauros não estavam em nenhum lugar à vista. Ou eles haviam entrado em pânico e fugido ou tinham sido desintegrados.

O exército do titã cercava o edifício, a uns três metros das portas. A vanguarda de Cronos liderava: Ethan Nakamura, a rainha *dracaena* em sua armadura verde e dois hiperbóreos. Não vi Prometeu. A doninha escorregadia provavelmente estava escondida em seu quartel-general. E o próprio Cronos encontrava-se à frente, com a foice na mão.

A única coisa que se interpunha em seu caminho era…

— Quíron — disse Annabeth, a voz trêmula.

Se Quíron ouviu, não respondeu. Tinha uma flecha pronta para disparar, apontada direto para o rosto de Cronos.

Assim que Cronos me viu, seus olhos dourados se inflamaram. Cada músculo no meu corpo se imobilizou. Então, o Senhor Titã tornou a dirigir sua atenção para Quíron.

— Saia do caminho, meu filho.

Ouvir Luke chamar Quíron de seu *filho* já era bastante estranho, mas Cronos tinha desprezo na voz, como se *filho* fosse a pior palavra que lhe ocorresse.

— Receio que não. — O tom de Quíron era calmo e frio, como ele fica quando está com muita raiva.

Tentei me mover, mas meus pés pesavam como concreto. Annabeth, Grover e Thalia pareciam fazer força também, como se estivessem igualmente imobilizados.

— Quíron! — gritou Annabeth. — Cuidado!

A rainha *dracaena* impacientou-se e atacou. A flecha de Quíron voou direto para o ponto entre seus olhos, e ela foi pulverizada de imediato, a armadura vazia retinindo contra o asfalto.

Quíron levou a mão para pegar outra flecha, mas sua aljava estava vazia. Ele largou o arco e puxou a espada. Eu sabia que ele odiava lutar com a espada. Essa nunca foi sua arma favorita.

Cronos deu uma risadinha. Avançou um passo, e a metade cavalo de Quíron agitou-se nervosamente. Sua cauda balançando de um lado para o outro.

— Você é um instrutor — disse Cronos com desdém. — Não um herói.

— Luke era um herói — afirmou Quíron. — Dos bons. Até *você* corrompê-lo.

— TOLO! — A voz de Cronos sacudiu a cidade. — Você encheu a cabeça dele com promessas vazias. Disse que os deuses se preocupavam comigo!

— Comigo — observou Quíron. — Você disse *comigo*.

Cronos pareceu confuso e, naquele momento, Quíron atacou. Foi uma boa manobra — uma finta seguida por um golpe no rosto. Eu mesmo não poderia ter feito melhor, mas Cronos era rápido. Tinha toda a habilidade de Luke na esgrima, o que era muita coisa. Com um golpe, ele arrancou a lâmina de Quíron de suas mãos e gritou:

— PARA TRÁS!

Uma luz branca cegante explodiu entre o Titã e o centauro. Quíron voou de encontro à lateral do edifício com tamanha força que a parede se esfacelou e desmoronou em cima dele.

— Não! — gemeu Annabeth.

O feitiço da imobilização se quebrou. Corremos para o nosso professor, mas não havia sinal dele. Thalia e eu retirávamos inutilmente os tijolos, enquanto uma onda de risadas pavorosas percorria o exército do titã.

— VOCÊ! — Annabeth voltou-se para Luke. — E pensar que eu… que eu achava…

Ela sacou a faca.

— Annabeth, não. — Tentei segurar seu braço, mas ela se livrou de mim.

E atacou Cronos. O sorriso presunçoso dele desapareceu. Talvez alguma parte de Luke tenha se lembrado de que costumava gostar daquela garota, costumava cuidar dela quando ela era criança. Ela mergulhou a faca entre as tiras da armadura dele, em sua clavícula. A lâmina deveria ter afundado em seu peito. Em vez disso, ricocheteou. Annabeth dobrou-se para a frente, agarrando o braço junto à barriga. O impacto devia ter sido forte o bastante para deslocar seu ombro ruim.

Puxei-a para trás quando Cronos brandiu a foice, cortando o ar no local onde ela estivera.

Ela tentava se desvencilhar de mim e gritava:

— EU ODEIO VOCÊ!

Eu não sabia ao certo com quem ela estava falando — comigo, com Luke ou com Cronos. Lágrimas abriam caminho em meio à poeira que cobria seu rosto.

— Tenho de enfrentá-lo — disselhe eu.

— Essa luta é minha também, Percy!

Cronos riu.

— Quanta coragem. Posso ver por que Luke queria poupá-la. Infelizmente, isso não vai ser possível.

Ele ergueu a foice. Preparei-me para aparar o golpe, mas antes que Cronos pudesse desferi-lo o uivo de um cão atravessou o ar, vindo de algum ponto atrás de seu exército.

— *Auuuuuuuuu!*

Era demais esperar isso, mas chamei:

— Sra. O'Leary?

As tropas inimigas moveram-se inquietas. Então, a coisa mais estranha aconteceu. Elas começaram a se dividir, abrindo passagem pela rua, como se algo atrás delas as obrigasse a isso.

Logo havia um corredor vazio no centro da Quinta Avenida. No fim da quadra estava minha cadela gigante e uma pequena figura de armadura negra.

— Nico? — chamei.

— ROLF! — A sra. O'Leary veio saltitando na minha direção, ignorando os monstros que rosnavam de ambos os lados da rua. Nico avançou a passos largos. O exército inimigo recuava diante dele como se ele irradiasse morte, o que, é claro, ele fazia.

Através da viseira de seu capacete em formato de caveira ele sorriu.

— Recebi sua mensagem. É tarde demais para participar da festa?

— Filho de Hades. — Cronos cuspiu no chão. — Você ama tanto assim a morte que quer experimentá-la?

— A sua morte — disse Nico — estaria ótima para mim.

— Eu sou imortal, seu tolo! Escapei do Tártaro. Você não tem nada para fazer aqui, e nenhuma chance de sobreviver.

Nico sacou a espada — quase um metro do maligno e afiado ferro estígio, negro como um pesadelo.

— Eu discordo.

O chão ribombou. Surgiram rachaduras na rua, nas calçadas, nas laterais dos edifícios. Mãos de esqueletos agarravam o ar à proporção que os mortos abriam caminho para o mundo dos vivos. Eram milhares deles, e, à medida que emergiam, os monstros do titã iam ficando nervosos e recuavam.

— MANTENHAM SUAS POSIÇÕES! — exigia Cronos. — Os mortos não são páreo para nós.

O céu ficou escuro e frio. As sombras se espessaram. Uma estridente corneta de guerra soou, e, enquanto os soldados mortos formavam fileiras com suas armas de fogo, espadas e lanças, uma enorme carruagem rugiu pela Quinta Avenida, indo parar ao lado de Nico. Os cavalos eram sombras vivas, modelados com a escuridão. A carruagem era marchetada com obsidiana e ouro, decorada com cenas de mortes dolorosas. No controle das rédeas estava o próprio Hades, Senhor dos Mortos, com Deméter e Perséfone atrás dele.

Hades usava armadura negra e um manto da cor de sangue fresco. No alto de sua cabeça pálida estava o capacete da escuridão: uma coroa que irradiava puro terror. Ela mudava de forma enquanto eu a observava — da cabeça de um dragão para um círculo de chamas negras e, então, para uma guirlanda de ossos humanos. Mas isso não era o mais assustador. O capacete entrou em minha mente e despertou meus piores pesadelos, meus medos mais secretos. Eu queria me enfiar em um buraco e me esconder —, e podia ver que o exército inimigo sentia o mesmo. Somente o poder e a autoridade de Cronos impediu que suas tropas fugissem.

Hades sorriu com frieza.

— Olá, pai. Você parece… jovem.

— Hades — rosnou Cronos. — Espero que você e as senhoras tenham vindo prestar sua lealdade.

— Receio que não. — Hades suspirou. — Meu filho aqui me convenceu de que talvez eu devesse estabelecer prioridades em minha lista de inimigos. — Ele me olhou com desprazer. — Por mais que eu desgoste de certos semideuses *ascendentes*, isso não compensaria a queda do Olimpo. Eu sentiria falta de discutir com meus irmãos. Aliás, se há uma coisa em que concordamos, é que você foi um PÉSSIMO pai.

— É verdade — murmurou Deméter. — Não teve nenhum apreço pela agricultura.

— Mãe! — queixou-se Perséfone.

Hades puxou a espada, uma lâmina estígia de dois gumes marcados com prata em água-forte.

— Agora lute comigo! Pois hoje a Casa de Hades passará a ser chamada de Os Salvadores do Olimpo.

— Não tenho tempo para isso — rosnou Cronos.

Então ele bateu no chão com a foice. Uma fenda se espalhou em ambas as direções, circulando o Empire State Building. Uma parede de força tremulou ao

longo da fissura, separando a vanguarda de Cronos, meus amigos e eu do corpo dos dois exércitos.

— O que ele está fazendo? — murmurei.

— Lacrando-nos aqui dentro — disse Thalia. — Está desativando as barreiras mágicas em torno de Manhattan, isolando apenas o prédio… e nós.

De fato, do lado de fora da barreira motores de carros ganharam vida. Pedestres despertaram e olharam sem entender para os monstros e os zumbis à sua volta. Não tinha como saber o que viam através da Névoa, mas estou certo de que era bastante assustador. Portas de carros se abriram. E, no fim daquela quadra, Paul Blofis e minha mãe saltaram do Prius.

— Não — disse eu. — Não…

Minha mãe conseguia enxergar através da Névoa. Pela expressão dela, eu podia ver que compreendia o quanto as coisas estavam sérias. Esperei que tivesse o bom senso de correr. Mas seus olhos encontraram os meus, ela disse algo a Paul, e eles correram em nossa direção.

Eu não podia gritar. A última coisa que queria era chamar a atenção de Cronos para ela.

Felizmente, Hades o distraiu. Investiu contra a parede de força, mas sua carruagem colidiu contra ela e virou. Ele se levantou e tentou explodir a parede com energia negra. A barreira resistiu.

— ATAQUEM! — rugiu ele.

O exército dos mortos investiu contra os monstros do titã. A Quinta Avenida transformou-se em um verdadeiro caos. Os mortais gritavam e corriam, em busca de proteção. Deméter agitou a mão e toda uma coluna de gigantes se transformou em um campo de trigo. Perséfone fez as lanças das *dracaenae* virarem girassóis. Nico brandia sua espada, abrindo caminho em meio ao inimigo, tentando proteger os pedestres. Meus pais corriam em minha direção, desviando-se de monstros e zumbis, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-los.

— Nakamura — disse Cronos —, você me dá cobertura. Gigantes, cuidem deles.

Ele apontou para mim e meus amigos. Então, disparou para o saguão.

Por um segundo, fiquei atônito. Eu estivera esperando uma luta, mas Cronos havia me ignorado completamente, como se não valesse a pena perder tempo comigo. Isso me deixou furioso.

O primeiro gigante hiperbóreo me golpeou com seu porrete. Eu rolei por entre suas pernas e espetei Contracorrente em seu traseiro. Ele se estilhaçou em uma pilha de cacos de gelo. O segundo gigante bafejou gelo em Annabeth, que mal

conseguia ficar em pé, mas Grover puxou-a, tirando-a do caminho, enquanto Thalia atacava. Ela saltou nas costas do gigante como uma gazela, deslizou suas facas de caça pelo pescoço azul monstruoso e criou a maior escultura de gelo sem cabeça do mundo.

Olhei para fora da barreira mágica. Nico lutava, abrindo caminho na direção de minha mãe e de Paul, mas eles não ficaram esperando ajuda. Paul agarrou a espada de um herói caído e fez um trabalho bastante bom mantendo uma *dracaena* ocupada. Por fim, ele a espetou na barriga, e ela se desintegrou.

— Paul? — disse eu, assombrado.

Ele virou-se para mim e sorriu.

— Espero que tenha sido um monstro isso que acabei de matar. Fiz parte de um grupo de teatro de Shakespeare na faculdade! Aprendi um pouquinho de esgrima!

Gostei ainda mais dele por isso, mas então um gigante lestrigão atacou minha mãe. Ela vasculhava um carro de polícia abandonado — talvez à procura do rádio de emergência — e estava de costas para o gigante.

— Mãe! — gritei.

Ela girou quando o monstro estava quase em cima dela. Pensei que o que tinha nas mãos fosse uma sombrinha até que ela engatilhou e a explosão da espingarda lançou o gigante uns sete metros para trás, direto ao encontro da espada de Nico.

— Boa — disse Nico.

— Quando foi que você aprendeu a atirar com espingarda? — perguntei.

Mamãe soprou o cabelo que lhe caía no rosto.

— Há uns vinte segundos. Percy, nós vamos ficar bem. Vá!

— Sim — concordou Nico —, vamos cuidar do exército. Você precisa pegar Cronos!

— Venha, Cabeça de Alga! — chamou Annabeth.

Assenti. Então olhei para a pilha de escombros na lateral do prédio. Meu coração se afligiu. Eu havia me esquecido de Quíron. Como pudera fazer isso?

— Sra. O’Leary — disse eu. — Por favor, Quíron está lá embaixo. Se alguém pode tirá-lo de lá, é você. Encontre-o! Ajude-o!

Não sei o quanto ela compreendeu mas foi correndo para a pilha e começou a cavar. Annabeth, Thalia, Grover e eu corremos para os elevadores.

# DEZENOVE

Destruímos a cidade eterna

A ponte para o Olimpo estava se desintegrando. Saltamos do elevador para o caminho de mármore branco e imediatamente apareceram rachaduras aos nossos pés.

— Pulem! — disse Grover, o que para ele era fácil, pois ele é metade bode montês.

Ele saltou para a laje de pedra seguinte enquanto a nossa se inclinava nauseantemente.

— Deuses, eu odeio altura! — gritou Thalia quando eu e ela pulamos.

Annabeth, porém, não estava em condições de pular. Ela cambaleou e gritou:

— Percy!

Peguei-a pela mão no momento em que o calçamento ruiu, transformando-se em pó. Por um segundo pensei que ela fosse cair, me levando com ela. Seus pés pendiam no ar. Sua mão começou a escorregar até que eu a segurava apenas pelos dedos. Então, Grover e Thalia agarraram minhas pernas, e eu encontrei força extra. Annabeth *não* ia despencar.

Puxei-a para cima e ficamos caídos, tremendo, no calçamento. Não percebi que estávamos abraçados até que, de repente, ela se retesou.

— Hã, obrigada — murmurou.

Tentei dizer *Não há de quê*, mas saiu algo como: “Hã, dãh.”

— Continuem! — Grover puxou meu ombro.

Nós nos soltamos e atravessamos correndo a ponte no céu enquanto mais pedras se soltavam e despencavam no abismo. Chegamos à montanha no momento em que o último trecho ruiu.

Annabeth olhou para trás, para o elevador, que agora estava completamente fora de alcance — duas portas de metal polido pairando no espaço, presas a nada, seiscentos andares acima de Manhattan.

— Estamos isolados — disse ela. — Por nossa própria conta.

— Bé-é-é! — respondeu Grover. — A conexão entre o Olimpo e a América está se dissolvendo. Se ruir…

— Os deuses não vão se mudar para outro país desta vez — disse Thalia. — Esse vai ser o fim do Olimpo. O momento *derradeiro*.

Corremos pelas ruas. Mansões queimavam. Estátuas haviam sido derrubadas. Nos parques, árvores tinham sido reduzidas a lascas. Parecia que alguém havia atacado a cidade com um cortador de grama gigante.

— A foice de Cronos — disse eu.

Seguimos o caminho sinuoso em direção ao palácio dos deuses. Não me lembrava de a estrada ser tão comprida. Talvez Cronos estivesse fazendo o tempo passar mais lentamente — ou talvez fosse apenas o terror me retardando. Todo o topo da montanha estava em ruínas — tantos prédios e jardins lindos destruídos.

Alguns deuses menores e espíritos da natureza haviam tentado deter Cronos. O que restava deles espalhava-se pela estrada: armaduras espatifadas, roupas rasgadas, espadas e lanças partidas ao meio.

Em algum lugar à nossa frente a voz de Cronos rugiu:

— Tijolo por tijolo! Foi esta a minha promessa. Vou demolir TIJOLO POR TIJOLO!

Um templo de mármore branco com um domo dourado subitamente explodiu. O domo disparou para o alto como a tampa de uma chaleira e se estilhaçou em um bilhão de pedaços, fazendo chover entulho sobre a cidade.

— Aquele era um santuário para Ártemis — grunhiu Thalia. — Ele vai pagar por isso.

Corríamos sob o arco de mármore com as imensas estátuas de Zeus e Hera quando toda a montanha rangeu, adernando como um barco em uma tempestade.

— Cuidado! — gritou Grover. O arco desmoronou. Ergui os olhos a tempo de ver uma Hera de vinte toneladas, carrancuda, caindo sobre nós. Annabeth e eu teríamos sido esmagados, mas Thalia nos empurrou por trás e caímos no chão, fora de perigo.

— Thalia! — gritou Grover.

Quando a poeira assentou e a montanha parou de balançar, nós a encontramos ainda viva, mas com as pernas presas sob a estátua.

Tentamos desesperadamente mover a estátua, mas teriam sido necessários vários ciclopes para isso. Quando tentamos soltar Thalia, puxando-a, ela gritou de dor.

— Sobrevivo a todas aquelas batalhas — resmungou ela — para ser derrotada por um estúpido pedaço de pedra!

— É Hera — disse Annabeth, ultrajada. — Ela aprontou comigo o ano todo. Sua estátua teria me matado se você não nos tivesse empurrado.

Thalia fez uma careta.

— Bem, não fiquem aí parados! Eu vou ficar bem. Vão!

Não queríamos deixá-la, mas eu podia ouvir Cronos rindo ao se aproximar do tribunal dos deuses. Mais prédios explodiram.

— Nós voltaremos — prometi.

— Eu não vou a lugar algum — gemeu Thalia.

Uma bola de fogo foi lançada na encosta da montanha, perto dos portões do palácio.

— Precisamos correr — disse eu.

— Não creio que você queira dizer *para longe* — murmurou Grover, esperançoso.

Disparei na direção do palácio, Annabeth logo atrás de mim.

— Era o que eu temia — suspirou Grover, trotando em nosso encalço.

As portas do palácio eram grandes o bastante para deixar passar um transatlântico, mas haviam sido arrancadas das dobradiças e estraçalhadas como se nada pesassem. Tivemos de escalar uma imensa pilha de pedras destroçadas e metal retorcido para entrar.

Cronos estava no centro da sala dos tronos, os braços abertos, olhando para o teto estrelado como se abarcasse tudo aquilo. Sua gargalhada ecoava ainda mais alta do que no abismo do Tártaro.

— Finalmente! — berrou ele. — O Conselho Olimpiano… tão orgulhoso e poderoso. Qual trono de poder eu vou destruir primeiro?

Ethan Nakamura estava parado a um lado, tentando se manter longe do caminho da foice de seu mestre. O braseiro estava quase apagado, apenas algumas brasas brilhavam embaixo das cinzas. Héstia não se encontrava em nenhum lugar à vista. Tampouco Rachel. Eu torcia para que ela estivesse bem, mas havia visto tanta destruição que tinha medo de pensar a respeito. O Ofiotauro nadava em sua esfera de água no canto mais distante da sala, sabiamente não emitindo nenhum som, mas não ia demorar muito para que Cronos o notasse.

Annabeth, Grover e eu demos um passo à frente na direção da luz das tochas. Ethan nos viu primeiro.

— Meu senhor — avisou ele.

Cronos virou-se e sorriu por meio do rosto de Luke. Exceto pelos olhos dourados, ele parecia exatamente o mesmo de quatro anos atrás, quando me dera as boas-vindas no chalé de Hermes. Annabeth emitiu um som dolorido no fundo

da garganta, como se alguém tivesse acabado de lhe acertar um soco inesperado.

— Devo destruí-lo primeiro, Jackson? — perguntou Cronos. — Essa é a escolha que você fará: lutar contra mim e morrer em vez de se curvar? As profecias nunca terminam bem, você sabe.

— Luke lutaria com uma espada — falei. — Mas suponho que você não tenha a habilidade dele.

Cronos sorriu com escárnio. Sua foice começou a mudar, até ele estar segurando a antiga espada de Luke, Mordecostas, com sua lâmina metade aço, metade bronze celestial.

Ao meu lado, Annabeth arquejou como se de repente tivesse tido uma ideia.

— Percy, a lâmina! — Ela desembainhou sua faca. — *E a alma do herói, a lâmina maldita ceifará.*

Não entendi por que ela estava me lembrando daquele verso da profecia naquele momento. Não era exatamente algo que levantasse o moral, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa Cronos ergueu a espada.

— Espere! — gritou Annabeth.

Cronos veio para cima de mim como um furacão.

Meus instintos assumiram o controle. Eu me desviei, ataquei e rolei, mas tinha a sensação de estar lutando contra uma centena de espadachins. Ethan correu, tentando posicionar-se atrás de mim, mas Annabeth o interceptou. Eles começaram a lutar, mas eu não podia me concentrar em como ela estava se saindo. Percebi vagamente que Grover começara a tocar sua flauta de bambu. O som me encheu de entusiasmo e coragem — imagens da luz do sol, de um céu azul e de uma campina tranquila, em algum lugar distante da guerra.

Cronos encurralou-me contra o trono de Hefesto — uma imensa estrutura mecânica reclinável coberta por engrenagens de bronze e prata. O titã brandiu a espada, e eu consegui saltar para o assento. O trono começou a emitir barulhos e zumbidos, vindos dos mecanismos secretos. *Modo de defesa*, avisou ele. *Modo de defesa*.

Aquilo não podia ser bom. Pulei por sobre a cabeça de Cronos quando o trono disparou ondas elétricas em todas as direções. Uma delas atingiu Cronos no rosto, fazendo-o arquear o corpo e erguer a espada.

— ARGH! — Ele caiu de joelhos e largou Mordecostas.

Annabeth viu sua oportunidade. Chutou Ethan, tirando-o do caminho, e avançou para Cronos.

— Luke, ouça!

Eu queria gritar com ela, dizer-lhe que era louca por tentar argumentar com Cronos, mas não houve tempo para isso. Cronos moveu a mão, e Annabeth voou

para trás, indo bater no trono de sua mãe e desabando no chão.

— Annabeth! — gritei.

Ethan Nakamura levantou-se. Ele agora se interpunha entre mim e Annabeth. Eu não podia lutar com ele sem dar as costas para Cronos.

A música de Grover assumiu um tom mais urgente. Ele se movia na direção de Annabeth, mas, tocando, não podia ir mais rápido. No chão da sala dos tronos começou a crescer grama. Raízes minúsculas insinuavam-se entre as rachaduras das pedras de mármore.

Cronos ergueu-se, apoiando-se em um dos joelhos. Seu cabelo fumegava. O rosto estava coberto por queimaduras. Ele estendeu a mão para a espada, mas dessa vez ela não voou para ele.

— Nakamura! — ele gemeu. — Hora de provar seu valor. Você conhece o ponto vulnerável de Jackson. Mate-o, e será infinitamente recompensado.

Os olhos de Ethan desceram para a parte inferior do meu tronco, e eu tive certeza de que ele sabia. Mesmo que não conseguisse me matar, tudo o que tinha de fazer era contar aquilo a Cronos. Não havia como eu me defender para sempre.

— Olhe à sua volta, Ethan — disse eu. — O fim do mundo. É essa a recompensa que você quer? Quer mesmo ver tudo destruído: o bem e o mal? *Tudo?*

A essa altura Grover já estava alcançando Annabeth. A grama se espessava no chão. As raízes tinham quase trinta centímetros e pareciam pelos de barba crescendo.

— Não tem nenhum trono para Nêmesis — murmurou Ethan. — Nenhum trono para minha mãe.

— Isso mesmo! — Cronos tentou se levantar, mas cambaleou. Acima de sua orelha esquerda um tufo de cabelos louros ainda fumegava. — Aniquile-os! Eles merecem sofrer.

— Você disse que sua mãe é a deusa do equilíbrio — lembrei-lhe. — Os deuses menores merecem mais, Ethan, mas a destruição total não é o *equilíbrio*. Cronos não constrói. Ele só destrói.

Ethan olhou para o trono crepitante de Hefesto. A música de Grover continuava, e Ethan se balançava com o ritmo, como se a música o enchesse de nostalgia — um desejo de ver um lindo dia, de estar em qualquer lugar, menos ali. Seu olho bom piscou.

Então ele atacou… mas não a mim.

Enquanto Cronos ainda estava de joelhos, Ethan baixou sua espada contra o pescoço do Senhor Titã. Isso deveria tê-lo matado instantaneamente, mas a

lâmina se estilhaçou. Ethan caiu para trás, abraçando a barriga. Um estilhaço de sua própria lâmina havia ricocheteado e perfurado sua armadura.

Cronos se ergueu, vacilante, assomando junto ao servo.

— Traição! — rosnou.

A música de Grover continuava a tocar, e a grama crescia em torno do corpo de Ethan, que me fitou, o rosto contraído de dor.

— Merecem mais — arquejou ele. — Se eles ao menos… tivessem tronos…

Cronos bateu o pé e o chão se abriu ao redor de Ethan. O filho de Nêmesis caiu por uma fissura que passava direto pelo coração da montanha — direto para o vazio.

— Este é o fim dele. — Cronos apanhou a espada. — E agora o de vocês.

Meu único pensamento era manter Cronos longe de Annabeth.

Grover agora estava ao lado dela. Havia parado de tocar e dava-lhe um pouco de ambrosia.

Em todo lugar que Cronos pisava as raízes envolviam seus pés, mas Grover havia parado a mágica cedo demais. As raízes não eram grossas nem fortes o suficiente para fazer outra coisa que não irritar o titã.

Atravessamos o braseiro lutando, chutando brasas e faíscas. Cronos arrancou um descanso de braço do trono de Ares, o que para mim não era nenhum problema, mas então ele me fez recuar até o trono de meu pai.

— Ah, sim — disse Cronos. — Este vai dar ótima lenha para minha nova lareira!

Nossas lâminas se chocaram com uma chuva de centelhas. Ele era mais forte do que eu, mas nesse momento eu sentia em meus braços a força do oceano. Empurrei-o para trás e golpeei novamente, acertando Contracorrente em seu peitoral com tanta força que abri uma brecha no bronze celestial.

Cronos tornou a bater o pé, e o tempo desacelerou. Tentei atacar, mas estava me movendo à velocidade de uma geleira. Cronos recuou lentamente, recuperando o fôlego. Examinou o rasgo em sua armadura enquanto eu lutava para avançar, amaldiçoando-o em silêncio. Ele podia ter todos os tempos de descanso que quisesse. Podia me imobilizar à vontade. Minha única esperança era que o esforço o estivesse consumindo. Se eu pudesse esgotá-lo…

— É tarde demais, Percy Jackson — disse ele. — Olhe.

Ele apontou para o braseiro, e as brasas brilharam. Um lençol de fumaça branca fluiu do fogo, formando imagens como uma mensagem de Íris. Vi Nico e meus pais na Quinta Avenida, lutando uma batalha perdida, cercados por

inimigos. Em segundo plano, Hades lutava em sua carruagem negra, convocando onda após onda de zumbis, que iam emergindo do chão, mas as forças do exército do titã pareciam igualmente infindáveis. Enquanto isso, Manhattan ia sendo destruída. Os mortais, agora totalmente despertos, corriam aterrorizados. Automóveis guinavam e colidiam.

A cena mudou, e vi algo ainda mais apavorante.

Uma massa de tempestade aproximava-se do Rio Hudson, movendo-se rapidamente pela costa de Jersey. Carruagens a cercavam, unidas em combate contra a criatura na nuvem.

Os deuses atacavam. Relâmpagos cintilavam. Flechas de ouro e prata penetravam a nuvem como foguetes traçantes e explodiam. Lentamente, a nuvem se abriu, e vi Tifão com clareza pela primeira vez.

E soube que enquanto vivesse (o que não deveria ser assim tanto tempo) jamais conseguiria tirar aquela imagem de minha mente. A cabeça de Tifão mudava o tempo todo. A cada momento ele era um monstro diferente, cada um mais horrível do que o anterior. Olhar para seu rosto teria me enlouquecido, então fixei os olhos em seu corpo, que não era muito melhor. Ele era humanoide, mas sua pele me lembrava um sanduíche de almôndegas que tivesse ficado no armário de alguém o ano todo. Tinha manchas verdes, com bolhas do tamanho de edifícios, e marcas enegrecidas pelos éons que ficaram presos debaixo do vulcão. Suas mãos eram humanas, mas com garras de águia. As pernas eram escamosas e reptilianas.

— Os olimpianos estão empreendendo seu esforço final. — Cronos riu. — Que patético!

Zeus lançou um raio de sua carruagem. A explosão iluminou o mundo. Pude sentir o choque mesmo ali no Olimpo, mas quando a poeira baixou, Tifão ainda estava de pé. Cambaleava um pouco, com uma cratera fumegante no alto da cabeça deformada, mas rugia enfurecido e continuava avançando.

Meus membros voltaram a se mexer. Cronos não pareceu perceber. Sua atenção estava voltada para a luta e sua vitória final. Se eu pudesse resistir mais alguns segundos, e se meu pai cumprisse a palavra…

Tifão entrou no Rio Hudson e mal afundou até a metade da panturrilha.

Agora, pensei, implorando à imagem na fumaça. *Por favor, tem de acontecer agora*.

Como um milagre, uma trombeta de concha soou vindo da imagem fumacenta. O chamado do oceano. O chamado de Poseidon.

Ao redor de Tifão, o Rio Hudson irrompeu com violência, agitando-se com ondas de mais de doze metros. Da água surgiu uma nova carruagem — esta

puxada por imensos cavalos-marinhos, que nadavam no ar com a mesma facilidade que na água. Meu pai, brilhando com uma aura azul de poder, descreveu um círculo desafiador em torno das pernas do gigante. Poseidon não era mais um velho. Mostrava-se novamente como ele mesmo — bronzeado e forte, com a barba preta. Quando ele brandia o tridente, o rio respondia, formando uma nuvem afunilada em torno do monstro.

— Não! — Cronos berrou após um momento de silêncio atônito. — NÃO!

— AGORA, MEUS COMPANHEIROS! — A voz de Poseidon era tão alta que eu não tinha certeza se a estava ouvindo da imagem de fumaça ou do outro lado da cidade. — LUTEM PELO OLIMPO!

Guerreiros irromperam do rio, cavalgando as ondas em imensos tubarões, dragões e cavalos-marinhos. Era uma legião de ciclopes, e liderando-os na batalha estava…

— Tyson! — gritei.

Eu sabia que ele não podia me ouvir, mas eu o olhava assombrado. Ele havia aumentado magicamente de tamanho. Devia estar com uns dez metros de altura, tão grande quanto qualquer um de seus primos mais velhos, e pela primeira vez estava usando a armadura completa. Logo atrás dele ia Briareu, o centímano.

Todos os ciclopes seguravam imensas extensões de correntes de ferro negro — grandes o suficiente para ancorar um encouraçado — com ganchos de quatro pontas nas extremidades. Eles as giravam como laços e começaram a prender Tifão, lançando cordas em torno das pernas e dos braços da criatura, usando a maré para continuar circulando, enredando-o lentamente. Tifão se sacudia, rugia e puxava as correntes, arrancando alguns ciclopes de suas montarias; mas havia correntes demais. O simples peso do batalhão começou a cansar Tifão. Poseidon atirou seu tridente e atravessou a garganta do monstro. O icor dourado imortal jorrou do ferimento, criando uma cachoeira mais alta que um arranha-céu. O tridente voou de volta para a mão de Poseidon.

Os outros deuses atacaram com força renovada. Ares aproximou-se e apunhalou Tifão no nariz. Ártemis acertou o monstro no olho com uma dúzia de flechas de prata. Apolo disparou uma chamejante saraivada de flechas e ateou fogo à tanga do monstro. E Zeus continuou golpeando o gigante com raios até que por fim, lentamente, a água se ergueu, envolvendo Tifão como um casulo, e ele começou a afundar, sob o peso das correntes. O monstro gritava em agonia, debatendo-se com tanta força que as ondas inundaram o litoral de Jersey, cobrindo prédios de cinco andares e erguendo-se na Ponte George Washington, e afundou quando meu pai abriu um túnel especial no fundo do rio, um interminável escorrega que o levaria direto para o Tártaro. A cabeça do gigante

foi engolida por um redemoinho fervilhante, e ele desapareceu.

— AH! — gritou Cronos, e então atravessou a fumaça com a espada, estilhaçando a imagem.

— Estão vindo para cá — falei. — Você está perdido.

— Eu ainda nem comecei.

Ele avançou numa velocidade ofuscante. Grover — o sátiro bravo e estúpido — tentou me proteger, mas Cronos o atirou para o lado como uma boneca de pano.

Eu dei um passo para o lado e o apunhalei sob a guarda. Era um bom truque. Infelizmente, Luke o conhecia. Ele contrapôs o golpe e me desarmou usando um dos primeiros movimentos que me ensinara. Minha espada deslizou pelo chão e foi cair direto na fissura aberta.

— PARE! — Annabeth surgiu do nada.

Cronos girou para enfrentá-la e brandiu Mordecostas, mas não sei como Annabeth aparou o golpe com o punho de sua faca. Era uma jogada que somente o lutador de faca mais rápido e hábil poderia ter feito. Não me pergunte onde ela encontrou a força, mas deu um passo à frente para alavancar as lâminas cruzadas, e por um momento ficou cara a cara com o Senhor Titã, imobilizando-o.

— Luke — disse ela, rangendo os dentes —, agora eu compreendo. Você tem de confiar em mim.

Cronos rugiu de fúria.

— Luke Castellan está morto! Seu corpo será consumido pelo fogo quando eu assumir minha verdadeira forma!

Tentei me mover, mas meu corpo estava novamente imobilizado. Como Annabeth, machucada e quase morta de exaustão, encontrava forças para lutar contra um titã como Cronos?

Ele fez força contra ela, tentando soltar sua lâmina, mas ela o conteve, os braços tremendo enquanto ele forçava a espada na direção de seu pescoço.

— Sua mãe — grunhiu Annabeth. — Ela viu o seu destino.

— Servir a Cronos! — rugiu o titã. — Esse é o meu destino.

— Não! — insistiu Annabeth. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas eu não sabia se eram de tristeza ou de dor. — Não é esse o fim, Luke. A profecia: ela viu o que você faria. A profecia se aplica a você!

— Eu vou destruí-la, criança! — berrou Cronos.

— Não vai — replicou Annabeth. — Você prometeu. Neste exato momento você está contendo Cronos.

— MENTIRAS!

Cronos tornou a empurrar, e dessa vez Annabeth perdeu o equilíbrio. Com a mão livre, Cronos bateu em seu rosto, e ela deslizou para trás.

Reuni toda a minha força de vontade. Consegui me levantar, mas era como se eu estivesse segurando o peso do céu novamente.

Cronos avultou-se junto a Annabeth, a espada erguida.

O sangue escorria do canto da boca de Annabeth. Ela grasnou:

— Família, Luke. Você prometeu.

Dei um passo doloroso à frente. Grover estava de pé outra vez, perto do trono de Hera, mas também parecia estar fazendo força para se mover. Antes que um de nós conseguisse se aproximar de Annabeth, Cronos cambaleou.

Ele olhou para a faca na mão de Annabeth, para o sangue em seu rosto.

— *Promessa*.

Então arquejou, como se não conseguisse respirar.

— Annabeth… — Mas não era a voz do titã. Era a de Luke. Ele tropeçou, como se não conseguisse controlar o próprio corpo. — Você está sangrando…

— Minha faca. — Annabeth tentou erguer a faca, que caiu ruidosamente de sua mão. Seu braço estava dobrado em um ângulo estranho. Ela olhou para mim, suplicante. — Percy, por favor…

Eu podia me mover outra vez.

Corri e peguei a faca. Arranquei Mordecostas da mão de Luke e lancei-a na lareira. Luke mal prestava atenção em mim. Ele deu um passo na direção de Annabeth, mas eu me coloquei entre os dois.

— Não toque nela — falei.

A raiva atravessou seu rosto. A voz de Cronos rosnou:

— Jackson…

Era imaginação minha ou seu corpo inteiro estava brilhando, ficando dourado?

Ele tornou a arquejar. A voz de Luke:

— Ele está mudando. Ajudem-me. Ele está… está quase pronto. Não vai mais precisar do meu corpo. Por favor…

— NÃO! — berrou Cronos.

Ele olhou ao redor, procurando a espada, mas ela estava na lareira, ardendo entre as brasas.

Ele cambaleou naquela direção. Tentei detê-lo, mas ele me tirou do caminho, me empurrando com tanta força que fui cair ao lado de Annabeth e bati a cabeça ruidosamente na base do trono de Atena.

— A faca, Percy — murmurou Annabeth. Sua respiração era superficial. —

Herói… lâmina maldita…

Quando minha visão recuperou o foco, vi Cronos pegando a espada. Ele então gritou de dor e a deixou cair. Suas mãos fumegavam, queimadas. O fogo na lareira havia se tornado incandescente, como se a foice não fosse compatível com ele. Vi uma imagem de Héstia bruxuleando nas cinzas, franzindo a testa com um olhar de desaprovação para Cronos.

Luke virou-se e desabou, apertando as mãos destruídas junto ao corpo.

— Por favor, Percy…

Consegui ficar de pé. Caminhei na direção de Cronos com a faca. Eu devia matá-lo. Esse era o plano.

Luke parecia saber o que eu estava pensando. Ele umedeceu os lábios.

— Você não pode… não pode fazer isso sozinho. Ele vai romper meu controle. Vai se defender. Somente minha mão. Eu sei onde. Eu posso… posso mantê-lo sob controle.

Ele agora estava definitivamente brilhando, sua pele começando a fumegar.

Ergui a faca para golpeá-lo. Então, olhei para Annabeth, para Grover embalando-a nos braços, tentando protegê-la. E finalmente entendi o que ela tentara me dizer.

*Você não é o herói*, dissera Rachel. *Isso vai influenciar o que você fizer.*

— Por favor — gemeu Luke. — Não há tempo.

Se Cronos evoluísse para sua verdadeira forma, não haveria como detê-lo. Ele faria Tifão parecer um garotinho valentão no *playground*.

O verso da grande profecia ecoava em minha cabeça: *E a alma do herói, a lâmina maldita ceifará.* Meu mundo inteiro virou de cabeça para baixo, e eu entreguei a faca a Luke.

Grover gritou.

— Percy? Você está… hã…

Louco. Insano. Com um parafuso frouxo. Provavelmente.

Mas observei Luke segurar o cabo.

Fiquei parado na frente dele — indefeso.

Ele abriu as correias laterais de sua armadura, expondo um pequeno pedaço de pele abaixo do braço esquerdo, um lugar que seria muito difícil atingir. Com dificuldade, ele apunhalou a si mesmo.

Não foi um corte muito fundo, mas Luke uivou. Seus olhos ardiam como lava. A sala do trono tremeu, me derrubando. Uma aura de energia cercou Luke, tornando-se cada vez mais brilhante. Fechei os olhos e senti uma força, como uma explosão nuclear, formar bolhas na minha pele e rachar meus lábios.

Tudo ficou silencioso por um longo tempo.

Quando voltei a abrir os olhos, vi Luke estatelado no braseiro. No chão à sua volta havia um círculo de cinzas. A foice de Cronos se liquefizera, transformando-se em metal derretido e se misturando ao fogo, que agora reluzia como a forja de um ferreiro.

O lado esquerdo de Luke estava ensanguentado. Seus olhos estavam abertos — azuis, como antes. Sua respiração era um ronco profundo.

— Boa… lâmina — gemeu ele.

Ajoelhei-me a seu lado. Annabeth aproximou-se mancando, amparada por Grover. Ambos tinham lágrimas nos olhos.

Luke fixou os olhos em Annabeth.

— Você sabia. Eu quase a matei, mas você sabia…

— Psiu. — A voz dela tremia. — No fim você foi um herói, Luke. Irá para o Elíseo.

Ele sacudiu a cabeça fracamente.

— Estou pensando… no renascer. Tentar três vezes. Ilhas dos Abençoados.

Annabeth fungou.

— Você sempre exigiu demais de si mesmo.

Ele ergueu a mão queimada. Annabeth tocou a ponta de seus dedos.

— Você… — Luke tossiu e seus lábios brilharam, vermelhos. — Você me amava?

Annabeth enxugou as lágrimas.

— Houve um tempo em que pensei… bem, pensei… — Ela olhou para mim, como se estivesse fascinada com o fato de eu ainda estar vivo. E percebi que eu fazia o mesmo. O mundo estava desabando, e a única coisa que de fato me importava era que ela ainda estava viva. — Você era como um irmão para mim, Luke — disse ela, suavemente. — Mas eu não o amava.

Ele assentiu, como se já esperasse essa resposta. E estremeceu de dor.

— Podemos ir buscar ambrosia — disse Grover. — Nós podemos…

— Grover. — Luke engoliu em seco. — Você é o sátiro mais corajoso que já conheci. Mas não. Não tem cura… — Ele tornou a tossir.

Ele agarrou a manga da minha roupa e pude sentir sua pele me queimando como fogo.

— Ethan. Eu. Todos os não reclamados. Não deixe… Não deixe acontecer outra vez.

Em seus olhos havia raiva, mas também súplica.

— Não vou deixar — falei. — Prometo.

Luke assentiu, e sua mão me soltou, flácida.

Os deuses chegaram alguns minutos depois em trajes completos de guerra, entrando estrondosamente na sala dos tronos, na expectativa de uma batalha.

O que encontraram foi Annabeth, Grover e eu de pé ao lado de um semideus destruído, à luz pálida e aconchegante do braseiro.

— Percy — chamou meu pai, o assombro em sua voz. — O que… o que é isto?

Eu me virei e encarei os olimpianos.

— Precisamos de uma mortalha — anunciei, minha voz falhando. — Uma mortalha para o filho de Hermes.

# VINTE

Recebemos recompensas fabulosas As Três Parcas levaram o corpo de Luke.

Eu não via as velhas senhoras havia anos, desde que testemunhara o momento em que cortaram um fio da vida em uma barraquinha de frutas na beira da estrada quando eu tinha doze anos. Elas haviam me assustado naquela época, e me assustaram agora — três avós demoníacas levando bolsas com agulhas de tricô e novelos de lã.

Uma delas olhou para mim, e embora não tenha dito nada, minha vida, literalmente, passou diante dos meus olhos. De repente, eu estava com vinte anos. Em seguida, era um homem de meia-idade. Então, estava velho e enrugado. Toda a força deixou o meu corpo, e vi meu próprio túmulo e uma cova aberta, um caixão sendo baixado para dentro da terra. Tudo isso aconteceu em menos de um segundo.

*Está feito*, disse ela.

A Parca ergueu o pedacinho de lã azul — e eu soube que era o mesmo de quatro anos antes, o fio da vida que eu as vira cortar. Eu havia pensado então que se tratava da minha vida. Agora me dava conta de que era a vida de Luke. Elas haviam me mostrado a vida que teria de ser sacrificada para que tudo fosse consertado.

Elas recolheram o corpo de Luke, agora envolto em uma mortalha branca e verde, e começaram a levá-lo da sala dos tronos.

— Esperem — disse Hermes.

O deus mensageiro estava vestido com seu traje clássico: túnica grega branca, sandálias e capacete. As asas de seu capacete tremulavam enquanto ele andava. As cobras George e Martha se enroscavam em torno do caduceu, murmurando: *Luke, pobre Luke*.

Pensei em May Castellan, sozinha em sua cozinha, assando biscoitos e fazendo sanduíches para um filho que jamais voltaria para casa.

Hermes desenrolou o rosto de Luke e beijou sua testa. Murmurou algumas palavras em grego antigo — uma bênção final.

— Adeus — sussurrou ele. Então, fez um gesto com a cabeça e permitiu que

as Parcas levassem o corpo de seu filho.

Enquanto partiam, pensei na Grande Profecia. Os versos agora faziam sentido para mim. *E a alma do herói, a lâmina maldita ceifará.* O herói era Luke. A lâmina maldita era a faca que muito tempo atrás ele dera a Annabeth — maldita porque Luke havia quebrado sua promessa e traído seus amigos. *Uma escolha seus dias vai encerrar*. Minha escolha de dar a ele a faca e acreditar, como Annabeth fizera, que ele ainda era capaz de consertar tudo. *O Olimpo preservar ou arrasar*. Ao se sacrificar, ele havia salvado o Olimpo. Rachel estava certa. No fim, eu não era mesmo o herói. Luke é que era.

E compreendi algo mais: quando Luke descera ao Rio Estige, ele também tivera de se concentrar em algo importante que o manteria ligado à sua vida mortal. Caso contrário, seria destruído. Eu vira Annabeth, e tinha a sensação de que ele também. Ele havia visualizado a cena que Héstia me mostrara — de si mesmo nos bons e velhos tempos, com Thalia e Annabeth, quando prometera a elas que seriam uma família. Ferir Annabeth na luta o havia abalado e feito com que se lembrasse daquela promessa. E permitira à sua consciência mortal assumir novamente o comando e derrotar Cronos. Seu ponto fraco — seu calcanhar de aquiles — havia salvado todos nós.

Ao meu lado, os joelhos de Annabeth se vergaram. Eu a segurei, mas ela gritou de dor, e percebi que havia agarrado seu braço quebrado.

— Ah, deuses. Annabeth, me desculpe.

— Está tudo bem — disse ela no momento em que desmaiava em meus braços.

— Ela precisa de ajuda! — gritei.

— Deixe comigo. — Apolo deu um passo à frente. Sua armadura cor de fogo era tão brilhante que era difícil olhar para ele, e seus óculos de sol combinando e seu sorriso perfeito faziam-no parecer um modelo masculino para equipamentos de guerra. — Deus da medicina, a seu serviço.

Ele passou a mão sobre o rosto de Annabeth e recitou um encantamento. Imediatamente, os hematomas clarearam. Os cortes e cicatrizes desapareceram. Seu braço endireitou-se, e ela suspirou adormecida.

Apolo sorriu.

— Ela estará bem em alguns minutos. Tempo suficiente para eu compor um poema sobre nossa vitória: “Apolo e seus amigos salvam o Olimpo.” Bom, não?

— Obrigado, Apolo — disse eu. — Eu, hã, vou deixar você cuidar da poesia.

As horas seguintes passaram indistintamente. Lembrei-me de minha promessa para minha mãe. Zeus nem sequer piscou quando lhe fiz meu estranho pedido. Estalou os dedos e informou-me que o topo do Empire State Building agora

estava iluminado de azul.

A maioria dos mortais apenas se perguntaria o que aquilo significava, mas minha mãe saberia: eu havia sobrevivido. O Olimpo estava salvo.

Os deuses puseram-se a consertar a sala dos tronos, o que foi surpreendentemente rápido com doze seres superpoderosos trabalhando. Grover e eu cuidamos dos feridos, e assim que a ponte aérea foi refeita recebemos nossos amigos que haviam sobrevivido. Os ciclopes tinham resgatado Thalia de sob a estátua caída. Ela estava usando muletas, mas no geral estava bem. Connor e Travis Stoll haviam conseguido chegar ao fim da batalha com apenas pequenos ferimentos. Eles me juraram que não tinham saqueado muito a cidade. Disseram-me que meus pais estavam bem, embora não tivessem permissão para ir ao Monte Olimpo. A sra. O'Leary havia cavado os escombros, tirando Quíron de lá, e correra com ele para o acampamento. Os Stoll pareciam preocupados com o velho centauro, mas pelo menos ele estava vivo. Katie Gardner contou que vira Rachel Elizabeth Dare sair correndo do Empire State Building no fim da batalha. Rachel não parecia estar machucada, mas ninguém sabia para onde ela fora, o que também me preocupava.

Nico di Angelo chegou ao Olimpo e recebeu as boas-vindas de um herói, o pai vindo logo atrás dele, apesar do fato de que Hades só deveria visitar o Olimpo no solstício de inverno. O deus dos mortos pareceu perplexo quando os parentes lhe deram tapinhas nas costas. Duvido que algum dia ele tivesse sido recebido com tanto entusiasmo.

Clarisse entrou marchando, ainda tremendo pelo tempo que passara no bloco de gelo, e Ares berrou: — Essa é a minha garota!

O deus da guerra desarrumou-lhe os cabelos e lhe deu tapinhas nas costas, dizendo-lhe que era a melhor guerreira que ele já vira.

— O extermínio daquele *drakon*!É DISSO que estou falando!

Ela parecia desnorteada. Tudo que conseguia fazer era assentir e piscar, como se tivesse medo de que ele começasse a bater nela, mas no final acabou sorrindo.

Hera e Hefesto passaram por mim, e apesar de Hefesto estar um tanto mal-humorado por eu ter pulado em seu trono, achava que eu tinha feito, "no geral, um trabalho extraordinário".

Hera fungou, desdenhosa.

— Acho que agora não vou destruir você e aquela garotinha.

— Annabeth salvou o Olimpo — disse a ela. — Ela convenceu Luke a deter Cronos.

— Humpf.

Hera fez meia-volta e se afastou, zangada, mas calculei que nossas vidas estavam a salvo, pelo menos por algum tempo.

A cabeça de Dioniso ainda estava envolta com ataduras. Ele me olhou de cima a baixo e disse: — Bem, Percy Jackson, vejo que Pólux sobreviveu. Então, acho que você não é completamente incompetente. Tudo graças ao meu treinamento, suponho.

— Hã, sim, senhor — respondi.

O sr. D assentiu.

— E graças à minha bravura Zeus reduziu à metade minha pena naquele acampamento miserável. Agora só me restam cinquenta anos, e não cem.

— Cinquenta anos, é?

Tentei imaginar como seria tolerar Dioniso até eu envelhecer, supondo-se que eu vivesse tanto tempo.

— Não fique tão entusiasmado, Jackson — percebi que ele estava dizendo meu nome corretamente. — Ainda pretendo tornar sua vida um inferno.

Não pude deixar de sorrir.

— Naturalmente.

— Só para deixarmos as coisas bem claras. — Ele virou-se e começou a consertar seu trono de videiras, que ficara chamuscado.

Grover ficou ao meu lado. De tempos em tempos, ele irrompia em lágrimas.

— Tantos espíritos da natureza mortos, Percy. *Tantos.*

Pus o braço em seu ombro e dei-lhe um lenço para assoar o nariz.

— Você fez um excelente trabalho, homem bode. Nós *vamos* consertar tudo isso. Vamos plantar novas árvores. Vamos limpar os parques. Seus amigos reencarnarão em um mundo melhor.

Ele fungou, desanimado.

— Eu… acho que sim. Mas já foi muito difícil arregimentá-los antes. Eu ainda sou um exilado. Mal pude conseguir que alguém me ouvisse falar de Pã. Será que agora vão me ouvir de novo? Eu os guiei para uma carnificina.

— Eles ouvirão — garanti. — Porque você se preocupa com eles. Você se preocupa com o mundo selvagem mais do que qualquer um.

Ele tentou sorrir.

— Obrigado, Percy. Espero… espero que saiba que tenho muito orgulho de ser seu amigo.

Dei-lhe um tapinha no braço.

— Luke tinha razão em uma coisa, homem bode. Você é o sátiro mais

corajoso que já vi.

Ele corou, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa trombetas de concha soaram. O exército de Poseidon entrou marchando na sala dos tronos.

— Percy! — gritou Tyson. E correu para mim com os braços abertos. Felizmente, voltara ao seu tamanho normal, e assim seu abraço foi como ser atropelado por um trator, não pela fazenda inteira. — Você não morreu! — exclamou ele.

— É! — concordei. — Impressionante, não é?

Ele bateu palmas e riu, feliz.

— Eu também não morri. Ei, acorrentamos Tifão. Foi muito divertido!

Atrás dele, cinquenta outros ciclopes de armadura riram, assentiram e bateram as mãos espalmadas nas dos outros.

— Tyson nos liderou — bradou um deles. — Ele é corajoso!

— O mais corajoso dos ciclopes! — gritou outro.

Tyson corou.

— Não foi nada.

— Eu vi você! — falei. — Foi incrível!

Pensei que o pobre Grover fosse desmaiar, por causa de seu medo mortal de ciclopes. No entanto, ele encheu-se de coragem e disse: — É. Hã… três vivas para Tyson!

— UHUUUU! — rugiram os ciclopes.

— Por favor, não me devorem — murmurou Grover, mas não creio que alguém o tenha ouvido.

As trombetas de concha soaram novamente. Os ciclopes se separaram, e meu pai entrou na sala dos tronos em sua armadura de combate, o tridente reluzindo em suas mãos.

— Tyson! — trovejou ele. — Muito bem, meu filho. E Percy… — Seu rosto assumiu uma expressão grave. Ele agitou o dedo em minha direção, e por um segundo temi que fosse me fulminar. — Eu até o perdoo por se sentar em meu trono. Você salvou o Olimpo!

Ele estendeu as mãos e me deu um abraço. Percebi, um pouco constrangido, que nunca havia abraçado meu pai. Ele era quente — como um ser humano comum — e cheirava a água salgada e brisa do mar.

Quando se afastou, sorriu carinhosamente para mim. Eu me senti tão bem que, admito, vieram-me lágrimas aos olhos. Acho que até aquele momento eu não me permitira perceber o quanto me sentira aterrorizado nos últimos dias.

— Pai…

— Psiu — disse ele. — Nenhum herói está acima do medo, Percy. E *você* elevou-se acima de todos os heróis. Nem mesmo Hércules…

— POSEIDON! — rugiu uma voz.

Zeus ocupara seu trono. Do outro lado da sala, olhou ferozmente para meu pai, enquanto todos os outros deuses seguiam-no em fila e sentavam-se em seus tronos. Até Hades estava presente, sentado junto ao fogo em uma simples cadeira de pedra para convidados. Nico sentava-se de pernas cruzadas no chão, aos pés de seu pai.

— Então, Poseidon? — resmungou Zeus. — Está orgulhoso demais para se juntar a nós no Conselho, meu irmão?

Pensei que Poseidon fosse ficar furioso, mas ele só me olhou e piscou.

— Ficaria honrado, senhor Zeus.

Acho que milagres acontecem. Poseidon dirigiu-se à sua cadeira de pesca, e o Conselho Olimpiano se reuniu.

Enquanto Zeus falava — um longo discurso sobre a bravura dos deuses *etc.* —, Annabeth chegou e ficou parada ao meu lado. Parecia bem para alguém que havia desmaiado poucos momentos antes.

— Perdi muita coisa? — sussurrou ela.

— Ninguém está pretendendo nos matar, até agora — sussurrei de volta.

— É a primeira vez hoje.

Dei uma risada, mas Grover me cutucou, pois Hera estava nos lançando um olhar maléfico.

— Quanto aos meus irmãos — disse Zeus —, estamos agradecidos… — Ele pigarreou, como se fosse difícil falar aquelas palavras. — hã, agradecidos pela ajuda de Hades.

O Senhor dos Mortos assentiu. Tinha uma expressão presunçosa no rosto, mas acho que conquistara esse direito. Ele deu tapinhas no ombro do filho, e Nico pareceu mais feliz do que eu jamais o vira.

— E, naturalmente — prosseguiu Zeus, embora tivesse a expressão de alguém cujas calças estivessem pegando fogo —, devemos… hã… agradecer a Poseidon.

— Desculpe, irmão — disse Poseidon. — Eu não ouvi.

— Devemos agradecer a Poseidon — rosnou Zeus. — Sem ele… teria sido difícil…

— Difícil? — perguntou Poseidon, inocentemente.

— Impossível — disse Zeus. — Impossível derrotar Tifão.

Os deuses murmuraram em concordância e bateram suas armas em aprovação.

— O que nos deixa agora — continuou Zeus — apenas a questão de agradecer aos nossos jovens heróis semideuses, que tão bem defenderam o Olimpo… mesmo que haja alguns amassados em meu trono.

Ele chamou Thalia à frente, primeiro, pois ela era sua filha, e lhe prometeu ajuda no preenchimento das fileiras de Caçadoras.

Ártemis sorriu.

— Você se saiu muito bem, minha tenente. Deixou-me orgulhosa, e todas as Caçadoras que pereceram a meu serviço jamais serão esquecidas. Elas vão alcançar o Elíseo, tenho certeza.

Ela olhou para Hades, que deu de ombros.

— Provavelmente.

Ártemis olhou-o ferozmente por mais alguns instantes.

— O.k. — grunhiu Hades. — Vou acelerar seu processo de requerimento.

Thalia estava radiante de orgulho.

— Obrigada, minha senhora.

Ela curvou-se para os deuses, inclusive Hades, e então seguiu mancando para postar-se ao lado de Ártemis.

— Tyson, filho de Poseidon! — chamou Zeus.

Tyson parecia nervoso, mas foi colocar-se no meio do Conselho, e Zeus grunhiu.

— Parece que ele não perde muitas refeições, não é? — murmurou o deus. — Tyson, por sua bravura na guerra e por liderar os ciclopes, você será nomeado general dos exércitos do Olimpo. Daqui por diante, vai liderar seus companheiros na guerra sempre que for requisitado pelos deuses. E poderá ter um novo… hã… que tipo de arma você gostaria de ter? Uma espada? Um machado?

— Um bastão! — disse Tyson, mostrando seu porrete quebrado.

— Muito bem — disse Zeus. — Nós lhe concederemos um novo, hã, bastão. O melhor bastão que puder ser encontrado.

— Viva! — gritou Tyson, e todos os ciclopes aplaudiram, e deram-lhe tapinhas nas costas quando ele voltou para junto deles.

— Grover Underwood, dos sátiros! — chamou Dioniso.

Grover avançou, nervoso.

— Ah, pare de comer sua camisa — ralhou Dioniso. — Pode acreditar: não vou fulminá-lo. Pela bravura, sacrifício, blá-blá-blá, e como infelizmente temos uma vaga, os deuses consideraram apropriado nomeá-lo membro do Conselho

dos Anciãos de Casco Fendido.

Grover desmaiou na mesma hora.

— Ah, maravilha — suspirou Dioniso, enquanto várias náiades aproximavam-se para socorrer Grover. — Bem, quando ele acordar, alguém diga a ele que não será mais um exilado e que todos os sátiros, náiades e outros espíritos da natureza, daqui para a frente, vão tratá-lo como um Senhor do Mundo Selvagem, com todos os direitos, privilégios, honras, blá-blá-blá. Agora, por favor, arrastem-no daqui antes que ele acorde e comece a se deleitar com torpezas.

— COMIIIIDA — baliu Grover, enquanto os espíritos da natureza o carregavam.

Calculei que ele ficaria bem. Acordaria como um Senhor do Mundo Selvagem e com um bando de lindas náiades cuidando dele. A vida podia ser pior.

Atena chamou:

— Annabeth Chase, minha filha.

Annabeth apertou meu braço, então avançou e ajoelhou-se aos pés de sua mãe.

Atena sorriu.

— Você, minha filha, superou todas as expectativas. Usou sua inteligência, sua força e sua coragem para defender esta cidade e nosso centro de poder. Sabemos que o Olimpo está… bem, arruinado. O Senhor Titã causou muitos danos que terão de ser reparados. Poderíamos reconstruir tudo com mágica, é claro, e deixar como era antes. Mas os deuses acham que a cidade pode ser melhorada. Vamos aproveitar a oportunidade. E você, minha filha, projetará essas melhorias.

Annabeth ergueu os olhos, atônita.

— Minha… minha senhora?

Atena sorriu, divertindo-se.

— Você *é* uma arquiteta, não é? Estudou as técnicas do próprio Dédalo. Quem melhor para redesenhar o Olimpo e torná-lo um monumento que durará mais um éon?

— Quer dizer que… posso projetar o que quiser?

— O que seu coração mandar — disse a deusa. — Construa para nós uma cidade que perdurará por muitos anos.

— Desde que tenha muitas estátuas minhas — acrescentou Apolo.

— E minhas — concordou Afrodite.

— Ei, e minhas também! — disse Ares. — Estátuas grandes com espadas imensas, cruéis e…

— Está bem! — interrompeu Atena. — Ela já entendeu. Levante-se, minha filha, arquiteta oficial do Olimpo.

Annabeth ergueu-se em transe e voltou na minha direção.

— Muito bem — disse a ela, sorrindo.

Pela primeira vez ela estava sem palavras.

— Eu… eu vou ter de começar a planejar… Papel de rascunho e, hã, lápis…

— PERCY JACKSON! — anunciou Poseidon.

Meu nome ecoou pela sala.

Todas as conversas cessaram. A sala ficou em silêncio, exceto pelo crepitar do fogo no braseiro. Os olhos de todos estavam em mim — todos os deuses, semideuses, ciclopes e espíritos. Caminhei até o centro da sala dos tronos. Héstia sorriu para mim, tranquilizadora. Tinha a forma de uma menina agora e parecia contente por estar sentada diante do fogo novamente. Seu sorriso me deu coragem para continuar andando.

Primeiro curvei-me diante de Zeus. Então me ajoelhei aos pés de meu pai.

— Levante-se, meu filho — disse Poseidon.

Pus-me de pé, inquieto.

— Um grande herói deve ser recompensado — afirmou Poseidon. — Existe alguém aqui capaz de negar que este meu filho seja merecedor?

Esperei que alguém se pronunciasse. Os deuses nunca concordavam em relação a nada, e muitos deles ainda não gostavam de mim, mas nenhum deles protestou.

— O Conselho concorda — anunciou Zeus. — Percy Jackson, você pode escolher um presente dos deuses.

Hesitei.

— Qualquer coisa?

Zeus assentiu soturnamente.

— Sei o que você vai pedir. O maior presente de todos. Sim, se é o que você quer, será seu. Os deuses não conferem esse presente a um herói mortal há muitos séculos, mas, Perseu Jackson, se você assim deseja, será feito deus. Imortal. Eterno. Servirá como tenente de seu pai para todo o sempre.

Eu o fitei, perplexo.

— Hã… um deus?

Zeus revirou os olhos.

— Um deus obtuso, ao que parece. Sim. Por consenso de todo o Conselho, posso torná-lo imortal. Então, vou ter de aturá-lo para sempre.

— Humm — refletiu Ares. — Isso significa que posso esmagá-lo, transformando-o em polpa, quantas vezes eu quiser, e ele vai sempre voltar para que eu faça de novo. Gosto dessa ideia.

— Eu também aprovo — disse Atena, embora estivesse olhando para Annabeth.

Olhei para trás. Annabeth tentava não me olhar nos olhos. Seu rosto estava pálido. Lembrei-me de dois anos atrás, quando pensei que ela fosse fazer os votos a Ártemis e se tornar uma Caçadora. Eu ficara à beira de um ataque de pânico, pensando que a perderia. Agora, ela parecia estar sentindo o mesmo.

Pensei nas Três Parcas, e em como vira minha vida passar em um *flash*. Eu podia evitar tudo aquilo. Não envelheceria, não morreria, meu corpo não desceria ao túmulo. Poderia ser um adolescente para sempre, no auge de minha condição física, poderoso e imortal, servindo ao meu pai. Teria poder e vida eterna.

Quem recusaria isso?

Então, olhei outra vez para Annabeth. Pensei em meus amigos do acampamento: Charles Beckendorf, Michael Yew, Silena Beauregard e tantos outros que agora estavam mortos. Pensei em Ethan Nakamura e em Luke.

E soube o que fazer.

— Não — falei.

O Conselho ficou em silêncio. Os deuses se entreolharam, de testa franzida, como se tivessem ouvido mal.

— Não? — perguntou Zeus. — Você está… *recusando* nosso generoso presente?

Havia uma entonação perigosa em sua voz, algo como uma tempestade prestes a desabar.

— Sinto-me honrado e tudo mais — disse eu. — Não me entendam mal. É só que… ainda tenho muito para viver. Detestaria já chegar ao auge em meu segundo ano da escola.

Os deuses me fuzilavam com os olhos, mas Annabeth cobria a boca com as mãos. Seus olhos brilhavam. E isso compensava tudo.

— Mas eu quero, sim, um presente — disse eu. — Vocês prometem conceder meu desejo?

Zeus pensou um pouco.

— Se estiver ao alcance de nossos poderes…

— Está — disse eu. — E nem é difícil. Mas preciso que jurem pelo Rio Estige.

— O quê? — gritou Dioniso. — Não confia em nós?

— Alguém uma vez me disse — repliquei, olhando para Hades — que sempre se deve obter um juramento solene.

Hades deu de ombros.

— Culpado — admitiu.

— Muito bem! — grunhiu Zeus. — Em nome do Conselho, juramos pelo Rio Estige conceder-lhe seu pedido *razoável* desde que esteja em nosso poder.

Os outros deuses murmuram seu consentimento. Um trovão ribombou, sacudindo a sala dos tronos. O acordo estava fechado.

— A partir de agora, quero que vocês reconheçam devidamente os filhos dos deuses — anunciei. — Todos os filhos… de *todos* os deuses.

Os olimpianos se mexeram, desconfortáveis.

— Percy — disse meu pai —, o que exatamente você quer dizer com isso?

— Cronos não teria se erguido se não fosse por um bocado de semideuses que se sentiam abandonados pelos pais — disse eu. — Eles sentiam raiva, ressentimento e carência de afeto… e tinham bons motivos para isso.

As narinas reais de Zeus tremeram.

— Você ousa acusar…

— Basta de filhos não reconhecidos — continuei. — Quero que vocês prometam reconhecer seus filhos… todos os seus filhos semideuses… quando fizerem treze anos. Eles não ficarão largados no mundo por sua própria conta, à mercê de monstros. Quero que sejam reconhecidos e levados para o acampamento para que possam receber o treinamento adequado e sobreviver.

— Agora, espere um instante — disse Apolo, mas eu estava no embalo.

— E os deuses menores — prossegui —, Nêmesis, Hécate, Morfeu, Jano, Hebe… todos merecem anistia e um lugar no Acampamento Meio-Sangue. Seus filhos não devem ser ignorados. Calipso e os outros parentes pacíficos dos titãs também devem ser perdoados. E Hades…

— Você está me chamando de *deus menor*? — berrou Hades.

— Não, meu senhor — apressei-me em dizer. — Mas seus filhos não devem ser excluídos. Eles devem ter um chalé no acampamento. Nico provou isso. Nenhum semideus não reconhecido será jogado no chalé de Hermes, perguntando-se quem é seu pai ou sua mãe. Haverá chalés para todos os deuses. E nada mais de pacto entre os Três Grandes. Afinal, isso não funcionou. Vocês precisam parar de tentar se livrar de semideuses poderosos. Em vez disso, vamos treiná-los e aceitá-los. Todos os filhos dos deuses serão bem-vindos e tratados com respeito. Este é o meu desejo.

Zeus sorriu com desdém.

— Isso é tudo?

— Percy — disse Poseidon —, você está pedindo muito. Está abusando.

— Confio em seu juramento — disse eu. — No de todos vocês.

Recebi muitos olhares duros. Estranhamente, foi Atena quem se pronunciou:

— O garoto está certo. Fomos imprudentes ao ignorar nossos filhos. Esta se mostrou uma fraqueza estratégica nessa guerra e quase causou nossa destruição. Percy Jackson, tenho minhas dúvidas em relação a você, mas talvez — ela olhou para Annabeth, e então falou como se as palavras tivessem um sabor azedo —, talvez eu esteja enganada. Proponho que aceitemos o plano do garoto.

— Humpf — disse Zeus. — Receber ordens de uma simples criança. Mas suponho…

— Todos a favor — disse Hermes.

Todos os deuses ergueram as mãos.

— Hã, obrigado — agradeci.

Fiz meia-volta, mas, antes que me afastasse, Poseidon chamou:

— Guarda de honra!

Imediatamente os ciclopes adiantaram-se e formaram duas fileiras, que iam dos tronos até a porta — um corredor para que eu percorresse. E ficaram em posição de sentido.

— Todos saúdem Perseu Jackson — disse Tyson. — Herói do Olimpo… e meu irmão mais velho!

# VINTE E UM

Blackjack é sequestrado Annabeth e eu estávamos de saída quando avistei Hermes em um pátio lateral do palácio. Ele recebia uma mensagem de Íris na névoa de uma fonte.

Olhei para Annabeth.

— Encontro você no elevador.

— Tem certeza? — Então ela observou minha expressão. — É, tem sim.

Hermes não pareceu perceber minha aproximação. As imagens na mensagem de Íris passavam tão depressa que eu mal as compreendia. Noticiários de mortais por todo o país desfilavam rapidamente: cenas da destruição de Tifão, o presidente fazendo uma coletiva de imprensa, o prefeito de Nova York, alguns veículos do exército percorrendo a Avenida das Américas.

— Impressionante — murmurou Hermes. Ele virou-se na minha direção. — Três mil anos e eu ainda me surpreendo com o poder da Névoa… e com a ignorância dos mortais.

— Obrigado, acho.

— Ah, não me refiro a você. Mas suponho que devesse… Recusar a imortalidade!

— Foi a escolha certa.

Hermes me olhou com curiosidade, então voltou a atenção para a mensagem de Íris.

— Olhe para eles. Já concluíram que Tifão foi uma série anormal de tempestades. Quisera eu. Não descobriram como todas as estátuas de Manhattan foram removidas de seus pedestais e destruídas. Ficam mostrando uma tomada de Susan B. Anthony estrangulando Frederick Douglass. Mas imagino que vão acabar encontrando uma explicação lógica até para isso.

— Qual é o estado da cidade?

Hermes deu de ombros.

— Surpreendentemente, não muito ruim. Os mortais estão abalados, é claro. Mas isto é Nova York. Nunca vi um grupo de humanos tão resistente. Imagino que em poucas semanas terão voltado ao normal; e, naturalmente, vou ajudar

nisso.

— Você?

— Sou o mensageiro dos deuses. É minha função monitorar o que os mortais estão dizendo e, se necessário, ajudá-los a dar sentido ao que acontece. Vou tranquilizá-los. Acredite em mim, eles vão atribuir tudo isso a um terremoto excepcional ou a uma erupção solar. Tudo, menos a verdade.

Ele falava com amargura. George e Martha estavam enroscados em seu caduceu, mas mantinham-se calados, o que me fez pensar que Hermes devia estar *muito*, muito zangado. Eu provavelmente deveria ter ficado calado, mas disse: — Eu lhe devo um pedido de desculpa.

Hermes me olhou, cauteloso.

— E por que seria?

— Pensei que fosse um pai negligente — admiti. — Pensei que tivesse abandonado Luke porque sabia o seu futuro e que não tivesse feito nada para detê-lo.

— Eu sabia, sim, o futuro dele — disse Hermes, infeliz.

— Mas sabia mais do que o lado ruim, que ele passaria para o lado do mal. Você compreendeu o que ele faria no fim. Sabia que ele tomaria a decisão certa. Mas não podia dizer isso a ele, não é?

Hermes fitou a fonte.

— Ninguém pode interferir no destino, Percy, nem mesmo um deus. Se eu o tivesse avisado sobre o que estava por vir ou tentado influenciar suas escolhas, teria piorado ainda mais as coisas. Ficar calado, ficar longe dele… essa foi a coisa mais difícil que já fiz.

— Você precisava deixá-lo encontrar seu próprio caminho — disse eu — e desempenhar seu papel na salvação do Olimpo.

Hermes suspirou.

— Eu não deveria ter ficado furioso com Annabeth. Quando Luke foi vê-la em São Francisco… bem, eu sabia que ela teria um papel importante no destino dele. Isso eu previ. Pensei que talvez ela pudesse fazer o que eu não podia e salvá-lo. Quando ela se recusou a ir com ele, mal pude conter minha ira. Eu devia ter compreendido. Estava furioso era comigo mesmo.

— Annabeth o salvou de fato — disse eu. — Luke morreu como um herói. Ele se sacrificou para matar Cronos.

— Agradeço as suas palavras, Percy. Mas Cronos não está morto. Não se pode matar um titã.

— Então…

— Eu não sei — grunhiu Hermes. — Nenhum de nós sabe. Virou pó.

Espalhou-se no vento. Com sorte, espalhou-se tanto que nunca mais poderá formar uma consciência, muito menos um corpo. Mas não se iluda tomando-o por morto, Percy.

A náusea revirou o meu estômago.

— E quanto aos outros titãs?

— Estão escondidos — disse Hermes. — Prometeu mandou uma mensagem a Zeus com um monte de desculpas por ter apoiado Cronos. “Eu só estava tentando minimizar o dano” *etc.* Vai manter a cabeça baixa por alguns séculos, se for esperto. Crios fugiu, e o Monte Otris desmoronou, transformando-se em ruínas. Oceano voltou para as profundezas do mar quando ficou claro que Cronos havia perdido. Enquanto isso, meu filho Luke está morto. E morreu acreditando que eu não me importava com ele. Nunca vou me perdoar por isso.

Hermes brandiu o caduceu em meio à névoa. A imagem de Íris desapareceu.

— Há muito tempo — lembrei — você me disse que a coisa mais difícil de ser um deus era não ser capaz de ajudar seus filhos. Também me disse que não se podia desistir da família, independentemente do quanto eles tornassem essa possibilidade tentadora.

— E agora você sabe que sou um hipócrita?

— Não, você tinha razão. Luke o amava. No fim, ele percebeu seu destino. Acho que se deu conta de que você não pôde ajudá-lo. Lembrou-se do que era importante.

— Tarde demais para ele e para mim.

—Você tem outros filhos. Honre a memória de Luke reconhecendo-os. Todos os deuses podem fazer isso.

Os ombros de Hermes se vergaram.

— Eles vão tentar, Percy. Ah, nós todos vamos tentar cumprir a promessa. E, talvez, por algum tempo as coisas fiquem melhores. Mas nós, deuses, nunca fomos muito bons em manter um juramento. Você nasceu por causa de uma promessa quebrada, não é mesmo? Vamos acabar esquecendo. É sempre assim.

— Vocês podem mudar.

Hermes riu.

— Depois de três mil anos, você acha que os deuses podem mudar sua natureza?

— Sim — respondi. — Acho.

Hermes pareceu surpreso.

— Acha que… Luke de fato me amava? Depois de tudo que aconteceu?

— Tenho certeza.

Hermes fitou a fonte.

— Vou lhe dar uma lista dos meus filhos. Tem um garoto no Wisconsin. Duas meninas em Los Angeles. Alguns outros. Você vai providenciar para que eles cheguem ao acampamento?

— Prometo — falei. — E não vou me esquecer.

George e Martha giraram em torno do caduceu. Sei que cobras não podem sorrir, mas eles pareciam estar tentando.

— Percy Jackson — disse Hermes —, talvez você possa mesmo nos ensinar uma ou duas coisinhas.

Outro deus me esperava na saída do Olimpo. Atena estava no meio da estrada, de braços cruzados e com um olhar que me fez pensar *Oh-oh*. Ela havia trocado a armadura por jeans e blusa branca, mas não parecia nem um pouco menos guerreira. Seus olhos cinzentos ardiam.

— Bem, Percy — disse ela. — Então você vai continuar mortal.

— Hã, sim, senhora.

— Gostaria de saber suas razões.

— Quero ser um cara normal. Quero crescer. Ter, sabe, uma experiência normal na escola.

— E minha filha?

— Eu não poderia deixá-la — admiti, a garganta seca. — Ou deixar Grover — acrescentei rapidamente. — Ou…

— Poupe-me. — Atena aproximou-se de mim, e eu pude sentir sua aura de poder fazendo minha pele formigar. — Uma vez eu o adverti, Percy Jackson, de que para salvar um amigo você destruiria o mundo. Talvez eu estivesse errada. Parece que você salvou tanto seus amigos quanto o mundo. Mas pense com muito cuidado em como vai agir a partir daqui. Eu lhe dei o benefício da dúvida. Não estrague tudo.

Só para enfatizar suas palavras, ela irrompeu em uma coluna de chamas, chamuscando a frente da minha camisa.

Annabeth me esperava no elevador.

— Por que você está cheirando a fumaça?

— É uma longa história — disse.

Juntos, descemos até o nível da rua. Nenhum dos dois falou uma só palavra. A música era terrível. Neil Diamond ou coisa parecida. Eu deveria ter incluído isso em meu pedido aos deuses: músicas melhores no elevador.

Quando chegamos ao saguão, encontrei minha mãe e Paul discutindo com o segurança careca, que voltara a seu posto.

— Eu estou lhe dizendo — gritava minha mãe —, precisamos subir! Meu filho… — Então ela me viu, e seus olhos se arregalaram. — Percy!

Ela me abraçou até me deixar sem ar.

— Vimos o edifício se iluminar todo de azul — disse ela. — Mas então você não descia. Você subiu faz *horas*!

— Ela estava ficando um pouco ansiosa — disse Paul, irônico.

— Eu estou bem — garanti, enquanto mamãe abraçava Annabeth. — Está tudo bem agora.

— Sr. Blofis — disse Annabeth —, aquela foi uma manobra magistral com a espada.

Paul deu de ombros.

— Parecia a coisa certa a fazer. Mas, Percy, este é mesmo… quer dizer, essa história do sexcentésimo andar?

— O Olimpo — respondi. — Sim.

Paul olhou para o teto com uma expressão sonhadora.

— Gostaria de ver isso.

— Paul — censurou-o minha mãe. — Não é para mortais. De qualquer forma, o importante é que estamos em segurança. Todos nós.

Eu estava prestes a relaxar. Tudo parecia perfeito. Annabeth e eu estávamos bem. Minha mãe e Paul haviam sobrevivido. O Olimpo estava salvo.

Mas a vida de um semideus nunca é assim tão fácil. Nesse exato momento Nico veio correndo da rua, e seu rosto mostrava que algo estava errado.

— É Rachel — disse ele. — Acabei de encontrá-la na Rua 32.

Annabeth franziu a testa.

— O que foi que ela fez dessa vez?

— A questão é para onde ela está indo — respondeu Nico. — Eu lhe disse que ela morreria se tentasse, mas ela insistiu. Acabou de pegar Blackjack e…

— Ela pegou o meu pégaso? — perguntei.

Nico assentiu.

— Está indo para a Colina Meio-Sangue. Disse que precisava ir ao acampamento.

# VINTE E DOIS

Sou despejado

Ninguém rouba o meu pégaso. Nem mesmo Rachel. Eu não sabia se estava mais zangado, atônito ou preocupado.

— No que ela estava pensando? — perguntou Annabeth enquanto corríamos para o rio. Infelizmente, eu tinha uma boa ideia da resposta, e isso me enchia de terror.

O trânsito estava horrível. As pessoas se espalhavam pelas ruas, olhando, pasmas, os danos na zona de guerra. Sirenes de polícia soavam em todos os quarteirões. Não havia possibilidade de pegar um táxi, e os pégasos já haviam partido. Eu teria me contentado com alguns Pôneis de Festa, mas eles tinham desaparecido junto com a maior parte da *root beer* de Midtown. Assim, corremos, abrindo caminho em meio a multidões de mortais atordoados que atravancavam as calçadas.

— Ela nunca vai passar pelas defesas — disse Annabeth. — Peleu vai comê-la.

Eu não havia pensado nisso. A Névoa não enganaria Rachel como faria com a maior parte das pessoas. Ela conseguiria encontrar o acampamento sem problemas, mas eu estava torcendo para que as fronteiras mágicas, como um campo de força, a mantivessem de fora. Não me ocorrera que Peleu poderia atacá-la.

— Precisamos correr. — Olhei para Nico. — Não creio que você possa convocar alguns cavalos esqueletos…

Ele ofegava enquanto corria.

— Estou tão cansado… não conseguiria chamar nem um osso de cachorro.

Finalmente conseguimos vencer o aterro e chegar ao rio, e dei um assovio bem alto. Eu odiava fazer isso. Mesmo com o dólar de areia que eu dera ao Rio East por uma limpeza mágica, a água ali era bastante poluída. Eu não queria fazer com que nenhum animal marinho adoecesse, mas eles atenderam ao meu chamado.

Três sulcos surgiram nas águas cinzentas, e um grupo de cavalos-marinhos

irrompeu na superfície, relinchando, infelizes, enquanto sacudiam a imundície do rio de suas crinas. Eram lindas criaturas, com caudas de peixe multicoloridas e as cabeças e pernas dianteiras de garanhões brancos. O cavalo-marinho da frente era muito maior que os outros — uma carona apropriada para um ciclope.

— Arco-Íris! — chamei. — Como está, amigão?

Ele relinchou uma queixa.

— Sim, me desculpe — disse eu. — Mas é uma emergência. Precisamos chegar ao acampamento.

Ele resfolegou.

—Tyson? — perguntei. — Tyson está ótimo! Lamento que não esteja aqui. Agora ele é um grande general no exército dos ciclopes.

*RIIINCH!*

— Sim, tenho certeza de que ele ainda vai lhe trazer maçãs. Agora, quanto àquela carona…

Logo Annabeth, Nico e eu estávamos subindo o Rio East mais rápido do que os *jet skis*. Passamos em disparada debaixo da Ponte Throgs Neck e seguimos para o Estreito de Long Island.

Pareceu que uma eternidade se passara até avistarmos a praia do acampamento. Agradecemos aos cavalos-marinhos e andamos até a terra firme, só para encontrar Argos à nossa espera. Ele estava de pé na areia, de braços cruzados, sua centena de olhos nos fitando de modo penetrante.

— Ela está aqui? — perguntei.

Ele assentiu, sombriamente.

— Está tudo bem? — perguntou Annabeth.

Argos sacudiu a cabeça.

Então o seguimos, trilha acima. Era surreal estar de volta ao acampamento, pois tudo parecia bem pacífico: nenhum prédio queimado, nenhum guerreiro ferido. Os chalés brilhavam à luz do sol e os campos cintilavam com o orvalho. Mas o lugar estava praticamente vazio.

Na Casa Grande, alguma coisa, definitivamente, estava errada. Uma luz verde lançava-se de todas as janelas, exatamente como eu vira em meu sonho com May Castellan. Névoa — do tipo mágico — envolvia o pátio. Quíron estava deitado em uma enorme maca perto da quadra de vôlei, com um bando de sátiros à sua volta. Blackjack, nervoso, andava a meio-galope na grama.

*Não me culpe, chefe!*, pediu ele ao me ver. *A garota estranha me obrigou a vir!*

Rachel Elizabeth Dare estava ao pé dos degraus da varanda. Seus braços estavam erguidos, como se ela estivesse esperando que alguém no interior da casa lhe atirasse uma bola.

— O que ela está fazendo? — perguntou Annabeth. — Como foi que passou pelas barreiras?

— Ela voou — respondeu um dos sátiros, olhando acusadoramente para Blackjack. — Passou pelo dragão e atravessou as fronteiras mágicas.

— Rachel! — chamei, mas os sátiros me detiveram quando tentei me aproximar.

— Percy, não — advertiu Quíron. Ele estremeceu quando tentou se mover. Seu braço esquerdo estava em uma tipoia, as duas pernas traseiras estavam presas a talas e a cabeça encontrava-se envolta com ataduras. — Você não pode interromper.

— Pensei que você tivesse explicado tudo a ela!

— Eu expliquei. E a convidei para vir aqui.

Eu o fitei, incrédulo.

— Você disse que nunca mais deixaria alguém tentar! Disse…

— Eu sei o que eu disse, Percy. Mas estava errado. Rachel teve uma visão sobre a maldição de Hades. Ela acredita que agora pode estar suspensa. E me convenceu a lhe dar uma chance.

— E se a maldição *não* estiver suspensa? Se Hades ainda não tiver feito isso, ela vai enlouquecer!

A Névoa espiralava em torno de Rachel, que tremia como se estivesse entrando em choque.

— Ei! — gritei. — Pare!

Corri na direção dela, ignorando os sátiros. Cheguei a uns três metros e bati em algo parecido com uma bola de borracha invisível. Quiquei para trás e caí na grama.

Rachel abriu os olhos e se virou. Parecia uma sonâmbula — como se pudesse me ver, mas apenas em sonho.

— Está tudo bem. — Sua voz soava distante. — Foi por isso que eu vim.

— Você será destruída!

Ela sacudiu a cabeça.

— Este é meu lugar, Percy. Finalmente entendi o porquê.

Aquilo soava muito semelhante ao que May Castellan dissera. Eu precisava detê-la, mas não conseguia nem ficar de pé.

A Névoa ondulou em uma centena de serpentes fumacentas, subindo pelas

colunas da varanda, enroscando-se na casa. Então, o Oráculo apareceu na porta.

A múmia ressequida avançou, arrastando-se em seu vestido de arco-íris. Parecia ainda pior do que de costume, o que já diz tudo. Seus cabelos caíam em tufos. A pele coriácea rachava como os assentos de um ônibus velho. Seus olhos vítreos fitavam sem expressão o espaço, mas eu tinha a sinistra sensação de que ela estava sendo atraída diretamente para Rachel.

Rachel estendeu os braços. Não parecia assustada.

— Você esperou demais — disse Rachel. — Mas agora estou aqui.

O sol brilhou com mais intensidade. Um homem surgiu acima da varanda, flutuando no ar — um sujeito louro em uma toga branca, com óculos de sol e sorriso arrogante.

— Apolo — disse eu.

Ele piscou para mim, mas levou o dedo à frente dos lábios.

— Rachel Elizabeth Dare — disse ele. — Você tem o dom da profecia. Mas isto também é uma maldição. Tem certeza de que é seu desejo?

Rachel assentiu.

— É o meu destino.

— Você aceita os riscos?

— Aceito.

— Então prossiga — disse o deus.

Rachel fechou os olhos.

— Eu aceito este papel. Faço meus votos a Apolo, deus dos oráculos. Abro meus olhos para o futuro e abraço o passado. Eu aceito o espírito de Delfos, Voz dos Deuses, Porta-voz dos Enigmas, Vidente do Destino.

Eu não sabia de onde Rachel estava tirando aquelas palavras, mas elas fluíam à medida que a Névoa se espessava. Uma coluna verde de fumaça, como uma imensa píton, desenrolou-se da boca da múmia e desceu serpenteando os degraus, enroscando-se afetuosamente nos pés de Rachel. A múmia do Oráculo esfarelou-se até nada restar além de uma pilha de pó em um velho vestido tingido. A Névoa envolveu Rachel em uma coluna.

Por um momento não pude vê-la. Então, a fumaça dissipou-se.

Rachel desabou e se dobrou em posição fetal. Annabeth, Nico e eu corremos até ela, mas Apolo disse: — Parem! Esta é a parte mais delicada.

— O que está acontecendo? — perguntei. — O que isso quer dizer?

Apolo observou Rachel, preocupado.

— Ou o espírito se estabelece ou não.

— E se ele não se estabelecer? — indagou Annabeth.

— Quatro palavras — respondeu Apolo, contando-as nos dedos. — *Isso seria muito ruim.*

Apesar do aviso de Apolo, avancei e me ajoelhei ao lado de Rachel. O cheiro do sótão se fora. A Névoa penetrou no solo e a luz verde esmaeceu. Mas Rachel ainda estava pálida. Ela mal respirava.

Então, seus olhos tremularam e se abriram. Ela me focalizou com dificuldade.

— Percy.

— Você está bem?

Ela tentou sentar-se.

— Ai. — Pressionou as têmporas com as mãos.

— Rachel — disse Nico —, a aura de sua vida quase desapareceu completamente. Pude *ver* você morrendo.

— Eu estou bem — murmurou ela. — Por favor, me ajudem a me levantar. As visões… elas me deixam um pouco desorientada.

— Tem certeza de que está bem? — perguntei.

Apolo desceu da varanda.

— Senhoras e senhores, permitam-me apresentar-lhes o novo Oráculo de Delfos.

— Você está brincando — disse Annabeth.

Rachel conseguiu dar um sorriso fraco.

— É um pouco surpreendente para mim também, mas esse é o meu destino. Vi isso quando estava em Nova York. Sei por que nasci com a verdadeira visão. Estava destinada a me tornar o Oráculo.

Pisquei.

— Quer dizer que agora você pode prever o futuro?

— Não o tempo todo — disse ela. — Mas existem visões, imagens, palavras em minha mente. Quando alguém me faz uma pergunta, eu… Ah, não…

— Está começando — anunciou Apolo.

Rachel dobrou o corpo para a frente, como se alguém a tivesse socado. Então ela se aprumou e seus olhos brilhavam com um tom verde, de serpente.

Quando ela falou, sua voz soava triplicada — como se três Rachels falassem ao mesmo tempo: *Sete meios-sangues responderão ao chamado.*
*Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado.*
*Um juramento a manter com um alento final,*
*E inimigos com armas às Portas da Morte afinal.*

Com a última palavra, Rachel desmoronou. Nico e eu a seguramos e a ajudamos a chegar à varanda. Sua pele estava febril.

— Estou bem — disse ela, a voz voltando ao normal.

— O que foi isso? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça, confusa.

— O que foi o quê?

— Eu creio — disse Apolo — que acabamos de ouvir a próxima Grande Profecia.

— O que ela quer dizer? — perguntei.

Rachel franziu a testa.

— Não me lembro do que eu disse.

— Não — refletiu Apolo. — O espírito só falará através de você de vez em quando. No restante do tempo, nossa Rachel será quase a mesma de sempre. Não tem sentido submetê-la a um interrogatório agora, mesmo que ela tenha acabado de anunciar a próxima grande previsão para o futuro do mundo.

— O quê? — espantei-me. — Mas…

— Percy — disse Apolo —, eu não me preocuparia. A última Grande Profecia sobre *você* levou quase setenta anos para se completar. Esta pode nem acontecer durante a sua vida.

Pensei nos versos que Rachel recitara naquela voz sinistra: sobre tempestade e fogo e as Portas da Morte.

— Pode ser — disse eu —, mas a mensagem não pareceu muito boa.

— Não — disse Apolo com alegria. — Certamente que não. Rachel vai ser um Oráculo maravilhoso!

Era difícil deixar o assunto de lado, mas Apolo insistiu em que Rachel precisava descansar, e ela de fato parecia bastante desorientada.

— Ah, me desculpe, Percy — disse ela. — Lá no Olimpo, eu não expliquei tudo a você, mas o chamado me assustava. Não pensei que você fosse entender.

— Ainda não entendo — admiti. — Mas acho que estou feliz por você.

Rachel sorriu.

— Feliz provavelmente não é a palavra certa. Ver o futuro não vai ser fácil, mas é o meu destino. Só espero que minha família…

Ela não terminou o pensamento.

— Você ainda vai para a Academia de Clarion? — perguntei.

— Fiz uma promessa ao meu pai. Acho que vou tentar ser uma garota normal durante o ano escolar, mas…

— Mas agora você precisa dormir — ralhou Apolo. — Quíron, não creio que o sótão seja o lugar apropriado para o nosso novo Oráculo, não acha?

— Não, de fato. — Quíron parecia bem melhor agora que Apolo aplicara um pouco de magia médica nele. — Rachel pode usar um quarto de hóspedes na Casa Grande por enquanto, até pensarmos melhor na questão.

— Estou pensando em uma caverna nas colinas — refletiu Apolo. — Com tochas e uma grande cortina púrpura na entrada… bem misterioso. Mas, por dentro, um apartamento totalmente decorado com uma sala de jogos e um daqueles sistemas de *home theater*.

Quíron pigarreou bem alto.

— O que foi? — perguntou Apolo.

Rachel me deu um beijo no rosto.

— Até logo, Percy — sussurrou ela. — E eu não preciso ver o futuro para lhe dizer o que fazer agora, preciso?

Seus olhos pareciam mais penetrantes do que antes.

Corei.

— Não.

— Ótimo — disse ela, e então se virou e seguiu Apolo, entrando na Casa Grande.

O restante do dia foi tão estranho quanto o começo. Os campistas iam chegando aos poucos de Nova York — de carro, pégaso ou carruagem. Os feridos eram atendidos. Os mortos receberam os ritos funerários apropriados junto à fogueira.

A mortalha de Silena era rosa-pink, com o bordado de uma lança elétrica. Tanto o chalé de Ares quanto o de Afrodite reivindicaram seu reconhecimento como heroína e atearam fogo à mortalha juntos. Ninguém mencionou a palavra espião. Esse segredo virou cinzas à medida que a fumaça com perfume de grife subia para o céu.

Mesmo Ethan Nakamura recebeu uma mortalha — de seda preta com o desenho de duas espadas cruzadas debaixo de um par de balanças. Enquanto sua mortalha se consumia em chamas, desejei que Ethan soubesse que, no fim, havia feito diferença. Ele pagara com muito mais do que um olho, mas os deuses menores finalmente teriam o respeito que mereciam.

O jantar no pavilhão foi discreto. O único ponto de destaque foi Juníper, a ninfa das árvores, que gritou “Grover!” e pulou em cima do namorado, abraçando-o e fazendo todos aplaudirem. Os dois desceram para a praia para dar uma caminhada à luz da lua, e eu me senti feliz por eles, embora a cena tenha me lembrado Silena e Beckendorf, o que me deixou triste.

A sra. O’Leary brincava por ali, feliz, comendo os restos de todas as mesas.

Nico sentou-se à mesa principal com Quíron e o sr. D, e ninguém parecia pensar que ele estava deslocado ali. Todos davam tapinhas nas costas de Nico, cumprimentando-o por seu desempenho na luta. Mesmo os garotos de Ares pareciam achá-lo bem legal. Apareça com um exército de mortos-vivos para salvar o dia e de uma hora para a outra você se tornará o melhor amigo de todos.

Lentamente, a turma do jantar foi se dissipando. Alguns seguiram para a fogueira para uma cantoria. Outros foram para a cama. Eu fiquei sentado sozinho à mesa de Poseidon, observando o luar sobre o Estreito de Long Island. Podia ver Grover e Juníper na praia, de mãos dadas e conversando. Era uma cena de paz.

— Ei. — Annabeth deslizou para o lugar ao meu lado no banco. — Feliz aniversário.

Ela segurava um imenso e disforme *cupcake* com cobertura azul.

Eu a fitei.

— O quê?

— Hoje é dia 18 de agosto — disse ela. — É seu aniversário, não é?

Eu estava atônito. Isso nem mesmo me ocorrera, mas ela estava certa. Eu havia completado 16 anos naquela manhã — a mesma manhã em que fizera a escolha de dar a faca a Luke. A profecia se realizara pontualmente, e eu nem sequer me lembrara do fato de que era meu aniversário.

— Faça um pedido — disse ela.

— Foi você mesma quem fez? — perguntei.

— Tyson ajudou.

— Isso explica por que parece um tijolo de chocolate — disse eu. — Com cimento azul extra.

Annabeth riu.

Pensei por um segundo, então soprei a vela.

Nós o cortamos ao meio e dividimos, comendo com as mãos. Annabeth ficou sentada ao meu lado, olhando o oceano. Grilos e monstros faziam barulho no bosque, mas, fora isso, era tudo silêncio.

— Você salvou o mundo — disse ela.

— Nós salvamos o mundo.

— E Rachel é o novo Oráculo, o que significa que não vai poder namorar ninguém.

— Você não parece desapontada — percebi.

Annabeth deu de ombros.

— Ah, eu não ligo.

— Hã-hã.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você tem alguma coisa a me dizer, Cabeça de Alga?

— Você provavelmente me daria um passa-fora.

— Você *sabe* que eu lhe daria um passa-fora.

Limpei o bolo das mãos.

— Quando eu estava no Rio Estige, me tornando invulnerável… Nico disse que eu tinha de me concentrar em algo que me mantivesse ancorado ao mundo, que me fizesse querer permanecer mortal.

Annabeth mantinha os olhos no horizonte.

— Sim?

— Então, lá no Olimpo, quando queriam me tornar um deus e coisa e tal, continuei pensando…

— Ah, então você queria.

— Bem, talvez um pouquinho. Mas não quis, porque pensei… Eu não queria que as coisas ficassem as mesmas para toda a eternidade, porque elas sempre podem melhorar. E eu estava pensando… — Minha garganta estava totalmente seca.

— Em alguém em particular? — perguntou Annabeth, com a voz suave.

Olhei para ela e vi que estava tentando não sorrir.

— Você está rindo de mim — queixei-me.

— Não estou, não!

— Você não está tornando as coisas *nada* fáceis.

Então ela riu de verdade e abraçou meu pescoço.

— Eu nunca, mas *nunca* vou tornar as coisas fáceis para você, Cabeça de Alga. Acostume-se a isso.

Quando ela me beijou, tive a impressão de que meu cérebro estava se derretendo e escorrendo para o corpo.

Eu poderia ter ficado assim para sempre, mas uma voz às nossas costas resmungou: — Já não era sem tempo!

De repente, o pavilhão estava cheio de tochas e campistas. Clarisse ia à frente, enquanto os bisbilhoteiros nos pegaram e colocaram em seus ombros.

— Ah, puxa vida! — reclamei. — Não se tem mais privacidade?

— Os pombinhos precisam se refrescar! — disse Clarisse com alegria.

— O lago de canoagem! — gritou Connor Stoll.

Com um grande viva, eles nos carregaram morro abaixo, mas nos mantiveram perto o suficiente para que ficássemos de mãos dadas. Annabeth ria, e eu não

pude deixar de rir também, embora meu rosto estivesse completamente vermelho.

Ficamos de mãos dadas até o momento em que nos despejaram na água.

Depois, quem riu por último fui eu. Criei uma bolha de ar no fundo do lago. Nossos amigos ficaram esperando que subíssemos, mas… ei, quando você é filho de Poseidon, não precisa se apressar.

E aquele foi, sem dúvida, o melhor beijo subaquático de todos os tempos.

## VINTE E TRÊS

Dizemos adeus, ou quase isso O período no acampamento se estendeu naquele verão. Durou mais duas semanas, indo até o começo do novo ano letivo, e tenho de reconhecer que foram as duas melhores semanas da minha vida.

Naturalmente, Annabeth me mataria se eu dissesse algo diferente, mas havia muitas outras coisas legais acontecendo também. Grover assumira os sátiros buscadores e os estava enviando pelo mundo todo para encontrar meios-sangues não reconhecidos. Até então, os deuses estavam mantendo a promessa. Novos semideuses pipocavam por toda parte — não só nos Estados unidos, mas em muitos outros países também.

— Mal podemos dar conta — admitiu Grover numa tarde, durante uma pausa no lago de canoagem. — Vamos precisar de um orçamento de viagem maior, e eu poderia empregar mais uns cem sátiros.

— Sim, mas os sátiros que você *tem* estão trabalhando demais — disse eu. — Acho que eles estão com medo de você.

Grover corou.

— Isso é tolice. Eu não inspiro medo.

— Você é um Senhor do Mundo Selvagem, cara. O escolhido de Pã. Um membro do Conselho dos…

— Pare! — protestou Grover. — Você parece Juníper. Só falta agora ela querer que eu concorra à presidência.

Ele mastigava uma lata de conserva enquanto olhávamos do outro lado do lago a fila de novos chalés em construção. O U da formação atual logo se pareceria mais com um círculo, e os semideuses haviam adotado a nova tarefa com prazer.

Nico tinha alguns construtores mortos-vivos trabalhando no chalé de Hades. Embora ainda fosse o único nele, o lugar ia ficar bem legal: sólidas paredes de obsidiana com uma caveira no alto da porta e tochas que queimavam com fogo verde vinte e quatro horas por dia. Ao lado dele, estavam os chalés de Íris, Nêmesis, Hécate e vários outros que eu não reconhecia. A cada dia acrescentavam um novo ao projeto. Estava indo tão bem que Annabeth e Quíron falavam sobre acrescentar toda uma nova ala de chalés para conseguir espaço suficiente.

O chalé de Hermes estava muito menos lotado agora, pois a maioria dos filhos não assumidos havia recebido sinais de seus pais divinos. Acontecia quase toda noite, e toda noite mais semideuses atravessavam a divisa da propriedade guiados pelos sátiros, em geral com algum monstro asqueroso os perseguindo, mas quase sempre conseguiam chegar.

— Vai ser muito diferente no próximo verão — disse eu. — Quíron espera que tenhamos o dobro de campistas.

— É — concordou Grover —, mas este continuará sendo o lugar de sempre.

Ele suspirou, contente.

Eu observava Tyson liderar um grupo de ciclopes construtores. Eles içavam imensas pedras, colocando-as no lugar, para o chalé de Hécate, e eu sabia que era um trabalho delicado. Cada pedra era gravada com escritos mágicos, e se deixassem uma cair, ela explodiria, ou transformaria em árvore todo mundo em um raio de oitocentos metros. Eu calculava que ninguém, exceto Grover, gostaria disso.

— Vou viajar bastante — avisou Grover —, dividido entre proteger a natureza e encontrar meios-sangues. Não devo vê-lo muito.

— Isso não vai mudar nada — disse eu. — Você ainda é o meu melhor amigo.

Ele sorriu.

— Exceto por Annabeth.

— É diferente.

— É — concordou ele. — Certamente que é.

No fim da tarde, eu dava uma última caminhada ao longo da praia quando uma voz familiar disse: — Um bom dia para pescar.

Meu pai, Poseidon, estava de pé na arrebentação, mergulhado até os joelhos na água, usando sua típica bermuda, um boné surrado e uma camisa havaiana em tons claros de verde e rosa. Tinha uma vara de pesca em alto-mar nas mãos e lançou a linha muito distante — quase até a metade do Estreito de Long Island.

— Ei, pai — falei. — O que o traz aqui?

Ele piscou.

— Não conseguimos conversar com privacidade no Olimpo. Queria agradecer a você.

— Agradecer a mim? Você foi em nosso auxílio.

— Sim, e tive meu palácio destruído nesse ínterim, mas você sabe… palácios podem ser reconstruídos. Recebi muitos cartões de agradecimento dos outros deuses. Até mesmo Ares me escreveu, embora eu ache que Hera o tenha

obrigado. É muito gratificante. Portanto, agradeço. Creio que até os deuses podem aprender novos truques.

O Estreito começou a fervilhar. Na ponta da linha de pesca de meu pai uma serpente marinha imensa e verde emergiu da água. Ela se debatia e lutava, mas Poseidon apenas suspirou. Segurando a vara de pesca com uma só mão, ele pegou a faca e cortou a linha. O monstro afundou.

— Não tem o tamanho próprio para o consumo — ele se queixou. — Tenho de soltar os pequenos ou os guarda-caças vêm em cima de mim.

— Pequenos?

Ele sorriu.

— Você está se saindo bem com esses novos chalés, por falar nisso. Suponho que isso signifique que posso reconhecer todos aqueles meus outros filhos e filhas e mandar alguns irmãos para você no próximo verão.

— Hã-hã.

Poseidon puxou a linha vazia.

Mudei o peso de um pé para o outro.

— Hã, você estava brincando, não é?

Poseidon me deu uma daquelas suas piscadelas que indicam piadinhas particulares, e eu fiquei sem saber se ele estava falando sério ou não.

— Até breve, Percy. E lembre-se: saiba reconhecer qual peixe é grande o bastante para ser pescado, hein?

Com isso, ele se dissolveu na brisa marinha, deixando uma vara de pesca caída na areia.

Aquela era a última noite no acampamento — a cerimônia das contas. O chalé de Hefesto havia desenhado a conta esse ano. Ela mostrava o Empire State Building, e marcados em minúsculas letras gregas, espiralando em torno da imagem, estavam os nomes de todos os heróis que haviam morrido defendendo o Olimpo. Eram nomes demais, mas eu me sentia orgulhoso de usá-la. Coloquei-a em meu cordão do acampamento — que agora tinha quatro contas. Eu me sentia um veterano. Pensei na minha primeira reunião em torno da fogueira, quando tinha doze anos, e em como me sentira tão em casa. Isso pelo menos não mudara.

— Nunca esqueçam este verão! — disse-nos Quíron. Ele havia se recuperado extraordinariamente bem, mas ainda trotava diante da fogueira ligeiramente manco. — Descobrimos a bravura, a amizade e a coragem neste verão. Defendemos a honra do acampamento.

Ele sorriu para mim, e todos aplaudiram. Olhando para o fogo, vi uma garotinha de vestido marrom cuidando das chamas. Ela piscou para mim com olhos vermelhos brilhantes. Ninguém mais pareceu notá-la, mas me ocorreu que talvez ela preferisse assim.

— E agora — disse Quíron —, cedo para a cama! Lembrem que vocês precisam desocupar seus chalés antes do meio-dia de amanhã, a menos que tenham combinado passar o ano conosco. As harpias da limpeza comerão quem ficar para trás, e eu detestaria que o verão terminasse com um incidente desses!

Na manhã seguinte, Annabeth e eu ficamos parados no topo da Colina Meio-Sangue. Observamos os ônibus e as *vans* se afastarem levando a maior parte dos campistas de volta para o mundo real. Alguns veteranos ficariam, e alguns recém-chegados também, mas eu estava voltando para a Goode High School, para o meu segundo ano — a primeira vez na vida em que eu ficaria dois anos em uma mesma escola.

— Tchau — disse-nos Rachel, pondo a bolsa no ombro.

Ela parecia bem nervosa, mas ia cumprir a promessa feita ao pai e frequentar a Academia de Clarion em New Hampshire. Somente no próximo verão teríamos nosso Oráculo de volta.

— Você vai se sair bem. — Annabeth abraçou-a.

Engraçado, agora elas pareciam se dar bem.

Rachel mordeu o lábio.

— Espero que você esteja certa. Estou um pouco preocupada. E se alguém perguntar o que vai cair no próximo teste de matemática e eu começar a recitar uma profecia no meio da aula de geometria? *O teorema de Pitágoras será a questão número dois*… Deuses, isso seria constrangedor.

Annabeth riu, e, para meu alívio, isso fez Rachel sorrir.

— Bem — disse ela —, vocês dois se comportem.

Vá entender, mas ela olhou para *mim* como se eu fosse algum baderneiro. Antes que eu pudesse protestar, Rachel nos desejou boa sorte e desceu a colina correndo para pegar sua carona.

Annabeth, graças aos deuses, ficaria em Nova York. Recebera permissão dos pais para frequentar um internato na cidade a fim de ficar perto do Olimpo e supervisionar os trabalhos de reconstrução.

— E perto de mim? — perguntei.

— Bem, alguém está ficando muito convencido.

Mas ela entrelaçou os dedos nos meus. Lembrei-me do que ela dissera em

Nova York, sobre construir algo permanente, e pensei que… talvez… estivéssemos a caminho de um bom começo.

O dragão sentinela Peleu enroscou-se todo contente no pinheiro, sob o Velocino de Ouro, e começou a roncar, expelindo vapor a cada vez que respirava.

— Você tem pensado na profecia de Rachel? — perguntei a Annabeth.

Ela franziu a testa.

— Como você sabe?

— Porque conheço você.

Ela me deu um empurrão com o ombro.

— O.k., tenho sim. *Sete meios-sangues responderão ao chamado*. Eu me pergunto quem serão eles. Vamos ter tanta gente nova no próximo verão.

— É — concordei. — E toda aquela coisa sobre o mundo acabar em tempestade ou fogo.

Ela franziu os lábios.

— E inimigos nas Portas da Morte. Não sei, Percy, mas não gosto disso. Pensei que… bem, que talvez teríamos um pouco de *paz*, para variar.

— Esse não seria o Acampamento Meio-Sangue se reinasse a paz — disse eu.

— Acho que você tem razão… Ou talvez a profecia não aconteça por anos.

— Pode ser um problema para outra geração de semideuses — concordei. — Então podemos relaxar e curtir a vida.

Ela assentiu, embora ainda parecesse inquieta. Eu não a culpava, mas era difícil ficar preocupado demais em um dia bonito, com ela ao meu lado, sabendo que não estava dizendo adeus de verdade. Tínhamos muito tempo pela frente.

— Uma corrida até a estrada? — desafiei.

—Você vai perder. — Ela disparou Colina Meio-Sangue abaixo, e eu arranquei atrás dela.

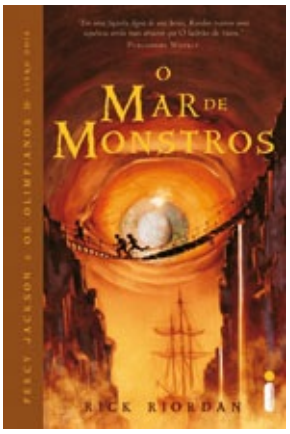
Dessa vez, não olhei para trás.

Becky Riordan

# RICK RIORDAN

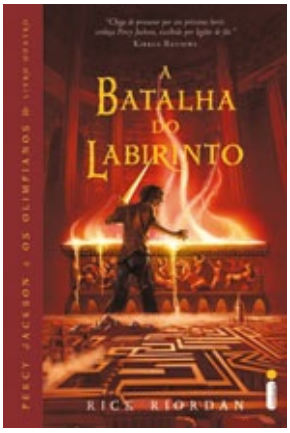
Nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, Estados Unidos, onde mora com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além de *Percy Jackson e os Olimpianos*, Riordan é autor das séries *Os heróis do Olimpo*, também inspirada na mitologia grega, e *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Antigo Egito.

Livro Um



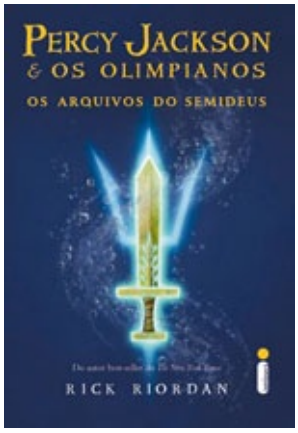
Livro Dois

Livro Três



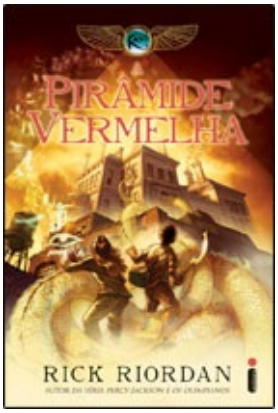
Livro Quatro

Livro Cinco



Livro Seis

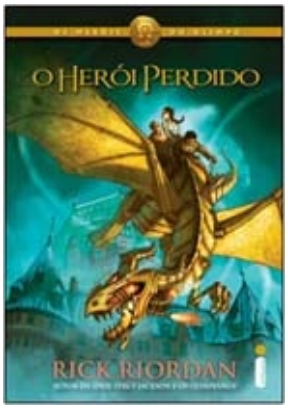
Conheça os livros da série "As crônicas dos Kane"



Livro Um

Livro Dois

Conheça o livro da série



Livro Um

# Table of Contents


Mídias sociais
O ladrão de raios
- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória
- UM
- DOIS
- TRÊS
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE
- TREZE
- CATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- DEZENOVE
- VINTE
- VINTE E UM
- VINTE E DOIS
- Agradecimentos

O mar de monstros
- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória
- UM
- DOIS
- TRÊS

QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
Agradecimentos
A maldição do titã
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE

DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
A batalha do labirinto
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
O último olimpiano
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO

NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
Conheça os livros da série
Sobre o autor